

José Fleurí Queiroz

LICEU ALLAN KARDEC

BURI-SP

CENTRO ESPÍRITA SINHANINHA

ESCOLA DE ESPIRITISMO

J. HERCULANO PIRES

QUARTO ANO



QQQ - QUEIROZ

LIVRARIA, EDITORA E DISTRIBUIDORA

Rua Inácio Xavier Luiz, n. 10 – Vila Sene

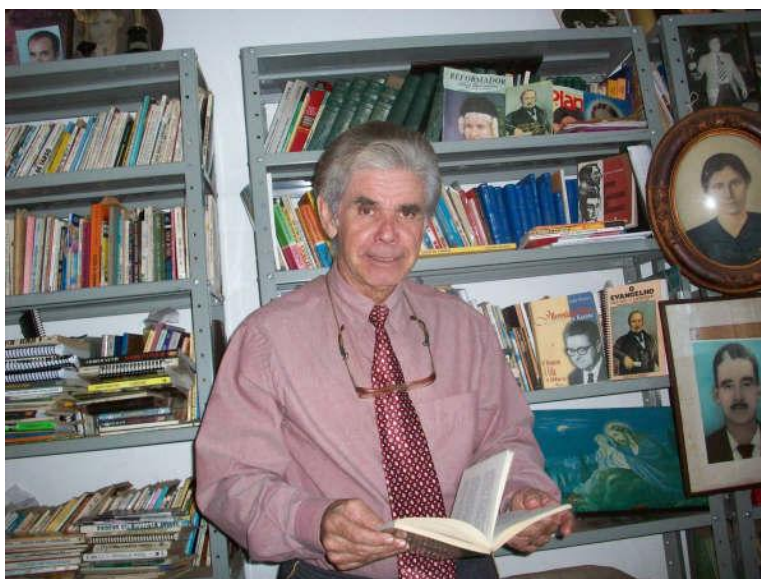
BURI-SP. CEP 18.290.000. Fone (15) 3546-1191

e-mail – jose.fleuri@itefonica.com.br

site: www.qqqqueiroz.com.br

DADOS BIOGRÁFICOS DO AUTOR

PRIMEIRA DOBRA DA CAPA (DIANTEIRA)



JOSÉ FLEURÍ QUEIROZ

Nascido na cidade de Buri-SP, aos 16/10/1941, é Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil, aposentado em 1991; bacharel em Ciências Contábeis e Atuariais pela Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo – Fundação Álvares Penteado (1966); bacharel em Direito pela Faculdade FKB, de Itapetininga (1973). Pós-graduado em Direito Penal – lato sensu -, pela FMU-SP – Faculdades Metropolitanas Unidas – (1996). Mestre em Filosofia do Direito e do Estado – scripto sensu -, pela PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica – (1998). Advogado criminalista e professor universitário de 1998 até 2.001, nas cadeiras de Direito Penal, Instituições de Direito Público e Privado, Filosofia Geral, Filosofia do Direito e do Estado, Filosofia e Ética Profissional, nas Faculdades de Direito de Itapetininga-SP (FKB) e de Administração de Itapeva-SP (FAIT). É autor dos livros sobre Filosofia do Direito, pela Editora Mundo Jurídico: “A EDUCAÇÃO COMO DIREITO E DEVER À Luz da Filosofia e do Direito Natural” (2003), “CÓDIGO DE DIREITO NATURAL ESPÍRITA” - Projeto Comentado (1ª Edição/ 2006, 2ª Edição/2010), “SUICÍDIO É OU NÃO É CRIME?” (em parceria com seu filho Dr. Allan Francisco Queiroz, 2007), MEDICINA ESPÍRITA - CIÊNCIA MÉDICA (2009), PENA DE DURAÇÃO INDETERMINADA (Filosofia do Direito e Filosofia Espírita – 2009).

CONTRA CAPA

AGRADECIMENTOS

INTRODUÇÃO E RESUMO

ESCOLA DE ESPIRITISMO

J. HERCULANO PIRES

QUARTO ANO

ÍNDICE ANALÍTICO

PRIMEIRA PARTE

CADEIRA DE DOCTRINA ESPÍRITA

- Situação evolutiva atual da Humanidade terrena: provas e expiações. Fase de transição para “Mundo de Regeneração”. Papel do Espiritismo na preparação do novo mundo. Aumento da população terrena e desequilíbrios psíquicos e sociais: fases finais de provas individuais e coletivas. Papel de equilíbrio dos espíritas nas crises de transição: aplicação dos conhecimentos doutrinários na interpretação dos fatos e na orientação das criaturas. Deveres fundamentais das instituições espíritas: fidelidade à Doutrina e intensificação dos trabalhos de divulgação e assistência espiritual. Liberdade, Igualdade e Fraternidade. A Lei de Justiça, Amor e Caridade. (13).

- Situação evolutiva atual da Humanidade terrena: provas e expiações. Fase de transição para “mundo de regeneração”. Papel do Espiritismo na preparação do novo mundo. (13).

- Livro: O Espírito e o Tempo. J. Herculano Pires. Mundo de Regeneração. (13). Humanidade Cósmica. (13). Destinação da Terra. (15). Ordem Moral. (17). Império da Justiça. (19). Antropologia Espírita. A Condição Humana. (22). O Homem Natural. (24). A Volta ao Humano. (26). O Problema da Educação. (28). Cultura Espírita. (29).

- Livro: A Gênese. Allan Kardec. Sinais dos Tempos. A Geração Nova. (33). Sinais dos Tempos. (33). A Geração Nova. (43).

- Livro: Agonia das Religiões. J. Herculano Pires. Tempos de Agonia. (46). Agonia das Religiões. (49).

- Livro: Obras Póstumas. Allan Kardec. Questões e Problemas. As Expições Coletivas. Questão. (53).

- Código de Direito Natural Espírita. José Fleurí Queiroz, e O Livro dos Espíritos. Papel do Espiritismo na preparação do novo mundo. Aumento da população terrena e desequilíbrios psíquicos e sociais; fases finais de provas individuais e coletivas. Papel de equilíbrio dos espíritas nas crises de transição: aplicação dos conhecimentos doutrinários na interpretação dos fatos e na orientação das criaturas. (59). Lei da Reprodução. População do Globo. (59). Sucessão e Aperfeiçoamento das Raças. (61). Reprodução Assistida à Luz do Espiritismo. (62). O Clone tem alma. (65). Barriga de Aluguel. (66). Clonagem

à Luz do Espiritismo. (70). No momento a Clonagem Humana não deve ser praticada. (74). Obstáculos à Reprodução e a Lei Natural. (77). Casamento e Celibato e a Lei Natural. (81). O Celibato e o Egoísmo. (83). Poligamia. (85).

- Livro: O Infinito e o Finito. J. Herculano Pires. Cuidado dos Dirigentes de Centros em face às Confusões Doutrinárias. (94). Melhor Rejeitar 9 Verdades do que aceitar 1 Mentira. (95). Maneiras particulares de Ver, criam confusões doutrinárias. (96). Não Basta Compreender a Doutrina: É preciso, sobretudo, Assimilá-la. (97). Quadros Nos Centros. (99).

- Livro: Curso Dinâmico do Espiritismo. J. Herculano Pires. O Problema das Mistificações. (100). Ação Espírita na Transformação do Mundo. (109). Resumo: Amor (120). Trabalho. (121). Solidariedade. (122).

- Código de Direito Natural Espírita e O Livro dos Espíritos. Liberdade. Igualdade e Fraternidade. (124). Orgulho e Egoísmo: Causas, Efeitos e Meios de Destruí-los. (126). Lei de Justiça, Amor e Caridade. Justiça e Direito Natural. (131). Direito de Propriedade. Roubo. (135). Caridade e Amor ao Próximo – Complemento da Lei de Justiça. (137). Amor Maternal e Filial. (142). O Amor, A Educação Moral e o Melhoramento do Globo. (147). Educação Evangélica. Emmanuel. (156).

- Livro: O Centro Espírita. J. Herculano Pires. No Centro do Mundo. (158).

SEGUNDA PARTE

CADEIRA DE FILOSOFIA ESPÍRITA

- Desenvolvimento do ser moral e substituição da Ordem Social pela Ordem Moral. Natureza coercitiva da ordem social e natureza espontânea da ordem moral. Cosmologia Espírita: O Universo Moral; significação do conceito espírita de leis naturais como divinas; destinação moral dos entes, dos seres e dos mundos. O egoísmo como fonte do mal e sua superação pela Caridade; realização do bem na ordem moral e seu reflexo na ordem natural. Aprimoramento das condições físicas da Terra pela elevação moral de seus habitantes. Elevação da Terra na Escala dos Mundos e do homem na Escala Espírita. Maiores possibilidades de aproximação do problema das origens pela mente humana. Desenvolvimento mental e espiritual favorável à melhor compreensão de Deus e de suas relações com o Mundo e a Humanidade. Perspectivas de relações interplanetárias. (166).

- Livro: O Mistério do Bem e do Mal. J. Herculano Pires. Filosofia Viva e Racional, Sem o Espírito de Sistema. (166)

- Livro: Introdução à Filosofia Espírita. J. Herculano Pires. Ontologia Espírita. (169).

- Livro: Evolução Espiritual do Homem. J. H. Pires. O Homem no Mundo Como Ser na Existência. (177).

- Livro: O Mistério do Ser ante a dor e a morte. O Ser Moral. (182).

- Código de Direito Natural Espírita. J. Fleurí Queiroz. E O Livro dos Espíritos. As Leis Morais. A Lei Divina ou Natural. Caracteres da Lei Natural. (186).

Conhecimento da Lei Natural. (188). O Bem o Mal e a Moral. (189). O Bem e o Mal: Origem do Bem e do Mal (Livro A Gênese. A. Kardec). (193). Perfeição Moral. Do Egoísmo. (195). Egoísmo e Orgulho. Causas, Efeitos e Meios de Destruí-los. (197). Caracteres do Homem de Bem. (202). Conhecimento de Si Mesmo. (203). Apreciações de Allan Kardec sobre “O Livro dos Espíritos”. (205).

- Livro: Curso Dinâmico de Espiritismo. J. H. Pires. Função do Egoísmo no Desenvolvimento Humano. (212).

- Livro: O Homem Novo. J. H. Pires. O Homem Novo. (217). Exige a Moral Espírita uma Conduta Espontânea. (218). Cientistas Russos Procuram Contatos Com Outros Mundos. (219). Conquistaremos Outros Planetas? (220).

- Livro: O Infinito e o Finito. J. H. Pires. Uma Nova Terra e Um Novo Céu. (221).

- Livro: Pesquisa Sobre o Amor. J. H. Pires. O Amor da Era Cósmica. (222).

- Livro: Emmanuel. Espírito Emmanuel. Educação Evangélica. (226). O Resultado dos Erros Religiosos. (226). Fim de Um Ciclo Evolutivo. (227). Urge Reformar. (227). Necessidade da Educação Pura e Simples. (227). Formação da Mentalidade Cristã. (228). Aos Trabalhadores da Verdade. (229). A Fenomenologia Espírita. (229). A Psicologia e a “Mens Sana”. (229). O Progresso Anímico. (229). A Trajetória das Almas. (230). As Realidades do Futuro. (230).

- Livro: A Caminho da Luz. Emmanuel. O Evangelho e o Futuro. (230).

TERCEIRA PARTE

CADEIRA DE CIÊNCIA ESPÍRITA

- Cadeira de Ciência Espírita. Sociologia Espírita: relações psíquicas como determinantes de processos sociais; relações interexistenciais; influências recíprocas entre o mundo invisível e o visível; a dinâmica sócio-espiritual em substituição ao conceito de estática e dinâmica sociais. A Cosmossociologia: relações interplanetárias ou de civilizações cósmicas. Ampliação e aprofundamento do conceito de Medicina Psicossomática. Superação do organocentrismo em Biologia. Esclarecimento do problema da antimatéria em Física. Domínio do tempo e do espaço pelo pensamento: contribuição da pesquisa espírita para as experiências parapsicológicas. (234).

- Livro: O Sentido da Vida. J. H. Pires. Sociologia Espírita. (234).

- Livro: Curso Dinâmico de Espiritismo. J. H. Pires. Colaboração Interexistencial. (238).

- Código de Direito Natural Espírita. José Fleurí Queiroz. O Livro dos Espíritos. Lei de Sociedade. Necessidade da Vida Social. (242). A Solidariedade Espírita. (244). A Nova Geração. (245). Vida Social dos Desencarnados. (247). Vida de Isolamento. Voto de Silêncio. (248). Laços de Família (249). Amor e Família em Novos Tempos. (250).

- Livro: Introdução à Filosofia Espírita. J. H. Pires. Existencialismo Espírita. (254). Cosmossociologia Espírita. (258).
- Livro: Agonia das Religiões. J. H. Pires. Revolução Cósmica. (265).
- Livro: Evolução Espiritual do Homem. J. H. Pires. As Tentativas de Fuga para o Espaço Sideral. (270).
- Livro: O Homem Novo. J. H. Pires. Conquistaremos Outros Planetas?. (275).
- Livro: O Espírito e o Tempo. As Leis da Mediunidade. (277). (Condições da Ciência. (277). As Leis dos Fenômenos. (278).
- Livro: Curso Dinâmico de Espiritismo. J. H. Pires. Medicina e Espiritismo. (283). Espiritismo e Psicologia. (287). Psiquiatria e Espiritismo. (290).
- Livro: O Consolador. Emmanuel. Biologia. (292). Psicologia. (295). Sociologia. (297).
- Livro: Mediunidade: Vida e Comunicação. J. H. Pires. Relações Mediúnicas. (303).
- Livro: Revisão do Cristianismo. J. H. Pires. Matéria, Mito e Antimatéria. (310).
- Livro: Emmanuel. Espírito Emmanuel. Fluidos Materiais e Fluidos Espirituais. (317). A Saúde Humana. (318). A Renovação dos Métodos de Cura. (318). Os Problemas Clínicos Inquietantes. (318). Medicina Espiritual. (319). O Mundo Marcha para a Síntese. (320). O Corpo Espiritual. (320). A Vida Corporal Expressão da Morte. (320). Inacessível aos Processos da Indagação Científica. (321). Respondendo às Objeções. (321). Através dos Escaninhos do Universo Orgânico. (322). O Santuário da Memória. (322). O Prodigioso Alquimista. (322). Alma e Corpo. (323). A Evolução Infinita. (323). Os Poderes do Espírito. (323). Os Mendigos da Sabedoria. (324). A Insuficiência Sensorial. (324). A Inútil Tentativa. (324). Tudo é Vibração Espiritual. (325). A Matéria. (325). Os Tempos do Consolador. (325). A Conceção da Divindade. (325). A Fé Ante a Ciência. (326). Os Esclarecimentos do Espiritismo. (326). Nós Viveremos Eternamente. (327). Quatro Questões de Filosofia. Determinismo e Livre-Arbítrio. (327). O Tempo e o Espaço. (328). Espírito e Matéria. (328). O Princípio da Unidade. (328). Vozes no Deserto. (328).
- Livro: Ciência Espírita. J. H. Pires. Desenvolvimento da Ciência Espírita. (331). Princípios da Terapêutica Espírita. (335). Natureza Moral da Terapia Espírita. (339).
- Livro: Obras Póstumas. Allan Kardec. Causa e Natureza da Clarividência Sonambúlica. Explicação do Fenômeno da Lucidez. (344). A Dupla Vista. (347). Conhecimento do Futuro – Previsões. (347). Introdução ao Estudo da Fotografia e da Telegrafia do Pensamento. (351). Fotografia e Telegrafia do Pensamento. (354).
- Livro: Parapsicologia Hoje e Amanhã. J. H. Pires. Implicações Sociológicas. (359). PSI e as Transformações Sociais. (361). PSI na Medicina. (363). Parapsicologia e Espiritismo. (366).

- Código de Direito Natural Espírita. José Fleurí Queiroz. O Livro dos Espíritos. Lei do Progresso. Estado Natural e Lei Natural. (370). Marcha do Progresso. (383). Os Maiores Obstáculos ao Progresso Moral: O Orgulho e o Egoísmo. (385). Povos Degenerados. (386). Civilização Depurada: Inteligência e Moral. (389). Lei de Liberdade. (390). Liberdade, Igualdade e Fraternidade. (390). Egoísmo e Orgulho: Causas, Efeitos e Meios de Destruí-los. (392). As Aristocracias. (395). Progresso da Legislação Humana. (399). Influência do Espiritismo no Progresso. (406). O Porvir e o Nada. (408).

QUARTA PARTE

CADEIRA DE RELIGIÃO ESPÍRITA

- Teologia Espírita: linhas gerais da concepção espírita de Deus e de suas relações com os homens. Impossibilidade atual de explicação dos motivos da Criação: esta como uma realidade diante da qual nos encontramos e cujo sentido se revela nas coisas da Natureza e em nós mesmos. Presença de Deus no homem e do seu poder criador na própria natureza humana: estímulo da fé e despertamento das forças psíquicas pela lei de adoração. O problema das penas e recompensas futuras. Perdão dos pecados: arrependimento e reparação. A Lei de ressurreição. Vós sois deuses. (418).

- O Livro dos Espíritos. As Causas Primárias. DEUS. Deus e o Infinito. (418). Provas da Existência de Deus. (418). Atributos da Divindade. (420). Panteísmo. (421).

- Livro: A Gênese. Deus. Existência de Deus. (423). Da Natureza Divina. (425). A Providência. (427). A Visão de Deus. (430).

- Livro: Obras Póstumas. Profissão de Fé Espírita Racional. I – Deus. (433). II – A Alma. (434). III – Criação. (436).

- O Livro dos Espíritos. Criação. Formação dos Mundos. (439). Formação dos Seres Vivos. (439). Povoamento da Terra. Adão. (441). Diversidade das Raças Humanas. (441). Pluralidade dos Mundos. (441). Considerações e Concordâncias Bíblicas Referentes à Criação. (442). Lei de Adoração. Finalidade da Adoração. (446). Adoração Exterior. (446). Vida Contemplativa. (447). Da Prece. (447). Politeísmo. (450). Sacrifícios. (451). Penas e Gozos Futuros. O Nada. A Vida Futura. (453). Intuição das Penas e dos Gozos Futuros. (453). Intervenção de Deus nas Penas e Recompensas. (454). Natureza das Penas e dos Gozos Futuros. (455). Penas Temporais. (460). Expição e Arrependimento. (461). Duração das Penas Futuras. (464). Ressurreição da Carne. (468). Paraíso, Inferno, Purgatório, Paraíso Perdido. (470).

- Código de Direito Natural Espírita. José Fleurí Queiroz. O Livro dos Espíritos. Lei de Adoração. Finalidade da Adoração. (474). Como Adorar a Deus? (474). Oração. Emmanuel. (475). Os Tempos do Consolador. Emmanuel. (475). Aliança da Ciência com a Religião. Allan Kardec. ESE. (476). Adoração Exterior. (477). Eficácia da Prece. (478). A Vida Contemplativa. (479). Da Prece. (479). Espiritismo. Fé. Emmanuel. O Consolador. (480). A Luz da Razão e o Poder da Fé. J. H. Pires (481). A Fé Religiosa. Condição da Fé Inabalável. A. Kardec. (482). Politeísmo, O Deus Único e os Espíritos. (483). Adoração e

Sacrifícios. (484). O Evangelho e o Futuro. Emmanuel. (485). A Prática do Bem e as Cerimônias Exteriores Inúteis. (486).

- Livro: Concepção Existencial de Deus. J. H. Pires. Deus Existe? (488). O Existente. (491). Deus no Homem. (497).

- Livro: A Caminho da Luz. Emmanuel. A Gênese Planetária. A Comunidade dos Espíritos Puros. (501). A Ciência de Todos os Tempos. (501). Os Primeiros Tempos do Orbe Terrestre. (501). A Criação da Lua. (502). A Solidificação da Matéria. (502). O Divino Escultor. (502). O Verbo na Criação Terrestre. (503). A Vida Organizada. As Construções Celulares. (503). Os Primeiros Habitantes da Terra. (504). A Elaboração Paciente das Formas. (504). As Formas Intermediárias da Natureza. (504). Os Ensaio Assombrosos. (505). Os Antepassados do Homem. (505). A Grande Transição. (506). As Raças Adâmicas. O Sistema de Capela. (507). Um Mundo em Transições. (507). Espíritos Exilados na Terra. (507). Fixação dos Caracteres Raciais. (508). Origem das Raças Brancas. (508). Quatro Grandes Povos. (509). As Promessas do Cristo. (509). O Espiritismo e as Grandes Transições. A Extinção do Cativo. (510). O Socialismo. (511). Restabelecendo a Verdade. (511). Defecção da Igreja Católica. (512). Lutas Renovadoras. (512). A América e o Futuro. (513). Jesus. (513). O Evangelho e o Futuro. (514).

- Livro: Agonia das Religiões. J. H. Pires. A Experiência de Deus. (517). A Experiência (de Deus) No Tempo. (521).

- Livro: Curso Dinâmico de Espiritismo. J. H. Pires. A Morte de Deus no Século XX. (526). A Ação Espírita na Transformação do Mundo. (531).

- Livro: O Espírito e o Tempo. J. H. Pires. Religião em Espírito e Verdade. (546). O Espiritismo e as Religiões. (546). Panteísmo Espírita. (548). Teologia Espírita. (550). Cristianismo e Espiritismo. (551).

- Livro: O Consolador. (Emmanuel). Religião. (555). Velho Testamento. Revelação. (555). Lei. (557). Profetas. (559). Evangelho. Jesus. (561). Religiões. (563). Ensinos. (566). Amor. União. (570). Nota à primeira edição de “O Consolador”. Teoria das “almas gêmeas”, ou “metades eternas”. (572). Perdão. (575). Fraternidade. (577). Espiritismo. Fé. (580). Prosélitos. (583). Prática. (585). Mediunidade. Desenvolvimento. (588). Preparação. (590). Apostolado. (593).

- Livro: Emmanuel. (Espírito Emmanuel). A Decadência Intelectual dos Tempos Modernos. (597). Profunda Pobreza Intelectual. (597). Ditaduras e Problemas Econômicos. (597). Necessidade da Cooperação Fraternal. (598). Civilização em Crise. (598). Fase de Experimentações. (598). Na Dependência da Guerra. (599). Sentença de Destruição. (599). O Futuro Pertencerá ao Evangelho. (600).

*

BIBLIOGRAFIA – (600)

*

ESCOLA DE ESPIRITISMO

J. HERCULANO PIRES

QUARTO ANO

PRIMEIRA PARTE

CADEIRA DE DOCTRINA ESPÍRITA

Situação evolutiva atual da Humanidade terrena: provas e expiações. Fase de transição para *mundo de regeneração*. Papel do Espiritismo na preparação do novo mundo. Aumento da população terrena e desequilíbrios psíquicos e sociais: fases finais de provas individuais e coletivas. Papel de equilíbrio dos espíritas nas crises de transição: aplicação dos conhecimentos doutrinários na interpretação dos fatos e na orientação das criaturas. Deveres fundamentais das instituições espíritas: fidelidade à Doutrina e intensificação dos trabalhos de divulgação e assistência espiritual. Liberdade, igualdade e fraternidade. A lei de Justiça, Amor e Caridade.

Situação evolutiva atual da Humanidade terrena: provas e expiações. Fase de transição para *mundo de regeneração*. Papel do Espiritismo na preparação do novo mundo

Livro: O Espírito e o Tempo. J. Herculano Pires

CAPÍTULO V - MUNDO DE REGENERAÇÃO

1. HUMANIDADE CÓSMICA — Aquilo que há cem anos parecia uma simples utopia, ou a alucinação de um visionário, hoje já se tornou admitido até mesmo pelos mais fortes redutos da tradição terrena. A evolução acelerou-se de tal forma, no transcorrer deste século, a partir da publicação de "O Livro dos Espíritos", que o sonho de uma humanidade cósmica parece prestes a mostrar-nos a sua face real, através das conquistas da ciência. Nossos primeiros vôos nas vastidões espaciais alargaram as perspectivas da vida humana, ao mesmo tempo que as investigações do cosmos modificaram a posição dos cientistas e dos próprios setores religiosos mais tradicionais. Admite-se a existência de mundos habitados, em nosso sistema e fora dele, e a possibilidade do estabelecimento de um próximo intercâmbio entre as esferas celestes.

"O Livro dos Espíritos" já afirmava, desde meados do século dezenove, que o cosmos está povoado de humanidades. E Kardec inaugurou as relações interplanetárias conscientes, através das comunicações mediúnicas, obtendo informações da vida em outros globos do nosso próprio sistema solar. Na secção "Palestras Familiares de Além-Túmulo", da *Revue Spirite*", Kardec publicou numerosas conversações com habitantes de outros planetas, alguns deles, como Mozart e Pallissy, emigrados da Terra para mundos melhores. Todo o capítulo terceiro da primeira parte de "O Livro dos Espíritos" refere-se ao problema da

criação e da formação dos mundos, contendo, do item 55 ao 58, os períodos anunciadores da "Pluralidade dos Mundos".

Os Espíritos afirmaram a Kardec que todos os mundos são habitados. A audácia da tese parece temerária, e está ainda muito longe de ser admitida. Mas é evidente que em parte já está sendo aceita por todo o mundo civilizado. Por outro lado, a condição fundamental para a sua aceitação já foi também admitida: a de que as formas de vida variam ao infinito, de mundo para mundo, uma vez que a constituição dos próprios globos é também a mais variada possível. Hoje, nos países cientificamente mais adiantados, como os Estados Unidos e a Rússia, fazem-se experiências de laboratório para o estudo da astrobiologia. As sondas espaciais, por sua vez, demonstraram a existência de vida microscópica nas mais distantes regiões do espaço, e o exame de aerólitos vem demonstrando que as pedras estelares trazem para a terra restos de fósseis desconhecidos.

Concomitantemente com esses progressos, na própria Terra as investigações científicas se ampliaram, revelando através da Física, da Biologia e da Psicologia, novas dimensões da vida. A Física Nuclear, a Biônica, a Cibernética e a Parapsicologia modificam a nossa posição diante dos problemas do mundo e da vida. Os parapsicólogos demonstram a existência de um substrato extrafísico na mente humana, e portanto na constituição do homem, ao mesmo tempo que os físicos nucleares revelam a natureza energética da matéria. Nossas concepções vão sendo impulsionadas irresistivelmente além do domínio físico, em todos os sentidos. A humanidade múltipla, de natureza cósmica, habitando dimensões desconhecidas, já não parece mais uma utopia ou uma simples alucinação.

No item 55 de "O Livro dos Espíritos" encontramos esta afirmação, em resposta à pergunta de Kardec sobre a habitabilidade de todos os mundos: "Sim, e o homem terreno está bem longe de ser, como acredita, o primeiro em inteligência, bondade e perfeição. Há, entretanto, homens que se julgam espíritos fortes e imaginam que este pequeno globo tem o privilégio de ser habitado por seres racionais. Orgulho e vaidade! Crêem que Deus criou o Universo somente para eles." No item 56 vemos esta antecipação: a constituição dos diferentes mundos não se assemelha. E no item 57, a explicação de que os mundos mais distantes do sol têm outras fontes de luz e calor, que ainda não conhecemos.

A tese da pluralidade dos mundos habitados leva-nos imediatamente ao conceito de solidariedade cósmica. No item 176 encontramos a afirmação de que: "todos os mundos são solidários". Esta solidariedade se traduz pelo intercâmbio reencarnatório. Os espíritos mudam de globos, de acordo com as necessidades ou conveniências de seu processo evolutivo. Essas migrações, entretanto, não são feitas ao acaso, mas segundo as leis universais da evolução. Cada mundo se encontra num determinado grau de aperfeiçoamento. Suas portas serão franqueadas aos espíritos, na proporção em que estes vão, por sua vez, atingindo graus superiores em sua evolução pessoal. Como os homens, nas relações internacionais, espíritos superiores podem reencarnar-se em mundos inferiores, cumprindo missões civilizadoras. Da mesma maneira, espíritos de mundos inferiores podem estagiar em mundos superiores se estiverem em condições para isso, e voltar aos seus globos, para ajudá-los a melhorar.

A humanidade cósmica é solidária, e a civilização cósmica é infinitamente superior ao nosso pobre estágio terreno, de que tanto nos vangloriamos. Há mundos de densidade física fora do alcance dos nossos sentidos, habitados por humanidades que nos pareceriam fluídicas, e que não obstante são, no plano em que se encontram, concretas e definidas. Humanidades felizes, que se utilizam de corpos leves e habitam regiões paradisíacas, numa estrutura social em que prevalecem o bem, o amor e a paz, o perfeito entendimento entre as criaturas. Humanidades livres da escravidão dos instintos animais e dos corrosivos morais do egoísmo e do orgulho, que infelicitam os mundos inferiores.

"A vida dos Espíritos, no seu conjunto, segue as mesmas fases da vida corpórea", ensina Kardec, no comentário que faz ao item 191 de "O Livro dos Espíritos". Os espíritos passam gradativamente "do estado de embrião ao de infância, para chegarem, por uma sucessão de períodos, ao estado de adulto, que é o da perfeição, com a diferença de que nesta não existe o declínio nem a decrepitude da vida corpórea". Assim, as concepções geocêntricas de céu e inferno, como prêmio ou castigo eternos de uma curta existência num pequeno mundo inferior, são substituídas pela compreensão copérnica da vida universal e do progresso infinito para todas as criaturas. Bastaria esta rápida visão da humanidade cósmica para nos mostrar como ainda estamos, infelizmente, distantes de uma assimilação perfeita da Doutrina Espírita. Quando conseguirmos compreender integralmente esta cosmo-sociologia e suas imensas conseqüências, estaremos à altura do Espiritismo.

2. DESTINAÇÃO DA TERRA — Os Espíritos explicam, no capítulo terceiro da primeira parte de "O Evangelho Segundo o Espiritismo": "A qualificação de mundos inferiores e mundos superiores é antes relativa que absoluta. Um mundo é inferior ou superior em relação aos que estão abaixo ou acima dele, na escala progressiva." A medida cósmica é a evolução. "Embaixo" e "em cima" são expressões graduais, e não locais. A terra já foi um mundo inferior, quando habitado pela humanidade primitiva que nela se desenvolveu. O seu progresso foi ainda incentivado por migrações de espíritos, realizadas em massa, no momento em que um mundo distante conseguiu subir na escala dos mundos. Seus "resíduos evolutivos" foram então transferidos para o nosso planeta. Criaturas superiores aos habitantes terrenos, exilados na Terra, deram-lhe extraordinário impulso evolutivo. Assim, ela passou de mundo primitivo para a categoria de mundo de expiações e provas.

Essa é a condição atual da Terra. Mas é, também, a condição que ela está prestes a deixar, a fim de elevar-se à categoria de mundo de regeneração. Vejamos, porém, como explicar o nosso estágio atual. Ensina "O Evangelho Segundo o Espiritismo", no capítulo citado: "A superioridade da inteligência de um grande número de habitantes indica que ela não é um mundo primitivo, destinado à encarnação de Espíritos ainda saindo das mãos do Criador. As qualidades inatas que eles revelam são a prova de que já viveram, e de que realizaram algum progresso. Mas também os numerosos vícios a que se inclinam são o índice de uma grande imperfeição moral. Eis porque Deus os colocou numa terra ingrata, para aí expiarem as suas faltas, através de um trabalho penoso e das misérias da vida, até que mereçam passar para um mundo mais feliz."

Ao mesmo tempo, Espíritos ainda na infância evolutiva, e Espíritos de um grau intermediário, mesclam-se às coletividades em expiação. Representamos uma mistura de exilados e população aborígine. Os antigos habitantes do mundo primitivo convivem com os imigrantes civilizadores. Mas estes mesmos civilizadores ainda são bastante imperfeitos, e realizam sua missão expiando as faltas cometidas em outros mundos. A explicação prossegue: "A Terra nos oferece, portanto, um dos tipos de mundos expiatórios, de que as variações são infinitas, mas que têm por caráter comum o de servirem de lugar de exílio para os Espíritos rebeldes à lei de Deus. Nesses mundos, os Espíritos têm de lutar ao mesmo tempo com a perversidade dos homens e contra a inclemência da natureza, duplo e penoso trabalho, que desenvolve simultaneamente as qualidades do coração e as da inteligência. É assim que Deus, na sua bondade, transforma o próprio castigo em proveito do progresso do Espírito."

Esta bela comunicação é assinada por Santo Agostinho, que usa o título de santo para fins de identificação. A seguir, com a mesma assinatura, temos uma mensagem sobre a condição do mundo em que o nosso planeta se transformará: o mundo de regeneração. Estes mundos, explica o Espírito: "servem de transição entre os mundos de expiação e os mundos felizes". São, portanto, simples escalas de aperfeiçoamento, na cadeia universal dos mundos. Prossegue a informação espiritual: "Nesses mundos, sem dúvida o homem está ainda sujeito às leis que regem a matéria. A humanidade experimenta as vossas sensações e os vossos desejos, mas livre das paixões desordenadas que vos escravizam." Estas frases traduzem uma bem-aventurança com que há muito sonhamos: "A palavra amor está gravada em todas as fronteiras; uma perfeita equidade regula as relações sociais."

Não estamos diante de uma humanidade perfeita, mas apenas de um grau de evolução superior ao nosso. O homem ainda é falível, sujeito a se deixar levar por resíduos do passado, arriscando-se a cair de novo em mundos expiatórios para enfrentar provas terríveis. Quem não verifica o realismo desta descrição, comparando o nosso desenvolvimento atual com o nosso passado, e verificando as diretrizes do progresso terreno? Os Espíritos não anunciam uma transição miraculosa, mas uma transformação progressiva do mundo, que já está em plena realização. Nosso mundo de regeneração será mais ou menos feliz, segundo a nossa capacidade de construí-lo. O homem terreno atingiu o grau evolutivo que lhe permite responder plenamente pelas suas ações. Deus respeita o seu livre-arbítrio, para que ele possa aumentar a sua responsabilidade.

No mesmo capítulo citado, e com a mesma assinatura espiritual encontramos ainda estes esclarecimentos. "Acompanhando o progresso moral dos seres vivos, os mundos por eles habitados progredem materialmente. Quem pudesse seguir um mundo em suas diversas fases, desde o instante em que se aglomeraram os primeiros átomos da sua constituição, vê-lo-ia percorrer uma escala incessantemente progressiva, mas através de graus insensíveis para cada geração, e oferecer aos seus habitantes uma morada mais agradável, à medida que eles mesmos avançam na via do progresso. Assim marcham paralelamente o progresso do homem, o dos animais seus auxiliares, dos vegetais e das habitações, porque nada é estacionário na natureza. Quanto esta idéia é grande e digna do Criador! E quanto, ao contrário, é pequena e indigna de seu poder, a que concen-

tra a sua solicitude e a sua providência sobre o imperceptível grão de areia da Terra e restringe a humanidade aos poucos homens que a habitam!"

Esta concepção cósmica não é grandiosa apenas no seu aspecto exterior, mas também e principalmente no seu sentido subjetivo, e, portanto, profundo. O que mais se afirma, em toda a sua extensão, é o princípio de liberdade e de responsabilidade humanas. Os Espíritos, que são as criaturas humanas, encarnadas ou não, aparecem como os artífices do seu próprio destino pessoal e coletivo, e como os demiurgos platônicos que modelam os mundos. Deus lhes oferece a matéria-prima das construções, mas são eles os que constroem, com inteira liberdade — dentro das limitações naturais das condições de vida em cada plano — cometendo crimes ou praticando atos de justiça, bondade e heroísmo, para colherem os resultados de suas próprias ações.

O sentido ético dessa concepção é revolucionário. Deus não está, diante dela, em nenhuma das duas posições clássicas do pensamento filosófico e religioso: nem como o Ato Puro de Aristóteles, indiferente ao Mundo, nem como o Jeová humaníssimo da *Bíblia*, comandando exércitos e dirigindo as ações humanas. Só mesmo a síntese cristã do Deus Pai, velando paternalmente pelos filhos, corresponde à sua grandeza. E é justamente essa síntese que se corporifica na idéia de Deus da concepção espírita. Mas, como até hoje, o Deus Pai do Cristianismo não se efetivou entre os homens, o Espiritismo o apresenta em novas dimensões, promovendo a sua revolução ética no mundo em transição.

3. ORDEM MORAL — É precisamente a revolução ética do Espiritismo que estabelecerá a ordem moral do mundo de regeneração. Aquilo que hoje chamamos ordem social, porque baseada nas relações de sociedades que implicam transações utilitárias, será de tal maneira modificada, que poderemos mudar a sua designação. A humanidade regenerada, embora ainda não tenha atingido a perfeição relativa dos mundos felizes, viverá numa estrutura de relações de tipo moral. Os valores pragmáticos serão substituídos naturalmente pelos valores morais, porque o homem não mais valerá pelo que possui, em dinheiro, propriedades ou poder político, mas pelo que revela em capacidade intelectual e aprimoramento espiritual.

A dinâmica social da caridade, que o Espiritismo hoje desenvolve ativamente, em nosso mundo de provas e expiações, tem por finalidade romper o egocentrismo social dos indivíduos atuais, para em seu lugar fazer desabrochar o altruísmo moral, que caracterizará o cidadão do futuro. Mesmo no meio espírita, muitas pessoas não compreendem o sentido da filantropia espírita, entendendo que ela se confunde com os remendos de consciência das esmolas dos ricos. A verdade, porém, é que a caridade é o único antídoto eficaz do egoísmo, esse corrosivo psíquico, que envenena os espíritos e toda a sociedade. A prática da caridade é o aprendizado necessário do altruísmo, é o treinamento moral das criaturas em expiação e prova, com vistas ao mundo de regeneração.

Vemos no item 913 de "O Livro dos Espíritos" essa colocação precisa do problema: "Estudai todos os vícios, e vereis que no fundo de todos existe o egoísmo. Por mais que luteis contra eles, não chegareis a extirpá-los, enquanto não os atacardes pela raiz, enquanto não lhes houverdes destruído a causa. Que todos os vossos esforços tendam para esse fim, porque nele se encontra a verdadeira

chaga da sociedade. Quem nesta vida quiser se aproximar da perfeição moral, deve extirpar do seu coração todo sentimento de egoísmo, porque o egoísmo é incompatível com a justiça, o amor e a caridade: ele neutraliza todas as outras qualidades."

Mas a prática da caridade não pode limitar-se à criação de serviços de assistência. A caridade espírita não é paternalista, mas fraterna. Não pode traduzir-se em protecionismo, mas em ajuda mútua: a mão que distribui não socorre apenas, porque também recebe. Só há uma paternidade: a de Deus. Sob ela, desenvolve-se a fraternidade humana, com deveres e direitos recíprocos. No capítulo XV de "O Evangelho Segundo o Espiritismo", item 5, encontramos esta exposição do problema: "Caridade e humildade são as únicas vias de salvação; egoísmo e orgulho, as de perdição. Este princípio é formulado em termos precisos nas seguintes frases: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo: toda a lei e os profetas se resumem nesses dois mandamentos." E para que não houvesse equívoco na interpretação do amor de Deus e do próximo, acrescenta-se: "E eis o segundo mandamento, semelhante ao primeiro." Quer dizer que não se pode verdadeiramente amar a Deus sem amar ao próximo, nem amar ao próximo sem amar a Deus, de maneira que tudo o que se faz contra o próximo, contra Deus se faz. Não se podendo amar a Deus sem praticar a caridade para com o próximo, todos os deveres do homem se resumem nesta máxima: Fora da caridade não há salvação."

"O Livro dos Espíritos", em seu item 917, dá-nos a chave dessa relação, explicando: "De todas as imperfeições humanas, a mais difícil de desenraizar é o egoísmo, porque se liga à influência da matéria, da qual o homem ainda muito próximo da sua origem, não pode libertar-se. Tudo concorre para entreter essa influência: suas leis, sua organização social, sua educação. O egoísmo se enfraquecerá com a predominância da vida moral sobre a material, e sobretudo com a compreensão que o Espiritismo vos dá, quanto ao vosso estado futuro real, não desfigurado pelas ficções alegóricas. O Espiritismo bem compreendido, quando estiver identificado com os costumes e as crenças, transformará os hábitos, as usanças e as relações sociais. O egoísmo se funda na importância da personalidade. Ora, o Espiritismo bem compreendido, repito-o, faz ver as coisas de tão alto que o sentimento da personalidade desaparece de alguma forma, perante a imensidade. Ao destruir essa importância, ou pelo menos ao fazer ver a personalidade naquilo que de fato ela é, ele combate necessariamente o egoísmo."

O amor do próximo não pode existir sem o amor de Deus, e vice-versa, porque o apego ao mundo, aos bens materiais, aos valores transitórios da terra, aguça o egoísmo. A "importância da personalidade", por sua vez, é incentivada pela ordem social utilitária, baseada no jogo de interesses imediatistas. A compreensão espírita do mundo e do destino do homem modificará a ordem social. A certeza da sobrevivência e o conhecimento da lei de evolução arrancarão o homem das garras do imediatismo: ele pensará no futuro. Assim fazendo, verá as coisas de mais alto e aprenderá que o valor supremo e o supremo bem estão nas leis de Deus, que são a justiça, o amor e a caridade. Compreender isso é amar a Deus, amar a Deus é praticar as suas leis. Sem o amor de Deus, o homem alimenta o amor de si mesmo, o egoísmo, que o liga estreitamente ao mundo e aos seus bens transitórios e falsos.

A referência às instituições egocêntricas, à legislação humana, contrária às leis de Deus, à organização social e injusta e à educação deformante, mostram-nos o que acima acentuamos, ou seja, que a caridade não se limita à assistência. De que vale amparar apenas os pobres, os necessitados, e entregar à loucura e à embriaguez do dinheiro e do poder os ricos do mundo? Espiritualmente os dois são necessitados, pois o rico voltará na pobreza, a fim de corrigir-se pela reencarnação. Cumpre, por isso mesmo, lutar pela transformação social, pela modificação da ordem egoísta que incentiva e perpetua o egoísmo, no círculo das reencarnações dolorosas.

Qual, porém, a maneira de lutarmos por essa transformação? O item 914 o aponta: a educação. E Kardec, no comentário final sobre o item 917, o reafirma: "A cura poderá ser prolongada, porque as causas são numerosas, mas não é impossível. A educação, se for bem compreendida, será a chave do progresso moral. Quando se conhecer a arte de manejar os caracteres, como se conhece a de manejar as inteligências, poder-se-ão endireitá-los, da mesma maneira como se endireitam as plantas novas." As respostas dadas a Kardec eram de Fénelon, um educador. O próprio Kardec, pedagogo, estava à altura de compreender, e prontamente endossou a opinião do Espírito.

As pessoas pouco afeitas ao estudo dos problemas políticos e sociais estranharão o caminho indicado. Não obstante, se foi Platão o primeiro a tentar a reforma do mundo pela educação, com a sua "República", foi Rousseau o primeiro a obter resultados positivos nesse sentido. Ambos eram utópicos, mas exerceram poderosa influência no mundo. E depois deles, compreendeu-se, principalmente a partir da Revolução Francesa, que nenhuma transformação podia efetuar-se e manter-se, sem apoiar-se na educação. As próprias formas de transformação violenta, como a Revolução Comunista e as Revoluções Nazista e Fascista, na Alemanha e na Itália, apoiaram-se imediatamente na educação. Porque a educação é a orientação das novas gerações, e a transmissão às mesmas de todo o acervo cultural da civilização: é a criação do futuro, a sua elaboração.

Educar, entretanto, não é apenas lecionar, ensinar nas escolas. A educação abrange todos os setores das atividades humanas e todas as idades e condições do homem. Daí a conclusão de Kardec, no mesmo comentário citado: "O egoísmo é a fonte de todos os vícios, como a caridade é a fonte de todas as virtudes. Destruir um e desenvolver a outra, deve ser o alvo de todos os esforços do homem, se ele deseja assegurar a sua felicidade neste mundo, tanto quanto no futuro." A educação espírita deve ser feita em todos os sentidos, através da palavra e do exemplo, numa luta incessante contra o egoísmo e em favor da caridade.

Nos capítulos sobre a lei de igualdade e à lei de justiça, amor e caridade, Kardec e os Espíritos apontam os rumos dessa batalha pela transformação do mundo. O próprio Espiritismo é um gigantesco esforço de educação do mundo, para que a humanidade regenerada de amanhã possa substituir o quanto antes a humanidade expiatória de hoje. Mas é necessário que os espíritas se eduquem no conhecimento e na prática da doutrina, para que possam educar o mundo nos princípios de renovação, que receberam do Consolador.

4. IMPÉRIO DA JUSTIÇA — A ordem moral será o império da justiça. O mundo de regeneração não poderá efetivar-se, portanto, enquanto não criar-

mos na Terra uma estrutura social baseada na justiça. Já vimos que a tarefa é nossa, pois o mundo nos foi dado como campo de experiência. Submetidos a expiações e provas aprendemos que o egoísmo é nefasto e que devemos lutar pelo altruísmo, a começar de nós mesmos. Mas como fazê-lo? Qual o critério a seguir, para que a educação espírita do mundo se converta em realidade, produzindo os frutos necessários?

Kardec nos explica; ao comentar o item 876: "O critério da verdadeira justiça é de fato o de se querer para os outros aquilo que se quereria para si mesmo, e não de querer para si o que se desejaria para os outros, pois isso não é a mesma coisa. Como não é natural que se queira o próprio mal, se tomarmos o desejo pessoal como norma de partida, podemos estar certos de jamais desejar para o próximo senão o bem. Desde todos os tempos, e em todas as crenças, o homem procurou sempre fazer prevalecer o seu direito pessoal. O sublime da religião cristã foi tomar o direito pessoal por base do direito do próximo."

O critério apontado, como vemos, é o da caridade. O império da justiça começará pelo reconhecimento recíproco dos direitos do próximo. A lei de igualdade regerá esse processo. Kardec declara ao comentar o item 803: "Todos os homens são submetidos às mesmas leis naturais; todos nascem com a mesma fragilidade, estão sujeitos às mesmas dores, e o corpo do rico se destrói como o do pobre. Deus não concedeu, portanto, a nenhum homem, superioridade natural, nem pelo nascimento, nem pela morte. Todos são iguais diante dele."

Liberdade, igualdade e fraternidade, são os rumos da civilização. Em "Obras Póstumas" aparece um trabalho de Kardec sobre esses três princípios, tantas vezes deturpados, mas que deverão predominar no mundo de justiça. Escreveu o codificador: "Estas três palavras constituem, por si sós, o programa de toda uma ordem social que realizaria o mais absoluto progresso da humanidade, se os princípios que elas exprimem pudessem receber integral aplicação." A seguir, Kardec coloca a fraternidade como princípio básico, apontando a igualdade e a fraternidade como seus corolários.

A igualdade absoluta não é possível, dizem os contraditores dos ideais igualitários, alguns mesmo alegando que a desigualdade é lei da natureza. Citam, em favor dessa tese, o fenômeno da individualização, bem como a diversidade de aptidões. Lembram que os próprios minerais, vegetais e animais se diversificam ao infinito. Mas esquecem-se de que a lei natural não é a desigualdade, mas a igualdade na diversidade. Vimos como Kardec define a igualdade dos homens perante Deus. Vejamos também a sua explicação das desigualdades no plano social, que é precisamente o plano material da fragmentação e da especificação.

Escreveu Kardec, no comentário ao item 805: "Assim, a diversidade das aptidões do homem não se relaciona com a natureza íntima de sua criação, mas com o grau de aperfeiçoamento a que ele tenha chegado, como Espírito. Deus não criou, portanto, a desigualdade das faculdades, mas permitiu que os diferentes graus de desenvolvimento se mantivessem em contato, a fim de que os mais adiantados pudessem ajudar os mais atrasados a progredir, e também a fim de que os homens, necessitando uns dos outros, compreendam a lei da caridade, que os deve unir!"

Nada existe como absoluto em nosso mundo, que é naturalmente relativo. A fraternidade, a igualdade e a liberdade são conceitos relativos, que tendem, porém, para a efetivação absoluta, através da evolução. No mundo de regeneração esses conceitos encontrarão maiores possibilidades de se efetivarem, porque a evolução moral terá levado os homens a se aproximarem dos arquétipos ideais. O Espiritismo nos convida à superação do relativismo material, para a compreensão dos planos superiores a que nos destinamos, como indivíduos e como coletividade. Nossa marcha evolutiva está precisamente traçada entre o relativo e o absoluto.

O império da justiça, no mundo de regeneração, marcará o início da libertação dos Espíritos que permanecerem na Terra. Mas esse mesmo fato representará a continuidade da escravidão, para os que forem obrigados a retirar-se para mundos inferiores. A desigualdade se manifesta na separação das duas coletividades espirituais, mas apenas como uma condição temporária da evolução, determinada pelas próprias exigências da igualdade fundamental das criaturas. Essa igualdade fundamental, que se define como de origem, natureza e essência, — origem, pela criação divina, comum a todos os espíritos; natureza, pela mesma qualidade, que é a individualização do princípio inteligente; e essência, pela mesma constituição espiritual e potencialidade consciencial; — desenvolve-se através da existência, nas fases sucessivas da evolução, que constituem as formas temporárias de desigualdade, para voltar à igualdade no plano superior da perfeição. Trata-se de um processo dialético de desenvolvimento do ser. Podemos figurá-lo assim: os espíritos partem da igualdade originária, passam pelas desigualdades existenciais, e atingem finalmente a igualdade essencial.

A justiça de Deus é absoluta, e por isso mesmo escapa às nossas mentes relativas. Mas na proporção em que formos evoluindo, alargaremos as nossas perspectivas mentais, para atingir a compreensão das coisas que hoje nos escapam. O Espiritismo é doutrina do futuro, que age no presente como impulso, levando-nos em direção aos planos superiores. É natural que muitos adeptos não o compreendam imediatamente, na inteireza de seus princípios e de seus objetivos. Mas é dever de todos procurar compreendê-lo, pelo estudo atento e humilde, pois sem a humildade necessária, arriscamo-nos à incompreensão orgulhosa e arrogante.

À maneira do Reino do Céu, pregado pelo Cristo, e das leis do Reino, que ele ensinou aos seus discípulos, o Espiritismo prepara o império da justiça na Terra. Não pode fazê-lo senão pela prática imediata da justiça através dos princípios que nos oferece, convidando-nos à aplicação pessoal dos mesmos em nossas vidas individuais, e sua natural extensão, pelo ensino e o exemplo, ao meio em que vivemos. A transformação espírita do mundo começa no coração de cada criatura que a deseja. Por isso ensinava o Cristo que o Reino de Deus está dentro de nós, e que não começa por sinais exteriores.

*

Livro: O ESPÍRITO E O TEMPO
J. HERCULANO PIRES

CAPÍTULO III - ANTROPOLOGIA ESPÍRITA

1. A CONDIÇÃO HUMANA Quando examinamos a nós mesmos em confronto com o Mundo, nos limites do horizonte existencial, o que mais nos deve assustar é o nosso orgulho. A existência humana se fecha num círculo de possibilidades muito reduzidas. As linhas do horizonte visual e conceptual do homem se assemelham ao círculo de giz que se faz no chão para prender um peru embriagado, até a hora de o mandarmos ao forno. Conhecemos as limitações do corpo e do meio (físico, social e cultural) e não sabemos se poderemos rompê-las. Não obstante, com que arrogância alimentamos pretensões de conquistas mesquinhas ou atrevidas e sempre nos julgamos dignos da atenção e consideração de todos. O horizonte infantil é tão reduzido que deveria dar-nos a sensação de asfixia, mas apesar disso nos consideramos o centro do mundo. Na puberdade e na adolescência o círculo se alarga e as nossas pretensões aumentam. Na mocidade alargamos com as próprias mãos o nosso horizonte, como se fôssemos um jovem grego coroado de louros e vitórias. Mas na madureza as nossas mãos se transformam em garras e nos julgamos capazes de escalar as montanhas azuis para dominar as distâncias invisíveis. Só nas proximidades da velhice começamos a reconhecer que as forças nos faltam, mas quantos superam essa ameaça apoiando-se no cajado da experiência passada e do saber adquirido. Não raro os velhos retornam à infância e procuram compensar o enfraquecimento orgânico com a ilusão do poder da senectude, das glórias do passado, que devem então render-nos os juro da gratidão e das homenagens do Mundo.

De onde brota essa fonte de vaidade que nos alimenta na projeção existencial através dos anos? Um velho mendigo, sentado na escadaria de uma igreja, à espera de esmolas, está pronto a falar de suas glórias passadas, de sua possível genealogia gloriosa, antes de apanhar a moeda que lhe damos. Seus olhos brilham muito mais com a atenção que lhe dispensamos do que com o brilho da moeda. De onde vem esse sentimento de importância pessoal no horizonte cinzento do crepúsculo?

A condição humana é precária. O declínio orgânico é fatal, inevitável. A perspectiva da doença e da morte não permite ilusões. As promessas de uma vida espiritual são nebulosas, revestidas de ameaças terríveis, ou da frustração total do nada. E apesar disso o pequeno pedaço de fermento de que falava o Lobo do Mar, de Jack London, esse fermentozinho que cresceu até o limite possível e agora murcha e se extingue, ainda se considera importante e capaz de impressionar os outros. Será o apego à vida, como o do náufrago à sua tábua? O instinto de conservação a que ele se apegava por impulso inconsciente, a lei de inércia mantendo a constância do ser em meio a todas as contradições? A visão antropológica das primeiras partes deste livro nos dá uma resposta a esta questão. Nas coordenadas do tempo e da evolução, o espírito humano amadureceu para a compreensão de sua realidade íntima, indestrutível, carregada de potencialidades que o declínio físico não pode afetar. "É estranho — dizia Aristides Lobo — quando penso na infância e na mocidade vejo que o eu, aquilo que realmente sou, permaneceu o mesmo através de todas as mudanças da idade." Esse pivô do eu, em torno do qual giram as fases etárias como as nuvens ao redor de uma torre, sem afetá-la, é a chave do mistério humano. O homem é espírito que se projeta num corpo animal e dele se serve para a viagem existencial. Nossa consci-

ência de relação, estrutura mental do imediato, pode manter-se perplexa ante o mistério da vida, mas a consciência profunda, registro milenar das experiências evolutivas, guarda o segredo da imortalidade do ser. A intuição subliminar da nossa natureza espiritual é o que sustenta a nossa fé na invulnerabilidade ôntica. O ser é o que é e nada o pode afetar e modificar, e muito menos destruir. Por isso, o materialista mais convicto da sua inutilidade como criatura mortal, sofre e luta pelos seus princípios, na certeza íntima e absurda de que esse é o seu dever. Ser fiel a si mesmo é a obrigação interior que ele cumpre na infidelidade negativa da sua idéia supraliminar do nada, porque a consciência profunda, não deixa extinguir-se em seu íntimo a chama da sua própria verdade. O orgulho aparentemente contraditório do homem derrotado suga a sua seiva nas profundezas do ser que ele é e não pode deixar de ser.

Essa conflitiva dialética do ser e do não-ser define a tragédia humana e a angústia existencial do homem. Se ele não suporta o peso do conflito e se atira na fuga do suicídio, a dolorosa experiência não deixa de ser experiência, forma de comprovação trágica da sua verdade íntima, que lhe mostrará na dimensão espiritual da vida a necessidade de reajustar a sua existência exterior à sua realidade ôntica, equilibrar a sua mente de relação e seus conflitos passageiros com a sua consciência profunda e a realidade indestrutível da sua natureza espiritual. A unidade do ser prevalece no tempo, pois a consciência imediata se funde, na essência de suas aquisições reencarnatórias, no final de cada existência, com o acervo global da consciência profunda.

A condição humana é purgatorial. A Terra é o Purgatório que os teólogos intuíram mas não souberam localizar. Mas não se purgam os pecados da classificação religiosa e sim os resíduos naturais da evolução. O corpo e a alma do homem nascem de uma filogênese assombrosa, que vem de estágios inferiores da Natureza, num despertar incessante das potencialidades do ser, até a floração da inteligência humana. Muitas civilizações já passaram pela Terra e muitas ainda passarão. O planeta gira no espaço como a mó de um moinho, triturando as safras de trigo e expurgando os joios e detritos, para que a farinha pura possa servir à preparação do Banquete do Reino. Esta não é uma expressão mística, mas apenas simbólica, da tradição cristã. Com o barro da Terra, Deus modela a criatura humana, não como um artífice manual, mas através das suas leis no processamento de dados para o computador vital das gerações e civilizações sucessivas. Em mundos superiores transformará os homens em anjos, espíritos purificados e sábios que administrarão os mundos do futuro.

Temos assim a escala dos seres no Infinito:

- 1.º) a ascensão dos minerais aos vegetais;
- 2.º) dos vegetais aos animais;
- 3.º) dos animais aos homens;
- 4.º) dos homens aos anjos.

Acima do plano angélico estendem-se as regiões superiores, as hipóstases do Inefável, onde cintilam os mundos energéticos, de pura energia divina, em que os corpos não são corpos mas esplendores, e a vida não se mede por séculos nem milênios, até as hipóstases superiores da teoria de Plotino, banhadas pela

luz da eternidade dinâmica, entretecida em pensamentos e sentimentos de pureza celestial. Visão antecipada dos corpos de luz é o corpo-bioplásmico, ainda impuro mas já radiante como constelações, que os físicos e biólogos soviéticos puderam ver e fotografar nos laboratórios da famosa Universidade de Kirov.

A condição humana na Terra é pesada e angustiosa. O nascimento trás um trauma em si mesmo, a vida uma *via crucis*, a morte, o horror do aniquilamento, o pó que se reverte em pó. Os homens se matam e se entredevoram como feras. A felicidade é apenas um momento de ilusão, e esse mesmo fragmento de tempo é perturbado por inquietações numerosas. Mas o homem não é um grilheta, goza da liberdade de ser e fazer, de construir ou destruir, assumindo a responsabilidade intransferível de todos os seus atos, para aprender e conhecer. Suas potencialidades divinas podem ser asfixiadas pela maldade e a crueldade dos inconscientes, mas a sua consciência profunda aflorará ao consciente na rota das reencarnações, para que ele se resgate a si mesmo e se reencontre como homem nas fases superiores das civilizações futuras. Nenhum tribunal divino o espera após a morte, pois o Tribunal de Deus foi instalado na sua própria consciência. Só ele pode resgatar-se, pois os Deuses não são punidos por Deus, e a sua condição humana oculta a condição divina em potência que só a ele cabe atualizar no Olimpo Sideral. As Religiões, a Filosofia, as Ciências e as Artes são os instrumentos culturais de sua humanização ainda em elaboração. O Espiritismo é o Consolador prometido pelo Cristo, Guardião da Terra, que não fundou nenhuma igreja e não está em nenhuma delas, mas no coração de todos os que desejam realmente compreender o mistério da vida, a finalidade da existência terrena.

2. O HOMEM NATURAL — A queda do homem não se deu no Éden, onde a Serpente podia conversar com Eva. Deu-se na Suméria onde parece ter surgido a primeira civilização. Num lugar em que os homens andavam nus, em comunhão natural com as árvores, os rios e os animais, a pureza dominava. Rousseau corrigiu com razão o engano bíblico. O homem puro, sem malícia nem pecado, saído das mãos do Criador, caiu ao entrar na primeira sociedade. Seria talvez no lendário país de Nod, onde Caim, o primeiro assassino e fratricida, casou-se, e teve prole. Um prato de lentilhas no Éden não provocaria ciúmes. Mas numa sociedade organizada, onde as primeiras forjas do mundo funcionavam, o interesse, o egoísmo, a cobiça e o ciúme deviam andar à solta, envenenando as almas. E, pois, pecado original não foi a desobediência, mas a rivalidade. Porque a corrupção do homem nasceu da briga pela primogenitura. Adão e Eva são símbolos da inocência e da pureza. Comer uma fruta do pomar edênico, amar sob as árvores e iniciar a primeira geração do Éden não podiam constituir desobediência, pois Deus criara as frutas para alimentar os homens, criara Eva para o amor de Adão e criara a Serpente para sibilarem histórias de amor aos ouvidos sensíveis da primeira mulher.

Os rabinos judeus, que fundariam mais tarde a sociedade mais fechada e xenófoba do mundo, cheia de preconceitos e formalismos, com suas regras de pureza que Jesus condenaria, foram os inventores da tragédia do Éden. A hipocrisia famosa dos fariseus, esquecendo as cantigas de amor de Davi, condenaria o sexo como pecado e aviltaria o amor como invasão diabólica. Por isso Jesus os chamou, no Pátio do Templo, de filhos do Diabo. A lista de pecados veniais e capitais do Judaísmo e das Igrejas Cristãs seria suficiente para impedir o povo-

amento da Terra, se Deus não fizesse primeiro o povo de Nod e depois o de Israel. Tudo isto pode parecer brincadeira de mau gosto com os símbolos bíblicos, mas não é. Durante quase dois mil anos as Igrejas Cristãs gastaram rios de água sagrada em suas pias batismais para lavar as crianças inocentes do pecado original. E nada conseguiram, porque as gerações humanas se tornaram cada vez mais desobedientes. Bastaria esse fato para mostrar o engano dos rabinos. Se os padres, seus sucessores, tivessem conseguido eliminar a desobediência das novas gerações, a Terra não teria saído jamais das forjas dos ferreiros de Nod. As gerações sucessivas, acarneiradas e tolas, continuariam balindo nos campos, imitando as antecessoras, sem capacidade para reelaborar as experiências dos ancestrais e desenvolver a razão.

Esta crítica ligeira dos primórdios bíblicos visa apenas a demonstrar que os fundamentos da Antropologia Religiosa dos cristãos formalistas inverteu a ordem natural da condição humana. Rousseau não quis devolver o homem à selvageria, como ironizou Voltaire. O que ele desejava, com sua contradição ao dogma bíblico da queda, era restabelecer o sentido ético da vida humana, reintegrando o homem na sua pureza primitiva, libertando-o do excesso criminoso de artifícios das leis de pureza impura do Judaísmo e do Cristianismo. Deus criou o homem para que ele criasse na Terra um mundo humano. Os formalismos religiosos deturpam o homem e o seu mundo, transformando-os numa caricatura trágica do que eles deviam ser. A revolução pedagógica de Rousseau nos serve de paralelo comparativo para a revolução espírita. O que esta procura, é libertar o homem do artificialismo deformante das sociedades farisaicas, herdeiras das sociedades teocráticas da Antigüidade, em que os representantes, ministros e embaixadores dos Deuses tripudiavam divinamente sobre a liberdade humana. Sem liberdade, o homem não respondia por si mesmo e se alienava à estrutura massiva do Estado, perdendo a visão da sua ética individual. Toda a espontaneidade de comportamento e de ação do indivíduo desaparecia na submissão aos poderes teocráticos. A razão humana subjugada pela falsa razão divina padronizava-se ao nível da massa e a crítica, a ética e a criatividade individual desapareciam sob o entulho do normativo e autoritário. Foi o que se passou na Idade Média, provocando nos fins de um milênio o Renascimento e a Reforma. E é o que hoje se passa na sociedade tecnológica, em que o Bezerro de Ouro da Técnica volta a ser adorado pelas massas ansiosas de comodidade e supérfluo, entregando-se fascinadas à proteção das divindades tecnológicas, que, como os Deuses antigos, prometem aos seus fiéis o domínio da Terra e a conquista do Céu. A essa fascinação coletiva, que já abrange quase todo o mundo, os que não se adaptam escapam pela tangente ilusória dos tóxicos ou do crime, no desespero do terrorismo e das rebeliões. Não há opções além do dilema: entrar para o rebanho como ovelhas ou transformar-se em fera sanguinária. É o que estamos vendo na atualidade, com a agravante das facilidades e comodidades de um progresso material embriagador, em que a produção em massa e a velocidade se incumbem de equilibrar o excesso de população, enquanto as babilônias modernas se intoxicam de poluição ambiental, de sujeira e endemias estranhas, de loucura, erotismo e criminalidade avassaladora, em que a inocência das crianças se transforma na sagacidade e violência de assaltantes e assassinos.

Ninguém se atreverá a contestar esse quadro monstruoso, mas poucos perceberão o que essa situação tem com o problema religioso. Basta lembrar que somos criaturas espirituais, que morremos todos os dias e todas as noites no mundo inteiro, para que o problema se esclareça. Alienados à matéria, perdemos a visão de nossa natureza real e caímos nas deformações do artificialismo. O homem natural desaparece na embriaguez das adaptações à chamada sociedade de consumo. Na voragem das consumações, o próprio planeta é devorado e os homens se devoram entre si, na ressurreição da antropofagia em formas tecnicamente sofisticadas.

3. A VOLTA AO HUMANO — As selvas de pedras, cimento e ferro, semeadas de monstros mecânicos, substituem hoje as selvas naturais do passado. O homem acredita que construiu o seu próprio mundo, melhor, mais rico e belo que o Mundo de Deus. Mas nessa construção perdeu-se a si mesmo e não consegue encontrar o caminho de volta. Perdeu-se no labirinto sem o fio de Ariadne. O Espiritismo não condena o progresso, mas o regresso. E para evitar o regresso à selva em termos de tecnologia gananciosa e antropófaga, procura restabelecer a condição humana do homem deformado e desnaturado. Não lhe propõe um novo tipo de religião, mas uma visão gestáltica da realidade. Procura despertá-lo para a compreensão de si mesmo e de sua responsabilidade existencial. As formas religiosas, dogmáticas e ritualistas herdaram e sofisticaram as superstições da magia primitiva. Ritos e sacramentos são fórmulas convencionais de reverência aos deuses selvagens e aos caciques tribais. Da magia e da idolatria nasceram os rituais suntuosos e vazios das religiões formalistas. Os paramentos e as vestes sacerdotais provêm dos cultos pagãos, nos quais a suntuosidade do vestuário e das insígnias, das coroas e das mitras, tinha pelo menos o poder de impressionar a imaginação ingênua dos crentes. Mas, segundo as leis da dialética, no desenvolvimento cultural das populações esses instrumentos úteis se tornaram prejudiciais. No Cristianismo, o culto externo e as práticas sacramentais desviaram o sentimento religioso das multidões para a idolatria fanática. As religiões, vazias de conteúdo, perderam-se nas atrocidades do combate às heresias, das fogueiras inquisitoriais e das terríveis guerras de religião ainda hoje presentes no mundo, para espanto das criaturas pensantes.

Os regimes políticos totalitários fizeram uma inversão curiosa e trágica do processo de desenvolvimento cultural. Transformaram seus líderes em novos deuses de um fanatismo brutal em que o sentimento de humanidade foi revertido em ferocidade selvagem. As religiões da violência cevaram as massas no medo ao sobrenatural, aos arbitrários poderes divinos e às prerrogativas sagradas da hierarquia clerical. Foi fácil aos sátrapas das ideologias massivas transferirem o terror das massas religiosas para o plano político. O resultado foi o que vimos na explosão da loucura megalômana dos novos e mesquinhos deuses estatais, figuras características da deformação do homem e do aviltamento da espécie. Foi a previsão das conseqüências desse processo, já bem visíveis em seu tempo, que levou Kardec a recusar-se, durante todo o seu trabalho, a chamar o Espiritismo de religião. O máximo que concedeu foi declarar que a doutrina tinha conseqüências morais que o levavam a admitir o ensino moral do Cristo, com exclusão das partes mitológicas do Evangelho. Não obstante, o que hoje se vê no meio espírita é um anseio de regresso ao formalismo religioso institucional, in-

cluindo o restabelecimento de uma hierarquia clerical leiga, que facilmente reabsorverá, logo que as condições se tornem propícias, todas as prerrogativas do autoritarismo eclesiástico. Já se notam as tentativas, de alguns dos chamados "mentores espirituais" do movimento doutrinário, com aplauso e imitação dos "mentores encarnados", de amaciar a massa espírita com técnicas de comportamento exterior: atitudes mansas, gesticulação calculada, verniz de santidade, sorrisos meigos e a linguagem adocicada, como se a espiritualidade do homem se formasse de um conjunto de medidas e etiquetas mandarinescas. Esse é o caminho clássico da desumanização do homem, da desvirilização do espírito, que se torna incapaz de sinceridade e franqueza, de coerência na convicção doutrinária, mas capaz de perfídia e calúnia, exibicionismo e mistificação, de sobrepor os interesses materiais das instituições aos deveres espirituais para com a doutrina. Com esse desencadeamento de um misticismo inferior, curtido no medo e na ignorância, caminhamos para um sectarismo religioso bastardo que afasta do Espiritismo as criaturas sinceras e ansiosas pelo restabelecimento da legitimidade humana.

José Ingenieros, poderoso pensador argentino, em seu livro *A Simulação na Luta Pela Vida*, oferece-nos um estudo vibrante e profundo dos vários aspectos da traição do homem a si mesmo para ganhar posições e posses na vida social. A simulação é uma herança animal do homem, o resíduo das lutas para a sobrevivência nas selvas. O desenvolvimento dessa herança nos indivíduos é fácil. Bastam alguns estímulos e alguns sucessos para desencadear-se na criatura todo o complexo das manhas e perfídias do passado animal. E esse desencadear é tanto mais rápido e avassalador quanto mais se tenha desenvolvido a razão humana. O indivíduo cai no plano da chamada razão-diabólica, usando de todos os sofismas para a racionalização da sua conduta animal. Arma-se dos aparatos e técnicas da inteligência humana e contamina sem dificuldade os que dele se aproximam. Se não conhecermos esse aspecto perigoso da condição humana e não nos precavermos contra as suas ciladas, facilmente nos converteremos em untuosos embromadores em nome da Verdade. E como os espíritos inferiores logo se juntam a essas pessoas, o seu poder de fascinação leva as suas vítimas a todos os desvios, aparentemente bem justificados. Foi o caso das fogueiras inquisitoriais, em que as vítimas eram queimadas vivas pela mais piedosa caridade cristã.

A volta ao humano só será possível através de uma tomada de firme posição pelos espíritos realmente conscientes do valor e do sentido da doutrina. As conseqüências morais ou religiosas do Espiritismo não podem sobrepor-se aos seus objetivos filosóficos, que consistem numa renovação fundamental do pensamento, desde o campo das Ciências até o da Religião, da Ética, da Estética, da Economia, da Pedagogia, de todo o Conhecimento. Isso não é difícil de compreender. E o que nos cabe é apenas isso: compreender. Porque a realização da revolução total não depende dos espíritos, como já vimos no caso da evolução científica do nosso tempo. Os espíritos estão à margem desse processo, mas ele se realiza com precisão na linha doutrinária. O mesmo acontecerá em outros campos, mas há alguns em que os espíritos já se lançaram, revelando-se porém incapazes da abnegação necessária, por falta exatamente da compreensão da doutrina.

4. O PROBLEMA DA EDUCAÇÃO — Estamos todos convencidos de que a Educação é o problema básico da transformação do homem e conseqüentemente dos mundos dos homens. A prova disso está na existência, entre nós, de uma ampla rede de escolas espíritas, desde os cursos pré-primários até os universitários. Não obstante, os congressos e simpósios educacionais espíritas revelaram o quase total alheamento dos professores espíritas pelo desenvolvimento da Pedagogia Espírita, sem a qual só haverá escolas comuns com o rótulo formal de espíritas. A ignorância doutrinária e pedagógica da maioria absoluta dos professores espíritas chegou ao cúmulo da contestação por vários deles da possibilidade de elaboração de um sistema pedagógico espírita. Não se lembraram sequer de que Kardec era um pedagogo e deixou na própria doutrina os dados necessários a esse trabalho futuro. Resolveu-se lançar em São Paulo a primeira revista mensal de Educação Espírita, o que foi feito pela Editora Edicel. Foram publicados seis números da revista, que teve uma aceitação mínima no meio espírita. A rede escolar permaneceu indiferente. As edições da revista, lançadas num esforço corajoso pelo editor Frederico Giannini Júnior, estão amontoadas no porão da Editora. Os professores não se interessaram pelos estudos publicados e nem mesmo pelo Compêndio de Pedagogia Espírita cuja publicação foi iniciada na revista.

A Escola Espírita só pode corresponder a esse nome se representar o novo tipo de Educação determinado pelos princípios espíritas. Essa Nova Educação só pode ser definida por uma Pedagogia Espírita. Com o advento da Parapsicologia e da Astronáutica a renovação pedagógica de tipo espírita se impõe como necessidade mundial. Na própria URSS e nos países da sua órbita política já se iniciou, como informam Sheila Ostrander e Lynn Schroeder, no livro já citado, um movimento de renovação pedagógica com base nas conquistas parapsicológicas. A percepção extra-sensorial é de importância básica para as viagens siderais e o problema da reencarnação modifica profundamente a concepção do educando. Nenhuma forma de educação pode ser eficaz e válida se não levar em conta as alterações científicas no conceito do educando. Os professores materialistas compreendem isso, mas os professores espíritas parecem não compreender. Não estão à altura de sua tarefa nesta fase decisiva da evolução humana.

A Pedagogia Espírita já conta, na Pedagogia moderna, com importantes contribuições de pedagogos avançados, como René Hubert, na França, Kerchensteiner, na Alemanha, Maria Montessori e seus atuais seguidores, na Itália e em todo o mundo. Hubert, particularmente, colocou sua Pedagogia numa orientação tipicamente espírita. Essas tendências renovadoras propiciam o aparecimento da Pedagogia Espírita em perfeito entrosamento com a Pedagogia Geral em desenvolvimento para adaptação aos novos tempos. O que fazem os diretores e professores da rede escolar espírita existente no Brasil? Cochilam sobre os seus velhos processos mantendo as escolas espíritas encravadas numa sistemática já superada pela evolução cultural. E quando protestamos contra essa inércia, determinada pelo comodismo e a preguiça mental, acusam-nos de perturbar a santa paz da família sagrada, a família espírita que espera a ressurreição no outro mundo para tomar conhecimento do seu fracasso.

Para a Pedagogia Espírita o educando é um reencarnado que necessita de ensino adequado à sua condição de portador de experiências vividas em encar-

nação anterior. As novas gerações de educandos devem preparar-se para um novo mundo, onde os fenômenos mediúnicos serão indispensáveis à própria vida prática. A telepatia, a precognição e a retrocognição, a clarividência ou visão à distância são faculdades novas que o homem de amanhã terá de usar nas viagens espaciais e aqui mesmo na Terra. O problema do paranormal tem de figurar forçosamente num sistema educacional e numa orientação pedagógica do futuro próximo. Cabe ao Espiritismo a abertura dessa nova era na Educação, mas se os espíritas não se interessarem por ela os educadores e pedagogos não-espíritas terão de fazê-lo. Iremos mais uma vez contribuir, com a nossa irresponsabilidade, para a marginalização da doutrina na cultura que se renova no sentido inegável da orientação doutrinária. A Educação Espírita é a única que poderá corresponder às exigências da Era Cósmica. Se não for desenvolvida em sua plenitude por nós, mas por pedagogos alheios à doutrina, é evidente que não poderá cobrir todas as necessidades do futuro. A culpa não será dos pedagogos, mas dos que se colocam na posição de responsáveis pelo movimento espírita. Os ritmos da Natureza são perfeitamente sintonizados. No momento em que as Ciências rompem o seu arcabouço material e o homem se lança na conquista do espaço sideral, a mediunidade explode na Terra. A mente humana se abre para as novas dimensões da realidade cósmica. A Educação Espírita se torna uma exigência da Civilização do Espírito que já está surgindo nesta fase de transição. Se os espíritas não compreenderem isso serão substituídos por trabalhadores da última hora, como aconteceu aos israelitas do tempo de Jesus, que continuam ainda hoje encravados no passado.

5. CULTURA ESPÍRITA — A Cultura Espírita, como observou Humberto Mariotti, filósofo e poeta espírita argentino, é uma realidade bibliográfica, edificada no plano das pesquisas e dos estudos. Socialmente se reduzia a uma parte mínima do movimento espírita mundial, pois a maioria dos espíritas a desconhece. Compreende-se que isso acontece em conseqüência das campanhas deformadoras e difamatórias das Igrejas e das Instituições Científicas, especialmente as de Medicina, contra o Espiritismo, como já mencionamos. Mas grande parte da culpa cabe aos próprios espíritas cultos, que em sua maioria se mostraram displicentes, por acomodação indébita ou preguiça mental. Por outro lado, a vaidade e o pedantismo intelectual de muitos espíritas os afastaram das pesquisas sobre os mais importantes aspectos da doutrina, para se entregarem a elucubrações pessoais gratuitas, dispersivas e não raro absurdas. O desejo vaidoso de brilhar aos olhos vazios do mundo levou muitos deles a querer adaptar o Espiritismo às conquistas científicas modernas, ao invés de mostrarem a subordinação dessas conquistas ao esquema doutrinário. Outros quiseram atrevidamente atualizar a doutrina e outros ainda se aventuraram a corrigir Kardec. Essas atitudes não deram o proveito pessoal que desejavam e serviram apenas para incentivar as mistificações.

Toda nova cultura nasce da anterior. Das culturas anteriores nasceu a cultura moderna, carregada de contribuições antigas. Mas o aceleramento da evolução cultural a partir da II Guerra Mundial fez eclodir quase de surpresa a Era Tecnológica. O materialismo atingiu o seu ápice e explodiu para que as entranhas da matéria revelassem o seu segredo. E esse segredo confirmou a validade da Cultura Espírita marginalizada no plano bibliográfico. Começou assim o de-

sabrochar de uma Nova Civilização, que é a Civilização do Espírito. "A finalidade da Educação — escreveu Hubert — é instalar na Terra, pela solidariedade de consciências, a República dos Espíritos". Essa foi a proclamação da Nova Era, feita na França de Kardec, na Paris da sua batalha pelo Espiritismo.

Mas para que uma civilização se desenvolva é necessária a integração dos homens nos seus princípios e pressupostos. Uns e outros se encontram nos livros de Kardec, mas se esses livros não forem realmente estudados, investigados na intimidade profunda dos textos e transformados em pensamento vivo na realidade social, a civilização não passará de uma utopia ou de uma deformação da realidade sonhada. Por mais frágil e efêmero que seja o homem na sua existência, é ele que dá vida ao presente e ao futuro, é ele o demiurgo que modela os mundos. Para o homem-espírita construir a Civilização do Espírito é necessário que a viva em si mesmo, na sua consciência e na sua carne, pois é nesta que a relação da consciência com o mundo se realiza. E para isso não bastam os livros, é necessário o concurso de todos os meios de comunicação: a palavra, a imprensa, o rádio, a televisão, e mais ainda, a prática intensiva e coletiva dos princípios doutrinários, de maneira correta e fiel. Se o homem-espírita de hoje não compreender isso e dormir sobre os louros literários a Civilização Espírita abortará ou será transformada numa simples caricatura da fórmula proposta, como aconteceu com o Cristianismo. É disto que os espíritas precisam tomar consciência com urgência. Ou acordam para a gravidade do problema ou serão esmagados pelo avanço irrefreável dos acontecimentos no tempo.

A idéia comodista de que Deus faz e nós desfrutamos ou suportamos não tem lugar no Espiritismo. Pelo contrário, neste se sabe que o fazer de Deus no mundo humano se realiza através dos homens capazes de captar a sua vontade e executá-la. Não há milagres nem ações mágicas na Natureza, onde a vontade de Deus se cumpre através dos Espíritos, desde o controle das formações atômicas até o crescimento dos vegetais. Dizia Tales de Mileto, o filósofo vidente, que o mundo está cheio de deuses que trabalham em toda a Natureza, e deuses, para os gregos, eram espíritos. Kardec repetiu em outros termos e de maneira mais explícita e minuciosa essa mesma verdade. No mundo humano os Espíritos se encarnam, fazem-se homens para modelá-lo. Cada espírito encarnado trás consigo sua tarefa e a sua responsabilidade individual e intransferível. O que não cumpre o seu dever, fracassa. Não há outra alternativa. O fracasso da maioria dos cristãos resultou na falência quase total do Cristianismo. O que se salvou foi o pouco que alguns fizeram. E é a partir desse pouco, dois mil anos depois da pregação do Cristo e do seu exemplo de abnegação total, foi que Kardec partiu para a arrancada espírita. O exemplo da França é uma advertência aos brasileiros. A hipnose materialista absorveu os franceses no imediato e o Espiritismo quase se apagou de todo nos campos arroteados por Kardec, Denis, Flamarion, Delanne e tantos outros. A intensa e comovente batalha de Léon Denis, na França e em toda a Europa, nos congressos espíritas e espiritualistas de fins do século XIX e primeiro quarto do nosso século foi contra as infiltrações de doutrinas estranhas, de espiritualismos rebarbativos, no meio espírita. Foi gigantesco o esforço do famoso Druida da Lorena, como Conan Doyle o chamava, para mostrar que o Espiritismo era uma nova concepção do homem e da vida, que não se podia confundir com as escolas espiritualistas ancestrais, carregadas de superstições e

princípios individualmente afirmados ou provindos de tradições longínquas, sem nenhuma base de critério científico. O mesmo acontece hoje entre nós, sob a complacência de instituições representativas da doutrina e o apoio fanático de líderes carismáticos, picegos espirituais e alucinados mentais a dirigir multidões de cegos.

Todas as tentativas de correção dessa situação perigosa se chocam com a frieza irresponsável dos que se dizem responsáveis pelo desenvolvimento doutrinário. E a passividade da massa espírita, anestesiada pelo sonho da salvação pessoal, do valor mágico da tolerância bastarda, da crença ingênua do valor sobrenatural das esmolos pífiás (o óbolo da viúva dado por casais de contas comuns nos bancos) vai minando em silêncio o legado de Kardec. O medo do pecado que sai da boca, da pena ou das teclas — enquanto se come e bebe à farta, semeiam-se migalhas aos pobres e dorme-se na bem-aventurança das longas digressões — faz desaparecer do meio espírita o diálogo do passado recente, substituindo o coro dos debates pelo silêncio místico das bocas de siri. Ninguém fala para não pecar e peca por não falar, por não espantar pelo menos com um grito as aves daninhas e agoureiras que destroem a seara.

A imprensa espírita, que devia ser uma labareda, é um foco de infestação, semeando as mistificações de Roustaing, Ramatis e outras, ou chovendo no molhado com a repetição cansativa de velhos e surrados slogans, enquanto as terras secas se esterilizam abandonadas. O óbolo da viúva não cai nos cofres do Templo, mas nos desvãos do chão rachado pela secura maior dos corações, como lembrou Constancio Vigil.

À margem dessa imprensa paroquial, feita para alimentar a família, os jornais que surgem em condições de mostrar ao grande público a grandeza e o esplendor da Doutrina morrem de inanição, enquanto jornais mistificadores, preparados com os condimentos da imprensa sensacionalista elouvaminheira, ou temperados com bocas de siri (quanto mais fechadas, mais gostosas) são mantidos pela renda de instituições comerciais ou por interesses marginais.

As escolas espíritas marcam passo na estrada comum. Os programas de rádio são sufocados por adulteradores e substituídos por improvisações acomodáticas. A televisão só se abre para sensacionalismos deturpadores. Os recursos financeiros só são empregados na caderneta de poupança da caridade visível, que no invisível rende juros e correções monetárias. As iniciativas editoriais corajosas — como o lançamento de toda a coleção da REVISTA ESPÍRITA — morrem asfixiados pelo encalhe, ante o desinteresse de um público apático. Os hospitais Espíritas transformam-se em organizações comuns, mantidos pelas verbas oficiais de socorro a doentes que podem carreá-las aos seus cofres; a antiga e legítima caridade espírita de anos atrás, sustentada por alguns abnegados que já passaram para o Além, murcha como flor de guanxuma em pastos ressequidos. Restam apenas, nessa paisagem desoladora, alguns pequenos oásis sustentados pelos últimos e pobres abencerrages de uma velha estirpe desaparecida.

É necessário que se diga tudo isso, que se escreva e semeie essa verdade dolorosa, para que toque os corações, na esperança de uma reação que talvez não se verifique, mas que pelo menos se tenta despertar. Na hora decisiva da colheita, as geadas da indiferença e as parasitas do comodismo ameaçam as míni-

mas esperanças de antigos e cansados lavradores. Apesar disso, os que ainda resistem não podem abandonar os seus postos. É necessário lutar, pois o pouco que se possa salvar poderá ser a garantia de melhores dias. O homem, as gerações humanas morrem no tempo, mas o espírito não. O tempo é o campo de batalha em que os vencidos tombam para ressuscitar. Quem poderia deter a evolução do espírito no tempo? A consciência humana amadurece na temporalidade. A esperança espírita não repousa na fragilidade humana, mas nas potencialidades do espírito, que se atualizam no fogo das experiências existenciais. Curta é a vida, longo é o tempo, e a Verdade intemporal aguarda a todos no impassível Limiar do Eterno. O homem é incoerência e paixão, labareda esquiva que se apaga nas cinzas, mas o espírito é a centelha oculta que nunca se apaga e reacenderá a chama quantas vezes for necessário, para que a serenidade, a coerência e o amor o resgatem na duração dos séculos e dos milênios.

Todas as Civilizações da Terra se desenvolveram numa assombrosa sucessão de sombra e luz, para que um dia — o Dia do Senhor, de que falavam os antigos hebreus — a Civilização do Espírito se instale no planeta martirizado pelas tropelias da insensatez humana. Então teremos o Novo Céu e a Nova Terra da profecia milenar. Os que não se tornarem dignos da promessa continuarão a esperar e a amadurecer nas estufas dos mundos inferiores, purgando os resíduos da animalidade. Essa é a lei inviolável da Antropologia Espírita.

*

LIVRO: A GÊNESE
CAPÍTULO XVIII
SINAIS DOS TEMPOS – A GERAÇÃO NOVA

Sinais dos tempos

1. - São chegados os tempos, dizem-nos de todas as partes, marcados por Deus, em que grandes acontecimentos se vão dar para regeneração da Humanidade. Em que sentido se devem entender essas palavras proféticas? Para os incrédulos, nenhuma importância têm; aos seus olhos, nada mais exprimem que uma crença pueril, sem fundamento. Para a maioria dos crentes, elas apresentam qualquer coisa de místico e de sobrenatural, parecendo-lhes prenunciadoras da subversão das leis da Natureza. São igualmente errôneas ambas essas interpretações; a primeira, porque envolve uma negação da Providência; a segunda, porque tais palavras não anunciam a perturbação das leis da Natureza, mas o cumprimento dessas leis.

2. - Tudo na criação é harmonia; tudo revela uma providência que não se desmente, nem nas menores, nem nas maiores coisas. Temos, pois, que afastar, desde logo, toda idéia de capricho, por inconciliável com a sabedoria divina. Em segundo lugar, se a nossa época esta designada para a realização de certas coisas, é que estas têm uma razão de ser na marcha do conjunto.

Isto posto, diremos que o nosso globo, como tudo o que existe, esta submetido à lei do progresso. Ele progride, fisicamente, pela transformação dos elementos que o compõem e, moralmente, pela depuração dos Espíritos encarnados e desencarnados que o povoam. Ambos esses progressos se realizam paralelamente, porquanto o melhoramento da habitação guarda relação com o do habitante. Fisicamente, o globo terráqueo há experimentado transformações que a Ciência tem comprovado e que o tornaram sucessivamente habitável por seres cada vez mais aperfeiçoados. Moralmente, a Humanidade progride pelo desenvolvimento da inteligência, do senso moral e do abrandamento dos costumes. Ao mesmo tempo que o melhoramento do globo se opera sob a ação das forças materiais, os homens para isso concorrem pelos esforços de sua inteligência. Saneiam as regiões insalubres, tornam mais fáceis as comunicações e mais produtiva a terra.

De duas maneiras se executa esse duplo progresso: uma, lenta, gradual e insensível; a outra, caracterizada por mudanças bruscas, a cada uma das quais corresponde um movimento ascensional mais rápido, que assinala, mediante impressões bem acentuadas, os períodos progressivos da Humanidade. Esses movimentos, subordinados, quanto às particularidades, ao livre-arbítrio dos homens, são, de certo modo, fatais em seu conjunto, porque estão sujeitos a leis, como os que se verificam na germinação, no crescimento e na maturidade das plantas. Por isso é que o movimento progressivo se efetua, às vezes, de modo parcial, isto é, limitado a uma raça ou a uma nação, doutras vezes, de modo geral.

O progresso da Humanidade se cumpre, pois, em virtude de uma lei. Ora, como todas as leis da Natureza são obra eterna da sabedoria e da presciência divinas, tudo o que é efeito dessas leis resulta da vontade de Deus, não de uma

vontade acidental e caprichosa, mas de uma vontade imutável. Quando, por conseguinte, a Humanidade está madura para subir um degrau, pode dizer-se que são chegados os tempos marcados por Deus, como se pode dizer também que, em tal estação, eles chegam para a maturação dos frutos e sua colheita.

3. - Do fato de ser inevitável, porque é da natureza o movimento progressivo da Humanidade, não se segue que Deus lhe seja indiferente e que, depois de ter estabelecido leis, se haja recolhido à inação, deixando que as coisas caminhem por si sós. Sem dúvida, suas leis são eternas e imutáveis, mas porque a sua própria vontade é eterna e constante e porque o seu pensamento anima sem interrupção todas as coisas. Esse pensamento, que em tudo penetra, é a força inteligente e permanente que mantém a harmonia em tudo. Cessasse ele um só instante de atuar e o Universo seria como um relógio sem pêndulo regulador. Deus, pois, vela incessantemente pela execução de suas leis e os Espíritos que povoam o espaço são seus ministros, encarregados de atender aos pormenores, dentro de atribuições que correspondem ao grau de adiantamento que tenham alcançado.

4. - O Universo é, ao mesmo tempo, um mecanismo incomensurável, acionado por um número incontável de inteligências, e um imenso governo em o qual cada ser inteligente tem a sua parte de ação sob as vistas do soberano Senhor, cuja vontade única mantém por toda parte a unidade. Sob o império dessa vasta potência reguladora, tudo se move, tudo funciona em perfeita ordem. Onde nos parece haver perturbações, o que há são movimentos parciais e isolados, que se nos afiguram irregulares apenas porque circunscrita é a nossa visão. Se lhes pudéssemos abarcar o conjunto, veríamos que tais irregularidades são apenas aparentes e que se harmonizam com o todo.

5. - A Humanidade tem realizado, até ao presente, incontestáveis progressos. Os homens, com a sua inteligência, chegaram a resultados que jamais haviam alcançado, sob o ponto de vista das ciências, das artes e do bem-estar material. Resta-lhes ainda um imenso progresso a realizar: o de fazerem que entre si reinem a caridade, a fraternidade, a solidariedade, que lhes assegurem o bem-estar moral. Não poderiam consegui-lo nem com as suas crenças, nem com as suas instituições antiquadas, restos de outra idade, boas para certa época, suficientes para um estado transitório, mas que, havendo dado tudo o que comportavam, seriam hoje um entrave. Já não é somente de desenvolver a inteligência o de que os homens necessitam, mas de elevar o sentimento e, para isso, faz-se preciso destruir tudo o que superexcite neles o egoísmo e o orgulho.

Tal o período em que doravante vão entrar e que marcará uma das fases principais da vida da Humanidade. Essa fase, que neste momento se elabora, é o complemento indispensável do estado precedente, como a idade viril o é da juventude. Ela podia, pois, ser prevista e predita de antemão e é por isso que se diz que são chegados os tempos determinados por Deus.

6. - Nestes tempos, porém, não se trata de uma mudança parcial, de uma renovação limitada a certa região, ou a um povo, a uma raça. Trata-se de um movimento universal, a operar-se no sentido do progresso moral. Uma nova ordem de coisas tende a estabelecer-se, e os homens, que mais opostos lhe são, para ela trabalham a seu mau grado. A geração futura, desembaraçada das escórias do velho mundo e formada de elementos mais depurados, se achará possuída de

idéias e de sentimentos muito diversos dos da geração presente, que se vai a passo de gigante. O velho mundo estará morto e apenas viverá na História, como o estão hoje os tempos da Idade Média, com seus costumes bárbaros e suas crenças supersticiosas.

Aliás, todos sabem quanto ainda deixa a desejar a atual ordem de coisas. Depois de se haver, de certo modo, considerado todo o bem-estar material, produto da inteligência, logra-se compreender que o complemento desse bem estar somente pode achar-se no desenvolvimento moral. Quanto mais se avança, tanto mais se sente o que falta, sem que, entretanto, se possa ainda definir claramente o que seja: é isso efeito do trabalho íntimo que se opera em prol da regeneração. Surgem desejos, aspirações, que são como que o pressentimento de um estado melhor.

7. - Mas, uma mudança tão radical como a que se está elaborando não pode realizar-se sem comoções. Há, inevitavelmente, luta de idéias. Desse conflito forçosamente se originarão passageiras perturbações, até que o terreno se ache aplanado e restabelecido o equilíbrio. É, pois, da luta das idéias que surgirão os graves acontecimentos preditos e não de cataclismos ou catástrofes puramente materiais. Os cataclismos gerais foram consequência do estado de formação da Terra. Hoje, não são mais as entranhas do planeta que se agitam: são as da Humanidade.

8. - Se a Terra já não tem que temer os cataclismos gerais, nem por isso deixa de estar sujeita a periódicas revoluções, cujas causas, do ponto de vista científico, se encontram explicadas nas instruções seguintes, promanantes de dois Espíritos eminentes: (Extrato de duas comunicações dadas na Sociedade de Paris e publicadas na **Revue Spirite** de outubro de 1868, pág. 313. São corolários das de Galileu, reproduzidas no capítulo VI, e complementares do capítulo IX, sobre as revoluções do globo).

«Cada corpo celeste, além das leis simples que presidem à divisão dos dias e das noites, das estações, etc., experimenta revoluções que demandam milhares de séculos para sua realização completa, porém que, como as revoluções mais breves, passam por todos os períodos, desde o de nascimento até o de um máximo de efeito, após o qual há decrescimento, até o limite extremo, para recomençar em seguida o percurso das mesmas fases.

«O homem apenas apreende as fases de duração relativamente curta e cuja periodicidade ele pode comprovar. Algumas, no entanto, há que abrangem longas gerações de seres e, até, sucessões de raças, revoluções essas cujos efeitos, consequentemente, se lhe apresentam com caráter de novidade e de espontaneidade, ao passo que, se seu olhar pudesse projetar-se para trás alguns milhares de séculos, veria, entre aqueles mesmos efeitos e suas causas, uma correlação de que nem sequer suspeita. Esses períodos que, pela sua extensão relativa, confundem a imaginação dos humanos, não são, contudo, mais do que instantes na duração eterna.

«Num mesmo sistema planetário, todos os corpos que o constituem reagem uns sobre os outros; todas as influências físicas são nele solidárias e nem um só há, dos efeitos que designais pelo nome de grandes perturbações, que não seja consequência da componente das influências de todo o sistema.

«Vou mais longe: digo que os sistemas planetários reagem uns sobre os outros, na razão da proximidade ou do afastamento resultantes do movimento de translação deles, através das miríades de sistemas que compõem a nossa nebulosa. Ainda vou mais longe: digo que a nossa nebulosa, que é um como arquipélago na imensidade, tendo também seu movimento de translação através das miríades de nebulosas, sofre a influência das de que ela se aproxima.

«De sorte que as nebulosas reagem sobre as nebulosas, os sistemas reagem sobre os sistemas, como os planetas reagem sobre os planetas, como os elementos de cada planeta reagem uns sobre os outros e assim sucessivamente até ao átomo. Daí, em cada mundo, revoluções locais ou gerais, que se não parecem perturbações porque a brevidade da vida não permite se lhes percebam mais do que os efeitos parciais.

«A matéria orgânica não poderia escapar a essas influências; as perturbações que ela sofre podem, pois, alterar o estado físico dos seres vivos e determinar algumas dessas enfermidades que atacam de modo geral as plantas, os animais e os homens, enfermidades que, como todos os flagelos, são, para a inteligência humana, um estimulante que a impele, por força da necessidade, a procurar meios de os combater e a descobrir leis da Natureza.

«Mas a matéria orgânica, a seu turno, reage sobre o Espírito. Este, pelo seu contacto e sua ligação íntima com os elementos materiais, também sofre influências que lhe modificam as disposições, sem, no entanto, privá-lo do livre-arbítrio, que lhe sobreexcitam ou atenuam a atividade e que, pois, contribuem para o seu desenvolvimento. A efervescência que por vezes se manifesta em toda uma população, entre os homens de uma mesma raça, não é coisa fortuita, nem resultado de um capricho; tem sua causa nas leis da Natureza. Essa efervescência, inconsciente a princípio, não passando de vago desejo, de aspiração indefinida por alguma coisa melhor, de certa necessidade de mudança, traduz-se por uma surda agitação, depois por atos que levam às revoluções sociais, que, acreditai-o, também têm sua periodicidade, como as revoluções físicas, pois que tudo se encadeia. Se não tivésseis a visão espiritual limitada pelo véu da matéria, veríeis as correntes fluídicas que, como milhares de fios condutores, ligam as coisas do mundo espiritual às do mundo material.

«Quando se vos diz que a Humanidade chegou a um período de transformação e que a Terra tem que se elevar na hierarquia dos mundos, nada de místico vejais nessas palavras; vede, ao contrário, a execução da uma das grandes leis fatais do Universo, contra as quais se quebra toda a má-vontade humana.

ARAGO. »

9. - Sim, decerto, a Humanidade se transforma, como já se transformou noutras épocas, e cada transformação se assinala por uma crise que é, para o género humano, o que são, para os indivíduos, as crises de crescimento. Aquelas se tornam, muitas vezes, penosas, dolorosas, e arrebatam consigo as gerações e as instituições, mas, são sempre seguidas de uma fase de progresso material e moral.

«A Humanidade terrestre, tendo chegado a um desses períodos de crescimento, está em cheio, há quase um século, no trabalho da sua transformação, pe-

lo que a vemos agitar-se de todos os lados, presa de uma espécie de febre e como que impelida por invisível força. Assim continuará, até que se haja outra vez estabilizado em novas bases. Quem a observar, então, achá-la-á muito mudada em seus costumes, em seu caráter, nas suas leis, em suas crenças, numa palavra: em todo o seu estado social.

«Uma coisa que vos parecerá estranhável, mas que por isso não deixa de ser rigorosa verdade, é que o mundo dos Espíritos, mundo que vos rodeia, experimenta o contrachoque de todas as comoções que abalam o mundo dos encarnados.

Digo mesmo que aquele toma parte ativa nessas comoções. Nada tem isto de surpreendente, para quem sabe que os Espíritos fazem corpo com a Humanidade; que eles saem dela e a ela têm de voltar, sendo, pois, natural se interessem pelos movimentos que se operam entre os homens. Ficai, portanto, certos de que, quando uma revolução social se produz na Terra, abala igualmente o mundo invisível, onde todas as paixões, boas e más, se exacerbam, como entre vós. Indizível efervescência entra a reinar na coletividade dos Espíritos que ainda pertencem ao vosso mundo e que aguardam o momento de a ele volver.

«À agitação dos encarnados e desencarnados se juntam às vezes, e frequentemente mesmo, já que tudo se conjuga em a Natureza, as perturbações dos elementos físicos. Dá-se então, durante algum tempo, verdadeira confusão geral, mas que passa como furacão, após o qual o céu volta a estar sereno, e a Humanidade, reconstituída sobre novas bases, imbuída de novas idéias, começa a percorrer nova etapa de progresso.

«É no período que ora se inicia que o Espiritismo florescerá e dará frutos. Trabalhai, portanto, mais para o futuro, do que para o presente. Era, porém, necessário que esses trabalhos se preparassem antecipadamente, porque eles traçam as sendas da regeneração, pela unificação e racionalidade das crenças. Dito-sos os que deles aproveitam desde já. Tantas penas se pouparão esses, quantos forem os proveitos que deles auferirem.

Doutor BARRY. »

10. - Do que precede resulta que, em consequência do movimento de translação que executam no espaço, os corpos celestes exercem, uns sobre os outros, maior ou menor influência, conforme a proximidade em que se achem entre si e as suas respectivas posições; que essa influência pode acarretar uma perturbação momentânea aos seus elementos constitutivos e modificar as condições de vitalidade dos seus habitantes; que a regularidade dos movimentos determina a volta periódica das mesmas causas e dos mesmos efeitos; que, se demasiado curta é a duração de certos períodos para que os homens os apreciem, outros vêem passar gerações e raças que deles não se apercebem e às quais se afigura normal o estado de coisas que observam. Ao contrário, as gerações contemporâneas da transição lhe sofrem o contrachoque e tudo lhes parece fora das leis ordinárias. Essas gerações vêem uma causa sobrenatural, maravilhosa, miraculosa no que, em realidade, mais não é do que a execução das leis da Natureza.

Se, pelo encadeamento e a solidariedade das causas e dos efeitos, os períodos de renovação moral da Humanidade coincidem, como tudo leva a crer,

com as revoluções físicas do globo, podem os referidos períodos ser acompanhados ou precedidos de fenômenos naturais, insólitos para os que com eles não se acham familiarizados, de meteoros que parecem estranhos, de recrudescência e intensificação desusadas dos flagelos destruidores, que não são nem causa, nem presságios sobrenaturais, mas uma conseqüência do movimento geral que se opera no mundo físico e no mundo moral.

Anunciando a época de renovação que se havia de abrir para a Humanidade e determinar o fim do velho mundo, a Jesus, pois, foi lícito dizer que ela se assinalaria por fenômenos extraordinários, tremores de terra, flagelos diversos, sinais no céu, que mais não são do que meteoros, sem ab-rogação das leis naturais. O vulgo, porém, ignorante, viu nessas palavras a predição de fatos miraculosos. (A terrível epidemia que, de 1866 a 1868, dizimou a população da Ilha Maurícia, teve a precedê-la tão extraordinária e tão abundante chuva de estrelas cadentes, em novembro de 1866, que aterrorizou os habitantes daquela ilha. A partir desse momento, a doença, que reinava desde alguns meses de forma muito benigna, se transformou em verdadeiro flagelo devastador. Aquele fora bem um sinal no céu e talvez nesse sentido é que se deva entender a frase - **estrelas caindo do céu**, de que fala o Evangelho, como sendo um dos sinais dos tempos. (Pormenores sobre a epidemia da ilha Maurícia: **Revue Spirite**, de julho de 1867, pág. 208, e novembro de 1868, pág. 321.)

11. - A previsão dos movimentos progressivos da Humanidade nada apresenta de surpreendente, quando feita por seres desmaterializados, que vêem o fim a que tendem todas as coisas, tendo alguns deles conhecimento direto do pensamento de Deus. Pelos movimentos parciais, esses seres vêem em que época poderá operar-se um movimento geral, do mesmo modo que o homem pode calcular de antemão o tempo que uma árvore levará para dar frutos, do mesmo modo que os astrônomos calculam a época de um fenômeno astronômico, pelo tempo que um astro gasta para efetuar a sua revolução.

12. - A Humanidade é um ser coletivo em quem se operam as mesmas revoluções morais por que passa todo ser individual, com a diferença de que umas se realizam de ano em ano e as outras de século em século. Acompanhe-se a Humanidade em suas evoluções através dos tempos e ver-se-á a vida das diversas raças marcada por períodos que dão a cada época uma fisionomia especial.

13. - De duas maneiras se opera, como já o dissemos, a marcha progressiva da Humanidade: uma, gradual, lenta, imperceptível, se se considerarem as épocas consecutivas, a traduzir-se por sucessivas melhoras nos costumes, nas leis, nos usos, melhoras que só com a continuação se podem perceber, como as mudanças que as correntes d'água ocasionam na superfície do globo; a outra, por movimentos relativamente bruscos, semelhantes aos de uma torrente que, rompendo os diques que a continham, transpõe nalguns anos o espaço que levaria séculos a percorrer. É, então, um cataclismo moral que traga em breves instantes as instituições do passado e ao qual sobrevém uma nova ordem de coisas que pouco a pouco se estabiliza, à medida que se restabelece a calma, e que acaba por se tornar definitiva.

Àquele que viva bastante para abranger com a vista as duas vertentes da nova fase, parecerá que um mundo novo surgiu das ruínas do antigo. O caráter, os costumes, os usos, tudo está mudado. É que, com efeito, surgiram homens novos, ou, melhor, regenerados. As idéias, que a geração que se extinguiu levou

consigo, cederam lugar a idéias novas que desabrocham com a geração que se ergue.

14. - Tornada adulta, a Humanidade tem novas necessidades, aspirações mais vastas e mais elevadas; compreende o vazio com que foi embalada, a insuficiência de suas instituições para lhe dar felicidade; já não encontra, no estado das coisas, as satisfações legítimas a que se sente com direito. Despoja-se, em consequência, das faixas infantis e se lança, impelida por irresistível força, para as margens desconhecidas, em busca de novos horizontes menos limitados.

É a um desses períodos de transformação, ou, se o preferirem, de crescimento moral, que ora chega a Humanidade. Da adolescência chega ao estado viril. O passado já não pode bastar às suas novas aspirações, às suas novas necessidades; ela já não pode ser conduzida pelos mesmos métodos; não mais se deixa levar por ilusões, nem fantasmagorias; sua razão amadurecida reclama alimentos mais substanciosos. É demasiado efêmero o presente; ela sente que mais amplo é o seu destino e que a vida corpórea é excessivamente restrita para encerrá-lo inteiramente. Por isso, mergulha o olhar no passado e no futuro, a fim de descobrir num ou noutro o mistério da sua existência e de adquirir uma consoladora certeza.

E é no momento em que ela se encontra muito apertada na esfera material, em que transbordante se encontra de vida intelectual, em que o sentimento da espiritualidade lhe desabrocha no seio, que homens que se dizem filósofos pretendem encher o vazio com as doutrinas do nadismo e do materialismo! Singular aberração! Esses mesmos homens, que intentam impelir para a frente a Humanidade, se esforçam por circunscrevê-la no acanhado círculo da matéria, donde ela anseia por escapar-se. Velam-lhe o aspecto da vida infinita e lhe dizem, apontando para o túmulo: *Nec plus ultra!* (Não ultrapassar).

15. - Quem quer que haja meditado sobre o Espiritismo e suas consequências e não o circunscreva à produção de alguns fenômenos terá compreendido que ele abre à Humanidade uma estrada nova e lhe desvenda os horizontes do infinito. Iniciando-a nos mistérios do mundo invisível, mostra-lhe o seu verdadeiro papel na criação, papel perpetuamente ativo, tanto no estado espiritual, como no estado corporal. O homem já não caminha às cegas: sabe donde vem, para onde vai e por que está na Terra. O futuro se lhe revela em sua realidade, despojado dos prejuízos da ignorância e da superstição. Já não se trata de uma vaga esperança, mas de uma verdade palpável, tão certa como a sucessão do dia e da noite. Ele sabe que o seu ser não se acha limitado a alguns instantes de uma existência transitória; que a vida espiritual não se interrompe por efeito da morte; que já viveu e tornará a viver e que nada se perde do que haja ganho em perfeição; em suas existências anteriores depara com a razão do que é hoje e reconhece que: do que ele é hoje, qual se fez a si mesmo, poderá deduzir o que virá a ser um dia.

16. - Com a idéia de que a atividade e a cooperação individuais na obra geral da civilização se limitam à vida presente, que, antes, a criatura nada foi e nada será depois, em que interessa ao homem o progresso ulterior da Humanidade? Que lhe importa que no futuro os povos sejam mais bem governados, mais ditosos, mais esclarecidos, melhores uns para com os outros? Não fica per-

dido para ele todo o progresso, pois que deste nenhum proveito tirará? De que lhe serve trabalhar para os que hão de vir depois, se nunca lhe será dado conhecê-los, se os seus pósteros serão criaturas novas, que pouco depois voltarão por sua vez ao nada? Sob o domínio da negação do futuro individual, tudo forçosamente se amesquinha às insignificantes proporções do momento e da personalidade.

Entretanto, que amplitude, ao contrário, dá ao pensamento do homem a certeza da perpetuidade do seu ser espiritual! Que de mais racional, de mais grandioso, de mais digno do Criador do que a lei segundo a qual a vida espiritual e a vida corpórea são apenas dois modos de existência, que se alternam para a realização do progresso! Que de mais justo há e de mais consolador do que a idéia de estarem os mesmos seres a progredir incessantemente, primeiro, através das gerações de um mesmo mundo, de mundo em mundo depois, até à perfeição, sem solução de continuidade! Todas as ações têm, então, uma finalidade, porquanto, trabalhando para todos, cada um trabalha para si e reciprocamente, de sorte que nunca se podem considerar infecundos nem o progresso individual, nem o progresso coletivo. De ambos esses progressos aproveitarão as gerações e as individualidades porvindouras, que outras não virão a ser senão as gerações e as individualidades passadas, em mais alto grau de adiantamento.

17. - A fraternidade será a pedra angular da nova ordem social; mas, não há fraternidade real, sólida, efetiva, senão assente em base inabalável e essa base é a fé, não a fé em tais ou tais dogmas particulares, que mudam com os tempos e os povos e que mutuamente se apedrejam, porquanto, anatematizando-se uns aos outros, alimentam o antagonismo, mas a fé nos princípios fundamentais que toda a gente pode aceitar e aceitará: Deus, a alma, o futuro, o progresso individual indefinito, a perpetuidade das relações entre os seres. Quando todos os homens estiverem convencidos de que Deus é o mesmo para todos; de que esse Deus, soberanamente justo e bom, nada de injusto pode querer; que não dele, porém dos homens vem o mal, todos se considerarão filhos do mesmo Pai e se estenderão as mãos uns aos outros.

Essa a fé que o Espiritismo faculta e que doravante será o eixo em torno do qual girará o gênero humano, quaisquer que sejam os cultos e as crenças particulares.

18. - O progresso intelectual realizado até ao presente, nas mais largas proporções, constitui um grande passo e marca uma primeira fase no avanço geral da Humanidade; impotente, porém, ele é para regenerá-la. Enquanto o orgulho e o egoísmo o dominarem, o homem se servirá da sua inteligência e dos seus conhecimentos para satisfazer às suas paixões e aos seus interesses pessoais, razão por que os aplica em aperfeiçoar os meios de prejudicar os seus semelhantes e de os destruir.

19. - Somente o progresso moral pode assegurar aos homens a felicidade na Terra, restando as paixões más; somente esse progresso pode fazer que entre os homens reinem a concórdia, a paz, a fraternidade.

Será ele que deitará por terra as barreiras que separam os povos, que fará caíam os preconceitos de casta e se calem os antagonismos de seitas, ensinando

os homens a se considerarem irmãos que têm por dever auxiliarem-se mutuamente e não destinados a viver à custa uns dos outros.

Será ainda o progresso moral que, secundado então pelo da inteligência, confundirá os homens numa mesma crença fundada nas verdades eternas, não sujeitas a controvérsias e, em consequência, aceitáveis por todos.

A unidade de crença será o laço mais forte, o fundamento mais sólido da fraternidade universal, obstada, desde todos os tempos pelos antagonismos religiosos que dividem os povos e as famílias, que fazem sejam uns, os dissidentes, vistos, pelos outros, como inimigos a serem evitados, combatidos, exterminados, em vez de irmãos a serem amados.

20. - Semelhante estado de coisas pressupõe uma mudança radical no sentimento das massas, um progresso geral que não se podia realizar senão fora do círculo das idéias acanhadas e corriqueiras que fomentam o egoísmo. Em diversas épocas, homens de escol procuraram impelir a Humanidade por esse caminho; mas, ainda muito jovem, ela se conservou surda e os ensinamentos que eles ministraram foram como a boa semente caída no pedregulho.

Hoje, a Humanidade está madura para lançar o olhar a alturas que nunca tentou divisar, a fim de nutrir-se de idéias mais amplas e compreender o que antes não compreendia.

A geração que desaparece levará consigo seus erros e prejuízos; a geração que surge, retemperada em fonte mais pura, imbuída de idéias mais sãs, imprimirá ao mundo ascensional movimento, no sentido do progresso moral que assinalará a nova fase da evolução humana.

21. - Essa fase já se revela por sinais inequívocos, por tentativas de reformas úteis e que começam a encontrar eco. Assim é que vemos fundar-se uma imensidade de instituições protetoras, civilizadoras e emancipadoras, sob o influxo e por iniciativa de homens evidentemente predestinados à obra da regeneração; que as leis penais se vão apresentando dia a dia impregnadas de sentimentos mais humanos. Enfraquecem-se os preconceitos de raça, os povos entram a considerar-se membros de uma grande família; pela uniformidade e facilidade dos meios de realizarem suas transações, eles suprimem as barreiras que os separavam e de todos os pontos do mundo reúnem-se em comícios universais, para os torneios pacíficos da inteligência.

Falta, porém, a essas reformas uma base que permita se desenvolvam, completem e consolidem; falta uma predisposição moral mais generalizada, para fazer que elas frutifiquem e que as massas as acolham. Ainda aí há um sinal característico da época, porque há o prelúdio do que se efetuará em mais larga escala, à proporção que o terreno se for tornando mais favorável.

22. - Outro sinal não menos característico do período em que entramos encontra-se na reação que se opera no sentido das idéias espiritualistas; na repulsão instintiva que se manifesta contra as idéias materialistas. O espírito de incredulidade, que se apoderara das massas, ignorantes ou esclarecidas, e as levava a rejeitar com a forma a substância mesma de toda crença, parece ter sido um sono, a cujo despertar se sente a necessidade de respirar um ar mais vivificante.

Involuntariamente, lá onde o vácuo se fizera, procura-se alguma coisa, um ponto de apoio.

23. - Se supusermos possuída desses sentimentos a maioria dos homens, poderemos facilmente imaginar as modificações que daí decorrerão para as relações sociais; todos terão por divisa: caridade, fraternidade, benevolência para com todos, tolerância para todas as crenças. É a meta para que tende evidentemente a Humanidade; esse o objeto de suas aspirações, de seus desejos, sem que, entretanto, ela perceba claramente por que meio as há de realizar. Ensaia, tateia, mas é detida por muitas resistências ativas, ou pela força de inércia dos preconceitos, das crenças estacionárias e refratárias ao progresso. Faz-se-lhe mister vencer tais resistências e essa será a obra da nova geração. Quem acompanhar o curso atual das coisas reconhecerá que tudo parece predestinado a lhe abrir caminho. Ela terá por si a dupla força do número e das idéias e, de acréscimo, a experiência do passado.

24. - A nova geração marchará, pois, para a realização de todas as idéias humanitárias compatíveis com o grau de adiantamento a que houver chegado. Avançando para o mesmo alvo e realizando seus objetivos, o Espiritismo se encontrará com ela no mesmo terreno. Aos homens progressistas se deparará nas idéias espíritas poderosa alavanca e o Espiritismo achará, nos novos homens, espíritos inteiramente dispostos a acolhê-lo. Dado esse estado de coisas, que poderão fazer os que entendam de opor-se-lhe?

25. - O Espiritismo não cria a renovação social; a maturidade da Humanidade é que fará dessa renovação uma necessidade. Pelo seu poder moralizador, por suas tendências progressistas, pela amplitude de suas vistas, pela generalidade das questões que abrange, o Espiritismo é mais apto, do que qualquer outra doutrina, a secundar o movimento de regeneração; por isso, é ele contemporâneo desse movimento. Surgiu na hora em que podia ser de utilidade, visto que também para ele os tempos são chegados. Se viera mais cedo, teria esbarrado em obstáculos insuperáveis; houvera inevitavelmente sucumbido, porque, satisfeitos com o que tinham, os homens ainda não sentiriam falta do que ele lhes traz. Hoje, nascido com as idéias que fermentam, encontra preparado o terreno para recebê-lo. Os espíritos cansados da dúvida e da incerteza, horrorizados com o abismo que se lhes abre à frente, o acolhem como âncora de salvação e consolação suprema.

26. - Grande, por certo, é ainda o número dos retardatários; mas, que podem eles contra a onda que se alteia, senão atirar-lhe algumas pedras? Essa onda é a geração que surge, ao passo que eles se somem com a geração que vai desaparecendo todos os dias a passos largos. Até lá, porém, eles defenderão palmo a palmo o terreno. Haverá, portanto, uma luta inevitável, mas luta desigual, porque é a do passado decrépito, a cair em frangalhos, contra o futuro juvenil. Será a luta da estagnação contra o progresso, da criatura contra a vontade do Criador, uma vez que chegados são os tempos por ele determinados.

A geração nova

27. - Para que na Terra sejam felizes os homens, preciso é que somente a povoem Espíritos bons, encarnados e desencarnados, que somente ao bem se dediquem. Havendo chegado o tempo, grande emigração se verifica dos que a

habitam: a dos que praticam o mal pelo mal, ainda não tocados pelo sentimento do bem, os quais, já não sendo dignos do planeta transformado, serão excluídos, porque, senão, lhe ocasionariam de novo perturbação e confusão e constituiriam obstáculo ao progresso. Irão expiar o endurecimento de seus corações, uns em mundos inferiores, outros em raças terrestres ainda atrasadas, equivalentes a mundos daquela ordem, aos quais levarão os conhecimentos que hajam adquirido, tendo por missão fazê-las avançar. Substituí-los-ão Espíritos melhores, que farão reinem em seu seio a justiça, a paz e a fraternidade.

A Terra, no dizer dos Espíritos, não terá de transformar-se por meio de um cataclismo que aniquile de súbito uma geração. A atual desaparecerá gradualmente e a nova lhe sucederá do mesmo modo, sem que haja mudança alguma na ordem natural das coisas.

Tudo, pois, se processará exteriormente, como sói acontecer, com a única, mas capital diferença de que uma parte dos Espíritos que encarnavam na Terra aí não mais tornarão a encarnar. Em cada criança que nascer, em vez de um Espírito atrasado e inclinado ao mal, que antes nela encarnaria, virá um Espírito mais adiantado e propenso ao bem.

Muito menos, pois, se trata de uma nova geração corpórea, do que de uma nova geração de Espíritos. Sem dúvida, neste sentido é que Jesus entendia as coisas, quando declarava: «Digo-vos, em verdade, que esta geração não passará sem que estes fatos tenham ocorrido.» Assim decepcionados ficarão os que contem ver a transformação operar-se por efeitos sobrenaturais e maravilhosos.

28. - A época atual é de transição; confundem-se os elementos das duas gerações. Colocados no ponto intermédio, assistimos à partida de uma e à chegada da outra, já se assinalando cada uma, no mundo, pelos caracteres que lhes são peculiares.

Têm idéias e pontos de vista opostos as duas gerações que se sucedem. Pela natureza das disposições morais, porém sobretudo das disposições intuitivas e inatas, torna-se fácil distinguir a qual das duas pertence cada indivíduo.

Cabendo-lhe fundar a era do progresso moral, a nova geração se distingue por inteligência e razão geralmente precoces, juntas ao sentimento inato do bem e a crenças espiritualistas, o que constitui sinal indubitável de certo grau de adiantamento anterior. Não se comporá exclusivamente de Espíritos eminentemente superiores, mas dos que, já tendo progredido, se acham predispostos a assimilar todas as idéias progressistas e aptos a secundar o movimento de regeneração.

O que, ao contrário, distingue os Espíritos atrasados é, em primeiro lugar, a revolta contra Deus, pelo se negarem a reconhecer qualquer poder superior aos poderes humanos; a propensão instintiva para as paixões degradantes, para os sentimentos antifraternos de egoísmo, de orgulho, de inveja, de ciúme; enfim, o apego a tudo o que é material: a sensualidade, a cupidez, a avareza.

Desses vícios é que a Terra tem de ser expurgada pelo afastamento dos que se obstinam em não emendar-se; porque são incompatíveis com o reinado da fraternidade e porque o contacto com eles constituirá sempre um sofrimento para os homens de bem. Quando a Terra se achar livre deles, os homens caminharão sem óbices para o futuro melhor que lhes está reservado, mesmo neste

mundo, por prêmio de seus esforços e de sua perseverança, enquanto esperem que uma depuração mais completa lhes abra o acesso aos mundos superiores.

29. - Não se deve entender que por meio dessa emigração de Espíritos sejam expulsos da Terra e relegados para mundos inferiores todos os Espíritos retardatários. Muitos, ao contrário, aí voltarão, porquanto muitos há que o são porque cederam ao arrastamento das circunstâncias e do exemplo. Nesses, a causa é pior do que o cerne. Uma vez subtraídos à influência da matéria e dos prejuízos do mundo corporal, eles, em sua maioria, verão as coisas de maneira inteiramente diversa daquela por que as viam quando em vida, conforme os múltiplos casos que conhecemos. Para isso, têm a auxiliá-los Espíritos benévolos que por eles se interessam e se dão pressa em esclarecê-los e em lhes mostrar quão falso era o caminho que seguiam. Nós mesmos, pelas nossas preces e exortações, podemos concorrer para que eles se melhorem, visto que entre mortos e vivos há perpétua solidariedade.

É muito simples o modo por que se opera a transformação, sendo, como se vê, todo ele de ordem moral, sem se afastar em nada das leis da Natureza.

30. - Sejam os que componham a nova geração Espíritos melhores, ou Espíritos antigos que se melhoraram, o resultado é o mesmo. Desde que trazem disposições melhores, há sempre uma renovação. Assim, segundo suas disposições naturais, os Espíritos encarnados formam duas categorias: de um lado, os retardatários, que partem; de outro, os progressistas, que chegam. O estado dos costumes e da sociedade estará, portanto, no seio de um povo, de uma raça, ou do mundo inteiro, em relação com aquela das duas categorias que preponderar.

31. - Uma comparação vulgar ainda melhor dará a compreender o que se passa nessa circunstância. Figuremos um regimento composto na sua maioria de homens turbulentos e indisciplinados, os quais ocasionarão nele constantes desordens que a lei penal terá por vezes dificuldades em reprimir. Esses homens são os mais fortes, porque mais numerosos do que os outros. Eles se amparam, animam e estimulam pelo exemplo. Os poucos bons nenhuma influência exercem; seus conselhos são desprezados; sofrem com a companhia dos outros, que os achincalham e maltratam. Não é essa uma imagem da sociedade atual?

Suponhamos que esses homens são retirados um a um, dez a dez, cem a cem, do regimento e substituídos gradativamente por iguais números de bons soldados, mesmo por alguns dos que, já tendo sido expulsos, se corrigiram. Ao cabo de algum tempo, existirá o mesmo regimento, mas transformado. A boa ordem terá sucedido à desordem.

32. - As grandes partidas coletivas, entretanto, não têm por único fim ativar as saídas; têm igualmente o de transformar mais rapidamente o espírito da massa, livrando-a das más influências e o de dar maior ascendente às idéias novas.

Por estarem muitos, apesar de suas imperfeições, maduros para a transformação, é que muitos partem, a fim de apenas se retemperarem em fonte mais pura. Enquanto se conservassem no mesmo meio e sob as mesmas influências, persistiriam nas suas opiniões e nas suas maneiras de apreciar as coisas. Uma estada no mundo dos Espíritos bastará para lhes descerrar os olhos, por isso que aí

vêm o que não podiam ver na Terra. O incrédulo, o fanático, o absolutista, poderão, conseguintemente, voltar com idéias inatas de fé, tolerância e liberdade. Ao regressarem, acharão mudadas as coisas e experimentarão a influência do novo meio em que houverem nascido. Longe de se oporem às novas idéias, constituir-se-ão seus auxiliares.

33. - A regeneração da Humanidade, portanto, não exige absolutamente a renovação integral dos Espíritos: basta uma modificação em suas disposições morais. Essa modificação se opera em todos quantos lhe estão predispostos, desde que sejam subtraídos à influência perniciosa do mundo. Assim, nem sempre os que voltam são outros Espíritos; são com freqüência os mesmos Espíritos, mas pensando e sentindo de outra maneira.

Quando insulado e individual, esse melhoramento passa despercebido e nenhuma influência ostensiva alcança sobre o mundo. Muito outro é o efeito, quando a melhora se produz simultaneamente sobre grandes massas, porque, então, conforme as proporções que assuma, numa geração, pode modificar profundamente as idéias de um povo ou de uma raça.

É o que quase sempre se nota depois dos grandes choques que dizimam as populações. Os flagelos destruidores apenas destroem corpos, não atingem o Espírito; ativam o movimento de vaivém entre o mundo corporal e o mundo espiritual e, por conseguinte, o movimento progressivo dos Espíritos encarnados e desencarnados. É de notar-se que em todas as épocas da História, às grandes crises sociais se seguiu uma era de progresso.

34. - Opera-se presentemente um desses movimentos gerais, destinados a realizar uma remodelação da Humanidade. A multiplicidade das causas de destruição constitui sinal característico dos tempos, visto que elas apressarão a eclosão dos novos germens. São as folhas que caem no outono e às quais sucedem outras folhas cheias de vida, porquanto a Humanidade tem suas estações, como os indivíduos têm suas várias idades. As folhas mortas da Humanidade caem batidas pelas rajadas e pelos golpes de vento, porém, para renascerem mais vivazes sob o mesmo sopro de vida, que não se extingue, mas se purifica.

35. - Para o materialista, os flagelos destruidores são calamidades carentes de compensação, sem resultados aproveitáveis, pois que, na opinião deles, os aludidos flagelos aniquilam os seres para sempre. Para aquele, porém, que sabe que a morte unicamente destrói o envoltório, tais flagelos não acarretam as mesmas conseqüências e não lhe causam o mínimo pavor; ele lhes compreende o objetivo e não ignora que os homens não perdem mais por morrerem juntos, do que por morrerem isolados, dado que, duma forma ou doutra, a isso hão de todos sempre chegar.

Os incrédulos rirão destas coisas e as qualificarão de quiméricas; mas, digam o que disserem, não fugirão à lei comum; cairão a seu turno, como os outros, e, então, que lhes acontecerá? Eles dizem: Nada! Viverão, no entanto, a despeito de si próprios e se verão, um dia, forçados a abrir os olhos.

LIVRO: AGONIA DAS RELIGIÕES

J. HERCULANO PIRES

TEMPOS DE AGONIA

(A Teoria do Conhecimento implica as áreas culturais da Ciência, da Filosofia e da Religião. Mas a partir do Renascimento a Religião se desligou desse contexto. Desenvolveu-se a cultura leiga e as religiões se encastelaram no conceito de sua origem divina, decorrente do dogma da Revelação. A Cultura dividiu-se em duas áreas conflitivas: a religiosa e a profana.

Descarte proclamou, no Discurso do Método, a existência de dois tipos humanos (homo sapiens): o dos homens mais do que homens, que recebiam a sabedoria do próprio Deus, e o dos homens simplesmente homens, que buscavam o conhecimento através da razão e da pesquisa. Kant sancionou, em sua Crítica da Razão, essa distinção que realmente se fazia necessária. Quais foram as conseqüências desse episódio cultural na crise religiosa contemporânea? E qual a solução possível para essa crise? Qual a situação atual das religiões?

O início da Era Cósmica já produziu profundos abalos e modificações nos dois campos. Haverá uma possibilidade de reunificar-se a cultura geral da nossa civilização? Qual a razão das súbitas modificações nas religiões tradicionais e em suas próprias teologias? O que significam as tentativas de elaboração de um Cristianismo Ateu?)

INTRODUÇÃO - TEMPOS DE AGONIA

O desenvolvimento da humanidade tem sido marcado por fases de agonia e de morte, seguidas de fases mais duradouras de ressurreição e reconstrução. As forças que determinam essa espantosa sucessão encontram-se na própria criatura humana. Seria inútil buscarmos uma explicação celeste, fundada nos pressupostos da Ira de Deus ou da Justiça Divina, como seria inútil procurarmos enquadrá-la nas brilhantes teorias relativas à influência dos ritmos telúricos. A própria doutrina aristotélica da geração e corrupção não poderia dar-nos os elementos concretos do fenômeno. Segundo Toynbee, as civilizações se desenvolvem nas linhas conceptuais de uma religião fundamental e entram em agonia quando se esvai o poder vital dessas religiões. A relação sociedade-religião parece perfeitamente válida, mas não nos oferece o segredo dessa estranha mecânica da agonia.

Os processos sócio-culturais de cada civilização têm a sua fonte no homem, pois a sociedade se apresenta objetivamente como um conglomerado humano. Parece evidente que o ritmo agônico deve estar ligado às entranhas e ao psiquismo do homem. Como estamos vivendo, agora, precisamente numa das curvas agudas desse ritmo - talvez a mais aguda por que já passou a humanidade - o momento é propício para examinarmos o fenômeno ao vivo, tocando com os dedos os seus elementos determinantes. A agonia atual das religiões é geralmente considerada como resultante da situação crítica da sociedade em seu acelerado desenvolvimento tecnológico. O mundo do supérfluo, em contradição com o mundo da escassez, na estrutura social em que vivemos, levaria a civilização atual a um beco sem saída. As religiões agonizam porque o edonismo social e o correspondente pedantismo cultural esvaziaram igualmente as arcas de tesouros metálicos dos ricos, os baús de crenças e credices dos pobres, as esperanças de sucesso das camadas medianas da sociedade, as fontes de riqueza do planeta e até mesmo o balaio de sonhos da Lua e as esperanças de um céu convertido em frios desertos siderais em que rolam mundos áridos e despovoados.

Inverte-se a tese de Toynbee. As religiões seriam produzidas e mantidas pelas civilizações, como o mel pelas comunidades das abelhas. Deus, filho do homem, está morto, segundo constatam os teólogos mais avançados. E enquanto os religiosos voltam a matar-se reciprocamente em nome do deus morto, as grandes potências da civilização sem perspectivas preparam os funerais atômicos da Terra. A opressão estatal esmaga o homem nas áreas capitalistas e socialistas. O Leviatã de Hobbes ameaça o mar, a terra e o céu. Como deciframos o enigma destes tempos apocalípticos, quando o próprio ato de pensar parece estar sujeito a controles telepáticos? Os defensores da liberdade transformam-se em terroristas e seqüestradores ou em líricos distribuidores de flores murchas, embalsamadas nas palavras mortas de paz e amor. A inocência das crianças desaparece na voragem da criminalidade infantil. E os velhos alquebrados, de olhos vazios, não encontram mais nos templos os signos da fé que os embalou na infância, na adolescência, na mocidade e na maturidade. Os padres sem batinas e as freiras sem hábitos, os monges sem escapulários e os santos cassados em sua santidade já não podem consolar os crentes.

O que acontece para que tudo se subverta dessa maneira total e violenta? Foi a morte de Deus que esvaziou o mundo ou foi o vazio do mundo que matou Deus?

As estruturas sociais são coercitivas. Do clã à tribo e à horda, e desta à civilização, a lei do aglomerado humano é uma só, mas se desenvolve num ritmo de pressão crescente. A coerção aumenta na razão direta da estruturação. Da cabana do pagé à sacristia a religião segue esse mesmo ritmo. A massificação do homem na sociedade moderna fez o caminho de retorno sobre as conquistas do individualismo ateniense. Esparta suprimiu Atenas. O sonho frustrado da República de Platão já renunciava o Leviatã de Hobbes. O desenvolvimento tecnológico aumentou a pressão social sobre o homem, como o desenvolvimento da institucionalização religiosa gerou o totalitarismo eclesiástico das grandes civilizações orientais, leviatãs teocráticas, e forjou a engrenagem férrea do milênio medieval. Os sonhos da Renascença, um instante para respirar, apagaram-se impotentes nas garras de aço da tecnologia contemporânea. A torquês social da moral e da religião esmagou as gerações em nome da utopia conjugada de liberdade e civilização.

O desespero existencial de Kierkegaard e a náusea de Sartre foram os frutos amargos da escamoteação da natureza humana pela hipocrisia farisaica dos formalismos sociais e religiosos. O homem formalizado perdeu a naturalidade e só teve uma saída para a sua angústia existencial: matar Deus e rebelar-se contra a sociedade. O fato não é novo. Repetiu-se na História, com os episódios de repressão violenta dos rebelados nas civilizações teocráticas e massivas do Egito faraônico, da Mesopotâmia, de Israel com suas leis de pureza, da Idade Média e da Era Vitoriana na Inglaterra. Os libertinos medievais, a prostituição romana, o nudismo de comunidades religiosas que buscavam o estado de graça do paraíso perdido, o deslumbramento da Europa do Século XVI ante a suposta liberdade absoluta dos selvagens da América são antecedentes da era pornográfica que assinala a libertinagem do nosso tempo.

Bastam esses fatos para podermos tocar com os dedos a fímbria da verdade. Em *Os Demônios de Loudun*, Aldous Huxley oferece-nos um quadro portentoso das medidas eclesiásticas e das providências estatais, na Europa dos séculos XVI e XVII, com repercussões no Século XVIII, para aliviar a pressão moral e religiosa no caldeirão social. Informa Huxley: "Os prelados franceses e alemães estavam acostumados a receber o *cullagium* de todos os padres e informavam àqueles que não tinham concubinas que poderiam tê-las, se quisessem, mas que deveriam pagar para isso uma licença, e mais, que essa licença deveria ser paga mesmo pelos que não as tivessem." O celibato forçado explodia de tal maneira que era conveniente regulamentá-lo, a fim de salvar-se pelo menos a aparência de santidade dos clérigos. Numa das notas de seu dicionário, Bayle conta como o Senado de Veneza tolerava os escândalos do clero para desprestigiá-lo na opinião pública, em favor das conveniências do Estado.

A deformação da criatura humana pelas exigências antinaturais das religiões dá-nos a chave do processo cíclico da morte das civilizações. Isso não quer dizer que tenhamos de aceitar as teorias atuais de uma psicologia libertina, mas que devemos compreender o erro e o perigo das repressões extremas em nome da moral e das religiões. Podemos compreender claramente que esse extremismo equivale à medicação de disfarce, que esconde o mal permitindo o seu desenvolvimento secreto no organismo social. A Inglaterra da moral vitoriana está hoje a braços com a explosão de situações incontroláveis. O seu Parlamento majestoso é levado à adoção de leis e medidas deletérias, como as referentes aos problemas da homossexualidade juvenil.

O ministério dos ciclos agônicos é facilmente decifrado quando levantamos a máscara de hipocrisia das sociedades antinaturais. O mesmo se dá no tocante às religiões repressivas, que acabam vencidas pela rebelião dos instintos naturais, agonizando no descrédito ou sendo substituídas por outras. Acusa-se o Cristianismo de ser o responsável pela universalização da hipocrisia, mas os próprios evangelhos atestam a atitude racional do Cristo em face dos que pretendiam lapidar a mulher adúltera. No caso de Zaqueu, o Cristo aceita a sua hospitalidade quando ele promete devolver aos pobres o fruto impuro dos seus roubos. Madalena arrependida tornou-se a seguidora dedicada e a escolhida para ser a primeira a vê-lo depois da ressurreição. Não há dúvida que os excessos repressivos do Cristianismo não foram determinados pelo Cristo mas pelos seus apóstolos judeus, contaminados pela hipocrisia farisaica e de outras seitas judaicas. O Apóstolo Paulo, o que melhor compreendeu a posição do Cristo em tantos aspectos, não conseguiu escapar aos prejuízos do judaísmo, de sua formação judaica, quando se referia aos processos de repressão, tornando-os ainda mais agudos na religião nascente.

Explica-se a atitude paulina ante os abusos e excessos das religiões pagãs, mitológicas, em que as práticas fálicas, os rituais dionisíacos, toda a herança da velha Suméria, da Mesopotâmia, da libertinagem da Grécia e de Roma contaminavam as ingênuas comunidades cristãs, ameaçando com os seus excessos os princípios espirituais da religião nascente. Paulo, extremamente zeloso, apegava-se aos resíduos da sua formação farisaica, agindo com violência para impedir que os cristãos retornassem às práticas da irresponsabilidade moral. Mas há enorme distância entre as medidas enérgicas de Paulo, que não usava a máscara

da hipocrisia, e as medidas repressivas que mais tarde judaizaram as religiões cristãs. Ele, que combateu sem cessar os apóstolos judaizantes, incidiu no mesmo erro que tanto condenara, mas justificado pelas circunstâncias de uma época de ignorância e de costumes geralmente condenáveis.

O ponto crucial do problema religioso chama-se hipocrisia. E a hipocrisia resulta das atitudes egoístas, da falta de compreensão do verdadeiro sentido da Religião, que é caminho e não ponto de chegada da espiritualização do homem. Os religiosos que pretendem atingir a santidade do dia para a noite, que se revestem de pureza exterior, encobrindo a podridão interior, são os hipócritas condenados veementemente no Evangelho. A solução desse grave problema, que responde pela morte cíclica das civilizações, está na compreensão da verdadeira natureza do homem, do processo natural do seu desenvolvimento espiritual. Os artifícios purificadores só servem para mascarar os indivíduos pretensiosos. As práticas ascéticas não podem ser forçadas. As paixões e os instintos do homem são manifestações de forças vitais que, sob o controle da razão e do sentimento, podem e devem guiar o espírito nos rumos da transcendência.

Repetimos agora os ciclos agônicos do Oriente, da Grécia e Roma, de Israel, da Europa Medieval. A explosão pornográfica sobrepõe-se aos instintos vitais e aos controles sociais. E a agonia das religiões anuncia a morte da civilização tecnológica. Não obstante, há uma esperança para a brilhante civilização condenada. As forças do espírito reagem contra a derrocada moral. Como na queda de Bizâncio, enquanto os clérigos cantam e pregam em meio à derrocada há vigias de uma nova era espreitando o futuro nas almenaras. É o que procuro demonstrar neste livro, num rápido confronto das estruturas envelhecidas com as novas estruturas que nascem da própria terra, sob os nossos pés. Poluída, envenenada, devastada, ameaçada, a Terra dos Homens, nossa mãe, convida-nos a subir com Saint-Exupéry para novas dimensões de uma realidade em que estamos perdidos.

CAPITULO I - AGONIA DAS RELIGIÕES

As Religiões estão morrendo. Este é um dos fatos marcantes do nosso tempo, mais precisamente do Século XX. O poder das Religiões não é mais religioso, mas simplesmente econômico, político e social. As igrejas se esvaziam, os seminários se fecham, a vocação sacerdotal desaparece, o clero de todas elas recorre no mundo inteiro aos mais variados expedientes para manter seus rebanhos, fazendo-lhes concessões perigosas. Mas todos os expedientes mostram-se incapazes de restabelecer o prestígio e o poder religiosos, servindo apenas de remendos de pano novo em roupa velha, segundo a expressão evangélica. Começam então a aparecer os sucedâneos, milhares de seitas forjadas por videntes e profetas da última hora, na maioria leigos que se apresentam como missionários, taumaturgos populares, místicos improvisados e de olhos mais voltados para os bens terrenos do que para os tesouros do Reino dos Céus.

Esses bastardos do espírito, que pululam por toda parte, caracterizam o fenômeno sócio-cultural da morte das Religiões. O fato é bem conhecido dos que estudam a Sociologia da Cultura. Quando um sistema institucional esvaziava-se no tempo, tragado na voragem das mudanças culturais, os aproveitadores invadem os domínios abandonados e socorrem a seu modo os órfãos em desespero.

ro. As grandes revoluções políticas e sociais mostram-nos como os tiranetes do populacho assumem as funções dos nobres decaídos, substituindo a autoridade tradicional pelo mandonismo dos clãs ressuscitados. Podemos aplicar ao caso uma paródia da explicação metafísica do *horror ao vácuo*, dizendo que as sociedades têm *horror ao caos* e preenchem a falta de autoridade legítima (ou pelo menos legitimada) pelo autoritarismo dos sátrapas.

Esse evidente sintoma de agonia das instituições tradicionais está presente em toda a área religiosa do nosso tempo. É o carisma das fases de mudança. Não há dúvida, portanto, de que as Religiões agonizam. E o responsável por esse fato alarmante, como sempre, é a própria vítima, que pela imprevisão, pelo abuso do poder, pelo apego às comodidades institucionais, deixou-se levar na ilusão de sua indestrutibilidade. As próprias Religiões cavaram a sua ruína no desenrolar do processo histórico. Acomodadas em sua superioridade, confiantes no privilégio de sua origem e natureza sobrenaturais, recusaram-se a integrar-se na cultura natural, marginalizando-se a si mesmas. A evolução cultural alargou progressivamente o fosso entre a Cultura e a Religião, tornando irreversível a situação das instituições religiosas. Assim, dialeticamente, o conceito arbitrário do *sobrenatural*, que era o fundamento de sua segurança, tornou-se o motivo de sua decadência.

No Ocidente, os primeiros sinais da crise religiosa contemporânea surgiram em plena Idade Média, com o episódio trágico-romântico de Abelardo, prenunciando a Idade da Razão. Essa nova fase, que se iniciou com o Renascimento, traria a revolução cartesiana, Rousseau, Chaumette e o Culto da Razão na Revolução, e posteriormente Augusto Comte e a Religião da Humanidade. No ano da morte de Augusto Comte, em 1857, Denizard Rivail iniciaria na França o movimento da Fé Racional. Assim, a França, que centralizava o processo cultural no Mundo Moderno, apresenta uma seqüência de tentativas para a integração da Religião no sistema cultural em desenvolvimento, sempre rejeitadas pela soberania eclesiástica apoiada no conceito do sobrenatural. Paralelamente aos movimentos renascentistas da França, desencadeou-se na Alemanha, no Século XVI, o movimento da Reforma, iniciado por Lutero.

No Oriente a reação às religiões tradicionais foi mais lenta e tardia, menos precisa e definida, com menores conseqüências, que só se acentuaram no Século XIX. Nem por isso deixou de produzir efeitos que se intensificaram no decorrer desse século até o presente sob influências ocidentais. Na Rússia, sob a inspiração francesa de Rousseau, Tolstoi promoveu a revolução religiosa do Século XIX, na linha luterana de volta ao Cristianismo Primitivo, fazendo uma nova tradução dos Evangelhos em sentido místico-racional. Todos esses movimentos revelam a insatisfação cultural no tocante à soberania das Religiões, fundada no conceito do sobrenatural, que as mantinham desligadas do processo cultural. Ainda no Século XIX a obra de Renan, na França, assinalava a tendência do espírito francês, no plano da História do Cristianismo, no sentido de estabelecer a verdade sobre os primórdios da Religião dominante e retirá-la do campo suspeito do sobrenatural.

Temos, nesse esboço de um vasto panorama histórico, a visão objetiva dos processos que vinham preparando, desde os fins do milênio medieval, a derro-

cada das Religiões. Em nosso século, o desenvolvimento acelerado das Ciências, a laicização do Estado e da Educação, a desagregação da família, a expansão cultural e a rápida modificação dos costumes e do sistema de vida pelo impacto da Tecnologia - abrangendo praticamente todo o mundo - fortaleceram a concepção pragmática e materialista, dando o golpe de misericórdia no sobrenatural e nos sistemas religiosos que nele se apóiam. A etiologia da decadência das Religiões torna-se palpável. Seria simples tolice querer negá-la.

Não obstante o sentimento religioso do homem não foi aniquilado. Pelo contrário, ele subsiste e vem sendo considerado, particularmente nos países da área dominada pelo Marxismo, como um resíduo do passado que terá de desaparecer totalmente com o avanço irresistível da cultura. A própria URSS, que se desmandou em campanhas violentas contra a Religião, viu-se obrigada a fazer concessões significativas ao chamado *ópio do povo*. Nos Estados Unidos o Pragmatismo de William James e o Instrumentalismo de John Dewey temperaram a situação permitindo uma espécie de trégua na qual, segundo Rhine, as concepções antípodas do homem - a religiosa e a científica - podem encontrar-se ao pé do leito de um moribundo sem estardalhaço. Mas as atrocidades da II Guerra Mundial geraram na Alemanha um movimento de reforma radical das Teologias tradicionais, que se projetou nos Estados Unidos e vem penetrando sutilmente em toda a América, através de traduções de livros dos novos teólogos, que anunciam a morte de Deus e pregam a novidade do Cristianismo Ateu.

Os teólogos mais uma vez se enganam. A teoria da Morte de Deus, que eles procuram inutilmente explicar como um acontecimento atual, do nosso tempo, nunca se verificou nem pode verificar-se. Deus não é um ser nem é mortal, porque é o Ser Absoluto, o Bem, segundo Platão, a Idéia Suprema de que derivam todas as idéias e portanto todas as coisas e todos os seres. Os teólogos da chamada Teologia Radical da Morte de Deus, e seus companheiros de outros ramos teológicos subseqüentes, sofrem de um processo de alucinação por transferência. Quem está morrendo não é Deus, são eles mesmos e suas Teologias, eles e as Religiões formalistas e dogmáticas.

A concepção nova de Deus, que nasce dos escombros da concepção antropomórfica do passado, é a de uma Inteligência Cósmica que preside a toda a realidade possível. Os cosmonautas soviéticos, depois de umas voltas ao redor do grão de areia da Terra, declaram eufóricos que Deus não existe, pois não tiveram o prazer de encontrá-lo nos microscópicos subúrbios do nosso planeta. Fizeram como o estudante de Eça de Queiroz, em *A Cidade*, que, para provar a inexistência de Deus, tirou o seu relógio-patacão do bolso do colete, diante de colegas, e deu o prazo de alguns minutos para que Deus o fulminasse. Como não foi fulminado, declarou que estava provada a inexistência de Deus e guardou o patacão no bolso. Essas piadas servem apenas para mostrar-nos o estado de ignorância em que ainda nos encontramos. E para provar, isso sim, que estamos mortos em nossa estupidez diante da grandeza do Cosmos. Dizer que Deus morreu é como dizer que a vida se extinguiu. O fato de estarmos vivos e fazermos essa afirmação já prova o contrário.

Os teólogos radicais são tão radicais que não admitem a única explicação possível para a sua teoria da Morte de Deus. Essa explicação seria a de que o

Deus convencional das religiões morreu, como idéia hoje inaceitável. Mas eles se opõem a isso e dão explicações que ninguém pode entender, pois só entendemos o que é racional. O problema é mais sério do que pensam os teólogos, que fazem piada dizendo colocar o Cristo provisoriamente no lugar de Deus, do que resulta o Cristianismo Ateu, última novidade das Religiões no Século XX.

Apesar de tudo isso, verifica-se que o que eles pretendem é colocar o problema da existência de Deus em termos mais acessíveis à razão. Essa pretensão coincide com os objetivos do pensamento francês, na seqüência histórica mencionada acima. É pena que esses teólogos atuais não tenham a facilidade de expressão e a lucidez que caracterizam o pensamento francês. Se entre eles houvesse um teólogo gaulês, certamente lhes explicaria que o conceito celta de Deus devia satisfazê-los. Os celtas, que eram um povo monoteísta como os hebreus e viveram na Antiguidade, poderiam corrigir os teólogos atuais e dar lições de lógica às Religiões em agonia. Foram considerados bárbaros e sofreram na pele a barbárie dos civilizados romanos, mas Aristóteles afirmou que eles eram o único povo filósofo do mundo.

De todo o exposto parece evidente que a agonia atual das religiões nada tem a ver com a *Religião*. Sim, porque a Religião é uma das características fundamentais da natureza humana. Parodiando a teoria aristotélica do *animal político*, podemos dizer que o homem é um *animal religioso*. A falsa teoria do espanto do mundo como origem da Religião, que até mesmo Van Der Leuw ainda sustenta, não pode manter-se em pé diante da prova antropológica de que nunca existiu no mundo um povo ateu, desde os homens da caverna até os nossos dias. A idéia de Deus é inata no homem, como Descartes afirmou, depois de encontrá-la no fundo misterioso do cogito. É uma idéia evidente por si mesma e indispensável à compreensão de nós mesmos e do mundo.

Certas pessoas opiniáticas, muito ciosas de si mesmas, costumam dizer que Deus não existe porque ninguém pôde provar a sua existência. A própria Ciência ensina que a causa se prova pelo efeito. Basta-nos olhar uma flor ou um grão de areia para sabermos que Deus precisa existir, que existe necessariamente. O que não podemos aceitar é o Deus das religiões, porque esse Deus - ilógico e absurdo, como dizia Aristides Lobo - pertence a um passado remoto em que a humanidade necessitava dele. A essência da Religião constitui-se de apenas um núcleo e uma partícula, como o átomo de hidrogênio. O núcleo é a idéia de Deus e a partícula o sentimento religioso. A Religião verdadeira, que jamais agonizou e nunca morreu, tem nesse átomo simples e puro a sua raiz simbólica.

Mas, para que a Religião possa desempenhar livremente o seu papel fundamental na evolução humana, é necessário que a reintegremos na Cultura Geral, como uma de suas áreas mais importantes. Para livrar o Conhecimento da dispersão produzida pelas especializações científicas, foi necessário criar-se a Filosofia da Ciência. Para livrar a Religião da pulverização sectária é indispensável libertá-la do formalismo dogmático, do profissionalismo religioso, do fanatismo igrejeiro. A agonia das religiões é determinada pela asfixia das estruturas antiquadas, do irracionalismo baseado no conceito do sobrenatural e da Revelação Divina. Os dois tipos de religião analisados por Bergson, o social e o individual, devem fundir-se na síntese da Religião do Homem, que ressalta histo-

ricamente das aspirações francesas e mereceu do poeta bengali Rabindranath Tagore um estudo lícido e lírico. O Conhecimento é um todo, é global. Teoria e prática são verso e reverso de um mesmo processo. O *homo sapiens* e o *homo faber* são uma e a mesma coisa: o *homem*. As especializações são simples formas de divisão do trabalho, de acordo com as diferenciações de tendências individuais. Ciência e Técnica, Filosofia e Moral, Metafísica e Religião são apenas divisões metodológicas do campo do Saber, formas disciplinares do pensamento e da ação.

A Era da Comunicação de Massa, que segundo McLuhan, fez da Terra uma aldeia global, estourou o mundo chinês do passado, de muralhas e mandarinos. A dicotomia kantiana, que negou a possibilidade do conhecimento extra-sensorial, foi superada pelas conquistas físicas e psicológicas de hoje. O sobrenatural mudou de nome, é apenas o natural desconhecido que a investigação científica vai rapidamente integrando no Conhecimento Global da *realidade una*. Temos de adaptar-nos às condições novas e às novas dimensões do homem e do mundo. As próprias igrejas estão abrindo as portas dos conventos e dos mosteiros para não morrerem asfixiadas, As Ciências rompem com o passado, a Filosofia se livra dos sistemas para enfrentar com desenvoltura a problemática do pensamento, os tabus são esmigalhados pelo homem novo, os mestres e gurus se fazem discípulos da única fonte real de sabedoria que é a Natureza. O sacerdócio é uma espécie em extinção. Os teólogos foram confundidos por Deus, que não quis entregar-se em suas mãos inábeis.

Se quisermos salvar a Religião, nesse maremoto das transformações que afligem os passadistas, façamos urgentemente a liquidação das religiões em agonia e mandemos os seus artigos de fé, seus ícones e suas medalhas para o Museu do Homem, como simples testemunhos de um tempo morto.

Tudo isso é aflitivo para os espíritos rotineiros e acomodaticios, como a mensagem cristã era escândalo para os judeus e espanto para gregos e romanos. Mas os espíritos flexíveis, corajosos, lúcidos, empenhados na busca da Verdade - essa relação direta do pensamento com o real - não se atemorizam, antes se rejubilam com a libertação do homem. Esta é a verdade flagrante do momento que vivemos: o homem se liberta de seus temores, da ilusão de sua fragilidade existencial, do confinamento planetário, do embuste e da hipocrisia para viver a vida como ela é, na plenitude das suas potencialidades corporais e espirituais. O homem se emancipa e toma consciência da sua natureza cósmica. Diante dele está o futuro sem limite, a imortalidade dinâmica e demonstrável que se opõe ao conceito limitado da imortalidade estática e hipotética. Sua herança não é o pecado nem a morte, mas a vida em nova dimensão.

*

LIVRO: OBRAS PÓSTUMAS
QUESTÕES E PROBLEMAS
AS EXPIAÇÕES COLETIVAS

QUESTÃO — *O Espiritismo explica perfeitamente a causa dos sofrimentos individuais, como conseqüências imediatas das faltas cometidas na existência precedente, ou como expiação do passado; mas, uma vez que cada um só é*

responsável pelas suas próprias faltas, não se explicam satisfatoriamente as desgraças coletivas que atingem as aglomerações de indivíduos, às vezes, uma família inteira, toda uma cidade, toda uma nação, toda uma raça, e que se abatem tanto sobre os bons, como sobre os maus, assim sobre os inocentes, como sobre os culpados.

Resposta. — Todas as leis que regem o Universo, sejam físicas ou morais, materiais ou intelectuais, foram descobertas, estudadas, compreendidas, partindo-se do estudo da individualidade e do da família para o de todo o conjunto, generalizando-as gradualmente e comprovando-se-lhes a universalidade dos resultados.

Outro tanto se verifica hoje com relação às leis que o estudo do Espiritismo dá a conhecer. Podem aplicar-se, sem medo de errar, as leis que regem o indivíduo à família, à nação, às raças, ao conjunto dos habitantes dos mundos, os quais formam individualidades coletivas. Há as faltas do indivíduo, as da família, as da nação; e cada uma, qualquer que seja o seu caráter, se expia em virtude da mesma lei. O algoz, relativamente à sua vítima, quer indo a encontrar-se em sua presença no espaço, quer vivendo em contacto com ela numa ou em muitas existências sucessivas, até à reparação do mal praticado. O mesmo sucede quando se trata de crimes cometidos solidariamente por um certo número de pessoas. As expiações também são solidárias o que não suprime a expiação simultânea das faltas individuais.

Três caracteres há em todo homem: o do indivíduo, do ser em si mesmo; o de membro da família e, finalmente, o de cidadão. Sob cada uma dessas três faces pode ele ser criminoso e virtuoso, isto é, pode ser virtuoso como pai de família, ao mesmo tempo que criminoso como cidadão e reciprocamente. Daí as situações especiais que para si cria nas suas sucessivas existências.

Salvo alguma exceção, pode-se admitir como regra geral que todos aqueles que numa existência vêm a estar reunidos por uma tarefa comum já viveram juntos para trabalhar com o mesmo objetivo e ainda reunidos se acharão no futuro, até que hajam atingido a meta, isto é, expiado o passado, ou desempenhado a missão que aceitaram.

Graças ao Espiritismo, compreendeis agora a justiça das provações que não decorrem dos atos da vida presente, porque reconheceis que elas são o resgate das dívidas do passado. Por que não haveria de ser assim com relação às provas coletivas? Dizeis que os infortúnios de ordem geral alcançam assim o inocente, como o culpado; mas, não sabeis que o inocente de hoje pode ser o culpado de ontem? Quer ele seja atingido individualmente, quer coletivamente, é que o mereceu. Depois, como já o dissemos, há as faltas do indivíduo e as do cidadão; a expiação de umas não isenta da expiação das outras, pois que toda dívida tem que ser paga até à última moeda. As virtudes da vida privada diferem das da vida pública. Um, que é excelente cidadão, pode ser péssimo pai de família; outro, que é bom pai de família, probo e honesto em seus negócios, pode ser mau cidadão, ter soprado o fogo da discórdia, oprimido o fraco, manchado as mãos em crimes de lesa-sociedade. Essas faltas coletivas é que são expiadas coletivamente pelos indivíduos que para elas concorreram, os quais se encontram de novo reunidos, para sofrerem juntos a **pena de talião**, ou para terem ensejo

de reparar o mal que praticaram, demonstrando devotamento à causa pública, socorrendo e assistindo aqueles a quem outrora maltrataram. Assim, o que é incompreensível, inconciliável com a justiça de Deus, se torna claro e lógico mediante o conhecimento dessa lei.

A solidariedade, portanto, que é o verdadeiro laço social, não o é apenas para o presente; estende-se ao passado e ao futuro, pois que as mesmas individualidades se reuniram, reúnem e reunirão, para subir juntas a escala do progresso, auxiliando-se mutuamente. Eis aí o que o Espiritismo faz compreensível, por meio da equitativa lei da reencarnação e da continuidade das relações entre os mesmos seres.

Clélia Duplantier

NOTA — Conquanto se subordine aos conhecidos princípios de responsabilidade pelo passado e da continuidade das relações entre os Espíritos, esta comunicação encerra uma idéia de certo modo nova e de grande importância. A distinção que estabelece entre a responsabilidade decorrente das faltas individuais ou coletivas, das da vida privada e da vida pública, explica certos fatos ainda mal conhecidos e mostra de maneira mais precisa a solidariedade existente entre os seres e entre as gerações.

Assim, muitas vezes um indivíduo renasce na mesma família, ou, pelo menos, os membros de uma família renascem juntos para constituir uma família nova noutra posição social, a fim de apertarem os laços de afeição entre si, ou reparar agravos recíprocos. Por considerações de ordem mais geral, a criatura renasce no mesmo meio, na mesma nação, na mesma raça, quer por simpatia, quer para continuar, com os elementos já elaborados, estudos começados, para se aperfeiçoar, prosseguir trabalhos encetados e que a brevidade da vida não lhe permitiu acabar. A reencarnação no mesmo meio é a causa determinante do caráter distintivo dos povos e das raças. Embora melhorando-se, os indivíduos conservam o matiz primário, até que o progresso os haja completamente transformado.

Os franceses de hoje são, pois, os do século passado, os da Idade Média, os dos tempos druídicos; são os exatores e as vítimas do feudalismo; os que submeteram outros povos e os que trabalharam pela emancipação deles, que se encontram na França transformada, onde uns expiam, na humilhação, o seu orgulho de raça e onde outros gozam o fruto de seus labores. Quando se consideram todos os crimes desses tempos em que a vida dos homens e a honra das famílias em nenhuma conta eram tidas, em que o fanatismo acendia fogueiras em honra da divindade; quando se pensa em todos os abusos de poder, em todas as injustiças que se cometiam com desprezo dos mais sagrados direitos, quem pode estar certo de não haver participado mais ou menos de tudo isso e admirar-se de assistir a grandes e terríveis expiações coletivas?

Mas, dessas convulsões sociais uma melhora sempre resulta; os Espíritos se esclarecem pela experiência; o infortúnio é o estimulante que os impele a procurar um remédio para o mal; na erraticidade, refletem, tomam novas resoluções e, quando voltam, fazem coisa melhor. É assim que, de geração em geração, o progresso se efetua.

Não se pode duvidar de que haja famílias, cidades, nações, raças culpadas, porque, dominadas por instintos de orgulho, de egoísmo, de ambição, de cupidez, enveredam por mau caminho e fazem coletivamente o que um indivíduo faz insuladamente. Uma família se enriquece à custa de outra; um povo subjuga outro povo, levando-lhe a desolação e a ruína; uma raça se esforça por aniquilar outra raça. Essa a razão por que há famílias, povos e raças sobre os quais desce a **pena de talião**.

“Quem matou com a espada perecerá pela espada”, são palavras do Cristo, palavras que se podem traduzir assim: Aquele que fez correr sangue verá o seu também derramado; aquele que levou o facho do incêndio ao que era de outrem, verá o incêndio ateado no que lhe pertence; aquele que despojou será despojado; aquele que escraviza e maltrata o fraco será a seu turno escravizado e maltratado, quer se trate de um indivíduo, quer de uma nação, ou de uma raça, porque os membros de uma individualidade coletiva são solidários assim no bem como no mal que em comum praticaram.

Ao passo que o Espiritismo dilata o campo da solidariedade, o materialismo o restringe às mesquinhas proporções da efêmera existência do homem, fazendo da mesma solidariedade um dever social sem raízes, sem outra sanção além da boa vontade e do interesse pessoal do momento. É uma simples teoria, simples máxima filosófica, cuja prática nada há que a imponha. Para o Espiritismo, a solidariedade é um fato que assenta numa lei universal da Natureza, que liga todos os seres do passado, do presente e do futuro e a cujas conseqüências ninguém pode subtrair-se. É esta uma coisa que todo homem pode compreender, por menos instruído que seja.

Quando todos os homens compreenderem o Espiritismo, compreenderão também a verdadeira solidariedade e, conseqüentemente, a verdadeira fraternidade. Uma e outra então deixarão de ser simples deveres circunstanciais, que cada um prega as mais das vezes no seu próprio interesse e não no de outrem. O reinado da solidariedade e da fraternidade será forçosamente o da justiça para todos e o da justiça será o da paz e da harmonia entre os indivíduos, as famílias, os povos e as raças. Virá esse reinado? Duvidar do seu advento seria negar o progresso. Se compararmos a sociedade atual, nas nações civilizadas, com o que era na Idade Média, reconheceremos grande a diferença. Ora, se os homens avançaram até aqui, por que haveriam de parar? Observando-se o percurso que eles não fizeram apenas de um século para cá, poder-se-á avaliar o que farão daqui a mais outro século.

As convulsões sociais são revoltas dos Espíritos encarnados contra o mal que os acicata, índice de suas aspirações a esse reino de justiça pelo qual anseiam, sem, todavia, se aperceberem claramente do que querem e dos meios de consegui-lo. Por isso é que se movimentam, agitam, tudo subvertem a torto e a direito, criam sistemas, propõem remédios mais ou menos utópicos, cometem mesmo injustiças sem conta, por espírito, ao que dizem, de justiça, esperando que desse movimento saia, porventura, alguma coisa. Mais tarde, definirão melhor suas aspirações e o caminho se lhes aclarará.

Quem quer que desça ao âmago dos princípios do Espiritismo filosófico, que considere os horizontes que ele desvenda, as idéias a que dá origem e os sentimentos que desenvolve, não duvidará da parte preponderante que há de ter na regeneração, pois que, precisamente e pela força das coisas, ele conduz ao objetivo a que a Humanidade aspira: ao reino da justiça, pela extinção dos abusos que lhe não obstatam ao progresso e pela moralização das massas. Se os que sonham com a restauração do passado não entendessem assim, não se aferrariam tanto a esse sonho; deixá-lo-iam morrer tranqüilamente, como há sucedido a muitas utopias. Isto, por si só, deveria dar que pensar a certos zombadores, fazendo-os ponderar que talvez haja aí alguma coisa mais séria do que imaginam. Mas, há pessoas que de tudo riem, que ririam mesmo de Deus, se o vissem na Terra. Também há os que têm medo de que aos seus olhos se apresente a alma que se obstinam em negar.

Qualquer que seja a influência que um dia o Espiritismo chegue a exercer sobre as sociedades, não se suponha que ele venha a substituir uma aristocracia por outra, nem a impor leis; primeiramente, porque, proclamando o direito absoluto à liberdade de consciência e do livre-exame em matéria de fé, quer, como crença, ser livremente aceito, por convicção e não por meio de constrangimento. Pela sua natureza, não pode, nem deve exercer nenhuma pressão. Proscurendo a fé cega, quer ser compreendido. Para ele, absolutamente não há mistérios, mas uma fé racional, que se baseia em fatos e que deseja a luz. Não repudia nenhuma descoberta da Ciência, dado que a Ciência é a coletânea das leis da Natureza e que, sendo de Deus essas leis, repudiar a Ciência fora repudiar a obra de Deus.

Em segundo lugar, estando a ação do Espiritismo no seu poder moralizador, não pode ele assumir nenhuma forma autocrática, porque então faria o que condena. Sua influência será preponderante, pelas modificações que trará às idéias, às opiniões, aos caracteres, aos costumes dos homens e às relações sociais. E maior será essa influência, pela circunstância de não ser imposta. Forte como filosofia, o Espiritismo só teria que perder, neste século de raciocínio, se se transformasse em poder temporal. Não será ele, portanto, que fará as instituições do mundo regenerado; os homens é que as farão, sob o império das idéias de justiça, de caridade, de fraternidade e de solidariedade, mais bem compreendidas, graças ao Espiritismo.

Essencialmente positivo em suas crenças, ele repele todo misticismo, desde que não se estenda esta denominação, como o fazem os que em nada crêem, à crença em Deus, na alma e na vida futura. Induz, é certo, os homens a se ocuparem seriamente com a vida espiritual, mas por-

que essa é a vida normal, sendo nela que se têm de cumprir os nossos destinos, pois que a vida terrestre é transitória, passageira. Pelas provas que apresenta da realidade da vida espiritual, ensina aos homens a não atribuírem mais que relativa importância às coisas deste mundo, dando-lhes assim força e coragem para suportar com paciência as vicissitudes da vida terrena. Ensina-lhes que, morrendo, não deixam para sempre este mundo; que podem a ele voltar, a fim de aperfeiçoarem sua educação intelectual e moral, a menos que já estejam bastante adiantados para merecerem passar a um mundo melhor; que os trabalhos e progressos que realizem, ou para cuja realização contribuam, lhes aproveitarão, concorrendo para que melhorada se lhes torne a posição futura. Mostra-lhes dessa forma que é de todo o interesse deles não o desprezarem. Se lhes repugna voltar aqui, uma vez que possuem o livre-arbítrio, deles depende o fazerem o que é necessário a se tornarem habitantes de outros orbes; mas, que não se iludam sobre as condições que devem preencher para merecerem uma mudança de residência! Não será por meio de algumas fórmulas, expressas em palavras ou atos, que o conseguirão, sim por efeito de uma reforma séria e radical de suas imperfeições, modificando-se, despojando-se das paixões más, adquirindo dia a dia novas qualidades, ensinando a todos, pelo exemplo, a linha de proceder que levará solidariamente todos os homens à ventura, pela fraternidade, pela tolerância, pelo amor.

A Humanidade se compõe de personalidades, que constituem as existências individuais, e das gerações, que constituem as existências coletivas. Umas e outras avançam na senda do progresso, por variadas fases de provações que, portanto, são individuais para as pessoas e coletivas para as gerações. Do mesmo modo que, para o encarnado, cada existência é um passo à frente, cada geração marca um grau de progresso para o conjunto. É irresistível esse progresso do conjunto e arrasta as massas, ao mesmo tempo que modifica e transforma em instrumento de regeneração os erros e prejuízos de um passado que tem de desaparecer. Ora, como as gerações se compõem dos indivíduos que já viveram nas gerações precedentes, segue-se que o progresso delas é a resultante do progresso dos indivíduos.

Mas, quem demonstrará, poderão dizer, a existência de solidariedade entre a geração atual e as que a precederam, ou entre ela e as que lhe sucederão? Como se poderia provar que eu já vivi na Idade Média, por exemplo, e que voltarei a tomar parte nos acontecimentos que se produzirão na sucessão dos tempos?

Nas obras fundamentais da Doutrina e na *Revista*, o princípio da pluralidade das existências já foi exaustivamente demonstrado, para que ainda nos detivéssemos aqui a demonstrá-lo. Nos fatos da vida cotidiana fervilham provas e uma demonstração quase matemática. Limitamos, pois, a concitar os pensadores a que atentem nas provas morais que decorrem do raciocínio e da indução.

Será, porventura, necessário vejamos uma coisa, para que nela acreditemos? Observando efeitos, não se pode adquirir a certeza material da causa?

Afora a da experiência, a única senda legítima que se abre para essa investigação consiste em remontar do efeito à causa. A justiça nos oferece notabilíssimo exemplo desse princípio, quando empreende descobrir os *indícios* dos meios que serviram à perpetração de um crime, as *intenções* que se agregam à culpabilidade do malfeitor. Este não foi apanhado em flagrante e, contudo, é condenado por esses indícios.

A Ciência, que pretende caminhar tão-só pela via da experiência, afirma todos os dias princípios que mais não são do que induções das causas por meio unicamente da observação dos efeitos.

Em geologia, determina-se a idade das montanhas. Porventura assistiram os geólogos ao surto delas? Viram formar-se as camadas de sedimento que lhes determinam a idade?

Os conhecimentos astronômicos, físicos e químicos permitem se avaliem o peso dos planetas, suas densidades, seus volumes, a velocidade que os anima, a natureza dos elementos que os compõem; entretanto, os sábios não fizeram experiências diretas e é à analogia e à indução que devemos tão belas e preciosas descobertas.

Os homens de antanho, baseados nos testemunhos de seus sentidos, afirmavam ser o Sol que gira em torno da Terra. No entanto, esse testemunho os enganava e prevaleceu o raciocínio.

O mesmo se dará com os princípios que o Espiritismo sustenta, desde que se disponham a estudá-los, sem prevenções, e, então, a Humanidade entrará, real e rapidamente, numa era de progresso e de regeneração, porque, já não se sentindo isolados entre dois abismos, o desconhecido do passado e a incerteza do porvir, os indivíduos trabalharão com energia por aperfeiçoar e multiplicar os elementos da felicidade que tem de ser obra deles, porque reconhecerão que não é devida ao acaso a posição que ocupam no mundo e que eles próprios gozarão, no futuro e em melhores condições, do fruto de seus labores e de suas vigílias. É que o Espiritismo lhes ensinará que, se as faltas coletivamente cometidas são expiadas solidariamente, os progressos realizados em comum são igualmente solidários, princípio em virtude do qual desaparecerão as dissensões de raças, de famílias e de indivíduos e a Humanidade, livre das faixas da infância, avançará, célere e virilmente, para a conquista de seus verdadeiros destinos.

*

Papel do Espiritismo na preparação do novo mundo. Aumento da população terrena e desequilíbrios psíquicos e sociais: fases finais de provas individuais e coletivas. Papel de equilíbrio dos espíritas nas crises de transição: aplicação dos conhecimentos doutrinários na interpretação dos fatos e na orientação das criaturas.

CÓDIGO DE DIREITO NATURAL ESPÍRITA

(José Fleuri Queiroz)

CAPÍTULO IX

LEI DA REPRODUÇÃO

I – POPULAÇÃO DO GLOBO (O Livro dos Espíritos, itens 686 e 687)

Superpopulação

Artigo 140 – A reprodução dos seres vivos é uma lei natural; sem a reprodução o mundo corpóreo pereceria. A população segue sempre uma progressão constante, mas jamais chegará um momento em que se tornará excessiva na Terra, porque Deus provê isso mantendo sempre o equilíbrio. Ele nada faz de inútil. O homem, que só vê um ângulo do quadro da Natureza, não pode julgar da harmonia do conjunto.

140.1 – “Carga Erótica”- Explicação do Espírito Emmanuel no livro “Vida e Sexo”, Editora FEB, RJ, 17^a. edição, 1998, psicografia de Francisco Cândido Xavier, págs. 102-104:

Instinto Sexual – educação e sublimação - O instinto sexual, exprimindo amor em expansão incessante, nasce nas profundezas da vida, orientando os processos da evolução. Toda criatura consciente traz consigo, devidamente estratificada, a herança incomensurável das experiências sexuais, vividas nos reinos inferiores da Natureza. De existência a existência, de lição em lição e de passo em passo, por séculos de séculos, na esfera animal, a individualidade, erguida à razão, surpreende em si mesma todo um mundo de impulsos genésicos por educar e ajustar às leis superiores que governam a vida. A princípio, exposto aos lances adversos das aventuras poligâmicas, o homem avança, de ensinamento a ensinamento, para a sua própria instalação na monogamia, reconhecendo a necessidade de segurança e equilíbrio, em matéria de amor; no entanto, ainda aí, é impelido naturalmente a carregar o fardo dos estímulos sexuais, muita vez des-trambelhados, que lhe enxameiam no sentimento, reclamando educação e sublimação.

Depreende-se disso que toda criatura na Terra transporta em si mesma determinada taxa de carga erótica, de que, em verdade, não se libertará unicamente ao preço de palavras e votos brilhantes, mas à custa de experiência e trabalho, de vez que instintos e paixões são energias e estados inerentes à alma de cada um, que as leis da Criação não destroem e sim auxiliam cada pessoa a transformar e elevar, no rumo da perfeição. Fácil entender, portanto, que do erotismo, como fator de magnetismo sexual humano, na romagem terrestre, seja em se tratando de Espíritos encarnados ou desencarnados na Comunidade Planetária, não partilham tão-somente as inteligências que já se angelizaram, em minoria absoluta no Plano Físico, mas, também, aqueles irmãos da Humanidade provisoriamente internados nas celas da idiotia, por força de lides expiatórias abraçadas ou requisitadas por eles próprios, antes do berço terreno. Os Espíritos sublimados se atraem uns aos outros por laços de amor considerado divino, por enquanto inabordáveis a nós outros, seres em laboriosa escalada evolutiva e que compartilhamos das tendências e aspirações, dificuldades e provas do gênero humano. E os companheiros temporariamente bloqueados por cérebros deficientes e obtusos atravessam períodos mais ou menos longos de ‘silêncio emocional’, destinados a reparações e reajustes, quase sempre solicitados por eles mesmos – repetimos -, já que se sentenciam a entraves e inibições, no campo de exteriorização da mente, através dos quais refazem atitudes e recondicionam impulsos afetivos em preciosas tomadas e retomadas de consciência.

Conquista da felicidade celeste e do Amor Universal – À vista do exposto, é fácil reconhecer que toda criatura humana, sempre nascida ou renascida sob o patrocínio do sexo, carrega consigo determinada carga de impulsos eróticos, que a própria criatura aprende, gradativamente, a orientar para o bem e a valorizar para a vida. Diante do sexo, não nos achamos, de nenhum modo, à frente de um despenhadeiro para as trevas, mas perante a fonte viva das energias em que a Sabedoria do Universo situou o laboratório das formas físicas e a usina dos estímulos espirituais mais intensos para a execução das tarefas que esposamos, em regime de colaboração mútua, visando ao rendimento do progresso e do aperfeiçoamento entre os homens.

Cada homem e cada mulher que ainda não se angelizou ou que não se encontre em processo de bloqueio das possibilidades criativas, no corpo ou na alma, traz, evidentemente, maior ou menor percentagem de anseios sexuais, a se expressarem por sede de apoio afetivo, e é claramente, nas lavras da experiência, errando e acertando e tornando a errar para acertar com mais segurança, que cada um de nós – os filhos de Deus em evolução na Terra – conseguirá sublimar os sentimentos que nos são próprios, de modo a erguer-nos em definitivo para a conquista da felicidade celeste e do Amor Universal.

140.2 – “Cuidar do Corpo e do Espírito” - Ev. Seg. Espiritismo, XVII, item 11:

“Dois sistemas se defrontam: o dos ascetas, que tem por base o aniquilamento do corpo, e o dos materialistas, que se baseia no rebaixamento da alma. Duas violências quase tão insensatas uma quanto a outra. Ao lado desses dois grandes partidos, formiga a numerosa tribo dos indiferentes que, sem convicção e sem paixão, são mornos no amar e econômicos no gozar. Onde, então, a sabedoria? Onde, então, a ciência de viver? Em parte alguma; e o grande problema ficaria sem solução, se o Espiritismo não viesse em auxílio dos pesquisadores, demonstrando-lhes as relações que existem entre o corpo e a alma e dizendo-lhes que, por serem necessários uma ao outro, importa cuidar de ambos. Amai, pois, a vossa alma, porém, cuidai igualmente do vosso corpo, instrumento daquela. Desatender às necessidades que a própria Natureza indica, é desatender a lei de Deus. Não castigueis o corpo pelas faltas que vosso livre-arbítrio o induziu a cometer e pelas quais é ele tão responsável quanto o cavalo, mal dirigido, pelos acidentes que causa. Sereis, porventura, mais perfeitos se, martirizando o corpo, não vos tornardes menos egoístas, nem menos orgulhosos e mais caritativos para com o vosso próximo? Não, a perfeição não está nisso, está toda nas reformas por que fizerdes passar o vosso Espírito. Dobrai-o, submetei-o, humilhai-o, mortificai-o: esse é o meio de o tornardes dócil à vontade de Deus e o único de alcançardes a perfeição.”

140.3 – “Origem do Instinto Sexual” – Explanação do Espírito André Luiz no livro já referido “Evolução Em Dois Mundos”, págs. 141-2:

(...) Todas as nossas referências a semelhantes peças do trabalho biológico, nos reinos da Natureza, objetivam simplesmente demonstrar que, além da trama de recursos somáticos, a alma guarda a sua individualidade sexual intrínseca, a definir-se na feminilidade ou na masculinidade, conforme os caracteres acentuadamente passivos ou claramente ativos que lhe sejam próprios. A sede real do sexo não se acha, dessa maneira, no veículo físico, mas sim na entidade espiritual, em sua estrutura complexa. E o instinto sexual, por isso mesmo, traduzindo amor em expansão no tempo, vem das profundezas, para nós ainda inabordáveis, da vida, quando agrupamentos de mônadas celestes se reuniram magneticamente umas às outras para a obra multimilenária da evolução, ao modo de núcleos e eletrões na tessitura dos átomos, ou dos sóis e dos mundos nos sistemas macrocósmicos da Imensidade.

Por ele, as criaturas transitam de caminho a caminho, nos domínios da experimentação multifária, adquirindo as qualidades de que necessitam; com ele, vestem-se da forma física, em condições anômalas, atendendo a sentenças regeneradoras na lei de causa e efeito ou cumprindo instruções especiais com fins de trabalho justo. O sexo é, portanto, mental em seus impulsos e manifestações, transcendendo quaisquer impositivos da forma em que se exprime, não obstante reconhecermos que a maioria das consciências encarnadas permanecem seguramente ajustadas à sinergia mente-corpo, em marcha para mais vasta complexidade de conhecimento e emoção.

Evolução do amor – Entretanto, importa reconhecer que à medida que se nos dilata o afastamento da animalidade quase absoluta, para a integração com a Humanidade, o amor assume dimensões mais elevadas, tanto para os que se verticalizam na virtude como para os que se horizontalizam na inteligência. Nos primeiros, cujos sentimentos se alteiam para as Esferas Superiores, o amor se ilumina e purifica, mas ainda é instinto sexual nos mais nobres aspectos, imanizando-se às forças com que se afina em radiante ascensão para Deus. Nos segundos, cujas emoções se complicam, o amor se requinta, transubstanciando-se o instinto sexual em constante exigência de satisfação imoderada do “eu”. De conformidade com a Psicanálise, que vê na atividade sexual a procura incessante de prazer, concordamos em que uns, na própria sublimação, demandam o prazer da Criação, identificando-se com a Origem Divina do Universo, enquanto que outros se fixam no enalço do prazer desenfreado e egoístico da auto-adoração. Os primeiros aprendem a amar com Deus. Os segundos aspiram a ser amados a qualquer preço.

A energia natural do sexo, inerente à própria vida em si, gera cargas magnéticas em todos os seres, pela função criadora de que se reveste, cargas que se caracterizam com potenciais nítidos de atração no sistema psíquico de cada um e que, em se acumulando, invadem todos os campos sensíveis da alma, como que a lhe obliterar os mecanismos outros de ação, qual se estivessemos diante de usina reclamando controle adequado. Ao nível dos brutos ou daqueles que lhes renteiam a condição, a descarga de semelhante energia se efetua, indiscriminadamente, através de contactos, quase sempre desregrados e infelizes, que lhes carregam, em conseqüência, a exaustão e o sofrimento como processos educativos.

II - SUCESSÃO E APERFEIÇOAMENTO DAS RAÇAS (Itens 688 a 692-a)

Artigo 141 – Há raças humanas que diminuem e chegará um momento em que terão desaparecido da Terra. Ocorre que outras lhes tomaram o lugar, como outras tomarão o lugar das raças atuais.

A civilização de hoje: os mesmos espíritos que voltam em novos corpos

Artigo 142 – Os homens de hoje são os mesmos espíritos que voltaram para se aperfeiçoarem em novos corpos, mas que estão longe da perfeição. Assim a raça humana atual, que por seu crescimento tende a invadir toda a Terra e substituir as raças que se extinguiram, terá também o seu período de decréscimo e extinção. Outras raças mais perfeitas a substituirão, descendendo da raça atual, como os homens civilizados de hoje descendem dos seres brutos e selvagens dos tempos primitivos.

Origem dos corpos da raça atual

Artigo 143 – Do ponto de vista puramente físico, os corpos da raça atual procedem dos corpos primitivos por via de reprodução: a origem das raças se perde na noite dos tempos, mas, como todas pertencem à grande família humana, qualquer que seja o tronco primitivo de cada uma, puderam mesclar-se e produzir novos tipos.

Caráter distintivo das raças primitivas

Artigo 144 – O caráter distintivo e dominante das raças primitivas é o desenvolvimento da força bruta, em detrimento da intelectual. Atualmente dá-se o contrário: o homem faz mais pela inteligência do que pela força física, e no entanto faz cem vezes mais, porque colocou a seu serviço as forças da Natureza, o que não fazem os animais.

Aperfeiçoamento das raças animais e vegetais pela Ciência e a Lei Natural

Artigo 145 – O aperfeiçoamento das raças animais e vegetais pela Ciência não é contrário à lei natural. Tudo se deve fazer para chegar à perfeição. O próprio homem é um instrumento de que Deus se serve para atingir os seus fins. Sendo a perfeição o alvo para que tende a Natureza, favorecer a sua conquista é corresponder àqueles fins.

Interesse pessoal e aperfeiçoamento das raças

Parágrafo único – Mas o homem é geralmente movido, nos seus esforços para o melhoramento das raças, apenas por um interesse pessoal, que não tem outro objetivo senão o aumento de seu bem-estar; isso diminui o seu mérito. Entretanto, que importa que o seu mérito seja nulo, contanto que se faça o progresso? Compete a ele tornar meritório o seu trabalho, por meio da intenção. Demais, por intermédio desse trabalho ele exercita e desenvolve sua inteligência e é sob esse aspecto que tira maior proveito.

145.1 – “Reprodução Assistida à Luz do Espiritismo” – Livro de Durval Ciamponi, Edições FEESP/SP, 1ª. edição, março de 2001:

INTRODUÇÃO – (Págs. 17-20) - O Espiritismo como doutrina social, assentada no seu tríplice aspecto – ciência, filosofia e religião – estuda: 1 – a vida e a evolução do homem formado de corpo e alma, enquanto homem; 2 – a vida do espírito, enquanto Espírito, formado de espírito e perispírito, a partir dos reinos inferiores, evoluindo ao longo dos milênios até ingressar no grupo dos homens, dentro do qual mantém sua liberdade de ser, agir e pensar, assumindo as responsabilidades por seus atos, por seu livre-arbítrio, e 3 – o grau de dependência do Mundo dos Homens ao Mundo dos Espíritos e suas inter-relações.

Para quem gosta de uma citação bíblica (GN, 2:17 e 3:23) pode-se dizer, que o confronto entre liberdade e responsabilidade aparece na proibição de comer o fruto da árvore do conhecimento, sob pena de expulsão do jardim do Éden: Adão e Eva decidiram comer (livre-arbítrio), por isto, assumiram a responsabilidade pelos atos (determinismo divino). Sem dúvida alguma, é a lei do talião. Deste tronco, causa e efeito, como corolários brotam muitas outras leis naturais fundamentais para a evolução da alma humana: a lei do progresso e todas aquelas outras que prendem a alma humana neste fio transcendente – adoração, trabalho, reprodução, conservação, destruição, sociedade, igualdade, lei de justiça e de amor – que presidem sua evolução nestes dois mundos.

Muitos são os princípios do Espiritismo que mostram esta evolução das almas, desde sua criação simples e ignorante até a chegada aos níveis mais elevados da Espiritualidade. A lei de reprodução, por exemplo, é essencial para viabilização desta evolução através das múltiplas reencarnações, pelas quais as almas vão se aprimorando na sucessão e aperfeiçoamento das raças. Sem ela o mundo corpóreo pereceria. Estudando-a, Allan Kardec perguntou aos amigos espíritais, em “O Livro dos Espíritos”, questão 692, se ‘o aperfeiçoamento das raças animais e vegetais pela Ciência é contrário à lei natural? Seria mais conforme à essa lei deixar as coisas seguirem o seu curso normal?’ Como resposta ouviu: ‘Tudo se deve fazer para chegar à perfeição. O próprio homem é um instrumento de que Deus se serve para atingir seus fins. Sendo a perfeição o alvo para que tende a Natureza, favorecer a sua conquista é corresponder àqueles fins’.

A resposta dos Espíritos – ‘tudo se deve fazer para chegar à perfeição. O próprio homem é um instrumento de que Deus se serve para atingir os seus fins’ -, dada há mais de 100 anos antes da descoberta do DNA (princípio da vida), da produção do primeiro bebê de proveta, dos mecanismos atuais da reprodução assistida (fruto das pesquisas médicas), revela que o Espiritismo, com sua fé raciocinada, caminha ao lado da Ciência, como ciência que também é.

Na seqüência das perguntas, retornou Kardec: Mas o homem é geralmente movido apenas por interesse pessoal e não tem outro objetivo senão o aumento de seu bem-estar, isto dimi-

nui o seu mérito? A resposta diz: ‘Que importa que o seu mérito seja nulo, contanto que se faça o progresso? Compete a ele tornar meritório o seu trabalho, através da intenção. Demais, por meio desse trabalho ele exercita e desenvolve sua inteligência e é sob esse aspecto que tira maior proveito’.

Como se vê, há uma perfeita sintonia dos princípios espíritas com os trabalhos científicos das pesquisas no campo da genética ou da biologia em geral, não somente no aperfeiçoamento de vegetais e animais, mas também o próprio homem, quando, atuando sobre a lei natural busca seus processos mais complexos, age como instrumento de Deus, tendo a perfeição como alvo.

Outro dado essencial é o chamamento à Lei de Causa e Efeito, quando dizem que ‘compete ao homem tornar meritório o seu trabalho, através da intenção’, porque ela é que vale na balança da justiça divina. Em muitos itens de suas respostas os Espíritos sustentam a tese de que Deus não julga os atos ou fatos, mas a intenção. A ‘intenção’ com que a alma pratica o ato é o fulcro central que preside o julgamento das ações humanas para o bem ou para o mal. Sob este aspecto, dizem os Espíritos, que o homem não deve criar obstáculos à reprodução, entervando a marcha da Natureza. Ele, por seu livre-arbítrio, ‘tem sobre todos os seres vivos um poder que ele deve usar para o bem, mas não abusar: pode regular a reprodução, mas não deve entravá-la sem necessidade. A ação inteligente do homem é um contrapeso posto por Deus entre as forças da Natureza para restabelecer-lhes o equilíbrio... (LE, 693-a)’. Estes princípios espíritas não se opõem às pesquisas científicas, incluindo aí o estudo sobre os genes para aprimoramento dos seres vivos ou a reprodução assistida. O que o homem não deve é entervar a reprodução sem necessidade.

Veja a diferença na aplicação da ‘intenção’: um pesquisador aplica seus conhecimentos nas pesquisas de novos medicamentos para salvar vidas, outro simplesmente para ganhar dinheiro; um os aplica para aperfeiçoar a eugenia de uma espécie, outro, para fabricar produtos para entravá-la, sem necessidade. Um médico, especialista em reprodução assistida, seleciona genes para que os embriões sejam saudáveis para alegria dos pais; outro, ‘imaginando’ um exército de clones e obedientes soldados para guerra, ‘mentalmente e só mentalmente’ os cria como se fossem máquinas automáticas, sem livre-arbítrio. Um homem de bem saberá qual deles está agindo corretamente, quando vir os efeitos, mas Deus e os Espíritos superiores que conhecem seus pensamentos facilmente julgarão suas intenções.

145.1.1 – Reprodução Assistida – (Págs. 27-30):

Reprodução significa repetir a produção, copiar, refazer. A ‘reprodução humana’ compreende o conjunto de atos pelos quais um casal, macho e fêmea, age através do ato sexual, para obter um filho, isto é, reproduzindo um ser semelhante a eles. A reprodução não é tão somente a fecundação, mas o conjunto de todos aqueles atos realizados para a geração dos novos indivíduos até seu nascimento. Assim, ‘lato senso’, raramente existe uma reprodução humana que não seja acompanhada por outrem. Desde os tempos das parteiras, que agiam empiricamente, até os modernos consultórios dos médicos obstetras, o nascimento e desenvolvimento de um ser humano é assistido por terceiros, a partir do conhecimento da gravidez.

Esta falta de assistência ou acompanhamento é dramática ainda hoje. O jornal ‘O Estado de São Paulo’, de 20.09.2000, falando do relatório da ONU (Organização das Nações Unidas), escreveu: ‘A falta de atendimento pré-natal e de assistência na hora do parto é a principal responsável pelas 500 mil mortes maternas registradas a cada ano nos países em desenvolvimento’. O parto em si faz parte da lei natural; estas mortes, geralmente, estão ligadas a outras patologias. Revela ainda o relatório da ONU que nestes países 47% dos nascimentos (52,4 milhões por ano) não recebem assistência profissional e que, a cada ano, as mulheres realizam 50 milhões de abortos.

Por outro lado, ‘estrito senso’, a **Reprodução Assistida**, propriamente dita, tecnicamente corresponde a uma forma de intervenção dos médicos para aumentar a capacidade do casal de gerar ou ser capaz de fazer vir à luz uma criança. Escreveu a Dra. Marlene R. S. Nobre que a ‘reprodução assistida engloba todas as técnicas que visam obter uma gravidez sem a ocorrência de uma relação sexual’.

A Resolução do Conselho Federal de Medicina CFM, n.1.358/92, adotou as Normas Éticas para a Utilização das Técnicas de Reprodução Assistida, estabelecendo comportamentos

médicos com base em princípios gerais para a doação de gametas, criopreservação, diagnóstico e tratamento de embriões e sobre a doação temporária do útero (barriga de aluguel).

A intervenção médica se faz de diferentes maneiras: Primeiramente se processa a **indução à ovulação**. A mulher mediante medicamentos hormonais específicos produz vários oócitos e não um apenas, facilitando, assim, sua união com um dos milhões de espermatozóides para formar o embrião. Afóra a simples indução à ovulação, não deixa de ser uma reprodução natural, por meio de um ato sexual.

Pode ocorrer também na **inseminação artificial**: São selecionados previamente os espermatozóides que são colocados artificialmente na vagina para a fecundação. A formação do embrião não se dá pelo processo natural, isto é, com o ato sexual.

Outra forma de intervenção médica se dá com a **fertilização in vitro**, correspondendo ao que se chama de **bebê de proveta**. O primeiro exemplo foi de Louise Brown, em 1978, na Inglaterra. Neste caso, após a indução à ovulação, os oócitos são retirados da mãe e colocados juntos aos espermatozóides selecionados para que se realize, normalmente, a fertilização 'in vitro'. Após a formação do embrião, este é transferido para o útero.

Hoje, há processos mais sofisticados. Por exemplo: a ICSI – injeção do espermatozóide no citoplasma do oócito. Neste caso, selecionam-se os melhores oócitos e espermatozóides: apenas um espermatozóide ou espermátide é colocado, por meio de uma injeção intracitoplasmática, no interior dos oócitos que podem, 'in vitro', ser fertilizados ou não. Após a formação dos embriões, os melhores são escolhidos e transferidos diretamente no útero para que haja a procriação do ser humano. Do ponto de vista médico, como se sabe, somente a fecundação não é suficiente para que o embrião se desenvolva, necessário se faz que ele se implante no útero, isto é, que haja aderência ou nidação, geralmente na sua parede posterior para formação da placenta, onde o feto terá o seu 'habitat' até o nascimento.

Como exemplos da fertilização 'in vitro', pode-se ter casos de oócitos ou espermatozóides do casal, marido e mulher, na chamada fecundação artificial homóloga; gametas e embriões doados por terceiros, na fecundação artificial heteróloga; ou ainda, o aproveitamento apenas do núcleo do óvulo da mãe que é implantado em outro, de outra mulher, sem o núcleo, mantidas assim as características genéticas da família.

145.1.2 – Projeto Genoma Humano – (Págs.53/4):

Por volta de 1860, o austríaco Mendel, fazendo suas experiências com ervilhas, começou a decifrar o código da lei da hereditariedade; mas foi somente há 50 anos que se descobriu toda a carga genética dos seres vivos que estava contida no DNA (ácido desoxirribonucleico). O DNA é um complexo filamento de substâncias que carregam a marca hereditária (genes) dos indivíduos. A pesquisa, no campo da genética, expandiu-se rapidamente e hoje temos dois grandes grupos associados a empresas multinacionais produtoras de remédios e a governos interessados na saúde pública.

Tais grupos são: o do 'Projeto Genoma Humano', dirigido por Francis S. Collins e o 'Celera Genomics', comandado por J. Craig Venter, buscando decifrar o código genético e a sequência de 3,1 bilhões de pares de bases do DNA. Estas pesquisas deverão trazer, no futuro, muitas outras novidades para a vida humana. Prevêem os cientistas que por volta de 2020 os médicos poderão elaborar receitas levando-se em conta as variações genéticas individuais e, alguns anos depois, como afirmou Collins, poderemos ter "terapias genéticas e remédios desenvolvidos geneticamente para a maioria das doenças".

Sob o ponto de vista filosófico, científico e religioso, muitas perguntas podem ser feitas: 1. Se o homem descobrisse todos os códigos genéticos e corrigisse todos os defeitos, poderia ele 'criar' um corpo perfeito, sem doenças? 2. Neste caso, sob o ponto de vista reencarnacionista, como ficariam as expiações da Lei de Causa e Efeito, ou carma, como dizem os orientais? 3. Ainda neste caso, sob a ótica da unicidade da existência, como se justificariam a criação de almas e corpos mais perfeitos, sendo Deus e Sua justiça os mesmos de antes?

As respostas para os espíritas não são complicadas, quando consideram a lei do progresso científico e moral para as almas, associado à progressão dos mundos. Há um tempo para tudo. Quando todos os homens de Ciência, dos mais diferentes ramos do conhecimento, sem receio da

imagem pública, tomarem consciência da existência do Mundo dos Espíritos, como algo real, onde vivem mais de 20 bilhões de almas, somente no globo terrestre, certamente se debruçarão sobre suas informações, como outrora fizera Allan Kardec, para perguntar-lhes muitas outras coisas a respeito deste Universo infinito e da importância da alma na sua co-criação. Quando dialogarem com os Espíritos, por certo saberão e compreenderão porque Jesus disse ‘sois deuses’ e o significado de suas respostas (LE, questão 692): ‘Tudo se deve fazer para chegar à perfeição. O próprio homem é um instrumento de que Deus se serve para atingir os seus fins. Sendo a perfeição o alvo para que tende a Natureza, favorecer a sua conquista é corresponder àqueles fins’.

Não é utopia nem fantasia nem misticismo. Estamos no início da Nova Era do Espírito, da tomada de consciência, do ‘eu’ que transcende à matéria conhecida e do encontro da Ciência humana com a nova realidade. Os costumes da face da Terra serão mudados com a ciência dos Espíritos associada à dos homens, trazendo alegria e felicidade de viver, sem os dissabores das tristezas e sofrimentos, aparentemente injustificados, de um tempo que se foi.

145.1.3 – “O Clone tem Alma” – (Págs. 81-84) - Como o Espiritismo vê a Reprodução Assistida através da clonagem? – Resposta: Como a Ciência trabalhando em favor do homem.

Diz o notável médico de Reprodução Assistida, Dr. Roger Abdelmassih, em seu livro **Tudo por Um Bebê**, que ‘a clonagem não é a única tecnologia nova e polêmica no horizonte da Reprodução Assistida – outras tantas novidades bombásticas se prenunciam, inclusive a possibilidade de utilizar ovários de fetos abortados como fonte de óvulos’.

O Dr. Roger, um dos mais proeminentes pesquisadores da procriação humana no mundo, define a *clonagem* como: ‘nome que reúne técnicas usadas para duplicar genes, células, tecidos, órgãos e seres vivos’. Complementa ele que ‘o objetivo é desenvolver, padronizadamente, espécimes de alta qualidade a partir de um único embrião, proveniente de uma matriz de criação de excelência comprovada; quer dizer: a verdadeira clonagem estaria configurada se os embriões produzidos em série pudessem receber o mesmo código genético daquela matriz’.

Segundo o Espiritismo, o que deve ficar bem claro é que o homem não cria a vida do espírito, apenas aproveita-se de elementos vivos para reorganizar a vida dos corpos. O que mantém a vida organizada não é o trabalho do pesquisador ou do médico nem tão somente a lei da hereditariedade, mas sim o espírito ou alma que comanda o corpo, qual cavaleiro na cavalgada. Os cientistas, mais particularmente os da genética e em geral os da reprodução assistida, sabem muito bem que anomalias hereditárias geram aberrações, distúrbios ou anormalidades, às vezes contornadas com o mais simples tratamento médico, mas em outras, devido às deficiências congênitas, dão origem a síndromes irreversíveis. Os Espíritos sabem disto também e aproveitam-nas para aplicação da Lei de Causa e Efeito àqueles que carregam o peso de suas seqüelas do passado.

Se não houver a ligação da alma ao corpo do embrião clonado este não sobreviverá, com certeza. É importante tomar consciência de que há dois conceitos de vida: vida orgânica ou vegetativa e vida do espírito. Se não houver a ligação de um princípio inteligente, ser espiritual, para comandar as bases materiais da lei da hereditariedade, o embrião se degenera a partir de um determinado ponto de sua evolução, provocando o aborto espontâneo, ou será, certamente, um natimorto, como dizem os Espíritos (LE, questão 356-b), porque se sobrevivesse um corpo sem alma, este não seria um ser humano.

Falando da ligação da alma ao corpo, através de seu corpo espiritual, diz André Luiz (Espírito), no livro ‘Evolução em Dois Mundos, capítulo VI’, que ‘os cromossomas, estruturados em grânulos infinitesimais de natureza fisiopsicossomática partilham do corpo físico pelo núcleo da célula em que se mantêm e do corpo espiritual pelo citoplasma em que se implantam’. Esta informação, ainda debatida entre os estudiosos do Espiritismo, mostra que a alma navega em sua canoa cromossômica, nas águas do citoplasma celular, prendendo suas amarras no corpo físico e no corpo espiritual.

Assim pode-se responder à pergunta (Como o Espiritismo vê a Reprodução Assistida através da Clonagem?) em outras partes:

a) a ‘padronização dos corpos humanos, através da verdadeira clonagem’, somente poderá ser válida em futuro ainda muito distante, quando as diferenças dos corpos não mais influírem no processo evolutivo do homem. Seria como se todos fôssemos gêmeos de corpos quase perfeitos. Nesse futuro, provavelmente, o dos mundos felizes, como dizem os Espíritos, não mais existiriam as diferenças sociais de classe, nação, cor, religião e até da família consanguínea, mas somente aquelas que distinguiriam os homens pelos valores morais e intelectuais de cada um.

b) o Espiritismo que ensina a evolução das almas, desde sua criação simples e ignorante até chegar aos níveis mais elevados da Espiritualidade Superior, em princípio, vê com naturalidade esta pesquisa e seus resultados, desde que o homem não queira com eles tirar proveitos econômicos ou interesses de mando ou poder, como frutos de sua vaidade e do seu orgulho.

Se o homem quiser partir para a clonagem de seres produzidos em série, a partir de um mesmo código genético, com objetivos maléficis, certamente eles serão frustrados, porque o comando, em última análise, da reprodução humana não está em suas mãos. Não é porque o homem ‘cria’ um zigoto que necessariamente os Espíritos nele vão ligar uma alma; da mesma forma, na clonagem, a ligação da alma não depende da vontade dos homens, mas da dos Espíritos. Assim, neste jogo da vida, são os Espíritos que mantêm em suas mãos os coringas para interferirem na jogada, alterando resultados indesejados: primeiro, porque a vida deles não se assenta nas mãos dos homens e, sim, as destes nas deles; segundo, porque a progressão dos mundos e dos Espíritos, descrita na Codificação da Doutrina Espírita, pressupõe uma convivência pacífica cada vez mais acentuada, entre os homens, para o futuro e terceiro, não é porque os homens ‘criaram’ um corpo mais perfeito é que nele os Espíritos vão ligar uma alma mais evoluída.

145.1.4 – A Barriga de Aluguel – (Págs.85-88) – Como o Espiritismo vê a reprodução assistida, no caso de barriga de aluguel?:

O Espiritismo nada tem a opor à maternidade substitutiva, isto é, quando uma mulher permite o uso de seu útero para receber o embrião de um casal diferente dela, objetivando o nascimento de um filho, impossível para ela, quando a doadora do óvulo não tem o aparelho uterino ou não tem condições para a gestação do próprio filho.

Jesus nasceu numa manjedoura e, para nós espíritas, tornou-se o homem mais importante do mundo. Não importa muito ao nascituro nem o berço familiar nem o útero materno, porque o dom da vida para o espírito se sobrepõe aos valores materiais, quando ele adquire maiores níveis de amor e sabedoria. Importa muito os objetivos da reencarnação e a consciência que tem, como Espírito, de sua relação com a família espiritual. Ele sabe que ao nascer será submetido aos problemas da vida do homem e da influência da matéria sobre si mesmo. Por isto a Doutrina Espírita diz que vale mais para o bebê, para a mãe de aluguel e para os ‘donos’ do embrião, a plena consciência que tenham das obrigações assumidas.

Em verdade, em todo e qualquer renascimento o casal adota como filho o Espírito reencarnante para troca de experiências, compromissos recíprocos, amizade, amor, resgates e provas naturais do aprendizado. Na condição de espíritos humanos somos todos ‘adultos’, com pouco mais ou pouco menos conhecimento e evolução moral, de sorte que em vivências passadas poderíamos ter sido irmãos, pais, mães ou mesmo filhos de quem agora nos recebe, ou até, nunca termos pertencido à família consanguínea. Desta forma, para quem ama, o bebê nascido de uma barriga de aluguel, como espírito humano que é, não é diferente daquele oriundo de uma adoção normal nem daquele nascido de um parto normal, porque, em última análise, todos nós ‘somos todos filhos adotivos’.

Os clãs familiares e seus impérios praticamente não mais existem no mundo atual, sejam por razões de ordem econômica, face o surgimento das grandes empresas multinacionais; sejam de ordem política, depois da Revolução Francesa e Americana, pondo fim às dinastias reais. A equiparação dos direitos da mulher aos do homem e seu trabalho fora de casa para somar esforços na luta pela sobrevivência e sustentação dos múltiplos bens duráveis consumidos no lar atual, associados à participação das mães sociais nas creches e das babás no domicílio do casal, substituindo mães biológicas, durante muitas horas do dia, diminuíram os fortes laços da tradicional família antiga. Também o grande percentual de casais separados pelo divórcio, transformando os filhos em continha de somar para pagamento de pensão, determinam a revisão dos conceitos da antiga família.

Assim não pode haver diferença na criação do filho gerado numa barriga de aluguel, que apenas fornece o alimento para o feto, daquele filho adotado pelo coração, como normalmente falam os pais que adotam filhos já nascidos. A opção é individual e o Espiritismo nada tem a se opor, porquanto o que importa é a dedicação dos pais e o esforço que o novo homem fará para evoluir na prática do bem.

O mal não está no aluguel da barriga, mas na ação da gestante que, se não gostar do bebê, poderá criar obstáculos ao seu natural desenvolvimento ou, querendo ficar com ele, achar que tem direitos ao comando de sua vida. Mais que a família consanguínea, porém, vale a família espiritual, por causa da afinidade e sintonia entre os Espíritos que se amam verdadeiramente. Nada existe ao acaso, todas as coisas estão subordinadas à Lei de Causa e Efeito. Para o Espírito reencarnante vale a proposta do que tiver de fazer e, para o reencarnado, os resultados de sua ação. Para alcançar estes objetivos, se orar e vigiar, por certo cumprirá boa parte do que se propôs para sua missão terrena.

Pergunta-se: Quem é a mãe da criança? A mãe gestante ou a mãe biológica? Influi nada, para quem ama, saber se um filho, irmão ou neto veio aos nossos braços na condição de natural, adotado ou de proveta.

145.1.5 – A Eugenia e a Evolução Anímica – (Págs. 93-96):

A certeza da existência da alma, com sua vida imperecível, adquirindo conhecimento de experiência em experiência, através da pluralidade das reencarnações, dia fará com que o homem de ciência, eliminando de sua Academia os preconceitos contra a realidade espiritual, debruçará, como já fizeram muitos individualmente, sobre os livros da Doutrina Espírita e seus princípios fundamentais, para rever seu comportamento científico materialista e para também conversar com os Espíritos, não somente por meio da mediunidade dos homens, hoje, como também através da transcomunicação instrumental (TCI), amanhã, objetivando cientificamente descobrir esta maravilhosa fase da vida do homem-espírito. Depois desta descoberta, o diálogo dos homens com os Espíritos não cessará mais e a integração dos dois mundos se fará, inaugurando a nova fase da vida humana na Terra, já nos albores do terceiro milênio.

A eugenia, como aprimoramento da raça humana, não será pois fruto do acaso, como se poderia dizer com base na seleção natural das espécies, mas o fruto do aprimoramento íntimo de cada espírito, em si mesmo, de suas conquistas científicas e da evolução tecnológica, possibilitando já através das células reprodutoras e do embrião prever e até corrigir os problemas do adulto. Assim agindo, atuam como co-criadores e auxiliares de Deus, neste mundo físico para que a vida humana colha os frutos da Lei do Progresso. Desta maneira, como diz o Dr. Sérgio Felipe de Oliveira (Boletim Médico-Espírita, n. 9, item: A Genética Molecular e as Novas Questões Éticas, ed. AMESP, 1994) ‘muito bem se poderá fazer em termos de prevenção, melhoria prognóstica, estabelecimento de bases e recursos sociais para o afetado, mas também, em mãos pouco afeitas à valorização da vida, em mãos discriminatórias tal avanço pode caminhar para critérios eugênicos subjetivos, ideológicos e racistas’.

Quem estuda o livro de Zan Mustacchi e Sérgio Peres e outros professores da Universidade de São Paulo (Genética Baseada em Evidências – Síndromes e Heranças. Zan Mustacchi e Sérgio Peres. CID Editora Ltda., 2000, 1ª. edição), por certo valorizará imensamente os progressos conquistados pela Ciência, levantando os braços a Deus, em agradecimento, e a eles, por sua atividade científica no campo da Genética, ao resumirem em livros seus trabalhos e o de pesquisadores do mundo inteiro.

Quem conhece os erros de “digitação” dos genes do DNA, na composição natural dos seres humanos, por certo estará de acordo com os estudos objetivando eliminar as anomalias estruturais e numéricas dos cromossomos causadoras das síndromes genéticas, como a de Rubinstein-Taybi, de Down, do Duplo Y, do Triplo X e tantas outras capazes de produzir terríveis distorções faciais e corporais, afora o comprometimento intelectual do nascituro, como heranças dos ascendentes. Não se fala aqui, evidentemente, e nem se justifica em hipótese alguma o aborto eugênico, conhecido na linguagem daqueles que falam, politicamente, em pureza de raça.

Eugenia, do grego, significa “boa geração”. Escreve o Dr. Izaias Claro (Boletim Médico-Espírita, n. 9, item: Direito à Vida: Aborto Eugênico, Dr. Izaias Claro. Ed. AMESP, 1994) que ela é definida como ‘o estudo dos fatores que, sob o controle social, possam melhorar ou

prejudicar, física e mentalmente, as qualidades raciais das gerações futuras'. É neste sentido que se busca eliminar, sob o controle social, os erros contidos nos genes do DNA.

O Espiritismo, em seu tríplice aspecto – ciência, filosofia e religião – não se opõe às pesquisas científicas e aplicação de seus resultados no aprimoramento das condições de vida humana, mesmo no campo da Reprodução Assistida. Como ciência, integra-se aos laboratórios e centros universitários, quando a pesquisa tem por fim melhorar a vida de todos; como filosofia, estimula a busca da perfeição e a felicidade do homem sobre a Terra e, como religião, admite sua participação, como co-criadores do bem, para compreender e corrigir os aparentes lapsos da lei natural, seja em relação a si mesmo, seja em relação a outros campos de sua atividade no meio ambiente em que vive. 'O próprio homem é um instrumento de que Deus se serve para atingir os seus fins e compete a ele tornar meritório o seu trabalho, através da intenção', disseram os Espíritos (O Livro dos Espíritos, Cap. IV, Lei de Reprodução).

Quando o cientista contabiliza 3,1 bilhões de letras do código da vida, corrigindo-lhes os defeitos para melhorar as condições de vida do homem, ele não está brincando de Deus, porque não está criando a vida do espírito. Em verdade Deus se serve dele para agir sobre a organização dos seres vivos, para limpar a cadeia genética dos malefícios acumulados ao longo da evolução da espécie humana (isto é, aquelas causas que geram malformações corporais e comprometimento intelectual), objetivando aperfeiçoar os corpos que serão ou não aproveitados pelos Espíritos na vida futura, segundo seus interesses e desde que as experiências tenham um fim útil para a Humanidade.

145.1.6- O Que Disseram Outros Espíritos – (Págs. 115-120):

Em 1940, quando alguns aspectos da reprodução assistida eram sonhos de alguns cientistas, já a Doutrina Espírita, através de Emmanuel (Espírito), no livro "O Consolador", questão 1, dizia que o concurso científico é sempre útil para o esclarecimento do Espiritismo, quando oriundo da consciência esclarecida e da sinceridade do coração; todavia, importava considerar que era a ciência do mundo que tinha absoluta necessidade dele, 'cuja finalidade divina é a iluminação dos sentimentos, na sagrada melhoria das características morais do homem'. No campo da Biologia, Emmanuel respondeu a algumas questões que transcrevemos para conhecimento e análise do amigo leitor.

Primeira: 'Os Espíritos cooperam no desenvolvimento do embrião do corpo em que se vão reencarnar? E, em caso afirmativo, chegam a operar nos complexos celulares da herança física, para que os corpos futuros sejam dotados de certos elementos aptos a satisfazerem as circunstâncias da prova ou missão que hajam de cumprir? (Questão 29, do livro)'. **Resposta:** 'No caso dos Espíritos evoluídos, senhores de realizações próprias, inalienáveis, essa cooperação quase sempre se verifica, junto ao esforço dos prepostos de Jesus, que operam nesse sentido, com vistas ao porvir de suas lutas no ambiente material. Temos de considerar, todavia, que os Espíritos rebeldes, ou indiferentes, desprovidos dos valores próprios indispensáveis, têm de aceitar a deliberação dos prepostos referidos, os quais escolhem as substâncias que merecem ou que lhes são imprescindíveis no processo de resgate ou de evolução'.

A resposta refere-se ao processo de reprodução natural, evidentemente, dado que naquele tempo não havia a reprodução 'in vitro'. Nota-se, entretanto, a diferença de tratamento dentro da reencarnação, entre os Espíritos mais evoluídos, com direito de escolha das provas (Ver LE, questões 258 a 273) e daqueles que têm de aceitar a escolha feita por seus "tutores". Ninguém nasce por acaso. Há sempre uma equipe de Espíritos promovendo a escolha ou a recusa do embrião para este ou aquele reencarnante, com mais ou menos méritos. Justificam-se, assim, não somente os nascimentos em corpos sadios ou naqueles que trazem consigo deficiências genéticas, conforme os direitos de cada um, para missões diretivas, provas retificadoras e necessárias, ou resgates expiatórios, mas também a grande quantidade dos abortos 'espontâneos' de embriões, não considerados ainda um ser humano. Estes acontecem porque para tais embriões não foram destinados Espíritos, ou porque um ou outro recuara ante a prova escolhida (LE, 345).

Para o Espiritismo o aborto 'provocado' é um crime, qualquer que seja a época da concepção. Na resposta à questão 358, disseram os amigos espirituais que 'a mãe, ou qualquer pessoa, cometerá um crime ao tirar a vida à criança antes do nascimento, porque isto é impedir a alma de passar pelas provas de que o corpo devia ser o instrumento'. Quando, numa relação se-

xual normal, havendo a formação do embrião e não tendo a mulher certeza se houve ou não a ligação da alma ao corpo, se ela provocar a sua expulsão, à luz do Espiritismo, o caso caracteriza-se como aborto provocado. Será diferente, todavia, quando se tratar da reprodução assistida, estando o embrião fertilizado ainda na proveta. Neste caso, segundo as informações dos Espíritos, a alma não estando ligada ao corpo, não há que se falar em concepção do ser humano nem em aborto provocado. Há uma simples eliminação ou destruição de embriões, congelados ou não, sem qualquer restrição ética, do ponto de vista espírita, ao comportamento de seus donos ou dos médicos que os manipulam. Modifica-se, entretanto, esta certeza, após a transferência do embrião pelos médicos para a câmara maternal, dado que reaparece a incógnita da ligação da alma a ele ou não, desde os primeiros momentos do serviço uterino promovido pelos amigos espirituais.

Segunda: ‘Quando o embrião está sendo formado, existe uma interpenetração de fluidos entre a gestante e a Entidade então ligada ao feto? Existem conseqüências verificáveis? (Questão 32, do livro). **Resposta:** Esta interpenetração de fluidos é natural e justa, ocasionando, não raras vezes, fenômenos sutilíssimos, como os chamados “sinais de nascença” que, somente mais tarde, poderão ser entendidos pela ciência do mundo, enriquecendo o quadro de valores da biologia, no estudo profundo das origens’.

Esta interpenetração inicia-se com a ligação do corpo espiritual do reencarnante ao corpo espiritual da mãe. Este fato foi descrito por André Luiz (Espírito), em ‘Missionários da Luz’, capítulo 13, quando Raquel, a mãe, desdobrada em Espírito, durante o sono, recebe seu filho, Segismundo, que se liga a ela por indescritível ‘processo de união magnética’, antes mesmo da fecundação e da ligação definitiva da alma ao embrião: ‘Foi então’, descreve o autor, ‘que a vi apertar a forma infantil de encontro ao coração, mas tão fortemente, tão amorosamente, que me pareceu uma sacerdotisa do Poder da Divindade Suprema’. Como se percebe, esta primeira ligação não se deu de alma para alma, mas de corpo espiritual a corpo espiritual.

A união magnética do corpo espiritual do reencarnante ao corpo espiritual da mãe ocorreu, neste caso, devido à ação mental materna que, em Espírito, após uma relação sexual normal, revelou o desejo de ter o filho. A descrição do fato, pelo autor, mostra que este processo de união magnética ocorreu alguns minutos antes da fecundação, isto é, da formação do embrião. Diz André Luiz que o dirigente da equipe espiritual, depois de ter examinado o óvulo e observado os elementos sexuais masculinos, ‘identificou o mais apto, fixando nele o seu potencial magnético, dando-me a idéia de que ajudava a desembaraçar-se dos companheiros para que fosse o primeiro a penetrar a pequenina bolsa maternal. E, em seguida, ajustou a forma reduzida de Segismundo, que se interpenetrava com o organismo perispiritico de Raquel, sobre aquele microscópico globo de luz, impregnado de vida, e observei que essa vida latente começou a movimentar-se’. Algumas horas depois da cópula, estava terminada a operação inicial de ligação da alma ao corpo.

O amigo leitor pode verificar que a ligação da alma do reencarnante ao zigoto (embrião) se deu em dois tempos distintos: primeiro, a ligação do corpo espiritual de Segismundo ao corpo espiritual de Raquel, pela ação materna, e segundo, a ligação do corpo espiritual do reencarnante ao corpo físico (embrião), pela ação do amigo espiritual. A partir desta união o organismo maternal fornecerá todo o alimento para o corpo embrionário, enquanto a alma, isto é, o Espírito reencarnante, através de seu perispírito, como modelo, atuará como ímã entre limalhas de ferro, dando forma ao futuro feto. Neste caso, se a mulher-mãe, ao acordar, por seu livre-arbítrio, tomasse, por exemplo, a ‘pílula do dia seguinte’ para evitar o nascimento do filho, estaria provocando um aborto, renegando, ‘sponte sua’, um acordo bilateral formalizado durante o estado de sono. Quem estuda a Doutrina Espírita tem condições de errar menos.

Terceira: ‘A genética está submetida a leis puramente materiais? (Questão 35, do livro)’. **Resposta:** ‘As leis da genética encontram-se presididas por numerosos agentes psíquicos que a ciência da Terra está longe de formular, dentro dos seus postulados materialistas. Esses agentes psíquicos, muitas vezes, são movimentados pelos mensageiros do plano espiritual, encarregados dessa ou daquela missão junto às correntes da profunda fonte da vida’.

O estudo destes agentes psíquicos será de suma importância para a análise dos pesquisadores da medicina futura. Entre eles se colocam: a) As células vivas do corpo, embora submetidas a um denso determinismo da matéria nos níveis mais inferiores da Natureza, onde predomina as forças de atração e a vida instintiva, são, no dizer de André Luiz, ‘princípios inteligentes de feição rudimentar ou animálculos infinitesimais, que se revelam domesticados e ordeiros na

colmeia orgânica’, compelidas à disciplina pelo espírito que as associa e governa. Este mesmo autor em ‘Missionários da Luz’, capítulo 13, escreve que ‘o homem do futuro compreenderá que as suas células não representam apenas segmentos de carne, mas companheiras de evolução, credoras de seu reconhecimento e auxílio efetivo’; b) A ação do perispírito que modela o corpo físico, sob supervisão do espírito. Havemos de convir: Se há uma alma, se há um corpo espiritual que a liga ao corpo físico, de alguma sorte ou de algum modo, esta ligação deve se processar. Disse André Luiz (em Missionários da Luz, cap. 13) ‘que o corpo espiritual que dá forma aos elementos celulares, está fortemente radicado no sangue’; c) A submissão do espírito aos princípios da Lei de Causa e Efeito a que dera causa, marcados no corpo espiritual para o reajuste necessário; d) A ação do espírito sobre a matéria, por si, ou através de agentes espirituais superiores etc...

Em resumo, os geneticistas poderão realizar suas numerosas experiências, através da seleção de genes, da reprodução assistida, da produção de clones ou buscar a eugenia (boa geração) da raça humana, mas, se não buscarem a finalidade divina da reprodução e a iluminação dos sentimentos em suas pesquisas para a melhoria das características morais do homem, por certo, permanecerão na superfície dos conhecimentos humanos e sem diálogo com os Espíritos Superiores.

145.2 – “Clonagem à luz do espiritismo”- Livro de Wladimir Lisso (FEESP), Dra. Solange Soares de Camargo (USP), Prof. Síntia Iole Nogueira (UNIFESP/EPM) e Durval Ciamponi (FEESP) – Edições FEESP, 1ª. edição, abril de 2002:

Ciência e Espiritismo (W. Lisso – Págs. 31-36). Queremos revelar, de início, que consideramos de fundamental importância a ciência para o Espiritismo e a necessidade dos espíritas tomarem conhecimento dos avanços científicos do mundo em que vivemos. Estamos numa fase da evolução no planeta em que a ciência atingiu um progresso considerável, revelando descobertas que, no passado, eram consideradas pura ficção científica. Nos últimos séculos foram consideradas revoluções científicas, sob o aspecto material, o Sistema Heliocêntrico, de Nicolau Copérnico, a Teoria da Evolução das Espécies, de Charles Darwin, a Psicanálise, de Sigmund Freud, a Parapsicologia, de Joseph Rhine, como filha da Metapsíquica, de Sir William Crookes, a Genética com a descoberta do genoma humano, onde se insere a clonagem. Todas estas revoluções ou revelações científicas associadas aos avanços da tecnologia, onde se destacam os meios de comunicação, como a Internet, estão intimamente associadas ao Espiritismo, de Allan Kardec, como doutrina que mostra, através da mediunidade, a interação e seus reflexos no comportamento humano de homens e Espíritos, decorrente do conceito de preexistência e sobrevivência da alma, como fruto das vidas sucessivas.

Assuntos como inseminação artificial intra-uterina, fertilização “in vitro”, barriga de aluguel, mudança de sexo e clonagem de animais já deixaram o campo do impossível se manifestando como fatos na pesquisa científica e na sua aplicação prática. Paralelamente, desenvolve-se na ciência os estudos na área da Bioética visando criar, na utilização das descobertas científicas, a consciência de responsabilidade em relação às suas conseqüências sociais. As diversas correntes espiritualistas são chamadas a participar deste movimento de moralização da ciência no seu objetivo maior que é o bem estar do ser humano e adequação das novas descobertas científicas ao interesse maior de desenvolvimento do espírito. Exemplo da participação ativa da religião na definição do uso das novas descobertas científicas, observa-se nas várias manifestações da Igreja Católica, do Judaísmo e outras correntes religiosas em relação à clonagem humana.

Admite-se que a ‘espiritualização’ da ciência é conseqüência lógica da lei do progresso, da mesma forma que a ciência torna-se fundamental para a maior compreensão de Deus e do espírito. Todavia, ainda por longo período, os cientistas tentarão, em vão, explicar Deus e o espírito apenas pelas leis que regem a matéria, por eles conhecida, enquanto outros tentarão explicar Deus e o espírito apenas pelas posturas dogmáticas, sem a necessária consideração das descobertas das ciências tradicionais e metafísicas e sem os fundamentos da fé raciocinada. Lembra Allan Kardec na introdução ao estudo da Doutrina Espírita, em O Livro dos Espíritos, o método a ser seguido por cientistas que se aproximam do Espiritismo para o seu conhecimento:

‘O Espiritismo é o resultado de uma convicção pessoal que os sábios podem ter como indivíduos, independente da sua condição de sábios. Querer, porém, deferir a questão à ciência seria o mesmo que entregar a uma assembléia de físicos ou astrônomos a solução do problema da existência da alma. Com efeito, o Espiritismo repousa inteiramente sobre a existência da alma e o seu estado após a morte. Ora, é supinamente ilógico pensar que um homem deve ser grande psicólogo pelo simples fato de ser grande matemático ou grande anatomista. O anatomista, dissecando o corpo humano, procura a alma e porque não a encontra com o seu bisturi, como se encontrasse um nervo, ou porque não a vê se evoluir como um gás, conclui que ela não existe. Isto em razão de colocar-se num ponto de vista exclusivamente material. Segue-se daí que ele esteja com a razão, contra a opinião universal? Não. Vê-se, portanto, que o Espiritismo não é da alçada da ciência’.

(...) O Espiritismo, fundando-se no tripé – Ciência, Filosofia e Religião -, não pode e não deve se omitir em relação a todas as descobertas da ciência tradicional, que devem ser interpretadas à luz da Doutrina, pois dizem respeito a aspectos fundamentais abordados na Codificação e suas bases essenciais, entre eles, e no caso da clonagem, principalmente, a reencarnação. (...) Espírito e matéria são elementos integrantes da criação divina, segundo a Doutrina Espírita. Nesse sentido, Kardec em A Gênese esclarece que ‘o conhecimento de um não pode ser completo sem o conhecimento do outro’ e mais, que ‘o Espiritismo e a ciência se completam um pelo outro’ e, finalmente, que ‘o estudo das leis materiais deveria preceder o da espiritualidade, porque é a matéria que primeiramente fere o sentidos..’ Como deixar a ciência à margem do Espiritismo sem sustar o progresso da Doutrina? Continua o pensamento de Kardec no livro A Gênese: ‘O Espiritismo, marchando com o progresso, jamais será ultrapassado porque, se novas descobertas demonstrassem estar em erro sobre um certo ponto, ele se modificará sobre esse ponto; se uma nova verdade se revelar, ele a aceitará’.

Não vemos outra forma de marchar com o progresso sem conhecer o progresso e as novas descobertas em todos os segmentos do conhecimento humano. A análise dos avanços científicos, face ao Espiritismo, é essencial pois ensina o filósofo Lewis Mumford que a tecnologia ensinou uma lição à humanidade – nada é impossível. Entretanto, destaca o sociólogo Michael Harrington que quando existe avanço tecnológico sem avanço social surge, quase automaticamente, um aumento da miséria humana. A religião é levada a participar da moralização da ciência, pois – como nos diz Compton – não pode haver conflito entre religião e ciência: esta é apenas um método idôneo de comprovar a verdade, e a busca da verdade é um dos objetos do Espiritismo.

Em síntese, cumpre concluir que, consideradas as nossas características individuais que nos leva a uma dedicação maior para um dos aspectos da Doutrina em relação à educação, a qual, segundo Kardec, é a chave do progresso moral, todos os três aspectos do Espiritismo devem ser objetos de estudos e divulgação, inclusive como ciência, no seu objeto específico, e na sua relação com as demais ciências.

145.2.1- A Lei de Reprodução – (W. Liso – Págs. 37/8)

A Lei de Reprodução determina a transformação da matéria como fundamental para que o mundo corpóreo subsista e, conseqüentemente, estabelece uma das bases para a evolução do espírito (perguntas 132 e 686 do O Livro dos Espíritos). O desenvolvimento da engenharia genética criando plantas e animais transgênicos – respeitada a necessidade de paralelamente se manter a reprodução através da recombinação genética – encontra apoio na Doutrina, já antecipada no “O Livro dos Espíritos”, na questão 692 - **Pergunta:** ‘O aperfeiçoamento das raças animais e vegetais pela Ciência é contrário à lei natural? Seria mais conforme a essa lei deixar as coisas seguirem o seu curso normal? **Resposta:** Tudo se deve fazer para chegar à perfeição. O próprio homem é um instrumento de que Deus se serve para atingir os seus fins. Sendo a perfeição o alvo para que tende a Natureza, favorecer a sua conquista é corresponder àqueles fins’.

Embora se tratando de assunto controverso devido às imperfeições da tecnologia atual, a manipulação, em análise, pode trazer benefícios à humanidade aumentando as fontes de alimentos e medicamentos, com a melhoria conseqüente das condições humanas, no que se refere à nutrição e à saúde, trazendo uma redução gradativa dos problemas atuais. No que se refere à reprodução de animais por clonagem, o processo já vem sendo utilizado em diversos países e con-

siste na fusão do óvulo, do qual foi retirado o núcleo, com uma célula que a partir de uma manipulação técnica adquire funções reprodutivas.

Com exceção das experiências com clonagem humana, a clonagem de animais e suas experiências podem beneficiar o ser humano, não somente pelo aprendizado que delas decorrem para aplicação futura à constituição do corpo do homem, mas também pelo mais baixo custo de animais transgênicos, obtidos através do DNA recombinante (que fornecem substâncias medicamentosas aos seres humanos através do leite e outras secreções do organismo).

145.2.2 – Clonagem Humana – Questão de Tecnologia e Ética (W. Lisso, Págs. 45/46):

Cumpra destacar que, no que se refere à reprodução por clonagem, as técnicas disponíveis nesta fase do progresso científico, desaconselham a sua utilização pois, entre outros males, leva à manipulação de material genético humano para fins de experiência contrária à ética, já que o ser humano deve ser o fim a que se destina a pesquisa científica e não o meio de que nos servimos para novas descobertas. Nos EUA, proibição expressa do Congresso norte-americano impossibilita experiências e tentativas de clonagem de seres humanos. França e Alemanha solicitaram à ONU convenção universal para a proibição da clonagem humana. Entre os segmentos religiosos que se manifestaram contrários à clonagem humana, destaca-se o catolicismo, que, entre outros argumentos, caracteriza como aborto, quando há a morte do embrião ou do feto após a concepção; condena a destruição de embriões por iniciativa do homem ou em pesquisas científicas. Protestantes, judeus e muçulmanos manifestaram-se dentro da mesma orientação contrária à clonagem humana por razões semelhantes.

Recente congresso proposto pelo médico ginecologista italiano Severino Antinori, favorável à clonagem humana para fins de reprodução de filhos para homossexuais, idosos e solteiros, sofreu boicote por parte de cientistas, em todo o mundo, contrários à clonagem humana. (No Reino Unido, em dezembro do ano 2000, passou-se a autorizar a clonagem de embriões humanos para fins terapêuticos. Na França, excedentes de fertilização “in vitro” podem ter a mesma destinação. Não existe objetivo de reprodução de seres humanos, mas sim, células para fins terapêuticos, embora no caso também o assunto envolva controvérsia, pois já há a formação de embriões – pág.43).

Em resposta às estatísticas que revelam deformações em 90% de animais clonados, Antinori alega que bebês defeituosos são parte das experiências, já que assim como a vida, na ciência, nada é perfeito. A paranóia se manifesta no interesse econômico e promoção pessoal ignorando os efeitos nocivos de experiências prematuras para o ser humano. A tecnologia atual pode implicar na existência, para cada três bebês nascidos saudáveis, de duas centenas de fetos monstruosos, além de mortes no ventre ou após o nascimento. Outras implicações, como velhice prematura dos clones e doenças decorrentes são previstas nesta fase das pesquisas. Ilustra, neste campo, a imperfeição da tecnologia.

Obviamente, não se podendo deixar de considerar a imperfeição tecnológica e o pouco conhecimento do homem e seus aspectos de moralidade, doutrinariamente para o Espiritismo, no momento, é inviável a prática da clonagem humana. Muitos são os riscos aos direitos do nascituro, para atender ao delírio narcisista de orgulho e vaidade de alguns seres humanos, principalmente, em um mundo em que órfãos existem em grande número e a adoção é uma alternativa legal e moralmente válida.

145.2.3 - Natimorto – (W. Lisso – Págs. 47-52). Questão: ‘Quando se examina a situação dos natimortos, podemos admitir à luz do Espiritismo que em alguns casos não há espírito ligado a feto em desenvolvimento?’:

(...) Vejamos a questão em O Livro dos Espíritos (perguntas 136-a e 136-b): **136-a. O corpo pode existir sem a alma?** – Sim; e não obstante, desde que o corpo deixa de viver, a alma o abandona. Antes do nascimento, não há união decisiva entre a alma e o corpo, ao passo que, após o estabelecimento dessa união, a morte do corpo rompe os liames que a unem a ele, e a alma o deixa. A vida orgânica pode animar um corpo sem alma, mas a alma não pode habitar um corpo sem vida orgânica. **136-b. O que seria o nosso corpo, se não tivesse alma?** – Uma massa de carne sem inteligência; tudo o que quiserdes, menos um homem.

Clara a conclusão de Kardec: Pode existir vida orgânica sem o espírito. Os estudos desenvolvidos em relação ao processo da morte física e desencarnação vêm corroborar a conclusão inicial acima exposta. O Livro dos Espíritos esclarece (pergunta 156): **A separação definitiva entre a alma e o corpo pode verificar-se antes da cessação completa da vida orgânica?** – Na agonia, às vezes, a alma já deixou o corpo, que nada mais tem do que a vida orgânica. O homem não tem mais consciência de si mesmo, e não obstante ainda lhe resta um sopro de vida. Ele se mantém enquanto o coração lhe fizer circular o sangue pelas veias e para isso não necessita da alma.

No mesmo sentido, em O Céu e o Inferno, segunda parte, Capítulo I, Allan Kardec, no item ‘A Transição’, referindo-se ao assunto Morte Física/Desencarnação, diz no seu Item 5: ‘Coloquemos primeiramente, em princípio, os quatro casos seguintes, que podemos encarar como as situações extremas entre as quais existe uma infinidade de variações: 1^o.) Se no momento de extinção da vida orgânica o desprendimento do perispírito já se tiver completado, a alma não sentirá absolutamente nada’.

Admitindo-se a possibilidade de vida orgânica no ser humano sem o Espírito, elimina-se um argumento que se teria contrário à existência do feto sem ligação com o Espírito reencarnante. Analisemos as seguintes questões de O Livro dos Espíritos: **Questão 356: - Há crianças natimortas que não foram destinadas à encarnação de um Espírito?** – Sim, há as que jamais tiveram um Espírito destinado aos seus corpos; nada devia cumprir-se nelas. É somente pelos pais que essa criança nasce. **Questão 356-a: - Um ser dessa natureza pode chegar ao tempo normal de nascimento?** – Sim, algumas vezes, mas então não vive.

Kardec admite claramente a existência de formação fetal sem a existência da Entidade reencarnante. Neste caso, como se realiza a aglutinação das moléculas para organização da matéria, já que não há o agente diretor (o Espírito) e organizador do corpo físico? André Luiz nos fala que o ‘fenômeno obedece aos moldes mentais maternos’. Observa ele em Evolução em Dois Mundos, Capítulo XIII, quando fala da gestação frustrada, que ‘em todos os casos que há formação fetal, sem que haja a presença de entidade reencarnante, o fenômeno obedece aos moldes mentais maternos. Dentre as ocorrências dessa espécie há, por exemplo, aquelas nas quais a mulher, em provação de reajuste do centro genésico, nutre habitualmente o vivo desejo de ser mãe, embora inutilmente, na medida da intensidade do pensamento maternal, que opera, através de impactos sucessivos, condicionando as células do aparelho reprodutor, que lhes respondem aos apelos segundo os princípios de automatismo e reflexão. Em contrário, há, por exemplo, os casos em que a mulher, por recusa deliberada à gravidez de que se acha possuída, expulsa a entidade reencarnante nas primeiras semanas de gestação, desarticulando os processos celulares da constituição fetal e adquirindo, por semelhante atitude, constringedora dívida ante o Destino’.

Conclui-se pela possibilidade de vida orgânica no caso dos natimortos sem ligação com Entidade reencarnante. Assim, pode haver vida orgânica na forma hominal sem a presença e ligação do espírito. Situam-se neste caso: 1) A desencarnação anterior à cessação da vida orgânica. 2) A situação de natimortos dentro das circunstâncias estudadas. Em ambos os casos, a vida orgânica é de curta duração, transitória, sendo que: a) na desencarnação anterior à morte física, o corpo biológico já cumpriu a sua função; b) na situação dos natimortos, o corpo orgânico está ligado a provações ou expiações dos pais e não tem como função a encarnação de espírito.

Ressalte-se que pode haver natimortos em processo de ligação com o Espírito com o propósito de acomodação e adaptação da Entidade, o que serve como preparação para futura reencarnação. Neste sentido é a resposta à pergunta 355 de O Livro dos Espíritos: **Há, como indica a Ciência, crianças que desde o ventre da mãe não têm possibilidades de viver? E com que fim acontece isso?** Resposta: **Isso acontece freqüentemente, e Deus o permite como prova, seja para os pais, seja para o Espírito destinado a encarnar.**

No que se refere à formação de embriões em laboratório, na Clonagem Terapêutica ou mesmo na Partenogênese, quando o óvulo estimulado inicia o processo de divisão celular sem estar fecundado, temos a considerar que a tecnologia não visa a reprodução de seres vivos mas, simplesmente, a formação de vida orgânica para a utilização de células-tronco para fins terapêuticos. No processo, não se manifesta a fase pré-encarnatória quando o espírito reencarnante já se

liga antes da concepção através da relação fluídica àqueles em relação aos quais existem compromissos de ligações na matéria de acordo com a necessidade de provas e expiações.

Por outro lado, não existe a impregnação das células com base nos moldes mentais maternos tendo em vista que a matéria se organiza em laboratório e não no útero da mulher. No caso, entende-se que a divisão celular segue as leis biológicas, sob o ponto de vista dos cientistas encarnados ou estão sendo submetidas a eventuais influências das Entidades espirituais que estão sempre presentes nos laboratórios de pesquisas, que visam as descobertas para a criação do bem-estar e felicidade para o planeta.

Cumpra-se um dado importante, sob o ponto de vista espírita, que trabalha com a dualidade matéria e espírito: são distintos os conceitos de vida orgânica e de ser vivo. Nem sempre a matéria orgânica, isto é, a matéria viva, é um ser vivo, mas o ser vivo é sempre formado de matéria viva. Dentro desta ótica, existe a teoria que admite a existência de um princípio espiritual em evolução nas células. Segundo ela, este princípio estaria participando do processo de divisão das células em laboratório. Esta teoria é defendida por André Luiz, Espírito, em seu livro *Evolução em Dois Mundos*, capítulo V, onde considera ‘...as células como princípios inteligentes de feição rudimentar, a serviço do princípio inteligente em estágio mais nobre nos animais superiores e nas criaturas humanas...’. Observa-se, sob este ponto de vista, que continua existindo o princípio organizador da matéria, conquanto rudimentar, mas não do Espírito reencarnante, no estágio mais elevado das criaturas humanas.

145.2.4 – No momento, a Clonagem Humana não deve ser praticada – Págs. 53/54:

É de suma importância a discussão deste tema no meio espírita, para que os espíritas se posicionem diante da clonagem humana, da mesma forma que vêm fazendo as demais correntes espiritualistas, já que a aproximação – ciência e religião – é consequência lógica e inevitável da nossa evolução espiritual. Neste momento, conquanto a Doutrina defenda o princípio da progressão infinita da alma, sob o ponto de vista ético do comportamento humano e pelas razões expostas, a clonagem humana não deve ser praticada, seguindo-se, inclusive, as diretrizes tomadas pelas grandes nações do mundo e por todas as outras religiões.

Entretanto, a clonagem humana não poderá ser evitada para sempre. Seu desenvolvimento, além das pesquisas científicas em laboratório, vai depender da evolução moral do homem e de novas descobertas científicas e tecnologias que eliminem os problemas atuais apresentados. Sabe-se que a ciência é aética, mas a ética não deixa de ser um freio do comportamento dos cientistas. Registra o boletim *Medicina e Espiritualidade*, informativo da Associação Médico-Espírita do Brasil, n.1, de junho de 2001, que ‘grande parte da comunidade científica posicionou-se contra’ (a clonagem do ser humano), ‘uma vez que a técnica é ainda incipiente’. E que, além da Dolly, ‘outros animais clonados, desde 97, têm nascido com anomalias cardíacas, problemas de imaturidade pulmonar, baixa imunidade etc., quando não são fetos monstruosos que morrem em várias fases da gestação. As fêmeas que os hospedam sofrem e muitas morrem de doenças inusitadas’. A médica, Dra. Marlene Rossi Severino Nobre, em artigo publicado sobre o assunto, disse: ‘Assim, peçamos à bondade divina que a clonagem humana chegue quando as respostas estiverem suficientemente iluminadas pela vivência do Evangelho do Cristo também nos laboratórios e campos de trabalho da ciência’.

145.3 – “Clonagem”- “Transgênicos” - Jornal Folha de S. Paulo, Folha-Ciência:

Criador de Dolly pede para clonar embrião (Folha Ciência, 29 de setembro/2004, pág. A12) – O criador da ovelha Dolly, o primeiro clone de animal adulto, pediu ontem uma licença para estudar como as células nervosas enlouquecem e causam a doença do neurônio motor – enfermidade degenerativa incurável, cujo paciente mais ilustre é o físico britânico Stephen Hawking. Ian Wilmut, que chefiou o grupo de cientistas que criou Dolly no Instituto Roslin, Escócia, em 1996, disse planejar clonar embriões usando células adultas de pacientes portadores daquela doença, que causa degeneração dos músculos. Ele quer obter células-tronco, induzi-las a se diferenciar em neurônios e, depois, comparar seu desenvolvimento com o de células derivadas de embriões saudáveis. Esse tipo de estudo, conhecido como clonagem terapêutica, enfrenta

oposição de grupos antiaborto, porque envolve a criação de embriões para sua posterior destruição – é necessário que o embrião seja destruído para a obtenção das células-tronco. “Acreditamos que isso produzirá oportunidade inteiramente nova para o estudo da doença do neurônio motor”, disse Wilmut ontem, durante uma entrevista. Se o pedido for aprovado pela Autoridade de Fertilização Humana e Embriologia, órgão que regulamenta esse tipo de pesquisa no Reino Unido, será a segunda licença do gênero concedida no país. A primeira foi dada, no mês passado, à Universidade de Newcastle, para a clonagem de embriões humanos com o objetivo de desenvolver terapias para diabetes e mal de Parkinson.

Os embriões produzidos por meio da transferência nuclear – técnica que o próprio Wilmut usou no caso da Dolly – poderão se desenvolver até o sexto dia, quando atingem o estado conhecido como blastocisto. É nessa fase que as células-tronco embrionárias são extraídas. A lei britânica permite que isso aconteça desde 2001, mas proíbe que embriões clonados se desenvolvam além desse estágio e sejam implantados para reprodução. Wilmut não quer desenvolver implantes de células-tronco para recuperar os doentes. O objetivo da pesquisa é entender o mecanismo genético e celular por trás da moléstia – o que é difícil, porque os nervos são inacessíveis no cérebro dos pacientes. “Hoje, tudo o que nós temos é tecido de pacientes mortos. Precisamos de formas de estudar os neurônios motores [aqueles que carregam informação do cérebro para os músculos] durante o processo da doença”, disse Brian Dickie, da Associação Britânica da Doença do Neurônio Motor. A enfermidade é, na verdade, um conjunto de doenças de gravidade variada que levam a perda da função muscular. Cerca de 350 mil pessoas são afetadas todo ano, e cem mil morrem – a maioria nos primeiros cinco anos após o início dos sintomas. Dez por cento delas, como Hawking, sobrevivem por uma década ou mais.

Embrapa agora anuncia a filha do clone (Folha Ciência, 5 de outubro/2004, pág. A11) – A Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) anunciou ontem o nascimento da bezerra Glória, filha do primeiro clone bovino da América Latina, “Vitória da Embrapa”. O filhote nasceu de parto natural em 19 de setembro, em Brasília. Segundo Rodolfo Rumpf, coordenador das pesquisas de reprodução animal da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, o nascimento prova que o clone desenvolvido pelo órgão é perfeito do ponto de vista reprodutivo. “Vitória é fértil, sexualmente normal e tem instintos maternos.” A Embrapa demorou duas semanas para anunciar o nascimento, por uma questão de “cautela”. Os cientistas queriam avaliar a mãe e filha, ver se o relacionamento das duas era o mesmo dos animais tradicionais e se o desenvolvimento da bezerrinha era normal, disse Rumpf. Todo o processo de concepção foi um “laboratório diário”, segundo Rumpf. Vitória, hoje com três anos e sete meses, apresentou cio, passou pela monta – em que o processo de cruzamento é feito com um touro –, mas não ficou prenha. A solução foi inseminá-la artificialmente. Vitória, clonada a partir de uma célula de um embrião de cinco dias, é fruto de um projeto desenvolvido desde 1984. Por se originar de um embrião, ela é diferente da famosa ovelha Dolly, que foi clonada a partir de uma célula extraída de um organismo adulto – processo geralmente bem mais complicado.

Além de Vitória, a Embrapa tem um segundo clone, Lenda, nascida no ano passado. O órgão tentou criar um clone de um clone, que chegou a nascer, mas não teve vida longa. Em maio deste ano, Vitoriosa, clone de Vitória, morreu pouco antes de completar quatro meses. Para a Embrapa, além da importância científica da clonagem, o método é uma forma de regenerar material genético em extinção e de reprodução de indivíduos expoentes, com alto valor genético. Por isso a escolha da raça bovina. O próximo passo, segundo José Manuel Cabral Dias, chefe da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, é criar rebanhos de bovinos clonados, para testes no campo. Além do trabalho com clones, a Embrapa segue as pesquisas com animais transgênicos (em que trechos de DNA contendo genes de um organismo são inseridos em outro). Em 2003, o órgão conseguiu que um bezerro transgênico sobrevivesse até o oitavo mês de gestação. Os próximos bovinos geneticamente modificados devem nascer em 2006.

Senado aprova autorização para transgênicos – (Folha de S.Paulo, 7 de outubro/2004, pág. B1) – Soja transgênica – Fica autorizado o plantio de soja geneticamente modificada na safra 2004/2005. Os grãos colhidos nessa safra não poderão ser vendidos como semente. Cabe à CTNBio (Comissão Técnica Nacional de Biossegurança), por maioria simples, decidir sobre a pesquisa, produção, o cultivo, a comercialização e o transporte de organismos geneticamente modificados, exigindo ou não estudo de impacto ambiental(...) Poderá haver recurso da decisão ao Conselho Nacional de Biossegurança em até 30 dias. O conselho tem até 45 dias para

decidir se acata ou não o recurso. Após o prazo, o silêncio valerá por aval à decisão da CTNBio. Para valerem, as regras precisam passar por nova votação na Câmara antes de ir à sanção presidencial. O que é um organismo geneticamente modificado? Um produto cujo código genético é alterado por meio de manipulações para lhe dar novas características...Numa planta, por exemplo, é possível fazer mudanças para que ela fique resistente a um tipo de inseto ou a um herbicida, como no caso da soja plantada no Brasil. ‘A Favor’: ...aumenta a produtividade, diminui o custo de produção ao usar menos herbicidas, torna os alimentos menos sujeitos a aplicação de defensivos, o que os tornaria mais saudáveis. ‘Contra’...As pesquisas com transgênicos são ainda relativamente novas para avaliar se esses produtos afetam ou não a saúde e o ambiente, não há prova definitiva do aumento de produtividade, há risco de não mais ter a espécie “pura”, sem mistura com os grãos geneticamente modificados, há mercados que preferem soja não modificada geneticamente.

145.4 - Trecho sobre clonagem terapêutica gera dúvida – (Folha de S.Paulo, 7 de outubro/2004, pág. B3)

Por mais de uma hora ficou a confusão no ar: os senadores teriam liberado ou não a clonagem de embriões para fins terapêuticos? Não – foi a conclusão a que chegaram depois de divergências entre os senadores.... A versão mais recente da lei de biossegurança, que segue para a Câmara, autoriza o uso de embriões humanos produzidos por fertilização in vitro em pesquisa, desde que eles tenham sido descartados ou estejam congelados há pelo menos três anos. Também é exigido o consentimento dos pais. Os embriões serão usados na produção de células-tronco, que podem ser transformadas em diversos tipos de tecido humano. A autorização está limitada a fins de pesquisa e terapia de doenças degenerativas, segundo o acordo negociado no Senado. A regra garante o uso de cerca de 30 mil embriões disponíveis. A clonagem terapêutica permitiria a multiplicação dos embriões, mas ela acabou enquadrada como crime, sujeito a pena de até cinco anos de reclusão, além de multa. “É só o começo”, comemorou Andréa Bezerra de Albuquerque, presidente do Movitae (Movimento em Prol da Vida), certa de que o projeto enfrentará ainda grande oposição na Câmara, onde o uso de embriões chegou a ser proibido no começo do ano. “É um problema entre a fé e a ciência”, avaliou o líder do governo no Senado, Aloizio Mercadante (PT-SP), reafirmando o apoio do governo à proposta. Embora o projeto de lei proíba claramente a clonagem humana para fins reprodutivos ou qualquer tipo de manipulação genética em embriões, ele ainda enfrentará a oposição de setores da Igreja Católica...

145.5 - Embrião congelado basta, diz geneticista – (Folha Ciência, 8 de outubro/2004, pág. A16)

...Segundo cientista da USP, país não domina clonagem terapêutica e veto do Senado não atrapalha pesquisa...Embora não autorize o uso de técnicas de clonagem de embriões para a obtenção de células-tronco, o projeto da Lei de Biossegurança aprovado anteontem no Senado não deve atrapalhar os cientistas brasileiros num primeiro momento. É o que diz Mayana Zatz, geneticista da USP que participou do processo de redação do texto final junto aos legisladores. “Essa técnica, que envolve a transferência de núcleo, é muito complexa. Hoje, não há nenhum grupo no Brasil que possa dizer, no caso de ter autorização para ir em frente, ‘eu estou pronto’, afirma. “No caso das linhagens obtidas a partir de embriões congelados, nós podemos começar já.” Por isso, Zatz se diz satisfeita com o texto, que agora depende da aprovação da Câmara e da sanção presidencial para virar lei. Na redação final, fica autorizado o uso em pesquisa de embriões congelados em clínicas de fertilidade que estejam lá há pelo menos três anos, se os pais concordarem. Há cerca de 30 mil embriões nessa situação no país, que seriam descartados de outra forma.

A idéia dos pesquisadores é extrair deles células-tronco, que têm potencial para virar qualquer tipo de célula, de neurônios a músculo cardíaco. A meta é, em longo prazo, criar tratamentos para doenças hoje incuráveis, como mal de Parkinson e diabetes. Com os embriões congelados, já será possível dar andamento à pesquisa, mas alguns cientistas defendem que aliar esses estudos às técnicas de clonagem é fundamental, pois permite a criação de tecidos com as mesmas características genéticas de um determinado indivíduo (o que evitaria rejeição, no caso de um transplante) e também permite o estudo de certas doenças genéticas em culturas de células em laboratório. Os cientistas chamam isso de clonagem terapêutica, procedimento que envolve a criação de um embrião especialmente para pesquisa e que a nova Lei de Biossegurança não permite. É importante não confundir-lo com clonagem reprodutiva – a criação de uma pessoa

a partir do DNA de outra -, que tem oposição uníssonas de cientistas e religiosos. Nem todos na comunidade científica estão 100% satisfeitos com a solução a que chegaram os legisladores. “Claro, é melhor estudar os embriões congelados do que não estudar nada”, diz Lygia da Veiga Pereira, geneticista colega de Zatz na USP. “Mas, se não pudermos fazer transferência nuclear, só vamos obter linhagens de células-tronco como as que já existem nos EUA. Como as quatro que importamos recentemente de lá para o nosso laboratório.” Segundo Pereira, os cientistas continuarão lutando pela futura liberação das pesquisas com células-tronco de embriões clonados. E, com isso, Zatz concorda. “O que ficou acordado com o Senado”, ela diz, “é que o texto passaria assim, sem a clonagem terapêutica, e que depois seria discutir uma outra lei, para versar especificamente sobre esse tema.”

III – OBSTÁCULOS À REPRODUÇÃO E A LEI NATURAL (Itens 693 e 694)

Artigo 146 – Tudo o que entrava a marcha da Natureza é contrário à lei geral; assim, as leis e os costumes humanos que objetivam ou têm por efeito criar obstáculos à reprodução são contrários à lei natural.

Obstáculos abusivos à reprodução de animais e plantas

Artigo 147 – Deus deu ao homem, sobre todos os seres vivos, um poder que ele deve usar para o bem, mas não abusar. Ele pode regular a reprodução segundo as necessidades (prejuízo às outras espécies), mas não deve entravá-la sem necessidade. A ação inteligente do homem é um contrapeso posto por Deus entre as forças da Natureza para restabelecer-lhes o equilíbrio, e isso também o distingue dos animais, pois ele o faz com conhecimento de causa. Os animais concorrem, por sua vez, para esse equilíbrio, pois o instinto de conservação que lhe foi dado faz que, ao proverem a própria conservação, detenham o desenvolvimento excessivo e talvez perigoso das espécies animais e vegetais de que se nutrem.

Obstáculos à reprodução humana e a sensualidade

Artigo 148 – Os usos que têm os homens de deter a própria reprodução, com vistas à satisfação da sensualidade, provam a predominância do corpo sobre a alma e o quanto o homem está imerso na matéria.

148.1 – “A Lei de Reprodução” – Explicação de Rodolfo Calligaris no citado livro “As Leis Morais”, págs. 70-73:

A ordenação bíblica – “crescei e multiplicai-vos”- não tem sido, até hoje, bem compreendida por todos. Os que se atêm à letra das Escrituras, sem penetrar-lhe o espírito, vêem nessas palavras uma lei divina, estabelecendo que a reprodução das espécies, inclusive a humana, deva ser livre e ilimitada, e que obstá-la seria grave pecado. Sem dúvida, a reprodução dos seres vivos é lei da natureza e preenche uma necessidade no mecanismo da Evolução; isso não quer dizer, entretanto, seja proibido ao homem adotar certas medidas para a regular. Tudo depende da finalidade que se tenha em vista. Dado, p. ex., que o desenvolvimento excessivo de determinadas plantas ou animais se revele nocivo e perigoso, pode-se perfeitamente impedir-lhes a reprodução, pois “a ação inteligente do homem é um contrapeso que Deus dispôs para restabelecer o equilíbrio entre as forças da natureza”, tal o ensino que nos chega através de Kardec.

148.2 – “Controle da Natalidade” – Explicação de Celso Martins e o Espírito Joanna de Ângelis no livro “O Sexo & O Amor Em Nossas Vidas”, Editora EME, Capivari-SP, 7ª. edição, 1993, págs. 107-109:

O assunto é polêmico, no entanto, não pode ser medida imposta pelas autoridades governamentais à sociedade como solução de problemas econômicos. Ao seu tempo, o economista inglês Malthus dizia que a superpopulação do globo levaria a Humanidade fatalmente à miséria

generalizada por carência de alimentos para todos, porque não levava em consideração o extraordinário avanço tecnológico dos séculos vindouros. Assim sendo, o tema deve ser examinado no lar, numa conversa fraternal entre marido e mulher. O ser humano não é apenas animal dominado inteiramente pela tirania do instinto. Acima desse impulso biológico, o ser humano possui uma vontade livre que é capaz de impor aos referidos anseios instintivos da libido os ditames da razão e da moral. Formular o problema sob a condição de que o apetite sexual deva ser sempre satisfeito sem controle é abdicar da própria dignidade humana.

Por outro lado, muitos, de fato, se preocupam com o equilíbrio entre o crescimento populacional e a oferta de melhores condições de vida. Ocorre, porém, que as causas latentes das presentes desigualdades sociais residem no egoísmo das nações e das classes mais ricas e menos fecundas, para com as pobres e mais prolíficas. Radicam-se na ânsia de levar vantagem, de sempre usufruir lucros astronômicos em cima da miséria de muitos outros. Doutra parte, é forçoso admitir que ainda há muito comodismo, muita acomodação, muita preguiça. Em ambos os lados percebemos sem esforço a total inobservância às leis de Deus.

Os bens da Terra podem e devem mesmo ser repartidos com os convidados para o banquete da vida, como já dizia o Papa Paulo VI em sua encíclica *Populorum Progressio*. Urge a educação moral dos caracteres para que, como já preconizava Kardec em *Obras Póstumas*, uma aristocracia intelecto-moral conduza os povos num clima de harmonia e legítima cooperação técnico-científica para a melhora das condições de vida de todos os povos da Terra.

Por oportuna, transcrevo “*ipsis literis*” uma página do Espírito Joanna de Ângelis pela mediunidade de Divaldo P. Franco sobre a limitação de filhos. Ei-la:

“O problema da planificação familiar, antes de maiores cogitações, deve merecer dos cônjuges mais profundas análises e reflexões. Pela forma simplista como alguns a apresentam, a desordenada utilização de métodos anticoncepcionais, interfere, negativamente, na economia moral da própria família. Na situação atual, os pais dotados de recursos econômicos menos procriam, em considerando as disponibilidades que possuem, enquanto os destituídos de posse aumentam a prole, tornando muito mais complexas e difíceis as engrenagens do mecanismo social.

Os filhos são programados na esfera extra-física da vida, tendo-se em vista as injunções crédito-débito, defluentes das reencarnações passadas. Normalmente, antes do mergulho no corpo carnal, o Espírito reencarnante estabelece intercâmbio com os futuros genitores de cujo concurso necessitam para o cometimento a empreender. Os filhos não chegados pela via normal, não obstante, alcançarão à casa dos sentimentos negados, utilizando-se dos sutis recursos da Vida, que aproximam os afins pelo Amor ou pela rebeldia, quando separados, para as justas reparações.

Chegarão a outros tetos, mas dali sairão atraídos pelas necessidades propelentes ao encontro da família que lhes é própria, nem sempre forrados em objetivos relevantes. Alguém que te chega, perturbando a paz... Outrem que te rouba pertences e sossego... O ser que te sobrecarrega de dissabores... Aquele que de fora desarmoniza a tua família... O vadio que te adentra o lar... O viciado que corrompe quem te é caro... O aliciador que chega de longe e infelicita o filho ou a filha a quem amas... Todos eles estão vinculados a ti. Quiçá houvessem renascido sob o teu teto e as circunstâncias impediriam dramas maiores.

Antes de aderires ao entusiasmo reinante para a limitação da prole, reparte com o cônjuge as tuas preocupações, discute o problema à luz da reencarnação. Evite engajar na moda, só porque as opiniões gerais são favoráveis à medida. Sendo possível, acolhe-os da melhor maneira, porquanto, conforme os receberes, ser-te-ão amigos generosos ou rudes adversários dos quais não te libertarás facilmente.

Não faças, simplesmente, considerando os fatores econômicos, os da superpopulação... O Senhor dispõe de recursos inimagináveis... Confia a Ele as tuas dificuldades e entrega-te consciente, devotadamente. Seja qual for a opção que escolhas – ter mais ou menos filhos – os que se encontram na pauta das tuas necessidades, chegar-te-ão, hoje ou mais tarde”.

148.3 – “Controle da Natalidade” – Ditado pelo Espírito André Luiz no livro “Ação e Reação”, psicografia de Francisco C. Xavier, págs. 210/211:

(...) “Como interpretar a atitude dos casais que evitam os filhos, dos casais dignos e respeitáveis, sob todos os pontos de vista, que sistematizam o uso dos anticoncepcionais?”. – Se não descambam para a delinquência do aborto, na maioria das vezes são trabalhadores desprezados que preferem poupar o suor, na fome de reconforto imediatista. Infelizmente para eles, porém, apenas adiam realizações sublimes, às quais deverão fatalmente voltar, porque há tarefas e lutas em família que representam o preço inevitável de nossa regeneração. Desfrutam a existência, procurando inutilmente enganar a si mesmos, no entanto, o tempo espera-os, inexorável, dando-lhes a conhecer que a redenção nos pede esforço máximo. Recusando acolhimento a novos filhinhos, quase sempre programados para eles antes da reencarnação, emaranham-se nas futilidades e preconceitos das experiências de subnível, para acordarem, depois do túmulo, sentindo frio no coração...

148.4 – “A Pílula” - Explicação de Marlene R. S. Nobre, no livro “A Mulher Na Dimensão Espírita”, Edit. Dicesp, Santos-SP, 6ª. edição, 1985, em co-autoria com Jaci Régis e Nancy P. Girolamo, págs. 70-72:

As pílulas anticoncepcionais ou os anovulatórios, trouxeram maior efervescência, no campo social, porque a síntese dos hormônios sexuais femininos em laboratório, foi um dos elementos decisivos para emancipação da mulher moderna. Em particular a síntese da progesterona barateando o produto e possibilitando o seu consumo mundial, permitiu, pela primeira vez na História, a libertação feminina, do ponto de vista sexual. Antes, era o medo permanente de engravidar e por isso mesmo a impossibilidade de partilhar, com o companheiro do mesmo prazer nas relações amorosas; o cuidado constante com a prole, gerando desequilíbrios no relacionamento do casal. Não vai muito longe a época em que nossas avós, nossas tias e mães foram educadas para suportarem o ato sexual como obrigação. Esse clima repressivo, próprio do patriarcado, encontrou forte alicerce em figuras como Santo Tomás de Aquino, que consideravam o sexo pecaminoso, até no casamento.

André Luiz afirma que a união sexual “traduz a permuta sublime de energias perispirituais, simbolizando alimento divino para a inteligência e para o coração, força criadora não somente de filhos carnis, mas também de obras e realizações generosas da alma para a vida eterna”. Se confrontarmos com “O Livro dos Espíritos”, concluímos que esses ensinamentos exortam a um entendimento permanente entre o homem e a mulher em seu relacionamento, inclusive o sexual. Sem nos esquecermos de que “o sexo, na existência humana, pode ser um dos instrumentos do amor, sem que o amor seja o sexo”.

Existiria uma posição espírita quanto à utilização da ‘pílula’ como meio anticoncepcional?

As questões 693 e 693-a de “O Livro dos Espíritos” levantam o problema dos obstáculos à reprodução, acentuando que o próprio homem “pode regular a produção, de acordo com as necessidades”, em se referindo ao problema da proliferação das espécies no planeta.

Compete a cada um discernir o que lhe assenta melhor, porque a Doutrina Espírita esclarece e liberta o indivíduo, fornecendo-lhe opções segundo o grau de responsabilidade já alcançado. Nesse período de transição, quando os direitos sempre negados às mulheres estão em pauta, para reexame; quando a liberdade sexual extremada surge como reação à longa fase repressiva em que se encarceraram, não representaria o anticoncepcional um meio transitório de acomodação? Tomar ou não tomar a pílula, eis a questão! Entendemos que a planificação ou não da família é de exclusiva ‘responsabilidade do casal’. Se decidirem pelo controle da prole, a supervisão do método contraceptivo deve ser de competência médica. Não se deve ignorar que a ‘pílula’ introduz no organismo um clima de pseudo-gravidez. Evidentemente, há uma sobrecarga de hormônios que têm uma fisiologia bem definida na economia orgânica e por isso mesmo há casos de contra-indicação total de seu uso, para um determinado número de mulheres. A ‘pílula’ masculina ainda está em fase experimental, mas, sem dúvida o homem, em breve, poderá partilhar também essa responsabilidade com a mulher.

Kardec afirma: “A desordem e a imprevidência são duas chagas que somente uma educação bem compreendida pode curar. Nisso está o ponto de partida, o elemento real do bem-estar, a garantia da segurança de todos”. Realmente, o casal amadurecido para as realidades espirituais evitará a imprevidência e a desordem doméstica, oferecendo, com base na renúncia e no

esforço próprio, as melhores condições de segurança para os filhos – espíritos que Deus situou, sob seus cuidados, para receberem carinho e instrução, com vistas ao aprimoramento espiritual. Acreditamos que o principal empecilho para que a planificação seja feita, em moldes genuinamente cristãos, esteja no fato de que é muito difícil ao ser humano estabelecer os limites entre o supérfluo e o necessário, entre o egoísmo e a caridade.

Quantos filhos deveremos ter? A quantos espíritos deveremos dar oportunidade para o renascimento? Nesse caso, a oração e a disposição sinceras de acertar são elementos muito importantes para o cumprimento das responsabilidades familiares. Se o casal decidir deixar a Natureza estabelecer o número de filhos que deve ter, é porque, certamente, está disposto a enfrentar as lutas materiais e morais, para garantir, aos inúmeros rebentos, a segurança indispensável ao seu desenvolvimento.

148.5 – “Aborto” – Explicação do Espírito Emmanuel no livro já citado “Vida e Sexo”, págs. 73-76:

“Constitui crime a provocação do aborto, em qualquer período de gestação? – Resposta: Há crime sempre que transgredis a lei de Deus. Uma mãe, ou quem quer que seja, cometerá crime sempre que tirar a vida a uma criança antes do seu nascimento, por isso que impede uma alma de passar pelas provas a que serviria de instrumento o corpo que se estava formando.” Item 358 de O Livro dos Espíritos.

Falamos naturalmente acerca de relações internacionais, sociais, públicas, comerciais, clareando as obrigações que elas envolvem; no entanto, muito freqüentemente marginalizamos as relações sexuais – aquelas em que se fundamentam quase todas as estruturas da ação comunitária. Esquece-se, habitualmente, de que o homem e a mulher, via de regra, experimentam instintivo horror à solidão e que à vista disso, a comunhão sexual reclama segurança e duração para que se mostre assente nas garantias necessárias. Impraticável, sem dúvida, impor a continuidade da ligação entre duas criaturas, a preço de violência; no entanto, à face das contingências e contratempos pelos quais o carro da união esponsalícia deve passar pelas estradas do mundo, as leis da vida, muito sabiamente, estabelece nos filhos os elos da comunhão entre os cônjuges, atribuindo-lhes a função de fixadores da organização familiar; com a colaboração deles, os deveres do companheiro e da companheira, no campo da assistência recíproca, se revelam mais claramente perceptíveis e o lar se alteia por escola de aperfeiçoamento e de evolução, em marcha para a aquisição de mais amplos valores do espírito, no Mundo Maior.

De todos os institutos sociais existentes na Terra, a família é o mais importante, do ponto de vista dos alicerces morais que regem a vida. É pela conjunção sexual entre o homem e a mulher que a Humanidade se perpetua no Planeta; em virtude disso, entre pais e filhos residem os mecanismos da sobrevivência humana, quanto à forma física, na face do orbe. Fácil entender que é assim justamente que nós, os espíritos eternos, atendendo aos impositivos do progresso, nos revezamos na arena do mundo, ora envergando a posição de pais, ora desempenhando o papel de filhos, aprendendo, gradativamente, na carteira do corpo carnal, as lições profundas do amor – do amor que nos soerguerá, um dia, em definitivo, da Terra para os Céus.

Com semelhantes notas, objetivamos tão-só destacar a expressão calamitosa do aborto criminoso, praticado exclusivamente pela fuga ao dever. Habitualmente – nunca sempre – somos nós mesmos quem planifica a formação da família, antes do renascimento terrestre, com o amparo e a supervisão de instrutores beneméritos, à maneira da casa que levantamos no mundo, com o apoio de arquitetos e técnicos distintos. Comumente chamamos a nós antigos companheiros de aventuras infelizes, programando-lhes a volta em nosso convívio, a prometer-lhes socorro e oportunidade, em que se lhes reedifique a esperança de elevação e resgate, burilamento e melhoria. Criamos projetos, aventamos sugestões, articulamos providências e externamos votos respeitáveis, englobando-nos com eles em salutares compromissos que, se observados, redundarão em bênçãos substanciais para todo o grupo de corações a que se nos vincula a existência. Se, porém, quando instalados na Terra, anestesiarmos a consciência, expulsando-os de nossa companhia, a pretexto de resguardar o próprio conforto, não lhes podemos prever as reações negativas e, então, muitos dos associados de nossos erros de outras épocas, ontem convertidos, no Plano Espiritual, em amigos potenciais, à custa das nossas promessas de compreensão e de auxílio, fazem-se hoje – e isso ocorre bastas vezes, em todas as comunidades da Terra – inimigos recalçados que

se nos entranham à vida íntima com tal expressão de desencanto e azedume que, a rigor, nos infundem mais sofrimento e aflição que se estivessem conosco em plena experiência física, na condição de filhos-problemas, impondo-nos trabalho e inquietação.

Admitimos seja suficiente breve meditação, em torno do aborto delituoso, para reconhecermos nele um dos grandes fornecedores das moléstias de etiologia obscura e das obsessões catalogáveis na patologia da mente, ocupando vastos departamentos de hospitais e prisões.

148.6 – “Aborto Provocado” – Ditado pelo Espírito André Luiz no livro “Ação e Reação”, psicografia de Francisco C. Xavier, págs. 210/211

(...) – E o aborto provocado, Assistente? – inquiriu Hilário, sumamente interessado. – Diante da circunspeção com que a sua palavra reveste o assunto, é de se presumir seja ele falta grave...

- Falta grave?! Será melhor dizer doloroso crime. Arrancar uma criança ao materno seio é infanticídio confesso. A mulher que o promove ou que venha a coonestar semelhante delito é constrangida, por leis irrevogáveis, a sofrer alterações deprimentes no centro genésico de sua alma, predispondo-se geralmente a dolorosas enfermidades, quais sejam a metrite, o vaginismo, a metralgia, o enfarte uterino, a tumoração cancerosa, flagelos esses com os quais, muita vez, desencarna, demandando o Além para responder, perante a Justiça Divina, pelo crime praticado. É, então, que se reconhece rediviva, mas doente e infeliz, porque, pela incessante recapitulação mental do ato abominável, através do remorso, reterá por tempo longo a degenerescência das forças genitais.

- E como se recuperará dos lamentáveis acidentes dessa ordem?

O Assistente pensou por momentos rápidos e acrescentou:

- Imaginem vocês a matriz mutilada ou deformada, na mesa da cerâmica. Decerto que o oleiro não se utilizará dela para a modelagem de vaso nobre, mas aproveitar-lhe-á o concurso em experimentos de segunda e terceira classe... A mulher que corrompeu voluntariamente o seu centro genésico receberá de futuro almas que viciaram a forma que lhes é peculiar, e será mãe de criminosos e suicidas, no campo da reencarnação, regenerando as energias sutis do perispírito, através do sacrifício nobilitante com que se devotará aos filhos torturados e infelizes de sua carne, aprendendo a orar, a servir com nobreza e a mentalizar a maternidade pura e sadia, que acabará reconquistando ao preço de sofrimento e trabalho justos...

IV – CASAMENTO E CELIBATO E A LEI NATURAL – (Itens 695 a 699)

Artigo 149 – O casamento, ou seja, a união permanente de dois seres não é contrária à lei da Natureza; é um progresso na marcha da Humanidade.

Abolição do casamento

Artigo 150 – O efeito da abolição do casamento sobre a sociedade humana seria o retorno à vida dos animais.

150.1 – “Abolição do casamento – retorno à infância da Humanidade”- Comentário de Kardec no item 696:

A união livre e fortuita dos sexos pertence ao estado de natureza. O casamento é um dos primeiros atos de progresso nas sociedades humanas, porque estabelece a solidariedade fraterna e se encontra entre todos os povos, embora nas mais diversas condições. A abolição do casamento seria, portanto, o retorno à infância da Humanidade e colocaria o homem abaixo mesmo de alguns animais que lhe dão o exemplo das uniões constantes.

150.2 – “Casamento” – Explicação sobre a questão 695 de “O Livro dos Espíritos”, pelo Espírito Emmanuel no livro “Sexo e Vida”, págs. 33/35:

O casamento ou a união permanente de dois seres, como é óbvio, implica o regime de vivência pelo qual duas criaturas se confiam uma à outra, no campo da assistência mútua. Essa u-

não reflete as Leis Divinas que permitem seja dado um esposo para uma esposa, um companheiro para uma companheira, um coração para outro coração ou vice-versa, na criação e desenvolvimento de valores para a vida. Imperioso, porém, que a ligação se baseie na responsabilidade recíproca, de vez que na comunhão sexual um ser humano se entrega a outro ser humano e, por isso mesmo, não deve haver qualquer desconsideração entre si.

Quando as obrigações mútuas não são respeitadas no ajuste, a comunhão sexual injuriada ou pérfidamente interrompida costuma gerar dolorosas repercussões na consciência, estabelecendo problemas cármicos de solução, por vezes, muito difícil, porquanto ninguém fere alguém sem ferir a si mesmo. Indiscutivelmente, nos Planos Superiores, o liame entre dois seres é espontâneo, composto em vínculos de afinidade inelutável. Na Terra do futuro, as ligações afetivas obedecerão a idêntico princípio e, por antecipação, milhares de criaturas já desfrutam no próprio estágio da encarnação dessas uniões ideais, em que se jungem psiquicamente uma à outra, sem necessidade da permuta sexual, mais profundamente considerada, a fim de se apoiarem mutuamente, na formação de obras preciosas, na esfera do espírito.

Acontece, no entanto, que milhões de almas, detidas na evolução primária, jazem no Planeta, arraigadas a débitos escabrosos, perante a lei de causa e efeito e, inclinadas que ainda são ao desequilíbrio e ao abuso, exigem severos estatutos dos homens para a regulação das trocas sexuais que lhes dizem respeito, de modo a que não se façam salteadores impunes na construção do mundo moral. Os débitos contraídos por legiões de companheiros da Humanidade, portadores de entendimento verde para os temas do amor, determinam a existência de milhões de uniões supostamente infelizes, nas quais a reparação de faltas passadas confere a numerosos ajustes sexuais, sejam eles ou não acobertados pelo beneplácito das leis humanas, o aspecto de ligações francamente expiatórias, com base no sofrimento purificador. De qualquer modo, é forçoso reconhecer que não existem no mundo conjunções afetivas, sejam elas quais forem, sem raízes nos princípios cármicos, nos quais as nossas responsabilidades são esposadas em comum.

Indissolubilidade absoluta do casamento: lei natural ou lei humana?

Artigo 151 – A indissolubilidade absoluta do casamento (*até que a morte separe*) é uma lei humana, muito contrária à lei natural. Mas os homens podem modificar as suas leis; somente as naturais são imutáveis.

151.1 – “Divórcio” – Explicação do Espírito Emmanuel no livro “Sexo e Vida”, págs. 37-39:

“O divórcio é lei humana que tem por objeto separar legalmente o que já, de fato, está separado. Não é contrário à lei de Deus, pois que apenas reforma o que os homens hão feito e só é aplicável nos casos em que não se levou em conta a lei divina.” (Do item 5, do Cap. XXII, de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”).

Partindo do princípio de que não existem uniões conjugais ao acaso, o divórcio, a rigor, não deve ser facilitado entre as criaturas. É aí, nos laços matrimoniais definidos nas leis do mundo, que se operam burilamentos e reconciliações endereçados à precisa sublimação da alma. O casamento será sempre um instituto benemérito, acolhendo, no limiar, em flores de alegria e esperança, aqueles que a vida aguarda para o trabalho do seu próprio aperfeiçoamento e perpetuação. Com ele, o progresso ganha novos horizontes e a lei do renascimento atinge os fins para os quais se encaminha.

Ocorre, entretanto, que a Sabedoria Divina jamais institui princípios de violência, e o Espírito, conquanto em muitas situações agrave os próprios débitos, dispõe da faculdade de interromper, recusar, modificar, discutir ou adiar, transitóriamente, o desempenho dos compromissos que abraça.

Em muitos lances da experiência, é a própria individualidade, na vida do Espírito, antes da reencarnação, que assinala a si mesma o casamento difícil que faceará na estância física, chamando a si o parceiro ou a parceira de existências pretéritas para os ajustes que lhe pacificarão a consciência, à vista de erros perpetrados em outras épocas. Reconduzida, porém, à ribalta terrestre e assumida a união sponsalícia que atraiu a si mesma, ei-la desencorajada à face dos empeços que se lhe desdobram à frente. Por vezes, o companheiro ou a companheira voltam ao

exercício da crueldade de outro tempo, seja através de menosprezo, desrespeito, violência ou deslealdade, e o cônjuge prejudicado nem sempre encontra recursos em si para se sobrepor aos processos de dilapidação moral de que é vítima.

Compelidos, muita vez, às últimas fronteiras da resistência, é natural que o esposo ou a esposa, relegado a sofrimento indêbito, se valha do divórcio por medida extrema contra o suicídio, o homicídio ou calamidades outras que lhes complicariam ainda mais o destino. Nesses lances da experiência, surge a separação à maneira de bênção necessária e o cônjuge prejudicado encontra no tribunal da própria consciência o apoio moral da auto-aprovação para renovar o caminho que lhe diga respeito, acolhendo ou não nova companhia para a jornada humana.

Óbvio que não nos é lícito estimular o divórcio em tempo algum, competindo-nos tão-somente, nesse sentido, reconfortar e reanimar os irmãos em lide, nos casamentos de provação, a fim de que se sobreponham às próprias suscetibilidades e aflições, vencendo as duras etapas de regeneração ou expiação que rogaram antes do renascimento no Plano Físico, em auxílio a si mesmos; ainda assim, é justo reconhecer que a escravidão não vem de Deus e ninguém possui o direito de torturar ninguém, à face das leis eternas.

O divórcio, pois, baseado em razões justas, é providência humana e claramente compreensível nos processos de evolução pacífica. Efetivamente, ensinou Jesus: “não separeis o que Deus ajuntou”, e não nos cabe interferir na vida de cônjuge algum, no intuito de arredá-lo da obrigação a que se confiou. Ocorre, porém, que se não nos cabe separar aqueles que as Leis de Deus reuniu para determinados fins, são eles mesmos, os amigos que se enlaçaram pelos vínculos do casamento, que desejam a separação entre si, tocando-nos unicamente a obrigação de respeitar-lhes a livre escolha sem ferir-lhes a decisão.

O Celibato e o egoísmo

Artigo 152 – O celibato voluntário não é meritório aos olhos de Deus e os que vivem assim, por egoísmo, desagradam a Deus e enganam a todos.

O Celibato ao serviço da Humanidade

Artigo 153 – O celibato é meritório quando é um sacrifício para algumas pessoas que desejam devotar-se mais inteiramente ao serviço da Humanidade. Todo sacrifício pessoal é meritório, quando feito para o bem; quanto maior o sacrifício, maior o mérito.

153.1 – “Celibato e renúncia às alegrias da vida familiar” – Comentário de Kardec no item 699:

Deus não se contradiz nem considera mau o que Ele mesmo fez. Não pode, pois, ver mérito na violação da sua lei. Mas se o celibato, por si mesmo, não é um estado meritório, já não se dá o mesmo quando constitui, pela renúncia às alegrias da vida familiar, um sacrifício realizado a favor da Humanidade. Todo sacrifício pessoal visando ao bem e ‘sem segunda intenção egoísta’ eleva o homem acima da sua condição material.

153.2 – “Abstinência e Celibato” – Explicação do Espírito Emmanuel, no livro “Sexo e Vida”, págs. 97-100, a respeito das questões 698 e 699 de “O Livro dos Espíritos”:

Abstinência, em matéria de sexo, e celibato, na vida de relação, pressupõe experiências da criatura em duas faixas essenciais – a daqueles Espíritos que escolhem semelhantes posições voluntariamente para burilamento ou serviço, no curso de determinada reencarnação, e a daqueles outros que se vêem forçados a adotá-las, por força de inibições diversas.

Indubitavelmente, os que consigam abster-se da comunhão afetiva, embora possuindo em ordem todos os recursos instrumentais para se aterem ao conforto de uma existência ‘a dois’, com o fim de se fazerem mais úteis ao próximo, decerto que traçam a si mesmos escaladas mais rápidas aos cimos do aperfeiçoamento. Agindo assim, por amor, doando o corpo a serviço dos semelhantes, e, por esse modo, amparando os irmãos da Humanidade, através de variadas ma-

neiras, convertem a existência, sem ligações sexuais, em caminho de acesso à sublimação, ambientando-se em climas diferentes de criatividade, porquanto a energia sexual neles não estancou o próprio fluxo; essa energia simplesmente se canaliza para outros objetivos – os de natureza espiritual. E, em concomitância com os que elegem conscientemente esse tipo de experiência, impondo-se duros regimes de vivência pessoal, encontramos aqueles outros, os que já renasceram no corpo físico induzidos ou obrigados à abstinência sexual, atendendo a inibições irreversíveis ou a processos de inversão pelos quais sanam erros do pretérito ou se recolhem a pesadas disciplinas que lhes facilitem a desincumbência de compromissos determinados, em assuntos do espírito.

Num e noutro caso, identificamos aqueles que se fazem chamar, segundo os ensinamentos evangélicos, como sendo “eunucos por amor do Reino de Deus”. Esses eunucos, porém, muito ao contrário do que geralmente se afirma, não são criaturas psicologicamente assexuadas, respirando em climas de negação da vida. Conquanto abstêmios da emotividade sexual, voluntária ou involuntariamente, são almas vibrantes, inflamadas de sonhos e desejos, que se omitem, tanto quanto lhes é possível, no terreno das comunhões afetivas, para satisfazerem as obrigações de ordem espiritual a que se impõem. Depreende-se daí a impossibilidade de se doarem a quaisquer tarefas de reparação ou elevação sem tentações, sofrimentos, angústias e lágrimas e, às vezes, até mesmo escorregões e quedas, nos domínios do sentimento, de vez que os impulsos do amor nelas se mantêm com imensa agudeza, predispondo-as à sede incessante de compreensão e de afeto.

Entendendo-se os valores da alma por alimento do espírito, impossível esquecer que a produção do bem e do aprimoramento se realiza à base de atrito e desgaste. A semente é segregada no solo para desvencilhar-se dos empecos que a constringem, de modo a formar o pão, e o pão, a rigor, não se completa em forno frio. A força no carro não surge sem a queima de combustível, e o motor não lhe garante movimento sem aquecer-se em nível adequado.

Abstinência e celibato, seja por decisão súbita do homem ou da mulher, interessados em educação dos próprios impulsos, no curso da reencarnação, ou seja por deliberação assumida, antes do renascimento na esfera física, em obediência a fins específicos, não contam indiferença e nem anestesia do sentimento.

Celibato e abstinência, em qualquer forma de expressão, constituem tentames louváveis do ser – experiências de caráter transitório -, nos quais a fome de alimento afetivo se lhes transforma no imo do coração em fogo purificador, acrisolando-lhes as tendências ou transfigurando essas mesmas tendências em clima de produção do bem comum, através do qual, pela doação de uma vida, se efetua o apoio espiritual ou a iluminação de inúmeras outras.

Tais considerações nos impelem a concluir que a vida sexual de cada criatura é terreno sagrado para ela própria, e que, por isso mesmo, abstenção, ligação afetiva, constituição de família, vida celibatária, divórcio e outras ocorrências, no campo do amor, são problemas pertinentes à responsabilidade de cada um, erigindo-se, por essa razão, em assuntos, não de corpo para corpo, mas de coração para coração.

153.3 – “O Problema do Celibato... ‘Religioso’” – Explicação de José Herculano Pires em seu livro “Curso Dinâmico de Espiritismo”, Editora Paidéia, SP, 1ª. edição, 1979, págs. 184-187:

(...) No tocante ao celibato a posição espírita é decisivamente contrária, considerando-o como fuga ao dever humano da reprodução da espécie, determinada pelo egoísmo. O celibato religioso, imposto pelas igrejas, vai além disso, pois representa uma violação consciente das leis divinas, sob o pretexto de exclusiva dedicação a Deus. Só é justificável o celibato obrigatório, motivado por questões orgânicas ou impedimentos decorrentes de doenças ou mutilações. Admite-se o celibato por devotamento integral a uma causa social absorvente. Nesses casos o egoísmo está naturalmente excluído. No caso do sacerdócio e votos de castidade o egoísmo reponta da pretensão de agradar a Deus violando as suas leis. Há mesmo, de parte do sacerdócio, como o demonstram as religiões em geral, conveniência no casamento dos sacerdotes, que não se vêem forçados à hipocrisia ante às exigências vitais do homem e da mulher. Uma grande causa pode levar uma criatura abnegada a não se casar para não causar sacrifícios à família que iria constituir. Essa é uma questão de consciência pela qual cada um responde individualmente. Mas o Espi-

ritismo não determina, pois não é uma igreja nem uma instituição secreta. A atitude espírita refere-se apenas aos deveres conscienciais da criatura perante as exigências da evolução humana.

Há, ainda, o problema da poligamia, que o Espiritismo encara historicamente, lembrando que o casamento, com responsabilidades sociais definidas, superou as experiências poligâmicas do passado. Toda essa posição espírita está perfeitamente de acordo com as leis vigentes no mundo atual. Os movimentos atuais do próprio clero católico pela abolição do celibato sacerdotal e as concessões feitas pela Igreja em numerosos casos, confirmam a necessidade crescente de uma revisão pela Igreja, dessa instituição contraditória em que ela se colocou, dividindo sua posição em duas medidas antagônicas; casamentos de clérigos na Igreja do Oriente e celibato obrigatório no Ocidente. O celibato das freiras é uma herança da castidade obrigatória das vestais romanas, sujeitas a serem enterradas vivas se violassem o voto. É interessante lembrar que as vestais, que mantinham o fogo da deusa Vesta nos templos, podiam casar-se sem perigo ao completar 30 anos de idade. As medidas contrárias às leis naturais, que são as leis de Deus, tendem a desaparecer com a evolução cultural, moral e espiritual da Humanidade.

Dizia o Apóstolo Paulo que há eunucos feitos pelos homens e os que se fazem eunucos por amor ao Reino de Deus. Há também os que nascem eunucos. Aplicando-se isso aos nossos dias podemos dizer que há celibato forçado por deficiências orgânicas congênitas, por acidentes mutiladores e pelo desejo de servir a Deus. Mas o Espiritismo, colocando os antigos problemas místicos e as velhas superstições religiosas à luz da razão, nos mostra a contradição da suposta dedicação a Deus através de violações egoístas das leis naturais. Se há, por assim dizer, todo um dispositivo natural de desenvolvimento das potencialidades humanas através de lento e complexo processo evolutivo, como pode o homem, sujeito a esse processo, fechado em suas exigências condicionantes, querer modificá-lo, corrigindo Deus? A quem aproveita o sacrifício de uma jovem saudável na cela de um convento ou a negação por um jovem da sua própria virilidade? O móvel dessas atitudes se revela na ambição egoísta de conquistar o céu para gozo próprio, adiantando-se aos demais e escapando às leis do processo evolutivo natural. Todas as formas de auto-flagelação, cilícios, abstenção exagerada, isolamento e quietismo são fugas à realidade que todos devem enfrentar, no cumprimento dos deveres inalienáveis de solidariedade humana e amor ao próximo. E toda fuga é um ato de desobediência à vontade divina.

O mito de Adão e Eva tem a beleza poética do ato criador, mas a presença da serpente no Éden é uma advertência às pretensões humanas. Se não fosse a astúcia desse animal rastejante, a Obra de Deus ficaria reduzida, pela timidez do primeiro casal, a uma tentativa frustrada no meio do deserto.

Desde que o homem atingiu, no processo da ‘evolução criadora’, segundo Bergson, a capacidade de pensar e julgar, seu primeiro julgamento foi favorável a si mesmo, pois julgou-se capaz de corrigir os erros de Deus. O despertar da inteligência faz o vinho subir à cabeça, mas é bom não esquecermos que a bebedeira de Noé após o dilúvio o atirou no fundo da tenda, escandalizando seus próprios filhos.

Por isso o Espiritismo tomou do ensino de Paulo sobre a maior virtude o seu lema de renúncia racional: ‘Fora da caridade não há salvação’. As igrejas cristãs clamam até hoje que a salvação pela caridade excita a vaidade humana. Se ajudar os que sofrem e amar o próximo é ato de orgulho, então a humildade deve estar com os que se entregam à ambição da fortuna pessoal e do poder, tirando suas correias do lombo do próximo.

V – POLIGAMIA – (Itens 700 e 701)

Artigo 154 – A igualdade numérica aproximada entre os sexos é um índice da proporção em que eles devem se unir; pois tudo tem um fim na Natureza.

154.1 – “Evolução no Infinito e Perfeição”- Comentário de José Hercula no Pires (tradutor) no item 700 de ‘O Livro dos Espíritos’:

O Espiritismo é teleológico, tanto do ponto de vista físico quanto do ético; as coisas materiais e os fatos morais, o mundo e o homem, tudo tem uma finalidade, mas não de ordem antropológica. Muitas vezes ela contraria ou escapa ao pensamento do homem. Isso deu motivo à reação antiteleológica da Filosofia moderna. A Ciência, por sua vez, tratando apenas do plano

objetivo, não viu mais que “um ângulo do quadro da Natureza” e restringiu-se às “condições determinantes”. Sua natureza analítica não lhe permite abranger o sentido das coisas e dos fatos. Henri Bergson, porém, em *L'Evolution Creative* desenvolveu a teoria do *elã vital*, segundo a qual todo o curso da evolução, partindo da matéria mais densa, dirige-se à liberação da consciência no homem, aparecendo este como o fim último da vida da Terra. Essa é a tese espírita da evolução, até os limites da vida terrena. Mas o Espiritismo vai além, admitindo a “escala dos mundos”, pela qual a evolução se processa no infinito, sempre com a finalidade da perfeição.

Poligamia e lei humana; monogamia e lei natural

Artigo 155 – A poligamia é uma lei humana, cuja abolição marca um progresso social. O casamento, segundo as vistas de Deus, deve fundar-se na afeição dos seres que se unem. Na poligamia não há verdadeira afeição: não há mais do que sensualidade.

155.1 – “Monogamia é lei natural”- Comentário de Kardec no item 701:

Se a poligamia estivesse de acordo com a lei natural devia ser universal, o que, entretanto, seria materialmente impossível em virtude da igualdade numérica dos sexos. A poligamia deve ser considerada como um uso ou uma legislação particular, apropriada a certos costumes e que o aperfeiçoamento social fará desaparecer pouco a pouco.

155.2 – “Monogamia e amor conjugal e familiar”- Comentário de José Herculano Pires (tradutor) em nota de rodapé no item 701:

O impulso poligâmico do homem não é um instinto biológico, mas um simples resquício das fases anteriores de sua evolução. Não sendo irracional nem controlado pelas leis naturais das espécies animais, ele tem o dever moral de refrear esse impulso e sublimar a sua afetividade por meio do amor conjugal e familiar. É pela razão e pelo livre-arbítrio que ele se controla, elevando-se conscientemente acima das exigências biológicas e das ilusões sensoriais. Se esse controle lhe parece difícil, maior é o seu dever de realizá-lo, porque maior é a sua necessidade de evolução nesse campo e também porque “o mérito do bem está na dificuldade”, como se vê no item 646 do Livro dos Espíritos.

155.3 – Poligamia e Monogamia – Explicação do Espírito André Luiz no citado livro “Evolução Em Dois Mundos”, págs. 143-145:

O instinto sexual, então, a desvairar-se na poligamia, traça para si mesmo largo roteiro de aprendizagem a que não escapará pela matemática do destino que nós mesmos criamos. Entretanto, quanto mais se integra a alma no plano da responsabilidade moral para com a vida, mais apreende o impositivo da disciplina própria, a fim de estabelecer, com o dom de amar que lhe é intrínseco, novos programas de trabalho que lhe facultem acesso aos planos superiores. O instinto sexual nessa fase da evolução não encontra alegria completa senão em contacto com outro ser que demonstre plena afinidade, porquanto a liberação da energia, que lhe é peculiar, do ponto de vista do governo emotivo, solicita compensação de força igual, na escala das vibrações magnéticas.

Em semelhante eminência, a monogamia é o clima espontâneo do ser humano, de vez que dentro dela realiza, naturalmente, com a alma eleita de suas aspirações a união ideal do raciocínio e do sentimento, com a perfeita associação dos recursos ativos e passivos, na constituição do binário de forças, capaz de criar não apenas formas físicas, para a encarnação de outras almas na Terra, mas também as grandes obras do coração e da inteligência, suscitando a extensão da beleza e do amor, da sabedoria e da glória espiritual, que vertem, constantes da Criação Divina.

155.3.1 - Alimento Espiritual:

Há, por isso, consórcios de infinita gradação no Plano Terrestre e no Plano Espiritual, nos quais os elementos sutis de comunhão prevalecem acima das linhas morfológicas do vaso físico, por se ajustarem ao sistema psíquico, antes que às engrenagens da carne, em circuitos substanciais de energia. Contudo, até que o Espírito consiga purificar as próprias impressões, além

da ganga sensorial, em que habitualmente se desregra no narcisismo obcecante, valendo-se de outros seres para satisfazer a volúpia de hipertrofiar-se psiquicamente no prazer de si mesmo, numerosas reencarnações instrutivas e reparadoras se lhe debitam no livro da vida, porque não cogita exclusivamente do próprio prazer sem lesar os outros, e toda vez que lesa alguém abre nova conta resgatável em tempo certo.

Isso ocorre porque o instinto sexual não é apenas agente de reprodução entre as formas superiores, mas, acima de tudo, é o reconstituente das forças espirituais, pelo qual as criaturas encarnadas ou desencarnadas se alimentam mutuamente, na permuta de raios psíquico-magnéticos que lhes são necessários ao progresso. Os espíritos santificados, em cuja natureza superevolvida o instinto sexual se diviniza, estão relativamente unidos aos Espíritos Glorificados, em que descobrem as representações de Deus que procuram, recolhendo de semelhantes entidades as cargas magnéticas sublimadas, por eles próprios liberadas no êxtase espiritual. De outro lado, as almas primitivas comumente lhe gastam a força em excessos que lhes impõem duras lições.

Entre os espíritos santificados e as almas primitivas, milhões de criaturas conscientes, viajando da rude animalidade para a Humanidade enobrecida, em muitas ocasiões se arrojam a experiências menos dignas, privando a companheira ou o companheiro do alimento psíquico a que nos reportamos, interrompendo a comunhão sexual que lhes alentava a euforia, e, se as forças sexuais não se encontram suficientemente controladas por valores morais nas vítimas, surgem, frequentemente, longos processos de desespero ou de delinquência.

155.4 – “Amor Livre” – Explicação do Espírito Emmanuel no citado livro “Vida e Sexo”, a respeito da questão 701 de “O Livro dos Espíritos”, págs. 81-84:

Comenta-se a possibilidade de legalização das relações sexuais livres, como se fora justo escolher companhias para a satisfação do impulso genésico, qual se apontam iguarias ou vitaminas mais desejáveis numa hospedaria.

Relações sexuais, no entanto, envolvem responsabilidade. Homem ou mulher, adquirindo parceira ou parceiro para a conjugação afetiva, não conseguirá, sem dano a si mesmo, tão-somente pensar em si.

Referentemente ao assunto, não se trata exclusivamente da ligação em base do matrimônio legalmente constituído. Se os parceiros da união sexual possuem deveres a observar entre si, à face de preceitos humanos, voluntariamente aceitos, no plano das chamadas ligações extralegais acham-se igualmente submetidos aos princípios das Leis Divinas que regem a Natureza. Cada Espírito detém consigo o seu íntimo santuário, erguido ao amor, e Espírito algum menos-cabará o “lugar sagrado” de outro Espírito, sem lesar a si mesmo.

Conferir pretensa legitimidade às relações sexuais irresponsáveis seria tratar “consciências” qual se fossem “coisas”, e se as próprias coisas, na condição de objetos, reclamam respeito, que se dirá do acatamento devido à consciência de cada um? É óbvio que ninguém se lembrará, em são juízo, de recomendar escravidão às criaturas claramente abandonadas ou espezinhas pelos próprios companheiros ou companheiras a que se entregaram, confiantes; isso, no entanto, não autoriza ninguém a estabelecer liberdade indiscriminada para as relações sexuais que resultariam unicamente em licença ou devassidão.

Instituído o ajuste afetivo entre duas pessoas, levanta-se, concomitantemente, entre elas, o impositivo do respeito à fidelidade natural, ante os compromissos abraçados, seja para a formação do lar e da família ou seja para a constituição de obras ou valores do espírito. Desfeitos os votos articulados em dupla, claro que a ruptura corre à conta daquele ou daquela que a empreendeu, com o aceite compulsório das conseqüências que advenham de semelhante resolução. Toda sementeira se acompanha de colheita, conforme a espécie. É razoável nos lembremos disso, porquanto o autor ou autora da defecção havida, ante os princípios de causa e efeito, é considerado violador das almas, assumindo com as vítimas a obrigação de restaurá-las, até o ponto em que as injuriou ou prejudicou, ainda mesmo quando na conceituação incompleta do mundo essas criaturas tenham sido encontradas supostamente já prejudicadas ou injuriadas por alguém. O diamante no lodo não deixa de ser diamante, sem perder o valor que lhe é próprio, diante da

vida. A criatura em sofrimento não deixa de ser criação de Deus, sem perder a imortalidade que lhe é própria, à frente do Universo.

Que a tentação de retorno aos sistemas poligâmicos pode ocorrer habitualmente com qualquer pessoa, na Terra, é mais que natural – é justo. Em circunstâncias numerosas, o pretérito pode estar vivo nos mecanismos mais profundos de nossas inclinações e tendências. Entretanto, os deveres assumidos, no campo do amor, ante a luz do presente, devem prevalecer, acima de quaisquer anseios inoportunos, de vez que o compromisso cria leis no coração e não se danificam os sentimentos alheios sem resultados correspondentes na própria vida.

Observem-se, nos capítulos do sexo, os desígnios superiores da Infinita Sabedoria que nos orienta os destinos e, nesse sentido, urge considerar que a ‘Vontade de Deus’, na essência, é o dever em sua mais alta expressão traçado para cada um de nós, no tempo chamado “hoje”. E se o “hoje” jaz viçado de complicações e problemas, a repontarem do “ontem”, depende de nós a harmonia ou o desequilíbrio do “amanhã”.

155.5 – “Adultério e Prostituição” – Explanação do Espírito Emmanuel no citado livro “Sexo e Vida”, págs. 93-96:

“Atire-lhe a primeira pedra aquele que estiver isento de pecado”, disse Jesus. Esta sentença faz da indulgência um dever para nós outros, porque ninguém há que não necessite, para si próprio, de indulgência. Ela nos ensina que não devemos julgar com mais severidade os outros, do que nos julgamos a nós mesmos, nem condenar em outrem aquilo de que nos absolvemos. Antes de profligarmos a alguém uma falta, vejamos se a mesma censura não nos pode ser feita.”(Do item 13, do Cap. X, de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”).

É curioso notar que Jesus, em se tratando de faltas e quedas, nos domínios do espírito, haja escolhido aquela da mulher, em falhas do sexo, para pronunciar a sua inolvidável sentença: “aquele que estiver sem pecado atire a primeira pedra.” Dir-se-ia que no rol das defecções, deserções, fraquezas e delitos do mundo, os problemas afetivos se mostram de tal modo encravados no ser humano que pessoa alguma da Terra haja escapado, no cardume das existências consecutivas, aos chamados “erros do amor”.

Penetre cada um de nós os recessos da própria alma, e, se consegue apresentar comportamento irrepreensível, no imediatismo da vida prática, ante os dias que correm, indague-se, com sinceridade, quanto às próprias tendências.

Quem não haja varado transes difíceis, nas áreas do coração, no período da reencarnação em que se encontre, investigue as próprias inclinações e anseios no campo íntimo, e, em sua consciência, verificará que não se acha ausente do emaranhado de conflitos, que remanescem do acervo de lutas sexuais da Humanidade. Desses embates multimilenares, restam, ainda, por feridas sangrentas no organismo da coletividade, o adultério que, de futuro, será classificado na patologia das doenças da alma, extinguindo-se, por fim, com remédio adequado, e a prostituição que reúne em si homens e mulheres que se entregam às relações sexuais, mediante paga, estabelecendo mercados afetivos.

Qual ocorre aos flagelos da guerra, da pirataria, da violência homicida e da escravidão que acompanham a comunidade terrestre, há milênios, diluindo-se, muito pouco a pouco, o adultério e a prostituição ainda permanecem, na Terra, por instrumentos de prova e expiação, destinados naturalmente a desaparecer, na equação dos direitos do homem e da mulher, que se harmonizarão pelo mesmo peso, na balança do progresso e da vida.

Note-se que o lenocínio de hoje, conquanto situado fora da lei, é o herdeiro dos bordéis autorizados por regulamentação oficial, em muitas regiões, como sucedia notadamente na Grécia e na Roma antigas, em que os estabelecimentos dessa natureza eram constantemente nutridos por levadas de jovens mulheres orientais, direta ou indiretamente adquiridas, à feição de alimárias, para misteres de aluguel. Tantos foram os desvarios dos Espíritos em evolução no Planeta – Espíritos entre os quais muito raros de nós, os companheiros da Terra, não nos achamos incluídos – que decerto Jesus, personalizando na mulher sofredora a família humana, pronunciou a inesquecível sentença, convocando os homens, supostamente puros em matéria de sexualidade, a lançarem sobre a companheira infeliz a primeira pedra.

Evidentemente, o mundo avança para mais elevadas condições de existência. Fenômenos de transição explodem aqui e ali, comunicando renovação. E, com semelhantes ocorrências, surge para as nações o problema da educação espiritual, para que a educação do sexo não se faça irrisão com palavras brilhantes mascarando a licenciosidade. Quando cada criatura for respeitada em seu foro íntimo, para que o amor se consagre por vínculo divino, muito mais de alma para alma que de corpo para corpo, com a dignidade do trabalho e do aperfeiçoamento pessoal luzindo na presença de cada uma, então os conceitos de adultério e prostituição se farão distanciados do cotidiano, de vez que a compreensão apaziguará o coração humano e a chamada desventura afetiva não terá razão de ser.

155.6 – “As Almas ou Espíritos não têm sexo... Possíveis reflexos na homossexualidade!” – Explicação de Allan Kardec constante da Revista Espírita, Janeiro de 1866, Edicel, SP, tradução de Júlio Abreu Filho (As Mulheres Têm Alma?), págs. 2-5:

(...) As almas ou Espíritos não têm sexo. As afeições que os unem nada têm de carnal e, por isso mesmo, são mais duráveis, porque fundadas numa simpatia real e não são subordinadas às vicissitudes da matéria.

(...) É com o mesmo objetivo que os Espíritos se encarnam nos diferentes sexos; aquele que foi homem poderá renascer mulher e aquele que foi mulher poderá nascer homem, a fim de realizar os deveres de cada uma dessas posições e sofrer-lhes as provas.

A natureza fez o sexo feminino mais fraco que o outro, porque os deveres que lhe incumbem não exigem uma igual força muscular e seriam até incompatíveis com a rudeza masculina; nele (sexo feminino) a delicadeza das formas e a finura das sensações são admiravelmente apropriadas aos cuidados da maternidade. Ao homem e às mulheres são, assim, assinalados deveres especiais, igualmente importantes na ordem das coisas; são dois elementos que se completam um pelo outro.

Sofrendo o Espírito encarnado a influência do organismo, seu caráter se modifica conforme as circunstâncias e se dobra às necessidades e às exigências impostas pelo mesmo organismo. Esta influência não se apaga imediatamente após a destruição do invólucro material, assim como não perde instantaneamente os gostos e hábitos terrenos. Depois, pode acontecer que o Espírito percorra uma série de existências no mesmo sexo, o que faz que, durante muito tempo, possa conservar, no estado de Espírito, o caráter de homem ou de mulher, cuja marca nele ficou impressa. Somente quando chegado a um certo grau de adiantamento e de desmaterialização é que a influência da matéria se apaga completamente e, com ela, o caráter dos sexos. Os que se nos apresentam como homens ou como mulheres (manifestação dos Espíritos), é para nos lembrar a existência em que os conhecemos.

‘Se essa influência se repercute da vida corporal à vida espiritual, o mesmo se dá quando o Espírito passa da vida espiritual para a corporal. Numa nova encarnação trará o caráter e as inclinações que tinha como Espírito. Se for avançado, será um homem avançado; se for atrasado, será um homem atrasado. Mudando de sexo, poderá então, sob essa impressão e em sua nova encarnação, conservar os gostos, as inclinações e o caráter inerente ao sexo que acaba de deixar. Assim se explicam certas anomalias aparentes, notadas no caráter de certos homens e de certas mulheres’.

Assim, não existe diferença entre o homem e a mulher, senão no organismo material, que se aniquila com a morte do corpo. Mas quanto ao Espírito, à alma, o ser essencial, imperecível, ela não existe, porque não há duas espécies de almas. Assim quis Deus, em sua justiça, para todas as criaturas. Dando a todas um mesmo princípio, fundou a verdadeira igualdade. A desigualdade só existe temporariamente no grau de adiantamento; mas todos têm direito ao mesmo destino, ao qual cada um chega por seu trabalho, porque Deus não favoreceu ninguém às custas dos outros.

155.7 – “Homossexualidade” – Explicação do Espírito Emmanuel no citado livro “Sexo e Vida”, págs. 89-92:

“Pergunta – Quando errante, que prefere o Espírito: encarnar no corpo de um homem, ou no de uma mulher?” “Resposta – Isso pouco lhe importa. O que o guia na escolha são as provas por que haja de passar.” (Item n. 202, de “O Livro dos Espíritos”).

A homossexualidade, também hoje chamada transexualidade, em alguns círculos de ciência, definindo-se, no conjunto de suas características, por tendência da criatura para a comunhão afetiva com uma outra criatura do mesmo sexo, não encontra explicação fundamental nos estudos psicológicos que tratam do assunto em bases materialistas, mas é perfeitamente compreensível, à luz da reencarnação.

Observada a ocorrência, mais com os preconceitos da sociedade, constituída na Terra pela maioria heterossexual, do que com as verdades simples da vida, essa mesma ocorrência vai crescendo de intensidade e de extensão, com o próprio desenvolvimento da Humanidade, e o mundo vê, na atualidade, em todos os países, extensas comunidades de irmãos em experiência dessa espécie, somando milhões de homens e mulheres, solicitando atenção e respeito, em pé de igualdade ao respeito e à atenção devidos às criaturas heterossexuais.

A coletividade humana aprenderá, gradativamente, a compreender que os conceitos de normalidade e de anormalidade deixam a desejar quando se trate simplesmente de sinais morfológicos, para se erguerem como agentes mais elevados de definição da dignidade humana, de vez que a individualidade, em si, exalta a vida comunitária pelo próprio comportamento na sustentação do bem de todos ou a deprime pelo mal que causa com a parte que assume no jogo da delinqüência.

A vida espiritual pura e simples se rege por afinidades eletivas essenciais; no entanto, através de milênios e milênios, o Espírito passa por fileira imensa de reencarnações, ora em posição de feminilidade, ora em condições de masculinidade, o que sedimenta o fenômeno da bissexualidade, mais ou menos pronunciado, em quase todas as criaturas. O homem e a mulher serão, desse modo, de maneira respectiva, acentuadamente masculino ou acentuadamente feminina, sem especificação psicológica absoluta. À face disso, a individualidade em trânsito, da experiência feminina para a masculina ou vice-versa, ao envergar o casulo físico, demonstrará fatalmente os traços da feminilidade em que terá estagiado por muitos séculos, em que pese ao corpo de formação masculina que o segregue, verificando-se análogo processo com referência à mulher nas mesmas circunstâncias.

Obviamente compreensível, em vista do exposto, que o Espírito no renascimento, entre os homens, pode tomar um corpo feminino ou masculino, não apenas atendendo-se ao imperativo de encargos particulares em determinado setor de ação, como também no que concerne a obrigações regenerativas.

O homem que abusou das faculdades genésicas, arruinando a existência de outras pessoas com a destruição de uniões construtivas e lares diversos, em muitos casos é induzido a buscar nova posição, no renascimento físico, em corpo morfologicamente feminino, aprendendo, em regime de prisão, a reajustar os próprios sentimentos, e a mulher que agiu de igual modo é impulsionada à reencarnação em corpo morfologicamente masculino, com idênticos fins. E, ainda, em muitos outros casos, Espíritos cultos e sensíveis, aspirando a realizar tarefas específicas na elevação de si próprios, rogam dos Instrutores da Vida Maior que os assistem a própria internação no campo físico, em vestimenta carnal oposta à estrutura psicológica pela qual transitòriamente se definem. Escolhem com isso viver temporariamente ocultos na armadura carnal, com o que se garantem contra arrastamentos irreversíveis, no mundo afetivo, de maneira a perseverarem, sem maiores dificuldades, nos objetivos que abraçam.

Observadas as tendências homossexuais dos companheiros reencarnados nessa faixa de prova ou de experiência, é forçoso se lhes dê o amparo educativo adequado, tanto quanto se administra instrução à maioria heterossexual. E para que isso se verifique em linhas de justiça e compreensão, caminha o mundo de hoje para mais alto entendimento dos problemas do amor e do sexo, porquanto, à frente da vida eterna, os erros e acertos dos irmãos de qualquer procedência, nos domínios do sexo e do amor, são analisados pelo mesmo elevado gabarito de Justiça e Misericórdia. Isso porque todos os assuntos nessa área da evolução e da vida se especificam na intimidade da consciência de cada um.

155.8 – “Visão Dualista do Problema da Sexualidade” – Explicação de responsabilidade de Hermínio C. Miranda no livro “O Espiritismo e os Problemas Humanos”, em co-autoria com Deolindo Amorim, Ed. USE, SP, 1ª. edição, 1985, págs. 178-183:

(...) Vemos, em VIDA E SEXO, capítulo 21 – HOMOSSEXUALIDADE, que o Espírito manifestante (Emmanuel) solicita para os homossexuais “atenção e respeito, em pé de igualdade ao respeito e à atenção devidos às criaturas heterossexuais”, com o que estamos todos de acordo.

Segue-se, contudo, um período que parece estar dando margem a interpretações deformadas, dúbias ou francamente equívocas da parte de alguns, no meio espírita. Transcrevêmo-lo, para, em seguida, analisá-lo com mais vagar: - “A coletividade humana aprenderá gradativamente – escreve Emmanuel -, a compreender que os conceitos de normalidade e anormalidade deixam a desejar quando se trate simplesmente de sinais morfológicos, para se erguerem como agentes mais elevados de definição da dignidade humana, de vez que a individualidade, em si, exalta a vida comunitária pelo próprio comportamento na sustentação do bem de todos ou a deprime pelo mal que causa com a parte que assume no jogo de delinqüência”. Quer isto dizer que o eminente instrutor espiritual autorize, tolere ou admita tais práticas simplesmente porque devemos o maior respeito e atenção aos homossexuais como seres humanos? Ou que as admita porque é difícil definir conceitos de normalidade e anormalidade? NÃO e NÃO!

A uma leitura cuidadosa e analítica, o texto nos informa que os conceitos de normalidade ou anormalidade são inadequados ‘quando aplicados às características orgânicas, ao corpo material, à forma física’. O que se pretende é avaliar o comportamento ético das pessoas de vez que é pelas suas opções, ‘livremente feitas’, que o ser encarnado contribui com a sua parcela de bem à sociedade em que vive ou a “deprime pelo mal que (lhe) causa”, ao entregar-se ao “jogo da delinqüência”.

É evidente, portanto, que, por mais difundidas que sejam as práticas homossexuais e por maior que seja o respeito dedicado aos que se envolvem nelas, o homossexualismo é um comportamento delinqüente, do ponto de vista espiritual, ainda que não entendido assim pela legislação humana’. E nisto estão de acordo Espíritos e cientistas encarnados que, como vimos há pouco, consideram a prática como “ato sexual anômalo”, em conflito com “a lei magna” (preservação da espécie) por pessoas de “frágil estrutura psicológica”, em “precário equilíbrio emocional”. O que caracteriza o homossexualismo como problema psicossomático, ou melhor, afetando, em conjunto, o dualismo corpo/espírito, é, portanto, uma disfunção emocional que precisa ser convenientemente tratada, visando ao eventual retorno ao equilíbrio, à consolidação das estruturas psicológicas, ao respeito à lei magna (preservação da espécie), ao comportamento ‘regular’, se é que desejamos evitar o termo ‘normal’, pelas implicações e dificuldades há pouco examinadas.

O texto não está, portanto, induzindo ou admitindo atitudes conformistas ou acomodatórias como as de muitos que resolvem, por conta própria ou “aconselhados” por pessoas espiritualmente despreparadas, “assumir” a condição e seguir pelos desvios como se estivessem trilhando a estrada principal. Tanto é assim que pouco adiante apresenta Emmanuel o fenômeno da troca de polaridade sexual como recurso da lei para que o Espírito reencarnante possa aprender ‘em regime de prisão’ a ‘reajustar’ os próprios sentimentos. Acrescenta, a seguir, que alguns escolhem tais situações com o objetivo de “viver” temporariamente ocultos na armadura carnal, com o que se garantem contra “arrastamentos irreversíveis” no campo das emoções. Se o regime é de limitação da liberdade, exatamente porque dela se abusou no passado como homem ou como mulher, se a providência é tomada – muitas vezes a pedido do próprio interessado – para que se reajuste, ou se ali está naquela condição, que lhe é inabitual, para esconder-se temporariamente e livrar-se de envoltórios emocionais negativos, estará pondo todo um planejamento a perder se decidir agravar desajustes de personalidade que veio programado para corrigir.

Em suma: engana-se redondamente quem supuser que dispõe de cobertura doutrinária e espiritual para “assumir” práticas homossexuais.

(...) Esses verdadeiros cruzamentos de fronteiras, contudo, não ocorrem por mero acaso ou por descuido das leis; ao contrário, resultam de situações cármicas bem definidas e se desti-

nam a corrigir desvios anteriores, o que jamais será conseguido se a pessoa enveredar por novos desvios em busca de satisfações para as quais seu organismo físico não veio preparado, precisamente porque necessita de exercitar um esforço inibidor sobre suas paixões. Em tais situações a pessoa encarnada sente-se, por exemplo, com a psicologia e os anseios de uma mulher, mas seu corpo físico é o de homem. Alguma razão existe para que assim seja. Senão com objetivos nitidamente corretivos, pelo menos como diversificação da experiência, visando a um patamar final e definitivo de equilíbrio das polarizações.

(...) O homossexualismo é, portanto, o resultado de um jogo desequilibrado das energias criadoras da alma. Atentos ao dualismo espírito/matéria, não poderemos ignorar que essa desarmonia venha a afetar o componente físico do ser encarnado. Se a troca de polarização é programada exatamente para evitar arrastamentos ou corrigir situações anteriores em que tais arrastamentos foram catastróficos para o processo evolutivo do ser, novos envoltimentos somente poderão contribuir para agravar a situação de desajuste emocional do ser e não contribuir para ‘liberá-lo’ ou reequilibrá-lo.

A visão espírita da problemática sexual, como um todo, e da homossexualidade em particular, é, portanto, infinitamente mais abrangente, responsável e inteligente do que a visão unilateral que se tem a partir de uma postura meramente organicista, biológica, material. ‘Somos’ espíritos e ‘estamos’ num corpo físico. O Espírito não tem sexo, como entendemos, e sim uma poderosa energia criadora suscetível, como toda força natural, ao uso e ao abuso. A cada desvio num sentido há um infalível repuxo noutra. O processo evolutivo lembra o movimento pendular. Quanto mais avança num sentido, mais terá que retroceder no oposto. Quanto mais violenta a ação de ida, mais ampla a reação de volta, até que, eventualmente, com a gradativa redução da periodicidade, a oscilação se extingue e o movimento se aquieta no repouso. É o equilíbrio, é a paz. Não mais será necessário consumir energia para movimentar o mecanismo grosseiro e por isso sobrar energia para as conquistas transcendentais do espírito imortal.

155.9 – “Inversão Sexual” – Ditado pelo Espírito André Luiz no livro “Ação e Reação”, Edit. FEB, RJ, 6^a. edição, 1978, psicografia de Francisco Cândido Xavier, págs. 209/210:

(...) Considerando-se que o sexo, na essência, é a soma das qualidades passivas ou positivas do campo mental do ser, é natural que o Espírito acentuadamente feminino se demore séculos e séculos nas linhas evolutivas da mulher, e que o Espírito marcadamente masculino se detenha por longo tempo nas experiências do homem. Contudo, em muitas ocasiões, quando o homem tiraniza a mulher, furtando-lhe os direitos e cometendo abusos, em nome de sua pretensa superioridade, desorganiza-se ele próprio a tal ponto que, inconsciente e desequilibrado, é conduzido pelos agentes da Lei Divina a renascimento doloroso, em corpo feminino, para que, no extremo desconforto íntimo, aprenda a venerar na mulher sua irmã e companheira, filha e mãe, diante de Deus, ocorrendo idêntica situação à mulher criminosa que, depois de arrastar o homem à devassidão e à delinqüência, cria para si mesma terrível alienação mental para além do sepulcro, requisitando, quase sempre, a internação em corpo masculino, a fim de que, nas teias do infortúnio de sua emotividade, saiba edificar no seu ser o respeito que deve ao homem, perante o Senhor. Nessa definição, porém, não incluímos os grandes corações e os belos caracteres que, em muitas circunstâncias, reencarnam em corpos que lhes não correspondem aos mais recônditos sentimentos, posição solicitada por eles próprios, no intuito de operarem com mais segurança e valor, não só o acrisolamento moral de si mesmos, como também a execução de tarefas especializadas, através de estágios perigosos de solidão, em favor do campo social terrestre que se lhes vale da renúncia construtiva para acelerar o passo no entendimento da vida e no progresso espiritual.

155.10 – “Enfermidades do Instinto Sexual” – Explicação do Espírito André Luiz no livro “Evolução Em Dois Mundos”, págs. 145/6:

Entre os espíritos santificados e as almas primitivas, milhões de criaturas conscientes, viajando da rude animalidade para a Humanidade enobrecida, em muitas ocasiões se arrojam a experiências menos dignas, privando a companheira ou o companheiro do alimento psíquico a que nos reportamos, interrompendo a comunhão sexual que lhes alentava a euforia, e, se as forças

sexuais não se encontram suficientemente controladas por valores morais nas vítimas, surgem, frequentemente, longos processos de desespero ou de delinqüência.

As cargas magnéticas do instinto, acumuladas e desbordantes na personalidade, à falta de sólido socorro íntimo para que se canalizem na direção do bem, obliteram as faculdades, ainda vacilantes, do discernimento e, à maneira do esfaimado, alheio ao bom-senso, a criatura lesada em seu equilíbrio sexual costuma entregar-se à rebelião e à loucura em síndromes espirituais de ciúme ou despeito. À face das torturas genésicas a que se vê relegada, gera aflitivas contas cármicas a lhe vergastarem a alma no espaço e a lhe retardarem o progresso no tempo.

Daí nascem as psiconeuroses, os colapsos nervosos decorrentes do trauma nas sinergias do corpo espiritual, as fobias numerosas, a “histeria de conversão”, a “histeria de angústia”, os “desvios da libido”, a neurose obsessiva, as psicoses e as fixações mentais diversas que originam na ciência de hoje as indagações e os conceitos da psicologia de profundidade, na esfera da Psicanálise, que identifica as enfermidades ou desajustes do instinto sexual sem oferecer-lhes medicação adequada, porque apenas o conhecimento superior, gravado na própria alma, pode opor barreiras à extensão do conflito existente, traçando caminhos novos à energia criadora do sexo, quando em perigoso desequilíbrio.

Desse modo, por semelhantes rupturas dos sistemas psicossomáticos, harmonizados em permutas de cargas magnéticas afins, no terreno da sexualidade física ou exclusivamente psíquica, é que múltiplos sofrimentos são contraídos por nós todos, no decurso dos séculos, porquanto, se forjamos inquietações e problemas nos outros, com o instinto sexual, é justo, venhamos a solucionar-los em ocasião adequada, recebendo por filhos e associados de destino, entre as fronteiras domésticas, todos aqueles que constituímos credores do nosso amor e da nossa renúncia, atravessando, muitas vezes, padecimentos inomináveis para assegurar-lhes o refazimento preciso.

Compreendamos, pois, que o sexo reside na mente a expressar-se no corpo espiritual, e consequentemente no corpo físico, por santuário criativo de nosso amor perante a vida, e, em razão disso, ninguém escarnecerá dele, desarmonizando-lhe as forças, sem escarnecer e desarmonizar a si mesmo.

*

Deveres fundamentais das instituições espíritas: fidelidade à Doutrina e intensificação dos trabalhos de divulgação e assistência espiritual.

LIVRO: O INFINITO E O FINITO

J. HERCULANO PIRES

**CUIDADO DOS DIRIGENTES DE CENTROS EM FACE ÀS
CONFUSÕES DOUTRINÁRIAS**

Dois espécies de confusões: as intencionais e as inocentes – Confusões de origem mediúnica – O caso de Ramatis

Faz-se, em geral, muita confusão a propósito de Espiritismo. Há confusões intencionais, promovidas por elementos interessados em combater a propagação inevitável da doutrina, e há confusões inocentes, feitas por pessoas de reduzido conhecimento doutrinário. As primeiras, as intencionais, não seriam funestas, porque facilmente identificáveis quanto ao seu objetivo, se não houvessem confusões inocentes, que preparam o terreno para aquelas explorações.

Os Centros Espíritas têm um grande papel a desempenhar na luta pelo esclarecimento do povo, devendo promover constantes programas de combate a todas as formas de confusão doutrinária. Por isso mesmo, devem ser dirigidos por pessoas que conheçam a doutrina, que a estudem incessantemente e que não se deixem levar por sugestões estranhas. Quando os dirigentes de Centros não se sentirem bastante informados dos princípios doutrinários, devem revestir-se, pelo menos, da humildade suficiente para recorrerem aos conselhos de pessoas mais esclarecidas e à leitura de textos orientadores.

Há um pequeno livro de Kardec que muitos dirigentes desprezam, limitando-se a aconselhar a sua leitura aos leigos e principiantes. É exatamente *O Principiante Espírita*. Esse livrinho é precioso orientador doutrinário, que os dirigentes devem ler sempre. Outro pequeno volume aconselhável é *O que é o Espiritismo*, também de Kardec. E como leitura auxiliar, de grande poder esclarecedor, aconselhamos ainda *O Consolador*, de Emmanuel. Principalmente agora, nesta época de confusões que estamos atravessando, os dirigentes de Centros, grupos familiares e demais organizações doutrinárias deviam ter esses livros como leitura diária, obrigatória.

Além das confusões habituais entre Umbanda e Espiritismo, Esoterismo, Teosofia, Ocultismo e Espiritismo, há outras formas de confusão que vêm sendo amplamente espalhadas no meio espírita. São as confusões de origem mediúnica, oriundas de comunicações de espíritos que se apresentam como grandes instrutores, dando sempre respostas e informações sobre todas as questões que lhes forem propostas. Um exemplo marcante é o de Ramatis, cujas mensagens vêm sendo fartamente distribuídas. Qualquer estudioso da doutrina percebe logo que se trata de um espírito pseudo-sábio, segundo a “escala espírita” de Kardec. Não obstante, suas mensagens estão assumindo o papel de sucedâneos das obras doutrinárias, levando até mesmo oradores espíritas a fazerem afirmações ridículas

em suas palestras, com evidente prejuízo para o bom conceito do movimento espírita.

Não é de hoje que existem mensagens dessa espécie. Desde todos os tempos, espíritos mistificadores, os falsos profetas da erraticidade, como dizia Kardec, e espíritos pseudo-sábios, que se julgam grandes missionários, trabalham, consciente ou inconscientemente, na ingrata tarefa de ridicularizar o Espiritismo. Mas a responsabilidade dos que aceitam e divulgam essas mensagens não é menor do que a dos espíritos que as transmitem. Por isso mesmo, é necessário que os confrades esclarecidos não cruzem os braços diante dessas ondas de perturbação, procurando abrir os olhos dos que facilmente se deixam levar por elas.

O Espiritismo é uma doutrina de bom-senso, de equilíbrio, de esclarecimento positivo dos problemas espirituais, e não de hipóteses sem base ou de suposições imaginosas. As linhas seguras da doutrina estão na codificação kardeciana. Não devemos nos esquecer de que a codificação representa o cumprimento da promessa evangélica do Consolador, que veio na hora precisa. Deixar de lado a codificação para aceitar novidades confusas é simples temeridade. Tanto mais quando essas novidades, como no caso de Ramatis, são mais velhas do que a própria codificação.

*

MELHOR REJEITAR 9 VERDADES DO QUE ACEITAR 1 MENTIRA

Estamos numa fase em que necessitamos da maior vigilância no campo doutrinário. Os espíritas, hoje mais do que nunca, precisam vigiar e orar, segundo ensinou Jesus. Porque o movimento doutrinário se expande cada vez mais e a Doutrina Espírita, sancionada pela evolução científica, desperta maior número de consciências. Por isso mesmo, a luta contra o Espiritismo é cada vez mais intensa. Essa luta não se processa apenas no campo adversário, mas também em nosso meio, através de mistificações e deturpações, contra as quais precisamos estar alertas, conscientemente prevenidos.

Poucos espíritas, lembrando a advertência de Kardec quanto à necessidade de repelir os erros para defender a verdade, vêm sendo capazes de distinguir o falso do verdadeiro, em matéria de comunicações mediúnicas. Obras de mistificação evidente, como as de Ramatis, são aceitas e defendidas com entusiasmo em nosso meio. De uma vez por todas, é preciso que usemos a cabeça, comparando as tolices ramatisianas, feitas para ridicularizar a doutrina, com as páginas equilibradas e os ensinamentos sensatos da codificação, bem como de Emmanuel, de André Luiz, de Hilário Silva e outros mensageiros do Alto.

Há também mistificações de encarnados, livros destinados a confundir o meio espírita, que circulam e são citados em artigos e livros. Devemos ter o maior cuidado nessas citações, pois elas concorrem para a difusão do erro, a semeadura do joio na seara, e somos sempre responsáveis pelo que fazemos de certo ou de errado. Precisamos intensificar a leitura e o estudo das obras de Kardec, de Léon Denis, de Emmanuel, nos Centros e grupos espíritas, rejeitando os livros imaginosos e falsos (entre os quais os de Roustaing e o famoso *A Vida de Jesus ditada por Ele mesmo*, que nada nos oferecem de novo e de bom, pois des-

tinam-se apenas a ridicularizar o Espiritismo. Esses não são livros espíritas. São o joio semeado na seara de Jesus.

*

MANEIRAS PARTICULARES DE VER, CRIAM CONFUSÕES DOUTRINÁRIAS

Discussões sobre a natureza tríplice do Espiritismo – Posição clara de Kardec – Um pouco de Pestalozzi e de Bergson

A natureza do Espiritismo, apesar de toda a clareza dos princípios doutrinários, é ainda problemática para muita gente. Não raro encontramos discussões a respeito, nos próprios meios doutrinários. Há quem sustente, enfaticamente, que o Espiritismo é apenas religião, e há quem afirme o contrário, com a mesma ênfase. Já tivemos ocasião de ouvir as duas afirmações em palestras sobre a doutrina. Mas tudo isso decorre tão somente da falta de compreensão global do problema, de melhor e mais acurado aprofundamento nos estudos doutrinários. Por mais ilustres que sejam os opositores, nesse caso, ambos se encontram irremediavelmente errados.

Não há dúvida que a nossa afirmação é também enfática. Mas a ênfase é necessária, quando se trata de enfrentar opiniões solenes, que contrariam a realidade dos fatos. Sim, dos fatos, porque princípios de doutrina, claramente fixados, também são fatos. E quando o próprio Kardec estabeleceu – e seus seguidores aceitaram, procurando explicá-lo em obras posteriores – o princípio da natureza tríplice da doutrina, não é possível que continuemos a provocar celeumas em torno do assunto. Se não bastam as afirmações de Kardec em *O que é o Espiritismo*, nem as explicações de *O Livro dos Espíritos*, que se consulte *A Gênese*, onde o mestre, por assim dizer, esmiúça o problema.

O Espiritismo é ciência, quando se ocupa das relações entre o visível e o invisível, no campo dos fenômenos mediúnicos; é filosofia, quando nos oferece uma concepção própria da vida e do mundo; e é religião, quando traça normas de conduta moral e espiritual, objetivando a aproximação da criatura ao Criador. Kardec explicou isto com meridiana clareza e Léon Denis o confirmou. O Espiritismo reúne em seu corpo doutrinário esses três aspectos em virtude de sua natureza de síntese conceptual. Em *A Gênese*, Kardec demonstra, de maneira matemática, num raciocínio que tem o rigor espinosiano das equações algébricas, que o Espiritismo é uma dupla revelação, ao mesmo tempo divina e humana. Revelação divina, porque procedente dos planos espirituais superiores, e humana, porque corroborada pela pesquisa e a observação científicas. Em seu discurso no Congresso Espírita Internacional de Paris, em 1925, e em seu livro *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, Léon Denis afirma e esclarece, com a mesma precisão, a posição de síntese do conhecimento, que o Espiritismo assume em nosso tempo.

As confusões que ainda hoje se fazem a respeito nos lembram a parábola do elefante e dos cegos, no evangelho hindu de Ramakrishna. Um cego afirma que o elefante é uma coluna, porque só lhe apalpa uma das pernas; outro, que é um tonel, porque lhe toca o ventre; outro, que é uma bengala, pois lhe tateia a tromba; outro, um chicote, pois lhe examina a cauda. Mas quem tem olhos de

ver sabe que o elefante é muito mais do que os aspectos parciais que seus membros podem apresentar ao tato. Assim também, se nos ativermos apenas a um dos aspectos do Espiritismo e não voltarmos os olhos para os demais, negaremos fatalmente a sua natureza tríplice.

No tocante à religião, os opositores apegam-se muito ao fato de Kardec não mencionar essa palavra na definição da doutrina que apresenta em *O que é o Espiritismo*. Realmente, em lugar de religião, o mestre fala em moral. Mas todos os que citam esse fato não se esquecem de citar, também, que Kardec era discípulo de Pestalozzi. Ora, a substituição de religião por moral era um dos princípios da filosofia pedagógica de Pestalozzi, para quem o ser humano era tríplice: o ser animal, o ser social e o ser moral, decorrendo desse fato uma concepção tríplice de religião, com a religião animal, a social e a moral. A religião moral era a mais elevada, a mais pura, destituída de formalismos, o que levava Pestalozzi a afirmar que a verdadeira religião é a moralidade.

O próprio Kardec deixa isso bem claro, em toda a sua obra, lutando contra o formalismo religioso e pregando uma religião puramente espiritual. Como falar em religião, no seu tempo, e ainda hoje, era falar em culto, em liturgia, em sacramentos, em sacerdócio, ou seja, em formalismo místico, o mestre preferia falar em moral. Mesmo porque o objetivo da religião, na espiritualização do homem, não é outro senão moralizá-lo, fazer dele um ser moral, que possa aproximar-se de Deus. O próprio Kardec explicou essa posição especial que havia assumido, na divulgação da doutrina, ao pronunciar o seu derradeiro discurso. E o magnífico texto de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* não deixa dúvidas a respeito.

Resta ainda uma objeção: a de que religião sem forma, sem corpo ou sistema de rituais e organização sacerdotal não é religião. Mas essa objeção já foi amplamente refutada no campo filosófico e até mesmo no teológico, onde encontramos a posição curiosa de Schleiermacher, com o seu misticismo individual e livre. Filosoficamente, a mais lúcida solução do problema nos parece ser a de Bergson, com a sua teoria da religião estática ou social, presa a rígidas estruturas formais, e da religião dinâmica, que é o livre impulso do homem para Deus, correspondendo à religião moral de Pestalozzi e ao misticismo livre de Schleiermacher.

O Espiritismo começa com a definição de Deus, no primeiro capítulo da obra básica da doutrina, e se define poderosamente, na plenitude de sua natureza religiosa, em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Negar, pois, que o Espiritismo é religião, não é mais do que contrariar a evidência.

*

NÃO BASTA COMPREENDER A DOCTRINA: É PRECISO, SOBRETUDO, ASSIMILÁ-LA

Da compreensão intelectual à vivência dos princípios doutrinários – O perigo do artificialismo convencional – Problema de fundo e não de forma

Não basta aceitar os princípios renovadores da Doutrina dos Espíritos. É preciso vivê-los. Todas as doutrinas são sistemas lógicos, acessíveis à compreensão intelectual. Desse ponto de vista, o Espiritismo pode ser compreendido

por qualquer pessoa curiosa e de capacidade mental comum. Trata-se de uma doutrina clara, baseada em princípios de fácil assimilação, embora por baixo dessa simplicidade existam problemas complexos, de ordem científica e filosófica. É fácil compreendê-lo, desde que se estude criteriosamente as suas obras básicas.

A simples compreensão de uma doutrina, porém, não implica a sua vivência. Além de compreendê-la, temos de senti-la. Somente quando compreendemos e sentimos o Espiritismo, quando o incorporamos à nossa personalidade, quando o assimilamos profundamente em nosso ser, é que podemos vivê-lo. Daí a razão de Allan Kardec ter afirmado a existência de vários tipos de espíritas, concluindo que “o verdadeiro espírita se conhece pela sua transformação moral”. Espiritismo compreendido e vivido transforma moralmente o homem.

Viver o Espiritismo, entretanto, não é viver no meio espírita, fazendo ou freqüentando sessões, lendo obras doutrinárias ou ouvindo conferências. Pode fazer-se tudo isso, e ainda mais – pode-se até mesmo gastar muito dinheiro e tempo em obras de assistência social –, atendendo apenas à compreensão intelectual da doutrina, sem vivê-la. Porque viver o Espiritismo é pautar todas as ações pelos princípios doutrinários. É moldar a conduta pela doutrina. É agir, em todas as ocasiões, como o verdadeiro espírita de que falava Kardec.

Ainda neste ponto, porém, é necessário lembrar que não basta a conduta externa. Não basta a aparência. Nada mais avesso, aliás, às aparências, do que o Espiritismo. Anti-formal por excelência, contrário aos convencionalismos sociais e religiosos, o Espiritismo, como dizia Kardec, “é uma questão de fundo e não de forma”. Por isso mesmo, não podemos vivê-lo de maneira externa. Antes da conduta exterior, temos de reformar a nossa conduta interna, modificar nossos hábitos mentais e verbais. Pensar, falar e agir de acordo com os princípios renovadores da moral espírita, que é a própria moral evangélica, racionalmente esclarecida pela Doutrina do Consolador.

Surge ainda uma dificuldade, que devemos tentar esclarecer. Chegados a este ponto, muita gente nos perguntará, como sempre acontece, quando falamos a respeito: “O espírita deve então sujeitar-se rigidamente a um molde doutrinário?” Não, pois se assim fizesse estaria impedindo o seu livre desenvolvimento moral. Quando falamos em “moldar a conduta”, fazemo-lo num sentido de orientação, nunca de esquematização. O espírita deve ser livre, pois, como acentuava o apóstolo Paulo, “onde não há liberdade não está o Espírito do Senhor”. Só a liberdade dá responsabilidade e só a responsabilidade produz a verdadeira moral.

Ao procurar viver o Espiritismo devemos, portanto, evitar as atitudes formais que conduzem ao artificialismo, e conseqüentemente à mentira e à hipocrisia. Como se vê, esse é o caminho contrário ao da Doutrina dos Espíritos, é o caminho tortuoso da Doutrina dos Homens, no plano mundano. Devemos ser naturais. E como modificar a nossa natureza inferior, sendo naturais? Primeiro, compreendendo que temos essa natureza inferior e precisamos modificá-la, o que fazemos pela compreensão da doutrina; depois, sentindo a necessidade de modificá-la, o que fazemos pela assimilação emocional da doutrina. Nossa transformação moral deve começar de dentro, e não de fora. Dos pensamentos e

sentimentos, e não das atitudes exteriores. Deve ser uma transformação para Deus ver, não para os homens verem.

A falta de compreensão desse problema leva muitos espíritas a posições incômodas dentro da doutrina, e o que é pior, a posições comprometedoras para o movimento doutrinário. E leva também a lamentáveis confusões, principalmente no tocante ao problema religioso. Quando compreendemos, porém, que o Espiritismo não é somente um sistema doutrinário para assimilação intelectual, mas que é, sobretudo, vida, norma de vida, e principalmente, seiva renovadora da vida humana na Terra, então compreendemos que não é possível separar-se, dos seus aspectos científicos e filosóficos, o seu poderoso aspecto religioso. Lembraremos ainda o que dizia Kardec, ou seja, que o Espiritismo é forte justamente por afirmar e esclarecer as mesmas verdades fundamentais da religião.

*

QUADROS NOS CENTROS

A palavra *idolatria* quer dizer adoração de imagens. A Bíblia proibiu aos judeus fazerem imagens, porque eles viviam numa época de idolatria e deviam evoluir para a adoração de Deus em espírito e verdade.

O Catolicismo Romano serviu-se da idolatria para poder atrair o povo idólatra. O Protestantismo, com a Reforma da Igreja, aboliu a idolatria, apoiando-se na proibição bíblica. O Espiritismo explicou a Lei de Adoração e mostrou que estamos numa época diferente, em que só podemos adorar a Deus praticando as suas leis.

Num Centro Espírita não devemos usar imagens para adoração. Mas isso não quer dizer que não possamos ter nos Centros Espíritas fotografias ou quadros artísticos, desenhos ou pinturas de Jesus, de Kardec, de Léon Denis ou de outras personalidades espirituais. Esses quadros não são objetos de adoração. Constituem simples lembranças, como os quadros de retratos de parentes ou amigos. Todas as sociedades, no mundo inteiro, usam quadros na parede e não praticam idolatria.

Alegam alguns confrades que os freqüentadores do Centro podem entender que os quadros devem ser adorados. Se fosse assim, o Centro estaria fracassando na sua função de esclarecer o povo. Os freqüentadores do Centro precisam aprender que não se adoram quadros nem imagens, e devem saber que os quadros não foram bantos nem entronizados por sacerdotes. Os quadros podem, pois, servir de motivos de esclarecimento para os mais atrasados.

Já é tempo de confiarmos no poder esclarecedor do Espiritismo, não tendo medo de quadros, de palavras ou de ignorância de alguns freqüentadores. No Espiritismo não deve existir nenhum tabu, nenhuma superstição. Deve haver compreensão, através do esclarecimento doutrinário. É claro que não devemos encher as paredes do Centro Espírita de quadros e imagens, mas não é justo que deixemos de colocar no Centro uma bela figura de Jesus ou uma fotografia de Kardec ou do patrono da instituição, só porque os ignorantes podem querer adorá-los. O Espiritismo nos libertou da idolatria, mas não nos proíbe o bom gosto e o respeito pelos mestres.

*

Livro: Curso Dinâmico do Espiritismo

J. Herculano Pires

XVIII – O PROBLEMA DAS MISTIFICAÇÕES

Durante um século tudo se fez para reduzir o Espiritismo a um caso de truques e malabarismos. A Igreja insistia na tese diabólica. E os cientistas que se atreviam a enfrentar a questão com seriedade eram ridicularizados, ameaçados e perseguidos. Criou-se o preconceito negativo da doutrina e uma imagem falsa de Kardec. Todos os grandes médiuns, inclusive Daniel Douglas Home, que nunca foi espírita, eram sistematicamente caluniados. Cientistas eminentes, como Charles Richet, William Crookes, Frederic Zöllner, Russel Wallace, Schrenk-Notzing e tantos outros, incontestáveis luminares da Ciência, foram submetidos a ataques ferozes. Em 1935 Richet morria e os inimigos da verdade, cevados nos proventos da mentira, proclamaram por toda parte que, com o grande fisiologista francês, Prêmio Nobel de Medicina, morrera também a Metapsíquica, a goécia moderna, ciência monstruosa de profanação dos túmulos. Não sabiam os espertalhões que, antes de morrer, a Metapsíquica já se havia reencarnado na Universidade de Duke (EUA) em novo corpo e com o novo nome de Parapsicologia. Os Profs. Joseph Banks Rhine (americano) e William McDougal (inglês) eram os fundadores dessa nova escola científica de pesquisa dos fenômenos espíritas. Com recursos técnicos de pesquisa, aplicando o método quantitativo sob controle estatístico dos resultados, a Parapsicologia rompeu, em dez anos de lutas e trabalhos exaustivos, todas as barreiras do preconceito, da ignorância e dos interesses subalternos e impôs-se ao reconhecimento universitário mundial, conseguindo mesmo furar a cortina de ferro do materialismo soviético e despertar o mais vivo interesse da URSS e em toda a sua órbita de influência.

Diante dessa vitória esmagadora, os adversários mudaram de tática e passaram também a tratar do assunto para reduzi-lo aos mínimos efeitos possíveis. O problema das fraudes e mistificações morreu por si mesmo, ante as novas possibilidades de controle absoluto das pesquisas. Essa última filha do Espiritismo, a Parapsicologia, tornou-se disputada por todos como se não tivesse a menor ligação e o mínimo laço de família com a Astronáutica, que interessou-se pelos seus poderes e a transformou em sua valiosa auxiliar na conquista do Cosmos. A Física, ditadora das Ciências (segundo Rhine), confirmou a veracidade de suas proposições audaciosas, descobriu a antimatéria e com esta um novo espaço que se abria para o Outro Mundo. Os russos descobriram o corpo bioplásmico da sobrevivência do homem à morte e as investigações sobre a reencarnação tomaram conta do mundo científico. Não é mais possível negar a verdade espírita. Onde estão os trapaceiros que amarravam panos nas pernas das mesas e fotografavam essa ridicularia para explicar a famosa *dança das mesas* como o truque mais grosseiro e indigno que se possa imaginar? Para onde fugiram os teóricos e os fantasmas de papelão e das alucinações visuais? Tudo isso se tornou tão ridículo, ante as evidências científicas da verdade, que hoje somente os pregadores religiosos de arrabalde e os pastores-camelôs da

salvação ainda se atrevem a gritar, perante assembléias de fanáticos, que o Espiritismo é um instrumento do Diabo.

Mas infelizmente os próprios espíritas inscientes se incumbiram (muitos deles travestidos de cientistas desconhecidos), de atizar o fogo morto de velhas mistificações, tentando criar um anti-espiritismo de orientação materialista-mecanicista, carregado de contradições internas e de todas as incongruências características de amadores sem preparo. Ao mesmo tempo, extrovertendo as contradições internas, surgiram de mistura com o cientificismo insolente – que considerava Kardec superado e suas teorias empoeiradas – brotavam do chão, como as heresias do tempo de Tertuliano, estranhas florações de concepções arcaicas, mais velhas que o Reino de Sabá, eivadas de alucinações, loucura varrida e cheiro de enxofre. O Espiritismo regredia, nas mãos dos falsários, uns ingênuos e outros vaidosos, às pretensões da alquimia medieval. Foi nessa fermentação espúria que explodiu a adulteração, elaborada em segredo e a portas fechadas, como os assassinatos a punhal nos templos de Veneza.

Procuramos dar a este episódio as cores necessárias, com as expressões e as comparações mais adequadas, porque ele é de grande importância na História do Espiritismo, o que vale dizer: na História da Evolução espiritual da Terra. O atentado a Kardec e a Jesus, à Doutrina Espírita e à Verdade Evangélica estava consumado. E nos trinta mil exemplares de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, que a Federação do Estado vendeu à larga por todo o Brasil, sob o prestígio do seu nome e do seu passado saíram impressos, para que todos lessem e aplaudissem, os esquemas do vandalismo planejado e já iniciado, que abrangiam toda a obra gigantesca da Codificação. E não houve nenhuma erupção vulcânica no meio espírita, contra essa insolência sem limites, a não ser a de um grupo pequenino e pobre. No silêncio mortal que se fez, por todo o Brasil, o único rumor sinistro era o do Véu do Templo, que se rasgava sozinho de alto a baixo, no salão vazio da antiga dignidade espírita.

Tudo isso resulta das mistificações, não as ingênuas, tolas mistificações das sessões de materialização, a que se dava tanta importância no passado e que hoje só podem ocorrer entre criaturas desatualizadas e incapazes de tratar do assunto. As mistificações realmente perigosas são as doutrinárias, e essas procedem sempre de um conluio de homens e espíritos. Muitas Casas Espíritas começaram a deteriorar-se quando se entregaram à orientação de supostos mestres espirituais. Dali por diante, numa seqüência natural, encheram-se de doutrinas próprias, chegando algumas a retirar dos seus cursos as obras de Kardec, fundando escolas meio igrejeiras e meio esotéricas, instituindo-se uma ginástica de passes classificados e manobrados em estilo das antigas escolas magnéticas, criando ordens especiais no tipo de congregações marianas, chegando ao cúmulo de declarar em artigos de jornais que a sua linha doutrinária não era ortodoxa, mas heterodoxa. Isso quer, dizer que não seguiam a doutrina certa de Kardec, mas uma mistura de doutrinas espiritualistas. Todo o trabalho de Kardec, superando o espiritualismo infuso e confuso do passado para estabelecer uma linha racional de espiritualidade superior, ia por água abaixo. E ninguém percebia isso, aplaudindo aqueles que não conseguiram entender Kardec e por isso passando sobre ele afastavam a sua obra como empecilho, estorvo de velharia secular. Foi o teste inexorável da miséria cultural dos espí-

ritas, do seu completo desconhecimento da doutrina e da sua falta de orientação histórica e filosófica. Nunca os espíritos mistificadores acharam campo mais vasto, fecundo e propício à deformação total da Doutrina Espírita, para afastá-la da Terra justamente nesta hora grave e aguda de transição por que passamos.

O problema das mistificações é permanente nos mundos inferiores, como o nosso. As criaturas incultas e grosseiras formam a maioria da população desses mundos. É evidente que a população desencarnada, espiritual, que sobrevive nas esferas circundantes do planeta é da mesma natureza. Lá, como cá, enxameiam os espíritos vaidosos, sistemáticos (como advertiu Kardec), empenhados a transmitir suas idéias aos homens. As ligações por afinidade formam os complôs de homens e espíritos que se julgam capazes de ensinar verdades absolutas. Basta a arrogância visível, embora disfarçada, às vezes, em falsa humildade, para mostrar aos observadores sensatos a que ordem e grau da *escala espírita* pertencem essas criaturas em conluio. Dos descuidados nada se pode esperar. Deixam-se levar facilmente e servem de instrumentos dóceis a todos os mistificadores. É contra isso que precisamos lutar, sustentando firmemente a Obra de Kardec, que na verdade é o cumprimento da promessa do Consolador, a obra do Espírito da Verdade. Esse é um dos pontos-chave da doutrina. Quem não o compreender e não meditar sobre ele estará sempre sujeito a servir de instrumento aos mistificadores do além e do aquém. Restabelecer o ensino do Cristo em sua pureza é a função do Espiritismo. Só a Doutrina Espírita tem condições para isso. Porque a revelação espiritual, confirmada pelas pesquisas e os estudos de Kardec, nos mostram que o Cristo não veio fundar uma religião, mas estabelecer os fundamentos de uma nova civilização. Seu ensino apresenta em forma sintética as três coordenadas doutrinárias: Ciência, Filosofia e Religião, que Kardec desenvolveu, sob a assistência constante do Espírito da Verdade. Há uma tese do Dr. Canuto de Abreu que contraria essa verdade histórica, suficientemente provada nas comunicações inseridas em Obras Póstumas de Kardec e demonstrada ao longo de toda a sua obra. Os estudiosos precisam se prevenir contra essas ciladas da enorme e tumultuada bibliografia espírita. Por sinal que essa tese já vem marcada pelos seus absurdos e sua incongruência.

Vejam bem a mecânica do processo histórico para podermos compreender a questão. Oliver Lodge e Léon Denis sustentaram veementemente a tese de Kardec, que nos apresenta o Espiritismo como uma síntese conceptual de toda a realidade. Isso quer dizer que a doutrina abrange em sua concepção toda a realidade acessível ao conhecimento humano. As conquistas atuais da Ciência e da Filosofia e as reformas em curso nas igrejas dão inteira razão a essa interpretação do Espiritismo. Coloquemos o problema num esquema esclarecedor, para tornar mais claro cada um dos seus aspectos:

a) O conhecimento da realidade se processa no contacto do homem com o mundo. Dos tempos primitivos à Civilização o homem luta sem cessar para dominar a Natureza. Esse domínio só é possível pela descoberta das leis naturais. Mas essa descoberta exige do homem a luta contra si mesmo. Porque o homem é um espírito condicionado pela encarnação num corpo de percepções animais. O homem está sujeito ao sensório, ou seja, à rede dos seus sentidos fí-

sicos que sofre o impacto de uma realidade externa e estranha à sua natureza íntima. Os sentidos lhe dão a percepção das coisas, mas ele elabora essa percepção na sua mente, sob a influência de lembranças espirituais (a reminiscência platônica do mundo das idéias) e ao formar em seu espírito os conceitos da realidade, pelo processo de abstração, ele desenvolve o seu poder imaginativo. Os conceitos são imagens mentais de coisas e seres concretos, mas a essas imagens misturam-se os elementos provenientes dos desejos e anseios do homem. A realidade do homem é diferente da realidade natural concreta, como Descartes demonstrou que a imaginação avança além da razão. Nesses avanços surgem as deformações do real e a falsificação do conhecimento. Todas as teologias sofreram desse mal e toda a cultura religiosa do mundo desligou-se da realidade. Igrejas, ordens espiritualistas, irmandades secretas impregnaram-se de elementos ilusórios, de pressupostos considerados como verdades fundamentais e assim por diante. A cultura mitológica do tempo de Jesus, que abrangia até mesmo o Judaísmo, aparentemente infenso ao mito, mas de fato envolvido numa mitologia grosseira, estava desligada da realidade, flutuando entre o mundo do espírito e o mundo da matéria. Iavé, o Deus de Israel, assemelhava-se ao Zeus grego e ao Júpiter Romano na sua ira, no protecionismo exclusivo de um povo, no gosto pelas homenagens e as reverências, no prazer de aspirar as carnes assadas e na volúpia pelo sangue de animais e dos homens.

b) Talvez a única vantagem de Israel sobre os povos da época fosse precisamente a desvantagem do seu excessivo sociocentrismo, o egoísmo racista que atravessou os milênios e se conservou até mesmo na diáspora com a dureza do lendário diamante-Schamil com que Moisés teria escrito na pedra as tábuas da lei. Porque foi dessa centralização do ego que nasceu a possibilidade do aparecimento da primeira nação monoteísta do mundo. Iavé não tinha condições, com o seu exclusivismo racista, para se transformar no Deus Único, mas o povo judeu o aceitou como tal porque isso agradava às suas pretensões de superioridade. O deusinho intrigante e até mesmo alcoviteiro das tribos hebraicas, raivoso, parcial e contraditório, que punia com a lepra os que censuravam o seu amado Moisés e que após o Decálogo autoriza o seu protegido a realizar a bárbara matança do Sinai e revelava um espírito rancoroso de chefe tribal e um exibicionismo arrogante no trato com os povos estranhos. Ao mesmo tempo, não dispunha de forças para impedir os assaltos de povos mais fortes e aguerridos aos seus pupilos que egípcios e babilônios, assírios e romanos conquistavam e submetiam à escravidão. Apesar disso, o povo judeu mostrou-se capaz de enfrentar todas as derrotas e decepções sem perder a confiança no seu Deus. Essa virtude estóica e essa fidelidade interesseira, aumentada por um protecionismo escandaloso, e a coragem e tenacidade que demonstrava em todas as circunstâncias, deram a Iavé uma posição excepcional. Não foi Deus, nesse caso, quem salvou o homem, mas o homem-judeu quem salvou o deusinho fanfarrão que lhe deu a Terra de Canaã, numa doação injusta, ilegal e bárbara, em que os beneficiados tiveram de conquistar o seu presente em batalhas alucinadas. Verdadeiro presente de grego, que custou sacrifícios e perdas irreparáveis aos judeus ludibriados. Na verdade, Iavé não deu nada, pois foram Moisés e Josué os conquistadores de uma nação tradicional, de estrutura feudal e cultura desenvolvida. Uma conquista militar longamente preparada nos quarenta anos de expectativa angustiada no pequeno deserto do Sinai, com assal-

tos e pilhagens dos povos vizinhos. A destruição de Canaã foi um dos mais bárbaros genocídios da História. E sobre a terra ensangüentada, juncada de cadáveres, o povo ludibriado construiu seus monumentos ao deus truculento, erguendo-lhe o Templo de Jerusalém com aras especiais para os sacrifícios de animais que Iavé não podia comer, mas de cuja fumaça se alimentava aspirando-a por suas narinas divinais.

Por dois milênios considerou-se o nascimento de Jesus em Israel como uma confirmação da grandeza de Iavé. Mas essa grandeza era apenas uma fantasia, pois nem do ponto de vista humano, à luz dos sentimentos de justiça e dos princípios éticos se poderia ressaltar um só gesto de grandeza na atitude brutal de Iavé. Hoje, à luz dos princípios espíritas, podemos compreender esta verdade assustadora, marcada a fogo nas páginas da própria Bíblia:

c) Iavé nada mais era do que o espírito orientador do clã arrogante e ganancioso de Abraão, Isaac e Jacó na velha cidade mesopotâmica de Ur. Um guia espiritual de inferioridade inegável, deus guerreiro como os de Atenas e Roma, que se serviu da mediunidade espantosa de Moisés e dos Anciãos no deserto para materializar-se entre aventureiros rudes e ignorantes, nas fumaredas de ectoplasma que envolviam em nuvens assustadoras a tenda do deserto. Nessas manifestações então inexplicáveis, Iavé *falava cara a cara* com seu servo Moisés, dando-lhe prestígio necessário para a consecução dos seus planos de conquista sanguinária. As pesquisas contemporâneas e atuais sobre esses fenômenos mediúnicos desvendaram o mistério. Os estudos de Max Freedom Long e André Lang, entre as tribos selvagens da Polinésia, revelaram o emprego de *mana* ou *orenda*, forças mágicas que Richet explicou racional e cientificamente como emanações orgânicas do corpo do médium e os russos provaram recentemente serem constituídas por um plasma físico formado de partículas atômicas livres. Iavé, o Deus Supremo e Único, servia-se apenas dos elementos mágicos empregados pelos povos primitivos nos seus contactos com os espíritos. Esse mesmo elemento, que na sua expansão manifesta cheiro de ozona, foi considerado nas manifestações diabólicas da Idade Média como explosões de enxofre. Frederic Zöllner demonstrou, na Universidade de Upsala (Alemanha) que esse elemento, o ectoplasma, pode produzir explosões violentas, raios e relâmpagos, causando destruições como o poder de dinamites. Essas provas científicas modernas podem também explicar as manifestações ígneas assustadoras do Monte Sinai, no momento em que Moisés falava com Iavé e este lhe aparecia em forma de sarça ardente, segundo o Gênese.

Diante dessas verificações, compreende-se a preferência de Jesus por Israel. E o maior milagre de Jesus se apresenta como sendo a utilização do povo judeu, acostumado a essas manifestações mediúnicas, para o desenvolvimento da sua missão mediúnica de implantação na Terra da concepção do Deus único no plano social, transformando Iavé numa imagem alegórica de Deus. A unicidade e universalidade dessa concepção foi obra exclusiva de Jesus, que viu a possibilidade de fazer de Israel o centro de expansão do Monoteísmo, que negou ao mesmo tempo o orgulho sociocêntrico de Israel e a multiplicidade dos deuses mitológicos. Daí as contradições profundas e insanáveis entre o Deus iracundo da Bíblia e o Deus ético, justo, providencial e universalmente paternal dos Evangelhos. A fusão absurda desses deuses antagônicos no Cristianis-

mo explica-se pela incompreensão inicial e a deformação posterior dos ensinamentos de Jesus, através das lutas brutais e sanguinárias entre as seitas cristãs dos primeiros tempos. Os homens recebiam as palavras do Messias na medida das suas posições contraditórias. As condições do tempo eram propícias ao fanatismo e à História imparcial, escrita por pesquisadores universitários independentes, nos revela o panorama de paixões exacerbadas, em meio a interesses políticos e sociais os mais diversos, que levavam facções violentas aos mais hediondos crimes. O Cristianismo que chegou aos nossos dias, através das igrejas cristãs do Ocidente e do Oriente, é a herança trágica das profanações. Os textos evangélicos falam por si mesmos, particularmente nas epístolas de Paulo e do *Livro de Atos dos Apóstolos*, do que foram as dissensões no próprio meio apostólico. Nem mesmo a Ressurreição de Cristo, que Paulo explicou de maneira clara e lapidar, chegou a ser compreendida. O culto pneumático, de manifestações de espíritos, foi suprimido; a simplicidade livre das assembleias cristãs foi injetada de elementos complexos dos cultos religiosos pagãos e judeus; a comunhão memorial do Cristo com os discípulos através do pão e do vinho – praticada nas ceias cristãs e bem antes nos cultos cananitas – foi transformada em sacramento sofisticado pela magia da transubstanciação; expressões evidentemente alegóricas tornaram-se dogmas indiscutíveis, motivando morticínios de estarrecer.

A comparação singela e tocante encerrada na expressão *Cordeiro de Deus*, referente a sacrifícios de cordeiros nos altares do Templo para purificação de pecados, foi transformada em mistério sagrado que acobertou muitos crimes nefandos; a ressurreição no corpo espiritual tornou-se ressurreição absurda no corpo carnal, de maneira que Tomé, o apóstolo dissidente, tocou as chagas de Cristo manifestado mediunicamente, acreditando tocar no corpo material já sepultado; Maria transformou-se numa das muitas virgens mães da Antigüidade de que trata Saint'Ives num livro excomungado; José passou de pai a padrasto numa posição equívoca e Deus perdeu novamente a sua unidade para se dividir no mistério de três pessoas distintas e um só Deus verdadeiro. Só por milagre a definição de João: *Deus é Amor* sobreviveu a esse terremoto com a pureza ingênua de uma flor nos destroços. Nem se compreende que isso tenha sido possível em meio ao entrançado de garras e caudas peludas, cheirando a enxofre, que lutavam para escurecer o Céu e ensangüentar a terra. Os erros dos copistas, as adulterações conscientes dos intérpretes sectários, as substituições ingênuas de reformistas ignorantes passaram ao redor dessa definição de Deus sem atingi-la. O mais espantoso é que essas interferências criminosas não cessaram até hoje. As pretensas atualizações de linguagem dos velhos textos prosseguem em nossos dias, com as edições deformadas da Bíblia pelas instituições guardiãs de sua pureza. Criou-se o dogma da Palavra de Deus para o velho livro judaico, digno de respeito histórico, mas as vestais dos textos preferem as palavras dos homens, mutilando, distorcendo, aleijando o verbo divino em cada nova tiragem da Bíblia. Se Deus falou, os homens o corrigem, porque Deus ainda não aprendeu a sujeitar-se aos caprichos formalistas das igrejas. Pois mesmo com essa permanência inquietante da censura humana, a definição de João ainda não foi mascarada.

Os adúlteros espíritas de Kardec mostraram-se de uma grande ignorância. O que fizeram com *O Evangelho Segundo o Espiritismo* é de estarrecer. Deformaram, cortaram, tornaram o texto lógico do mestre, incongruente e contraditório. Não pouparam sequer as mais belas e poderosas frases de Jesus, como: *Amai aos vossos inimigos*, que reduziram a esta vergonha lingüística: *Amai aos que não vos amam*. Das eloqüentes mensagens de Lázaro extraíram as figuras expressivas e viris como: *Nós vos faremos avançar com a dupla ação do freio e da espora*, talvez por já estarem sentindo as esporas nas virilhas. Emacularam os textos, como se fossem eunucos destinados a servir nos haréns de velhos e trêmulos sultões.

Todas essas formas de mistificações, geralmente a serviço de interesses humanos subalternos, estão presentes em todas as culturas e em todas as religiões, porque a mistificação é própria do homem, encarnado ou desencarnado. Na inferioridade visível e palpável do nosso mundo os mistificadores pululam no plano espiritual ligado à Terra e na crosta planetária. Nas escrituras sagradas de todas as correntes espiritualistas e de todas as religiões podemos encontrar e identificar diversos tipos de mistificação. Kardec foi o único a estabelecer um método seguro de prevenção das mistificações. Mas os mistificadores se servem da vaidade humana para infiltrar-se nas instituições doutrinárias, onde sempre encontramos criaturas ansiosas por novidades que superem a obra do mestre. O Espiritismo é uma questão de bom-senso, como escreveu Kardec, mas as criaturas insensatas estão por toda parte. Precisamos manter constante vigilância em nossos estudos para não cairmos nas mistificações que nos levam a deturpar e aviltar a doutrina. Bastaria um pouco de humildade para vermos, como ensina Kardec, a ponta de orelha do mistificador, que sempre aparece nos textos mentirosos ou ilusórios. A mistificação se alimenta de vaidade e pretensão, desse orgulho infantil a que não escapam nem mesmo pessoas ilustradas. Muitas vezes, pelo contrário, as pessoas ilustradas não passam de analfabetas ilustres, mais sujeitas, por sua vaidade pueril, à mistificação, do que as pessoas humildes, mas dotadas de bom-senso. Kardec tem razão ao afirmar que o bom-senso e a humildade são preservativos da mistificação. Nenhum espírito nos mistifica se nós mesmos já não estivermos nos mistificando por vontade própria.

Os médiuns dispõem de vários recursos para evitar as mistificações: orar e vigiar, manter sua fé racional em Deus e nos Espíritos Superiores; confiar em seus protetores espirituais; ler todos os dias pelo menos um trecho de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, manter a mente arejada e serena, sem temores inúteis; alimentar pensamentos altruístas, ou seja, em favor dos outros, evitando idéias de grandeza; rejeitar os Espíritos que lhes prometem revelações e os que pretendem contar-lhes o que foram em outras encarnações; afastar de sua mente qualquer idéia de maldade contra os outros; afugentar ódios e ressentimentos; não querer tornar-se anjos de um momento para outro; viver como todas as criaturas pacíficas dignas, cumprindo os seus deveres sociais e morais, sem jamais se julgarem superiores aos outros; suportar as dificuldades da vida sem reclamações, dando mais atenção às necessidades dos outros do que às suas próprias; fazer todo o bem possível ao seu alcance, sem exageros e tendo sempre em vista que não devemos acocar-nos nem acocar os outros, pois todos

temos de passar pelas experiências; evitar disputas sobre opiniões; não admitir interferências de dinheiro ou lucros de qualquer espécie em suas atividades mediúnicas. Tudo isso se resume, como vemos, em caridade, humildade e honestidade. O médium ou espírita que seguir esses princípios estará vacinado contra a mistificação, desde que não se convença que estará livre de ser mistificado. A simples idéia de ter esse privilégio pode ser a porta que esqueceu aberta e pela qual a mistificação entrará com facilidade.

O maior caso de mistificação, capaz de levar qualquer pessoa à fascinação, é a obra *Os Quatro Evangelhos*, de Jean Baptiste Roustaing, que a Federação Espírita Brasileira tomou como fundamento da sua orientação doutrinária. A mistificação é tão evidente nessa obra que uma pessoa simples, mas de bom-senso, logo a percebe. Mas como se apóia nos resíduos mitológicos e místicos da nossa formação religiosa tradicional, continua a fazer suas vítimas entre nós através dos anos. Nessa obra, Jesus é transformado num mistificador que fingiu nascer mas não nasceu, fingiu mamar mas não mamou, fingiu morrer na cruz mas não morreu; fingiu ressuscitar mas não ressuscitou, pois era um *agênere*, uma criatura não gerada, uma simples *aparição tangível* que combinou no espaço encontrar-se na Terra com Maria Madalena. E isso é apenas um pedaço mínimo do imenso ridículo em que essa obra das trevas procura mergulhar a Doutrina dos Espíritos Superiores. As obras de Ramatis constituem o segundo caso de mistificação em nosso movimento espírita, divergindo daquela em alguns pontos e apresentando outras novidades absurdas. A obra *A Vida de Jesus Ditada por Ele Mesmo*, recebida na Alemanha e completada na Argentina, onde existe uma instituição espírita para mantê-la, divulgá-la e defendê-la, é outro caso típico de mistificação em grande estilo, que tem iludido multidões de pessoas. Nessa obra vemos Jesus, em *suas memórias*, prestar-nos um depoimento estranho sem começo e sem fim e com deformidade de um texto do Corão, de Maomé. Fala Jesus: “Meus irmãos, escutai o relato da minha vida terrestre como Messias.” A seguir o livro nos conta as primeiras peripécias de Jesus após a morte de José, seu pai, sua ida a Jerusalém e a entrega dos negócios da família em mãos estranhas. Jesus se diz o mais velho dos nove filhos de José e Maria. Descreve a vida tranqüila que levava em Nazaré, mas lamenta que as suas idéias messiânicas o tenham levado para o caminho perigoso. Refere-se aos fundamentos da Ciência Kabalística que aprendeu, conta que após a morte do pai envolveu-se em Jerusalém com grupos subversivos e tornou-se agitador político. Nesse ritmo de estória à Jock London, o livro atinge a fase messiânica de Jesus. O auto-memorialista proclama: “Minha obra era santa, porque era a Obra do Pai; minha missão não era de ódio, mas de amor.” Um livro mediúnico sem nenhuma base histórica, sem nada de novo quanto à interpretação da figura humana de Jesus, sem nenhuma marca da época, decalcado em situações atuais, desprovido da mínima verossimilhança, e que no entanto e apesar do seu volume de cerca de 400 páginas, não pesa em nada na balança da História. Mistificação evidente e sem defesa possível. Como podem espíritas ilustrados, inteligentes, perspicazes, aceitar esse relato de fraca imaginação como autobiografia do Cristo, do assombroso personagem histórico que transformou o mundo com as suas idéias, no vago registro das *loggia*, das anotações fragmentárias de seus ensinamentos morais, frases e expressões que balizaram o desenvolvimento humano a partir das suas prédicas? Essa é a glória da

mistificação – fazer passar como verídicas as mais infundadas aberrações. Mas não se pense que o triunfo é da mistificação em si. Pelo contrário, é dos que se deixam mistificar, dos que desejam iludir-se e para isso alimentam o seu bom-senso nas bancas de câmbio da imaginação. Essas criaturas ansiosas pelo maravilhoso, não encontrando o que desejam nas pesquisas e nos estudos sérios, aceitam emocionados os maiores absurdos.

É um curioso mecanismo de compensação interior que leva os leitores dessas falsidades ingênuas a considerá-las como verídicas. O anseio de novidades maravilhosas é nelas mais poderoso do que a razão, que sabem aplicar nas coisas da vida diária, mas fracassam ao aplicá-las ao sonho, pois este exige a descoberta dos segredos a qualquer preço. É o mesmo caso das obsessões, em que o apego do obsedado ao obsessivo é que dá forças a este para agir sobre aquele. O mesmo caso dos viciados, que embora conhecendo as conseqüências do vício, não podem abandoná-lo, pois sem ele a vida perderia em gosto e sentido. Uma face pouco ou nada conhecida dos processos esquizofrênicos. Uma área em que a Psicologia Espírita tem muito a trabalhar.

Mas não é só no Espiritismo que isso acontece. A natureza é uma só em toda parte. No Corão, de Maomé, a mistificação é tão transparente como no caso acima. O mistificador cobre as suas deficiências com o manto embriagador ou atordoante da fantasia. E serve-se de afirmações enfáticas, de frases altissonantes para melhor impressionar os que desejam ser enganados. Todo o gênese bíblico reveste-se desse mesmo aspecto. O episódio do nascimento de Jesus, no Corão, é ao mesmo tempo anedótico, pitoresco e impressionante. Maria recebe a anunciação do Anjo, que a manda fugir para o deserto. José foi inteiramente excluído dessa estória das *Mil e Uma Noites* em que um velho carpinteiro nada tinha a fazer. A jovem virgem foge da casa dos pais e dirige-se a tamareira solitária no meio do areal. Ali se deita e o Anjo lhe ensina como proceder. Ao mesmo tempo, faz correr um filete de água ao pé da tamareira. Quando tiver fome, basta-lhe sacudir a árvore e os frutos maduros caem. O menino nasce e o anjo a manda voltar para a casa. Lá, a família a repreende, mas ela tem o menino Jesus nos braços. Maria conta o que se passou e o menino recém-nascido o confirma. O espanto é geral e tudo se acomoda. A estória ingênua é simples ideiação mistificadora, mas a palavra do Profeta é suficiente para transformá-la em realidade histórica. O Islã nasceu do tronco bíblico, é uma espécie de sombra judaica projetada sobre a Arábia. As figuras bíblicas de Abraão, Isaac e Jacó aparecem deformadas nessa projeção. Era natural que Maria e Jesus também aparecessem assim. Mas temos nessa projeção conceptual uma espécie de intuição profética animitológica. O nascimento de Jesus sob uma tamareira no deserto devolve o acontecimento real à sua singeleza verdadeira. Resta o mito do Anjo Gabriel, mas este corresponde à realidade subjetiva da inspiração de Maomé. O fato de o menino Jesus falar precocemente não é mitológico, pois pode ser considerado na pauta da precocidade natural. É importante lembrar que o Islamismo revela maior tendência para a realidade figurada do que para o mito. A exclusão de José e os cuidados do Anjo com Maria parecem indicar o Anjo como o pai do menino, em lugar do Espírito Santo. Uma análise profunda desse episódio do Corão, que estabelece uma ligação genésica entre o Islamismo e o Cristianismo, pode revelar maiores sig-

nificações na perspectiva histórica. A mistificação religiosa decorre muitas vezes de exigências lógicas num processo histórico de ocorrências complexas e cujas linhas se tornaram indefinidas no tempo. Esse é um problema de Parahistória, nova área de interpretação histórica nascida das conquistas atuais da Parapsicologia, e que por isso mesmo interessa de perto aos espíritas.

Maomé foi geralmente considerado como um mistificador, mas na verdade era um médium, um paranormal que, segundo Emmanuel, tinha a missão, em que fracassou, de forçar o retorno da Igreja de Roma à realidade histórica. O fracasso do Profeta Árabe decorreu do seu excessivo apego à matéria, em virtude de sua forte vitalidade. Por isso Dante o colocou no Inferno com o ventre rasgado e os intestinos caindo fora do ventre, condenação típica dos excessos de sensualidade. Todos estes elementos são importantes para uma reinterpretação do conjunto religioso-histórico formado pelo triângulo bíblico Judaísmo-Cristianismo-Islamismo. Cabe às instituições culturais espíritas, no futuro, analisar estes problemas referentes ao processo da evolução da humanidade terrena. O alfanje (Sabre de lâmina curta e larga, com o fio no lado convexo da curva.) islâmico guarda ainda os segredos do Crescente Lunar, que podem ainda fazer mais luz do que o Sol sobre a condição humana.

*

LIVRO: CURSO DINÂMICO DE ESPIRITISMO

J. HERCULANO PIRES

XVII – AÇÃO ESPÍRITA NA TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO

Três são os elementos fundamentais de que o Espiritismo se serve para transformar o nosso mundo num mundo melhor e mais belo:

- a) **Amor,**
- b) **Trabalho,**
- c) **Solidariedade.**

1 – Amor

O amor abrange a compreensão e a tolerância, pois quem ama compreende o ser amado e sabe tolerá-lo em todas as circunstâncias. Abrange também a Verdade, pois quem ama sabe que o alvo supremo do Amor é a Verdade. Ninguém ama a mentira, pois mesmo os mentirosos apenas a suportam na falta da verdade.

O amor egoísta do homem por si mesmo expande-se no desenvolvimento psicobiológico como, segundo já vimos, em amor altruísta, amor pelos outros, a partir do núcleo familiar até à Sociedade, à Pátria e à Humanidade. Alguns espíritas dizem que os espíritas não têm pátria, pois sabem que todos podemos renascer em várias nações. Isso é uma incongruência, pois então não poderíamos também amar pai e mãe, que variam nas encarnações sucessivas. O Amor não tem limites, mas nós, os homens, somos criaturas limitadas e estamos condicionados, em cada existência, pelas limitações da condição humana. Amamos de maneira especial aqueles que estão ligados a nós nesta vida ou se ligaram a nós em vidas anteriores.

Amamos a todos os seres e a todas as coisas na proporção do nosso alcance mental de compreensão da realidade. E amamos a nossa Terra, o pedaço do mundo em que nascemos e vivemos e a parte populacional a que pertencemos, no recorte da população mundial que corresponde população da nossa terra. E amamos os que estão além da Terra, nas zonas planetárias espirituais, como amamos, por intuição mental e afetiva, a todos os seres e coisas de todo o Universo.

O ilimitado do Amor se impõe aos limites temporários da nossa condição imediata. E é esse o nosso primeiro degrau para a transcendência espiritual. Na proporção em que a nossa capacidade infinita de amar se concretiza na realidade afetiva (nascida dos sentimentos profundos e verdadeiros do amor) sentimo-nos elevados a planos superiores de afetividade intelecto-moral, respeitando progressivamente todas as expressões da vida e da beleza em todo o Universo. O Amor não é gosto, nem preferência, nem desejo – é afeição, ou seja, afetividade em ação, fluxo permanente de vibrações espirituais do ser que se expandem em todas as direções da realidade. Foi por isso que Francisco de Assis amou com a mesma ternura e o mesmo afeto, chamando-os de irmãos, aos minerais, aos vegetais, aos animais, aos homens e aos astros no Infinito. As ondas do Amor atingem a todas as distâncias, elevações e profundidades, não podendo ser medidas, como fazemos com as ondas hertzianas do rádio. Depois de ultrapassar os limites possíveis da Criação, o Amor atinge o seu alvo principal, que é Deus, e Nele se transfunde.

O Espiritismo aprofunda o conhecimento da Realidade Universal e não pretende modificar o Mundo em que vivemos através de mudanças superficiais de estruturas. Essa é a posição dos homens diante dos desequilíbrios e injustiças sociais. Mas o homem-espírita vê mais longe e mais fundo, buscando as causas dos efeitos visíveis. Se queremos apagar uma lâmpada elétrica não adianta assoprá-la, é necessário apertar a chave que detém o fluxo de eletricidade. Se queremos mudar a Sociedade, não adianta modificar a sua estrutura feita pelos homens, mas modificar os homens que modificam as estruturas sociais. O homem egoísta produz o mundo egoísta, o homem altruísta produzirá o mundo generoso, bom e belo que todos desejamos. Não podemos fazer um bom plantio com más sementes. Temos de melhorar as sementes.

As relações humanas se baseiam na afetividade humana. Não há afetos entre corações insensíveis. Por isso a dor campeia no mundo, pois só ela pode abalar os corações de pedra. Mas o Espiritismo nos mostra que o coração de pedra é duro por falta de compreensão da realidade, de tradições negativas que o homem desenvolveu em tempos selvagens e brutais. Essas relações se modificam quando oferecemos aos homens uma visão mais humana e mais lógica da Realidade Universal. Essa visão não tem sido apresentada pelos espíritas, que, na sua maioria, se deixam levar apenas pelo aspecto religioso da doutrina, assim mesmo deformado pela influência de formações religiosas anteriores.

Precisamos restabelecer a visão espírita em sua inteireza, afastando os resíduos de um passado de ilusões e mentiras prejudiciais. Se compreenderem a necessidade urgente de se aprofundarem no conhecimento da

doutrina, de maneira a formarem uma sólida e esclarecida convicção espírita, poderão realmente contribuir para a modificação do mundo em que vivemos.

Gerações e gerações de espíritas passaram pela Terra, de Kardec até hoje, sem terem obtido sequer um laivo de educação espírita, de formação doutrinária sistemática. Aprenderam apenas alguns hábitos espíritas, ouviram aulas inócuas de catecismo igrejeiro, tornaram-se, às vezes, ardorosos na adolescência e na juventude (porque o Espiritismo é oposição a tudo quanto de envelhecido e caduco existe no mundo), mas ao se defrontarem com a cultura universitária incluíram a doutrina no rol das coisas peremptas por não terem a menor visão da sua grandeza. Pais ignorantes e filhos ignorantes, na sucessão das encarnações inúteis, nada mais fizeram do que transformar a grande doutrina numa seita de papalvos. Duras são e têm de ser as palavras, porque ineptas e criminosas foram as ações condenadas. A preguiça mental de ler e pensar, a pretensão de saber tudo por intuição, de receber dos guias a verdade feita, o brilhareco inútil e vaidoso dos tribunos, as mistificações aceitas de mão beijada como bênçãos divinas e assim por diante, num rol infindável de tolices e burrices fizeram do movimento doutrinário um charco de credices que impediu a volta prevista de Kardec para continuar seu trabalho. Em compensação, surgiram os reformadores e adulteradores, as mistificações deslumbrantes e vazias e até mesmo as séries ridículas de reencarnações do mestre por contraditores incultos de suas mais valiosas afirmações doutrinárias.

Este amargo panorama afastou do meio espírita muitas criaturas dotadas de excelentes condições para ajudarem o movimento a se organizar num plano superior de cultura. Isso é tanto mais grave quanto o nosso tempo que não justifica o que aconteceu com o Cristianismo deformado totalmente num tempo de ignorância e atraso cultural. Pelo contrário, o Espiritismo surgiu numa fase de acelerado desenvolvimento cultural e espiritual, em que os espíritas contam e contam com os maiores recursos de conhecimento e progresso de que a humanidade terrena já dispôs.

Todos os grandes esforços culturais em favor da doutrina foram negligenciados e continuam a sê-lo pela grande maioria dos espíritas de caramujo, que se encolhem em suas carapaças e em seus redutos fantásticos. Falta o amor pela doutrina, de que falava Urbano de Assis Xavier; falta o amor pelos companheiros que se dedicam à seara com abnegação de si mesmos e de suas próprias condições profissionais e intelectuais; falta o amor pelo povo faminto de esclarecimentos precisos e seguros; falta o amor pela Verdade, que continua sufocada pelas mentiras das trevas.

Os médiuns de grandes possibilidades se vêem cercados de multidões interesseiras, que os levam quase sempre ao fracasso ou ao esgotamento precoce. Só os interessados os procuram: os que pretendem aproveitar suas produções em proveito próprio; os que desejam apenas dizer-se íntimos do médium; os que procuram consolação passageira em sua presença; os que buscam sugar-lhes os benefícios fluídicos e assim por diante. Os próprios médiuns acabam muitas vezes entregando-se ao desânimo e desviando-se para outros campos de atividade onde, pelo menos, poderão gozar de convivências menos penosas.

A exploração inconsciente e consciente dos médiuns pelos próprios adeptos da doutrina é um dos fatores mais negativos para o desenvolvimento do Espiritismo em nosso país e no mundo. A contribuição que eles poderiam dar para a execução das metas doutrinárias perde-se na miudalhã das consultas pessoais e nas mensagens cotidianas de sentido religioso-confessional, mais tocadas de emoção embaladora do que de raciocínio e esclarecimento. É isso o que todos pedem, como crianças choramingas acostumadas a dormir ao embalo das cantigas de ninar. (O caso Arigó).

Até mesmo um médium como Arigó, dotado de temperamento agressivo como João Batista e assistido por uma entidade positiva como Fritz, acabou envolvido numa rede de interesses contraditórios que o envolveram através de manobras que o aturdiram, misturadas a calúnias e campanhas difamatórias que o levaram, na sua ignorância de roceiro inculto, a precipitar-se, sem querer, na sua destruição precoce. As grandes teses da Doutrina Espírita não foram suficientes para mobilizar os espíritas em favor do médium, resguardando-o e facilitando, pelo menos, a investigação dos cientistas norte-americanos, de diversas Universidades e da NASA, que tentaram desesperadamente colocar o problema em termos de equação científica. O que devia ter sido uma vitória da Verdade em plano universal reverteu-se em mesquinho episódio de disputas profissionais acirradas por clérigos e médicos de visão rasteira. E tudo isso por que estranho motivo? Porque os espíritas não foram capazes de sair de suas tocas, empunhando as armas poderosas da doutrina, para enfrentar o conluio miserável das ambições absorventes e vorazes.

Cada espírita, ao aceitar e compreender a grandeza da causa doutrinária e sua finalidade suprema – que é a transformação moral, social, cultural e espiritual do nosso mundo – assume um grave compromisso com a sua própria consciência.

O aparecimento de um médium como Chico Xavier ou Arigó não tem mais o sentido restrito do aparecimento de uma pitonisa ou um oráculo no passado, mas o do aparecimento de um João Batista ou de um Cristo na fase crítica da queda do mundo clássico greco-romano, da trágica agonia da civilização mitológica. Mas após um século da sementeira evangélica, na hora certa e precisa da colheita, vemos de novo o povo eleito enrolado em intrigas na Porta do Monturo, enquanto os romanos crucificam entre ladrões os que se imolaram em reencarnações providenciais.

Essa mentalidade de corujas agoureiras, e troianos que não ouvem Cassandra, decorre do egoísmo (essa lepra do coração humano, segundo a expressão Kardeciana) do comodismo e da preguiça mental.

A falta de estudo sério e sistemático da doutrina, que permite a infiltração de elementos estranhos no corpo doutrinário, causando-lhe deformações rebarbativas e fantasiadas de novidades, avilta a consciência espírita com a marca de Caim nos grupos de traidores.

Esses traidores não traem apenas à doutrina, ao Cristo e a Kardec, mas também à Humanidade e ao Futuro. Onde fica o princípio do Amor em tudo isso? Quem revelou amor à Verdade? Quem provou amar e respeitar a doutrina? Quem mostrou amar ao seu semelhante e por isso querer realmente ajudá-lo,

orientá-lo, esclarecê-lo? A esse fim superior sobrepõe-se o interesse falso e mesquinho de fazer bonito aos olhos que necessitam de luz, bancar saberetas para os que nada sabem, impor a criaturas ingênuas a sua maneira mentirosa de ver o ensino puro e claro de Kardec.

O amor não está nos que se acumpliciam, se comprometem reciprocamente na trapaça, enleando-se na solidariedade da profanação consciente ou inconsciente, O amor está nos que repelem a farsa e condenam o gesto egoísta dos escamoteadores da verdade em proveito próprio, levando multidões ingênuas e desprevenidas à deturpação da doutrina esclarecedora.

O amor, nesse caso, pode parecer impiedade, mas é piedade, pode assemelhar-se à injúria e agressão, mas é socorro e salvação. As condenações violentas de Jesus a escribas e fariseus não foram ditadas pelo ódio, mas pela indignação justa, necessária, indispensável do Mestre, que sacudia aquelas almas impuras para livrá-las da impureza com que aviltavam o simples. Quem não tiver condições para compreender isso deve ter pelo menos a humildade de André Luiz, o médico lançado às zonas umbralinas, de contentar-se com trabalhos de limpeza e lavagem nos hospitais dos planos superiores para aprender a grandeza da humildade, a nobreza dos pequeninos, ao invés de rebelar-se contra as leis divinas da busca da Verdade. Nosso movimento espírita, como todo o negro panorama religioso da Terra, está cheio de ignorantes revestidos ou não de graus universitários, que se julgam mestres iluminados e são apenas os cegos do Evangelho que levam outros cegos ao barranco. Impedi-los de cometer esse crime de vaidade afrontosa é o dever dos que sabem realmente amar e servir. “Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas!” advertiu Jesus, não para condená-los ao fogo do Inferno, mas para salvá-los do inferno de si mesmos.

2 – Trabalho

O trabalho é exigência do princípio de transcendência. O homem trabalha por necessidade, como querem os teóricos da Dialética Materialista, mas não apenas para suprir as suas necessidades físicas de subsistência e sobrevivência. Não só, como querem os teóricos da *vontade de potência*, para adquirir poder. E nem só, também, como pretendem Bentham e os teóricos da ambição, para acumular posses que representam poder. (A Filosofia Existencial).

A busca das causas, nesse campo, morreria no plano das causas secundárias. Mas a Filosofia Existencial, em nosso tempo, descobrindo o conceito de *existência* e definindo o homem como o *existente* (aquele ser que existe, sabe que existe e luta para existir cada vez mais e melhor), mostrou e provou que a natureza humana é subjetiva e não objetiva (externa e material) e que a mola do mundo não está nos braços e nas mãos, mas na consciência. Confirmou-se assim, no plano geral da Cultura, o tantas vezes rejeitado e ridicularizado *conceito espírita do trabalho*. Em *O Livro dos Espíritos* temos a afirmação de que *tudo trabalha na Natureza*. Essa tese espírita antecipou a tese de John Dewey sobre a natureza universal da *experiência*. Em todo o Universo há forças em ação, inteligentemente dirigidas segundo planos determinados. Nada se fez ao acaso. Em termos atuais de eletrônica podemos dizer que o universo é uma

programação gigantesca de computadores em incessante atividade rigorosamente controlada. De um grão de areia a uma constelação estelar, de um fio de cabelo e de um vírus isolado até às maiores aglomerações humanas dos grandes parques industriais do mundo, tudo trabalha. O próprio repouso é uma forma de diversificação do trabalho para recuperações e reajustes nos organismos materiais e nas estruturas psicomentais do homem. As criaturas humanas que só trabalham para si mesmas ainda não superaram a condição animal. Vivem e trabalham, mas não existem. Porque existir é uma forma superior de viver, que inclui em seu conceito plena consciência das atividades desenvolvidas com finalidades transcendentais.

No próprio desenvolvimento da Civilização o trabalho individual se abre, progressivamente, nos processos de distribuição, para o plano superior do trabalho coletivo. Por isso, é no trabalho e através do trabalho que o homem se realiza como ser, desenvolvendo suas potencialidades.

A extrema especialização da Era Tecnológica nasceu nas selvas, quando nos primeiros clãs o homem se incumbiu da guerra, da caça e da pesca, e a mulher da criação, alimentação e orientação dos filhos. A Revolução industrial na Inglaterra marcou um momento decisivo da evolução humana para a consciência da solidariedade. É no esforço comum e conjugado das relações de trabalho que se desenvolve o senso de comunidade, provando a necessidade do princípio espírita de **solidariedade** e **tolerância** para o maior rendimento, maior estímulo e maior aperfeiçoamento das técnicas de produção. À concorrência de mercado, que estimula a ganância e a voracidade dos indivíduos e dos grupos, das empresas e dos sistemas de produção, opõe-se a conjugação das consciências, na solidariedade do trabalho comum, com vistas ao bem-estar de todos. Os teóricos que condenam as comunidades de trabalho voltadas para o interesse da maioria reduzem a finalidade superior do trabalho a interesses mesquinhos de enriquecimento individual e de grupos. A própria realidade os contesta com o espetáculo gigantesco do trabalho da Natureza, voltado para a grandeza do todo. Remy Chauvin considera os insetos sociais como expressões de sistemas coletivos de trabalho e de vida em que o egoísmo individualista e grupal (sociocentrismo) não impediu o desenvolvimento normal da solidariedade. A Natureza inteira é um exemplo que o homem rejeita em nome do seu egoísmo, da sua vaidade e das suas ambições desmedidas. Esses três elementos funcionaram na espécie humana como pontos hipnóticos que impediram o livre fluxo das energias livres do trabalho, condensando-as em formas institucionais absorventes. As tentativas de romper essas formas por métodos violentos representam uma reação instintiva que leva fatalmente, como o demonstra o panorama histórico atual, a novas formas de condensação. Esse círculo vicioso só pode ser rompido por uma profunda e geral compreensão do verdadeiro sentido do trabalho, que não leva a lutas e dissensões, mas à conjugação e harmonização de todas as fontes e todos os recursos do trabalho, nos mais diferenciados setores de atividade. A proposição espírita nesse sentido, como foi em seu tempo a proposição cristã original, encarna os mais altos ideais da espécie, voltados para o trabalho comunitário em ação e fins.

Hegel observou, em seus estudos de Estética, que a dialética do trabalho se revela nos reinos da Natureza. O mineral é a matéria-prima das

elaborações futuras, apresentando-se como concentração de energias que formam as reservas básicas; o vegetal é a doação em que as forças do mineral se abrem para a floração e os frutos da vida; o animal é a vida em expansão dinâmica, síntese das elaborações dos dois reinos anteriores, endereçando esses resultados ao futuro, à síntese superior do Homem, no qual as contradições se resolvem na harmonia psicofísica e espiritual da criatura humana, dotada de consciência.

Cabe agora a essa consciência elaborar a grandeza da Terra dos Homens (segundo a expressão de Saint-Exupéry). Por sinal que Exupéry, aviador, poeta e profeta, representa o arquétipo atual da evolução humana, na busca do Infinito. Por isso, Simone de Beauvoir considerou a Humanidade, não como a espécie a que nos referimos por alegoria com os planos inferiores, mas como um *devoir*, um processo de mutações constantes na direção do futuro. Hoje somos ainda projeções dos primatas obtusos e violentos, antropófagos (segundo Tagore) devoradores de si mesmos e dos semelhantes, escarnecedores e aviltadores da condição humana. Mas amanhã seremos homens, criaturas humanas que encarnarão as forças naturais sob o domínio da Razão e da Consciência. Tere-mos então a República dos Espíritos, formada pela solidariedade de consciências de que trata René Hubert em sua *Pedagogie Generale*.

Como vemos através desses dados, a Doutrina Espírita não nos oferece uma visão utópica do amanhã, mas uma precognição do homem em sua condição espiritual, sem as deformações teológicas e religiosas da visão comum, calcada em superstições e idealizações rebarbativas. Tendo penetrado objetivamente no mundo das causas, um século antes que as Ciências Materiais o fizessem, a Ciência Espírita, experimental e indutiva – e que tem agora todos os seus princípios fundamentais endossados por aquelas, em pesquisas de laboratório e tecnológicas não formulou uma estrutura dogmática de pressupostos para figurar o homem de após morte e o homem do futuro.

A imagem que nos deu do homem novo há um século está hoje plenamente confirmada pelos fatos. A controvertida questão da sobrevivência espiritual foi resolvida tecnologicamente de maneira positiva, comprovando a tese espírita. Falta pouco para romper-se, nas mãos já trêmulas dos teólogos, a Tú-nica de Nessus da dogmática religiosa, que gerou por toda parte angústias e desesperos. Estamos agora em condições de pensar tranqüilamente num futuro melhor para a Humanidade em fases melhores da sua evolução. Podemos agora nos integrar conscientemente na gigantesca oficina de trabalhos da Terra, preparando o caminho das gerações vindouras. As revelações não nos chegam mais de mão beijada, pois, como ensina Kardec, brotam dos esforços conjugados do homem esclarecido com os espíritos conscientes. Os dois mundos em que nos movemos, o espiritual e o material, abriram as suas comportas para que as suas águas se encontrem no esplendor de uma nova aurora. E o Sol que acende essa aurora não é mais uma chama solitária na escuridão total dos espaços vazios, mas apenas uma tocha olímpica entre milhões de tochas que balizam as conquistas futuras do homem na escalada sem-fim. Prometeu não será mais sacrificado por querer roubar o fogo celeste de Zeus, pois esse fogo é o mesmo que resplandece no corpo espiritual da ressurreição, que brilha na alma

humana e define a sua natureza divina. Basta-nos continuar em nossos trabalhos para termos a nossa parte assegurada na Herança de Deus, pois como ensinou o Apóstolo Paulo, somos herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo. O conhecimento é a nossa fé, que não se funda em palavras, sacramentos e ídolos mortos, mas na certeza das verificações positivas e nas conquistas do trabalho humano, gerador constante de novas formas de energia para a escalada humana da transcendência.

3 – Solidariedade

A solidariedade espírita se manifesta particularmente no campo da assistência à pobreza, aos doentes e desvalidos. O grande impulso nesse sentido foi dado, desde o início do movimento doutrinário na França, pelo livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, que trabalhou em silêncio na elaboração dessa obra, sem nada dizer a ninguém. Selecionou numerosas mensagens psicografadas, procedentes de diversos países em que o Espiritismo já florescia. Sua intenção era oferecer aos espíritas um roteiro para a prática religiosa, baseado no que ele chamava de *essência do ensino moral do Cristo*.

Conhecendo profundamente a História do Cristianismo e as dificuldades com que os originais do Evangelho haviam sido escritos, em épocas e locais diferentes, bem como o problema dos evangelhos apócrifos e das interferências mitológicas nos textos canônicos e as interpolações ocorridas nestes, afastou todos esses elementos espúrios para oferecer aos espíritas uma obra pura, despojada de todos os acessórios comprometedores. Seu trabalho solitário e abnegado deu-nos uma obra-prima, que conta com milhões de exemplares incessantemente reeditados no mundo.

Essa obra foi ameaçada com a tentativa de adulteração. Foi o maior atentado que a obra de Kardec já sofreu no mundo, pior que a queima de seus livros em Barcelona pela Inquisição Espanhola. Muito pior, porque foi um atentado provindo dos próprios espíritas, através de uma instituição doutrinária que tem, por obrigação estatutária, defender, preservar e divulgar a Doutrina Espírita codificada por Kardec. A consequência mais grave desse fato lamentável foi a quebra da solidariedade espírita, a desconfiança e a mágoa provocadas entre velhos companheiros.

O ataque das Trevas à vaidade e à ignorância de alguns espíritas invigilantes produziu os efeitos necessários. Sirva o exemplo doloroso para todos os que assumem encargos doutrinários, julgando receber prebendas e consagração. A vaidade excitada leva monges de pedra a se julgarem poderosos na aridez e na solidão dos desertos.

A solidariedade espírita não é apenas interna, entre os adeptos e companheiros. Projeta-se pelo menos em três dimensões:

- a) no plano social geral da comunidade espírita, além dos grupinhos domésticos e das instituições fechadas;
- b) envolve todas as criaturas vivas, protegendo-as, amparando-as, estimulando-as em suas lutas pela transcendência, procurando ajudá-las sem

nada pedir em troca, nem mesmo a simpatia doutrinária, pois quem ajuda não tem o direito de impor coisa alguma;

c) eleva-se aos planos superiores para ligar-se a Kardec e sua obra, a todos os espíritos esclarecidos que lutam pela propagação do Espiritismo no mundo e a Deus e a Jesus na Solidariedade cósmica dos mundos solidários.

Nessas três dimensões a Solidariedade Espírita realiza, como que apoiada em três poderosas alavancas, o esforço supremo de elevação do mundo, estimulando a transcendência humana. As mentes que ainda não atingiram a compreensão desse processo podem fechar-se em grupos e instituições de tipo igreja, isolando-se em seus ambientes de fumaça, onde os espíritos mistificadores e embusteiros se acoitam facilmente. Mas na proporção em que os adeptos assim isolados, ou pelo menos alguns deles, procurarem realmente compreender a doutrina, a situação se modificará, despertando os indolentes para atividades maiores.

Todo trabalho espírita é exigente e penoso, porque faz parte de uma grande batalha – a da Redenção do Mundo, iniciada pelo jovem carpinteiro Jesus, filho de Maria e José.

Essa batalha não é a de Deus contra o Diabo, o estranho anjo de luz que se revoltou para fundar o Inferno. Essa ingênua concepção das civilizações agrárias e pastoris teve o seu tempo e a sua função, o seu efeito de controle em fases de barbárie, mas não passa de uma alegoria inadequada ao nosso tempo. Tudo no Evangelho, como Kardec demonstrou, desde que afastado do clima mitológico, torna-se claro e demonstra a posição evidentemente racional do Cristo. O jovem carpinteiro não pertencia à Era Mitológica e encerrou essa era com a sua passagem pela Terra e a propagação do seu ensino. O mito vingou-se dele, pois o transformou também em mito. Por muito tempo, até aos nossos dias, a figura humana de Jesus figurou na nova mitologia, na fase romana do Renascimento Mitológico, em que se destacou a figura do Imperador Juliano, o Apóstata, que depois de aceitar o Cristianismo apostatou-se e empenhou-se na salvação dos seus deuses antigos. Os resíduos da mentalidade mitológica das civilizações arcaicas, particularmente a Grega e a Romana, reagiram, como era natural, contra o racionalismo cristão. Dessa maneira, na mente das populações bárbaras do Império Romano decadente, Jesus foi transformado num mito da Era Agrária.

Os padres e bispos do Cristianismo nascente, todos impregnados pela carga mitológica de um longo passado de ignorância e superstições, não foram capazes de compreender o racionalismo das proposições cristãs. Pelo contrário, cheios de temor e de espanto, contribuíram para a deformação do Cristianismo.

Antes e depois da queda do Império, os cristãos fizeram concessões necessárias aos povos bárbaros para absorvê-los no seio da Religião Redentora. Onde quer que os cristãos se impusessem pela força do número e das armas, as igrejas pagãs eram transformadas em templos cristãos, conservando-se cuidadosamente as tradições mitológicas mais arraigadas. O exemplo clássico e mais conhecido dessa tática romana é a Catedral de Notre Dame, em Paris, que ainda guarda nos seus subterrâneos os restos do templo pagão da Deusa Lutécia.

A Deusa pagã foi conservada no templo, mas com o nome de Nossa Senhora, para que o povo ingênuo aceitasse assim o culto cristão a Maria sob o prestígio secular da deusa pagã. Blavatsky lembra que a Deusa Céres, divindade da fecundação e em muitas regiões, mais especificamente, deusa dos cereais, forneceu ao Cristianismo nascente uma das mais conhecidas imagens de Nossa Senhora, em que ela é representada com o manto estrelado do Céu, em pé sobre o globo terreno: Céres cobrindo a Terra com seu manto celeste para fecundá-la. Esse mesmo processo de transposição ocorre hoje no Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro e nas formas de sincretismo de outros países da América, onde os ritos e as figuras dos deuses ou santos católicos são absorvidos pelas religiões africanas transplantadas pelo tráfico negreiro de escravos ao novo continente. Jesus virou Oxalá, Nossa Senhora virou Iemanjá, São Jorge virou Ogum (deus da guerra), São Sebastião virou Oxum (deus da caça, e assim por diante).

Basta lermos o *Livro de Atos dos Apóstolos*, no Evangelho, e as epístolas de Paulo (anteriores aos Evangelhos) para termos a confirmação dessa verdade histórica. Na primeira epístola de Paulo aos Coríntios, no tópico referente aos Dons Espirituais, temos uma descrição viva do chamado *culto pneumático* (do Grego: *Pneuma*, sopro, espírito), as sessões mediúnicas realizadas pelos primeiros cristãos e nas quais, segundo as pesquisas históricas modernas, que confirmam os dados da Tradição, manifestavam-se espíritos inferiores cheios de ódio a Cristo. Essas manifestações assustadoras foram consideradas como diabólicas, reforçando a imagem tradicional do Diabo na mente ingênua dos adeptos.

A luta entre o Bem e o Mal é simplesmente o processo dialético da evolução. O Mal é a ignorância, o atraso, a superstição. O Bem é o conhecimento, o progresso, a adequação da mente à realidade. Essa é a grande luta das coisas e dos seres, figurada na revolta absurda de Luzbel, o anjo de luz que se entregou à inveja e converteu-se em adversário de Deus. Esses símbolos de um passado bárbaro e longínquo ainda prevalecem na Terra como resíduos míticos que o tempo desgasta na proporção em que a Cultura se desenvolve. A Ciência incumbiu-se de ajustar a mente humana à realidade terrena, mas os homens se envaideceram e negaram-se a si mesmos nas idéias materialistas, colocando-se abaixo de tudo quanto existe. Duro castigo que o orgulho humano ainda não reconheceu. A Ciência afirma que nada se perde na Natureza, tudo se transforma. O homem aprova isso com entusiasmo e sorri de si mesmo (sem perceber), pois só ele não subsiste, *só ele é pó que reverte ao pó*. Essa é a verdadeira queda do homem, que se rebaixa ao pó num mundo em que tudo se eleva incessantemente na direção dos planos superiores. A tentação simbólica de Jesus no deserto assemelha-se à tentação de Buda na floresta. É a tentação dos homens pelas fascinações dos bens terrenos. Quando o homem se apega à terra (com t minúsculo, porque a terra que pisamos e não o Globo Terreno), ele se nega evoluir e é castigado pelas forças da evolução, que o impelem a sair da sua toca de bicho para atingir a condição existencial da espécie. A lei da existência não é o pó, mas a transcendência. Pode o homem andar de joelhos pelas ruas e as estradas, jejuar, mortificar-se, ciliciar-se quanto quiser, mas com isso não se tornará melhor. Voltará às reencarnações difíceis e dolorosas para aprender, no sofrimento e na decepção, que não se busca Deus rastejando, mas

elevando-se no amor e na dedicação aos outros. As práticas religiosas de purificação são egoístas, aumentam a miséria humana e o apego do homem a si mesmo.

As tentações que sofremos não vêm do Diabo, mas de nós mesmos, da nossa ignorância e do nosso apego hipnótico aos bens perecíveis da vida terrena. O Diabo é o Bicho-Papão dos adultos, o espantalho dos supersticiosos.

Giovanni Papini, escritor católico italiano, contemporâneo, em seu livro *Il Diavolo*, escandalizou o Vaticano, pregando a conversão do Diabo. Não conseguia admitir esse mito impiedoso em sua teologia. O Padre Teilhard de Chardin, em seus estudos teológicos, negou a condenação eterna do Diabo. O Espiritismo se limita a mostrar a natureza mitológica do Diabo e a demonstrar, prática e logicamente, a impossibilidade da queda do Anjo Luzbel. A evolução espiritual é irreversível. O espírito que se elevou ao plano angélico não pode regredir, não pode ter inveja e outros sentimentos humanos. O anjo-mau é uma contradição em si mesmo, pois a Angelitude é a condição divina que o espírito busca e atinge na existência. A luta do homem para transformar o mundo é a luta do homem consigo mesmo, pois é ele quem faz o mundo, e o faz à sua imagem e semelhança. Deus criou a Terra e todos os mundos do espaço, mas deu cada mundo aos homens que os habitam, para que eles aprendam o seu ofício paterno de Criador, tentando criar o mundo humano que lhes compete. É evidente que existe o mundo físico, material, em que nascemos, vivemos e morremos. E é também inegável que, sobre esse mundo físico com os seus materiais, os homens construíram um mundo diferente, feito de artifícios humanos. O mundo material e sua contraparte espiritual (que os cientistas começam a descobrir como antimatéria) constituem o mundo natural. Mas sobre ambas as partes desse mundo natural os homens constroem os seus mundos factícios. Cada Civilização é um mundo imaginário que o homem constrói com o seu trabalho, modelando em argila e pedra os seus sonhos e as suas ilusões. Esses mundos artificiais são o reflexo das ideias humanas na matéria. Nós os criamos, alimentamos, desenvolvemos, dirigimos e matamos. Os mundos bárbaros criados na Terra eram ingênuos; os mundos civilizados apresentam uma gradação que reflete a evolução humana, indo das civilizações agrárias, fantasiosas e alegóricas até às grandes civilizações orientais, massivas e arrogantes e às Civilizações Teocráticas, míticas e supersticiosas; chegando às Civilizações Científicas, politeístas e pretensiosas, que se transformam em Civilizações Tecnológicas, materialistas e conflituosas, que morrerão para dar lugar à Civilização do Espírito, na busca cultural da Transcendência. Segundo Toynbee, mais de vinte grandes civilizações já existiram na Terra.

Agora está surgindo aos nossos olhos e sob os nossos pés uma Nova Civilização - a do Espírito - que podemos chamar de Cósmica ou Espiritual.

É para preparar o advento dessa Civilização do Espírito que o Espiritismo surgiu. Não adianta quereremos fazer do Espiritismo uma religião dogmática, carregada de misticismo tolo ou de materialismo alienante. As novas gerações que se encarnam para realizá-la não temem a Deus nem ao Diabo, sim-

plesmente confiam nos planos irreversíveis de Deus, que se executam segundo as leis da consciência humana em relação telepática permanente com as entidades angélicas a serviço de Deus. O Espiritismo é a Plataforma de Deus, aprovada pelos Espíritos Superiores para a transformação e elevação da Terra.

*

RESUMO.

AÇÃO ESPÍRITA NA TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO

1) - Três são os elementos fundamentais de que o Espiritismo se serve para transformar o nosso mundo num mundo melhor e mais belo:

a) Amor, b) Trabalho, c) Solidariedade.

AMOR

O amor abrange a compreensão e a tolerância, pois quem ama compreende o ser amado e sabe tolerá-lo em todas as circunstâncias. Abrange também a Verdade, pois quem ama sabe que o alvo supremo do Amor é a Verdade. Ninguém ama a mentira, pois mesmo os mentirosos apenas a suportam na falta da verdade.

2) - Amamos a todos os seres e a todas as coisas na proporção do nosso alcance mental de compreensão da realidade. E amamos a nossa Terra, o pedaço do mundo em que nascemos e vivemos e a parte populacional a que pertencemos, no recorte da população mundial que corresponde população da nossa terra. E amamos os que estão além da Terra, nas zonas planetárias espirituais, como amamos, por intuição mental e afetiva, a todos os seres e coisas de todo o Universo.

3) - O Espiritismo aprofunda o conhecimento da Realidade Universal e não pretende modificar o Mundo em que vivemos através de mudanças superficiais de estruturas. Essa é a posição dos homens diante dos desequilíbrios e injustiças sociais. Mas o homem-espírita vê mais longe e mais fundo, buscando as causas dos efeitos visíveis. Se queremos apagar uma lâmpada elétrica não adianta assoprá-la, é necessário apertar a chave que detém o fluxo de eletricidade. Se queremos mudar a Sociedade, não adianta modificar a sua estrutura feita pelos homens, mas modificar os homens que modificam as estruturas sociais. O homem egoísta produz o mundo egoísta, o homem altruísta produzirá o mundo generoso, bom e belo que todos desejamos. Não podemos fazer um bom plantio com más sementes. Temos de melhorar as sementes.

4) - Precisamos restabelecer a visão espírita em sua inteireza, afastando os resíduos de um passado de ilusões e mentiras prejudiciais. Se compreenderem a necessidade urgente de se aprofundarem no conhecimento da doutrina, de maneira a formarem uma sólida e esclarecida convicção espírita, poderão realmente contribuir para a modificação do mundo em que vivemos.

5) - Todos os grandes esforços culturais em favor da doutrina foram negligenciados e continuam a sê-lo pela grande maioria dos espíritas de

caramujo, que se encolhem em suas carapaças e em seus redutos fantásticos. Falta o *amor pela doutrina*, de que falava Urbano de Assis Xavier; falta o amor pelos companheiros que se dedicam à seara com abnegação de si mesmos e de suas próprias condições profissionais e intelectuais; falta o amor pelo povo faminto de esclarecimentos precisos e seguros; falta o amor pela Verdade, que continua sufocada pelas mentiras das trevas.

6) - A exploração inconsciente e consciente dos médiuns pelos próprios adeptos da doutrina é um dos fatores mais negativos para o desenvolvimento do Espiritismo em nosso país e no mundo. A contribuição que eles poderiam dar para a execução das metas doutrinárias perde-se na miudalha das consultas pessoais e nas mensagens cotidianas de sentido religioso-confessional, mais tocadas de emoção embaladora do que de raciocínio e esclarecimento. É isso o que todos pedem, como crianças choramingas acostumadas a dormir ao embalo das cantigas de ninar. (O caso Arigó).

7) - Cada espírita, ao aceitar e compreender a grandeza da causa doutrinária e sua finalidade suprema – que é a transformação moral, social, cultural e espiritual do nosso mundo – assume um grave compromisso com a sua própria consciência.

8) - A falta de estudo sério e sistemático da doutrina, que permite a infiltração de elementos estranhos no corpo doutrinário, causando-lhe deformações rebarbativas e fantasiadas de novidades, avilta a consciência espírita com a marca de Caim nos grupos de traidores.

9) - O amor não está nos que se acumpliciam, se comprometem reciprocamente na trapaça, enleando-se na solidariedade da profanação consciente ou inconsciente, O amor está nos que repelem a farsa e condenam o gesto egoísta dos escamoteadores da verdade em proveito próprio, levando multidões ingênuas e desprevenidas à deturpação da doutrina esclarecedora.

TRABALHO

10) - O trabalho é exigência do princípio de transcendência. O homem trabalha por necessidade, como querem os teóricos da Dialética Materialista, mas não apenas para suprir as suas necessidades físicas de subsistência e sobrevivência. Não só, como querem os teóricos da *vontade de potência*, para adquirir poder. E nem só, também, como pretendem Bentham e os teóricos da ambição, para acumular posses que representam poder. (A Filosofia Existencial).

11) - No próprio desenvolvimento da Civilização o trabalho individual se abre, progressivamente, nos processos de distribuição, para o plano superior do trabalho coletivo. Por isso, é no trabalho e através do trabalho que o homem se realiza como ser, desenvolvendo suas potencialidades.

12) - Hegel observou, em seus estudos de Estética, que a dialética do trabalho se revela nos reinos da Natureza. O mineral é a matéria-prima das elaborações futuras, apresentando-se como concentração de energias

que formam as reservas básicas; o vegetal é a doação em que as forças do mineral se abrem para a floração e os frutos da vida; o animal é a vida em expansão dinâmica, síntese das elaborações dos dois reinos anteriores, endereçando esses resultados ao futuro, à síntese superior do Homem, no qual as contradições se resolvem na harmonia psicofísica e espiritual da criatura humana, dotada de consciência.

13) - Como vemos através desses dados, a Doutrina Espírita não nos oferece uma visão utópica do amanhã, mas uma precognição do homem em sua condição espiritual, sem as deformações teológicas e religiosas da visão comum, calcada em superstições e idealizações rebarbativas. Tendo penetrado objetivamente no mundo das causas, um século antes que as Ciências Materiais o fizessem, a Ciência Espírita, experimental e indutiva – e que tem agora todos os seus princípios fundamentais endossados por aquelas, em pesquisas de laboratório e tecnológicas não formulou uma estrutura dogmática de pressupostos para figurar o homem de após morte e o homem do futuro.

SOLIDARIEDADE

14) - A solidariedade espírita se manifesta particularmente no campo da assistência à pobreza, aos doentes e desvalidos. O grande impulso nesse sentido foi dado, desde o início do movimento doutrinário na França, pelo livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, que trabalhou em silêncio na elaboração dessa obra, sem nada dizer a ninguém. Selecionou numerosas mensagens psicografadas, procedentes de diversos países em que o Espiritismo já florescia. Sua intenção era oferecer aos espíritas um roteiro para a prática religiosa, baseado no que ele chamava de *essência do ensino moral do Cristo*.

15) - Essa obra foi ameaçada com a tentativa de adulteração. Foi o maior atentado que a obra de Kardec já sofreu no mundo, pior que a queima de seus livros em Barcelona pela Inquisição Espanhola. Muito pior, porque foi um atentado provindo dos próprios espíritas, através de uma instituição doutrinária que tem, por obrigação estatutária, defender, preservar e divulgar a Doutrina Espírita codificada por Kardec. A consequência mais grave desse fato lamentável foi a quebra da solidariedade espírita, a desconfiança e a mágoa provocadas entre velhos companheiros.

16) - Todo trabalho espírita é exigente e penoso, porque faz parte de uma grande batalha – a da Redenção do Mundo, iniciada pelo jovem carpinteiro Jesus, filho de Maria e José.

17) - Os padres e bispos do Cristianismo nascente, todos impregnados pela carga mitológica de um longo passado de ignorância e superstições, não foram capazes de compreender o racionalismo das proposições cristãs. Pelo contrário, cheios de temor e de espanto, contribuíram para a deformação do Cristianismo.

18) - Basta lermos o *Livro de Atos dos Apóstolos*, no Evangelho, e as epístolas de Paulo (anteriores aos Evangelhos) para termos a confirmação dessa verdade histórica. Na primeira epístola de Paulo aos Coríntios, no

tópico referente aos Dons Espirituais, temos uma descrição viva do chamado *culto pneumático* (do Grego: *Pneuma*, sopro, espírito), as sessões mediúnicas realizadas pelos primeiros cristãos e nas quais, segundo as pesquisas históricas modernas, que confirmam os dados da Tradição, manifestavam-se espíritos inferiores cheios de ódio a Cristo. Essas manifestações assustadoras foram consideradas como diabólicas, reforçando a imagem tradicional do Diabo na mente ingênua dos adeptos.

19) - As tentações que sofremos não vêm do Diabo, mas de nós mesmos, da nossa ignorância e do nosso apego hipnótico aos bens perecíveis da vida terrena. O Diabo é o Bicho-Papão dos adultos, o espantalho dos supersticiosos.

20) - Agora está surgindo aos nossos olhos e sob os nossos pés uma Nova Civilização - a do Espírito - que podemos chamar de Cósmica ou Espiritual.

*

Liberdade, igualdade e fraternidade. Egoísmo e Orgulho: Causas, Efeitos e Meios de destruí-los. A lei de Justiça, Amor e Caridade.

CÓDIGO DE DIREITO NATURAL ESPÍRITA

José Fleurí Queiroz

93.4 - “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”- Explicação de Allan Kardec no livro “Obras Póstumas”, Ed. LAKE, SP., 11^a. ed., 1995, trad. de João Teixeira de Paula, págs. 179 – 182:

“Liberdade, igualdade e fraternidade”, três palavras que são por si sós o programa de uma ordem social, que realizaria o mais absoluto progresso da humanidade, se os princípios que representam pudessem receber inteira aplicação. Vejamos os obstáculos que, no estado atual da sociedade, lhes podem ser apresentados e procuraremos os meios de removê-los.

A fraternidade, na rigorosa acepção da palavra, resume todos os deveres do homem para com os semelhantes. Significa: devotamento, abnegação, tolerância, benevolência, indulgência; é a caridade evangélica por excelência e a aplicação da máxima “fazer aos outros o que queremos que os outros nos façam”. O oposto constitui a norma do egoísmo. A fraternidade proclama: um por todos e todos por um; o egoísmo perora: cada um para si. Estes dois princípios, sendo a negação um do outro, tanto impedem ao egoísta de ser fraterno como ao avarento de ser generoso e um homem medíocre de chegar às culminâncias de um grande homem. Ora, sendo o egoísmo social, enquanto ele dominar será impossível a verdadeira fraternidade, querendo-a cada um para proveito próprio; ou, quando muito, praticá-la-á em proveito de outrem, só após certificar-se de que nada perderá com isso.

Atenta à sua importância para a realização da felicidade social, a fraternidade está na primeira linha: é a base; sem ela seriam impossíveis a liberdade e a igualdade reais. A igualdade decorre da fraternidade e a liberdade do conjunto das duas. Suponhamos uma sociedade de homens assás desinteressados, benévolos e prestativos, para viverem fraternalmente. Entre eles não haverá privilégios e direitos excepcionais, o que destruiria a fraternidade. Tratar alguém de irmão é tratar de igual para igual, é querer para ele o mesmo que para si. Em um povo de irmãos, a igualdade será a consequência dos seus sentimentos, da sua maneira de proceder, e se estabelecerá pela força das coisas.

Qual é, porém, o inimigo da igualdade? O orgulho, que trabalha por ser o primeiro e por dominar; que vive de privilégios e de exceções e que aproveitará a primeira ocasião para destruir a igualdade social, nunca por ele bafejada. Ora, sendo o orgulho uma das chagas sociais, é evidente que nenhuma sociedade terá a igualdade sem arrasar primeiro esta barreira.

A liberdade, já o dissemos, é filha da igualdade e da fraternidade. Falamos da liberdade legal, e não da natural, que é um direito imprescritível de toda a criatura humana, até do selvagem. Os homens, vivendo como irmãos, com direitos iguais, animados do sentimento de recíproca benevolência, praticarão entre si a justiça, não causarão danos e, portanto, nada recearão uns dos outros. A liberdade será inofensiva, porque ninguém dela abusará, em prejuízo do seu se-

melhante. Como conseguir que o egoísmo, tudo desejando para si, e o orgulho, que quer tudo dominar, dêem as mãos à liberdade, que os destrona? Nunca o farão, porque a liberdade não tem mais encarniçados inimigos, assim como a igualdade e a fraternidade.

A liberdade pressupõe confiança mútua, mas este sentimento é impossível entre homens que só têm em vista a sua personalidade e, não podendo satisfazer à sua ambição à custa de outrem, vivem em guarda uns contra os outros, sempre receosos de perder o que chamam o seu direito, têm o predomínio como condição da existência; e por isto levantarão barreiras à liberdade e a sufocarão tão depressa encontrem propício ensejo.

Os três princípios são, como já dissemos, solidários entre si e apoiam-se mutuamente. Sem a co-existência deles, o edifício social fica incompleto. A fraternidade, praticada em sua pureza, requer a liberdade e a igualdade, sem as quais não será perfeita. Sem a fraternidade, a liberdade soltará a rédea às más paixões, que correrão sem freio. Com a fraternidade, o homem saberá regular o livre arbítrio, estará sempre na ordem. Sem ela, usará o livre arbítrio sem escrúpulos; serão a licença e a anarquia. É por isso que as mais livres nações são forçadas a por limites à liberdade. A igualdade, sem fraternidade, conduz aos mesmos resultados, porque a igualdade requer liberdade. Sob o pretexto da igualdade, o pequeno abate o grande, para tomar-lhe o lugar, e torna-se tirano por sua vez. Não há senão um deslocamento do despotismo.

Do exposto, resulta que deve permanecer na escravidão o povo que não possui ainda o verdadeiro sentimento de fraternidade? Que não tem capacidade para as instituições fundadas sobre os princípios de igualdade e de liberdade? Pensar assim é mais do que cometer um erro, é cometer um absurdo. Nunca se espera que a criança chegue a todo o seu desenvolvimento orgânico para ensiná-la a andar.

Quem é, as mais das vezes, o guia ou o tutor dos povos? São os homens de idéias grandiosas e generosas dominados pelo amor do progresso, que aproveitam a submissão dos seus inferiores, para neles desenvolver o senso moral e elevá-los, pouco a pouco, à condição de homens livres? Não; são, quase sempre, homens ciosos do seu poder, a cuja ambição outros servem de instrumentos mais inteligentes do que os animais e, que, por isso, em lugar de emancipá-los, os conservam, quando podem, sob o seu jugo e na ignorância. Esta ordem de coisas, entretanto, muda por si mesma, sob a irresistível influência do progresso.

A reação é, não raro, violenta e tanto mais terrível quanto o sentimento de fraternidade, imprudentemente sufocado, não interpõe o seu poder moderador. A luta é travada entre os que querem arrebatar e os que querem guardar; daí um conflito que se prolonga, às vezes, por séculos. Um equilíbrio fictício por fim se estabelece. As condições melhoram, mas os fundamentos da ordem social não estão firmes, a terra treme debaixo dos pés; porque ainda não é o tempo do reinado da liberdade e da igualdade sob a égide da fraternidade, visto como o orgulho e o egoísmo ainda contrastam com os esforços dos homens de bem.

Vós todos, que sonhais com esta idade de ouro para a humanidade, trabalhai principalmente na construção dos alicerces do edifício; antes de lhes terdes coroados o fastígio, dai-lhe por pedra angular a fraternidade em sua mais pura

acepção; mas é preciso saber que, para isto, não basta decretar e inscrever a palavra numa bandeira; é mister que haja o sentimento no fundo dos corações e não seja ele trocado por disposições legislativas. Assim como para fazer frutificar um campo é preciso remover as pedras e arrancar a erva, urge trabalhar sem descanso para remover e arrancar o orgulho e o egoísmo, porque são eles a fonte de todo o mal, o obstáculo real ao reino das coisas boas.

Destruí nas leis, nas instituições, nas religiões, na educação, os mais imperceptíveis vestígios dos tempos da barbaria e dos privilégios, bem como todas as causas, que entretêm e desenvolvem esses eternos obstáculos ao verdadeiro progresso, vícios que são ingeridos, por assim dizer, com o leite, e aspirados por todos os poros na atmosfera social.

Só então os homens compreenderão os deveres e benefícios da fraternidade, só então se firmarão por si mesmos, sem abalos e sem perigos, os princípios complementares da liberdade e da igualdade. E é possível a destruição do orgulho e do egoísmo? Respondemos alta e formalmente: SIM; porque do contrário, fixar-se-á um marco eterno ao progresso da humanidade. Que o homem avulta sempre em inteligência é fato incontestável. Terá chegado ao ponto culminante da sua caminhada por esse caminho? Quem ousaria sustentar tão absurda tese? Progride em moralidade? Para responder a esta pergunta, basta comparar as épocas de um mesmo país. Por que teria ele atingido o limite do progresso moral e não o do progresso intelectual? Sua aspiração por uma melhor ordem de coisas é indício da possibilidade de alcançá-la. Aos que são progressistas cabe acelerar esse movimento por meio do estudo e da utilização dos meios mais eficientes.

*

CÓDIGO DE DIREITO NATURAL ESPÍRITA

José Fleurí Queiroz

93.5 - “Egoísmo e Orgulho: Causas, Efeitos e Meios de Destruí-los – Explicação de Allan Kardec no livro Obras Póstumas, Ed. LAKE, SP., tradução de João Teixeira de Paula, introdução de José Herculano Pires, 11ª. edição, págs. 173-178:

O Orgulho e o Egoísmo têm origem num sentimento natural: o Instinto de Conservação - É fato reconhecido que a maior parte das misérias da vida tem origem no egoísmo dos homens. Desde que cada um só pensa em si sem pensar nos outros e ainda só quer a satisfação dos próprios desejos, é natural que a procure a todo preço, sacrificando embora os interesses de outrem, quer nas pequenas, quer nas maiores coisas, tanto na ordem moral, como na material. Daí todo o antagonismo social, todas as lutas, conflitos e misérias, visto como cada um quer pôr o pé adiante dos outros.

O egoísmo tem origem no orgulho. A exaltação da personalidade arrasta o homem a considerar-se acima dos demais. Julgando-se com direitos preferenciais, molesta-se por tudo o que, em seu entender, o prejudica. A importância que, por orgulho, se atribui, o torna naturalmente egoísta.

O egoísmo e o orgulho têm origem num sentimento natural: o instinto de conservação. Todos os instintos têm razão de ser e utilidade, pois que Deus não

faz coisa inútil. Deus não criou o mal; é o homem que o produz por abuso dos dons divinos, em virtude do livre arbítrio. Este sentimento contido em justos limites é bom em si; a sua exageração é que o torna mau e pernicioso. O mesmo acontece às paixões, que o homem desvia do seu fim providencial. Deus não criou o homem egoísta e orgulhoso, mas simples e ignorante; foi o homem que, ao malversar o instinto, que Deus lhe deu para a própria conservação, se tornou egoísta e orgulhoso.

A caridade e a fraternidade resumem todas as condições e deveres sociais - Os homens não podem ser felizes enquanto não viverem em paz, isto é, enquanto não forem animados pelos sentimentos de benevolência, indulgência e condescendência recíprocas e enquanto procurarem esmagar uns aos outros. A caridade e a fraternidade resumem todas as condições e deveres sociais, mas reclamam abnegação. Ora, a abnegação é incompatível com o egoísmo e o orgulho; logo, com estes vícios não pode haver verdadeira fraternidade, e, em consequência, igualdade e liberdade; porque o egoísta e o orgulhoso tudo querem para si. Serão sempre eles os vermes roedores de todas as instituições progressistas, e, enquanto reinarem, os mais generosos sistemas sociais, os mais sabiamente combinados, cairão aos golpes deles.

Faz gosto ver proclamar o reino da fraternidade; mas de que serve se vai de par com uma causa de destruição? É construir na areia; o mesmo fora decretar a saúde numa região malsã. Em tal região, para que os homens passem bem, não bastará se mandem médicos, pois que estes morrerão como os outros; é preciso mandar os meios de estudar as causas de insalubridade. Se quiserdes que os homens vivam como irmãos, na Terra, não basta dar-lhes lições de moral; é preciso destruir a causa do antagonismo existente e atacar a origem do mal: o orgulho e o egoísmo. É aquela a chaga que deve merecer toda a atenção daqueles que desejam seriamente o bem da humanidade. Enquanto subsistir aquele obstáculo estarão paralisados os seus esforços, não só pela resistência da inércia, como por uma força ativa, que trabalhará incessantemente para destruir o trabalho; porque toda idéia grande, generosa e emancipadora, arruína as pretensões pessoais.

Destruir o egoísmo e o orgulho é impossível, direis, porque esses vícios são inerentes à espécie humana. Se assim fosse, impossível seria o progresso moral, ao passo que, quando considerarmos o homem em diversas épocas, reconhecemos à evidência um progresso incontestável; logo, se temos sempre progredido, em progresso continuaremos. Demais, não haverá, por ventura, algum homem limpo de orgulho e de egoísmo? Não há exemplos de uma pessoa dotada de natureza generosa, em quem o sentimento do amor ao próximo, da humildade, do devotamento e da abnegação, parece inato? O número é inferior ao dos egoístas, bem o sabemos, e se assim não fora, estes não fariam a lei; mas não é tão reduzido, como pensam, e se parece menor é porque a virtude, sempre modesta, se oculta na sombra, ao passo que o orgulho se põe em evidência. Se, pois, o egoísmo e o orgulho fossem condições de vida, como a nutrição, então, sim, não haveria exceção.

Destruir as causas produtoras do mal - O essencial, portanto, é fazer que a exceção passe a ser regra e para isso incumbe destruir as causas produtoras do mal. A principal é, evidentemente, a falsa idéia que faz o homem da sua

natureza, do seu passado e do seu futuro. Não sabe donde vem; julga-se mais do que é; não sabendo para onde vai, concentra todos os pensamentos na vida terrestre. Deseja viver o mais agradavelmente possível, procurando a realização de todas as satisfações, de todos os gozos. É por isso que investe contra o vizinho, se este lhe opõe obstáculo; então entende dever dominar, porque a igualdade daria aos outros o direito que ele quer só para si, a fraternidade lhe imporá sacrifícios em detrimento do próprio bem-estar, e a liberdade, deseja-a só para si, não concedendo a outrem senão o que não fira as suas prerrogativas. Se todos têm essas pretensões, hão de surgir perpétuos conflitos, que farão comprar bem caro o pouco gozo que conseguem fruir.

Identifique-se o homem com a vida futura e a sua perspectiva mudará inteiramente, como acontece a quem sabe que pouco tempo deve estar em ruim pouso e que dele saindo alcançará um excelente para o resto da vida. A importância da presente vida, tão triste, tão curta e efêmera, desaparece diante do esplendor da vida futura infinita, que se abre à frente. A consequência natural e lógica desta certeza é o sacrifício voluntário do presente fugidio a um futuro sem fim, ao passo que antes tudo era sacrificado ao presente. Desde que a vida futura se torna o fim, que importa gozar mais ou menos nesta? Os interesses mundanos são acessórios, em vez de principais. Trabalha-se no presente, a fim de assegurar-se uma boa posição no futuro, sabendo quais as condições para alcançá-la.

Pelo que toca aos interesses terrenos, podem os humanos criar-lhes obstáculos: ele tem que os afastar e se torna egoísta pela força mesma das coisas. Se, porém, erguerem os olhos para onde a felicidade não pode ser perturbada por ninguém, nenhum interesse alheio precisa de ser debelado e, conseqüentemente, não há razão de ser para o egoísmo, embora subsista o estimulante do orgulho.

O incrédulo só crê em si, sendo natural que tenha orgulho e egoísmo - A causa do orgulho está na crença que o homem tem da sua superioridade individual; e, ainda aqui, se faz sentir a influência da concentração do pensamento nas coisas da vida terrestre. O sentimento de personalidade arrasta o homem que nada vê diante de si, atrás de si ou acima de si; então o seu orgulho não conhece medidas. A incredulidade, além de não ter meio para combater o orgulho, estimula-o e dá-lhe razão, pelo fato de negar a existência de um poder superior à humanidade. O incrédulo só crê em si; e, portanto, é natural que tenha orgulho, não vendo nos contratemplos que se oferecem senão obra do acaso; ao passo que o crente vê a mão do Senhor naqueles contratemplos e curva-se submisso, enquanto o outro se revolta.

Crer em Deus, na preexistência da alma, na reencarnação e na vida futura são condições indispensáveis para quebrar o orgulho e o egoísmo - Crer em Deus e na vida futura é pois a principal condição para quebrar o orgulho; mas não é a única. Conjuntamente com o futuro é preciso ter em vista o passado, para poder fazer justa idéia do presente. Para que o orgulhoso cesse de crer em sua superioridade é preciso provar-lhe que ele não é mais que os outros e que todos lhe são iguais, que a igualdade é um fato e não uma teoria filosófica. São verdades que derivam da preexistência da alma e da reencarnação.

Sem a preexistência da alma, o homem, que crê em Deus, é levado a acreditar que Deus lhe conferiu excepcionais vantagens; e o que não crê, rende gra-

ças ao acaso e ao seu próprio mérito. Iniciando-o na vida anterior da alma, a preexistência lhe ensina a distinguir, da vida corporal, transitória, a vida espiritual, infinita. Ele chega por aí a compreender que as almas saem iguais das mãos do Criador, têm o mesmo ponto de partida e a mesma finalidade, que todos atingirão em mais ou menos tempo, segundo os esforços empregados; que ele próprio não chegou ao ponto em que se acha senão depois de ter longa e penosamente vegetado como os outros, nos planos inferiores; que não há entre os mais e os menos adiantados senão questão de tempo; que as vantagens do nascimento são puramente corporais e não afetam o Espírito; que o proletário pode, noutra existência, nascer em trono e o mais poderoso vir como proletário.

O princípio de Igualdade tem o caráter de um princípio de Justiça e de Lei Natural - Se ele considerar somente a vida corporal, vê as desigualdades sociais e não as pode explicar; mas se lançar a vista para o prolongamento da vida espiritual, para o passado e o futuro, desde o ponto de partida até o terminal, todas aquelas desigualdades se lhe desfazem perante os olhos e reconhecerá que Deus não deu a nenhum de seus filhos vantagens que negasse a outros; que fez a partilha com a mais rigorosa igualdade, não preparando o caminho melhor para uns do que para outros; que o mais atrasado de hoje, dedicando-se à obra do seu aperfeiçoamento, pode ser amanhã mais adiantado; enfim, reconhece que, não se elevando ninguém a não ser pelos esforços pessoais, o princípio da 'igualdade' tem o caráter de um princípio de justiça e de lei natural, diante das quais não prevalece o orgulho dos privilégios.

A Reencarnação e o véu sobre o passado - A reencarnação, provando que os Espíritos podem renascer em diferentes condições sociais, quer como expiação, quer como prova, faz-nos saber que muitas vezes tratamos desdenhosamente uma pessoa que foi, noutra existência, nosso superior ou igual, amigo ou parente. Se o soubéssemos, tratá-lo-íamos com atenção, mas neste caso não haveria nenhum mérito; e se soubéssemos que o amigo de hoje fôra antes um inimigo, um servo, um escravo, não o repeli-riamos? Deus não quis que fosse assim e por isso lançou um véu sobre o passado para que em todos víssemos irmãos e iguais, como é mister para estabelecer-se a 'fraternidade'; sabendo que poderemos ser tratados como houvermos tratado os outros, firmaremos o princípio de 'caridade' como dever e necessidade, fundados nas leis da natureza.

Ao Espiritismo ficou reservada a terceira manifestação da vontade de Deus - Jesus estabeleceu os princípios da caridade, da igualdade e da fraternidade, dos quais fez condições indispensáveis para a salvação; mas ao Espiritismo ficou reservada a terceira manifestação da vontade de Deus, pelo conhecimento da vida espiritual, pelos horizontes novos que descortina e pelas leis que revela, como sanção daqueles princípios, provando que não é somente uma doutrina moral, mas uma lei natural, que está no interesse dos homens cultivar e praticar. Ora, eles não de praticá-la desde que deixem de ver no 'presente o princípio e o fim e desde que compreendam a solidariedade que existe entre o presente, o passado e o futuro'.

No infinito campo que o Espiritismo lhes põe aos olhos, a sua importância pessoal anula-se, porque compreendem que os homens, sós, nada valem e nada

podem, que todos precisamos uns dos outros, não sendo nenhum mais que outro; duplo golpe desferido contra o orgulho e o egoísmo.

O Espiritismo e a Fé Raciocinada - Para isso, porém, é preciso terem fé, sem a qual ficarão detidos dentro do círculo do presente, mas não a fé cega, que foge da luz, que acanha as idéias e portanto alimenta o egoísmo; mas sim a fé inteligente, racional, que pede a luz e não as trevas, que rasga, ousadamente, o véu dos mistérios e alarga os horizontes. Essa fé, elemento essencial de todo progresso, é a que o Espiritismo proclama: fé robusta, porque se firma na experiência e nos fatos, dá as provas palpáveis da imortalidade da alma e nos ensina donde ela vem, para onde vai e porque está na Terra e, finalmente, fixa as nossas idéias a respeito do futuro.

Uma vez encaminhados por esta larga via, não daremos mais ao orgulho e ao egoísmo o pasto, que os alimenta, resultando daí o seu aniquilamento progressivo e a modificação de todos os laços sociais pela caridade e pela fraternidade bem compreendidas. Poderá isso dar-se por efeito de brusca mudança? Não, isso é impossível, pois nada vai de um salto em a Natureza; a saúde não volta subitamente; e entre a moléstia e a cura, há sempre a convalescença. O homem não pode instantaneamente mudar de sentimentos e elevar os olhos da terra ao céu; o Infinito deslumbra-o e confunde-o; precisa de tempo para assimilar as novas idéias.

O Espiritismo é, sem contestação, o elemento mais potente de moralização, porque mina pela base os fundamentos do egoísmo e do orgulho, dando sólido fundamento à moral. Há feito milagres de conversão; não são ainda, é certo, senão curas individuais, e, quase sempre, parciais; mas o que ele produz nos indivíduos é prenúncio do que produzirá um dia nas massas populares. Não pode, de uma vez, arrancar toda a erva daninha; mas dá a fé, que é boa semente e que não precisa senão de tempo para germinar e frutificar. Eis porque ainda não são todos perfeitos. Ele encontrou o homem no meio da vida, no ardor das paixões, na força dos preconceitos, e se em tais condições tem operado prodígios, como não operará quando o tomar no berço, virgem de todas as impressões malélicas, quando lhe der, com o leite, a caridade, e o acalantar com a fraternidade, quando, enfim, uma geração inteira vier alimentada por idéias que a razão fortificará em vez de debilitar? Sob o império dessas idéias, que serão mandamentos de fé racional para todos, o progresso, limpando a estrada de egoísmo e orgulho, penetrará nas instituições que se reformarão a si mesmas, e a humanidade caminhará rapidamente para os destinos que lhe são prometidos na Terra, enquanto não chega a hora de alcançar o Céu.

*

CÓDIGO DE DIREITO NATURAL ESPÍRITA

JOSÉ FLEURÍ QUEIROZ

LEI DE JUSTIÇA, AMOR E CARIDADE

CAPÍTULO II

LEI DE JUSTIÇA, AMOR E CARIDADE.

I – JUSTIÇA E DIREITO NATURAL (O Livro dos Espíritos, itens 873 a 879).

Artigo 14 - O sentimento de justiça é natural; o progresso moral desenvolve esse sentimento, mas não o dá. Deus o pôs no coração do homem. As divergências no entendimento do justo e do injusto ocorrem quando se misturam paixões ao julgamento, alterando esse sentimento, como acontece com a maioria dos outros sentimentos naturais e fazendo ver as coisas sob um falso ponto de vista.

A lei humana e a lei natural

Artigo 15 - A justiça consiste no respeito aos direitos de cada um. São determinados por duas coisas: a lei humana e a lei natural. Tendo os homens feito leis apropriadas aos seus costumes e ao seu caráter, elas estabeleceram direitos que podem variar com o progresso; portanto, nem sempre são conforme à justiça. Só regulam algumas relações sociais, enquanto na vida privada há uma infinidade de atos que são de competência exclusiva do tribunal da consciência.

Conceito de Justiça

Artigo 16 - Fora do direito consagrado pela lei humana, a base da justiça fundada sobre a lei natural é encontrada nas palavras do Cristo: *“Querer para os outros o que quereis para vós mesmos”*. Deus pôs no coração do homem a regra de toda a verdadeira justiça, pelo desejo que tem cada um de ver os seus direitos respeitados. Na incerteza do que deve fazer para o semelhante, em dada circunstância, que o homem pergunte a si mesmo como desejaria que agissem com ele. Deus não lhe poderia dar um guia mais seguro que a sua própria consciência.

Artigo 17 - A vida social dá direitos e impõe deveres recíprocos. A primeira obrigação particular é a de respeitar os direitos dos semelhantes; aquele que respeitar esses direitos será sempre justo.

Parágrafo único. Mas se cada um se atribui a si mesmo os direitos do semelhante, em que se transforma a subordinação aos superiores? Não será isso a anarquia de todos os poderes?

– Os direitos naturais são os mesmos para todos os homens, desde o menor até o maior. Deus não fez uns de limo mais puro que outros e todos são iguais perante ele. Esses direitos são eternos; os estabelecidos pelos homens parecem com as instituições. De resto, cada qual sente bem a sua força ou a sua fraqueza, e saberá ter sempre uma certa deferência para aquele que o merecer, por sua virtude e saber. É importante assinalar isto, para que os que se julgam superiores conheçam os seus deveres e possam merecer essas deferências. A subordinação não estará comprometida, quando a autoridade for conferida à sabedoria.

A verdadeira Justiça e o verdadeiro justo

Artigo 18 - Qual seria o caráter do homem que praticasse a justiça em toda a sua pureza?

– O do verdadeiro justo, a exemplo de Jesus; porque praticaria também o amor do próximo e a caridade, sem os quais não há a verdadeira justiça.

18.1 – “Cristianismo e Justiça (a venda nos olhos, a balança e a espada)”-
Explicação de Vinícius (Pedro de Camargo) no livro “Em Torno do Mestre”,
Edit. FEB, 4ª ed., 1979, pgs. 234/5:

Os símbolos valem pelo que representam. Falam através da linguagem muda das linhas, das formas e das alegorias.

Lucas, reportando-se às prédicas do Batista em sua missão de precursor de Jesus, cita a seguinte profecia de Isaías: “Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, Endireitai as suas veredas; Todo o vale será aterrado E todo o monte e outeiro será arrasado; Os caminhos tortos far-se-ão direitos E os escabrosos planos; E todo homem verá, então, a salvação de Deus.”

Essa profecia é uma bela imagem da Justiça, representada no panorama e na topografia das terras da Palestina. Os relevos, as depressões e demais anfractuosidades dos terrenos, figuram as iniquidades, as opressões e tiranias de que este mundo tem sido teatro.

O aterro dos vales, o arrasamento dos montes, os cortes e recortes nas sinuosidades dos carreiros, transformando tudo em planícies e explanadas, simboliza a obra da justiça reduzindo as anomalias sociais, obra essa que o Emissário divino, Jesus-Cristo, vinha realizar na Terra.

Os antigos costumavam representar a Justiça na figura de uma mulher com os olhos vendados, trazendo numa das mãos uma balança, e, na outra, uma espada.

A venda nos olhos significa a imparcialidade de que a Justiça se acha revestida: não faz exceção de pessoas, desconhece as individualidades. A balança, instrumento de pesagem que registra todas as diferenças para mais ou para menos, cujo fiel oscila mediante a mais ligeira pressão exercida sobre quaisquer das conchas, simboliza a justeza com que age a Justiça, dando a cada um aquilo que de direito lhe pertence, registrando com admirável precisão todas as nuances e matizes do mérito ou do demérito individual. A espada, a seu turno, alegoriza a equidade perfeita com que a Justiça se porta. Sua lâmina, ao contrário da do punhal que rasga e dilacera impiedosamente sem jamais ceder ou vergar, é dúctil e maleável sem que, contudo, deixe de ser retínea.

Tal é como se imaginava outrora a Justiça, a divina Têmis: imparcial como aquele que, de venda nos olhos, julga o fato sem atentar para a pessoa que o praticou. Exata e precisa como a balança cuja sensibilidade mecânica acusa as mais insignificantes diferenças para mais ou para menos. Flexível como a espada que assume curvaturas várias consoante exijam as necessidades do golpe que desfere, voltando, invariavelmente, à posição reta.

- Imparcialidade, flexibilidade e exação – eis os predicados inseparáveis da Justiça. A ausência de qualquer deles desvirtuará sua natureza. Se lhe faltar flexibilidade, será cruel. Se lhe faltar exação, será defectível e falha.

Só o vero Cristianismo nos oferece a expressão da Justiça indefectível, proclamando com o Evangelho: “A cada um será dado segundo suas obras”.

18.2 – “Justiça” – Explicação de Vinícius (Pedro de Camargo) no livro “Na Escola do Mestre”, Ed. FEESP, 3ª ed., 1978, pgs. 22-28:

Justiça e Direito

A Justiça, como o Direito, resulta dum imperativo da própria vida humana. O homem é gregário. Não podemos imaginá-lo isolado dos seus semelhantes. Para socializar os agrupamentos humanos, torna-se indispensável coordenar a ação individual, delimitando-lhe as expansões,

de modo a evitar atritos e conflitos. É necessário criar uma força íntima que se oponha às volições pessoais, sempre que estas colidam com os legítimos interesses de terceiros. Essa força interior que nasce, cresce e viceja na consciência humana, orientando e dirigindo a nossa conduta, é o Direito, e sua aplicação, a Justiça.

Ela tende naturalmente a desenvolver-se, determinando e acelerando a marcha evolutiva do Espírito.

Olho por Olho, Dente por Dente

É assim que podemos descobrir o dealbar da Justiça naquela ordenança mosaica – dente por dente, olho por olho – assim como o sol que, rompendo as brumas duma noite caliginosa, desponta no horizonte com luz indecisa e frouxa, até que, pouco a pouco, vencendo as névoas, se ostenta com esplendor e majestade no Zênite.

Aquela legislação de Moisés foi inspirada num princípio de justiça, porque, regulando as faculdades de vingar, lhe delimitou os ímpetos, contendo-os nas proporções exatas do dano ou ofensa recebida.

Tanto isto é verdade, que até hoje, após milênios decorridos, ainda os homens, em geral, não se ajustaram rigorosamente ao “dente por dente”, excedendo-se em suas vinditas e revides. Logo, o preceito mosaísta não é tão escandaloso como se imagina, pois representa, realmente, um prelúdio de justiça. De outra sorte, verificamos, com bastante amargura, como o nosso orbe ainda se acha retardado moralmente, apesar do seu grande surto de progresso material, visto como não chegou sequer a integrar-se no vetusto e rude dispositivo da legislação hebraica.

A idéia de Justiça palpita em todo o ser consciente

A idéia de justiça palpita em todo o ser consciente. A criança, que recebe certo quinhão duma guloseima qualquer, de parceria com outras, compara logo a parte que lhe tocou com a dos demais, reclamando, sempre que se vê prejudicada. Dirão, talvez, que isso é manifestação do egoísmo, porquanto a criança que protesta é, invariavelmente a que recebeu menos, nunca a que foi mais bem aquinhoadada. Mas semelhante observação não invalida a nossa hipótese, porque é mesmo suportando iniquidades que chegamos a saber o que é a Justiça e o que ela representa na vida humana. Os doentes, por experiência, conhecem o valor da saúde. Os que se vêm constrangidos e escravizados aprendem a amar a liberdade. É no infortúnio que colhemos os melhores ensinamentos. As lições que daí decorrem gravam-se indelevelmente em nosso Espírito. Foi o pleno conhecimento da psicologia humana que levou Jesus a dizer, no Sermão do Monte: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos”. Ora, quem tem fome e sede de justiça é aquele que, privado desse elemento, ficou, por isso mesmo, sabendo o que ele é e que papel representa. Convencido, então, de que a Justiça é tão necessária à vida do Espírito, como o alimento é necessário à vida do corpo, empenha-se em encontrá-la e acaba integrando-se nela.

O espírito de Justiça: “Não faças a outrem o que não queres que os outros te façam”

Por isso vemos, no ato da criança, que reclama porção igual àquela distribuída às suas companheiras, vislumbres da luz da justiça a despontar na mente infantil. Quanto às que se calam, recebendo mais, assim procedem pelo poder do egoísmo, sendo este, aliás, o critério que vigora, não só entre as crianças, como na sociedade dos adultos. Daí a sentença evangélica: “Não faças a outrem o que não queres que os outros te façam”.

Esta máxima exprime bem o espírito de justiça. Assim como não queremos receber menos, também não devemos desejar receber mais; pois tanto há injustiça num, como noutro caso. A mesma falha que notamos na distribuição avantajada para outrem, persiste, quando somos nós os favorecidos.

Demais, cumpre considerar que não é propriamente na igualdade da distribuição que está a justiça, como querem os simplistas. A justiça se manifesta no: “dar a cada um o que é seu, o que lhe pertence, isto é, aquilo a que faz jus e tem direito”. “O pão nosso de cada dia dá-nos hoje”, ensina o divino intérprete da soberana justiça. Notemos bem que esse pedido se refere exclusivamente ao que é “nosso”, isto é, ao indispensável à nossa subsistência e manutenção. Nada do alheio, nada do supérfluo: somente o que é nosso, por força da ‘lei natural de conservação’.

A Justiça não se limita só a dar e distribuir, como pensam os comodistas. Ela quer também receber. Geralmente os que reclamam aquilo que julgam seu, esquecem-se de restituir o que não é seu.

A Justiça presta contas aos que lhe dão contas. Se não lhe damos conta de que temos, não nos assiste o direito de lhe pedir conta do que não temos.

A Escola do Direito e a Escola do Dever

Justiça é luz: revela à consciência o que existe no coração. Aqueles que cerram os olhos às falhas e senões apontados pela consciência própria, não poderão ver o bem que tanto almejam.

A Justiça é a Lei Divina. Sendo esta, como é, perfeita, é por isso mesmo imparcial. A lei é urdida de deveres e direitos. Estes decorrem daqueles. Desfrutar direitos sem cumprir deveres é a velha utopia dos egoístas, donde tem resultado a confusão em que a humanidade vem se debatendo através dos séculos.

Os homens ergueram templos majestosos ao Direito. Jesus, do Alto, vendo que de balde eles se agitavam em torno de uma ideologia vã e vazia, veio à Terra e erigiu, no cume do Gólgota, um templo e um altar ao Dever, ensinando e exemplificando que o Direito nasce do Dever. Pretender implantar aquele sem este, é tão pueril, como esperar a germinação do grão que não foi semeado. Escola do Direito, desacompanhada da Escola do Dever, é a moderna torre de Babel, demandando as nuvens para alcançar o céu.

Suprema Justiça: Causas e Efeitos

Costuma-se dizer que neste mundo não há justiça. Engano: aqui como além, em toda parte do infinito universal, a Suprema Justiça se cumpre em sua plenitude.

A lei se revela entre as causas e os efeitos que daquelas decorrem. Tudo, pois, que sucede neste plano, onde ora nos encontramos, é efeito de causas próximas ou remotas. Só com os olhos da razão podemos ver os esplendores da Justiça. Como, em geral, tudo aqui se julga perfunctoriamente, utilizando-se apenas dos sentidos, conclui-se que não há justiça na Terra. E assim discorrem os entendidos do século: Justiça é uma ficção, um ideal se quiserem, nada porém encerra de real e positivo. Vede o que se passa em torno de nós: aqui, um marido exemplar, suportando a esposa fútil, caprichosa, desamorável e perjura; ali, o reverso da medalha: uma esposa dócil, criteriosa e dedicada ao lar, sofrendo o convívio dum marido rude, desafeiçoado e libertino. Além, vemos pais solícitos, sacrificando-se por filhos ingratos e maus que os desdenham e menosprezam. Ao lado desse quadro pungente, deparamos com filhos meigos e respeitosos cujos progenitores, velhacos e viciados, descaram da sua educação e do seu futuro. Mais adiante, vê-se o rico astuto espoliando o pobre de boa fé; o industrial poderoso, no uso e gozo de favores e regalias iníquas, explorando os consumidores, concorrendo para o encarecimento da vida. Logo após, é o impostor triunfante, ao lado da probidade humilhada; é a virtude abatida e o vício entronizado; é o algoz impune e a vítima desamparada; é a saúde e o vigor banqueteados no tremedal do mundanismo e a enfermidade gemendo no leito de agonias lentas, intermináveis; é o gênio a fulgir como astro de primeira grandeza no azul do firmamento, e o imbecil confundindo-se com o pó das ruas por onde perambula; é o desperdício, o supérfluo, o luxo desmedido, o fausto arrogante e as pompas que deslumbram, junto da carestia, da miséria, da fome e da nudez; é a beleza plástica, o aveludado de faces rosadas que lembram pétalas das mais delicadas flores, ao lado de criaturas repelentes cobertas de chagas e pústulas asquerosas, ou portadoras de aleijões que horrorizam. É, finalmente, a lágrima desconsolada junto ao riso impenitente, a dor e o prazer, um, ao pé do outro. Onde, pois, a Justiça?

Esse caos, onde tudo parece confuso e obscuro, é precisamente a expressão da indefectível justiça que se cumpre. É a expressão de uma esplêndida harmonia, surgindo de todas essas desconcertantes desafinações da grande orquestra da vida.

Não há vítimas no meio de todas essas aparentes anomalias. Os olhos do corpo vêm vítimas, quando os da alma não funcionam. Abertos estes, a mais perfeita justiça se revela à luz da nossa razão. Fechem-se os olhos da carne e abram-se os do Espírito: ver-se-á na vítima de hoje o algoz de ontem. O homem é o senhor do futuro, mas escravo do passado. Resgata-se no momento atual a dívida de outrora. Nós somos de ontem e o ignoramos, pois a nossa vida, na Terra,

passa como uma sombra, disse Job. Os nossos sentidos observam a parte destacada do todo: eis a ilusão. A sabedoria do Espírito, ligando o passado ao presente, abrange o conjunto, a realidade, a vida no amálgama das múltiplas existências.

Somos os arquitetos do nosso destino

O que nos acontece é precisamente o que deve acontecer, e o Universo inteiro não esmagará sem razão a mais pequenina formiga.

Somos os arquitetos do nosso destino. Trazemos conosco, perfeitamente encadeadas, as causas e os respectivos efeitos, que determinam tudo que nos acontece, tal como a semente encerra em seu âmago, oculto pelos tegumentos, os germes donde procede a árvore com seus ramos, folhas, flores e frutos.

O Espiritismo não acena com fantasia visando a fazer prosélitos. Mostra a verdade, tal como ela é, pois, como afirma Jesus, 'só a verdade nos libertará'.

Aquilo que o homem semeia – disse Paulo – isso mesmo colherá. Com Deus não se faz conchavos, nem arranjos, nem negociações. Deus está na imutabilidade da lei. A Ele devemos gratidão, respeito e obediência. Não se anulam os efeitos das causas que criamos, nem podemos alterar o curso natural dos acontecimentos que conosco se relacionam. Devemos, sim, nos prepararmos para recebê-los, tirando das experiências do presente os elementos para formarmos um futuro melhor.

E, por ser assim, o inigualável Mestre nos aconselha: “Buscai em primeiro lugar o reino de Deus e a sua Justiça, e tudo o mais vos será dado por acréscimo”. Isto quer dizer que devemos procurar conhecer a Justiça de Deus através da manifestação das suas leis, pois só assim deciframos os ‘enigmas da vida e do destino, na parte que nos diz respeito’.

II – DIREITO DE PROPRIEDADE. ROUBO. (Idem, itens 880 a 885)

Artigo 19 - O primeiro de todos os direitos naturais do homem é o de viver. É por isso que ninguém tem o direito de atentar contra a vida do semelhante ou fazer qualquer coisa que possa comprometer a sua existência corpórea.

Artigo 20 - O direito de viver confere ao homem o direito de ajuntar o que necessita para viver e repousar, quando não mais puder trabalhar. Mas deve fazê-lo em família, como a abelha, através de um trabalho honesto, e não ajuntar como um egoísta. Alguns animais lhe dão o exemplo dessa previdência.

Artigo 21 - Aquilo que o homem ajunta por um trabalho honesto é uma propriedade legítima, que ele tem o direito de defender. Porque a propriedade que é fruto do trabalho constitui um direito natural, tão sagrado como o de trabalhar e viver.

O desejo de posse e o egoísmo

Artigo 22 - O desejo de possuir é natural; mas quando o homem só deseja para si e para sua satisfação pessoal, é egoísmo. Há homens insaciáveis que acumulam sem proveito para ninguém ou apenas para satisfazer as suas paixões. Aquele que ajunta pelo seu trabalho com a intenção de auxiliar o seu semelhante, pratica a lei de amor e caridade e seu trabalho é abençoado por Deus.

A propriedade verdadeiramente legítima

Artigo 23 - A propriedade verdadeiramente legítima é a que foi adquirida sem prejuízo para os outros. A lei de amor e de justiça proíbe que se faça a outro o que não queremos que nos seja feito, e condena, por esse mesmo princípio, todo meio de adquirir que o contrarie.

Direito de propriedade e seu limite

Artigo 24 - O direito de propriedade é sem limites. Tudo o que é legitimamente adquirido é uma propriedade; mas a legislação humana é imperfeita e consagra freqüentemente direitos convencionais que a justiça natural reprova. É por isso que os homens reformam suas leis à medida que o progresso se realiza e que eles compreendem melhor a justiça. O que num século parece perfeito, no século seguinte se apresenta como bárbaro.

24.1 – “O Direito de Propriedade. Roubo”- Explicação de Rodolfo Calligaris no livro “As Leis Morais”, Edit. FEB, 3ª edição, 1983, R. Janeiro, pgs. 173-176:

A Doutrina Espírita nos ensina que o direito de viver é “o primeiro de todos os direitos do homem”, cabendo-lhe, subsequentemente, também o de “acumular bens que lhe permitam repousar quando não mais possa trabalhar”.

Se todos os homens fossem previdentes e, ao invés de malgastar seus rendimentos no vício e no luxo, tratassem de formar um pecúlio com que assegurar a tranqüilidade de sua velhice, a Sociedade não teria que arcar, como hoje acontece, com o pesado ônus da manutenção de tantas criaturas que chegam ao fim de seus dias na maior indigência, precisadas de teto, alimento, agasalho, remédio, etc.

O desejo de possuir, com o fim de resguardar-se das incertezas do futuro, não justifica, entretanto, os meios que certos homens soem empregar para conseguir bens de fortuna.

Propriedade legítima – di-lo o Espiritismo – só é aquela que foi conseguida por meio do ‘trabalho honesto, sem prejuízo de ninguém’.

Ora, se se pudesse investigar a origem de muitas fortunas acumuladas nas mãos de determinadas famílias, verificar-se-ia, com horror, que são frutos de roubos vergonhosos, traficâncias infames e crimes execráveis.

O tempo, porém, tudo santifica, de sorte que, após algumas gerações, tais haveres se transformam em “sagrado e inviolável patrimônio”, defendido com unhas e dentes pelos netos e bisnetos dos ladrões, traficantes e criminosos que o erigiram.

Não raro, essas fortunas se transferem, por herança, a pessoas que solicitaram, no plano espiritual, a oportunidade de voltar ao prosaetrio (teatro) da Terra para dar-lhes uma aplicação nobre, proporcionando, assim, uma reparação àqueles que inicialmente as adquiriram mal; reparação essa que, se efetuada, lhes suavizaria os remordimentos de consciência. Quase sempre, todavia, não resistem ao fascínio das riquezas e, longe de corresponderem ao que delas se esperava, deixam-se tomar pela cobiça, tratando de aumentar, egoisticamente, aquilo que receberam. Daí a afirmação do Mestre, de que “é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus” (Mat. 19:24).

Neste mundo e no grau evolutivo em que nos encontramos, a aquisição e a defesa da propriedade individual devem e precisam ser consagradas, porque a ambição é, e tão cedo não deixará de sê-lo, um dos mais fortes sentimentos humanos, constituindo-se, mesmo, em mola propulsora do progresso. Pretender-se que, a curto prazo, o homem renuncie aos interesses pessoais em nome de um ideal igualitário, é desconhecer-lhe a natureza e esperar o impossível. Tanto assim que a União Soviética, onde essa prerrogativa democrática foi proscrita, começa a admitir ser isso um erro, um entrave ao seu desenvolvimento, dispondo-se a uma revisão do assunto, de modo a reinstaurar o direito de propriedade, por ser ele o mais poderoso estímulo à produtividade do indivíduo. (Nos dias de hoje, ano 2.004, tudo isso já está estabelecido na atual Rússia).

O que de melhor se deve fazer não é confiscar os haveres de quem quer que seja, mas aperfeiçoar nossas leis, criando condições para que aumente o número de proprietários, mediante uma participação mais equitativa da riqueza.

À medida que se adianta espiritualmente, o homem passa a compreender que, em última análise, ninguém é dono de nada, pois tudo pertence a Deus, sendo, todos nós, meros usufrutuários dos bens terrenos, já que eles não poderão seguir conosco, de forma alguma, além das fronteiras da morte. Por conseguinte, se a Providência no-los confia, por determinado período, não é para que os utilizemos em proveito exclusivamente familiar, mas para que aprendamos a movimentá-los em benefício de todos, dando-lhes uma função social.

Filhos que somos do Pai Celestial e, portanto, co-herdeiros do Universo, dia virá – se bem que assaz longínquo – quando, libertos, por merecimento, do ciclo de reencarnações em mundos grosseiros como o nosso, haveremos de tornar-nos puros espíritos, tendo por morada as suaves e maravilhosas esferas siderais.

Será, então, com imensa autopiedade que nos recordaremos desta fase de nossa evolução em que tão grande é o nosso apego a uns pedacinhos de chão lamacento e tão desesperada a nossa luta por uns papéizinhos coloridos, estampados na Casa da Moeda...

III – CARIDADE E AMOR AO PRÓXIMO – COMPLEMENTO DA LEI DE JUSTIÇA - (Idem, itens 886 a 889)

Artigo 25 - O verdadeiro sentido da palavra caridade, como a entendia Jesus, é: “Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições alheias, perdão das ofensas”.

Parágrafo único. O amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, porque amar ao próximo é fazer-lhe todo o bem possível, que desejaríamos que nos fosse feito. Tal é o sentido das palavras de Jesus: - “*Amai-vos uns aos outros, como irmãos*”.

A caridade, segundo Jesus, não se restringe à esmola, mas abrange todas as relações com os nossos semelhantes, quer se trate de nossos inferiores, iguais ou superiores. Ela nos manda ser indulgentes, porque temos necessidade de indulgência, e nos proíbe humilhar o infortúnio, ao contrário do que comumente se pratica. Se um rico nos procura, atendemo-lo com excesso de consideração e atenção, mas se é um pobre, parece que não nos devemos incomodar com ele. Quanto mais, entretanto, sua posição é lastimável, mais devemos temer aumentar-lhe a desgraça pela humilhação. O homem verdadeiramente bom procura elevar o inferior aos seus próprios olhos, diminuindo a distância entre ambos.

25.1 – “Caridade”- Explicação do Espírito Joanna de Ângelis, no livro “Estudos Espíritos” psicografado por Divaldo P. Franco, Edit. FEB, 3^a. edição, 1983, pgs. 121-126:

Conceito

Caridade -virtude por excelência - constitui a mais alta expressão do sentimento humano, sobre cuja base as construções elevadas do Espírito encontram firmeza para desdobrarem atividades enobrecidas em prol de todas as criaturas.

Caridade, esmola e filantropia: diferenças. Vulgarmente confundida com a esmola – essa dádiva humilhante do que sobeja e representa inutilidade – a caridade excede, sob qualquer aspecto considerada, as doações externas com que supõe-se em tal atividade encerrá-la.

Sem dúvida, valioso é todo gesto de generosidade, quando consubstanciado em dádiva oportuna ao que padece tal ou qual aflição, lenindo nele as exulcerações físicas ou renovando-lhe o ânimo, com que o fortalece para as atividades redentoras.

Entretanto, a caridade que se restringe às oferendas transitórias, não poucas vezes pode ser confundida com filantropia, esse ato de amor fraterno e humano que identifica certos homens ao destinarem altas somas que se aplicam em obras de incontestável valor, financiando múltiplos

setores da Ciência, da Arte, da Higiene, do Humanismo... Henry Ford, John Rockefeller e inúmeros outros homens de bem foram filantropos eméritos a cuja contribuição a Humanidade deve serviços de inapreciável qualidade, que se converteram em lenitivo para multidões, espalhando dadivosas oportunidades para países e povos de diversas regiões da Terra.

Vicente de Paulo, Damien de Veuster, João Bosco e tantos outros, todavia, se transformaram em apóstolos da caridade, pois que nada possuindo entre os valores transitórios do dinheiro ou do poder, ofertaram tesouros de amor e fecundaram, em milhões de vidas, o pólen da esperança, da saúde, da alegria de viver, lecionando exemplo rutilante com o qual convocaram multidões de Espíritos ao prosseguimento do seu ministério que nem a morte conseguiu interromper...

A caridade para ser praticada nada exige, e, no entanto, tudo oferece. Pode ser caridoso o homem que nada detém e é capaz de amar até ao sacrifício da própria vida. Enquanto que o filantropo se exalça, mediante o excedente de que salutarmente se utiliza, na preservação do bem, na edificação da beleza, na manutenção da saúde.

Para a legítima caridade é imprescindível a fé, sem o que não lobriga a transcendente finalidade. Sem embargo, para a aplicação filantrópica basta um arroubo momentâneo, uma motivação estimulante, uma explosão idealista.

A caridade é sobretudo cristã e esteve sempre presente em toda a vida de Jesus, seu insuperável divulgador e expoente, porque repassava todas as suas doações com o inefável amor, mesmo quando visitado pelo impositivo da energia.

A filantropia, não obstante o valioso atributo de que se reveste, independe da fé, não se caracteriza pelo sentimento cristão, é irreligiosa, brotando em qualquer indivíduo, mesmo entre déspotas ou estrólinas, vaidosos ou usurpadores, o que significa já avançado passo de elevação moral.

Enquanto uma é humilde e se apaga, ocultando as mãos do socorro e reconhecendo não haver feito tudo quanto deveria, a outra pode medrar arbitrariamente, recebendo o prêmio da gratidão e o aplauso popular, engalanada na recompensa da referência bajulatória ou imortalizada na estatuária e nos monumentos, igualmente transitórios...

Ideal, porém, seria o filantropo atingir a mais alta expressão do seu investimento, culminando na caridade que transforma o próprio doador, como alguns não lograram.

Desenvolvimento: O Apóstolo Paulo

O apóstolo Paulo, o incomparável pregoeiro das verdades eternas, melhor do que ninguém, escrevendo aos Coríntios a sua Primeira Carta, nos versículos 1 a 7 e 13 do capítulo XIII, definiu a caridade na sua máxima significação: “Mesmo quando eu falasse todas as línguas dos homens e a língua dos próprios anjos, se eu não tiver caridade serei como o bronze que soa ou um címbalo que retine; - ainda quando tivesse o dom da profecia, que penetrasse todos os mistérios, e tivesse perfeita ciência de todas as coisas; ainda quando tivesse toda a fé possível, até ao ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, nada sou. - E, quando houvesse distribuído os meus bens para alimentar os pobres e houvesse entregado meu corpo para ser queimado, se não tivesse caridade, tudo isso de nada me serviria.

“A caridade é paciente; é branda e benfazeja; a caridade não é invejosa; não é temerária, nem precipitada; não se enche de orgulho; não é desdenhosa; não cuida de seus interesses; não se agasta, nem se azeda com coisa alguma; não suspeita mal; não se rejubila com a injustiça, mas se rejubila com a verdade; tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo sofre.

“Agora, estas três virtudes: a Fé, a Esperança e a Caridade permanecem; mas, dentre elas, a mais excelente é a Caridade”.

E determinou com incomparável sabedoria, sob superior inspiração, alguns dentre os diversos Carismas, mediante cuja prática o cristão alcança plenitude de paz, na convulsão envolvente do caminho por onde evolui, no corpo somático: o de pregar e ensinar a verdade cristã - caridade do ensino; o dos auxílio a pobres e enfermos - caridade do socorro; o de curar - caridade para com a saúde...

Caridade e Espiritismo

Escudando na caridade o recurso único, sem o qual o homem não consegue salvar-se, Allan Kardec penetrou as inesgotáveis fontes da Espiritualidade fazendo que a Doutrina Espírita tivesse como objetivo precípuo a salvação do Espírito, arrancando-o em definitivo da constrição das reencarnações inferiores, em cujos vaivéns se compromete para logo expungir e se desequilibrar para depois se reorganizar.

Através dos complexos meandros da Ciência Espírita o investigador consciente e devoto culmina na certeza indubitável da indestrutibilidade da vida e da imortalidade; mediante as demoradas lucubrações pelas trilhas variadas da Filosofia Espírita compreende a lógica irretorquível da vida, mesmo diante dos aparentes disparates e aberrações da Lei como em face das mil incógnitas dos destinos, defrontando a justiça equânime, imparcial para todos, a todos facultando os mesmos recursos de autoburilamento com a recuperação dos valiosos tesouros da harmonia interior; pelo inter-relacionamento com a Divindade de ‘Quem’ se aproxima e a ‘Quem’ se revincula, pela Religião com que se afervora acima das exterioridades e frui o benefício da perfeita comunhão, com que se refaz e se capacita para a felicidade real, indestrutível e plena.

Embora estabelecendo a necessidade de o homem promover e praticar a caridade material, necessária e de subida significação, propugna o Espiritismo, também e especialmente, pela caridade moral, a que exige melhores condições ao Espírito, portanto, mais importante, quando conclama aquele que a pratica à própria elevação com que se sublima e edifica interiormente.

Na sua execução não se cansa, não se exaure, não reclama, não se considera, tudo dá, mais do que dá: dá-se!

Jesus, culminando o Seu ministério entre os homens da Terra, após as incontáveis doações pela estrada da compaixão e da misericórdia, com que a todos socorreu e leniu, doou-Se, deu a vida na cruz como sublime legado de amor, inapagável luz de Caridade que passou a clarear os milênios porvindouros a fora, desde aquele momento.

Fora da Caridade Não Há Salvação!

“Meus filhos, na sentença: ‘Fora da Caridade Não Há Salvação’, estão encerrados os destinos dos homens, na Terra e no céu; na Terra, porque à sombra desse estandarte eles viverão em paz; no céu, porque os que a houverem praticado acharão graças diante do Senhor. Essa divisa é o facho celeste, a luminosa coluna que guia o homem no deserto da vida, encaminhando-o para a Terra da Promissão. Ela brilha no céu, como auréola santa, na fronte dos eleitos e, na Terra, se acha gravada no coração daqueles a quem Jesus dirá: Passai à direita, benditos de meu Pai. Reconhecê-los-eis pelo perfume de caridade que espalham em torno de si.” (O Evangelho Segundo o Espiritismo, Allan Kardec, cap. XV, item 10).

25.2 – “Amor”- Explicação do Espírito Joanna de Ângelis no livro referido no item 25.1 acima, pgs. 157-161:

Conceito - (Empédocles, Heráclito, Sócrates, Epicuro, Zenão, Plutarco....Jesus)

Múltiplas, através dos tempos, hão sido as conceituações do amor. Variando desde as exaltações grandiloquentes aos excelsos ideais da Humanidade, tem descido aos mais vis estágios da sensualidade desgovernada e criminosa.

Inspirando guerras de religião, como devotamento a Deus, ou levantando Nações contra agressores infelizes, sua mensagem tem transitado das explosões bárbaras às culminâncias da santificação.

Para uns significa o alvo legítimo das nobres emoções do sentimento elevado; para outros é impulso grotesco da carne, em conúbio com a ambição desatrelada e a posse insaciada.

Empédocles, por exemplo, motivado pela vitalidade poderosa do amor, definiu-o como sendo a “força que preside à ordem do mundo”, incidindo, sem dúvida, no conceito de que a Divindade é amor, enquanto a Criação resulta de um ato de amor.

Já Heráclito, desapercibido da transcendência do amor, informava que o amor tem como estímulo os contrastes, sem mais significativas conseqüências.

Sócrates, na sua doutrina ‘Maiêutica’, distinguia-o pela feição divina – aquela que reúne todos e tudo – e pela expressão vulgar – como corrupção - aquela que abastarda os homens e os vence inexoravelmente.

A doutrina ‘hedonista’, de Epicuro, não conseguiu situá-lo além das exigências de natureza fisiológica e sensual, animalizando-o apenas.

Zenão tomou-o pelo ideal de beleza, que engendra a força estoica da libertação dos sentidos mais grosseiros, elevando o ser.

Plutarco descobriu-lhe as exteriorizações em forma de paixão arrastadora como de fervor enobrecido.

Os modernos pensadores das linhas ‘utilitaristas, os sensualistas e existencialistas’ reduzem-no ao apetite sexual, desconcertando o equilíbrio dos centros genésicos, e, estimulados pela idéia da ‘libido freudiana’, não fazem honesta distinção entre o fator eminentemente reprodutor no uso do sexo e a perversão do abuso, no prazer anestésico das imposições glandulares.

Os santos, os heróis da abnegação, os apóstolos da Ciência, da Arte, do Humanismo e da Fé, no entanto, nele encontraram sempre o ‘élan’ de enobrecimento e a força superior que os sustentaram nas ingentes batalhas que empreenderam pela beleza, pela vida, pelo progresso, pelo engrandecimento dos homens.

Jesus exalçou-o à maior culminância, lecionando-o pela vivência e assim reformulando os ideais e os conceitos éticos até então vigentes, conclamando a que todos se amassem, mesmo em relação com os inimigos e verdugos, por serem exatamente esses os mais carecentes da força persuasiva e poderosa do amor. Com a dinâmica do amor, Ele revitalizou as esperanças humanas e inaugurou um reino ideal de paz e fraternidade, que, lentamente, vem dominando a Terra, fazendo desde agora antever-se a possibilidade de felizes e prósperos dias para todas as criaturas do futuro.

O amor, sem dúvida, é hálito divino fecundando a vida, pois que, sem o amor, a Criação não existiria. Nos vórtices centrais do Universo o amor tem caráter preponderante como força de atração, coesão e repulsão que mantém o equilíbrio geral.

Jesus e Amor

Quantos O precederam na condição de Seus embaixadores, compreenderam-lhe o impositivo e alguns tentaram vivê-lo. Muitos que vieram depois, sob Sua inspiração, conseguiram exemplificá-lo. Foi, porém, Ele quem o atingiu na mais pura exteriorização, fazendo de todas as suas horas, palavras, pensamentos e ações, atos de amor.

Grassando a hediondez da brutalidade, a se traduzir pela violência da força e mediante a vilania da corrupção, Sua vida é uma resposta aos vencedores-vencidos em si mesmos, mantendo inalterada serenidade, com absoluto desinteresse pelas ilusões da transitoriedade física, de tal modo característica e real que reformulou o código vigente e reestruturou o pensamento dos dias porvindouros.

Amou os não amados sem se preocupar com os perseguidores dos fracos, fracos que também são em si mesmos. Amou os vencidos sem recear seus escravizadores, a seu turno escravos de outros senhores, que podem ser: paixões, posições ou engodos.

E, quando instalou o primado do amor na Terra, deixou-se crucificar para adubar o solo das almas com o seu sacrifício, como a dizer que no amor se encontram o princípio e o fim de tudo e de todas as criaturas.

“O amor é de essência divina e todos vós, do primeiro ao último, tendes, no fundo do coração, a centelha desse fogo sagrado. É fato, que já haveis podido comprovar muitas vezes: o homem, por mais abjeto, vil e criminoso que seja, vota a um ente ou a um objeto qualquer, viva e ardente afeição, à prova de tudo quanto tendesse a diminuí-la e que alcança, não raro, sublimes proporções.” (O Evangelho Segundo o Espiritismo, Allan Kardec, cap. XI, item 9).

Perdão e Amor aos Inimigos!?

Artigo 26 - Jesus ensinou ainda: “*Amai aos vossos inimigos*”. Ora, um amor pelos nossos inimigos não é contrário às nossas tendências naturais, e a inimizade não provém de uma falta de simpatia entre os Espíritos?

- Sem dúvida não se pode ter, para com os inimigos, um amor terno e apaixonado. E não foi isso que ele quis dizer. Amar aos inimigos é perdoá-los e pagar-lhes o mal com o bem. É assim que nos tornamos superiores, pela vingança nos colocamos abaixo deles.

26.1 – “Amai os vossos inimigos”- “Pagar o mal com o bem”- Trecho evangélico e comentário de Kardec em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Cap. XII, itens 1 a 4:

“Tendes ouvido o que foi dito: Amarás ao teu próximo e aborrecerás ao teu inimigo. Mas eu vos digo: Amai os vossos inimigos, fazei bem ao que vos odeia, e orai pelos que vos perseguem e caluniam, para serdes filhos de vosso Pai, que está nos céus, o qual faz nascer o seu sol sobre bons e maus, e vir chuva sobre justos e injustos. Porque, se não amardes senão os que vos amam, que recompensa haveis de ter? Não fazem os publicanos também assim? E se saudardes somente aos vossos irmãos, que fazeis nisso de especial? Não fazem também assim os gentios? – Eu vos digo que, se a vossa justiça não for maior e mais perfeita que a dos escribas e fariseus, não entrareis no Reino dos Céus” (Mateus, V: 20, 43-47).

Se o amor do próximo é o princípio da caridade, amar aos inimigos é a sua aplicação sublime, porque essa virtude constitui uma das maiores vitórias conquistadas sobre o egoísmo e o orgulho.

Não obstante, geralmente nos equivocamos quanto ao sentido da palavra ‘amor’, aplicada a esta circunstância. Jesus não entendia, ao dizer essas palavras, que se deve ter pelo inimigo a mesma ternura que se tem por um irmão ou por um amigo. A ternura pressupõe confiança. Ora, não se pode ter confiança naquele que se sabe que nos quer mal. Não se pode ter para com ele as efusões da amizade desde que se sabe que é capaz de abusar delas. Entre pessoas que desconfiam umas das outras, não pode haver os impulsos de simpatia existentes entre aqueles que comungam nos mesmos pensamentos. Não se pode, enfim, ter a mesma satisfação ao encontrar um inimigo, que se tem com um amigo.

‘Esse sentimento, por outro lado, resulta de uma lei física: a da assimilação e repulsão dos fluidos. O pensamento malévolos emite uma corrente fluídica que causa penosa impressão; o pensamento benévolo envolve-nos num eflúvio agradável. Daí a diferença de sensações que se experimenta, à aproximação de um inimigo ou de um amigo. Amar os inimigos não pode, pois, significar que não se deve fazer nenhuma diferença entre eles e os amigos. Este preceito parece difícil, e até mesmo impossível de praticar, porque falsamente supomos que ele prescreve darmos a uns e a outros o mesmo lugar no coração. Se a pobreza das línguas humanas nos obriga a usarmos a mesma palavra, para exprimir formas diversas de sentimentos, a razão deve fazer as diferenças necessárias, segundo os casos’.

Amar os inimigos não é, pois, ter por eles uma afeição que não é natural, uma vez que o contato de um inimigo faz bater o coração de maneira inteiramente diversa que o de um amigo. Mas é não lhes ter ódio, nem rancor, ou desejo de vingança. É perdoar-lhes ‘sem segunda intenção e incondicionalmente’, pelo mal que nos fizeram. É não opor nenhum obstáculo à reconciliação. É desejar-lhes o bem em vez do mal. É alegrar-nos em lugar de aborrecer-nos com o bem que os atinge. É estender-lhes a mão prestativa em caso de necessidade. É abster-nos, ‘por atos e palavras’, de tudo o que possa prejudicá-los. É, enfim, pagar-lhes em tudo o mal com o bem, ‘sem a intenção de humilhá-los’. Todo aquele que assim fizer, cumpre as condições do mandamento: ‘Amai os vossos inimigos’.

Desejo de vingança: o ódio e o rancor rebaixam o homem

Amar os inimigos é um absurdo para os incrédulos. Aquele para quem a vida presente é tudo, só vê no seu inimigo uma criatura pernicioso, a perturbar-lhe o sossego, e do qual somente a morte pode libertar. Daí, o desejo de vingança. Não há nenhum interesse em perdoar, a menos

que seja para satisfazer o seu orgulho aos olhos do mundo. Perdoar, até mesmo lhe parece, em certos casos, uma fraqueza indigna da sua personalidade. Se não se vinga, pois, nem por isso deixa de guardar rancor e um secreto desejo de fazer o mal.

Para o crente, e mais ainda para o espírita, a maneira de ver é inteiramente diversa, porque ele dirige o seu olhar para o passado e o futuro, entre os quais a vida presente é um momento apenas. Sabe que, pela própria destinação da Terra, nela deve encontrar homens maus e perversos; que as maldades a que está exposto fazem parte das provas que deve sofrer. O ponto de vista em que se coloca torna-lhes as vicissitudes menos amargas, quer venham dos homens ou das coisas. ‘Se não se queixa das provas, não deve queixar-se também dos que lhe servem de instrumentos’. Se, em lugar de lamentar, agradece a Deus por experimentá-las, ‘deve também agradecer a mão que lhe oferece a ocasião de mostrar a sua paciência e a sua resignação’. Esse pensamento o dispõe naturalmente ao perdão. Ele sente, aliás, que quanto mais generoso for, mais se engrandece aos próprios olhos e mais longe se encontra do alcance dos dardos do seu inimigo.

O homem que ocupa no mundo uma posição elevada não se considera ofendido pelos insultos daquele que olha como seu inferior. Assim acontece com aquele que se eleva, no mundo moral, acima da humanidade material. Compreende que o ódio e o rancor o envileceriam e o rebaixariam; para ser superior ao seu adversário, pois, deve ter a alma mais nobre, maior e mais generosa.

Esmola

Artigo 27 – O homem reduzido a pedir esmolas se degrada moral e fisicamente: se embrutece. Numa sociedade baseada na lei de Deus e na justiça, deve-se prover a vida do fraco, sem humilhação para ele. Deve-se assegurar a existência dos que não podem trabalhar sem deixá-los à mercê do acaso e da boa vontade. O homem de bem, que compreende a caridade segundo Jesus, vai ao encontro do desgraçado sem esperar que ele lhe estenda a mão.

A Verdadeira Caridade

Artigo 28 – A verdadeira caridade é sempre boa e benevolente, tanto está no ato quanto na maneira de fazê-la. Um serviço prestado com delicadeza tem duplo valor; se o for com altivez, a necessidade pode fazê-lo aceito mas o coração mal será tocado. É necessário distinguir a esmola propriamente dita da beneficência. O mais necessitado nem sempre é o que pede; o temor da humilhação retém o verdadeiro pobre, que quase sempre sofre sem se queixar. É a esse que o homem verdadeiramente humano sabe assistir sem ostentação.

IV – AMOR MATERNALE FILIAL (Itens 890 a 892)

O Amor: Eis Toda a Lei!

Artigo 29 – O amor maternal é uma virtude e um sentimento instintivo, comum aos homens e aos animais. A Natureza deu à mãe o amor pelos filhos, no interesse de sua conservação; mas no animal esse amor é limitado às necessidades materiais; cessa quando os cuidados se tornam inúteis. No homem ele persiste por toda a vida e comporta um devotamento e uma abnegação que constituem virtudes; sobrevive mesmo à própria morte, acompanhando o filho além da tumba.

Mães que odeiam os filhos

Há mães que odeiam os filhos e freqüentemente desde o nascimento: é às vezes uma prova escolhida pelo Espírito do filho ou uma expiação, se ele tiver sido um mau pai, mãe ruim ou mau filho em outra existência. Em todos esses

casos a mãe ruim não pode ser animada senão por um mau Espírito, que procura criar dificuldades ao do filho para que ele fracasse na prova desejada. Mas essa violação das leis naturais não ficará impune e o Espírito do filho será recompensado pelos obstáculos que tiver superado.

Filhos que causam desgostos aos pais

Quando os pais têm filhos que lhes causam desgostos, não são escusáveis de não terem pôr eles a ternura que teriam em caso contrário, porque se trata de um encargo que lhes foi confiado e sua missão é a de fazer todos os esforços para os conduzir ao bem. Por outro lado, esses desgostos são quase sempre a consequência dos maus costumes que os pais deixaram os filhos seguirem desde o berço. Colhem, portanto, o que semearam.

Amai-vos uns aos outros, eis toda lei, divina lei pela qual Deus governa os mundos. O amor é a lei de atração para os seres vivos e organizados, e a atração é a lei de amor para a matéria inorgânica.

Parágrafo único – O Espírito, qualquer que seja o grau de adiantamento, sua situação como reencarnado ou na erraticidade, está sempre colocado entre um superior que o guia e aperfeiçoa e um inferior perante o qual tem deveres iguais a cumprir. Sede portanto caridosos, não somente dessa caridade que vos leva a tirar do bolso o óbolo que friamente atirais ao que ousa pedir-vos, mas ide ao encontro das misérias ocultas. Sede indulgentes para com os erros dos vossos semelhantes. Em lugar de desprezar a ignorância e o vício, instruí-os e moralizai-os. Sede afáveis e benevolentes para com todos os que vos são inferiores; sede-o mesmo para com os mais ínfimos seres da Criação, e tereis obedecido à lei de Deus.

29.1 – “Dever dos cônjuges entre si e para com os filhos”- Explicação do Espírito Emmanuel no livro “O Consolador”, editora FEB, 19ª edição, 1998, psicografia de Francisco Cândido Xavier, págs. 113-116, itens 188-191:

Como devem proceder os cônjuges para bem cumprir seus deveres?

O matrimônio muito freqüentemente, na Terra, constitui uma prova difícil, mas redentora. Os cônjuges, desvelados por bem cumprir suas obrigações divinas, devem observar o máximo de atenção, respeito e carinho mútuos, concentrando-se ambos no lar, sempre que haja um perigo ameaçando-lhes a felicidade doméstica, porque na prece e na vigilância espiritual encontrarão sempre as melhores defesas.

No lar, muitas vezes, quando um dos cônjuges se transvia, a tarefa é de lutas e lágrimas penosas; porém, no sacrifício, toda alma se santifica e se ilumina, transformando-se em modelo no sagrado instituto da família. Para alcançar a paciência e o heroísmo domésticos, faz-se mister a mais entranhada fé em Deus, tomando-se como espelho divino a exemplificação de Jesus, no seu apostolado de abnegação e de dor, à face da Terra.

Que deve fazer a mãe terrestre para cumprir evangelicamente os seus deveres, conduzindo os filhos para o bem e para a verdade?

No ambiente doméstico, o coração maternal deve ser o expoente divino de toda a compreensão espiritual e de todos os sacrifícios pela paz da família. Dentro dessa esfera de trabalho, na mais santificada tarefa de renúncia pessoal, a mulher cristã acende a verdadeira luz para o caminho dos filhos através da vida.

A missão materna resume-se em dar sempre o amor de Deus, o Pai de Infinita Bondade, que pôs no coração das mães a sagrada essência da vida. Nos labores do mundo, existem aquelas

que se deixam levar pelo egoísmo do ambiente particularista; contudo, é preciso acordar a tempo, de modo a não viciar a fonte da ternura.

A mãe terrestre deve compreender, antes de tudo, que seus filhos, primeiramente, são filhos de Deus. Desde a infância, deve prepará-los para o trabalho e para a luta que os esperam. Desde os primeiros anos, deve ensinar a criança a fugir do abismo da liberdade, controlando-lhe as atitudes e concertando-lhe as posições mentais, pois que essa é a ocasião mais propícia à edificação das bases de uma vida.

Deve sentir os filhos de outras mães como se fossem os seus próprios, sem guardar, de modo algum, a falsa compreensão de que os seus são melhores e mais altamente aquinhoados que os das outras.

Ensinará a tolerância mais pura, mas não desdenhará a energia quando seja necessária no processo da educação, reconhecida a heterogeneidade das tendências e a diversidade dos temperamentos. Sacrificar-se-á de todos os modos ao seu alcance, sem quebrar o padrão de grandeza espiritual da sua tarefa, pela paz dos filhos, ensinando-lhes que toda dor é respeitável, que todo trabalho edificante é divino, e que todo desperdício é falta grave.

Ensinar-lhes-á o respeito pelo infortúnio alheio, para que sejam igualmente amparados no mundo, na hora de amargura que os espera, comum a todos os Espíritos encarnados. Nos problemas da dor e do trabalho, da provação e da experiência, não deve dar razão a qualquer queixa dos filhos, sem exame desapassionado e metucioso das questões, levantando-lhes os sentimentos para Deus, sem permitir que estacionem na futilidade ou nos prejuízos morais das situações transitórias do mundo.

Será ela no lar o bom conselho sem parcialidade, o estímulo do trabalho e a fonte de harmonia para todos. Buscará na piedosa Mãe de Jesus o símbolo das virtudes cristãs, transmitindo aos que a cercam os dons sublimes da humildade e da perseverança, sem qualquer preocupação pelas gloriolas efêmeras da vida material.

Cumprindo esse programa de esforço evangélico, na hipótese de fracassarem todas as suas dedicações e renúncias, compete às mães incompreendidas entregar o fruto de seus labores a Deus, prescindindo de qualquer julgamento do mundo, pois que o Pai de Misericórdia saberá apreciar os seus sacrifícios e abençoará as suas penas, no instituto sagrado da vida familiar.

Quando os filhos são rebeldes e incorrigíveis, impermeáveis a todos os processos educativos, como devem proceder os pais?

Depois de movimentar todos os processos de amor e de energia no trabalho de orientação educativa dos filhos, é justo que os responsáveis pelo instituto familiar, sem descontinuidade da dedicação e do sacrifício, esperem a manifestação da Providência Divina para o esclarecimento dos filhos incorrigíveis, compreendendo que essa manifestação deve chegar através de dores e de provas acerbas, de modo a semear-lhes, com êxito, o campo da compreensão e do sentimento.

Como poderão os pais despertar no íntimo do filho rebelde as noções sagradas do dever e das obrigações para com Deus Todo-Poderoso, de quem somos filhos?

Depois de esgotar todos os recursos a bem dos filhos e depois da prática sincera de todos os processos amorosos e enérgicos pela sua formação espiritual, sem êxito algum, é preciso que os pais estimem nesses filhos adultos, que não lhes apreenderam a palavra e a exemplificação, os irmãos indiferentes ou endurecidos de sua alma, comparsas do passado delituoso, que é necessário entregar a Deus, de modo que sejam naturalmente trabalhados pelos processos tristes e violentos da educação do mundo.

Eis a razão pela qual, em certas circunstâncias da vida, faz-se mister que os pais estejam revestidos de suprema resignação, reconhecendo no sofrimento que persegue os filhos a manifestação de uma bondade superior, cujo buril oculto, constituído por sofrimentos, remodela e aperfeiçoa com vistas ao futuro espiritual.

29.2 – “As Mães”- Explanação de Dora Incontri em seu livro “A Educação Segundo o Espiritismo”, Edições FEESP, S.Paulo, 1^a. edição, 1997, págs. 85-88:

Desde que o mundo é mundo, o coração da mulher tem contribuído para o progresso da humanidade. Mas pelo predomínio dos homens, na História da civilização, a figura feminina nem sempre recebeu as homenagens e o reconhecimento devidos. Não dizemos com isso que a missão paternal não seja importante e que a mãe deva ocupar o lugar predominante na Educação dos filhos. A partilha das responsabilidades deve orientar a função educativa na família. Nem afirmamos que todas as mães sejam modelos de maternidade e solicitude, pois o fracasso nessa função é muito comum e evidente em nosso planeta deficitário. Mas o fato de que até recentemente na História os homens exerceram um poder tirânico sobre a mulher, vedando-lhe a participação no mundo externo, fez com que a maioria dos homens se desvairassem muito mais em erros e quedas do que os Espíritos que têm reencarnado predominantemente no sexo feminino. É verdade que a mulher pode muitas vezes dominar pela perfídia, pela intriga, pela sensualidade e então se torna pior do que o homem.

Outrossim, sabemos, pela Doutrina Espírita, que podemos e devemos reencarnar ora como homem, ora como mulher, para desenvolvermos nosso Espírito de maneira integral, amalhando experiências de ambos os sexos. É uma lei da vida. Mas também observamos que os Espíritos em nosso estágio de evolução costumam reencarnar longamente num mesmo sexo, possivelmente para repetir experiências e fixar determinados traços psicológicos, que numa só existência não seria possível adquirir. Assim, vários casos em que se conhecem múltiplas encarnações de um Espírito, a predominância de um sexo é constante. Isso também pode representar uma certa repugnância da própria alma em voltar no sexo oposto – o que implica num preconceito, e os Espíritos ainda não esclarecidos têm preconceitos. Mas há também aqueles, que mudaram algumas vezes no decorrer dos últimos séculos. Importante acrescentar que essa mudança não resulta necessariamente em homossexualismo, que pode ter muitas outras causas. Se um Espírito muda de sexo e envereda por esse caminho é que não aceitou a mudança. Trata-se de uma forma de fixação voluntária na encarnação anterior, mas não uma consequência inevitável da troca de sexo.

Diante desses fatos, podemos dizer que muitas mulheres foram diversas vezes mulheres em nosso mundo e tendo vivido constantemente em situação pior que a dos homens, desenvolveram, muitas delas, uma capacidade de sublimação e renúncia, ausente na maioria dos caracteres predominantemente masculinos. Com isso, não estamos justificando a opressão. Muito pelo contrário, combatemos ardentemente toda forma de domínio. Mas é da Lei que os que mais sofrem, mais evoluem, e os que exercem um poder ilegítimo e violento, mais se endividam e se comprometem no mal. Existem Espíritos femininos extremamente endurecidos, mas são em menor escala do que Espíritos que foram homens.

Além desse fator histórico – o de que provavelmente a mulher em muitas ocasiões tenha se desenvolvido mais moralmente do que o homem, ainda temos de considerar a ligação especial que existe entre a mãe e o filho. Homem e mulher participam biológica e espiritualmente na concepção do corpo carnal, que deve servir de morada para o Espírito que volta à Terra. Mas a mulher o carrega no ventre, e ao fazer isso não abriga somente o corpo físico em desenvolvimento. Durante a gravidez, como que está em simbiose fluidica e mental, com a alma reencarnante. No processo de reencarnação, o Espírito que volta, de certa forma, entra no ventre da mãe, pois adormece junto ao embrião. Ao nascer, não é apenas seu corpo físico que vem à luz, mas seu Espírito, já encarnado no novo corpo.

Por causa dessa comunhão íntima de corpo e espírito, entre mãe e filho, estabelece-se um vínculo natural e forte, que ultrapassa todos os outros tipos de ligação afetiva e biológica na espécie humana. Nessa base natural, pode se erguer um amor ilimitado e salvador. Nas mulheres de sentimentos ainda inferiores, esse amor é feroz e possessivo, desequilibrado e rude. Num Espírito endurecido, o impulso maternal pode até ser negado. Mas quanto mais o Espírito evolui, mais depura o amor materno e quando atinge o seu grau mais sublime, esse amor pode de fato redimir. E no seu plano mais alto, o amor maternal não é dirigido exclusivamente aos Espíritos que já foram filhos de certa alma. Ela o estende a toda a humanidade.

A mulher, quando exercita a maternidade, está realizando o poder criador, o poder da vida, que é herança de Deus. Se ela puder elevar seu sentimento à altura desse dom, seu poder de regeneração é muito grande. Por isso, todo Espírito deverá também renascer mulher, pois essa é

uma experiência e uma aprendizagem que não pode ser feita num corpo masculino, pelo menos em nosso planeta – não sabemos como se dá em outros mundos.

Da maioria das mães nada sabemos, pois passaram no mundo colaborando em silêncio na obra divina, mas temos notícias das mães de alguns homens que, por sua vez, exerceram missões importantes para a humanidade. Teriam cumprido plenamente seu papel, se não tivessem encontrado o apoio materno?

Sócrates, o maior filósofo de todos os tempos e precursor do Cristianismo, dizia ter aprendido com sua mãe o ofício de parteiro. Só que sua mãe era parteira literalmente e ele praticava um parto espiritual: ajudava as pessoas a conceberem idéias mais justas a respeito da vida.

Agostinho levou vida irregular e incerta, metido em várias doutrinas errôneas até que as preces e o empenho de sua mãe, Mônica, cristã convicta e exemplar, conseguiram convertê-lo definitivamente ao Cristianismo e conduzi-lo a uma vida mais pura. As passagens sobre a mãe, em seu célebre livro, *As Confissões*, são das mais lindas que já foram escritas pelo amor filial.

Francisco de Assis, Espírito delicado e cheio de luz, recebeu ao que parece o apoio de sua mãe, Picca, para lançar-se ao caminho da missão que o trouxe à Terra. Isso sem falar na co-operação de outro Espírito feminino em sua tarefa: Clara.

Pestalozzi, órfão de pai desde muito cedo, deveu sua Educação a duas mulheres corajosas, sua mãe e sua governanta, Babeli, que marcaram fortemente sua existência.

Também Kardec certamente tinha grande ligação com sua mãe: ela mesma o foi levar a Iverdon, para estudar com Pestalozzi, que se refere à Mme. Rivail em sua correspondência. Mais tarde, quando já entregue ao trabalho espírita, Kardec confessa em *Obras Póstumas*, que sonhava freqüentemente com a mãe lhe dando conselhos.

Padre Flanagan, o grande educador irlandês, que atuou nos Estados Unidos, dizia que a sua maior inspiração, em prática pedagógica, tinha sido a de sua própria mãe.

Gandhi, o Espírito mais evoluído do século XX, tinha estreito vínculo com a mãe, cuja ascendência moral – mesmo à distância – o ajudou muito, durante a sua estadia na Inglaterra, em contato com as tentações ocidentais.

Junto ao próprio Jesus, o Espírito mais sublime que já pisou no planeta, vemos a figura suave e iluminada de Maria. Teria ele, Espírito perfeito, encontrado condições vibratórias para se submeter ao sacrifício de vir habitar num corpo de carne, se não tivesse afinidade com a mãe, se ela não estivesse à sua altura? As intuições que Maria teve antes de seu nascimento, a oração que pronunciou em presença da prima Isabel e toda a preparação que antecedeu a vinda do Mestre, demonstram o quanto ela (ao lado de José) estava consciente do plano divino. Com o passar dos séculos, o vulto de Maria foi transcendendo a de simples coadjuvante na vida de Jesus, para alcançar o título de mãe da humanidade. Sua emanção espiritual regenera muitas almas, porque seu amor maternal toca as fibras dos Espíritos mais endurecidos que, em algum momento de sua vida, sempre tiveram uma mãe que os aconchegasse e cuja lembrança ilumina novamente seus corações. Para uma humanidade ainda tão infeliz e pecadora, um Espírito maternal dessa envergadura é um estímulo à recuperação de muitos, pelo atavismo que o homem guarda em relação aos cuidados maternos e pela amorosa influência vibratória, que a mãe de Jesus expande de si.

29.3 – “Piedade Filial”- Explicação de Kardec no livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Cap. XIV, item 3:

“Honrarás a teu pai e a tua mãe, para teres uma dilatada vida sobre a terra que o Senhor teu Deus te há de dar. (Decálogo, Êxodo, XX: 12.)”

O mandamento: “Honra a teu pai e a tua mãe”, é uma conseqüência da lei geral da caridade e do amor ao próximo, porque não se pode amar ao próximo sem amar aos pais; mas o imperativo ‘honra’ implica um dever a mais para com eles: o da piedade filial. Deus quis demonstrar, assim, que ao amor é necessário juntar o respeito, a estima, a obediência e a condescendência, o que implica a obrigação de cumprir para com eles, de maneira ainda mais rigorosa, tudo o que a caridade determina em relação ao próximo. Esse dever se estende naturalmente às pessoas

que se encontram no lugar dos pais, e cujo mérito é tanto maior, quanto o devotamento é para elas menos obrigatório. Deus pune sempre de maneira rigorosa toda violação desse mandamento.

Honrar ao pai e à mãe não é somente respeitá-los, mas também assisti-los nas suas necessidades; proporcionar-lhes o repouso na velhice; cercá-los de solicitude, como eles fizeram por nós na infância.

É sobretudo para com os pais sem recursos que se demonstra a verdadeira piedade filial. Satisfariam a esse mandamento os que julgam fazer muito, ao lhes darem o estritamente necessário, para que não morram de fome, enquanto eles mesmos de nada se privam? Relegando-os aos piores cômodos da casa, apenas para não deixá-los na rua, e reservando para si mesmos os melhores aposentos, os mais confortáveis? E ainda bem quando tudo isso não é feito de má vontade, sendo os pais obrigados a pagar o que lhes resta da vida com a carga dos serviços domésticos! É então justo que pais velhos e fracos tenham de servir a filhos jovens e fortes? A mãe lhes teria cobrado o leite, quando ainda estavam no berço? Teria, por acaso, contado as suas noites de vigília, quando eles ficavam doentes, os seus passos para proporcionar-lhes o cuidado necessário? Não, não é só o estritamente necessário que os filhos devem aos pais pobres, mas também, tanto quanto puderem, as pequenas alegrias do supérfluo, as amabilidades, os cuidados carinhosos, que são apenas os juros do que receberam, o pagamento de uma dívida sagrada. Essa, somente, é a piedade filial aceita por Deus.

Infeliz, portanto, aquele que se esquece da sua dívida para os que o sustentaram na infância, os que, com a vida material, lhe deram também a vida moral, e que freqüentemente se impuseram duras privações para lhe assegurar o bem-estar! Ai do ingrato, porque ele será punido pela ingratidão e pelo abandono; será ferido nas suas mais caras afeições, ‘às vezes desde a vida presente’, mas de maneira certa noutra existência, em que terá de sofrer o que fez os outros sofrerem!

Certos pais, é verdade, descuidam dos seus deveres, e não são para os filhos o que deviam ser. Mas é a Deus que compete puni-los, e não aos filhos. Não cabe a estes censurá-los, pois que talvez eles mesmos fizeram por merecê-los assim. Se a caridade estabelece como lei que devemos pagar o mal com o bem, ser indulgente para com as imperfeições alheias, não maldizer do próximo, esquecer e perdoar as ofensas, e amar até mesmo os inimigos, quanto essa obrigação se faz ainda maior, em relação aos pais! Os filhos devem, por isso mesmo, tomar como regra de conduta para com os pais os preceitos de Jesus referentes ao próximo, e lembrar que todo procedimento condenável em relação aos estranhos, mais condenável se torna para com os pais. Devem lembrar que aquilo que no primeiro caso seria apenas uma falta, pode tornar-se um crime no segundo, porque, neste, à falta de caridade junta-se a ingratidão.

V – O AMOR, A EDUCAÇÃO MORAL E O MELHORAMENTO DO GLOBO

Artigo 30 – Não há homens reduzidos à mendicidade por sua própria culpa?

- Sem dúvida. Mas se uma boa educação moral lhes tivesse ensinado a lei de Deus, não teriam caído nos excessos que os levaram à perda. E é disso, sobretudo, que depende o melhoramento do globo.

30.1 – “A Lei de Amor”- Explicações dos Espíritos Lázaro, Fénelon e Sansão no livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Cap. XI, itens 8-10:

O amor resume toda a Doutrina de Jesus, porque é o sentimento por excelência, e os sentimentos são os instintos elevados à altura do progresso realizado. No seu ponto de partida, o homem só tem instintos; mais avançado e corrompido, só tem sensações; mais instruído e purificado, tem sentimentos; e o amor é o requinte do sentimento. Não o amor no sentido vulgar do termo, mas esse sol interior, que reúne e condensa em seu foco ardente todas as aspirações e todas as revelações sobre-humanas. A lei do amor substitui a personalidade pela fusão dos seres e extingue as misérias sociais. Feliz daquele que, sobrelevando-se à Humanidade, ama com imenso amor os seus irmãos em sofrimento! Feliz aquele que ama, porque não conhece as angústias

da alma, nem as do corpo! Seus pés são leves, e ele vive como transportado fora de si mesmo. Quando Jesus pronunciou essa palavra divina – amor – fez estremecerem os povos, e os mártires, ébrios de esperança, desceram ao circo.

Amor e Reencarnação

O Espiritismo, por sua vez, vem pronunciar a segunda palavra do alfabeto divino. Ficai atentos, porque essa palavra levanta a lápide dos túmulos vazios, e a ‘reencarnação’, vencendo a morte, revela ao homem deslumbrado o seu patrimônio intelectual. Mas já não é mais aos suplícios que ela conduz, e sim à conquista do seu ser, elevado e transfigurado. O sangue resgatou o Espírito, e o Espírito deve agora resgatar o homem da matéria.

Diz-se que o homem, no seu início, tem apenas instintos. Aquele, pois, que os instintos dominam, está mais próximo do ponto de partida que do alvo. Para avançar em direção ao alvo, é necessário vencer ele os instintos a favor dos sentimentos, ou seja, aperfeiçoar estes, sufocando os germes latentes da matéria. Os instintos são a germinação e os embriões dos sentimentos. Trazem consigo o progresso, como a bolota oculta o carvalho. Os seres menos adiantados são os que, libertando-se lentamente de sua crisálida, permanecem subjugados pelos instintos.

O Espírito deve ser cultivado como um campo. Toda a riqueza futura depende do trabalho atual. E mais que aos bens terrenos, ele vos conduzirá à gloriosa elevação. Será então que, compreendendo a lei do amor, que une todos os seres, nela buscareis os suaves prazeres da alma, que são o prelúdio das alegrias celestes.

O amor, o egoísmo e o aperfeiçoamento moral da raça humana

O amor é de essência divina. Desde o mais elevado até o mais humilde, todos vós possuídes, no fundo do coração, a centelha desse fogo sagrado. É um fato que tendes podido constatar muitas vezes: o homem mais abjeto, o mais vil, o mais criminoso, tem por um ser ou um objeto qualquer uma afeição viva e ardente, à prova de todas as vicissitudes, atingindo freqüentemente alturas sublimes.

Diz-se por um ser ou um objeto qualquer, porque existem, entre vós, indivíduos que dispensam tesouros de amor, que lhes transbordam do coração, aos animais, às plantas, e até mesmo aos objetos materiais. Espécies de misantropos a se lamentarem da Humanidade em geral, resistem à tendência natural da alma, que busca em seu redor afeição e simpatia. Rebaixam a lei do amor à condição do instinto. Mas, façam o que quiserem, não conseguirão sufocar o germe vivaz que Deus depositou em seus corações, no ato da criação. Esse germe se desenvolve e cresce com a moralidade e a inteligência, e embora freqüentemente comprimido pelo egoísmo, é a fonte das santas e doces virtudes que constituem as afeições sinceras e duradouras, e que os ajudam a transpor a rota escarpada e árida da existência humana.

Há algumas pessoas a quem repugna a prova da ‘reencarnação’, pela idéia de que outros participarão das simpatias afetivas de que são ciosas. Pobres irmãos! O vosso afeto vos torna egoístas. Vosso amor se restringe a um círculo estreito de parentes ou de amigos, e todos os demais vos são indiferentes. Pois bem: para praticar a lei do amor, como Deus a quer, é necessário que chegueis a amar, pouco a pouco, e indistintamente, a todos os vossos irmãos. A tarefa é longa e difícil, mas será realizada. Deus o quer, e a lei do amor é o primeiro e o mais importante preceito da vossa nova Doutrina, porque é ela que deve um dia matar o egoísmo, sob qualquer aspecto em que se apresente, pois além do egoísmo pessoal, há ainda o egoísmo de família, de casta, de nacionalidade. Jesus disse: “Amai ao próximo como a vós mesmos”; ora, qual é o limite do próximo? Será a família, a seita, a nação? Não: é toda a Humanidade! Nos mundos superiores, é o amor recíproco que harmoniza e dirige os Espíritos adiantados que os habitam. E o vosso planeta, destinado a um progresso que se aproxima, para a sua transformação social, verá seus habitantes praticarem essa lei sublime, reflexo da própria Divindade.

Os efeitos da lei do amor são o aperfeiçoamento moral da raça humana e a felicidade durante a vida terrena. Os mais rebeldes e os mais viciosos deverão reformar-se quando presenciarem os benefícios produzidos pela prática deste princípio: “Não façais aos outros o que não quereis que os outros vos façam, mas fazei, pelo contrário, todo bem que puderdes.”

Não acrediteis na esterilidade e no endurecimento do coração humano, que cederá, mesmo de malgrado, ao verdadeiro amor. Este é um ímã a que ele não poderá resistir, e o seu conta-

to vivifica e fecunda os germes dessa virtude, que estão latentes em vossos corações. A Terra, morada de exílio e de provas, será então purificada por esse fogo sagrado, e nela se praticarão a caridade, a humildade, a paciência, a abnegação, a resignação, o sacrifício, todas essas virtudes filhas do amor. Não vos canseis, pois, de escutar as palavras de João Evangelista. Sabeis que, quando a doença e a velhice interromperam o curso de suas pregações, ele repetia apenas estas doces palavras: “Meus filhinhos, amai-vos uns aos outros!”

Queridos irmãos, utilizai com proveito essas lições: sua prática é difícil, mas delas retira a alma imenso benefício. Crede-me, fazei o sublime esforço: “Amai-vos”, e vereis, muito em breve, a Terra modificada tornar-se um novo Eliseu, em que as almas dos justos virão gozar o merecido repouso.

30.2 – “O Livro dos Espíritos e A Educação”- Explanação de José Herculaniano Pires no livro “Pedagogia Espírita”, Editora J. Herculaniano Pires, 2ª. edição, Belo Horizonte, 1994, págs. 79-84:

A primeira característica de ‘O Livro dos Espíritos’, nem sempre percebida, é a sua forma didática. Não fosse Kardec um pedagogo, habituado à disciplina pestalozziana, e os Espíritos do Senhor não teriam conseguido na Terra um tão puro reflexo dos seus pensamentos. Mas a didática de Kardec nessa obra não se limita à técnica de ensinar. É uma didática transcendente insuflada pelo espírito, que mais se aproxima da ‘Didática Magna’ de Comenius do que dos manuais técnicos dos nossos dias.

A Educação Espírita brota desse livro como água da fonte: espontânea e necessária. Logo na ‘Introdução’ temos um exemplo disso. Não se trata apenas de introdução à obra, mas à Doutrina Espírita. Ao invés de uma justificativa e uma explicação do livro, temos uma abertura para a compreensão de todo o seu conteúdo e até mesmo da posição do Espiritismo no vasto panorama da cultura terrena, abrangendo as áreas até então conflitivas do Conhecimento e estabelecendo entre elas as ligações indispensáveis. Sim, indispensáveis porque o conflito entre as áreas culturais era o maior obstáculo à compreensão global do homem que o Espiritismo trazia.

Ainda agora, em nossos dias, o Prof. Rhine assinalou a existência de várias concepções antropológicas conflitivas: a religiosa ou teológica, a científica ou materialista, a filosófica materialista ou espiritualista e assim por diante. (Ver O Novo Mundo da Mente, de Rhine). O que a Parapsicologia se propõe a fazer, mais de cem anos depois, Kardec já realizara com ‘O Livro dos Espíritos’. Se os cientistas não perceberam isso, os espíritas por todo o mundo se beneficiaram com a nova concepção ‘gestáltica’ e se incumbiram de propagá-la.

Bastaria isso para mostrar e provar que a didática de Kardec nessa obra transcendeu os limites puramente didáticos para atingir dimensões pedagógicas. Não poderíamos dizer que ‘O Livro dos Espíritos’ é um tratado de Pedagogia, pois o seu objetivo específico não é a Pedagogia. Mas é evidente que se trata de um verdadeiro manual de Educação, no mais amplo e elevado sentido do termo. Seu objetivo explícito é ensinar e educar. O ensino ressalta desde as primeiras linhas e se desenvolve até às últimas, sem solução de continuidade. Mas esse ensino não se limita à transmissão de dados técnicos de informações culturais objetivas. Pelo contrário, projeta-se além desses dados e leva o estudante ao campo pedagógico da formação moral e espiritual. Ao terminar a sua leitura o estudante atento e perspicaz adquiriu novos conhecimentos, mas conquistou principalmente uma nova concepção do homem, da vida e do Universo. E mais do que isso, realizou o desígnio da sua própria existência, que é a sintonia do seu ser com o Ser Supremo: Deus.

O Sr. Sanson, materialista, lendo esse livro volta ao espiritualismo e se reencontra com Deus. Os caminhos da fé lhe eram vedados pela barreira do ilogismo religioso, mas ‘O Livro dos Espíritos’ lhe demonstrou que entre os caminhos para Deus o da razão era o mais seguro. Este exemplo concreto e histórico, referido pelo próprio Kardec, mostra-nos a ligação das áreas culturais. Sanson ilustra essa ligação, como tantos outros o fariam mais tarde, ao atingir a fé pela razão.

Podemos dizer que, na Educação, segundo a conhecida proposição de Kerchensteiner, a Didática é o campo da cultura objetiva e a Pedagogia, que abrange naturalmente aquela, é o campo da cultura subjetiva. Mais de cem anos antes de Kerchensteiner fazer essa proposição

Kardec já a havia utilizado com êxito na elaboração de ‘O Livro dos Espíritos’. Pode-se alegar que essa não foi uma realização de Kardec, e sim dos Espíritos. Convém lembrar que a organização do livro, e até mesmo a sua feitura na produção do texto, através das perguntas que provocaram as respostas espirituais, estiveram a cargo de Kardec. Nessa prodigiosa elaboração os Espíritos contribuíram com a matéria-prima, mas Kardec foi o artesão paciente e lúcido, esclarecido e capaz.

A preocupação de Kardec com as palavras, por exemplo, revela o cuidado do professor terreno que tem de aplicar os termos com exatidão para se fazer compreender. Os Espíritos não se importavam com isso, como muitas vezes disseram ao mestre, pois o que lhes interessava era o pensamento e seu significado intrínseco, sua substância. Mas Kardec estava encarnado – era o homem no mundo – e por isso mesmo atento aos problemas do mundo. Vemos na Introdução como ele, logo de início procura e consegue definir com clareza os termos para que “a ambigüidade das palavras” não leve o leitor a confusões perigosas ou os possíveis exegetas a interpretações deturpadoras.

O ‘Resumo da Doutrina dos Espíritos’, que encontramos na Introdução, é outra prova do trabalho pessoal de Kardec e da maneira por que ele sabia colocar a Didática em função da Educação, entrosando-a na Pedagogia não só como instrumento de ensino, mas sobretudo como função pedagógica. A leitura atenta e meditada desse resumo seria suficiente para esclarecer um leitor realmente interessado no assunto e predispô-lo à renovação interior. Nesse sentido, podemos dizer que Kardec realizou o sonho de Pestalozzi: deu ao mundo uma forma viva de ensino que ao mesmo tempo informa e forma, instrui e moraliza. A dinâmica pedagógica de ‘O Livro dos Espíritos’ teria impedido o desvirtuamento da Educação através do pragmatismo educacional, se porventura os pedagogos do século XX o tivessem encarado com isenção de ânimo e os cientistas, na sua maioria, não se tivessem deixado embriagar pelas teorias materialistas.

A Ciência Espírita: A Revelação Divina e A Revelação Humana

O ensino de ‘O Livro dos Espíritos’ se constitui da transmissão para os educandos dos novos dados sobre o homem, a vida, a Natureza e o Universo que a Ciência Espírita conseguiu obter através da pesquisa, da observação e da revelação. O problema da revelação, que levanta suspeitas e objeções na área científica propriamente dita, é explicado de maneira didática. Até Kardec a Revelação era divina e só divina, e se escrevia assim como fizemos, com inicial maiúscula. Dela se originava a Teologia, a Ciência de Deus... feita pelos homens. A partir de Kardec a situação é outra.

Descartes, inspirado pelo Espírito da Verdade já havia demonstrado no século XVII que à Ciência Divina proveniente da Revelação se opunham as ciências humanas provenientes da razão. Kardec foi além e demonstrou a existência de dois tipos de revelação: a divina e a humana. A Ciência Espírita se apresentava como produto da conjugação dessas duas formas. De um lado tínhamos a revelação divina feita pelos Espíritos, de outro a revelação humana feita pelos homens. Todo cientista capaz de descobrir novas leis naturais é um revelador, pois na verdade ‘revela’ uma realidade oculta. A Ciência Espírita fundia a revelação divina com a revelação humana. Os Espíritos revelavam no geral, os homens no particular.

Vamos a um exemplo concreto. Os Espíritos revelaram a Kardec que muitos Espíritos não sabiam que haviam morrido. Kardec estranhou e pôs em dúvida esse dado da revelação. Mas para esclarecer o problema entregou-se à pesquisa e esta lhe mostrou que os Espíritos tinham razão. Kardec poderia ter-se apoiado em pressupostos da tradição espiritualista, inclusive da tradição judaica a respeito, mas não procedeu assim porque o seu critério científico exigia a comprovação objetiva dos fatos. Quem quiser consultar a coleção da ‘Revista Espírita’ sobre esse assunto verá como Kardec conseguiu objetivar esse problema subjetivo com a questão do desprendimento do espírito durante o sono, com o problema da obsessão e também com o problema da existência do corpo espiritual (perispírito), e assim por diante.

A própria existência de Deus e a questão de sua imanência e transcendência, inacessíveis à Ciência, segundo a tese kantiana, Kardec submeteu à observação e à lógica. Depois dele o Prof. Ernesto Bozzano sugeriu a hipótese do Deus-Éter, mas Kardec não se prendera ao campo das leis físicas, recorrendo ao princípio de causa e efeito e firmando o princípio espírita de que: ‘todo efeito inteligente tem uma causa inteligente’.

A idéia de evolução se infiltrara na Ciência e na Filosofia desde o século XVIII. Kardec a recebeu dos Espíritos, mas também a submeteu à observação. No caso da evolução do homem submeteu-a ainda à pesquisa através da mediunidade e conseguiu demonstrar a sua realidade de maneira positiva.

Assim os dados da ‘nova ciência’, que Kardec chamou de ‘ciência do espírito’ ofereciam uma nova concepção do homem e do mundo que tinha de ser ensinada à Humanidade. A transmissão desses dados coube à didática de Kardec em ‘O Livro dos Espíritos’.

O novo homem: Espiritismo e Cristianismo

Esse volume de informações novas que abriam novas perspectivas para o futuro humano, Kardec, o pedagogo e professor, submeteu naturalmente ao controle pedagógico da formação do novo homem. Surge aí, precisamente nesse ponto do processo espírita, a conexão necessária (entendendo-se a necessidade do mais rigoroso sentido lógico) do Espiritismo com o Cristianismo. Jesus também havia procedido assim. Oferecera aos homens novos dados sobre a sua natureza e sobre a natureza do Universo, provando através de demonstrações práticas a realidade do seu ensino: os fatos espíritas que constam dos Evangelhos, os fenômenos físicos por ele produzidos, os fenômenos de transfiguração e materializações ou aparições tangíveis (como no Monte Tabor e os ocorridos com ele mesmo após a morte).

Por outro lado, apoiando-se nesses dados, Jesus afirmara a necessidade de transformação do ‘homem velho em homem novo’ e aplicara a sua pedagogia nesse sentido. Kardec dava continuação a esse trabalho de Jesus e verificava que a moral evangélica preenchia todos os requisitos da nova formação do homem a partir do século XIX.

‘O Livro dos Espíritos’ é, pois, um manual de Educação Integral oferecido à Humanidade para a sua formação moral e espiritual na Escola da Terra.

30.3 – “Cultura”- Questões respondidas pelo Espírito Emmanuel no livro “O Consolador”, Editora FEB, 19ª. edição, 1998, Psicografia de Francisco Cândido Xavier, pág. 119 e seguintes:

Razão

‘Como se observa, no plano espiritual, o patrimônio da cultura terrestre?’

- Todas as expressões da cultura humana são apreciadas, na esfera invisível, como um repositório sagrado de esforços do homem planetário em seus labores contínuos e respeitáveis. Todavia, é preciso encarecer que, neste “outro lado” da vida, a vossa posição cultural é considerada como processo, não como fim, porquanto este reside na perfeita sabedoria, síntese gloriosa da alma que se edificou a si mesma, através de todas as oportunidades de trabalho e de estudo da existência material. Entre a cultura terrestre e a sabedoria do espírito há singular diferença, que é preciso considerar. A primeira se modifica todos os dias e varia de concepção nos indivíduos que se constituem seus expositores, dentro das mais evidentes características de instabilidade; a segunda, porém, é o conhecimento divino, puro e inalienável, que a alma vai armazenando no seu caminho, em marcha para a vida imortal.

‘Pode o racionalismo garantir a linha de evolução da Terra?’

- A razão humana é ainda muito frágil e não poderá dispensar a cooperação da fé que a ilumina, para a solução dos grandes e sagrados problemas da vida. Em virtude da separação de ambas, nas estradas da vida, é que observamos o homem terrestre no desfiladeiro terrível da miséria e da destruição. Pela insânia da razão, sem a luz divina da fé, a força faz as suas derradeiras tentativas para assenhorear-se de todas as conquistas do mundo. Falastes demasiadamente de razão e permanecestes na guerra de destruição, onde só perambulam miseráveis vencidos; revelastes as mais elevadas demonstrações de inteligência, mas mobilizastes todo o conhecimento para o morticínio sem piedade; pregastes a paz, fabricando os canhões homicidas; pretendestes haver solucionado os problemas sociais, intensificando a construção das cadeias e dos prostíbulos. Este progresso é o da razão sem fé, onde os homens se perdem em luta inglória e sem-fim.

‘No quadro dos valores racionais, Ciência e Filosofia se integram mutuamente, objetivando as realizações do Espírito?’

- Ambas se completam no campo das atividades do mundo, como dois grandes rios que, servindo a regiões diversas na esfera da produção indispensável à manutenção da vida, se reúnem em determinado ponto do caminho para desaguardarem, juntos, no mesmo oceano, que é o da sabedoria.

‘No problema da investigação, há limites para aplicação dos métodos racionalistas?’

- Esses limites existem, não só para a aplicação, como também para a observação; limites esses que são condicionados pelas forças espirituais que presidem à evolução planetária, atendendo à conveniência e ao estado de progresso moral das criaturas. É por esse motivo que os limites das aplicações e das análises chamadas positivas sempre acompanham e seguirão sempre o curso da evolução espiritual das entidades encarnadas na Terra.

‘Como apreciar os racionalistas que se orgulham de suas realizações terrestres, nas quais pretendem encontrar valores finais e definitivos?’

- Quase sempre, os que se orgulham de alguma coisa caem no egoísmo isolacionista que os separa do plano universal, mas, os que amam o seu esforço nas realizações alheias ou a continuidade sagrada das obras dos outros, na sua atividade própria, jamais conservam pretensões descabidas e nunca restringem sua esfera de evolução, porquanto as energias profundas da espiritualidade lhes santificam os esforços sinceros, conduzindo-os aos grandes feitos através dos elevados caminhos da inspiração.

Intelectualismo

‘A alma humana poder-se-á elevar para Deus tão-somente com o progresso moral, sem os valores intelectivos?’

- O sentimento e a sabedoria são as duas asas com que a alma se elevará para a perfeição infinita. No círculo acanhado do orbe terrestre, ambos são classificados como adiantamento moral e adiantamento intelectual, mas, como estamos examinando os valores propriamente do mundo, em particular, devemos reconhecer que ambos são imprescindíveis ao progresso, sendo justo, porém, considerar a superioridade do primeiro sobre o segundo, porquanto a parte intelectual sem a moral pode oferecer numerosas perspectivas de queda, na repetição das experiências, enquanto que o avanço moral jamais será excessivo, representando o núcleo mais importante das energias evolutivas.

‘Podemos ter uma idéia da extensão de nossa capacidade intelectual?’

- A capacidade intelectual do homem terrestre é excessivamente reduzida, em face dos elevados poderes da personalidade espiritual independente dos laços da matéria. Os elos da reencarnação fazem o papel de quebra-luz sobre todas as conquistas anteriores do Espírito reencarnado. Nessa sombra, reside o acervo de lembranças vagas, de vocações inatas, de numerosas experiências, de valores naturais e espontâneos, a que chamais subconsciência.

O homem comum é uma representação parcial do homem transcendente, que será reintegrado nas suas aquisições do passado, depois de haver cumprido a prova ou a missão exigidas pelas suas condições morais, no mecanismo da justiça divina. Aliás, a incapacidade intelectual do homem físico tem sua origem na sua própria situação, caracterizada pela necessidade de provas amargas. O cérebro humano é um aparelho frágil e deficiente, onde o Espírito em queda tem de valorizar as suas realizações de trabalho.

Imaginar a caixa craniana, onde se acomodam células microscópicas, inteiramente preocupadas com a sua sede de oxigênio, sem dispensarem por um milésimo de segundo a corrente do sangue que as irriga, a fragilidade dos filamentos que as reúnem, cujas conexões são de cem milésimos de milímetro, e tereis assim uma idéia exata da pobreza da máquina pensante de que dispõe o sábio da Terra para as suas orgulhosas deduções, verificando que, por sua condição de Espírito caído na luta expiatória, tudo tende a demonstrar ao homem do mundo a sua posição de humildade, de modo que, em todas as condições, possa ele cultivar os valores legítimos do sentimento.

‘Como é considerada, no plano espiritual, a posição atual intelectual da Terra?’

- Os valores intelectuais do planeta, nos tempos modernos, sofrem a humilhação de todas as forças corruptoras da decadência. A atual geração, que tantas vezes se entregou à jactância, atribuindo a si mesma as mais altas conquistas no terreno do raciocínio positivo, operou os mais vastos desequilíbrios das correntes evolutivas do orbe, com o seu injustificável divórcio do sentimento.

Nunca os círculos educativos da Terra possuíram tanta facilidade de amplificação, como agora, em face da evolução das artes gráficas; jamais o livro e o jornal foram tão largamente difundidos; entretanto, a imprensa, quase de modo geral, é órgão de escândalo para a comunidade e centro de interesse econômico para o ambiente particular, enquanto que poucos livros triunfam sem o bafejo da fortuna privada ou oficial, na hipótese de ventilarem os problemas elevados da vida.

‘A decadência intelectual pode provocar o desequilíbrio do mundo?’

- Sem dúvida. E é por essa razão que observamos na paisagem político-social da Terra as aberrações, os absurdos teóricos, os extremismos, operando a inversão de todos os valores. Excessivamente preocupados com as suas extravagâncias, os missionários da inteligência trocaram o seu labor junto ao espírito por um lugar de domínio, como os sacerdotes religiosos que permutaram a luz da fé pelas prebendas tangíveis da situação econômica. Semelhante situação operou naturalmente o mais alto desequilíbrio no organismo social do planeta, e, como prova real desse asserto, devemos recordar que a guerra de 1914-1918 custou aos povos mais intelectualizados do mundo mais de cem mil bilhões de francos, salientando-se que, com menos da centésima parte dessa importância, poderiam essas nações haver expulsado o fantasma da sífilis do cenário da Terra.

‘Há uma tarefa especializada da inteligência no orbe terrestre?’

- Assim como numerosos Espíritos recebem a provação da fortuna, do poder transitório e da autoridade, há os que recebem a incumbência sagrada, em lutas expiatórias ou em missões santificantes, de desenvolverem a boa tarefa da inteligência em proveito real da coletividade.

Todavia, assim como o dinheiro e a posição de realce são ambientes de luta, onde todo êxito espiritual se torna mais porfiado e difícil, o destaque intelectual, muitas vezes, obscurece no mundo a visão do Espírito encarnado, conduzindo-o à vaidade injustificável, onde as intenções mais puras ficam aniquiladas.

‘O escritor de determinada obra será julgado pelos efeitos produzidos pelo seu labor intelectual na Terra?’

- O livro é igualmente como a sementeira. O escritor correto, sincero e bem-intencionado é o lavrador previdente que alcançará a colheita abundante e a elevada retribuição das leis divinas à sua atividade. O literato fútil, amigo da insignificância e da vaidade, é bem aquele trabalhador preguiçoso e nulo que “semeia ventos para colher tempestades”. E o homem de inteligência que vende a sua pena, a sua opinião e o seu pensamento, no mercado da calúnia, do interesse, da ambição e da maldade, é o agricultor criminoso que humilha as possibilidades generosas da Terra, que rouba os vizinhos, que não planta e não permite o desenvolvimento da sementeira alheia, cultivando espinhos e agravando responsabilidades pelas quais responderá um dia, quando houver despido a indumentária do mundo, para comparecer ante as verdades do Infinito.

‘Os trabalhadores do Espiritismo devem buscar os intelectuais para a compreensão dos seus deveres espirituais?’

- Os operários da doutrina devem estar sempre bem dispostos na oficina do esclarecimento, todas as vezes que procurados pelos que desejem cooperar sinceramente nos seus esforços. Mas provocar a atenção dos outros no intuito de regenerá-los, quando todos nós, mesmo os desencarnados, estamos em função de aperfeiçoamento e aprendizado, não parece muito justo, porque estamos ainda com um dever essencial, que é o da edificação de nós mesmos.

No labor da Doutrina, temos de convir que o Espiritismo é o Cristianismo redivivo pelo qual precisamos fornecer o testemunho da verdade e, dentro do nosso conceito de relatividade, todo o fundamento da verdade da Terra está em Jesus-Cristo.

A verdade triunfa por si, sem o concurso das frágeis possibilidades humanas. Alma alguma deverá procurá-la supondo-se elemento indispensável à sua vitória. Como seu órgão no planeta, o Espiritismo não necessita de determinados homens para consolar e instruir as criaturas, depreendendo-se que os próprios intelectuais do mundo é que devem buscar, espontaneamente, na fonte de conhecimentos doutrinários, o benefício de sua iluminação.

30.4 – “Educação”- Explicação do Espírito Joanna de Ângelis no livro “Estudos Espíritos”, psicografado por Divaldo P. Franco, Editora FEB, 3^a. edição, 1983, págs. 169-173:

Conceito

A educação é base para a vida em comunidade, por meio de legítimos processos de aprendizagem que fomentam as motivações de crescimento e evolução do indivíduo. Não apenas um preparo para a vida, mediante a transferência de conhecimentos pelos métodos da aprendizagem. Antes é um processo de desenvolvimento de experiências, no qual o educador e educando desdobram as aptidões inatas, aprimorando-as como recursos para a utilização consciente, nas múltiplas oportunidades da existência.

Objetivada como intercâmbio de aprendizagens, merece considerá-la nas matérias, nos métodos e fins, quando se restringe à instrução. Não somente a formar hábitos e desenvolver o intelecto deve dedicar-se a educação, mas, sobretudo, realizar um ‘continuum’ permanente, em que as experiências por não cessarem se fixam ou se reformulam, tendo em conta as necessidades da convivência em sociedade e da auto-realização do educando.

Os métodos na experiência educacional devem ser consentâneos às condições mentais e emocionais do aprendiz. Em vez de se lhe impingir, por meio do processo repetitivo, os conhecimentos adquiridos, o educador há de motivá-lo às próprias descobertas, com ele crescendo, de modo que a sua contribuição não seja o resultado do “pronto e concluído”, processo que, segundo a experiência de alguns, “deu certo até aqui”.

Na aplicação dos métodos e escolha das matérias merece considerar as qualidades do educador, sejam de natureza intelectual ou emocional e psicológica, como de caráter afetivo ou sentimental.

Os fins, sem dúvida, estão além das linhas da escolaridade. Erguem-se como permanente etapa a culminar na razão do crescimento do indivíduo, sempre além, até transcender-se na realidade espiritual do porvir.

‘As experiências de vidas pretéritas’. A criança não é um “adulto miniaturizado”, nem uma “cera plástica”, facilmente moldável. Trata-se de um espírito em recomeço, momentaneamente em esquecimento das realizações positivas e negativas que traz das vidas pretéritas, empenhado na conquista da felicidade. Redescobindo o mundo e se reidentificando, tende a repetir atitudes e atividades familiares em que se comprazia antes, ou através das quais sucumbiu.

Tendências, aptidões, percepções são lembranças evocadas inconscientemente, que renascem em forma de impressões atraentes, dominantes, assim como limitações, repulsas, frustrações, agressividade e psicoses constituem impositivos constritores ou restritivos – não poucas vezes dolorosos – de que se utilizam as Leis Divinas para corrigir e disciplinar o rebelde que, apesar da manifestação física em período infantil, é espírito relapso, mais de uma vez acumplicado com o erro, a ele fortemente vinculado, em fracassos morais sucessivos.

Ao educador, além do currículo a que se deve submeter, são indispensáveis os conhecimentos da psicologia infantil, das leis da reencarnação, alta compreensão afetiva junto aos problemas naturais do ‘processus’ educativo e harmonia interior, valores esses capazes de auxiliar eficientemente a experiência educacional.

‘Reencarnação’. As leis da reencarnação quando conhecidas, penetradas necessariamente e aplicadas, conseguem elucidar os mais intrincados enigmas que defronta o educador no processo educativo, isto porque, sem elucidação bastante ampla, nem sempre exitosas, não redundam em fracasso as mais avançadas técnicas e modernas experiências.

‘A Instrução e A Educação’. A instrução é setor da educação, na qual os valores do intelecto encontram necessário cultivo. A educação, porém, abrange área muito grande, na quase totalidade da vida. No período de formação do homem é pedra fundamental, por isso que ao instituto da família compete a indeclinável tarefa, porquanto pela educação, e não pela instrução apenas, se dará a transformação do indivíduo e conseqüentemente da Humanidade.

‘O Lar’. No lar assentam-se os alicerces legítimos da educação, que se trasladam para a escola que tem a finalidade de continuar aquele mister, de par com a contribuição intelectual, as experiências sociais... O lar constrói o homem. A escola forma o cidadão.

Desenvolvimento

‘A Escola tradicional’. A escola tradicional fundamentada no rigor da transmissão dos conhecimentos elaborava métodos repetitivos de imposição, mediante o desgoverno da força, sem abrir oportunidades ao aprendiz de formular as próprias experiências, mediante o redescobrimto da vida e do mundo.

O educador, utilizando-se da posição de semideus, fazia-se um simples repetidor das expressões culturais ancestrais, asfixiando as germinações dos interesses novos no educando e matando-as, como recalando por imposição os sentimentos formosos e nobres, ao tempo em que assinalava irremediavelmente de forma negativa os que recomeçavam a vida física sob o abençoado impositivo da reencarnação. Expunha-se o conhecimento, impondo-o.

‘A Escola Progressiva e o Materialismo’. Com a escola progressiva, porém, surgiu mais ampla visão, em torno da problemática da educação, e o educando passou a merecer o necessário respeito, de modo a desdobrar possibilidades próprias, fomentando intercâmbios experienciais a benefício de mais valiosa aprendizagem. Não mais a fixidez tradicional, porém os métodos móveis da oportunidade criativa.

Atualizada através de experiências de liberdade exagerada – graças à técnica da própria liberdade -, vem pecando pela libertinagem que enseja, porquanto, em se fundamentando em filosofias materialistas, não percebe no educando um espírito em árdua luta de evolução, mas um corpo e uma mente novos a armazenarem num cérebro em formação e desenvolvimento a herança cultural do passado e as aquisições do presente, com hora marcada para o aniquilamento, após a transposição do portal do túmulo...

Nesse sentido, conturbadas e infelizes redundaram as tentativas mais modernas no campo educacional, produzindo larga e expressiva faixa de jovens desajustados, inquietos, indisciplinados, quais a multidão que ora desfila, com raras exceções, a um passo da alucinação e do suicídio.

‘Liberdade e Responsabilidade’ – Inegavelmente, na educação a liberdade é primacial, porém com responsabilidade, a fim de que as conquistas se incorporem nos seus efeitos ao educando, que os ressarcirá quando negativos, como os fruirá em bem-estares quando positivos.

Nesse sentido, nem agressão nem abandono ao educando. Nem severidade exagerada nem negligência contumaz. Antes, técnicas de amor, através de convivência digna, assistência fraternal e programa de experiências vívidas, atuantes, em tarefas dinâmicas.

Espiritismo e Educação

Doutrina eminentemente racional, o Espiritismo dispõe de vigorosos recursos para a edificação do templo da educação, porquanto penetra nas raízes da vida, jornadeando com o espírito através dos tempos, de modo a elucidar recalques, neuroses, distonias que repontam desde os primeiros dias da conjuntura carnal, a se fixarem no carro somático para complexas provas ou expiações.

Considerando os fatores preponderantes como os secundários que atuam e desorganizam os implementos físicos e psíquicos, equaciona como problemas obsessivos as conjunturas em que padecem os trânsfugas da responsabilidade, agora travestidos em roupa nova, reencetando tarefas, repetindo experiências para a libertação.

A educação encontra no Espiritismo respostas precisas para melhor compreensão do educando e maior eficiência do educador no labor produtivo de ensinar a viver, oferecendo os ins-

trumentos do conhecimento e da serenidade, da cultura e da experiência aos reiniciantes do sublime caminho redentor, através dos quais os tornam homens voltados para Deus, o bem e o próximo.

(...) A educação, convenientemente entendida, constitui a chave do progresso moral. Quando se conhecer a arte de manejar os caracteres, como se conhece a de manejar as inteligências, conseguir-se-á corrigi-los, do mesmo modo que se aprumam plantas novas. Essa arte, porém, exige muito tato, muita experiência e profunda observação (...). (O Livro dos Espíritos, Allan Kardec, questão 917).

“Desde pequenina, a criança manifesta os instintos bons ou maus que traz da sua existência anterior. A estudá-los devem os pais aplicar-se. Todos os males se originam do egoísmo e do orgulho (...)”. (O Evangelho Segundo o Espiritismo, Allan Kardec, cap. XIV, item 9).

30.5 – “Educação Evangélica”- Explicação do Espírito Emmanuel no livro “Emmanuel”, Editora FEB, 18^a. edição, 1997, Psicografia de Francisco Cândido Xavier, págs. 177-182:

Todas as reformas sociais, necessárias em vossos tempos de indecisão espiritual, têm de processar-se sobre a base do Evangelho.

Como? – podereis objetar-nos. Pela educação, replicaremos.

O plano pedagógico que implica esse grandioso problema tem de partir ainda do simples para o complexo. Ele abrange atividades multiformes e imensas, mas não é impossível. Primeiramente, o trabalho de vulgarização deverá intensificar-se, lançando, através da palavra falada ou escrita do ensinamento, as diminutas raízes do futuro.

‘O Resultado dos Erros Religiosos’ – Toda essa multiplicidade de opiniões no campo filosófico-doutrinário, que vedes no Cristianismo, tem sua razão de ser. As almas humanas se preparam para o bom caminho. A missão do Cristianismo na Terra não era a de mancomunar-se com as forças políticas que lhe desviassem a profunda significação espiritual para os homens. O Cristo não teria vindo ao mundo para instituir castas sacerdotais e nem impor dogmatismos absurdos. Sua ação dirigiu-se, justamente, para a necessidade de se remodelar a sociedade humana, eliminando-se os preconceitos religiosos, constituindo isso a causa da sua cruz e do seu martírio, sem se desviar, contudo, do terreno das profecias que o anunciavam.

Todas essas atividades bélicas, todas as lutas antifraternas no seio dos povos irmãos, quase a totalidade dos absurdos, que complicam a vida do homem, vieram da escravização da consciência ao conglomerado de preceitos dogmáticos das Igrejas que se levantaram sobre a doutrina do Divino Mestre, contrariando as suas bases, digladiando-se mutuamente, condenando-se umas às outras em nome de Deus.

Aliado ao Estado, o Cristianismo deturpou-se, perdendo as suas características divinas.

‘Fim de um Ciclo Evolutivo’ – Sabemos todos que a Humanidade terrena atinge, atualmente, as cumeadas de um dos mais importantes ciclos evolutivos. Nessas transformações, há sempre necessidade do pensamento religioso para manter-se a espiritualidade das criaturas em momentos tão críticos. À idéia cristã se encontrava afeto o trabalho de sustentar essa coesão dos sentimentos de confiança e de fé das criaturas humanas nos seus elevados destinos; todavia, encarcerada nas grades dos dogmas católico-romanos, a doutrina de Jesus não poderia, de modo algum, amparar o espírito humano nessas dolorosas transições.

Todas as exterioridades da Igreja deixam nas almas atuais, sedentas de progresso, um vazio muito amargo.

‘Urge Reformar’ – Foi justamente quando o Positivismo alcançava o absurdo da negação, com Auguste Comte, e o Catolicismo tocava às extravagâncias da afirmativa, com Pio IX proclamando a infalibilidade papal, que o Céu deixou cair à Terra a revelação abençoada dos túmulos. O Consolador prometido pelo Mestre chegava no momento oportuno. Urge reformar, reconstruir, aproveitar o material ainda firme, para destruir os elementos apodrecidos na reorganização do edifício social. E é por isso que a nossa palavra bate insistentemente nas antigas telas do Evangelho cristão, porquanto não existe outra fórmula que possa dirimir o conflito da vi-

da atormentada dos homens. A atualidade requer a difusão dos seus divinos ensinamentos. Urge, sobretudo, a criação dos núcleos verdadeiramente evangélicos, de onde possa nascer a orientação cristã a ser mantida no lar, pela dedicação dos seus chefes. As escolas do lar são mais que precisas, em vossos tempos, para a formação do espírito que atravessará a noite de lutas que a vossa Terra está vivendo, em demanda da gloriosa luz do porvir.

‘Necessidade da Educação Pura e Simples’ – Há necessidade de iniciar-se o esforço de regeneração em cada indivíduo, dentro do Evangelho, com a tarefa nem sempre amena da auto-educação. Evangelizando o indivíduo, evangeliza-se a família; regenerada esta, a sociedade estará a caminho de sua purificação, reabilitando-se simultaneamente a vida do mundo.

No capítulo da preparação da infância, não preconizamos a educação defeituosa de determinadas noções doutrinárias, mas facciosas, facilitando-se na alma infantil a eclosão de sectarismos prejudiciais e incentivando o espírito de separatividade, e não concordamos com a educação ministrada absolutamente nos moldes desse materialismo demolidor, que não vê no homem senão um complexo celular, onde as glândulas, com as suas secreções, criam uma personalidade fictícia e transitória. Não são os sucos e os hormônios, na sua mistura adequada nos laboratórios internos do organismo, que fazem a luz do espírito imortal. Ao contrário dessa visão audaciosa dos cientistas, são os fluidos, imponderáveis e invisíveis, atributos da individualidade que preexiste ao corpo e a ele sobrevive, que dirigem todos os fenômenos orgânicos que os utopistas da biologia tentam em vão solucionar, com a eliminação da influência espiritual. Todas as câmaras misteriosas desse admirável aparelho, que é o mecanismo orgânico do homem, estão repletas de uma luz invisível para os olhos mortais.

‘Formação da Mentalidade Cristã’ – As atividades pedagógicas do presente e do futuro terão de se caracterizar pela sua feição evangélica e espiritista, se quiserem colaborar no grandioso edifício do progresso humano.

Os estudiosos do materialismo não sabem que todos os seus estudos se baseiam na transição e na morte. Todas as realidades da vida se conservam inapreensíveis às suas faculdades sensoriais. Suas análises objetivam somente a carne perecível. O corpo que estudam, a célula que examinam, o corpo químico submetido à sua crítica minuciosa, são acidentais e passageiros. Os materiais humanos postos sob os seus olhos pertencem ao domínio das transformações, através do suposto aniquilamento. Como poderá, pois, esse movimento de extravagância do espírito humano presidir à formação da mentalidade geral que o futuro requer, para a consecução dos seus projetos grandiosos de fraternidade e paz? A intelectualidade acadêmica está fechada no círculo da opinião dos catedráticos, como a idéia religiosa está presa no cárcere dos dogmas absurdos.

Os continuadores do Cristo, nos tempos modernos, terão de marchar contra esses gigantes, com a liberdade dos seus atos e das suas idéias.

Por enquanto, todo o nosso trabalho objetiva a formação da mentalidade cristã, por excelência, mentalidade purificada, livre dos preceitos e preconceitos que impedem a marcha da Humanidade. Formadas essas correntes de pensadores esclarecidos do Evangelho, entraremos, então, no ataque às obras. Os jornais educativos, as estações radiofônicas, os centros de estudo, os clubes do pensamento evangélico, as assembléias da palavra, o filme que ensina e moraliza, tudo à base do sentimento cristão, não constituem uma utopia dos nossos corações. Essas obras que hoje surgem, vacilantes e indecisas no seio da sociedade moderna, experimentando quase sempre um fracasso temporário, indicam que a mentalidade evangélica não se acha ainda edificada. A andaimaria, porém, aí está, esperando o momento final da grandiosa construção.

Toda a tarefa, no momento, é formar o espírito genuinamente cristão; terminado esse trabalho, os homens terão atingido o dia luminoso da paz universal e da concórdia de todos os corações.

*

LIVRO: O CENTRO ESPÍRITA

J. HERCULANO PIRES

CAP. XII – NO CENTRO DO MUNDO

De todas as latitudes, de todos os continentes as águas da Terra correm para o centro do mundo. Não o centro geológico determinado pelas aferições do homem, mas o centro flutuante, variável, determinado pelos balanços do vaso terreno em sua levitação cósmica, no embalo dos equilíbrios gravitacionais do planeta suspenso entre as constelações. Mas as águas não obedecem apenas aos ritmos do eterno-efêmero, nas condições oscilantes das situações orbitais. Além disso, as águas acumuladas nos grandes estuários marítimos e nos leitos dos rios e lagos evaporam-se e sobem ao céu para a formação dos cúmulos de nuvens que se desenvolvem ao solo nas incidências pluviais fecundantes ou destruidoras. Os ritmos da volatilização e das precipitações aquosas — ritmos particulares das águas açoitadas pelos ventos e pelas variáveis influências do Sol e da Lua sobre as instáveis acomodações das águas. Nesse jogo incessante de ritmos gravitacionais vemos a “constância das coisas na inconstância”, como observou o poeta Hermes Fontes. E vemos também a imagem do destino humano, que os homens seguem, que rolam das distâncias da Terra e se volatilizam na morte, projetando-se no céu para os ciclos intermináveis das reencarnações. Tudo se conjuga de maneira significativa nos diversos planos da realidade, para mostrarnos a unidade intrínseca dos processos telúricos e cósmicos.

No plano humano do confuso mundo dos homens as águas geradas pelas dores do mundo brotam das fontes ocultas do coração, cascadeiam nos olhos e nas faces e ocorrem céleres para o Centro Espírita, o Centro Humano do Mundo, juntando-se nas acomodações transitórias das consolações. As ciências e as Filosofias, as Igrejas e os Templos suntuosos não oferecem mais aos rios de lágrimas as constelações do passado. Apresentam-se como deltas secos, bocas áridas abertas e fantasmais para a inclemência do Céu e a Impiedade de Deus. A volatilização das lágrimas se faz ao ritmo das revoltas e das imprecações, no desespero oscilante dos corações, nos ritmos da angústia. Os caudais de lágrimas se desviam, no balanço doloroso dos desesperos, para o Centro Espiritual do Mundo, que não é mais a Catedral, nem o Templo ou a Mesquita, a Sinagoga ou a Sacristia, mas o Centro Espírita. Só ali, no convívio dos corações fraternos, ao calor das palavras esclarecedoras e amigas, no diálogo mediúnico de vivos e mortos, o lenitivo brota das instruções amorosas e da compreensão da realidade invisível. As Igrejas não têm diálogos, falam sobranceiras de condenações ou salvações, ambas incertas, e só oferecem a certeza dogmática da separação absoluta ou de uma ressurreição remota no final dos tempos sem fim. Os templos estão calados, os clérigos oferecem suas cerimônias suntuosas e pagas a dinheiro contado, a rastejante sabedoria terrena das tradições milenares emudeceu, murmura rouca na boca das múmias, sob as ameaças constantes dos Anjos implacáveis que voam com asas de morcegos demoníacas, ameaçando punições eternas para as faltas e os pecados da fragilidade humana. Jamais as incongruências da Igreja Cristã, em todas as suas denominações, se fizeram tão aterradoras como agora. Ante os escombros da Segunda Guerra Mundial os teólogos cristãos negaram Deus e fizeram de Jesus um dissidente tardio para chefiar a baderna do que chamam de Cristianismo Ateu. As grandes religiões orientais, como o Budismo, o Shintoísmo, o Taoísmo, o Mazdeísmo, o Bramanismo, fragmentaram-se na proliferação de seitas, voltadas para os problemas superficiais da rotina

humana. O número de seitas cristãs desovadas nas chocadeiras elétricas dos Estados Unidos e no Japão - esse país xerox de após-guerra - é de desnortear multidões. Multiplicaram-se no mundo, pelas exportações de um misticismo bastardo, em que os ancestrais nipônicos se fazem deuses estranhos de americanos e europeus, as possibilidades de opções pseudo-religiosas. A progressão algébrica do crescimento demográfico mundial não nos ameaça, como pensava Malthus, com a crise de alimentos, mas com o pauperismo espiritual. O que havia de grande nas religiões orientais, que desde a Roma dos Césares assediaram as civilizações do Ocidente, pulverizou-se com as explosões atômicas cesarianas no ventre das mitologias antigas e modernas, para repovoar o mundo; pulularam na Terra devastada milhões de pequeninos deuses levianos e vazios, sorridentes e irônicos, que na sua voracidade de gafanhotos ameaçam as religiões caducas de uma bancarrota mundial.

As Cassandras desta Tróia planetária estão agora pregando o Fim do Mundo. E embora nem todos lhes dêem crédito, as Cassandras estão certas como a profetiza troiana. O mundo vai acabar, já está mesmo nos seus últimos estertores, mas não o mundo físico e sim o mundo moral, intoxicado pelas suas próprias mentiras, hipocrisias, explorações deslavadas da boa-fé dos simples. A metamorfose religiosa não foi prejudicada, mas indiretamente auxiliada e até mesmo resguardada em seu desenvolvimento histórico, em meio às confusões e espantos desta fase a-histórica em que todos os valores se confundiram. A Natureza tem os seus recursos secretos e imponderáveis, que os dedos humanos não podem tocar. Serviu-se dos espoliados, dos marginalizados, dos ingênuos colocados à margem do processo cultural, dos amaldiçoados pelo oficialismo religioso, das vítimas das novas inquisições aniquiladoras, para resguardar as forças morais legítimas na sua destinação histórica. O Centro Espírita é hoje a semente humilde que as secas e os furacões não puderam atingir. Embora ainda, na sua maioria, mostrem-se enteados num misticismo larvar, conservam nessa própria condição negativa as energias potenciais da reconstrução. E é nesse seu trabalho missionário e humilde, socorrendo, orientando, estimulando, que ele modifica o mundo através da modificação progressiva das consciências. Porque o Mundo não é um objeto físico e mecânico, mas um ato de consciência. Suas leis essenciais não são as da matéria, mas as leis morais e espirituais. O aparente mecanismo dos naturais está carregado de intenções. Os fisiólogos gregos sabiam disso, e quando Tales se referia aos deuses que enchiam o Mundo em todas as suas dimensões, afirmava o princípio espírita de que a estrutura planetária, em seus mínimos detalhes, é controlada pelos Espíritos incumbidos da manutenção da Terra, desde os simples elementais (ainda em evolução para as condições humanas) até os Espíritos Superiores, próximo da Angelitude, que supervisionam e orientam as atividades telúricas. Na crosta planetária, ainda amparados e assistidos por milhões de entidades espirituais, os homens dominam os espaços entregues à sua jurisdição, sob a responsabilidade de suas consciências e na concessão do seu livre-arbítrio, realizando as experiências programadas por sua própria vontade. Somos nós, os homens, os construtores do Mundo, somos nós que o fazemos bom ou mau, inferior ou superior. Muitas criaturas alegam que não fazemos o que queremos, pois estamos condicionados por forças internas e externas que nos governam. Todo o Cosmos é uma estrutura de leis, o que nos permite viver nele e agir nele pela nossa vontade. Um homem no mundo não é um prisi-

oneiro ou um robô, é uma consciência que dispõe dos equipamentos da encarnação para atingir objetivos determinados pela sua consciência. Agimos, em todas as circunstâncias, dentro dos nossos condicionamentos, como um ser livre que pode fazer e desfazer. Mas como poderíamos fazer algo, se não dispuséssemos da consciência, da vontade e do meio em que vivemos? Os que sonham com a liberdade absoluta não tem uma noção clara de liberdade. Os peixes não vivem e não agem fora da água. Os pássaros não podem viver e voar no vácuo. O homem não existe fora da existência. E não há existência onde não houver o existente, que é o homem.

As Filosofias Existenciais nasceram do desespero e da impotência de Kierkegaard, teólogo protestante dinamarquês, que sofria a angústia de existir solitário, sem poder comunicar-se com ninguém, nem mesmo com a sua noiva. Por isso desmanchou o noivado. Kierkegaard era um gênio, contemporâneo de Kardec, mas condicionado pela angústia que herdara do seu próprio passado. Chegou à conclusão de que o homem só pode realmente comunicar-se com uma entidade misteriosa, que é Deus. Chamou-o de O Outro. Dos seus diálogos metafísicos com O Outro nasceram as Filosofias da Existência. Nessa mesma época, meados do século passado, Kardec descobria que a Existência é Comunicação. Os homens existem porque se comunicam entre si, com os Espíritos, com a própria Natureza e com Deus. Kardec também, como todas as criaturas, era condicionado pelo seu passado, pelas heranças biológicas, pela cultura em que nasceu, e era também um Gênio que definiu Deus como inteligência. No condicionamento de Kardec, homem de Ciências e não teólogo, havia mais abertura para a realidade. Ele fundou e desenvolveu a Ciência Espírita, enquanto a Filosofia de Kierkegaard foi fundada e desenvolvida pelos seus discípulos, tornando-se a Filosofia do Século XX. Vemos que as condições e os meios de ação de ambos eram diferentes, mas um e outro agiram como seres conscientes de si mesmos, de seus poderes e de suas limitações.

As Filosofias da Existência, à revelia de Kierkegaard, que nem sequer sabia das atividades de Kardec, endossaram os princípios da Filosofia Espírita, que nasceu naturalmente do desenvolvimento da Ciência Espírita em todos os seus princípios fundamentais. Mais tarde, Karl Jaspers, filósofo alemão existencial, demonstrou que a transcendência do homem na existência se faz pela comunicação em dois sentidos: 1) a transcendência horizontal, na comunicação humana de homens com homens; 2) a transcendência vertical na comunicação do homem com Deus, a única admitida por Kierkegaard, em virtude de seu pesado condicionamento teológico. É evidente que havia uma intenção oculta nessa coincidência do encontro à distância de Kierkegaard e Kardec no mesmo século para o nascimento de uma nova cultura na Terra. Tanto um como outro agiram e pensaram por si mesmos, na medida de seus condicionamentos, com plena consciência do que faziam incompreendidos até que a cultura terrena adquirisse dimensões para abrangê-los em sua estrutura. Hoje, graças à rápida evolução cultural dos últimos tempos, Existencialismo e Espiritismo são elementos fundamentais de um novo mundo e uma nova cultura.

A palavra existência tornou-se um conceito filosófico básico em nosso tempo. O homem vive, como vivem as plantas e os animais. Mas o homem existe quando não se limita apenas a viver. A existência é a ciência consciente do

homem que sabe por que vive e não se conforma com o simples viver. O objetivo da existência é a superação da condição humana para que o homem atinja a divindade. Então ele não é apenas um homem, mas um existente. Para Kardec, a evolução humana se faz nas existências sucessivas, em direção à Angelitude, que é o plano espiritual imediatamente superior ao da Humanidade. Sartre, cético e materialista, sustenta que o homem se frustra na morte, não chegando jamais à Angelitude. Mas Martin Heidegger, o maior filósofo alemão contemporâneo, afirma que: “O homem se completa na morte”.

O Centro Espírita, como já vimos, não se limita a consolar os aflitos com palavras. Ele prova objetivamente a sobrevivência do homem para após a morte, mostra a ação dos espíritos e o papel preponderante que eles desempenham na vida de todos nós. Graças a ele, surgiram no mundo, pelas investigações de cientistas eminentes, as Ciências Psíquicas que hoje desembocam na parapsicologia, e através das pesquisas realizadas nos maiores centros universitários do Mundo confirmou-se a realidade espírita. Nenhuma pessoa de cultura pode negar que a visão espírita do Mundo está produzindo na Terra uma nova e esplendente cultura, uma Nova Civilização.

A metamorfose religiosa é um processo de depuração, como vimos no caso dos templos. Dos grandes monumentos da Antigüidade até o aparecimento das igrejas modestas dos primórdios cristãos, vemos que a religião se despoja de suas grandezas exteriores para buscar a interioridade. Não obstante, o processo de interiorização sofre uma queda violenta no período medieval. A suntuosidade exterior volta com as catedrais, as basílicas, os Palácios cardinalícios ou Episcopais, os grandes mosteiros. Há uma invasão das forças históricas no desenvolvimento espiritual. A queda do Império Romano, que deveria auxiliar a metamorfose religiosa, pelo contrário, a embarçou, com o desenvolvimento dos Impérios Bárbaros. A fascinação dos primitivos pelas pompas, pelo esplendor material, barrou a evolução espiritual. Os frades penitentes, descalços e sujos, fugiram com seus trapos para os conventos do deserto, onde a regra era ignorância e o analfabetismo. Essa tendência masoquista do fanatismo bronco gerou as glórias obscuras da santidade sacerdotal. Os frades humildes queriam morrer em odor de santidade, ou seja, cheirando sujeira, porque isso lhes assegurava a bem-aventurança no Céu. Contra essa explosão delirante surgiram os clérigos atilados, incitando os bárbaros à conquista dos reinos da Terra. Os Godos contribuíam com sua arquitetura grandiosa e os Impérios Bárbaros restabeleceram no Cristianismo o esplendor material das Civilizações Teocráticas. Esse desvio violento no processo da metamorfose religiosa encontrou apoio nas tradições da glorificação de Deus através de monumentos terrenos. A humildade do Messias, repelida pela grandiloqüência dos judeus, recebeu o seu golpe de misericórdia no desenvolvimento do período medieval. Carlos Magno, orgulhoso do seu Império Franco, chorava por não estar com suas hostes na palestina para derrotar os inimigos do Cristo e lhe dar, ao invés da coroa de espinhos, a coroa de ouro do mais poderoso Império do Mundo. Para compensar isso, por toda parte se propagou a idéia de glorificar o Cristo e homenagear a Deus com os monumentos mais grandiosos. Desencadeara-se um processo histórico que esmagaria o Cristianismo sob o peso das grandezas materiais, permitindo completar-se a sua

deturpação, iniciada desde o momento de conversão dos últimos Imperadores de Roma.

No Renascimento e no mundo moderno a idéia de grandeza continuou a desenvolver-se, sempre amparada por pensadores, religiosos ou não, que davam o maior apreço às artes sacras, no estímulo ao desenvolvimento artístico das nações. Tolerava-se a pobreza das comunidades religiosas dedicadas à humildade e à santificação, mas a religião verdadeira era ainda aquela que dispunha de maior poder mundano, maior riqueza litúrgica, maior esplendor nas suas catedrais gigantescas. Victor Hugo, na eclosão do Romantismo, exalta a influência do Cristianismo no campo das artes, tomando para tema do seu famoso romance a Catedral de Notre Dame. Mas a eclosão do Espiritismo em França levaria o próprio Hugo a participar das sessões espíritas de Madame de Girardin. O desvio histórico da metamorfose religiosa começava a ser corrigido pela interferência dos Espíritos. Eles não falavam das grandezas materiais, mas acentuavam em suas mensagens e comunicações a significação espiritual da religião. Todas as suntuosidades religiosas, dos paramentos dos padres à suntuosidade dos templos eram consideradas inúteis. A Civilização objetiva devia ser substituída, em seu domínio absoluto, para Civilização subjetiva. E Kardec insistia, incansável; no desvalor dos esplendores materiais, quando a pobreza e a miséria, provenientes do egoísmo humano, roíam as unhas na fome das calçadas e no frio dos tugúrios.

A Revolução Espírita, continuação e desenvolvimento da Revolução Cristã, suscitou contra ela todas as forças do mundo embriagado de grandezas terrenas. Mas o Centro Espírita já estava novamente implantado na Terra, e através dele a segunda Ressurreição do Cristo, inutilmente esperada por quase dois milênios, a final se realizava na Ressurreição da sua Doutrina, tão diferente da chamada Doutrina Cristã das Igrejas. O Centro Espírita é hoje a estalagem da Estrada de Emaús na Terra, onde o Cristo ressuscitado parte o pão da verdade legítima com os discípulos que não o reconheceram. Nele, e só nele, a Religião não se disfarça em grandezas perecíveis e artificiais. O que nele se cultiva é a grandeza dos corações sinceros, devotados ao amor do próximo. Trabalho, solidariedade e tolerância, esse o roteiro que Kardec lhe indicou.

Durante o primeiro século de sua divulgação, o Espiritismo teve de enfrentar violentos ataques conjugados do Cristianismo oficializado e das instituições culturais de toda a Civilização Ocidental. Negavam-lhe tudo: lógica, natureza cristã, posição científica e filosófica. Só lhe deixavam a classificação honrosa de superstição. A honra dessa classificação decorria de sua aplicação anterior ao Cristo e ao Cristianismo puro dos primeiros tempos. Mas era natural que assim acontecesse. Cristianismo e Espiritismo surgiram no mundo como oposição a toda cultura dominante. O instinto de conservação dessa cultura — um organismo conceptual vivo e atuante, que se mostrara capaz de orientar o homem nos caminhos difíceis da ordenação do mundo — tinha necessariamente de reagir contra as invasões estranhas. O sociocentrismo agudo e agressivo de Israel, ainda hoje vivo, atuante e arrogante, então ligado estreitamente à arrogância conquistadora de Roma, teria de esmagar o invasor. No mundo moderno as condições eram as mesmas. As nações herdeiras de Roma e Bizâncio, reforçadas pela conquista e posse da sabedoria grega e pelo desenvolvimento cultural da

Europa Moderna perceberam a ameaça daquela nova estrutura conceptual que vinha da rebeldia de Rousseau através de Pestalozzi e explodia em Paris, centro mundial da cultura, pelas mãos de Kardec, um terrível sofista (como o julgavam) armado dos poderes pitônicos da magia antiga. Mas o que não esperavam era que esse “charlatão”, nascido de boa família lionesa, fosse capaz de sustentar sozinho a luta contra as forças conjugadas do mundo. Kardec, como Jesus de Nazaré o fizera no passado longínquo, cercou-se de uns poucos discípulos mal preparados e num período de apenas quinze anos construiu a sua fortaleza e ganhou mais batalhas do que Napoleão. O segredo dessa resistência e dessas vitórias não estava em armas secretas e misteriosas, mas apenas e exatamente naquilo de que mais se vangloriava a cultura dominante: o Bom-Senso. Apoiado nessa arma ingênua e frágil, que os grandes da época desprezavam como resíduo da subserviência burguesa aos Castelos Feudais, Kardec venceu. Quando, velho e esgotado, morreu do rompimento de um aneurisma cerebral, o mundo brilhante dos fins do Século XIX regozijou-se. Mas da mesma maneira porque o Cristo crucificado tornou-se mais forte e converteu Paulo de Tarso na Estrada de Damasco, Kardec morto tornou-se invencível e arrebatou Léon Denis para sucedê-lo. Denis revelou-se a altura de Paulo. Assombrou Paris com sua estranha cultura de autodidata, publicou livros que os críticos exaltaram, pronunciou conferências espíritas nos salões parisienses da alta roda — em que as mesinhas dançantes haviam provocado piadas e gargalhadas, e como contaria mais tarde o poeta Gaston Luce, seu amigo, admirador e biógrafo, partiu depois para a Cruzada Espírita solitária, por toda a Europa. Era um novo Paulo, apóstolo dos gentios, pregando por toda parte a Doutrina Espírita, consolidando-a no continente. Enfrentou depois a grande batalha dos Congressos Espiritualistas, nova tática dos adversários que pretendiam atrelar a nova Doutrina ao carro desgovernado das envelhecidas e superadas doutrinas espiritualistas do passado. Tiveram de entregar-lhe a presidência de vários congressos, e em todos eles Denis repeliu energicamente as tentativas de mistura do Espiritismo com as formas imprecisas do Espiritualismo místico e anticientífico, formalista e tradicionalista. Denis estava sempre em minoria nas assembléias, mas sempre vencida. Graças a ele, a sua firmeza doutrinária inabalável, à segurança do seu raciocínio e ao ímpeto do seu verbo, a tentativa de mistura e confusão fracassou. Conan Doyle, que traduzira o seu livro *Joana d’Arc-Médium* para o inglês, chamava-o entusiasticamente de O Druida da Lorena. Era realmente um antigo sacerdote e guerreiro celta que enfrentara nas Gálias os conquistadores romanos.

Poucos espíritas sabem das ligações do Mundo Celta com o Espiritismo. Historicamente essas ligações decorrem das semelhanças doutrinárias entre o Espiritismo e o Druidismo, religião dos celtas. Na Antigüidade os Celtas ocuparam uma posição excepcional: eram um povo monoteísta e reencarnacionista, voltado para a poesia e o canto.. Sua doutrina religiosa era exposta em tríades, pequenos poemas de três versos. As tríades eram cantadas pelos bardos nas cerimônias religiosas das selvas, onde construía seus altares de pedras gigantes sob as ramagens dos carvalhos, árvores sagradas. Sua concepção do mundo era também trinária. O Mundo se constituía de três hipóstases, planos superpostos, que eram os seguintes:

- 1) GWINFID — a Morada de Deus, plano superior e

inacessível.

2) ABRED — o Circulo da Reencarnação, que é a Terra.

3) ANUNF — a região das trevas, infernal.

A mediunidade era exercida como função sagrada pelas druidesas ou sacerdotisas e pelo bardos, poetas -cantores e médiuns.

O fato de não terem sido cristãos provoca sempre a crítica das Igrejas Cristãs às ligações dos druidas com o Espiritismo. Alegam que se tratava de um povo bárbaro que praticava sacrifícios humanos esquecidos de que também os judeus praticaram esses sacrifícios, como o atesta a Bíblia e que os essênios ainda os praticavam no tempo de Jesus. Eram resíduos selvagens que desapareceram com a evolução dos povos. Aristóteles considerou os celtas como o único povo filósofo do mundo. Existem até hoje as sociedades de cultura celta na Europa, especialmente na França, na Inglaterra, na Escócia e na Irlanda que foram regiões celtas. Kardec publicou magnífico estudo sobre os Druidas na Revista Espírita. Os Espíritos Superiores lhe disseram que ele havia sido nas Gálias o druida Allan Kardec, o que o levou a assinar os seus livros espíritas com esse nome. Léon Denis também escreveu sobre os celtas e sua religião e se considerava, como Conan Doyle o considerou, um druida reencarnado. Vencidos por César, na Travessia do Rubicão, os celtas foram catequizados pela Igreja, mas a sua religião poética, de que as tríades nos dão conceitos profundos, permaneceu como objeto de estudo no mundo cultural.

Críticos e historiadores superficiais atribuem à Índia e ao Egito o princípio da reencarnação no Espiritismo. Não é verdade. Kardec recebeu esse princípio dos Espíritos e submeteu-o a pesquisas científicas que provaram a sua realidade. A pesquisa sobre a reencarnação continua em nossos dias em plano universitário. É um capítulo das investigações parapsicológicas, inclusive na URSS, onde o Prof. Wladimir L. Raikov a realiza há anos na Universidade de Moscou. Por imperativos político do Estado de fundamentos materialistas, a pesquisa é feita na Rússia sob a designação de reencarnações sugestivas, fenômeno paranormal que altera o comportamento de certas pessoas.

No Centro Espírita a reencarnação é tratada como fenômeno de manifestação de existências anteriores, conservadas na memória subliminar e às vezes aflorada na mente e no cérebro atual. As pesquisas científicas de hoje, como as de Ian Stevenson, já publicadas em nossa língua, e as de Hamendras Barnejee, em vias de tradução, só têm confirmado as pesquisas espíritas de Kardec. O método mais usado pelos cientistas atuais é o da análise e aprofundamento das lembranças espontâneas de vidas passadas. Na Rússia tem sido aplicado o método hipnótico de regressão da memória, instituído na França pelo Cel. Albert De Rochas, quando diretor do Instituto Politécnico de Paris. Nos Centros há geralmente manifestações anímicas (da própria alma do médium) que constituem regressões espontâneas e automáticas do médium a vidas anteriores, revelando a sua personalidade anterior. Cada Centro dispõe das entidades amigas que orientam os seus trabalhos. O Centro Espírita bem dirigido por pessoas sensatas e estudiosas é uma concha acústica em que ressoam as vozes e os pensamentos dos

Espíritos e dos Homens, no diálogo dos mundos, pois nele se encontram o mundo espiritual e o mundo terreno, nas possibilidades abertas pelos dons mediúnicos de que todos dispomos.

Os que deturpam a finalidade superior do Centro Espírita, sejam dirigentes ou freqüentadores só interessados em vantagens imediatas, perdem a oportunidade de se elevarem a uma visão superior do mundo, do homem e da vida. Se cada freqüentador do Centro quiser ajudá-lo na sua missão superior de preparar os homens para um mundo melhor, a dinâmica do Centro se intensificará para o bem de todos.

*

ESCOLA DE ESPIRITISMO

J. HERCULANO PIRES

QUARTO ANO

SEGUNDA PARTE

CADEIRA DE FILOSOFIA ESPÍRITA

Desenvolvimento do ser moral e substituição da ordem Social pela ordem Moral. Natureza coercitiva da ordem social e natureza espontânea da ordem Moral. Cosmologia espírita: o Universo Moral; significação do conceito espírita de leis naturais como divinas; destinação moral dos entes, dos seres e dos mundos. O egoísmo como fonte do mal e sua superação pela caridade: realização do bem na ordem moral e seu reflexo na ordem natural. Aprimoramento das condições físicas da Terra pela elevação moral de seus habitantes. Elevação da Terra na Escala dos Mundos e do homem na Escala Espírita. Maiores possibilidades de aproximação do problema das origens pela mente humana. Desenvolvimento mental e espiritual favorável à melhor compreensão de Deus e de suas relações com o Mundo e a Humanidade. Perspectivas de relações interplanetárias.

Livro: O Mistério do Bem e do Mal. J. Herculano Pires
FILOSOFIA VIVA E RACIONAL, SEM O ESPÍRITO DE
SISTEMA

(A posição filosófica de Kardec – Uma lição de
Cassirer – A moral espírita decorre dos ensinamentos do Cristo)

Kardec foi ou não foi um filósofo? O Espiritismo é ou não é uma filosofia, um sistema filosófico? Essas indagações vêm sendo formuladas ultimamente, em alguns meios espíritas, diante da alegação de alguns adversários da doutrina, em sentido contrário. Justo, pois, que alguns leitores nos interpelem a respeito, tanto mais quando ainda há pouco houve uma referência ao assunto, neste mesmo jornal. Por outro lado, o problema é realmente de interesse doutrinário.

A propósito de Kardec, a primeira coisa a considerar é que ele jamais se disse filósofo ou pretendeu entrar para a galeria dos filósofos. Sua especialidade era a pedagogia. Foi discípulo emérito de Pestalozzi e interessou-se a fundo pelos problemas pedagógicos, deixando, na França, numerosos livros didáticos. Apesar de sua vasta cultura, e de ser constantemente solicitado pelos meios cul-

turais da época, o interesse de Kardec não se voltava para as glórias humanas. Preferiu colocar o seu saber e a sua inteligência a serviço da espiritualidade.

Quanto ao Espiritismo, é indiscutível a existência de uma filosofia espírita, cujo tratado fundamental é *O Livro dos Espíritos*. Nesse ponto, poderíamos ver uma contradição com o que dissemos acima. Basta lembrarmos, porém, que *O Livro dos Espíritos* não é de Kardec, mas dos Espíritos, para vermos que não há contradição. O próprio mestre fez sempre questão de esclarecer que a filosofia espírita não fora elaborada por ele, mas pelas entidades espirituais que, sob a égide do Espírito da Verdade, transmitiram-lhe a nova revelação.

Há pouco, alguém declarou, em entrevista a um jornal do norte do país, que *O Livro dos Espíritos* não pode ser considerado um livro filosófico, porque não está vazado na linguagem técnica. Seria o caso de perguntarmos se filosofia é uma técnica de linguagem ou um processo de indagação da verdade através do pensamento. Parafraseando conhecida passagem evangélica, podemos dizer que a filosofia é senhora da linguagem técnica e não o contrário. O que importa em *O Livro dos Espíritos* é a filosofia contida nas suas páginas, e não qualquer espécie de vocabulário técnico, da mesma maneira que o que importa no Evangelho é a sua filosofia de vida, não as suas formas de expressão.

Outra coisa de que devemos nos lembrar é que *O Livro dos Espíritos* não se destinava a criar uma nova escola filosófica, mas a fazer uma nova revelação. Assim como, sobre a revelação do Cristo, os homens trabalharam para construir sistemas filosóficos, assim também, sobre a revelação do Espírito da Verdade, os filósofos poderão construir os seus sistemas. Mas, da mesma maneira por que existe uma filosofia cristã, representada pelos princípios evangélicos, que transformaram o mundo, também existe uma filosofia espírita, orientando as novas transformações por que o mundo tem de passar, para que o Reino de Deus nele se estabeleça.

Ainda hoje se discute se existe ou não uma filosofia cristã. Não é, pois de estranhar que se pergunte pela filosofia espírita. Entretanto, no próprio *O Livro dos Espíritos* encontramos uma explicação de Kardec a respeito deste assunto. Diz o mestre: “Ele foi escrito por ordem de (e ditado pelos) Espíritos Superiores, para estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, livre dos prejuízos do espírito de sistema”. Como se vê, não interessava a Kardec formular um sistema filosófico no estilo clássico, aliás, já superado inteiramente hoje em dia, quando se compreende que a verdade não pode ser encerrada na melhor das sistematizações humanas.

Os que não vêem filosofia no Espiritismo e não reconhecem a Kardec uma posição filosófica, em virtude de questões puramente formais e, portanto, convencionais, deviam lembrar-se de que Jesus também não formulou um sistema filosófico, ao gosto da época, e que o verdadeiro pai da filosofia grega, Sócrates, também não se interessou por isso. Ernst Cassirer, em sua *Antropologia Filosófica*, acentuando a inconveniência dos sistemas clássicos, declara: “Cada teoria se converte num leito de Procusto, em que os fatos empíricos são obrigados a se acomodar a um padrão preconcebido”. Como se vê, a opinião de Kardec, sobre os inconvenientes do “espírito de sistema”, é referendada por um dos maiores pensadores atuais.

Uma das coisas que se aponta, em *O Livro dos Espíritos*, como antifilosófico, é a forma didática e, particularmente, a forma dialogada. Devemos lembrar, porém, que o diálogo é uma forma tradicional de exposição filosófica, em que os grandes filósofos sempre foram mestres. A pedagogia é uma parte da filosofia, e a própria filosofia é também pedagógica, segundo assinala René Hubert, acentuando: “Toda filosofia aspira a difundir-se, a ser uma propaganda. Ter a mão cheia de verdades e conservá-la fechada é de espíritos tacanhos. O que seria, pois, uma verdade que não quisesse comunicar-se?”

De tudo o que ficou dito, conclui-se que a posição filosófica de Kardec é inegável, embora ele nunca se dissesse filósofo; que o Espiritismo possui uma filosofia, racional e livre do espírito de sistema; e, por fim, que o problema filosófico do Espiritismo é o mesmo do Cristianismo. Quando à existência de uma ética espírita, negada por ilustre opositor da doutrina, repetimos que a moral espírita é a do Cristo, como se vê em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, e que a terceira parte de *O Livro dos Espíritos* é inteiramente dedicada ao estudo das leis morais.

*

Livro: Introdução à Filosofia Espírita

J. Herculano Pires

V — ONTOLOGIA ESPÍRITA

De Pitágoras até o Mundo Contemporâneo.

O problema do ser empolga toda a História da Filosofia e podemos considerá-lo como o elo que mantém a união do pensamento religioso com o filosófico.

Deixando de lado a Filosofia mística do Oriente, que pertence ainda à fase do sincretismo gnoseológico, na qual a Filosofia e Religião formam um todo confuso, podemos situar o início da cogitação ontológica de Pitágoras. Dele passamos às escolas em contradição dos Eleatas e dos Jônios, atravessamos a era helenística, em que Plotino se destaca no neo-pitagorismo considerando o Ser como a "alma viajora do Infinito", passamos pela Idade Média em que a mística volta a impregnar o pensamento filosófico, pelo Renascimento em que se repete com Descartes o episódio pitagórico, pelo Mundo Moderno em que o problema do Ser vai ser posto em questão e chegamos à época atual, ao Mundo Contemporâneo, em que o Ser se apresenta novamente dominando a Filosofia.

A Filosofia Espírita integra-se perfeitamente nessa tradição filosófica.

Fé e Razão. O Ser como o Centro natural de todo o processo do conhecimento. A contradição eleata-jônica e sua solução dialética na Filosofia Espírita.

E cumprindo a sua função de síntese esclarece, como vimos no caso de Fé e Razão, o sincretismo das fases místicas, mostrando o Ser como o Centro natural de todo o processo do conhecimento. A contradição eleata-jônica, que ainda hoje domina o mundo filosófico, encontra a sua solução dialética na Filosofia Espírita. Bem sabemos que esta afirmação é da mais alta gravidade, mas podemos assegurar que já seria um lugar comum se os filósofos que imperam no pensamento atual houvessem examinado sem prevenções a questão espírita. Infelizmente, como escreveu Kardec há mais de cento e vinte anos, ainda hoje podemos repetir que os homens eminentes no campo do saber assumem às vezes atitudes bastante pueris, deixando de lado questões importantes por motivos puramente circunstanciais.

Pitágoras: O Ser é o n. 1. Fé e Razão como um par. A Matemática é o seu processo racional. Fusão da concepção de Zenão e Parmênides (imobilidade do ser) com a de Tales e Heráclito ("ser" como incessante movimento, o "devir" constante).

O Ser, para Pitágoras, era representado pelo número 1. É a inefável unidade pitagórica, geralmente considerada como a substância numérica da realidade. Pitágoras, como acentuou Bertrand Russel, é o primeiro filósofo e também o primeiro homem em que Fé e Razão se definem como um par. A Matemática é o processo racional de que ele se serve para esclarecer os problemas da fé no campo da mística. De um lado, Pitágoras é um órfico (ligado à tradição de Orfeu

na história religiosa dos gregos) e de outro lado é um jônico (ligado ao desenvolvimento das pesquisas físicas de Tales, na Jônia). Assim, nele se fundem a concepção de Zenão de Eléia e Parmênides (escola eleata) do Ser como imóvel, uma esfera sem qualquer movimento (porque a esfera é a figura geométrica da perfeição e o não-movimento é a imagem ideal da perfeição), e a concepção de Tales de Mileto, do Ser como incessante movimento, a que Heráclito, de Efeso, dava a condição de constante *devir*, de renovação infinita. Definindo o Ser como a Unidade, o Número Um, Pitágoras o considerava imóvel. Mas admitindo que essa imobilidade podia sofrer abalos, dava-lhe a possibilidade de agitar-se. E era assim que ele explicava a gênese do Universo: um estremecimento de Um produz o Dois e desencadeia a Década, o número 10 que representa o Universo.

Pitágoras, Sartre, André Luiz, o Marxismo e o Neo-positivismo, Existencialismo e o ser como problema fundamental.

O Ser teológico da Mística se transforma assim no Ser racional da Filosofia e se multiplica numa infinidade de seres. Os números são infinitos e o infinito matemático representa a natureza infinita do Universo. Na Filosofia mais recente voltamos a encontrar a posição pitagórica. Para Sartre, o criador do Existencialismo Ateu, o Ser é uma espécie desses ovóides de que nos falam os livros de André Luiz (influência eleata) uma consciência fechada em si-mesma, envolta numa espécie de membrana limbosa (segundo a própria expressão sartreana em *L'etre et le Néant*), mas que se projeta na Existência (influência pitagórica) saindo de sua imobilidade e seu isolamento para *existir*. E nas demais correntes da Filosofia contemporânea o Ser continua na posição de problema fundamental. No marxismo e no neopositivismo é o ser humano o que importa. E o que é o ser humano, senão a projeção pitagórica do Ser único e a projeção sartreana do mistério *limboso*? Assim, o Ser é sempre, em qualquer sistema ou concepção, o mistério do Um e do Múltiplo.

Na Filosofia Espírita esse mistério da existência do Ser se aclara através da *revelação* e da *cogitação*. “Penso, logo existo” (Descartes); “Sinto Deus em mim, logo existo” (Kardec).

A *revelação*, como vimos, pode ser humana ou divina. No caso é divina, pois reservamos para o campo humano a expressão clássica da técnica filosófica: a *cogitação*. Os Espíritos *revelaram* a existência do Ser pela comunicação mediúnica (e a provaram pela fenomenologia mediúnica), mas os homens confirmaram essa existência pela *cogitação*, pela pesquisa mental do problema. Todos conhecemos a expressão de Descartes, *Cogito, ergo sum*; penso, logo existo. Kardec não repetiu Descartes, mas acrescentou um verbo novo ao pensar, ampliando o conceito da presença de Deus no homem. Podemos interpretar assim a posição de Kardec: *Sinto Deus em mim, logo existo*. É o que vemos no cap 10 de "*O Livro dos Espíritos*", onde a questão é assim colocada no item 6: "O sentimento intuitivo da existência de Deus que trazemos em nós seria efeito da educação e o produto de idéias adquiridas?" A resposta dos Espíritos é esta: "Se assim fosse, porque os vossos selvagens teriam também esse sentimento?"

A essas duas perguntas, a esse duelo que travou com os Espíritos, Kardec acrescenta no comentário ao mesmo item: "Se o sentimento da existência de um Ser supremo fosse apenas o produto de um ensino, não seria universal e só exis-

tiria, como as noções científicas, entre os que puderam receber o ensino.” O conceito espírita de Deus, portanto, como todos os nossos conceitos, se origina no plano do sentimento, da afetividade humana. O homem, primeiramente, sente que Deus existe. É o caso do selvagem, que Feuerbach acusou de medroso (criando Deus pela imaginação aterrorizada diante da Natureza) e que Spencer dotou de uma capacidade de abstração mental inaceitável, tanto numa apreciação psicológica, como antropológica e histórica. Primeiro sentimos, depois pensamos. Há um livrinho de Emmanuel, "*Pensamento e Vida*", recebido psicograficamente, por Chico Xavier, que explicará bem esse processo para aqueles que desejarem conhecê-lo do ponto de vista espírita.

Assim, primeiro sentimos Deus e depois pensamos nele. O Ser está em nós por essa intuição, mas nós também somos seres. Cada criatura humana é um *ser espiritual*, mas é também um *ser físico* ou um *ser corporal*.

Talvez agora se torne mais clara a nossa afirmação anterior que a Fé pertence à própria substância do Ser. Ao criar os seres (ou Espíritos) Deus lhes imprimiu sua marca, segundo Descartes, e essa marca é a idéia de Deus, inata no homem. Mas Kardec se refere a um *sentimento intuitivo* que precede à idéia e esse sentimento é que representa a verdadeira marca do obreiro em sua obra. Assim, primeiro sentimos Deus e depois pensamos nele. O Ser está em nós por essa intuição, mas nós também somos seres. Cada criatura humana é um *ser espiritual*, mas é também um *ser físico* ou um *ser corporal*. Esse problema do *Ser físico*, hoje colocado pela chamada Ontologia do Objeto, é puramente verbal e portanto abstrato no plano da Filosofia atual. Mas na Filosofia Espírita é um problema concreto e suscetível de verificação experimental. Encontramo-lo no item 605 a de "*O Livro dos Espíritos*", que assim o coloca: "Se o homem não possui uma alma animal, que por suas paixões o rebaixe ao nível dos animais, tem o seu corpo, que freqüentemente o rebaixa a esse nível, porque *o corpo é um ser dotado de vitalidade*, que possui instintos, mas não inteligentes, limitados aos interesses de sua conservação.

Nas experiências de exteriorização da sensibilidade e da motricidade realizadas pelo Cel. Albert de Rochas, diretor do Instituto Politécnico de Paris, foi possível constatar-se a realidade desse *ser vital*, que os antigos conheciam mas tomavam por uma espécie de alma humana, como vemos a partir dos gregos. Também em experiências de desdobramento mediúnico e em sessões de materialização e efeitos físicos vários observadores reconheceram materialmente a existência de uma espécie de corpo fluídico mais denso e pesado que o perispírito, que ao retirar-se do corpo material do médium embarçava o perispírito e ao mesmo tempo deixava o corpo carnal em estado de morte aparente. É o chamado *corpo vital* de certas doutrinas espiritualistas antigas, um ser que realmente corresponde à natureza animal do nosso corpo e é o responsável direto pelas nossas funções vegetativas. Assim, a Filosofia Espírita satisfaz as exigências atuais de ligação do pensamento filosófico com os dados da investigação científica, o que, aliás, constitui uma de suas características fundamentais. O *ser*, portanto, não é apenas o Espírito, é também o perispírito e o *corpo vital*.

A idéia geral de Ser, em Aristóteles e na Bíblia.

Isso a partir do desencadeamento da Década, ou seja, da multiplicação do Ser único ou supremo que é Deus. Existe uma idéia geral de *Ser*, um conceito do Ser que foi bem definido em Aristóteles e na Bíblia. Para Aristóteles, o Ser é "aquilo que é". Na Bíblia é Deus quem fala, embora figuradamente, e se explica: "Eu sou o que é". Esse conceito desce do plano divino para o humano em Descartes, quando verifica, no *cogito* que ele é porque pensa. Mas o próprio Descartes volta ao conceito divino ao afirmar a existência de Deus no homem, ao encontrar essa existência no fundo do *Cogito*, ou seja, da sua cogitação filosófica. Então, Deus é e se afirma na intuição cartesiana de Um Ser supremo, como se afirma no *sentimento intuitivo* kardeciano. Parmênides, eleata, dizia que o pensamento do Ser é o próprio Ser. E o Ser, para ele, era uma esfera pensante (a esfericidade correspondendo à perfeição) mas como pensante, era ativo em si mesmo. Isso nos lembra a afirmação de Aristóteles de que Deus é o *ato puro*, ou seja, o Ser absoluto em que todas as potencialidades se encontram *atualizadas*, realizadas *em ato*.

Na Filosofia Espírita o conceito do Ser abrange todas as categorias daquilo que é, concordando, portanto, com o pensamento filosófico antigo e moderno. Mas ela tem as suas peculiaridades. Definição do Ser Supremo.

A definição do Ser Supremo, por exemplo, nos é dada no item 1.0 de "*O Livro dos Espíritos*" da seguinte maneira: "Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas." Houve quem considerasse essa definição como antropomórfica, pois a inteligência é característica do homem. Essa crítica peca por ignorância: ignora que no Espiritismo o homem é criação de Deus e reflete no finito os seus atributos infinitos. Antes de pertencer ao homem, a inteligência é de Deus. Mas vejamos as proposições que surgem dessa definição: Deus é apresentado como inteligência porque é a causa de efeitos inteligentes; esses efeitos constituem todo o Universo e todos os seres; a inteligência é o aspecto de Deus mais acessível a nossa compreensão e mais suscetível de verificação para nós no plano fenomênico ou existencial. No comentário ao item 5 Kardec explica: "Para crer em Deus é suficiente lançar os olhos às obras da Criação. O universo existe; tem, portanto, uma causa. Duvidar da existência de Deus seria negar que todo efeito tem uma causa e avançar que o nada pode fazer alguma coisa."

Na resposta à pergunta 14 de "*O Livro dos Espíritos*", quando Kardec insiste numa definição mais completa de Deus, vemos a seguinte afirmação dos Espíritos: "Deus existe, não o podeis duvidar e isso é o essencial." Não precisamos examinar o resto da resposta, pois o exame desta simples sentença colocamos em várias pistas. São três proposições que surgem dessa afirmação:

- 1^a.) A afirmação de Deus como realidade absoluta e fundamental;
- 2^a.) A afirmação da existência de Deus, que coloca Deus no plano existencial, como realidade concreta e acessível aos nossos sentidos;
- 3^a.) A afirmação da impossibilidade de se negar Deus, que não apenas é mas também *existe*, e de cujo *ser e existir* somos partícipes.

A primeira proposição é "Deus existe", mas se desdobra logicamente em duas, afirmando primeiro a realidade de Deus como Ser e a seguir afirmando a

existência de Deus. Deus como Ser é essência, como existência se projeta no plano fenomênico. Essa dedução provém do aspecto existencial do Espiritismo, formulado independentemente das chamadas Filosofias da Existência mas contemporâneo delas. *O existir* de Deus é visível na Natureza, no Universo com suas leis: "Para crer em Deus é suficiente lançar os olhos às obras da Criação". Isto levou alguns teólogos a acusarem o Espiritismo de panteísmo, mas o próprio "*O Livro dos Espíritos*" trata do assunto, repelindo por antecipação a acusação dos teólogos. A *existência* de Deus é reconhecida pelas religiões positivas como *imanência*. Ora, a imanência de Deus na Natureza é a sua própria *existência*, é a sua forma de existir no plano fenomênico. Se o Espiritismo for panteísta, todas as religiões superiores também o são, e isso de maneira irrevogável.

A terceira proposição é a de que não podemos duvidar da existência de Deus. Ela reforça as duas anteriores. Não podemos duvidar da existência de Deus porque ela implica a nossa própria existência e a do Universo em que existimos.

Negar Deus seria negar a nós mesmos e negar a toda a realidade que nos cerca. Mas a Filosofia Espírita nos mostra também que não podemos ir além na afirmação dessa realidade suprema. Temos os nossos limites: somos Espíritos encarnados em corpos animais, submetidos a uma experiência sensorial que restringe a nossa percepção e o nosso entendimento. Falta-nos um sentido, diz o item 10 de "*O Livro dos Espíritos*", para podermos penetrar a natureza íntima de Deus. A tentativa de "entrar num labirinto" para explicar o que nos é inexplicável só poderia levar-nos ao engano e estimular o nosso orgulho. Entretanto, como vimos pela afirmação do item 10, o Espiritismo não é agnóstico. A Filosofia Espírita é evolucionista e sustenta que o homem chegará a compreender Deus em maior amplitude e profundidade, na proporção em que desenvolver as suas potencialidades espirituais.

Mas quando descemos do Ser Supremo para os seres múltiplos que povoam o universo o problema se torna mais fácil. Compreendemos sem dificuldade que Deus cria os seres com os elementos constitutivos do Universo.

A imagem simbólica do Gênesis: "Deus criou o homem do limo da terra" adquire um sentido profundo e grave. A expressão bíblica se nimba de luz e poesia. Não é mais um absurdo nem uma infantilidade: é a expressão de um processo cósmico de criação. Deus não faz o homem de barro num sentido vulgar, mas é do barro da terra, através da ação progressiva das suas leis que Ele arranca no correr dos milênios os seres da matriz do *não-ser*. Os Espíritos são os seres múltiplos e finitos que Deus cria com o barro simbólico do *princípio inteligente*, envolvidos na ganga do *fluido universal* e do *princípio material*. São como sementes mergulhadas na terra para germinar.

Mas a ontologia espírita, como todas as demais, implica ainda os problemas de essência, existência e forma. Síntese dessas posições: essência e forma constituem a existência.

Os dois primeiros desses problemas obrigam-nos a uma referência histórica. O essencialismo filosófico sofreu um abalo em nossa época com o desenvolvimento do existencialismo. As chamadas Filosofias da Existência encaram as

coisas em sua realidade imediata, ao contrário do clássico procedimento dos essencialistas que buscam a substância das coisas. Na verdade, trata-se de um simples método de abordagem do problema filosófico. Mas na Filosofia Espírita encontramos a síntese dessas posições. Os seres têm essência e essa essência se desenvolve através da evolução: é o *princípio inteligente*. Essa essência se reveste de formas diversas no processo evolutivo: a variedade infinita dos seres forma uma gigantesca escala que as Ciências distribuem em numerosas classificações de espécies, tanto na Mineralogia quanto na Botânica, na Zoologia e na Antropologia. Essência e forma constituem a existência. Tudo o que existe se constitui de uma essência que toma determinada forma e se reveste de matéria. A forma, como Aristóteles já descobrira, não pertence à matéria mas dela se apossa para amoldá-la. Procede de um elemento intermediário: o *fluido universal*, que em suas modificações diversas se apresentava como magnetismo, eletricidade, princípio vital. Lemos no item 27 de "*O Livro dos Espíritos*": "Ele se coloca entre o espírito e a matéria; é fluido, como a matéria é matéria, suscetível, em suas inumeráveis combinações com esta e sob a ação do Espírito, de produzir infinita variedade de coisas, das quais não conheceis mais que ínfima parte."

Espírito, fluido e matéria são as hipóteses (ou as faixas) do real. A realidade ontológica reflete a realidade cósmica. No ser humano essa realidade se apresenta no complexo *espírito, perispírito e matéria*. Entre os dois últimos existe ainda o *fluido vital*, como já vimos.

Essa expressão: "é fluido, como a matéria é matéria" mostra que a denominação de fluido tem um sentido hipostático. Espírito, fluido e matéria são as hipóteses (ou as faixas) do real. A realidade ontológica reflete a realidade cósmica. No ser humano essa realidade se apresenta no complexo *espírito, perispírito e matéria*. Entre os dois últimos existe ainda o *fluido vital*, como já vimos. Toda essa complexidade, entretanto, é simplesmente a expressão pluralista de um monismo fundamental. A *essência* é que tudo domina. Ela é a realidade última. Mas só através da existência conseguimos atingi-la. Temos de penetrar as capas existenciais do ser para encontrá-lo na sua realidade essencial. É por isso que o Espiritismo tem o seu aspecto existencialista: vivemos na existência, evoluímos através das existências sucessivas, vemos todas as coisas na perspectiva existencial mas buscamos em tudo a sua essência, pois sabemos que somente nela iremos encontrar o real.

A ontologia espírita oferece-nos uma visão dialética das coisas e dos seres. Aprendemos que a realidade aparente é ilusória (como a própria Física hoje nos mostra) mas que é também necessária para chegarmos à realidade verdadeira. A essência do Espírito é indestrutível, pois representa a *atualização das potencialidades do princípio inteligente, uma construção ou criação de Deus para fins que ainda ignoramos.*

O ser humano está no ápice da escala evolutiva existencial. Acima dele se abrem as perspectivas de outra existência, a dos Espíritos que superaram o domínio da matéria e que as religiões chamam anjos, devas, arcanjos e assim por diante. Esses Espíritos conservam sua individualidade após a morte do corpo e a conservam através da evolução nos mundos superiores. Só a parte formal é perecível: o corpo e o perispírito. A essência do Espírito é indestrutível, pois repre-

senta a *atualização* das potencialidades do princípio inteligente, uma construção ou criação de Deus para fins que ainda ignoramos. Como a essência é a mesma em todos os Espíritos, encarnados e desencarnados ou encarnados em mundos inferiores ou superiores, a comunicabilidade dos Espíritos é uma lei universal, regida por princípios naturais, como os de afinidade, justiça e amor. Essa lei de comunicabilidade mostra na prática o absurdo da teoria existencial da incomunicabilidade proposta por Kierkegaard. As dificuldades da comunicação humana decorrem do estágio evolutivo da Terra, mas já estão sendo superadas por todas as formas de desenvolvimento material e psíquico, particularmente pelo desabrochar progressivo da percepção extra-sensorial, no processo de aprimoramento mediúnico do homem terreno.

Um problema difícil é o da transição do princípio inteligente para o reino hominal, após a evolução nos reinos inferiores.

Em "*O Livro dos Espíritos*" Kardec se esquivou a esse problema, embora os Espíritos o tenham colocado em algumas passagens. É em "*A Gênese*", o volume final da Codificação, que ele resolve enfrentá-lo através de comunicações com Galileu, dadas na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas pelo médium Camille Flammarion. Ali se define, no n.19 do cap. VI do referido livro, como uma *iluminação divina* esse momento decisivo. O Espírito então recebe, "com o livre-arbítrio e a consciência, a noção dos seus altos destinos". E a comunicação acentua: "Unicamente a datar do dia em que o Senhor lhe imprime na fronte o seu augusto selo o Espírito toma lugar no seio da Humanidade."

Há uma espécie de seres que não figura na ontologia espírita: a dos seres condenados para sempre ou voltados eternamente ao mal.

A Filosofia Espírita não admite essa concepção aberrante da justiça e do amor de Deus. Há diversidades no processo de evolução dos Espíritos, em virtude do livre-arbítrio, indispensável ao desenvolvimento da responsabilidade espiritual. Mas não há nem pode haver seres maus por natureza, pois isso estaria em contradição com o princípio da criação de todos os seres por Deus. Durante um século o Espiritismo foi acusado de demoníaco por negar a existência de espíritos eternamente maus. Agora, a própria teologia católica se modifica em suas bases para, graças a alguns pensadores corajosos, aproximar-se da concepção espírita. É conhecido o livro revolucionário de Giovanni Papini sobre o Diabo e suas conclusões favoráveis à posição espírita. Menos conhecida é a posição do padre Teilhard de Chardin, que não avançou tanto como Papini mas acabou afirmando que o condenado não fica excluído da ordem divina

Aliás, em linhas gerais, Chardin é uma espécie de aproximação conceptual do Espiritismo, um referendun católico à Doutrina Espírita.

A escala espírita que figura em "*O Livro dos Espíritos*", a partir do n.º100, oferece-nos um esquema ontológico da evolução do homem.

Não se trata, como lembra Kardec, de um esquema rígido, mas de uma simples classificação em linhas gerais, para orientação dos estudiosos. Encontramos ali as diversas ordens e graus dos Espíritos, encarnados e desencarnados, com que nos defrontamos neste mundo. É uma classificação espiritual que tem a sua aplicação psicológica no tocante aos encarnados, oferecendo-nos uma curio-

sa tipologia que muito nos auxiliará nas relações sociais. A Psicologia Espírita, hoje em desenvolvimento, mostrará a validade e o interesse da *escala espírita* na orientação dos estudos de tipologia e caracteriologia. Como se vê, andam enganados os que pensam que o Espiritismo é uma espécie de fuga à realidade. Além de mostrar-nos as dimensões ocultas do real, ele nos oferece possibilidades de maior compreensão e controle da realidade aparente ou existencial que enfrentamos na vida terrena.

*

Livro: Evolução Espiritual do Homem

J. Herculano Pires

O HOMEM NO MUNDO COMO SER NA EXISTÊNCIA

A Teoria da Evolução das Espécies, de Darwin, foi rejeitada pela Igreja e pela maioria das escolas espiritualistas como absurda e humilhante para a Humanidade. Evidentemente chocante era, para a criatura humana, que pudéssemos descender das formas hominóides do reino animal. Feriu a suscetibilidade do homem, milenarmente cultivada no estudo das culturas religiosas, que nos apresentavam como criação à parte no Universo, a única dotada de capacidade de abstração e capacidade de discernimento suficiente, para reconhecer a sua superioridade ante todos os demais seres. A idéia bíblica e de outras escrituras sagradas, segundo a qual fomos criados por Deus à sua imagem e semelhança, conferia-nos uma posição privilegiada, muito grata do nosso orgulho, e não nos permitia aceitar a proposição atrevida e insolente de Darwin, que profanava a nossa natureza divina. Nem mesmo aceitamos a teoria conciliatória de Roussell Wallace, êmulo de Darwin, que admitia o elemento espiritual no processo evolucionista.

O próprio mestre francês da Universidade de França, Professor Denizard Rivail, de tradicional família lionesa, ao publicar *O Livro dos Espíritos*, em que compendiava a Doutrina Espírita, sob o pseudônimo de Allan Kardec – ocultando os nomes das médiuns que atuaram nas suas pesquisas –, evitou aprofundar a questão e definir claramente a sua posição no assunto, preservando as médiuns, as meninas Boudin, e evitando empecilhos maiores para a divulgação da Nova Doutrina. Só no quinto e último volume da Codificação do Espiritismo, seu livro *A Gênese - os milagres e as predições segundo o Espiritismo*, tornou clara e precisa a sua posição evolucionista quanto ao problema da evolução das espécies.

Na verdade, ele já havia antecipado a sua posição em várias passagens dos quatro livros anteriores e livros acessórios. Mas a declaração chocante de que o ser animal não se humanizava sem haver passado pela fieira devidamente fatal dos seres inferiores, constante de uma comunicação de Galileu pela mediunidade do astrônomo Camille Flammarion, só então foi incluída na Codificação. Isso revela, ao mesmo tempo, o cuidado cartesiano de Kardec e as dificuldades com que ele teve de lutar para sustentar a batalha espírita na cultura européia do século XIX. Como Descartes, seu predecessor na visão dos novos tempos, Kardec inscreveu, não no seu brasão, que não tinha, mas na sua mente, a palavra *Cristo*. Apesar disso, o Bispo de Barcelona ateou uma fogueira em praça pública para incinerar os seus livros, pois o homem não estava ao seu alcance e na França a Inquisição já não mais existia.

O religiosismo popular, na França como em toda parte, foi abalado pela resistência e a insistência de Kardec, absorvendo os seus princípios básicos. Foi então que ele se entregou à elaboração secreta de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, proporcionando ao povo os esclarecimentos espíritas. Nesse livro ele amparava e estimulava a religião do povo, mas sustentando essa religiosidade em termos racionais. Apoiava-se então no princípio doutrinário da lei de adoração – lei universal que só ele descobriu e explicou –, reativando a religião nos

corações abalados. Ainda hoje há espíritas, não raro ocupando posições de direção em instituições doutrinárias, que não compreendem a necessidade e o valor desse livro orientador da intuição religiosa popular. Não compreendem que o aspecto religioso do Espiritismo constitui a base inabalável do movimento espírita no mundo. Outros chegam a criticar Kardec por essa capitulação e outros, mais ingênuos, chegam ao cúmulo de alegar que essa tarefa cabia a Roustaing, o infeliz fascinado de Bordeaux, que lançou a obra de evidente mistificação *Os Quatro Evangelhos*, em que os evangelistas se contradizem a si mesmos e tentam forçar um retrocesso católico do religiosismo popular. A tese espúria, levantada pela Federação Espírita Brasileira, de que Roustaing estava incumbido do problema da fé é simplesmente alucinante. O pobre fascinado não foi discípulo de Kardec, jamais militou ao seu lado e teve sua obra rejeitada pelo mestre. A fé de Roustaing não podia entrosar-se na obra de Kardec, pois era a fé católica medieval, enquanto a fé espírita, definida por Kardec como fé racional, não precisava de nenhum assessor místico e fanático para se implantar na consciência dos novos tempos. O Espiritismo rejeita toda mitologia de ontem, de hoje e de amanhã. Sua função é de transformar os erros em verdades, como se lê em Kardec, e não em remendar as mitologias antigas com novos e ridículos mitos, como Roustaing tentou fazer em sua obra mistificadora, em que a obra kardeciana é deformada por um trabalho de plágio vergonhoso e de remendos adulteradores que denunciam a debilidade mental do autor. Por sinal que este mesmo declara, na introdução de sua obra, que a obteve mediunicamente (por uma médium, que foi a primeira a rejeitar a mistificação) após haver saído de um internamento em hospital de doentes mentais.

Feito esse preâmbulo necessário, convém lembrar que a religiosidade popular nada tem a ver com as religiões dos teólogos e, portanto, das igrejas. A religião pura e natural do povo nasce da lei de adoração e não das sacristias. É um impulso instintivo do homem, que busca Deus na natureza. Expusemos esse processo, como base em pesquisas antropológicas, em nosso livro *O Espírito e o Tempo*. O Espiritismo reconhece a legitimidade desse processo, a naturalidade desse impulso. A lei de adoração é hoje plenamente reconhecida pelas Filosofias da Existência, com a designação de impulso de transcendência. Esse impulso é disciplinado pela razão, na medida do desenvolvimento cultural da humanidade. O conceito de Deus se aprimora e refina na mente humana, acompanhando o desenvolvimento da Civilização. O refinamento intelectual gera ilações atrevidas que o homem vaidoso e entusiasmado com o seu progresso transforma em afirmações definitivas, desencadeando o processo das dogmáticas asfixiantes e intocáveis, porque sagradas. As revelações sutis de entidades espirituais, que o homem capta como percepções extra-sensoriais, acabam cercadas de aparatos materiais imaginários, que reforçam os dogmatismos exclusivistas. Os fatos da selva, pragmáticos e funcionais, provindos dos ritos necessários da vida animal, complicam-se com os adendos da imaginação e a vontade de potência, o anseio de poder dos homens e das organizações religiosas naturalmente absorventes. Instaure-se o poder como conquista humana e desencadeiam-se ações repressivas dos possíveis cismas e gerados por opiniões contrárias. Acendem-se as fogueiras inquisitórias e borbulham em sangue os massacres das dissidências audaciosas e as Noites de São Bartolomeu.

Todo esse processo, contraditório em si mesmo, revela a condição espiritual do homem no mundo. Desde o instante em que o ser espiritual se lança na realidade material, a sua estrutura ôntica, a estrutura espiritual do ser, inverteu todo o seu sistema direcional e seus vetores psíquicos se voltaram para os alvos terrenos. Não se trata de uma queda, mas de uma experiência necessária, em que dominam as forças materiais e prevalecem os instintos animais; o ser está submetido ao desafio do *não-ser*. Esta expressão filosoficamente tão discutida não se refere a uma possível entidade mitológica (como a do Anti-Cristo, por exemplo), mas a uma realidade inversa à que corresponde à natureza do ser.

Ninguém explicou melhor essa inversão do que Frederic Myers em sua teoria das duas mentes, a *subliminar* e a *supraliminar*. O ser como ser fica soterrado em si mesmo, guardando suas conquistas da filogênese evolutiva no inconsciente, e o homem se define na mente consciente, nivelado no plano dos interesses terrenos imediatistas. A Religião do Homem, para usarmos essa expressão de Tagore, define-se então como um sistema prático, ou seja, integrado na práxis de cada conquista do mundo. Historicamente essa visão é decepcionante. Tem-se a impressão de que a evolução humana faliu, voltando ao seu marco zero. Os poderes religiosos nada têm de divino, são exclusivamente humanos. A recente tragédia do Iran, deflagrada friamente pelo Aiatolá Comeine, num retrocesso brusco e violento à época das Civilizações Teológicas, com toda a brutalidade dos processos inquisitoriais, mostra-nos o poder de reversão dos vetores ou cargas de força da gravidade terrena. Comeine é o Grão Sacerdote da Era Teocrática, de Israel, da Mesopotâmia e do Egito ou da antiga Catai, a China Arcaica, das religiões do homem, ansiosas pela dominação material do mundo. Apoiado no *Corão*, esse Evangelho às avessas, ele ressurgiu na abertura dos despotismos desencadeados pelas conflagrações mundiais do século, numa tentativa perigosa de repetir as audácias islâmicas do passado.

A atitude agressiva da China invadindo o Vietnã de maneira brutal, depois de prudente reatamento de relações com os Estados Unidos, mostra que os telúricos do mandarinato não estavam extintos, mas apenas ressonando em seus esconderijos subterrâneos. Por outro lado, a reação russa de apoio ao Vietnã corresponde às exigências do determinismo histórico do restabelecimento do Império de Tamerlão. É evidente que esses fatos atuais se revestem de aparências como se fossem determinados apenas por circunstâncias do nosso tempo. Mas são as molas secretas dessa situação, como no caso dos totalitarismos europeus que romperam o falso equilíbrio do século com as explosões da barbárie germânica do passado.

Temos, assim, a demonstração flagrante, no panorama atual do mundo, da sobrevivência do passado histórico na conjuntura contemporânea. O princípio espírita do encadeamento de todos os fatos e todas as coisas no sistema universal nos permite ver, por trás da roupagem moderna dos conflitos atuais, a continuidade inevitável da lei de ação e reação. A lei grega da palingenesia determinava a repetição contínua dos ciclos históricos em todas as suas minúcias. Nos períodos de destruição as civilizações desapareciam, mas nos períodos de reconstrução tudo se repetia, minuciosamente: *renovavam-se as figuras do passado em suas posições antigas, as cidades renasciam das cinzas com todos os seus atributos, as situações arcaicas se restabeleciam, as aldeias ressurgiam em seus*

antigos lugares e até mesmo as estradas e os trilhos dos campos eram restabelecidos. É evidente o exagero absurdo dessa concepção, mas não menos evidente a intuição das repetições históricas, necessárias ao encadeamento dos tempos no processo evolutivo. A repetição não é nem poderia ser escrita, pois com isso se anularia a sua finalidade evolutiva. Levada por Pitágoras, do Egito à Grécia, a lei da palingenesia adaptou-se a várias concepções das diversas escolas filosóficas. Hoje o astrônomo J. Opiki sustenta a teoria do Universo Oscilante, baseada nas observações dos movimentos das galáxias. De milhões em milhões de anos o Universo se expande no infinito e depois retorna sobre si mesmo, num ritmo de sístoles e diástoles. Nesse abrir e fechar o universo se destrói e se recompõe, marcando o ritmo assombroso das transformações evolutivas. A repetição histórica é apenas um detalhe desse eterno retorno no qual se abre, humílima e fragmentária, a teoria espírita da reencarnação, hoje submetida a pesquisas científicas nos grandes centros universitários do mundo, desde os trabalhos do prof. Wladimir Raikov, na Universidade de Moscou, aos de Ian Stevenson, na Universidade da Califórnia e aos de Hamendras Nat Barnejee, na Universidade de Rajastã, na Índia. O problema pitagórico, egípcio e grego retorna às cogitações filosóficas e às pesquisas científicas na nossa civilização.

O processo evolutivo adquire assim dimensões cósmicas, segundo a proposição espírita: *Tudo se encadeia no universo.* Vemos assim que a evolução espiritual do homem não é um caso específico de transformação individual, de santificação canônica ou de *reforma íntima* de modelagem católica. O homem evolui espiritualmente na medida em que, amalgamado na experiência cósmica, é levado por essa experiência incontrolável por curas e pastores. Por isso Jesus não ensinou nem aprovou as formalidades do templo de Jerusalém, nem submeteu os seus discípulos às exigências pretensiosas do rabinato judeu. Sua lição a respeito se resume na advertência: *O que se apega à sua vida, perdê-la-á, mas o que a perder por amor de mim, esse a encontrará.* Quem vive debruçado sobre si mesmo, cuidando apenas do seu umbigo, não pode perceber e muito menos compreender a grandeza espiritual que é a sua imperecível herança de filho de Deus.

Essa a razão porque o Espiritismo rejeita a alienação do homem no culto externo, em que os mitos supostamente sagrados servem apenas aos espíritos em fase primária de evolução. A lei de adoração não nos obriga a adorar mitos de qualquer espécie. É uma lei natural que leva o homem a adorar a Deus em espírito e verdade. O impulso de transcendência que marca a natureza humana não comporta aparatos de cultos, nem sacramentos inventados pelas igrejas para o comércio da simonia. Os vendilhões do templo, condenados pelo Messias, encontraram mil maneiras de continuar na venda de suas ovelhas inocentes. Substituíram os animais sacrificiais por palavras, gestos e cerimônias, evitando complicações fiscais. Transformaram-se em mascates de palavrórios eletrônicos, vendendo palavras vazias como faziam em seu tempo os sofistas gregos que Sócrates desmascarou. Isso mostra que o espiritual caiu num ciclo vicioso, exibindo o refluir do passado na geena de fogo do Vale do Kidron, do lixo acumulado na Porta do Monturo. Estamos queimando os resíduos que impedem o fluxo natural da evolução. Nossa atualidade trágica brota ameaçadora da fermentação do lixo histórico às portas de Jerusalém. Não é Deus quem nos castiga, mas nós

mesmos que nos asfixiamos em nossa incapacidade de compreender, amar e perdoar. Apegados aos interesses terrenos, não conseguimos ainda abrir os olhos, doentes de ganância e violência, para a realidade de nossos próprios impulsos de transcendência.

*

Livro: O Mistério do Ser ante a dor e a morte

J. Herculano Pires

O SER MORAL

O problema do ser é fundamental em toda a Filosofia. Mas as definições filosóficas não o definem, antes propõem. Quando dizemos *ser humano* fazemos uma especificação perigosa, pois caímos no perigo de tomar essa expressão como sinônimo da palavra homem. E isso não é correto, pois o homem é mais do que o ser e, ao mesmo tempo, o ser é mais do que o homem. Kardec referiu-se, em *O Livro dos Espíritos*, “ao ser do corpo”. Ser é aquilo que é. Por isso, numa das metáforas da Bíblia, Iavé, o deus dos judeus, que queria passar como o Ser Supremo, disse: “Eu sou Aquele que é”. A pretensão alegrou os filhos de Deus, o povo eleito, mas não passava de uma afirmação ambígua. A palavra *ser* foi arrancada, como a costela de Adão, do verbo ser, mas não deu nenhuma Eva e sim um proteu semelhante ao da palavra alma, que Kardec sentiu-se no dever de definir para evitar confusões. Quando falamos de Deus como Ser, sempre o elevamos à grandeza suprema. Mas quando falamos do homem como ser nos referimos ao que o homem é. Há no homem, portanto, vários elementos conjugados: o corpo, a alma – o corpo espiritual ou perispírito –, as faculdades humanas normais e paranormais e a especificidade do ser humano, que é diferente de todos os demais seres. Existe a pedra e o ser da pedra, o cavalo e o ser do cavalo, a borboleta e o ser da borboleta e assim por diante. O ser é uma entidade metafísica, não visível nem tangível, uma essência e não uma forma.

Ninguém pode matar um ser, mas apenas a sua representação física. A imortalidade do homem não se define como privilégio do homem, mas do ser. Há seres de razão – matemáticos, lógicos e ideológicos – e todos eles se relacionam com o ser humano sem jamais se confundirem com este. Não é fácil definir o ser, mas não se pode olvidá-lo ou negá-lo. O que é na sua facticidade ôntica, na formação ontogenésica de suas virtualidades específicas, não pode deixar de ser, pois se integra na realidade total como forma essencial e incessantemente autogeradora, porque o ser se define, em última instância, como necessidade teleológica de toda a realidade. Por isso o *ser aqui* existencial de Heidegger que pretende ser concreto, na sua facticidade temporal, completo na sua essência e forma, ambas humanas, não passa de um fantasma (no sentido grego do termo), uma aparição no aqui e no agora, que se esvai na temporalidade, na frustração aparente da morte sartreana, vestindo-se da aparência biológica para continuar a ser na realidade ontológica pura. A morte aparece então como o *não ser*, a negação do ser em que se repete sempre na solidão da inerência física do morrer. O *não* do ser é apenas o reverso do *sim* que o afirmou no plano sensorial, contrapondo-se à sua eterna realidade metafísica. O ser nos dá as costas e desaparece. Não está mais ao nosso alcance. Mas sabemos que, apesar disso, permanece em nós, em nossa memória, em nossa afetividade, em nossa saudade, na historicidade em que nos inserimos juntamente com ele, na sua essência que se derrama em nós e em nosso redor. Verificamos que ele vive apesar da morte e que não podemos descartá-lo de maneira alguma.

Chegamos à compreensão de que ele nos deixou, mas ao mesmo tempo ficou. O que nos apavora na morte não é a morte em si mesma, mas a ausência

que se abre em nosso convívio e que é realmente impreenchível. Sabemos, de maneira profunda (em nossa consciência do real) que todos morremos e sabemos também, com a mesma certeza, oriunda de nossas experiências, que o Ser não se acaba, não se extingue, mas precisa ontologicamente de se completar na morte, como Heidegger afirma em contraposição à leviana teoria da frustração sartreana. O que nos faz sofrer não é a morte, mas a nossa recusa à realidade da vida, que leva sempre a morte atrelada ao seu carro como inevitável corolário das atividades existenciais do homem. Toda a série de experiências que constitui uma existência vai fatalmente desembocar na morte. O ato de morrer é um fechar de portas para o mundo. O Ser se engolfa em si mesmo, desliga os contatos com a realidade sensível e volta à solidão do *em-si* como coisa, isolado em sua autoinerência. Tudo se consumou na realidade possível. Cabe-lhe então, na sua câmara escura, projetar na tela da memória o seu próprio drama para assisti-lo sozinho e avaliar os seus resultados, as conseqüências para a nova abertura existencial que vai se abrir para ele nas hipóstases de Plotino. Nessa retrospectiva avaliativa o Ser assimila em última instância as suas conquistas existenciais e as consolida em si mesmo. Não será mais, nunca mais, o que era, mas carregará o que era como disposições e elementos destinados à elaboração do que será. O temor e a náusea da morte se converterão em anseio de renovação e esperança, não segundo a tese de Gabriel Marcel, mas segundo a teoria do encontro com o Outro, de Kierkegaard, no único diálogo então possível, pois o Outro é Deus, que o Ser reencontra na transcendência vertical de Karl Jaspers.

Somos obrigados a tratar esse problema da Filosofia Espírita na sua perspectiva própria e na linguagem correspondente, em conotação com as posições filosóficas atuais, porque só assim se pode demonstrar a precisão e a clareza do pensamento espírita, em flagrante contraste com a nebulosidade das teologias fantasmagóricas que as religiões masoquistas nos cevaram por milênios nos horrores da dor e da morte. Hoje essas mesmas religiões tentam romper o ergástulo de suas concepções negativas com apelos à leviandade sensorial das inovações rituais em termos de secularização e mundanismo. Não é possível nenhuma reformulação de sistemas e de princípios sem o aprofundamento filosófico dos problemas fundamentais do homem.

A posição filosófica existencial, como a abordam, do Ser na existência – pois o Ser do homem é o único realmente acessível às nossas investigações –, exclui de imediato as fabulações teológicas oriundas da pretensão da vaidade humana a serviço do obscurantismo. A Moral, na sua mais alta expressão, é questão de equilíbrio e orientação do pensamento com a afetividade. Qualquer desvio nesse sentido, com vistas a interesses secundários, como a ênfase excessiva dada à razão ou a ênfase contrária, dada ao sentimento, negam todos os valores e a própria essência da moralidade. A prova dessa premissa nos é dada pela história, mostrando que a ênfase do sentimento levou o mundo de volta aos tempos de barbárie, com brutalidade elevada ao quadrado da estupidez em nome de Deus e a ênfase da razão levou a cultura mundial ao materialismo supostamente científico, negando o homem e seus direitos, a começar da negação de Deus. De um lado, o domínio interesseiro, medroso e hipócrita dos beatos na salvação própria em detrimento da Humanidade, de outro lado a opressão dos ideólogos

insensíveis, metódicos e manhosos, tripudiando em benefício próprio e de seus greis sobre a liberdade humana.

A formação do Ser Moral, como Kardec acentuou, só é possível nas sociedades livres e orientadas pela razão e o sentimento em equilíbrio. Sem o desenvolvimento da afetividade temos apenas a razão fria e esquemática, que é o cadáver da razão.

Sem o desenvolvimento da razão só temos os instintos à solta, na deterioração progressiva do pensamento sem bússola. Toda esquematização desses campos fundamentais das energias humanas leva fatalmente à degeneração do homem, pela asfixia de suas potencialidades divinas. Arrancar o homem da animalidade, o que vale dizer arrancá-lo da brutalidade e da irresponsabilidade, submetendo-o a princípios de ordem moral puramente abstratos, com ameaças e promessas depois da morte, é minar a estrutura de suas experiências objetivas no mundo, perturbando-lhe o desenvolvimento psico-mental com dúvidas e suspeitas que o levam à distorção do pensamento na direção de interesses bastardos e conseqüentemente à degeneração moral. Não se trata da moral comum ou social, apegada a costumes, preconceitos e superstições, mas da moralidade consciencial em que se funda a conduta dos seres conscientes de suas responsabilidades no mundo dos homens. As condenações morais do meio social são geralmente proferidas por indivíduos e tribunais desprovidos de autoridade moral e até mesmo sem capacidade avaliativa nesse plano. O ser moral não se entrega ao arbítrio da incompetência de julgadores primários. Rebelar-se contra esses julgamentos e mantém a sua conduta com a serenidade e a firmeza dos seus princípios morais inabaláveis. Jesus foi condenado pela moral farisaica. Sócrates pela moral ateniense. Essas condenações só serviram para engrandecer na História e na Espiritualidade os dois condenados. O ser moral é o supremo objetivo da evolução humana na Terra. Ele encarna em nossa pobre Humanidade o arquétipo, ou seja, o modelo da perfeição humana possível em nosso mundo. Um passo além o projeta fora da órbita terrena, no plano da angelitude. Não se iludam, porém, os que acreditam na santificação, na angelização através de métodos de certos mestres de sabedoria infusa. Os próprios anjos não são criação específica e privilegiada, mas o resultado da evolução do homem, e não querem passar por divindades mitológicas. Não se identifica o ser moral pela mansidão da voz, pelos gestos delicados e as atitudes de santidade artificial. A herança divina do homem é natural e se desenvolve nas duras batalhas da carne. As criaturas seráficas sofrem sempre de anemia ou deficiência das faculdades mentais. O ser moral só se distingue dos outros pela retidão de uma conduta escrupulosa e segura, mas não exagerada ou fingida, mas comedida e firme. A sofisticação religiosa veste muita gente com peles de ovelha, muitas vezes adornada com peles de raposa. O ser moral se configura no protótipo natural do homem: franco, leal, firme em suas convicções, avesso à malícia e ao palavrorio vazio, despido do infantilismo da vaidade pessoal, das idéias de grandeza, voltado sempre para os problemas sérios da dignidade humana. Jesus multiplicou os pães para saciar a fome da multidão, mas também multiplicou o bom vinho nas bodas de Caná para estimular a alegria. A alegria espontânea e justa é um dos seus apanágios, ao contrário do que pensam os choramingas e as carpideiras. A alegria é luz que ilumina o coração das criaturas e as profundezas do Infinito. Onde a treva se implanta surge o bri-

lho de uma estrela ou a irradiação de uma constelação. O homem sério e preocupado com a verdade sabe sorrir e provocar a alegria ao seu redor. Os casmurros são criaturas doentes, tímidas, carregadas de recalques e de fobias. Mas os que fingem alegria intencional e nunca se preocupam com nada podem ser debíloides ou espertalhões. A verdadeira virtude nunca está nos extremos, como sustentava Aristóteles, mas no meio. O ser moral se define como tal pelo seu equilíbrio na balança das atitudes, sem se acumpliciar jamais com as trapaças dos extremistas da consciência prática ou da consciência teórica. A consciência estética, na sua condição de síntese total, permite-lhe ver com precisão o momento em que deve entrar na luta dos contrários, evitando abusos e desmandos que podem pôr em perigo a evolução moral e ética do mundo.

O desenvolvimento consciencial implica o aumento constante da responsabilidade. O ser prático ou o ser teórico, apegados aos aspectos normativos da aquisição de experiências e sua assimilação, podem errar com mais liberdade suas diretivas existenciais. Mas o ser moral, que acumulou experiência e saber e aprimorou sua capacidade de intuição, tem o dever de manter-se vigilante, ativo e destemido no plano de ação de sua jurisdição. Todo ser moral converte-se naturalmente num vigilante do processo evolutivo em sua área específica. Essa a razão por que ele se levanta contra os prevaricadores e os trãsfulgas, sempre ansiosos por se acomodarem em suas posições, evitando discrepâncias de opiniões na estúpida suposição de que a paz do pântano agradaria mais a Deus do que a luta pela defesa da verdade. No episódio evangélico da expulsão dos vendilhões do Templo, Jesus apareceu – e ainda hoje aparece aos olhos dos cordeirinhos mansos, nascidos apenas para balar ao crepúsculo – como envolvido por impulsos contrários ao seu ministério de amor. Mas a verdade é que havia mais amor na face irada do Messias, ante o desrespeito dos homens práticos à elevada função espiritual do Templo, do que nos rabinos ungidos com óleo sagrado, que permitiam a profanação por conveniências venais. Para Jesus, o certo era afugentar os prevaricadores, para que eles não manchassem a sua consciência imatura, servindo ainda de mau exemplo aos que vinham na retaguarda evolutiva. O plano de Deus estava muito acima dos interesses convencionais e políticos do rabinato conciliador e interesseiro. A visão de um ser moral, regido pela consciência estética, não se limitava às conveniências imediatas dos seres práticos ou retóricos, empenhados na continuidade de seus negócios rendosos.

A menção de Sócrates e Jesus, para exemplificar a complexidade da evolução consciencial, não quer dizer que todo ser moral tenha de possuir o mesmo grau consciencial desses arquétipos históricos. Como se vê na Escala Espírita de Kardec, em cada ordem de seres há sempre gradações que escalonam os tipos afins em posições diversas. O que interessa, pois, na luta do homem pelo seu desenvolvimento consciencial, não é a conquista de posições no escalonamento moral, mas a conquista incessante, nas experiências existenciais, de um grau a mais de percepção dos problemas morais.

*

Significação do conceito espírita de leis naturais como divinas; destinação moral dos entes, dos seres e dos mundos. O egoísmo como fonte do mal e sua superação pela caridade: realização do bem na ordem moral e seu reflexo na ordem natural. Aprimoramento das condições físicas da Terra pela elevação moral de seus habitantes. Elevação da Terra na Escala dos Mundos e do homem na Escala Espírita.

CÓDIGO DE DIREITO NATURAL ESPÍRITA

(José Fleurí Queiroz)

P A R T E G E R A L

A S L E I S M O R A I S

C A P Í T U L O I

A L E I D I V I N A O U N A T U R A L

I – CARACTERES DA LEI NATURAL (O Livro dos Espíritos, Itens 614 a 617^a)

Artigo 1 - A lei natural é a lei de Deus; é a única necessária à felicidade do homem; ela lhe indica o que deve fazer ou não fazer e ele só se torna infeliz porque dela se afasta. Ela é imutável e perfeita como o próprio Deus. A harmonia que regula o universo material e o universo moral se funda nas leis que Deus estabeleceu por toda a eternidade. Umás regulam o movimento e as relações da matéria bruta: são as leis físicas e seu estudo pertence ao domínio da Ciência. As outras concernem especialmente ao homem e às suas relações com Deus e com os seus semelhantes, compreendem as regras da vida do corpo e as da vida da alma: são as leis morais.

Parágrafo único – O sábio estuda as leis da matéria, o homem de bem as da alma e as segue. Ao homem é dado aprofundar o conhecimento dessas leis; mas uma só existência não lhe é suficiente para isso.

1.1 – “LEI”- Explicação do Espírito Joanna de Ângelis. (Livro “Estudos Espíritas”, Ed. FEB, Rio de Janeiro, 3ª edição, 1983, pgs. 86 a 90, psicografia de Divaldo P. Franco).

Conceito

Qualquer diretriz ou norma estabelecida no seio de uma comunidade constitui intrinsecamente a Lei.

Desde as primeiras agregações humanas, no recuado dos tempos, surgiram, por exigência do progresso, impositivos para o comportamento social que, a pouco e pouco, adquiriram dimensão jurídica. Assim, hábitos, conceitos, modos e modas, formulações éticas e religiosas surgiram paulatinamente, estabelecendo bases para os conglomerados sociais, com os altos objetivos de preservação do indivíduo, da família, da sociedade.

Os primeiros códigos surgiram da necessidade de o homem manter padrões de equilíbrio individual e geral, impondo-se linhas de segurança, através das quais o grupo se unia para progredir.

Na defesa e preservação da vida, em face dos fatores climatéricos, das agressões animais, os instintos inerentes à individualidade compulsoriamente estabeleceram os primeiros deveres,

que foram criando raízes e transformando-se em hábitos – estruturas primeiras das leis humanas. Higiene, convívio comunitário, respeito a si mesmo e aos outros, intercâmbio entre os grupos, em prol da sobrevivência, e negociações para a preservação grupal lentamente se transmitiram, gerando leis que, aceitas ou não, se transformaram em códigos estruturadores da ética, da religião, da justiça.

Pela intuição pura e simples, graças à interferência dos Espíritos Superiores, o homem hauriu nas imutáveis leis da Natureza, por refletirem as Leis de Deus, definições para a conduta e aprendeu, pela multiplicidade de impositivos que lhe escapavam ao controle, que a própria sobrevivência dependia da solidariedade, do amor, do respeito, deveres que brotavam e se desdobravam como abençoadas flores em extenso campo de esperança.

O natural respeito às forças cósmicas que o dominavam no período primário, em forma de medo, com as conseqüentes manifestações de culto religioso, a se materializarem em holocaustos, transitando do bárbaro ao sutil, desde a imolação de criaturas à oferta de flores, construiu a identificação lenta e segura entre o homem aparentemente desarmado e o Criador Paternal.

Pelo mesmo processo – mediante a mediunidade natural – os antepassados retornaram e falaram da imortalidade, propondo conceitos libertadores e, ao mesmo tempo, de sabedoria sobre os quais se estabeleceriam as futuras normas humanas que se iriam transformar em legislação terrena.

Desenvolvimento

Mesmo nas guerras em que os grupos se entredoravam, o impulso gregário fê-los abandonar a antropofagia na tribo, transferindo-a para aquele que considerava adversário, do que surgiram preceitos de combate que, hoje, nas nações civilizadas, se discutem tendo em vista os acordos firmados em Genebra, no respeito aos prisioneiros, e dos quais se faz mediadora a Cruz Vermelha Internacional.

Sem dúvida, há muito ainda por fazer, nesse capítulo da legislação humana pertinente à guerra. Todavia, merece considerar que o homem sofre a “predominância da natureza animal sobre a espiritual”, que lhe constitui lamentável fator preponderante de guerra. Belicoso para consigo mesmo, expande as paixões irrefreadas e desarticula-se, agredindo, malsinando e engendrando a própria desdita.

Código de Hamurabi. No que diz respeito à evolução dos códigos da justiça humana, a Hamurabi se deve o mais antigo conjunto de leis conhecidas pela Humanidade. Reinando de 2067 a 2025 antes de Cristo, fez gravar numa coluna de diorito preto, com aproximadamente 2,5 metros de altura, quatro mil linhas, nas quais se encontravam exarados os princípios que diziam respeito ao indivíduo e às propriedades, dividindo-se em subcapítulos, sucessivamente, nos quais se tem uma visão de equidade avançada para a época em que predominava o poder sobre o direito, a supremacia do vencedor sobre o vencido.

Pensadores e Profetas diversos. Posteriormente, as Civilizações, pela necessidade de estabelecerem códigos destinados a regerem seus membros, ora subordinados às diretrizes religiosas, ora aos impositivos éticos sobre que colocavam suas bases, formaram seus estatutos de justiça e ordem, nem sempre felizes... Pensadores e Profetas de todos os tempos, refletindo a mensagem eterna ou as disposições humanas, não obstante os malogros do passado, criaram as determinações através das quais se levantaram impérios e se construíram povos, sem o que teria dominado o caos e a sobrevivência periclitado.

Moisés e Jesus. Dos primeiros moralistas, da escola ingênua, aos grandes legisladores, ressaltam as figuras de Moisés, instrumento do Decálogo, e Jesus, o excelso paradigma do amor, que consubstanciaram as necessidades humanas, ao mesmo tempo facultando os meios liberativos para o ser que marcha na direção da imortalidade.

Adaptando as Leis Divinas, identificadas na Natureza, às faculdades humanas, aquelas permanecem modelos a que o homem, vagarosa, porém, infalivelmente, se adaptará, para a própria felicidade. Do Direito Romano aos modernos tratados, as fórmulas jurídicas evoluem, apresentando dispositivos e artigos cada vez mais concordes com o espírito de justiça do que com as ambições do comportamento individual e grupal.

Francesco Carrara. O insigne mestre do Direito italiano, deslumbrado com a magnitude da vida imperecível, já preceituava: “O dogma sobre o qual assenta nossa doutrina é o da criação operada pela mente de um Ser eterno e infinito no saber, na bondade e no poder. Renegado este princípio, tudo no Direito se torna arbitrário, ou melhor: o Direito perde a razão de ser, a soberana do mundo é a força. Aceito o princípio, dele deflui como consequência necessária o reconhecimento de uma lei de ordem imposta pelo Criador à criatura.”

E, dominado pela Presença Divina, prossegue, espiritualista: “A alma não está submetida à lei física, mas a compreende e a percebe e dela deseja o melhor, mercê da aspiração do belo.”

Complementando o raciocínio, expõe: “Esta alma inteligente e livre que Deus deu ao homem, a fim de que, com suas obras, pudesse merecer ou desmerecer, sujeitou-o, como ser moralmente livre, a uma outra lei: a lei moral.”

A Lei Natural, ou Lei de Deus e as Leis Morais. Ora, as leis morais estão estruturadas na Lei Natural ou Lei de Deus. Por serem imperfeitas, as leis elaboradas pelos homens sofrem diariamente modificações, variando de povo para povo e, ao mesmo tempo, adaptando-se a situações compatíveis com os dias da sua vigência.

Todas as criaturas têm, na sua maioria, no atual estágio da evolução da vida na Terra, consciência da Lei de Deus, sabendo o de que necessitam para a própria felicidade. Os desmandos a que se entregam, os abusos que perpetram, os excessos a que se expõem não lhes permitirão tranquilizarem-se, porque, inscrita na consciência, aquela lei superior, a seu turno, no momento justo, convocará os infratores ao reajuste, de que ninguém se furta.

Espiritismo e a Lei

Sendo o Espiritismo revelação divina para o reencontro do homem com a verdade (noultras palavras: para o religamento da criatura com o seu Criador), todos os seus ensinamentos se assentam na ‘Lei Natural’, aquela que dimana do Pai.

À semelhança de Jesus, que não veio destruir a Lei, antes submeter-se ao seu estatuto, o Espiritismo respeita as instituições humanas e os códigos dos homens, oferecendo, porém, sublimes normas de evolução, todas fundamentadas no amor ao próximo e na caridade, de cujo exercício o homem aprende, mediante o estudo contínuo e sistemático, quais as suas obrigações na Terra, as razões das vidas sucessivas, a justiça e sabedoria celestes, contribuindo, eficazmente, pela submissão e pela ação dinâmica, através do impulso dado ao progresso de todos, para a sua total libertação da dor, do desequilíbrio, da sombra, da morte...

Mediante a observância das leis morais que fluem dos exemplos e da palavra do Cristo, o homem constrói a Nova Era, na qual os códigos da intolerância e do preconceito, fomentadores do mal e do ódio, empalidecem, para que fulguem as luminosidades do bem e da verdade.

Dia virá em que o homem, amando ao seu irmão, elaborará códigos mais generosos e leis mais justas, em cujas malhas evoluirá, até o momento de plenitude espiritual.

Ciência e Amor. “O Espiritismo é de ordem divina, pois que se assenta nas próprias leis da Natureza e estai certos de que tudo o que é de ordem divina tem grande e útil objetivo. O vosso mundo se perdia; a Ciência, desenvolvida à custa do que é de ordem moral, mas conduzindo-vos ao bem-estar material, redundava em proveito do espírito das trevas. Como sabeis, cristãos, o coração e o amor têm de caminhar unidos à Ciência.”(O Evangelho segundo o Espiritismo, Allan Kardec, cap. I, item 10).

II – CONHECIMENTO DA LEI NATURAL (Idem, itens 619 a 628)

Artigo 2 - Todos podem conhecer a lei de Deus, mas nem todos a compreendem; os que melhor a compreendem são os homens de bem e os que desejam pesquisá-la. Não obstante, todos um dia a compreenderão, porque é necessário que o progresso se realize.

Justiça da reencarnação

Parágrafo único - A justiça da multiplicidade de encarnações decorre deste princípio, pois a cada nova existência sua inteligência se torna mais desenvolvida e ele compreende melhor o que é o bem e o que é o mal. Se tudo tivesse de se realizar numa só existência, qual seria a sorte de tantos milhões de seres que morrem diariamente no embrutecimento da selvageria ou nas trevas da ignorância, sem que deles dependa o próprio esclarecimento?

Revelação da Lei Divina: por Jesus e pelo Espiritismo

Artigo 3 - A lei de Deus está escrita na consciência do homem, mas os seus maus instintos freqüentemente fazem que ele a esqueça e despreze; então ela lhe é lembrada através da revelação, por Espíritos superiores, encarnados ou desencarnados, com o fim de fazer progredir a Humanidade.

Artigo 4 - Jesus é para o homem o tipo da perfeição moral a que pode aspirar a Humanidade na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo e a doutrina que ele ensinou é a mais pura expressão de sua lei, porque ele estava animado do espírito divino e foi o ser mais puro que já apareceu na Terra. Seu ensino era freqüentemente alegórico e em forma de parábolas, porque ele falava de acordo com a época e os lugares. Faz-se hoje necessário que a verdade seja inteligível para todos. É preciso, pois, explicar e desenvolver essas leis, tão pouco são os que as compreendem e ainda menos os que as praticam. O ensinamento dos Espíritos deve ser claro e sem equívocos a fim de que ninguém possa pretextar ignorância e cada um possa julgá-lo e apreciá-lo com sua própria razão.

A Verdade Relativa e a Verdade Absoluta

Artigo 5 - A verdade relativa sempre esteve ao alcance do homem; pois é necessário que cada coisa venha a seu tempo. Ela é como a luz: é preciso que nos habituemos a ela pouco a pouco, pois de outra maneira nos ofuscaria. Estando as leis divinas escritas no livro da Natureza, o homem pôde conhecê-las sempre que desejou procurá-las. Eis porque os seus princípios foram proclamados em todos os tempos pelos homens de bem, e também porque encontramos os seus elementos na doutrina moral de todos os povos saídos da barbárie, mas incompletos ou alterados pela ignorância e a superstição.

Artigo 6 - Jamais houve um tempo em que Deus permitisse ao homem receber comunicações tão completas e tão instrutivas como as que hoje lhe são dadas. Havia na Antigüidade alguns indivíduos que estavam de posse daquilo que consideravam uma ciência sagrada e da qual faziam mistério para os que consideravam profanos; eles recebiam apenas verdades esparsas no meio de um conjunto equívoco e na maioria das vezes alegórico. Não há, entretanto, para o homem de estudo, nenhum antigo sistema filosófico, nenhuma tradição, nenhuma religião a negligenciar, porque todos encerram os germes de grandes verdades, que embora pareçam contraditórias entre si, espalhadas que se acham entre acessórios sem fundamento, são hoje muito fáceis de coordenar, graças à chave que dá o Espiritismo de uma infinidade de coisas que até aqui pareciam sem razão, e cuja realidade é agora demonstrada de maneira irrecusável.

III – O BEM, O MAL E A MORAL. (Idem, itens 629 a 646)

Artigo 7 - A Moral é a regra da boa conduta e portanto da distinção entre o bem e o mal. Funda-se na observação da lei de Deus. O homem se conduz

bem quando faz tudo tendo em vista o bem e para o bem de todos, porque então observa a lei de Deus. Assim, o bem é tudo o que está de acordo com a lei de Deus e o mal é tudo o que dela se afasta. Fazer o bem é se conformar à lei de Deus; fazer o mal é infringir essa lei.

Parágrafo único - O homem, por si mesmo e se o desejar, pode distinguir o bem do mal quando crê em Deus, que lhe deu a inteligência para discernir um e outro; na dúvida, quanto à apreciação do bem e do mal, basta lembrar as palavras de Jesus: *vede o que quereríeis que vos fizessem ou não*.

Artigo 8 - A lei de Deus é a mesma para todos; mas o mal depende, sobretudo, da vontade que se tenha de fazê-lo. O bem é sempre bem e o mal sempre mal, qualquer que seja a posição do homem; a diferença está no grau de responsabilidade.

Parágrafo único - As circunstâncias dão ao bem e ao mal uma gravidade relativa. O homem comete, freqüentemente, faltas que, sendo decorrentes da posição em que a sociedade o colocou, não são menos repreensíveis; mas a responsabilidade está na razão dos meios que ele tiver para compreender o bem e o mal. É assim que o homem esclarecido que comete uma simples injustiça é mais culpável aos olhos de Deus que o selvagem que se entrega aos instintos.

O Mal e o Concurso de Pessoas

Artigo 9 - O mal recai sobre aquele que o causou. Assim, o homem que é levado ao mal pela posição em que os outros o colocaram é menos culpável que aqueles que o causaram, pois cada um sofrerá a pena não somente do mal que tenha feito, mas também do que houver provocado.

Artigo 10 - Aquele que se aproveita do mal praticado por outro é como se o cometesse; embora não o tenha praticado, torna-se participante dele e é culpável no mesmo grau. Talvez tivesse recuado diante da ação, mas, se ao encontrá-la realizada, dela se serve, é porque a aprova e a teria praticado se pudesse ou se tivesse ousado.

Resistência Voluntária ao Mal

Artigo 11 - Há virtude em resistir voluntariamente ao mal que se sente desejo de praticar, sobretudo quando se tem a possibilidade de satisfazer esse desejo; mas se o que faltou foi apenas a ocasião, o homem é culpável.

Dever de praticar o bem

Artigo 12 - É preciso fazer o bem no limite das próprias forças, pois cada um responderá por todo o mal que tiver ocorrido por causa do bem que deixou de fazer.

Parágrafo único - Não há ninguém que não possa fazer o bem; somente o egoísta não encontra jamais a ocasião de praticá-lo. É suficiente estar em relação com outros homens para se fazer o bem, e cada dia da vida oferece essa possibilidade a quem não estiver cego pelo egoísmo, porque fazer o bem não é apenas ser caridoso mas ser útil na medida do possível, sempre que o auxílio se faça necessário.

Artigo 13 - O mérito do bem está na dificuldade de praticá-lo; não há nenhum em fazê-lo sem penas e quando nada custa. Deus leva mais em conta o pobre que reparte o seu único pedaço de pão que o rico que só dá do seu supérfluo. Jesus já o disse, a propósito do óbolo da viúva.

13.1 –“A Lei Civil e a Lei Moral”– Explicação de Allan Kardec.(Allan Kardec no livro Obras Póstumas, Ed. Lake, S.Paulo, 11^a ed., 1995, pg. 288):

Os males da humanidade vêm da imperfeição dos homens; é pelos seus vícios que prejudicam uns aos outros. Enquanto os homens forem viciosos, serão infelizes, porque a luta dos interesses produzirá incessantemente misérias.

Boas leis contribuem, sem dúvida, para o melhoramento do estado social, mas são impotentes para assegurar a felicidade da humanidade, porque apenas comprimem as más paixões, mas não as aniquilam; são antes repreensivas do que moralizadoras; reprimem atos maus, que se tornam mais salientes, sem lhes destruir as causas. Além disso a bondade das leis está em relação com a bondade dos homens; enquanto eles estiverem dominados pelo orgulho e egoísmo, farão leis, que aproveitem às ambições pessoais.

A lei civil não modifica senão a superfície; a lei moral é que penetra no foro íntimo da consciência e o reforma.

Sendo pois admitido que o atrito causado ao contato dos vícios torna os homens desgraçados, está em seu melhoramento moral o único remédio para seus males. Pois que as imperfeições são a origem dos males, a felicidade aumentará, à medida que diminuïrem as imperfeições. Por melhor que seja uma instituição social, se os homens forem maus, hão de falsificá-la e desnaturá-la para que a explorem em seu particular proveito.

Quando os homens forem bons, farão boas instituições que serão duráveis, porque todos têm interesse em sua conservação.

A questão social não tem pois seu ponto de partida na forma desta ou daquela instituição; ela está inteira no melhoramento moral dos indivíduos e das massas. Aí está o princípio, a verdadeira chave da felicidade humana, porque os homens não pensarão mais em fazer o mal uns aos outros. Não basta cobrir de verniz a corrupção; é preciso extirpá-la. O princípio do melhoramento está na natureza das crenças, porque estas constituem o móvel das ações e modificam os sentimentos. Também está nas idéias inculcadas desde a infância e que se identificam com o espírito; está ainda nas idéias que o desenvolvimento ulterior da inteligência e da razão podem fortalecer, nunca destruir. É pela educação, mais ainda do que pela instrução, que se transformará a humanidade.

O homem, que trabalha seriamente em seu melhoramento, assegura sua felicidade desde esta vida; além da satisfação da sua consciência, está livre das misérias materiais e morais, que são as conseqüências forçadas de suas imperfeições. Terá calma, porque as vicissitudes não o afetarão senão de leve; terá saúde, porque não esgotará o corpo com excessos; será rico, porque é quem se satisfaz com o necessário; terá a paz da alma, porque não terá necessidades impossíveis; não será atormentado pela sede de honras e do supérfluo pela febre de ambição, da inveja e do ciúme.

Indulgente para com as imperfeições dos outros, menos sofrerá com isto; elas lhe excitam a piedade em vez da cólera. Evitando o que possa ser nocivo ao próximo, quer por palavras, quer por obras, procurando tudo o que pode ser útil e agradável aos outros, ninguém sofrerá com as suas relações; assegura a sua felicidade na vida futura, porque quanto mais se apura aqui, mais se elevará na hierarquia dos seres inteligentes, e bem cedo deixará esta de provas pelos mundos superiores, porque o mal que tiver reparado nesta vida, não reclama outras existências reparadoras e porque, na erraticidade, não encontrará senão amigos e simpatizantes e não será atormentado pela visão constante dos que teriam razão para clamar contra ele.

Vivam os homens animados destes sentimentos e serão tão felizes quanto se pode na terra; e quando pouco a pouco esses sentimentos ganhem um povo, uma raça, toda a humanidade, o nosso globo passará à ordem dos mundos felizes. Será isto uma quimera, uma utopia? Sim, para quem não crê no progresso da alma; não, para quem acredita na perfectibilidade indefinida.

13.2 – “Moral”- Explicação do Espírito Joanna de Ângelis no livro “Estudos Espíritas”, já referido.

Conceito

Moral é o conjunto de regras que constituem os bons costumes, consubstancia os princípios salutarres de comportamento de que resultam o respeito ao próximo e a si mesmo.

Decorrencia natural da evolução, estabelece as diretrizes seguras em que se fundam os alicerces da Civilização, produzindo matrizes de caráter que vitalizam as relações humanas, sem as quais o homem, por mais avançado nos esquemas técnicos, poucos passos teria conseguido desde os estados primários do sentimento.

Da constante necessidade de defender-se e defender as primeiras comunidades, ainda na fase agrária, surgiram as medidas ora restritivas, ora estimulantes entre os chefes e os subalternos e nas relações recíprocas dos indivíduos, do que resultavam produtivos empreendimentos e proveitosos aprestos no concerto de interesses. Da observação pura e simples, aglutinaram-se experiências que se transformaram, a pouco e pouco, em regras para as trocas comerciais e os acertos políticos entre os diversos grupos, evoluindo para os costumes que se fixaram nas gerações sucessivas, em forma de leis e estatutos.

Impostas por uns, espontaneamente aceitas por outros, desprezadas por muitos, as diretrizes morais evoluíram e se transformaram em Civilização e Cultura, conduzindo às diversas formas de governo superior e à manutenção da ordem pelo indivíduo, em relação a outro, à comunidade, ao Estado e reciprocamente.

Dividida em teoria e prática, a primeira busca determinar o bem supremo, enquanto a outra se encarrega de expor os múltiplos deveres, que constituem os princípios práticos, basilares da vida. Observando suas regras o homem pratica o bem e evita o mal.

Desenvolvimento: A Filosofia e a Moral.

(...) Observando-se as conquistas do homem através do conhecimento, fácil é constatar-se que as regras morais são, também, medidas de higiene e saúde, com comprometimentos profundos nas atitudes e ações do próprio Espírito.

Sendo o homem um animal em evolução, a disciplina do instinto e o desdobramento dos recursos da inteligência, bem como a necessidade da preservação da vida, impõem, a princípio, a disciplina, depois, a lei e, por fim, a Moral, que se converte em nobilitante comportamento com que se liberta das constringências primitivas e se põe em sintonia com as vibrações sutis da Espiritualidade, para onde ruma na condição de Espírito imortal que é.

A história da Filosofia é uma constante busca de uma concepção otimista do mundo. E nesse capítulo a Moral é relevante. De Hermes, com as asseverações espirituais, a Lao-tsé; de Confúcio, com os princípios da família e da sociedade fundamentando a Moral numa filosofia da Natureza, otimista, a Zoroastro e Maomé, na concepção dualista da vida; de Sócrates, Platão e Aristóteles com os conceitos políticos, morais e espirituais, às leis apresentadas por Moisés, em Jesus a Moral assume relevante proposição, que modifica a estrutura do pensamento humano e social, abrindo o campo a experiências vigorosas, em que medram as legítimas aspirações humanas, que transitam do poder da força para a força do amor...

Jesus se preocupa com a perfeição íntima, ética, intransferível, dos homens, conclamando-os a realizarem o “reino de Deus” interiormente, numa elaboração otimista.

Conclusão

A Moral Cristã. Certamente a moral cristã ainda não colimou os seus objetivos elevados, conquanto os vinte séculos passados. Todavia, diante dos esforços do Direito e da acentuada luta pacífica das organizações mundiais, a Moral, em diversas apreciações tornadas legais, sancionadas por governos e povos, atingirá, não obstante as dificuldades e transições do atual momento histórico, o seu fanal nos dias do porvir, propondo ao homem moderno, na moderação e na equidade, nos costumes corretos, aceitos pelo comportamento das gerações passadas, a vivência do máximo postulado do Cristo, sempre sábio e atual: “Fazer ao próximo o que desejar que este lhe faça”, respeitando e respeitando-se, para desfrutar a consciência apaziguada e viver

longos dias de harmonia na Terra, com felicidade espiritual depois da destruição dos tecidos físicos pelo fenômeno da morte.

Virtude. “A virtude, no mais alto grau, é o conjunto de todas as qualidades essenciais que constituem o homem de bem. Ser bom, caritativo, laborioso, sóbrio, modesto, são qualidades do homem virtuoso. Infelizmente, quase sempre as acompanham pequenas enfermidades morais que as desornam e enfraquecem. Não é virtuoso aquele que faz ostentação da sua virtude, pois que lhe falta a qualidade principal: a modéstia, e tem o vício que mais se lhe opõe: o orgulho. A virtude, verdadeiramente digna desse nome, não gosta de estadear-se. Adivinham-na; ela, porém, se oculta na obscuridade e foge à admiração das massas (...).” (O Evangelho segundo o Espiritismo, Allan Kardec, cap. XVII, item 8).

13.3 – “O Bem e o Mal: Origem do Bem e do Mal” - Explicação de Allan Kardec no livro A Gênese, Editora LAKE, S.Paulo, 17^a edição, 1994, tradução de Victor Tollendal Pacheco, apresentação e notas de J. Herculano Pires, pgs. 57 a 61:

Deus e Satanás. Sendo Deus o princípio de todas as coisas, e sendo tal princípio todo sabedoria, todo bondade, todo justiça, tudo que dele provém deve participar de seus atributos, pois que aquilo que é infinitamente sábio, justo e bom, não pode produzir nada que seja desrazoável, mau e injusto. Portanto, o mal que observamos não pode ter sua origem nele.

Se o mal fosse atribuição de um ente especial, chamado Ahriman ou Satanás, de duas coisas uma: ou tal entidade seria igual a Deus, e, por conseguinte, tão poderosa quanto ele, teria existido por toda a eternidade como ele, ou lhe seria inferior.

No primeiro caso, haveria duas potências rivais, lutando sem cessar, cada uma procurando desfazer o que a outra houvesse feito, contrariando-se mutuamente. Esta hipótese é inconciliável com a unidade de visão que se revela na disposição do universo.

No segundo caso, sendo esta entidade inferior a Deus, ser-lhe-ia subordinada; não podendo ter existido, como ele, por toda a eternidade, sem ser seu igual, teria tido um começo; se ele foi criado, não o pode ter sido, senão por Deus; Deus teria, assim, criado o Espírito do mal, o que seria a negação da infinita bondade. (Vide “O Céu e o Inferno Segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec, Cap. X, “Os demônios”).

Entretanto, o mal existe e tem uma causa.

Os males de toda espécie, físicos ou morais, que afligem a humanidade, apresentam duas categorias que é necessário distinguir: tais são os males que o homem pode evitar, e os que são independentes de sua vontade. Entre estes últimos, colocam-se os flagelos naturais.

O homem, cujas faculdades são limitadas, não pode penetrar nem abarcar o conjunto das finalidades do Criador; julga as coisas do ponto de vista de sua personalidade, dos interesses de grupos e das convenções que para si criaram, as quais não existem na ordem da Natureza; é por isso que ele freqüentemente encontra coisas más e injustas, as quais consideraria justas e admiráveis, se percebesse suas causas, sua finalidade e o resultado final. Procurando a razão de ser e a utilidade de cada coisa, reconhecerá que tudo traz o sinal da sabedoria infinita e ele se inclinará diante de tal sabedoria, mesmo em relação às coisas que não compreende.

Flagelos Naturais, a Dor, a Ciência e o Progresso. O homem recebeu como partilha uma inteligência com cujo auxílio pode anular, ou pelo menos em grande parte atenuar, os efeitos dos flagelos naturais; quanto mais saber adquire, e mais avança em civilização, menos são desastrosos tais flagelos; com uma organização social sabiamente previdente poderá mesmo neutralizar as suas conseqüências, uma vez que não as poderá evitar totalmente. Deus deu ao homem, pelas faculdades de que dotou o seu Espírito, os meios de paralisar no futuro até mesmo os efeitos daqueles flagelos que têm sua utilidade no quadro geral da Natureza, os quais, contudo, no presente, atingem os homens.

É assim que ele saneia os terrenos insalubres, neutraliza os miasmas pestilentos, fertiliza os terrenos incultos, e exerce seu engenho na preservação das inundações; edifica para si habitações mais sadias, mais sólidas, a fim de resistir aos ventos tão necessários à purificação da at-

mosfera, e coloca-se ao abrigo das intempéries; é assim, enfim, que pouco a pouco, a necessidade o estimula à criação das ciências, com cujo auxílio melhora as condições de habitabilidade do globo e aumenta a soma do seu bem-estar.

Como o homem deve progredir, os males aos quais está exposto são um estimulante ao exercício de sua inteligência, de todas as faculdades físicas e morais, mediante o incitamento à pesquisa dos meios de se subtrair aos mesmos males. Se nada receasse, nenhuma necessidade o levaria à busca do que é melhor; seu espírito se entorpeceria na inatividade; nada inventaria e nada descobriria. ‘A dor é o agulhão que empurra o homem para a frente na via do progresso’.

Males que o homem criou para si. A Lei Divina gravada na consciência do homem. O remédio ao lado do mal. Porém, os males mais numerosos são aqueles que o homem criou para si, por seus próprios vícios, aqueles que provêm de seu orgulho, de seu egoísmo, de sua ambição, de sua cobiça, de seus excessos em todas as coisas; aí está a causa das guerras e das calamidades que elas geram, das dissensões, das injustiças, da opressão do fraco pelo mais forte, enfim, da maior parte das moléstias.

Deus estabeleceu leis cheias de sabedoria, as quais não têm outra finalidade senão o bem; o homem encontra em si mesmo tudo o que é necessário para segui-las; seu caminho é traçado por sua consciência; as leis divinas estão gravadas em seu coração; e, além disso, Deus as faz lembrar sem cessar, por seus messias e seus profetas, por todos os Espíritos encarnados que receberam a missão de esclarecê-lo, moralizá-lo, aperfeiçoá-lo, e nestes últimos tempos, pela multidão de Espíritos desencarnados que se manifestam em todos os lugares. ‘Se o homem se conformasse rigorosamente com as leis divinas, não é duvidoso que evitaria os males mais amargos, e que viveria feliz sobre a Terra’. Se não o faz, é em virtude de seu livre-arbítrio, e disso ele sofre as conseqüências. (Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. V, ns. 4, 5, 6 e seguintes).

Deus, porém, cheio de bondade, colocou o remédio ao lado do mal, isto é, do próprio mal faz sair o bem. Chega um momento em que o excesso do mal moral torna-se intolerável e faz com que o homem sinta a necessidade de mudar de caminho; instruído pela experiência, é compelido a procurar um remédio no bem, sempre por efeito de seu livre-arbítrio; quando penetra num caminho melhor, o faz por efeito de sua vontade e porque reconheceu os inconvenientes do outro trilhado. A necessidade o obriga a se melhorar moralmente pelo desejo de ser mais feliz, assim como esta mesma necessidade o impeliu a melhorar as condições materiais de sua existência.

O Mal é a ausência do Bem. Deus só quer o Bem. O homem tem a causa do Mal em SI MESMO, mas tem o Livre-arbítrio para seguir As Leis Divinas, que estão em sua consciência e, assim, evitar o Mal. Pode-se dizer que o mal é a ausência do bem, como o frio é a falta do calor. O mal não é um atributo distinto, assim como o frio não é um fluido especial; um é a negação do outro. Onde o bem não existe, forçosamente existe o mal; deixar de fazer o mal já é o começo do bem. ‘Deus não quer senão o bem; o mal provém unicamente do homem. Se na criação houvesse um ser predisposto ao mal, ninguém o poderia evitar; porém, tendo o homem a causa do mal em SI MESMO, e tendo ao mesmo tempo seu livre-arbítrio e por guia as leis divinas, evitará o mal quando quiser’.

Tomemos, para comparação, um fato vulgar. Um proprietário sabe que a extremidade de seu campo é um lugar perigoso no qual poderia perecer ou machucar-se quem ali se aventurasse. Que faz ele para evitar os acidentes? Coloca nas proximidades de tal lugar, um aviso proibindo que prossigam os que por ali passem, devido ao perigo. Eis a lei; ela é sábia e previdente. Se, apesar disso, um imprudente não lhe dá atenção e ultrapassa tal lugar, e se assim chega a um mau resultado, a quem poderá ele responsabilizar, senão a si mesmo?

Assim sucede com todo o mal; o homem o evitaria se observasse as leis divinas; para exemplificar, Deus colocou um limite à satisfação de suas necessidades; o homem é advertido à saciedade; se ultrapassa esse limite, o faz voluntariamente. As moléstias, as enfermidades, a morte que delas podem resultar, são o resultado de sua imprevidência e não de ato de Deus.

Se Deus tivesse criado o homem já perfeito o mal não existiria! Sendo o mal o resultado das imperfeições do homem, e sendo o homem criado por Deus, dir-se-ia, ter Deus criado senão o mal, pelo menos a causa do mal; tivesse ele feito o homem perfeito, o mal não existiria.

Se o homem tivesse sido criado perfeito, seria levado fatalmente ao bem; ora, em virtude de seu livre-arbítrio, ele não é fatalmente levado, nem ao bem, nem ao mal. Deus quis que ele fosse submetido à lei do progresso e que esse progresso fosse o fruto de seu próprio trabalho, a fim de que tivesse o mérito desse trabalho, do mesmo modo que carrega a responsabilidade do mal que é feito por sua vontade. Levanta-se, pois, a questão de saber qual é, no homem, a fonte da propensão para o mal.

Todas as Paixões e Todos os Vícios têm seu princípio no INSTINTO DE CONSERVAÇÃO. O abuso das paixões é que constitui o mal. Se estudarmos todas as paixões, e assim também todos os vícios, veremos que ambos têm seu princípio no instinto de conservação. Tal instinto existe com toda sua força nos animais e nos seres primitivos que se aproximam mais à animalidade; aí ele domina sozinho, porque em tais seres ainda não há o contrapeso do senso moral; o ser ainda não nasceu na vida intelectual. Ao contrário, o instinto se enfraquece à medida que a inteligência se desenvolve, pois que a inteligência domina a matéria.

O destino do Espírito é a vida espiritual; porém, nas primeiras fases de sua existência corporal, apenas tem necessidades materiais a satisfazer, e com vistas a esta finalidade o exercício das paixões é uma necessidade para a conservação da espécie e dos indivíduos, ‘materialmente falando’. Entretanto, saindo desse período, tem outras necessidades; a princípio, necessidades semimorais e semimateriais, e depois, exclusivamente morais. É então que o Espírito domina a matéria; se ele abafa o jugo da matéria, avança em sua estrada providencial, aproxima-se de seu destino final. Se, ao contrário, deixa dominar-se por ela, o Espírito se retarda, assemelhando-se ao bruto. Nesta situação, ‘o que outrora era um bem, porque era uma necessidade de sua natureza, torna-se um mal, não somente porque não é mais uma necessidade, mas porque tal se torna nocivo à espiritualização do ser’. De modo semelhante, o que é qualidade na criança torna-se defeito no adulto. Assim, o mal é relativo, e a responsabilidade é proporcional ao grau de progresso.

Logo, todas as paixões têm sua utilidade providencial; sem isso, Deus teria feito algo de inútil e de nocivo. É o abuso que constitui o mal, e o homem abusa em virtude de seu livre-arbítrio. Mais adiante, esclarecido por seu próprio interesse, ele escolhe livremente entre o bem e o mal.

*

CÓDIGO DE DIREITO NATURAL ESPÍRITA

PERFEIÇÃO MORAL

III – DO EGOÍSMO (Itens 913 a 917)

Perfeição moral e egoísmo (verdadeira chaga da sociedade)

Artigo 304 – Entre os vícios, o que podemos considerar radical é o egoísmo. Dele deriva todo o mal. Estudando todos os vícios veremos que no fundo de todos existe egoísmo. Por mais que lutemos contra eles não chegaremos a extirpá-los enquanto não os atacarmos pela raiz, enquanto não houvermos destruído a causa. Que todos os nossos esforços tendam para esse fim, porque nele se encontra a verdadeira chaga da sociedade. Quem nesta vida quiser se aproximar da perfeição moral deve extirpar do seu coração todo sentimento de egoísmo, porque é incompatível com a justiça, o amor e a caridade: ele neutraliza todas as outras qualidades.

O egoísmo e a educação

Artigo 305 – Estando o egoísmo fundado no interesse pessoal, parece difícil extirpá-lo inteiramente do coração do homem. Chegaremos a isso, entretanto, à medida que os homens se esclareçam sobre as coisas espirituais, dando me-

nos valor às materiais; em seguida, é necessário reformar as instituições humanas, que o entretêm e excitam. Isso depende da educação.

O egoísmo e as reencarnações dos Espíritos

Artigo 306 – Sendo o egoísmo inerente à espécie humana, não será um obstáculo permanente ao reino do bem absoluto sobre a Terra?

- É certo que o egoísmo é o vosso mal maior, mas ele se liga à inferioridade dos Espíritos encarnados na Terra e não à Humanidade em si mesma. Ora, os Espíritos se purificam nas encarnações sucessivas, perdendo o egoísmo assim como perdem as outras impurezas. Não tendes na Terra algum homem destituído de egoísmo e praticante da caridade? Existem em maior número do que julgais, mas conheceis poucos porque a virtude não se procura fazer notar. E se há um, porque não haverá dez? Se há dez, por que não haverá mil, e assim por diante?

O egoísmo e seu crescimento: necessidade urgente de destruí-lo

Artigo 307 – O egoísmo, longe de diminuir, cresce com a civilização, que parece excitá-lo e entretê-lo. Como poderá a causa destruir o efeito?

- Quanto maior é o mal, mais horrível se torna. Era necessário que o egoísmo produzisse muito mal para fazer compreender a necessidade de sua extirpação. Quando os homens se tiverem despidido do egoísmo que os domina, viverão como irmãos, não se fazendo o mal, e se ajudarão reciprocamente pelo sentimento fraterno de ‘solidariedade’. Então, o forte será o apoio e não o opressor do fraco e não mais se verão homens desprovidos do necessário, porque todos praticarão a lei da justiça. Esse é o reino do bem que os Espíritos estão encarregados de preparar. (Ver item 784 de O Livro dos Espíritos).

Meios de destruir o egoísmo

Artigo 308 – De todas as imperfeições humanas, a mais difícil de desarraizar é o egoísmo, porque se liga à influência da matéria, da qual o homem, ‘ainda muito próximo da sua origem’, não pôde libertar-se. Tudo concorre para entreter essa influência; suas leis, sua organização social, sua educação. O egoísmo se enfraquecerá com a predominância da vida moral sobre a vida material, e sobretudo com a compreensão que o Espiritismo vos dá quanto ao vosso estado futuro ‘real’ e não desfigurado pelas ficções alegóricas (céu, inferno etc.). O Espiritismo bem compreendido, quando estiver identificado com os costumes e as crenças, transformará os hábitos, as usanças e as relações sociais. ‘O egoísmo se funda na importância da personalidade (orgulho); ora, o Espiritismo bem compreendido, repito-o, faz ver as coisas de tão alto que o sentimento da personalidade desaparece de alguma forma perante a imensidade. Ao destruir essa importância, ou pelo menos ao fazer ver a personalidade naquilo que de fato ela é, ele combate necessariamente o egoísmo’.

É o contato que o homem experimenta do egoísmo dos outros que o torna geralmente egoísta, porque sente a necessidade de se pôr na defensiva. Vendo que os outros pensam em si mesmos e não nele, é levado a ocupar-se de si mesmo mais que dos outros. Que o princípio da caridade e da fraternidade seja a base das instituições sociais, das relações legais de povo para povo e de homem

para homem, e este pensará menos em si mesmo quando vir que os outros o fazem; ‘sofrerá, assim, a influência moralizadora do exemplo e do contato’. Em face do atual desdobramento do egoísmo é necessária uma verdadeira virtude para abdicar da própria personalidade em proveito dos outros, que em geral não o reconhecem. É a esses, sobretudo, que possuem essa virtude, que está aberto o reino dos céus; a eles sobretudo está reservada a felicidade dos eleitos, pois em verdade vos digo que no dia do juízo, quem quer que não tenha pensado senão em si mesmo será posto de lado e sofrerá no abandono. (Ver item 785 de O Livro dos Espíritos – o orgulho e o egoísmo).

308.1 – “O Egoísmo e a Educação Moral” - Comentário de Kardec no item 917 de O Livro dos Espíritos:

Louváveis esforços são feitos, sem dúvida, para ajudar a Humanidade a avançar; encorajam-se, estimulam-se, honram-se os bons sentimentos, hoje mais do que em qualquer outra época, e, não obstante, o verme devorador do egoísmo continua a ser a praga social. É um verdadeiro mal que se espalha por todo o mundo e do qual cada um é mais ou menos vítima. É necessário combatê-lo, portanto, como se combate uma epidemia. Para isso, deve-se proceder à maneira dos médicos: remontar à causa. Que se pesquisem em toda a estrutura da organização social, desde a família até aos povos, da choupana ao palácio, todas as causas, as influências patentes ou ocultas que excitam, entretêm e desenvolvem o sentimento do egoísmo. Uma vez conhecidas as causas, o remédio se apresentará por si mesmo; só restará então combatê-las, senão a todas ao mesmo tempo, pelo menos por parte, e pouco a pouco o veneno será extirpado. A cura poderá ser prolongada porque as causas são numerosas, mas não se chegará a esse ponto se não se atacar o mal pela raiz, ou seja, com a EDUCAÇÃO. Não essa educação que tende a fazer homens instruídos, mas a que tende a fazer HOMENS DE BEM. A educação, se for bem compreendida, será a CHAVE DO PROGRESSO MORAL. Quando se conhecer a ARTE DE MANEJAR OS CARACTERES como se conhece a de manejar as inteligências, poder-se-á endireitá-los, da mesma maneira como se endireitam as plantas novas. Essa arte, porém, requer MUITO TATO, MUITA EXPERIÊNCIA E UMA PROFUNDA OBSERVAÇÃO. É um grave erro acreditar que basta ter a ciência para aplicá-la de maneira proveitosa. Quem quer que observe, desde o instante do seu nascimento, o filho do rico e do pobre, notando todas as influências perniciosas que agem sobre eles em conseqüência da fraqueza, da incúria e da ignorância dos que os dirigem, e como em geral os meios empregados para MORALIZAR fracassam, não pode admirar-se de encontrar no mundo tanta confusão. Que se faça pela moral tanto quanto se faz pela inteligência e ver-se-á que, se há naturezas refratárias, há também, em maior número do que se pensa, as que requerem apenas boa cultura para darem bons frutos. (Ver item 872 de O Livro dos Espíritos).

O homem quer ser feliz e esse sentimento está na sua própria natureza; eis por que ele trabalha sem cessar para melhorar a sua situação na Terra e procura as causas de seus males para os remediar. Quando compreender bem que o egoísmo é uma dessas causas, aquela que engendra o orgulho, a ambição, a cupidez, a inveja, o ódio, o ciúme, dos quais a todo momento ele é vítima, que leva a perturbação a todas as relações sociais, provoca as dissensões, destrói a confiança, obrigando-o a se manter constantemente numa atitude de defesa em face ao seu vizinho, e que, enfim, do amigo faz um inimigo, então ele compreenderá também que esse vício é incompatível com a sua própria segurança. Dessa maneira, quanto mais sofrer mais sentirá a necessidade de o combater, como combate a peste, os animais daninhos e todos os outros flagelos. A isso será solicitado pelo seu próprio interesse. (Ver item 784 de O Livro dos Espíritos).

O EGOÍSMO É A FONTE DE TODOS OS VÍCIOS, COMO A CARIDADE É A FONTE DE TODAS AS VIRTUDES. Destruir um e desenvolver a outra deve ser o alvo de todos os esforços do homem, se ele deseja assegurar a sua felicidade neste mundo tanto quanto no futuro.

IV – “EGOÍSMO E ORGULHO”: ‘Causas, Efeitos e Meios de Destruí-los’ – (Vide Livro ‘Obras Póstumas’ de Allan Kardec, Ed. Lake, 11^a ed. 1995. Tradução de João Teixeira de Paula. Introdução de José Herculanô Pires.)

O Egoísmo tem origem no Orgulho

Artigo 309 – É fato reconhecido que a maior parte das misérias da vida provém do egoísmo dos homens. Desde que cada um só pensa em si sem pensar nos outros e ainda só quer a satisfação dos próprios desejos, é natural que a procure a todo preço, sacrificando, embora, os interesses de outrem, quer nas pequenas, quer nas maiores coisas, tanto na ordem moral, como na material. Daí, todo o antagonismo social, todas as lutas, conflitos e misérias, visto como cada um quer pôr o pé adiante dos outros.

O egoísmo tem origem no orgulho. A supremacia da própria individualidade arrasta o homem a considerar-se acima dos demais. Julgando-se com ‘direitos preferenciais’, molesta-se por tudo o que, em seu entender, o prejudica. A importância que, por orgulho, atribui à sua pessoa, naturalmente o torna egoísta.

O Egoísmo e o Orgulho têm origem no Instinto de Conservação

Artigo 310 – O egoísmo e o orgulho têm origem num sentimento natural: o instinto de conservação. Todos os instintos têm razão de ser e utilidade, pois que Deus não faz coisa inútil. Deus não criou o mal; é o homem que o produz por abuso dos dons divinos, em virtude do livre-arbítrio.

Este sentimento (instinto de conservação) contido em justos limites é bom em si; a sua exageração é que o torna mau e pernicioso. O mesmo acontece às paixões, que o homem desvia do seu fim providencial. Deus não criou o homem egoísta e orgulhoso, mas simples e ignorante; foi o homem que, ao malversar o instinto, que Deus lhe deu para a própria conservação, se tornou egoísta e orgulhoso.

Egoísmo e Orgulho: obstáculos à paz, fraternidade, liberdade e igualdade

Artigo 311 – Os homens não podem ser felizes enquanto não viverem em paz, isto é, enquanto não forem animados pelos sentimentos de benevolência, indulgência e condescendência recíprocas e enquanto procurarem esmagar uns aos outros. ‘A caridade e a fraternidade resumem todas as condições e deveres sociais, mas reclamam abnegação’. Ora, a abnegação é incompatível com o egoísmo e com o orgulho; logo, com estes vícios não pode haver verdadeira fraternidade, e, em consequência, igualdade e liberdade; porque o egoísta e o orgulhoso tudo querem para si. Serão sempre eles os vermes roedores de todas as instituições progressistas, e, enquanto reinarem, os mais generosos sistemas sociais, os mais sabiamente combinados, cairão aos golpes deles.

Faz gosto ver proclamar-se o reino da fraternidade, mas para que fazê-lo, se uma causa destrutiva existe? É construir na areia; o mesmo fora decretar a saúde numa região malsã. Em tal região, para que os homens passem bem, não bastará se mandem médicos, pois que estes morrerão como os outros. Insta destruir as causas da insalubridade.

Se quiserdes que os homens vivam como irmãos, na Terra, não basta dar-lhes lições de moral; é preciso destruir a causa do antagonismo existente e atacar a origem do mal: o orgulho e o egoísmo. É aquela a chaga que deve merecer toda a atenção daqueles que desejem seriamente o bem da humanidade. Enquanto

subsistir aquele obstáculo, estarão paralisados os seus esforços, não só por uma resistência de inércia, como, também, por uma força ativa que trabalhará incessantemente para destruir a obra que empreendam; porque toda idéia grande, generosa e emancipadora arruína as pretensões pessoais.

Meios de destruir o egoísmo e o orgulho: identificação do homem com a vida futura

Artigo 312 – Destruir o egoísmo e o orgulho é impossível, dir-se-á, porque esses vícios são inerentes à espécie humana. Se assim fosse, impossível seria o progresso moral; entretanto, quando consideramos o homem em diversas épocas, reconhecemos, à evidência, um progresso incontestável. Logo, se temos sempre progredido, em progresso continuaremos. Por outro lado, não haverá algum homem limpo de orgulho e de egoísmo? Não há exemplos de uma pessoa dotada de natureza generosa, em quem o sentimento do amor ao próximo, da humildade, do devotamento e da abnegação, parece inato? O número é inferior ao dos egoístas, bem o sabemos, e se assim não fosse, estes não fariam a lei; mas não é tão reduzido, como pensam, e se parece menor é porque a virtude, sempre modesta, se oculta na sombra, ao passo que o orgulho se põe em evidência. Se, pois, o egoísmo e o orgulho fossem condições de vida, como a nutrição, então, sim, não haveria exceção.

O essencial, portanto, é fazer que a exceção passe a ser regra e, para isso, incumbe destruir as causas produtoras do mal. A principal é, evidentemente, a falsa idéia, que faz o homem da sua natureza, do seu passado e do seu futuro. Não sabe donde vem, julga-se mais do que é; não sabendo para onde vai, concentra todos os pensamentos na vida terrestre. Deseja viver o mais agradavelmente, procurando a realização de todas as satisfações, de todos os gozos. É por isso que investe contra o vizinho, se este lhe opõe obstáculo; então entende dever dominar, porque a igualdade daria aos outros o direito que ele quer só para si, a fraternidade lhe imporia sacrifícios em detrimento do próprio bem-estar, e a liberdade, deseja-a só para si, não concedendo a outrem senão a que não fira as suas prerrogativas. Se todos têm essas pretensões, hão de surgir perpétuos conflitos, que farão comprar bem caro o pouco gozo, que conseguem fruir.

Identifique-se o homem com a vida futura e a sua perspectiva mudará inteiramente, como acontece a quem sabe que pouco tempo deve estar em ruim pouso e que dele saindo alcançará um excelente para o resto da vida.

A importância da presente vida, tão triste, tão curta e efêmera, desaparece diante do esplendor da vida futura infinita, que se abre à frente. A consequência natural e lógica desta certeza é o sacrifício voluntário do presente fugidio a um futuro sem fim, ao passo que antes tudo era sacrificado ao presente. Desde que a vida futura se torna o fim, que importa gozar mais ou menos nesta? Os interesses mundanos são acessórios, em vez de principais. Trabalha-se no presente a fim de assegurar-se uma boa posição no futuro, sabendo quais as condições para alcançá-la. Em matéria de interesses mundanos, podem os homens opor obstáculos que ocasionem a necessidade de combatê-los, o que gera o egoísmo. Se, porém, erguerem os olhos para onde a felicidade não pode ser perturbada por ninguém, nenhum interesse se lhe deparará em oprimir a quem quer que seja e,

conseqüentemente, não haverá razão de ser para o egoísmo, embora subsista o estimulante do orgulho.

Crença em Deus, na preexistência da alma, na reencarnação e na vida futura são os principais requisitos para destruir o orgulho.

Artigo 313 – A causa do orgulho está na crença que o homem tem, da sua superioridade individual, e aqui se faz ainda sentir a influência da concentração do pensamento nas coisas da vida terrestre. O sentimento de personalidade arrasta o homem que nada vê diante de si, atrás de si ou acima de si; então o seu orgulho não conhece medidas.

A incredulidade, além de não ter meio para combater o orgulho, estimula-o e dá-lhe razão, pelo fato de negar a existência de um poder superior à humanidade. O incrédulo só crê em si; é, portanto, natural que tenha orgulho, não vendo nos contratempus que se lhe oferecem senão obra do acaso; ao passo que o crente vê a mão do Senhor naqueles contratempus e curva-se submisso, enquanto o outro se revolta.

Crer em Deus e na vida futura é pois a principal condição para quebrar o orgulho; mas não é a única. Conjuntamente com o futuro, é preciso ter em vista o passado, para poder fazer justa idéia do presente. ‘Para que o orgulhoso cesse de crer em sua superioridade, é preciso provar-lhe que ele não é mais que os outros e que todos lhe são iguais, que a igualdade é um fato e não uma teoria filosófica. São verdades que derivam da preexistência da alma e da reencarnação’.

Sem a preexistência da alma, o homem, que crê em Deus, é levado a acreditar que Deus lhe conferiu vantagens excepcionais; e o que não crê em Deus rende graças ao acaso e ao seu próprio mérito. A preexistência, dando-lhe a noção da vida anterior da alma, ensina-o a distinguir a vida espiritual, infinita, da vida corporal, temporária. Ele chega por aí a compreender que as almas saem iguais das mãos do Criador, têm o mesmo ponto de partida e o mesmo fim – a perfeição -, que todos atingirão em mais ou menos tempo, segundo os esforços empregados; que ele próprio não chegou ao ponto em que se acha senão depois de ter longa e penosamente vegetado, como os outros, nos planos inferiores; que não há entre os mais e os menos adiantados senão questão de tempo; que as vantagens do nascimento são puramente corporais e não afetam o Espírito; que o proletário pode, noutra existência, nascer em um trono e o mais poderoso vir como proletário.

O orgulho, as desigualdades sociais e as vidas sucessivas (reencarnação)

Artigo 314 – Se o homem não considerar senão a vida corporal, vê as desigualdades sociais e não as pode explicar; mas se lançar a vista para o prolongamento da vida espiritual, para o passado e o futuro, desde o ponto de partida até o terminal, todas aquelas desigualdades se lhe desfazem perante os olhos e reconhecerá que Deus não deu a nenhum de seus filhos vantagens que negasse a outros; que fez a partilha com a mais rigorosa igualdade, não preparando o caminho melhor para uns do que para outros; que o mais atrasado de hoje, dedicando-se à obra do seu aperfeiçoamento, pode ser amanhã mais adiantado; enfim, reconhece que, não se elevando ninguém a não ser pelos esforços pessoais,

‘o princípio da igualdade tem o caráter de um princípio de justiça e de lei natural’, diante das quais não prevalece o orgulho dos privilégios.

A reencarnação, provando que os Espíritos podem renascer em diferentes condições sociais, quer como expiação, quer como prova, faz-nos saber que muitas vezes tratamos desdenhosamente uma pessoa que foi noutra existência nosso superior ou igual, amigo ou parente. Se soubéssemos disso, tratá-lo-íamos com atenção, mas neste caso não haveria nenhum mérito; e, se soubéssemos que o amigo de hoje fôra antes um inimigo, um servo, um ‘escravo’, não o repeliríamos? Deus não quis que fosse assim, e por isso lançou um véu sobre o passado para que em todos víssemos irmãos e iguais, como é mister para estabelecer-se a ‘fraternidade’; sabendo que podemos ser tratados como houvermos tratado os outros, firmaremos o princípio de ‘caridade como dever e necessidade, fundados nas leis da natureza’.

Caridade, igualdade, fraternidade são leis naturais, como prova o Espiritismo

Artigo 315 – Jesus assentou o princípio da caridade, da igualdade e da fraternidade, fazendo dele uma condição expressa para a salvação; mas, estava reservado à terceira manifestação da vontade de Deus, ao Espiritismo, pelo conhecimento que faculta da vida espiritual, pelos novos horizontes que desvenda e pelas leis que revela, sancionar esse princípio, provando que ele não encerra uma simples doutrina moral, mas uma ‘lei da Natureza’ que o homem tem o máximo interesse em praticar. Ora, ele a praticará desde que, deixando de encarar o presente como o começo e o fim, compreenda a solidariedade que existe entre o presente, o passado e o futuro. No campo imenso do infinito, que o Espiritismo lhe faz entrever, anula-se a sua importância capital e ele percebe que, por si só, nada vale e nada é; que todos têm necessidade uns dos outros e que uns não são mais do que os outros: ‘duplo golpe, no seu egoísmo e no seu orgulho’.

A Fé Cega e a Fé Raciocinada

Artigo 316 – Para a realização do que foi dito no artigo anterior, porém, é preciso que os homens tenham fé, sem a qual ficarão detidos dentro do círculo do presente, mas não a fé cega, que foge da luz, que acanha as idéias e, portanto, alimenta o egoísmo, ‘mas sim a fé inteligente, racional’, que pede a luz e não as trevas, que rasga, ousadamente, o véu dos mistérios e alarga os horizontes. Essa fé, elemento essencial de todo progresso, é a que o Espiritismo proclama: fé robusta, porque se firma na experiência e nos fatos, dá as provas palpáveis da imortalidade da alma e nos ensina donde ela vem, para onde vai e porque está na terra e, finalmente, fixa as nossas idéias a respeito do futuro.

Uma vez encaminhados por esta larga via, não daremos mais ao orgulho e ao egoísmo o pasto, que os alimenta, resultando daí o seu aniquilamento progressivo e a modificação de todos os laços sociais pela caridade e pela fraternidade bem compreendidas.

Pode dar-se essa modificação bruscamente? Não, isso é impossível, pois nada vai de um salto em a natureza; a saúde não volta subitamente; e, entre a moléstia e a cura, há sempre a convalescença. O homem não pode, instantanea-

mente, mudar de sentimentos e elevar os olhos da terra ao céu; o infinito deslumbra-o e confunde-o; precisa de tempo para assimilar as novas idéias.

Espiritismo: elemento mais potente de moralização

Artigo 317 – O Espiritismo é, sem contestação, o elemento mais potente de moralização, porque mina pela base o egoísmo e o orgulho, dando sólido fundamento à moral; faz milagres de conversão. Não são ainda, é certo, senão curas individuais, e, quase sempre, parciais; mas o que ele produz nos indivíduos é prenúncio do que produzirá um dia nas massas populares. Não pode, de uma vez, arrancar toda a erva daninha; mas dá a fé, que é boa semente e que não precisa senão de tempo para germinar e frutificar. Eis porque ainda não são todos perfeitos. Ele encontrou o homem no meio da vida, no ardor das paixões, na força dos preconceitos, e se em tais condições tem operado prodígios, como não operará quando o tomar no berço, virgem de todas as impressões malélicas, quando lhe der, com o leite, a caridade, e o acalentar com a fraternidade, quando, enfim, uma geração inteira vier alimentada por idéias que a razão fortificará em vez de debilitar? ‘Sob o império dessas idéias, que serão mandamentos de fé racional para todos’, o progresso, limpando a estrada de egoísmo e orgulho, penetrará nas instituições que se reformarão a si mesmas, e a humanidade caminhará rapidamente para os destinos que lhe estão prometidos na Terra, enquanto não chega a hora de alcançar os do céu.

V – CARACTERES DO HOMEM DE BEM (Item 918)

O verdadeiro homem de bem é o que pratica a lei de justiça, de amor e de caridade na sua mais completa pureza

Artigo 318 – O Espírito prova a sua elevação quando todos os atos da sua vida corpórea constituem a prática da lei de Deus e quando compreende por antecipação a vida espiritual.

318. 1 – “O verdadeiro homem de bem” – Comentário de Kardec no item 918 de O Livro dos Espíritos:

O verdadeiro homem de bem é aquele que pratica a ‘lei de justiça, de amor e de caridade’ na sua mais completa pureza. Se interroga sua consciência sobre os atos praticados, perguntará se não violou essa lei, se não cometeu nenhum mal, se fez todo o bem ‘que podia’, se ninguém teve de se queixar dele; enfim, se fez para os outros tudo o que gostaria que os outros lhe fizessem.

O homem possuído pelo sentimento de caridade e de amor ao próximo faz o bem pelo bem, sem esperança de recompensa, e sacrifica o seu interesse pela justiça.

Ele é bom, humano e benevolente para com todos, porque vê irmãos em todos os homens, sem exceção de raças ou de crenças.

Se Deus lhe deu o poder e a riqueza, olha essas coisas como ‘um depósito’ do qual deve usar para o bem, e disso não se envaidece porque sabe que Deus, que lhas deu, também poderá retirá-las.

Se a ordem social colocou homens sob a sua dependência, trata-os com bondade e benevolência porque são iguais perante Deus; usa de sua autoridade para lhes erguer a moral e não para os esmagar com o seu orgulho.

É indulgente para com as fraquezas dos outros, porque sabe que ele mesmo tem necessidade de indulgência e se recorda destas palavras do Cristo: “Que aquele que estiver sem pecado atire a primeira pedra”.

Não é vingativo; a exemplo de Jesus, perdoa as ofensas para não se lembrar senão dos benefícios, porque sabe ‘que lhe será perdoado assim como tiver perdoado’.

Respeita, enfim, nos seus semelhantes, todos os direitos decorrentes da ‘lei natural’, como desejaria que respeitassem os seus.

VI – CONHECIMENTO DE SI MESMO – (Itens 919 e 919-a)

Meio prático mais eficaz para se melhorar nesta vida e resistir ao arrastamento do mal

Artigo 319 – Qual o meio prático mais eficaz para se melhorar nesta vida e resistir ao arrastamento do mal?

- Um sábio da Antigüidade vos disse: “Conhece-te a ti mesmo”.

- A dificuldade está precisamente em se conhecer a si próprio. Qual o meio de se chegar a isso?

319.1 – “Conhecimento de si mesmo: meio de se chegar a ele” - Explicação do Espírito Santo Agostinho, no item 919-a de O Livro dos Espíritos:

Fazei o que eu fazia quando vivi na Terra: no fim de cada dia interrogava a minha consciência, passava em revista o que havia feito e perguntava a mim mesmo se não tinha faltado ao cumprimento de algum dever, se ninguém teria motivo para se queixar de mim. Foi assim que cheguei a me conhecer e ver o que em mim necessitava de reforma. Aquele que todas as noites lembrar-se de todas as suas ações do dia, e se perguntar o que fez de bem ou de mal, pedindo a Deus e ao seu anjo guardião que o esclareçam, adquirirá uma grande força para se aperfeiçoar, porque, acreditai-me, Deus o assistirá. Formulai, portanto, as vossas perguntas, indagai o que fizestes e com que fito agistes em determinada circunstância, se fizestes alguma coisa que censuraríeis nos outros, se praticastes uma ação que não ousaríeis confessar. Perguntai ainda isto: Se aprouvesse a Deus chamar-me neste momento, ao entrar no mundo dos Espíritos, onde nada é oculto, teria eu de temer o olhar de alguém? Examinai o que pudésseis ter feito contra Deus, depois contra o próximo e, por fim, contra vós mesmos. As respostas serão motivo de repouso para vossa consciência ou indicarão um mal que deve ser curado.

Como julgar a si mesmo?

O conhecimento de si mesmo é portanto a chave do melhoramento individual. Mas, dizeis, como julgar a si mesmo? Não se terá a ilusão do amor-próprio, que atenua as faltas e as torna desculpáveis? O avarento se julga simplesmente econômico e previdente, o orgulhoso se considera tão somente cheio de dignidade. Tudo isso é muito certo, mas tendes um meio de controle que não vos pode enganar. ‘Quando estiverdes indecisos quanto ao valor de uma de vossas ações, pergunteis como a qualificaríeis se tivesse sido praticada por outra pessoa’. Se a censurardes em outros, ela não poderia ser mais legítima para vós, porque Deus não usa de duas medidas para a justiça. Procurai, também, saber o que pensam os outros e não negligencieis a opinião dos vossos inimigos, porque eles não têm nenhum interesse em disfarçar a verdade e, geralmente, Deus os colocou ao vosso lado como um espelho, para vos advertirem com mais franqueza do que o faria um amigo. Que aquele que tem a verdadeira vontade de se melhorar explore, portanto, a sua consciência, a fim de arrancar dali as más tendências como arranca as ervas daninhas do seu jardim; que faça o balanço da sua jornada moral como o negociante o faz dos seus lucros e perdas, e eu vos asseguro que o primeiro será mais proveitoso que o outro. Se ele puder dizer que a sua jornada foi boa, pode dormir em paz e esperar sem temor o despertar na outra vida.

Consagrar alguns minutos diários à conquista da felicidade eterna

Formulai, portanto, perguntas claras e precisas e não temais multiplicá-las; pode-se muito bem consagrar alguns minutos à conquista da felicidade eterna. Não trabalhais todos os dias para ajuntar o que vos dê repouso na velhice? Esse repouso não é objeto de todos os vossos desejos, o alvo que vos faz sofrer as fadigas e as privações passageiras? Pois bem: o que é esse repouso de alguns dias, perturbado pelas enfermidades do corpo, ao lado daquilo que aguarda o homem de bem? Isto não vale a pena de alguns esforços? Sei que muitos dizem que o presente é

positivo e o futuro incerto. Ora, aí está, precisamente, o pensamento que fomos encarregados de destruir em vossas mentes, ‘pois desejamos fazer-vos compreender esse futuro de maneira a que nenhuma dúvida possa restar em vossa alma’. Foi por isso que chamamos primeiro a vossa atenção por meio de fenômenos capazes de ferir-vos os sentidos, ‘e depois vos demos instruções que cada um de vós tem o dever de difundir. Foi com esse propósito que ditamos O Livro dos Espíritos’.

319.2 – “Muitas faltas que cometemos nos passam despercebidas”- Comentário de Kardec no item 919-*a* de O Livro dos Espíritos:

Muitas faltas que cometemos nos passam despercebidas. Se, com efeito, seguindo o conselho de Santo Agostinho, interrogássemos mais freqüentemente a nossa consciência, veríamos quantas vezes falimos sem disso nos apercebermos, por não perscrutarmos a natureza e o móvel dos nossos atos. A forma interrogativa tem alguma coisa de mais preciso do que uma máxima que, em geral, não aplicamos a nós mesmos. Ela exige respostas categóricas, por um sim ou um não, que não deixam lugar a alternativas; respostas que são outros tantos argumentos pessoais, pela soma das quais podemos computar a soma do bem e do mal que existe em nós.

CÓDIGO DE DIREITO NATURAL ESPÍRITA

DISPOSIÇÕES FINAIS

CAPÍTULO II

APRECIações DE ALLAN KARDEC SOBRE ‘O LIVRO DOS ESPÍRITOS’

(No final de ‘O Livro dos Espíritos’, sob o título “CONCLUSÃO”, Kardec faz um resumo do conteúdo da obra, bem como das repercussões da mesma na sociedade da época):

Artigo 320 - Apreciações de Allan Kardec sobre ‘O Livro dos Espíritos’:

320.1 – “A crítica só tem valor, quando o crítico conhece o assunto”.

Aquele que só conhecesse de magnetismo terrestre o jogo dos patinhos imantados, que fazemos nadar na água de uma bacia, dificilmente poderia compreender que esse brinquedo encerra o segredo do mecanismo do Universo e do movimento dos mundos. Acontece o mesmo com o que só conhece do Espiritismo o movimento das mesas; ele não vê mais que um divertimento, um passatempo das reuniões sociais e não compreende que esse fenômeno tão simples e tão vulgar, conhecido da Antigüidade e até mesmo dos povos semi-selvagens, possa estar ligado aos mais graves problemas da ordem social. Para o observador superficial, com efeito, que relação pode ter uma mesa que gira com a moral e o futuro da Humanidade? Mas quem quiser refletir se lembrará de que uma simples panela cuja tampa se erguia com o vapor, fato que também se verificava desde toda a Antigüidade, saiu o possante motor com que o homem atravessa o espaço suprimindo as distâncias. Pois bem: vós que não acreditais em nada fora do mundo material, sabeí que dessa mesa que gira e provoca o vosso sorriso de desdém saiu toda uma Ciência, com a solução de problemas que nenhuma filosofia pudera resolver. Apelo a todos os adversários de boa-fé e lhes suplico dizerem se tiveram o trabalho de estudar o que criticam. Porque, em boa lógica, a crítica só tem valor quando o crítico conhece o assunto. Zombar de uma coisa que não se conhece, que não se sondou com o escalpelo do observador consciencioso não é criticar, mas dar prova de leviandade e uma pobre idéia de sua capacidade de julgamento. Seguramente, se tivéssemos apresentado esta filosofia como sendo uma obra do cérebro humano, ela teria encontrado menos desdém e teria merecido as honras de um exame dos que pretendem dirigir a opinião. Mas ela vem dos Espíritos, que absurdo! É muito que mereça um olhar. Julgam-na pelo título, como o macaco da fábula julgava a noz pela casca. Fazei, se o quiserdes, abstração da origem; suponde que este ‘livro’ seja obra de um homem e dizei no vosso íntimo e em consciência, depois de o ler ‘seriamente’, se encontrastes matéria para zombaria.

320.2 – “O Espiritismo é o mais perigoso antagonista do Materialismo”.
Todos os fenômenos espíritas, ‘sem exceção’, são conseqüências de leis gerais.

O Espiritismo é o mais perigoso antagonista do Materialismo; não é, pois, de admirar que tenha os materialistas por adversários. Mas, como o Materialismo é uma doutrina que mal se ouso confessar (prova de que os seus profítes não se acreditam bastante fortes e são dominados por sua consciência), eles se acobertam com o manto da razão e da Ciência e, coisa bizarra, os mais cétricos falam até mesmo em nome da religião, que também não conhecem e não compreendem, como o Espiritismo. Tomam por alvo, sobretudo, o ‘maravilhoso e o sobrenatural’, que não admitem. Ora, segundo dizem, sendo o Espiritismo fundado sobre o maravilhoso não pode ser mais do que uma suposição ridícula. Não refletem que assim procedendo, sem restrições contra o maravilhoso e o sobrenatural, fazem o mesmo com a religião. Com efeito, a religião se funda na revelação e nos milagres. Ora, o que é a revelação, senão as comunicações extrahumanas? Todos os autores sagrados, desde Moisés, falaram dessas espécies de comunicações. Que são os milagres senão fatos maravilhosos e sobrenaturais por excelência, pois são, no sentido litúrgico, derrogações das leis da Natureza? Logo, rejeitando o maravilhoso e o sobrenatural, rejeitam as próprias bases da religião. Mas não é sob esse aspecto que desejamos encarar o assunto. O Espiritismo não tem de examinar se há ou não há milagres, quer dizer, se Deus pode, em certos casos, derrogar as leis eternas que regem o Universo. Deixa ele, a esse respeito, toda liberdade à

crença. Mas diz e prova que os fenômenos sobre os quais se apóia só têm de sobrenatural a aparência. Esses fenômenos não parecem naturais aos olhos de certas pessoas, pelo fato de serem insólitos e exorbitarem dos fatos conhecidos. Mas não são mais sobrenaturais do que todos os fenômenos de que a Ciência nos dá hoje a solução e que em outras épocas pareciam maravilhosos. ‘Todos os fenômenos espíritos, sem exceção, são conseqüências de leis gerais’. Eles nos revelam uma das forças da Natureza, força desconhecida ou, para melhor dizer, incompreendida até hoje, mas que a observação demonstra estar na ordem das coisas. ‘O Espiritismo, portanto, repousa menos no maravilhoso e no sobrenatural do que a própria religião. Os que o atacam nesse sentido não o conhecem. E, mesmo que fossem os maiores sábios, nós lhe diríamos: se a vossa Ciência, que vos ensinou tantas coisas, não vos revelou que o domínio da Natureza é infinito, sois apenas meio-sábios’.

320.3 - “Fraternidade e Progresso: doutrinas do Materialismo e do Espiritismo”.

Quereis, segundo dizeis, curar o vosso século de uma mania que ameaça invadir o mundo. Gostariéis que o mundo fosse invadido pela incredulidade, que procurais propagar? Não é à ausência de qualquer crença que temos de atribuir o relaxamento dos laços de família e a maioria das desordens que minam a sociedade? Demonstrando a existência e a imortalidade da alma, o Espiritismo reaviva a fé no futuro, reergue os ânimos abatidos, faz suportar com resignação as vicissitudes da vida. Ousareis chamar a isso um mal? Duas doutrinas se enfrentam: uma, que nega o futuro, outra, que o proclama e o prova; uma, que nada explica, outra, que tudo explica e por isso mesmo se dirige à razão. Uma é a sanção do egoísmo, a outra oferece uma base à justiça, à caridade e ao amor ao próximo. A primeira não mostra mais do que o presente e aniquila toda a esperança, a segunda consola e mostra o vasto campo do futuro. Qual a mais preciosa?

Certas pessoas, e entre as mais cétricas, fazem-se apóstolos da fraternidade e do progresso. Mas a fraternidade supõe o desinteresse, a abnegação da personalidade; o orgulho é uma anomalia para a verdadeira fraternidade. Com que direito imporeis um sacrifício àquele mesmo a quem dizes que com a morte tudo se acabará para ele, e que amanhã talvez nada mais seja do que uma velha máquina desarranjada e atirada fora? Que razão terá ele para se impor alguma privação? Não é muito mais natural que nos curtos instantes que lhe concedeis ele procure viver o melhor possível? Vem disso o desejo de possuir bastante para melhor gozar. Desse desejo nasce a inveja dos que possuem mais e dessa inveja ao desejo de tomar o que eles possuem vai apenas um passo. Que é o que o retém? A lei? Mas a lei não abrange todos os casos. Direis que é a consciência, o sentimento do dever. Mas em que se baseia o sentimento do dever? Esse sentimento encontra uma razão de ser na crença de que tudo acaba com a vida? Com essa crença uma única máxima é racional: ‘cada um por si’. As idéias de fraternidade, de consciência, de dever, de humanidade e, mesmo de progresso, não são mais do que palavras vãs. ‘Oh, vós que proclamais semelhantes doutrinas não sabeis todo o mal que fazeis à sociedade, nem de quantos crimes assumis a responsabilidade! Mas por que falo de responsabilidade? Para o cétrico ela não existe; ele só presta homenagem à matéria’.

320.4 – “Lei de Justiça, amor e caridade” – Certeza do Futuro e Progresso - Doutrina do Espiritismo.

O progresso da Humanidade tem como princípio a aplicação da lei de justiça, de amor e de caridade, e essa lei se funda sobre a certeza do futuro. Tirai essa certeza e lhe tirareis sua pedra angular. Dessa lei deriva todas as outras, porque ela encerra todas as condições da felicidade humana. Somente ela pode curar as chagas da sociedade. E isso podemos julgar pela comparação das épocas dos povos, porquanto melhoram sua condição à medida que essa lei é melhor compreendida e melhor praticada. Se uma aplicação parcial e incompleta produz um bem real, que será quando a tomarem por base de todas as instituições sociais? Isto é possível? Sim, porque quem deu dez passos pode dar vinte e assim por diante. Pode-se, pois, avaliar o futuro com base no passado. Já estamos vendo se extinguirem, pouco a pouco, as antipatias entre os povos; as barreiras que os separam caem com a civilização; eles se estendem as mãos de um extremo a outro do mundo; maior justiça preside as leis internacionais; as guerras se tornam cada vez mais raras e não mais excluem os sentimentos de humanidade; a uniformidade se estabelece nas relações; as distinções de raças e de castas desaparecem e os homens de crenças diferentes fazem calar os preconceitos sectários para se confundirem na adoração de um único Deus. Falamos dos

povos que se encontram à frente da civilização. (Ver itens 789 a 793). Sob todos os aspectos estamos ainda longe da perfeição e existem ainda muitos resíduos antigos a serem destruídos, até que tenham desaparecidos os derradeiros vestígios da barbárie. Mas aqueles vestígios poderão opor-se ao poder irresistível do progresso, a essa força viva que é, em si mesma, uma lei da Natureza? Se a geração presente é mais adiantada que a anterior, por que a que nos sucederá não o seria mais do que a nossa? Ela o será por força das coisas: primeiro, porque com as gerações se extinguem dia a dia alguns campeões dos velhos abusos, e assim, pouco a pouco, a sociedade vai-se formando de elementos novos, destituídos dos velhos preconceitos; em segundo lugar, porque, desejando o progresso, o homem estuda os obstáculos e se empenha em derrubá-los. Desde que o movimento progressivo é incontestável, o progresso futuro não poderia ser posto em dúvida. O homem, por natureza, quer ser feliz, e não busca o progresso senão para aumentar a sua felicidade, sem o que o progresso não teria objetivo. O que seria o progresso para ele se não tivesse por fim melhorar-lhe a posição? Mas quando tiver a soma de felicidade que o progresso intelectual lhe pode dar, perceberá que essa felicidade não é completa, reconhecendo que ela é impossível sem a segurança das relações sociais. ‘E esta segurança ele só a encontrará no progresso moral’. Então, por força das circunstâncias, ele mesmo impulsionará o progresso nesse sentido, e o Espiritismo lhe oferecerá a mais poderosa alavanca para atingir o alvo.

320.5 – “Os maiores adversários do Espiritismo servirão à sua causa sem o quererem”.

Os que dizem que as crenças espíritas ameaçam invadir o mundo proclamam a sua força, porque uma idéia sem fundamento e destituída de lógica não poderia tornar-se universal. Se, pois, o Espiritismo se implanta por toda parte, se recruta adeptos sobretudo nas classes esclarecidas, como todos o reconhecem, é que tem um fundo de verdade. Contra essa tendência serão inúteis todos os esforços dos seus detratores e o que prova é que o próprio ridículo de que o procuraram cobrir, longe de deter o seu impulso, parece lhe haver dado novo vigor. Esse resultado justifica plenamente o que muitas vezes os Espíritos têm dito: “Não vos inquieteis com a oposição, tudo o que fizerem contra vós se tornará em vosso favor e os vossos maiores adversários servirão à vossa causa sem o quererem. Contra a vontade de Deus a má vontade dos homens não poderá prevalecer”.

Com o Espiritismo, a Humanidade deve entrar numa fase nova, a do PROGRESSO MORAL, que lhe é conseqüência inevitável. Deixai, pois, de vos admirar da rapidez com que se propagam as idéias espíritas. A causa disso está na satisfação que elas proporcionam a todos os que as aprofundam e, que, nelas vêem alguma coisa mais do que um fútil passatempo. Ora, como o homem quer a sua felicidade acima de tudo, não é de admirar que se interesse por uma idéia que o torna feliz.

O desenvolvimento dessas idéias apresenta três períodos distintos: o primeiro, é o da curiosidade provocada pela estranheza dos fenômenos; o segundo, é o do raciocínio e da filosofia; o terceiro, o da aplicação e das conseqüências. O período da curiosidade já passou: a curiosidade não dura mais que um certo tempo e uma vez satisfeita muda de objeto; mas o mesmo não acontece com o que se refere ao pensamento sério e ao raciocínio. O segundo período já começou e o terceiro o seguirá inevitavelmente. O Espiritismo progrediu sobretudo depois que foi melhor compreendido na sua essência, depois que lhe perceberam o alcance, porque ele toca nas fibras mais sensíveis do homem: as da sua felicidade, mesmo neste mundo. Nisso está a causa da sua propagação, o segredo da força que o faz triunfar. Ele torna felizes os que o compreendem, enquanto a sua influência não se estende sobre as massas. Mesmo aquele que não tenha testemunhado nenhum fenômeno material de manifestações dirá: Além dos fenômenos há uma filosofia; essa filosofia me explica o que nenhuma outra havia explicado; nela encontro, pelo simples raciocínio, uma demonstração racional dos problemas que interessam no mais alto grau ao meu futuro. Ela me proporciona a calma, a segurança, a confiança; me livra do tormento da incerteza, e, ao lado disso, a questão dos fatos materiais se torna secundária. Vós todos, que o atacaís, quereis um meio de o combater com sucesso? Ei-lo aqui. Substituí-o por alguma coisa melhor, encontrai uma solução ‘mais filosófica’ para todas as questões que ele resolve, dai ao homem ‘outra certeza’ que o torne mais feliz; mas compreendi bem o alcance dessa palavra ‘certeza’, porque o homem não aceita como certo senão o que lhe parece lógico. Não vos contenteis em dizer que isso não é assim, pois é muito fácil negar. Provai, por fim, que as conseqüências do Espiritismo

não tornam os homens melhores, e, portanto, mais felizes, PELA PRÁTICA DA MAIS PURA MORAL EVANGÉLICA, moral que muito se louva mas pouco se pratica. Quando tiverdes feito isso, tereis o direito de o atacar. O Espiritismo é forte por que se apóia nas próprias bases da religião: Deus, a alma, as penas e recompensas futuras, e porque sobretudo mostra essas penas e recompensas como conseqüências naturais da vida terrena, oferecendo um quadro do futuro em que nada pode ser contestado pela mais exigente razão. Vós, cuja doutrina consiste inteiramente na negação do futuro, que compensação ofereceis para os sofrimentos deste mundo? Vós vos apoiais na incredulidade, e ele se apóia na confiança em Deus. Enquanto ele convida os homens à felicidade, à esperança, à verdadeira fraternidade, vós lhes ofereceis o ‘nada’ por perspectiva e o ‘egoísmo’ por consolação. Ele explica tudo, vós nada explicais. Ele prova pelos fatos e vós nada provais. Como quereis que o homem hesite entre essas duas doutrinas?’

320.6 – “O Espiritismo: sua força está na sua filosofia, no apelo que faz à razão e o bom-senso”.

Seria fazer uma idéia bem falsa do Espiritismo acreditar que a sua força decorre da prática das manifestações materiais e que, portanto, entravando-se essas manifestações pode-se minar-lhes as bases. Sua força está na sua filosofia, no apelo que faz à razão e ao bom-senso. Na Antigüidade ele era objeto de estudos misteriosos, cuidadosamente ocultos ao vulgo. Hoje, não tem segredos para ninguém: fala uma linguagem clara, sem ambigüidades; nada há nele de místico, nada de alegorias suscetíveis de falsas interpretações. Ele que ser compreendido por todos, porque chegaram os tempos de fazer-se que os homens conheçam a *verdade*. Longe de se opor à difusão da luz, ele a deseja para todos; não reclama uma crença cega, mas quer que se saiba por que se crê, e, como se apóia na razão, será sempre mais forte do que as doutrinas que se apóiam sobre o nada. Os entraves que se tentassem oferecer à liberdade das manifestações poderiam abafá-las? Não, porque produziriam o efeito de todas as perseguições: o de excitar a curiosidade e o desejo de conhecer aquilo que foi proibido. De outro lado, se as manifestações espíritas fossem o privilégio pessoal de um só homem, ninguém duvidaria que, pondo esse homem de lado, as manifestações acabariam. Desgraçadamente, para o adversário, elas estão ao alcance de todos e são utilizadas por todos, desde o menor ao maior, desde o palácio à choupana. Pode-se interditar o seu exercício público; mas sabe-se precisamente que não é em público que elas se produzem melhor, e sim na intimidade. Ora, cada um podendo ser médium, quem pode impedir uma família no seu lar, um indivíduo no silêncio do seu gabinete, o prisioneiro na sua cela de terem comunicações com os Espíritos à revelia e até mesmo em face dos seus verdugos? Se as proibissem num país, poderiam ser impedidas nos países vizinhos ou no mundo inteiro? Pois não há uma região, nas duas partes da Terra, em que não haja médiuns! Para encarcerar todos os médiuns seria necessário encarcerar a metade do gênero humano; conseguindo-se, o que não seria mais fácil, queimar todos os livros espíritas, no dia seguinte eles estariam reproduzidos porque a mente é inatingível e porque não se podem jamais encarcerar nem queimar os Espíritos, seus verdadeiros autores.

O Espiritismo não é obra de um homem. Ninguém se pode dizer seu autor porque ele é tão antigo quanto a Criação; encontra-se por toda parte, em todas as religiões e mais ainda na religião católica, com mais autoridade do que em todas as outras, porque nela se encontram os princípios de todas as manifestações: os Espíritos de todos os graus, suas relações ocultas ou patentes com os homens, os anjos guardiães, a reencarnação, a emancipação da alma durante a vida, a dupla vista, as visões, as manifestações de todo gênero, as aparições tangíveis. No tocante aos demônios, não são mais do que os Espíritos maus e, salvo a crença de que são eternamente destinados ao mal, enquanto a via do progresso não é interdita aos outros, entre eles não há qualquer outra diferença além do nome.

O que faz a moderna Ciência Espírita? Reúne em um todo o que estava disperso; explica em termos próprios o que só se conhecia em linguagem alegórica; poda tudo aquilo que a superstição e a ignorância haviam criado, para deixar somente o que é real e positivo: eis o seu papel. Mas não lhe cabe o papel de fundadora. Ela revela o que existe, coordena mas não cria nada, porque as suas bases estão em todos os tempos e em todos os lugares. Quem, pois, ousaria considerar-se bastante forte para abafá-la sob os sarcasmos e mesmo sob a perseguição? Se a proscreverem num lugar, ela renascerá em outros, nas mesmas condições em que foi banida, porque

está na própria Natureza e não é dado ao homem aniquilar uma potência da Natureza nem opor o seu veto aos decretos de Deus.

De resto, que interesse haveria em se enterrar a propaganda das idéias espíritas? Essas idéias, é verdade, se levantam contra os abusos que nascem do orgulho e do egoísmo. Mas esses abusos, de que alguns se aproveitam, prejudicam as massas. O Espiritismo terá, portanto, as massas a seu favor e não terá por adversários sérios senão os interessados na manutenção desses abusos. Por sua influência, pelo contrário, essas idéias tornarão os homens melhores uns para os outros, menos ávidos de interesses materiais e mais resignados ante os decretos da Providência, fazendo-se, portanto, um penhor de ordem e tranqüilidade.

320.7 – “O Espiritismo e as três classes de adeptos e as três classes de adversários”.

O Espiritismo se apresenta sob três aspectos diferentes: o das manifestações, o dos princípios de filosofia e moral que delas decorrem, e o da aplicação desses princípios. Daí as três classes ou antes os três graus de ‘adeptos’: 1°) os que crêem nas manifestações e se limitam a constatar-las: para eles é uma ciência de experimentação; 2°) os que compreendem as suas consequências morais; 3°) os que praticam ou se esforçam por praticar essa moral. Qualquer que seja o ponto de vista, científico ou moral, sob o qual se encarem esses fenômenos estranhos, cada um dos adeptos compreende que é toda uma nova ordem de idéias que surge e cujas consequências não podem deixar de ser uma profunda modificação no estado da Humanidade, compreendendo, também, que essa modificação não pode verificar-se a não ser no sentido do bem.

Quanto aos ‘adversários’, também podemos classificá-los em três categorias: 1°) os que negam sistematicamente tudo o que é novo e não procede de suas próprias mentes, e que dele falam sem conhecimento de causa; a esta classe pertencem todos os que nada admitem fora do testemunho dos sentidos; nada viram, nada querem ver e menos ainda aprofundar; ficariam mesmo aborrecidos se vissem as coisas de maneira muito clara, de medo de serem forçados a convir que não têm razão; para eles o Espiritismo é uma quimera, uma loucura, uma utopia; ele não existe, e eis tudo. ‘Estes são os incrédulos de posição fixada’. Ao seu lado podem ser colocados os que não lhe lançam sequer um golpe de vista para desencargo de consciência, a fim de poderem dizer: Quis ver e nada vi. Eles não compreendem que possa ser necessário mais de meia hora para se darem conta de toda uma Ciência. 2°) Os que, sabendo muito bem o que devem pensar da realidade dos fatos, não obstante os combatem por ‘motivos de interesse pessoal’. Para eles, o Espiritismo existe mas temem as suas consequências e o atacam como a um inimigo. 3°) Os que encontram na moral espírita uma censura demasiado severa para os seus atos ou as suas tendências. O Espiritismo levado a sério os incomodaria. Esses não o rejeitam nem o aprovam, preferem fechar-lhe os olhos. Os primeiros são levados pelo orgulho e pela presunção; os segundos, pela ambição; os terceiros, pelo egoísmo. Compreende-se que essas causas de oposição, nada tendo de sólidas, devem desaparecer com o tempo, pois em vão procuraríamos uma quarta classe de antagonistas, ou seja, aquela que se apoiasse em causas contrárias evidentes, demonstrando um estudo consciencioso e laborioso do problema. Todos não lhe opõem senão a negação, nenhum deles apresenta uma demonstração séria e irrefutável em contrário.

Seria presumir demasiado da natureza humana acreditar que ela pudesse transformar-se subitamente pelas idéias espíritas. A ação dessas idéias não é certamente a mesma nem do mesmo grau em todos os que as professam; mas qualquer que seja o seu resultado, mesmo fraco, representa sempre uma melhora, mesmo que seja apenas o de dar a prova da existência de um mundo extra-corpóreo, o que implica a negação das doutrinas materialistas. Isto é o que decorre da simples observação dos fatos. Mas entre os que compreendem o Espiritismo filosófico e nele vêem alguma coisa mais do que os fenômenos mais ou menos curiosos, os efeitos são outros. O primeiro e o mais geral é o de desenvolver o sentimento religioso até mesmo naquele que, sem ser materialista, seja indiferente às coisas espirituais. Disto resulta para ele o desprezo pela morte; não dizemos o desejo da morte, longe disso, porque o espírita defenderá a sua vida como qualquer outro, mas uma indiferença que lhe faz aceitar sem queixas nem pesar uma morte inevitável como uma coisa antes feliz do que temível, em virtude da certeza do estado que lhe sobrevirá. O segundo efeito, talvez tão geral como o primeiro, é a resignação em face das vicissitudes da vida. O Espiritismo faz ver as coisas de tão alto, que a vida terrena perde três quartas partes de sua importância e o homem não mais se perturba tanto com as suas tribulações. Daí,

mais coragem nas aflições, mais moderação nos desejos e daí, também, o afastamento do desejo de abreviar a vida, porque a Ciência Espírita ensina que pelo suicídio se perde sempre o que se pretendia ganhar. A certeza de um futuro que de nós mesmo depende tornar feliz e a possibilidade de estabelecer relações com os seres que nos são caros proporcionam ao espírita uma suprema consolação: seu horizonte se amplia até o infinito pela visão contínua da vida de além-túmulo, da qual podem sondar as misteriosas profundidades. O terceiro efeito é o de despertar a indulgência para com os defeitos alheios; mas, é necessário dizê-lo, o princípio do egoísmo e tudo o que dele decorre são o que há de mais tenaz no homem e por conseguinte mais difícil de se desenraizar. Podemos fazer sacrifícios voluntários, contanto que nada custem e sobretudo que não nos privem de nada; o dinheiro exerce ainda sobre a maioria dos homens uma atração irresistível e bem poucos compreendem a palavra ‘supérfluo’, quando se trata de suas próprias pessoas. Assim, a abnegação de si mesmo é o sinal do mais eminente progresso.

320.8 – “Que vem fazer o Espiritismo, se a moral que ensina é a mesma do Cristo em seus Evangelhos!?”

Os Espíritos, perguntam algumas pessoas, nos ensinam uma nova moral, qualquer coisa de superior ao que o Cristo ensinou? Se essa moral não é outra senão a do Evangelho, que vem fazer o Espiritismo? Esse raciocínio se parece singularmente àquele do califa Omar falando da Biblioteca de Alexandria: “Se ela não contém – dizia ele – mais do que aquilo que existe no Alcorão, é inútil e portanto deve ser queimada; se encerra outra coisa é má e tanto mais deve ser queimada”. Não, o Espiritismo não encerra uma moral diferente daquela de Jesus; mas perguntaremos, por nossa vez, se antes de Cristo os homens não dispunham da lei de Deus revelada a Moisés? A doutrina do Cristo não se acha contida no Decálogo? E, por isso, se dirá que a moral de Jesus foi inútil? Perguntaremos, ainda, aos que negam a utilidade da moral espírita, por que a do Cristo é tão pouco praticada? E por que até mesmo aqueles que proclamam a sua sublimidade são os primeiros a violar a primeira de suas leis: ‘a caridade universal’? Os Espíritos vêm, não somente confirmá-la, mas também mostrar-nos a sua utilidade prática; eles tornam inteligíveis e patentes as verdades que só haviam sido ensinadas sob a forma alegórica, e ao lado da moral vêm definir-nos os mais abstratos problemas da Psicologia.

Jesus veio mostrar aos homens a rota do verdadeiro bem. Por que Deus, que o enviara para relembrar a Sua lei esquecida, não enviaria hoje os Espíritos para novamente a lembrar de maneira mais precisa, agora que os homens a esquecem para tudo sacrificarem ao orgulho e à cupidez? Quem dirá que os tempos preditos não são chegados, como afirmam os Espíritos, e que não alcançamos aqueles em que as verdades mal compreendidas ou falsamente interpretadas devem ser ostensivamente reveladas ao gênero humano para acelerar o seu adiantamento? Não há qualquer coisa de providencial nessas manifestações que se produzem simultaneamente por todas as partes do globo? Não é apenas um homem, um profeta que nos vem advertir, pois é por toda parte que a luz se derrama; é todo um mundo novo que se desenrola aos nossos olhos. Como a invenção do microscópio nos descobriu o mundo dos infinitamente pequenos que nem sequer suspeitávamos; como o telescópio nos descobriu milhares de mundos de que também não suspeitávamos, as comunicações espíritas nos revelam o mundo invisível que nos rodeia, cujos habitantes nos acotovelam a todo momento, participando à nossa revelia de tudo o que fazemos. Algum tempo ainda e a existência desse mundo, que é justamente o que nos espera, será tão incontestável como a do mundo microscópico e o dos grandes globos perdidos no espaço. E nada valerá, então, nos terem feito conhecer um mundo todo; nos haverem iniciados nos mistérios da vida além-túmulo? É verdade que essas descobertas, se assim as podemos chamar, contrariam de algum modo certas idéias estabelecidas. Mas não é certo que todas as grandes descobertas científicas igualmente modificaram e até mesmo derrubaram as idéias até então mais acreditadas? E não foi necessário que o nosso amor-próprio se curvasse diante da evidência? O mesmo acontecerá com o Espiritismo e dentro em pouco ele terá direitos de cidadania entre os conhecimentos humanos.

As comunicações com os seres de além-túmulo tiveram por resultado nos fazer compreender a vida futura, nos fazer vê-la, nos iniciar nos princípios das penas e dos gozos que nos esperam, segundo os nossos méritos, e, por isso mesmo, conduzir ao ‘Espiritualismo’ aqueles que não admitiam em nós mais do que uma máquina orgânica. Assim, tivemos razão de dizer que o Espiritismo matou o Materialismo por meio dos fatos. Não tivesse ele produzido mais do que is-

so e a ordem social lhe teria de ser reconhecida. Mas ele fez mais: mostrou os inevitáveis efeitos do mal e por conseguinte a necessidade do bem. O número dos que ele conduziu a sentimentos melhores, neutralizando as suas tendências más e desviando-os do mal, é maior do que se pensa e aumenta todos os dias. É que para eles o futuro já não se apresenta de maneira vaga, mas é uma realidade que se compreende, que se pode explicar, quando se 'vêem' e quando se 'ouvem' os que partiram lamentar-se ou felicitar-se pelo que fizeram na Terra. Quem quer que testemunhe isso é levado a meditar e sente a necessidade de se conhecer, de julgar a si mesmo e de se emendar.

*

Livro: Curso Dinâmico de Espiritismo

J. Herculano Pires

XIII – FUNÇÃO DO EGOÍSMO NO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Tudo tem a sua utilidade na Natureza. O Universo é teleológico, finalista, busca sempre e em tudo uma finalidade. Os filósofos antifinalistas apóiam suas teorias no erro humano, de todos os tempos, que interpreta a Natureza como criada especialmente para o homem. Esse erro surgiu nas selvas, permaneceu nas civilizações primitivas e projetou-se nas civilizações posteriores. Os próprios deuses e demônios de toda a Antigüidade foram postos ao serviço do homem, que embora os reverenciando, pretendiam utilizá-los como seus auxiliares. O Universo tem, naturalmente, uma finalidade única e superior, em que todas as finalidades se conjugam num resultado único. Mas esse resultado escapa às nossas possibilidades de pesquisa, de compreensão e mesmo de imaginação. A mais inútil das coisas e os mais prejudiciais dos seres são necessários. E ser necessário é ser indispensável, é pertencer a um elo da cadeia inimaginável que Kardec nos apresenta nesta frase tantas vezes repetida n' *O Livro dos Espíritos: Tudo se encadeia no Universo.*

Os problemas ecológicos da atualidade, surgidos com o desenvolvimento tecnológico, deram ênfase à importância da Ecologia, ciência das relações entre sujeito e meio e mesmo entre objeto e meio. O meio físico em que vivemos, com seus elementos naturais configurando determinada situação mesológica humana, é formado por uma infinidade de substituições necessárias à vida vegetal e animal. A ignorância do homem a respeito, tentando aniquilar elementos nocivos do meio, provoca o desencadeamento de desequilíbrios perigosos e até mesmo fatais. Minerais, vegetais e animais considerados perniciosos, quando retirados do meio, revelam a sua função necessária e têm de ser repostos ou substituídos por outros que os compensem. Esse delicado equilíbrio das coisas mínimas apresenta-se também nas coisas máximas, como no jogo de forças que sustentam o equilíbrio planetário e o próprio equilíbrio das galáxias no espaço sideral. O mesmo acontece na nossa estrutura corporal, com seus vários aspectos físicos, psíquicos e espirituais. Por isso o Espiritismo é contrário a todas as práticas de mortificação, extinção, asfixia ou desenvolvimento de funções, instintos, percepções e poderes inferiores ou superiores na criatura humana. Esta deve ser respeitada em sua integridade, com seus defeitos, deformações, deficiências e assim por diante, cabendo-nos apenas o direito, que é também dever, de auxiliar as criaturas no seu processo natural de aperfeiçoamento e reajustamento, nos rumos naturais da transcendência. Nem mesmo a mediunidade deve ser desenvolvida por supostas técnicas provindas de tradições místicas ou de invenção de pretensos mestres espirituais. O Espiritismo se opõe a todas essas tentativas imaginosas, que podem levar, como tem levado, muitas pessoas a desequilíbrios graves.

O egoísmo, a vaidade, o orgulho, a pretensão, a ambição representam elementos negativos da constituição do ser humano, que devem ser eliminados. Mas essa eliminação não se dá pelos métodos antigos das corporações religiosas, até hoje empregados, apesar dos terríveis malefícios causados. Kardec e os Espíritos Superiores, em suas comunicações, consideraram o egoísmo como verdadeira praga que impediu o desenvolvimento real do Cristianismo na Terra. Mas jamais aconselharam métodos artificiais para o combate ao egoísmo. As penitências, os cilícios, o isolamento, as autoflagelações de toda espécie tornaram mais negra a Idade Média e ainda hoje se escondem nas furnas da ignorância religiosa que só serviram para desequilibrar milhões de criaturas que constituem o triste e pesado legado da Antigüidade para nosso tempo. São Tomaz de Aquino advertiu: “Mães, vossos filhos são cavalos”, e a educação das crianças transformou-se em domesticação, processo esmagador da sensibilidade infantil e das esperanças da adolescência. Gerações recalçadas saíram das estrebarias escolares em que os mestres domavam crianças e jovens a pancadas e castigos brutais, para moldá-los segundo os modelos estabelecidos à formação de multidões padronizadas. Todos nós carregamos ainda as marcas profundas e dolorosas, deformantes, do relacionamento humano na Terra. Com a caridade os homens vão aprendendo a sair do egoísmo para o altruísmo, a não pensar apenas nos seus problemas particulares, a não dividir o seu tempo e bem-estar apenas com os familiares, mas levar um pouco de si mesmos e dos seus recursos para a família maior que sofre lá fora. É essa a finalidade do princípio cristão da caridade no Espiritismo. Por isso a caridade espírita não pode cercar-se de barreiras e dificuldades, de exigências e desconfianças. Deve ser ampla e generosa, acessível a todos, evitando constranger ou humilhar os que a recebem. O ego é como uma flor que primeiro se fecha no botão para depois desabrochar na corola e por fim doar-se nos frutos.

Tentemos visualizar o processo de formação do ego, para compreendermos a função do egoísmo. A dialética espírita nos ensina que o espírito (não individualizado, mas como o elemento espiritual catalisador, capaz de atrair e aglutinar a matéria esparsa no espaço) liga-se à matéria para lhe dar forma, estrutura. Podemos seguir esse processo no caso humano, em que o ego aparece como um pivô da personalidade em formação, desde a infância. A criança é egocêntrica, é um pivô em torno do qual giram as atenções e as afeições da família. Ela se torna, naturalmente, no centro do mundo. Porque esse é o meio de consolidação da sua individualidade. Tudo quanto ela atrai e absorve do ambiente, do exemplo familiar, das relações progressivas na escola e nos brinquedos, é automaticamente centralizado no ego, que é o seu ponto interior de segurança ante a dispersividade do mundo. O botão fechado centraliza as suas energias, preparando o momento de abrir-se na corola colorida e perfumada. Essa a primeira função do ego, e essa função não é egoísta, mas centralizadora por necessidade de estruturação interna. Quando essa estruturação se define como tal, a criança se abre timidamente para oferecer ao mundo a sua contribuição inicial de beleza e ternura. É um novo ser que surge no mundo, *vestido com a roupagem da inocência*, como diz Kardec, e ao mesmo tempo trazendo a incógnita de um passado que se revelava pouco a pouco no esquema de um destino com idéias e hábitos negativos que nos foram impostos à força de milênios de brutalidade civilizadora. Por isso o nosso tempo, em que tomamos

consciência do absurdo desse massacre universal realizado em nome de Deus, mostra-se dominado por inquietações e desesperos, revolta e loucura, psicopatias e obsessões que levam a espécie humana a todos os desvarios e ao suicídio individual e coletivo. Temos de examinar essa situação à luz do Evangelho desfigurado e mal interpretado, muitas vezes contraditado frontalmente pelas teologias do absurdo. E temos de confrontar esse mundo-hospício, em que a loucura mansa dos clérigos e dos fascinados pela mentira consciente ou inconsciente é a mais perigosa de todas, gerando a hipocrisia das vozes impostadas e do comportamento social simulado. A simulação na luta pela vida, estudada por Ingenieros num livro assustador, é o sintoma mais evidente das condições patológicas do homem atual, que se tornou num ego atrofiado, por isso mesmo vazio e faminto, que tudo quer exclusivamente para si mesmo. E isso a tal ponto que a palavra caridade, definida pelo Apóstolo Paulo numa síntese insuperável e adotada por Kardec como o fundamento da evolução humana, transformou-se na linguagem atual num sinônimo de hipocrisia. No próprio meio espírita encontramos os desavisados que condenam essa palavra, sem lhe aprofundarem o sentido. E há os que pretendem disciplinar a caridade, fiscalizar o seu aproveitamento pelos beneficiados e obrigá-los a determinadas exigências para socorrê-los. Há também os que alegam a inutilidade dessa forma de ajuda. Esses não pensam no bem que uma palavra amiga e confortadora, uma visita de solidariedade, um socorro de emergência a quem está desprovido de roupas para enfrentar o inverno ou de remédio para uma chaga, podem representar. A caridade espírita não é esmola, é doação de amor, solidariedade humana que vale não só pelo amparo material, mas acima de tudo pelo conforto da relação humana. Sua prática não tem por finalidade sanar os males sociais com remédios eventuais, mas mudar as formas egoístas da relação humana na Terra, ampliando-a e aprofundando-a nas dimensões superiores do altruísmo. Nesse estranho panorama de castas privilegiadas, povo necessitado e multidões miseráveis, o Espiritismo considera a mecânica da caridade como o instrumento ideal para abrir corações, despertar consciências e alentar esperanças. As ideologias políticas apresentam fórmulas de efeitos superficiais e na reforma muitas vezes penosa de estruturas, mas o Espiritismo restabelece a técnica simples do Cristo, que toca o íntimo das criaturas para atingir as causas profundas dos desajustes. Em cada reencarnação o ser repete ao mesmo tempo a filogênese material e espiritual do homem, no desenvolvimento do embrião e na abertura progressiva do egoísmo no meio social. Vejamos os vetores desse processo duplo nas linhas da transcendência:

a) Na magia do amor, reminiscência das atrações misteriosas na selva, o par humano se liga sob a impulsão dos instintos reprodutores e os genes se fundem no ventre materno produzindo o embrião, síntese das formas animais superadas pela espécie. A recapitulação genésica reintegra o espírito na linha filogenética e restabelece o pivô do ego em seu poder centralizador. Na gestação, o paralelismo psicofísico reordena as forças da evolução nos rumos da ascensão. A forma humana resulta das formas anteriores na sublimação do caos instintivo e sua hereditariedade psicobiológica. O espírito ligado ao caos exerce as funções discriminadoras na conformação do novo ser, disciplinando as energias conscienciais que marcam as conquistas do passado e as autopunições de erros e crimes anteriores. A Providência Divina envolve o novo ser em sua

bênção com aparência da inocência, que lhe permitirá atrair a afeição dos familiares no restabelecimento de afetividades perturbadas ou aprofundamento das afeições sobreviventes. O novo cérebro está virgem como a *tabula rasa* dos empiristas ingleses, pronto a gravar um novo rol de lembranças na nova memória em organização. No arquivo do inconsciente (nessa consciência subliminar de Myers) as heranças válidas permanecem ocultas, mas prontas a emergir na consciência de relação pelo mecanismo das associações de idéias e sentimentos.

b) Vencida a etapa uterina e a primeira infância, o ser se mostra pronto a enfrentar as vicissitudes de uma nova existência. Recobrou sua vida terrena nas entranhas da mãe, sob as influências psicofisiológicas do organismo gerador de seu novo corpo. Revela anomalias ou perfeição física e mental, segundo o seu passado. É de novo o *centro do mundo* e traz em si mesmo os fatores de seu desenvolvimento e amadurecimento. No lar esses fatores se manifestam desde logo, mas vão sofrer as influências modificadoras da família e da escola, para o seu ajuste necessário às novas condições de vida. O instinto de imitação lhe favorece a adaptação ao novo mundo. O ego centralizado volta a abrir-se nessas relações primárias, através do desenvolvimento da afetividade em termos eletivos. Suas preferências são ainda impulsivas, provocadas por fatores ambientais e circunstanciais, mas pouco a pouco se define a linha preferencial da razão em desenvolvimento, revelando as afinidades ocultas. O ser toma pé na realidade e manifesta as suas tendências vocacionais. É o momento de reintegração nos esquemas frustrados do passado ou de renovação do esquema em face das novas exigências da realidade nova.

c) A crise da adolescência vai revelar em breve a posição ôntica precisa ou indecisa do novo ser, herdeiro de si mesmo e das contribuições paternas e maternas, familiares e sociais, excitadas pelo meio cultural e reorientadas pela influência espiritual das entidades espirituais que protegem e o assistem constantemente. Está completa a tarefa da *ressurreição na carne*. Daí por diante, o novo destino do ser na transcendência dependerá de sua própria consciência. Ele está preparado e aparelhado para enfrentar os problemas da juventude e suas graves opções, da madureza e seus desafios, da velhice e sua recapitulação de toda a odisséia existencial que deve tê-lo elevado acima do passado no processo irreversível da transcendência. O egoísmo do adulto será a marca de um distúrbio psíquico: o infantilismo. O altruísmo será o troféu conquistado da sua vitória na escalada evolutiva.

Seu regresso à vida espiritual o colocará em face de sua verdadeira situação. Será certamente um vitorioso em muitos aspectos de sua personalidade, mas o fracasso na transcendência do egoísmo lhe mostrará que todas as conquistas secundárias não podem compensá-lo. Terá de voltar à existência terrena em reencarnações de abnegação forçada, não compulsórias, mas de sua própria escolha, para conseguir a superação difícil do apego a si mesmo. Por sua própria natureza de elemento centralizador da estrutura ôntica, responsável pela sua unidade, o ego é a grande barreira contra a qual se quebram os impulsos da transcendência. Seu solipsismo tautológico o transforma numa viragem do espírito, imantando-o a si mesmo. A parábola do moço rico, no Evangelho, dá-nos o mais claro exemplo do apego ao mundo gerado pelo egoísmo nos Espíri-

tos que se deixam fascinar pelas ilusões materiais. O ego gera as falsas idéias de superestimação individual, de segregação do indivíduo e sua grei, considerando os demais como estranhos e impuros. Age como um centro hipnótico absorvente, impedindo o ser de abrir-se no altruísmo, fechando-lhe o entendimento para tudo o que não se refira aos seus interesses individuais. A vaidade, a arrogância, a prepotência, a insolência, a brutalidade se formam no cortejo de estupidez das pessoas egoístas e dos Espíritos egoístas.

Por isso, o Espiritismo proclama a caridade como a virtude libertadora, fora da qual não há salvação para o homem do mundo. A mecânica da caridade pode ser desencadeada, no homem do mundo, por situações aflitivas; de saúde ou de problemas familiares ou financeiros, levando-o a dar, não raro por vaidade, a primeira moeda a um mendigo. Essa doação insignificante abre uma pequena brecha no egoísmo. A seguir virão outras doações mais generosas, até que a fortaleza do ego se abale e o ser orgulhoso possa perceber a sua própria imagem refletida no espelho doloroso de um rosto de pedinte esfomeado. O Espiritismo nos ensina a dar, além da moeda, o nosso amor a toda a Humanidade, sem discriminações raciais, religiosas, políticas e de espécie alguma. A estrutura social da civilização perfeita não surgirá das mãos dos opressores que tudo prometem, mas das mãos humildes da viúva que depositou a sua moeda pequenina e única no cofre em que os ricos despejaram tesouros para comprar o Céu.

*

Livro: O Homem Novo

J. Herculano Pires

O HOMEM NOVO

Para construir um mundo novo precisamos de um homem novo. O mundo está cheio de erros e injustiças porque é a soma dos erros e injustiças dos homens. Todos sabemos que temos de morrer, mas só nos preocupamos com o viver passageiro da Terra. Por isso, a humanidade desencarnada que nos rodeia é ainda mais sofredora e miserável que a encarnada a que pertencemos. "As filas de doentes que eu atendia na vida terrena — diz a mensagem de um espírito — continuam neste lado."

Muita gente estranha que nas sessões espíritas se manifestem tantos espíritos sofredores. Seria de estranhar se apenas se manifestassem espíritos felizes. Basta olharmos ao nosso redor — e também para dentro de nós mesmos — para vermos de que barro é feita a criatura humana em nosso planeta. Fala-se muito em fraude e mistificação no Espiritismo, como se ambas não estivessem em toda parte, onde quer que exista uma criatura humana. Espíritos e médiuns que fraudam são nossos companheiros de plano evolutivo, nossos colegas de fraudes cotidianas.

O Espiritismo está na Terra, em cumprimento à promessa evangélica do Consolador, para consolar os aflitos e oferecer a verdade aos que anseiam por ela. Sua missão é transformar o homem para que o mundo se transforme. Há muita gente querendo fazer o contrário: mudar o mundo para mudar o homem. O Espiritismo ensina que a transformação é conjunta e recíproca, mas tem de começar pelo homem. Enquanto o homem não melhora, o mundo não se transforma. Inútil, pois, apelar para modificações superficiais. Temos de insistir na mudança essencial de nós mesmos.

O homem novo que nos dará um mundo novo é tão velho quanto os ensinamentos espirituais do mais remoto passado, renovados pelo Evangelho e revividos pelo Espiritismo. Sem amor não há justiça e sem verdade não escaparemos à fraude, à mistificação, à mentira, à traição. O trabalho espírita é a continuação natural e histórica do trabalho cristão que modificou o mundo antigo. Nossa luta é o bom combate do apóstolo Paulo: despertar as consciências e libertar o homem do egoísmo, da vaidade e da ganância.

"Os anos não nos dão experiência nem sabedoria — dizia o vagabundo de Knut Hamsun — mas nos deixam os cabelos horrorosamente grisalhos." É o que vemos no final desse poema bucólico da Noruega que é "Um Vagabundo Toca em Surdina". Knut Hamsun era um individualista e sobretudo um lírico do individualismo. Mas o homem que se abre para o altruísmo sabe que as verdades do indivíduo são geralmente moedas falsas, de circulação restrita. A verdade maior — ou verdadeira — é a que nasce do contexto social, da usina das relações, onde o indivíduo se forma pelo contato com os outros.

Os anos não trazem apenas os cabelos brancos — trazem também a experiência, mestra da vida, e com ela a sabedoria. E no dia a dia da existência que o homem vai modelando aos poucos a sua própria argila, o barro plástico de que Deus formou o seu corpo na Terra. Cada idade, afirmou Léon Denis, tem o seu

próprio encanto, a sua própria beleza. É belo ser jovem e temerário, mas talvez seja mais belo ser velho e prudente, iluminado por uma visão da vida que não se fecha no círculo estreito das paixões ilusórias. O homem amadurece com o passar dos anos.

A vida tem as suas estações, já diziam os romanos. À semelhança do ano, ela se divide nas quatro estações da existência que são: a primavera da infância e da adolescência, o verão da mocidade e outono da madureza e o inverno da velhice. Mas também à semelhança dos anos, as vidas se encadeiam no processo da existência, de maneira que as estações se renovam em cada encarnação. Viver, para o individualista, é atravessar os anos de uma existência. Mas viver, para o altruísta, é atravessar as existências palingenésicas, as vidas sucessivas, em direção à sabedoria. O branquear dos cabelos não é mais do que o início das nevasdas do inverno. Mas após cada inverno voltará de novo a primavera.

A importância dos anos é, portanto, a mesma das léguas numa caminhada em direção ao futuro. Cada novo ano que surge é para nós, os caminheiros da evolução, uma nova oportunidade de progresso que se abre no horizonte. Entre-mos no ano novo com a decisão de aproveitá-lo em todos os seus recursos. Não desprezemos a riqueza dos seus minutos, das suas horas, dos seus dias, dos seus meses. Cada um desses fragmentos do ano constitui uma parte da herança de Deus que nos caberá no futuro.

*

EXIGE A MORAL ESPÍRITA UMA CONDUTA ESPONTÂNEA

Há uma tendência bastante forte, no meio espírita, para um tipo de moral religiosa que se caracteriza pelo artificialismo. Compreende-se que grande número de pessoas, em consequência das heranças do passado e dos exemplos do presente, não consigam adotar outra forma de conduta. Mas não é justo que os espíritas mais esclarecidos, de mente suficientemente aberta para as novas perspectivas que a doutrina abre sobre o mundo, continuem a formalizar-se na vida social.

O Espiritismo, ensina Kardec: "é uma questão de fundo e não de forma". De nada vale o exagero nas boas maneiras, a voz macia e os extremos de pureza formal, — não comer carne, não fumar, não tomar bebidas alcoólicas, não frequentar festas mundanas, não contar nem ouvir anedotas picantes, — se o coração não estiver limpo. A pureza que o Espiritismo nos ensina é interior. Deve, por isso mesmo, reger a nossa conduta, em vez de esperarmos que uma conduta artificial nos purifique.

Quando o Espiritismo ensina que os formalismos do culto exterior são inúteis, ensina também que toda exterioridade sem raízes no coração é igualmente inútil. E é o mesmo que Jesus ensinava, ao repelir os formalismos da hipocrisia farisaica. Veja-se o caso do ascetismo, da fuga ao mundo, às responsabilidades pesadas da vida em sociedade, que o Espiritismo condena como produto do egoísmo. Se a encarnação é a nossa possibilidade de relações com pessoas e meios sociais, a que estamos ligados em virtude do passado, é claro que devemos aproveitar essa oportunidade e não inutilizá-la. Estamos, agora, no lugar

certo, como diz uma recente mensagem mediúnica, e seria prejudicial fugirmos a ele.

O espírita não tem motivo algum para retornar às práticas da moral fari-saica. A doutrina lhe ensina a espontaneidade, a naturalidade, e a correção dos seus erros e dos seus defeitos na própria relação com os semelhantes. É na vida de relação que podemos evoluir. Querer forçar a evolução com abstenções e atitudes falsas, seria iludir-nos a nós mesmos e também aos outros, o que é ainda mais grave. Ninguém vira santo por meio de fórmulas. Não é o que entra pela boca o que contamina o homem, como Jesus ensinou, mas o que sai da boca. Nossa conduta deve refletir o que somos, e por isso devemos cuidar muito mais do nosso coração do que das nossas aparências.

*

CIENTISTAS RUSSOS PROCURAM CONTATOS COM OUTROS MUNDOS

*Confirma a ciência a teoria espírita da pluralidade dos mundos habitados
— Informações da Agência Tass*

A doutrina espírita da pluralidade dos mundos habitados, estabelecida no "Livro dos Espíritos", de Allan Kardec, e posteriormente desenvolvidas nas obras da Codificação Doutrinária, bem como na famosa obra de Camille Flammarion a respeito, já tem hoje a sanção da ciência astronômica. Não se trata mais de uma suposição, de um sonho, ou de uma simples dedução lógica. As provas da existência de vida em outros planetas acumularam-se de tal maneira, que os grandes centros científicos do mundo já dispõem de laboratórios especiais de astrobiologia, ou seja, de um ramo novo da biologia, dedicado ao estudo das formas de vida nos astros. A Rússia e os Estados Unidos são os países que estão na vanguarda dessa investigação.

As criaturas teimosas, entretanto, continuam a duvidar da existência de vida superior nos demais planetas, como se o nosso pequenino grão de areia, perdido na imensidade, fosse o único ponto cósmico favorecido pela inteligência. Enquanto não puderem ver um homem-cósmico descer à Terra, pisar o nosso chão e falar conosco, sustentarão que só existem vegetais e animais na imensidade cósmica. Fazem lembrar uma imagem de Monteiro Lobato: "Somos como o bicho da goiaba que negasse a existência de outros bichos nos demais frutos da goiabeira." Não obstante, a própria ciência soviética, tão orgulhosa da sua "superioridade materialista", já reconhece a possibilidade, e mais do que isso, aceita os indícios da existência de vida humana fora da Terra, e vai ainda mais longe, procurando estabelecer contato com outros mundos habitados.

Ainda em meados de setembro último, a Agência Tass transmitiu, de Moscou, importante notícia a respeito desse esforço da ciência soviética, esse notícia foi retransmitida pela France Press e publicada em toda a nossa imprensa diária. Dizia nada menos do que isto: os físicos russos, Wladimir Kotelnikov, Vassili Troizly e Vladimir Siforov propuseram a construção de uma potente emissora radiofônica para exploração cósmica, com a finalidade de entrar em contato com civilizações extraterrestres. Segundo esses físicos, existem emissores cósmicas irradiando para a Terra, com a espantosa potência de um milhão de

quilowatts. Acentua a notícia: "Acreditam eles que, explorando sistematicamente, durante um ano, cada setor do céu, poderão captar sinais de homens de outros planetas, até uma distância compreendida entre quinhentos a mil anos-luz."

O estabelecimento desse contato, e de outras formas de contato que fatalmente virão, provará ao homem terreno, — "esse bicho da terra, tão pequeno", segundo a expressão de Camões, — aquilo que o Espiritismo vem afirmando há mais de um século, ou seja: que a nossa pobre humanidade terrena é apenas um grupinho da imensa Humanidade Cósmica. Isto poderá ferir o orgulho fútil de algumas pessoas, que pensam ser muito importantes na ordem das coisas, mas também ajudará a humildade dos que sabem, como Sócrates, que o verdadeiro sábio é aquele que "sabe que nada sabe". E ainda há tanta gente bracejando dia e noite contra o Espiritismo, para defender princípios sectários ou preconceitos absurdos, decorrentes da cegueira e da vaidade daqueles bichos da goiaba, que confirmam a expressão camoniana!

Buda e a onça

Encerrando a recente concentração de Mocidades Espíritas, realizada nesta capital, um orador discorreu longamente sobre a lei de causa-e-efeito, e afirmou, a certa altura: "Podemos lembrar encarnações passadas, como Buda lembrava de ter sido uma onça." Isso causou estranheza, mas o orador indicou a fonte da informação, que é o livro famoso de Edwin Arnold, "A Luz da Ásia". Toda a palestra, aliás, denunciava orientação esoterista, na linha do pensamento oriental, e não a orientação espírita. Realmente, no capítulo segundo do livro referido, Buda declara: "Lembro-me, remontando a miríades de anos, da época em que vagava entre as montanhas do Himalaia, cobertas de florestas, sendo um tigre faminto, de pele rajada." Mas essa interpretação do processo reencarnatório não se conforma com os princípios espíritas, segundo os quais a reencarnação só entra no plano da consciência com a individualização humana. Essa e outras afirmações do orador fazem lembrar a necessidade de maior estudo da Doutrina Espírita, particularmente por parte dos que falam em público, a fim de não lançarem confusões no meio doutrinário.

*

CONQUISTAREMOS OUTROS PLANETAS?

A conquista do espaço cósmico pelo homem terreno é apenas uma picada de alfinete na pele do Universo. Assemelha-se às picadas que demos até hoje na pele da própria Terra, sem conseguir penetrar-lhe as entranhas. É natural que o homem se orgulhe do seu feito, mas convém não se embriagar em excesso. Para começar, devemos lembrar que os nossos combustíveis são ainda demasiados grosseiros: estamos nos atirando à Lua por meio de foguetes, não dispendo dos recursos de energias apropriadas que a Ciência ainda procura.

"O Livro dos Espíritos" ensina, há mais de cem anos, que os mundos habitados se dividem em categorias, como tudo na Natureza. Há mundos primitivos, habitados por humanidades selvagens como foi a Terra no passado. Há mundos de civilizações rudimentares, como a fase das civilizações agrárias em nosso planeta. Há mundos de civilizações em grau semelhante à nossa e mundos de civilizações superiores. Tudo isso no plano de matéria densa em que vive-

mos. Mas além desse plano (as pesquisas modernas admitem a existência no cosmos de pelo menos sete estados da matéria já conhecidos) há outros de estados menos densos em que se desenvolvem formas de vida e de civilizações altamente evoluídas.

É claro que só está ao nosso alcance, por enquanto, o plano de matéria densa, o cosmos tridimensional em que vivemos. Em nosso próprio sistema solar há planetas conhecidos, como Júpiter, cuja densidade material os coloca fora do nosso alcance. Na "Revista Espírita" Kardec publicou curiosas comunicações de Espíritos sobre a vida nesse planeta e um desenho mediúnico recebido pelo teatrólogo Victorien Sardou, que era médium. Essas informações mediúnicas, como Kardec advertia, devem ser recebidas com reserva, pois estão condicionadas pela capacidade do espírito comunicante e do médium receptor, além de outras limitações. Servem, porém, para nos dar uma idéia aproximada da vida em outros mundos.

Não há dúvida que poderemos conquistar a Lua, nosso satélite natural que parece pertencer à classe dos "mundos transitórios" da escala cósmica de "O Livro dos Espíritos", ou seja, um mundo que serve apenas de pouso passageiro a homens espíritos na exploração do espaço. Mas, no tocante a planetas como Vênus e Marte, devemos refrear a imaginação. Tudo depende das condições reais desses mundos. Informações mediúnicas recebidas com reserva por Kardec adiantaram que Marte seria inferior à Terra em evolução e Vênus seria superior. A distância em que os planetas se encontram do Sol não parece influir no seu grau de evolução. Mas tudo isso, como fez Kardec, deve ser posto no condicional: "seria" e não "é". Mesmo porque a finalidade do Espiritismo, como explicou Kardec, não é oferecer-nos "já feito" aquilo que temos de conquistar pelo nosso esforço no estudo e na pesquisa.

O princípio espírita da pluralidade dos mundos habitados inclui a possibilidade de comunicações entre eles. Mas essa possibilidade depende da evolução dos mundos. Dá-se no espaço o mesmo que na Terra, onde a comunicação entre os continentes só foi possível quando os povos evoluíram suficientemente. É por isso que não devemos temer a "invasão da Terra por conquistadores do espaço", pois esses, na verdade, serão criaturas mais adiantadas que nós. E não é lógico estabelecermos comparações entre esses navegantes do espaço e os violentos conquistadores da América no mundo atrasado do século XVI. A "conquista" de outros mundos, atualmente, não é uma tomada de posse, mas apenas um estabelecimento de comunicação. Estamos na era das comunicações e não do colonialismo, que chega fatalmente ao seu fim.

*

Livro: O Infinito e o Finito

J. Herculano Pires

UMA NOVA TERRA E UM NOVO CÉU

A Terra se renova sempre aos nossos olhos. É a mesma, e ao mesmo tempo não é. Mas todas as suas renovações assemelham-se ao passar das estações que anunciam a Primavera. Há uma grande renovação que nos aguarda no futuro. Semelhante à criatura humana, que passa da infância à adolescência, desta à

mocidade, desta à maturidade e desta à velhice, mas mesmo na velhice não completa o seu ciclo, assim é a Terra, nosso planeta, nosso mundo e nossa mãe. O homem, diz o filósofo Heidegger, é um ser que se completa na morte. Só a última transformação, a que se refere na Bíblia o Livro de Jó, completa o ser humano na sua elaboração terrena.

O Apocalipse, último livro do Novo Testamento, anuncia-nos em seu capítulo 21 um novo Céu e uma nova Terra. E logo após o Juízo Final, quando a Morte e o Hades (Inferno) são lançados no lago de fogo e desaparecem na segunda morte. A simbologia profética do Apocalipse confunde os leitores. Os que se apegam à letra tiram do texto interpretações absurdas. Mas os que penetram no espírito do livro compreendem que o novo Céu está se abrindo sobre a nova Terra. Tudo o que é iníquo, tudo o que é errado e condenável será lançado no lago de fogo, onde se dá a segunda morte, ou seja, onde os resíduos da evolução passam por nova transformação.

Os estudiosos divergem na interpretação do Apocalipse. Muitos o consideram como profecia já cumprida, referente apenas à queda do Império Romano. Mas a verdade é que os fins de ciclos se assemelham. Se a visão do apóstolo na ilha de Patmos se aplicava ao seu tempo, também se aplica ao nosso. Estamos na hora em que um novo ciclo da evolução terrena chega ao fim. Uma nova Terra começa a se mostrar aos nossos olhos. É um planeta diferente, cheio de uma população renovada, de uma nova Humanidade que sonha sob as bênçãos de um novo Céu.

Cumpra-se mais uma vez a visão apocalíptica. O Juízo Final se realiza. O homem velho é lançado no lago de fogo e enxofre para que o homem novo apareça e domine o planeta. Nossa Mãe Terra geme nas dores do parto. Mas após as dores haverá alegria, a intensa alegria do coração materno que se debruça sobre o sorriso de uma criança. Louvemos a Deus por nos haver reservado para esta hora do mundo. E à maneira de João, repetamos as palavras da bênção: “A graça do Senhor Jesus seja com todos!”

*

Livro: Pesquisa Sobre O AMOR

J. Herculano Pires

XI – O AMOR DA ERA CÓSMICA

Na seqüência conhecida das civilizações terrenas, que constitui a perspectiva histórica do nosso mundo, podemos propor um esquema da evolução do Amor. Segundo Toynbee, já tivemos pelo menos vinte grandes civilizações que pereceram, dando nascimento a outras. Somente a Civilização Cristã abrangeu a globalidade terrena e conseguiu projetar-se nas pesquisas cósmicas. Mas não sabemos se, com a devida certeza, antes de nós –abrange milênios e uma infinidade de culturas com incalculáveis e estranhas multidões – teriam existido civilizações que hoje são referidas em termos lendários. O que nos interessa, portanto, é o nosso mundo e a idéia que dele conseguimos formar através das pesquisas científicas de apenas seis séculos, a partir dos princípios do Renascimento no século XIV. Muito pouco, sem dúvida, mas é com isso que podemos contar.

A perspectiva que essas pesquisas nos oferecem começa nas selvas e vem até aos nossos dias, mas abrange milênios. Pautando-nos por esse esquema geral, sem nos determos em minúcias e datas, pois o nosso escopo é uma visão e não um tratado, uma proposição aberta e não uma tese ou teoria formal, podemos distinguir as fases seguintes da evolução do Amor:

1 – Tempos Primitivos - Nessa fase encontramos o amor instintivo das populações selvagens, que apesar de sua brutalidade revelam tendências culturais e esforços contínuos para dominar o caos do mundo (selva, desertos, regiões geladas) e tentativas de organização social, de desenvolvimento artesanal, de aprimoramento das formas de moradia, meios de condução, instrumentos de trabalho, armas de guerra e caça, meios de comunicação e de relações com o mundo invisível, na solução possível do problema da morte. É a fase dos três elementos clássicos do desenvolvimento da cultura: o rito, a palavra e o instrumento.

Os desenhos das cavernas e as inscrições rupestres atestam essa evolução, que já nos colocam bem distantes das origens do homem, só acessível de maneira precária, através das escavações arqueológicas, com as descobertas de ossadas humanas e de animais. A lenda bíblica da Gênese não passa de lenda, por sinal típica dos tempos primitivos, oferecendo-nos uma forma de idealização superior de lendas mais antigas, cujo tipo ainda se produz nas tribos selvagens da atualidade. Imagina-se o amor primitivo como simples relação animal entre machos e fêmeas, das quais, pelo nascimento dos filhos, surgem os clãs, os primeiros agrupamentos familiares. E é nesses primeiros grupos que se define o amor como sentimento que brota do instinto sob controle da razão nascente. O desenvolvimento da razão pressupõe naturalmente a existência de condições inatas no homem, como queria Kant, mas o neokantismo atual, particularmente com René Hubert, substitui a teoria das categorias inatas da razão pela formação dessas categorias através da experiência. Do animal ao homem, a Natureza deu um salto qualitativo no aprimoramento do cérebro, criando as condições necessárias no córtex cerebral para o confronto dialético das experiências. Não obstante, como sustentam Hubert e Kerchensteiner, por trás desse processo de adaptação do órgão material a novas funções, temos de considerar a natureza espiritual do ser, no caso, o homem.

A manifestação do amor, nessas possíveis condições, não revela a criação de um novo elemento ôntico, mas simplesmente a formação de condições orgânicas para que o elemento já existente no psiquismo se manifeste. Razão e afetividade se conjugam na experiência e o amor se manifesta arrancando o homem da animalidade. O *fiat* é uma alegoria do *fazer* humano, ligada à magia primitiva. Em todas as formas de magia, inclusive a teatral, até hoje, o poder da palavra é considerado importante. A relação das coisas e dos seres entre si inclui a relação da palavra com as coisas, os seres e o ato criador.

Esta breve incursão num campo de conhecimento especializado e altamente sofisticado não tem outra pretensão que a de oferecer ao leitor uma idéia, embora imperfeita, da gênese do amor humano.

A primeira ilação que se pode tirar desse quadro mal esboçado, mas apoiado em teorias de especialistas consagrados, é a de que o amor arrancou o ho-

mem do plano dos instintos animais para o elevar à condição humana. E isso é suficiente para nos mostrar que o amor é o fundamento da civilização, a substância, por assim dizer, de que as civilizações se formam. A prova disso, a posteriori, está na função aglutinadora das sociedades humanas e orientadora da cultura que o amor sempre exerceu.

2 - Primeiras Civilizações - O nomadismo e a instabilidade das tribos e das hordas não permitia o desenvolvimento das civilizações. Elas surgiram das primeiras acomodações sedentárias em regiões de fertilidade suficiente para reter os grupos humanos. Assim, as primeiras civilizações do nosso esquema são agrárias a pastoris. O cultivo da terra e a criação de animais, geralmente nas proximidades e ao longo dos rios, proporcionam aos homens a possibilidade de produzir riqueza e desenvolvê-la. Com isso surgem as questões de posse da terra e dos produtos, posse dos animais e posse da mulher e dos filhos, conseqüentemente as questões de herança. Nasce o Direito e com ele vai se desenvolvendo a sistemática da propriedade. O amor simples e puro dos clãs, das tribos e das hordas vai sendo enleado em complicações de deveres e direitos. A magia dos pajés e xanãs transforma-se em esboços imprecisos de religiões, em que os ritos sociais se convertem em rituais complicados e carregados de simbologia confusa. A família é instituída e as linhagens familiares se definem ao longo dos interesses hereditários. A civilização é a sofisticação da vida. A riqueza acumulada estabelece as divisões de classes, de estamentos e castas. O fluxo livre do amor transforma-se progressivamente num rio crivado de barragens. As posses e as riquezas criam dificuldades nas relações humanas. Os que não possuem terras disputam pedaços das terras dos outros. As lutas pela proximidade dos rios, riachos e fontes dão início às escaramuças e matanças das guerras futuras. O sentimento de posse leva o homem a transformar a mulher em propriedade. O sacerdócio se organiza e é forçado a entrar no mercado das trocas. As seitas entram em disputa e cada qual necessita de recursos e posses para manter os quadros sacerdotais à altura da demanda de ritos e sacramentos. Os deuses primitivos seguem o exemplo dos homens e geram novos deuses nas linhagens familiares da mitologia que sucedeu ao totemismo simplório. O tempo vai deixando na distância o respeito ingênuo pelo amor espontâneo. As uniões naturais se artificializam em complicações rituais determinadas por ordenanças sacerdotais. Os poderes dos sacerdotes crescem na proporção da incidência de mortes na comunidade, dos surtos epidêmicos que os curandeiros não podem sustar. As vantagens do casamento entre famílias ricas e pobres exasperam os ricos que estabelecem regras cada vez mais rígidas para a defesa das filhas. A superioridade física do homem, aumentada pelas posses e a gerência dos negócios, reduz a mulher à escravidão progressiva. Ela se transforma em tabu, criatura intocável e encarnação da honra do pai e da família. As jovens acrescentam ao tabu o seu valor de troca, viram mercadoria. Dali por diante, os seus sonhos de amor são loucuras de moças inexperientes e ignorantes, que os pais reprimem em favor delas mesmas, do futuro que as espera.

3 – Civilizações Orientais - As grandes Civilizações Orientais atingem proporções gigantescas, poder e riqueza nunca vistos. Criam-se poderosos exércitos para a defesa do Estado contra as ambições de outros Estados. A simples disputa de terras junto às águas transforma-se nas guerras de conquista de terri-

tórios inteiros. O amor se afoga no mar de convenções e interesses em contradição permanente. As linhagens familiares resguardam-se nos títulos de nobreza. E quanto mais nobre a linhagem, tanto mais escravizadas as jovens casadouras, embaladas como os produtos da indústria futura, em complicadas vestimentas de esplendor celeste, mas recheadas de angústia e desespero. Mesmo nos pequenos reinos da Pérsia, da Grécia, da Itália, as lutas entre famílias nobres levam a guerras devastadoras. Helena raptada, causa, sem querer, a destruição total de Tróia. O amor se transformou em cobiça e o objeto de todas as cobiças é precisamente o que era o objeto do amor.

4 – A Roma Camponesa, transformada em gigantesca estrutura imperial, conquista o mundo, submete nações, arrasa impérios nascentes ou prósperos que podem ameaçá-la mais tarde. Cleópatra confia em sua beleza e seus encantos para salvar o Egito. É a mais atrevida reação da mulher à fúria escravocrata dos homens, mas acaba vencida e suicida-se. Por mais bela e valiosa que seja a mulher, não passa de uma frágil criatura humana lutando contra os poderes humanos e sagrados que os sacerdotes construíram com os elementos ingênuos da magia das selvas. Em Atenas o culto da beleza parece dar à mulher uma chance de liberdade. A teoria do amor, em Platão, liga-se à libertação da alma. O amor dos belos corpos conduz à salvação. Mas o amor grego chegou à exaustão e os belos corpos não são apenas femininos. O antigo rito da virilidade, ainda dominante em Esparta, levou os homens a descobrirem a beleza dos efebos. A reação feminina surge em Lesbos, a ilha da poesia e do amor, em que as mulheres se amam umas às outras. O aviltamento do amor chega ao auge. Persas e macedônios, famintos de riqueza e poder, conquistam a divina Hélade e provam definitivamente que Eros perdeu a sua última cartada na terra devastada pela loucura da ambição.

5 – O Feudalismo - Coube aos povos bárbaros da Germânia liquidar Roma contagiada pela deturpação do amor. O Cristianismo derrotado na Palestina conseguiu infiltrar-se em Roma através das camadas inferiores da população. Os bárbaros conquistaram o mundo e havia uma esperança de libertação da mulher. Os bárbaros cultuavam a beleza feminina e a bravura masculina. Mas o sacerdócio cristão já dominava nas terras imperiais dos Césares. O Império renasce no modelo das Civilizações teocráticas do Oriente. O culto da mulher era o culto da Virgem. O amor que o Cristo pregara e exemplificara, o respeito do Cristo pela mulher e o perdão que estendera aos seus pecados, em face dos pecados monstruosos da ganância dos homens, nada valeram ante o poder do sacerdócio como ante a ignorância dos bárbaros. Retalhado o Império na fragmentação dos feudos e amaldiçoada a libertinagem imperial, a mulher foi novamente encerrada nos castelos como símbolo de honra. A virgindade e a fidelidade tornaram-se tabus invioláveis. Como as vestais, que deviam ser enterradas vivas se violassem os votos de castidade, as castelãs seriam emparedadas ou sacrificadas a espada em caso de perjúrio. Submetidas à tortura dos cintos de castidade, com fechadura e chave, enquanto os barões lutavam em terras distantes, as castelãs feudais, pobres flores de estufas que os menestréis cantavam em seus sonhos ao luar, elas suspiram em vão pelo amor dos cavaleiros nos jogos florais. O amor se transformara em carrasco impiedoso, que lhes premia a carne delicada entre fer-

ros. O pecado da beleza e a ameaça do desejo as reduzia a condenadas sem crime.

6 – Era Cósmica - O Renascimento, o mundo moderno e o mundo contemporâneo proclamaram, após milênios de escravidão e ignomínia, os direitos da mulher. Ela se livrou das torturas antigas, mas os clérigos cristãos continuaram a cercá-la e a acuá-la. O peso do celibato forçado explodiu os recalques milenares, não obstante as licenças eventuais de que puderam sempre gozar. Mas a Era Cósmica também explode nos limites da gravidade terrena. Novas dimensões do pensamento se abrem no Infinito. Devastações pornográficas abalam a Terra, envenenada pela furiosa ambição dos homens. Quem sabe se virá do Espaço Sideral, no bojo dos discos-voadores, a lição e o exemplo de Humanidade que o Cristo deixou no planeta e os homens enterraram sobre montões de sofismas e os clérigos se recusaram a compreender?

A vitória do Amor será a vitória do homem e da mulher, de toda a espécie humana aviltada por si mesma. Será também a vitória do Planeta, poluído até as entranhas pela ambição desmedida. Onde estão os filósofos desta hora amarga, que não cogitam do problema do Amor? Onde estão os filhos do homem que são também e, acima de tudo, filhos da mulher? Os que pregam a defesa da família, não perceberam ainda que a família se avilta e se dissolve com a afronta à dignidade da mulher?

*

Livro Emmanuel

Espírito Emmanuel (Francisco Cândido Xavier)

XXXV - EDUCAÇÃO EVANGÉLICA

Todas as reformas sociais, necessárias em vossos tempos de indecisão espiritual, têm de processar-se sobre a base do Evangelho.

Como? – podereis objetar-nos. Pela educação, replicaremos.

O plano pedagógico que implica esse grandioso problema tem de partir ainda do simples para o complexo. Ele abrange atividades multiformes e imensas, mas não é impossível. Primeiramente, o trabalho de vulgarização deverá intensificar-se, lançando, através da palavra falada ou escrita do ensinamento, as diminutas raízes do futuro.

O RESULTADO DOS ERROS RELIGIOSOS

Toda essa demagogia filosófico-doutrinária, que vedes nas fileiras do Espiritismo, tem sua razão de ser. As almas humanas se preparam para o bom caminho. A missão do Cristianismo na Terra não era a de mancomunar-se com as forças políticas que lhe desviassem a profunda significação espiritual para os homens. O Cristo não teria vindo ao mundo para instituir castas sacerdotais e nem impor dogmatismos absurdos. Sua ação dirigiu-se, justamente, para a necessidade de se remodelar a sociedade humana, eliminando-se os preconceitos religiosos, constituindo isso a causa da sua cruz e do seu martírio, sem se desviar, contudo, do terreno das profecias que o anunciavam.

Todas essas atividades bélicas, todas as lutas antifraternas no seio dos povos irmãos, quase a totalidade dos absurdos, que complicam a vida do homem, vieram da escravização da consciência ao conglomerado de preceitos dogmáticos das Igrejas que se levantaram sobre a doutrina do Divino Mestre, contrariando as suas bases, digladiando-se mutuamente, condenando-se umas às outras em nome de Deus.

Aliado ao Estado, o Cristianismo deturpou-se, perdendo as suas características divinas.

FIM DE UM CICLO EVOLUTIVO

Sabemos todos que a Humanidade terrena atinge, atualmente, as cumeadas de um dos mais importantes ciclos evolutivos. Nessas transformações, há sempre necessidade do pensamento religioso para manter-se a espiritualidade das criaturas em momentos tão críticos. A idéia cristã se encontrava afeto o trabalho de sustentar essa coesão dos sentimentos de confiança e de fé das criaturas humanas nos seus elevados destinos; todavia, encarcerada nas grades dos dogmas católico-romanos, a doutrina de Jesus não poderia, de modo algum, amparar o espírito humano nessas dolorosas transições.

Todas as exterioridades da Igreja deixam nas almas atuais, sedentas de progresso, um vazio muito amargo.

URGE REFORMAR

Foi justamente quando o Positivismo alcançava o absurdo da negação, com Auguste Comte, e o Catolicismo tocava às extravagâncias da afirmativa, com Pio IX proclamando a infalibilidade papal, que o Céu deixou cair à Terra a revelação abençoada dos túmulos. O Consolador prometido pelo Mestre chegava no momento oportuno. Urge reformar, reconstruir, aproveitar o material ainda firme, para destruir os elementos apodrecidos na reorganização do edifício social. E é por isso que a nossa palavra bate insistentemente nas antigas teclas do Evangelho cristão, porquanto não existe outra fórmula que possa dirimir o conflito da vida atormentada dos homens. A atualidade requer a difusão dos seus divinos ensinamentos. Urge, sobretudo, a criação dos núcleos verdadeiramente evangélicos, de onde possa nascer a orientação cristã a ser mantida no lar, pela dedicação dos seus chefes. As escolas do lar são mais que precisas, em vossos tempos, para a formação do espírito que atravessará a noite de lutas que a vossa Terra está vivendo, em demanda da gloriosa luz do porvir.

NECESSIDADE DA EDUCAÇÃO PURA E SIMPLES

Há necessidade de iniciar-se o esforço de regeneração em cada indivíduo, dentro do Evangelho, com a tarefa nem sempre amena da auto-educação. Evangelizado o indivíduo, evangeliza-se a família; regenerada esta, a sociedade estará a caminho de sua purificação, reabilitando-se simultaneamente a vida do mundo.

No capítulo da preparação da infância, não preconizamos a educação defeituosa de determinadas noções doutrinárias, mas facciosas, facilitando-se na alma infantil a eclosão de sectarismos prejudiciais e incentivando o espírito de separatividade, e não concordamos com a educação ministrada absolutamente

nos moldes desse materialismo demolidor, que não vê no homem senão um complexo celular, onde as glândulas, com as suas secreções, criam uma personalidade fictícia e transitória. Não são os sucos e os hormônios, na sua mistura adequada nos laboratórios internos do organismo, que fazem a luz do espírito imortal. Ao contrário dessa visão audaciosa dos cientistas, são os fluidos, imponderáveis e invisíveis, atributos da individualidade que preexiste ao corpo e a ele sobrevive, que dirigem todos os fenômenos orgânicos que os utopistas da biologia tentam em vão solucionar, com a eliminação da influência espiritual. Todas as câmaras misteriosas desse admirável aparelho, que é o mecanismo orgânico do homem, estão repletas de uma luz invisível para os olhos mortais.

FORMAÇÃO DA MENTALIDADE CRISTÃ

As atividades pedagógicas do presente e do futuro terão de se caracterizar pela sua feição evangélica e espiritista, se quiserem colaborar no grandioso edifício do progresso humano.

Os estudiosos do materialismo não sabem que todos os seus estudos se baseiam na transição e na morte. Todas as realidades da vida se conservam inapreensíveis às suas faculdades sensoriais. Suas análises objetivam somente a carne perecível. O corpo que estudam, a célula que examinam, o corpo químico submetido à sua crítica minuciosa, são acidentais e passageiros. Os materiais humanos postos sob os seus olhos pertencem ao domínio das transformações, através do suposto aniquilamento. Como poderá, pois, esse movimento de extravagância do espírito humano presidir à formação da mentalidade geral que o futuro requer, para a consecução dos seus projetos grandiosos de fraternidade e de paz? A intelectualidade acadêmica está fechada no círculo da opinião dos catedráticos, como a idéia religiosa está presa no cárcere dos dogmas absurdos.

Os continuadores do Cristo, nos tempos modernos, terão de marchar contra esses gigantes, com a liberdade dos seus atos e das suas idéias.

Por enquanto, todo o nosso trabalho objetiva a formação da mentalidade cristã, por excelência, mentalidade purificada, livre dos preceitos e preconceitos que impedem a marcha da Humanidade. Formadas essas correntes de pensadores esclarecidos do Evangelho, entraremos, então, no ataque às obras. Os jornais educativos, as estações radiofônicas, os centros de estudo, os clubes do pensamento evangélico, as assembléias da palavra, o filme que ensina e moraliza, tudo à base do sentimento cristão, não constituem uma utopia dos nossos corações. Essas obras que hoje surgem, vacilantes e indecisas no seio da sociedade moderna, experimentando quase sempre um fracasso temporário, indicam que a mentalidade evangélica não se acha ainda edificada. A andaimaria, porém, aí está, esperando o momento final da grandiosa construção.

Toda a tarefa, no momento, é formar o espírito genuinamente cristão; terminado esse trabalho, os homens terão atingido o dia luminoso da paz universal e da concórdia de todos os corações.

XXXVI - AOS TRABALHADORES DA VERDADE

Nos tempos atuais, todo o trabalho de quantos se devotam à disseminação das teorias espiritistas deve ser o de colaboração com os estudiosos da Verdade. Não é o desejo de proselitismo ou de publicidade que os deve animar, porém, a boa-vontade em cooperar com os seus atos, palavras e pensamentos, a favor da grande causa.

Todos nós objetivamos, com a nossa árdua tarefa, ampliar o conhecimento humano, com respeito às realidades espirituais que constituem a vida em si mesma, a fim de que se organize o ambiente favorável ao estabelecimento da verdadeira solidariedade entre os homens.

A FENOMENOLOGIA ESPÍRITA

A fenomenologia, nos domínios do psiquismo, em vosso século, visa ao ensinamento, à formação da profunda consciência espiritual da Humanidade, constituindo, desse modo, um curso propedêutico para as grandes lições do porvir. É por essa razão que necessitamos de operar ativamente para que a Ciência descubra, nos próprios planos físicos, as afirmações de espiritualidade. Pode parecer que o materialismo separou para sempre a Ciência da Fé; isso, porém, não aconteceu, e o nosso trabalho de agora simboliza o esforço para que os investigadores cheguem a compreender o que o Céu tem revelado em todos os tempos.

A PSICOLOGIA E A “MENS SANA”

A psicologia antiga pecava extremamente pela insuficiência dos seus métodos. O ser pensante achava-se, para ela, isolado do corpo, estudando assim os seus fenômenos introspectivos de maneira deficiente e imperfeita.

A psicologia moderna vai mais longe. A sua metodologia avançada estuda racionalmente todos os problemas da personalidade humana, unindo os elementos materiais e espirituais, resolvendo uma das grandes questões dos cientistas de antanho.

O corpo nada mais é que o instrumento passivo da alma, e da sua condição perfeita depende a perfeita exteriorização das faculdades do espírito. Da cessação da atividade deste ou daquele centro orgânico, resulta o término da manifestação que lhe é correspondente: daí provém toda a verdade da “mens sana” e o grande subsídio que a psicologia moderna fornece aos fisiologistas como guia esclarecedor da patogenia.

O corpo não está separado da alma; é a sua representação. As suas células são organizadas segundo as disposições perispiríticas dos indivíduos, e o organismo doente retrata um espírito enfermo. A patologia está orientada por elementos sutis, de ordem espiritual.

O PROGRESSO ANÍMICO

Os porquês da evolução anímica devem impressionar a quantos se consagram ao estudo. Os progressos da vida terrestre podem ser verificados pelos geólogos, pelos antropologistas. Há no planeta toda uma escala grandiosa de ascensão. No fundo de vossos oceanos ainda existem os infusórios, os organismos

unicelulares, que remontam a um passado multimilenário e cujo aparecimento é contemporâneo dos princípios da vida organizada do orbe.

A TRAJETÓRIA DAS ALMAS

Que longa tem sido a trajetória das almas!...

A origem do princípio anímico perde-se dentro de uma noite de labirintos; tudo, porém, dentro do dinamismo do Universo, se encadeia numa ordem equânime e absoluta.

Da irritabilidade à sensação, da sensação à percepção, da percepção ao raciocínio, quantas distâncias preenchidas de lutas, dores e sofrimentos!... Todavia, desses combates necessários promana o cabedal de experiências do Espírito em sua evolução gloriosa. A racionalidade do homem é a suprema expressão do progresso anímico que a Terra lhe pode prodigalizar; ela simboliza uma auréola de poder e de liberdade que aumenta naturalmente os seus deveres e responsabilidades. A conquista do livre-arbítrio compreende as mais nobres obrigações.

Chegado a esse ponto, o homem se encontra no limiar da existência em outras esferas, onde a matéria rarefeita oferece novas modalidades de vida, em outras mais sublimes manifestações, as quais escapam naturalmente à insuficiência dos vossos sentidos.

AS REALIDADES DO FUTURO

Os Espíritos se regozijam a cada novo passo de progresso da ciência humana, porque dos seus labores, das suas dedicações, brotará o conhecimento superior, que felicitará os núcleos de criaturas, porquanto ficará patente, plenamente evidenciada, a grande missão do Espírito como elemento criador, organizador e conservador de todos os fenômenos que regulam a vida material.

Quanto mais avançam os cientistas, mais se convencem das realidades de ordem subjetiva, nos fenômenos universais.

As palavras natureza, fatalismo, tónus vital não bastam para elucidar a alma humana, quanto aos enigmas da sua existência: faz-se mister a intervenção das sínteses espirituais, reveladoras das mais elevadas verdades.

É para essas grandiosas afirmações que trabalhamos em comum, e esse desiderato constituirá a luminosa coroa da Ciência do porvir.

*

Livro: A Caminho da Luz

Emmanuel (Francisco Cândido Xavier)

XXV

O EVANGELHO E O FUTURO

Um modesto esboço da História faz entrever os laços eternos que ligam todas as gerações nos surtos evolutivos do planeta.

Muita vez, o palco das civilizações foi modificado, sofrendo profundas renovações nos seus cenários, mas os atores são os mesmos, caminhando, nas lutas purificadoras, para a perfeição daquele que é a Luz do princípio.

Nos primórdios da Humanidade, o homem terrestre foi naturalmente conduzido às atividades exteriores, desbravando o caminho da natureza para a solução do problema vital, mas houve um tempo em que a sua maioria espiritual foi proclamada pela sabedoria da Grécia e pelas organizações romanas.

Nessa época, a vinda do Cristo ao planeta assinalaria o maior acontecimento para o mundo, de vez que o Evangelho seria a eterna mensagem do Céu, ligando a Terra ao reino luminoso de Jesus, na hipótese da assimilação do homem espiritual, com respeito aos ensinamentos divinos. Mas a pureza do Cristianismo não conseguiu manter-se intacta, tão logo regressaram ao plano invisível os auxiliares do Senhor, reencarnados no globo terrestre para a glorificação dos tempos apostólicos.

O assédio das trevas avassalou o coração das criaturas.

Decorridos três séculos da lição santificante de Jesus, surgiram a falsidade e a má-fé adaptando-se às conveniências dos poderes políticos do mundo, desvirtuando-se-lhe todos os princípios, por favorecer doutrinas de violência oficializada.

Debalde enviou o Divino Mestre seus emissários e discípulos mais queridos ao ambiente das lutas planetárias. Quando não foram trucidados pelas multidões delinquentes ou pelos verdugos das consciências, foram obrigados a capitular diante da ignorância, esperando o juízo longínquo da posteridade.

Desde essa época, em que a mensagem evangélica dilatava a esfera da liberdade humana, em virtude da sua maturidade para o entendimento das grandes e consoladoras verdades da existência, estacionou o homem espiritual em seus surtos de progresso, impossibilitado de acompanhar o homem físico na sua marcha pelas estradas do conhecimento.

É por esse motivo que, ao lado dos aviões poderosos e da radiotelefonía, que ligam todos os continentes e países da atualidade, indicando os imperativos das leis da solidariedade humana, vemos o conceito de civilização insultado por todas as doutrinas de isolamento, enquanto os povos se preparam para o extermínio e para a destruição. É ainda por isso que, em nome do Evangelho, se perpetram todos os absurdos nos países ditos cristãos.

A realidade é que a civilização ocidental não chegou a se cristianizar. Na França temos a guilhotina, a força na Inglaterra, o machado na Alemanha e a cadeira elétrica na própria América da fraternidade e da concórdia, isto para nos referirmos tão-somente às nações supercivilizadas do planeta. A Itália não realizou a sua agressão à Abissínia, em nome da civilização cristã do Ocidente? Não foi em nome do Evangelho que os padres italianos abençoaram os canhões e as metralhadoras da conquista? Em nome do Cristo espalharam-se, nestes vinte séculos, todas as discórdias e todas as amarguras do mundo.

Mas é chegado o tempo de um reajustamento de todos os valores humanos. Se as dolorosas expiações coletivas preludiam a época dos últimos "ais" do Apocalipse, a espiritualidade tem de penetrar as realizações do homem físico, conduzindo-as para o bem de toda a Humanidade.

O Espiritismo, na sua missão de Consolador, é o amparo do mundo neste século de declives da sua História; só ele pode, na sua feição de Cristianismo redivivo, salvar as religiões que se apagam entre os choques da força e da ambição, do egoísmo e do domínio, apontando ao homem os seus verdadeiros caminhos. No seu manancial de esclarecimentos, poder-se-á beber a linfa cristalina das verdades consoladoras do Céu, preparando-se as almas para a nova era. São chegados os tempos em que as forças do mal serão compelidas a abandonar as suas derradeiras posições de domínio nos ambientes terrestres, e os seus últimos triunfos são bem o penhor de uma reação temerária e infeliz, apressando a realização dos vaticínios sombrios que pesam sobre o seu império perecível.

Ditadores, exércitos, hegemonias econômicas, massas versáteis e inconscientes, guerras inglórias, organizações seculares, passarão com a vertigem de um pesadelo.

A vitória da força é uma claridade de fogos de artifício.

Toda a realidade é a do Espírito e toda a paz é a do entendimento do reino de Deus e de sua justiça.

O século que passa efetuará a divisão das ovelhas do imenso rebanho. O cajado do pastor conduzirá o sofrimento na tarefa penosa da escolha e a dor se incumbirá do trabalho que os homens não aceitaram por amor.

Uma tempestade de amarguras varrerá toda a Terra. Os filhos da Jerusalém de todos os séculos devem chorar, contemplando essas chuvas de lágrimas e de sangue que rebentarão das nuvens pesadas de suas consciências enegrecidas.

Condenada pelas sentenças irrevogáveis de seus erros sociais e políticos, a superioridade européia desaparecerá para sempre, como o Império Romano, entregando à América o fruto das suas experiências, com vistas à civilização do porvir.

Vive-se agora, na Terra, um crepúsculo, ao qual sucederá profunda noite; e ao século XX compete a missão do desfecho desses acontecimentos espantosos.

Todavia, os operários humildes do Cristo ouçamos a sua voz no âmago de nossa alma:

"Bem-aventurados os pobres, porque o reino de Deus lhes pertence! Bem-aventurados os que têm fome de justiça, porque serão saciados! Bem-aventurados os aflitos, porque chegará o dia da consolação! Bem-aventurados os pacíficos, porque irão a Deus!"

Sim, porque depois da treva surgirá uma nova aurora. Luzes consoladoras envolverão todo o orbe regenerado no batismo do sofrimento. O homem espiritual estará unido ao homem físico para a sua marcha gloriosa no Ilimitado, e o Espiritismo terá retirado dos seus escombros materiais a alma divina das religiões, que os homens perverteram, ligando-as no abraço acolhedor do Cristianismo restaurado.

Trabalhem por Jesus, ainda que a nossa oficina esteja localizada no deserto das consciências.

Todos somos dos chamados ao grande labor e o nosso mais sublime dever é responder aos apelos do Escolhido.

Revedo os quadros da História do mundo, sentimos um frio cortante neste crepúsculo doloroso da civilização ocidental. Lembremos a misericórdia do Pai e façamos as nossas preces. A noite não tarda e, no bojo de suas sombras compactas, não nos esqueçamos de Jesus, cuja misericórdia infinita, como sempre, será a claridade imortal da alvorada futura, feita de paz, de fraternidade e de redenção.

*

ESCOLA DE ESPIRITISMO
QUARTO ANO
TERCEIRA PARTE
3) – CADEIRA DE CIÊNCIA ESPÍRITA

3) – Cadeira de Ciência Espírita. Sociologia Espírita: relações psíquicas como determinantes de processos sociais; relações interexistenciais; influências recíprocas entre o mundo invisível e o visível; a dinâmica sócio-espiritual em substituição ao conceito de estática e dinâmica sociais. A cosmossociologia: relações interplanetárias ou de civilizações cósmicas. Ampliação e aprofundamento do conceito de Medicina Psicossomática. Superação do organocentrismo em Biologia. Esclarecimento do problema da antimatéria em Física. Domínio do tempo e do espaço pelo pensamento: contribuição da pesquisa espíritas para as experiências parapsicológicas.

*

Livro: O Sentido da Vida.

J. Herculano Pires

SOCIOLOGIA ESPÍRITA

As considerações em torno da natureza científica do Espiritismo conduzem-nos ao estabelecimento de um paralelo, no terreno filosófico, entre este e o Socialismo. De fato, embora divergindo nas suas manifestações e nos seus objetivos, tanto o ideal socialista quanto o espírita fizeram uma trajetória semelhante, através das interpretações empíricas, a caminho da objetivação científica. E juntos chegaram, na mesma época, à maturação desejada. Em 1848, Marx e Engels lançavam o *Manifesto Comunista* e, logo depois, *O Capital* dividia definitivamente as águas, firmando a era do socialismo científico, em contradição ao socialismo empírico e ao utópico. Em 1857, Kardec lançava *O Livro dos Espíritos*, iniciando decisivamente a era do espiritualismo científico.

Por analogia, poderíamos classificar de utópico o espiritualismo das escolas teológicas, esotéricas e ocultistas, que continuam a proclamar os seus princípios, até mesmo como superiores, mais elevados e mais “espirituais” do que os do Espiritismo, que consideram excessivamente submetido às injunções dos sentidos físicos do homem. Teríamos assim uma fase que chamaríamos de espiritualismo empírico, decorrente das experiências psíquicas do homem primitivo, dando origem às religiões mais antigas, pejudadas de superstições e de tabus simplesmente grotescos, depois a fase utópica, onde já se esboçam as tentativas racionais, no estabelecimento de sistemas filosóficos, e, por fim, a fase em que nos encontramos, do espiritualismo científico, que já não se satisfaz com as simples indagações do pensamento, penetrando de maneira decisiva o terreno da experimentação.

É interessante notar que essa coincidência de datas no aparecimento do socialismo científico e do Espiritismo colocam praticamente a humanidade em face de uma nítida encruzilhada. Dois caminhos bem delineados, precisos, claros em seus contornos, se abrem no mesmo instante aos olhos do homem do

século dezenove. Resta-lhe apenas escolher qual dos dois trilhará no século futuro. E os fatos nos mostram, já agora, em meados do século vinte, que a humanidade se arrastou, por cem anos, vacilante, numa caminhada indecisa, embaraçada nos seus preconceitos e nos seus prejuízos, sem se definir por qualquer dos dois. O dilema persiste, e só muito lentamente as camadas populares vão forçando a decisão dos tempos, ao adotar atitudes que as elites são obrigadas a reconhecer, pouco a pouco, relutantemente, como os contornos de um novo mundo, de uma nova ordem nascente.

No seu magnífico trabalho, *Cristo e o Comunismo*, o Reverendo Stanley Jones considera o marxismo como o chicote do templo, usado para espantar os vendilhões. A humanidade, não querendo aceitar os princípios de fraternidade universal do Cristianismo, em todas as suas conseqüências, encontra-se sob a vergasta da força e da violência, tangida dessa maneira, para uma nova ordem mundial. Entretanto, o direito de opção nunca se esgota. O prazo é eterno. Se o homem, antes que o chicote marxista o atinja em toda a extensão do corpo universal, quiser ainda atender ao apelo do espírito e optar pelo caminho da espiritualidade, certamente encontrará os elementos de que necessita para a efetivação desse desejo.

Ainda não temos uma sociologia espírita, embora vários ensaios já tenham sido feitos nesse sentido. A luta do Espiritismo, até o presente, para vencer o materialismo e os preconceitos religiosos, a sua imensa batalha sem quartel, travada em toda parte, ainda não permitiu aos espiritistas o tempo e as condições necessárias para a concentração de esforços nesse sentido.

No capítulo oitavo de *O Livro dos Espíritos*, de Kardec, e no seu artigo sobre *As aristocracias*, publicado em *Obras Póstumas*, já podemos vislumbrar alguma coisa do que poderemos chamar, no futuro, de Sociologia Espírita. Emmanuel, no livro *O Consolador*, psicografado por Francisco Cândido Xavier, declara, em seu capítulo primeiro, número 59, que o Espiritismo *é o grande iniciador da Sociologia*. E por mais estranho que isso pareça, principalmente aos sociólogos dos nossos dias, a verdade é que a sociologia só pode ter início com a interpretação dos problemas sociais à luz dos princípios imortalistas do Evangelho do Cristo.

Até hoje, tudo o que se fez, em matéria de Sociologia, tem por base o efêmero das relações sociais, num plano de interesses absolutamente materialistas, sem a menor percepção do futuro espiritual do homem. Fora disso, a chamada sociologia cristã não passa de um aglomerado de conceitos escolásticos, sem nenhuma relação com os princípios vivos do todo social, formado de espíritos e corpos interligados, que se revezam nas encarnações sucessivas.

Os princípios da sociologia espírita encontram-se, pois, nas próprias páginas do Evangelho, resumindo-se no ensinamento *amai-vos uns aos outros*. Isto há de parecer utopia para os homens materialistas, que não crêem na força da verdade, na influência dos grandes princípios sobre a mente humana e principalmente naquilo que podemos chamar *o sentido da vida*. Mas as leis do progresso conduzirão o mundo, fatalmente, a esse estágio superior da civilização. E a tarefa do Espiritismo, no momento, não é outra senão a de estabelecer as bases profundas e sólidas desse novo mundo, em que florescerá a verdadeira

civilização cristã, perfeito reverso desta civilização materialista, anti-fraterna e anti-evangélica, a que os homens, por ironia, dão o falso rótulo de cristã.

Diante, porém, dessas conclusões, vemos que o verdadeiro espírita se encontra, em face do mundo de hoje, e principalmente na vida política, numa situação incômoda. Não pode ele, em sã consciência, endossar os princípios da maioria dos partidos existentes, nem pode, por outro lado, filiar-se às correntes esquerdistas revolucionárias. Se uns se apegam ao individualismo capitalista, que a tudo corrompe e desvirtua, os outros se escravizam a princípios materialistas, que lhes viciam a origem. Como cidadão, entretanto, o espírita tem o direito e o dever de intervir na vida civil do seu país, de participar dos pleitos e-leitorais, tanto votando como sendo votado.

Para muitos espíritas, essas dificuldades não existem. Eles conseguem separar inteiramente os deveres sociais dos deveres individuais, conseguem dividir a sua vida em duas partes distintas e não vêm por que, num mundo de tantas incoerências, somente o espírita deva ser coerente consigo mesmo em todos os momentos da vida. Para os que, porém, costumam encarar as coisas com seriedade e compreendem que o Espiritismo é norma de vida para o indivíduo e para a coletividade, sem qualquer possibilidade de divisões artificiais, o problema da política se transforma num dos mais complexos e de mais difícil solução.

Não podemos, evidentemente, transformar o movimento espírita num partido político, segundo a solução alvitrada por muitos confrades. Não podemos, também, fundar um movimento político à margem do Espiritismo, com a finalidade de arregimentar os espíritas, segundo pensava o próprio Conan Doyle. O Espiritismo tem uma função, que já definimos, antes de profundidade do que de superfície. Ele precisa trabalhar o coração dos homens, e a sua derivação para as competições políticas embaraçaria ou prejudicaria de vez a execução dessa tarefa divina. Por outro lado a dispersão dos espíritas pelos vários partidos políticos equivale a uma demonstração de incoerência, a uma falta de objetivo político e social na própria doutrina.

Como solucionarmos essas dificuldades? Alvitram alguns confrades que o espírita se alheie por completo dos movimentos políticos, restringindo-se ao cumprimento do seu dever de votante.

Mas o ato de votar é também uma definição de atitude, uma tomada de posição, uma opção, enfim. E não é da natureza humana que um ato dessa espécie possa se processar com alheamento, como uma pedra que caísse no vácuo, desligada de qualquer impulso. O votante chega até as urnas impulsionado por reflexões que teve de fazer, por decisões que tomou, e depois das urnas aguardará com ansiedade mais ou menos intensa, mas sempre presente, o resultado do pleito. Criaríamos uma ilusão anti-espírita, se acreditássemos na possibilidade dessa abstenção política, alvitrada por alguns confrades, em diversas ocasiões.

Na tese que oferecemos ao primeiro Congresso Espírita de Alta Paulista, realizado em Marília, no ano de 1947, e que foi aprovada em plenário, sendo depois publicada na *Revista Internacional do Espiritismo*, de Matão, e em folhetos, sob o título de *O Reino*, propusemos a organização de um movimento

amplo, sem qualquer sentido sectarista, envolvendo espíritas e não espíritas, com a finalidade de implantar na Terra os princípios do Reino de Deus. Esse movimento, porém, não seria um partido político, nem poderia se converter em tal coisa. Aliás, para se libertar dos partidos, ele teria de se bater, desde o início, pelo registro dos candidatos livres, em todas as eleições. E enquanto não conseguisse esse objetivo, desenvolveria um trabalho persistente de esclarecimento dos eleitores, de maneira a livrá-los da exploração política e da demagogia partidária.

Parece-nos, ainda hoje, que essa seria uma solução, ou pelo menos um princípio de solução, talvez com alguns acréscimos ou modificações. Por exemplo, permitindo-se ao movimento do Reino o direito de incluir candidatos em várias legendas partidárias ou de aceitar que alguns candidatos a ele se filiassem, com o fim de defender seus objetivos. A princípio, essa atitude nos parecia excessivamente perigosa, num mundo em que todo e qualquer contato com o escorregadio terreno do partidarismo político ameaça a integridade moral do cidadão ou da agremiação a que pertence. Ultimamente, porém, tantas e tamanhas têm sido as influências perigosas exercidas pela política, as fascinações do partidarismo político, sobre os espíritas e as suas agremiações, e sobre todas as demais correntes do pensamento religioso, que estamos dispostos a aceitar essa solução.

O movimento, entretanto, deveria estabelecer desde o início, de maneira clara e precisa, de acordo com o princípio evangélico do *seja o teu falar sim-sim, não-não*, as suas linhas invioláveis de reivindicação social e moral, com vistas ao estabelecimento de uma ordem mundial baseada na justiça, no equilíbrio, na fraternidade e no entendimento. Teria de ser um movimento socializante, contrário ao individualismo capitalista. E poderia começar pelo estabelecimento de um sistema cooperativista de natureza cristã, cujas unidades seriam as pedras fundamentais da nova ordem econômica.

Contra a interpretação materialista da história, ofereceria a espiritualista; contra a pregação da violência, como único processo possível de transformação social, ergueria os princípios evangélicos da não violência; contra a formação da chamada *consciência de classe*, tão grata ao marxismo quanto ao capitalismo, pregaria e trabalharia pela criação da *consciência humanística*, superior a todas as limitações de casta, classe, seita ou raça.

Enquanto isso não se fizer, não poderemos negar aos espíritas sinceros o direito de intervir nas atividades políticas, desde que de maneira elevada, numa atitude superior, com vistas à realização de objetivos sociais, e sem a tentativa, tão comum hoje em dia, de envolver os centros e outras organizações doutrinárias nas lutas inglórias da política partidária.

Os espíritas iniciariam, portanto, e orientariam o movimento do Reino, baseados na poderosa força da Doutrina dos Espíritos. Mas esse movimento não seria caracteristicamente espírita, mantendo suas portas abertas para todos os que, independentemente da crença nos princípios espíritas, aceitassem os seus objetivos sociais. E se muitos espíritas a ele não se filiassem, preferindo continuar envolvidos no partidarismo político, nem por isso o movimento estaria prejudicado ou diminuído.

CÓDIGO DE DIREITO NATURAL ESPÍRITA

José Fleuri Queiroz

3 – COLABORAÇÃO INTEREXISTENCIAL (Filosofia Existencial) – (Explicação de J. Herculano Pires no referido livro “Curso Dinâmico de Espiritismo” – págs. 95-102) –

A Filosofia Existencial dominou o pensamento filosófico mundial e permanece como o marco de uma profunda revolução filosófica - A Filosofia atual, representativa do nosso século, é a Existencial. Dela se derivou o movimento existencialista, por uma interpretação espúria do pensamento de Jean-Paul Sartre. Mas o pensamento desse famoso filósofo francês nada tem a ver com as estroinices da cantora Juliette Greco, que aproveitou-se do renome de Sartre para criar no Café de Fiore, em Paris, um movimento juvenil em que se atribuiu o título de Musa do Existencialismo, dando a Sartre o título de Papa do Existencialismo. Simone de Beauvoir, discípula e companheira do filósofo, perguntou-lhe porque aceitara essa situação. Sartre deu de ombros, dizendo que nada tinha com o movimento da cantora e nem se interessava por ele. O famoso autor de “O Ser e o Nada” e da “Crítica da Razão Dialética” costumava escrever numa das mesas do Café, e ali continuou a trabalhar, indiferente aos shows da cantora. A Filosofia Existencial desfigurou-se na opinião dos leigos, mas não abalou o seu prestígio no meio intelectual. Fundada por Kierkegaard, teólogo dinamarquês, que não pretendia filosofar, a Filosofia Existencial dominou o pensamento filosófico mundial e permanece como o marco de uma profunda revolução filosófica, semelhante à de Copérnico na Astronomia.

Vida e Existência – O Homem é um pro-jecto - O conceito existencial do homem foi desenvolvido pelos maiores filósofos contemporâneos, como Martin Heidegger, Karl Jaspers, Gabriel Marcel, Simone, Camus e outros. Esse conceito corresponde ao espírita, formulado por Kardec na Filosofia Espírita. O homem é um ‘pro-jecto’, um ser que se lança na existência e a atravessa como uma flecha em direção à transcendência que é o objetivo da existência. Para Sartre, materialista, a morte é a frustração do homem. Para Heidegger, metafísico, o homem se completa na morte. A Filosofia Existencial admite, em geral, que o ser é um embrião lançado à existência para desenvolver suas potencialidades. Há uma diferença essencial entre Vida e Existência. Todos os seres vivem, mas só o ser humano existe, porque existir é ter consciência de si mesmo e viver em ritmo de ascensão, buscando superar a condição humana e atingir a divina. O homem é o único “existente”. Esta palavra, “existente”, designa o homem como ser na existência.

Conceito Espírita do homem, o único “ser existente” - Vejamos o sentido tipicamente espírita dessa concepção do homem. Antes de ser, o homem é apenas um vir-a-ser, uma coisa misteriosa fechada em si mesma. Ansiando por realização, essa coisa se projeta na existência e se abre na relação, encontrando nesta os elementos que a despertam e a transformam num ser. Este toma consciência de sua própria natureza de ser e como tal busca superar-se. No trânsito existencial desenvolve a sua essência e abre no maciço do mundo, feito de leis rígidas e fatalistas, a única brecha de liberdade, que é o homem com seu livre arbítrio. Para Sartre, ao chegar à morte o homem já elaborou a sua essência na existência, mas esta não subsiste porque o homem desaparece na morte: o homem é uma frustração. Para Heidegger, o ser se desenvolve na existência e se completa na morte: é uma realização. Para Jaspers, o desenvolvimento do ser na existência se faz em duas etapas: 1ª.) a transcendência horizontal, no plano social; 2ª.) a transcendência vertical, na busca de Deus. Sartre aplica ao existente a dialética de Hegel: a) o homem antes da existência é o “em-si”; b) o homem na existência é o “para-si”; c) o homem na morte é o “em-si-para-si”. Como vemos, o “em-si-para-si” é a síntese dialética em que o “em-si” (fechado em si mesmo) e o “para-si” (aberto na relação social), que é a transcendência horizontal de Jaspers, resolve-se no “em-si-para-si”, que é a condição divina atingida na transcendência vertical de Jaspers.

O conceito filosófico (espírita) de “existência” difere profundamente do conceito de vida. Enquanto a vida se define como o elã de Bergson, um impulso, uma força que penetra na matéria e, segundo a idéia hegeliana, modela as formas, a existência é subjetividade pura, o que vale dizer espírito. Assim, não vivemos como as plantas e os animais, integrados na matéria, mas como espíritos ligados à matéria para usá-la em função de seus interesses subjetivos. Vivemos na psique e não no corpo. Nossa vida não é propriamente vida, mas um existir independente das

coisas e dos seres materiais, cuja única aspiração verdadeira é a liberdade, que só podemos de fato obter e gozar na interioridade de nós mesmos. Mesmo encarnados, não saímos do plano espiritual, continuamos nele, nosso habitat natural, como sonâmbulos. A matéria não nos absorve, apenas reflete-se em nossa sensibilidade. O dia e a noite, a vigília e o sono, como Jaspers observou, marcam o ritmo existencial da relação alma-corpo. Durante o repouso do corpo, para refazer-nos, voltamos ao mundo espiritual no veículo do perispírito, e, mesmo em plena vigília, escapamos da matéria através das fugas psíquicas, das projeções telepáticas, das várias modalidades da percepção extra-sensorial. A hipnose prova o sentido ilusório do viver. No estado sonambúlico ou hipnótico, semidesligados do corpo, vagamos no intermúndio e aceitamos facilmente as sugestões de uma situação irreal: tocamos violino sem violino, sentimos calor e suamos sem calor, resistimos ao fogo sem queimar-nos, regressamos no tempo e nos projetamos no futuro através da memória e assim por diante. A Gestalt nos mostra a ilusão da forma na percepção do mundo, em que as aparências pregnantas cobrem a realidade material precipitando-nos em quedas e frustrações. A evolução da Física roubou-nos o mundo sólido e opaco do passado e lançou-nos no torvelinho dos átomos e das partículas nucleares. A matéria esfarelou-se nas mãos dos físicos e obrigou-nos a reconhecerno-nos como seres evanescentes, e que vivemos num mundo mágico de estruturas imponderáveis.

Diante dessa realidade fantástica, às leis físicas que Bertrand Russel se apegou para não naufragar no irreal, impõe-se a realidade-real das leis psíquicas, do espírito que domina, estrutura e ordena a matéria. O que chamamos de vida se transforma em existência, e esta não é mais do que a curta medida do tempo necessário para nos libertar-nos de um condicionamento mental determinado pela ilusão dos sentidos, como Descartes já verificara e demonstrara em suas tentativas de nos dar a Ciência Admirável que o Espírito da Verdade lhe revelara em sonhos. O “cogito ergo sum” do filósofo aparece-nos hoje como um traço de união entre o Cristianismo puro do Cristo e o Espiritismo, em que a verdade revelada se restabelece na sua realidade incompreendida, como uma ponte fluídica e indestrutível que liga duas partes do real, separadas pelo abismo de quase dois milênios de loucura, de esquizofrenia religiosa. Ao descobrir que essa frase cartesiana – penso, logo existo – foi o “abre-te Sésamo” de um filósofo mágico que não queria ilusional mas atingir a Verdade, compreendemos que a ponte cartesiana passou sobre um abismo onde espumou por milênios a voragem de sangue e impiedade de um pesadelo mundial. E tão hipnótica foi essa voragem que cientistas e filósofos ainda resistem ao chamado da nova concepção do homem e do mundo que o Espírito da Verdade nos oferece. O próprio Descartes, apegado aos ídolos de Bacon, saiu do seu deslumbramento para uma peregrinação ao ídolo de Nossa Senhora da Saletti, no cumprimento de uma promessa. Repetiu-se nesse episódio histórico a mensagem do Mito da Caverna na República de Platão. Um escravo escapou dos grilhões e foi ver à luz do Sol a realidade que só conhecia através das silhuetas de sombras. E quando voltou e contou o que vira lá fora, os demais o consideraram perturbado. No entanto, a partir de suas obras iniciava-se no mundo a Renascença Cristã, que se completaria mais tarde numa eclosão mediúnica em que as línguas de fogo do Pentecoste se acenderiam de novo sobre a cabeça dos Apóstolos da Nova Era.

O conceito de existência é o carisma do Século XX, da fase mais aguda da transição planetária para um grau superior da Escala dos Mundos. As inteligências terrenas foram convocadas para a nova batalha cristã, em que os Mártires da Verdade não sofreriam mais as penas cruentas do passado tenebroso, mas enfrentariam as angústias da incompreensão e o martírio inevitável da marginalização cultural. Os construtores da nova cultura, nascida dos princípios cristãos, iniciariam sob escárnio e calúnias a construção da Civilização do Espírito. Esse o grave problema que os espíritas precisam encarar com a maior seriedade em nosso tempo, pois somos herdeiros dessa causa e os continuadores dessa obra. Se não nos empenharmos nela com a devida consciência da sua importância, se não formos capazes de sacrifício e abnegação, em favor dos novos tempos, assumiremos também a nossa parte de responsabilidade nos fracassos que poderão levar-nos a um catástrofe planetária.

Conceito de Existência e Conceito de Solidariedade Existencial entre os espíritos e os homens - Mas é bom lembrar que não estamos sós. Ao conceito de “existência” dos filósofos atuais o Espiritismo acrescenta o conceito da solidariedade existencial entre os espíritos e os homens. Provada a sobrevivência dos mortos pela pesquisa científica e demonstrada a interpenetração dos mundos material e espiritual – que se evidencia na nossa própria organização psicofí-

sica, impõe-se naturalmente o conceito espírita da “interexistência”. Já vimos que não vivemos apenas no plano material, que não estamos fundidos no corpo carnal mas apenas ligados a ele como o condutor ao seu veículo. Nos estudos de Hipnotismo aprendemos que a nossa vida diária também se processa simultaneamente em dois planos. O mesmo acontece com os espíritos, que não estão isolados no plano espiritual mas passam constantemente do seu plano para o nosso, como vemos no caso das comunicações mediúnicas, das aparições, das materializações e até mesmo, de maneira espontânea e concreta, visível e palpável, no caso dos “agêneres”. Assim, a interpenetração do plano espiritual inferior com o plano material superior (a crosta terrena e sua atmosfera), constitui a zona planetária a que chamamos de “intermúndio”. Os gregos antigos diziam que os seus deuses viviam no intermúndio, entre o Céu e a Terra. O Espiritismo nos permite compreender essa verdade de maneira clara e racional: para eles, os espíritos eram os deuses bons e maus que se comunicavam através dos oráculos e das pitonisas. Eles também conheciam os “agêneres”, pois os seus deuses podiam descer do Olimpo e aparecer aos homens como homens. **O conceito de interexistência deriva do conceito de intermúndio formulado pelos gregos.**

A colaboração interexistencial e as pesquisas mediúnicas - E no Espiritismo esses conceitos se ampliam através das pesquisas mediúnicas, revelando as leis da colaboração interexistencial a que naturalmente se entregam os espíritos e os homens em todos os tempos, desde os primitivos até ao nosso. Contamos, pois, com a colaboração constante dos nossos companheiros de humanidade na batalha cristã de elevação na Terra. Anotemos a importância que, nesse contexto, adquirem as sessões mediúnicas de orientação e esclarecimento de espíritos sofredores ou malfeitores. A doutrinação espírita, sempre auxiliada pelos Espíritos Superiores e os Espíritos Bons que os servem, é um trabalho humilde de caridade que, no entanto, não se limita aos efeitos pessoais em favor do socorrido e das suas vítimas, pois sua contribuição maior é a renovação consciencial ou despertar das consciências humanas para as responsabilidades do ser na existência. Pouco pode fazer uma sessão de doutrinação, diante da extensão dos desequilíbrios, a multidão de sofredores e malfeitores que nos rodeiam. Mas cada espírito que se esclarece é uma nova irradiação nas trevas conscienciais. Além disso, numa pequena sessão não temos o esclarecimento apenas das entidades comunicantes. Em geral, é maior o número de espíritos assistentes, que se beneficiam com a doutrinação dos que se encontram na sua mesma situação. Por outro lado, o ambiente espiritual da sessão irradia suas luzes muito além do recinto estreito em que se realiza. O milagre da multiplicação dos pães se repete em cada sessão de humildes servidores da causa que é de toda a Humanidade. Os resultados positivos das sessões vão muito além do que podemos perceber, espalhando seus benefícios no intermúndio, no Espaço e na Terra. Note-se ainda que essas sessões representam a colaboração humana aos trabalhos de esclarecimento e orientação que os Espíritos realizam incessantemente no plano espiritual. Essa participação dos homens nas tarefas espirituais restabelece os elos de fraternidade desfeitos pelo formalismo igrejeiro. E desfaz a fábula do ciúme dos anjos, que teriam se rebelado contra Deus pela encarnação de Jesus como homem e pela concessão aos padres do direito de perdoar pecados, que os anjos não possuem. Fábulas dessa espécie, criadas pela pretenciosa imaginação teológica, dão-nos a medida do desconhecimento dos clérigos mais ilustrados e prestigiosos sobre a realidade espiritual. Os anjos não são mais do que espíritos humanos que se sublimaram em encarnações sucessivas. O Espiritismo coloca o problema da Criação em termos evolutivos, à luz da concepção monista e monoteísta. Nas sessões mediúnicas de caridade, anjos, espíritos humanos e espíritos diabólicos participam como orientadores, doutrinadores e necessitados de doutrinação. Não sendo o Diabo mais do que uma alegoria, um mito representativo dos espíritos inferiores voltados ao mal, a presença dos impropriamente chamados espíritos diabólicos nas sessões de socorro espiritual é justa e necessária. Ninguém necessita mais do socorro humano do que essas criaturas transviadas. Quando elas não estão em condições de aproveitar a oportunidade, não lhes é facultada a comunicação mediúnica. Permanecem no ambiente como observadores, vigiados pelos espíritos guardiães, e aprendem aos poucos, como alunos ouvintes, a se prepararem para o tratamento de que necessitam. Muitas pessoas não gostam dessas sessões de comunicações desagradáveis, onde a caridade brilha no seu mais puro esplendor. São nelas que os pretensos diabos deixam cair suas fantasias infelizes para vestir de novo a roupagem comum dos homens, voltando ao convívio dos que seguem a senda da evolução espiritual. Os grupos que se recusam a realizar esses trabalhos de amor acabam caindo nas mistificações de espíritos pseudo-sábios e pagam caro o seu comodismo e a sua pretensão.

A colaboração interexistencial iniciada pelo Espiritismo estabeleceu a verdadeira fraternidade espiritual na Terra. Esse fato marca um momento sublime nos rumos da transcendência humana. O planeta das sombras, cuja História é um terrível caleidoscópio de atrocidades e maldades, brutalidade e miséria moral, ganhou um ponto de luz celeste com essa reviravolta em suas precaríssimas condições religiosas. O desenvolvimento das práticas de socorro espiritual indiscriminado, oferecido a todos os tipos de necessitados, dará condições à Terra para se libertar das sombras e elevar-se aos planos de luz. O lema espírita: “Fora da Caridade não há Salvação” é o passaporte da Terra para a sua escalada aos planos superiores. Os médiuns que trabalham nessas sessões de socorro, ao invés de preferirem aquelas em que só se interessam por mensagens de Espíritos Superiores, estão mais próximos dos planos elevados e das entidades realmente superiores. Não foi para os elegantes e vaidosos rabinos do Templo que Jesus veio à Terra, mas, como ele mesmo disse, para as ovelhas transviadas de Israel. Os que pensam que só devem tratar com Espíritos Superiores provam, por essa pretensão, a incapacidade de compreender a elevação espiritual.

*

CÓDIGO DE DIREITO NATURAL ESPÍRITA

José Fleuri Queiroz

CAPÍTULO V

LEI DE SOCIEDADE

I – NECESSIDADE DA VIDA SOCIAL (O Livro dos Espíritos, itens 766 a 768)

Artigo 63 – A vida social é natural: Deus fez o homem para viver em sociedade, não deu inutilmente ao homem a palavra e todas as outras faculdades necessárias à vida de relação.

63.1 – “Sociabilidade”- Explicação de Rodolfo Calligaris em seu livro “As Leis Morais”, Ed. FEB, 3^a. ed., 1983, págs. 107-110:

“O homem é um animal social”, já o dizia, com acerto, famoso pensador da Antiguidade, querendo com isso significar que ele foi criado para viver, ou melhor, conviver com seus semelhantes. A sociabilidade é instintiva e obedece a um imperativo categórico da lei do progresso (e lei de sociedade) que rege(m) a Humanidade. É que Deus, em Seus sábios desígnios, não nos fez perfeitos, fez-nos perfectíveis; assim, para atingirmos a perfeição a que estamos destinados, todos precisamos uns dos outros, pois não há como desenvolver e burilar nossas faculdades intelectuais e morais senão no convívio social, nessa permuta constante de afeições, conhecimentos e experiências, sem a qual a sorte de nosso espírito seria o embrutecimento e a estiolação.

Sendo o fim supremo da sociedade promover o bem-estar e a felicidade de todos os que a compõem, para que tal seja alcançado há necessidade de que cada um de nós observe certas regras de procedimento ditadas pela Justiça e pela Moral, abstendo-se de tudo que as possa destruir. Com efeito, a boa ordem na sociedade depende das virtudes humanas. À medida que nos formos esclarecendo, tomando consciência de nossos deveres para com nós mesmos (amor ao trabalho, senso de responsabilidade, temperança, controle emocional, etc.) e para com a comunidade de que somos parte integrante (cortesia, desprendimento, generosidade, honradez, lealdade, tolerância, espírito público, etc.), cumprindo-os à risca, menores e menos frequentes se irão tornando os atritos e conflitos que nos afligem; mais estável será a paz e mais deleitável a harmonia que devem reinar em seu seio.

Artigo 64 – O isolamento absoluto é contrário à lei natural. Os homens buscam a sociedade por instinto e devem todos concorrer para o progresso, ajudando-se mutuamente.

Artigo 65 - O homem, ao buscar a sociedade, obedece a um sentimento pessoal e a uma finalidade providencial de ordem geral. Ele deve progredir, mas sozinho não o pode fazer porque não possui todas as faculdades; precisa do contato dos outros homens. No isolamento ele se embrutece e se estiola.

Parágrafo único – Nenhum homem dispõe de faculdades completas e é pela união social que eles se completam uns aos outros, para assegurarem o seu próprio bem-estar e progredirem. Eis porque, tendo necessidade uns dos outros, são feitos para viver em sociedade e não isolados.

65.1 – “A Necessidade da Experiência”- Explicação do Espírito Emmanuel no livro “Emmanuel”, psicografado por Francisco Cândido Xavier, Editora FEB, 18^a. edição, 1997, págs. 39-42:

Em vossos dias, a luta a cada momento recrudescer sobre a face do mundo; inúmeras causas a determinam e Deus permite que ela seja intensificada, em benefício de todos os seus filhos.

Todas as classes são obrigadas a grandes trabalhos, mormente aos trabalhos intelectuais, porquanto procuram, com afincos, a solução da crise generalizada em todos os países.

Ponderando a grande soma dos males atuais, buscam elas remédios para as suas preocupações, espantadas com a situação econômica dos povos, cuja precariedade recai sobre a vida das individualidades, multiplicando as suas angústias na luta pelo pão cotidiano. O quadro material que existe na Terra não foi formado pela vontade do Altíssimo; ele é o reflexo da mente humana, desvairada pela ambição e pelo egoísmo. O céu admite apenas que o mundo sofra as consequências de tão perniciosos elementos, porque a experiência é necessária como chave bendita que descerra as portas da compreensão. Cada um, pois, medite no quinhão de responsabilidades que lhe toca e não evite o trabalho que eleva para as Alturas.

O Momento das Grandes Lutas – Há quem despreze a luta, mergulhando em nociva impassibilidade, ante os combates que se travam no seio de todas as coletividades humanas; a indiferença anula na alma as suas possibilidades de progresso e oblitera os seus germens de perfeição, constituindo um dos piores estados psíquicos, porque, roubando à individualidade o entusiasmo do ideal pela vida, a obriga ao estacionamento e à esterilidade, prejudiciais em todos os aspectos à sua carreira evolutiva.

Semelhante situação não se pode, todavia, eternizar, pois para todos os espíritos, talhados todos para o supremo aperfeiçoamento, raia, cedo ou tarde, o instante da compreensão que os impele a contemplar os altos cimos... A alma estacionária, até então refratária às pugnas do progresso, sente em si a necessidade de experiências que lhe facultarão o meio de alcançar as culminâncias vislumbradas... Atira-se aí à luta com devoção e coragem. Vezes inúmeras fracassa em seus bons propósitos; porém, é nesse turbilhão de incessantes combates que ela evoluciona para a perfeição infinita, desenvolvendo as suas possibilidades, aprimorando os seus poderes, enobrecendo-se, enfim.

Os Planos do Universo São Infinitos – Para os desencarnados da minha esfera, o primeiro dia do Espírito é tão obscuro como o primeiro dia do homem o é para a Humanidade. Somente sabemos que todos nós, indistintamente, possuímos germens de santidade e de virtude, que podemos desenvolver ao infinito. Podendo conhecer a causa de alguns dos fenômenos do vosso mundo de formas, não conhecemos o mundo causal dos efeitos que nos cercam, os quais constituem para vós outros, encarnados, matéria imponderável em sua substância. Se para o vosso olhar existem seres invisíveis, também para o nosso eles existem, em modalidade de vida que ainda estudamos nos seus primórdios, porquanto os planos da evolução se caracterizam pela sua multiplicidade dentro do Infinito. Aqui reconhecemos quão sublime é a lei de liberdade das consciências e dessa emancipação provém a necessidade da luta e do aprendizado.

O Futuro é a Perfeição – Integrada no conhecimento de suas próprias necessidades de aprimoramento, a alma jamais abandona a luta. Volta às existências preparatórias do seu futuro glorioso. Reúne-se aos seres que lhe são afins, desenvolvendo a sua atividade perseverante e incansável nos carreiros da evolução. Em existências obscuras, ao sopro das adversidades, amontoa os seus tesouros imortais, simbolizados nas lições que aprende, devotadamente, nos sofrimentos que lhe apuram a sensibilidade. Cada etapa alcançada é um ciclo de dores vencidas e de perfeições conquistadas.

O que significam as Reencarnações - Cada encarnação é como se fora um atalho nas estradas da ascensão. Por esse motivo, o ser humano deve amar a sua existência de lutas e de amarguras temporárias, porquanto ela significa uma bênção divina, quase um perdão de Deus. A golpes de vontade persistente e firme, o Espírito alcança elevados pontos na sua escalada, nos quais não mais estacionará no caminho escabroso, mas sentirá cada vez mais a necessidade de evolução e de experiência, que o ajudarão a realizar em si as perfeições divinas.

A Tarefa dos Guias Espirituais - (Introdução do Livro “Emmanuel”)

Os guias invisíveis do homem não poderão, de forma alguma, afastar as dificuldades materiais dos seus caminhos evolutivos sobre a face da Terra. O Espaço está cheio de incógnitas para todos os Espíritos. Se os encarnados sentem a existência de fluidos imponderáveis que ainda não podem compreender, os desencarnados estão marchando igualmente para a descoberta de outros segredos divinos que lhes preocupam a mente.

Quando falamos, portanto, da influência do Evangelho nas grandes questões sociológicas da atualidade, apontamos às criaturas o corpo de leis, pelas quais devem nortear as suas vidas no planeta. O chefe de determinados serviços recebe regulamentos necessários dos seus superiores, que ele deverá pôr em prática na administração. ‘Nossas atividades são de colaborar com os nossos irmãos no domínio do conhecimento desses códigos de justiça e de amor, a cuja base viverá a legislação do futuro’. Os Espíritos não voltariam à Terra apenas para dizerem aos seus companheiros, das beatitudes eternas nos planos divinos da imensidade. Todos os homens conhecem a fatalidade da morte e sabem que é inevitável a sua futura mudança para a vida espiritual. Todas as criaturas estão, assim, fadadas a conhecer aquilo que já conhecemos. Nossa palavra é para que a Terra vibre conosco nos ideais sublimes da fraternidade e da redenção espiritual. Se falamos dos mundos felizes, é para que o planeta terreno seja igualmente venturoso. Se dizemos do amor que enche a vida inteira da Criação Infinita, é para que o homem aprenda também a amar a vida e os seus semelhantes. Se discorremos acerca das condições aperfeiçoadas da existência em planos redimidos do Universo, é para que a Terra ponha em prática essas mesmas condições. Os códigos aplicados, em outras esferas mais adiantadas, baseados na solidariedade universal, deverão, por sua vez, merecer aí a atenção e os estudos precisos.

O orbe terreno não está alheio ao concerto universal de todos os sóis e de todas as esferas que povoam o Ilimitado; parte integrante da infinita comunidade dos mundos, a Terra conhecerá as alegrias perfeitas da harmonia da vida. E a vida é sempre amor, luz, criação, movimento e poder. Os desvios e os excessos dos homens é que fizeram do vosso planeta a mansão triste das sombras e dos contrastes. Fluidos misteriosos ligam a Deus todas as belezas da sua criação perfeita e inimitável. Os homens terão, portanto, o seu quinhão de felicidade imorredoura, quando estiverem integrados na harmonia com o seu Criador.

Os sóis mais remotos e mais distantes se unem ao vosso orbe de sombras, através de fluidos poderosos e intangíveis. Há uma lei de amor que reúne todas as esferas, no seio do éter universal, como existe essa força ignorada, de ordem moral, mantendo a coesão dos membros sociais, nas coletividades humanas... Os homens, portanto, não devem permanecer embebecidos, diante das nossas descrições. O essencial é meter mãos à obra, aperfeiçoando, cada qual, o seu próprio coração primeiramente, afinando-o com a lição de humildade e de amor do Evangelho, transformando em seguida os seus lares, as suas cidades e os seus países, a fim de que tudo na Terra respire a mesma felicidade e a mesma beleza dos orbes elevados, conforme as nossas narrativas do Infinito.

65.2 – “A Solidariedade Espírita” – Explicação de José Herculano Pires em seu livro “Curso Dinâmico de Espiritismo”, Edit. Paidéia, 1ª. ed. 1979, págs. 151-157:

O Evangelho Segundo o Espiritismo - A Solidariedade Espírita se manifesta particularmente no campo da assistência à pobreza, aos doentes e desvalidos. O grande impulso nesse sentido foi dado, desde o início do movimento doutrinário na França, pelo livro ‘O Evangelho Segundo o Espiritismo’, de Allan Kardec, que trabalhou em silêncio na elaboração dessa obra, sem nada dizer a ninguém. Selecionou numerosas mensagens psicografadas, procedentes de diversos países em que o Espiritismo já florescia. Sua intenção era oferecer aos espíritas um roteiro para a prática religiosa, baseado no que ele chamava de ‘essência do ensino moral do Cristo’. Conhecendo profundamente a História do Cristianismo e as dificuldades com que os originais do Evangelho haviam sido escritos, em épocas e locais diferentes, bem como o problema dos evangelhos apócrifos e das interferências mitológicas nos textos canônicos e as interpolações ocorridas nestes, afastou todos esses elementos espúrios para oferecer aos espíritas uma obra pura, despojada de todos os acessórios comprometedores. Seu trabalho solitário e abnegado deu-nos uma obra-prima, que conta com milhões de exemplares incessantemente reeditados no mundo.

As três dimensões da Solidariedade Espírita – A solidariedade espírita não é apenas interna, entre os adeptos e companheiros. Projeta-se pelo menos em três dimensões: a) no plano social geral da comunidade espírita, além dos grupinhos domésticos e das instituições fechadas; b) envolve todas as criaturas vivas, protegendo-as, amparando-as, estimulando-as em suas lutas pela transcendência, procurando ajudá-las sem nada pedir em troca, nem mesmo a simpatia doutrinária, pois quem ajuda não tem o direito de impor coisa alguma; c) eleva-se aos planos superiores para ligar-se a Kardec e sua obra, a todos os espíritos esclarecidos que lutam pela propaga-

ção do Espiritismo no mundo e a Deus e a Jesus na Solidariedade cósmica dos mundos solidários.

Nessas três dimensões a Solidariedade Espírita realiza, como que apoiada em três poderosas alavancas, o esforço supremo de elevação do mundo, estimulando a transcendência humana. As mentes que ainda não atingiram a compreensão desse processo podem fechar-se em grupos e instituições de tipo igreja, isolando-se em seus ambientes de fumaça, onde os espíritos mistificadores e embusteiros se acoitam facilmente. Mas na proporção em que os adeptos assim isolados, ou pelo menos alguns deles, procurarem realmente compreender a doutrina, a situação se modificará, despertando os indolentes para atividades maiores.

A Luta do Homem Para Transformar o Mundo: A Era do Espírito – (...) A luta do homem para transformar o mundo é a luta do homem consigo mesmo, pois é ele quem faz o mundo, e o faz à sua imagem e semelhança. Deus criou a Terra e todos os mundos do espaço, mas deu cada mundo aos homens que os habitam, para que eles aprendam o seu ofício paterno de Criador, tentando criar o mundo humano que lhes compete. É evidente que existe o mundo físico, material, em que nascemos, vivemos e morremos. E é também inegável que, sobre esse mundo físico e com os seus materiais, os homens construíram um mundo diferente, feito de artificios humanos. O mundo material e sua contraparte espiritual (que os cientistas começam a descobrir como antimatéria) constituem o mundo natural. Mas sobre ambas as partes desse mundo natural os homens constroem os seus mundos factícios. Cada Civilização é um mundo imaginário que o homem constrói com o seu trabalho, modelando em argila e pedra os seus sonhos e suas ilusões. Esses mundos artificiais são o reflexo das ideias humanas na matéria. Nós os criamos, alimentamos, desenvolvemos, dirigimos e matamos. Os mundos bárbaros criados na Terra eram ingênuos; os mundos civilizados apresentam uma gradação que reflete a evolução humana, indo das civilizações agrárias, fantasiosas e alegóricas, até às grandes civilizações orientais, massivas e arrogantes e às Civilizações Teocráticas, míticas e supersticiosas; chegando às Civilizações Científicas, politeístas e pretensivas, que se transformam em Civilizações Tecnológicas, materialistas e conflituosas, que morrerão para dar lugar à Civilização do Espírito, na busca cultural da Transcendência. Segundo Toynbee, mais de vinte grandes civilizações já existiram na Terra. Agora está surgindo aos nossos olhos e sob os nossos pés uma Nova Civilização – a do Espírito – que podemos chamar de Cósmica ou Espiritual. É para preparar o advento dessa Civilização do Espírito que o Espiritismo surgiu. Não adianta querermos fazer do Espiritismo uma religião dogmática, carregada de misticismo tolo ou de materialismo alienante. As novas gerações que se encarnam para realizá-la não temem a Deus nem ao Diabo, simplesmente confiam nos planos irreversíveis do Deus, que se executam segundo as leis da consciência humana em relação telepática permanente com as entidades angélicas a serviço de Deus. O Espiritismo é a Plataforma de Deus, aprovada pelos Espíritos Superiores para a transformação e elevação da Terra.

65.3 – “A Nova Geração” – Explicação de Allan Kardec em seu livro “A Gênese”, Editora LAKE, SP., tradução de Victor Tollendal Pacheco, 17ª. edição, 1994, pgs. 357-361:

Emigração dos Espíritos Maus Para Mundos Inferiores à Terra - Para que os homens sejam felizes sobre a Terra, é necessário que ela seja povoada apenas por bons Espíritos encarnados e desencarnados, que apenas queiram o bem. Tendo chegado tal tempo, uma grande emigração se realiza neste momento entre os que a habitam; aqueles que praticam o mal pelo mal, e que o sentimento do bem ‘não atinge’, não sendo mais dignos da Terra transformada, dela serão excluídos, porque eles lhe trariam novamente perturbações e confusão, e seriam um obstáculo ao progresso. Irão expiar seu endurecimento, uns nos mundos inferiores, outros, em raças terrestres atrasadas, que serão o equivalente a mundos inferiores, onde levarão seus conhecimentos adquiridos, e onde irão com a missão de as fazer progredir. Serão substituídos por Espíritos melhores, que farão reinar entre si a justiça, a paz, a fraternidade.

No dizer dos Espíritos, a Terra não deve ser transformada por um cataclismo que anulará subitamente uma geração. A geração atual desaparecerá gradualmente, e a nova lhe sucederá do mesmo modo, sem que nada seja mudado na ordem natural das coisas. Portanto, tudo se passará exteriormente como de costume, com esta única diferença, porém diferença capital, que uma parte dos Espíritos que aí se encarnam, não mais se encarnarão. Num menino que venha a nascer, em lugar de um Espírito atrasado e inclinado ao mal, virá um Espírito mais adiantado e ‘in-

clinado ao bem'. Trata-se pois, muito menos de uma nova geração corporal, que de uma nova geração de Espíritos; é neste sentido, sem dúvida, que o entendia Jesus, quando dizia: "Em verdade vos digo que esta geração não passará sem que estas coisas aconteçam." Assim, aqueles que esperarem ver a transformação por efeitos sobrenaturais e maravilhosos serão decepcionados.

A época atual é de transição – A época atual é de transição; os elementos das duas gerações se confundem. Colocados no ponto intermediário, assistimos à partida de uma e à chegada da outra, e cada uma já se assinala no mundo por caracteres que lhes são próprios. As duas gerações que se sucedem têm idéias e pontos de vista inteiramente opostos. Pela natureza das disposições morais, mas sobretudo das disposições 'instintivas e inatas', é fácil distinguir a qual das duas pertence cada indivíduo.

A nova geração, devendo fundar a era do progresso moral, distingue-se por uma inteligência e uma razão geralmente precoces, unidas ao sentimento 'inato' do bem e das crenças espiritualistas, o que é sinal indubitável de um certo grau de adiantamento 'anterior'. Ela não será composta exclusivamente de Espíritos eminentemente superiores, mas daqueles que, tendo já progredido, são predispostos a assimilar todas as idéias progressivas e aptos a secundar o movimento regenerador. O que distingue, ao contrário, os Espíritos atrasados, é de início a revolta contra Deus pela recusa em reconhecer qualquer poder superior à humanidade; a propensão 'instintiva' às paixões degradantes, aos sentimentos anti-fraternos do egoísmo, do orgulho, da inveja, do ciúme; enfim, a preferência a favor de tudo quanto é material: a sensualidade, cupidez, a avareza. São estes os vícios dos quais a Terra deve ser purgada, mediante o afastamento daqueles que se recusam a emendar-se, porque serão incompatíveis com o reino da fraternidade, e os homens de bem sempre sofrerão pelo seu contato. Quando a Terra for libertada desses vícios, os homens marcharão sem entraves em direção ao futuro melhor que lhes está reservado aqui embaixo, como prêmio de seus esforços e de sua perseverança, esperando que uma depuração ainda mais completa lhes abra a entrada dos mundos superiores.

Nem todos os Espíritos retardatários serão expulsos da Terra – Por esta emigração dos Espíritos, não se deve entender que todos os Espíritos retardatários serão expulsos da Terra e relegados a mundos inferiores. Ao contrário, muitos aqui voltarão, pois muitos cederam à influência das circunstâncias e do exemplo; a superfície era neles pior que o fundo. Uma vez subtraídos à influência da matéria e dos preconceitos do mundo corporal, a maior parte verá as coisas de maneira inteiramente diferente da que quando viviam; isto nos é confirmado por numerosos exemplos. Nisso, são auxiliados por Espíritos benfazejos que por eles se interessam, se dão pressa em esclarecê-los e lhes mostrar o falso caminho que seguiam. Por meio de nossas orações e nossas exortações, podemos contribuir para a sua melhoria, pois há uma solidariedade perpétua entre os mortos e os vivos. A maneira pela qual se opera a transformação é bastante simples, e, como se viu, ela é toda moral e não se afasta em absoluto, das leis da natureza.

Quer os Espíritos da nova geração sejam Espíritos novos, melhores, ou os antigos Espíritos, melhorados, o resultado é o mesmo; desde o instante em que apresentem melhores disposições sempre será uma renovação. Os Espíritos encarnados formam assim duas categorias, segundo suas disposições naturais: de um lado, os Espíritos retardatários que partem, do outro, os Espíritos adiantados que chegam. O estado dos costumes e da sociedade será, pois, num povo, numa raça ou no mundo inteiro, conforme à preponderância de uma das duas categorias.

Uma comparação comum fará compreender melhor o que se passa nessa circunstância. Suponhamos um regimento com grande maioria de homens turbulentos e indisciplinados: estes ali trazem sem cessar uma desordem que a severidade da lei penal será freqüentemente chamada a reprimir. Tais homens são mais fortes, porque mais numerosos; eles se apóiam, se encorajam e se estimulam pelo exemplo. Os poucos bons não têm influência; seus conselhos são desprezados; são ridicularizados, maltratados pelos outros, e sofrem com este contato. Não é a imagem da sociedade atual?

Suponhamos que tais homens são retirados do regimento, um por um, dez a dez, cem a cem; e que sejam substituídos na mesma medida por uma quantidade igual de bons soldados, mesmo por alguns que tenham sido expulsos, mas que se hajam corrigido seriamente: no fim de algum tempo teremos sempre o mesmo regimento, porém transformado; a boa ordem terá sucedido à desordem. Assim será com a humanidade regenerada.

As grandes partidas coletivas transformam mais rapidamente, para o bem, o espírito da massa – As grandes partidas coletivas não só têm como finalidade ativar as saídas, mas transformar mais rapidamente o espírito da massa, ‘desembaraçando-a das más influências, e dar maior ascendência às idéias novas’. É por isso que muitos, apesar de suas imperfeições, estão maduros para tal transformação; que muitos partem para se retemperar numa fonte mais pura. Enquanto permanecessem no mesmo seio e sob as mesmas influências, teriam persistido em suas opiniões e em sua maneira de ver as coisas. Uma permanência no mundo dos Espíritos basta para lhes descerrar os olhos, porque ali vêem o que não podiam ver sobre a Terra. O incrédulo, o fanático, o absolutista poderão pois voltar com ‘idéias inatas’ de fé, de tolerância e de liberdade. Em sua volta, encontrarão as coisas mudadas e receberão o ascendente do novo meio no qual serão nascidos. Em vez de fazer oposição às idéias novas, serão seus auxiliares. A regeneração da humanidade não tem pois, absolutamente, necessidade da renovação integral dos Espíritos: basta uma modificação em suas disposições morais; esta modificação se opera em cada um, e em todos que para tal estão predispostos, quando são subtraídos à influência perniciosa do mundo. Aqueles que regressam então, não são sempre outros Espíritos, mas na maior parte das vezes os mesmos Espíritos, pensando e sentindo de outro modo.

Quando esta melhoria é isolada e individual, passa despercebida e não tem influência ostensiva sobre o mundo. O efeito é muito diverso, quando ela se opera simultaneamente sobre grandes massas; pois então, segundo as proporções, em uma geração as idéias de um povo ou de uma raça podem estar profundamente modificadas. É o que se nota quase sempre depois dos grandes choques que dizimam as populações. Os flagelos destruidores não destroem senão o corpo, e não atingem o Espírito; eles ativam o movimento de vai-e-vem entre o mundo corporal e o mundo espiritual, e por conseguinte o movimento progressivo dos Espíritos encarnados e desencarnados. Deve-se observar que em todas as épocas da História, as grandes crises sociais têm sido seguidas de uma era de progresso.

Os incrédulos rirão destas coisas – É um desses movimentos gerais que se opera neste momento, o que deve trazer o remanejamento da humanidade. A multiplicidade das causas de destruição é um sinal característico dos tempos, pois elas devem acelerar a eclosão dos novos germens. São as folhas de outono que caem, às quais sucederão novas folhas cheias de vida, pois a humanidade tem estações, como os indivíduos têm idade. As folhas mortas da humanidade caem carregadas pelas rajadas e pelos golpes do vento, mas para renascer mais vivazes, sob o mesmo sopro de vida, que não se extingue, mas se purifica.

Para o materialista, os flagelos destruidores são calamidades sem compensação, sem resultados úteis, pois que, segundo ele, ‘aniquilam os seres para sempre’. Mas para aquele que sabe que a morte não destrói senão o envoltório, os flagelos não têm as mesmas conseqüências e não causam o menor temor; ele compreende seu resultado e sabe também que os homens não perdem mais por morrerem juntos, que por morrer isoladamente, pois que, de uma ou de outra maneira, sempre deverão lá chegar. Os incrédulos rirão destas coisas e as tratarão como quimeras; mas, digam o que disserem, não escaparão à lei comum; cairão quando chegar a sua vez, como os demais, e então, o quê será deles? **Nada!** eles exclamarão. Mas, viverão a despeito de si próprios e um dia serão forçados a abrir os olhos.

65.4 – “Vida Social dos Desencarnados” – Explicação do Espírito André Luiz no livro “Evolução em Dois Mundos”, Editora FEB, págs. 183/4:

Como se apresenta a vida social dos Espíritos desencarnados? – No Plano Espiritual imediato à experiência física, as sociedades humanas desencarnadas, em quase dois terços, permanecem naturalmente jungidas, de alguma sorte, aos interesses terrenos. Egressas do próprio mundo em que se lhes tramam os elos da retaguarda, quando não se desvaíram nas faixas infernais, igualmente imanizadas ao Planeta de que se originam, trabalham com ardor, não só pelo próprio adiantamento, como também no auxílio aos que ficaram. Naturalmente as almas que constituem a percentagem a que nos referimos, distanciadas ainda do aprimoramento ideal, procuram aperfeiçoar em si mesmas as qualidades nobres menos desenvolvidas, buscando clima adequado que lhes favoreça o trabalho.

Convictas de que tornarão à Terra para a solução dos problemas que lhes enevoam ou afligem o campo íntimo, situam-se em tarefas obscuras, junto aos semelhantes, encarnados ou de-

sencarnados, quando se reconhecem vitimadas pela vaidade ou pelo orgulho que ainda lhes medram no seio e localizam-se em aprendizados valiosos da inteligência, em se vendo inábeis para os serviços especializados do pensamento, não obstante os talentos sentimentais que já entesourem consigo. Quase todas, no entanto, obedecem aos ditames do amor ou do ideal que lhes inspiram a consciência. Aglutinam-se em verdadeiras cidades e vilarejos, com estilos variados, como acontece aos burgos terrestres, característicos da metrópole ou do campo, edificando largos empreendimentos de educação e progresso, em favor de si mesmas e a benefício dos outros. As regiões purgativas ou simplesmente infernais são por elas amparadas, quanto possível, organizando-se aí, sob o seu patrocínio, extensa obra assistencial.

O “Espaço das Nações”- No plano físico, a equipe doméstica atende à consangüinidade em que o vínculo é obrigatório, mas, no plano extrafísico, o grupo familiar obedece à afinidade em que o liame é espontâneo. Por isso mesmo, na esfera seguinte à condição humana, temos o “espaço das nações”, com as suas comunidades, idiomas, experiências e inclinações, inclusive organizações religiosas típicas, junto das quais funcionam missionários de libertação mental, operando com caridade e discrição para que as idéias renovadoras se expandam sem dilaceração e sem choque.

Os Condutores da Marcha Ascensional – Com esses dois terços de criaturas ainda ligadas, desse ou daquele modo, aos núcleos terrenos, encontramos um terço de Espíritos relativamente enobrecidos que se transformam em condutores da marcha ascensional dos companheiros, pelos méritos com que se fazem segura instrumentação das Esferas Superiores.

II – VIDA DE ISOLAMENTO. VOTO DE SILÊNCIO (Itens 769 a 772)

Vida de isolamento e vida inútil

Artigo 66 – Todos os gostos são também naturais, até mesmo a satisfação que o homem sentiria numa vida de isolamento absoluto. Entretanto, seria uma satisfação egoísta. Deus não pode considerar agradável uma vida em que o homem se condena a não ser útil a ninguém. E os que vivem em reclusão absoluta para fugirem ao contato pernicioso do mundo cometem duplo egoísmo.

Retraimento visando expiação

Artigo 67 – Não há mérito algum em retrair-se visando uma expiação, mesmo impondo-se penosa renúncia. Fazer maior bem do que o mal que se tenha feito, essa é a melhor expiação. Com esse retraimento, evitando o mal o homem cai em outro, pois esquece a lei de amor e caridade.

Isolamento e amparo aos infelizes

Artigo 68 – Os que fogem do mundo para se devotarem ao amparo dos infelizes se elevam ao se rebaixarem. Têm o duplo mérito de se colocarem acima dos prazeres materiais e de fazerem o bem pelo cumprimento da lei do trabalho.

Retiro para realização de certos trabalhos

Artigo 69 – Os que procuram no retiro absoluto a tranqüilidade necessária a certos trabalhos, não se isolam da sociedade., pois trabalham para ela.

Voto de silêncio prescrito por certas seitas

Artigo 70 – O voto de silêncio, prescrito por certas seitas, desde a mais alta Antigüidade, é uma tolice. Sem dúvida, os que consideram essas privações voluntárias como atos de virtude têm boa intenção, mas se enganam por não compreenderem suficientemente as verdadeiras leis de Deus. A palavra é natural

porque Deus a deu ao homem e Ele condena o abuso e não o uso das faculdades que lhe concedeu.

Parágrafo único – O voto de silêncio absoluto, da mesma maneira que o voto de isolamento priva o homem das relações sociais que lhes podem fornecer as ocasiões de fazer o bem e de cumprir a lei do progresso.

III – LAÇOS DE FAMÍLIA (Itens 773 a 775)

Laços de família entre os animais

Artigo 71 – Os animais vivem a vida material e não a moral. A ternura da mãe pelos filhos tem por princípio o instinto de conservação aplicado aos seres que deu à luz. Quando esses seres podem cuidar de si mesmos, sua tarefa está cumprida e a natureza nada mais lhe exige. É por isso que ela os abandona para se ocupar de outros que chegam.

Laços de família entre os homens

Artigo 72 – O homem tem outro destino que não tem o dos animais. Para ele, há outra coisa além das necessidades físicas; há a necessidade do progresso. Os liames sociais são necessários ao progresso e os laços de família resumem os liames sociais; eis porque eles (laços de família) constituem uma lei natural. Deus quis que os homens, assim, aprendessem a amar-se como irmãos. O relaxamento dos laços de família teria como resultado para a sociedade uma recrudescência do egoísmo.

72.1 – “Os laços de família resumem os liames sociais; visão também dos materialistas”. Comentário de José Herculano Pires (tradutor) em nota de rodapé no item 774:

Herbert Spencer considerou a família entre as instituições que dão forma à vida social; Marx e Engels, como o primeiro grupo histórico, a primeira forma de interação humana; Augusto Comte, como a célula básica da sociedade, o embrião e o modelo desta, de maneira que a sociedade perfeita é a que funciona como a família. Atualmente, a Sociologia da Família e a Psicologia Social, bem como as próprias escolas de Psicologia do Indivíduo reconhecem a importância básica da família. O mesmo se dá nos estudos de Psicologia Educacional e de Filosofia da Educação. John Dewey, em ‘Democracia e Educação’, acentua a importância do lar na organização social e na preparação da vida social. Como se vê, a asserção dos Espíritos de que “os laços de família resumem os liames sociais” são confirmados até mesmo pelos estudos materialistas da sociedade.

72.2 – “A Família Vai Acabar”? - Explicação de José Herculano Pires em seu livro “O Homem Novo” (Edições Correio Fraternal, SP, 4ª. ed., 1995, págs. 17-19:

(...) A família, como todas as instituições e como todas as coisas, sofre mudanças através do tempo. (Os sociólogos atuais não gostam de falar em evolução, preferindo falar de mudanças...) Da família edênica formada pelo par bíblico (o mito de Adão e Eva) até a família poligâmica oriental (um homem com muitas mulheres) há uma numerosa seqüência de formas familiares. Da mesma maneira, da família patriarcal das civilizações agrárias à família democrática da era industrial há toda uma variadíssima gama a ser estudada. Mas há também, na História, civilizações quase antifamiliares, como a de Esparta, na Grécia antiga, e civilizações rudimentares da pré-história em que as hordas substituíam as famílias.

A Família Coletiva e As Famílias Homossexuais - Num jornal de jovens espíritas, em São Paulo, saiu recentemente pequeno artigo em que se preconizava a “família coletiva”, já em fase experimental em alguns países escandinavos, segundo afirma o articulista. Essa é uma idéia

anarquista, um sonho de igualdade edênica do chamado socialismo utópico. As experiências dos escandinavos são feitas também em muitos outros países, inclusive no nosso. Nestes tempos de reviravolta ninguém e nenhum povo estão livres de maluquices. Há também experiências de famílias (?) homossexuais, com várias duplas convivendo numa só cama. (O prefixo grego ‘homós’ de homossexual não quer dizer ‘homem’, mas ‘igual’, de maneira que as duplas podem ser de homens ou de mulheres.) Mas isso já existiu em forma até mais escandalosa, como as das comunidades religiosas edênicas que viviam em mosteiros, em plena nudez, sem duplas, na promiscuidade paradisíaca do futuro... Tinha razão o Eclesiastes: não há nada de novo sob o sol. Na fase final da esplendente civilização grega o homossexualismo expandiu-se de tal forma que chegou-se a organizar batalhões de duplas amorosas para a guerra. A teoria novíssima daquele tempo era a seguinte: o amante não quer fazer feio diante do amado, de maneira que esses batalhões deviam ser mais heróicos do que os outros. A loucura do mundo não tem limites. E sempre existiu. É por isso que as novidades de hoje nascem de barba branca.

Produção de crianças em laboratório - Mas há sempre um jeito de remoçar a loucura. Hoje os sociólogos e psicólogos novidadeiros apelam para a evolução científica. Vestem de roupas novas as extravagâncias do passado. Dizem que o progresso da genética e da embriologia determinará a extinção da família. Podendo gerar embriões em laboratório os homens dispensarão o processo natural de procriação. As maluquices nesse terreno vão ao infinito. O sociólogo norte-americano Alvin Tofler publicou recentemente um artigo em que preconiza a morte da paternidade e da maternidade, com “a produção de crianças em laboratório”.

Nova Moral!? – Mas o pior é que, por conta dessas e outras utopias, muitos jovens se atiram a experiências desastrosas. Querem ser ‘pra frente’ e caem nas mais tristes situações. Em São Paulo, há algum tempo, certo jornal publicou reportagem sobre experiências de seis casais de universitários num apartamento da zona central da cidade. Em nome do futuro esses jovens estavam regressando à promiscuidade pré-histórica. As conseqüências virão depois. Não se trata de conseqüências físicas, já por si suficientes para criar embarços numerosos, mas principalmente de conseqüências morais. Esses jovens acreditam numa ‘nova moral’, mas não sabem ainda que a Moral Nova do futuro não se faz de retrocessos.

As famílias terrenas são reflexos das famílias espirituais – A família é a primeira forma de sociabilidade do novo ser que vem ao mundo. É nela que ele se adentra para a vida social. E é nela também que se processa o seu desenvolvimento afetivo, a sua evolução moral, com o rompimento do egocentrismo. As relações familiares têm uma finalidade essencial: a formação das novas condições emocionais das criaturas reencarnadas para uma nova existência. Como ensina o Espiritismo, as famílias terrenas são apenas reflexos das famílias espirituais. Nem jovens nem velhos espíritas podem aceitar essas tolices do século, a menos que não conheçam a sua própria doutrina ou não aceitem os seus princípios.

72.3 – “Amor e Família em Novos Tempos” – Explanação de José Herculano Pires em seu livro “Curso Dinâmico de Espiritismo”, Editora Paidéia, SP, 1ª. edição, 1979, págs. 39-46:

Ninguém colocou melhor o problema da família do que Allan Kardec, pois não se apoiou apenas na pesquisa das aparências formais, mas penetrou na substância da questão, no plano das causas determinantes. Por isso nos oferece um esquema tríplice das formações familiares do nosso tempo, a saber:

a) **a família carnal**, formada a partir dos clãs primitivos, evoluindo nas miscigenações raciais, através de inumeráveis conflitos ao longo das civilizações progressivas, na fermentação dialética do amor e do ódio. Os grupos assim formados subdividem-se, nas reencarnações progressivas, em inumeráveis subgrupos, que também crescerão e se subdividirão na temporalidade, ou seja, na imensa esteira do tempo, que, segundo Heidegger, ‘acolhe o espírito’. São essas as famílias consangüíneas, que se desfazem com a morte.

b) **a família mista, carnal e espiritual**, em que os conflitos do amor e do ódio entram em processo de solução, nos reajustamentos das lutas e experiências comuns, definindo-se e ampliando-se as afinidades espirituais entre diversos grupos, absorvendo elementos de outras famílias, nas coordenadas da evolução coletiva. O condicionamento familiar, nas relações endógenas e necessárias da vivência comum, quebra a pouco e pouco as arestas do ódio e das antipa-

tias, restabelecendo na medida do possível as relações simpáticas que se ampliarão no futuro. A desagregação provocada pela morte permitirá reajustes mais eficazes nas sucessivas reencarnações grupais.

c) **a família espiritual**, resultante de todos esses processos reencarnatórios, que aglutinará os espíritos afins no plano espiritual, nas comunidades dos espíritos superiores que se dedicam ao trabalho de assistência e orientação aos dois tipos familiares anteriores, mesclando-as de elementos que nelas se reencarnam para modificá-las com seu exemplo de amor e dedicação ao próximo. Essa família não perece, não se desfaz com a morte, crescendo constantemente para a formação de Humanidades Superiores. É fácil, usando-se as medidas da Escala Espírita em ‘O Livro dos Espíritos’, identificar-se nas famílias terrenas a presença de vários tipos descritos na referida escala, percebendo-se claramente as funções que exercem no processo evolutivo familiar.

A concepção espírita da família, como se vê, é muito mais complexa e de importância muito maior que a das religiões cristãs, que conferem eternidade e inviolabilidade ao sacramento do matrimônio, mas não podem impedir que, na morte, o marido vá parar nas garras do Diabo, a esposa estagiar no Purgatório e os filhos inocentes curtir a orfandade nos jardins do Céu. A concepção jurídica e terrena da família não vai além dos interesses materiais de uma existência. O mesmo se dá com a concepção sociológica, que faz da família a base da sociedade, ambas perecíveis e transitórias. As pessoas que acusam o Espiritismo de aniquilar a família através da reencarnação revelam a mais completa ignorância da Doutrina ou o fazem por má-fé, na defesa de interesses religiosos-sectários.

A família nasce do amor e dele se alimenta; é a base da sociedade e de toda a Humanidade - A família nasce do amor e dele se alimenta. Não é apenas a base da sociedade, mas de toda a Humanidade. É na família que as gerações se encontram, transmitindo suas experiências de uma para outra. Combater a instituição familiar, negar a sua necessidade e a sua eficácia no desenvolvimento dos povos e dos mundos é revelar miopia ou cegueira espiritual em cultura, ou desequilíbrio mental e psíquico, falta de ajustamento à realidade, esquizofrenia não raro catafônica. Isso é evidente no estado de alienação em que essa atitude se manifesta, em pessoas amargas, ressentidas ou extremamente pretensiosas, que desejam mostrar-se originais. Em geral, são criaturas carentes de afetividade. Quando se desligam da família natural ligam-se a grupos de criaturas afins, engajam-se em outras famílias ou tornam-se misantropas destinadas à neurastenia ou à loucura. O instinto gregário da espécie é uma exigência da evolução humana, a que ninguém pode furtar-se sem pagar pelo seu egoísmo.

Os ideólogos da solidão – Os ideólogos da solidão individual esquecem-se de que todas as tentativas nesse sentido fracassaram ao longo da História. Esparta morreu de inanição por falta de relações familiares, enquanto Atenas cresceu e projetou-se num futuro glorioso, pela solidez de seu sistema familiar. Roma caiu nas mãos dos bárbaros quando suas famílias se entregaram à degeneração. Os próprios nômades jamais dispensaram o seu sistema de famílias ambulantes. Anarquistas e socialistas delirantes, que sonhavam com sociedades anti-sociais, formadas de indivíduos avulsos e dotadas de grandes depósitos de crianças avulsas – os filhos do Estado – morreram protegidos pelo carinho dos familiares. Robinson Crusoe é a imagem do homem arrebatado ao seu meio, sem perspectivas. Sartre, que rompeu com a tradição familiar e demonstrou os inconvenientes da convivência, fazendo uma tentativa de misantropia estóica, nunca dispensou a companhia de Simone de Beauvoir e o cosmopolitismo parisiense, formulou o célebre veredito: ‘Os outros são o inferno’, mas jamais os dispensou. Escrevia no Café de Fiori e quando visitou a URSS exigiu a inclusão no programa oficial de horas de solidão absoluta, mas nessas horas se ralava inquieto, segundo o testemunho de Simone. ‘O homem é relação’ e a família é o meio de relação em que ele absorve a seiva humana que o faz homem. Não há interesse maior para a criatura humana no mundo que o seu semelhante, porque é nele que nos realizamos.

Uma paisagem solitária é um motivo edênico de contemplação, e quando alguém aparece, como Sartre observou, imediatamente nos tira a liberdade e nos transforma em objeto. Mas o próprio ato de objetivar-nos permite-nos recuperar a nossa subjetividade dispersada na paisagem. Essa dinâmica de projeção e retroação revela ao mesmo tempo a natureza dialética do ser, estável no soma e instável na psique. Dessa dialética resulta a síntese total da consciência estética, em que o real objetivo e o irreal subjetivo se fundem na percepção estética do amor. Por isso,

no Espiritismo o amor não é instinto (necessidade orgânica) nem desejo ou simples ‘fazer sexual’ (sensorialidade) mas a aspiração suprema de beleza e espiritualidade nas perspectivas da transcendência. A superação de objetivo e subjetivo se resolve na globalidade do Amor. Por isso o Apóstolo João, no seu Evangelho, define o Ser Supremo na conhecida frase: ‘Deus é Amor’. As definições da Filosofia como Amor da Sabedoria (Pitágoras) e Sabedoria do Amor (Platão) revelam a intuição, já na Antigüidade, dessa total globalidade do Amor que o Espiritismo viria explicar mais tarde. O desenvolvimento dessa globalidade se processa na família, em que a afetividade desabrocha para a posterior floração do Amor no processo existencial. As famílias ‘a’ e ‘b’ da teoria kardeciana, que explicitamos em nosso esquema, preparam o ser, projetado na existência, para a odisséia das ‘almas viajoras’ de Plotino, que vão subir e descer pela escada de Jacó nas reencarnações sucessivas, em busca do arquétipo da família ‘c’, em que as famílias desse padrão superior se integrarão progressivamente no plano divino das humanidades espirituais que constituirão no Infinito a Humanidade Cósmica. Essa a razão por que René Hubert, filósofo e pedagogo francês contemporâneo, sustenta que os fins da Educação consistem no estabelecimento, na Terra, da República dos Espíritos, através da Solidariedade de consciências.

A Pedagogia Espírita e a Era Cósmica que se aproxima – A Educação Familiar é o germe afetivo e puro de que decorre todo o processo educacional do homem. Com o amparo da família, na solidariedade doméstica do lar, por mais obscuro e humilde, é que se realiza a fotosíntese inicial da atmosfera de solidariedade e amor das gerações que modelam o futuro. Cabe aos espíritas implantar na Terra uma nova Educação, com base nos dados da pesquisa espírita e segundo o esquema da Pedagogia Espírita. Essa Pedagogia, iniciada por Hubert (que não é espírita) fundamenta-se nos princípios doutrinários do Espiritismo e destina-se a preparar as novas gerações para a Era Cósmica que se aproxima. Os professores espíritas de todos os graus do ensino têm um dever supremo a cumprir, nesta fase de transição do nosso planeta: procurar compreender os princípios educacionais do Espiritismo e trabalhar pelo desenvolvimento da Educação Espírita.

Renovação da Economia, da Moral e da Educação - Estamos entrando na Era Cósmica, numa seqüência natural do desenvolvimento da Era Tecnológica. Tudo se encadeia no Universo, como assinala ‘O Livro dos Espíritos’. Com o avanço científico e técnico dos últimos séculos, e particularmente do nosso, a Terra amadureceu para a conquista do espaço sideral. O impacto de nossos primeiros contatos com outros mundos já produziu profundas modificações, de que ainda não demos conta, em mundividência. As pesquisas espaciais continuam, ampliando a nossa visão da realidade cósmica. Uma nova civilização está surgindo aos nossos olhos, sob os nossos pés e sobre as nossas cabeças. Mas para que isso aconteça, sem perdermos de todo o equilíbrio cultural, já bastante abalado, temos de cuidar seriamente da renovação de nossos instrumentos culturais básicos, a saber:

a) – A Economia, que deve tornar-se universal, rompendo os diques e as barreiras de um mundo pulverizado, para lhe dar a unidade necessária e a flexibilidade possível para o atendimento dos povos e de suas camadas diversificadas, afastando do planeta os privilégios e os desperdícios, a penúria e a fome. A civilização humana e perfeita, ensina ‘O Livro dos Espíritos’, é aquela em que ninguém morre de fome. A duras penas, a nova mentalidade econômica já está se definindo em todas as nações civilizadas, mas o egoísmo das camadas privilegiadas ainda impede a compreensão das exigências de fraternidade e humanismo dos novos tempos.

b) – A Moral, que tem de romper os seus padrões envelhecidos de egoísmo e socio-centrismo, moldados em preconceitos de vaidade, ambição e prepotência, para elevar-se a novos padrões de humanismo, respeito por todos os direitos humanos, até hoje espezinhados na Terra dos Homens, essa expressão de Saint-Exupéry que é um novo chamado à nossa consciência em termos evangélicos. Altruísmo – interesse por todos – humildade, fraternidade, tolerância e compreensão, amor, são essas as novas palavras de uma moral realmente cristã. A violência terá de ser expulsa da Terra dos Homens, com seu cortejo de brutalidades. É necessário que o conceito de não-violência se transforme na marca do homem, no signo que o distingue do bruto, do primata inconsciente. A honra e a dignidade humanas são incompatíveis com a estupidez dos broncos, inadmissíveis num sistema de civilização. Como adverte Frederic Wertham, a violência é um câncer social, que corrói e destrói toda a estrutura de uma civilização. O homem verdadeiramente homem deve ter vergonha e horror da violência. Ser violento é ser amoral, pois quem não respeita os outros não respeita a si mesmo.

c) - **A Educação** – que tem de renovar os seus conceitos básicos sobre o seu objeto, o educando. Em primeiro lugar a educação familiar, que deve basear-se na afetividade, nas relações de amor e compreensão entre pais e filhos. Educação com violência é domesticação. O mundo da criança não é o mesmo do adulto e este tem de descer a esse mundo, voltar à sua própria infância para não esmagar a infância dos filhos. As pesquisas entre os povos selvagens mostraram que a essência da educação é o amor. Sem amor não se educa, deforma-se. Nos povos selvagens a educação não foi deformada pela idéia do pecado, pelo mito da queda do homem, que envolvia o mundo de ‘violências redentoras’ capazes de aterrorizar um brutamonte, quanto mais uma criança. Kardec ensina que a criança, embora tenha o seu passado em geral lamentável, ‘nasce vestida com a roupagem da inocência’ para tocar o coração dos pais e despertar-lhes o amor e a ternura, de que ela necessita para o desenvolvimento das suas potencialidades humanas. Se fazemos o contrário, despertamos na criança o seu passado de erros e depois a condenamos por seus instintos. Essa tese kardeciana é hoje dominante nos meios pedagógicos. Como dizia Gandhi, não se pode levar uma criatura ao bem pelos caminhos do mal. Os povos selvagens são mais civilizados que os povos civilizados, no tocante a esse problema, pois intuem com pureza e ingenuidade o verdadeiro sentido da educação. Educar é um ato de amor, diz Kerchensteiner em nossos dias, endossando o pensamento de todos os grandes pedagogos e educadores da Grécia antiga e do mundo moderno, a partir de Rousseau.

As Faculdades Paranormais e a Educação Espírita – Mas a Educação Espírita tem ainda uma função essencial a desenvolver: o desenvolvimento das faculdades paranormais do educando, preparando-o para as atividades cósmicas da nova era. O Espiritismo foi o revelador dessas faculdades humanas que o passado confundiu com manifestações doentias ou sobrenaturais. O Espiritismo foi a primeira Ciência a mostrar experimentalmente esse engano fatal, de que resultou para a Humanidade terríveis tragédias. Cento e trinta anos antes das descobertas para-psicológicas nesse sentido, a Ciência Espírita demonstrou que as funções anímicas e psico-anímicas da criatura humana eram normais, pertenciam à própria natureza do homem. As pesquisas atuais no Cosmos revelaram que o desenvolvimento das ‘faculdades psi’ é indispensável ao bom êxito das incursões no espaço sideral. A Educação Espírita é a única que pode enfrentar essas exigências dos novos tempos, cuidando do desenvolvimento dessas faculdades de maneira racional, sem os prejuízos dos falsos conceitos e dos temores infundados das formas de educação religiosas e leigas do nosso tempo.

O Amor Verdadeiro e Espontâneo fará da Família a Fonte de Amor que elevará a Terra na Escala dos Mundos - Cabe assim ao Espiritismo renovar totalmente a cultura atual, reestruturar a Civilização Tecnológica nos rumos da Civilização do Espírito. Esse o fardo leve do Cristo que pesa sobre a consciência de todos os espíritas verdadeiros, nesta hora do mundo, e particularmente sobre a consciência dos educadores espíritas. Nessa civilização o amor não será fonte de decepções, desajustes e tragédias. A Família não se estruturará em preconceitos provinidos dos tempos de barbárie, mas na moral evangélica pura, feita de amor e respeito pelas exigências da vida. O amor verdadeiro e espontâneo, puro como água da fonte, livre de interesses secundários, fará da família a fonte de amor que elevará a Terra na Escala dos Mundos. Isto não é sonho nem profecia, é o programa espírita para o Mundo de Amanhã, e que cabe aos espíritas realizar a partir de hoje, sem perda de tempo.

*

Livro: Introdução à Filosofia Espírita

J. Herculano Pires

VI — EXISTENCIALISMO ESPIRITA

A natureza existencial da Filosofia Espírita se revela na sua *ecstase*, ou seja, na sua posição dentro do mundo, enfrentando os problemas do homem na existência. Por isso mesmo o Espiritismo não pode ser confundido com o Existencialismo, mas não há dúvida que encontramos na sua investigação ontológica uma fase existencialista. E é essa fase que chamamos Existencialismo Espírita, a arena filosófica em que o Espiritismo se defronta com o Existencialismo protestante de Kierkegaard, com o Existencialismo Católico de Gabriel Marcel, com o Existencialismo ateu de Jean Paul Sartre e assim por diante, armado dos mesmos instrumentos conceituais e colocado na mesma posição de pesquisa das diversas correntes existenciais da Filosofia Contemporânea.

Nicola Abbagnano, existencialista italiano, entende que as Filosofias da Existência podem ser divididas em três grupos, tomando-se como critério o sentido e o emprego que dão à categoria filosófica do *possível*. Esta categoria implica todas as possibilidades do homem como um Ser na Existência. Abbagnano estabelece a seguinte divisão: a) — Grupo da *impossibilidade do possível*, formado por Kierkegaard, Martin Heidegger, Karl Jaspers e Jean Paul Sartre, como figuras exponenciais; b) — Grupo da *necessidade do possível*, com Louis Lavelle, Rene Le Senne e Gabriel Marcel; c) — *Grupo da possibilidade do possível*, iniciado pelo próprio Abbagnano. Embora o grupo (a) constitua a área espiritualista, o Existencialismo Espírita se aproxima mais da posição de Abbagnano, dadas as relações evidentes dessa posição com a natureza científica da conceituação existencial espírita.

Tentemos uma explicação deste problema. Para o primeiro grupo as possibilidades humanas são irrealizáveis; para o segundo grupo são realizáveis, e mais do que isso, necessariamente se realizam graças ao Absoluto, ao Transcendente que supera a Existência (aceitação dos conceitos metafísicos do Ser e do Valor numa perspectiva religiosa); para o terceiro grupo, as possibilidades são o que são, ou seja, possíveis em si-mesmas, de maneira que não podem tornar-se *impossíveis*, nem apresentar-se como *necessidades*. A frustração de um *possível* não o anula, pois ele continua como possível, da mesma maneira por que uma hipótese pode ser submetida a uma experiência negativa, mas continuar válida e posteriormente se comprovar. A posição de Abbagnano representa uma síntese, uma solução dialética dos impasses em que caíram os dois grupos anteriores. E por isso mesmo se aproxima da posição espírita.

Ao mencionar a *ecstase* da Filosofia Espírita estamos reconhecendo nela uma estrutura ontológica. A Filosofia Espírita é um Ser conceptual, como todos os sistemas filosóficos, mas livre dos prejuízos do espírito de sistema, porque sua estrutura é dinâmica e aberta, sem nenhuma ossatura dogmática. Expliquemos: os dogmas da Filosofia Espírita são princípios de razão e não postulados de fé, são os filamentos de uma estrutura lógica e por isso mesmo flexíveis. Assim, podemos discernir nessa estrutura as suas hipóstases ou regiões ontológicas: 1.º) a *ecstase*, no sentido berkeleyano de relação inicial, em que o ser permanece fechado em si-mesmo; é o momento em que a Filosofia Espírita nasce do sensível,

do concreto, pelo processo científico da indução, a partir do exame dos fenômenos; o momento em que ela se fecha na *existência* como um *ser no mundo*; 2.º) — a *ecstase* em que ela se abre na própria indução em direção à transcendência, na formulação de seus princípios metafísicos; 3.º) — a *ecstase*, em que ela se define como uma nova concepção do Ser, uma nova cosmovisão, que partiu de um ponto existencial terreno para abranger todo o Universo.

Assim, o que chamamos de Existencialismo Espírita é a Filosofia Espírita da Existência, a parte dessa Filosofia que encara o homem no mundo, da mesma maneira que o *ser aí* a que se referia Heidegger. Até o aparecimento do Espiritismo o pensamento espiritualista era platônico: admitia o pressuposto de uma realidade metafísica da qual decorria toda a realidade física. O Espiritismo assumiu a posição aristotélica: buscar na realidade concreta a sua essência possível e dela partir para as induções metafísicas. "*O Livro dos Espíritos*" começa com a afirmação da existência de Deus, mas já vimos que essa existência se prova na própria existência do mundo, que Deus pode ser encontrado num simples *lançar de olhos sobre a natureza*. Temos de figurar Kardec-educador, a estudar o *ser humano* para poder educá-lo; Kardec-magnetizador, a estudar a influência magnética do homem e entre os homens para poder conhecê-los melhor; Kardec-cientista, a observar os fenômenos físicos em sessões mediúnicas e posteriormente a investigar os problemas do desprendimento espiritual durante o sono, numa série de experimentações rigorosamente controladas, para podermos compreender a posição existencial do Espiritismo na abordagem do problema do Ser.

Os problemas comuns das Filosofias da Existência são precisamente os problemas espíritas: o Homem como um *ser no mundo*; a Existência como uma forma peculiar da vivência humana, uma *atualização* absoluta (segundo Bochenski) e um constante refazer-se no tempo; o ser humano como um *projeto* que atravessa a Existência, que nela aparece *feito* (a facticidade humana se constituindo de subjetividade, afetividade e liberdade), de maneira que o homem é um ser atirado ao mundo com o nascimento, para avançar em direção à morte, através do desespero, da angústia, da dor. As Filosofias da Existência procuram resolver esses problemas pela investigação fenomenológica, a partir dos dados do *existir*, que é, na verdade, a própria vivência do mundo. Essa vivência se caracteriza pela percepção da fragilidade humana que gera o desespero e a angústia do homem. Nas correntes espiritualistas, como em Marcel, a angústia é substituída pela esperança conferida pela fé, mas essa solução metafísica não consegue repercutir nos demais pensadores. Heidegger considera o homem como *ser para a morte*, mas essa definição pessimista é atenuada pela sua afirmação de que *o ser se completa na morte*.

Toda essa temática existencial está presente na Filosofia Espírita. Bastaria lembrarmos, por exemplo, o livro famoso de Léon Denis, um clássico do pensamento espírita e continuador da obra de Kardec, intitulado "*O Problema do Ser, do Destino e da Dor*", para vermos como a posição existencial da Filosofia Espírita se entrosa na corrente existencial da atualidade. Mas "*O Livro dos Espíritos*", contemporâneo das obras de Kierkegaard, o iniciador dessa moderna corrente filosófica, já coloca os problemas existenciais de maneira precisa, como veremos a seguir.

Começemos pelo problema da facticidade. Com o nascimento, o homem aparece *feito* no mundo. Sua Facticidade se compõe do seu corpo e do seu psiquismo (corpo e espírito), de sua afetividade e sua liberdade (sua capacidade de percepção e seu livre-arbítrio) e esta facticidade está carregada de *possíveis*, das possibilidades que irão se desenvolver na *existência*. O homem parte, como uma flecha, do ventre materno para o berço, deste para a vivência do mundo (atravessando a *existência* como um projétil) para atingir o seu alvo na morte. Numa perspectiva puramente existencial o homem, na sua facticidade, não tem mais do que possibilidades, mas estas possibilidades vão se *atualizar* na existência, nos limites permitidos pelas circunstâncias. Não há, portanto, uma essência no homem, considerado o homem como o *existente*, mas apenas possibilidades. Sartre define a essência do homem como *um suspenso na sua existência*, pois a essência humana vai ser elaborada através da sua vivência no mundo. Essa essência, portanto, só se completa com a morte, com o fim da existência. Isto nos lembra a *imortalidade memorial* do Positivismo de Comte. O que o homem fez na existência é que constitui a sua essência. Com a morte o homem se acaba e sua essência permanece no mundo como um simples fato cultural. Não obstante, a vida do homem é *uma paixão inútil*, um esforço constante de superação, de transcendência. O animal vive, mas o homem *existe*, e esse existir se caracteriza pela paixão, pelo impulso de transcendência conscientemente dirigido. Só *existe* o homem que segue esse impulso.

É fácil compreender que as filosofias da Existência, à maneira do que Kardec dizia das Ciências, avançam paralelas ao Espiritismo até certo ponto e depois se detêm, perplexas diante do mistério. O momento em que elas se detêm é o limiar da interexistência, esse intermúndio em que *o ser se completa na morte*, mas no qual se passam também fatos da mediunidade. É nesse momento que o Existencialismo se transcende a si-mesmo para transformar-se em Interexistencialismo. A Filosofia Espírita da Existência não se limita ao *existir no mundo*, como um fato simplesmente fenomênico, mas graças ao conceito de *mediunidade* oriundo da investigação científica objetiva e nela desenvolvido descobre *o existir no intermúndio* (que os gregos já conheciam como o existir dos deuses) e descobre ainda *o suceder das existências no mundo* como um processo palin-gênésico inerente a toda a Natureza (que os gregos também conheciam).

Assim, a Filosofia Espírita, em sua *ecstase* existencial, ilumina os problemas obscuros do Existencialismo. A facticidade misteriosa se explica pelo *fazer* anterior do Ser, através do desenvolvimento do princípio inteligente e sua projeção na existência como *ser humano*. Atravessando a *existência*, como um projétil (*o projeto* existencial) o homem completa na morte não o seu próprio Ser, mas o *ser* do corpo que chegou aos limites de suas possibilidades, nem a sua própria essência, mas apenas a essência de uma existência, através da vivência das experiências necessárias ao seu *atualizar* progressivo.

Para a Filosofia Espírita o corpo não é uma instância ontológica, mas uma instância existencial. Da existência material o ser passa para a existência espiritual, mudando de instância existencial substitui o corpo físico pelo corpo energético do perispírito. E na existência espiritual encontramos ainda o problema existencial da facticidade com todas as suas implicações. O Espírito aparece *feito* no plano espiritual, dotado de um corpo que foi elaborado anteriormente, de

um psiquismo que se desenvolveu na vivência mundana, com sua afetividade e sua intelectualidade preparadas nas existências sucessivas e consumadas na derradeira existência material. Não obstante, e até por isso mesmo, a existência espiritual é uma transcendência da existência material, é o momento em que a síntese do *em-si* e do *para-si*, que Sartre considera impossível, se realiza no *em si-para-si*, ou seja, na *existência espiritual* que, para os gregos, era divina e os levava a chamar os Espíritos de deuses.

Mas o conceito de mediunidade ilumina também a existência terrena, dando-lhe uma nova dimensão. O *existente* ou *homem no mundo* adquire a condição espírita de *interexistente* ou *homem no intermúndio*. O avanço das Ciências Psicológicas está comprovando essa realidade já demonstrada pelo Espiritismo e sustentada pela Filosofia Espírita. A descoberta da percepção extra-sensorial provou que os rígidos limites existenciais não correspondem à realidade existencial. Há, na própria existência terrena, corporal, mundana, uma realidade psíquica superando e envolvendo a realidade puramente vital do homem. E quando Heidegger se refere ao *ser no mundo*, como *Mitsein* (ser com outros, o ser social) e à *Mitdasein*, ou coexistência (vida social), temos de acrescentar a esses dois conceitos a dimensão mediúnica das *testemunhas* de que falava o apóstolo Paulo, dos *outros* espirituais que nos envolvem e, portanto, da convivência espiritual que experimentamos através da existência.

Para a Filosofia Espírita da Existência o *existente* se define pela mediunidade. Esta consiste na faculdade normal (nem sobrenatural nem paranormal) de percepção extra-sensorial e, portanto, de comunicação com os *existentes* do intermúndio. A dinâmica e a mecânica dessa comunicação são estudadas em "*O Livro dos Médiuns*", que é um desenvolvimento dos problemas mediúnicos de "*O Livro dos Espíritos*". O *existente* atualiza as suas possibilidades mediúnicas que lhe ampliam a consciência de si-mesmo e da sua natureza existencial, através do desenvolvimento mediúnico, que não é apenas o sentar-se à mesa de sessões para *receber espíritos*, mas principalmente aguçar a visão espiritual, entendendo-se por visão todo o complexo da percepção extra-sensorial. Esse aguçamento equivale a um transcender dos limites existenciais, pois é um liberar progressivo da percepção global do espírito, um escapar da prisão sensorial orgânica para outras dimensões da realidade. O *existente*, com essa *atualização* dos seus *possíveis* espirituais, torna-se um *interexistente*, um *ser no intermúndio*. Mas o *intermúndio* não é um conceito espacial e sim um conceito hipostático, não é quantitativo, mas qualitativo. A intuição grega dos deuses se converte na realidade espírita dos Espíritos e a do intermúndio espacial na realidade do intermúndio psíquico.

O *interexistente* não é apenas intuição, nem apenas hipótese, ou formulação teórica. Pelo contrário, o *interexistente* é uma realidade histórica, antropológica, que podemos encontrar em todos os tempos e lugares. Foram *interexistentes* os videntes e profetas de todas as épocas, os xanãs e pagés das tribos selvagens, os oráculos, as pitonisas, os taumaturgos de todas as religiões. São interexistentes os médiuns e os paranormais de hoje, os gênios de todas as épocas, os fundadores e propagadores de religiões. A História da Filosofia oferece-nos as figuras de Sócrates, Platão, Plotino, Descartes e Bergson como interexistentes. Na História da Psicologia temos o caso recente de Karl Jung. Na História Políti-

ca e Militar as figuras de Joana D'Arc, Abraão Lincoln, Makenzie King (do Canadá), Lord Dowding (Comandante da RAF na defesa de Londres durante a última guerra mundial), e assim por diante. Os casos famosos de Francisco Cândido Xavier e José Pedro de Freitas (Arigó) foram objeto de estudos numerosos, inclusive um estudo do primeiro como *interexistente*, publicado no livro "Chico Xavier, quarenta anos no mundo da mediunidade", de Roque Jacintho. O conceito espírita de *interexistente* se comprova na realidade histórica e na realidade cotidiana das nossas próprias existências, quando não em nós mesmos.

O problema da comunicação, que a partir de Kierkegaard o Existencialismo colocou de maneira dramática — Kierkegaard rompeu o noivado porque não podia comunicar-se nem mesmo com a noiva, considerando como única forma de comunicação a do homem com Deus (o outro, segundo sua expressão) — esse problema é amplamente resolvido pela Filosofia Espírita da Existência. A *comunicação* é uma categoria filosófica do Espiritismo que tem amplitude cósmica. Vemos em "*O Livro dos Espíritos*" que o fluido universal é o veículo do pensamento, assim como o ar é o veículo da palavra. O homem pode comunicar-se às maiores distâncias. Daí a validade da prece, que é forma de comunicação. As experiências atuais de telepatia à distância confirmaram essa tese espírita, a ponto de levarem os cientistas soviéticos, materialistas, a se empenharem nas pesquisas telepáticas.

O aguçamento da visão espiritual pelo desenvolvimento mediúnico implica um problema filosófico de comportamento. A Filosofia Espírita da Existência coloca esse problema em termos de moralidade. Opõe-se assim aos sistemas orientais de desenvolvimento artificial das faculdades psíquicas, por entender que esses sistemas perturbam o equilíbrio existencial do homem. Só a moralidade, a evolução moral do ser e, portanto, o desenvolvimento de suas potencialidades espirituais pode permitir à criatura humana o aguçamento de sua visão espiritual. Cada existência é um processo condicionado pelas anteriores e pela preparação do Ser no mundo espiritual. Tem o seu plano e os seus limites, sendo estes determinados pelo grau de desenvolvimento real do Ser e pelos compromissos que o liga às circunstâncias terrenas. Qualquer tentativa de fuga a esses determinismos existenciais — o que pode ser feito em virtude do livre-arbítrio — atenta contra o equilíbrio moral do Ser. Assim, a Filosofia Espírita da Existência revela mais uma vez sua natureza de síntese do Conhecimento: coloca-se entre as posições contrárias ao edonismo materialista ou existencialista, de um lado, e do absentismo religioso ou místico, de outro lado, postulando a obediência às leis naturais, o que, no caso da concepção existencial, equivale ao respeito pela *existência* e seus fins.

*

VII — COSMOSSOCIOLOGIA ESPÍRITA

A Filosofia Espírita foi a primeira a apresentar uma concepção cosmo-sociológica de ordem científica. Emile Durkheim trataria mais tarde de um tipo de cosmo-sociologia anímica ao referir-se às cidades gregas do período arcaico, em que deuses e homens conviviam em estreita comunhão com a Natureza (L'Évolution Pédagogique en France, v.I, págs. 138-9), e René Hubert esclarece: "As cidades gregas. estão ainda muito próximas de suas origens culturais para have-

rem rompido o complexo de interações que ligam a vida social e a vida cósmica, bem como a vida psíquica individual e a vida social; o indivíduo forma corpo com a cidade e esta com o meio que a envolve; as divindades politeístas simbolizam ao mesmo tempo as grandes forças da Natureza.”(*Traité de Pédagogie Générale*) págs. 24 e 25). Mas é no Espiritismo que a Cosmossociologia se define como uma realidade nova, marcando um avanço decisivo no processo do Conhecimento. Não se trata apenas da relação simbólica da fase mitológica, mas de uma relação positiva que se afirma em termos concretos e se confirma na investigação científica.

Os críticos e adversários do Espiritismo, que em geral o desconhecem, não vacilariam em contestar essa afirmação, recusando às pesquisas espíritas o caráter científico. Mas já agora teriam de enfrentar também as conclusões da Ciência em outros campos, como o da Física, onde os conceitos evoluíram para uma verdadeira Parafísica; da Astronomia, onde a teoria da pluralidade dos mundos habitados entrou para o domínio das possibilidades incontestáveis; da Biologia, onde o problema da vida rompeu a estreiteza da concepção organocêntrica; da própria Teologia, que passou a admitir, sob a influência científica, além da existência dos seres invisíveis a possibilidade de outras humanidades planetárias; e particularmente da Psicologia, que através das pesquisas parapsicológicas acabou provando cientificamente as relações humanas pela percepção extrasensorial e admitindo a existência de entidades extrafísicas em relação com o nosso plano. Assim, as investigações espíritas e as provas que apresentam no tocante às possibilidades cosmossociológicas estão hoje referendadas pelo desenvolvimento das Ciências. Negá-las e contestá-las com apoio em conceitos científicos superados é simplesmente recusar-se a aceitar as novas dimensões culturais do nosso tempo.

Mas, para uma exposição metodológica do problema, devemos partir de um exame geral da Cosmologia Espírita. E a primeira verificação que temos a fazer é a da existência de uma Cosmogonia Espírita, uma teoria genética do Cosmos que se enraíza na concepção bíblica. Os três primeiros capítulos de “*O Livro dos Espíritos*” nos apresentam essa parte cosmogônica de tipo religioso, que nem por isso, entretanto, se afasta do campo filosófico. Pelo contrário, enquadra-se perfeitamente na tradição filosófica e nas fases históricas mais recentes da Filosofia. Encontramos a afirmação de que o Universo foi criado por Deus no item 37 do cap. III. A seguir, nos itens 38 e 39, os esclarecimentos possíveis dessa criação, que resumimos no seguinte: *Deus criou o Universo pela sua vontade e os mundos se formam pela condensação da matéria espalhada no Espaço.*

Temos assim mais uma prova da natureza sintética do Espiritismo, no sentido de síntese histórica segundo a teoria de Arnold Toynbee a que já nos referimos. Toda a cosmogonia bíblica se encerra nesta simples afirmação: *Deus criou o Universo pela sua vontade.* E, logo mais passamos à Cosmologia científica, que começa por esse esclarecimento, hoje confirmado pela própria Física nuclear: *os Mundos se formam pela condensação de matéria.* Daí por diante, a Cosmologia Espírita se desenvolve na linha puramente científica, apresentando os seis dias da Criação como seis períodos geológicos, a formação dos seres vivos como um processo evolutivo, a figura bíblica de Adão e Eva como simples ale-

goria, o aparecimento do homem em diversos pontos da Terra (o que determinou a variedade das raças), e o Universo como um sistema de mundos habitados de acordo com as condições específicas de cada um. Tudo isso hoje admitido no campo das teorias científicas. O cap. III se encerra com a explicação do dilúvio bíblico como uma catástrofe parcial e local, o que foi posteriormente confirmado pelas pesquisas arqueológicas de Sir Charles Leonard Woolley no delta do Tigre e do Eufrates.

O cap. IV, que encerra a primeira parte de, "*O Livro dos Espíritos*", é dedicado aos problemas, ontológicos que já estudamos. A segunda parte ou Livro II se inicia com os problemas da origem e desenvolvimento espiritual do Homem, passando logo a seguir ao campo da Sociologia Espírita que começa no plano espiritual. Isso porque o Homem é primeiramente Espírito e o Mundo Espiritual é o verdadeiro, "normal e primitivo", do qual deriva o Mundo Corporal. É assim que passamos insensivelmente da Cosmogonia à Cosmologia e desta à Sociologia. A *escala espírita*, simples esquema de classificação tipológica dos Espíritos, em seu processo evolutivo, que começa no item 100 de "*O Livro dos Espíritos*", é ao mesmo tempo um elemento da Ontologia, da Psicologia, da Caracteriologia e da Sociologia Espíritas. Podemos aplicá-las tanto aos Espíritos em sua vida espiritual quanto aos homens ou Espíritos encarnados no Mundo Corporal.

Abrem-se no cap. II do Livro II as perspectivas da Sociologia Espírita em toda a sua amplitude. Compreendemos então a razão de Emmanuel haver declarado, em "O Consolador", que "O Espiritismo é o iniciador da Sociologia". Realmente, aquilo que podemos chamar de Sociologia num sentido lato só apareceu até agora nas páginas de "*O Livro dos Espíritos*". Porque somente esse livro nos propõe toda a extensão e complexidade do *fato social* e ao mesmo tempo nos mostra que esse *objeto* (como queria Durkheim que ele fosse encarado) é um objeto cósmico e não apenas terreno. A Sociedade Humana se projeta no infinito e se desdobra em sucessivas estruturas espirituais, angélicas, arcangélicas etc., rompendo até mesmo o conceito esferocêntrico ainda dominante em nossos dias (o da possibilidade de vida apenas em esferas planetárias) como resíduo do velho geocentrismo. Porque os Espíritos vivem não somente nas existências planetárias, como a nossa, mas no Espaço, ou seja, nas amplidões do Infinito, em hipóstases do Universo que não podemos sequer chamar de regiões, pois na verdade não sabemos como são, que aspecto apresentam.

Assim, a Sociologia Espírita entranha-se na própria ordem cósmica. Um fato social terreno está ligado ao Universo, determinado por leis universais. É, portanto, um *fato cósmico*. Há duas ordens de fenômenos que nos permitem verificar esse entrosamento no próprio mundo sensorial: a *palingenesia* e a *mediunidade*. A primeira (que não é apenas reencarnação, pois não se aplica somente à vida orgânica) mostra-nos aquilo que "*O Livro dos Espíritos*" afirma constantemente: *tudo se encadeia no Universo*. Verificamos através dela que tudo desaparece e reaparece, ou seja, que *tudo se faz, se desfaz e se refaz, no eterno suceder das coisas e dos seres*, como Heráclito já havia intuído, mas não em forma cíclica, em inútil e constante repetição, mas num processo de desenvolvimento regido pela lei de evolução. É o que vemos nesta admirável frase do fim do item 540

do L. E: “Tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o Arcanjo, pois ele mesmo começou pelo átomo.”

A segunda ordem fenomênica acima referida, *a mediúnica*, mostra-nos a unidade fundamental do Universo e a sua diversidade instrumental. O fato social terreno é de ordem instrumental, ocorre no campo das relações corporais (os corpos como instrumentos do Espírito). Mas esse fato é produzido pelos Espíritos e regido pela *lei da mediunidade*, lei básica das relações espírito-matéria em todo o Universo. Além disso, as leis universais de afinidade, justiça e amor estão implicadas nele e o determinam. Uma consulta ao Livro III de "*O Livro dos Espíritos*" dedicado ao estudo das Leis Morais, poderia ajudar-nos a esclarecer a natureza cósmica dos mais diversos *atos sociais* terrenos. A lei física de causa e efeito aplica-se no plano moral como lei de ação e reação, a lei cármica das religiões indianas. A lei universal da migração de Espíritos, da transferência de Espíritos de um mundo para outro, segundo a necessidade, projeta os antecedentes do *fato social* a distâncias inimagináveis.

Os fins da vida social são os mesmos, no Mundo Espiritual e no Mundo Corporal: o desenvolvimento das potencialidades do Espírito, a sua realização moral. A palingenesia tem verso e reverso: nascemos e renascemos nos dois planos. As existências sucessivas são portanto intercaladas: a cada existência corporal sucede uma espiritual. E nessas duas existências as relações sociais constituem formas necessárias da evolução espiritual: na existência corporal as relações sociais são objetivas e condicionadas ao processo de exteriorização do Espírito; na existência espiritual as relações são subjetivas e sua interiorização condiciona o aproveitamento da experiência corporal. Exemplo: na existência corporal a exteriorização do Espírito determina a sua ligação com outros e estabelece os laços de família, que resumem os elementos de aglutinação da sociedade, os liames sociais (itens 773 a 775 do L.E.). A família se constitui em célula básica da sociedade. Mas os antecedentes da ligação familiar continuam a determinar ações e reações em cadeia, que se manifestam nos interesses objetivos: os interesses psicológicos estudados pela Psicologia comum. Na existência espiritual a interiorização do Espírito determina o confronto do seu comportamento existencial terreno com os fins da vida social, que na sua consciência estão marcados em forma de exigências morais. Esse confronto irá determinar o seu destino, as suas condições existenciais em nova encarnação.

A individualização do princípio inteligente é um processo psicocêntrico. Todo o psiquismo se concentra progressivamente na formação da consciência, na definição do Ser. O Ser, uma vez determinado, é um ego, uma unidade psíquica, segundo vemos no item 92 do L.E., comentário de Kardec. Essa unidade, pela própria necessidade de manter-se integrada, é egocêntrica e portanto egoísta. A socialização é um processo de descentralização psíquica, não no sentido de desagregação mas de expansão das potencialidades do ego, que se abre na vida social como a semente ao germinar ou a flor que desabrocha. Essa a razão porque a caridade é o princípio espírita da vida social: através dela o homem se abre para os outros, o egoísmo se transforma em altruísmo. No plano sociológico podemos esquematizar esse processo da seguinte maneira:

O selvagem isolado é o Narciso da lenda que ama a si mesmo. Esse amor (Adão gozando sozinho o Paraíso) entretanto não lhe basta. A sua insatisfação o leva à procura de um objeto exterior que é arrancado por Deus do seu próprio Ser (Eva tirada da sua costela durante o sono, um sonho que se concretiza, uma potencialidade que se atualiza). Surge assim a primeira família e dela o primeiro clã. As ligações sociais se ampliam na tribo, na raça, na nação. Forma-se o primeiro organismo gregário e o egoísmo se transforma em sócio-centrismo. Mas desenvolve-se a Civilização: com ela, o gregarismo se transforma em sociabilidade. O indivíduo gregário se torna um ser social e as relações sociais o levam à expansão e atualização de suas potencialidades morais. o ser social atinge pouco a pouco a plenitude do ser moral. Mais um pouco e ele se liberta da roda palin-génica dos renascimentos, tornando-se um Ser Espiritual. Toda essa seqüência pode ser observada na Escala Espírita.

A Sociologia Espírita, abrangendo todo esse processo de desenvolvimento ontológico, pode ser dividida em duas partes: a Parassociologia e a Cosmossociologia. Trata-se de uma divisão puramente metodológica que tentaremos explicar da seguinte maneira:

PARASSOCIOLOGIA é a parte da Sociologia Espírita que trata das relações sociais na existência corporal. Divide-se em:

1) *Psicossociologia Anímica* — Estudo do processo de interação social pelas relações psíquicas de natureza anímica: funções sociais da chamada percepção extra-sensorial hoje estudada pela Parapsicologia.

2) *Psicossociologia Mediúnica* — Estudo do processo de interação social pelas relações psíquicas de natureza mediúnica: funções sociais da mediunidade, ação dos Espíritos sobre os Homens e vice versa, determinando mudanças nas relações sociais.

COSMOSSOCIOLOGIA é a parte da Sociologia Espírita que trata das relações sociais na existência espiritual. Divide-se em:

1) *Metassociologia* — Estudo das relações sociais de ordem espiritual, que tanto se processam na vida de vigília como durante o sono, com o desprendimento do Espírito e sua participação na vida espiritual ou sua atividade oculta ou ostensiva na própria vida corporal.

2) *Astrossociologia* — Estudo das relações sociais de ordem espiritual entre os diversos Mundos: migrações de Espíritos, manifestações de Espíritos de outros planetas na Terra e vice-versa, possibilidade da percepção anímica ou extra-sensorial nas relações interplanetárias e interestaciais em geral.

A Parassociologia está bem exposta em "*O Livro dos Espíritos*" nos Caps. VIII e IX do Livro II.

A cosmossociologia se encontra nos caps. IV, V e VI do Livro II. Os caps. X e XI do mesmo Livro II completam a Cosmossociologia Espírita estudando as ocupações e missões cósmicas dos Espíritos e as suas atividades telúricas na vida planetária.

"*O Livro dos Médiuns*" é o compêndio básico para o estudo dos vários tipos de relações da Parassociologia e da Cosmossociologia.

“*O Evangelho Segundo o Espiritismo*” é o código moral da vida espírita e portanto o livro em que os princípios normativos da Sociologia Espírita se encontram definidos e explicados.

O problema das relações interplanetárias, hoje colocado pelas pesquisas astronômicas, figura no cap. III da primeira parte de “*O Livro dos Espíritos*”, itens 55 a 58, sob o título de “Pluralidade dos Mundos”. O astrônomo Camille Flammarion, que era médium psicógrafo e trabalhava com Kardec na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas publicou uma obra sobre o mesmo assunto. As relações astronômicas, entretanto, só poderão efetivar-se entre Mundos semelhantes quanto à densidade física de sua constituição. Na pergunta 56 “*O Livro dos Espíritos*” coloca o problema da diferença da constituição física dos diversos planetas, e conseqüentemente da diferença dos organismos corporais de seus habitantes. Nada impede, entretanto, que os Mundos mais diversos se comuniquem entre si pelas vias mediúnicas, pois o Espírito é sempre o mesmo em toda parte.

Os Mundos nascem e morrem. Lemos no item 41 do L. E. : “Deus renova os Mundos, como renova os seres vivos.” A Escala dos Mundos nos mostra que eles evoluem. E o item 185 do L. E. esclarece: “Os Mundos também estão submetidos à lei do progresso. Todos começaram como o vosso, por um estado inferior, e a própria Terra sofrerá uma transformação semelhante, tornando-se um paraíso terrestre quando os homens se fizerem bons.” Assim, os Mundos formam uma coletividade cósmica. Estão ligados entre si pela rede das leis universais, pelas incessantes comunicações dos Espíritos através do Cosmos, pelas migrações individuais e coletivas dos seres no processo evolutivo. O item 176 do L. E. afirma: “Todos os mundos são solidários.”

A solidariedade dos Mundos é uma decorrência natural da unidade e organicidade do Cosmos. A concepção espírita do Universo é monista. Há na Terra muitos homens, em diversos graus de evolução (item 176.a) que nela se encontram pela primeira vez, e nem por isso se diferenciam dos outros. O Espírito humano é um só e tem a flexibilidade necessária para conformar-se, em cada Mundo, às suas exigências e ao seu tipo específico de cultura. Dessa maneira não há razão para os temores que certas pessoas revelam no tocante à possibilidade de criaturas de outros planetas invadirem a Terra. Na verdade, elas estão constantemente invadindo, como nós, os terrícolas, também invadimos outros Mundos. A Humanidade é cósmica e as leis universais equilibram a sua distribuição nos diferentes Mundos.

As distâncias espaciais, como antigamente as distâncias entre os continentes na Terra, só podem ser vencidas por criaturas que tenham alcançado elevado grau de evolução. As naves interplanetárias que chegarem à Terra só podem ser tripuladas por criaturas de uma civilização superior à nossa. É o nosso primarismo que nos leva a imaginar invasões interplanetárias destruidoras. À proporção que superamos os nossos conflitos na Terra nos tornaremos mais aptos a compreender a harmonia do Universo, a unidade espiritual das criaturas e a solidariedade dos Mundos. Então estaremos em condições de receber os nossos irmãos de outros planetas, que poderão trazer-nos, como fazemos hoje entre os

países civilizados, as contribuições de suas diferentes culturas para enriquecerem a nossa.

*

Livro: Agonia das Religiões

J. Herculano Pires

CAPÍTULO XIII - REVOLUÇÃO CÓSMICA

Em meados do Século XIX ocorreu uma abertura cósmica para o homem em todos os sentidos. Três séculos após a Revolução Copérnica, que começara a demolir o geocentrismo de Ptolomeu, Kardec rompia o organocentrismo da concepção científica do homem, que tinha em seu apoio a tradição religiosa judeu-cristã. Nicolau Copérnico escrevera em latim o seu tratado *De Revolutionibus Orbium Celestium* (Das Revoluções das Orbes Celestes) que só foi publicado em 1543, após a sua morte, e condenado pelo Papa Paulo V. Kardec publicou "O Livro dos Espíritos", em 1857, que também não escapou à dupla condenação da Igreja e da Ciência.

A concepção da vida como inerente às estruturas orgânicas foi o último refúgio do geocentrismo. Já que a Terra não era o centro do Universo, o homem sustentava a sua vaidade e o seu orgulho considerando--se o centro da vida. Isso é evidente ainda hoje, transparecendo na luta desesperada das religiões contra a concepção espírita do homem e na desesperada resistência das Ciências à evidência resultante de suas próprias conquistas. Na América e na Europa de hoje as declarações positivas de Rhine, Soal, Carington e outros sobre a existência de um conteúdo extrafísico nos seres humanos e de sua sobrevivência à morte orgânica são combatidas ferozmente e classificadas como ridículas. É um curioso espetáculo na arena intelectual, em que vemos o homem lutando, por orgulho, para sustentar que não é mais do que pó e cinza.

Podem os clérigos argumentar que nas religiões não se passa o mesmo, pois os princípios religiosos sustentam a concepção metafísica do homem. Entretanto, pode-se aplicar às religiões a advertência de Descartes quanto ao perigo de fazer-se confusão entre alma e corpo. Enquanto para o Espiritismo a alma é o espírito que anima o corpo, havendo nítida distinção entre um e outro, as religiões admitem a unidade substancial de alma e corpo, de tal maneira que a ressurreição se verifica no próprio corpo. A complexa teoria de *matéria e forma*, de Aristóteles, deu muito pano para manga na teologia medieval, resultando na doutrina da *forma substancial*, em que forma é substância e substância é forma. Em conseqüência, matéria e forma se misturam e não se sabe como explicar o homem sem a sua estrutura orgânica de matéria, pois chega-se mesmo a sustentar que o homem é pó e em pó se reverterá na morte.

Opondo-se a essa posição restritiva, que reduz o homem á condição de *bicho da terra*, segundo a expressão camoneana, o Espiritismo o reintegra na dignidade de sua natureza espiritual e reajusta a sua imagem no panorama cósmico. A manifestação dos mortos, demonstrando que continuam vivos e atuantes noutra dimensão da vida, e que continuam a ser o que eram apesar de não mais possuírem o corpo material, não deixa nenhuma possibilidade de dúvida sobre a diferença entre conteúdo e continente, entre espírito e corpo. A confusão de forma e substância resolve-se com a demonstração da estrutura tríplice do homem: o espírito é a substância, a essência necessária, *o ser do primado ôntico* de Heidegger; o perispírito (*corpo espiritual ou bioplásmico*) é a *forma* da hipótese aristotélica, o padrão estrutural dos biólogos soviéticos; o corpo é a *matéria* que

nos dá o ser existencial. Essa é a tese espírita dos dois seres do homem: o ser do espírito e o ser do corpo.

E o *não-ser*, como queria Hegel, não é um ente específico e autônomo, oposto ao ser, mas inerente ao *ser de relação* ou *existencial*, ligado a ele na existência como contrafação, determinado pela oposição da existência ao ser. É o que vemos no problema da relação Deus-Diabo, em que a figura do Diabo só é tomada em sentido mitológico, nunca real, como personificação das forças do passado, que pesam sobre o *ser existencial*, embaraçando-lhe o desenvolvimento. O *não-ser* é o que não quer ser, não quer *atualizar-se* na existência, mas permanecer o que era, apegado aos resíduos das fases anteriores ao ser. Uma das funções do ser é absorver o *não-ser* para levá-lo a ser, segundo a tese da passagem do inconsciente ao consciente, de Gustave Geley.

É assim que o homem se reintegra, pela concepção espírita, na realidade cósmica. Não é mais um ser isolado na Criação, privilegiado pela inteligência e amesquinhado pela morte, não é mais aquela *paixão inútil* de Sartre que o tempo consome e reduz a nada. O homem é a síntese superior produzida pela dialética da evolução criadora de Bergson nos reinos inferiores da Natureza, a partir das entranhas da Terra. No seu curso de milhões e milhões de anos, a partir da mônada oculta na matéria cósmica, impulsionado na ascensão filogenética das coisas e dos seres, passando pelas metamorfoses de uma ontogenia assombrosa, ele atingiu a consciência e descobriu a marca de Deus em si mesmo. Herdeiro de Deus e co-herdeiro de Cristo, segundo a expressão do Apóstolo Paulo, o homem não está condenado à frustração da morte, mas destinado à vida em abundância na plenitude do espírito.

Não é fácil à mentalidade necrófila desenvolvida pelas religiões da morte, sob o peso esmagador da escatologia judaica e da tragédia grega, compreender essa visão nova do homem como um ser cósmico. Por isso acusa-se o Espiritismo de reativar antigas superstições e voltar à concepção da metempsicose egípcia elaborada pelo gênio de Pitágoras. Não percebe essa mentalidade que a teoria pitagórica da metempsicose impunha-se ao sistema do filósofo por uma intuição do seu próprio gênio e pela necessidade lógica. O homem pitagórico antecipou o homem do Espiritismo na medida possível das grandes antecipações históricas. Era um homem cósmico por antevisão, tão integrado e entranhado na realidade universal que não podia escapar do círculo vicioso das formas se não despertasse em seu íntimo os poderes secretos da mônada. O conceito do homem em Pitágoras é infinitamente superior ao das religiões atuais e ao das filosofias do desespero e da morte em nosso século.

Quando Pitágoras falava da música das esferas não se embrenhava nas superstições, mas abria a mente de seus discípulos para a visão real do Cosmos, que só em nosso tempo se tornaria acessível a todos. Mais tarde, Jesus também anunciaria as muitas moradas do Infinito e ensinaria o princípio da ressurreição e das vidas sucessivas, estarrecendo um mestre em Israel que não sabia dessas coisas. Já numa fase mais avançada da evolução terrena, Jesus não se referia à metempsicose, mas à palingenesia do pensamento grego, à transformação constante dos seres e das coisas no desenvolvimento do plano divino. Nesse mesmo tempo, nas antigas Gálias, os celtas, que para Aristóteles eram um povo de filó-

sofos, divulgavam esses mesmos princípios pela voz dos seus bardos, poetas-cantores das tríades sagradas. E entre eles, como um druida, Kardec se preparava para a sua missão futura, na França do Século XIX.

Vemos assim duas linhas paralelas na filogênese humana: de um lado temos a evolução do *princípio inteligente* a partir dos reinos inferiores da Natureza, onde a mônada, a semente espiritual lançada pelo pensamento divino, desenvolve as suas potencialidades numa seqüência natural em que podemos perceber as seguintes etapas: o poder estruturador no reino mineral, a sensibilidade no vegetal, motilidade do animal, o pensamento produtivo no homem. A este esquema linear temos de juntar a idéia do desenvolvimento simultâneo de todas essas potencialidades, num crescendo incessante, num processo dialético de dinamismo tão intenso e complexo que mal podemos imaginar. Foi isso que levou Gustave Geley, o grande sucessor de Richet, a considerar a existência em todas as coisas de um *dinamismo-psíquico-inconsciente* que rege toda a evolução. Que abismo entre essa concepção da gênese universal que o Espiritismo oferece e a gênese alegórica das religiões! E mesmo em relação à gênese científica podemos notar a superioridade da concepção espírita, que não se restringe à idéia de um processo dinâmico de forças desencadeadas no plano superficial da matéria, mas penetra nas entranhas do fenômeno para descobrir o *númeno*, a essência determinante do processo e os objetivos graduais e conscientes que são acessíveis à nossa percepção e compreensão. A criação do homem, a sua natureza e o seu destino tornam-se inteligíveis. Édipo decifra os mistérios da Esfinge.

Apesar disso, há criaturas que acusam o Espiritismo de doutrina simplória, de simples abecê da Espiritualidade, curso primário de iniciação nos conhecimentos superiores da realidade universal. Enganam-se com a linguagem simples das obras de Kardec, através da qual o mestre francês colocou ao alcance de todos, graças a um processo didático difícilimo de se atingir e aplicar, os mais graves problemas que os sábios do futuro teriam de enfrentar, como estão enfrentando neste momento. A simplicidade de Kardec é tão enganosa como a de Descartes. À maneira do *Discurso do Método*, "*O Livro dos Espíritos*" é um desafio permanente à argúcia e ao bom-senso dos sábios do mundo. Esses dois livros nos lembram a simplicidade enganosa dos ensinamentos de Jesus, que os teólogos enredaram em proposições confusas, não compreendendo o seu sentido profundo e impedindo os simples de compreendê-lo.

Mas voltemos às duas linhas paralelas da filogênese humana, para tratar da segunda. Na primeira tivemos o processo natural de desenvolvimento das potencialidades do *princípio inteligente*, que podemos comparar ao crescimento da criança e aos primeiros cuidados com a sua educação. Temos de aguardar o desenvolvimento orgânico da criança para que as suas possibilidades mentais se revelem. E temos então de orientar as suas disposições naturais para o aprendizado escolar. O que vimos na primeira paralela foi exatamente esse processo. Quando as potências da mônada atingiram o desenvolvimento necessário à sua individualização definitiva, como criatura humana, e a consciência mostrou-se estruturada, começou então o processo da sua maturação e do seu aprendizado. O clã, a tribo, a horda, a família e as formas sucessivas de civilização representam as etapas da segunda linha paralela, em que se verifica o desenvolvimento cultural. A inteligência, já formada, vai ser cultivada ao longo do tempo, nas ge-

rações sucessivas. As diferenciações monádicas intuídas por Leibniz, como as diferenciações na constituição atômica verificadas pela Física atual, respondem pelas características diversas e diversificadoras das criaturas humanas em substância e forma. Essas diferenciações não são apenas individuais, mas também grupais, determinando por afinidade os grupos familiares e raciais. Os elementos da natureza, do meio físico, e as miscigenações, as misturas raciais e culturais, contribuirão para acentuar as diversificações no decorrer do tempo. Nota-se a existência de um dispositivo protetor das raças e culturas em desenvolvimento, nas primeiras fases do processo, com o isolamento dos grupos afins nos continentes. Mas esse dispositivo não é artificial, entrosa-se naturalmente no processo evolutivo, em que todas as condições necessárias decorrem das variantes evolutivas. São inerentes ao processo.

Quando os vários grupos amadureceram suficientemente e conquistaram um grau relativamente elevado de civilização, inicia-se a fase das conquistas, da dominação dos grupos mais poderosos sobre os mais fracos, numa longa e penosa elaboração de novas condições de vida e cultura. Kerchensteiner coloca o problema da cultura subjetiva e da cultura objetiva, a primeira correspondendo ao plano das idéias, da elaboração intelectual, a segunda ao plano da prática, do fazer, das realizações materiais.

E Ernst Cassirer mostra como a cultura objetiva conserva em suas obras materiais, gravadas nos objetos, as conquistas subjetivas de uma civilização morta. A Renascença, por exemplo, revela como as conquistas espirituais do mundo clássico greco-romano foram arrancadas das ruínas e dos arquivos aparentemente perdidos e reelaboradas pelo mundo moderno. Dewey, por sua vez, acentua a importância da *reelaboração da experiência* nas gerações sucessivas.

Mas quando chegamos ao ponto em que hoje estamos, prontos para um salto cultural de natureza qualitativa, ainda não podemos considerar-nos como obra concluída. Como observou Oliver Lodge, o homem ainda não está acabado, mas em fase talvez de acabamento. Sim, talvez, porque o nosso otimismo e a nossa vaidade podem enganar-nos a respeito do nosso estágio atual de realização. A própria situação da Terra, isolada no espaço e só agora tentando a expansão cósmica, deve advertir-nos de que ainda não estamos preparados para ingressar na comunidade dos mundos superiores. Somos ainda um obscuro e grosseiro subúrbio da Cidade de Deus e só à distância podemos vislumbrar o esplendor da luminária celeste na imensidade cósmica. Nossos próprios meios de penetração no espaço sideral são demasiado rudimentares e precários, Nossos corpos animais não nos permitem viver em condições superiores às da Terra. O desenvolvimento de nossos poderes psíquicos está ainda começando e nossa capacidade mental, condicionada por um cérebro de origem animal, não vai muito além dos processos indutivos e dedutivos mal arranhando o litoral esquivo do mundo da intuição. Como assinala Remy Chauvin, nem mesmo conseguimos atingir uma organização social superior, permanecendo ainda num plano de barbárie, estruturado em princípios ilógicos decorrentes da selva, com o predomínio da força sobre o direito.

Não obstante, estamos avançando mais rapidamente do que nunca. E se a nossa vaidade e o nosso egoísmo não nos cegarem por completo, se formos ca-

pazes de reconhecer no Espiritismo a doutrina que encerra o esquema do futuro, a plataforma espiritual, política e social do novo mundo que temos de construir no planeta - não mais a ferro, fogo e sangue - mas a golpes de inteligência, compreensão e fraternidade, então poderemos atingir a maturidade humana. Caso contrário retornaremos à selva, recomeçaremos de novo o nosso aprendizado desde o princípio, reiniciaremos o curso desperdiçado das instruções superiores. E não teremos mais em nossa companhia os que souberam vencer, pois cabe-lhes o direito de se transferirem para os cursos universitários da Cidade de Deus, em que o Pai certamente os matriculará. A escolha nos pertence, a decisão é nossa. Deus nos concedeu, com a consciência, o direito e o dever das opções.

Kardec sabia o que fazia, quando evitava a confusão do Espiritismo com as religiões dogmáticas e formalistas, sem entretanto negar ao Espiritismo o seu aspecto religioso. Teve mesmo o cuidado de não cortar em excesso as ligações da doutrina com a tradição religiosa, pois sabia que a evolução não pode sofrer, sem graves perigos de solução de continuidade. O princípio espírita do encadernamento de todas as coisas no Universo estava presente em sua mente. Poucas obras revelam uma compreensão tão clara e profunda da natureza orgânica do Universo, como a Codificação. É por isso, e não por sectarismo ou fanatismo, que não podemos fazer concessões ao passado no campo das atividades doutrinárias. Avançamos para um novo mundo que só o Espiritismo pode modelar, pois só ele revela condições para isso em sua estrutura doutrinária. Mas se não procurarmos compreendê-lo em toda a sua grandeza, é certo que o reduziremos a uma seita fanática de crentes obscurantistas. Evitemos essa queda no passado, para nós mesmos e para o mundo. Tenhamos a coragem de avançar sem muletas e sem temor para a Civilização do Espírito.

*

Livro: Evolução Espiritual do Homem

J. Herculano Pires

AS TENTATIVAS DE FUGA PARA O ESPAÇO SIDERAL

A inversão dos vetores ônticos, portanto psíquicos, realizada no momento da encarnação, no de precipitação do ser na existência, segundo a Teoria das Filosofias da Existência, forma típica do pensamento contemporâneo, ao invés de avançar na direção do alvo natural da morte, para superá-la, desviou-se para vícios da rotina. O Ser feito homem, imantado ao magnetismo das sensações carnis (portanto animais), perdeu-se a si mesmo na atração de fatores humanos, contraditórios entre si e contrários aos objetivos existenciais. Verificando esse fato com sua aguda percepção dos processos materiais, Sartre cria a teoria da frustração do homem – essa paixão inútil – na morte. Então os existencialistas espiritualizados, como o próprio Kierkegaard, Cassirer, Jaspers, Heidegger, Gabriel Marcel (católico) se opuseram à teoria da frustração do homem na morte, antes de Sartre fazer sucesso, demonstrando a preponderância da gravidade terrena na mentalidade do nosso tempo. Evidenciava-se o teor materialista do homem atual, que prefere a sua frustração na morte, a sua nadificação, segundo a linguagem sartreana, à continuidade da vida após a morte. De nada se precisaria para diagnosticar o fracasso do *pro-jeto* humano lançado na existência; e, como conseqüência, a necessidade de prosseguimento das dolorosas experiências do passado. Nesse episódio filosófico evidenciava-se a condenação do mundo contemporâneo à repetição dos descabros do passado. E isso não como castigo divino, mas como inevitável reparação das falhas do processo evolutivo, na pauta da lei de ação e reação. Nossa humanidade se condenava, por sua leviandade inconseqüente, a repetir o curso doloroso das experiências inúteis. O livre-arbítrio do homem, que o levava a preferir o caminho mais longo e doloroso, dera o seu próprio veredicto no tribunal de sua própria consciência. Os monstros não domados no passado voltam a assediá-los, repontando ferozes no trágico panorama da atual realidade. As leis se cumprem na mecânica inexorável da estrutura vital e contínua da história, mestra dos homens, como queria Cícero.

As duas conflagrações mundiais, de 1914 e 1939, trouxeram à tona, na atualidade mundial, a ferocidade aparentemente soterrada e as ambições desmedidas das tribos germânicas que, no passado, esmagaram o predomínio romano da Europa. Os romanos, por sua vez, tiveram de pagar, por assim dizer, as atrocidades cometidas contra os celtas, o único povo filósofo do mundo, segundo Aristóteles. A sabedoria druídica, da religião pura dos celtas, teve o seu herói em Vercingetóridix, o grande e generoso chefe celta, que César arrastou pelas ruas de Roma, cego e humilhado, como um bárbaro sem entranhas. O druidismo, religião mediúnica e poética dos sacerdotes poetas e cantores, fazia parte da preparação do advento do Cristianismo. Kardec explicaria mais tarde, em comunicação mediúnica a Léon Denis (que Conan Doyle chama de o Druída de Lorena), a importância dos bardos celtas e o sentido profundo das tríades druídicas nas Gálias, para a libertação humana, imantação telúrica que invertera os vetores do ser em sua projeção na existência. O plano divino foi frustrado pelo arbítrio dos homens. A hierarquia espiritual foi sacrificada em favor das necessidades da experiência livre do homem em seu processo evolutivo. As ambições nazi-

fascistas de Hitler e Mussolini constituíram a prova do círculo na repetição das experiências frustradas. O homem teve de voltar à barbárie, rompendo o frágil equilíbrio da *Belle Epoque* européia que mergulhou no caos da evolução material, no horror de suas conquistas tecnológicas. Milhares de criaturas sensíveis, como no caso doloroso de Stefan Zweig, tentaram escapar do caos pelo suicídio. Os indivíduos, ligados naturalmente às suas comunidades intelectuais, não dispunham de meios para escapar à pressão das forças cármicas desencadeadas no plano social.

Em seu livro *O Mundo que eu vi*, Zweig estabeleceu o contraste da Viena de seu tempo, paraíso musical de harmonia e beleza, centro intelectual e artístico da Áustria fervilhante de idéias elevadas com a avalanche de brutalidades, sujeira moral e ferocidade selvagem que se despençou sobre a cidade, o país e o mundo. De onde vinha toda essa miséria humana, esse retrocesso histórico, arrasador, senão das camadas temporais subterrâneas, onde os monstros do passado despertavam de sua catalepsia providencial? Ainda hoje podemos ver em Viena uma imagem de bronze de Nossa Senhora, aparente objeto de culto religioso, mas provido por dentro de um sistema de espadas de aço. Os infelizes que eram ali encerrados morriam trespassados pelas espadas, ao fechar da imagem. As espadas simbólicas do martírio de Maria de Nazaré, ante a crucificação do filho, transformavam-se em espadas cruéis de morte sangrenta, e isso ainda nos tempos imperiais da grandeza austríaca. O sadismo infernal dessa forma de execução prova o estado real da evolução moral da Europa, que escondia suas garras de fera sob o manto piedoso da Virgem. Era inevitável a eclosão do Novo Terror, mil vezes pior que o da Revolução Francesa, na proporção em que a frágil camada de civilização fosse sendo rompida, ao despertar dos monstros subterrâneos. Esse rompimento verificou-se em escala mundial, como vimos em nossa contemporaneidade, pois tudo se encadeia no universo. A Tecnologia da guerra ameaçou o mundo inteiro. Das bombas voadoras de Hitler saíam mais tarde, como borboletas cósmicas do futuro, os foguetes da pesquisa espacial que romperam as barreiras da gravidade terrena. Premida pela pressão do ambiente caótico do mundo, a consciência humana gerou a angústia existencial, com o apelo desesperado aos tóxicos, o aumento da criminalidade mundial, os surtos de criminalidade infantil e o anseio de fuga do planeta, nas tentativas de fuga pelo espaço sideral. A Astronáutica, nascida das entranhas da tecnologia de matança, transformou-se em esperança, embora remota, de libertação cósmica do homem. Fugir da Terra infestada de monstros do passado e devastada, poluída, aviltada pela raça humana, esse é o objetivo do homem contemporâneo. Mas como as barreiras das distâncias cósmicas parecem invencíveis, surgem os projetos líricos de construção de cidades cósmicas no espaço sideral, nos pontos neutros de gravidade entre a Terra e a Lua, bem como os projetos de revitalização da própria Lua, com arborização artificial para restabelecimento de sua atmosfera. Delírios de uma fase histórica de pesadelo, que não passará com essas invenções, mas apenas com o processo purgatorial em marcha dolorosa. Os desgastes da natureza forçam o homem a despertar para as exigências da sua própria transformação, no desenvolvimento de suas potencialidades espirituais. Antes da transcendência artificial na conquista do espaço cósmico, cabe-lhe atentar para a transcendência natural de suas possibilidades ônticas. Cabe-lhe ainda o dever moral de restabelecer a ordem terrena, harmonia e sua beleza primitiva. Os

mundos superiores do Cosmos não podem receber os demônios da Terra, a não ser pela ordem de graduação evolutiva dos que conseguirem elevar-se acima do nível moral negativo do nosso planeta.

Em seu livro *O Jogo de Avelórios*, Herman Hesse observa que as fases da decadência do mundo são precedidas de fases musicais em que a estridência supera a harmonia. Nosso mundo atual chegou ao máximo da estridência na música. E essa estridência se reflete em todas as demais atividades artísticas. Voltamos ao primitivismo com técnicas inúteis de disfarce; resposta desses artifícios, não o desejo de progresso, mas a consciência da fragilidade humana, da impotência do homem atual para manter-se no equilíbrio dos gênios do passado, quanto mais para superá-los. A genialidade escasseou no mundo, porque a civilização atual perdeu-se na subalternidade das aspirações inferiores. Por toda parte as atividades humanas se aviltaram na busca do pragmático. As mentes se fecham nos limites do interesse imediatista da sobrevivência corporal. Reduzido à imperfeição das funções orgânicas, o espírito só agora está voltando a ser considerado real e digno de atenção das ciências. As últimas descobertas da Ciência revelaram, mau-grado a obstinação materialista, que o espírito é o elemento estruturador da matéria, confirmando o princípio espírita da dispersão da matéria no espaço e sua aglutinação pelo poder estruturador do espírito. A teoria de força e matéria do século XVIII é agora substituída pelo princípio cientificamente provado de espírito e matéria. Nas ciências biológicas as experiências com embriões de animais provaram que os centros padronizadores do organismo dominam a estruturação dos corpos. No tocante ao homem, as pesquisas russas da universidade de Kirov revelaram que a formação do corpo humano e seu funcionamento são determinados pelo *corpo bioplásmico*, constituído de plasma físico, correspondente ao *corpo espiritual* da tradição cristã, que no Espiritismo aparece com a denominação kardeciana de *perispírito*. O materialismo oficial e ideológico do Estado Soviético reagiu contra essa descoberta, mas as provas em contrário não foram feitas. Esses avanços da Ciência, mau grado a teimosia materialista e religiosa, reparam no campo científico atual os erros e distorções intencionais do passado, geralmente feitas em defesa de posições dogmáticas interesseiras. Há uma enxurrada de crimes materiais, intencionais, morais e de toda espécie submetidos a revisões penosas da atualidade. Mas a disposição de regresso à posição certa poderá atenuar a violência das reações cármicas já desencadeadas em nosso tempo. Para essa atenuação muito poderão contribuir os homens de boa-vontade, em todas as circunstâncias em que se encontrarem. Volta assim à responsabilidade do livre-arbítrio humano a correção e a superação de seus desmandos no passado.

É natural o anseio atual do homem, de fuga para outros mundos. Ao se projetar na existência, o ser traz consigo, fixada em sua sensibilidade ôntica, o esquema de sua destinação cósmica. No homem, segundo a teoria genial de Frederic Myers, esse esquema secreto permanece em sua mente subliminar, influenciado sutilmente em sua mundividência. Depende da maior ou menor permeabilidade do limiar sobre o qual se assenta, por assim dizer, a consciência supraliminar, a percepção mais ativa ou mais imprecisa do futuro existencial do homem. Kardec esboçou, em *O Livro dos Espíritos*, a sua famosa Escala Espírita, com a caracterização admiravelmente precisa dos quadros superpostos dos graus de

evolução espiritual do homem. Essa escala marca o roteiro cósmico do homem na direção dos mundos superiores do Infinito. A Terra figura nesse esquema como base de lançamento espacial dos grupos humanos devidamente preparados para a transferência a mundos mais elevados. A condição para integrar esses grupos é apenas uma: *haver superado o nível moral do planeta*. Uma vez superado esse nível, o homem está apto a viver num mundo de regeneração, de onde partirá, completado o seu estágio regenerador, para mundos superiores, sempre na medida exata de suas possibilidades. Dessa maneira, todos nós sentimos o anseio da fuga sideral, em menor ou maior grau. Desejamos todos viver num mundo diferente do nosso, que, segundo Kardec, é o Purgatório que os teólogos e os videntes nunca souberam onde colocar. É aqui, na Terra dos Homens, segundo a expressão acertada de Saint Exupéry, que temos de aprender a lutar contra a nossa fragilidade carnal, conquistando a invulnerabilidade do espírito. Na proporção em que o homem progride na sua evolução, mais vivas se tornam em sua memória subliminar e mais fortes se projetam em sua mente supraliminar as esperanças da escalada cósmica. Não há técnicas específicas para essa preparação do homem, pois a evolução de cada existente, ou seja, de cada criatura humana na Terra, se faz unicamente através das experiências vivenciais. As regras morais, as religiosas, as mentais não passam de arranjos criados por criaturas imaginosas e sistemáticas, que nem a si mesmas conseguem melhorar. O único manual possível de evolução espiritual é o *Evangelho de Jesus* compreendido em espírito e verdade, sem as interpretações dogmáticas do sectarismo religioso. Só a vida guarda o segredo da preparação específica de cada existente para o colocar em condições de partir para os mundos do espaço sideral.

O Espiritismo nos mostra e prova, desde as pesquisas de Kardec até as atuais, que antes de nos libertarmos do planeta temos de passar pelos estágios progressivos da própria esfera espiritual da Terra. Não devemos, pois, olhar com muito anseio e pretensão para as estrelas distantes, esquecidos de nossas contas finais com a própria Terra. Para pisar no primeiro degrau dos mundos superiores, precisamos antes provar as escadinhas internas da nossa morada atual. Não há milagres na evolução, há leis.

Algumas instituições espíritas inventaram ou adotaram sistemas de santificação, à maneira dos usados no Catolicismo e no Protestantismo. Ao invés de ensinarem doutrina espírita, passaram a dar cursos de boas maneiras, de imposição de voz e assim por diante; cometem um grande erro, pois na verdade as pessoas se revestem de hipocrisia, logrando-se a si mesmas. Perdem a naturalidade, a espontaneidade e com esta a virtude preciosa da sinceridade. Jogam fora o que têm de melhor, que é a capacidade de não mentir e não fingir. Às vezes, em mensagens mediúnicas de espíritos ainda apegados ao ranço clerical das sacristias, aparecem recomendações desse teor. É natural que uma criatura queira dominar e controlar o seu comportamento na medida das exigências da sociabilidade. Mas daí a entregar-se à deformação de si mesma para aparentar angelitude vai grande distância.

A evolução humana não se faz por meio desses artifícios ridículos. Não vem de fora, mas de dentro, das profundezas do ser. A experiência vital é o corretivo natural dos espíritos indisciplinados. Na Terra podemos fingir e mentir à vontade, mas ao deixá-la nos defrontaremos com a realidade nua e crua do que

somos. O que nos interessa, portanto, não é aprender regras padronizadas de comportamento fingido, mas refinar-nos na medida do possível, cultivando o respeito aos outros, o amor aos semelhantes, a humildade que nasce da compreensão de nossas imperfeições. O fingimento é logo percebido por todos os que não se utilizam dele. O Espiritismo nos ensina que temos em nós mesmos, em nossa natureza específica, os recursos de que a vida se serve para nos tornar mais aptos a viver com dignidade e nobreza espiritual legítima. Não podemos instalar em nossas instituições esses modelos falidos que modelaram os carrascos das inquisições, cobrindo a astúcia de serpentes venenosas. Ninguém pode atingir o céu com as asas de cera de Ícaro, e muito menos com asas de papel de seda dos anjos de procissões. Temos de enfrentá-la como ela é, com a nossa própria realidade, para podermos amadurecer ao sol da verdade, longe das sombras da mentira.

*

Livro: O Homem Novo

J. Herculano Pires

CONQUISTAREMOS OUTROS PLANETAS?

A conquista do espaço cósmico pelo homem terreno é apenas uma picada de alfinete na pele do Universo. Assemelha-se às picadas que demos até hoje na pele da própria Terra, sem conseguir penetrar-lhe as entranhas. É natural que o homem se orgulhe do seu feito, mas convém não se embriagar em excesso. Para começar, devemos lembrar que os nossos combustíveis são ainda demasiado grosseiros: estamos nos atirando à Lua por meio de foguetes, não dispendo dos recursos de energias apropriadas que a Ciência ainda procura.

“O Livro dos Espíritos” ensina, há mais de cem anos, que os mundos habitados se dividem em categorias, como tudo na Natureza. Há mundos primitivos, habitados por humanidades selvagens como foi a Terra no passado. Há mundos de civilizações rudimentares, como a fase das civilizações agrárias em nosso planeta. Há mundos de civilizações em grau semelhante à nossa e mundos de civilizações superiores. Tudo isso no plano de matéria densa em que vivemos. Mas além desse plano (as pesquisas modernas admitem a existência no cosmos de pelo menos sete estados da matéria já conhecidos) há outros de estados menos densos em que se desenvolvem formas de vida e de civilizações altamente evoluídas.

É claro que só está ao nosso alcance, por enquanto, o plano de matéria densa, o cosmos tridimensional em que vivemos. Em nosso próprio sistema solar há planetas conhecidos, como Júpiter, cuja densidade material os coloca fora do nosso alcance. Na "Revista Espírita" Kardec publicou curiosas comunicações de Espíritos sobre a vida nesse planeta e um desenho mediúnicos recebido pelo teatrólogo Victorien Sardou, que era médium. Essas informações mediúnicas, como Kardec advertia, devem ser recebidas com reserva, pois estão condicionadas pela capacidade do espírito comunicante e do médium receptor, além de outras limitações. Servem, porém, para nos dar uma idéia aproximada da vida em outros mundos.

Não há dúvida que poderemos conquistar a Lua, nosso satélite natural que parece pertencer à classe dos "mundos transitórios" da escala cósmica de "O Livro dos Espíritos", ou seja, um mundo que serve apenas de pouso passageiro a homens espíritos na exploração do espaço. Mas, no tocante a planetas como Vênus e Marte, devemos refrear a imaginação. Tudo depende das condições reais desses mundos. Informações mediúnicas recebidas com reserva por Kardec adiantaram que Marte seria inferior à Terra em evolução e Vênus seria superior. A distância em que os planetas se encontram do Sol não parece influir no seu grau de evolução. Mas tudo isso, como fez Kardec, deve ser posto no condicional: "seria" e não "é". Mesmo porque a finalidade do Espiritismo, como explicou Kardec, não é oferecer-nos "já feito" aquilo que temos de conquistar pelo nosso esforço no estudo e na pesquisa.

O princípio espírita da pluralidade dos mundos habitados inclui a possibilidade de comunicações entre eles. Mas essa possibilidade depende da evolução dos mundos. Dá-se no espaço o mesmo que na Terra, onde a comunicação entre

os continentes só foi possível quando os povos evoluíram suficientemente. É por isso que não devemos temer a "invasão da Terra por conquistadores do espaço", pois esses, na verdade, serão criaturas mais adiantadas que nós. E não é lógico estabelecermos comparações entre esses navegantes do espaço e os violentos conquistadores da América na mundo atrasado do século XVI. A "conquista" de outros mundos, atualmente, não é uma tomada de posse, mas apenas um estabelecimento de comunicação. Estamos na era das comunicações e não do colonialismo, que chega fatalmente ao seu fim.

*

Livro: O Espírito e o Tempo

J. Herculano Pires

CAPÍTULO II - AS LEIS DA MEDIUNIDADE

1. AS CONDIÇÕES DA CIÊNCIA — O Espiritismo foi acusado, desde o seu aparecimento, de não ter condições científicas. O objeto de suas pesquisas era ilusório. Os métodos que adotava eram ineficientes. A repetição necessária dos fenômenos era impossível. Kardec não se interessava pelas leis dos fenômenos, que na verdade não eram fenômenos e não estavam sujeitos a leis de espécie alguma. Os espíritos, como os deuses mitológicos, eram figurações evanescentes, sem nenhuma consistência possível. Avesso à realidade física, o Espiritismo nada tinha a acrescentar ao mundo sensorial, não revelava nem estudava nenhum aspecto novo da matéria. Tratava-se apenas de uma ressurreição das velhas superstições da Antigüidade, que a Ciência tinha por dever destruir para sempre. Atravessando os limites do real, invadia as regiões do inefável pitagórico, onde a razão nem sequer podia discernir coisa alguma. Kardec trapaceava para criar uma religião de aparência científica. Seu objetivo só podia ser a criação de uma nova igreja, da qual certamente se tornaria o Papa. A presença de Deus na sua estrutura pretensamente científica não podia iludir a ninguém. Deus era objeto da Teologia, cuja área sagrada Kardec invadia atrevidamente. Só restava ao mundo moderno repelir de maneira definitiva a intromissão desse corpo estranho e nebuloso no campo racional da Ciência.

Não obstante, Kardec insistia. E explicava reiteradamente que o objeto da Ciência Espírita era a própria essência do homem, que se podia atingir através da sua manifestação (o fenômeno), que estes, pela sua própria natureza, eram acessíveis à pesquisa científica e que a sua repetição, como a de todos os fenômenos, dependia apenas da conjugação dos elementos necessários, como se faz numa reação química. Lembrava que esses fenômenos eram naturais, existiam desde todos os tempos, repetindo-se indefinidamente através dos milênios. Como fenômenos naturais, tinham as suas leis, que o Espiritismo descobria através da experiência e da pesquisa, provocando-os e analisando-os. Enquadrava o Espiritismo no campo da Psicologia. E dava início à Psicologia Experimental, sem o engano de servir-se de métodos físicos ou biológicos, pois afirmava que o método devia ser adequado ao objeto. Por isso, criava o seu próprio método. Na REVISTA ESPÍRITA, seu órgão de difusão e debates, inscrevia sob o título: "Revista de estudos psicológicos". Quanto às superstições, lembrava que a função da Ciência era precisamente de esclarecê-las, substituindo as fábulas por explicações racionais e positivas das causas dos fenômenos que as originaram. Tudo em vão. As Ciências eram deidades impassíveis, defendidas pelas vestais da Deusa Razão. Kardec e o Espiritismo foram marginalizados na cultura do século XIX. Aos dogmas invioláveis da sabedoria eclesiástica os cientistas opunham os dogmas inabaláveis da frágil razão humana. Premido entre os fogos cruzados da Ciência e da Religião, só restava a Kardec entrincheirar-se nas ruínas da Filosofia, que acabava de libertar-se da servidão medieval e conservava em suas entranhas uns restos de calor humano. Entrincheirou-se, mas não abriu mãos da pesquisa científica. Felizmente os cientistas que foram lançados ao seu encontro não haviam perdido o bom senso. Resolveram provar cientificamente que os fe-

nômenos não existiam e deram com o nariz na realidade inadmissível. A Sociedade Dialética de Londres esfacelou-se contra o rochedo dos fatos, William Crookes tocou os fenômenos com os dedos, como Tomé, e teve a coragem de sustentar a sua realidade. Frederic Zollner, na Alemanha, fez o mesmo. Já não se podia mais negar a realidade dos fenômenos. Passou-se então aos sofismas da mistificação, classificando Crookes de caduco e Zollner de estúpido. Mais tarde surgiu Richet, o fisiologista do século, sustentando a existência do ectoplasma, e o classificaram de imbecil, enganado por um espertalhão. Quando Richet faleceu, em 1935, já em pleno século XX, os defensores da razão clamaram por toda parte que com ele morrera também a ilusão espírita. Não sabiam que, cinco anos antes, os Profs. Rhine e Mc Douglas haviam fundado na Duke University (EUA) a Parapsicologia moderna, preparando o Psychic Bom, a explosão psíquica da atualidade.

Hoje estamos em face de uma comprovação total da Ciência Espírita, não apenas pela Parapsicologia, mas também pela Física Nuclear, pela Biologia avançada, pela Astronáutica, por todos os ramos do conhecimento que não podiam e não podem parar no rush espantoso do conhecimento rumo à antimatéria, ao corpo bioplásmico, às provas da reencarnação, aos fenômenos théta que provam as várias formas de comunicação mediúnica. É este o mais espantoso episódio da História das Ciências, que os historiadores do ramo fazem questão de ignorar. As leis dos fenômenos mediúnicos, descobertas por Kardec, são agora redescobertas nos laboratórios modernos e os seus descobridores não sabem que estão descobrindo a pólvora. Se o Espiritismo não tem condições científicas, por que estranhos meios, não-científicos, Kardec antecipou essas descobertas da atualidade, A Ciência Espírita provou a sua validade nos maiores centros de pesquisa universitária do mundo, pelas mãos dos seus adversários. Ninguém teria percebido isso?

2. AS LEIS DOS FENÔMENOS — As leis dos fenômenos mediúnicos (ou paranormais) foram descobertas e descritas por Kardec no Livro dos Médiuns há mais de um século. Através de pesquisas psicológicas definiu com precisão. Partia do princípio de que os fenômenos falam. Interrogou os espíritos comunicantes e controlou o que eles diziam com experiências realizadas com pessoas vivas. O confronto dessas manifestações em dois planos da realidade e a constante repetição de experiências lhe davam uma margem de certeza possível. Insistiu doze anos consecutivos nesse trabalho, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (uma sociedade científica, segundo ele a classificava). Utilizou-se também do controle da vidência. Suas pesquisas principais foram publicadas na "REVISTA ESPÍRITA" com regularidade absoluta. Hoje, as confirmações científicas mostram que ele estava certo. Atingiu por métodos psicológicos o que as ciências atuais conseguiriam com aparelhagens especiais. Chegou à certeza absoluta, que os cientistas rejeitaram porque não combinavam com as exigências dos métodos incipientes da época. Realizou assim a maior façanha científica de todos os tempos. Tudo quanto afirmou - declarou Richet, que em muitos pontos não concordava com ele — foi o resultado de pesquisas sérias. Nunca se importou com as críticas levianas ou sectárias, mas às críticas sérias respondeu sempre com uma lógica e uma lucidez admiráveis. Isto pode ser verificado na simples leitura da REVISTA, em doze volumes de mais ou menos quatrocentas páginas

cada um. É inacreditável que todo esse valioso acervo da cultura francesa tenha sido negligenciado até agora. Tentaremos ordenar, a seguir, a seqüência de suas descobertas:

a) *O homem é um ser espiritual revestido de corpo carnal.* O ser espiritual possui um corpo a que chamou de perispírito, por analogia com o perisperma das sementes. Esse corpo se constitui de energias espirituais e energias materiais. É o elo que liga o espírito ao corpo. Todas as funções mentais e psíquicas do corpo são produzidas, mantidas e dirigidas pelo perispírito, que é a fonte da vida. No fenômeno da morte o perispírito se desliga progressivamente do corpo material e este se transforma em cadáver. O espírito liberto passa a viver no plano espiritual, que se constitui de matéria em estado rarefeito. Esse mundo semi-material tem várias hipóstases, sendo que a mais inferior só existe com o plano material, interpenetrado com ele. Por isso os espíritos convivem conosco no mesmo espaço cósmico ocupado pelo planeta. Assim, os espíritos influem sobre nós e nós sobre eles. Não podemos percebê-los pelos sentidos físicos, mas podemos vê-los e ouvi-los pelo espírito, embora tenhamos a impressão de percebê-los pelos sentidos. Não estamos fundidos no corpo material, mas ligados a ele por energias vitais, que nos permitem afastar do corpo material com mais freqüência do que supomos. Nesses momentos de desprendimento podemos ver os espíritos e comunicar-nos com eles. A mente é um centro espiritual de controle e comunicação, que se manifesta através do cérebro. Vivemos em constante permuta de idéias e sentimentos com as pessoas de nosso convívio e com os espíritos que se afinam conosco. Além do ser espiritual que somos, existe em nós o ser do corpo, que rege a nossa vida vegetativa e conserva os instintos da espécie enquanto vivo. Nossa ligação com os espíritos é portanto natural e normal.

Hoje, depois da descoberta da antimatéria e das hipóteses tateantes sobre os universos paralelos, os físicos descobriram que o mundo material e o antimaterial são interpenetrados. A descoberta, pelos físicos e biólogos soviéticos, do corpo-bioplásmico e suas funções controladoras de todo o processo orgânico comprovam a descoberta de Kardec. As pesquisas parapsicológicas comprovaram as relações mentais no plano humano e entre esse plano e o espiritual. "A mente não é física", afirma Rhine. "A mente é uma estrutura psicônica, formada de átomos mentais, e depois da morte do corpo pode comunicar-se com as mentes encarnadas", sustentou Wathely Caringthon. "Existe Shi", sustenta Soai, "que sobrevive à morte corporal e pode comunicar-se com as nossas mentes". As pesquisas parapsicológicas provaram que o pensamento não é físico e que as comunicações dos espíritos são fatos reais. Pratt investiga e prova, no exame dos fenômenos théta, a realidade dessas comunicações. Louise Rhine publica um livro de pesquisa de campo sobre essas comunicações, comprovando-as.

b) *A reencarnação* — As provas de Kardec sobre a reencarnação decorrem de lembranças espontâneas e manifestações anímicas a respeito, bem como de investigações pelo processo hipnótico de regressão da memória. Albert De Rochas publicou suas pesquisas a respeito, muitas delas confirmadas pela pesquisa histórica possível. Hoje, Ian Stevenson divulga suas pesquisas de casos de lembranças, Barnejee faz o mesmo e Wladimir Raikov, na Universidade de Moscou, não obstante os impedimentos ideológicos, insiste nessas pesquisas. A lei da reencarnação não pode ser provada pelos métodos atuais das Ciências,

mas é evidente que a natureza do problema requer modificações no sistema metodológico. Raikov se atém ao problema das lembranças e sua influência no comportamento individual. Encara o fenômeno como patológico e possivelmente sugestivo. Segue praticamente o método hipnótico de De Rochas. Mas sua contribuição tem sido significativa, segundo informa Barnejee. Stevenson chega a declarar que suas pesquisas chegaram à evidência do fenômeno. A revolução metodológica atual nas Ciências, com o avanço das pesquisas em todas as direções, pode levar à descoberta de um processo específico para a comprovação de fatos que escapam ao confronto de elementos puramente materiais. Os cientistas enfrentam neste momento as mesmas dificuldades que Kardec enfrentou há mais de cem anos. Mas Kardec não se embarçou nessas dificuldades. Lembrou que a reencarnação é uma constante da Natureza, onde tudo se renova através de metamorfoses evolutivas, desde o reino mineral até o hominal. Hoje se alega o mesmo e, evoca-se a palingenesia, que é a lei geral das transformações, em que a reencarnação se inclui, e vários cientistas consideram que as provas possíveis já foram feitas, sendo descabidas novas exigências. A atitude de Kardec é endossada pelos cientistas de hoje. Os limites demasiado estreitas da comprovação científica oficial não podem predominar numa era em que a realidade, mesmo a sensorial, ampliou-se ao infinito.

c) *Relações Mediúnicas* — Como se processam as relações mediúnicas entre o espírito e o médium? As pesquisas de Kardec levaram a uma conclusão definitiva: há um processo de indução entre o espírito e o médium. As vibrações psíquicas do espírito, irradiadas do seu corpo energético, atingem o corpo energético (o perispírito) do médium, estabelecendo-se a empatia entre ambos. A indução é tão forte que os pensamentos e as emoções do espírito refletem-se no comportamento mediúnico. A personalidade do espírito domina a do médium, assenhoreando-se dos centros nervosos dirigentes. A metamorfose passageira, se, o médium é bastante sensível e flexível, modifica até mesmo as suas expressões faciais e corporais, a voz, o olhar, permitindo uma comunicação total do pathus individual do espírito. Há casos de transfiguração em que até mesmo, defeitos do morto aparecem no médium. Nos casos de espíritos doentes os sintomas da doença são transferidos para o médium durante a comunicação. Não se trata de simples sugestão hipnótica, mas de ação fluídica (vibratória) intensiva, que empolga os comandos do organismo mediúnico. Carington se refere a interferências mentais do espírito nas zonas corticais do médium, provocando focos de disritmia cerebral durante o transe, o que foi comprovado pelo eletroencefalograma. Soal e Price, de Londres e Oxford, admitem a ação mental do espírito sobre a mente do médium. Jung entende que o processo é mais complexo, implicando uma relação simpática entre o espírito e o médium, segundo os termos da sua teoria das coincidências significativas. Como se vê, os cientistas atuais confirmam, com as naturais variantes individuais, a proposição de Kardec. Tudo se passa no plano das emissões energéticas, das conotações par afinidade psicológica, das relações naturais, entre dois dínamo-psiquismos (segundo a expressão de Gustave Geley) aptos a um processo indutivo no campo energético. Os soviéticos não penetram nessa questão perigosa, mas estudam e investigam os processos telepáticos, admitindo a existência de correntes eletromagnéticas entre os cérebros humanos e até mesmo entre os animais para a transmissão de pensamentos e estímulos energéticos a pequena ou grande distância. A descoberta do cor-

po-bioplásmico, que provocou reações políticas na URSS, em virtude da ameaça que essa novidade representa para a ideologia estatal, resolveu o problema da fonte dos fenômenos mediúnicos. E essa fonte coincide perfeitamente na estrutura e nas funções, bem como em sua constituição física, com o perispírito de Kardec. Diante dessa situação do problema nas Ciências atuais, como negar a validade da Ciência Espírita e sua atualidade flagrante?

d) *O Ectoplasma* — As leis que regem os fenômenos de movimentos de objetos à distância, sem contato e a formação de membros ou figuras humanas foram explicadas por Kardec como emissões do fluido ou energia vital dos médiuns, em conjugação com energias espirituais produzindo o que Crookes chamou de força psíquica. Com Richet, fisiologista, vingou a expressão ectoplasma. Geley pesquisou a ação do ectoplasma nesse mesmo sentido. Crawford realizou experiências sobre a mecânica do ectoplasma e Schrenk-Notzing chegou a colher porções do mesmo e submetê-las a análises histológicas em laboratórios de Berlim e Viena. Ochorowicz obteve a formação de fantasma humano (como Crookes), comprovando a realidade das materializações. Estas foram sempre consideradas como inaceitáveis pelos cientistas contrários ao Espiritismo. A Parapsicologia atual manteve-se cautelosa no tocante a experiências desse tipo. Não obstante, Soal e Caringthon obtiveram fenômenos de ectoplasmia numa sessão em Cambridge, a que já nos referimos. O médico Luis Parigot de Sousa, no círculo experimental de Odilon Negrão, produziu (como médium) alavancas de ectoplasma que foram fotografadas, elevando e movimentando objetos. O médico José Ribeiro de Carvalho, também em São Paulo, obteve formações ectoplásmicas com vários médiuns, em seu laboratório especial, que foram fotografadas e filmadas, sendo algumas fotos divulgadas por jornais e revistas. Com os médiuns Dr. Urbano de Assis Xavier e Ciro Milton de Abreu, em Marília e Cerqueira César (SP) obtivemos impressionantes fenômenos de ectoplasmia. A realidade desses fenômenos e a explicação de Kardec a respeito não sofreram até agora nenhum desmentido válido. Pelo contrário, a experiência de Soal e Caringthon, seguida das experiências soviéticas na Universidade de Alma-Ata e em outros centros universitários da URSS, confirmaram o acerto de Kardec na colocação desse problema. A Ciência Espírita, tanto no plano teórico, quanto no prático, não sofreu nenhuma contestação das Ciências atuais no tocante ao problema do ectoplasma.

Os resultados das análises do ectoplasma, que Schrenk-Notzing mandou fazer em Berlim e Viena, acusaram matéria orgânica e células epiteliais nas amostras. Isso provava apenas que o ectoplasma provinha realmente do organismo mediúnico. Mas o essencial, que eram as energias em ação, já não estavam mais no material examinado. Caberia aos russos, em nossos dias, verificar as energias através de câmaras Kirilian, adaptadas a poderosos microscópios eletrônicos, segundo as informações obtidas na URSS pelas pesquisadoras da Universidade de Prentice Hall (EUA), que visitaram a URSS e entrevistaram os pesquisadores. (Ver o livro *Experiências Psíquicas por trás da Cortina de Ferro*, de Sheila Ostrander e Lynn Schroeder, Editora Cultrix, SP. O ectoplasma revelou-se como um fluxo de plasma físico de partículas atômicas, elétrons, prótons ionizados e outras partículas ainda não identificadas. A teoria kardeciana do perispírito confirma-se até nas minúcias: o corpo espiritual é um organismo unifica-

do, como dizem os cientistas soviéticos, e apresenta-se resplandecente como um céu extremamente estrelado. A luminosidade constatada pelos videntes tem agora a sua comprovação tecnológica.

As campanhas fanáticas e difamatórias contra o Espiritismo afastaram numerosos cientistas da nova Ciência e impediram o desenvolvimento natural da doutrina no mundo. Perseguições religiosas, condenações acadêmicas, escândalos na imprensa, calúnias como as lançadas sobre Crookes e Richet produziram os resultados que as forças obscurantistas objetivavam. O Espiritismo, como a Filosofia Grega no tempo de Diógenes, que se refugiou num tonel, teve de refugiar-se no coração humilde mas sincero do povo, na cripta dos sentimentos religiosos. A Ciência Admirável de Descartes apagou as próprias luzes e enfurnou-se nos tonéis da beatice. Mas o avanço irresistível das Ciências ressuscitou das cinzas essa Fênix de asas consteladas, para que o seu esplendor possa iluminar o futuro do mundo. A consciência dos espíritas, essa Bela Adormecida do bosque do comodismo, terá de despertar ante a fulguração dos novos tempos.

*

Livro: Curso Dinâmico de Espiritismo
J. Herculano Pires

MEDICINA E ESPIRITISMO

Por que motivo o Espiritismo, desde o início da sua elaboração doutrinária, teve de enfrentar a mais cerrada oposição das corporações médicas em todo o mundo? Por estranho que pareça, o motivo fundamental é simplesmente este: a Ciência Espírita abre novas e grandiosas perspectivas para o desenvolvimento da Medicina, oferecendo-lhe nada menos do que a metade desconhecida da realidade humana e das possibilidades terapêuticas de que ela necessita. Pasteur, que não era médico, mas químico, teve de enfrentar a mesma oposição por motivo semelhante. No seu tempo, a Medicina dispunha apenas de um quarto da realidade humana e Pasteur lhes oferecia mais um quarto. Foi ridicularizado e espezinhado por esse gesto de atrevimento. Kardec era professor de ciências médicas e clinicou em Paris, como o demonstra André Moreil em sua recente biografia do Codificador. Mas nem por isso escapou da excomunhão científica. É curioso o paralelo entre eles. Pasteur descobriu e revelou, provando-o cientificamente, a existência do mundo invisível das bactérias microbianas, que respondem, juntamente com as viroses, pela totalidade das doenças infecto-contagiosas, e descobriu a maneira científica de prevenir e curar essas doenças. Kardec descobriu e revelou cientificamente o mundo invisível dos espíritos infestadores, descobriu a maneira científica de prevenir e curar as infestações. Esses dois mundos invisíveis não estão localizados no Além, mas aqui mesmo, na Terra, envolvendo e interpenetrando o mundo visível. Mas a Medicina é um organismo vivo do mundo das ciências e, como todos os organismos biológicos ou conceptuais, é dotado do instinto de conservação, repelindo instintivamente qualquer interferência estranha em sua estrutura.

Além disso, temos de considerar que descobertas dessa natureza rompem sempre ameaçadoras brechas na estrutura maior das civilizações. A civilização científica, que nascera de brechas abertas na civilização teológica, enfrentando batalhas impiedosas para se desenvolver, reagiu com a mesma violência instintiva na defesa da sua estrutura. Remy de Chauvin, diretor de laboratório do Instituto de Altos Estudos de Paris, considerou recentemente a existência de uma doença alérgica no meio científico e a chamou de *alergia ao futuro*. É essa alergia, novo nome do instinto de conservação, que ainda hoje mantém acesa a luta defensiva da Medicina contra o Espiritismo, não obstante as comprovações científicas atuais de toda a realidade espírita.

O Espiritismo aliou-se à Medicina desde o início, a partir das investigações sobre as curas espíritas, realizadas na Clínica do Dr. Demeure, em Paris, a pedido de Kardec. A terapêutica espírita desenvolveu-se à revelia da Medicina, ao contrário do que Kardec desejava, revestindo-se de aspectos antiespíritas. Mas, apesar disso, os espíritas não tomaram, salvo raras exceções, geralmente individuais e de pessoas incultas, a posição das religiões e seitas terapêuticas milagreiras. É grande o número atual de médicos espíritas e existem até mesmo associações de Medicina e Espiritismo, como as do Rio e São Paulo. Esse é o aspecto institucional do problema, sem dúvida importante, porque dele depende, em grande parte, a aceitação da verdade espírita nos meios culturais o-

ficiais, o que talvez possa ocorrer no próximo milênio, com o desenvolvimento da Civilização do Espírito. A situação atual é curiosa: só a Filosofia Espírita goza de cidadania oficial, enquanto a Ciência Espírita e a Religião Espírita continuam em posição marginal. Essa marginalização é a mesma que o Cristianismo sofreu no mundo romano, agora atenuada pelas conquistas do mundo moderno no tocante aos direitos humanos. O Espiritismo não é nem pode fazer-se religião institucionalizada e muito menos oficializada em parte alguma, porque os seus princípios são contrários a toda sistemática fingida e fechada. O que importa no Espiritismo, como Kardec acentuou desde o início, não é a forma, mas a substância. Toda tentativa de institucionalização exige hierarquia, que implica autoridade e ação autoritária. O fundamento ético do Espiritismo é a liberdade, sem a qual não há atividade criadora nem responsabilidade individual. Por isso, só a associação livre convém ao Espiritismo, que perde com isso em representação social, mas ganha em compensação no tocante à responsabilidade individual.

Em suas relações com as instituições sociais e políticas da atualidade o Espiritismo encontra muitas dificuldades, mas a liberdade tem o seu preço. É preferível lutar com dificuldades externas a expor-se ao perigo das congestões internas. Por toda parte, em nosso mundo, pululam os mestres pretensiosos e os tiranetes vaidosos, prontos a servir-se de títulos e cargos oficiais para esmagar a liberdade. Muitos espíritas não compreendem esse problema e tentam sujeitar o movimento espírita a cúpulas pretensiosas. Tratando desse tipo de institucionalização, fatalmente dogmática, Kardec recomendou a multiplicidade dos Centros Espíritas pequenos, unidos por laços de fraternidade, e Emmanuel, através da mediunidade de Francisco Cândido Xavier, declarou numa mensagem orientadora: *A Religião organizada é o cadáver da Religião*. Isso porque a organização religiosa está sempre sujeita à dominação dos fanáticos e ambiciosos. A ambição do poder asfixia o espírito democrático. O Espiritismo iniciou no campo religioso a era democrática que Jesus lançara no seu tempo, mas que morreu asfixiada com o fracasso da Comunidade Apostólica.

No tocante às relações do Espiritismo com a Medicina a institucionalização espírita igrejeira cortaria qualquer possibilidade de entendimento. O Espiritismo não tem por objetivo opor-se à Medicina, mas ajudá-la na melhor compreensão da natureza humana e dos recursos naturais de que esta pode dispor para o seu maior progresso. Completando a imagem parcial do homem, de que a Medicina dispõe, o Espiritismo a levará, como já está levando, à utilização dos recursos insuspeitados do espírito. A mediunidade, fonte inesgotável de recursos espirituais no combate às doenças, seria renegada pelos médicos. A finalidade do Espiritismo nesse campo é colocar os recursos mediúnicos nas mãos de médicos esclarecidos, para o benefício de toda a Humanidade. As descobertas de Kardec seriam postas à disposição de todos, como o foram as de Pasteur. Esse é um dos motivos da exigência kardeciana de mediunidade gratuita. A profissionalização mediúnica seria um atentado à própria finalidade do Espiritismo, sempre aberto a todas as investigações para melhor servir a todos e em todos os tempos.

Kardec intuiu desde logo esse problema, recorrendo à Clínica Demeure para o controle dos casos de mediunidade curadora. Disso resultou a conjuga-

ção médico-espírita, hoje em franco desenvolvimento, evitando o divinismo fanático das seitas religiosas que proíbem aos adeptos recorrer à Medicina. Não somos apenas espíritos, mas espíritos encarnados, dotados do corpo material que é objeto dos estudos e da terapêutica médica. A maioria absoluta dos espíritas utiliza-se de ambos os recursos, o médico e o mediúnico, no tratamento das doenças. Compreendem que os recursos em causa atendem aos dois elementos da constituição humana, o material e o espiritual, sendo por isso necessário conjugar as duas ações terapêuticas, agindo cada uma no seu campo específico. Na proporção em que se acentuar a evolução espiritual do homem, os recursos espirituais se intensificarão no plano mediúnico, contribuindo para a espiritualização da Medicina. A Medicina espiritualizada pertence aos mundos superiores, entre os quais a Terra brilhará um dia, como planeta vitorioso, apesar de todas as incompreensões e dificuldades desta fase de transição. Compreenderemos então que Deus concede os seus recursos ao homem na medida em que ele se torna capaz de utilizá-los sem deitar-se na cama-preguiça do comodismo e da irresponsabilidade.

A mediunidade curadora é hoje mais perigosa do que benéfica em nosso mundo, porque excita a vaidade e a ambição dos médiuns e de seus familiares, além dos agudos interesses políticos sempre despertados na comunidade, envolvendo os médiuns em manobras sutis que acabam por afetar a sensibilidade mediúnica e desviar o médium de sua verdadeira missão. Na maioria dos médiuns de cura os primeiros sucessos provocam espanto e humilde respeito pelos espíritos que os assistem, mas a continuidade dos sucessos torna os fatos corriqueiros e o médium acaba se convencendo de que age por si mesmo. A fascinação do dinheiro e do prestígio social e político leva o médium à exploração simoníaca dos seus dons. Ao benefício das curas materiais opõe-se então o malefício das enfermidades espirituais, criando dificuldades e conflitos de toda espécie. O pior desses males é a situação contraditória em que o médium acaba caindo, fingindo humildade e cultivando a arrogância, e não raro, na falta da assistência espiritual que se afasta, entregando-se à prática de expedientes condenáveis. As condições morais do nosso mundo ainda não permitem a constância da terapêutica mediúnica ostensiva no planeta. Os médiuns de cura são voluntários da espiritualidade que se julgam capazes de vencer essas condições adversas, mas na maioria fracassam, cedo ou tarde, caindo nas mãos de exploradores visíveis e invisíveis. Com isso aumentam as suspeitas e desconfianças da Medicina, acrescidas pelo ambiente de competição entre médiuns e médicos. Lutas mesquinhas se desenvolvem, envolvendo famílias e comunidades, num torvelinho absorvente de ódios e disputas desesperadas. O que era uma bênção, transforma-se em maldição. Esses os motivos por que a mediunidade curadora de grande eficácia é rara, aparece esporadicamente, o que também contribui para afastar o interesse científico puro desse campo de tantas e tão grandiosas possibilidades para o desenvolvimento da Medicina.

Quando os médiuns resistem a todas às tentações, não escapam às calúnias, perseguições, processos criminais e prisões, como já acontecia na era apostólica. Os métodos de combate aos fatos mediúnicos inegáveis continuam a ser os mesmos em nossos dias.

Para superar essas dificuldades milenares, os Espíritos Superiores preferem agir em silêncio nos processos de curas espirituais diretas, geralmente despercebidos, em que a Medicina só considera a ação espontânea dos recursos naturais do organismo do doente. Nessa cômoda posição hipotética, a maioria dos médicos não percebe a contradição em que cai, atribuindo poderes sobrenaturais ao organismo carnal dos doentes, onde ocorrem os milagres da fé ingênua, com a violação, pela própria natureza humana, das leis naturais. As relações medicina-espiritismo são de importância básica para ambos, e particularmente para a Humanidade. Mas não poderão melhorar enquanto os espíritas não tomarem consciência de sua responsabilidade doutrinária e os médicos não superarem os seus preconceitos, mais profissionais do que científicos, em relação aos problemas espirituais e em particular ao Espiritismo e à mediunidade curadora, hoje comprovada em sua realidade auspiciosa nos grandes centros universitários do mundo. Os conceitos do sagrado e do sobrenatural, de um lado, e os preconceitos científicos de outro, ainda pesam esmagadoramente sobre a nossa cultura, que terá de alijar esse fardo para sobreviver.

Livro: Curso Dinâmico de Espiritismo

J. Herculano Pires

Filosófica, científica e religiosamente o Espiritismo encontrou, em nosso século, as comprovações de sua veracidade, não produzidas pelos adeptos, mas pelos seus mais poderosos adversários.

ESPIRITISMO E PSICOLOGIA

Estamos na Era Psicológica, sob o signo avançado de Psi, a letra grega que designa os fenômenos parapsicológicos. Antes de 1930 os críticos do Espiritismo tentavam explicar os processos mediúnicos por hipóteses psicológicas. Depois dessa data, com as pesquisas de Rhine e sua equipe, o socorro inesperado da Parapsicologia forneceu novas armas aos negadores. Tivemos o espetáculo de uma estranha euforia nos meios intelectuais: os homens de cultura proclamavam com entusiasmo a sua absoluta nulidade. Não eram mais do que pó que se reverte ao pó. Isso era suficiente para mostrar que a consciência mundial estava muito pesada. Mas dez anos após as difíceis investigações iniciais da Universidade de Duke, as pesquisas tomaram um ritmo acelerado e Rhine anunciou as suas absurdas descobertas: o pensamento não é físico; há no homem um conteúdo extrafísico; a mente sobrevive à morte do corpo; a percepção extra-sensorial supera todas as barreiras físicas. Vassiliev, na URSS, dispôs-se a desfazer essas balelas burguesas e fracassou no seu intento. Soal e Carington, da Universidade de Londres e Cambridge, afirmaram a sobrevivência da alma e tiveram o desprazer de obter sucesso com experiências de voz-direta (psicofonia), fenômeno em que uma entidade espiritual fala diretamente, vibrando sua voz no ar. Price, também da Universidade de Londres, teve a audácia de explicar as assombrações londrinas como manifestações de espíritos.

A última esperança das libélulas humanas, dos homens-pó, apagava-se como chama de fogo-fátuo nas mãos dos negadores. Surgiram então os mágicos de palco e os politíqueiros de feira, sacerdotes brancos e frades ignorantes, para combater com seus truques ingênuos aquilo mesmo que eles pregavam e que era a base de seu profissionalismo religioso: a sobrevivência da criatura humana. Esse atrevimento causou mal-estar no próprio clero, que via o seu prestígio cultural abalado perante as elites culturais. O que esses mágicos de palco semearam no mundo, através de televisões, jornais, revistas, livros, conferências e cursos pseudocientíficos, tudo isso muito rendoso financeiramente, constitui o lixo subcultural do Século XX e explica a razão das contradições espantosas da nossa época. A miséria mental desses mágicos de picadeiro encontrava ressonância nas camadas ignorantes do povo e, numa refração espantosa, projetava no vídeo a miséria cultural de figuras emplacadas nos meios universitários e eclesiásticos para o trânsito nas vias obscuras do submundo cultural. Tudo servia, como sempre, no vale-tudo da luta contra o Espiritismo. Surgiu um clarão nas trevas: a descoberta do corpo bioplásmico do homem e a prova científica da sua sobrevivência, obtida pelos cientistas soviéticos em pesquisas biofísicas na Universidade de Kirov. Na fortaleza ideológica do Materialismo Científico no mundo havia sido descoberta a realidade do corpo espiritual da tradição cristã, o *perispírito* da terminologia espírita, que o Apóstolo Paulo chamara com ênfase de *corpo da ressurreição*. A única medida possí-

vel contra isso foi logo tomada pelo oficialismo soviético, negando validade à descoberta oficialmente realizada e sustando a divulgação de novas informações a respeito. Esse contragolpe só teve, naturalmente, efeito político. Não se podia sustar o avanço irrefreável das Ciências, mas a censura soviética foi bem recebida pelos homens-pó da vacilante cultura ocidental e se fez o silêncio desejado sobre a mais importante conquista científica do século. Os mágicos de picadeiro, jejunos em ciências, trânsfugas da razão, intoxicados de incoerência, cantaram de galo nas rinhas da ignorância.

Apesar dessa nova euforia dos adeptos do nada, esse conceito vazio, segundo Kant, as pesquisas parapsicológicas se intensificaram na URSS e em toda a órbita soviética. Na Romênia, para evitar complicações políticas aos investigadores do paranormal, forjou-se um novo nome para a Ciência de Rhine, que passou a chamar-se Psicotrônica. O nome rebarbativo (que causa estranheza) funciona como cobertura tática para os pesquisadores. Sentados comodamente no trono do psiquismo, os psicotrônicos disfarçam o seu interesse de sobreviver após a morte, imitando a tática do Prof. Raikov na Universidade de Moscou, para pesquisar a reencarnação como simples fenômeno psicológico. Bastam essas manobras anticientíficas para provar o acerto de Léon Denis, numa conferência em Paris, na década de 1920, sobre o tema A Missão do Século XX. O Druida da Lorena, como Conan Doyle o chamava, previu que o nosso século seria o da vitória do Espiritismo, com a comprovação científica dos seus princípios. Aí estão as provas obtidas através de pesquisas científico-tecnológicas, ao gosto do nosso tempo. Filosófica, científica e religiosamente o Espiritismo encontrou, em nosso século, as comprovações de sua veracidade, não produzidas pelos adeptos, mas pelos seus mais poderosos adversários.

No campo psicológico, o desenvolvimento da Psicanálise, a partir de Freud, atingiu em Jung o momento crítico da revelação dos arquétipos, só possíveis nas dimensões do espírito, e por fim, a teoria das coincidências significativas (contribuição junguiana à Parapsicologia - *Coincidências significativas e Paralelismo Psicofísico* :O Dr. C. G. Jung tratou pacientes com os variados tipos de distúrbios mentais, principalmente esquizofrênicos. Ele notou que muitas vezes acontecimentos completamente independentes entre si adquiriam o mesmo significado para a pessoa que os percebia. Ele chamou este fenômeno de "coincidência significativa". Geralmente as coincidências significativas ocorriam em momentos de crise, onde um ego destruído precisava tomar consciência de algum evento passado, presente, futuro ou ainda de algum arquétipo. Um acontecimento externo revelaria então o estado interno da pessoa.) as confissões mediúnicas do grande psicólogo em suas memórias e a sua confiança na descoberta científica da alma. Em 1944 Jung encerrou o seu livro a respeito declarando: "Estou convencido do estudo científico da alma pela ciência do futuro. A Parapsicologia é a mais jovem das Ciências Humanas e o seu desenvolvimento não foi ainda além dos primeiros passos."

A Gestalt ou Psicologia da Forma, no campo da Psicologia da Percepção, revelou o princípio de unidade formal em que se destaca o fenômeno da *pregnância* (*Boa forma* ou *pregnância das formas* é um conceito desenvolvido pela psicologia da forma. Por *pregnância das formas*, entende-se pela qualidade que determina a facilidade com que percebemos figuras. Percebemos mais facilmente as boas formas, ou seja, as simples, regulares, simétricas e equilibradas), e mostrou que não vivemos segundo a realidade concreta do mundo, mas segundo a nossa ilusão psicológica

dessa realidade, confirmando o princípio espírita das aparências significativas. Da conjugação dialética dessas duas correntes fundamentais da Psicologia contemporânea surgiu a síntese da concepção parapsicológica do homem, com o domínio do inconsciente na interpretação das percepções sensoriais, abrindo-se para as dimensões da percepção extra-sensorial. A descoberta científica do perispírito confirmou essa tese em plano objetivo, revelando de novo (em termos espíritas) a fonte secreta das captações e manifestações paranormais. O plasma físico do perispírito (corpo semimaterial, segundo Kardec) é dirigido nas manifestações pelos elementos não-físicos do corpo espiritual.

Os teóricos desavisados do inconsciente, como os da escrita automática e dos fenômenos físicos da mediunidade, esquecem-se (ou jamais tomaram conhecimento) dos estudos e das pesquisas de Kardec, Aksakof e Bozzano sobre o *animismo* ou manifestações da própria alma ou espírito do médium nas manifestações mediúnicas. Formulam, assim, hipóteses superadas logo no início das pesquisas espíritas, quando o próprio Freud ainda não havia nascido.

Kardec foi também o primeiro a notar as interferências anímicas nas manifestações, por influência sugestiva e natural das lembranças arcaicas ou recentes do médium. Essas infiltrações (que ocorrem também em plena vigília de todos nós), decorrem da lei de associação de idéias, mas são facilmente identificáveis pelos pesquisadores e pessoas experimentadas na prática mediúnica. Ochorowicz, por exemplo, chegou ao cúmulo, em suas experiências de materialização com a médium Stanislava, de considerar a entidade que se materializava como desdobramento material da médium. Chamava o espírito materializado de Stanislava II. Levou, assim, a manifestação do animismo ao extremo de uma suposta divisão do organismo da médium em dois corpos diferentes. Não obstante, Stanislava II era bem diferenciada da médium, tanto física como psicologicamente. Muitos absurdos dessa espécie foram cometidos na pesquisa espírita por cientistas rigorosos que se viam aturridos com a ocorrência dos fatos. Os psicólogos atuais, que pretendem opinar sobre questões espíritas, deviam ter a honestidade de primeiro estudar a Doutrina e a sua História, para não incidirem nas tolices do passado, já há muito superadas, e não cometerem o crime de considerar como tolos, ingênuos ou farsantes os maiores cientistas do século passado que trataram do assunto a sério, com a maior gravidade. Por outro lado, os espíritas devem cuidar mais de sua formação doutrinária, para não se perturbarem com a repetição de papagaiadas seculares contra a doutrina. Russell Wallace, êmulo de Darwin, estudando no século passado as relações do Espiritismo com a Psicologia, declarou que todas as escolas psicológicas não eram mais do que formas de uma psicologia elementar. O trecho de Jung que reproduzimos acima confirma essa posição de Wallace em nossos dias. Qual o bisonho estudante de Psicologia atual que se atreverá a contestar esses dois gigantes?

Livro: Curso Dinâmico de Espiritismo – J. Herc.

Psiquiatria e Espiritismo

A Psiquiatria é o campo médico de maiores conflitos com o Espiritismo. E é o campo espírita de mais intensa atividade e maiores realizações dos espíritas. A razão disso é evidente. A maioria dos psicopatas são simplesmente obcecados e o que sobra na pauta da psicopatia de origem psicológica, educacional, neurológica ou cerebral mostra-se também infestada por espíritos inferiores. Quanto a isso, os espíritas praticantes e especialmente os psiquiatras espíritas não têm a menor dúvida. Por isso o número de hospitais psiquiátricos espíritas é grande em nosso País. Só no Estado de São Paulo existem 35 hospitais desse tipo em funcionamento e mais alguns planejados ou em construção. O corpo médico desses hospitais nem sempre é espírita e geralmente se constitui de maioria de médicos não-espíritas. Os organismos oficiais criam dificuldades à prática espírita nesses hospitais. Mas os espíritas enfrentam todas as dificuldades e continuam construindo hospitais, por entenderem que lhes cabe grande responsabilidade nesse problema, por serem eles os únicos que realmente o conhecem em sua maior profundidade. Cabe-lhe, pois, fazer alguma coisa em benefício de milhões de vítimas submetidas a tratamentos total ou parcialmente inadequados. Os hospitais se reuniram numa Federação para melhor lutar pelos seus direitos e poderem manter ligações mais freqüentes e eficazes entre eles. Essa rede hospitalar especializada socorreu o Governo do Estado quando da crise do Juqueri (Hospital Franco da Rocha, na capital) servindo para a distribuição do número excessivo de internados, que fazia do Juqueri o que o povo chamou de Caldeirão do Diabo.

Construía-se o Hospital Espírita de Amparo quando um médico e escritor de renome publicou um artigo no jornal diário *Última Hora*, protestando contra o fato e afirmando que os espíritas se interessam pelo assunto por dor de consciência, pois fabricavam loucos e sentiam-se no dever de assisti-los. Um jornalista e psicólogo espírita respondeu pelos *Diários Associados* explicando que os espíritas se interessavam pelo assunto em virtude da falência da Medicina na cura dos loucos. O princípio espírita da caridade os obrigava a isso. O Hospital foi construído e outros mais surgiram logo depois.

A calúnia de que os espíritas fazem loucos surgiu das campanhas clericais e médicas contra a doutrina. Kardec tratou do assunto, mostrando o absurdo da acusação e lembrando que o mito do Diabo produziu mais loucos no mundo, durante séculos, do que se pode imaginar. Lembrou que o tratamento médico sempre se mostrara inadequado, pela simples razão de que as Ciências se negavam a reconhecer a evidência das obsessões. Referiu-se à predisposição de certas pessoas para a loucura, o que tem levado, no mundo inteiro, pessoas que se dedicam a estudos de música, matemática, teologia e outras matérias culturais a se perturbarem. Mesmo porque, dizia o mestre, existe em todos nós um *grão de loucura* que pode desenvolver-se por qualquer tipo de excitação. Exemplificou com os casos de possessão individual e coletiva ocorridos com espantosa freqüência nas comunidades religiosas, e afirmou que o Espiritismo é o melhor e o mais eficiente preservativo da loucura em seus vários tipos. Hoje está cientificamente provado que esse *grão de loucura* pode desenvolver-se

por excitação telepática, tanto de criaturas existenciais quanto de espíritos desencarnados. Jean Herenwald, médico psicanalista, dedicou há alguns anos um livro a essa questão com o título de *Telepatia e Relações Interpessoais*, citando casos impressionantes de sua própria clínica (ver a bibliografia). As pesquisas americanas, inglesas, francesas e soviéticas comprovaram essa realidade de maneira inegável. Whately Carington, da Universidade de Cambridge, foi simplesmente exaustivo na comprovação dos fatos.

O Espiritismo não pretende opor-se à Psiquiatria nem negar as suas conquistas e as da Psicoterapia em geral, mas é evidente que oferece a esse campo de terapêutica especializada novas perspectivas de pesquisa etiológica e de cura, comprovadas cientificamente. Revela aos psicoterapeutas a face oculta da realidade psicopatológica, como os astronautas revelaram aos astrônomos a face oculta da Lua. Os métodos espíritas de tratamento provaram a sua eficácia e continuam a prová-la diariamente em todo o mundo. O Espiritismo oferece à Psiquiatria uma contribuição teórica e prática completa, que ela não pode rejeitar baseada em pressupostos e preconceitos de um passado largamente superado.

Livro: O Consolador

Emmanuel

BIOLOGIA

27 – *Como devemos compreender a Natureza?*

-A Natureza é sempre o livro divino, onde as mãos de Deus escrevem a história de sua sabedoria, livro da vida que constitui a escola de progresso espiritual do homem, evoluindo constantemente com o esforço e a dedicação de seus discípulos.

28 – *As manifestações de vida nos vários reinos da Natureza, abrangendo o homem, significam a expressão do Verbo Divino, em escala gradativa nos processos de aperfeiçoamento da Terra?*

-Sim, em todos os reinos da Natureza palpita a vibração de Deus, como o Verbo Divino da Criação Infinita, e, no quadro sem-fim do trabalho da experiência, todos os princípios, como todos os indivíduos, catalogam os seus valores e aquisições sagradas para a vida imortal.

29 – *Os Espíritos cooperam no desenvolvimento do embrião do corpo em que se vão reencarnar? E, em caso afirmativo, chegam a operar nos complexos celulares da herança física, para que os corpos futuros sejam dotados de certos elementos aptos a satisfazerem as circunstâncias da prova ou missão que hajam de cumprir?*

-No caso dos espíritos evoluídos, senhores de realizações próprias, inalienáveis, essa cooperação quase sempre se verifica, junto ao esforço dos prepostos de Jesus, que operam nesse sentido, com vistas ao porvir de suas lutas no ambiente material. Temos de considerar, todavia, que os espíritos rebeldes, ou indiferentes, desprovidos dos valores próprios indispensáveis, têm de aceitar a deliberação dos prepostos referidos, os quais escolhem as substâncias que merecem ou que lhes são imprescindíveis no processo de resgate ou de evolução.

30 – *Há órgãos no corpo espiritual?*

-Dentro das leis substanciais que regem a vida terrestre, extensiva às esferas espirituais mais próximas do planeta, já o corpo físico; excetuadas certas alterações impostas pela prova ou tarefa a realizar, é uma exteriorização aproximada do corpo perispiritual, exteriorização essa que se subordina aos imperativos da matéria mais grosseira, no mecanismo de heranças celulares, as quais, por sua vez, se enquadram nas indispensáveis provações ou testemunhos de cada indivíduo.

31 – *A reencarnação inicia-se com as primeiras manifestações de vida do embrião humano?*

-Desde o instante primeiro de tais manifestações, a entidade espiritual experimenta os efeitos de sua nova condição. Importa reconhecer, todavia, que o espírito mais lúcido, em contraposição com os mais obscurecidos e ignorantes, goza de quase inteira liberdade, até a consolidação total dos laços materiais com o novo nascimento na esfera do mundo.

32 – *Quando o embrião está sendo formado, existe uma interpenetração de fluídos entre a gestante e a entidade então ligada ao feto? Existem consequências verificáveis?*

-Essa interpenetração de fluídos é natural e justa, ocasionando, não raras vezes, fenômenos sutilíssimos, como os chamados “*sinais de nascença*” que somente mais tarde, poderão ser entendidos pela ciência do mundo, enriquecendo o quadro de valores da Biologia, no estudo profundo das origens.

33 – *O Espírito, em cada uma de suas encarnações, faz recapitulação das suas etapas evolutivas, assim como se verifica com o embrião material que recorda, antes do nascimento, toda a evolução da sua espécie?*

-Essa recapitulação se verifica, na maioria dos casos, pela oportunidade que oferece à alma encarnada de se portar retamente, nas mesmas circunstâncias do passado culposo; porém, não constitui regra geral, salientando-se que, quanto maiores as aquisições de sabedoria e de amor, mais afastado se encontrará o Espírito, em aprendizado na Terra, dessa rememoração das experiências materiais, de cuja intimidade dolorosa poderá então prescindir, pela sua expressão superior de espiritualidade.

34 – *A denominada árvore genealógica dos seres humanos tem idêntica significação no plano espiritual?*

-Na esfera espiritual persiste o mesmo esforço na conservação e dilatação dos afetos familiares e, ora nos trabalhos regeneradores da Terra, ora na luz santificante dos planos siderais, transformam-se as paixões ou sentimentos ilegítimos em sagrados liames do espírito.

A árvore genealógica, porém, como se conhece na luta planetária, não se transporta ao plano invisível, porque, aí, os vínculos de sangue são substituídos pelas atrações dos sentimentos de amor sublime, purificados no patrimônio das experiências e lutas vividas em comum.

35 – *A genética está submetida a leis puramente materiais?*

-As leis da genética encontram-se presididas por numerosos agentes psíquicos que a ciência da Terra está longe de formular, dentro dos seus postulados materialistas. Esses agentes psíquicos, muitas vezes, são movimentados pelos mensageiros do plano espiritual; encarregados dessa ou daquela missão junto às correntes da profunda fonte da vida. Eis por que, aos geneticistas, comumente se deparam incógnitas inesperadas, que deslocam o centro de suas anteriores ilações.

36 – *Pode a genética estatuir medidas que melhorem o homem?*

-Fisicamente falando, a própria natureza do orbe vem melhorando o homem, continuamente, nos seus processos de seleção natural. Nesse sentido, a genética só poderá agir copiando a própria natureza material. Se essa ciência, contudo, investigar os fatores espirituais, aderindo aos elevados princípios que objetivaram a iluminação das almas humanas, então poderá criar um vasto serviço de melhoramento e regeneração do homem espiritual no mundo, mesmo porque, de outro modo, poderá ser uma notável mentora da eugenia, uma grande escultora das formas celulares, mas estará sempre fria para o espírito humano,

podendo transformar-se em títere abominável nas mãos impiedosas dos políticos racistas.

37 – *As combinações de “genes”, aconselhadas pela genética, podem imprimir no homem certas faculdades ou certas vocações?*

-Alguns cientistas da atualidade proclamam essas possibilidades, esquecendo, porém, que a vocação ou faculdade é atributo da individualização espiritual, inacessível aos seus processos de observação.

Os geneticistas podem realizar numerosas demonstrações nas células materiais; todavia, essas experiências não passarão dessa zona superficial, em se tratando das conquistas, das provações ou da posição evolutiva dos Espíritos encarnados.

38 – *Se a genética está orientada por elementos psíquicos, como esclarecer as conclusões tão exatas do mendelismo?*

-O mendelismo realizou experiências notáveis, porém, ainda encontra fenômenos inexplicáveis no processo de suas observações positivas. Faz-se mister considerar, igualmente, que, em escala decrescente, nos reinos da Natureza, a genética apresenta resultados felizes nas suas demonstrações, pelo material simples e primitivo tomado para as suas observações práticas; tais como os complexos celulares de plantas e de animais, constituídos por expressões rudimentares. Em escala ascendente, contudo, onde a evolução psíquica apresenta as suas características de intensidade e realização, a genética encontrará sempre os fatores espirituais, convocando-a para um campo mais vasto e mais sublime de operações.

39 – *Quais as causas do nascimento de monstruosidades entre os homens e entre os animais?*

-Não podemos olvidar que entre os homens esses fenômenos dolorosos decorrem do quadro de provações purificadoras, sem nos esquecermos, igualmente, de que o mundo terrestre ainda é escola preparatória de aperfeiçoamento.

Os produtos teratológicos constituem luta expiatória, não só para os pais sensíveis, como para o Espírito encarnado sob penosos resgates do pretérito delituoso.

Quanto aos animais, temos de reconhecer a necessidade imperiosa das experiências múltiplas no drama da evolução anímica.

Em tudo, porém, busquemos divisar a feição educativa dos trabalhos do mundo.

A Terra é uma vasta oficina. Dentro dela operam os prepostos do Senhor, que podemos considerar como os orientadores técnicos da obra de aperfeiçoamento e redenção. Em determinadas seções de esforço, os homens são maus alunos ou trabalhadores rebelados. Nesses núcleos, os prepostos de Jesus podem edificar o mesmo trabalho de sempre; todavia, encontra a perturbação e a resistência dos próprios beneficiados, razão pela qual a fonte de energias pura não pode ser responsabilizada pelos fenômenos que a deturpam, operados pela indiferença, pela intenção criminosa ou pela perversidade das próprias criaturas hu-

manas, objeto constante do carinho desvelado do Senhor, em todos os caminhos dos seus destinos.

40 – *A fecundidade e a esterilidade são provas?*

-No quadro de interpretações da Terra, esses conceitos podem indicar situações de prova para as almas que se encontram em experiências edificadoras; todavia, se considerarmos a questão no seu aspecto espiritual; somos obrigados a reconhecer que a esterilidade não existe para o espírito que, na Terra, ou fora dela, pode ser fecundo em obras de beleza, de aperfeiçoamento e de redenção.

41 – *A idéia de evolução que tem influído na esfera de todas as ciências do mundo, desde as teorias darwinianas, representa agora uma nova etapa de aproximação entre os conhecimentos científicos do homem e as verdades do Espiritismo?*

-Todas as teorias evolucionistas no orbe terrestre caminham para a aproximação com as verdades do Espiritismo, no abraço final com a verdade suprema.

*

Da Obra “*O CONSOLADOR*” – Espírito: EMMANUEL – Médiun:
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

PSICOLOGIA

Emmanuel

42 – *Como poderemos compreender, pelo Espiritismo, o preceito da Psicologia que afirma a experiência dos nossos cinco sentidos como todo o fundamento de nossa vida mental?*

-O Espiritismo esclarece que o homem é senhor de um patrimônio mais vasto, consolidado nas suas experiências de outras vidas, provando que o legítimo fundamento da vida mental não reside, de maneira absoluta, na contribuição dos sentidos corporais, mas também nas recordações latentes do pretérito, das quais os fenômenos da inteligência prematura, na Terra, são os testemunhos mais eloqüentes.

43 – *Estabelecendo a psicologia do mundo como sede da memória, do julgamento e da imaginação, as partes do cérebro humano, cujas funções não são ainda devidamente conhecidas pela Ciência, retardam a solução de um problema que só pode ser satisfeito pelos conhecimentos espiritistas?*

-Distante das cogitações de ordem divina, a psicologia terrestre efetua essa procrastinação, até que consiga atingir o profundo estuário da verdade integral.

44 – *Poderá a Psicologia chegar a uma solução cabal do problema das desordens mentais, denominadas anormalidades psicológicas?*

-Movimentando tão-somente os materiais da ciência humana, a Psicologia não atingirá esse desiderato, conservando-se no terreno das definições e dos estudos, distantes da causa.

Os conhecimentos do mundo, porém, caminham para a evolução dessa ciência à luz do Espiritismo, quando, então, seus investigadores poderão alcançar as soluções precisas.

45 – *A psicanálise freudiana, valorizando os poderes desconhecidos do nosso aparelhamento mental, representa um traço de aproximação entre a Psicologia e o Espiritismo?*

-Essas escolas do mundo constituem sempre grandes tentativas para aquisição das profundas verdades espirituais, mas os seus mestres, com raras exceções, se perdem na vaidade dos títulos acadêmicos ou nas falsas apreciações dos valores convencionais.

Os preconceitos científicos, por enquanto, impossibilitam a aproximação legítima da Psicologia oficial e do Espiritismo.

Os processos da primeira falam da parte desconhecida do mundo mental, a que chamam de subconsciente, sem definir essa cripta misteriosa da personalidade humana, examinando-a apenas na classificação pomposa das palavras. Entretanto, somente à luz do Espiritismo poderão os métodos psicológicos aprender que essa zona oculta, da esfera psíquica de cada um, é o reservatório profundo das experiências do passado, em existências múltiplas da criatura, arquivo maravilhoso em todas as conquistas do pretérito são depositadas em energias potenciais, de modo a ressurgirem no momento oportuno.

46 – *Como poderemos compreender os chamados complexos ou associações de idéias no fenômeno mental?*

-Sabemos que as associações de idéias não têm causa nas células nervosas, constituindo antes ações espontâneas do espírito dentro do vasto mecanismo circunstancial; ações essas oriundas do seu esforço incessante, projetadas através do cérebro mental, que não é mais que um instrumento passivo.

47 – *Por que, relativamente ao estudo dos processos mentais, se encontram divididos no campo da opinião os psicologistas do mundo?*

-Os psicologistas humanos, que se encontram ainda distantes das verdades espirituais, dividem-se tão-só pelas manifestações do personalismo, dentro de suas escolas; mesmo porque, analisando apenas os efeitos, não investigam as causas, perdendo-se na complicação das nomenclaturas científicas, sem uma definição séria e simples do processo mental, onde se sobrelevam as profundas realidades do espírito.

48 – *O Espiritismo esclarecerá a Psicologia quanto ao problema da sede de inteligência?*

-Somente com a cooperação do Espiritismo poderá a ciência psicológica definir a sede da inteligência humana, não nos complexos nervosos ou glandulares do corpo perecível, mas no espírito imortal.

49 – *Como devemos conceituar o sonho?*

-Na maioria das vezes, o sonho constitui atividade reflexa das situações psicológicas do homem no mecanismo das lutas de cada dia; quando as forças orgânicas dormitam em repouso indispensável.

Em determinadas circunstâncias, contudo, como nos fenômenos premonitórios, ou nos de sonambulismo, em que a alma encarnada alcança elevada porcentagem de desprendimento parcial, o sonho representa a liberdade relativa do espírito prisioneiro da Terra, quando, então, se poderá verificar a comunicação *inter vivos*, e, quanto possível, as visões proféticas, fatos esses sempre organizados pelos mentores espirituais de elevada hierarquia, obedecendo a fins superiores, e quando o encarnado em temporária liberdade pode receber a palavra e a influência diretas de seus amigos e orientadores do plano invisível.

50 – *A vocação é uma lembrança das existências passadas?*

-A vocação é o impulso natural oriundo da repetição de análogas experiências, através de muitas vidas. Suas características, nas disposições infantis, são o testemunho mais eloqüente da verdade reencarnacionista.

51 – *A loucura é sempre uma prova?*

-O desequilíbrio mental é sempre uma provação difícil e dolorosa. Essa realidade, contudo, podendo representar o resgate de uma dívida do pretérito escabroso e desconhecido pode, igualmente, constituir uma resultante da imprevidência de hoje, no presente que passa, fazendo necessária, acima de todas as exortações, aquela que recomenda a oração e a vigilância.

52 – *A alucinação é fenômeno do cérebro ou do espírito?*

-A alucinação é sempre um fenômeno intrinsecamente espiritual, mas pode nascer de perturbações estritamente orgânicas, que se façam reflexas no aparelho sensorial, viciando o instrumento dos sentidos, por onde o espírito se manifesta.

53 – *Os bons ou maus pensamentos do ser encarnado afetam a organização psíquica de seus irmãos na Terra, aos quais sejam dirigidas?*

Os corações que oram e vigiam, realmente, de acordo com as lições evangélicas, constroem a sua própria fortaleza, para todos os movimentos de defesa espontânea.

Os bons pensamentos produzem sempre o máximo bem sobre aqueles que representam os seus objetivos, por se enquadrarem na essência da Lei Única, que é o Amor em todas as suas divinas manifestações; os de natureza inferior podem afetar o seu objeto, em identidade de circunstâncias, quando a criatura se faz credora desses choques dolorosos, na justiça das compensações.

Sobre todos os feitos dessa natureza, todavia, prevalece a Providência Divina, que opera a execução de seus desígnios de equidade, com misericórdia e sabedoria.

*

Da Obra “*O CONSOLADOR*” – Espírito: EMMANUEL – Médiun:
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

SOCIOLOGIA

Emmanuel

54 – *Com a difusão da luz espiritual, alargará o homem a noção de pátria, de modo a abranger no mesmo nível todas as nações do mundo?*

-A luz espiritual dará aos homens um conceito novo de pátria, de maneira a proscrever-se o movimento destruidor pelos canhões e balas homicidas.

Quando isso se verifique, o homem aprenderá a valorizar o berço em que nasceu, pelo trabalho e pelo amor, destruindo-se concomitantemente as fronteiras materiais; e dando lugar à era nova da grande família humana, em que as raças serão substituídas pelas almas e em que a pátria será honrada, não com a morte, mas com a vida bem aplicada e bem vivida.

55 – *A desigualdade verificada entre as classes sociais, no universo dos bens terrenos, perdurará nas épocas do porvir?*

-A desigualdade social é o mais elevado testemunho da verdade da reencarnação, mediante a qual cada espírito tem sua posição definida de regeneração e resgate. Nesse caso, consideramos que a pobreza, a miséria, a guerra, a ignorância, como outras calamidades coletivas, são enfermidades do organismo social, devido à situação de prova da quase generalidade dos seus membros. Cessada a causa patogênica com a iluminação espiritual de todos em Jesus-Cristo; a moléstia coletiva estará eliminada dos ambientes humanos.

56 – *Pode admitir-se, em Sociologia, o conceito de igualdade absoluta?*

-A concepção igualitária absoluta é um erro grave dos sociólogos, em qualquer departamento da vida. A tirania política poderá tentar uma imposição nesse sentido, mas não passará das espetaculosas uniformizações simbólicas para efeitos exteriores, porquanto o verdadeiro valor de um homem está no seu íntimo, onde cada espírito tem sua posição definida pelo próprio esforço.

Nessa questão existe uma igualdade absoluta de direitos dos homens perante Deus, que concede a todos os seus filhos uma oportunidade igual nos tesouros inapreciáveis do tempo. Esses direitos são os da conquista da sabedoria e do amor, através da vida, pelo cumprimento do sagrado dever do trabalho e do esforço individual. Eis por que cada criatura terá o seu mapa de méritos nas sendas evolutivas, constituindo essa situação, nas lutas planetárias, uma grandiosa escala progressiva em matéria de raciocínios e sentimentos, em que se elevará naturalmente todo aquele que mobilizar as possibilidades concedidas à sua existência para o trabalho edificante da iluminação de si mesmo, nas sagradas expressões do esforço individual.

57 – *Poderão os homens resolver sem atritos as chamadas questões proletárias?*

-Sim, quando se decidirem a aceitar e aplicar os princípios sagrados do Evangelho. Os regulamentos apaixonados, as greves, os decretos unilaterais, as ideologias revolucionárias, são cataplasmas inexpressivas, complicando a chaga da coletividade.

O socialismo é uma bela expressão de cultura humana, enquanto não resvala para os pólos do extremismo.

Todos os absurdos das teorias sociais decorrem da ignorância dos homens relativamente à necessidade de sua cristianização. Conhecemos daqui os maus dirigentes e os maus dirigidos, não como homens ricos e pobres, mas como avarentos e a revoltados. Nessas duas expressões, as criaturas operam o desequilíbrio de todos os mecanismos do trabalho natural.

A verdade é que todos os homens são proletários da evolução e nenhum esforço de boa realização na Terra é indigno do espírito encarnado.

Cada máquina exige uma direção especial, e o mecanismo do mundo requer o infinito de aptidões e de conhecimentos.

Sem a harmonia de cada peça na posição em que se encontra, toda produção é contraproducente e toda boa tarefa impossível.

Todos os homens são ricos pelas bênçãos de Deus e cada qual deve aproveitar, com êxito, os “talentos” recebidos, porquanto, sem exceção de um só, prestarão um dia, além-túmulo, contas de seus esforços.

Que os trabalhadores da direção saibam amar, e que os da realização nunca odeiem. Essa é a verdade pela qual compreendemos que todos os problemas do trabalho, na Terra, representam uma equação de Evangelho.

58 – *Reconhecendo-se o Estado como aparelhamento de leis convencionais, é justificável a sua existência, bem como a das classes armadas, que o sustentam no mundo?*

-Na situação (ou condição) atual do mundo e considerando a heterogeneidade dos caracteres e das expressões evolutivas das criaturas, examinadas isoladamente, justifica-se a necessidade dos aparelhos estatais nas convenções políticas, bem como das classes armadas que os mantém no orbe, como institutos de ordem para a execução das provas individuais, nas contingências humanas, até que o homem perceba o sentido de concórdia e fraternidade dentro das leis do Criador; prescindindo então da obrigatoriedade de certas determinações das leis humanas, convencionais e transitórias.

59 – *Tem o Espiritismo um papel especial junto da Sociologia?*

-Na hora atual da humanidade terrestre, em que todas as conquistas da civilização se subvertem nos extremismos, o Espiritismo é o grande iniciador da Sociologia, por significar o Evangelho redivivo que as religiões literalistas tentam inumar nos interesses econômicos e na convenção exterior de seus prosélitos (adeptos).

Restaurando os ensinamentos de Jesus para o homem e esclarecendo que os valores legítimos da criatura são os que procedem da consciência e do coração, a doutrina consoladora dos Espíritos reafirma a verdade de que a cada homem será dado de acordo com seus méritos, no esforço individual, dentro da aplicação da lei do trabalho e do bem; razão pela qual representa o melhor antídoto dos venenos sociais atualmente espalhados no mundo pelas filosofias políticas do absurdo e da ambição desmedida, restabelecendo a verdade e a concórdia para os corações.

60 – *Como se deverá comportar o espirita perante a política do mundo?*

-O sincero discípulo de Jesus está investido de missão mais sublime, em face da tarefa política saturada de lutas materiais. Essa é a razão por que não deve provocar uma situação de evidência para si mesmo nas administrações transitórias do mundo. E, quando convocado a tais situações pela força das circunstâncias, deve aceitá-las não como galardão para a doutrina que professa, mas como provação imperiosa e árdua, onde todo êxito é sempre difícil. O spiritista sincero deve compreender que a iluminação de uma consciência é como se fora a iluminação de um mundo, salientando-se que a tarefa do Evangelho, junto das almas encarnadas na Terra, é a mais importante de todas, visto constituir uma realização definitiva e real. A missão da doutrina é consolar e instruir, em Jesus, para que todos mobilizem as suas possibilidades divinas no caminho da vida. Trocá-la por um lugar no banquete dos Estados é inverter o valor dos ensinamentos, porque todas as organizações humanas são passageiras em face da necessidade de renovação de todas as fórmulas do homem na lei do progresso universal, depreendendo-se daí que a verdadeira construção da felicidade geral só será efetiva com bases legítimas no espírito das criaturas.

61 – *Como devemos encarar a política do racismo?*

-Se é justo observarmos nas pátrias o agrupamento de múltiplas coletividades, pelos laços afins da educação e do sentimento, a política do racismo deve ser encarada como erro grave, que pretexto algum justifica, porquanto não pode apresentar base séria nas suas alegações, que mal encobrem o propósito nefasto de tirania e separatividade.

62 – *O “não matarás” alcança o caçador que mata por divertimento e o carrasco que extermina por obrigação?*

-À medida que evolverdes no sentimento evangélico; compreenderéis que todos os matadores se encontram em oposição ao texto sagrado.

No grau dos vossos conhecimentos atuais, entendeis que somente os assassinos que matam por perversidade estão contra a lei divina. Quando avançardes mais no caminho, aperfeiçoando o aparelho social, não tolerareis o carrasco, e, quando estiverdes mais espiritualizados, enxergando nos animais os irmãos inferiores de vossa vida, a classe dos caçadores não terá razão de ser.

Lendo, os nossos conceitos, recordareis os animais daninhos e, no íntimo, haveis de ponderar sobre a necessidade do seu extermínio. É possível, porém, que não vos lembreis dos homens daninhos e ferozes. O caluniador não envenena mais que o toque de uma serpente? O armamentista, ou o político ambicioso, que montam com frieza a maquinaria da guerra incompreensível não são mais impiedosos que o leão selvagem?...

Ponderemos essas verdades e reconheceremos que o homem espiritual do futuro, com a luz do Evangelho na inteligência e no coração, terá modificado o seu ambiente de lutas, auxiliando igualmente os esforços evolutivos de seus companheiros do plano inferior, na vida terrestre.

63 – *Considerando a determinação positiva do “não julgueis”, como poderemos discernir o bem do mal, sem julgamento?*

-Entre julgar e discernir, há sempre grande distância. O ato de julgar para a especificação de conseqüência definitiva pertence à autoridade divina, porém, o direito da análise está instituído para todos os Espíritos, de modo que, discernindo o bem e o mal, o erro e a verdade, possam as criaturas traçar as diretrizes do seu melhor caminho para Deus.

64 –*Em face da lei dos homens, quando em presença do processo criminal, deve dar-se o voto condenativo, em concordância com o processo-crime, ou absolver o réu em obediência ao “não julgueis”?*

-Na esfera de nossas experiências, consideramos que, à frente dos processos humanos, ainda quando as suas peças sejam condenatórias, deve-se recordar a figura do Cristo junto da pecadora apedrejada, pois que Jesus estava também perante um júri.

“Quem estiver sem pecado atire a primeira pedra” – é a sentença que deveria lembrar, sempre, a nossa situação comum de Espíritos decaídos, para não condenar esse ou aquele dos nossos semelhantes. *“Vai e não peques mais”* – deve ser a nossa norma de conduta dentro do próprio coração, afastando-se a erva do mal que nele viceje.

Nos processos públicos, a autoridade judiciária, como peça integrante da máquina do Estado no desempenho de suas funções especializadas, deve saber onde se encontra o recurso conveniente para o corretivo ou para a reeducação do organismo social, mobilizando, nesse mister, os valores de sua experiência e de suas responsabilidades.

Individualmente, porém, busquemos aprender que se podemos “julgar” alguma coisa, julguemo-nos, sempre, em primeiro lugar, como o irmão mais próximo daquele a quem se atribui um crime ou uma falta, a fim de estarmos acordes com Aquele que é a luz dos nossos corações.

Nas horas comuns da existência, procuremos a luz evangélica para analisar o erro e a verdade, discernir o bem e o mal; todavia, no instante dos julgamentos definitivos, entreguemos os processos A Deus, que, antes, de nós, saberá sempre o melhor caminho da regeneração dos seus filhos trabalhadores.

65 –*O homem que guarda responsabilidade nos cargos públicos da Terra responde, no plano espiritual, pelas ordens que cumpre e faz cumprir?*

-A responsabilidade de um cargo público, pelas suas características morais, é sempre mais importante que a concedida por Deus sobre um patrimônio material. Daí a verdade que, na vida espiritual, o depositário do bem público responderá sempre pelas ordens expedidas pela sua autoridade, nas tarefas da Terra.

66 –*O preceito evangélico – “assim, pois, aquele que dentre vós não renunciar a tudo o que tem, não pode ser meu discípulo” – deve ser interpretado no sentido absoluto?*

-Ainda esse ensino do Mestre deve ser considerado no seu divino simbolismo.

A fortuna e a autoridade humanas são também caminhos de experiências e provas, e o homem que as atirasse fora de si, arbitrariamente, procederia com a noção da irresponsabilidade, desprezando o ensejo do progresso que a Providência Divina lhe colocou nas mãos.

Todos os homens são usufrutuários dos bens divinos e os convocados ao trabalho de administração desses bens devem encarar a sua responsabilidade como problema dos mais sérios da vida.

Renunciando ao egoísmo, ao orgulho, à fraqueza, às expressões de vaidade, o homem cumprirá a ordenação evangélica, e, sentindo a grandeza de Deus, único dispensador no patrimônio real da vida, será discípulo do Senhor em quaisquer circunstâncias, por usar as suas possibilidades materiais e espirituais, sem os característicos envenenados do mundo, como intérprete sincero dos desígnios divinos para felicidade de todos.

67 – *Como interpretar o movimento feminista na atualidade da civilização?*

-O homem e a mulher, no instituto conjugal, são como o cérebro e o coração do organismo doméstico.

Ambos são portadores de uma responsabilidade igual no sagrado colégio da família; e, se a alma feminina sempre apresentou um coeficiente mais avançado de espiritualidade na vida, é que, desde cedo, o espírito masculino intoxicou as fontes da sua liberdade, através de todos os abusos, prejudicando a sua posição moral no decurso das existências numerosas, em múltiplas experiências seculares.

A ideologia feminista dos tempos modernos, porém, com as diversas bandeiras políticas e sociais, pode ser um veneno para a mulher desavisada dos seus grandes deveres espirituais na face da Terra. Se existe um feminismo legítimo, esse deve ser o da reeducação da mulher para o lar, nunca para uma ação contraproducente fora dele. É que os problemas femininos não poderão ser solucionados pelos códigos do homem, mas somente à luz generosa e divina do Evangelho.

68 – *Como conceituar o estado de espírito do homem moderno, que tanto se preocupa com o “estar bem na vida”, “ganhar bem” e “trabalhar para enriquecer”?*

-Esse propósito do homem viciado, dos tempos atuais, constitui forte expressão de ignorância dos valores espirituais na Terra, onde se verifica a inversão de quase todas as conquistas morais. Foi esse excesso de inquietação, no mais desenfreado egoísmo, que provocou a crise moral do mundo, em cujos espetáculos sinistros podemos reconhecer que o homem físico, da radiotelefonia e do transatlântico, necessita de mais verdade que dinheiro, de mais luz que de pão.

Livro: Mediunidade (Vida e Comunicação)**J. Herculano Pires****RELAÇÕES MEDIÚNICAS**

O problema do relacionamento dos médiuns com os espíritos, com os frequentadores de sessões, com os companheiros de trabalho espírita e trabalho profissional, com o público em geral, com as instituições doutrinárias e particularmente com o seu meio familiar e os seus protetores e orientadores é de importância fundamental. Não obstante, tem sido negligenciado, acarretando dificuldades que seriam facilmente solucionadas à luz de uma investigação a respeito. O médium isolado ou solitário é um barco à deriva em águas desconhecidas e misteriosas. O médium ligado a uma instituição é um barco ancorado, cuja segurança aparente o impede de navegar. As águas doutrinárias são volumosas e instáveis como a do mar e o barco mediúnico precisa acostumar-se a enfrentar os seus embates para revelar sua resistência, seu equilíbrio, sua potência e velocidade. No plano relativo em que vivemos tudo depende de relações que só se processam na livre atividade. Jesus não teria podido andar sobre as águas nem aplacar a tempestade no mar se o seu barco mediúnico permanecesse ancorado no porto.

A mediunidade oculta no recesso da família ou de um pequeno grupo de reuniões privativas torna-se rotineira e estéril. O médium centraliza as atenções e converte-se numa criatura mimada, considerada excepcional e por isso mesmo a salvo de erros e de críticas. Forja-se assim, em torno do médium, um círculo vicioso de reverência e adoração, de submissão supersticiosa, que o transforma num ídolo ou num oráculo infalível. Essa infalibilidade artificial não o beneficia, nem ao grupo, mas apenas aos espíritos sistemáticos ou mistificadores, que mais hoje mais amanhã poderão levá-lo à obsessão. No ambiente de beatice e temor assim formado, ele é, na verdade, uma vítima dos seus próprios adoradores. O Espiritismo não é assunto privativo e a mediunidade não se fecha em redomas de vidro. Sua função não é específica e giratória, mas aberta, ampla e dinâmica, destinada a expandir-se na multiplicidade das relações por todo o mundo.

O médium solitário vive apenas em duas dimensões: a dimensão do espírito comunicante e a sua própria dimensão individual. Falta-lhe a dimensão social, sem a qual não há possibilidade de confronto de suas percepções e captações com a realidade tridimensional do mundo. Mas além disso falta-lhe a dimensão cultural das relações doutrinárias, que lhe abriria as perspectivas do inteligível, uma estrutura de planos e superplanos do entendimento superior e global das situações existenciais. Quer dizer: a sua solidão voluntária o reduz a uma situação existencial única, desligada das variadas situações em que se desenvolve o processo cultural espírita. Alheio à variedade crescente desse processo, ele cai numa posição doméstica, sem os dados necessários à orientação das suas funções mediúnicas e à verificação da legitimidade de suas captações. Nessa posição está exposto ao envolvimento das entidades mistificadoras, que desviarão facilmente as suas energias mediúnicas para o campo das confusões doutrinárias e portanto do aviltamento da doutrina.

Se a nossa realidade existencial no mundo se fecha apenas nas três dimensões (altura, comprimento e largura), a realidade espiritual, pelo contrário, se a-

bre nas múltiplas dimensões das percepções extra-sensoriais, indispensáveis ao conhecimento total da realidade em que vivemos, bem como das relações estruturais do sensível com o inteligível. O médium solitário torna-se vulnerável à fascinação e à subjugação de entidades interessadas em fazer o conhecimento espiritual retroceder às condições do passado monástico e teológico que o Espiritismo rompeu para iniciar uma nova era da cultura terrena.

As relações sociais no Espiritismo, em campo aberto, têm por finalidade o apoio recíproco de médiuns, estudiosos e pesquisadores dos fenômenos mediúnicos, para troca de idéias e de experiências, de maneira a facultar o desenvolvimento de uma cultura espiritual desligada das superstições do passado obscurantista, em que o isolamento orgulhoso das Igrejas em relação ao avanço científico separou a cultura religiosa da cultura geral. A condição de isolamento do médium, impedindo e frustrando o processo necessário das suas relações mediúnicas, impede a abertura da sua mente para as concepções mais amplas da atualidade cultural. Em poucas palavras: o médium egoísta e seu orientador espiritual semelhante a ele se engolfam em suas próprias lucubrações desprovidas de validade social e perturbam a evolução do processo espírita. Ao mesmo tempo, o apego às suas produções mediúnicas, por ele mesmo consideradas como de grande valor, o afasta cada vez mais do meio social espírita e conseqüentemente do meio cultural em que deve desenvolver-se.

Nas relações com as instituições espíritas o médium encontra também uma barreira que geralmente o decepciona, fazendo-o retroceder ao seu isolamento. É o círculo vicioso em que caímos no movimento espírita brasileiro, infelizmente em conseqüência da nossa própria formação religiosa e da nossa falta generalizada de conhecimentos filosóficos, que deu ênfase excessiva, entre nós, ao aspecto religioso do Espiritismo e às tendências místicas e mágicas do nosso povo. O apelo de Kardec à razão não despertou as camadas da população que se voltaram para a doutrina, e nem mesmo à absoluta maioria dos homens de cultura que se revelaram dominados por essa herança ambivalente, ao mesmo tempo mística e positivista, nos últimos tempos sobrecarregadas de influências positivistas e materialistas. O Prof. Cruz Costa observou que a influência do chamado espírito prático português domina nossas atividades culturais. Esse complexo de fatores (ressalvada a ambivalência acima referida) deu ao nosso movimento espírita uma condição conflitiva, que aumenta a confusão no tocante à compreensão da doutrina. O resultado é o aparecimento de mestres doutrinários imbuídos de pretensões revisionistas, inventores de novas práticas e criadores de princípios estranhos à natureza do Espiritismo. Os adeptos sempre aparecem em nossa paisagem cultural anêmica mas pretensiosa, incentivando o aparecimento de novos missionários que se apresentam - com uma confiança alarmante em suas escassas forças proclamando-se reencarnações de grandes figuras históricas e afirmando-se incumbidos de levar o Brasil à liderança espiritual do mundo. A ingenuidade dos crentes, que não são apenas criaturas incultas mas também dotadas de cultura universitária (ou pelo menos graduadas), equivale à audácia dos líderes estranhamente convencidos de sua própria grandeza espiritual.

Diante dessa escatologia quixotesca, as relações mediúnicas se confinam em escolas divergentes, pulverizando-se nos divisionismos irreconciliáveis. Médiuns de uma escola não aceitam os princípios de outras, de maneira que as rela-

ções se tornam inviáveis. Contra essa situação sem perspectivas, lutam os grupos que defendem os fundamentos legítimos da doutrina, à espera de melhores dias.

As relações mediúnicas normais de médium para médium são de importância básica para a criação de um ambiente pré-cultural espírita, pois a permuta normal (e portanto sensata) de idéias e experiências, leituras e estudos sedimenta aos poucos uma base de entendimento comum e ajuda mútua para o desenvolvimento real do conhecimento doutrinário em relação com a cultura do meio. Por outro lado, as experiências de uns reforçam ou esclarecem as de outros, reforçando a confiança de todos nos princípios doutrinários e evitando a pernicioso proliferação dos líderes carismáticos. Felizmente essas relações existem, embora limitadas a alguns grupos que não se desviaram do bom-senso, atraídos pelas supostas missões renovadoras. E graças a esses grupos e a um mínimo de publicações e editoras que procuram manter as obras fundamentais e algumas subsidiárias em circulação, sob a avalanche de publicações e livros desorientadores, que ainda podemos ter esperança de um futuro reajustamento da nossa situação doutrinária conturbada.

As relações dos médiuns com o público, cada vez mais ansioso por ajuda e esclarecimento espirituais, são geralmente prejudicadas pelos preconceitos religiosos. As raízes místicas e mágicas da nossa formação religiosa levam as pessoas a encararem os médiuns como criaturas privilegiadas, dotadas de dons sobrenaturais. Os médiuns, por sua vez, dificilmente compreendem que esse é um fator desfavorável à sua relação normal e incentivam essa falsa idéia com palavras e atitudes que brotam da vaidade individual, do desejo de realmente passarem como dotados de condições superiores às normais. Desse processo espúrio resulta novamente uma situação de ambivalência, que equivale à ambigüidade, neutralizando os possíveis efeitos de um entendimento frustrado. Quando a ingenuidade dos interlocutores chega às raias do absurdo, e eles crêem, nos poderes do médium, tornam-se crentes inúteis, dominados por uma subserviência medrosa. Essa a causa do endeusamento dos médiuns, não raro desprovidos até mesmo dos predicados normais da espécie. De um relacionamento assim ilusório e tolo, de parte a parte, nada pode resultar de proveitoso. É necessário que os médiuns tomem consciência dessa situação ridícula e evitem qualquer manifestação, por palavras, atos ou atitudes, que possam estimular o engano dos consulentes. Se os médiuns compreenderem isso e conseguirem enfrentar essas situações com despreensão e humildade natural, espontânea, nunca exagerada (que é também uma manifestação de vaidade) poderão realmente ser úteis, receber intuições orientadoras e socorrer os necessitados. Com isso farão uma experiência nova e benéfica para si mesmos e darão não só a sua ajuda aos que o procuram, mas também a sua contribuição à causa espírita. Médiuns e pregadores ou expo-sitores espíritas sem humildade, sem o devido conhecimento de suas próprias deficiências, são espantalhos no arrozal do Espiritismo. Conquistam uma popularidade falsa, glória mentirosa e nada fazem de bem, nem a si mesmos nem aos outros. Seus sucessos são aparentes e efêmeros, mas a derrota moral que representam perdurará em seus espíritos, e em suas consciências

Para que o médium consiga superar essas dificuldades da relação com o público, é necessário que haja, primeiro, superado as dificuldades de suas rela-

ções com os espíritos. Enxameiam em torno dos médiuns espíritos pretensiosos, que desejam convertê-los em seus instrumentos de relação com os homens. Mas os espíritos sinceros e bons, devotados ao bem, também o socorrem. Se ele, porém, não houver treinado em silêncio, na meditação e na prece ou nas reuniões mediúnicas, os meios de livrar-se dos obsessores, não terá, na hora da prova, diante do interlocutor ansioso, muitas vezes suplicante, a possibilidade de fazê-lo. As relações do médium com os seus orientadores espirituais antecedem as suas relações com o público e determinam a natureza destas. Para auxiliar os outros, o médium precisa haver sido auxiliado pelos espíritos bons. Dessa maneira, os médiuns que realmente semeiam benefícios são aqueles que aprenderam a viver na intimidade dos seus protetores e amigos espirituais. A vaidade é sempre o maior empecilho a essa intimidade, pois os médiuns, em geral, mal saíram de uma obsessão, já se consideram emancipados, capazes de agir por conta própria, preparando-se assim para nova obsessão. Kardec explica essas dificuldades com a maior clareza e precisão, mas os obsessores costumam soprar aos médiuns a idéia vaidosa de que Kardec se tornou artigo de museu, como se a verdade pudesse envelhecer. Deixando-se levar na onda das novidades, os médiuns aceitam indicações de livros atualíssimos, desdenhando o mestre e pagando caro esse desdém, não raro por toda uma existência que poderia ter sido útil mas tornou-se nula e prejudicial.

No tocante aos espíritos obsessores e sofredores as relações mediúnicas exigem muita atenção e cuidado de parte do médium. Os sofredores, por si mesmos, não oferecem perigo, mas podem ser utilizados pelos obsessores para transmitirem seu mal-estar ao médium. É necessário não repeli-los, mas esclarecê-los e orientá-los, orando por eles. Nos casos de persistência do espírito enfermo, o médium deve recorrer aos companheiros de trabalho para uma sessão em que a entidade possa comunicar-se. Os espíritos obsessores, mistificadores ou vingativos devem ser tratados com benevolência. Em todos esses casos o médium pode agir por si mesmo, doutrinando ele mesmo os perturbadores através de exortações e preces. Este problema é bastante conhecido e os médiuns dispõem de experiências a respeito. Mas o importante, e que poucos levam a sério, são as medidas preventivas que todo médium deve tomar quanto a essas aproximações incômodas. Elas podem ocorrer por vários motivos e de formas as mais variadas: simples atração da faculdade mediúnica; aproximação por causa de afinidade mental ou de preocupações do médium; laços afetivos de existências anteriores ou desta, ação de um espírito protetor para beneficiar o sofredor e assim por diante. No caso dos obsessores e mistificadores pode ser para experimentar a firmeza do médium, por atração de seus pensamentos vaidosos ou maldosos; por motivo de ódios antigos; perseguição por motivos doutrinários, de parte de adeptos de seitas contrárias à doutrina; vingança relacionada com problemas do passado; desejo de arrastar o médium a outros caminhos espirituais, afastando-o do Espiritismo e assim por diante. O Livro dos Médiuns esclarece bem este assunto, a que nos referimos indicando a variedade de motivações. É necessária a leitura do livro *Obsessão* de Kardec, e pesquisas na coleção da *Revista Espírita*. Todos esses casos podem ser prevenidos pelo médium através de um comportamento regular na vida, dedicando-se aos estudos doutrinários sistemáticos para mais ampla compreensão das funções mediúnicas. As relações regulares e permanentes com os espíritos orientadores, no interesse de bem ser-

vir a todos os espíritos necessitados, de qualquer ordem, e particularmente a freqüência às sessões, com inteira disposição de atender a todos os espíritos que dele se aproximarem. Um comportamento cristão em todas as circunstâncias e o interesse permanente pelo conhecimento doutrinário é o melhor preventivo para todas essas aproximações, que geralmente são oportunidades de serviço, despertando o médium para maior e melhor cumprimento de seus deveres mediúnicos. Quanto mais dedicado for o médium às suas obrigações mediúnicas, mais equilibrado se sentirá e mais apto a solucionar com facilidade os casos de perturbação. Evitar estados de inconformação, tristeza e aborrecimento, mantendo-se o mais possível na disposição de tudo encarar com naturalidade, confiança e fé, na certeza de que os poderes superiores velam pelas criaturas de boa-vontade, mas sem otimismo ilusórios ou esperanças de privilégios pessoais no trânsito das experiências terrenas. A Lei do Amor rege o Universo. Os que aprenderam a amar e perdoar, a orar e servir, não têm o que temer.

No tocante às instituições doutrinárias as relações mediúnicas envolvem graves problemas de ordem moral. Cabe às instituições a representação da doutrina no plano social. As práticas religiosas do Espiritismo levam o povo a considerá-lo como simplesmente uma religião, enquadrando-o nas exigências formais do sistema igrejeiro. Uma Federação é uma espécie de catedral e um Centro Espírita é uma igreja. Conseqüentemente, são lugares sagrados em que pontificam os expoentes da religião e de onde flui a doutrina pura e sem mácula. Os médiuns são geralmente considerados como os sacerdotes do culto espírita e muitos deles se convencem disso com muito entusiasmo. Disso resulta um clima de submissão sagrada dos médiuns e dos Centros e Grupos às Federações Espíritas, violando os princípios doutrinários de liberdade e autodeterminação, sem o qual não existiria a responsabilidade própria das instituições menores. As entidades federativas são as primeiras a se convencerem disso e passam a dominar o meio doutrinário. A falibilidade dos homens pode levar uma Federação a cometer deslizes doutrinários graves ou a endossar mistificações evidentes que, sob o prestígio federativo, inundam o meio espírita, radicam-se nele e produzem sérias lesões na estrutura equilibrada e lógica da doutrina, deformando-a a ponto de torná-la ridícula. As relações mediúnicas entre a entidade federativa, os Centros e Grupos, e os próprios médiuns que nela trabalham ficam naturalmente abaladas. Cabe aos médiuns a função de restabelecer o equilíbrio, através das manifestações dos espíritos orientadores. Mas o clima estabelecido, sendo conflitivo, cria barreiras ao dever de espíritos e médiuns. Qualquer manifestação mediúnica discordante da orientação federativa é considerada como mistificação.

Não se trata de situações imaginárias, mas de fatos concretos e conhecidos. Os médiuns doutrinariamente pouco instruídos submetem-se ao poder formal, que na realidade não existe. Outros, embora mais instruídos, submetem-se também, evitando atritos. Mas os que têm consciência doutrinária e conhecem os seus deveres mediúnicos não concordam e acabam afastados da instituição. As dificuldades para superação dessa crise aumentam no correr do tempo. Médiuns de grande projeção no meio espírita vêem-se obrigados a omitir-se para não ferir suscetibilidades e não provocar escândalos. A mediunidade é ferida de morte em sua função esclarecedora e orientadora. Os interesses humanos se sobrepoem aos interesses espirituais, estabelecendo a censura das manifestações

mediúnicas. Foi assim que o culto pneumático do Cristianismo Primitivo, em que o pneuma (espírito em grego) foi sufocado pelas decisões conciliares da Igreja de Roma, que se amparava no poder terreno do Império Romano. O espírito deixou de soprar, mas os poderes e a autoridade dos formalismos e das convenções assenhorearam-se do Cristianismo e o deformaram totalmente. Quando as vozes do Céu falavam, os médiuns eram sacrificados em nome do Cristo. Joana D'Arc, soprada pelas vozes espirituais, foi excomungada e depois queimada viva na fogueira inquisitorial. Os médiuns atuais, ainda amedrontados pelo poder dos homens, parecem ver nas instituições espíritas, desviadas de seus deveres doutrinários, a ameaça das fogueiras.

Esta parábola real, que não se constitui de figuras imaginadas, mas de fatos históricos, deve ser meditada pelos médiuns que desejam cumprir os deveres da Moral Mediúnica. Podemos medir a legitimidade dos médiuns e de suas comunicações pelo grau de consciência que revelam no desempenho do mediunato em momentos como esse. O mais grave dessas omissões é que a maioria delas decorre de interesses mundanos: o medo de ser excluído da instituição, o desejo de brilhar como elemento de destaque e assim por diante. A falta de convicção e de coragem de médiuns e dirigentes tornou avariado e suspeito o nosso sistema de comunicações mediúnicas. Precisamos proceder urgentemente a uma revisão do sistema, para pelo menos descobriremos as mensagens que a censura impugnou. Elas devem conter valiosas lições de Moral Mediúnica, que seriam injeções restauradoras de energias gastas no esforço penoso das omissões.

A posição do médium na família é quase sempre conflitiva. Assim também no seu local de trabalho, no meio político e assim por diante. Não tanto pelas discordâncias de opiniões com os outros em face de vários problemas, mas pelo seu dever de contribuir para a boa e justa solução das pendências. A Moral Mediúnica não lhe aconselha a omissão, que é sempre uma fuga ao cumprimento do dever. Ele tem de agir, de participar ao lado dos companheiros, mas não pode trair os seus princípios para agradar este ou aquele. Sua atitude é pautada pelo imperativo cristão do Seja o teu falar sim, sim, não, não. O que disso passar, como vemos nos Evangelhos, é obra do maligno, o que vale dizer do espírito de acomodação, de traição a si mesmo. Suas dificuldades podem ser facilmente superadas pela sinceridade. Mas, por mais sincero que seja, o obstáculo maior a vencer estará na atuação contraditória dos espíritos inferiores sobre ele, tentando levá-lo para esta ou aquela posição de suas preferências. Se ele não vigiar e orar, certamente não dará acesso aos espíritos generosos que desejam sempre auxiliá-lo. A visão mediúnica não se aplica apenas aos problemas espirituais, mas também a toda a problemática mundana. Os médiuns sabem que o homem é espírito e não carne, de maneira que, fundamentalmente, é o mesmo neste e no outro mundo. Apelando aos seus amigos espirituais conseguirá a assistência intuitiva que lhe indicará o caminho certo. E esse caminho é o do amor, que evita ferir sem necessidade, indicar o rumo sem a pretensão de impô-lo, perder com dignidade e sem protesto, vencer pela razão sem trapaça. Nenhum de nós é o juiz que decide as pendências em definitivo. É moral o que é bom e justo. Mas se a maioria repele esse critério por interesses particulares, temos de ceder ao poder dos números. Saber tolerar a vitória da imprudência não é fácil, mas se fizermos o que nos cabe nossa consciência não será conturbada. O neces-

sário é sustentar a verdade diante da mentira, não apoiar o erro e tentar corrigi-lo. Se a tentativa falhar, a responsabilidade do erro cabe aos que erraram. O protesto, nesse caso, seria o sinal de Deus na frente de Caim. O médium dá ao mundo a sua contribuição, mas não pode obrigá-lo a aceitá-la.

*

Livro: Revisão do Cristianismo

J. Herculano Pires

XIII - MATÉRIA, MITO E ANTIMATÉRIA

Na atual perspectiva científica, o Cristianismo aparece, historicamente, como o postulado da Ciência. Jesus de Nazaré postulou o conhecimento futuro de toda a realidade em que vivemos. Ensinou que essa realidade se estrutura em leis permanentes e invioláveis, que uma vez conhecidas, nos dariam o domínio do real. Se percebia os primeiros frêmitos da palingenesia, do nascimento de um novo mundo, como acentuou Guignebert, também anunciou a palingênese natural do morrer e renascer do homem, a estrutura cósmica das muitas **moradas** as relações psicofísicas de alma e corpo, a flexibilidade da matéria considerada como densa e estática, a possibilidade de ação mental e psíquica sobre o corpo, a importância dos sentimentos e pensamentos no comportamento individual e social, o predomínio do espírito sobre o corpo e a existência do corpo espiritual, provando essa existência no ato da sua própria ressurreição. Sua posição não foi a de um místico apegado às esperanças do povo, mas a de um sábio que conhecia as leis da metamorfose universal das coisas e dos seres e nelas confiava. O seu ato de entrega à crucificação, à destruição da morte, para a ressurreição posterior, que de fato realizou-se, prova o seu conhecimento seguro e perfeito das leis psicobiofísicas, da realidade mitolizada pela ignorância do tempo. Sua previsão quanto à deturpação do seu ensino, e a necessidade de seu restabelecimento futuro, e sua promessa de enviar no tempo devido, o socorro espiritual para conduzir os homens a toda a verdade, demonstrava o seu conhecimento racional e seguro das leis da evolução natural e cultural.

Renan, Guignebert e todos os pesquisadores que se colocaram entre ambos, em nosso tempo, não compreenderam a amplitude da sua visão científica e histórica do mundo, porque só em nossos dias, essa visão começaria a ser compreendida, graças à revolução científica da atualidade. Essa a razão por que Guignebert, entendeu que ele não se preocupava com o futuro longínquo. Mas foi fácil a Guignebert compreender que ele não pretendia fundar nenhuma Igreja, e nem mesmo reformar nenhuma religião, por isso ressaltava da lógica imediata da sua posição, que confirmava os anseios de transcendência humana, nas aspirações mal compreendidas e mitolizadas do povo judeu. Só o tempo poderia provar, como hoje prova, que a visão de Jesus não se restringia àquelas esperanças, mas a toda a verdade que iria surgir nos séculos posteriores ao seu ensino.

A própria natureza do Mito, que ele combatia, não poderia ser compreendida, sem o prévio e real conhecimento da natureza da matéria, que só agora se desvenda, pouco a pouco, aos olhos atônitos dos homens. Porque o Mito, como dissemos, é um produto do real, quando vislumbrado apenas em sua manifestação superficial. As afirmações anteriores das grandes correntes espiritualistas, segundo as quais a matéria era ilusória, só convenciam os homens de tendência mística. Era necessária a prova científica dessa realidade, para que os homens em geral, comesçassem a compreender o sentido dessas afirmações. A matéria, como a víamos até fins do século passado, era mito e não realidade. O homem real, vivendo seu corpo material sobre a crosta sólida do planeta, morrendo e desaparecendo numa cova, nada tinha de real, era apenas uma criação imaginária,

elaborada com os dados falsos dos nossos sentidos de percepção. E foi esse mito, que os materialistas quiseram transformar na única realidade possível, menosprezando os que se recusavam a aceitá-lo. O **Mito da Matéria**, estranha entidade metafísica que subvertia a realidade, e mostrava-se inteligente, ativo e dominador, como os mitos da Grécia e de Roma. Repudiando os deuses olímpicos, que eram figuras antropomórficas dos vários aspectos da Natureza, os cientistas erigiam a Matéria em Deusa Absoluta. Tudo procedia dela e sem ela nada existia. Daí a elevação do nosso sensorio, à categoria de medida do mundo, como quisera Protágoras, o sofista. O Espírito foi simplesmente caracterizado, como um epifenômeno produzido pelos misteriosos e inexplicáveis poderes da Matéria.

Essa inversão total da realidade, é típica do processo mitológico, no esforço de racionalização do mundo. A Razão, que era também definida como função cerebral, produzida pelas potências desconhecidas da caixa craniana, submetia-se à Deusa Matéria, usando os seus instrumentos de medida e peso, para classificar o real e rejeitar o imaginário.

Basta esse rápido apanhado, para nos mostrar que são formas de interpretação do mundo. E a validade dessas interpretações, depende do grau de aproximação ao real que elas revelem. Não havendo nenhuma possibilidade de avaliação desse grau, no momento em que a interpretação se impõe coletivamente, seja como Mitologia ou como Ciência, ela se converte na realidade possível daquele momento histórico. Mas, no futuro, quando o desenvolvimento da Razão na experiência, revelar as falhas e os enganos da interpretação, as revisões do conhecimento exigiram a reformulação da realidade suposta, em termos de atualização cultural. Jesus de Nazaré, revelou pleno conhecimento desse processo, como se vê na parábola evangélica do fermento que leveda a massa de farinha. De maneira mais positiva, esse conhecimento transparece da promessa de restabelecimento dos seus ensinamentos no futuro, quando permitissem o esclarecimento de princípios incompreendidos ou mal interpretados.

A atividade de Jesus foi puramente didática, e seus objetivos eram puramente éticos. Daí a razão porque Guignebert, entendeu que ele não pretendia fundar nenhuma religião, nem reformar o Judaísmo. A verdade histórica confirma a primeira assertiva, mas não a segunda, pois Jesus, operando no meio judaico, teria de reformular, como realmente o fez, muitos conceitos do Judaísmo, destruindo alguns e formulando outros. Neste sentido ele foi, sem dúvida possível, um reformador do Judaísmo. A História da Igreja Primitiva mostra de sobejo, como se vê no **Livro de Atos**, a ação reformadora de Jesus, através dos seus apóstolos e discípulos. E nem podia ser de outra maneira, pois se Jesus simplesmente endossasse a posição judaica, nada teria feito de novo, nenhuma aproximação da realidade teria sido feita por ele. O exame crítico das origens do Cristianismo, prova suficientemente que Jesus virou o Judaísmo pelo avesso, ampliando a Aliança a toda a Humanidade, com as devidas modificações de dogmas e preceitos.

Como sempre acontece, nas fases críticas da evolução humana, as forças retrógradas, manifestadas em Jerusalém, encontraram na Europa, o campo propício à organização de sua resistência. Não se trata de uma premeditação ou

providência individual ou de grupos, mas da ação natural da lei de inércia, do instinto de conservação. A queda de Roma, com a invasão dos bárbaros, permitiu a ascensão da Igreja e o desenvolvimento do sistema medieval, em que, por todo um milênio, completou-se a desfiguração de Jesus e a deturpação do Cristianismo. Wilhelm Dilthey chamou a Idade Média de caldeirão. Nesse fervente caldeirão de paixões, ambições e loucuras, forjou-se a consciência do Ocidente, enquanto o Oriente tentava resistir em Bizâncio. Ainda hoje, encontramos nos intelectuais europeus, constantes manifestações de uma nostalgia do Milenário, dessa horripilante fase de estagnação turbulenta, em que o arbítrio e a arrogância do Império morto, se vestiu de púrpura para tentar deter a rota da História. Todos os formalismos pretensiosos, todas as disciplinas esmagadoras, todo o prestígio do Sagrado, ali se mesclaram e se entrecrocaram, numa aparência de unidade exterior que dava segurança aos que pactuavam com a volta a César. Desse chão fecundado pelo sangue dos inocentes e pelas lágrimas dos impotentes, nasceu a floração bárbara das torturas e das matanças covardes, que se arrebentariam em frutos de destruição e morte, nas guerras mundiais do nosso tempo. É dessa amarga raiz que revelam estranha nostalgia intelectuais europeus, que sentem novamente a insegurança de suas posições e privilégios, nesta nova fase crítica da vida planetária.

Os ideais gregos de um mundo estético e ético, harmonioso e perfeito, re-despertados na Renascença, abriram as possibilidades de revisão dos valores antigos, para a reformulação de utopias como a da República de Platão, ao mesmo tempo que os sonhos do individualismo ateniense e as aspirações jônicas da busca da verdade, incitavam a Ciência a romper os limites do mecanicismo auto-suficiente. Abriram-se as entranhas misteriosas da matéria e nela se reencontrou o espírito. Deu-se então, início à revisão total às Ciências, num salto mortal às profundezas do infinitesimal e, à essência do Ser e à imensidade do Cosmos. Os mitos morreram e a realidade se desdobrou em grandezas, até então inimagináveis. Foi esse o maior milagre do Cristo, produzido pelo poder do seu pensamento e da sua vontade, dois milênios após a sua derrota aparente nas mãos dos algozes judeus e romanos.

As atividades taumátúrgicas de Jesus, que os teólogos interpretaram como manifestações divinas e os cientistas contestaram como resíduos de baixa e antiga credence popular, nada mais eram do que a parte prática do seu ensino, demonstrações ilustrativas das potencialidades do espírito. Hoje, todo o acervo tantas vezes injuriado e caluniado das pesquisas espíritas, bem como das Ciências Psíquicas que nasceram delas, da Metapsíquica, e as conquistas científicas da Metapsíquica e da Parapsicologia, filhas confessas do Espiritismo, revelam-nos o sentido didático dos milagres de Jesus. E foram esses milagres, racionalmente opostos por Jesus aos prodígios e às trapaças dos antigos magos, que levaram os cientistas modernos a investigar corajosamente, as potencialidades ocultas do homem. Kardec despojou os supostos milagres de sua aparência miraculosa. Para escândalo dos teólogos, clérigos e acadêmicos vestidos de pesados e ridículos fardões, Kardec exibiu o fato mediúnico em sua nudez total, como a Verdade recém-saída do fundo do poço. E o fez apoiado na taumaturgia do Cristo, na comparação dos atos de Jesus, com os fatos em voga no seu tempo. Os verdadeiros cientistas, assim desafiados, não recusaram o revide, que lhe deram

em termos científicos, através de pesquisas sérias e profundas. Sua posição científica era incontestável. Suas armas eram a Razão e a Pesquisa. Em nome do Cristo, não por delegação de qualquer Igreja, mas por consequência histórica, pela necessidade de ampliação do Conhecimento, do restabelecimento da Verdade no plano cultural, Kardec arrastou as Ciências para os abismos que ela temia. Desfez-se o Mito do Milagre, transformado em fenômeno científico. Reabriram-se as perspectivas do postulado cristão.

Hoje, os princípios fundamentais do ensino de Jesus, se integram na realidade científica. Superada a barreira dos preconceitos, os dogmas da ignorância entraram em falência irreversível. Assistimos agora a um espetáculo grotesco. Os clérigos cristãos aderem a Simão, o mago; empenhando-se numa batalha lucrativa, através de cursos e exposições de magia teatral (pagos a tanto por cabeça), na tentativa inútil de desmoralizar os cientistas e os avanços atuais de suas pesquisas. Apresentam-se como cientistas improvisados, com títulos que não possuem e nem podem possuir, pois suas próprias exposições de pelotiqueiros, demonstram a sua incapacidade para compreender o assunto de que tratam, enquanto seu palavreado impróprio, suas explicações grosseiras e rebarbativas, sua absoluta falta de disciplina mental e de critério lógico, põem inevitavelmente a nu a sua insuficiência mental e cultural, o seu primarismo irredutível. E enquanto isso as Igrejas se esvaziam, o materialismo avança nas sendas do desespero humano, a criminalidade individual e coletiva aumenta assustadoramente, os freios da moral se arrebentam ao impacto do erotismo e da alucinação dos tóxicos, a violência dos poderosos contra os inermes toma proporções diluvianas, e o Cristianismo Oficial nada pode fazer de eficaz em favor do mundo, porque se divorciou de suas origens e se enleou precisamente nos interesses conflitivos do mundo. Não pode sequer provar ao homem desesperado que a morte é uma ilusão, porque as provas dessa realidade, afetam a rede ilusória da sua dogmática envelhecida.

A descoberta científica da antimatéria, seria suficiente para estourar todas as estruturas religiosas do Cristianismo dominante. Os próprios cientistas se aturdiram com ela, e a princípio entenderam que havia Universos separados de matéria e antimatéria. Mas o avanço das pesquisas mostrou o contrário: que matéria e antimatéria se conjugam em forma de verso e reverso nas estruturas atômicas. A produção de partículas de antimatéria em laboratório, e, por fim, a produção de um antiátomo de Hélio na URSS, revelaram a possibilidade da existência de Universos interpenetrados. Dois Universos diferentes, de estruturas contraditórias, podem coexistir num mesmo espaço, sem que um seja normalmente percebido pelo outro. É a prova científica da duplicidade do homem, que em si mesmo, é espírito e matéria. E da duplicidade do mundo que, como dizia Tales de Mileto: "É cheio de deuses". (E deuses, no seu tempo, eram espíritos, seres de condição superior à humana). Se num mundo de antimatéria, pode existir tudo quanto existe no mundo material, apenas em situações diferentes, e se esse mundo interpenetra o da matéria, torna-se explicável cientificamente, a relação do chamado mundo dos mortos com o mundo dos vivos e vice-versa. Jesus ensinou que os mortos ressuscitam e podem comunicar-se com os vivos. E, como costumava fazer, provou essa verdade com a sua própria ressurreição. Mas o corpo ressuscitado de Jesus não tinha as mesmas condições do corpo carnal,

embora pudesse aparentá-las. Esse corpo não estava sujeito às leis da matéria, podia aparecer e desaparecer de maneira estranha. O Apóstolo Paulo explicaria esse problema na sua I Epístola aos Coríntios: "Temos corpo animal e corpo espiritual; planta-se o corpo animal e ressuscita o espiritual. O corpo espiritual é o corpo da ressurreição". Mas, como é feito esse corpo e de que elemento?

Físicos, biofísicos e biólogos soviéticos, designados oficialmente para realizar pesquisas na Universidade de Kirov, no Cazaquistão, sobre a suposta existência de um corpo energético das plantas, dos animais e do homem, conseguiram provar a existência desse corpo. Graças às famosas câmaras Kirilian, de fotografias através de superfícies materiais imantadas com alta-frequência elétrica, viram, fotografaram e filmaram esses corpos energéticos, nos três reinos mencionados. Verificaram mais, que esses corpos são constituídos de plasma físico (o quarto estado da matéria, descoberto pelo pesquisador espírita inglês, o físico William Crookes. O corpo bioplásmico é o corpo da vida. As pesquisas mostraram que no momento da morte o corpo bioplásmico se desprende do corpo material e este se transforma em cadáver. Detectores de pulsações biológicas, provaram a continuidade do corpo bioplásmico após a morte física. É claro que essas pesquisas se tornaram perigosas para o Estado soviético, que se apóia na Filosofia materialista de Karl Marx. O Estado proibiu a exportação dessa descoberta perigosa, e condenou os cientistas que a haviam feito. Mas duas pesquisadoras da Universidade de Prentice Hall (Estados Unidos), já haviam tido acesso ao material das pesquisas e as divulgaram no livro **Descobertas Psíquicas Por Trás da Cortina de Ferro**, já traduzido e publicado no Brasil, pela Editora Cultrix, de São Paulo. Cabe agora aos cientistas ocidentais, darem prosseguimento a essas pesquisas, o que certamente será feito. A vitória cristã, dentro da própria fortaleza soviética, prova mais uma vez a necessidade urgente da revisão cultural do Cristianismo em nosso tempo. Poderão as Igrejas do Cristianismo Oficial impedir o prosseguimento dessas pesquisas? Em nome de quem? De Jesus?

A descoberta do corpo bioplásmico e de suas funções vitais e organizadoras, reduz o corpo material à condição de um robô biológico. Sem ele, o corpo somático não vive, não funciona. Os cientistas soviéticos, se alegraram ao constatar que ele se constitui de um plasma físico, pois isso favorece a concepção materialista do homem. Mas foram forçados a reconhecer que, na sua estrutura plásmica, existem partículas diferenciadas que não puderam ser reconhecidas. A teoria espírita do corpo espiritual, define esse corpo como semi-material, constituído de energias físicas e energias de natureza extra-físicas ou espirituais. Foi por isso que Kardec recusou-lhe o nome tradicional de corpo espiritual, preferindo chamá-lo de perispírito, que equivale a envoltório do espírito, como o perisperma que envolve as sementes vegetais. Quanto às funções, o corpo bioplásmico se identifica inteiramente com o perispírito: É ele que dá vida ao corpo material, que o organiza segundo o seu modelo próprio, que rege todas as suas funções, mantém o seu equilíbrio orgânico e controla a sua higidez. Os cientistas soviéticos verificaram a existência no corpo bioplásmico de sinais que eles chamaram de hieróglifos luminosos e coloridos, que constituem uma espécie de código da saúde do organismo. Segundo eles, é possível obter-se, no exame desse código, como se faz no exame das correntes elétricas do cérebro, através do electroencefalograma, as informações sobre o estado geral do organismo, com a

previsão de desequilíbrios funcionais e doenças futuras. Disso resulta também, a possibilidade de ação curativa através de processos energéticos, o que despertou o interesse dos cientistas pela antiga técnica chinesa da acupuntura. Também a ação da homeopatia e do hipnotismo se torna mais compreensível. Experiências realizadas nos Estados Unidos com animais, para verificar-se a existência de força estruturadora, nas diversas regiões controladoras do corpo animal, deram resultados positivos. Pesquisas telepáticas provaram a possibilidade de ação mental, mesmo à distância, sobre disfunções orgânicas e doenças, inclusive infecciosas.

As pesquisas parapsicológicas, por sua vez, libertaram a Psicologia da sujeição biológica, estabelecendo a distinção entre mente e cérebro. Whately Carrington, da Universidade de Cambridge (Inglaterra), formulou a teoria das estruturas psicônicas, segundo a qual a mente não se constitui de matéria, mas átomos extrafísicos a que chamou de **psícons**. Os Profs. Pratt e Louise Rhine, da Universidade de Duke (EUA), comprovaram a realidade dos **fenômenos teta**, de comunicação mediúnic. G. S. Soal, da Universidade de Londres, e Price, da Universidade de Oxford, comprovaram também a existência dessas comunicações. As gravações de vozes em fitas magnéticas, iniciadas na Suíça, e hoje em estudo e pesquisa em todo o mundo, completam as provas científicas atuais da sobrevivência após a morte do corpo físico, e da possibilidade de comunicações entre o mundo dos espíritos e o nosso mundo material. Essas aberturas científicas, nos levam naturalmente de volta ao **culto pneumático** das origens cristãs, à taumaturgia de Jesus, e dos apóstolos, aos fenômenos de aparições e transfigurações, como o do Tabor, relatado nos Evangelhos. Todo o quadro dos ensinamentos e das demonstrações didáticas de Jesus, rejeitado pelos cientistas como produto de antigas superstições, reaparece nas Ciências atuais através de processos tecnológicos de obtenção, verificação e controle. O problema da reencarnação tornou-se, também, uma questão científica, até mesmo na URSS, onde se destaca o nome do Prof. Wladimir Raikov, da Universidade de Moscou.

A designação de antimatéria para as energias descobertas fora do campo atômico conhecido, estabeleceram a diferenciação metodológica entre dois mundos. Mas a constatação posterior de que essas energias se conjugam com as da matéria, na constituição do Universo, restabeleceram a unidade conceitual e efetiva de um mundo só, dividido em campos diferenciados. Com isso, voltamos à teoria helenística de Plotino, sobre as hipóteses de uma realidade universal única, mas diferenciada na sua estruturação. Para Plotino, a realidade se constituía de camadas superpostas ou planos de existência, que vão desde a matéria do nosso mundo, até a antimatéria dos planos puramente espirituais. Admitia a reencarnação, como o trânsito constante dos seres através desses planos, e dava aos seres humanos a designação de **almas viajoras**. A teoria cristã dos três céus, a que Paulo se refere, compara-se a de Plotino. Em todos os tempos, os homens revelaram a percepção intuitiva dessa realidade múltipla, que atualmente as pesquisas científicas atuais estão comprovando de maneira positiva e rigorosa, graças às novas possibilidades de investigação.

A antimatéria se apresenta como uma espécie de réplica à matéria. As partículas atômicas, que constituem a matéria, têm suas réplicas em partículas semelhantes e contrárias a elas, como se fossem as suas imagens refletidas num

espelho. Por exemplo, o elétron é um dos satélites que giram em torno do núcleo atômico. Essa partícula é dotada de carga negativa. Descobriu-se uma partícula semelhante a ela, mas dotada de carga positiva, à qual se chamou de próton. São consideradas partículas gêmeas ou reflexas. As partículas materiais e as de antimatérias, só diferem entre si no tocante à carga, posição e velocidade. O espaço formado pelas partículas de antimatéria constitui um novo espaço, o que levou os físicos a reconhecerem a existência de outro espaço, no qual existe um outro mundo semelhante e contrário ao nosso. Esta é apenas uma explicação elementar, para dar aos leitores pouco informados a respeito, da idéia de antimatéria. Esse paralelismo sugeriu a existência de mundos ou Universos paralelos no espaço cósmico, pois a produção de antipartículas em laboratório, mostrou que o encontro de uma partícula com uma antipartícula, resultava na explosão de ambas, que se convertiam em **raios gama**. Considerou-se impossível a existência simultânea de matéria e antimatéria num mesmo mundo. Mas a continuação das pesquisas modificou essa hipótese inicial. Passou-se a considerar a possibilidade de coexistência de espaços diferenciados, predominando num deles, a matéria, e no outro, a antimatéria. Teríamos, então, os mundos interpenetrados da teoria espírita, com a diferenciação de planos, como nas hipóteses de Plotino ou como na tradição cristã dos céus superpostos. Recentemente os soviéticos anunciaram a produção de um antiátomo de Hélio em laboratório. O avanço da Física nesse terreno, assemelha-se à epopéia da expansão marítima do século XVI. O mundo se alarga, na proporção em que os navegadores avançam através dos mares misteriosos, desvendando os seus mistérios e descobrindo outras regiões povoadas. A descoberta do corpo bioplásmico, vem completar essa imagem. O perispírito, ou corpo espiritual, poderia ser a forma corpórea da humanidade de um mundo de antimatéria. Cristo encarnado, era um ser material da nossa condição humana. Cristo desencarnado, em sua ressurreição, um ser espiritual, cujo corpo se assemelhava ao que deixara na Terra, mas estruturado ao inverso do outro. A morte não nos aniquila, apenas nos transforma (trans-forma), nos passa de uma forma a outra e de um plano existencial a outro, na dinâmica ainda mal conhecida da realidade em que vivemos.

Todo esse problema, como vimos, ressalta dos ensinamentos e das demonstrações práticas de Jesus de Nazaré. Mas só agora os homens estão se tornando capazes de, como Tomé, tocar com os dedos as chagas do seu corpo ressuscitado, em que o corpo morto se reflete como a imagem invertida das partículas atômicas. Como poderiam as Igrejas Cristãs enfrentar esta hora de transformação de um novo mundo, sob a carga mágica e mitológica dos seus dogmas e sacramentos? A grandeza conceitual do Cristianismo do Cristo, não cabe no diminuto espaço das mentes atulhadas de resíduos mágicos e míticos. Temos de fazer com urgência, a revisão de nossas posições cristãs. Os astronautas já avançam no espaço cósmico, os cientistas mergulham sem escafandro nas profundezas do Poço da Verdade, dispostos a trazê-la nua e pura à superfície do planeta, calcinado pelo fogo da mentira, da ambição e da impiedade. Esta é uma hora de reflexão, entre as imagens refletidas nos espelhos da História.

Livro: Emmanuel (Espírito Emmanuel)

XXII - FLUIDOS MATERIAIS E FLUIDOS ESPIRITUAIS

1º - Serão os fluidos correntes de electrônios?

2º - Serão essas correntes de duas naturezas – uma para atuar sobre a matéria e outra sobre o Espírito preso a essa matéria?

3º - A corrente espiritual será formada pelas ondas eletrônicas?

4º - O electrônio da corrente espiritual será o mesmo da corrente material?

1º – A ciência terrestre classifica o electrônio como a derradeira unidade de matéria, de carga elétrica negativa. No mundo do Infinitesimal, porém, temos um caminho ilimitado e progressivo a percorrer.

O homem, diante da incapacidade da sua estrutura e em face da sua zona sensorial limitada, não consegue ir além, no labirinto de segredos do microcosmo e, para que nos façamos entendidos, não podemos convir convosco em que os fluidos, de um modo geral, sejam correntes de electrônios, ainda mesmo considerando-se a necessidade de representar-se, com essa unidade, uma base para a vossa possibilidade de compreensão e de análise, porque os electrônios são ainda expressões de matéria em estado de grande rarefação.

2º, 3º e 4º – Embora sintéticas, pela sua construção fraseológica, essas proposições são bastante complexas em si mesmas.

As correntes de fluidos espirituais têm a sua organização particular e estão aptas a determinar a transformação das correntes de força material, em qualquer circunstância. Seria aconselhável nunca se confundir as ondas eletrônicas com os fluidos de natureza espiritual. A matéria, atingindo sublimidades de quintessência, quase se confunde no plano puro do espírito, constituindo tarefa difícil para o eletromagnetismo positivar onde termina uma e onde começa outro.

Ainda agora, os cientistas, investigando a natureza da radioatividade em todos os corpos da matéria viva, perguntam ansiosos qual a fonte permanente e inesgotável onde os corpos absorvem, incessante e automaticamente, os elementos necessários a essa perene e inextinguível irradiação. No que se refere às ondas eletrônicas ou aos elementos radioativos da matéria em si mesma, essa fonte reside, sem dúvida, na energia solar, que vitaliza todo o organismo planetário. O orbe terrestre é um grande magneto, governado pelas forças positivas do Sol. Toda matéria tangível representa uma condensação de energia dessas forças sobre o planeta e essa condensação se verifica debaixo da influência organizadora do princípio espiritual, preexistindo a todas as combinações químicas e moleculares. É a alma das coisas e dos seres o elemento que influi no problema das formas, segundo a posição evolutiva de cada unidade individual.

Todas as correntes eletrônicas, portanto, ou ondas de matéria rarefeita, são elementos subordinados às correntes de fluidos ou vibrações espirituais; aquelas são os instrumentos passivos, estas as forças ativas e renovadoras do Universo.

Os corpos terrestres encontram no Sol a fonte mantenedora de suas substâncias radioativas, mas todas essas correntes de energia são inconscientes e passivas. Os Espíritos, por sua vez, encontram em Deus a fonte suprema de todas as suas forças, em perene evolução, no drama dinâmico dos sistemas. As correntes fluídicas no mundo espiritual são, pois, vibrações da alma consciente, dentro da sua gloriosa imortalidade.

Concluimos, assim, que há fluidos materiais e fluidos espirituais; que os primeiros são elementos inconscientes e passivos e os últimos a força eterna e transformadora dos mundos, salientando-se que uma só lei rege a vida, em sua identidade substancial. Nas ondas electrônicas, filhas da energia solar, chama-se-lhe afinidade, magnetismo, atração, e, nas correntes de fluidos espirituais, filhas da alma, partícula divina, chama-se-lhe misericórdia, simpatia, piedade e amor. Nessa lei única, que liga a Criação ao seu Criador e da qual estudamos os fenômenos isolados, desenrola-se o drama da evolução do espírito imortal.

*

XXIII - A SAÚDE HUMANA

Justifica-se o esforço dos experimentadores da medicina tentando descobrir um caminho novo para atenuar a miséria humana; todavia, sem abstrairmos das diretrizes espirituais, que orientam os fenômenos patogênicos nas questões das provas individuais, temos necessidade de reconhecer a imprescindibilidade da saúde moral, antes de atacarmos o enigma doloroso e transcendente das enfermidades físicas do homem.

A RENOVAÇÃO DOS MÉTODOS DE CURA

Em todos os séculos tem-se estudado o problema da saúde humana.

Até à metade do século XVIII, admitia-se plenamente a medicina da Idade Média que, por sua vez, representava quase integralmente o mesmo processo de cura dos egípcios, na antiguidade. Todas as moléstias eram atribuídas à vacilação dos humores (líquidos viciados do corpo), baseando-se a maior parte dos métodos terapêuticos na sangria e nas substâncias purgativas. No século XIX, as grandes descobertas científicas eliminaram esses antigos conhecimentos. Os aparelhos de laboratório perquirindo o mundo obscuro e vastíssimo da microbiologia, as novas teses anatomopatológicas, apresentadas pelos estudiosos do assunto, estabelecem, com a severidade das análises, que as moléstias residem na modificação das partes sólidas do organismo, abandonando-se a teoria da alteração dos humores. Os médicos esqueceram, então, o estudo dos líquidos viciados do corpo, concentrando atenções e pesquisas na lesão orgânica, criando novos métodos de cura.

OS PROBLEMAS CLÍNICOS INQUIETANTES

Não obstante a nobreza e a sublimidade da missão de quantos se entregam ao sagrado labor de aliviar as amarguras alheias aí no mundo, reconhecemos que muitos estudiosos perdem um tempo precioso, mergulhados na discussão de mesquinhas rivalidades profissionais, quando não se acham atolados no pântano dos interesses exclusivistas e particulares, desconhecendo a grandiosidade espiritual do seu sacerdócio.

O que se torna altamente necessário nos tempos modernos é reconhecer-se, acima de todos os processos artificiais de cura da atualidade, o método indispensável da medicina natural, com suas potencialidades infinitas.

Analisando-se todos os descobrimentos notáveis dos sistemas terapêuticos dos vossos dias, orientados pelas doutrinas mais avançadas, em virtude dos novos conhecimentos humanos com respeito à bacteriologia, à biologia, à química, etc., reconhecemos que, com exceção da cirurgia, que teve com Ambroise Paré, e outros inteligentes cirurgiões de guerra, o mais amplo dos desenvolvimentos, pouco têm adiantado os homens na solução dos problemas da cura, dentro dos dispositivos da medicina artificial por eles inventada. Apesar do concurso precioso do microscópio, existem hoje questões clínicas tão inquietantes, como há duzentos anos. Os progressos regulares que se verificam na questão angustiosíssima do câncer e da lepra, da tuberculose e de outras enfermidades contagiosas, não foram além das medidas preconizadas pela medicina natural, baseadas na profilaxia e na higiene. Os investigadores puderam vislumbrar o mundo microbiano sem saber eliminá-lo. Se foi possível devassar o mistério da Natureza, a mentalidade humana ainda não conseguiu apreender o mecanismo das suas leis. É que os estudiosos, com poucas exceções, se satisfazem com o mundo aparente das formas, demorando-se nas expressões exteriores, incapazes de uma excursão espiritual no domínio das origens profundas. Sondam os fenômenos sem lhes auscultarem as causas divinas.

MEDICINA ESPIRITUAL

A saúde humana nunca será o produto de comprimidos, de anestésicos, de soros, de alimentação artificialíssima. O homem terá de voltar os olhos para a terapêutica natural, que reside em si mesmo, na sua personalidade e no seu meio ambiente. Há necessidade, nos tempos atuais, de se extinguirem os absurdos da “fisiologia dirigida”. A medicina precisa criar os processos naturais de equilíbrio psíquico, em cujo organismo, se bem que remoto para as suas atividades anatômicas, se localizam todas as causas dos fenômenos orgânicos tangíveis. A medicina do futuro terá de ser eminentemente espiritual, posição difícil de ser atualmente alcançada, em razão da febre maldita do ouro; mas os apóstolos dessas realidades grandiosas não tardarão a surgir nos horizontes acadêmicos do mundo, testemunhando o novo ciclo evolutivo da Humanidade. O estado precário da saúde dos homens, nos dias que passam, tem o seu ascendente na longa série de abusos individuais e coletivos das criaturas, desviadas da lei sábia e justa da Natureza. A Civilização, na sua sede de bem-estar, parece haver homologado todos os vícios da alimentação, dos costumes, do sexo e do trabalho. Todavia, os homens caminham para as mais profundas sínteses espirituais. A máquina, que estabeleceu tanta miséria no mundo, suprimindo o operário e intensificando a facilidade da produção, há de trazer, igualmente, uma nova concepção da civilização que multiplicou os requintes do gosto humano, complicando os problemas de saúde; há de ensinar às criaturas a maneira de viverem em harmonia com a Natureza. (*Nota de José Fleuri Queiroz: ...quando o tempo economizado do trabalho, pelo uso das máquinas, for aplicado nos estudos transcendentais do Espiritismo teremos, então, atingido essa compreensão!*)

O MUNDO MARCHA PARA A SÍNTESE

Marcha-se para a síntese (síntese: resumo; generalização; agrupamento de fatos particulares em um todo que os abrange e os resume, numa visão geral) e não deve causar surpresa a ninguém a minha assertiva de que não vos achais na época em que a ciência prática da vida vos ensinará o método do equilíbrio perfeito, em matéria de saúde. Os corpos humanos serão alimentados, segundo as suas necessidades especiais, sem dispêndio excessivo de energias orgânicas. As proteínas, os hidratos de carbono e as gorduras, que constituem as matérias-primas para a produção de calorías necessárias à conservação do vosso corpo e que representam o celeiro das economias físicas do vosso organismo, não serão tomados de maneira a prejudicar-se o metabolismo, estabelecendo-se, dessa forma, uma harmonia perfeita no complexo celular da vossa personalidade tangível, harmonia essa que perdurará até o fenômeno da desencarnação.

Mas, todas essas exposições objetivam a necessidade de aplicarmos largamente as nossas possibilidades na solução dos problemas humanos para a melhoria do futuro.

É verdade que, por muito tempo ainda, teremos, em oposição ao nosso idealismo, a questão do interesse e do dinheiro, porém, trabalhemos confiantes na misericórdia divina.

Emprestemos o nosso concurso a todas as iniciativas que nobilitem o penoso esforço das coletividades humanas, e não olvidemos que todo bem praticado reverterá em benefício da nossa própria individualidade.

Trabalhemos sempre com o pensamento voltado para Jesus, reconhecendo que a preguiça, a suscetibilidade e a impaciência nunca foram atributos das almas desassombradas e valorosas.

*

XXIV - O CORPO ESPIRITUAL

De todos os fenômenos da vida, os que se apresentam ao raio visual da ciência humana, mantenedores do seu entretenimento, são os da assimilação e de-sassimilação; todavia, os que afetam mais particularmente a percepção do homem não são os da atividade vital em si mesma, consubstanciados nas sínteses orgânicas assimiladoras, mas justamente os fenômenos da morte. É um axioma fisiológico a extinção das células que constituem o suporte de todas as manifestações e apenas fazeis geralmente uma idéia da vida por intermédio desses movimentos destruidores.

A VIDA CORPORAL – EXPRESSÃO DA MORTE

Quando, no homem ou nos irracionais, um gesto se opera, a Natureza determina o desaparecimento de certa percentagem de substância da economia vital; quando a sensibilidade se exterioriza e os pensamentos se manifestam, eis que os nervos se consomem, gastando-se o cérebro em suas atividades funcionais.

A vida corporal é bem a expressão da morte, através da qual efetuais as vossas observações e os vossos estudos.

Não dispodes, dentro da exigüidade dos vossos sentidos, senão de elementos constatadores da perda de energia, da luta vital, dos conflitos que se estabelecem para que os seres se mantenham no seu próprio habitat.

A vida, em suas causalidades profundas, escapa aos vossos escalpelos e apenas o embriologista observa, no silêncio da penumbra, infinitésima fração do fenômeno assimilatório das criações orgânicas.

INACESSIVEL AOS PROCESSOS DA INDAGAÇÃO CIENTÍFICA

Segundo os dados da vossa fisiologia, a célula primitiva é comum a todos os seres vertebrados e espanta ao embriólogo a lei organogênica que estabelece a idéia diretora do desenvolvimento fetal, desde a união do espermatozoário ao óvulo, especificando os elementos amorfos do protoplasma; nos domínios da vida, essa idéia diretriz conserva-se inacessível até hoje aos vossos processos de indagação e de análise, porquanto esse desenho invisível não está subordinado a nenhuma determinação físico-química, porém, unicamente ao corpo espiritual preexistente, em cujo molde se realizam todas as ações plásticas da organização, e sob cuja influência se efetuam todos os fenômenos endosmóticos. O organismo fluídico, caracterizado por seus elementos imutáveis, é o assimilador das forças protoplasmáticas, o mantenedor da aglutinação molecular que organiza as configurações típicas de cada espécie, incorporando-se, átomo por átomo, à matéria do germe e dirigindo-a segundo a sua natureza particular.

RESPONDENDO ÀS OBJEÇÕES

Algumas objeções científicas têm sido apresentadas à teoria irrefutável do corpo espiritual preexistente, destacando-se entre elas, por mais digna de exame, a hereditariedade, a qual somente deve ser ponderável sob o ponto de vista fisiológico. Todos os tipos de reino mineral, vegetal, animal, incluindo-se o hominal, organizam-se segundo as disposições dos seus precedentes ancestrais, dos quais herdamos, naturalmente, pela lei das afinidades, a sua sanidade ou os seus defeitos de origem orgânica, unicamente.

De todos os estudos referentes ao assunto, em vossa época, salienta-se a teoria darwiniana das gêmulas, corpúsculos infinitesimais que se transmitem pela vida seminal aos elementos geradores, contendo na matéria embrionária disposição de todas as moléculas do corpo, as quais se reproduzem dentro de cada espécie. A maioria das moléstias, inclusive a dipsomania (propensão mórbida ao uso de bebidas alcoólicas), é transmissível; porém, isso não implica um fatalismo biológico que engendre o infortúnio dos seres, porque inúmeros Espíritos, em traçando o mapa do seu destino, buscam, com o escolher determinado instrumento, alargar as suas possibilidades de triunfo sobre a matéria, como um fato decorrente das severas leis morais, que, como no ambiente terrestre, prevalecem no mundo espiritual, o que não nos cabe discutir neste estudo.

Não obstante a preponderância dos fatores físicos nas funções procriadoras, é totalmente inaceitável e descabido o atavismo psicológico, hipótese aventada pelos desconhecedores da profunda independência da individualidade espiritual, hipótese que reveste a matéria de poderes que nunca ela possuiu em sua condição de passividade característica.

Reconhecendo-se, pois, a veracidade da argumentação de quantos aceitam a hereditariedade fisiológica nos fenômenos da procriação, representando cada ser o organismo que provêm por filiação, afastemos a hipótese da hereditariedade psicológica, porquanto, espiritualmente, temos a considerar, apenas, ao lado da influência ambiente, a afinidade sentimental.

ATRAVÉS DOS ESCANINHOS DO UNIVERSO ORGÂNICO

De todas as funções gerais que caracterizam os seres vivos, somente os fenômenos de nutrição podem ser estudados pela perquirição científica e, mesmo assim, imperfeitamente. Além das operações comuns, que se efetuam automaticamente, há uma força inerente aos corpos organizados, que mantém coesas as personalidades celulares, sustentando-se dentro das particularidades de cada órgão, presidindo aos fenômenos partenogenéticos de sua evolução, substituindo, através da segmentação, quantas delas se consomem nas secreções glandulares, no trabalho mantenedor da atividade orgânica.

Essa força é o que denominais princípio vital, essência fundamental que regula a existência das células vivas, e no qual elas se banham constantemente, encontrando assim a sua necessária nutrição, força que se encontra esparsa por todos os escaninhos do universo orgânico, combinada às substâncias minerais, azotadas e ternárias, operando os atos nutritivos de todas as moléculas. O princípio vital é o agente entre o corpo espiritual, fonte de energia e da vontade, e a matéria passiva, inerente às faculdades superiores do Espírito, que o adapta segundo as forças cósmicas que constituem as leis físicas de cada plano de existência, proporcionando essa adaptação às suas necessidades intrínsecas.

Essa força ativa e regeneradora, de cujo enfraquecimento decorre a ausência de tônus vital, precursor da destruição orgânica, é simplesmente a ação criadora e plasmadora do corpo espiritual sobre os elementos físicos.

O SANTUÁRIO DA MEMÓRIA

O corpo espiritual não retém somente a prerrogativa de constituir a fonte da misteriosa força plástica da vida, a qual opera a oxidação orgânica; é também ele a sede das faculdades, dos sentimentos, da inteligência e, sobretudo o santuário da memória, em que o ser encontra os elementos comprobatórios da sua identidade, através de todas as mutações e transformações da matéria.

O PRODIGIOSO ALQUIMISTA

Todas as células orgânicas renovam-se incessantemente; e como poderia a criatura conhecer-se entre essas continuadas transsubstanciações? Para que se manifeste o pensamento – que desconhece as glândulas que o segregam, porquanto constitui a vibração do corpo espiritual dentro de sua profunda consciência – quantas células se consomem e se queimam?

O cérebro assemelha-se a complicado laboratório onde o espírito, prodigioso alquimista, efetua inimagináveis associações atômicas e moleculares, necessárias às exteriorizações inteligentes.

É ainda, pois, ao corpo espiritual que se deve a maravilha da memória, misteriosa chapa fotográfica, onde tudo se grava, sem que os menores coloridos das imagens se confundam entre si.

ALMA E CORPO

Tem-se procurado explicar, pela prática dos neurologistas, toda a classe de fenômenos intelectuais, através das ações combinadas do sistema nervoso; e, de fato, a Ciência atingiu certezas irrefutáveis, como, por exemplo, a de que uma lesão orgânica faz cessar a manifestação que lhe corresponde e que a destruição de uma rede nervosa faz desaparecer uma faculdade.

Semelhante asserto, porém, não afasta a verdade da influência de ordem espiritual e invisível, porque se faz mister compreender, não a alma insulada do corpo, mas ligada a esse corpo, o qual representa a sua forma objetivada, com um aglomerado de matérias imprescindíveis à sua condição de tangibilidade, animadas pela sua vontade e por seus atributos imortais.

Algumas escolas filosóficas fizeram da alma uma abstração, mas a psicologia moderna restabeleceu a verdade, unindo os elementos psíquicos aos materiais, reconhecendo no corpo a representação da alma, representação material necessária, segundo as leis físicas imperantes na Terra, as quais colocaram no sensorio o limite das percepções humanas, que são exíguas em relação ao número ilimitado das vibrações da vida, que para elas se conservam inapreensíveis.

É, pois, o corpo espiritual a alma fisiológica, assimilando a matéria ao seu molde, à sua estrutura, a fim de materializar-se no mundo palpável. Sem ele, a fecundação constaria de uma composição amorfa e todas as manifestações inteligentes e sábias da Natureza, que para todos nós devem significar a expressão da vontade divina, constituiriam uma série de atos irregulares e incompreensíveis, sem objetivo determinado.

A EVOLUÇÃO INFINITA

E como se tem operado a evolução do corpo espiritual?

Remontai ao caos telúrico do vosso Globo nas épocas primárias.

Cessadas as perturbações geológicas, estabelecido o repouso em algumas grandes extensões de matéria resfriada, eis que, entre as forças cósmicas associadas, aparece o primeiro rudimento de vida organizada – o protoplasma. Eis que os séculos se escoam... eis as amebas, os zoófitos, os seres monstruosos das profundidades submarinas...Recapitulemos os milênios passados e acharemos a nossa própria história; a individualidade, o nosso “ego” constitui o nosso maior triunfo. E, chegados ao raciocínio e ao sentimento da Humanidade, através de vidas inumeráveis, teremos atingido o zênite da nossa evolução anímica? Não. Se nos achamos acima dos nossos semelhantes inferiores – os irracionais -, acima de nós se encontram os seres superiores da espiritualidade, que se hierarquizam ao infinito e cuja perfeição nos compete alcançar.

*

XXV - OS PODERES DO ESPÍRITO

Grande será o dia em que todos os homens reconhecerem sobre a matéria a soberana influência do Espírito.

Toda a imensa bagagem de progresso das civilizações não se fez sem o princípio espiritual: dele, as menores coisas dependeram, como ainda dependem;

do seu reconhecimento, por parte de quantos habitam o orbe, advirão os resplendores da época de luz e de esclarecimento.

Esse tempo há de assinalar a época da crença pura e reconfortadora das almas, como manancial de esperanças; só esse surto de espiritualidade pode vivificar as construções religiosas, combatidas atualmente pelos abusos da grande maioria dos seus expositores, que, traindo os seus compromissos, se desviaram do píncaro luminoso do exemplo para o chavascal de mesquinhas materialidades.

OS MENDIGOS DA SABEDORIA

Nos últimos tempos, a sede humana de saber o que existe além da Terra tem feito com que o homem engendre as mais fantasiosas teorias concernentes aos mistérios do ser e do destino, sobre o orbe terreno; no afã de estraçalhar os véus espessos que cobrem os enigmas da sua evolução, muitos foram os que descambaram para terrenos perigosos, onde encontram, apenas, os espinhos do ateísmo dissolvente. Esses Espíritos que, torturados com os problemas da vida, aí se entregam à criação de engenhosos sistemas, afiguram-se-nos desesperados à porta da sabedoria, orgulhosos na sua impotência e na sua incapacidade.

Muitos deles, anos e anos, persistem no mesmo trabalho e no mesmo esforço, alegando não terem encontrado o espírito em suas indagações científicas, abandonando a vida material com um passado que os enobrece pela atividade, bem-intencionada, por eles despendida, mas desolados, em reconhecendo infrutuosos os seus esforços, que outra coisa não conseguiram senão lançar a descrença e a confusão nas almas.

A INSUFICIÊNCIA SENSORIAL

Reconhecem, então, a insuficiência sensorial que lhes obstava a compreensão do verdadeiro panorama da vida, no seu desdobramento universal; sentem a exigüidade dos sentidos do homem carnal e a relatividade de suas funções, ao penetrarem no domínio de vibrações que se lhes conservaram inacessíveis, chegando à conclusão de que as filosofias não podem ser substituídas pelas ciências positivas, e que sobre o mundo físico e objetivo paira uma região transcendente, onde a investigação não se pode fazer sentir, à falta de elementos de ordem material.

A INÚTIL TENTATIVA

É inútil a tentativa de afastamento do Espírito na obra da evolução terrena. É ele, desde os primórdios da Civilização, a alma de todas as realizações; e indestrutível é a doutrina biológica do vitalismo, porque o sistema do monismo e o mecanicismo da seleção natural, se satisfazem a algumas questões insuladas, não resolvem os problemas mais importantes da vida.

O princípio das espécies, a origem dos instintos, as organizações primitivas das raças, das sociedades e das leis, só as teorias espiritualistas explicam satisfatoriamente.

TUDO É VIBRAÇÃO ESPIRITUAL

Já não nos referindo aos poderes plásticos do Espírito, no tocante às questões fisiológicas, quais sejam as dos fenômenos osmóticos, a autonomia de certos órgãos que parecem independentes na sua ação dentro do organismo, o trabalho da célula que fabrica a antitoxina apta a destruir o micróbio que a ataca, a estrutura do princípio fetal, os sinais de nascença que a Ciência tem negado, baseando-se na ausência de ligação nervosa entre o feto e o organismo materno, desçamos ao mundo zootécnico. Somente a intervenção do princípio espiritual explica as metamorfoses dos insetos, o mimetismo, como o embrião dos instintos e das possibilidades do futuro. Tudo, nos domínios da matéria, se concatena e se reúne, sob a orientação de um princípio estranho às suas qualidades amorfas.

A MATÉRIA

A matéria não organiza, é organizada. E não representa senão uma modalidade da energia esparsa no Universo. Os seus elementos não fazem outra coisa senão submeter-se às injunções do Espírito; e é a soberana influência deste último que elucida todos os problemas intrincados dos seres e dos destinos, É ao seu apelo, cedendo aos seus desejos, que todas as matérias brutas se vêm rarefazendo, oferecendo aspectos novos e delicados. A Civilização, as conquistas científicas e as concepções religiosas representam o fruto dos labores dos Espíritos que, na Terra, se iniciaram nos trabalhos que regeneram e aperfeiçoam. O que lhes compete, na atualidade é o não estacionamento nos domínios conquistados, laborando para que os ideais de justiça, de verdade e de paz se concretizem na face do orbe. É nessa tarefa bendita que devem concentrar os seus esforços para que o planeta terrestre não veja sucumbir, na aluvião de insânias das guerras, o seu patrimônio de progressos, obtidos à custa de trabalhos penosos e ingentes sacrifícios.

*

XXVI - OS TEMPOS DO CONSOLADOR

A permissão de Deus para que nos manifestássemos ostensivamente, entre os agrupamentos dos nossos irmãos encarnados, chegou, justamente, a seu tempo, quando o espírito humano despido das vestes da puberdade, com o juízo amadurecido para assimilar algo da Verdade, tateava entre vacilações e incertezas, estabelecidas pela investigação da Ciência, sem conseguir adaptar-se ao demasiado simbolismo das idéias religiosas, latentes na alma humana, desde os tempos primevos dos trogloditas.

Justamente na época requerida, consoante as profecias do Divino Mestre, derramou-se da sua luz sobre toda a carne, e os emissários do Alto, segundo as suas possibilidades e aos méritos individuais, têm auxiliado a ascensão dos conhecimentos humanos para os planos elevados da espiritualidade.

A CONCEPÇÃO DA DIVINDADE

Desde as eras primárias da Civilização, a idéia de um poder superior, interferindo nas questões mundanas, vem guiando o homem através dos seus caminhos e a Religião sempre constituiu o maior fator da moral social, se bem que

apresentasse a divindade à semelhança do homem, em seus ensinamentos exotéricos.

O Cristianismo, inaugurando um novo ciclo de progresso espiritual, renovou as concepções de Deus no seio das idéias religiosas; todavia, após a sua propagação, várias foram as interpretações escriturísticas, dando azo a que as facções sectaristas tentassem isoladamente, ser as suas únicas representantes; a Igreja Católica e as numerosas seitas protestantes, nascidas do ambiente por ela formado, têm levado longe a luta religiosa, esquecidas de que a Providência Divina é Amor. Estabeleceram com a sua acanhada hermenêutica os dogmas de fé, nutrindo-se das fortunas iníquas a que se referem os Evangelhos, prejudicando os necessitados e os infelizes.

A FÉ ANTE A CIÊNCIA

Mas, como o progresso não conhece obstáculos, os artigos de fé equivale-ram a estagnações isoladas. Se conseguiram satisfazer à Humanidade em um período mais ou menos remoto da sua evolução, caducaram desde que o laboratório obscureceu a sacristia.

A Ciência desvendou ao espírito humano as perspectivas inconcebíveis do Infinito; o telescópio descortinou a grandeza do Universo e os novos conhecimentos cosmogônicos demandaram outra concepção do Criador. Desvendando, paulatinamente, as sublimes grandiosidades da natureza invisível, a Ciência embriagou-se com a beleza de tão lindos mistérios e estabeleceu o caminho positivo para encontrar Deus, como descobrira o mundo microbiano, ao preço de acuradas perquirições. É que a Divindade das religiões vigentes era defeituosa e deformada pelos seus atributos exclusivamente humanos; as igrejas estavam acorrentadas ao dogmatismo e escravizadas aos interesses do mundo. A confusão estabeleceu-se. Foi quando o Espiritismo fez sentir mais claramente a grandeza do seu ensinamento, dirigindo-se não só ao coração, mas igualmente ao raciocínio. O céu descerrou um fragmento do seu mistério e a voz dos Espaços se fez ouvir.

OS ESCLARECIMENTOS DO ESPIRITISMO

Foi assim que a religião da verdade surgiu na Terra, no momento oportuno. As Igrejas estagnadas encontravam-se no obsoletismo, incapazes de sancionar as idéias novas, vivendo quase que exclusivamente das suas características de materialidade e do seu simbolismo, terminado o tempo de sua necessária influência no mundo. As conquistas científicas não se coadunavam com o espírito dogmático, e o Espiritismo, com as suas lições magníficas, alargou infinitamente a perspectiva da vida universal. Explicando e provando que a existência não se observa somente na face da Terra opaca e cheia de dores.

Há céus inumeráveis e inumeráveis mundos onde a vida palpita numa eterna mocidade; todos eles se encadeiam, se abraçam dentro do magnetismo universal, vivificados pela luz, imagem real da alma Divina, presente em toda parte.

A carne é uma vestimenta temporária, organizada segundo a vibração espiritual, e essa mesma vibração esclarece todos os enigmas da matéria.

NÓS VIVEREMOS ETERNAMENTE

A Doutrina dos Espíritos, pois, veio desvendar ao homem o panorama da sua evolução e esclarecê-lo no problema das suas responsabilidades, porque a vida não é privilégio da Terra obscura, mas a manifestação do Criador em todos os recantos do Universo.

Nós viveremos eternamente, através do Infinito e o conhecimento da imortalidade expõe os nossos deveres de solidariedade para com todos os seres, em nosso caminho; por esta razão, a Doutrina Espiritista é uma síntese gloriosa de fraternidade e de amor. O seu grande objeto é esclarecer a inteligência humana.

Oxalá possam os homens compreender a excelsitude do ensinamento dos Espíritos e aproveitar o fruto bendito das suas experiências; com o entendimento esclarecido, interpretarão com fidelidade o “Amai-vos uns aos outros”, em sua profunda significação.

Os instrutores dos planos espirituais, em que nos achamos, regozijam-se com todos os triunfos da vossa ciência, porque toda conquista importa em grande e abençoado esforço e, pelo trabalho perseverante, o homem conhecerá todas as leis que lhe presidem ao destino.

*

XXXIII - QUATRO QUESTÕES DE FILOSOFIA

DETERMINISMO E LIVRE-ARBÍTRIO

Pergunta – O futuro, de um modo geral, estará rigorosamente determinado, como parece demonstrado pelos fenômenos ditos premonitórios, ou esses fenômenos envolvem um determinismo conciliável com os dados imediatos da consciência sobre os quais são geralmente estabelecidas as noções de liberdade e responsabilidade individuais? E em que termos, nestes últimos casos, se exerce esse determinismo, do ponto de vista teleológico?

Resposta – Os seres da minha esfera não conhecem o futuro, nem podem interferir nas coisas que lhe pertencem. Acreditamos, todavia, que o porvir, sem estar rigorosamente determinado, está previsto nas suas linhas gerais.

Imaginei um homem que fosse efetuar uma viagem. Todo o seu trajeto está previsto: dia de partida, caminhos, etapas, dia de chegada. Todas as atividades, contudo, no transcurso da viagem, estão afetas ao viajante, que se pode desviar ou não do roteiro traçado, segundo os ditames da sua vontade. Daí se infere que o livre-arbítrio é lei irrevogável na esfera individual, perfeitamente separável das questões do destino, anteriormente preparado. Os atos premonitórios são sempre dirigidos por entidades superiores, que procuram demonstrar a verdade de que a criatura não se reduz a um complexo de oxigênio, fosfato, etc., e que, além das percepções limitadas do homem físico, estão as faculdades superiores do homem transcendente.

O TEMPO E O ESPAÇO

Pergunta – O espaço e o tempo serão apenas formas viciosas do intelecto, ou terão uma expressão objetiva no esquema da realidade pura? E, neste último caso, quais serão as relações fundamentais entre espaço e tempo?

Resposta – No esquema das realidades eternas e absolutas, tempo e espaço não têm expressões objetivas; se são propriamente formas viciosas do vosso intelecto, elas são precisas ao homem como expressões de controle dos fenômenos da sua existência. As figuras, em cada plano de aperfeiçoamento da vida, são correspondentes à organização através da qual o Espírito se manifesta.

ESPÍRITO E MATERIA

Pergunta – Será lícito considerar-se espírito e matéria como dois estados alotrópicos de um só elemento primordial, de maneira a obter-se a conciliação das duas escolas perpetuamente em luta, dualista e monista, chegando-se a uma concepção unitária do Universo?

Resposta – É lícito considerar-se espírito e matéria como estados diversos de uma essência imutável, chegando-se dessa forma a estabelecer a unidade substancial do Universo. Dentro, porém, desse monismo físico-psíquico, perfeitamente conciliável com a doutrina dualista, faz-se preciso considerar a matéria como o estado negativo e o espírito como o estado positivo dessa substância. O ponto de integração dos dois elementos estreitamente unidos em todos os planos do nosso relativo conhecimento, ainda não o encontramos.

A ciência terrena, no estudo das vibrações, chegará a conceber a unidade de todas as forças físicas e psíquicas do Universo. O homem, porém, terá sempre um limite nas suas investigações sobre a matéria e o movimento. Esse limite é determinado por leis sábias e justas, mas, cientificamente poderemos classificar esse estado inibitório como oriundo da estrutura do seu olho e da insuficiência das suas faculdades sensoriais.

O PRINCÍPIO DE UNIDADE

Pergunta – Todos nós temos consciência dos princípios de unidade e variação, ou de universalidade e individualidade, que funcionam juntos em nosso mundo. Onde se encontra o ponto de interação, ou lugar de reunião desses dois termos opostos?

Resposta – Se temos aí consciência dos princípios de unidade e variação, ainda aqui os observamos, sem haver descoberto o seu ponto íntimo de união.

Todavia, o princípio soberano de unidade absorve todas as variações, crendo nós que, sem perdermos a consciência individual no transcurso dos milênios, chegaremos a reunir-nos no grande princípio da unidade, que é a perfeição.

*

XXXIV - VOZES NO DESERTO

A psicologia dos tempos modernos, no planeta terrestre, apresenta as questões mais interessantes à observação das inteligências atiladas e estudiosas dos problemas sérios da vida.

Todos os sociólogos falam da necessidade de providências que amparem os homens, à beira dos abismos escuros do morticínio e da destruição.

Ante o domínio das crises de toda natureza, foi na Europa que começaram os clamores e as exortações. Todos os analistas dos problemas sociais falaram em morte da Civilização, em necessidades imperiosas dos povos, em doutrinas novas de revigoramento das coletividades, dentro do propósito de solucionar as suas questões econômicas. No exame de quase todos os problemas desse jaez, solicitou-se a colaboração da Sociedade de Genebra, com objetivo da cooperação necessária de todos os países. Surgiram, então, regimes de experiência, em que, na atualidade, assistimos às atividades dos manipuladores das massas. E nesses mesmos clamores transportam-se à Ásia. Enquanto a China preferia descansar no seio das suas tradições, o Japão estabelecia um pacto de cooperação com o Ocidente, organizava tratados e entendimentos, criando, apressadamente, a sua hegemonia pelas armas, com a doutrina da unidade asiática.

Todas as nações organizadas da Europa e do Oriente se queixam da superlotação e da necessidade de colônias. Os clamores então se transportam igualmente para a América, que, se já sofria os funestos efeitos da inquietude do mundo, sentia-se na obrigação de salvaguardar os seus imensos patrimônios territoriais e as suas não menores possibilidades econômicas, contra possíveis avanços do imperialismo político e da pilhagem das grandes potências. As místicas nacionalistas são então exaltadas. Alguns artistas do pensamento se vendem à exibição e à falsa glória do Estado e, como D'Annunzio, abençoam os ventres maternos que tiveram a ventura de gerar um soldado para os massacres da pátria e exaltam o adolescente que encontrou numa ponta de baioneta o seu primeiro e último amor.

A verdade, porém, é que os esforços de todos os estudiosos do assunto não têm passado de um jogo deslumbrante de palavras.

Há muitos anos se fala que o mundo necessita de paz. Entretanto, talvez que a corrida armamentista de agora exceda a de 1914. Todos os países organizam as suas armadas, as suas frotas aéreas e os seus exércitos mecanizados, com todos os requisitos estratégicos, isto é, integrados no conhecimento de toda a tecnologia moderna e com a guerra química, na qualidade de complemento indispensável das atividades bélicas de cada nação.

Há muitos anos se fala da necessidade de um entendimento econômico entre todos os países. Cada vez mais, porém, complica-se a questão com as doutrinas do isolamento, com as barreiras alfandegárias, oriundas do nacionalismo de incompreensão, com a ausência formal de qualquer colaboração e com princípios absurdos que vão paralisando milhões de braços para o trabalho construtor, gerando a miséria, a desarmonia e a morte.

A cultura moderna sai a campo para pregar as necessidades dos tempos. Escritores, artistas, homens do pensamento, reformistas, falam exaltadamente da regeneração esperada; condenam a sociedade, de cujos erros participam todos os dias, fazem a exposição das angústias da época, relacionam as suas necessidades, mas, se as criaturas bem-intencionadas lhes perguntam sobre a maneira mais fácil de socorrer o homem aflito dos tempos atuais, essas vozes se calam

ou se tornam incompreensíveis, no domínio das sugestões duvidosas e das hipóteses inverossímeis.

É que o espírito humano está esgotado com todos os recursos das reformas exteriores. Para que a fórmula da felicidade não seja uma banalidade vulgar, é preciso que a criatura terrestre ouça aquela voz – “aprendei de mim que sou manso e humilde de coração”.

Os reformadores e os políticos falarão inutilmente da transformação necessária, porque todas as modificações para o bem têm de começar no íntimo de cada um. É por essa razão que todos os apelos morrem, na atualidade, na boca dos seus expositores, como as vozes clamantes no deserto; ninguém os entende, porque quase todos se esqueceram da transformação de si mesmos, e é ainda por isso que, no frontispício social dos tempos modernos, no planeta terrestre, pesam os mais sombrios e sinistros vaticínios.

*

Livro: Ciência Espírita

J. Herculano Pires

Desenvolvimento da Ciência Espírita

É cada vez maior o número de pessoas que recorrem às instituições espíritas suplicando ajuda para si mesmas ou para parentes e amigos que se entregam a viciações e perversões de toda espécie. Na sua humildade muitas vezes simplória, alimentada racionalmente pelos princípios doutrinários, os dirigentes de centros e grupos espíritas fazem o que podem, servindo-se dos recursos naturais da prece, do passe e das sessões mediúnicas. Dos resultados positivos obtidos no passado, não obstante as campanhas difamatórias, perseguições e processos criminais movidos contra os médiuns, nasceram os Hospitais Psiquiátricos Espíritas, hoje em grande número em nosso país e geralmente bem aparelhados e dotados de assistência médica especializada. Só no Estado de São Paulo funcionam atualmente mais de trinta hospitais espíritas reunidos numa Federação Hospitalar de que o Governo do Estado se serviu para aliviar o Juqueri, Hospital Franco da Rocha, numa das suas crises mais ameaçadoras. Os espíritas sentem-se na obrigação de atender a esses casos, sempre que possível, por considerarem que eles são mais espirituais do que materiais, de maneira que o tratamento médico é geralmente insuficiente para curá-los. Fiéis aos princípios de caridade e fraternidade da Doutrina, esforçam-se por dar a sua ajuda desinteressada em favor dos sofredores.

Essa intenção piedosa, humanitária, foi constantemente denegrida por médicos e clérigos desconhecedores do problema. A luta foi sempre árdua e até mesmo desesperadora para os espíritas, num país em que a maioria da população é pobre e desprovida de cultura, prevalecendo sempre as opiniões dos doutores e dos sacerdotes, os primeiros apoiados em sua formação científica e acadêmica, e os segundos em sua falível cultura religiosa, mais de sacristia do que de seminário. Essas duas classes gozavam amplamente da autoridade de saberetas num meio social de analfabetos e bacharéis em direito. Os espíritas que mais se destacavam por seus conhecimentos doutrinários não haviam sequer compreendido os fundamentos científicos do Espiritismo e os encaravam misteriosa e até mesmo cabalisticamente. Os adversários não encontravam dificuldades para misturá-los, aos olhos do público, com possíveis remanescentes da Goécia ou magia-negra medieval. Padres, bacharéis e juristas pintaram o chamado demonismo-espírita à moda do tempo, com rabo, chifres e a foice e o martelo do ateísmo pendurados no pescoço.

Quando os espíritas de Amparo resolveram fundar naquela cidade um Sanatório Espírita para doentes mentais, ilustre, jovem e fioso médico e intelectual paulista explicou pelos jornais da época, nos anos 40, que os espíritas fundavam esses hospitais por dor de consciência, pois fabricavam loucos e depois queriam reabilitá-los. Foi necessário que um jornalista espírita o revidasse, mostrando que o motivo não era esse, mas o fato evidente da falência da medicina que, no desconhecimento do problema, enchia diariamente os caldeirões do diabo no Juqueri com pobres criaturas desprotegidas da ciência e da religião. O mestre implume, não podendo voar mais alto, teve de calar o bico. Logo mais, o médium Arigó, que por sinal ainda era católico e fazia *milagres*

ao invés de produzir fenômenos, foi atacado brutalmente por uma série de artigos publicados em jornal de grande circulação por um médico que não chegara a ver o médium e diagnosticava à distância a sua loucura, e por famoso professor universitário que o apoiava, alegando que Arigó operava sob a ação alucinatória do café, que bebia em excesso. Os cientistas norte-americanos salvaram o médium já então condenado à prisão, vindo a São Paulo e expondo, no auditório do Museu de Arte Moderna, perante convidados ilustres, os motivos científicos de seu interesse pelo médium. Apesar disso, Arigó acabou sendo preso e só foi libertado por uma decisão do Supremo Tribunal, ante o prestígio dos nomes dos cientistas, pertencentes a famosas Universidades dos Estados Unidos, cujos pareceres foram divulgados nos *Diários Associados* e em todo o Brasil. Mas isso não impediu que o Padre Quevedo prosseguisse com suas aruaças contra o médium e o Espiritismo, no bom estilo de toureiro que, de capa e espada, desafiava as aspas da verdade na imprensa e na televisão com rendosa propaganda gratuita de seus cursos de pseudoparapsicologia *made in Madri*.

A moda pegou e o Brasil se encheu de pseudoparapsicólogos que brotavam do chão como as heresias no tempo de Tertuliano. Ainda hoje continua a floração desses cogumelos por todo o país. Cursos e escolas semeiam diplomas da Ciência de Rhine e McDougal à margem da lei e das áreas educacionais oficialmente autorizadas. Esse panorama surrealista é responsável pelo atraso em que nos defrontamos no campo dos estudos e das pesquisas dos fenômenos paranormais no Brasil. O Instituto Paulista de Parapsicologia, fundado por Cientistas, Médicos, Psicólogos, estudantes de Medicina (atualmente já médicos famosos) não vingou, ante a avalanche de aproveitadores que o invadiram, levando seus diretores a fechá-lo, por esse motivo e pelo total desinteresse das nossas Universidades, temerosas do pandemônio que se avolumava. Tivemos de voltar à estaca-zero. Ninguém, nem mesmo os governos, tiveram coragem de pôr a mão na cumbuca, proporcionando recursos ao Instituto para a montagem de seu laboratório. Nas vésperas da Era Cósmica, preferimos o gesto cômico, supinamente burlesco, de lavar as mãos na bacia de Pilatos e deixar o problema no campo da charlatanice.

Os espíritas continuam, num clima de maiores esperanças mundiais nesse terreno, com o avanço espantoso das pesquisas parapsicológicas nos Estados Unidos e na URSS, a socorrer no Brasil as vítimas de perturbações mentais e psíquicas, em seus centros de trabalho permanente e gratuito. A eficácia de seus métodos simples, desprovidos dos recursos tecnológicos da atualidade, são evidentes, mas não constam de comprovações estatísticas. Não há recursos nem tempo para o luxo das avaliações estatísticas. Mas a verdade salta aos olhos, brilha nos lares beneficiados por dedicações anônimas. Já é tempo de acordarmos para a constatação desse fato. O Brasil avançou culturalmente entre os anos 30 e 60, com a descentralização do ensino superior e a criação de Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras por toda a sua extensão. Nem mesmo o interregno das agitações políticas e militares conseguiu perturbar esse desenvolvimento. Demos a prova decisiva da nossa preferência pela paz, a ordem e o progresso. Mas o meio espírita, infenso às agitações e inquietações políticas, deixou-se embalar pelas canções de ninar das mensagens mediúnicas piedosas, dos relatos curiosos da vida após a morte, nas pregações mediúnicas incessan-

tes sobre a caridade, a humildade, o amor ao próximo, a moral evangélica, a preparação de todos para a migração a mundos superiores e assim por diante. Desenvolveu-se um curioso processo de alienação religiosa que nem mesmo nas sacristias se processava. Surgiram, além das fascinações do tipo roustain-guista (intencionalmente retrógradas) correntes pseudo-espíritas de mentalismo e esoterismo pretensiosos, agrupamentos de fiéis acarneirados em torno de pseudomestres dotados de sabedoria infusa e arrogante, como a dos teólogos das igrejas, resquícios assustadores de pretensões divinistas e divinatórias, correntes alienantes de um formalismo beócio, pregando o aperfeiçoamento formal das atitudes e do comportamento humanos, com processos de impostação da voz e de gesticulações pré-fabricadas, e até mesmo (Deus nos acuda) tentativas de criação do celibato espírita e imposição da abstinência sexual aos casados.

Toda essa floração de cogumelos venenosos, vinda evidentemente das raízes da Patrística, redundava na volta ao farisaísmo e às suas conseqüências no meio patrístico da era pós-apostólica, que tanto enfurecia o Apóstolo Paulo. Pouco faltava para que a proposta de Tertuliano, de recorrer-se à figura jurídica do *usucapião*, fosse aplicada ao Evangelho. Formava-se e ainda se tenta formar, no meio espírita, uma estrutura totalitária de poder e arbítrio, com uma disciplina legal asfixiando a liberdade espírita. Ao mesmo tempo, a terapia espírita, nascida humildemente da prece e da imposição das mãos aos doentes, segundo o ensino e o exemplo de Jesus, era transformada em ritos complicados e pretensiosos, aplicados por médiuns diplomados pelas Federações. Até mesmo as práticas do confessionário foram estabelecidas em várias instituições, a partir do manda-chuva, que agia com rigorosa disciplina paramilitar. O escândalo da adulteração das obras fundamentais da doutrina, declaradamente inspiradas pelo sucesso das adulterações da Bíblia pelas igrejas cristãs, produziu felizmente o estouro do tumor. Alguém tivera a coragem de usar o bisturi na hora precisa, mostrando a profundidade do processo infeccioso, definindo e localizando os focos da infecção na corroída e orgulhosa estrutura do movimento espírita.

Restabelecia-se a verdade e reanimava-se o corpo doente e minado pelas trevas. As áreas não contaminadas pela infecção reagiam de todos os lados e os vencidos pela fascinação começavam a sentir os primeiros abalos da consciência. Encerrava-se o ciclo perigoso das infiltrações malignas e os que não haviam cedido ao autoritarismo dos falsos mestres e mentores experimentavam a alegria da volta ao bom-senso kardeciano.

A terapia espírita começava lentamente a recuperar-se em sua simplicidade e pureza. O prestígio do passe espírita, desprovido de encenações espúrias e pretensiosas, restabelecia-se nos grupos não contaminados. Jesus aplacava o temporal como num gesto de piedade. O farisaísmo tem suas raízes nas entranhas animais do homem, de onde brotam os instintos primitivos, perturbando a mente e envenenando o coração. Os cristãos primitivos foram levados à loucura de se julgarem puros e santos, como vemos nas epístolas ardentes de Paulo, reprimindo os núcleos desvairados. No meio espírita domesticado por incessantes mensagens padrescas, algumas instituições doutrinárias chegaram a proclamar-se donas exclusivas da verdade. Um enviado dos anjos fez-se orá-

culo dos novos tempos (por conta própria) e a *autodenominada* Casa-Máter do Espiritismo no Brasil ampliou a sua orgulhosa e falsa pretensão, cortando do seu título autoconcedido a expressão “do Brasil”, tornando-se, com essa simples operação, a Casa-Máter do Espiritismo no Mundo. Com essa manobra as trevas cortavam a possibilidade de uma estruturação mundial do movimento espírita. O movimento brasileiro fechava-se a si mesmo e poderia restabelecer entre nós o Templo de Jerusalém com seu rabinato exclusivista. A reação de André Dumas, na França, da Confederação Espírita Pan-americana da Argentina, da própria Federação Argentina, da Venezuela e de intelectuais espíritas como Humberto Mariotti, Robert Fourcade e outros mostrou o alcance dessa manobra. Que esse triste exemplo dos descaminhos a que o farisaísmo pode levar-nos sirva para acordar o bom-senso dos desprevenidos. A terapia espírita não terá eficácia se não pudermos aplicá-la a nós mesmos e ao nosso movimento doutrinário. Sem uma base de convicção firme e de fidelidade à obra de Kardec não poderemos curar-nos a nós mesmos, quanto mais aos outros.

*

Princípios da Terapêutica Espírita

A terapêutica espírita se funda na concepção do Universo como estrutura unitária e infinita. Tudo se encadeia no Universo, como ensina Kardec. Dessa maneira, há uma constante relação de todas as coisas e todos os seres no Universo Infinito. Essa estrutura inimaginável encerra tudo em si mesma e por isso todos os recursos de que necessita estão nela mesma. Cada partícula do Universo reflete o todo e é formada à semelhança do Todo. Esse princípio de similaridade universal supera as nossas concepções e as nossas percepções fragmentárias. Foi da intuição natural da similaridade que surgiu a magia, como primeira tentativa de conquista e domínio, pelo homem, das energias da natureza. A magia das selvas, na sua simplicidade elementar, encerrava em potência toda a atualização futura. O homem primitivo percebeu a semelhança das coisas e dos seres nas suas experiências do mundo. Seu mundo era um fragmento do Universo e, para ele, não tinha limites. Na sua intuição globalizante (pois toda intuição é uma percepção global) começou a conquista do real pela conquista progressiva das coisas e seres semelhantes. Para atingir o pássaro no ar precisava de um instrumento voador e fez a flecha. Para curar uma ferida produzida pelo espinho de uma planta, recorreu ao suco de suas folhas. Para saciar os seus impulsos sexuais devia conquistar a mulher. Dessa satisfação nascia um novo ser, semelhante a ambos. A dialética da vida se insinuava naturalmente em sua consciência fragmentária, ligando os fatos entre si e desenvolvendo-lhe o tirocínio. Este o levaria às conquistas subseqüentes, infundindo-lhe o *sentimento do mundo*, na fusão da mente com a afetividade. Nessa fusão temos o homem ligado à terra pela similitude de seus interesses vitais, e ao mesmo tempo atraído ao céu pelo despertar de seus impulsos de transcendência. Por isso, desde as inscrições rupestres nas cavernas até às mais altas civilizações do Oriente e do Ocidente, o homem teve sempre a idéia de Deus em seu íntimo e em suas manifestações em busca da sociabilidade. A magia simpatética das selvas impregnara as religiões nascidas dessa dupla fonte, marcadas até hoje pelo impulso da lei de adoração a Deus. Com os pés enraizados na terra do mundo, ele voltará sempre para a luz, o fogo e a chuva que o alimentam e estimulam em suas atividades criadoras. O *sentimento do mundo* é a confirmação sincrética de suas percepções sensoriais e de sua intuição extra-sensorial do todo como unidade.

O estranho episódio da cura pelo pó de múmia, na História da Medicina, quando as múmias se esgotaram nas escavações do Egito e os terapeutas mágicos passaram a produzir múmias artificiais para os doentes, revela a que intensidade chegou a ligação do homem com a terra. A múmia representava ao mesmo tempo o homem e a terra, encerrando, portanto, os poderes curadores da natureza humana e os do solo, em cujas entranhas esses poderes se fundiam sob a ação misteriosa do tempo. Dessa mitologia aparentemente absurda nasceu em tempos remotos, curtido pelo *sentimento do mundo*, o sentimento da fraternidade humana, da possibilidade das ações fluídicas entre os corpos dos homens vivos. Jesus empregaria então os seus poderes espirituais na transmissão das energias vitais do terapeuta ao doente, através do rito da imposição das mãos, que marcaria todo o período de desenvolvimento do Cristianismo até o Século XIX, em que Kardec reavivaria essa prática antiqüíssima em plena era

científica. Tinham razão os que temiam o restabelecimento das superstições do passado remoto, sem conhecer, e portanto sem levar em conta, os princípios renovadores da concepção espírita do mundo. Eram realmente as velhas superstições que renasciam, mas pelas mãos de um cientista que as depurava de sua ganga de milênios para extrair-lhes apenas a essência.

Kardec anunciou que, no seu tempo, com o advento da revelação espírita, divina, pelas manifestações espirituais, e humana, pela elaboração científica dos homens, os erros do passado se transformariam em verdades. Esse é um exemplo das transformações previstas. Os erros de interpretação de um passado obscuro tornaram-se acertos ante as investigações do homem moderno. Assim podemos afirmar que o primeiro princípio da terapêutica espírita é de origem telúrica, fundado na realidade objetiva de um dos mais curiosos e intrigantes episódios da história da Medicina. A volta à Natureza, que Rousseau pregou na Educação, ironizado por Voltaire, Kardec efetivou, como pesquisador científico e médico, professor e diretor de estudos na Universidade de França. Ao seu lado, o Dr. Demeure, em sua clínica de Paris, dava a Kardec a sua assistência de observador e pesquisador dos efeitos curativos da nova terapêutica. Os médicos modernos tomaram o lugar de Voltaire no caso de Kardec, entendendo que Kardec desejava que o homem voltasse a andar de quatro, como dissera Voltaire sobre a revolução educacional de Rousseau. Não perceberam que essa volta à natureza não se referia às selvas, mas à natureza humana desfigurada pelos artificialismos da civilização. Se o objetivo pedagógico de Rousseau era psicológico e ético, principalmente ético, o de Kardec era também da mesma dupla natureza, abrangendo ao mesmo tempo a Psicologia e a Ética, duas coordenadas históricas e científicas a balizarem as transformações evolutivas dos tempos modernos.

Podemos enunciar o primeiro princípio da terapêutica espírita da seguinte maneira:

1) A cura das doenças depende da ação natural das energias conjugadas do homem e da terra (psicológicas e mesológicas), na reconstituição do equilíbrio das energias naturais do doente.

Os demais princípios podem ser definidos na seqüência abaixo:

2) A renovação de energias depende da ação conjugada dos espíritos terapeutas com o médium curador, que se põe à disposição dos espíritos para a transmissão dos fluidos energéticos através da prece e do passe.

3) A eficácia do passe depende da boa-vontade do médium, que se entrega humildemente à ação dos espíritos, sem perturbá-la com gesticulações excessivas, limitando-se às que os espíritos lhe sugerirem no momento. Não temos nenhum conhecimento objetivo do processo de manipulação dos fluidos pelos espíritos e poderíamos perturbar-lhes a ação curadora com nossa intervenção pretensiosa. O médium é instrumento vivo e inteligente da ação espiritual, mas só deve utilizar a sua inteligência para compreender o seu papel de doador de fluidos, como se passa no caso da doação de sangue nos hospitais.

4) A ação curadora dos espíritos não é mágica nem milagrosa; está sujeita a leis naturais que regem a estrutura psicobiológica do homem. A emis-

são de ectoplasma do corpo do médium para o corpo do doente revela-se atualmente, nas pesquisas russas, como emissão de plasma físico acompanhado de elementos orgânicos. As famosas pesquisas da Universidade de Kirov, na URSS, comprovaram e confirmaram as pesquisas de Richet, Schrenk-Notzing, Gustave Geley e Eugéne Osty, no século XIX, sobre a ação do plasma físico (quarto estado da matéria) nos efeitos físicos da mediunidade. Na teoria do perispírito, Kardec já havia também, com grande antecedência, constatado a importância da relação espírito-matéria nesses processos.

5) Nos casos de cura à distância, sem a presença do médium, a eficácia depende das condições psicofísicas do doente, que permitem a colaboração do seu próprio organismo nas elaborações fluídicas do plasma, em conjugação com as energias espirituais dos espíritos terapeutas. Kardec considerava o perispírito como organismo semimaterial. Frederic Myers estudou a atividade da mente supraliminar (consciente) e subliminar (inconsciente) em todos esses processos então considerados como misteriosos.

6) As chamadas operações espirituais (hoje paranormais) podem realizar-se por intervenção física do médium, dominado pelo espírito que dele se serve por influência mediúmica no transe hipnótico. Mas a simples ação mental do médium pode produzir efeitos físicos no paciente, como Rhine provou nas suas experiências com animais. Rhine resumiu os resultados de suas pesquisas no seguinte princípio: “A mente, que não é física, age por vias não físicas sobre a matéria.” Soal, Carington e outros verificaram que as atividades internas do organismo animal e humano (funções vegetativas e correlatas) são controladas por ação mental sobre o sistema nervoso, vascular e muscular. A teoria do dinamismo psíquico inconsciente de Geley se desenvolve nesse mesmo sentido.

O mistério teológico da encarnação transformou-se atualmente numa questão científica universalmente pesquisada nos maiores centros universitários do planeta. A terapia espírita está hoje respaldada pelas mais recentes e avançadas descobertas científicas. Os que pretendem rejeitá-la com argumentos se esquecem de que os problemas da ciência só podem ser resolvidos por meio de pesquisas e provas. Maldições e anátemas desvalorizaram-se totalmente num processo inflacionário de dois milênios. Não era sem razão a luta cruenta da Igreja contra o desenvolvimento científico. Ela se defendeu ferozmente do atrevimento dos cientistas porque agia sob a compulsão violenta do instinto de conservação. Mas a favor da ciência estavam as leis irresistíveis da evolução. A era científica nasceu ensangüentada dos calabouços medievais em que os mártires do progresso sofriam nas mãos dos inquisidores, à espera das fogueiras divinas em que seriam purificados. A Ciência avançou, apesar de tudo, derrotando os terroristas da magia negra, da antiga e temível Goécia que os próprios clérigos empregavam em suas lutas de política intestina. Coube ao coronel Albert de Rochas, diretor do Instituto Politécnico de Paris, pesquisar em laboratório os possíveis efeitos da magia negra, demonstrando o engano dos que a consideravam dotada de poder diabólico. O desprestígio da superstição permitiu aos médiuns, hoje chamados sujeitos paranormais (nem anormais, nem patológicos, nem diabólicos), transformarem-se nos instrumentos humanos da investigação científica das potencialidades da criatura humana. Atual-

mente a própria Igreja dispõe de organismos de pesquisa dos fenômenos que antes considerava como estigmas infamantes da maldição divina.

Quando a Academia de França reconheceu a realidade do magnetismo e seu interesse científico, mas mudando-lhe o nome para hipnotismo, Kardec escreveu um artigo sobre o fato na *Revista Espírita*, lembrando que o magnetismo cansara de bater à porta da Academia, sendo sempre enxotado. Por fim resolvera mudar de nome e entrar na casa pela porta dos fundos, sendo então recebido e aclamado pelos cientistas. O mesmo acontece agora com o Espiritismo, que, sendo batizado na universidade de Duke com o nome de Parapsicologia, teve entrada franca e entusiástica na URSS e no Vaticano. Na verdade, a Parapsicologia, com roupa nova, linguagem grega e seguindo as pegadas de Kardec, para atingir os seus mesmos objetivos, nada ofereceu de novo ao mundo atual além de sua roupagem tecnológica. Prestou, assim mesmo, um grande serviço ao mundo materialão, conseguindo despertar-lhe o interesse pelos problemas espirituais. Os materialistas e os religiosos formalistas tinham medo dos espíritos. Rhine conseguiu mostrar-lhes, por meios estatísticos, que todos somos espíritos. O medo se foi e com ele a ilusão da matéria desfeita na poeira atômica da Nova Física.

Natureza Moral da Terapia Espírita

Kardec adverte quanto às relações da moralidade do médium com a sua mediunidade. Considerada em si mesma como um campo de produção fenomênica, a mediunidade independe da moralidade. Mas considerada como instrumento cognitivo, ou seja, como meio de conhecimento, a mediunidade depende estritamente da moralidade. Sacerdotes e religiosos de várias seitas aproveitaram-se dessa declaração de Kardec para acusar o Espiritismo de doutrina sem moral. Revelavam com isso pouca inteligência e falta de moral. Essa observação de Kardec comprovou-se amplamente nas pesquisas espíritas e das sociedades de pesquisas psíquicas da Europa e da América. A tese é límpida e precisa. Os fenômenos mediúnicos, como os fenômenos físicos, independem da moral do médium ou do físico. O químico de vida moral mais condenável produz as suas reações químicas em laboratório sem pensar na moral. Mas quando se trata da busca da verdade ou de processos de cura, a mediunidade divorciada da moralidade não serve, tornando-se mesmo perigosa. A eficácia da terapia espírita depende da inteireza moral do médium que lhe serve de instrumento. Esse é um problema de relações humanas no plano das sintomias espirituais.

Desejando acelerar o trabalho de ordenação da doutrina, na Codificação – no qual trabalhava apenas com as meninas Boudin – Kardec pensou em utilizar-se da boa-vontade de um médium seu conhecido, mas o seu orientador espiritual o advertiu de que esse médium não tinha condições morais para o trabalho, acrescentando: “A verdade não pode falar pela boca da mentira.” Desse episódio, bem como dos princípios morais da doutrina, ampla e minuciosamente explanados na Codificação, nunca se lembraram nem se lembram os clérigos e materialistas acusadores da suposta amoralidade espírita. Basta isso para mostrar a debilidade moral desses acusadores.

Na terapêutica espírita, como nas investigações científicas da mediunidade, a exigência da moral é de importância básica. As constantes denúncias de fraudes mediúnicas nas pesquisas decorrem da falta de escrúpulo dos pesquisadores na escolha de seus instrumentos mediúnicos, no tocante às exigências morais.

No caso de médiuns realmente moralizados as denúncias de fraudes são geralmente fraudulentas. Costuma-se citar o caso do médium escocês Daniel Douglas Home, que produzia os fenômenos mais espantosos, como a sua própria levitação e materializações sucessivas e contra o qual só houve acusações sem base nem sentido. A famosa médium Ana Prado, no Pará, cruelmente combatida e caluniada por um clérigo fanático, saiu ilesa de todas as invenções como Anésio Siqueira, Urbano de Assis Xavier, Luiz Parigot de Souza e tantos outros mantiveram-se sempre incólumes de acusações dessa espécie, defendidos por seu comportamento moral, que lhes garantia permanente proteção das entidades espirituais superiores. A moral do médium é o seu escudo em todas as circunstâncias. Não a moral social, que pode ser avaliada de fora e não raro de maneiras contraditórias, mas a moral íntima, pessoal, endógena, ou seja, que nasce da sua própria consciência e não precisa de sanções externas. Essa moral legítima, vivencial, garante a sintonia espiritual do médium com os

espíritos elevados – única verdadeira garantia da eficácia de sua terapia. É do próprio Evangelho de Jesus que ressalta esse princípio da moral espírita.

Fala-se muito da importância da fé nas curas espirituais de qualquer setor religioso. A fé se revela, nesses casos, mais como um anseio ardente de cura do que propriamente como fé. O conceito vulgar de fé tem por fundamento a crença. Quem não crê, não tem fé. Mas, como explicou Kardec, a fé verdadeira não prescinde da razão, que a fundamenta no conhecimento e no saber. A fé espírita é racional. A crença é apenas uma aceitação emotiva de um princípio ou de um mito. Denis Bradley, depois de suas experiências espíritas, sustentava: “Eu não creio, eu sei.” Na terapia espírita a fé representa apenas um estímulo moral ao paciente, para que ele se predisponha melhor, emocionalmente, à ação dos elementos curadores. Kardec acentuou a existência de dois campos da fé, assim divididos: fé humana e fé divina. O homem que confia em si mesmo para as suas realizações fortalece-se na fé humana. Mas aquele que possui a fé divina, resultante do seu conhecimento dos poderes da divindade, dispõe da máxima firmeza na busca dos seus intentos. Na terapia espírita essa fé não se funda nos elementos rituais das religiões, concentrando-se na sintonia do seu pensamento e dos seus sentimentos com as entidades espirituais socorristas.

Há pessoas que usam a terapia espírita como autógena, entregando-se à prece, sem procurar o socorro de médiuns. Esse é um aspecto pouco conhecido da terapia espírita. As pessoas que recorrem a esse processo não o fazem por auto-suficiência, mas por estarem submetidas a viciações ou perversões de que se envergonham. Conhecemos casos de homossexualismo masculino e feminino que foram assim autocurados. Não se trata propriamente de uma autocura, pois a terapia espírita foi realizada pelos espíritos e não por elas mesmas. Essas vítimas, conhecendo a doutrina, cultivaram a fé racional e conseguiram impor a si mesmas disciplinas curadoras a que se apegaram com firmeza e constância. Os que perseveraram em suas boas intenções criam condições favoráveis à ação curadora dos espíritos terapeutas. É emocionante o caso de um rapaz de família exemplar que chegou à beira do suicídio. Foi salvo pela voz que soou em sua mente dizendo-lhe: “Deus me permitiu anunciar-te a hora da libertação. Daqui por diante não sentirás mais os impulsos negativos que te torturavam. Esgotaste perante a Espiritualidade Superior um passado de ignomínias.” Não foi um caso de auto-sugestão, mas de perseverança na prova, como depois lhe explicou a entidade protetora que lhe falara em particular, falando então pela boca de um médium que não o conhecia e nada sabia do seu sofrimento oculto.

Em casos como esses revela-se a importância da vontade do paciente, como ocorre na terapêutica em geral. Numa batalha oculta como a desse jovem intervêm influências de entidades vingativas, que podem levá-lo ao desespero, mas, em contrapeso, há sempre assistência de espíritos amigos, cuja ação se torna mais poderosa quando o paciente desperta as suas potencialidades volitivas e decide o seu destino por si mesmo. Firmado no seu direito de escolha e amparado pelas energias da vontade e os estímulos da consciência de sua dignidade humana, o espírito pode superar as provas mais desesperantes e triunfar sobre as suas tendências inferiores provenientes do submundo da animalidade.

Por isso a terapêutica espírita condena e repele a capitulação atual da psiquiatria da libertinagem.

A condenação hipócrita do sexo pelas religiões cristãs sobrecarregou de preceitos e ordenações morais que fomentaram por toda parte o fingimento e a hipocrisia. As tentativas cruéis de abafar o instinto sexual através de um moralismo ilógico, como o da era vitoriana na Inglaterra, prepararam a explosão sexualista da atualidade, com o rompimento explosivo dos diques e açudes tradicionais. Todos os moralistas condenaram veementemente o pan-sexualismo de Freud, como se ele tivesse culpa de só encontrar, nos traumatismos espantosos do consultório, a violência da libido, dominadora oculta de uma civilização em ruínas. A loucura de Hitler e de seus comparsas recalcados e homossexuais, bem como a megalomania ridícula e exibicionista de Mussolini, não surgiram das heranças bárbaras, mas do pietismo castrador do medievalismo. O histerismo nazista, ligando-se ao exibicionismo fascista e à necrofilia nipônica, resultaram na formação do Eixo e na explosão da Segunda Conflagração Mundial. Foi uma explosão de recalques. Até mesmo os signos sexuais estavam presentes no sigma nazista, no *fascio* de Mussolini e no sol nascente de Hiroito. Veio depois, confirmando esse conluio libidinoso, em que floresceu desavergonhado o homossexualismo germânico. Era evidente que viria depois a era pornográfica em que nos encontramos. Marcuse diagnosticou o mal da civilização, mas não foi capaz de lhe propor a solução conveniente, que aos poucos vai se delineando numa volta penosa ao reconhecimento da naturalidade do sexo, sem os excessos e desmandos da atualidade, em que a contribuição russa aparece com a mística libidinoso de Rasputin.

Historicamente, pesa sobre a figura angustiada de Paulo de Tarso a responsabilidade dessa tragédia mundial. Porque foi ele, o Apóstolo dos Gentios, quem implantou nas comunidades nascentes do Cristianismo Primitivo as leis de pureza do Judaísmo farisaico, tantas vezes condenadas pelo Cristo. Seu zelo pelo Cristianismo chegou ao excesso de deformá-lo, na luta que teve de enfrentar com a libertinagem do paganismo. Armou a dialética histórica da tese pagã contra a antítese cristã-judaica, que resultou na síntese da hipocrisia clerical. Aldous Huxley colocou esse problema em seus livros *Os Demônios de Loudun* e *O Gênio e a Deusa*.

Kardec já havia antecipado, em meados do século passado, as convulsões morais que abalariam o mundo a partir da Guerra do Piemonte. Previu a sucessão de guerras e revoluções que se desencadeariam, com surpreendentes transformações sociais, políticas e culturais em todo o mundo, acentuando que não eram catástrofes geológicas, que ocorreriam naturalmente, como sempre ocorrem, mas catástrofes morais que abalariam as nações aparentemente mais seguras em suas tradições. E o remédio indicado para a reconstrução do mundo seria a educação das novas gerações, nos princípios de liberdade, igualdade e fraternidade, o lema da Revolução Francesa que ressurgiria com o restabelecimento ou a ressurreição do Cristianismo do Cristo e não dos seus vigários, como anunciaria também o Padre Alta, Doutor da Sorbonne, suspenso de ordens por suas idéias perigosas.

A natureza moral da terapêutica espírita decorre da moral de Jesus, pura e natural, desprovida dos aparatos, rituais e ordenações antinaturais forjadas pelos teólogos. Por isso a terapia espírita, como a de Jesus, não se funda em práticas sacrificiais, em exorcismos demoníacos, em condenações da função genésica do homem e da mulher, mas na liberdade regida pelos princípios básicos da consciência humana, onde – e somente nela – estão inscritas as verdadeiras leis morais da humanidade. Os atos naturais, exigidos pela própria continuidade da espécie humana, capitulados como pecados veniais e capitais nas tabelas de preços das indulgências, que provocaram a revolta de Lutero, não são considerados como crimes contra a Divindade. Crimes são os abusos e as perversões desses atos, que nivelam o homem aos animais. Mas a educação é o antídoto desses desvios – a educação natural de Rousseau, desenvolvida em suas técnicas por Pestalozzi e seu discípulo e sucessor Allan Kardec. Pestalozzi era deísta e universalista, educador por excelência, o *homo faber* da educação nos séculos XVIII e XIX, mas faltava-lhe a vocação pedagógica, que sobrava a Kardec. Em Kardec havia o *doublé* de filósofo e cientista, as duas vocações necessárias ao fazer pedagógico, que implica a reflexão global sobre a educação e a complementação experimental da pesquisa científica. Mergulhado nesses dois planos da realidade educativa, Kardec ansiava pela descoberta da essência do homem, da sua natureza última e do seu destino. Entendia, como declarou tantas vezes, que sem esse conhecimento não podíamos conhecer realmente o educando e dar-lhe, por uma educação adequada, o pleno desenvolvimento de suas potencialidades. Entregou-se primeiro às pesquisas do magnetismo, que lhe revelava um novo aspecto da natureza humana, e mais tarde, ante a insistência de amigos, ao estudo e à pesquisa dos fenômenos paranormais, que na época explodiam por toda parte. Foi esse o caminho que o levou ao Espiritismo, num verdadeiro ato de amor, para usarmos a expressão de Hubert. Emparelhou-se casualmente com a revolução teológica de Kierkegaard, que fundava na Dinamarca, sem querer, a Filosofia Existencial. Sua tendência platônica levou-o a sonhar com a República de Platão em termos universais, através da educação integral do homem, no desenvolvimento de toda a sua perfectibilidade possível, como queria Kant e como querem ainda hoje os neokantianos do realismo crítico. Essa a relação sensível existente entre a pedagogia de Hubert e Kerchensteiner com a Pedagogia Espírita entranhada na obra kardeciana. O princípio grego da unidade orgânica do Universo decorre de uma visão lógica superior. A Psicologia Infantil nos mostra que a percepção da criança em suas primeiras fases de desenvolvimento é fragmentária. O mesmo ocorre com os povos primitivos que se isolam no seu torrão e na tribo com a arrogância de únicos habitantes do mundo. Essa incapacidade natural de uma concepção ampla gera o orgulho do exclusivismo racista, da xenofobia, das cidades e das civilizações muradas do geocentrismo e do antropocentrismo. Só o desenvolvimento da civilização, à maneira do desenvolvimento orgânico e da sociabilidade na criança, abre perspectivas para a mente fechada. Os gregos passaram também por esse processo, mas, auxiliados pela sua posição geográfica e por uma capacidade de abstração mental superior, mostraram-se mais avançados, conseguindo imaginar o mundo como uma unidade orgânica e viva, como vemos na sua teoria do Hilozoísmo. Do outro lado do mundo estavam os celtas, que foram capazes de imaginar o universo hipostático dos cír-

culos superpostos de *Anunf*, o círculo infernal; *Abred*, o círculo das reencarnações; *Gwinfid*, o círculo divino ou Morada de Deus. Bastaria esses dois exemplos para mostrar a necessidade das migrações entre os mundos habitados no cosmos segundo o princípio espírita. O aparecimento do indivíduo em Atenas não decorreu do comércio do Mar Egeu, mas do único milagre grego que se pode admitir: a avançada capacidade grega de abstração. Sócrates, que partilhou da leviandade dos sofistas, abandonou-os ao perceber o vazio de suas teorias e fundou a Filosofia Moral. O moralismo socrático preparou, à distância da corriola rabínica dos sofistas judeus o advento do Cristianismo. Kardec reconheceu essa função precursora de Sócrates e Platão e comparou o estágio evolutivo dos gregos ao dos celtas, que Aristóteles considerou o único povo filósofo do mundo. Note-se bem: um povo filósofo, que os romanos conquistaram para se apoderarem de sua sabedoria. Esse apanhado sucinto e fragmentário dos mundos grego e celta mostra a razão da superioridade da moral espírita, que Kardec desenvolveu na França do iluminismo e da liberdade.

Curar e educar são funções conjugadas do homem na luta pela sua transcendência. Por isso, Kardec as reuniu em suas primeiras atividades em Paris, tendo exercido a medicina, como assinala André Moreil, confirmando as informações de Henry Sausse, primeiro biógrafo de Kardec e contemporâneo do mestre. Moreil menciona o período em que Kardec clinicou em Paris. Ficou assim anulada a dúvida que se levantou sobre as suas atividades médicas. Por outro lado, é pacífico que ele lecionou ciências médicas em Paris. Era uma inteligência onívota e se empenhava com afinco na decifração dos mistérios do homem. Sua maior realização foi a criação da Ciência Espírita. Ela lhe custou muito caro, pois teve de enfrentar sozinho uma batalha sem tréguas com todas as forças culturais, religiosas, políticas e sociais do seu tempo. Seu senso e sua moralidade comprovam-se atualmente na volumosa obra que deixou como o alicerce inabalável da Ciência e da Filosofia Espírita.

*

Livro: Obras Póstumas

Allan Kardec

CAUSA E NATUREZA DA CLARIVIDÊNCIA SONAMBÚLICA

EXPLICAÇÃO DO FENÔMENO DA LUCIDEZ

Sendo de natureza diversa das que ocorrem no estado de vigília, as percepções que se verificam no estado sonambúlico não podem ser transmitidas pelos mesmos órgãos.

É sabido que neste caso a visão não se efetua por meio dos olhos que, aliás, se conservam, em geral, fechados e que até podem ser abrigados dos raios luminosos, de maneira a afastar todo motivo de suspeita. Ao demais, a visão à distância e através dos corpos opacos exclui a possibilidade do uso dos órgãos ordinários da vista. Forçoso é, pois, se admita que no estado de sonambulismo um sentido novo se desenvolve, como sede de faculdades e de percepções novas, que desconhecemos e das quais não nos podemos aperceber, senão por analogia e pelo raciocínio. Bem se vê que nada de impossível há nisso; mas, qual a sede desse novo sentido? Não é fácil determiná-la com exatidão. Nem mesmo os sonâmbulos fornecem a tal respeito qualquer indicação precisa. Uns há que, para verem melhor, aplicam os objetos sobre o epigastro, outros sobre a fronte, outros no occipital. O sentido de que se trata não parece, portanto, circunscrito a um lugar determinado; é, todavia, certo que a sua maior atividade reside nos centros nervosos.

O que é positivo é que o sonâmbulo vê. Por onde e como? É o que nem ele mesmo pode explicar.

Notemos, porém, que, no estado sonambúlico, os fenômenos da visão e as sensações que o acompanham são essencialmente diferentes do que se passa no estado ordinário, pelo que não nos serviremos do termo **ver**, senão por comparação e por nos faltar naturalmente um com que designemos uma coisa desconhecida. Um povo composto de cegos de nascença, certo careceria de uma palavra para designar **a luz** e referiria as sensações que ela produz a alguma das que lhe fossem familiares por lhes estar ele sujeito.

Alguém procurava explicar a um cego a impressão viva e deslumbrante da luz sobre os olhos. **Compreendo**, disse ele, **é como o som de uma trombeta**. Outro, um pouco mais prosaico sem dúvida, ao qual queriam fazer que compreendesse a emissão dos raios luminosos em feixes ou cores, respondeu: **Ah! sim, é como um pão de açúcar**. Estamos nas mesmas condições, relativamente à lucidez sonambúlica: somos verdadeiros cegos e, do mesmo modo que estes últimos com relação à luz, comparamo-la ao que tem mais analogia com a nossa faculdade visual. Mas, se quisermos estabelecer uma analogia absoluta entre essas duas faculdades e julgar de uma pela outra, forçosamente nos enganaremos, como os dois cegos que acabamos de citar.

É esse o erro de quase todos os que procuram pretensamente convencer-se pela experiência: intentam submeter a clarividência sonambúlica às mesmas provas que a vista ordinária, sem ponderarem que entre elas a única relação e-

xistente é a do nome que lhes damos. Daí, como os resultados nem sempre lhes correspondem à expectativa, acham mais simples negar.

Se procedermos por analogia, diremos que o fluido magnético, disseminado por toda a Natureza e cujos focos principais parece que são os corpos animados, é o veículo da clarividência sonambúlica, como o fluido luminoso é o veículo das imagens que a nossa faculdade visual percebe. Ora, assim como o fluido luminoso torna transparentes corpos que ele atravessa livremente, o fluido magnético, penetrando todos os corpos sem exceção, torna inexistentes os corpos opacos para os sonâmbulos. Tal a explicação mais simples e mais material da lucidez, falando do nosso ponto de vista.

Temo-la como certa, porquanto o fluido magnético incontestavelmente desempenha importante papel nesse fenômeno; ela, entretanto, não poderia elucidar todos os fatos. Há outra que os abrange todos; mas, para expô-la, fazem-se indispensáveis algumas explicações preliminares.

Na visão à distância, o sonâmbulo não distingue um objeto ao longe, como o faríamos nós com o auxílio de uma luneta. **Não é que o objeto, por uma ilusão de ótica, se aproxime dele, ELE É QUE SE APROXIMA DO OBJETO.** O sonâmbulo vê o objeto exatamente como se este se achasse a seu lado; vê-se a si mesmo no lugar que ele observa; numa palavra: transporta-se para esse lugar. Seu corpo, no momento, parece extinto, a palavra lhe sai mais surda, o som da sua voz apresenta qualquer coisa de singular; a vida animal também parece que se lhe extingue; a vida espiritual está toda no lugar aonde o transporta o seu próprio pensamento: somente a matéria permanece onde estava.

Há pois uma certa porção do ser que se lhe separa do corpo e se transporta instantaneamente através do espaço, conduzida pelo pensamento e pela vontade. Evidentemente, é imaterial essa porção; a não ser assim, produziria alguns dos efeitos que a matéria produz. É a essa parcela de nós mesmos que chamamos: **a alma.** É a alma que confere ao sonâmbulo as maravilhosas faculdades de que ele goza. A alma é quem, dadas certas circunstâncias, se manifesta, isolando-se em parte e temporariamente do seu invólucro corpóreo.

Para quem quer que haja observado com atenção os fenômenos do sonambulismo em toda a sua pureza, é patente a existência da alma, tornando-se-lhe uma insensatez demonstrada até à evidência a idéia de que tudo em nós acaba com a vida animal.

Pode-se, pois, dizer com alguma razão que o magnetismo e o materialismo são incompatíveis. Se alguns magnetizadores se afastam desta regra e professam as doutrinas materialistas, é sem dúvida que se hão cingido a um estudo muito superficial dos fenômenos físicos do Magnetismo e não procuram seriamente a solução do problema da visão a distância. Como quer que seja, nunca vimos um único **sonâmbulo** que não se mostrasse penetrado de profundo sentimento religioso, **fossem quais fossem suas opiniões no estado vigil.**

Voltemos à teoria da lucidez.

Sendo a alma o princípio básico das faculdades do sonâmbulo, necessariamente nela é que reside a clarividência e não nesta ou naquela parte circunscrita do corpo material. Essa a razão por que o sonâmbulo não pode indicar o órgão

dessa faculdade, como designaria os olhos, se se tratasse da visão exterior. Ele vê por todo o seu ser moral, isto é, por toda a sua alma, visto que a clarividência é um dos atributos de todas as partes da alma, como a luz é um dos atributos de todas as partes do fósforo. Onde quer, pois, que a alma possa penetrar, há clarividência; essa a causa da lucidez dos sonâmbulos através de todos os corpos, sob os mais espessos envoltórios e a todas as distâncias.

Uma objeção, como é natural, se apresenta a esse sistema e apressamo-nos a responder a ela.

“Se as faculdades sonambúlicas são as mesmas da alma desprendida da matéria, por que não são constantes essas faculdades? Por que alguns sonâmbulos são mais lúcidos do que outros”? Por que, num mesmo indivíduo, a lucidez é variável?

“Concebe-se a imperfeição física de um órgão; mas não se concebe a da alma”.

Esta se acha presa ao corpo por laços misteriosos que não nos fora dado conhecer antes que o Espiritismo houvesse demonstrado a existência e o papel do perispírito. Tendo sido esta questão tratada de modo especial na *Revista Espírita* e nas obras fundamentais da doutrina, não nos estenderemos aqui sobre ela, limitando-nos a dizer que é pelos nossos órgãos materiais que a alma se manifesta ao exterior. Em nosso estado normal, essas manifestações ficam naturalmente subordinadas à imperfeição do instrumento, do mesmo modo que o melhor artífice não pode fazer obra perfeita com utensílios ruins. Assim, por muito admirável que seja a estrutura do nosso corpo, qualquer que tenha sido a providência da Natureza, com relação ao nosso organismo, para o exercício das funções vitais, acima desses órgãos sujeitos a todas as perturbações da matéria, há a sutileza da nossa alma. Enquanto, pois, ela se conserva presa ao corpo, sofre-lhe os entraves e as vicissitudes.

O fluido magnético não é a alma; é um liame, um intermediário entre a alma e o corpo. Atuando mais ou menos sobre a matéria é que ele torna mais ou menos livre a alma, donde a diversidade das faculdades sonambúlicas.

O sonâmbulo é o homem despojado apenas de uma parte das suas vestiduras e cujos movimentos são embaraçados pelo que lhe resta dessas vestiduras. Somente quando tem alijado de si os últimos restos da ganga terrena, como a borboleta que abandona a sua crisálida, encontra-se a alma na plenitude de si mesma e goza de liberdade completa no uso de suas faculdades. Se houvesse um magnetizador bastante poderoso para dar liberdade absoluta à alma, romper-se-ia o liame terrestre e a morte imediata se seguiria.

O sonambulismo, portanto, fez que puséssemos o pé na vida futura; ergueu uma ponta do véu sob que se ocultam as verdades que o Espiritismo nos faz hoje entrever. Não a conheceremos, todavia, em sua essência, senão quando nos houvermos desembaraçado por completo da cobertura material que neste mundo a obscurece.

OBSERVAÇÃO: Esta explicação do fenômeno da lucidez antecedeu de um século as teorias hipnóticas e parapsicológicas em controvérsia no nosso tempo. Os mais argutos e ilustres negadores da existência da alma não conseguiram elucidar a questão. A lógica de Kardec, como

se vê, é impecável e as pesquisas atuais se encaminham nitidamente no sentido de aprová-la. Já na fase metapsíquica, por exemplo, o Prof. Ernesto Bozzano sustentava que a percepção extrasensorial prova, por si mesma, a existência da alma. Confirmava, assim, no campo das teorias científicas, a afirmação de Kardec neste trabalho, de que a lucidez sonambúlica *prova até à evidência* que a alma existe. Agora, na Parapsicologia, Rhine, Soal, Carington, Broad e outros concluem que os fenômenos *psigama* (dos quais a clarividência foi o primeiro a ser provado cientificamente) não são de natureza material e provam a existência no homem de um conteúdo extrafísico.

Devemos ainda lembrar que a conclusão de Kardec resultou de suas experimentações com numerosos médiuns. Dessas experimentações encontramos os relatos minuciosos na *Revista Espírita*. Já em *O Livro dos Espíritos*, Kardec havia publicado o *Ensaio Sobre as Sensações nos Espíritos*, de que o trabalho acima é uma espécie de prolongamento. Inegável o pioneirismo da Ciência Espírita na investigação dos fenômenos paranormais e também o seu pioneirismo nas conclusões de tipo rigorosamente científico. Esse pioneirismo, por sinal, foi reconhecido por Richet no *Tratado de Metapsíquica*. Notemos ainda a felicidade da comparação da alma com o fósforo. Esse elemento químico deriva o seu nome do grego: *phos*, luz e *phoros*, que tem ou que porta. (Nota de José Herculano Pires).

*

A DUPLA VISTA

CONHECIMENTO DO FUTURO – PREVISÕES

Desde que no estado sonambúlico as manifestações da alma se tornam, de certo modo, ostensivas, fora absurdo supor que no estado normal ela se ache confinada, de modo absoluto, em seu envoltório, como o caramujo em sua concha. Não é de maneira alguma a influência magnética que a desenvolve; essa influência nada mais faz do que a tornar patente pela ação que exerce sobre os órgãos corporais. Ora, nem sempre o estado sonambúlico é condição indispensável a essa manifestação. As faculdades que se revelam nesse estado desenvolvem-se algumas vezes espontaneamente, no estado normal, em certos indivíduos. Resulta-lhes daí a faculdade de verem as coisas distantes, por onde quer que a alma estenda sua ação; vêem, se podemos servir-nos desta expressão, através da vista ordinária; e os quadros que descrevem, os fatos que narram se lhes apresentam como efeitos de uma miragem. É o fenômeno a que se dá o nome de **segunda vista**.

No sonambulismo, a clarividência deriva da mesma causa; a diferença está em que, nesse estado, ela é isolada, independe da vista corporal, ao passo que é simultânea nos que dessa faculdade são dotados em estado de vigília. Quase nunca é permanente a segunda vista. Em geral, o fenômeno se produz espontaneamente, em dados momentos, sem ser por efeito da vontade, e provoca uma espécie de crise que, algumas vezes, modifica sensivelmente o estado físico. O indivíduo parece olhar sem ver; toda a sua fisionomia reflete uma como exaltação.

É de notar-se que as pessoas dotadas dessa faculdade não suspeitam possuí-la. Ela se lhes afigura natural, como a de ver com os olhos. Consideram-na um atributo de seu ser e nunca uma coisa excepcional. Cumpre acrescentar que muito amiúde o esquecimento se segue a essa lucidez passageira, cuja lembrança, cada vez mais imprecisa, acaba por desvanecer-se como a de um sonho.

Há infinitos graus na potencialidade da segunda vista, desde a sensação confusa, até a percepção tão nítida quanto no sonambulismo. Há carência de um

termo para designar-se esse estado especial e, sobretudo, os indivíduos suscetíveis de experimentá-lo. Tem-se empregado a palavra **vidente**, que, embora não exprima com exatidão a idéia, adotaremos até nova ordem, em falta de outra melhor.

Se agora confrontarmos os fenômenos de segunda vista com os da clarividência sonambúlica, compreenderemos que o vidente possa perceber coisas que lhe estejam fora do alcance da visão ordinária, do mesmo modo que o sonâmbulo vê, à distância, acompanha o curso dos acontecimentos, aprecia-lhes a tendência e, em certos casos, lhes prevê o desenlace. Esse dom da segunda vista é que, em estado rudimentar, dá a certas pessoas o tato, a perspicácia, uma espécie de segurança aos atos, o que se pode com justeza denominar: golpe de vista moral. Mais desenvolvido, ele acorda os pressentimentos, ainda mais desenvolvido, faz ver acontecimentos que já se realizaram, ou que estão prestes a realizar-se; finalmente, quando chega ao apogeu, é o êxtase do homem acordado.

Como já dissemos, o fenômeno da segunda vista é quase sempre natural e espontâneo; parece, entretanto, que se produz com mais freqüência sob o império de determinadas circunstâncias. Os tempos de crise, de calamidades, de grandes emoções, tudo, enfim, que sobreexcita o moral, provoca-lhe o desenvolvimento. Dir-se-ia que a Providência, diante de perigos iminentes, multiplica em torno das criaturas a faculdade de prevê-los.

Videntes sempre os houve em todos os tempos e em todas as nações, parecendo, no entanto, que alguns povos são mais naturalmente predispostos a tê-los. Dizem que na Escócia é muito comum o dom da segunda vista. Nota-se-lhe muito frequentemente entre a gente do campo e os que habitam nas montanhas.

Os videntes têm sido diversamente considerados, conforme os tempos, os costumes e o grau de civilização. Para os cépticos, eles não passam de cérebros desarranjados, de alucinados; as seitas religiosas os arvoraram em profetas, sibilas, oráculos; nos séculos de superstição e ignorância, eram feiticeiros e acabavam nas fogueiras. Para o homem sensato, que acredita no poder infinito da Natureza e na bondade inesgotável do Criador, a dupla vista é uma faculdade inerente à espécie humana, por meio da qual Deus nos revela a existência da nossa essência espiritual. Quem não reconheceria um dom dessa natureza em Joana d'Arc e em toda uma multidão de outros personagens que a história qualifica de inspirados?

Muito se tem falado de pessoas que, deitando as cartas, disseram coisas de surpreendente verdade. De modo nenhum pretendemos fazer-nos apologistas dos ledores da "buena-dicha" que exploram a credulidade dos espíritos fracos e cuja linguagem ambígua se presta a todas as combinações de uma imaginação abalada; mas, não é de todo impossível que certas pessoas, fazendo disso um ofício, tenham o dom da segunda vista, mesmo mau grado seu. Sendo assim, as cartas, entre as suas mãos, não passam de um meio, de um pretexto, de uma base de conversação. Elas falam de acordo com o que vêem e não com o que indicam as cartas para as quais apenas olham.

O mesmo se dá com outros meios de adivinhação, tais como as linhas da mão, a clara de ovo e outros símbolos místicos. Os sinais das mãos talvez tenham mais valor do que todos os outros meios, não por si mesmos, mas porque,

tomando e palpando a mão do consultante, o pretense adivinho, se é dotado de dupla vista, estabelece relação mais direta com aquele, como se verifica nas consultas sonambúlicas.

Podem incluir-se os médiuns videntes na categoria das pessoas que possuem a dupla vista. Com efeito, do mesmo modo que estas últimas, aqueles julgam ver com os olhos, mas, na realidade, a alma é que vê e por essa razão é que eles vêem tão bem com os olhos abertos como com os olhos fechados. Segue-se, necessariamente, que um cego poderia ser médium vidente, tanto quanto um que tenha perfeita a vista. Constituiria estudo interessante indagar se essa faculdade seria ou não mais freqüente nos cegos.

Somos levado a crê-lo, dado que, como se pode verificar experimentalmente, a privação de comunicar-se com o meio exterior, por falta de certos sentidos, confere em geral poder maior à faculdade de abstração da alma e, conseqüentemente, maior desenvolvimento ao sentido íntimo pelo qual ela se põe em relação com o mundo espiritual.

Podem, pois, os médiuns videntes ser identificados às pessoas que gozam da vista espiritual; mas, seria porventura demasiado considerar essas pessoas como médiuns, porquanto a mediunidade se caracteriza unicamente pela intervenção dos Espíritos, não se podendo ter como ato mediúnico o que alguém faz por si mesmo. Aquele que possui a vista espiritual vê pelo seu próprio Espírito, não sendo de necessidade, para o surto da sua faculdade, o concurso de um Espírito estranho.

Isto posto, examinemos até que ponto a faculdade da dupla vista pode permitir se descubram coisas ocultas e se penetre no futuro.

Desde todos os tempos, os homens não querido conhecer o futuro e volumes se poderiam escrever sobre os meios que a superstição inventou para erguer o véu que encobre o nosso destino. Muito sábia foi a Natureza no-lo ocultando.

Cada um de nós tem a sua missão providencial na grande colméia humana e concorre para a obra comum na sua esfera de atividade. Se soubéssemos de antemão o fim de cada coisa, é fora de dúvida que a harmonia geral ficaria perturbada. A segurança de um porvir ditoso tiraria ao homem toda a atividade, pois que nenhum esforço precisaria ele empregar para alcançar o objetivo que sempre colima: o seu bem-estar. Paralisar-se-iam todas as forças físicas e morais. As mesmas conseqüências produziria a certeza da infelicidade, em virtude do desânimo que ganharia a criatura. Ninguém se disporia a lutar contra a sentença definitiva do destino. O conhecimento absoluto do futuro seria, portanto, um presente funesto, que nos conduziria ao dogma da fatalidade, o mais perigoso de todos, o mais antipático ao desenvolvimento das idéias.

A incerteza quanto ao momento do nosso fim neste mundo é que nos faz trabalhar até ao último batimento do nosso coração. O viajante levado por um veículo se entrega ao movimento que o fará chegar ao ponto demandado, sem pensar em lhe impor qualquer desvio, por estar certo da sua impotência para consegui-lo. O mesmo se daria com o homem que conhecesse o seu destino irrevogável.

Se os videntes pudessem infringir essa lei da Providência, igualar-se-iam à Divindade. Por isso mesmo, não é essa a missão que lhes cabe.

No fenômeno da dupla vista, por se achar a alma parcialmente liberta do envoltório material, que lhe limita as faculdades, não há duração, nem distância; visto que lhe é dado abranger o espaço e o tempo, tudo se lhe confunde no presente. Livre dos entraves da carne, ela julga dos efeitos e das causas melhor do que nós, que não podemos fazer outro tanto; vê as conseqüências das coisas presentes e pode levar-nos a pressenti-las. É neste sentido que se deve entender o dom de presciência atribuído aos videntes. Suas previsões resultam de ter a alma consciência mais nítida do que existe e não de uma predição de coisas fortuitas, sem ligação com o presente. É por dedução lógica do conhecido que ela chega ao desconhecido, dependente muitas vezes da nossa maneira de proceder.

Quando um perigo nos ameaça, se somos avisados, ficamos em condições de tentar tudo o que seja preciso para evitá-lo, cabendo-nos a liberdade de fazê-lo ou não. Em tais casos, os videntes descobrem o perigo que se nos acha oculto; ele o assinala, indica o meio de afastá-lo, pois de outro modo o acontecimento segue o seu curso. Suponhamos que uma carruagem enveredou por uma estrada que vai dar num precipício que o condutor não pode perceber. É evidente que, se nada ocorrer que a desvie, ela ali se precipitará. Suponhamos também que um homem colocado de maneira a divisar a estrada em toda a sua extensão, vendo o perigo que corre o viajante, consegue avisá-lo a tempo de ele se desviar. O perigo estará conjurado. Da sua posição, dominando o espaço, o observador vê o que o viajante, cuja visão os acidentes do terreno circunscrevem, não logra divisar. Pode ele ver se uma causa fortuita obstará à queda do outro; conhece então, previamente, o que se dará e prediz o acontecimento. Imaginemos que esse homem, do alto de uma montanha, divise ao longe, pela estrada, uma tropa inimiga dirigindo-se para uma aldeia a que pretende atear fogo. Fácil lhe será, levados em conta o espaço e a velocidade, prever quando a tropa chegará. Se, então, descendo à aldeia, disser apenas: **A tal hora a aldeia será incendiada**, caso o fato ocorrer, ele passará, aos olhos da multidão ignorante, por adivinho, feiticeiro; entretanto, apenas viu o que os outros não podiam ver e deduziu, do que vira, as conseqüências.

Ora, o vidente, como esse homem, apreende e acompanha o curso dos acontecimentos; não lhes prevê o resultado porque possui o dom de adivinhar: ele o vê e, desde então, pode dizer-vos se estais no bom caminho, indicar-vos outro melhor e anunciar o que se vos deparará no extremo do que seguís. É, para vós, o fio de Ariadne, mostrando a saída do labirinto.

Como se vê, longe está isso da predição propriamente dita, conforme a entendemos na acepção vulgar do termo. Nada foi tirado ao livre-arbítrio do homem, que conserva sempre a liberdade de agir ou não, de evitar ou deixar que os acontecimentos se dêem, por sua vontade, ou por sua inércia; indica-se-lhe um meio de chegar ao fim, cabendo-lhe utilizá-lo. Supô-lo submetido a uma fatalidade inexorável, com relação aos menores acontecimentos da vida, é despojá-lo do seu mais belo atributo: a inteligência; é assimilá-lo ao bruto.

O vidente, pois, não é um adivinho; é um ser que percebe o que não vemos; é, para nós, o cão do cego. Nada nisto há, portanto, que se contraponha aos

desígnios da Providência quanto ao segredo de nosso destino; é ela própria quem nos dá um guia. Tal o ponto de vista donde se deve considerar o conhecimento do futuro, por parte das pessoas dotadas de dupla vista.

Se fosse fortuito esse futuro, se dependesse do a que se chama acaso, se nenhuma ligação tivesse com as circunstâncias presentes, nenhuma clarividência poderia penetrá-lo e nenhuma certeza, nesse caso, ofereceria qualquer previsão.

O vidente (referimo-nos ao que verdadeiramente o é), o vidente sério e não o charlatão que simula sê-lo, o verdadeiro vidente, não diz o que o vulgo denomina “buena-dicha”; ele apenas prevê as conseqüências que decorrerão do presente; nada mais e já é muito.

Quantos erros, quantos passos em falso, quantas tentativas inúteis não evitaríamos, se tivéssemos sempre um guia seguro a nos esclarecer; quantos homens se acham deslocados na vida, por não se haverem lançado no caminho que a Natureza lhes traçara às faculdades! Quantos sofrem malogros por terem seguido os conselhos de uma obstinação irrefletida!

Uma pessoa houvera podido dizer-lhes:

“Não empreendais isso, porque as vossas faculdades intelectuais são insuficientes, porque não convém ao vosso caráter, nem à vossa constituição física, ou, ainda, porque não sereis secundados, como fora preciso; ou, então, porque vos enganais sobre o alcance do que pretendeis e topareis com este embaraço que não prevedes.”

Noutras circunstâncias, ter-lhes-ia dito:

“Sair-vos-eis bem de tal empreendimento, se vos conduzirdes desta ou daquela maneira; se evitardeis dar tal passo que não pode comprometer- vos.”

Sondando as disposições e os caracteres, poderia dizer:

“Desconfiai de tal armadilha que vos querem preparar”, acrescentando, em seguida: “Estais prevenidos, fiz o que me cumpria; mostrei-vos o perigo; se sucumbirdes, não acuseis a sorte, nem a fatalidade, nem a Providência; acusai-vos unicamente a vós mesmos. Que pode fazer o médico, quando o doente não lhe dá atenção aos conselhos?”

OBSERVAÇÃO: A *precognição* foi um dos fenômenos provados cientificamente pelas pesquisas parapsicológicas na Universidade norte-americana de Duke, Carolina do Sul. Mas a primeira prova se deu na Universidade de Cambridge, Inglaterra, através das famosas experiências do Prof. Whately Carington. Na Universidade de Londres o Prof. Soal confirmou essas provas, posteriormente confirmadas também por numerosos outros investigadores em diversas Universidades européias e americanas. A teoria de Kardec, formulada neste capítulo, nada fica a dever às teorias atuais. Pelo contrário, mostra-se mesmo inegavelmente mais lógica do que muitas proposições recentes. *Precognição* é o nome científico dos fenômenos de previsão ou profecia. (Nota de J. Herculano Pires).

*

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA FOTOGRAFIA E DA TELEGRAFIA DO PENSAMENTO

É fato incontestável a ação fisiológica de indivíduo a indivíduo, com ou sem contacto. Semelhante ação evidentemente só pode ser exercida por um a-

gente intermediário, do qual são reservatório o nosso corpo, os nossos olhos e os nossos dedos, principais órgãos de emissão e de direção. Esse agente invisível é necessariamente um fluido. Quais a sua natureza e a sua essência? Quais as suas propriedades íntimas? Será um fluido especial, ou uma modificação da eletricidade, ou de algum outro fluido conhecido? Não será antes o a que hoje damos o nome de fluido cósmico, quando se acha esparso na atmosfera, e fluido perispirítico, quando individualizado?

Esta questão, aliás, é secundária. O fluido perispirítico é imponderável, como a luz, a eletricidade e o calórico. É-nos invisível, no nosso estado normal, e somente por seus efeitos se revela. Torna-se, porém, visível a quem se ache no estado de sonambulismo lúcido e, mesmo, no estado de vigília, às pessoas dotadas de dupla vista. No estado de emissão, ele se apresenta sob a forma de feixes luminosos, muito semelhante à luz elétrica difundida no vácuo. A isso, em suma, se limita a sua analogia com este último fluido, porquanto não produz, pelo menos ostensivamente, nenhum dos fenômenos físicos que conhecemos. No estado ordinário, denota matizes diversos, conforme os indivíduos que o emitem: ora vermelho fraco, ora azulado, ou acinzentado, qual ligeira bruma. As mais das vezes, espalha sobre os corpos circunjacentes uma coloração amarelada, mais ou menos forte.

Sobre essa questão, são idênticos os relatos dos sonâmbulos e dos videntes. Teremos ainda ocasião de tratar disso, quando falarmos das qualidades que ao fluido imprimem o móvel que o põe em movimento e o adiantamento do indivíduo que o emite.

Nenhum corpo lhe opõe obstáculo; ele os penetra e atravessa todos. Até agora nenhum se conhece que seja capaz de o isolar. Somente a vontade lhe pode ampliar ou restringir a ação. A vontade, com efeito, é o seu mais poderoso princípio. Pela vontade, dirigem-se-lhe os eflúvios através do espaço, saturam-se dele alguns objetos, ou faz-se que ele se retire dos lugares onde superabunda.

Digamos, de passagem, que é neste princípio que se funda a força magnética. Parece, enfim, que ele é o veículo da vista psíquica, como o fluido luminoso o é da vista ordinária. (O problema da fotografia do pensamento está

O fluido cósmico, conquanto emane de uma fonte universal, se individualiza, por assim dizer, em cada ser e adquire propriedades características, que permitem distingui-lo de todos os outros. Nem mesmo a morte apaga esses caracteres de individualização, que persistem por longos anos após a cessação da vida, coisa de que já hemos podido convencer-nos.

Cada um de nós tem, pois, o seu fluido próprio, que o envolve e acompanha em todos os movimentos, como a atmosfera acompanha cada planeta. É muito variável a extensão da irradiação dessas atmosferas individuais. Achando-se o Espírito em estado de absoluto repouso, pode essa irradiação ficar circunscrita nos limites de alguns passos; mas, atuando à vontade, pode alcançar distâncias infinitas. A vontade como que dilata o fluido, do mesmo modo que o calor dilata os gases.

As diferentes atmosferas individuais se entrecruzam e misturam, sem jamais se confundirem, exatamente como as ondas sonoras que se conservam dis-

tintas, a despeito da imensidade de sons que simultaneamente abalam o ar. Pode-se, por conseguinte, dizer que cada indivíduo é centro de uma onda fluídica, cuja extensão se acha em relação com a força da vontade, do mesmo modo que cada ponto vibrante é centro de uma onda sonora, cuja extensão está na razão propulsora do fluido, como o choque é a causa de vibração do ar e propulsora das ondas sonoras.

Das qualidades peculiares a cada fluido resulta uma espécie de harmonia ou desacordo entre eles, uma tendência a se unirem ou evitarem, uma atração ou repulsão, numa palavra: as simpatias ou antipatias que se experimentam, muitas vezes sem manifestas causas determinantes.

Se nos colocamos na esfera de atividade de um indivíduo, a sua presença não raro se nos revela pela impressão agradável ou desagradável que nos produz o seu fluido. Se estamos entre pessoas de cujos sentimentos não partilhamos, cujos fluidos não se harmonizam com os nossos, penosa reação entra a oprimir-nos e sentimo-nos ali como nota dissonante num concerto! Se, ao contrário, muitos indivíduos se acham reunidos em comunhão de vistas e de intenções, os sentimentos de cada um se exaltam na proporção mesma da massa das forças atuantes.

Quem não conhece a força de arrastamento que domina as aglomerações onde há homogeneidade de pensamentos e de vontades? Ninguém pode imaginar a quantas influências estamos assim submetidos, à nossa revelia. Não podem essas influências ser a causa determinante de certas idéias, dessas idéias que em dado momento se nos tornam comuns e a outras pessoas, desses pressentimentos que nos levam a dizer: paira alguma coisa no ar, pressagiando tal ou tal acontecimento? Enfim, certas sensações indefiníveis de bem-estar ou de mal-estar moral, de alegria ou tristeza, não serão efeitos da reação do meio fluídico em que nos encontramos, dos eflúvios simpáticos ou antipáticos que recebemos e que nos envolvem como as emanações de um corpo odorífico?

Não podemos pronunciar-nos afirmativamente, de modo absoluto, sobre essas questões, mas é forçoso convir, pelo menos, em que a teoria do fluido cósmico, individualizado em cada ser sob o nome de fluido perispirítico, abre um campo inteiramente novo para a solução de uma imensidade de problemas até agora insolúveis. Em seu movimento de translação, cada um de nós leva consigo a sua atmosfera fluídica, como o caracol leva a sua concha; esse fluido, porém, deixa vestígios da sua passagem; deixa um como sulco luminoso, inacessível aos nossos sentidos, no estado de vigília, mas que serve para que os sonâmbulos, os videntes e os Espíritos desencarnados reconstituam os fatos ocorridos e examinem os móveis que os ocasionaram.

Toda ação física ou moral, patente ou oculta, de um ser sobre si mesmo, ou sobre outro, pressupõe, de um lado, uma força atuante e, de outro, uma sensibilidade passiva. Em todas as coisas, duas forças iguais se neutralizam e a fraqueza cede à força. Ora, não sendo todos os homens dotados da mesma energia fluídica, ou, por outra, não tendo o fluido perispirítico, em todos, a mesma potência ativa, explicado fica por que, nuns, essa potência é quase irresistível, ao passo que, noutros, é nula; por que algumas pessoas são muito acessíveis à sua ação, enquanto que outras lhe são refratárias. Essa superioridade e essa inferioridade

ridade relativas dependem evidentemente do organismo; mas, fora erro acreditar-se que estão na razão direta da força ou da fraqueza física.

A experiência prova que os homens mais robustos às vezes sofrem as influências fluídicas mais facilmente do que outros de constituição muito mais delicada, ao passo que com freqüência se descobrem entre estes últimos uma força que a frágil aparência deles não permitiria se suspeitasse. De muitas formas se pode explicar essa diversidade no modo de agir. O poder fluídico aplicado à ação recíproca dos homens uns sobre os outros, isto é, ao Magnetismo, pode depender: 1º da quantidade de fluido que cada um possua; 2º da natureza intrínseca do fluido de cada um, abstração feita da quantidade; 3º do grau de energia da força impulsiva; porventura, até, dessas três causas reunidas.

Na primeira hipótese, aquele que tem mais fluido dá-lo-ia ao que tem menos, recebendo-o deste em menor quantidade. Haveria nesse caso analogia perfeita com a permuta de calórico entre dois corpos que se colocam em equilíbrio de temperatura.

Qualquer que seja a causa daquela diferença, podemos aperceber-nos do efeito que ela produz, imaginando três pessoas cujo poder representaremos pelos números 10, 5 e 1. O 10 agirá sobre o 5 e sobre o 1, porém mais energicamente sobre o 1 do que sobre o 5; este atuará sobre o 1 mas será impotente para atuar sobre o 10; o 1, finalmente, não atuará sobre nenhum dos dois outros. Será essa talvez a razão por que certos pacientes são sensíveis à ação de tal magnetizador e insensíveis à de tal outro.

Pode-se também, até certo ponto, explicar esse fenômeno, apoiado nas considerações precedentes. Dissemos, com efeito, que os fluidos individuais são simpáticos ou antipáticos, uns com relação aos outros. Ora, não poderia dar-se que a ação recíproca de dois indivíduos estivesse na razão da simpatia dos fluidos, isto é, da tendência destes a se confundirem por uma espécie de harmonia, como as ondas sonoras produzidas pelos corpos vibrantes? Indubitavelmente essa harmonia ou simpatia dos fluidos é uma condição, ainda que não indispensável em absoluto, pelo menos muito preponderante, e quando há desacordo ou antipatia, a ação não pode deixar de ser fraca, ou, até, nula.

Este sistema explica bem as condições prévias da ação; mas, não diz de que lado está a força e, admitindo-o, somos forçados a recorrer à nossa primeira suposição. Em suma, que o fenômeno se dê por uma ou outra dessas causas, isso não leva a nenhuma consequência. O fato existe; é o essencial. Os da luz se explicam igualmente pela teoria da emissão e pela das ondulações; os da eletricidade, pelos fluidos positivo e negativo, vítreo e resinoso.

Em próximo estudo, apoiando-nos nas considerações que temos expandido, procuraremos definir o que entendemos por fotografia e telegrafia do pensamento.

FOTOGRAFIA E TELEGRAFIA DO PENSAMENTO

A fotografia e a telegrafia do pensamento são questões até agora pouco explanadas. Como todas as que não apresentam ligação com as leis que, por sua essência, devem ser universalmente difundidas, foram relegadas para segundo plano, não obstante serem de capital importância e poderem os elementos que

elas contêm concorrer para a elucidação de muitos problemas que ainda se acham sem solução.

Quando um artista de talento executa um quadro, obra magistral a que consagrou todo o gênio que progressivamente adquiriu, dá primeiramente os traços gerais, de sorte que se compreenda, desde o esboço, todo o partido que espera tirar dali. Só depois de haver elaborado minuciosamente o seu plano geral é que entra nas minúcias; e, embora a este último trabalho deva, talvez, dispensar maiores cuidados do que àquele outro, tal não lhe seria possível, se não houvera esboçado antes o seu quadro. O mesmo sucede em Espiritismo.

As leis fundamentais, os princípios gerais, cujas raízes existem no espírito de todo ser criado, foram elaborados desde a origem. Todas as outras questões, quaisquer que sejam, dependem das primeiras. Por isso é que, durante certo tempo, forçoso se torna pôr de lado o estudo dessas questões.

Com efeito, poder-se-ia logicamente falar de fotografia e de telegrafia do pensamento, antes de estar demonstrada a existência da alma que manobra os elementos fluídicos e a dos fluidos que permitem se estabeleçam relações entre duas almas distintas? Ainda hoje, talvez, mal começamos a estar suficientemente esclarecidos para a elaboração de tão vastos problemas! Entretanto, não se acharão deslocadas aqui algumas considerações de natureza a preparar as bases para um estudo mais completo.

Limitado em suas idéias e aspirações, tendo circunscritos os seus horizontes, o homem precisa concretar todas as coisas e pôr-lhes etiquetas, a fim de guardar delas apreciável lembrança e basear seus futuros estudos nos dados que haja reunido. Pelo sentido da vista foi que lhe vieram as primeiras noções do conhecimento. Foi a imagem de um objeto que lhe ensinou a existência desse objeto. Quando conheceu muitos objetos, tirou deduções das impressões diferentes que eles lhe produziam no íntimo do ser, fixou na inteligência a quintessência deles por meio do fenômeno da memória. Ora, que é a memória, senão um espécie de álbum mais ou menos volumoso, que se folheia para encontrar de novo as idéias apagadas e reconstituir os acontecimentos que se foram? Esse álbum tem marcas nos pontos capitais. De alguns fatos o indivíduo imediatamente se recorda; para recordar-se de outros, é-lhe necessário folhear por longo tempo o álbum.

A memória é como um livro! Quando as páginas já estão muito manuseadas e ligas, caem com facilidade, sob os olhos: as folhas virgens ou raramente perlustradas têm que ser folheadas uma a uma, para que consigamos reconstituir um fato sobre o qual pouco tenhamos demorado a atenção.

Quando o Espírito encarnado se lembra, sua memória lhe apresenta, de certo modo, a fotografia do fato que ele procura. Em geral, os encarnados que o cercam nada vêem; o álbum se acha em lugar inacessível ao olhar deles; mas, os Espíritos o vêem e folheiam conosco. Em dadas circunstâncias, podem mesmo, deliberadamente, ajudar a nossa pesquisa, ou perturbá-la.

O que se produz de um encarnado para um desencarnado também se verifica do desencarnado para o vidente. Quando se evoca a lembrança de certos fatos da existência de um Espírito, apresenta-se-lhe a fotografia desses fatos; e o

vidente, cuja situação espiritual é análoga à do Espírito livre, vê como ele e, até, em determinadas circunstâncias, vê o que o Espírito não vê por si mesmo, tal como um desencarnado pode folhear a memória de um encarnado, sem que este tenha disso consciência e lembrar-lhe fatos de há muito esquecidos. Quanto aos pensamentos abstratos, por isso mesmo que existem, tomam corpo para impressionar o cérebro; têm de agir naturalmente sobre este e, de certo modo, gravar-se nele. Ainda neste caso, como no primeiro, parece perfeita a semelhança entre os fatos da terra e os do espaço.

Já tendo sido o fenômeno da fotografia do pensamento objeto de algumas reflexões nossas na *Revista*, para maior clareza reproduziremos alguns trechos do artigo em que o assunto foi tratado e que completaremos com outras observações novas.

Sendo os fluidos o veículo do pensamento, este atua sobre aqueles como o som atua sobre o ar; eles nos trazem o pensamento como o ar nos traz o som.

Pode-se, pois, dizer, com inteira verdade, que há nos fluidos ondas e raios de pensamentos, que se cruzam sem se confundirem, como há, no ar, ondas e raios sonoros.

Ainda mais: criando **imagens fluídicas**, o pensamento se reflete no envoltório perispirítico como num espelho, ou, então, como essas imagens de objetos terrestres que se refletem nos vapores do ar tomando aí um corpo e, de certo modo, **fotografando-se**.

Se um homem, por exemplo, tiver a idéia de matar alguém, embora seu corpo material se conserve impassível, seu corpo fluídico é acionado por essa idéia e a reproduz com todos os matizes. Ele executa fluidicamente o gesto, o ato que o indivíduo premeditou. Seu pensamento cria a imagem da vítima e a cena inteira se desenha, como num quadro, tal qual lhe está na mente. É, assim que os mais secretos movimentos da alma repercutem no invólucro fluídico. É assim que uma alma pode ler noutra alma como num livro e ver o que não é perceptível aos olhos corporais. Estes vêem as impressões interiores que se refletem nos traços fisionômicos: a cólera, a alegria, a tristeza; a alma, porém, vê os pensamentos que não se traduzem externamente.

Entretanto, se, vendo a intenção, pode a alma pressentir a execução do ato que lhe será a conseqüência, não pode, contudo, determinar o momento em que ele será executado, nem lhe precisar os pormenores, nem mesmo afirmar que ele se realize, porque ulteriores circunstâncias podem modificar os planos concebidos e mudar as disposições. Ela não pode ver o que ainda não está no pensamento; o que vê é a preocupação ocasional ou habitual do indivíduo, seus desejos, seus projetos, suas intenções boas ou más. Daí os erros nas previsões de alguns videntes.

Quando um acontecimento está subordinado ao livre-arbítrio de um homem, os videntes podem pressenti-lo, de acordo com o pensamento que vêem; mas, não podem afirmar que se dará de tal forma, ou em tal momento. A maior ou menor exatidão nas previsões depende, além disso, da extensão e da clareza da vista psíquica. Nalguns indivíduos, desencarnados ou encarnados, limita-se a um ponto ou é difusa, ao passo que noutros é nítida e abrange todo o conjunto

dos pensamentos e das vontades que hajam de concorrer para a realização de um fato. Mas, acima de tudo, há sempre a vontade superior que pode, em sua sabedoria, permitir uma revelação ou impedi-la. Neste último caso, um véu impenetrável é lançado sobre a mais perspicaz vista psíquica. (Veja, em *A Gênese*, o capítulo sobre a **Presciência**.)

A teoria das criações fluídicas e, por conseguinte, da fotografia do pensamento, é uma conquista do moderno Espiritismo e pode, doravante, considerar-se como firmada em princípio, ressalvadas as aplicações de minúcias, que hão de resultar da observação. Este fenômeno é incontestavelmente a origem das visões fantásticas e desempenha grande papel em certos sonhos.

Quem na Terra sabe de que maneira se estabeleceram os primeiros meios de comunicação do pensamento? Como foram inventados ou, antes, descobertos, dado que nada se inventa, pois que tudo existe em estado latente, cabendo aos homens apenas os meios de pôr em ação as forças que a Natureza lhes oferece?

Quem sabe quanto tempo foi necessário para que os homens usassem da palavra de modo perfeitamente inteligível?

Aquele que soltou o primeiro grito inarticulado tinha sem dúvida uma certa consciência do que queria exprimir, mas os a quem ele se dirigiu nada a princípio compreenderam. Só ao cabo de longo lapso de tempo se verificou a existência de palavras convencionadas, depois a de frases abreviadas e, por fim, discursos inteiros.

Quantos milhares de anos não foram necessários para que a Humanidade chegasse ao ponto em que hoje se encontra! Cada progresso nos modos de comunicação, nas relações entre os homens, foi sempre assinalado por uma melhora no estado social dos seres. À medida que as relações de indivíduo a indivíduo se tornam mais estreitas, mais regulares, a necessidade se faz sentir de uma nova e mais rápida forma de linguagem, mais apropriada a pôr os homens em comunicação instantânea e universalmente uns com os outros.

Por que não teria cabimento no mundo moral, de encarnado a encarnado, por meio da telegrafia humana, o que ocorre no mundo físico, por meio da telegrafia elétrica? Por que as relações ocultas que ligam, de maneira mais ou menos consciente, os pensamentos dos homens e dos Espíritos, por meio da telegrafia espiritual, não se generalizariam entre os homens, de modo consciente?

A telegrafia humana! Eis um assunto para o riso dos que só admitem os sentidos reais. Mas, que importam as zombarias dos presunçosos? As suas negações, por mais que eles as multipliquem, não obstarão a que as leis naturais sigam seu curso, nem a que se encontrem novas aplicações dessas leis, à medida que a inteligência humana se ache em estado de lhes experimentar os efeitos.

O homem exerce ação direta sobre as coisas, assim como sobre as pessoas que o cercam. Frequentemente, uma pessoa de quem se faz pouco caso exerce influência decisiva sobre outras de posição superior. É que na Terra se vêem muito mais máscaras do que rostos, sendo os olhos obscurecidos pela vaidade, o interesse pessoal e todas as paixões más. A experiência nos demonstra que, que à nossa própria revelia, podemos influenciar-nos uns aos outros.

Um pensamento superior, **fortemente pensado**, permita-se-nos a expressão, pode, pois, conforme a sua força e a sua elevação, tocar de perto ou de longe homens que nenhuma idéia fazem da maneira por que ele lhes chega, do mesmo modo que muitas vezes aquele que o emite não faz idéia do efeito produzido pela sua emissão. É esse um jogo constante das inteligências humanas e da ação recíproca de umas sobre as outras. Juntai-lhe a ação dos desencarnados e imaginai, se o conseguirdes, o poder incalculável dessa força composta de tantas forças reunidas.

Se fosse possível pôr em evidência o imenso mecanismo que o pensamento aciona e dos efeitos que ele produz de um indivíduo a outro, de um grupo de seres a outro grupo e, afinal, da ação universal dos pensamentos das criaturas umas sobre as outras, o homem ficaria deslumbrado! Sentir-se-ia amesquinhado diante dessa infinidade de circunstâncias, diante dessa rede infinita; tudo ligado por uma potente vontade e atuando harmonicamente para alcançar um único objetivo: o progresso universal.

Pela telegrafia do pensamento, ele apreciará em todo o seu valor a lei da solidariedade, ponderando que não há um pensamento, seja criminoso, seja virtuoso, ou de outro gênero, que não tenha ação real sobre o conjunto dos pensamentos humanos e sobre cada um deles. Se o egoísmo o levava a desconhecer as conseqüências, para outrem, de um mau pensamento, pessoalmente seu, por esse mesmo egoísmo ele se verá induzido a ter bons pensamentos, para elevar o nível moral da generalidade das criaturas, atentando nas conseqüências que sobre si mesmo produziria um mau pensamento de outrem. (Temos aqui um exemplo da maneira por que Allan Kardec, graças à sua compreensão global dos problemas, passava facilmente da teoria à prática, dando aplicação moral às suas conclusões científicas. Da técnica da *fotografia do pensamento* ele passava naturalmente, por necessidade lógica, sem nenhum esforço ou artifício, às conseqüências morais e espirituais das novas leis descobertas. Por outro lado, devemos observar a segurança de Kardec ao afirmar: “A teoria das criações fluídicas, e por conseguinte da fotografia do pensamento, é uma conquista do Espiritismo moderno e pode, de agora em diante, considerar-se estabelecida em princípio, salvo as aplicações de pormenores resultantes da observação”. Trechos como esse nos mostram que Kardec estava plenamente seguro do que afirmava, seguro de suas conquistas científicas no campo da investigação psíquica. Os que hoje o consideram superado, sem sequer se darem ao esforço de estudar as suas obras, têm aqui uma excelente oportunidade de reflexão a respeito da seriedade e da importância atual dos seus trabalhos. Nota de J. Herculano Pires.)

São efeitos da telegrafia do pensamento essas impressões misteriosas, às vezes violentas, que sentimos e que provêm da alegria ou do sofrimento de um ente caro, que se acha longe de nós. É fenômeno do mesmo gênero o sentimento de simpatia ou de antipatia, que nos atrai ou nos afasta de determinados Espíritos.

Há nisto certamente um campo imenso aberto à observação, mas de que ainda não temos senão a suma; o estudo dos pormenores será a conseqüência de um conhecimento mais completo das leis que regem a ação dos fluidos entre uns e outros.

Livro: Parapsicologia, Hoje e Amanhã

J. Herculano Pires

VII - *Implicações sociológicas*

As proposições de Carington estabelecem teoricamente, no campo da Parapsicologia, o problema das relações metafísicas. Trata-se de um velho problema que nada tem de extraordinário, pois desde todos os tempos os homens se viram embaraçados com ele. Mas Carington tem a vantagem de colocar esse problema em termos de hipótese científica, tomando-se a palavra *hipótese* no seu verdadeiro sentido científico, ou seja, o de orientação de pesquisa. Parapsicologicamente dispomos, assim, de uma possibilidade de investigar as relações sociais paranormais, que se manifestam de maneira mais evidente no campo das manifestações espíricas e espiritóides. Por este último termo entendamos os fenômenos anímicos e fisiológicos que podem ser confundidos com manifestações *psicônicas*, segundo a proposição de Carington.

Mesmo, porém, que deixemos de lado esse problema das relações de entidades extrafísicas com as criaturas humanas, no sentido de uma parassociologia de natureza mediúnica, teríamos ainda pela frente o problema das implicações sociológicas das *funções psi*. Não podemos ignorar no contexto social a existência dessas funções e o papel que elas exercem. A Sociologia, portanto, vê-se obrigada a desbordar dos seus limites atuais ao impacto das comprovações efetuadas pela investigação parapsicológica. Imaginemos o que isso provocaria no espírito positivo de Comte ou Spencer e compreenderemos a reação dos sociólogos atuais a uma proposição dessa espécie. Não obstante, à semelhança da Física, que avança dia a dia e inelutavelmente nos rumos da Parafísica, a Sociologia já não mais poderá ignorar os problemas levantados pela constatação da existência das *funções psi*.

Na vida normal as manifestações *psi* ocorrem numa verdadeira gama que vai do simples pressentimento até os casos de telepatia, clarividência e precognição. No plano das ocorrências patológicas, como o demonstrou Ehrenwald, essas manifestações adquirem vigorosa significação, pois tanto podem ocasionar desequilíbrios quanto, devidamente estudadas, prevenir e corrigir os estados psíquicos anormais. Carl Wickland, da Faculdade de Medicina de Chicago, publicou há tempos um curioso livro sobre o assunto. Trata-se de um relato de suas experiências na clínica psiquiátrica. Experiências de ordem espírica, mas que nem por isso deixam de contribuir para o esclarecimento das implicações sociológicas das *funções psi*. Seu livro tem o título, não raro considerado sensacionalista, mas na verdade apenas explicativo de sua posição: *Trinta Anos entre os Mortos*.

No capítulo final desse livro diz Wickland: "É imprescindível que as investigações psíquicas sejam realizadas por homens de Ciência, que dela se encarreguem homens dispostos a pôr de lado todos os preconceitos, livres de qualquer prevenção, a fim de poderem sopesar todas as provas e classificar os descobrimentos que se venham a fazer". Esse trecho nos mostra que a posição de Wickland não é espírica no sentido místico, mas na linha do esclarecimento científico do problema, por ele não apenas investigado mas sobretudo vivido.

Casos como este do psiquiatra Wickland e os de William Crookes, Charles Richet, Gustavo Geley, William Crawford e mais recentemente os de Rhine, Soal, Price, Björkheim e tantos outros mostram-nos que as *funções psi*, no presente como no passado, influem até mesmo nos problemas da Sociologia da Cultura. Poderíamos ainda evocar os casos clássicos de Sócrates, Plotino, Descartes, Joana D'Arc, para acentuar a importância dessa influência no processo cultural. Isso, sem contar as múltiplas ocorrências de intuições e revelações de tipo iluminista verificadas com cientistas, artistas, escritores, poetas e músicos por toda parte e em todas as épocas.

Quando falamos, pois, de uma Parassociologia podemos considerar a proposição em dois planos: no referente às implicações de *psi* na vida normal ou cotidiana e no referente às ocorrências paranormais, que tanto podem ser as manifestações ostensivas de faculdades extrafísicas quanto os problemas do misticismo e da psiquiatria. As investigações parapsicológicas modificam a posição desses problemas, obrigando-nos a encará-los com mais vasta compreensão. A complexidade do *aqui* e do *agora* existenciais se mostra mais profunda e mais exigente diante dos dados dessas investigações.

Por outro lado há a considerar todo o rol de conseqüências sociais das diversas formas de manifestação das *funções psi*. Declarou recentemente uma ilustre psiquiatra paulista, a Dra. Maria de Lourdes Pedroso, em entrevista à imprensa, que toda a civilização ocidental, como o demonstra a sua denominação específica de "civilização cristã", provém da ocorrência de manifestações metergéticas na Palestina. Abstraindo-nos do sentido espiritual do Cristianismo e encarando-o apenas na sua significação sociológica, principalmente nos quadros da Sociologia Cultural, teremos de dar razão à psiquiatra. As *funções psi*, não apenas do homem que produziu a revolução cristã, mas de todos os que foram partícipes desse movimento de importância fundamental para aquilo que o padre Chardin denomina *fenômeno humano*, foram realmente responsáveis pela transformação do mundo.

O *fenômeno humano*, portanto, implica aspectos fundamentais que foram até agora negligenciados na sua avaliação científica. A negligência decorria de fatores conhecidos: de um lado a posição retrógrada do misticismo religioso impedindo o acesso ao conhecimento do paranormal; de outro lado a barreira levantada pelo ceticismo dos que pretendiam reduzir a Ciência aos objetivos materiais. A investigação parapsicológica, como bem o afirmou o Prof. Rhine, vem arrancar o pensamento atual desse dilema desesperante ao provar-lhe cientificamente a existência de um Universo extrafísico. Liberto assim do peso do objetivo, que o próprio desenvolvimento das Ciências físicas já superou, o pensamento atual está em condições de alargar as suas perspectivas no plano do subjetivo. E é na amplitude dessas perspectivas que podemos falar das possibilidades evidentes da Parassociologia, decorrentes do avanço já realizado em todo o mundo pela investigação parapsicológica.

Alfred Still reconhece em seu livro *Nas Fronteiras da Ciência e da Parapsicologia* que as provas científicas da materialização de Espíritos são realmente sérias, *embora não seja necessário admitirmos que se trata de Espíritos*. Se a questão de rótulo é assim tão importante chamemos a essas entidades de *estrutu-*

ras psicônicas. A teoria de Carington poderá servir de salvo-conduto aos *fantasmas* de Crookes e Richet para entrarem no mundo científico das interpretações sociais. Tanto mais que na realidade social natural há muito eles já se acomodaram.

Os homens mais ilustres, dizia Kardec, são às vezes tão fúteis que se arreceiam de palavras. Não permitamos que as palavras sirvam de barreira aos que desejam tomar conhecimento das novas dimensões da Sociologia. A expressão criada por Carington agrada mais aos que se interessam pelas novidades da terminologia científica. Ao invés dos *fantasmas dos mortos*, que dão calafrios a muitos espíritos positivos, deixemos que as *estruturas psicônicas* passem livremente pelo mundo dos vivos, enriquecendo com seus *psícons* as nossas relações sociais.

*

VIII - PSI e as transformações sociais

Procuremos examinar a dualidade sociológica das implicações de *psi* a que já nos referimos. De um lado temos as implicações na vida normal ou cotidiana. À primeira vista são ocorrências de segunda importância, sem maiores conseqüências para a vida social. Na verdade elas não somente influem na conduta dos indivíduos e dos grupos, mas determinam essa conduta. Os *arquétipos coletivos* de Jung, os *instintos do eu* de Freud; a *vontade* de poder de Nietzsche; a *compensação* de Adler e outras hipóteses do gênero bastariam para mostrar a importância da percepção extra-sensorial na conduta. Aliás, toda a Psicologia moderna e o desenvolvimento da Psicologia Social são suficientes para advertir-nos quanto à necessidade de uma investigação a respeito dessas influências.

Não queremos substituir as hipóteses psicológicas acima mencionadas pelas hipóteses parapsicológicas. Pelo contrário, servimo-nos delas para exemplificar as implicações de *psi* na conduta. Toda a História se apresenta repleta de episódios nesse sentido. Das profecias trágicas de Cassandra, em Tróia, aos augúrios oraculares da Grécia e Roma, até às vozes de Joana D'Arc, as intuições de Napoleão e as previsões de Lênin há toda uma seqüência de fatos paranormais balizando o processo histórico. O mesmo se dá no plano individual. O homem que pressente a queda de um avião e troca a sua passagem no aeroporto, movido por um impulso do qual a seguir se arrepende, mas graças ao qual salva a sua vida, há de compreender que *psi* foi de importância fundamental para a sua conduta num momento decisivo.

Tanto no plano da Psicologia Individual, quanto no plano da Psicologia Coletiva ou de grupo e no plano mais vasto da Psicologia Social as implicações de *psi* não são apenas admissíveis, mas sobretudo evidentes e altamente significativas. O chamado *momento psicológico* nada mais é que o deflagrar de um processo coletivo de *psi*. Isto é mais fácil de compreender quando nos lembramos que as investigações parapsicológicas não se restringem ao psiquismo humano, tendo demonstrado como os grupos animais se conduzem através de suas *funções psi*. A percepção extra-sensorial, como um radar orgânico individual, produz a conjugação necessária no plano coletivo para que um grande conjunto se forme, em termos *gestálticos*, orientando a conduta de toda uma coletividade e decidindo os rumos da História. Humberto Mariotti lembra, a propósito, as fa-

ses culminantes da Revolução Francesa e da Revolução Russa, mas podemos lembrar também as proposições teóricas de Kurt Lewin sobre a conduta de grupos em momentos de tensão coletiva. Nesses momentos, poderíamos dizer com Carington, *entidades psicônicas* individuais se agrupam formando entidades sociais.

Voltando aos *arquétipos coletivos* de Jung devemos lembrar o estudo clássico de Mannheim em *Ideologia e Utopia*. As aspirações ideológicas têm o seu momento de deflagrar, que tanto pode ser favorável como negativo. Nos dois casos acima citados, o da Revolução Francesa e o da Revolução Russa, o momento de deflagrar foi positivo. Os materialistas atribuem o sucesso às condições objetivas, mas dificilmente poderiam mostrar como e porque essas condições se formaram e chegaram a um ponto favorável. Mannheim acentua: "O aparecimento e o desaparecimento de problemas em nosso horizonte intelectual são governados por um princípio ainda obscuro. A própria ascensão e o desaparecimento de sistemas completos de conhecimento podem ser reduzidos, em última análise, a determinados fatores, tornando-se assim explicáveis. (...) Da mesma forma, deveria a Sociologia do Conhecimento procurar investigar as condições em que problemas e disciplinas se formam e desaparecem".

O reconhecimento da existência das *funções psi* em âmbito individual e coletivo desloca o problema das transformações sociais do plano das simples condições materiais para o das condições psíquicas ou psicossociais. Compreendemos então que há algum motivo não descoberto, não percebido, para que, em dado momento, a revolução social se alastre e chegue a triunfar "no elo mais fraco da cadeia imperialista", enquanto nos elos mais fortes se torna impossível. Compreendemos que as condições econômicas e sociais não são suficientes por si mesmas, pois as transformações só se realizam, de maneira pacífica ou violenta, nos momentos em que as *funções psi* atingiram uma fase culminante de percepção da nova realidade que se aproxima. Trata-se de um caso de precognição coletiva.

Tudo isso, como vemos, no plano da vida normal, no processo natural do desenvolvimento de fatos sociais. Até aqui não intervêm as hipóteses de Carington sobre a existência de uma parassociologia do intermúndio, ou seja, de um processo de relações extrafísicas entre *entidades psicônicas* sobreviventes à morte do corpo e as criaturas humanas. Ao admitirmos, porém, esse processo mediúnic de relações passamos a outra série de conseqüências. As *funções psi* assumem, nesse caso, importância muito maior, nos termos da proposição de Mariotti sobre a dialética palingenésica. A sobrevivência do espírito na forma de *entidades psicônicas* proposta por Carington ou na forma mentalista de Price e outros, esta simples sobrevivência implica novos e muito mais vastos processos de relação social através do tempo. E a hipótese palingenésica, conseqüência lógica da hipótese de Carington, oferece-nos então a perspectiva de uma continuidade histórica que podemos chamar de conseqüente.

Vejamos as decorrências disso. Se admitimos, como explicava Ernesto Bozzano, a existência no homem de uma percepção extra-sensorial e de uma possibilidade, também, de ação extrafísica, é evidente que admitimos a sua natureza transcendente. Rompemos a concepção organocêntrica a que continuamos

apegados após o rompimento da concepção geocêntrica. De certa maneira a tendência centralizadora do pensamento, que foi superada pelo heliocentrismo no plano cósmico, refugiou-se no organocentrismo biológico, ou seja, expulso da Astronomia, escondeu-se na Biologia. A descoberta científica das *funções psi* vem atacar essa tendência no seu último reduto, revelando a possibilidade de vida e de atividades vitais fora dos organismos físicos. O homem transcende a si mesmo, projeta-se fora das suas condições imediatas de vida. As *estruturas psicônicas* vivem e agem independentemente de seus antigos organismos físicos.

É claro que dessa simples projeção resultam conseqüências numerosas e de mais elevada significação. Se a vida humana, como a de todos outros organismos, não se extingue com a perda do instrumento orgânico, e se a concepção palingenésica admite a volta das *entidades psicônicas* à vida orgânica, desaparece a solução de continuidade do processo histórico, tanto para os indivíduos que dele participam quanto para as coletividades. O *agora* existencial tem importância não apenas agora e não somente para este indivíduo que o vive, mas também no futuro e para aquele indivíduo que lá se apresentará, embora noutra forma e noutras condições. Refletindo sobre isto percebemos o mundo novo de responsabilidades e esperanças que a dialética palingenésica nos descortina.

O "princípio ainda obscuro" a que se refere Mannhein torna-se claro diante dos resultados ainda incipientes da investigação parapsicológica. As relações sociais formam um contexto muito mais amplo do que o visível no plano material. A Sociologia do Conhecimento só poderá penetrar além do contexto visível quando levar em consideração a existência das *relações psi* e o fato da sua importância básica para o desenvolvimento da cultura. As transformações sociais e culturais mostram-se regidas, à luz da Parapsicologia, por leis psíquicas ainda desconhecidas, mas que já se tornaram acessíveis à pesquisa científica. *Psi* pode encerrar o segredo dos fatores obscuros que precipitam as revoluções culturais e políticas.

Compreendemos melhor esse problema quando nos lembramos da tese *gestáltica* de que não vivemos na realidade concreta mas numa realidade psíquica. O nosso mundo — o mundo humano das relações sociais — não coincide com o mundo físico. Todos os psiquiatras e psicoterapeutas sabem quanto têm de lutar para integrar seus clientes até mesmo na factícia realidade social, que na verdade é psicológica.

Vivemos no mundo dos nossos anseios, das nossas ilusões, das nossas esperanças e dos nossos desesperos muitas vezes sem razão. Essa imensa rede psíquica estendida sobre a realidade física é regida por suas próprias leis que em geral independem das leis físicas no processo da dinâmica social

*

XIV - PSI na medicina

Interessam os *fenômenos psi*, e mais particularmente as *funções psi*, ao estudo da Medicina e ao preparo dos médicos? Jan Ehrenwald, em artigos publicados na revista "American Journal for Psychotherapy", em outras publicações especializadas e por último no seu livro *New Dimensions of Deep Analysis*, acentua o seguinte: "As implicações de *psi*, como revelação de um novo aspecto

da mente humana, têm tamanho alcance que reclamam a revisão e a recolocação de numerosos pressupostos teóricos relativos à estrutura da personalidade, às relações psico-soma, à localização cerebral e à natureza do nosso mundo perceptivo em geral".

Nesse curioso livro *Novas Dimensões da Análise Profunda*, Ehrenwald coloca os problemas de *psi* no quadro de suas observações e experiências da clínica psiquiátrica, relatando casos e revelando as relações de *psi* com as estâncias psicanalíticas da personalidade. Esses estudos são revalidados pelas experiências e pesquisas de Eisenbud, Paderson-Krag, Ullman, Fodor, Joost Merlok, Gillespie e outros. O Prof. Rhine, em *O Novo Mundo da Mente*, dedica um capítulo ao estudo das relações entre a Biologia e a Parapsicologia, advertindo: "Seria difícil medir a importância das conseqüências de *psi* num campo tão vasto como o da Biologia". Noutro trecho, Rhine acentua: "As investigações parapsicológicas, através de seus métodos experimentais, penetrou no nível inconsciente da personalidade, muito além da profundidade atingida pelas explorações clínicas da Psiquiatria".

As investigações de *psi* no mundo animal e as relações de *psi* com o estado e as funções fisiológicas de organismos animais e humanos são outros campos de investigação que, devidamente aprofundados, desembocam no delta das Ciências Médicas. Robert Amadou, em seu livro *La Parapsychologie*, ensaio histórico e crítico sobre as investigações de *psi*, declara: "A tendência contemporânea da Medicina de considerar o homem em sua totalidade e não descuidar no diagnóstico nem na terapêutica nenhum de seus elementos constitutivos, não lhe permite descartar-se dos *fenômenos psi*. A Medicina psicossomática ou corticovisceral terá de utilizar o conhecimento dos fenômenos parapsicológicos tanto na etiologia das enfermidades como nas relações entre o médico e o enfermo".

Os dados mais recentes da investigação de *psi* nos Estados Unidos, na Europa, na Rússia e mesmo na Argentina mostram cada vez mais a importância da Parapsicologia como vigorosa contribuição científica ao esclarecimento dos problemas médicos. As experiências de Vassiliev em Leningrado, em posição contrária à de Rhine na *Duke University* quanto à interpretação ideológica, não obstante confirmam e ampliam as perspectivas de *psi* no campo das relações psicossomáticas. A afirmação corajosa de Rhine de que *psi* demonstra a existência de um elemento não-físico no ser vivo serviu em parte para afastar da Parapsicologia os materialistas, mas as conseqüências de seus trabalhos práticos fizeram o contrário. As investigações da telepatia à distância, que obtiveram êxito, levaram os cientistas americanos e russos, empenhados na conquista do Espaço, a se interessarem seriamente pelas possibilidades cósmicas de *psi*, por suas possíveis aplicações na aludida conquista.

A própria Medicina espacial está hoje vivamente interessada nas investigações parapsicológicas. Diante dessa situação geral assume a importância de uma atualização do ensino médico no Brasil o projeto de lei encaminhado pelo deputado Campos Vergal, na Câmara Federal, instituindo cátedras de Parapsicologia em nossas Faculdades de Medicina. Consideramos que o projeto necessita de várias adaptações e correções, mas não há dúvida que representa um passo

concreto no sentido de fazer-se alguma coisa de prático nessa direção. Ao que parece a proposição foi encarada como de segunda importância e até mesmo como simples tentativa de interferência de um mundo estranho — o mundo das crenças espiritualistas — no campo fechado das Ciências positivas. Nada mais justifica essa posição retrógrada diante de um problema científico que se encontra na maior evidência em todo o mundo civilizado. Os grandes centros universitários mundiais estão hoje empenhados no estudo e na investigação dos *fenômenos psi*, e isso nas duas áreas em que se divide o nosso mundo em conflito, a capitalista e a socialista.

Tivemos ocasião de abordar o problema das implicações de *psi* na Medicina em palestras pronunciadas em centros acadêmicos de nossas Faculdades de Medicina. Os debates que seguiram às palestras revelaram, ao mesmo tempo, o inteiro desconhecimento do problema pela maioria dos estudantes e a hostilidade da maioria dos médicos presentes à interpretação parapsicológica de fenômenos paranormais indiscutivelmente entranhados no campo da Medicina, como os do caso Arigó. A posição geral de médicos e estudantes não revelava uma atitude científica, mas uma atitude determinada por velhos preconceitos e consequentemente defensiva, como se a Parapsicologia constituísse uma espécie de ameaça à integridade das Ciências Médicas da atualidade.

Não obstante, o simples fato de ter havido convites para as palestras, a manifestação interessada de numerosos estudantes e de alguns médicos presentes revelam que nem mesmo a citação enfática do caso Arigó consegue criar uma barreira intransponível. Isso demonstra que há uma área favorável ao exame do problema. Aliás, após a publicação da primeira edição deste livro três cursos de Introdução à Parapsicologia foram dados pelo Instituto Paulista de Parapsicologia nas três Faculdades de Medicina existentes em São Paulo (capital), por iniciativa dos respectivos Centros Acadêmicos.

Nunca será bastante insistir neste assunto. Porque é evidente que estamos num momento decisivo da História em que a mente humana, através das concepções científicas inclusive no campo até há pouco irreduzível da própria Física, depara com novas perspectivas para a compreensão do mundo e do homem. Não devemos permitir que num terreno da mais alta importância como o da Medicina essas perspectivas sejam afastadas, com inegáveis prejuízos para o nosso avanço cultural e a nossa atualização científica. *Psi*, como afirmou Amadou, não pode mais ser ignorada ou subestimada pelas Faculdades de Medicina.

O campo da Psicoterapia, em todas as suas variantes, é amplamente iluminado pelas pesquisas parapsicológicas. Não se pode mais admitir, como afirmam Rhine e Pratt (*Parapsychology*, 1962) qualquer confusão entre estados psicopatológicos e manifestações paranormais. O médico de hoje deve saber distinguir com precisão entre uma coisa e outra ou estará irrevogavelmente atrasado no campo de sua profissão.

Além da importância já proclamada dos *fenômenos psigama* na Psicoterapia em geral, Rhine e Pratt acentuam, face às últimas observações de médicos-parapsicólogos, a significação de *psikapa* (fenômenos físicos) na Biologia e na Medicina. Os casos de Medicina popular paranormal, como o de Arigó, encarados sumária e preconceituosamente pela maioria dos médicos, revelam, em nos-

so país e nos demais (Veja-se o caso Edgard Cayce nos Estados Unidos) a necessidade urgente do ensino da Parapsicologia em Medicina.

*

XV - Parapsicologia e espiritismo

Os domínios da Parapsicologia são um *enclave* no vasto império do Espiritismo: um pequeno território autônomo, recortado pelos cientistas no campo da imensa fenomenologia espírita.

Os livros de Parapsicologia, por isso mesmo, costumam citar o Espiritismo e os fenômenos espíritas como antecedentes dessa nova Ciência. Um exemplo típico desse procedimento é o livro do Prof. Ricardo Musso, do Instituto Argentino de Parapsicologia, que traz o expressivo título: *En los limites de la Psicología*, mas seguido de um subtítulo bastante significativo: *Desde el Espiritismo hasta la Parapsicologia*.

Para os psicólogos que, tendo à frente o Prof. Joseph Banks Rhine, da Universidade de Duke, reiniciaram as pesquisas metapsíquicas neste século, dando-lhes nova orientação sob esse novo nome, o Espiritismo representa uma fase antiga e superada do trato com o paranormal. É o passado. E com ele a Metapsíquica, cujas experiências e investigações estão sendo submetidas a rigorosa e penosa revisão. As relações entre o Espiritismo e a Parapsicologia não são, portanto, amistosas, como pensam geralmente espíritas e não-espíritas. Pelo contrário, têm sido até bastante ásperas, pois os parapsicólogos não desejam qualquer confusão entre os dois campos. O *enclave científico*, orgulhoso como um Principado de Mônaco, retém ciosamente o que conseguiu conquistar do vasto império que o rodeia e ameaça dismantelá-lo por completo no futuro, se os espíritos puderem ser eliminados.

A tese parapsicológica é a seguinte:

O Espiritismo surgiu em virtude de interpretações apressadas de fenômenos desconhecidos. Escapando ao controle das Ciências, esses fenômenos ofereceram larga margem à credence humana. Depois surgiu a Metapsíquica, pretendendo colocar o problema nos devidos termos. Mas essa Ciência também se perdeu no emaranhado dos fenômenos paranormais, avançando demasiado rapidamente nas suas investigações. Agora a Parapsicologia tem de repor tudo novamente em seus lugares. E isso sem pressa, sem precipitar conclusões, avançando devagar e com a mais absoluta segurança, que o terreno é traiçoeiro.

A tese espírita é bem outra.

Tentemos resumi-la: A Metapsíquica e a Parapsicologia representam esforços científicos para a explicação dos fenômenos espíritas. Louváveis esforços que farão os homens de ciência compreenderem a verdade do Espiritismo, dando-lhes uma visão mais ampla e mais bela da vida universal. Não importa que a Parapsicologia rejeite o Espiritismo e até mesmo o despreze. O que importa é que ela prossiga nas suas investigações, pois estas a levarão fatalmente ao reconhecimento da realidade espiritual. Como o Espiritismo não quer outra coisa para todos os homens, a existência desse pequeno e orgulhoso enclave científico, no seu território, longe de incomodá-lo, só pode dar-lhe satisfações.

Mas nem todos os espíritas entendem essa tese.

Alguns pensam que a Parapsicologia é apenas uma nova denominação — orgulhosamente dada pelos cientistas, com o fim exclusivo de fugirem à verdade — ao vasto império do Espiritismo. Outros chegam a temer que os espíritas, fascinados pelo brilho aparente e a prosperidade desse Principado de Mônaco, acabem se perdendo no pano verde das suas cartas de baralho e dos seus jogos de dados. Ficam indignados quando vêem espíritas militantes entregarem-se a atividades parapsicológicas. E outros, ainda, certamente os mais felizes e ingênuos — que ganharão o Reino dos Céus — entendem que todo parapsicólogo é um espírita disfarçado de cientista para minar e sabotar o edifício das *Ciências materiais*.

Como vimos no confronto das duas teses, a aspereza existente nas relações entre o Espiritismo e a Parapsicologia decorre apenas da falta de compreensão.

Se os parapsicólogos abdicassem dos seus preconceitos positivistas ou pragmatistas, e se os espíritas, por sua vez, abdicassem dos resíduos de dogmatismo que ainda alimentam, essas relações seriam as mais amistosas e compreensivas. É o que, felizmente, já vem ocorrendo em várias áreas. Na Alemanha, na Inglaterra, nos Estados Unidos e aqui mesmo, no Brasil, alguns parapsicólogos e espíritas já aprenderam a dar-se as mãos, jogando fora os seus preconceitos e os seus possíveis temores.

Tanto a Parapsicologia quanto o Espiritismo objetivam exclusivamente a descoberta da verdade sobre a natureza humana. Aquela realiza o seu trabalho no campo das Ciências positivas, servindo-se dos métodos a elas inerentes; este o faz no campo das Ciências culturais, servindo-se também da metodologia específica. O Espiritismo surgiu de um processo de síntese do conhecimento: a conjugação das experiências científicas e religiosas do homem, num momento exato de fusão, permitiu o aparecimento de uma concepção nova, de natureza global, para o estudo dos problemas humanos. Por isso, Kardec afirma que o Espiritismo é uma Ciência, mas que trata especificamente do elemento inteligente do Universo, ou seja, uma Ciência espiritual. Não se pode confundi-lo com as Ciências chamadas positivas que tratam do elemento material do Universo. Mas é evidente que as duas formas de Ciência devem conjugar-se para abrangerem todos os aspectos do Universo. A Parapsicologia surgiu das pesquisas psicológicas, perfeitamente integrada nos quadros e nas exigências das Ciências positivas. Podem e devem, portanto, marchar lado a lado na conquista do objetivo comum.

Para esclarecer melhor o que acima dissemos basta lembrar que o Espiritismo não trata apenas do exame dos fenômenos paranormais.

Ao examinar esses fenômenos ele toma uma posição analítico sintética e não somente analítica. Não vê os fenômenos em si, como o faz a Parapsicologia mas *os fenômenos em si ligados a um contexto*. Por isso o seu método é cultural e não apenas científico. As Ciências materiais são fragmentárias e esmiúçam os fenômenos. O Espiritismo é global e *entrosa os fenômenos em si mesmos e no contexto a que pertencem*. Psicologicamente podemos dizer que o procedimento

do Espiritismo é *gestáltico*, ou seja: *ele se preocupa com a forma global e não com os detalhes*.

Os parapsicólogos entendem que essa posição do Espiritismo é arcaica, pertence ao passado místico da Humanidade. Para eles a verdade só pode ser descoberta pela análise, pelo esmiuçamento dos problemas, isolados e submetidos ao processo cartesiano de divisão. Mas o Espiritismo não despreza a análise. Procura apenas colocá-la no devido lugar, como uma simples fase do processo do conhecimento. Aliás, o próprio desenvolvimento das Ciências positivas está sendo feito nesse sentido. O método *gestáltico* em psicologia e a teoria da relatividade na física são exemplos disso. O que nos mostra que o Espiritismo está bem firmado na sua posição, que não é arcaica mas adiantada, representando uma antecipação no campo do conhecimento. Enganam-se os parapsicólogos que desprezam o Espiritismo. E mais ainda se enganam os espíritas que, empolgados pelo desenvolvimento atual das Ciências positivas, entendem que a Parapsicologia vai realmente tomar o lugar do Espiritismo e arquivá-lo nas estantes empoeiradas do passado.

Para maior clareza podemos dizer que os parapsicólogos são como os mineiros que cavam no escuro, arrancando os minérios da terra. Os espíritas são como os pedreiros que constroem à luz do sol, sobre a terra. É evidente que o trabalho dos parapsicólogos interessa de perto aos pedreiros do Espiritismo. E não há razão nenhuma para os pedreiros se assustarem com o trabalho penoso dos mineiros. Os espíritas, portanto, não devem menosprezar nem superestimar os domínios da Parapsicologia, que na verdade estão encravados — na exata expressão da palavra francesa *enclave* — nos próprios domínios do Espiritismo.

A investigação parapsicológica já venceu a sua primeira fase — a da constatação da existência do extrafísico no Homem e no Universo — e está avançando para a demonstração da supervivência do homem após a morte.

Rhine dedica-se, no momento, à elaboração de metodologia especial necessária a essa comprovação científica que vai aos poucos realizando, no exame dos *fenômenos teta*, de manifestação de entidades espirituais. Enquanto isso podemos assinalar a área da concepção espírita já plenamente confirmada pela pesquisa parapsicológica.

Ao afirmar que as *funções psi* são comuns a toda a espécie humana a Parapsicologia confirma a tese espírita da *mediunidade generalizada*. Reconhecendo a diversificação dessas funções em dois campos, o subjetivo e o objetivo, endossa a divisão espírita das manifestações inteligentes e dos fenômenos físicos. Sustentando a independência da mente, que percebe e age sem se servir dos órgãos corporais, restabelece a dualidade relativa de corpo e espírito. Provando a ação psicocinética, confirma a tese espírita das relações alma-corpo. E, por fim, reconhecendo a existência de fenômenos mentais possivelmente produzidos por *mentes desencarnadas* confirma a divisão espírita dos fenômenos mediúnicos em dois campos: os anímicos (produzidos pela própria alma do médium) e os espíritas (produzidos por espíritos desencarnados). O campo de *psigama* está hoje dividido em duas áreas — a de PES, percepção extra-sensorial, e a de *Teta*, manifestações de espíritos. Além disso, ao tratar da existência de pseudofenômenos paranormais a Parapsicologia endossa as explicações espíritas a respeito

da existência dos chamados *fenômenos espiritóides* (fenômenos espíritas verdadeiros ou falsos).

Assim, as novidades parapsicológicas, que deviam "aturdir os ingênuos espiritistas" nada mais fazem do que reafirmar tardiamente as teorias espíritas, já confirmadas pelas experiências do Espiritismo há mais de um século.

Não é de admirar que os adversários do Espiritismo queiram reduzir a Parapsicologia à triste condição de um *pavlovismo* (reflexos condicionados) ou um *behaviorismo* paranormal (Behaviorismo é um termo genérico para agrupar diversas e contraditórias correntes de pensamento na Psicologia que tem como unidade conceitual o comportamento, mesmo que com diferentes concepções sobre o que seja o comportamento. John Broadus Watson (1878-1958) foi considerado o pai do behaviorismo metodológico, ao publicar, em 1913, o artigo "Psicologia vista por um Behaviorista", que declarava a psicologia como um ramo puramente objetivo e experimental das ciências naturais, e que tinha como finalidade prever e controlar o comportamento de todo e qualquer indivíduo.). É o único recurso que lhes resta diante do avanço das Ciências na comprovação progressiva das pesquisas e teorias espíritas.

A posição de Rhine no tocante à questão da sobrevivência é declarada nos seus últimos livros e artigos. O Prof. Jorge Ayala, da Universidade do México, declarou-nos pessoalmente: Rhine segue por etapas — a primeira foi a prova de que os fenômenos existem; a segunda, a prova de que a mente não é física; a terceira será a da sobrevivência espiritual do homem. A equipe de Puhariche, que realizou pesquisas com Arigó e outros médiuns, tem o mesmo objetivo.

É importante assinalar que até agora as pesquisas parapsicológicas não provaram nada contra o Espiritismo. Pelo contrário, só têm confirmado, passo a passo, a doutrina espírita em seu aspecto científico.

*

CÓDIGO DE DIREITO NATURAL ESPÍRITA

José Fleurí Queiroz

CAPÍTULO III

LEI DO PROGRESSO

I – ESTADO NATURAL E LEI NATURAL (O Livro dos Espíritos, itens 776 a 778)

Artigo 31 – O estado natural é o estado primitivo. A civilização é incompatível com o estado natural, enquanto que a *lei natural* contribui para o progresso da Humanidade.

Parágrafo único – O estado natural é a infância da Humanidade e o ponto de partida do seu desenvolvimento intelectual e moral. O homem, sendo perfectível e trazendo em si o germe de seu melhoramento, não foi destinado a viver perpetuamente no estado natural, como não foi destinado a viver perpetuamente na infância. O estado natural é transitório e o homem o deixa pelo progresso e civilização. A *lei natural*, pelo contrário, rege toda a condição humana e o homem se melhora na medida em que melhor compreenda e melhor pratica essa lei.

31.1 – “Dois livros, duas teorias... um novo rumo...” – Explicação de Hebe Laghi de Souza no livro “Darwin e Kardec – Um Diálogo Possível”, Editora CEAK, Campinas, 1ª. edição, 2002, págs. 15 e seguintes:

Há pouco mais de um século, entre 1857 e 1859 a publicação de dois livros, um deles na França, ‘O Livro dos Espíritos’, escrito por Allan Kardec e o outro na Inglaterra, ‘A Origem das Espécies’, por Charles Darwin, foram os marcos de uma grande reviravolta na história intelectual e espiritual da humanidade.

O conteúdo que traziam foi capaz de não somente abalar toda a estrutura da mentalidade humana, mas, também, de mudar a compreensão do ser humano sobre si próprio e de seu lugar no universo.

Na época em que foram lançados, porém, não foram facilmente aceitos, além de criarem controvérsias e discussões nos meios científico e religioso, numa luta não pouco acirrada do materialismo contra o idealismo religioso; do pensamento científico, que apresentava uma nova versão para a origem do homem, e do kardecismo, que trazia uma nova idéia de Deus, do universo e do próprio homem.

Para podermos entender um pouco melhor todo o impacto que causaram na época, deixemo-nos transportar no tempo e tentemos participar, sutilmente, dos pensamentos e sentimentos que permeavam a mente de toda a sociedade em meados do século passado (XIX). Uma vez estando lá, vamos procurar sentir aquela atmosfera que preenchia os salões onde as pessoas mais nobres e bem posicionadas na vida, entre risos e vozes, recendendo a falsa modéstia, discorriam sobre os mais variados assuntos, distribuindo largamente entre si as novidades mais recentes.

Era um povo que, na maioria, freqüentava os cultos religiosos, lia a Bíblia e, em suas críticas, rejeitava quaisquer sugestões que fossem contra a moral e a fé. Com isso, apesar de nem sempre as atitudes serem reflexos de um sentimento verdadeiro, as pessoas sentiam-se justificadas perante seu Deus, ainda que lhes importassem mais as opiniões alheias do que realmente as suas próprias, perante suas consciências.

(...) Embalados pela idéia de terem sido criados como seres especiais, com o mundo a seu dispor e uma alma cujo destino era alcançar o paraíso, sentiam-se na obrigação de ter como verdade somente os antigos textos sagrados, considerando qualquer fato, qualquer menção con-

trária ou, que pudesse pô-los em dúvida, como um artefato demoníaco. Firmavam-se mais no medo do que no verdadeiro amor a Deus e isso os impedia de abrirem os olhos e analisarem o mundo, a vida e o Grande Autor de tudo, de maneira diversa daquela na qual eram tão arraigados.

Foram dois livros e duas teorias que, independentemente do impacto causado, apontaram para um novo modo de olhar a vida e de entendê-la. Uma delas indicava o ser humano para mostrá-lo como animal, e tão-somente animal, descendente de animais; a outra o revelava como ser espiritual, não importando a origem material de seu corpo, não importando sua vestimenta animal.

Detonando o orgulho: a teoria darwinista

Penso que vale a pena continuarmos mais um pouco no meio daquela sociedade tão ufana de sua origem especial, tão crente de ter sido criada à imagem e semelhança de Deus, para imaginar a expressão de espanto, de patético desespero, muitas vezes retratado na maioria dos livros que abordam o assunto com uma história contada como anedota: diz-se que uma *lady* inglesa, ao ser informada das teorias de Darwin, exclamou: “Descendentes de gorilas! Meu caro, espero que não seja verdade. Mas se for, rezemos para que isso não se torne público. Imaginem, gorilas, criaturas tão sujas, malcheirosas e lascivas não mereciam estar nem mesmo num zoológico!” E Darwin havia proposto um ancestral comum para os homens e gorilas, proposição que foi confundida com “os homens descendem dos gorilas”.

Dentro de todo o contexto que trazia a teoria de Darwin, nada mais fez que explodir, como poderosa bomba, toda a vaidade que reinava na época, detonando o orgulho, abrindo largas portas para conflitos, dúvidas e temores sem limites. Arrancava o ser humano do pedestal onde julgava estar, mostrando a vida como uma longa escalada a subir; uma escalada que provinha do mais ínfimo organismo para chegar ao Homem que, apesar de posicionado em um degrau superior, ainda deveria continuar progredindo.

Pior ainda para os líderes da Igreja, posto que se viram na contingência de uma desestruturação completa do que haviam professado e pregado. Perceberam-se em perigo quanto às bases de sua doutrina e, possuídos pelo temor, voltaram-se contra aquela inusitada teoria, com toda a hostilidade que conseguiram arrebanhar. É, portanto, fácil de se imaginar quantos conflitos, quantas opiniões contraditórias, quanta agressividade dominou o espírito daqueles religiosos.

Tudo o que Darwin escrevera estava muito bem documentado: “O homem descendia de símios”

Darwin, porém, deixou que toda aquela hostilidade passasse ao largo. Tudo o que havia escrito havia sido muito bem documentado e, afinal, ele não poderia mudar a história.

O homem, como sua teoria demonstrava de forma clara e categórica, descendia de símios, independentemente de que isso pudesse jogar por terra toda a pretensão de uma divindade ou a esperança de um augusto destino rumo à eternidade. Ele estava consciente de que a aceitação desse pensamento implicava, automaticamente, a renegação de qualquer conexão com a existência divina. Entendia, da mesma forma, que o mais humilhante para as sociedades humanas era a afronta de considerar o ser humano um descendente de símio e, portanto, de nada mais representar que um macaco melhorado.

Apesar de respeitado pela sua posição social, podia sentir, no seio de toda aquela sociedade, os sentimentos de desagrado que afloravam do íntimo de cada pessoa; sabia que as suas idéias eram motivo de conversas em todos os lugares, em todos os salões por onde circulavam as pessoas mais ecléticas e nobres da época, nas igrejas ou nas ruas, nos encontros casuais de amigos.

O preconceito contra a teoria darwinista continua nos dias de hoje

Hoje, evidentemente, o panorama geral do pensamento humano diverge completamente. Contudo, o preconceito contra a teoria darwinista ainda continua nos estabelecimentos religiosos, especialmente de ensino, nos quais o programa das disciplinas biológicas deve excluir o da evolução orgânica. Nesses estabelecimentos, o ensino deve estar de acordo com os ensinamentos bíblicos; diante deles, nenhuma dúvida deve ser imposta.

Isto tudo, porém, não deve ser entendido como uma crítica, especialmente com relação à Bíblia, somente que ela possa ser mais bem apreciada sob a luz da razão, reavaliada diante dos conhecimentos modernos, procurando-se entender as tradições antigas como geradas pelo saber da época em que surgiram. Penso que é importante deixarmos, aqui, o pensamento de Herculano Pires, expresso na introdução que fez para 'O Livro dos Espíritos' de Allan Kardec (1975, p. 1): 'A Bíblia é a codificação da primeira revelação cristã, o código hebraico em que se fundiram os princípios sagrados e as grandes lendas religiosas dos povos antigos. A grande síntese dos esforços da antigüidade em direção ao espírito. Não é de admirar que se apresente muitas vezes assustadora e contraditória, para o homem moderno. O Evangelho é a codificação da segunda revelação cristã, a que brilha no centro da tríade dessas revelações, tendo na figura do Cristo o sol que ilumina as duas outras, que lança a sua luz sobre o passado e o futuro, estabelecendo entre ambos a conexão necessária'.

Se nos escritos antigos encontra-se a predição da vinda do Messias, no Evangelho, Jesus prediz para o futuro a vinda do Espírito da Verdade.

A codificação espírita: um caminho providencial

O impacto causado pelo livro de Charles Darwin foi bem mais rumoroso que o de Allan Kardec porque, não somente mostrava o homem como animal, como fazia mais do que isso, excluía completamente a existência de Deus.

O Espiritismo, muito embora tenha atingido também os princípios religiosos reinantes naquele momento e, da mesma forma, tenha abordado a evolução, um pouco mais ainda que a teoria de Darwin, apresentando todos os fatos desde a origem do universo, abria as portas para uma visão de Deus, apesar de bem diferenciada daquela que, até então, havia reinado no coração e no entendimento das pessoas; e indicava, além disso, um caminho inédito para alcançá-lo. Muitos se renderam a ele e dele se tornaram adeptos.

As religiões tradicionais, porém, o enfrentaram, assim como todos os que permaneceram fiéis a elas. Allan Kardec foi, portanto, também criticado, discutido e contestado.

Quanto à sociedade, havia a possibilidade de escolha, podia ou não aceitar a nova filosofia religiosa; para os que a ela aderiram foi possível entender que, não apenas nos indicava uma procedência evolutiva a partir dos símios, como descendentes deles, mas que em uma época de nossa vida fomos símios, cobrimo-nos com aquela vestimenta. Fomos gorilas, não apenas descendemos deles!

Somos seres espirituais

Esse, para mim, é o aspecto mais importante da teoria espírita, ou seja, o de nos colocar como seres espirituais, apontando o caminho para a conquista da superioridade, para a construção de nós mesmos, por meio de um contínuo evoluir. Mostra-nos a tortuosa estrada pela qual temos passado, desde os elementos mais simples como os átomos, invertebrados, vírus e bactérias, vermes e insetos até aos vertebrados como peixes, répteis, mamíferos e, destes aos símios, dos quais descendemos. Na frente não ostentamos, em nossa origem, o timbre da realeza, nem nos foi dado um paraíso celestial do qual acabamos por ser expulsos pela nossa imperfeição.

A Sabedoria Divina nos criou simples e ignorantes, mas dispôs nosso futuro de forma que pudéssemos alcançar o lugar que desfrutamos, como seres humanos, trazendo impresso na alma os primórdios dos conhecimentos instintivos sobre nós mesmos, sobre o amor, sobre o altruísmo e o respeito à vida de um modo geral.

O kardecismo apresenta, pois, o espírito humano como produto decorrente de um longo processo evolutivo a partir do princípio inteligente até a alma humana. Durante o decorrer desse processo, imprimimos em nosso íntimo o conhecimento de nós próprios e do universo, de Deus Criador e de sua natureza eterna, sábia e cheia de amor.

31.2 – “Relação ‘Origens das Espécies’ (1859) e ‘A Gênese’ (1868)”- Explicação de Dulcídio Dibo no livro “Civilização do Espírito – Megatendência no Século XXI”, Volume 1, Editora Lúmen, 1ª. edição, S.Paulo, 1992, pág. 106:

Afirma-se que o Conhecimento humano, quer dizer, o filosófico e o científico baseia-se na idéia de Evolução. Tudo ocorre na Natureza e na Sociedade em função da Evolução para o homem atual; daí a renovação e condição fundamental para o progresso contínuo. Admitimos ser a Lei básica do Universo. “Tanto a matéria quanto os seres mudaram ao longo do tempo; vegetais e animais surgiram, viveram e se transformaram e se extinguíram, em movimento crescente de complexibilidade e adiantamento. A Evolução é um atributo superior do Ser” (conforme Carlos T. Rizzini, “Fronteiras do Espiritismo Ciência”, LAKE, 165 págs.). É importante observar a coincidência do lançamento da Doutrina Espírita por Allan Kardec, em 1857 (O Livro dos Espíritos) e a teoria da Evolução de Charles Darwin, em 1859. A noção é fundamental para a Doutrina Espírita porque é princípio central da Lei de Deus e, portanto, o Espírito precisa progredir sempre. Em 1859, Charles Darwin prevê, formalmente, o aperfeiçoamento dos seres vivos, mediante seleção natural, em seu livro “A Origem das Espécies”. Em 1868, em “A Gênese”, Allan Kardec admite as primeiras noções da evolução orgânica, referente ao corpo animal e humano e do espírito humano, afirmando: “Por pouco se observa a escala dos seres vivos, do ponto de vista do organismo, é-se forçado a reconhecer que, desde o líquen até à árvore e desde o zoófito até o homem, há uma cadeia que se eleva gradativamente, sem solução de continuidade e cujos anéis têm um ponto de contato com o anel precedente. Acompanhando-se passo a passo a série dos seres, dir-se-ia que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma transformação da espécie imediatamente inferior”. E, conclui Allan Kardec, in “A Gênese”: “que tem o homem que se resignar a não ver em seu corpo material mais do que o último anel da animalidade na Terra”.

31.3 – “Conforme André Luiz – Semeando a Teoria (da Evolução)”- o mesmo autor Dulcídio Dibo, na mesma obra, às págs. 125 e 126:

Uma das mais notáveis obras sobre Evolução foi aquela psicografada por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, ditada pelo espírito André Luiz, intitulada “Evolução em Dois Mundos”, FEB, 219 págs. Diz Emmanuel no prefácio: “Desde tempos remotos, a Humanidade reconheceu-lhe a existência (do perispírito) como organismo sutil ou mediador plástico, entre o espírito e o corpo carnal. No Egito era o “ka” para os sacerdotes; na Grécia era o “eidolon” na evocação das sibilas. Ontem, Paracelso designava-o como sendo o “corpo sidéreo”. Escrevendo acerca do corpo espiritual, que Allan Kardec denominou “o perispírito”, André Luiz não se propõe traçar estudo mais profundo, porém, busca apenas acordar em nós outros a noção de imortalidade, principalmente destacando-o qual forma da própria criatura humana, presidindo o dinamismo do casulo celular em que o Espírito – viajor da Eternidade – se demora por algum tempo na face da Terra em trabalho evolutivo, quando não seja no duro labor da própria regeneração. (...) O Apóstolo Paulo, no versículo 44, do capítulo 15 de sua primeira epístola aos Coríntios, asseverou, convincente: “Semeia-se corpo animal, ressuscitará corpo espiritual. Se há corpo animal, há também corpo espiritual como veículos da mente em sua peregrinação ascensional para Deus.”

Recompomos com André Luiz, in “Evolução em Dois Mundos”, FEB, cap. 3: “Os primórdios da vida são as células que constituem os seres vivos mais rudimentares, sendo associação de espírito e matéria. “Dessa geléia cósmica, verte o princípio inteligente, em suas primeiras manifestações”. A Evolução se processa com o ingresso no reino vegetal, para a seguir e sucessivamente continuar pelo reino animal e reino hominal, com origens e fins a nós desconhecidos.” O princípio inteligente gastou, desde os vírus e as bactérias das primeiras horas do protoplasma na Terra, mais ou menos quinze milhões de séculos. Contudo, para alcançar a idade da Razão, com o título de homem, dotado de raciocínio e discernimento, o ser dispense para chegar aos primórdios da época quaternária, em que a Civilização elementar do sílex denuncia algum primor de técnica, nada menos de um bilhão e meio de anos. E, entendendo-se que a Civilização floresceu há mais ou menos duzentos mil anos, preparando o homem, somos induzidos a reconhecer o caráter recente dos conhecimentos, destinados a automatizar na constituição do Espírito humano as aquisições morais que lhe habilitarão a consciência terrestre a mais amplo degrau de ascensão à Consciência Cósmica.”

Co-Criações Espirituais

André Luiz ainda nos auxilia ao esclarecer que a Lei da Evolução é o principal fundamento da Doutrina Espírita: “propomo-nos salientar que a Lei da Evolução prevalece para todos os seres do Universo, tanto quanto os princípios cosmocinéticos, que determinam o equilíbrio dos astros são, na origem, os mesmos que regulam a vida orgânica, na estrutura e movimento dos átomos”. Os espíritos operam no Universo e atuam na matéria conduzindo suas transformações, e sua Evolução está subordinada ao trabalho em diversos graus de evolução. As transformações da matéria, no plano humano, referem-se, em grau menor, ao que se chama “co-criação em plano menor”, como “modelando edificações” e “exprimindo ou cunhando as Civilizações” (quer dizer, neste estágio o ‘homem’ atua sobre a superfície terrestre construindo e transformando o espaço em que vive). Num plano mais elevado, os ‘Espíritos’ presidem a formação das galáxias com suas estrelas, planetas e satélites e outros corpos celestes, bem como todos os seres vivos. É o que se chama “co-criação em plano maior”. Estas duas “co-criações” fundamentam a Evolução do Universo: é a Evolução Criadora!

Trajatória do Espírito: conforme Emmanuel (pág.128)

Recompomos com Emmanuel, in Emmanuel, FEB, pág. 182: “Os progressos da vida terrestre podem ser verificados; há na Terra, toda uma escala grandiosa de ascensão. No fundo dos oceanos ainda existem os infusórios, os organismos unicelulares, que remontam a um passado multimilenário e cujo aparecimento é contemporâneo dos princípios da vida organizada na Terra. Longa tem sido a trajetória dos Espíritos!... A origem do princípio anímico perde-se dentro do dinamismo do Universo que se encadeia numa ordem equânime e absoluta. Da irritabilidade à sensação, da sensação à percepção, da percepção ao raciocínio. Desses estágios promana o cabedal de experiências do Espírito em sua evolução. A racionalidade do homem é a suprema expressão do progresso anímico que a Terra lhe pode prodigalizar. Chegado a esse ponto, o homem se encontra no limiar da existência em outras esferas, onde a matéria rarefeita oferece novas modalidades de vida, em outras manifestações.”

Evolucionismo Espírita (págs. 129-130)

Pelo exposto, podemos elaborar uma síntese geral sobre a explicação da Teoria Espírita da Evolução e Migração dos Mundos, em seus aspectos filosóficos e complementação doutrinária, quer dizer, das hipóteses filosóficas para, a seguir, explicitar as bases científicas. A propósito, a Doutrina Espírita assumindo a teoria, explica que uma só existência, muitas vezes curta, corresponde, tão somente, a um segundo de tempo na vida do Espírito eterno; não sendo, desta maneira, possível adquirir e aprimorar todas as qualidades intelectuais e morais necessárias à perfeição. Portanto, torna-se necessário, muitas vezes, sucessivas vidas e logicamente encadeadas. A Teoria Espírita da Evolução e Migração dos Mundos explicita: é desta maneira, através do processo de reencarnação, que a Evolução orgânica e espiritual se desenrola. Com o decorrer do tempo e num dado instante em sua Evolução, esgotado todo o progresso que o ambiente físico e espiritual permitem, passa a outro mundo mais elevado. Neste novo mundo material (quer dizer, em um planeta habitado materialmente) prossegue em novos caminhos evolutivos até superar todos os mundos materiais na escala do desenvolvimento. Daí em diante, somente encarnará em raras missões para promover o avanço de humanidades necessitadas de mudanças em seu comportamento moral. Chega, neste rumo, a ser um messias ou um Cristo (quer dizer, um enviado) de Deus para o governo espiritual dos mundos materiais onde espíritos inferiores lutam no caminho que vai desde a animalidade até a espiritualidade e desde a humanidade até a angelitude. Portanto, para a Doutrina Espírita a morte perdeu o sentido de negação da vida, já que o materialismo ateu nada mais oferece aos homens do que o Nada existencial das conquistas materiais, com a nadificação final no túmulo. De outro lado, a Doutrina Espírita, entre outras manifestações de espiritualidade, propõe que existem pesquisas físicas das ciências exatas e biológicas em processo contínuo que mostram que não vivemos tão-somente num mundo tridimensional, mas multidimensional. Os seres vivos que morrem na Terra passam para planos de esfera semi-material, de matéria rarefeita, que a circunda e, conforme seu grau de evolução, para as hipósta-ses espirituais (planos espirituais) já entrevistadas pelo filósofo Plotino, na fase helenística da Filosofia.

31.4 – “Wallace E As Forças Espirituais na Evolução” - (Alfred Russel Wallace, co-autor com Darwin da teoria da seleção natural) - Explicação de Célia Maria Rey de Carvalho no livro “Entre a Matéria e o Espírito”, de A. Cesar Perri de Carvalho e Osvaldo Magro Filho, Editora O Clarim, 1ª. edição, 1990, págs. 79-84:

Alfred Russel Wallace nasceu em Usk (Monmouthshire, Inglaterra), a 8 de janeiro de 1823 e faleceu em Broadstone (Dorset) a 7 de novembro de 1913. Em 1848, iniciou viagem pela Amazônia, juntamente com William Edwards, de quem mais tarde separou-se para cobrir maior área, dirigindo-se Wallace para os Rios Negro e Orenoco. Permaneceu nesta viagem até 1850. A valiosa coleção trazida foi consumida por incêndio no navio, na viagem de retorno. Conservou as anotações e escreveu um livro sobre a Amazônia.

(...) De 1854 a 1862 viajou pelo arquipélago Malaio e resolveu escrever para Darwin, expondo sua teoria, que para surpresa deste, era como se o autor tivesse lido as 231 páginas de seu manuscrito não publicado.

Em 1858, numa reunião da Linnean Society, de Londres, é apresentado conjuntamente um resumo da teoria de Darwin sobre a evolução das espécies e um ensaio de Wallace sobre o mesmo assunto, tomando por base a seleção natural.

(...) Foi membro da Sociedade Real de Londres, da Sociedade de Estudos Psicológicos, presidente da Sociedade de Antropologia e da Sociedade de Nacionalização de Terras, membro da Sociedade para Pesquisas Psíquicas, no seu primeiro ano de atividades. Estudou os fenômenos mediúnicos e testemunhou, sob condições de teste, uma grande variedade de fenômenos telecinéticos. Em 1871, a Sociedade Dialética apresentou seu relatório e, no final, lê-se: “foi de opinião que lhe cumpre declarar a sua convicção de que o assunto é digno de mais séria atenção e cuidadosa investigação que tem tido até agora”.

Suas primeiras experiências com matérias pertinentes a fenômenos mediúnicos datam de 1844, quando ensinava em uma escola na região dos Midland Counties. Estudou o magnetismo por inspiração de Spencer Hall e produziu fenômenos de levitação. Durante os 12 anos de sua ocupação com História Natural nas regiões tropicais, ele ouviu ocasionalmente sobre mesas girantes e espíritos batedores.

Iniciou-se no “Spiritualism” no dia 22 de julho de 1865, conforme relata em seu livro “Defesa do Espiritualismo Moderno”, onde afirma que inicialmente era materialista e livre-pensador, não acreditava na existência da alma. Numerosos e eloquentes fenômenos fizeram com que a sua conversão ao Espiritismo se tornasse um fato concreto. Escreveu sobre o “Spiritualism” em numerosas revistas e fez inúmeras conferências na Inglaterra e nos Estados Unidos, mantendo polêmicas epistolares em diários das duas nações.

(...) Em vista dessas experiências e da larga quantidade de testemunhos similares na literatura, Wallace declarou que os fenômenos do “Spiritualism” no seu todo, não requerem futuras confirmações: “Eles estão provados tão bem quanto quaisquer fatos provados em outras ciências”. Segundo Myers, “... para Wallace todos os fenômenos paranormais se devem à interferência dos espíritos dos mortos”.

(...) Wallace, co-autor com Darwin da teoria da seleção natural, rejeitou a teoria da seleção sexual. A proposta de Wallace, que as características sexuais ocorrem por causa de uma “superabundante vitalidade” de seus possuidores, é mais satisfatória. Darwin, Wallace e seus sucessores viram claramente que a existência de diferenciação regional de formas viventes é compreensível como uma interação entre a história geológica da Terra e a evolução orgânica.

Nos últimos dias de sua vida, suas idéias sobre a seleção natural se distanciaram bastante daquelas esposadas por Darwin, evoluindo na direção das teorias apregoadas pelo Espiritismo, pois, sem negar aquela lei, sentia que existiam forças espirituais regendo o desenvolvimento da espécie humana, chegando a patrocinar a idéia da existência de uma potência criadora, de um espírito diretor, de um desiderato final, como podemos observar em sua obra “Contribuição à Teoria da Seleção Natural”. Suas críticas a Darwin, tanto pela seleção natural como pela seleção sexual, estão englobadas no livro “Darwinism” (1889).

Da revelação durante o estado febril, nas Antilhas, às conclusões sobre a participação das forças espirituais na evolução da espécie humana, transcorreram muitos anos de pesquisas e de dedicação de Wallace, canalizados também para as pesquisas psíquicas.

31.5 – “Do Elo Perdido Ao Homem”- Explanação de Durval Ciamponi no livro “A Evolução do Princípio Inteligente”, Edições FEESP, 1ª. edição, 1995, págs. 99-104:

Os Espíritos, na Codificação, insistem na idéia de que tudo se encadeia na Natureza, por liames que não podemos ainda perceber, e que as coisas aparentemente mais disparatadas têm pontos de contato que o homem não pode compreender no seu estado atual (Livro dos Espíritos, 604).

“No momento em que o princípio inteligente atinge o grau necessário para ser Espírito e entra no período de humanidade, não tem mais relação com o seu estado primitivo e não é mais a alma dos animais, como a árvore não é a semente. No homem, somente existe do animal o corpo, as paixões que nascem da influência do corpo e o instinto de conservação inerente à matéria” (LE, 611).

Os Espíritos dizem que “o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna Espírito” (LE, 607-a). Dizem também que a inteligência do homem e a dos animais emanam de um princípio único (606-a e 611), mas “no homem ela passou por uma elaboração que a eleva sobre a dos brutos”.

Que ‘transformação é essa’? Ela é realizada pelo próprio princípio inteligente em razão de vivências multimilenares ou é uma transformação feita por outrem na sua estrutura perispiritual em função dos seus próprios direitos adquiridos?

Há de se convir que as respostas estão presas a duas premissas fundamentais:

1ª. – O corpo físico é reflexo do corpo espiritual (“Evolução em Dois Mundos”, cap. II), e isto é válido para todos os seres vivos. Quem define a espécie, portanto, é o corpo espiritual e não a base genética dos pais, que fornecem o corpo físico, segundo a lei da hereditariedade.

2ª. – A evolução de cada um é resultante dos esforços individuais, mas cada um depende de outros para sua própria evolução. Ninguém evolui sozinho, porquanto o nascer e o renascer dependem de outros, tanto da esfera física quanto da espiritual (Lei da Sociedade, LE).

A Codificação nada esclarece sobre esta ‘transformação’: onde ocorre como se processa? André Luiz (Evolução em Dois Mundos, cap. X) fala de “Intervenções Espirituais” no mecanismo da palavra, quando escreve:

“É assim que, atingindo os alicerces da Humanidade, o corpo espiritual do homem infra-primitivo demora-se longo tempo em regiões espaciais próprias, sob assistência dos Instrutores do Espírito, recebendo intervenções sutis nos petrechos da fonação, para que a palavra articulada pudesse assinalar novo ciclo de progresso.”

Esta transformação no corpo espiritual ‘nas regiões espaciais’ próprias se nos afigura como o ‘elo perdido’, ainda não descoberto pelo cientista terreno, como que a justificar o “momento em que o macaco desceu da árvore” para ser homem.

Emmanuel (A Caminho da Luz, cap. II), falando da grande transição para os hominídeos, diz que “somos compelidos a esclarecer que não houve propriamente uma ‘descida da árvore’, no início da evolução humana”, porquanto “extraordinárias experiências foram realizadas pelos mensageiros do invisível”, imprimindo novas expressões biológicas ao homem do sílex. Comenta que nas “hostes do invisível operaram uma definitiva transição no corpo espiritual preexistente, dos homens primitivos, nas regiões siderais e em certos intervalos de suas reencarnações”.

O corpo espiritual da espécie anterior foi adaptado à espécie humana para sua primeira encarnação no reino hominal. Isto não quer dizer que o princípio espiritual ficou “mais inteligente” ou deu um salto no seu progresso evolutivo, mas sim que aquela alma, por seus méritos anteriores, recebeu melhorias em sua vestimenta perispiritual para poder laborar e progredir em outra espécie mais evoluída.

Pode-se afirmar que esta primeira encarnação se deu nos primatas mais evoluídos e que a transformação ocorrida no corpo espiritual faria surgir, como conseqüência, a mutação descoberta pelos homens no corpo físico, originando a nova espécie.

“É então que começa para ele o período de humanidade, e com este a consciência do seu futuro, a distinção do bem e do mal e a responsabilidade dos seus atos” (LE, 607-a), dizem os Espíritos.

“A Terra não é o ponto de partida da primeira encarnação humana. O período de humanidade começa, em geral, nos mundos ainda mais inferiores. Essa, entretanto, não é uma regra absoluta e poderia acontecer que um Espírito, desde o seu início humano, esteja apto a viver na Terra. Esse caso não é freqüente e seria antes uma exceção” (LE, 607-b).

A esse respeito encontra-se também no LE, 172, a seguinte pergunta: “Nossas diferentes existências corpóreas se passam todas na Terra?”

R – “Não, mas nos diferentes mundos. As deste Globo não são as primeiras nem as últimas, porém as mais materiais e distantes da perfeição.”

Nestas duas informações pode-se visualizar, novamente, o “elo perdido” da cadeia evolutiva nos estudos do homem terreno.

Diz Santo Agostinho (Espírito, Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. III) que se alguém “pudesse seguir um mundo em suas diversas fases, desde o instante em que se aglomeraram os primeiros átomos da sua constituição, o veria percorrer uma escala incessantemente progressiva, mas em graus insensíveis para cada geração, e oferecer aos seus habitantes uma morada mais agradável, à medida que eles avançam na senda do progresso”.

Este avanço progressivo dos seres vivos em diferentes espécies não ocorreu por acaso, por simples mutação genética ou seleção natural. A lei divina foi a marca de cada mudança; os Espíritos Superiores, arquitetos da grande transição do vírus ao homem, construíram nossa morada e nossa família, seguindo as leis imutáveis do Eterno.

(...) Isto quer dizer que toda a supervisão da evolução das espécies na face da Terra, desde o início com os seres monocelulares até o surgimento do homem com o pensamento contínuo, foi feita pelos Espíritos a partir da esfera espiritual, dado que não tinham condições de encarnação, pois não havia ainda a espécie humana. Este período, em torno de um bilhão e meio de anos, corresponde ao chamado período embrionário para o “nascimento” do homem na Terra, somente e apenas há 1,6 milhões de anos.

“Elo Perdido”- Uma ficção científica

Em “O Céu e o Inferno”, VI, 3, de Allan Kardec, lê-se que “quanto mais próximo do estado primitivo, mais material é o homem.” A análise dos fósseis descobertos pelos cientistas e antropólogos, mostrando a evolução desde os pongídeos até o ‘Homo Sapiens’, num período de mais de 10 milhões de anos, passando pelo ‘Australopithecus, Homo Habilis, Homo Erectus’ e outros, evidencia que o elo perdido é uma ficção científica, porquanto existe uma cadeia de anéis sugerindo que a espécie humana caminhou paulatinamente, aprimorando sua linhagem, desde seu corpo mais material e primitivo até sua organização mais sutil nos dias de hoje, como resultado de constante evolução da alma e conseqüente aperfeiçoamento de seu perispírito.

31.6 – “O Evolucionismo de Chardin” (Conciliação da Teologia Católica com o Evolucionismo) - Explicação de A.Cesar Perri de Carvalho e Osvaldo Magro Filho no livro “Entre a Matéria e o Espírito”, Editora O Clarim, 1ª. edição, 1990, págs. 189-192:

Pierre Teilhard de Chardin nasceu a 1º. de maio de 1881 em Auvergne (França) e faleceu a 10 de abril de 1955 em New York. De família aristocrática, influenciado pelo fervor religioso de sua mãe, seguiu a carreira eclesiástica. Tornou-se jesuíta. Com a expulsão da Companhia de Jesus, da França, em 1901, exilou-se na ilha de Jersey, onde se dedicou à filosofia e à teologia. Lecionou no Egito, estudou teologia na Inglaterra e retornou à França em 1912 a fim de estudar Paleontologia. Em 1922 doutorou-se em ciências e ocupou a cadeira de geologia no Instituto Católico de Paris. Como resultado de sua primeira viagem à China, em 1923, onde fez pesquisas no

deserto de Ordos, em Tienstsin, obteve a desconfiança de seus superiores, em Paris. Estes o obrigaram a deixar a Cadeira do Instituto e retornar à China.

A leitura de “Evolution Creatice”, de Henri Bergson, e a amizade com o arqueólogo Marcellin Boule, o empurram para um conflito difícil: ‘conciliar a teologia católica com o evolucionismo’. Chardin sabia que não conseguiria levantar a noite obscurantista da Igreja, mas sentiu-se impelido a “ir adiante” em seus estudos e reflexões, o que foi considerado “filosófico demais para um místico e místico demais para um filósofo”. Aderiu abertamente à teoria evolucionista, a qual para ele não era uma teoria, mas uma realidade. Sentiu necessidade de estender o conceito da evolução da esfera biológica ao plano espiritual.

Pela sua maneira independente de pensar, Teilhard de Chardin foi perseguido, coagido, exilado e proibido de publicar livros, em pleno século XX! Porém, foi “providencial” sua ida para a China. Numa das expedições em que tomou parte, foram encontrados restos de um pré-homídeo, o sinantropo (*Sinanthropus pekinensis*), em Chou-k’ou-tien, no ano de 1929. Chardin achava extraordinária a passagem do antropóide ao homem e considerava o “Homo sapiens” como encontro entre a matéria e o Espírito. A evolução social, após o “Homo sapiens” seria, acima de tudo, uma evolução espiritual.

Sempre sob pressão e oposição de seus superiores, realizou inúmeras viagens e expedições pela China, Japão, Java e Birmânia. Em 1946 o Vaticano negou licença para que ele lecionasse e publicasse seus livros. Em 1951 foi nomeado membro da Academia de Ciência da França.

O processo evolutivo para Chardin

Para Chardin, o processo da evolução é como uma espiral que representa ao mesmo tempo o movimento de convergência e de ascendência. Para ele, três grandes épocas dividem a história da vida e do homem: a “cosmogênese”, que vai da criação até o aparecimento da vida; a “biogênese”, que termina com o aparecimento do homem; e a “antropogênese”, que vai até o “ponto ômega”, realidade absoluta, divina, o grau máximo de aperfeiçoamento. A última época se completa com a “cristogênese”, que é o aparecimento do Cristo, para o qual todas as coisas convergem. A Terra seria a “biosfera”, sobre a qual se sobrepõe uma nova camada, a “noosfera” (“nous”- Espírito, em grego), onde se processariam as novas transformações. Assim, tinha uma concepção total da vida, em três fases; pré-vida, a vida e a sobrevida.

O elo procurado pelo jesuíta encontra-se no Espiritismo

Considerando as ciências naturais a própria razão de sua vida, Chardin entusiasmou-se principalmente pela Paleontologia. Apaixonado pela ciência, empolgou-se pelas especulações filosóficas. A ciência pode e deve contribuir para a revitalização da religião, com vistas à chegada no “ponto ômega”, síntese da matéria e do espírito, além e acima da diversificação cultural e religiosa dos povos.

O elo procurado pelo jesuíta incompreendido encontra-se no Espiritismo, embora Jung tenha chegado muito próximo com o “arquétipo coletivo” e, agora, a psicologia transpessoal de Stanislav Grof também esteja a caminho.

Evidentemente, a evolução não se restringe ao organismo somático. Anda ‘pari passu’ com a evolução do Espírito, de onde se aproximou o pensamento de Chardin. Nos estudos sobre a evolução, sem dúvida os trabalhos de Charles Darwin representam um divisor de águas. Acontece que um pouco antes dele consagrar sua teoria com a publicação de “A Origem das Espécies” (1859), saiu a lume “O Livro dos Espíritos” (1857), onde Allan Kardec já tecia considerações sobre a evolução orgânica e espiritual. Alguns anos depois, Alfred Russel Wallace, co-autor da teoria da evolução, divergindo de Darwin, defendia a existência de forças espirituais regendo a evolução humana.

Nas obras espíritas, sente-se a concordância e/ou complementação das descobertas científicas sobre o evolucionismo. Particularmente, as idéias sobre reencarnação e perispírito representam a chave mágica para se entender a problemática da evolução física/espiritual. Assim, o pensamento do “jesuíta proibido” sobre a “biogênese” e a “noosfera” se aproximam muito das concepções espíritas.

As pesquisas e as especulações do autor de “O Fenômeno Humano” além de chamarem atenção para o contínuo processo de “feedback” entre ciência e religião, demonstram que pensamento livre, inovador e integral, pode surgir em qualquer parte, independentemente das barreiras religiosas e culturais.

O estado natural e a felicidade

Artigo 32 – No estado natural, tendo menos necessidades, o homem não sofre todas as atribulações que cria para si mesmo num estado mais adiantado. Entretanto, enganam-se os que consideram esse estado como o da mais perfeita felicidade terrena, porque essa é a felicidade do bruto. É ser feliz à maneira dos animais.

O homem não retrograda ao estado natural

Artigo 33 – O homem não pode retrogradar ao estado natural; ele deve progredir sem cessar e não pode voltar ao estado de infância. Se ele progride é que Deus assim o quer; pensar que ele pode retrogradar para a sua condição primitiva seria negar a lei do progresso.

33.1 – “Da Perfeição dos Seres Criados”- Explanação de Allan Kardec na Revista Espírita, março de 1864, Edit. Edicel, tradução de Júlio Abreu Filho, págs. 65-70:

As Leis Divinas são inteiramente justas e boas

Por vezes pergunta-se se Deus não teria podido criar os Espíritos perfeitos, para lhes poupar o mal e todas as suas conseqüências.

Sem dúvida Deus o teria podido, pois é todo-poderoso; e se não o fez, é que, em sua soberana sabedoria, julgou mais útil que fosse de outro modo. Não pertence aos homens perscrutar seus desígnios e, ainda menos, julgar e condenar as suas obras. Desde que não pode admitir Deus sem o infinito das perfeições, sem a soberana bondade e a soberana justiça; desde que tem sob os olhos, incessantemente, provas de sua solicitude pelas suas criaturas, deve pensar que essa solicitude não podia ter falhado na criação dos Espíritos. Na Terra o homem é como a criança, cuja visão limitada não vai além do seu alcance. Contudo, tendo-lhe Deus dado a inteligência para se guiar, não lhe é defeso procurar compreender, parando humildemente no limite que não pode transpor. Sobre todas as coisas mantidas no segredo de Deus, não pode estabelecer senão sistemas mais ou menos prováveis. Para julgar qual desses sistemas mais se aproxima da verdade, há um critério seguro, que são os atributos essenciais da Divindade. Toda teoria, toda doutrina filosófica ou religiosa que tendesse a destruir a mínima parte de um só desses atributos pecaria pela base e seria, por isto mesmo, manchada de erro. De onde se segue que o sistema mais verdadeiro será aquele que melhor se acomodar com esses atributos.

Sendo Deus todo sabedoria e todo bondade, não poderia ter criado o mal como contrapeso do bem; se tivesse feito do mal uma lei necessária, teria voluntariamente enfraquecido o poder do bem, porque aquilo que é mal não pode senão alterar e não fortificar o que é bem. Ele estabeleceu leis que são inteiramente justas e boas; o homem seria perfeitamente feliz se as observasse escrupulosamente; mas a menor infração a essas leis causa uma perturbação cujo contra-golpe experimenta; daí todas as suas vicissitudes; é, pois, ele próprio a causa do mal por sua desobediência às leis de Deus.

Deus o criou livre de escolher seu caminho. O que tomou o mau caminho o fez por sua vontade e não pode acusar senão a si próprio pelas conseqüências para si decorrentes. Pelo destino da Terra, só vemos os Espíritos desta categoria, e é o que fez crer na necessidade do mal. Se pudéssemos abraçar o conjunto dos mundos, veríamos que os Espíritos que ficaram no bom caminho percorrem as diversas fases de sua existência em condições completamente diversas e que, desde que o mal não é geral, não poderia ser indispensável. Mas resta sempre a questão de saber porque Deus não criou os Espíritos perfeitos. Esta questão é análoga a esta outra: Porque a

criança não nasce completamente desenvolvida, com todas as aptidões, toda a experiência e todos os conhecimentos da idade viril?

Lei do Progresso

Há uma lei geral que rege os seres da criação, animados e inanimados. É a lei do progresso. Os Espíritos são a ela submetidos pela força das coisas, sem o que a exceção teria perturbado a harmonia geral e Deus quis dar-nos um exemplo abreviado na progressão da infância. Mas como o mal não existe como necessidade na ordem das coisas, pois não é devido senão a Espíritos prevaricadores, a lei do progresso absolutamente não os obriga a passar por esta fieira para chegar ao bem; ela não os força senão a passar pelo estado de inferioridade intelectual ou, por outras palavras, pela infância espiritual. Criados simples e ignorantes, por isso imperfeitos, ou melhor, ‘incompletos’, devem adquirir por si mesmos e por sua própria atividade, a ciência e a experiência que de início não podem ter. Se Deus os tivesse criados perfeitos, deveria tê-los dotado, desde o instante de sua criação, com a universalidade dos conhecimentos; tê-los-ia isentado de todo trabalho intelectual; mas, ao mesmo tempo, lhes teria tirado toda a atividade que devem desenvolver para adquiri-la, e pela qual concorrem, como encarnados e desencarnados, ao aperfeiçoamento material dos mundos, trabalho que não incumbe mais aos Espíritos Superiores encarregados somente de dirigir o aperfeiçoamento moral. Por sua mesma inferioridade tornam-se uma engrenagem essencial à obra geral da criação. Por outro lado, se os tivesse criado infalíveis, isto é, isentos da possibilidade de fazer mal, eles fatalmente teriam sido impelidos ao bem como mecanismos bem montados, que fazem automaticamente obras de precisão. Mas, então, não mais livre-arbítrio e, por conseqüência, não mais independência; ter-se-iam assemelhado a esses homens que nascem com a fortuna feita e se julgam dispensados de fazer alguma coisa. Submetendo-os à lei do progresso facultativo, quis Deus que tivessem o mérito de suas obras, para ter direito à recompensa e a desfrutar a satisfação de haverem conquistado suas próprias posições.

Sem a lei universal do progresso, aplicada a todos os seres, teria tido que estabelecer uma ordem de coisas completamente outra. Sem dúvida, Deus tinha a possibilidade. Por que não o fez? Teria sido melhor de outro modo? Assim, ter-se-ia enganado! Ora, se Deus pôde enganar-se, é que não é perfeito; se não é perfeito, não é Deus. Desde que não se pode concebê-lo sem a perfeição infinita, há que concluir-se que o que fez é o melhor; se ainda não estamos aptos a compreender os seus motivos, certamente podê-lo-emos mais tarde, num estado mais adiantado. Enquanto esperamos, se não pudermos sondar as causas, poderemos observar os efeitos e reconhecer que tudo no universo é regido por leis harmônicas, cuja sabedoria e admirável previdência confundem nosso entendimento. Muito presunçoso, pois, seria aquele que pretendesse que Deus deveria ter regulado o mundo de outra maneira, pois isto significaria que, em seu lugar, teria feito melhor. Tais são os Espíritos, cujo orgulho e ingratidão Deus castiga, relegando-os a mundos inferiores, de onde só sairão quando curvando a cabeça sob a mão que os fere, reconhecem o seu poder. Deus não lhes impõe esse reconhecimento; quer que seja voluntário e fruto de suas observações, razão por que os deixa livres e espera que, vencido pelo mal mesmo, que a si atraem, se voltem para ele.

‘Os Animais também sofrem!’ A rigor, compreende-se o sofrimento para o homem, pois pode tê-lo merecido; mas os animais também sofrem; entredevoram-se; os grandes comem os pequenos. Há alguns cuja vida não passa de longo martírio; como nós, têm o livre-arbítrio ou desmereceram?

A isto respondem: “Compreende-se que Deus não tenha criado os Espíritos perfeitos; mas se julgou a propósito submetê-los todos à lei do progresso, não teria podido, pelo menos, criá-los felizes, sem os submeter a todas as misérias da vida? A rigor, compreende-se o sofrimento para o homem, pois pode ter desmerecido; mas os animais também sofrem; entredevoram-se; os grandes comem os pequenos. Há alguns cuja vida não passa de longo martírio; como nós, têm o livre-arbítrio ou desmereceram?”

Tal é, ainda, a objeção por vezes feita e à qual os argumentos acima podem servir de resposta. Não obstante, juntaremos algumas considerações.

Sobre o primeiro ponto diremos que a felicidade completa é resultado da perfeição, pois as vicissitudes o são da imperfeição. Criar os Espíritos perfeitamente felizes fôra criá-los perfeitos.

A questão dos animais exige alguns desenvolvimentos. Eles têm um princípio inteligente – isto é incontestável. De que natureza é este princípio? Que relações tem com o homem? É estacionário em cada espécie, ou progressivo ao passar de uma a outra espécie? Qual o seu limite de progresso? Marcha paralelamente com o homem, ou é o mesmo princípio que se elabora e ensaia a vida nas espécies inferiores, para receber, mais tarde, novas faculdades e sofrer a transformação humana? São outras tantas questões até hoje insolúveis; e se o véu que cobre esse mistério ainda não foi levantado pelos Espíritos, é que ainda é prematuro; o homem ainda não está maduro para receber toda a luz. É verdade que vários Espíritos deram teorias a respeito, mas nenhuma tem um caráter bastante autêntico para ser aceita como verdade definitiva. Assim, até nova ordem, não podem ser consideradas senão como sistemas individuais. Só a concordância lhes pode dar a consagração, pois nisto está o único e verdadeiro controle do ensino dos Espíritos. Eis porque estamos longe de aceitar como verdades irrecusáveis tudo quanto ensinam individualmente; um princípio, seja qual for, para nós só adquire autenticidade pela universalidade do ensinamento, isto é, por instruções idênticas, dadas em todos os lugares, por médiuns estranhos uns aos outros, sem sofrer as mesmas influências, notoriamente isentos de obsessões e assistidos por Espíritos esclarecidos. Por Espíritos esclarecidos deve entender-se os que provam sua superioridade pela sua elevação de pensamento, o alto alcance de seus ensinamentos, jamais se contradizendo e jamais dizendo nada que a lógica mais rigorosa não possa admitir. Assim é que foram controladas as diversas partes da doutrina, formulada no ‘Livro dos Espíritos’ e no ‘Livro dos Médiuns’. Tal não é ainda o caso da questão dos animais. Eis por que ainda não o decidimos. Até à constatação mais séria, não se devem aceitar teorias que possam ser dadas a respeito, senão como inventário, e esperar sua confirmação ou sua negação.

A questão dos animais: prudência em face a teorias novas

Em geral nunca seria demasiada a prudência em face a teorias novas, sobre as quais poderíamos ter ilusões. Assim, quantas vimos, desde a origem do Espiritismo que, publicadas prematuramente, apenas tiveram vida efêmera! Assim será com todas as que apenas tiveram o caráter individual e não tiveram passado pelo controle da concordância. Em nossa posição, recebendo as comunicações de cerca de mil centros espíritas sérios, disseminados em diversos pontos do globo, estamos em condições de ver os princípios, sobre os quais houve concordância. Foi esta observação que nos guiou até hoje e nos guiará igualmente nos novos campos que o Espiritismo é chamado a explorar. É assim que, desde algum tempo, observamos nas comunicações, vindas de vários lados, quer da França, quer do estrangeiro, uma tendência para entrar numa via nova, através de revelações de uma natureza toda especial. Essas revelações, muitas vezes em palavras veladas, passaram inapercebidas a muitos dos que as receberam; muitos outros se supuseram os únicos a recebê-las; consideradas isoladamente, para nós não teriam valor; mas a sua coincidência lhes dá alta importância, que terá de ser julgada mais tarde quando vier o momento de as levar à luz da publicidade.

Sem essa concordância, quem poderia estar seguro de ter a verdade? A razão, a lógica, o raciocínio, sem dúvida são os primeiros meios de controle a serem usados. Em muitos casos isto basta. Mas quando se trata de um princípio importante, da emissão de uma idéia nova, seria presunção crer-se infalível na apreciação das coisas. É, aliás, um dos caracteres distintivos da revelação nova o de ser feita em toda parte ao mesmo tempo. Assim ocorreu com as diversas partes da doutrina. Aí está a experiência a provar que todas as teorias aventureiras por Espíritos sistemáticos e pseudo-sábios sempre foram isoladas e localizadas; nenhuma tornou-se geral e não suportou o controle da concordância; várias, mesmo, caíram no ridículo, prova evidente que não estavam certas. O controle universal é uma garantia para a futura unidade da doutrina.

Esta digressão afastou-nos um pouco do assunto, mas era útil, para dar a conhecer a maneira por que procedemos, no caso de teorias novas concernentes ao Espiritismo, que está longe de haver dado a última palavra sobre todas as coisas. Jamais as emitimos antes que tenham recebido a sanção de que acabamos de falar, razão por que algumas pessoas, um tanto impacientes, se admiram de nosso silêncio em certos casos. Como sabemos que cada coisa virá a seu tempo, não cedemos a nenhuma pressão, venha de onde vier, pois sabemos a sorte dos que querem ir

muito depressa e têm em si mesmo e em suas próprias luzes uma confiança muito grande. Não queremos colher fruto antes de maduro; mas é preciso ter certeza de que, quando estiver maduro, não o deixaremos cair.

Estabelecido este ponto, pouco nos resta a dizer sobre a questão proposta, embora o ponto capital ainda não possa ser resolvido

O sofrimento dos animais e a destruição de uns pelos outros

O sofrimento dos animais é constante. Mas é racional imputar esses sofrimentos à imprevidência de Deus ou a uma falta de bondade de sua parte pelo fato de a causa escapar à nossa inteligência, como a utilidade dos deveres e da disciplina escapa ao escolar? Ao lado desse mal aparente não se vê brilhar a sua solicitude pelas mais ínfimas criaturas? Não são os animais providos de meios de conservação adequados ao meio onde devem viver? Não se vê que a sua pelagem desenvolve-se mais ou menos, conforme o clima? Seu aparelho de nutrição, suas armas ofensivas e defensivas proporcionadas aos obstáculos a vencer e aos inimigos a combater? Em presença destes fatos, tão multiplicados, e cujas conseqüências só escapam ao olho do materialista, é-se levado a dizer que não há Providência para eles? Não, por certo, posto nossa visão seja muito limitada para julgar a lei do conjunto. Nosso ponto de vista, restrito ao pequeno círculo que nos envolve, só nos deixa ver irregularidades aparentes; mas quando nos elevarmos pelo pensamento acima do horizonte terreno, apagar-se-ão essas irregularidades ante a harmonia geral.

O que mais choca nesta observação localizada é a destruição de uns seres pelos outros. Desde que Deus prova a sua sabedoria e a sua bondade em tudo o que podemos compreender, é forçoso admitir que a mesma sabedoria presida ao que não compreendemos. Aliás, não se exagera a importância dessa destruição senão porque se liga à matéria, sempre por força do estreito ponto de vista em que se coloca o homem. Em definitivo, só se destrói o invólucro; o princípio inteligente não é aniquilado; também o Espírito é tão indiferente à perda de seu corpo, quanto o homem à de sua roupa. Essa destruição dos envoltórios temporários é necessária à formação e manutenção de novos envoltórios, que se constituem com os mesmos elementos; mas o princípio inteligente não é atingido, quer nos animais, quer no homem.

Resta o sofrimento, que por vezes leva à destruição desse invólucro. Ensina-nos o Espiritismo, e nos prova que o sofrimento no homem é útil ao seu avanço moral. Quem nos diz que o dos animais não tem utilidades? Que na sua esfera e conforme certa ordem de coisas, não seja causa de progresso? É certo que não passa de hipótese, mas ao menos se apóia nos atributos de Deus: a justiça e a bondade, enquanto as outras são a sua negação.

A questão da criação dos seres perfeitos, tendo sido debatida em sessão da Sociedade Espírita de Paris, o Espírito de Erasto ditou, a respeito, a seguinte comunicação.

Sobre a não-perfeição dos seres criados

(Sociedade Espírita de Paris, 5 de fevereiro de 1864)

Por que não criou Deus todos os seres perfeitos? Em virtude mesmo da lei do progresso. É fácil compreender a economia desta lei. Aquele que marcha está no movimento, isto é, na lei da atividade humana; aquele que não progride, que por essência se acha estacionário, incontavelmente não pertence à gradação ou à hierarquia humanitária. Explico-me. Quem nasce numa posição mais ou menos elevada, acha em sua situação nativa um dado estado de ser. Ora! Está certo de que se sua vida inteira decorresse nessa situação de ser, sem que lhe tivesse trazido modificações por sua ação ou pela de outrem declararia que a sua existência é monótona, aborrecida, fatigante, numa palavra, insuportável. Acrescento que teria perfeita razão, visto como o bem só é bem relativamente ao que lhe é inferior. Isto é tão certo que se puserdes o homem num paraíso terrestre, num paraíso onde não se progride mais, em dado tempo ele achará a existência insustentável e aquele repouso um impiedoso inferno. Daí resulta, de maneira absoluta, que a lei imutável dos mundos é o progresso ou o movimento para a frente; isto é, que todo Espírito que é criado está inevitavelmente submetido a essa grande e sublime lei da vida; conseqüentemente, tal é a mesma lei humana.

‘Só Deus pode ficar e viver na sua imobilidade’. Só existe um ser perfeito e não pode existir senão um: Deus! Ora, pedir ao Ser Supremo a criação de Espíritos perfeitos, seria pedir-lhe

que criasse algo de semelhante e igual a si. Emitir semelhante proposição, não é a condenar previamente? Oh homens! Porque perguntar sempre qual a razão de ser de certas questões insolúveis ou acima do entendimento humano? Lembrai-vos sempre que só Deus pode ficar e viver na sua imobilidade gigantesca. É o ‘sumum’ e o ‘máximum’ de todas as coisas, o ‘alpha’ e o ‘ômega’ de toda a vida. Ah! crede-me, filhos, jamais busqueis levantar o véu que cobre esse grandioso mistério, que os maiores Espíritos da criação não abordam sem tremor. Quanto a mim, humilde pioneiro da iniciação tudo o que vos posso afirmar é que a imobilidade é um dos atributos de Deus, ou do Criador e que o homem e tudo o que é criado têm como atributo a mobilidade. Compreendei, se o puderdes, ou esperai a hora de uma explicação mais inteligível, isto é, mais ao alcance do vosso entendimento.

II – MARCHA DO PROGRESSO (Idem, itens 779 a 785)

Artigo 34 – O homem se desenvolve por si mesmo, naturalmente, mas nem todos progridem ao mesmo tempo e da mesma maneira; é então que os mais adiantados ajudam os outros a progredir, pelo contato social.

34.1 – “Ajuda Inestimável”- Explicação de Richard Simonetti em seu livro “A Constituição Divina”, Editora Gráfica S.João Ltda., 2^a. edição, 1989, págs. 82-84:

Eminentemente perfectível, criado para a perfeição, há no espírito humano indelével inquietação, um anseio incontido de buscar novos horizontes, de superar limitações. Esse impulso manifesta-se mais intensamente em determinados períodos da existência, particularmente na juventude, ou fica embotado em outros, como na senilidade, mas sempre volta, renovado, vigoroso, no desdobrar das vidas sucessivas.

Cumpra-se nessa eterna procura a Lei do Progresso. É o impulso do Criador estimulando a criatura a seguir adiante, rumo à sua gloriosa destinação. Nessa jornada longa e laboriosa, conjugam-se dois fatores: ‘primeiro’: o desenvolvimento de nossas próprias experiências no suceder dos séculos, compulsando os alfarrábios da Vida, aprendendo por iniciativa própria quando nos decidimos ao exercício do dever, ou repetindo lições impostas pela eficiente mestra, a Dor, quando excursionamos por regiões de inconseqüência e desatino. ‘Segundo’: a contribuição dos companheiros que seguem à frente. Não temos todos a mesma idade. A geração de Espíritos é infinita. Se há indivíduos mais justos, mais inteligentes, mais virtuosos, é porque são mais velhos espiritualmente. Há os que já viveram um milhão de anos; há “bebês” com dez mil anos. É fácil constatar essa realidade observando que não há compatibilidade entre a idade física e a espiritual. Vemos crianças que se destacam pela sua precocidade, filhos mais ajuizados que seus pais e adultos que parecem não superar nunca um comportamento adolescente.

Na convivência com espíritos evoluídos aprendemos mais depressa, assimilamos melhor o conhecimento relacionado com o nosso aprimoramento moral e intelectual. Os grandes surtos de desenvolvimento das idéias religiosas e científicas foram marcados pela contribuição de homens geniais, que superaram as limitações de seu tempo. Seria sua genialidade um favor de Deus? Uma graça divina? Semelhante proposição é incompatível com a justiça e nos permitiria questionar os critérios do Criador. Afinal, somos todos seus filhos! Por que o favorecimento de alguns?! É muito mais lógico conceber sua condição de professores que nos visitam para nos ensinar.

Desde o desconhecido que inventou a roda a um Einstein, temos o concurso dos Espíritos mais experientes a favorecer o conforto da civilização e o conhecimento dos enigmas do Universo.

Evolução Moral. A Justiça. O Amor. A Reencarnação

O mesmo ocorre com a evolução moral. Quantos milênios escoariam até que a Humanidade definisse com precisão os fundamentos da justiça, a partir da noção elementar de que nossos direitos terminam onde começam os direitos do semelhante, não fora a contribuição de Moisés para que o Céu falasse à Terra no Monte Sinai, enunciando os Dez Mandamentos?

E o Amor, alicerce das realizações mais sublimes... Que eternidade levaríamos para uma iniciação em seus mistérios, sem o sacrifício de Jesus, que renunciou aos páramos celestiais para ensinar-nos a conjugá-lo com a força irresistível do exemplo?

Sem o trabalho marcante de Allan Kardec na codificação Espírita, muito mais tempo marcaria o cronômetro dos séculos até que compreendêssemos plenamente a Lei da Reencarnação, que preceitua que as existências na carne sejam repetidas até que nos diplomemos em pureza e sabedoria; a Lei de Causa e Efeito, a estabelecer que na seara das ações todos colhamos de conformidade com a sementeira, aprendendo o que podemos ou não fazer, e a Lei de Sintonia Psíquica, segundo a qual somos envolvidos por forças espirituais que podem nos elevar às alturas ou nos precipitar no abismo, mas sempre de conformidade com o rumo que imprimamos à própria vontade.

A Terra: imenso educandário

Impossível imaginar uma escola sem professores. O simples aprendizado das primeiras letras demandaria anos de esforço por parte dos alunos... Neste imenso educandário que é a Terra, a Bondade Divina não tem negligenciado o envio de valorosos mestres em benefício de nosso aprendizado. Dir-se-ia que não obstante tais dádivas a Humanidade ainda é muito atrasada, situando-se distanciada da vivência desses princípios redentores. É que a natureza não dá saltos. A assimilação plena das leis divinas pede o concurso do tempo, até que despertemos para nossas responsabilidades, habilitando-nos a um melhor aproveitamento da jornada humana, acertando o passo com aqueles que seguem à nossa frente.

Progresso Intelectual e Progresso Moral

Artigo 35 – O progresso moral é a consequência do progresso intelectual, mas não o segue sempre imediatamente.

Artigo 36 – O progresso intelectual pode conduzir ao progresso moral dando a compreensão do bem e do mal, pois então o homem pode escolher. O desenvolvimento do livre-arbítrio segue-se ao desenvolvimento da inteligência e aumenta a responsabilidade do homem pelos seus atos.

Povos esclarecidos e pervertidos

Parágrafo único – Como se explica, então, que os povos mais esclarecidos sejam freqüentemente os mais pervertidos?

- O progresso completo é o alvo a atingir, mas os povos, como os indivíduos, não chegam a ele senão passo a passo. Até que tenham desenvolvido o senso moral eles podem servir-se da inteligência para fazer o mal. A moral e a inteligência são duas forças que não se equilibram senão com o tempo.

Leis de entaves ao progresso

Artigo 37 – Os homens que tentam deter a marcha do progresso e fazer retrogradar a Humanidade serão castigados por Deus, sendo arrastados pela torrente que pretendem deter.

Parágrafo único – O aperfeiçoamento da Humanidade segue sempre uma marcha progressiva e lenta que resulta da força das coisas; mas quando um povo não avança bastante rápido, Deus lhe provoca, de tempos em tempos, um abalo físico ou moral que o transforma.

37.1 - “Ninguém tem o poder de se opor ao progresso”. Comentário de Kardec no item 783 de O Livro dos Espíritos:

– Sendo o progresso uma condição da natureza humana ninguém tem o poder de se opor a ele. É uma ‘força viva’ que as más leis podem retardar, mas não asfixiar. Quando essas leis se

tornam de modo incompatíveis com o progresso, ele as derruba, com todos os que as querem manter, e assim será até que o homem harmonize as suas leis com a justiça divina, que deseja o bem para todos, e não as leis feitas para o forte em prejuízo do fraco.

O homem não pode permanecer perpetuamente na ignorância, porque deve chegar ao fim determinado pela Providência; ele se esclarece pela própria força das circunstâncias. As revoluções morais, como as revoluções sociais, se infiltram pouco a pouco nas idéias, germinando ao longo dos séculos e depois explodem subitamente, fazendo ruir o edifício carcomido do passado, que não se encontra mais de acordo com as necessidades novas e as novas aspirações.

O homem geralmente não percebe, nessas comoções, mais do que a desordem e a confusão momentâneas, que o atingem nos seus interesses materiais, mas aquele que eleva o seu pensamento acima dos interesses pessoais, admira os desígnios da Providência que do mal fazem surgir o bem. São a tempestade e o furacão que saneiam a atmosfera, depois de a haverem revolvido.

Os maiores obstáculos ao progresso moral: o orgulho e o egoísmo

Artigo 38 – Apesar da perversidade do homem ser bastante intensa, ele continua avançando, se observarmos bem o conjunto; pois ele vai compreendendo melhor o que é o mal, e dia a dia corrige os seus abusos. É preciso que haja excesso do mal, para fazer-lhe compreender as necessidades do bem e das reformas.

Artigo 39 – Os maiores obstáculos ao progresso são o orgulho e o egoísmo. Isto é, ao progresso moral, porque o intelectual avança sempre. Este parece, aliás, à primeira vista, duplicar a intensidade daqueles vícios desenvolvendo a ambição e o amor das riquezas, que por sua vez incitam o homem às pesquisas que lhe esclarecem o Espírito. É assim que tudo se relaciona no mundo moral como no físico e que do próprio mal pode sair o bem. Mas esse estado de coisas durará apenas algum tempo; modificar-se-á à medida que o homem compreender melhor que além do gozo dos bens terrenos existe uma felicidade infinitamente maior e infinitamente mais durável.

39.1 - “O Progresso Intelectual e o Progresso Moral”. Comentário de Kardec no item 785 de O Livro dos Espíritos:

Há duas espécies de progresso que mutuamente se apóiam e entretanto não marcham juntos: o progresso intelectual e o progresso moral. Entre os povos civilizados o primeiro recebe em nosso século todos os estímulos desejáveis e por isso atingiu um grau até hoje desconhecido. Seria necessário que o segundo estivesse no mesmo nível. Não obstante, se compararmos os costumes sociais de alguns séculos atrás com os de hoje, teremos de ser cegos para negar que houvesse progresso moral. Por que, pois, a marcha ascendente da moral deveria interromper-se mais que a da inteligência? Por que não haveria, entre o século décimo nono e o vigésimo quarto, tanta diferença nesse terreno como entre o décimo quarto e décimo nono? Duvidar disso seria pretender que a Humanidade tivesse atingido o apogeu da perfeição, o que é absurdo, ou que ela não é moralmente perfectível, o que a experiência desmente.

39.2 – “A Lei de Progresso”- Explicação de Rodolfo Calligaris no livro “As Leis Morais”, Editora FEB, R. Janeiro, 3^a. edição, 1983, págs. 119-122:

A Teologia e a Doutrina Espírita

Segundo a Teologia, o homem fora criado justo, puro, feliz, e assim poderia ter-se mantido por toda a eternidade. Tentado, porém, por satanás, desobedeceu ao Criador, vindo a sofrer, em consequência desse grave pecado, “a privação da graça, a perda do paraíso, a ignorância, a inclinação para o mal, a morte e toda a sorte de misérias do corpo e da alma”.

Em outras palavras, isso quer dizer que o gênero humano teria surgido na Terra perfeito, ou quase, mas depois se degradou. Há até quem opine que se vem tornando cada vez pior.

A Doutrina Espírita, ao contrário, afirma que o progresso é lei natural, cuja ação se faz sentir em tudo no Universo, não sendo admissível, por conseguinte, possa o homem frustrá-la ou contrapor-se-lhe.

Com efeito, impulsionado por ela, longe de haver “decaído”, o “rei da criação” foi perdendo, ao longo dos séculos, as ferezas do troglodita, a amoralidade do bárbaro, a insipiência do selvagem, num desenvolvimento intelecto-moral vagaroso, mas seguro e ininterrupto, eis que “imagem e semelhança de Deus”, está fadado a adquirir todos os conhecimentos da Sabedoria e todas as virtudes da Santidade.

Claro que ele se encontra, ainda, bastante distanciado dessa perfeição, mas quem quer que conheça um pouquinho de história da civilização, não pode deixar de reconhecer o enorme avanço, não só na técnica como nos costumes, que conseguiu realizar.

Progresso Intelectual e Progresso Moral

É verdade, sim, que o seu progresso moral se acha muito aquém do fabuloso progresso intelectual a que chegou, e daí porque prevalece, em nossos dias, uma ciência sem consciência, valendo-se, não poucos, de suas aquisições culturais, apenas para a prática do mal. Os funestos resultados do mau emprego de sua inteligência recairão, porém, fatalmente, sobre si mesmo, arrancando-lhe “sangue, suor e lágrimas” em crescente profusão, até que, trabalhado pela Dor, ganhará experiência, aprendendo então a equilibrar as forças da mente e do coração, como lhe convém, para que sua marcha ascensional se efetue sem quedas nem desvios.

É verdade, também, que o egoísmo e o orgulho, inspiradores de muitas das leis iníquas em vigência neste mundo, favorecendo os poderosos em prejuízo dos fracos, podem retardar, como efetivamente têm retardado, a prosperidade e o bem-estar comuns. É que a Providência, para dar ao homem o mérito de elevar-se pelo próprio esforço e livre iniciativa, sempre lhe concede moratória para que corrija e aperfeiçoe suas instituições, visando àquele objetivo.

De tempo em tempo, entretanto, esgotados os compassos de espera, sacode-as violentamente, destruindo privilégios odiosos, preconceitos estúpidos e governos opressores, dando ensejo a que, embora a contragosto dos reacionários e dos retrógrados, o progresso se faça e a conduta humana se harmonize, gradativamente, com a Lei Divina, que outra coisa não quer senão que os bens terrenos sejam partilhados equitativamente por quantos hajam concorrido para produzi-los, e que a Paz, alicerçada na Justiça, seja uma bênção a felicitar todas as raças e nações.

Retorno ao Estado Primitivo?

Argumentam alguns filósofos que a civilização só serve para aumentar a ambição, estimular a vaidade, multiplicar os vícios, complicar e dificultar a vida, etc., e que seria melhor para o homem que ele retornasse ao estado primitivo, de ignorância e irresponsabilidade.

Se tais pensadores estivessem com a razão, e o gozo fosse inversamente proporcional ao grau evolutivo das criaturas, convir-nos-ia regredir, não apenas à semiconsciência do bruto, mas à condição de meros vermes... O absurdo de semelhante concepção é evidente, não acham?

Antes de malsinar a civilização, urge que cada um de nós ofereça a sua contribuição pessoal para que ela se apure; e, em vez de tentarmos embarçar a torrente de progresso, acompanhemo-lo, porque, resistir-lhe, é correr o risco de ser esmagado.

III – POVOS DEGENERADOS (Idem, itens 786 a 789)

Artigo 40 – As raças rebeldes ao progresso, por sua própria natureza, dia a dia se aniquilam corporalmente; mas essas almas chegarão à perfeição, como todas as outras, passando por várias existências. Deus não deserda ninguém.

Parágrafo único – Os homens mais civilizados de hoje já foram selvagens e antropófagos.

Artigo 41 – Os povos que só vivem materialmente, cuja grandeza se funda na força e na extensão territorial, crescem e morrem, porque a força de um povo se esgota como a de um homem; aqueles cujas leis egoístas atentam contra o progresso das luzes e da caridade, morrem, porque a luz aniquila as trevas e a caridade mata o egoísmo. Mas há para os povos, como para os indivíduos, a vida da alma, e aqueles, cujas leis se harmonizam com as leis eternas do Criador, viverão e serão o farol dos outros povos.

41.1 – “Terra – Instituto Educacional”- Explanação de Rodolfo Calligaris na obra citada, págs. 123-126:

Um instituto de educação, com seus vários cursos: jardim de infância, primário, ginásio, colégio, normal, etc., constitui símile perfeito do que seja a Terra para os espíritos que aqui se encarnam para realizarem uma parte de sua evolução.

Vejamos:

Tal como sucede nos educandários dessa espécie, em que a posição dos alunos nos diversos cursos resulta não propriamente da idade, mas da assimilação dos programas de cada ano ou grau que hajam freqüentado, assim também, na Escola da Vida, o escalonamento dos espíritos evolucionantes vai-se fazendo, não compulsoriamente, mas em função do bom aproveitamento de cada existência que se lhes proporciona.

Os povos primitivos formam, por assim dizer, o jardim de infância da Humanidade terrena, enquanto no extremo oposto, os de civilização mais avançada, compõem as classes dos cursos secundários.

Em qualquer dos cursos, os alunos que se descuidam ou não se aplicam convenientemente em seus deveres, são obrigados a repetir determinados exercícios ou graus, quantas vezes se façam necessárias, até que os dominem satisfatoriamente. De modo análogo, em qualquer plano evolutivo em que se encontrem, os Espíritos são compelidos, através das reencarnações, a reviver certos episódios ou retornar ao mesmo meio social, tantas vezes quantas sejam precisas, para que tirem proveito das experiências que elas possam ensinar-lhes.

Os alunos dos cursos elementares são instruídos por normalistas, e os que freqüentam cursos secundários são, por sua vez, lecionados por professores universitários. Semelhantemente, os povos selvagens também contam com Espíritos mais adiantados, que reencarnam entre eles a fim de iniciá-los no conhecimento ou despertar-lhes os bons sentimentos, o mesmo se verificando entre os civilizados, em cujo seio espíritos de escol desempenham missões especiais, no campo da Ciência, da Arte, da Política, da Religião, etc., rasgando novos caminhos para o progresso e o bem-estar coletivos.

Nenhum aluno pode matricular-se regularmente num curso de grau médio sem haver passado antes pelo primário, nem no secundário, sem o aprendizado correspondente ao grau médio, e assim por diante, de sorte que cada discente se acha, exatamente, onde deve e precisa estar. O mesmo se dá com os espíritos: sua encarnação, neste ou naquele povo, não se faz por acaso, mas em função de seu adiantamento, o que patenteia a Justiça Divina, que não comete equívocos nem concede privilégios, retribuindo a todos rigorosamente de acordo com os seus méritos pessoais.

Como é óbvio, o aluno que, hoje, está fazendo o curso científico, foi, ontem, um dos que aprendiam a tabuada numa classe do primário, e aquele que, hoje, ainda está soletrando a cartilha, figurará, amanhã, entre os estudantes do clássico, capazes de expressar-se em diversas línguas. Igualmente, os espíritos agora encarnados, entre povos que lideram a civilização, foram, no passado, brutais antropófagos, e aqueles que, em nossos dias, habitam as selvas, no futuro serão damas e cavalheiros cultos e educados, a se movimentarem em aristocráticos salões. (Observação: no ano de 1937, da 1ª. edição do livro “As Leis Morais”, o sistema educacional brasileiro apresentava essa nomenclatura, de conformidade com os graus correspondentes).

Os currículos dos vários graus ou séries de cada curso mantêm-se os mesmos sempre, salvo pequenas alterações, mas as respectivas classes vão-se renovando, de ano para ano, com os

alunos novatos que vêm substituir os que foram promovidos. É o que acontece, também, com os povos primitivos e civilizados: eles se conservam mais ou menos estáveis, porque o lugar dos que se adiantam vai sendo tomado por outros espíritos que necessitam das condições sociais que lhes são características para o seu gradual desenvolvimento intelectual e moral.

Nos dias de sabatinas ou de exames, os alunos têm que demonstrar, individualmente, quanto sabem de cada matéria, não sendo admitidas, em hipótese alguma, proclamações dos interessados para que tais provas sejam realizadas por outrem. É essa, exatamente, a situação dos espíritos perante Deus; têm que responder, pessoalmente, pelo que fizeram aqui neste mundo, sem que nenhuma igreja, nenhum santo, nenhum guia ou protetor, possa interferir em seu favor.

Uma vez vencido o período de aprendizado proporcionado pelos institutos educacionais a que nos temos referido como exemplo, os estudantes que se disponham a fazer um curso superior passam a freqüentar outras Escolas, agora de nível universitário, onde irão estender e aprofundar os conhecimentos já adquiridos, iniciar-se em outros, e assim por diante. Os espíritos que pertencem à nossa Humanidade, tal e qual, após conquistarem o grau de progresso peculiar a este mundo, são transferidos para outros mais adiantados, nos quais começam novo ciclo evolutivo, e assim sucessivamente, até atingirem os planos mais felizes da espiritualidade, convertendo-se, então, em colaboradores da Providência, nas sublimes tarefas da Criação.

O Progresso e a Terra do Futuro: uma só nação? Uma Lei única?

Artigo 42 – O progresso reunirá um dia todos os povos da Terra numa só nação?

- Não em uma só nação, o que é impossível, pois da diversidade dos climas nascem costumes e necessidades diferentes, que constituem as nacionalidades. Assim serão sempre necessárias leis apropriadas a esses costumes e a essas necessidades. Mas a caridade não conhece latitudes e não faz distinção dos homens pela cor. Quando a lei de Deus constituir por toda parte a base da lei humana, os povos praticarão a caridade de um para outro, como os indivíduos de homem para homem, vivendo felizes e em paz, porque ninguém tentará fazer mal ao vizinho ou viver às suas expensas.

42.1 -“A Lei de Progresso dos Povos e a Justiça da Reencarnação”. Comentário de Kardec no item 789 de ‘O Livro dos Espíritos’:

A Humanidade progride por intermédio dos indivíduos que se melhoram pouco a pouco e se esclarecem; quando estes se tornam numerosos, tomam a dianteira e arrastam os outros. De tempos em tempos surgem os homens de gênio, que lhe dão um impulso; e depois, homens investidos de autoridade, instrumentos de Deus, que em alguns anos a fazem avançar de muitos séculos.

O progresso dos povos faz ainda ressaltar a justiça da reencarnação. Os homens de bem fazem louváveis esforços para ajudar uma nação a avançar moral e intelectualmente; a nação transformada será mais feliz neste mundo e no outro, compreende-se; mas, durante a sua marcha lenta através dos séculos, milhares de indivíduos morrem diariamente, e qual seria a sorte de todos esses que sucumbem durante o trajeto? Sua inferioridade relativa os priva da felicidade reservada aos que chegam por último? Ou também a sua felicidade é relativa? A justiça divina não poderia consagrar semelhante injustiça. Pela pluralidade das existências, o direito à felicidade é sempre o mesmo para todos, porque ninguém é deserdado pelo progresso. Os que viveram no tempo da barbárie, podendo voltar no tempo da civilização, no mesmo povo ou em outro, é claro que todos se beneficiam da marcha ascendente.

Mas o sistema da unicidade da existência apresenta neste caso outra dificuldade. Com esse sistema, a alma é criada no momento do nascimento, de maneira que um homem é mais adiantado que outro porque Deus criou para ele uma alma mais adiantada. Por que esse favor? Que mérito tem ele, que não viveu mais do que o outro, e geralmente menos, para ser dotado de uma alma superior? Mas essa não é a principal dificuldade. Uma nação passa, em mil anos, da barbárie à civilização. Se os homens vivessem mil anos, poderia conceber-se que, nesse intervalo, ti-

vessem tempo de progredir; mas diariamente morrem criaturas em todas as idades, renovando-se sem cessar, de maneira que dia a dia as vemos aparecerem e desaparecerem. No fim de um milênio não há mais traços dos antigos habitantes; a nação, de bárbara que era, tornou-se civilizada; mas quem foi que progrediu? Os indivíduos outrora bárbaros? Esses já estão mortos há muito tempo. Os que chegaram por último? Mas se a sua alma foi criada no momento do nascimento, essas almas não existiriam no tempo da barbárie e é necessário admitir, então, que os esforços desenvolvidos para civilizar um povo têm o poder, não de melhorar as almas imperfeitas, mas de fazer Deus criar outras almas mais perfeitas.

Comparemos esta teoria do progresso com a que nos foi dada pelos Espíritos. As almas vindas no tempo da civilização tiveram a sua infância como todas as outras, mas já viveram e chegam adiantadas, em consequência de um progresso anterior; elas vêm atraídas por um meio que lhes é simpático e que está em relação com o seu estado atual. Desse maneira, os cuidados dispensados à civilização de um povo não têm por efeito determinar a criação futura de almas mais perfeitas, mas atrair aquelas que já progrediram, sejam as que já viveram nesse mesmo povo, em tempos de barbárie, sejam as que procedem de outra parte. Aí temos ainda a chave do progresso de toda a Humanidade. Quando todos os povos estiverem no mesmo nível quanto ao sentimento do bem, a Terra só abrigará bons Espíritos, que viverão em união fraterna. Os maus, tendo sido repelidos e deslocados, irão procurar nos mundos inferiores o meio que lhes convém, até que se tornem dignos de voltar ao nosso meio, transformados. A teoria vulgar tem ainda esta consequência: os trabalhos de melhoramento social só aproveitam às gerações presentes e futuras; seu resultado é nulo para as gerações passadas, que cometeram o erro de chegar muito cedo e só avançaram na medida de suas forças, sob a carga dos seus atos de barbárie. Segundo a doutrina dos Espíritos, os progressos ulteriores aproveitam igualmente a essas gerações, que revivem nas condições melhores e podem aperfeiçoar-se no seio da civilização. (ver item 222 de O Livro dos Espíritos: “Considerações sobre a pluralidade das existências”).

IV – CIVILIZAÇÃO DEPURADA: INTELIGÊNCIA E MORAL (Itens 790 a 793 de ‘O Livro dos Espíritos’.)

Artigo 43 – A civilização se depurará um dia, fazendo desaparecer os males que tenha produzido, quando a moral estiver tão desenvolvida quanto a inteligência. As faculdades do Espírito não progridem ao mesmo tempo; é necessário tempo para tudo. Não se pode esperar frutos perfeitos de uma civilização incompleta.

43.1 – “Sinais de uma civilização completa”. Comentário de Kardec no item 793 de O Livro dos Espíritos:

A civilização tem os seus graus, como todas as coisas. Uma civilização incompleta é um estado de transição que engendra males especiais, desconhecidos no estado primitivo, mas nem por isso deixa de constituir um progresso natural, necessário, que leva consigo mesmo o remédio para aqueles males. À medida que a civilização se aperfeiçoa, vai fazendo cessar alguns dos males que engendrou, e esses males desaparecerão com o progresso moral.

De dois povos que tenham chegado ao ápice da escala social, só poderá dizer-se o mais civilizado, na verdadeira acepção do termo, aquele em que se encontre menos egoísmo, cupidez e orgulho; em que os costumes sejam mais intelectuais e morais do que materiais; em que a inteligência possa desenvolver-se com mais liberdade; em que existam mais bondade, boa-fé, benevolência e generosidade recíprocas; em que os preconceitos de casta e de nascimento sejam menos enraizados, porque eles são incompatíveis com o verdadeiro amor do próximo; em que as leis não consagrem nenhum privilégio e sejam as mesmas para o último como para o primeiro; em que a justiça se exerça com o mínimo de parcialidade; em que o fraco sempre encontre apoio contra o forte; em que a vida do homem, suas crenças e suas opiniões sejam melhor respeitadas; em que haja menos desgraça e, por fim, em que todos os homens de boa vontade estejam sempre seguros de não lhes faltar o necessário.

(LEI DE LIBERDADE – CÓDIGO DE DIREITO NATURAL ESPÍRITA)

93.3 – “Condições da Liberdade” – Explicação de Irmão Saulo (J. Herculaniano Pires), na mesma obra, págs. 93/4:

O princípio da liberdade é um anseio natural do homem e constitui o fundamento de todas as realizações duradouras. Sabemos que o homem é, na Terra, entre os seres visíveis que a povoam, o único realmente dotado de livre arbítrio. Mas a liberdade é condicionada pela responsabilidade, sendo que a responsabilidade, por sua vez, não pode existir sem liberdade. Estamos diante do que poderíamos chamar a dialética da autonomia. Da interação de liberdade e responsabilidade surge a síntese da independência, tanto em plano individual como no coletivo.

A questão 825 de “O Livro dos Espíritos” é a seguinte: “Pergunta: Há posições no mundo em que o homem possa gabar-se de gozar de liberdade absoluta? – Resposta: Não, porque vós todos necessitais uns dos outros, assim os pequenos como os grandes”. Esse problema foi amplamente analisado por Kardec no estudo “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, publicado em “Obras Póstumas” (que segue abaixo). Ali encontramos esta proposição: “Do ponto de vista do bem social a fraternidade figura em primeira linha, é a base. Sem ela não poderá haver igualdade nem liberdade verdadeiras. A igualdade decorre da fraternidade e a liberdade é uma consequência das duas”.

Temos, assim, duas condições sociais para a liberdade, que são os princípios de igualdade e fraternidade, e uma condição moral que é a responsabilidade. A essas condições Emmanuel propõe os corolários da obediência e do serviço. Sem obediência às leis divinas, que nos mandam servir ao próximo por amor, não há liberdade. Por outro lado, a liberdade absoluta não existe, é apenas um sofisma. Vivemos no relativo e não no absoluto.

Mas o que são as leis divinas? Um código de moral escrito? Para o Espiritismo as leis divinas são as próprias leis naturais, criadas por Deus. Existem desde os planos inferiores da Natureza. Os sofistas modernos pedem a liberdade dos instintos animais do homem, mas o Espiritismo nos adverte da existência dos instintos espirituais que constituem as exigências da consciência. E entre esses acentua a presença da “lei de adoração” que nos impulsiona a todos em direção a Deus.

93.4 - “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”- Explicação de Allan Kardec no livro “Obras Póstumas”, Ed. LAKE, SP., 11^a. ed., 1995, trad. de João Teixeira de Paula, págs. 179 – 182. Pág. 448 do Código de Direito Natural Espírita).

“Liberdade, igualdade e fraternidade”, três palavras que são por si sós o programa de uma ordem social, que realizaria o mais absoluto progresso da humanidade, se os princípios que representam pudessem receber inteira aplicação. Vejamos os obstáculos que, no estado atual da sociedade, lhes podem ser apresentados e procuraremos os meios de removê-los.

A fraternidade, na rigorosa acepção da palavra, resume todos os deveres do homem para com os semelhantes. Significa: devotamento, abnegação, tolerância, benevolência, indulgência; é a caridade evangélica por excelência e a aplicação da máxima “fazer aos outros o que queremos que os outros nos façam”. O oposto constitui a norma do egoísmo. A fraternidade proclama: um por todos e todos por um; o egoísmo perora: cada um para si. Estes dois princípios, sendo a negação um do outro, tanto impedem ao egoísta de ser fraterno como ao avarento de ser generoso e um homem medíocre de chegar às culminâncias de um grande homem. Ora, sendo o egoísmo social, enquanto ele dominar será impossível a verdadeira fraternidade, querendo-a cada um para proveito próprio; ou, quando muito, praticá-la-á em proveito de outrem, só após certificarse de que nada perderá com isso.

Atenta à sua importância para a realização da felicidade social, a fraternidade está na primeira linha: é a base; sem ela seriam impossíveis a liberdade e a igualdade reais. A igualdade decorre da fraternidade e a liberdade do conjunto das duas. Suponhamos uma sociedade de homens assás desinteressados, benévolos e prestativos, para viverem fraternalmente. Entre eles não haverá privilégios e direitos excepcionais, o que destruiria a fraternidade. Tratar alguém de irmão é tratar de igual para igual, é querer para ele o mesmo que para si. Em um povo de irmãos, a

igualdade será a conseqüência dos seus sentimentos, da sua maneira de proceder, e se estabelecerá pela força das coisas.

Qual é, porém, o inimigo da igualdade? O orgulho, que trabalha por ser o primeiro e por dominar; que vive de privilégios e de exceções e que aproveitará a primeira ocasião para destruir a igualdade social, nunca por ele bafejada. Ora, sendo o orgulho uma das chagas sociais, é evidente que nenhuma sociedade terá a igualdade sem arrasar primeiro esta barreira.

A liberdade, já o dissemos, é filha da igualdade e da fraternidade. Falamos da liberdade legal, e não da natural, que é um direito imprescritível de toda a criatura humana, até do selvagem. Os homens, vivendo como irmãos, com direitos iguais, animados do sentimento de recíproca benevolência, praticarão entre si a justiça, não causarão danos e, portanto, nada recearão uns dos outros. A liberdade será inofensiva, porque ninguém dela abusará, em prejuízo do seu semelhante. Como conseguir que o egoísmo, tudo desejando para si, e o orgulho, que quer tudo dominar, dêem as mãos à liberdade, que os destrona? Nunca o farão, porque a liberdade não tem mais encarniçados inimigos, assim como a igualdade e a fraternidade.

A liberdade pressupõe confiança mútua, mas este sentimento é impossível entre homens que só têm em vista a sua personalidade e, não podendo satisfazer à sua ambição à custa de outrem, vivem em guarda uns contra os outros, sempre receosos de perder o que chamam o seu direito, têm o predomínio como condição da existência; e por isto levantarão barreiras à liberdade e a sufocarão tão depressa encontrem propício ensejo.

Os três princípios são, como já dissemos, solidários entre si e apoiam-se mutuamente. Sem a co-existência deles, o edifício social fica incompleto. A fraternidade, praticada em sua pureza, requer a liberdade e a igualdade, sem as quais não será perfeita. Sem a fraternidade, a liberdade soltará a rédea às más paixões, que correrão sem freio. Com a fraternidade, o homem saberá regular o livre arbítrio, estará sempre na ordem. Sem ela, usará o livre arbítrio sem escrúpulos; serão a licença e a anarquia. É por isso que as mais livres nações são forçadas a por limites à liberdade. A igualdade, sem fraternidade, conduz aos mesmos resultados, porque a igualdade requer liberdade. Sob o pretexto da igualdade, o pequeno abate o grande, para tomar-lhe o lugar, e torna-se tirano por sua vez. Não há senão um deslocamento do despotismo.

Do exposto, resulta que deve permanecer na escravidão o povo que não possui ainda o verdadeiro sentimento de fraternidade? Que não tem capacidade para as instituições fundadas sobre os princípios de igualdade e de liberdade? Pensar assim é mais do que cometer um erro, é cometer um absurdo. Nunca se espera que a criança chegue a todo o seu desenvolvimento orgânico para ensiná-la a andar.

Quem é, as mais das vezes, o guia ou o tutor dos povos? São os homens de idéias grandiosas e generosas dominados pelo amor do progresso, que aproveitam a submissão dos seus inferiores, para neles desenvolver o senso moral e elevá-los, pouco a pouco, à condição de homens livres? Não; são, quase sempre, homens ciosos do seu poder, a cuja ambição outros servem de instrumentos mais inteligentes do que os animais e, que, por isso, em lugar de emancipá-los, os conservam, quando podem, sob o seu jugo e na ignorância. Esta ordem de coisas, entretanto, muda por si mesma, sob a irresistível influência do progresso.

A reação é, não raro, violenta e tanto mais terrível quanto o sentimento de fraternidade, imprudentemente sufocado, não interpõe o seu poder moderador. A luta é travada entre os que querem arrebatar e os que querem guardar; daí um conflito que se prolonga, às vezes, por séculos. Um equilíbrio fictício por fim se estabelece. As condições melhoram, mas os fundamentos da ordem social não estão firmes, a terra treme debaixo dos pés; porque ainda não é o tempo do reinado da liberdade e da igualdade sob a égide da fraternidade, visto como o orgulho e o egoísmo ainda contrastam com os esforços dos homens de bem.

Vós todos, que sonhais com esta idade de ouro para a humanidade, trabalhai principalmente na construção dos alicerces do edifício; antes de lhes terdes coroado o fastígio, dai-lhe por pedra angular a fraternidade em sua mais pura acepção; mas é preciso saber que, para isto, não basta decretar e inscrever a palavra numa bandeira; é mister que haja o sentimento no fundo dos corações e não seja ele trocado por disposições legislativas. Assim como para fazer frutificar um campo é preciso remover as pedras e arrancar a erva, urge trabalhar sem descanso para remover

e arrancar o orgulho e o egoísmo, porque são eles a fonte de todo o mal, o obstáculo real ao reino das coisas boas.

Destruí nas leis, nas instituições, nas religiões, na educação, os mais imperceptíveis vestígios dos tempos da barbárie e dos privilégios, bem como todas as causas, que entretêm e desenvolvem esses eternos obstáculos ao verdadeiro progresso, vícios que são ingeridos, por assim dizer, com o leite, e aspirados por todos os poros na atmosfera social.

Só então os homens compreenderão os deveres e benefícios da fraternidade, só então se firmarão por si mesmos, sem abalos e sem perigos, os princípios complementares da liberdade e da igualdade. E é possível a destruição do orgulho e do egoísmo? Respondemos alta e formalmente: SIM; porque do contrário, fixar-se-á um marco eterno ao progresso da humanidade. Que o homem avulta sempre em inteligência é fato incontestável. Terá chegado ao ponto culminante da sua caminhada por esse caminho? Quem ousaria sustentar tão absurda tese? Progride em moralidade? Para responder a esta pergunta, basta comparar as épocas de um mesmo país. Por que teria ele atingido o limite do progresso moral e não o do progresso intelectual? Sua aspiração por uma melhor ordem de coisas é indício da possibilidade de alcançá-la. Aos que são progressistas cabe acelerar esse movimento por meio do estudo e da utilização dos meios mais eficientes.

93.5 - “Egoísmo e Orgulho: Causas, Efeitos e Meios de Destruí-los – Explicação de Allan Kardec no livro Obras Póstumas, Ed. LAKE, SP., tradução de João Teixeira de Paula, introdução de José Herculano Pires, 11^a. edição, págs. 173-178:

O Orgulho e o Egoísmo têm origem num sentimento natural: o Instinto de Conservação - É fato reconhecido que a maior parte das misérias da vida tem origem no egoísmo dos homens. Desde que cada um só pensa em si sem pensar nos outros e ainda só quer a satisfação dos próprios desejos, é natural que a procure a todo preço, sacrificando embora os interesses de outrem, quer nas pequenas, quer nas maiores coisas, tanto na ordem moral, como na material. Daí todo o antagonismo social, todas as lutas, conflitos e misérias, visto como cada um quer pôr o pé adiante dos outros.

O egoísmo tem origem no orgulho. A exaltação da personalidade arrasta o homem a considerar-se acima dos demais. Julgando-se com direitos preferenciais, molesta-se por tudo o que, em seu entender, o prejudica. A importância que, por orgulho, se atribui, o torna naturalmente egoísta.

O egoísmo e o orgulho têm origem num sentimento natural: o instinto de conservação. Todos os instintos têm razão de ser e utilidade, pois que Deus não faz coisa inútil. Deus não criou o mal; é o homem que o produz por abuso dos dons divinos, em virtude do livre arbítrio. Este sentimento contido em justos limites é bom em si; a sua exageração é que o torna mau e pernicioso. O mesmo acontece às paixões, que o homem desvia do seu fim providencial. Deus não criou o homem egoísta e orgulhoso, mas simples e ignorante; foi o homem que, ao malversar o instinto, que Deus lhe deu para a própria conservação, se tornou egoísta e orgulhoso.

A caridade e a fraternidade resumem todas as condições e deveres sociais - Os homens não podem ser felizes enquanto não viverem em paz, isto é, enquanto não forem animados pelos sentimentos de benevolência, indulgência e condescendência recíprocas e enquanto procurarem esmagar uns aos outros. A caridade e a fraternidade resumem todas as condições e deveres sociais, mas reclamam abnegação. Ora, a abnegação é incompatível com o egoísmo e o orgulho; logo, com estes vícios não pode haver verdadeira fraternidade, e, em conseqüência, igualdade e liberdade; porque o egoísta e o orgulhoso tudo querem para si. Serão sempre eles os vermes roedores de todas as instituições progressistas, e, enquanto reinarem, os mais generosos sistemas sociais, os mais sabiamente combinados, cairão aos golpes deles.

Faz gosto ver proclamar o reino da fraternidade; mas de que serve, se vai de par com uma causa de destruição? É construir na areia; o mesmo fora decretar a saúde numa região malsã. Em tal região, para que os homens passem bem, não bastará se mandem médicos, pois que estes morrerão como os outros; é preciso mandar os meios de estudar as causas de insalubridade. Se quiserdes que os homens vivam como irmãos, na Terra, não basta dar-lhes lições de moral; é preciso destruir a causa do antagonismo existente e atacar a origem do mal: o orgulho e o ego-

ísmo. É aquela a chaga que deve merecer toda a atenção daqueles que desejam seriamente o bem da humanidade. Enquanto subsistir aquele obstáculo estarão paralisados os seus esforços, não só pela resistência da inércia, como por uma força ativa, que trabalhará incessantemente para destruir o trabalho; porque toda idéia grande, generosa e emancipadora, arruína as pretensões pessoais.

Destruir o egoísmo e o orgulho é impossível, direis, porque esses vícios são inerentes à espécie humana. Se assim fosse, impossível seria o progresso moral, ao passo que, quando considerarmos o homem em diversas épocas, reconhecemos à evidência um progresso incontestável; logo, se temos sempre progredido, em progresso continuaremos. Demais, não haverá, por ventura, algum homem limpo de orgulho e de egoísmo? Não há exemplos de uma pessoa dotada de natureza generosa, em quem o sentimento do amor ao próximo, da humildade, do devotamento e da abnegação, parece inato? O número é inferior ao dos egoístas, bem o sabemos, e se assim não fora, estes não fariam a lei; mas não é tão reduzido, como pensam, e se parece menor é porque a virtude, sempre modesta, se oculta na sombra, ao passo que o orgulho se põe em evidência. Se, pois, o egoísmo e o orgulho fossem condições de vida, como a nutrição, então, sim, não haveria exceção.

Destruir as causas produtoras do mal - O essencial, portanto, é fazer que a exceção passe a ser regra e para isso incumbe destruir as causas produtoras do mal. A principal é, evidentemente, a falsa idéia que faz o homem da sua natureza, do seu passado e do seu futuro. Não sabe donde vem; julga-se mais do que é; não sabendo para onde vai, concentra todos os pensamentos na vida terrestre. Deseja viver o mais agradavelmente possível, procurando a realização de todas as satisfações, de todos os gozos. É por isso que investe contra o vizinho, se este lhe opõe obstáculo; então entende dever dominar, porque a igualdade daria aos outros o direito que ele quer só para si, a fraternidade lhe imporá sacrifícios em detrimento do próprio bem-estar, e a liberdade, deseja-a só para si, não concedendo a outrem senão o que não fira as suas prerrogativas. Se todos têm essas pretensões, hão de surgir perpétuos conflitos, que farão comprar bem caro o pouco gozo que conseguem fruir.

Identifique-se o homem com a vida futura e a sua perspectiva mudará inteiramente, como acontece a quem sabe que pouco tempo deve estar em ruim pouso e que dele saindo alcançará um excelente para o resto da vida. A importância da presente vida, tão triste, tão curta e efêmera, desaparece diante do esplendor da vida futura infinita, que se abre à frente. A consequência natural e lógica desta certeza é o sacrifício voluntário do presente fugidio a um futuro sem fim, ao passo que antes tudo era sacrificado ao presente. Desde que a vida futura se torna o fim, que importa gozar mais ou menos nesta? Os interesses mundanos são acessórios, em vez de principais. Trabalha-se no presente, a fim de assegurar-se uma boa posição no futuro, sabendo quais as condições para alcançá-la.

Pelo que toca aos interesses terrenos, podem os humanos criar-lhes obstáculos: ele tem que os afastar e se torna egoísta pela força mesma das coisas. Se, porém, erguerem os olhos para onde a felicidade não pode ser perturbada por ninguém, nenhum interesse alheio precisa de ser debelado e, consequentemente, não há razão de ser para o egoísmo, embora subsista o estimulante do orgulho.

O incrédulo só crê em si, sendo natural que tenha orgulho e egoísmo - A causa do orgulho está na crença que o homem tem da sua superioridade individual; e, ainda aqui, se faz sentir a influência da concentração do pensamento nas coisas da vida terrestre. O sentimento de personalidade arrasta o homem que nada vê diante de si, atrás de si ou acima de si; então o seu orgulho não conhece medidas. A incredulidade, além de não ter meio para combater o orgulho, estimula-o e dá-lhe razão, pelo fato de negar a existência de um poder superior à humanidade. O incrédulo só crê em si; e, portanto, é natural que tenha orgulho, não vendo nos contratemplos que se oferecem senão obra do acaso; ao passo que o crente vê a mão do Senhor naqueles contratemplos e curva-se submisso, enquanto o outro se revolta.

Crer em Deus, na preexistência da alma, na reencarnação e na vida futura são condições indispensáveis para quebrar o orgulho e o egoísmo - Crer em Deus e na vida futura é pois a principal condição para quebrar o orgulho; mas não é a única. Conjuntamente com o futuro é preciso ter em vista o passado, para poder fazer justa idéia do presente. Para que o orgulhoso cesse de crer em sua superioridade é preciso provar-lhe que ele não é mais que os outros e

que todos lhe são iguais, que a igualdade é um fato e não uma teoria filosófica. São verdades que derivam da preexistência da alma e da reencarnação.

Sem a preexistência da alma, o homem, que crê em Deus, é levado a acreditar que Deus lhe conferiu excepcionais vantagens; e o que não crê, rende graças ao acaso e ao seu próprio mérito. Iniciando-o na vida anterior da alma, a preexistência lhe ensina a distinguir, da vida corporal, transitória, a vida espiritual, infinita. Ele chega por aí a compreender que as almas saem iguais das mãos do Criador, têm o mesmo ponto de partida e a mesma finalidade, que todos atingirão em mais ou menos tempo, segundo os esforços empregados; que ele próprio não chegou ao ponto em que se acha senão depois de ter longa e penosamente vegetado como os outros, nos planos inferiores; que não há entre os mais e os menos adiantados senão questão de tempo; que as vantagens do nascimento são puramente corporais e não afetam o Espírito; que o proletário pode, noutra existência, nascer em trono e o mais poderoso vir como proletário.

O princípio de Igualdade tem o caráter de um princípio de Justiça e de Lei Natural

- Se ele considerar somente a vida corporal, vê as desigualdades sociais e não as pode explicar; mas se lançar a vista para o prolongamento da vida espiritual, para o passado e o futuro, desde o ponto de partida até o terminal, todas aquelas desigualdades se lhe desfazem perante os olhos e reconhecerá que Deus não deu a nenhum de seus filhos vantagens que negasse a outros; que fez a partilha com a mais rigorosa igualdade, não preparando o caminho melhor para uns do que para outros; que o mais atrasado de hoje, dedicando-se à obra do seu aperfeiçoamento, pode ser amanhã mais adiantado; enfim, reconhece que, não se elevando ninguém a não ser pelos esforços pessoais, o princípio da 'igualdade' tem o caráter de um princípio de justiça e de lei natural, diante das quais não prevalece o orgulho dos privilégios.

A Reencarnação e o véu sobre o passado - A reencarnação, provando que os Espíritos podem renascer em diferentes condições sociais, quer como expiação, quer como prova, faz-nos saber que muitas vezes tratamos desdenhosamente uma pessoa que foi, noutra existência, nosso superior ou igual, amigo ou parente. Se o soubéssemos, tratá-lo-íamos com atenção, mas neste caso não haveria nenhum mérito; e se soubéssemos que o amigo de hoje fôra antes um inimigo, um servo, um escravo, não o repeliríamos? Deus não quis que fosse assim e por isso lançou um véu sobre o passado para que em todos víssemos irmãos e iguais, como é mister para estabelecer-se a 'fraternidade'; sabendo que poderemos ser tratados como houvermos tratado os outros, firmaremos o princípio de 'caridade' como dever e necessidade, fundados nas leis da natureza.

Ao Espiritismo ficou reservada a terceira manifestação da vontade de Deus - Jesus estabeleceu os princípios da caridade, da igualdade e da fraternidade, dos quais fez condições indispensáveis para a salvação; mas ao Espiritismo ficou reservada a terceira manifestação da vontade de Deus, pelo conhecimento da vida espiritual, pelos horizontes novos que descortina e pelas leis que revela, como sanção daqueles princípios, provando que não é somente uma doutrina moral, mas uma lei natural, que está no interesse dos homens cultivar e praticar. Ora, eles não de praticá-la desde que deixem de ver no 'presente o princípio e o fim e desde que compreendam a solidariedade que existe entre o presente, o passado e o futuro'.

No infinito campo que o Espiritismo lhes põe aos olhos, a sua importância pessoal anula-se, porque compreendem que os homens, sós, nada valem e nada podem, que todos precisamos uns dos outros, não sendo nenhum mais que outro; duplo golpe desferido contra o orgulho e o egoísmo.

O Espiritismo e a Fé Raciocinada - Para isso, porém, é preciso terem fé, sem a qual ficarão detidos dentro do círculo do presente, mas não a fé cega, que foge da luz, que acanha as idéias e portanto alimenta o egoísmo; mas sim a fé inteligente, racional, que pede a luz e não as trevas, que rasga, ousadamente, o véu dos mistérios e alarga os horizontes. Essa fé, elemento essencial de todo progresso, é a que o Espiritismo proclama: fé robusta, porque se firma na experiência e nos fatos, dá as provas palpáveis da imortalidade da alma e nos ensina donde ela vem, para onde vai e porque está na Terra e, finalmente, fixa as nossas idéias a respeito do futuro.

Uma vez encaminhados por esta larga via, não daremos mais ao orgulho e ao egoísmo o pasto, que os alimenta, resultando daí o seu aniquilamento progressivo e a modificação de todos os laços sociais pela caridade e pela fraternidade bem compreendidas. Poderá isso dar-se por efeito de brusca mudança? Não, isso é impossível, pois nada vai de um salto em a Natureza; a sa-

úde não volta subitamente; e entre a moléstia e a cura, há sempre a convalescença. O homem não pode instantaneamente mudar de sentimentos e elevar os olhos da terra ao céu; o Infinito deslumbra-o e confunde-o; precisa de tempo para assimilar as novas idéias.

O Espiritismo é, sem contestação, o elemento mais potente de moralização, porque mina pela base os fundamentos do egoísmo e do orgulho, dando sólido fundamento à moral. Há feito milagres de conversão; não são ainda, é certo, senão curas individuais, e, quase sempre, parciais; mas o que ele produz nos indivíduos é prenúncio do que produzirá um dia nas massas populares. Não pode, de uma vez, arrancar toda a erva daninha; mas dá a fé, que é boa semente e que não precisa senão de tempo para germinar e frutificar. Eis porque ainda não são todos perfeitos. Ele encontrou o homem no meio da vida, no ardor das paixões, na força dos preconceitos, e se em tais condições tem operado prodígios, como não operará quando o tomar no berço, virgem de todas as impressões malélicas, quando lhe der, com o leite, a caridade, e o acalentar com a fraternidade, quando, enfim, uma geração inteira vier alimentada por idéias que a razão fortalecerá em vez de debilitar? Sob o império dessas idéias, que serão mandamentos de fé racional para todos, o progresso, limpando a estrada de egoísmo e orgulho, penetrará nas instituições que se reformarão a si mesmas, e a humanidade caminhará rapidamente para os destinos que lhe são prometidos na Terra, enquanto não chega a hora de alcançar o Céu.

*

LEI DO PROGRESSO

‘As Aristocracias’ – Explicação de Allan Kardec no livro ‘Obras Póstumas’, Editora LAKE, 11^a. ed., 1995, págs. 183-187:

‘Aristocracia’ vem do grego ‘aristos’, melhor, e ‘kratos’, poder; na acepção literária aristocracia significa: ‘o poder dos melhores’. Não de concordar que esta significação tem sido muitas vezes deturpada. Vamos apreciar a influência que o Espiritismo pode exercer sobre essa concepção e os seus resultados. Tomaremos as coisas em seu ponto de partida e segui-la-emos através dos tempos, para deduzir delas as conseqüências.

Aristocracia Patriarcal

Em nenhum tempo ou nação, os povos dispensaram chefes, ainda mesmo no estado de selvageria. É assim porque, em razão da diversidade de aptidões e de caracteres, que se dão na espécie humana, há sempre incapazes que precisam ser dirigidos, fracos que reclamam proteção, paixões a combater: daí a necessidade de uma autoridade. ‘Sabemos que nas sociedades primitivas a autoridade foi conferida aos chefes de família, aos anciãos, aos velhos, aos patriarcas. Foi esta a primeira de todas as aristocracias’.

Aristocracia da Força Bruta

Tornando-se mais numerosas as sociedades, a autoridade patriarcal foi, em certas circunstâncias, impotente. As questões entre os povos vizinhos trouxeram guerras, que reclamaram a direção, não mais de velhos, porém de homens fortes, vigorosos e inteligentes; daí os chefes militares. Estes, vitoriosos, foram investidos de autoridade, esperando-se achar em seu valor uma garantia contra os ataques dos inimigos; muitos porém se apossaram do poder valendo-se da sua posição. ‘Depois os vencedores impuseram-se aos vencidos e reduziram-nos à escravidão; daí a autoridade da força bruta que foi a segunda aristocracia’.

Aristocracia do Nascimento

Os fortes transmitiram, naturalmente, aos filhos, o poder e a fortuna, e os fracos, não osando resistir, acostumaram-se, pouco a pouco, a considerar estes como herdeiros dos direitos conquistados por seus pais e como seus superiores; aparece então a divisão da sociedade em duas classes; os superiores e os inferiores, os que comandam e os que obedecem; ‘eis pois que surge a aristocracia do nascimento, que se tornou tão poderosa e preponderante, como a da força’, porque, se não tinha esta por si, como nos primeiros tempos, em que cada um pagava com seu próprio corpo, possuía a força necessária. Dispondo de todo o poder, cercou-se, muito naturalmente, de privilégios, para a conservação dos quais era preciso dar-lhe o prestígio da legalidade: fez as leis em seu próprio proveito, o que lhe era fácil, pois que só ela as fazia. Nem sempre sendo isto suficiente, recorreu ao direito divino para torná-las respeitáveis e invioláveis. Para asse-

gurar-se do respeito da classe submetida, que crescia cada vez mais e se tornava mais difícil de conter, ainda mesmo pela força, não havia senão um meio: impedir que ela visse claro, mantendo-a na ignorância.

Aristocracia do ouro

Se a classe superior pudesse ter a inferior na ociosidade, ou sem necessidade de trabalhar, o seu domínio estender-se-ia indefinidamente; mas desde que esta era obrigada a trabalhar para viver, e tanto mais quanto aumentava a necessidade pelo seu crescimento, resultou disso a necessidade de novos recursos, de lutar contra a concorrência, de procurar novos mercados para os produtos; e ela desenvolveu a inteligência e chegou ao conhecimento das causas, de que se serviram para sujeitá-la. Não está aí visível a mão da Providência?

Viu claro, viu a falta de prestígio do poder, que a esmagava e, sentindo-se forte pelo número, aboliu os privilégios e proclamou a igualdade perante a lei.

Esse movimento marcou, em alguns países, o termo do reino da aristocracia de nascimento, que se tornou nominal e honorífica, porque não tem mais o poder de legislar.

‘Então, elevou-se novo poder: o do ouro’, porque com o ouro se dispõe dos homens e das coisas. Foi um sol nascente, diante do qual se inclinaram, como outrora diante de um brasão ou de outro qualquer símbolo. O que se não concedia mais aos títulos, concedeu-se à fortuna e a fortuna teve os seus privilégios.

Aristocracia da Inteligência

Começaram, depois, a perceber que, se para alguém fazer fortuna é necessário dispor de inteligência, não precisa tê-la quem adquire a riqueza por herança, sendo os herdeiros mais hábeis para gastar do que para ajuntar, e que, além disso, os meios de enriquecer não são sempre lícitos. Como conseqüência, o domínio do ouro vai, pouco a pouco, perdendo prestígio. ‘Surge uma outra potência, outra aristocracia mais justa – a da inteligência’, diante da qual todos podem inclinar-se sem se aviltar, porque ela pertence tanto ao rico como ao pobre. Será a última? É a mais alta expressão da humanidade civilizada?

Não!

Aristocracia Intelecto-Moral: A última das aristocracias

A inteligência nem sempre é penhor de moralidade e o homem mais inteligente pode fazer mau uso das faculdades. Por outro lado, a simples moralidade pode não ter capacidade. É, pois, necessária a união da inteligência e a da moralidade para haver a legítima preponderância, a que a massa se submeterá, confiada em suas luzes e justiça. Será esta a última aristocracia, sinal do advento do reino do bem na Terra. Ela virá naturalmente, pela força dos acontecimentos, e quando os homens daquela categoria forem tão numerosos, que constituam uma imponente maioria, a massa popular lhes confiará os próprios interesses.

Como vimos, as aristocracias tiveram a sua razão de ser, nasceram do estado da humanidade no seu tempo; o mesmo será em relação àquela que tem de vir. Todas tiveram ou terão a sua época segundo os países, porque nenhuma se funda em princípio moral. Só este princípio pode constituir uma supremacia durável, porque será animada por sentimentos de justiça e caridade: supremacia que chamaremos ‘aristocracia intelecto-moral’.

Aristocracia Intelecto-Moral VERSUS Egoísmo, Orgulho, Ganância!

É compatível este estado de coisas com o egoísmo, com o orgulho e com a ganância, que ainda imperam na Terra? A isto responderemos francamente: sim; não somente é possível, como virá, porque é inevitável. Hoje, a inteligência domina, torna-se soberana no conceito universal; tão realmente, que vemos o homem do povo elevado à culminância social.

Esta aristocracia não é mais justa, mais lógica, mais racional que a da força bruta, a do nascimento, a do ouro? Por que, então, não ser possível ajuntar-lhe a moralidade? Porque, dizem os pessimistas, o mal domina na Terra. Já foi dito que o bem não o apagará jamais? Os costumes e as instituições não valem hoje cem vezes mais que na Idade Média? Cada século não se tem assinalado por um progresso? Por que pois há de a humanidade estacionar, quando tanto lhe falta conquistar?

Os homens, por instinto natural, procuram o seu bem-estar; se o não encontrarem satisfatório no reino da inteligência, procurá-lo-ão algures. E onde poderão encontrá-lo a não ser no reino da moralidade? Para isto é preciso que a moralidade domine a maior parte.

Os homens bons e os homens maus

Muito há que fazer, certamente, mas, ainda uma vez, é néscia presunção dizer que a humanidade chegou ao apogeu, quando a vemos caminhar incessantemente nas vias do progresso. Digamos desde já que os bons da terra não são tão raros como pensam. Os maus são numerosos, é verdade; mas o que parece avultar-lhes o número é a audácia, que julgam necessária ao êxito. Não desconhecem, porém, a preponderância do bem, tanto que, embora não o pratiquem, tomam-lhe a máscara. Os bons, pelo contrário, não fazem praça das suas qualidades, não procuram pôr-se em evidência e é por isso que o seu número parece ser diminuto. Sondai, porém, os arcanos da vida íntima, e encontrareis, em todas as classes sociais, muitas naturezas boas e leais, que vos não permitirão desesperar da humanidade.

Importa também saber que dos maus, muitos só o são por influência do meio, podendo tornar-se bons se forem submetidos à ação de um meio benéfico. Admitamos que, sobre 100 indivíduos, há 25 bons e 75 maus; destes, 50 o são por fraqueza e seriam bons se tivessem tido bons exemplos, principalmente se houvessem recebido boa educação; dos 25 francamente maus, nem todos são incorrigíveis. No estado atual das coisas, os maus estão em maioria e dão leis aos bons; mas, se por qualquer circunstância, se converterem os 50 fracos, os bons ficarão em maioria e, por sua vez, darão as leis; dos 25 francamente maus, muitos sentirão a influência daquela maioria, não restando senão poucos incorrigíveis, que nenhuma preponderância podem ter.

Tomemos um exemplo. Há povos para quem o homicídio e o roubo são coisas normais. Para estes, o bem é exceção. Entre os povos mais adiantados e melhor governados da Europa, o crime é exceção, e não exerce influência sobre a sociedade, na qual o que domina ainda são os vícios de caráter: o orgulho, o egoísmo, a ambição com o seu cortejo. Por que, continuando o progresso daqueles povos, os próprios vícios não ficarão sendo exceção, como já o são os crimes? Negar a possibilidade desta caminhada ascendente é negar o progresso. Certamente a transformação não pode ser obra de um dia; se, porém, há causa que possa apressar a caminhada, essa causa é o Espiritismo.

O Espiritismo: um dos mais poderosos precursores da aristocracia do futuro

Agente, por excelência, da solidariedade humana, mostrando as provas da vida atual como conseqüências lógicas e racionais dos atos praticados em anteriores existências, fazendo de cada pessoa o autor da felicidade própria, ele elevará, necessariamente, mediante a sua vulgarização, o nível moral da atualidade.

Os princípios gerais da nossa filosofia estão elaborados e coordenados, já têm reunido, em imponente comunhão de pensamentos, milhões de sectários, disseminados por todos os países do mundo. Os progressos realizados por influência sua, as transformações individuais e locais, por eles provocadas em menos de 15 anos, permitem-nos avaliar as imensas modificações essenciais, que terão de realizar no futuro.

Fé Raciocinada

Se, porém, graças ao desenvolvimento e geral aceitação do ensino dos Espíritos, o nível moral da humanidade tende constantemente a elevar-se, não se vá concluir que a moralidade obscurecerá a inteligência. O Espiritismo não quer ser aceito cegamente, antes pede a discussão e a luz.

Em vez da fé cega, que sufoca a liberdade de pensar, ele ensina: “A fé inabalável é somente aquela que pode encarar a razão face a face em todas as épocas da humanidade. A fé precisa de uma base, e esta é o conhecimento perfeito do que devemos crer. Para crer, não basta ver, é preciso sobretudo compreender”. (Evangelho Segundo o Espiritismo).

Temos, pois, razão para considerar o Espiritismo como um dos mais poderosos precursores da aristocracia do futuro, isto é, ‘da aristocracia intelecto-moral’.

43.2 – “Civilização Cristã”- Comentário no mesmo item (nota de rodapé), de José Herculano Pires, tradutor de ‘O Livro dos Espíritos’:

Será essa a civilização cristã que o Espiritismo estabelecerá na Terra. Como se vê pelas explicações dos Espíritos e os comentários de Kardec, a civilização incompleta em que vivemos é apenas uma fase de transição entre o mundo pagão da Antiguidade e o mundo cristão do Futuro. Nos costumes, na legislação, na religião, na prática dos cultos religiosos vemos a mistura constante dos elementos do paganismo com os princípios renovadores do Cristianismo. Cabe ao Espiritismo a missão de remover esses elementos pagãos para fazer brilhar o espírito cristão em toda a sua pureza. Veja-se, a propósito, todo o cap. I de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”.

43.3 – “Sucedem-se as Civilizações no Processo de Evolução da Terra”- Crônica de José Herculano Pires no Livro “O Infinito e o Finito”, Edições Correo Fraternal, 1ª. edição, 1983, págs. 33-35:

O Espiritismo, como o Cristianismo Primitivo, vai-se impondo ao mundo de maneira irresistível. A mitologia greco-romana era ainda senhora do mundo antigo, e seus deuses de pedra ou metal dominavam nos templos do Império, quando o Cristianismo começou a se espalhar pela Terra, como erva humilde que se alastra no solo, pisada pelos homens e desprezada pelos poderosos. Pouco a pouco, os princípios cristãos se infiltraram na gigantesca estrutura do Império, substituindo o vazio angustiante das religiões mitológicas e a vã sabedoria das escolas filosóficas dominantes.

O mundo se renova constantemente, porque o seu destino é a evolução. A sua lei básica, irredutível, é a lei do progresso. Perecem as formas numa sucessão contínua, ao ritmo do desenvolvimento universal. Através das formas, a vida cresce, se expande, e exige novos instrumentos de manifestação. As civilizações, como as plantas, os animais e os homens, nascem, crescem, se desenvolvem, atingem o apogeu, entram em declínio e morrem. Mas não morrem apenas. Porque renascem também. Cerca de vinte civilizações já passaram na Terra. Suas estruturas desapareceram, mas o espírito que as animava ressurgiu nas seguintes. A grega foi herdeira da egípcia e da babilônica, a romana da grega, a nossa, da grega e da romana.

Cada nova civilização traz consigo um novo e mais poderoso sopro do espírito. Segundo as observações de Dilthey e Whitehead, o espírito racionalista dos gregos fundiu-se no tempo com a mentalidade jurídica dos romanos e o providencialismo judeu-cristão, para a criação da consciência moderna, estruturada lentamente no caldeirão ideológico da Idade Média. Dessa elaboração milenar resultou o esplendor da Renascença. O próprio nome atribuído ao fenômeno revela a sua natureza: a Renascença nada mais foi do que um renascimento do espírito das antigas civilizações numa nova forma, num corpo novo. É claro que não usamos a palavra “forma” no sentido aristotélico, mas no sentido comum de estrutura, de configuração exterior.

O Cristianismo constituiu o grande alicerce ideológico sobre o qual se ergueu o edifício de um novo mundo, de uma nova civilização, a partir da decadência do Império Romano. Mas os ideais do Cristianismo não puderam concretizar-se perfeitamente e desenvolver-se em plenitude na civilização moderna. A nova estrutura, herdeira da antiga, conservou muito daquela, da mesma maneira por que o organismo do filho repete as características paternas. O Cristianismo é uma revolução em marcha, suas transformações continuam em desenvolvimento. Prevendo a amplitude dessa revolução, o próprio Cristo anunciou como vemos no Evangelho de João, a vinda de um “novo consolador”, o advento do Espírito de Verdade, incumbido de restabelecer a pureza dos seus ensinamentos e dar novo impulso à evolução terrena.

O Espiritismo é o cumprimento dessa promessa. Surgindo na hora precisa, em meados do século passado (XIX), no momento exato em que os princípios do Cristianismo, ameaçados pela estagnação dogmática, se defrontavam com o livre exame da nova mentalidade científica, ele abriu perspectivas inesperadas ao prosseguimento da civilização cristã. Kardec acentua esse fato, com palavras claras e precisas, em “O Evangelho Segundo o Espiritismo” e “A Gênese”. O Espiritismo é também um renascimento, é o que Emmanuel chamou “a renascença cristã”. Por isso, no momento em que o mundo moderno vacila, entre as crenças que não mais o satisfazem, e as promessas do espírito científico, o Espiritismo se infiltra em toda a sua estrutura, para salvar o futuro, preparando as bases da nova civilização.

Todos os golpes desferidos contra o Espiritismo são tão inúteis como os que foram desferidos no passado contra o Cristianismo. A força do Espiritismo é a da própria vida à procura de nova forma, mais adequada à manifestação de seus novos desenvolvimentos. Pouco importa que sua posição seja marginal na cultura moderna. Também os estóicos e epicuristas, os rabinos de Jerusalém e os sábios de Roma e de Atenas consideravam marginal e supersticioso o Cristianismo. As lições da história deviam servir para alertar os espíritos mais arejados, chamando-lhes a atenção para afirmações como a de sir Oliver Lodge, o grande sábio inglês, para quem o Espiritismo “é uma nova revolução copérnica”.

V – PROGRESSO DA LEGISLAÇÃO HUMANA (Itens 794 a 797)

A Lei Natural e a Lei Humana

Artigo 44 – A sociedade poderia ser regida somente pelas leis naturais, sem o recurso das leis humanas, se os homens as compreendessem bem e quisessem praticá-las. Mas a sociedade tem as suas exigências e precisa de leis particulares.

Instabilidade das leis humanas

Artigo 45 – Nos tempos de barbárie são os mais fortes que fazem as leis, e as fazem em seu favor. Há necessidade de modificá-las à medida que os homens vão melhor compreendendo a justiça. As leis humanas são mais estáveis à medida que se aproximam da verdadeira justiça, quer dizer, à medida que são feitas para todos e se identificam com a lei natural.

45.1 – “Instabilidade das leis humanas e a Lei Natural imutável” – Comentário de Kardec no item 795 de O Livro dos Espíritos:

A civilização criou novas necessidades para o homem, e essas necessidades são relativas à posição social de cada um. Foi necessário regular os direitos e os deveres dessas posições por meio de leis humanas. Mas, sob a influência das suas paixões, o homem criou, muitas vezes, direitos e deveres imaginários, condenados pela lei natural e que os povos apagam dos seus códigos à proporção que progridem. A lei natural é imutável e sempre a mesma para todos. A lei humana é variável e progressiva; somente ela pôde consagrar, na infância da Humanidade, o direito do mais forte.

Severidade das leis penais e a Educação

Artigo 46 – Uma sociedade depravada tem certamente necessidade de leis mais severas. Infelizmente, essas leis se destinam antes a punir o mal praticado do que a cortar a raiz do mal. Somente a educação pode reformar os homens, que assim não terão mais necessidade de leis tão rigorosas.

Reforma das leis humanas

Artigo 47 – A reforma das leis humanas acontecerá naturalmente, pela força das circunstâncias e pela influência das pessoas de bem, que conduzem os homens na senda do progresso. Há muitas leis que já foram reformadas e muitas outras ainda o serão.

47.1 – “Sociologia”- Respostas de Emmanuel (Espírito) à inúmeras perguntas sobre problemas sociais, constantes do livro “O Consolador”, Editora FEB, 19ª. edição, 1998, RJ, psicografia de Francisco Cândido Xavier, págs. 45-54:

47.1.1 - Com a difusão da luz espiritual, alargará o homem a noção de pátria, de modo a abranger no mesmo nível todas as nações do mundo?

A luz espiritual dará aos homens um conceito novo de pátria, de maneira a proscrever-se o movimento destruidor pelos canhões e balas homicidas. Quando isso se verifique, o homem aprenderá a valorizar o berço em que renasceu, pelo trabalho e pelo amor, destruindo-se concomitantemente as fronteiras materiais e dando lugar à era nova da grande família humana, em que as raças serão substituídas pelas almas e em que a pátria será honrada, não com a morte, mas com a vida bem aplicada e bem vivida.

47.1.2 – A desigualdade verificada entre as classes sociais, no usufruto dos bens terrenos, perdurará nas épocas do porvir?

A desigualdade social é o mais elevado testemunho da verdade da reencarnação, mediante a qual cada espírito tem sua posição definida de regeneração e resgate. Nesse caso, consideramos que a pobreza, a miséria, a guerra, a ignorância, como outras calamidades coletivas, são enfermidades do organismo social, devido à situação de prova da quase generalidade dos seus membros. Cessada a causa patogênica com a iluminação espiritual de todos em Jesus-Cristo, a moléstia coletiva estará eliminada dos ambientes humanos.

47.1.3 – Pode admitir-se, em Sociologia, o conceito de igualdade absoluta?

A concepção igualitária absoluta é um erro grave dos sociólogos, em qualquer departamento da vida. A tirania política poderá tentar uma imposição nesse sentido, mas não passará das espetaculosas uniformizações simbólicas para efeitos exteriores, porquanto o verdadeiro valor de um homem está no seu íntimo, onde cada espírito tem sua posição definida pelo próprio esforço.

Nessa questão existe uma igualdade absoluta de direitos dos homens perante Deus, que concede a todos os seus filhos uma oportunidade igual nos tesouros inapreciáveis do tempo. Esses direitos são os da conquista da sabedoria e do amor, através da vida, pelo cumprimento do sagrado dever do trabalho e do esforço individual. Eis por que cada criatura terá o seu mapa de méritos nas sendas evolutivas, constituindo essa situação, nas lutas planetárias, uma grandiosa escala progressiva em matéria de raciocínios e sentimentos, em que se elevará naturalmente todo aquele que mobilizar as possibilidades concedidas à sua existência para o trabalho edificante da iluminação de si mesmo, nas sagradas expressões do esforço individual.

**‘Desigualdade das Riquezas’ – O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. XVI –
Explicação de Allan Kardec:**

A desigualdade das riquezas é um dos problemas que em vão se procuram resolver, quando se considera apenas a vida atual. A primeira questão que se apresenta é a seguinte: Por que todos os homens não são igualmente ricos? Por uma razão muito simples: ‘é que não são igualmente inteligentes, ativos e laboriosos para adquirir, nem sóbrios e previdentes para conservar’. Aliás, é uma questão matematicamente demonstrada que, repartida por igual, a fortuna daria a cada qual uma parte mínima e insuficiente; que, supondo-se feita essa repartição, o equilíbrio seria rompido em pouco tempo, em virtude da diversidade de caracteres e aptidões; que, supondo-a possível e durável, tendo cada um somente o necessário para viver, isso equivaleria ao aniquilamento de todos os grandes trabalhos que concorrem para o progresso e o bem-estar da humanidade; que, portanto, supondo-se que ela desse a cada um o necessário, desapareceria o estímulo que impulsiona as grandes descobertas e os empreendimentos úteis. Se Deus a concentra em alguns lugares, é para que dos mesmos ela se expanda, em quantidades suficientes, segundo as necessidades.

Admitindo-se isto, pergunta-se por que Deus a concede a pessoas incapazes de fazê-la frutificar para o bem de todos. Essa é ainda uma prova da sabedoria e da bondade de Deus. Ao dar ao homem o livre arbítrio, quis que ele chegasse, pela sua própria experiência, a discernir o bem e o mal, de maneira que a prática do bem fosse o resultado dos seus esforços, da sua própria vontade. Ele não deve ser fatalmente levado a um nem ao outro, pois então seria um instrumento passivo e irresponsável como os animais. A fortuna é um meio de prová-lo moralmente; mas como, ao mesmo tempo, é um poderoso meio de ação para o progresso, Deus não quer que ela permaneça improdutiva, e é por isso que ‘incessantemente a transfere’. Cada qual deve possuí-la, para exercitar-se no seu uso e provar a maneira por que o sabe fazer. Como há a impossibili-

dade material de que todos a possuam ao mesmo tempo, e como, se todos a possuíssem, ninguém trabalharia, e o melhoramento do Globo sofreria com isso: ‘cada qual a possui por sua vez’. Dessa maneira, o que hoje não a tem, já a teve no passado ou a terá no futuro, numa outra existência, e o que hoje a possui poderá não tê-la amanhã. Há ricos e pobres porque, Deus sendo justo, cada qual deve trabalhar por sua vez. A pobreza é para uns a prova da paciência e da resignação; a riqueza é para outros a prova da caridade e da abnegação.

Lamenta-se, com razão, o triste uso que algumas pessoas fazem da sua fortuna, às ignóbeis paixões que a cobiça desperta, e pergunta-se se Deus é justo, ao dar riqueza a tais pessoas. É claro que, se o homem só tivesse uma existência, nada justificaria semelhante repartição dos bens terrenos; mas, se em lugar de limitar sua vida ao presente, considerar-se o conjunto das existências, vê-se que tudo se equilibra com justiça. O pobre não tem, portanto, motivos para acusar a Providência, nem para invejar os ricos, e estes não os têm para se vangloriarem do que possuem. Se, por outro lado, estes abusam da fortuna, não será através de decretos, nem de leis suntuárias, que se poderá remediar o mal. As leis podem modificar momentaneamente o exterior, mas não podem modificar o coração: eis porque têm um efeito temporário e provocam sempre uma reação mais desenfreada. A fonte do mal está no egoísmo e no orgulho. Os abusos de toda espécie cessarão por si mesmos, quando os homens se dirigirem pela lei da caridade.

47.1.4 – Poderão os homens resolver sem atritos as chamadas questões proletárias?

Sim, quando se decidirem a aceitar e aplicar os princípios sagrados do Evangelho. Os regulamentos apaixonados, as greves, os decretos unilaterais, as ideologias revolucionárias, são cataplasmas inexpressivas, complicando a chaga da coletividade.

O socialismo é uma bela expressão de cultura humana, enquanto não resvala para os pólos do extremismo.

Todos os absurdos das teorias sociais decorrem da ignorância relativamente à necessidade de sua cristianização. Conhecemos daqui os maus dirigentes e os maus dirigidos, não como homens ricos e pobres, mas como a avarentos e a revoltados. Nessas duas expressões, as criaturas operaram o desequilíbrio de todos os mecanismos do trabalho natural.

A verdade é que todos os homens são proletários da evolução e nenhum esforço de boa realização na Terra é indigno do espírito encarnado. Cada máquina exige uma direção pessoal, e o mecanismo do mundo requer o infinito de aptidões e de conhecimentos. Sem a harmonia de cada peça na posição em que se encontra, toda produção é contraproducente e toda boa tarefa impossível. Todos os homens são ricos pelas bênçãos de Deus e cada qual deve aproveitar, com êxito, os “talentos” recebidos, porquanto, sem exceção de um só, prestarão um dia, além-túmulo, contas de seus esforços.

Que os trabalhadores da direção saibam amar, e que os da realização nunca odeiem. Essa é a verdade pela qual compreendemos que todos os problemas do trabalho, na Terra, representam uma equação de Evangelho.

47.1.5 – Reconhecendo-se o Estado como aparelhamento de leis convencionais, é justificável a sua existência, bem como o das classes armadas, que o sustentam no mundo?

Na situação (ou condição) atual do mundo e considerando a heterogeneidade dos caracteres e das expressões evolutivas das criaturas, examinadas isoladamente, justifica-se a necessidade dos aparelhos estatais nas convenções políticas, bem como das forças armadas que os mantêm no orbe, como institutos de ordem para a execução das provas individuais, nas contingências humanas, até que o homem perceba o sentido de concórdia e fraternidade dentro das leis do Criador, prescindindo então da obrigatoriedade de certas determinações das leis humanas, convencionais e transitórias.

47.1.6 – Tem o Espiritismo um papel especial junto da Sociologia?

Na hora atual da humanidade terrestre, em que todas as conquistas da civilização se subvertem nos extremismos, o Espiritismo é o grande iniciador da Sociologia, por significar o E-

vangelho redivivo que as religiões literalistas tentaram inumar nos interesses econômicos e na convenção exterior de seus prosélitos.

Restaurando os ensinamentos de Jesus para o homem e esclarecendo que os valores legítimos da criatura são os que procedem da consciência e do coração, a doutrina consoladora dos Espíritos reafirma a verdade de que a cada homem será dado de acordo com seus méritos, no esforço individual, dentro da aplicação da lei do trabalho e do bem; razão pela qual representa o melhor antídoto dos venenos sociais atualmente espalhados no mundo pelas filosofias políticas do absurdo e da ambição desmedida, restabelecendo a verdade e a concórdia para os corações.

47.1.7 - Como se deverá comportar o espiritista perante a política do mundo?

O sincero discípulo de Jesus está investido de missão mais sublime, em face da tarefa política saturada de lutas materiais. Essa é a razão por que não deve provocar uma situação de evidência para si mesmo nas administrações transitórias do mundo. E, quando convocado a tais situações pela força das circunstâncias, deve aceitá-las não como galardão para a doutrina que professa, mas como provação imperiosa e árdua, onde todo êxito é sempre difícil. O espiritista sincero deve compreender que a iluminação de uma consciência é como se fora a iluminação de um mundo, salientando-se que a tarefa do Evangelho, junto das almas encarnadas na Terra, é a mais importante de todas, visto constituir uma realização definitiva e real. A missão da doutrina é consolar e instruir, em Jesus, para que todos mobilizem as suas possibilidades divinas no caminho da vida. Trocá-la por um lugar no banquete dos Estados é inverter o valor dos ensinamentos, porque todas as organizações humanas são passageiras em face da necessidade de renovação de todas as fórmulas do homem na lei do progresso universal, depreendendo-se daí que a verdadeira construção da felicidade geral só será efetiva com bases legítimas no espírito das criaturas.

47.1.8 – Como deveremos encarar a política do racismo?

Se é justo observarmos nas pátrias o agrupamento de múltiplas coletividades, pelos laços afins da educação e do sentimento, a política do racismo deve ser encarada como erro grave, que pretexto algum justifica, porquanto não pode apresentar base séria nas suas alegações, que mal encobrem o propósito nefasto de tirania e separatividade.

47.1.9 – O “não matarás” alcança o caçador que mata por divertimento e o carrasco que extermina por obrigação?

À medida que evolverdes no sentimento evangélico, compreenderéis que todos os matadores se encontram em oposição ao texto sagrado.

No grau dos vossos conhecimentos atuais, entendeis que somente os assassinos que matam por perversidade estão contra a lei divina. Quando avançardes mais no caminho, aperfeiçoando o aparelho social, não tolerareis o carrasco, e, quando estiverdes mais espiritualizados, enxergando nos animais os irmãos inferiores de vossa vida, a classe dos caçadores não terá razão de ser.

Lendo os nossos conceitos, recordareis os animais daninhos e, no íntimo, haveis de ponderar sobre a necessidade do seu extermínio. É possível, porém, que não vos lembreis dos homens daninhos e ferozes. O caluniador não envenena mais que o toque de uma serpente? O armamentista, ou o político ambicioso, que montam com frieza a maquinaria de guerra incompreensível, não são mais impiedosos que o leão selvagem?...

Ponderemos essas verdades e reconheceremos que o homem espiritual do futuro, com a luz do Evangelho na inteligência e no coração, terá modificado o seu ambiente de lutas, auxiliando igualmente os esforços evolutivos de seus companheiros do plano inferior, na vida terrestre.

47.1.10 – Considerando a determinação positiva do “não julgueis”, como poderemos discernir o bem do mal, sem julgamento?

Entre julgar e discernir, há sempre grande distância. O ato de julgar para a especificação de conseqüências definitivas pertence à autoridade divina, porém, o direito da análise está insti-

tuído para todos os Espíritos, de modo que, discernindo o bem e o mal, o erro e a verdade, possam as criaturas traçar as diretrizes do seu melhor caminho para Deus.

47.1.11 – Em face da lei dos homens, quando em presença do processo criminal, deve dar-se o voto condenativo, em concordância com o processo-crime, ou absolver o réu em obediência ao “não julgueis”?

Na esfera de nossas experiências, consideramos que, à frente dos processos humanos, ainda quando as suas peças sejam condenatórias, deve-se recordar a figura do Cristo junto da pecadora apedrejada, pois que Jesus estava também perante um júri.

“Quem estiver sem pecado atire a primeira pedra” – é a sentença que deveria lembrar, sempre, a nossa situação comum de Espíritos decaídos, para não condenar esse ou aquele dos nossos semelhantes. “Vai e não peques mais”- deve ser a nossa norma de conduta dentro do próprio coração, afastando-se a erva do mal que nele viceje.

Nos processos públicos, a autoridade judiciária, como peça integrante da máquina do Estado no desempenho de suas funções especializadas, deve saber onde se encontra o recurso conveniente para o corretivo ou para a reeducação do organismo social, mobilizando, nesse mister, os valores de sua experiência e de suas responsabilidades.

Individualmente, porém, busquemos aprender que se podemos “julgar” alguma coisa, julgemo-nos, sempre, em primeiro lugar, como o irmão mais próximo daquele a quem se atribui um crime ou uma falta, a fim de estarmos acordos com Aquele que é a luz dos nossos corações.

Nas horas comuns da existência, procuremos a luz evangélica para analisar o erro e a verdade, discernir o bem e o mal; todavia, no instante dos julgamentos definitivos, entreguemos os processos a Deus, que, antes de nós, saberá sempre o melhor caminho da regeneração dos seus filhos transviados.

(Justiça na Espiritualidade – Espírito André Luiz, “Evolução em Dois Mundos”, 2ª parte.) – ‘Como atua o mecanismo da Justiça no Plano Espiritual’?

No mundo espiritual, decerto, a autoridade da Justiça funciona com maior segurança, embora saibamos que o mecanismo da regeneração vige, antes de tudo, na consciência do próprio indivíduo.

Ainda assim, existem aqui, como é natural, santuários e tribunais, em que magistrados dignos e imparciais examinam as responsabilidades humanas, sopesando-lhes os méritos e deméritos.

A organização do júri, em numerosos casos, é aqui observada, necessariamente, porém, constituída de Espíritos integrados no conhecimento do Direito, com dilatadas noções de culpa e resgate, erro e corrigenda, psicologia humana e ciências sociais, a fim de que as sentenças ou informações proferidas se atenham à precisa harmonia, perante a Divina Providência, consubstanciada no amor que ilumina e na sabedoria que sustenta.

Há delinqüentes tanto no plano terrestre quanto no plano espiritual, e, em razão disso, não apenas os homens recentemente desencarnados são entregues a julgamento específico, sempre que necessário, mas também as entidades desencarnadas que, no cumprimento de determinadas tarefas, se deixam, muitas vezes, arrastar a paixões e caprichos inconfessáveis.

É importante anotar, contudo, que quanto mais baixo é o grau evolutivo dos culpados, mais sumário é o julgamento pelas autoridades cabíveis, e, quanto mais avançados os valores culturais e morais do indivíduo, mais complexo é o exame dos processos de criminalidade em que se emaranham, não só pela influência com que atuam nos destinos alheios, como também porque o Espírito, quando ajustado à consciência dos próprios erros, ansioso de reabilitar-se perante a vida e diante daqueles que mais ama, suplica por si mesmo a sentença punitiva que reconhece indispensável à própria restauração.

Caridade com os criminosos’(Explicação do Espírito Elizabeth de França, Evangelho Segundo o Espiritismo – Cap.XI)

A verdadeira caridade é um dos mais sublimes ensinamentos de Deus para o mundo. Entre os verdadeiros discípulos da sua doutrina deve reinar perfeita fraternidade. Deveis amar os infelizes, os criminosos, como criaturas de Deus, para as quais, desde que se arrependam, serão concedidos o perdão da misericórdia, como para vós mesmos, pelas faltas que cometeis contra a sua lei. Pensai que sois mais repreensíveis, mais culpados que aqueles aos quais recusais o perdão e a comiseração, porque eles quase sempre não conhecem a Deus, como o conheceis, e lhes será pedido menos do que a vós.

‘Não julgueis, oh! não julgueis, meus queridos amigos, porque o juízo com que julgardes vos será aplicado ainda mais severamente, e tendes necessidade de indulgência para os pecados que cometeis sem cessar. Não sabeis que há muitas ações que são crimes aos olhos de Deus de pureza, mas que o mundo não considera sequer como faltas leves?’

A verdadeira caridade não consiste apenas na esmola que dais, nem mesmo nas palavras de consolação com que as acompanhais. Não, não é isso apenas que Deus exige de vós! A caridade sublime, ensinada por Jesus, consiste também na benevolência constante, e em todas as coisas, para com o vosso próximo. Podeis também praticar esta sublime virtude para muitas criaturas que não necessitam de esmolas, e que palavras de amor, de consolação e de encorajamento conduzirão ao Senhor.

Aproximam-se os tempos, ainda uma vez vos digo, em que a grande fraternidade reinará sobre o Globo. Será a lei do Cristo a que regerá os homens: somente ela será freio e esperança, e conduzirá as almas dos bem-aventurados. Amai-vos, pois, como os filhos de um mesmo pai; não façais diferenças entre vós e os infelizes, porque Deus deseja que todos sejam iguais; não desprezeis a ninguém. ‘Deus permite que os grandes criminosos estejam entre vós, para vos servirem de ensinamento. Brevemente, quando os homens forem levados à prática das verdadeiras leis de Deus, esses ensinamentos não serão mais necessários, e todos os Espíritos impuros serão dispersados pelos mundos inferiores, de acordo com as suas tendências’.

‘As preces pelos criminosos’ - Deveis a esses de que vos falo o socorro de vossas preces: eis a verdadeira caridade. Não deveis dizer de um criminoso: “É um miserável; deve ser extirpado da Terra; a morte que se lhe inflige é muito branda para uma criatura dessa espécie.” Não, não é assim que deveis falar! Pensai no vosso modelo, que é Jesus. Que diria Ele, se visse esse infeliz ao seu lado? Haveria de lastimá-lo, considerá-lo como um doente muito necessitado, e lhe estenderia a mão. Não podeis, na verdade, fazer o mesmo, mas pelo menos podeis orar por ele, dar-lhe assistência espiritual durante os instantes que ainda deve permanecer na Terra. O arrependimento pode tocar-lhe o coração, se orardes com fé. É vosso próximo, como o melhor dentre os homens. Sua alma, transviada e revoltada, foi criada, como a vossa, para se aperfeiçoar. Ajudai-o, pois, a sair do lamaçal, e orai por ele!

47.1.12 – O homem que guarda responsabilidade nos cargos públicos da Terra responde, no plano espiritual, pelas ordens que cumpre e faz cumprir?

A responsabilidade de um cargo público, pelas suas características morais, é sempre mais importante que a concedida por Deus sobre um patrimônio material. Daí a verdade que, na vida espiritual, o depositário do bem público responderá sempre pelas ordens expedidas pela sua autoridade, nas tarefas da Terra.

“Superiores e Inferiores”- (Explicação do Espírito François-Nicolas-Madeleine, cardeal Morlot, Paris, 1863. Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. XVII):

A autoridade, da mesma maneira que a fortuna, é uma delegação de que se pedirá contas a quem dela foi investido. Não creias que ela seja dada para satisfazer ao fútil prazer do mando, tampouco, segundo pensa falsamente a maioria dos poderosos da Terra, como um direito ou uma propriedade. Deus, aliás, tem demonstrado suficientemente que ela não é uma, nem outra coisa, desde que a retira quando bem lhe apraz. Se fosse um privilégio inerente à pessoa que a exerce, seria inalienável. Ninguém pode dizer, entretanto, que uma coisa lhe pertence, quando lhe pode ser retirada sem o seu consentimento. Deus concede autoridade a título de missão ou de prova, conforme lhe convém, e da mesma forma a retira.

Encarregado de Almas - O depositário da autoridade, de qualquer extensão que esta seja, desde a do senhor sobre o escravo até a do soberano sobre o povo, não deve esquivar-se à

responsabilidade de um encarregado de almas, pois responderá pela boa ou má orientação que der aos seus subordinados; e as faltas que estes puderem cometer, os vícios a que forem arrastados em consequência dessa orientação ou dos ‘maus exemplos’ recebidos, recairão sobre ele. Da mesma maneira, colherá os frutos de sua solicitude, por conduzi-los ao bem. Todo homem tem, sobre a Terra, uma pequena ou uma grande missão. Qualquer que ela seja, sempre lhe é dada para o bem. Desviá-la, pois, no seu sentido, é fracassar no seu cumprimento.

Se Deus pergunta ao rico: Que fizeste da fortuna que devia ser em tuas mãos uma fonte espalhando a fecundidade em seu redor? Também perguntará ao que possui alguma autoridade: Que uso fizeste dessa autoridade? Que males impediste? Que progressos impulsionaste? Se te dei subordinados, não foi para torná-los escravos da tua vontade, nem dóceis instrumentos dos teus caprichos e da tua cupidez; se te fiz forte e te confiei os fracos, foi para que os amparasses e os ajudasses a subir até mim.

O superior que guardou as palavras do Cristo, não despreza a nenhum dos seus subordinados, porque sabe que as distinções sociais não subsistem diante de Deus. O Espiritismo lhe ensina que, se eles hoje lhe obedecem, na verdade já podem tê-lo dirigido, ou poderão dirigi-lo mais tarde, e que então será tratado como por sua vez os tratou.

Os Inferiores e seus deveres – Se o superior tem deveres a cumprir, o inferior também os tem de sua parte, e não são menos sagrados. Se também este é espírita, sua consciência lhe dirá, ainda mais fortemente, que não está dispensado de cumprí-los, mesmo que o seu chefe não cumpra os dele, porque sabe que não deve pagar o mal com o mal, e que as faltas de uns não autorizam as de outros. Se sofre na sua posição, dirá que sem dúvida o mereceu, porque ele mesmo talvez tenha abusado outrora de sua autoridade, devendo agora sentir os inconvenientes do que fez os outros sofrerem. Se é obrigado a suportar essa posição, na falta de outra melhor, o Espiritismo lhe ensina a resignar-se a isso, como a uma prova à sua humildade, necessária ao seu adiantamento. Sua crença o guia na sua conduta: ele age como desejaria que os seus subordinados agissem com ele, caso fosse o chefe. Por isso mesmo, é mais escrupuloso no cumprimento das obrigações, pois compreende que toda negligência no trabalho que lhe foi confiado será um prejuízo para aquele que o remunera, e a quem deve o seu tempo e os seus cuidados. Numa palavra, ele é guiado pelo sentimento do dever que a sua fé lhe infunde, e a certeza de que todo desvio do caminho reto será uma dívida, que terá de pagar mais cedo ou mais tarde.

47.1.13 – O preceito evangélico – “assim pois, aquele que dentre vós não renunciar a tudo o que tem, não pode ser meu discípulo”- deve ser interpretado no sentido absoluto?

Ainda esse ensino do Mestre deve ser considerado no seu divino simbolismo. A fortuna e a autoridade humanas são também caminhos de experiências e provas, e o homem que as atirasse fora de si, arbitrariamente, procederia com a noção da irresponsabilidade, desprezando o ensejo do progresso que a Providência Divina lhe colocou nas mãos. Todos os homens são usufrutuários dos bens divinos, e os convocados ao trabalho de administração desses bens devem encarar a sua responsabilidade como problemas dos mais sérios da vida.

Renunciando ao egoísmo, ao orgulho, à fraqueza, às expressões de vaidade, o homem cumprirá a ordenação evangélica, e, sentindo a grandeza de Deus, único dispensador no patrimônio real da vida, será discípulo do Senhor em qualquer circunstância, por usar as suas possibilidades materiais e espirituais, sem os característicos envenenados do mundo, como intérprete sincero dos desígnios divinos para felicidade de todos.

47.1.14 – Como interpretar o movimento feminista na atualidade da civilização?

O homem e a mulher, no instituto conjugal, são como o cérebro e o coração do organismo doméstico. Ambos são portadores de uma responsabilidade igual no sagrado colégio da família; e se a alma feminina sempre apresentou um coeficiente mais avançado de espiritualidade na vida, é que, desde cedo, o espírito masculino intoxicou as fontes da sua liberdade (liberdade do homem), através de todos os abusos, prejudicando a sua posição moral no decurso das existências numerosas, em múltiplas experiências seculares.

A ideologia feminista nos tempos modernos, porém, com as suas diversas bandeiras políticas e sociais, pode ser um veneno para a mulher desavisada dos seus grandes deveres espirituais na face da Terra. Se existe um feminismo legítimo, esse deve ser o da reeducação da mulher para o lar, nunca para uma ação contraproducente fora dele. É que os problemas femininos não poderão ser solucionados pelos códigos do homem, mas somente à luz generosa e divina do Evangelho.

47.1.15 – Como conceituar o estado de espírito do homem moderno, que tanto se preocupa com o “estar bem na vida”, “ganhar bem” e “trabalhar para enriquecer”?

Esse propósito do homem viciado, dos tempos atuais, constitui forte expressão de ignorância dos valores espirituais na Terra, onde se verifica a inversão de quase todas as conquistas morais. Foi esse excesso de inquietação, no mais desenfreado egoísmo, que provocou a crise moral no mundo, em cujos espetáculos sinistros podemos reconhecer que o homem físico, da radiotelegrafia e do transatlântico, necessita de mais verdade que dinheiro, de mais luz que de pão.

VI – INFLUÊNCIA DO ESPIRITISMO NO PROGRESSO (Itens 798 a 802)

O Espiritismo : crença comum no futuro

Artigo 48 – O Espiritismo se tornará uma crença comum e marcará uma nova era na História da Humanidade, porque pertence à Natureza e chegou o tempo em que deve tomar lugar nos conhecimentos humanos. Haverá, entretanto, grandes lutas a sustentar, mais contra os interesses do que contra a convicção, porque não se pode dissimular que há pessoas interessadas em combatê-lo, umas por amor-próprio e outras por motivos puramente materiais. Mas os seus contraditores, ficando cada vez mais isolados, serão afinal forçados a pensar como todos os outros, sob pena de se tornarem ridículos.

48.1 – “O Espiritismo só tem a construir”. Comentário de Kardec no item 798:

As idéias só se transformam com o tempo e não subitamente; elas se enfraquecem de geração a geração e acabam por desaparecer com os que as professavam e que são substituídos por outros indivíduos imbuídos de novos princípios, como se verifica com as idéias políticas. Vede o paganismo: não há ninguém, certamente, que professe hoje as idéias religiosas daquele tempo; não obstante, muitos séculos depois do advento do Cristianismo ainda havia deixado traços que somente a completa renovação das raças pôde apagar. O mesmo acontecerá com o Espiritismo; ele faz muito progresso, mas haverá ainda, durante duas ou três gerações, um fermento de incredulidade que só o tempo fará desaparecer. Contudo, sua marcha será mais rápida que a do Cristianismo, porque é o próprio Cristianismo que lhe abre as vias sobre as quais ele se desenvolverá. O Cristianismo tinha de destruir; o Espiritismo só tem de construir.

O Espiritismo combate o Materialismo e contribui para o progresso

Artigo 49 – O Espiritismo, destruindo o materialismo, que é uma das chagas da sociedade, faz os homens compreenderem onde está o seu verdadeiro interesse. A vida futura não estando mais velada pela dúvida, o homem compreenderá melhor o seu futuro através do presente. Destruindo os preconceitos de seita, de casta e de cor, ele ensina aos homens a grande solidariedade que os deve unir como irmãos.

49.1 – “Raios, Ondas, Médiuns, Mentés... – O Futuro Pertence ao Espírito”- Explicação do Espírito Emmanuel na introdução do livro “Nos Domínios

da Mediunidade”, ditado pelo Espírito André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier”, Editora FEB, RJ, 18ª. edição, 1979:

A Ciência do século XX, estudando a constituição da matéria, caminha de surpresa a surpresa, renovando aspectos de sua conceituação milenar.

Não obstante a teoria de Leucipo, o mentor de Demócrito, o qual, quase cinco séculos antes do Cristo, considerava todas as coisas formadas de partículas infinitesimais (átomos), em constante movimentação, a cultura clássica prosseguiu detida nos quatro princípios de Aristóteles, a água, a terra, o ar e o fogo, ou nos três elementos hipostáticos dos antigos alquimistas, o enxofre, o sal e o mercúrio, para explicar as múltiplas combinações no campo da forma.

No século XIX, Dalton concebe cientificamente a teoria corpuscular da matéria, e um maravilhoso período de investigações se inicia, através de inteligências respeitabilíssimas, renovando idéias e concepções em volta da chamada “partícula indivisível”. Extraordinárias descobertas descortinam novos e grandiosos horizontes aos conhecimentos humanos. Röntgen observa que radiações invisíveis atravessam o tubo de Crookes envolvido por uma caixa de papelão preto, e conclui pela existência dos raios X. Henri Becquerel, seduzido pelo assunto, experimenta o urânio, à procura de radiações do mesmo teor, e encontra motivos para novas indagações. O casal Curie, intrigado com o enigma, analisa toneladas de pechblenda e detém o rádio. Velhas afirmações científicas tremem nas bases. Rutherford, à frente de larga turma de pioneiros, inicia preciosos estudos, em torno da radioatividade. O átomo sofre irresistível perseguição na fortaleza a que se acolhe e confia ao homem a solução de numerosos segredos.

E, desde o último quartel do século passado (XIX), a Terra se converteu num reino de ondas e raios, correntes e vibrações. A eletricidade e o magnetismo, o movimento e a atração palpitam em tudo. O estudo dos raios cósmicos evidencia as fantásticas energias espalhadas no Universo, provendo os físicos de poderosíssimo instrumento para a investigação dos fenômenos atômicos e subatômicos. Bohrs, Planck, Einstein erigem novas e grandiosas concepções.

O veículo carnal agora não é mais que um turbilhão eletrônico, regido pela consciência. Cada corpo tangível é um feixe de energia concentrada. A matéria é transformada em energia, e esta desaparece para dar lugar à matéria.

Os sacerdotes do Espírito: o materialismo e o ateísmo serão compelidos a desaparecer – Químicos e físicos, geômetras e matemáticos, erguidos à condição de investigadores da verdade, são hoje, sem o desejarem, sacerdotes do Espírito, porque, como conseqüência de seus porfiados estudos, o materialismo e o ateísmo serão compelidos a desaparecer, por falta de matéria, a base que lhes assegurava as especulações negativistas.

Os laboratórios são templos em que a inteligência é concitada ao serviço de Deus, e, ainda mesmo quando a cerebração se perverte, transitoriamente subordinada pela hegemonia política, geradora de guerras, o progresso da Ciência, como conquista divina, permanece na exaltação do bem, rumo a glorioso porvir: “O futuro pertence ao Espírito”!

Inexistência da morte como cessação da vida – Quanto mais avança na ascensão evolutiva, mais seguramente percebe o homem a inexistência da morte como cessação da vida. E agora, mais que nunca, reconhece-se na posição de uma consciência retida entre forças e fluidos, provisoriamente aglutinados para fins educativos. Compreende, pouco a pouco, que o túmulo é porta à renovação, como o berço é acesso à experiência, e observa que o seu estágio no Planeta é uma viagem com destino às estações do Progresso Maior.

Todos somos médiuns – E, na grande romagem, todos somos instrumentos das forças com as quais estamos em sintonia. Todos somos médiuns, dentro do campo mental que nos é próprio, associando-nos às energias edificantes, se o nosso pensamento flui na direção da vida superior, ou às forças perturbadoras e deprimentes, se ainda nos escravizamos às sombras da vida primitivista ou torturada.

Cada criatura com os sentimentos que lhe caracterizam a vida íntima emite raios específicos e vive na onda espiritual com que se identifica. Semelhantes verdades não permanecerão semi-ocultas em nossos santuários de fé. Irradiar-se-ão dos templos da Ciência como equações matemáticas.

Necessidade do Cristo no coração – Todavia, o que destacamos por mais alto em suas páginas é a necessidade do Cristo no coração e na consciência, para que não estejamos desorientados ao toque dos fenômenos. Sem noção de responsabilidade, sem devoção à prática do bem, sem amor ao estudo e sem esforço perseverante em nosso próprio burilamento moral, é impraticável a peregrinação libertadora para os Cimos da Vida.

A cada qual segundo suas obras (cada médium com a sua mente) – Cada médium com a sua mente. Cada mente com os seus raios, personalizando observações e interpretações. E, conforme os raios que arremessarmos, erguer-se-nos-á o domicílio espiritual na onda de pensamentos a que nossas almas se afeiçoam. Isso, em boa síntese, equivale ainda a repetir com Jesus: “A cada qual segundo suas obras”.

49.2 - O PORVIR E O NADA – Explicação de Allan Kardec no livro “O Céu e o Inferno”, tradução de João Teixeira de Paula, Introd. e notas de J. Herculano Pires, Edit. LAKE, 8^a. edição, 1997, págs. 7-13:

Vivemos, pensamos e operamos – eis o que é positivo; morremos, eis o que não é menos certo.

Mas para onde vamos ao deixar a Terra? Que seremos após a morte? Estaremos melhor ou pior? Existiremos ou não? ‘Ser ou não ser é a alternativa’. Para sempre ou para nunca mais; ou tudo ou nada. Viveremos eternamente ou tudo se aniquilará de vez? É uma tese essa que se impõe.

Todo homem experimenta a necessidade de viver, gozar, amar e ser feliz. Dizei àquele que sabe que vai morrer, que ele viverá ainda; que a sua hora é retardada; dizei-lhe sobretudo que será mais feliz do que porventura o tenha sido e o seu coração se encherá de júbilo. Mas de que serviriam essas aspirações de felicidade se um sopro pudesse dissipá-las?

Haverá alguma coisa mais desesperadora do que esse pensamento de destruição absoluta? Afeições caras, inteligência, progresso, saber laboriosamente adquiridos, tudo despedaçado, tudo perdido! Que necessidade haveria em nos tornarmos melhores, em nos esforçarmos para combater as más paixões, em nos afadigarmos para nos ilustrarmos, em nos devotarmos à causa do progresso, uma vez que amanhã, segundo o nosso pensamento dominante, nada disso valesse nada? Se assim fosse, a sorte do homem seria cem vezes pior que a do bruto, porque este vive inteiramente do presente, na satisfação dos apetites materiais, sem aspiração para o futuro. Uma secreta intuição porém nos diz que isso não é possível.

Niilismo – crença no nada após a morte - Pela crença em o nada, o homem forçosamente concentra os seus pensamentos na vida presente; logicamente não se explicaria a preocupação com um futuro que não se espera.

A preocupação exclusiva com o presente conduz o homem, antes de mais nada, a pensar em si próprio; é pois o mais poderoso estímulo ao egoísmo, e o incrédulo é conseqüente quando chega à seguinte conclusão: Gozemos enquanto aqui estamos; gozemos o mais possível, uma vez que conosco tudo se acaba; gozemos depressa, porque não sabemos quanto tempo existiremos.

Se há doutrina ‘insensata e anti-social’, é, seguramente, o niilismo que rompe os verdadeiros laços de solidariedade e fraternidade, em que se fundam as relações sociais.

Suponhamos que, por uma circunstância qualquer, um povo adquire a certeza de que em oito dias, num mês ou num ano será aniquilado; quase nem um só indivíduo lhe sobreviverá, como de sua existência não sobreviverá nem um pela causa do seu progresso, da sua instrução. Entregar-se-á ao trabalho para viver? Respeitará os direitos, os bens, a vida do semelhante? Submeter-se-á a qualquer lei ou autoridade por mais legítima que seja, mesmo a paterna?

Haverá para ele, nessa emergência, qualquer dever? Seguramente não. Pois bem. O que não se dá coletivamente, a doutrina do niilismo realiza todos os dias isoladamente.

Se as conseqüências não são desastrosas tanto quanto poderiam ser, é, ‘em primeiro lugar’, porque na maioria dos incrédulos há mais de fanfarronice do que de verdadeira incredulidade, mais de dúvida do que de convicção – possuindo eles mais medo do nada do que preten-

dem aparentar – o qualificativo de espíritos fortes lisonjeia-lhes o amor-próprio; ‘em segundo lugar’, porque os incrédulos absolutos se contam por ínfima minoria e sentem a seu pesar os ascendentes da opinião contrária, mantidos por uma força material.

Se um dia a incredulidade da maioria fosse absoluta, a sociedade entraria em dissolução e é a isso que leva a propagação da doutrina do niilismo.

(Um moço de dezoito anos, tomado de enfermidade do coração, foi declarado incurável. A Ciência dissera: Pode morrer dentro de oito dias ou de dois anos, mas não irá além. Sabendo disso, o moço para logo abandonou os estudos e entregou-se a excessos de todo o gênero.

Quando lhe ponderavam o perigo de uma vida desregrada, respondia: Que importa, se não tenho mais de dois anos de vida? De que me serviria fatigar o espírito? Gozo o pouco que me resta e quero divertir-me até o fim. Eis a conseqüência lógica do niilismo. Se o moço fosse espírita, teria dito: A morte só destruirá o corpo, que deixarei como fato (roupa) usado, mas o meu Espírito viverá. Serei na vida futura aquilo que eu próprio houver feito de mim nesta vida; do que nela puder adquirir em qualidades morais e intelectuais, nada perderei, porque será outro tanto de ganho para o meu adiantamento; toda a imperfeição de que me livrar será um passo a mais para a felicidade. A minha felicidade depende da utilidade ou inutilidade da presente existência. É portanto de meu interesse aproveitar o pouco tempo que me resta e evitar tudo o que possa diminuir-me as forças.

Qual das duas doutrinas é preferível?).

Falta à Religião os dados positivos da Ciência – Fossem porém quais fossem as suas conseqüências, uma vez que se impusesse como verdadeira a doutrina do niilismo, seria preciso aceitá-la e nem sistemas contrários, nem a idéia dos males resultantes poderiam obstar-lhe à existência. Forçoso é dizer que, a despeito dos melhores esforços da religião, o ceticismo, a dúvida, a indiferença ganham terreno dia a dia.

Mas se a religião se mostra impotente contra a incredulidade, é porque lhe falta qualquer coisa para combatê-la. Se por outro lado a religião se condenasse à imobilidade, estaria, em dado tempo, dissolvida. O que falta a ela neste século de positivismo, em que se procura compreender antes de crer, é a sanção de suas doutrinas por fatos positivos, assim como a concordância dessas doutrinas com os dados positivos da Ciência. Dizendo ela ser branco o que os fatos dizem preto, é preciso optar entre a evidência e a fé cega.

É nestas circunstâncias que o Espiritismo vem opor um dique à difusão da incredulidade, não somente pelo raciocínio, não somente pela perspectiva dos perigos que ela acarreta, mas pelos fatos materiais, tornando visíveis e tangíveis a alma e a vida futura.

Somos livres na escolha das nossas crenças; podemos crer em alguma coisa ou em nada crer, mas aqueles que procuram fazer prevalecer no espírito das massas, da juventude principalmente, a negação do futuro, apoiando-se na autoridade do seu saber e no ascendente da sua posição, semeiam na sociedade germes de perturbação e dissolução, incorrendo em grande responsabilidade.

Doutrinas : Niilismo; Absorção no Todo Universal; Panteísmo – todas elas têm as mesmas conseqüências – Há uma doutrina que se defende da pecha de materialista porque admite a existência de um princípio inteligente fora da matéria: é a da ‘absorção no Todo Universal’.

Segundo essa doutrina, cada indivíduo assimila ao nascer uma parcela desse princípio, que constitui sua alma, e dá-lhe vida, inteligência e sentimento. Pela morte, essa alma volta ao foco comum e perde-se no infinito como uma gota d’água no oceano.

Incontestavelmente essa doutrina é um passo adiantado com relação ao puro materialismo, visto como admite alguma coisa, quando este nada admite. As conseqüências, porém, são exatamente as mesmas. Ser o homem imerso em o nada ou no reservatório comum, é para ele a mesma coisa; aniquilado ou perdendo a sua individualidade, é como se não existisse; as relações sociais nem por isso deixam de romper-se e para sempre. O que lhe é essencial é a conservação do seu eu; sem este, que lhe importa ou não subsistir? O futuro afigura-se-lhe sempre nulo e a vida presente é a única coisa que o interessa e preocupa.

Sob o ponto de vista das conseqüências morais, essa doutrina é pois tão insensata, tão desesperadora, tão subversiva como o materialismo propriamente dito.

Pode-se além disso fazer a seguinte objeção: todas as gotas d'água tomadas ao oceano se assemelham e possuem idênticas propriedades como partes de um mesmo todo; por que pois as almas tomadas ao grande oceano da inteligência universal tão pouco se assemelham? Por que o gênio e a estupidez, as mais sublimes virtudes e os vícios mais ignóbeis? Por que a bondade, a doçura, a mansuetude ao lado da malícia, da crueldade, da barbárie? Como podem ser tão diferentes entre si as partes de um mesmo todo homogêneo? Neste caso donde vêm as qualidades inatas, as inteligências precoces, os bons e maus instintos independentes de toda a educação e tantas vezes em desarmonia com o meio em que se desenvolvem?

Não resta dúvida de que a educação modifica as qualidades intelectuais e morais da alma; mas aqui ocorre uma outra dificuldade: Quem dá a educação para fazê-la progredir? Outras almas, que por sua origem comum não devem ser mais adiantadas? Além disso, reentrando a alma no Todo Universal donde saiu, e havendo progredido durante a vida, leva-lhe um elemento mais perfeito. Daí se infere que esse Todo se encontraria, pela continuação, profundamente modificado e melhorado. Assim como se explica saírem incessantemente desse Todo almas ignorantes e perversas?

Nessa doutrina, a fonte universal de inteligência que abastece as almas humanas é independente da Divindade, 'não é precisamente o panteísmo'.

'O panteísmo propriamente dito' considera o princípio universal de vida e de inteligência como constituidor da Divindade. Deus é a um só tempo Espírito e matéria; todos os seres, todos os corpos da Natureza compõem a Divindade, da qual são as moléculas e os elementos constitutivos; Deus é o conjunto de todas as inteligências reunidas; cada indivíduo, sendo uma parte do todo, é Deus ele próprio; nenhum ser superior e independente rege o conjunto; o Universo é uma imensa república sem chefe, ou antes, onde cada qual é chefe com poder absoluto.

Principais objeções a essas doutrinas: A esses sistemas pode opor-se inumeráveis objeções, das quais são as principais: não se podendo conceber a divindade sem infinita perfeição, pergunta-se como um todo perfeito pode ser formado de partes tão imperfeitas, tendo necessidade de progredir? Devendo cada parte ser submetida à lei do progresso, força é convir que o próprio Deus deve progredir; e se Ele progride constantemente, deveria ter sido, na origem dos tempos, muito imperfeito.

Como pode um ser imperfeito, formado de idéias e vontades tão divergentes, conceber leis tão harmônicas, tão admiráveis de unidade, de sabedoria e providência como as que regem o Universo? Se todas as almas são porções da Divindade, todas concorreram para as leis da Natureza; como sucede pois que elas murmurem sem cessar contra essas leis que são obra sua? 'Uma teoria não pode ser aceita como verdadeira senão com a cláusula de satisfazer a razão e dar conta de todos os fatos que abrange; se um só fato lhe trazer um desmentido, é que não contém a verdade absoluta'.

Além disso, sendo cada alma parte integrante da Divindade, deixa de ser dominada por um poder superior; não incorre em responsabilidade por seus atos bons ou maus; soberana, não tendo interesse algum na prática do bem, ela pode praticar o mal impunemente.

Ademais, esses sistemas não satisfazem nem à razão nem à aspiração humanas; deles decorrem dificuldades insuperáveis, pois são impotentes para resolver todas as questões de fatos que suscitam. 'O homem tem pois três alternativas: o nada, a absorção ou a individualidade da alma antes da morte e depois dela'.

Crença na individualidade da alma antes da morte e depois dela: livre-arbítrio e responsabilidade dos atos. É para esta última crença que a lógica nos impele irresistivelmente, crença que tem formado a base de todas as religiões desde que o mundo é mundo. Se a lógica nos conduz à individualidade da alma, também nos aponta outra conseqüência: o destino de cada alma deve depender das suas qualidades pessoais, pois seria irracional admitir que a alma atrasada do selvagem, como a do homem perverso, estivesse no nível do sábio, do homem de bem. Segundo os princípios de justiça, as almas devem ter a responsabilidade dos seus atos, mas para haver essa responsabilidade, preciso é que elas sejam livres na escolha do bem e do mal; sem o livre-arbítrio há fatalidade e com a fatalidade não coexistiria a responsabilidade.

Felicidade ou Infelicidade após a morte (o céu e o inferno). Todas as religiões admitiram igualmente o princípio da felicidade ou infelicidade da alma após a morte, ou por outra, as penas e gozos futuros, que se resumem na doutrina do ‘céu e inferno’ encontrada em toda parte.

No que elas diferem essencialmente é quanto à natureza dessas penas e gozos, principalmente sobre as condições determinantes de umas e de outras. Daí os pontos de fé contraditórios dando origem a cultos diferentes e os deveres impostos por estes, consecutivamente, para honrar a Deus e alcançar por esse meio o céu, evitando o inferno.

Todas as religiões houveram de ser em sua origem relativas ao grau de adiantamento moral e intelectual dos homens; estes, assaz materializados para compreenderem o mérito das coisas puramente espirituais, fizeram consistir a maior parte dos deveres religiosos no cumprimento de fórmulas exteriores. Por muito tempo essas fórmulas lhes satisfizeram a razão; porém mais tarde, porque se fizesse a luz em seu Espírito, sentindo o vácuo dessas fórmulas, uma vez que a religião não o preenchia, a abandonaram e se tornaram filósofos.

O homem quer saber de onde veio e para onde vai. – ‘Se a religião apropriada, em começo, aos conhecimentos limitados do homem, tivesse acompanhado sempre o movimento progressivo do espírito humano, não haveria incrédulos, porque está na própria natureza do homem a necessidade de crer, e ele crerá desde que se lhe dê o pábulo espiritual de harmonia com as suas necessidades intelectuais’.

O homem quer saber de onde veio e para onde vai. Mostrando-se-lhe um fim que não corresponde às suas aspirações nem à idéia que ele faz de Deus, tampouco aos dados que lhe fornece a Ciência, impondo-se-lhe, a mais, para atingir o seu desiderato, condições cuja utilidade sua razão contesta, ele tudo rejeita; o materialismo e o panteísmo parecem-lhe mais racionais, porque com eles ao menos se raciocina e se discute, falsamente embora. E há razão, porque antes raciocinar em falso do que não raciocinar absolutamente.

Apresente-se-lhe, porém, um futuro condicionalmente lógico, digno em tudo da grandeza, da justiça e da infinita bondade de Deus, e ele repudiará o materialismo e o panteísmo, cujo vácuo sente em seu foro íntimo, e que aceitará à falta de melhor crença.

O Espiritismo dá coisa melhor sobre a crença no futuro – O Espiritismo dá coisa melhor; eis por que é acolhido pressurosamente por todos os atormentados da dúvida, por aqueles que não encontram nem nas crenças nem nas filosofias vulgares o que procuram. O Espiritismo tem por si a lógica do raciocínio e a sanção dos fatos e é por isso que inutilmente o têm combatido.

Por instinto tem o homem a crença no futuro, mas não possuindo até agora (meados do século XIX) nenhuma base certa para defini-lo, a sua imaginação fantasiou os sistemas que deram causa à diversidade de crenças. A Doutrina Espírita sobre o futuro – não sendo uma obra de imaginação mais ou menos arquitetada engenhosamente, porém o resultado da observação de fatos materiais que se desdobram hoje à nossa vista – congraçar-se-á, como já está acontecendo, as opiniões divergentes ou hesitantes e trará, gradualmente, pela força das coisas, a unidade de crenças sobre esse ponto, não já baseada em simples hipótese, mas na certeza. ‘A unificação feita relativamente à sorte futura das almas será o primeiro ponto de contacto dos diversos cultos, um passo imenso para a tolerância religiosa em primeiro lugar e, mais tarde, para a completa fusão’.

49.3 - O TEMOR DA MORTE – Explicação de Allan Kardec no mesmo livro acima, págs. 14-19:

Causas do Temor da Morte – O homem, seja qual for a escala social a que pertença, tem, desde a selvajaria, o sentimento inato do futuro; diz-lhe a intuição que a morte não é a última fase da existência e que aqueles cuja perda lamentamos não estão irremessivelmente perdidos.

A crença no futuro é intuitiva e muito mais generalizada do que a do nada. Entretanto, a maior parte dos que crêem na imortalidade da alma se nos apresenta possuída de grande amor às coisas terrenas e temerosa da morte! Por quê?

Este temor é um efeito da sabedoria da Providência e uma consequência do instinto de conservação comum a todos os viventes. Ele é necessário enquanto não se está suficientemente

esclarecido acerca das condições da vida futura, como contrapeso à tendência que, sem esse freio, nos levaria a deixar prematuramente a vida e a negligenciar o trabalho terreno que deve servir ao nosso próprio adiantamento.

Assim é que, nos povos primitivos, o futuro é uma vaga intuição, mais tarde tornada simples esperança e finalmente uma certeza apenas atenuada por secreto apego à vida corporal.

Noção insuficiente da vida futura e seu lado providencial – À proporção que o homem compreende melhor a vida futura, o temor da morte diminui; uma vez esclarecida a sua missão terrena, aguarda-lhe o fim calma, resignada e serenamente. A certeza da vida futura dá-lhe outro rumo às idéias, outro objetivo ao trabalho, porque sabe que aquela depende da boa ou má direção da vida presente; antes dela, nada que se não prenda ao presente. A certeza de reencontrar os amigos depois da morte, de reatar as relações que tivera na Terra, de não perder um só fruto do seu trabalho, de engrandecer-se incessantemente em inteligência, perfeição, dá-lhe paciência para esperar e coragem para suportar as fadigas transitórias da vida terrestre. ‘A solidariedade entre vivos e mortos faz-lhe compreender a que deve existir na Terra, onde a fraternidade e a caridade têm, desde então, um fim e uma razão de ser, tanto no presente como no futuro’.

Para libertar-se do temor da morte é mister poder encará-la no seu verdadeiro ponto de vista, isto é, ter penetrado pelo pensamento no mundo espiritual, fazendo dele uma idéia tão exata quanto possível, o que denota da parte do Espírito encarnado um tal ou qual desenvolvimento e aptidão para desprender-se da matéria.

No Espírito atrasado a vida material prevalece sobre a espiritual. Apegando-se às aparências, o homem não distingue a vida além do corpo, esteja embora na alma a vida real; aniquilado aquele, tudo se lhe afigura perdido, desesperador. Se, ao contrário, concentrarmos o pensamento não no corpo, mas na alma, fonte da vida, ser real a tudo sobrevivente, lastimaremos menos a perda do corpo, antes fonte de misérias e dores. Para isso, porém, necessita o Espírito de uma força só adquirível na maturidade.

O temor da morte decorre, portanto, da noção insuficiente da vida futura, embora denote também a necessidade de viver e o receio da destruição total; igualmente o estimula secreto anseio pela sobrevivência da alma, velado ainda pela incerteza. Esse temor decresce à proporção que a certeza aumenta e desaparece quando esta é completa.

Eis aí o lado providencial da questão. Ao homem não suficientemente esclarecido, cuja razão mal pudesse suportar a perspectiva muito positiva e sedutora de um futuro melhor, prudente seria não o deslumbrar com essa idéia, desde que por ela pudesse negligenciar o presente, necessário ao seu adiantamento material e intelectual.

O Positivismo, As Religiões Tradicionais, o Apego Às Coisas Terrenas e a Lei do Progresso - Esse estado de coisas é entretido e prolongado por causas puramente humanas, que o progresso fará desaparecer. A primeira é a feição com que se insinua a vida futura, feição que poderia contentar as inteligências pouco desenvolvidas, mas que não conseguiria satisfazer à razão esclarecida dos pensadores refletidos. Assim dizem estes: “Desde que nos apresentam como verdades absolutas princípios contestados pela lógica e pelos dados positivos da Ciência, é que eles não são verdades”. Daí a incredulidade de uns e a crença dúbia de um grande número.

A vida futura é para eles uma idéia vaga, antes uma probabilidade do que certeza absoluta; acreditam, desejariam que assim fosse, mas apesar disso exclamam: “Se todavia assim não for! O presente é positivo, ocupemo-nos dele primeiro, que o futuro por sua vez virá”. Acrescentam depois: que é em definitivo a alma? Um ponto, um átomo, uma faísca, uma chama? Como se sente, se vê ou se percebe ela? É que a alma não lhes parece uma realidade efetiva, mas uma abstração.

Os entes que lhes são caros, reduzidos ao estado de átomos no seu modo de pensar, estão perdidos, e não têm mais a seus olhos as qualidades pelas quais se lhes fizeram amados; não podem compreender o amor de uma faísca nem o que a ela possamos ter. Quanto a si mesmos, ficam mediocrementemente satisfeitos com a perspectiva de se transformarem em mônadas. Justifica-se, assim, a preferência ao positivismo da vida terrestre, que possui alguma coisa de mais substancial. É considerável o número daqueles que são dominados por esse pensamento.

Outra causa de apego às coisas terrenas, mesmo nos que mais firmemente crêem na vida futura, é a impressão do ensino que relativamente a ela se lhes há dado desde a infância. Conventhamos que o quadro pela religião esboçado, sobre o assunto, é nada sedutor e ainda menos consolador.

De um lado, contorções de condenados a expiarem em torturas e chamas eternas os erros de uma vida e não há para esses desgraçados sequer o lenitivo de uma esperança e, o que mais atroz é, não se lhes aproveita o arrependimento; de outro lado, as almas combalidas e aflitas do purgatório aguardam a intercessão dos vivos que orarão ou farão orar por elas, sem nada fazerem de esforço próprio para progredirem.

As duas categorias compõem a maioria imensa da população de além-túmulo. Acima delas, paira a limitada classe dos eleitos, por toda a eternidade, da beatitude contemplativa. Esta inutilidade eterna, preferível sem dúvida ao nada, não deixa de ser de uma fastidiosa monotonia. É por isso que se vê, nas figuras que retratam os bem-aventurados, figuras angélicas onde mais transparece o tédio que a verdadeira felicidade.

Este estado não satisfaz nem às aspirações nem a instintiva idéia de progresso, única que se afigura compatível com a felicidade absoluta. Custa crer que o selvagem ignorante, de senso moral obtuso, só por haver recebido o batismo esteja no mesmo nível do homem que atingiu o mais alto grau de ciência e moralidade práticas após longos anos de trabalho. Menos concebível ainda é que a criança falecida em tenra idade, antes de ter consciência de seus atos, goze dos mesmos privilégios, somente por força de uma cerimônia na qual a sua vontade não tomou parte alguma. Estes raciocínios não deixam de preocupar os mais fervorosos crentes, por pouco que eles meditem.

‘Não dependendo a felicidade futura do trabalho progressivo na Terra, a facilidade com que se acredita adquirir essa felicidade, por meio de algumas práticas exteriores, a possibilidade até de a comprar a dinheiro sem regeneração de caráter e costumes, dão aos gozos do mundo o melhor valor’.

Mais de um crente considera, em seu foro íntimo, que assegurado o seu futuro pelo preenchimento de certas fórmulas ou por dádivas póstumas, que de nada o privam, seria supérfluo impor-se sacrifícios ou quaisquer incômodos por outrem, uma vez que se consegue a salvação trabalhando cada qual por si.

Seguramente nem todos pensam assim, havendo mesmo muitas e honrosas exceções; mas não se poderia contestar que assim pensa o maior número, sobretudo das massas pouco esclarecidas, e que a idéia que fazem das condições de felicidade no outro mundo não entretenha apego aos bens deste, acoroçoando o egoísmo.

O Temor da Morte é alimentado pelo quadro lúgubre da mesma, apresentado pelos costumes e religiões tradicionais – Acrescentemos, ainda, a circunstância de tudo nas usanças concorrer para lamentar a vida terrestre em sua perda e temer a passagem da Terra ao céu. A morte é rodeada de cerimônias lúgubres, mais próprias a infundirem terror do que a provocarem a esperança. Se descrevem a morte, é sempre com aspecto repelente e nunca como sono de transição; todos os seus emblemas lembram a destruição do corpo e o mostram hediondo e descarnado; nenhum simboliza a alma desembaraçando-se radiosa dos grilhões terrestres.

A partida para esse mundo mais feliz só se faz acompanhar do lamento dos sobreviventes, como se imensa desgraça atingira os que partem; dizem-lhes eternos adeuses como se jamais devessem revê-los. Lastima-se por eles a perda dos gozos mundanos, como se não fossem encontrar maiores gozos no além-túmulo. Que desgraça, dizem, morrer tão jovem, rico e feliz, tendo a perspectiva de um futuro brilhante! A idéia de um futuro melhor apenas toca de leve o pensamento, porque não tem nele raízes. Tudo concorre assim para inspirar o terror da morte em vez de infundir esperança. Sem dúvida que muito tempo será preciso para o homem se desfazer desses preconceitos, o que não quer dizer que isto não suceda, à medida que a sua fé se for firmando, a ponto de conceber uma idéia mais sensata da vida espiritual.

Ademais, a crença vulgar coloca as almas em regiões apenas acessíveis ao pensamento, onde se tornam de alguma maneira estranhas aos vivos; a própria igreja põe entre umas e outras uma barreira intransponível, declarando rotas todas as relações e impossível qualquer comunica-

ção. Se as almas estão no *inferno*, perdida é toda a esperança de as rever, a menos que lá se vá ter também; se estão entre os eleitos, vivem completamente absorvas em contemplativa beatitude. Tudo isso interpõe entre mortos e vivos uma distância tamanha que fez supor eterna a separação, e é por isso que muitos preferem ter junto de si, embora sofrendo, os entes caros, antes que vê-los partir, ainda mesmo que para o *céu*.

E a alma que estiver no *céu* será realmente feliz vendo, por exemplo, arder eternamente ‘seu filho, seu pai, sua mãe ou seus amigos’?

Razão Por Que Os Espíritas Não Temem A Morte – A Doutrina Espírita muda inteiramente a maneira de se encarar o futuro. A vida futura deixa de ser uma hipótese para ser realidade; o estado das almas depois da morte não é mais um sistema, porém o resultado da observação. Ergue-se o véu; o mundo espiritual aparece-nos na plenitude de sua realidade prática; não foram os homens que o descobriram pelo esforço de uma concepção engenhosa, são os próprios habitantes desse mundo que nos vêm descrever a sua situação; aí os vemos em todos os graus da escala espiritual, em todas as fases da felicidade e da desgraça, assistindo, enfim, a todas as peripécias da vida de além- túmulo.

Eis aí por que os espíritas encaram a morte calmamente e se revestem de serenidade nos seus últimos momentos na Terra. Já não é só a esperança, mas a certeza que os conforta; sabem que a vida futura é a continuação da vida terrena em melhores condições e a aguardam com a mesma confiança com que aguardariam o despontar do Sol após uma noite de tempestade. Os motivos dessa confiança decorrem, outrossim, dos fatos testemunhados e da concordância desses fatos com a lógica, com a justiça e bondade de Deus, correspondendo às íntimas aspirações da Humanidade.

Para os espíritas, a alma não é uma abstração; ela tem um corpo etéreo que a define ao pensamento, o que muito é para fixar as idéias sobre a sua individualidade, aptidões e percepções. A lembrança dos que nos são caros repousa sobre alguma coisa de real. Não se nos apresentam mais como chamas fugitivas que nada falam ao pensamento, porém sob uma forma concreta que antes no-los mostra como seres viventes. Além disso, em vez de perdidos nas profundezas do Espaço, estão ao redor de nós; o mundo corporal e o mundo espiritual identificam-se em perpétuas relações, assistindo-se mutuamente.

Não mais permissível sendo a dúvida acerca do futuro, desaparece o temor da morte; encara-se a sua aproximação a sangue frio, como quem aguarda a libertação pela porta da vida e não pela do nada.

Os Espíritos ensinaram de forma incompleta no passado

Artigo 50 – Os Espíritos não ensinaram desde todos os tempos o que ensinam hoje porque cada coisa tem o seu tempo. Eles ensinaram muitas coisas que os homens não compreenderam ou desfiguraram, mas que atualmente podem compreender. Pelo seu ensinamento, mesmo incompleto, prepararam o terreno para receber a semente que vai agora frutificar.

50.1 – “Doutrinando a Ciência”- Explicação do Espírito Emmanuel no livro “Emmanuel”, psicografado por Francisco Cândido Xavier, Edit. FEB, 18^a. edição, 1997, págs. 77-80:

As Investigações da Ciência – Não é condenável, sob o ponto de vista do bom senso, sem quaisquer dogmatismos intransigentes, a dúvida que levou a Ciência da vossa época a se recolher nas realidades positivas; é claro que, segundo a opinião religiosa, o materialismo é pernicioso, debaixo de todas as modalidades em que se nos apresenta, mas é necessário vos convencerdes de que em qualquer circunstância predomina sempre a ‘lei do progresso’. O ateísmo reinante deriva dos abusos dogmáticos que a intransigência de alguns sistemas tem pretendido impor à consciência humana, livre em suas íntimas expansões. Todavia, na certeza absoluta da evolução que se realiza, através de todos os óbices interpostos no seu caminho pela ignorância e pela má-fé, eis que, na atualidade, a própria dúvida serve de base ao monumento da fé raciocinada do futuro.

O Resultado Das Investigações – Vê-se a Ciência no dever de investigar, de estudar, e, no seu afã incessante de saber, rolam por terra idéias errôneas, mantidas até hoje como alicerces de todas as suas perquirições, como, por exemplo, a da teoria da indivisibilidade atômica. Descobrimos centros imponderáveis de atração, como os electrônios componentes do átomo infinitesimal e os iônios, atinge a verdade, quanto às teorias da vibração, que preside, na base da matéria cósmica, a todos os movimentos da vida no Universo.

A Ciência infatigável procura, agora, a matéria-padrão, a força-origem, simplificada, da qual crê emanarem todos os compostos, e é nesse estudo proveitoso que ela própria, afirmando-se atéia, descrente, caminha para o conhecimento de Deus.

O Fracasso De Muitas Iniciativas – Não são poucos os estudiosos que procuram investigar os domínios da ciência psíquica, na sede de encontrar o lado verdadeiro da vida; porém, se muitas vezes acham apenas o malogro das suas esperanças, o soçobro dos seus ideais, é que se entregam a estudos arriscados sem preparação prévia para resolver tão altas questões, errando voluntariamente com espírito de criticismo, muitas vezes injustificável, já que não é filho de raciocínio acurado, profundo. ‘O êxito no estudo de problemas tão transcendentais demanda a utilização de fatores morais, raramente encontrados; daí a improdutividade de entusiasmos e desejos que podem ser ardentes e sinceros’.

O Utilitarismo – A ausência de demonstrações histológicas não implica a inexistência do Espírito. É essa certeza que compete à Ciência atingir. Muitos obstáculos, contudo, se opõem à obtenção desse desiderato; aliando-se ao preconceito acadêmico, o utilitarismo desenfreado, que infesta a política e a religião, é o maior inimigo da expansão das verdades espiritualistas no mundo, porque oriundo de interesses inferiores e mesquinhos. A própria tendência ao ateísmo, imperante em quase todas as classes sociais, é um derivativo lógico do espírito de interesse, que tem destruído a beleza dos princípios religiosos, desvirtuados pelo utilitarismo de falsos missionários. Mas, confiemos na influência do espiritualismo; em futuro próximo, a sua atuação eminentemente benéfica há de se fazer sentir, destruindo tudo quanto de nocivo e inútil encontrar em sua passagem.

Os Tempos Do Porvir – Marchamos, pois, para uma época de crença firme e consoladora, que derramará o bálsamo da fé pura e iluminada sobre as almas que adorarão o Criador, sem qualquer véu de formalidades inadequadas e obsoletas. Semelhantes transformações serão efetuadas após muitas lutas, que encherão de receios e de espantos os espíritos encarnados. Lembremo-nos, porém, que “Deus está no leme”. É esse o porvir do orbe em que viveis. Contudo, quanto tempo decorrerá, até que essa nova era brilhe nos horizontes do entendimento humano? Ignoramos. Conjuguemos, todavia, os nossos esforços a fim de alcançarmos esse desiderato. Demonstrei, com o vosso exemplo, que a luz permanece em vossos corações e cooperareis conosco, em favor dessas mutações precisas. Toda reforma terá de nascer do interior. Da iluminação do coração vem a verdadeira cristianização do lar, e do aperfeiçoamento das coletividades surgirá o novo e glorioso dia da Humanidade.

Convicção pela razão e não pelos fenômenos

Artigo 51 – Os Espíritos não apressam o progresso por meio de manifestações gerais e patentes, para levar a convicção aos incrédulos, porque Deus semeia milagres a mancheias e há homens que ainda os negam; o Cristo, ele próprio, não convenceu os seus contemporâneos com os prodígios que realizou; ainda hoje, os homens negam os fatos mais patentes que se passam aos seus olhos. Há os que não crêem mesmo vendo. Não é por meio de prodígios que Deus conduzirá os homens. Na sua bondade, Ele quer deixar-lhes o mérito de se vencerem por meio da razão.

51.1 – “O Fenômeno e a Crença” (Questão no. 802 de O Livro dos Espíritos) - Explanção de Richard Simonetti em seu livro “A Constituição Divina”, Editado por Gráfica S.João Ltda., Bauru/SP, 2^a. edição, 1989, págs. 90-94:

Muitos religiosos perguntam por que Deus não evidencia sua existência com prodígios que convençam os incrédulos irredutíveis e os materialistas impenitentes.

Será que adiantaria? Ninguém melhor do que Jesus atestou a misericordiosa presença divina no Universo. A par de seus ensinamentos, que enunciam celeste legislação em favor da felicidade humana, o Mestre demonstrava que com um mínimo de fé autêntica nos poderes do Criador podemos realizar prodígios. E ele próprio o fazia, transformando a água em vinho, acalmando tempestades, multiplicando pães, caminhando sobre as águas... Não obstante, foi crucificado como simples criminoso e a multidão, que o reverenciara na véspera como embaixador do Céu, festejou sua morte cercado a cruz de injúrias. Os próprios discípulos, que conviveram longamente com ele, que lhe conheciam sobejamente a grandeza espiritual, recusaram-se ao testemunho. Apavorados, fugiram precipitadamente, sem compreender o significado daquela hora, em que Jesus, que podia mobilizar as milícias celestes em seu favor ou alterar o rumo dos acontecimentos com seus poderes, preferiu entregar-se inerte aos seus algozes para iluminar a escuridão terrestre com as luzes abençoadas do sacrifício, do perdão e da confiança em Deus.

Algo semelhante tem ocorrido com o Espiritismo, desde seus primórdios. Médiuns dotados de prodigiosas faculdades, como Eusápia Paladino, Daniel Dunglas Home, Senhora Piper, Peixotinho, Ana Prado, Madame d'Esperance, Mirabelli e Florence Cook, maravilharam multidões com espetaculares fenômenos de efeitos físicos. Raros apreciadores, entretanto, ultrapassaram os estreitos limites da empolgação. Críticos não faltaram, nem contestadores ferinos que colocaram em dúvida a própria integridade moral desses sensitivos. Se pudessem, extremistas os teriam eliminados sumariamente, como ocorreu com frequência na Idade Média, quando a "pie-dade" religiosa encaminhava os médiuns à fogueira, queimando seus corpos a pretexto de salvar suas almas.

Ainda que aceitos sem controvérsia, os fenômenos de efeitos físicos parecem-se a fogos de artifício. Maravilham, mas passam e caem no esquecimento, sem formarem elementos de convicção e, o que é pior, sem nenhuma repercussão em seu comportamento.

É ilustrativa a parábola do rico e de Lázaro (Lucas, 16: 19 a 31). Conta Jesus que ao morrer, um homem rico, comprometido com os interesses do Mundo, vai parar em região de sofrimentos. Lázaro, um doente que viveu de migalhas mendigadas, habilitou-se a uma morada celeste. Dialogando com Abraão, venerando patriarca judeu, o rico pede-lhe que envie Lázaro à sua casa para alertar seus irmãos, a fim de que não incorram em idênticos enganos. A resposta é incisiva:

- Eles têm Moisés e os Profetas; que os ouçam!
- Não, pai Abraão; se alguém dentre os mortos for ter com eles, não de arrepende-se!
- Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tão pouco acreditarão, mesmo que alguém se levantasse dentre os mortos!

A crença legítima resulta de exercícios do coração - Muito mais que mera empolgação dos sentidos diante de fenômenos espetaculosos como a materialização de Espíritos, a crença legítima resulta de exercícios do coração. Começamos a sentir a presença de Deus em nossas vidas quando deixamos os acanhados domínios do egoísmo e buscamos os campos férteis da fraternidade. Isso é natural. Se Deus é Amor, como encontrá-lo sem aprender a amar, conjugando o verbo servir?

O fortalecimento do movimento inicial do Cristianismo não decorreu de prodígios. O que houve foi a maturação espiritual dos discípulos, iniciada quando, convocados por Jesus, decidiram-se ao serviço em favor do semelhante, com a instalação da Casa do Caminho, em Jerusalém, que atendia a sofrendores de todos os matizes.

Criaram-se, então, as condições ideais para que aqueles desbravadores entendessem e vivenciassem plenamente a mensagem do Cristo, desenvolvendo a força moral que lhes permitiria oferecer os mais gloriosos testemunhos de fidelidade às suas convicções, enfrentando com serenidade as perseguições e a própria morte, o que não ocorrera outrora, quando compunham o grupo do "oba-oba", do pessoal que aplaudia os prodígios operados por Jesus, sem cogitar de suas lições.

Também no movimento espírita há um deslumbramento inicial com os fenômenos mediúnicos. No entanto, transformam-se em espíritas autênticos somente aqueles que empenham suas vidas ao esforço da fraternidade, fazendo do serviço ao semelhante a grande ponte para uma comunhão autêntica com a Espiritualidade, no pleno entendimento dos objetivos da atividade religiosa, conforme destaca o apóstolo Tiago em sua epístola (capítulo I, vers. 27), sugerindo que religião pura e sem mácula, capaz de nos manter incontaminados dos males do mundo, é a prática do Bem.

Tratando-se de nosso encontro com os valores espirituais da existência e, mais especificamente, de nosso encontro com Deus, será ocioso esperarmos por prodígios. Melhor que o busquemos na intimidade de nossos corações, no empenho por nos ajustarmos às suas leis, depurando-nos de sentimentos inferiores que nos inibem para o esforço do Bem.

*

ESCOLA DE ESPIRITISMO
QUARTO ANO
QUARTA PARTE
4) – CADEIRA DE RELIGIÃO ESPÍRITA

Teologia Espírita: linhas gerais da concepção espírita de Deus e de suas relações com os homens. Impossibilidade atual de explicação dos motivos da Criação: esta como uma realidade diante da qual nos encontramos e cujo sentido se revela nas coisas, na Natureza e em nós mesmos. Presença de Deus no homem e do seu poder criador na própria natureza humana: estímulo da fé e despertamento das forças psíquicas pela lei de adoração. O problema das penas e recompensas futuras. Perdão dos pecados: arrependimento e reparação. A lei de ressurreição. *Vós sois deuses.*

O LIVRO DOS ESPÍRITOS
(Editora LAKE- Trad. J. Herculano Pires)

AS CAUSAS PRIMÁRIAS

CAPÍTULO I

DEUS

I – DEUS E O INFINITO

1. O que é Deus?

– Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas. (As frases que se seguem às perguntas são as respostas dadas pelos Espíritos. Suprimimos as aspas nesta edição por considerá-las desnecessárias. As notas e explicações de Kardec, intercaladas no texto, são compostas em tipo especial, de maneira que não há possibilidade de confusão. (N. do T.)

2. O que devemos entender por infinito?

– Aquilo que não tem começo nem fim: o desconhecido; todo o desconhecido é infinito. (Os espíritos se referem ao Universo. Tudo quanto nele conhecemos tem começo e tem fim; tudo quanto não conhecemos se perde no infinito, no desconhecido. Aplicação da expressão francesa: *passer du connu à l'inconnu.* (N. do T.)

3. Poderíamos dizer que Deus é o infinito?

– Definição incompleta. Pobreza da linguagem dos homens, insuficiente para definir coisas que estão além da sua inteligência.

Deus é infinito nas suas perfeições, mas o infinito é uma abstração; dizer que Deus é o infinito é tomar o atributo de uma coisa por ela mesma, definir uma coisa, ainda não conhecida, por outra que também não o é.

II – PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS

4. Onde podemos encontrar a prova da existência de Deus?

– Num axioma que aplicais às vossas ciências: Não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem, e vossa razão vos responderá.

Para crer em Deus é suficiente lançar os olhos às obras da Criação. O Universo existe; ele tem, portanto, uma causa. Duvidar da existência de Deus seria negar que todo efeito tem uma causa, e avançar que o nada pode fazer alguma coisa.

5. Que conseqüência podemos tirar do sentimento intuitivo, que todos os homens trazem consigo, da existência de Deus?

– Que Deus existe; pois de onde lhes viria esse sentimento, se ele não se apoiasse em nada? É uma conseqüência do princípio de que não há efeito sem causa.

6. O sentimento íntimo da existência de Deus, que trazemos conosco, não seria o efeito da educação e o produto de idéias adquiridas?

– Se assim fosse, por que os vossos selvagens também teriam esse sentimento?

Se o sentimento da existência de um ser supremo não fosse mais que o produto de um ensinamento, não seria universal e nem existiria, como as noções científicas, senão entre os que tivessem podido receber esse ensinamento.

7. Poderíamos encontrar a causa primária da formação das coisas nas propriedades íntimas da matéria?

- Mas, então, qual seria a causa dessas propriedades? É sempre necessária uma causa primária.

Atribuir a formação primária das coisas às propriedades íntimas da matéria seria tomar o efeito pela causa, pois essas propriedades são em si mesmas um efeito, que deve ter uma causa.

8. Que pensar da opinião que atribui a formação primária a uma combinação fortuita da matéria, ou, seja, ao acaso?

– Outro absurdo! Que homem de bom senso pode considerar o acaso como um ser inteligente? E, além disso, o que é o acaso? Nada.

A harmonia que regula as forças do Universo revela combinações e fins determinados, e por isso mesmo um poder inteligente. Atribuir a formação primária ao acaso seria uma falta de senso, porque o acaso é cego e não pode produzir efeitos inteligentes. Um acaso inteligente já não seria acaso.

9. Onde se pode ver, na causa primária, uma inteligência suprema, superior a todas as outras?

- Tendes um provérbio que diz o seguinte: Pela obra se conhece o autor. Pois bem: vede a obra e procurai o autor! É o orgulho que gera a incredulidade. O homem orgulhoso nada admite acima de si, e é por isso que se considera um espírito forte. Pobre ser, que um sopro de Deus pode abater!

Julga-se o poder de uma inteligência pelas suas obras. Como nenhum ser humano pode criar o que a Natureza produz, a causa primária há de estar numa inteligência superior à Humanidade.

Sejam quais forem os prodígios realizados pela inteligência humana, esta inteligência tem também uma causa, e quanto maior for a sua realização, maior deve ser a causa primária. Esta inteligência superior é a causa primária de todas as coisas, qualquer que seja o nome pelo qual o homem a designe.

III – ATRIBUTOS DA DIVINDADE

10. O homem pode compreender a natureza íntima de Deus?

– Não. Falta-lhe, para tanto, um sentido.

11. Será um dia permitido ao homem compreender o mistério da Divindade?

- Quando o seu espírito não estiver mais obscurecido pela matéria, e pela sua perfeição tiver se aproximado dela, então a verá e compreenderá.

A inferioridade das faculdades do homem não lhe permite compreender a natureza íntima de Deus. Na infância da humanidade, o homem o confunde muitas vezes com a criatura, cujas imperfeições lhe atribui; mas, à medida que o seu senso moral se desenvolve, seu pensamento penetra melhor o fundo das coisas, e ele faz então, a seu respeito, uma idéia mais justa e mais conforme com a boa razão, embora sempre incompleta.

12. Se não podemos compreender a natureza íntima de Deus, podemos ter uma idéia de algumas de suas perfeições?

– Sim, de algumas. O homem as compreende melhor, à medida que se eleva sobre a matéria; ele as entrevê pelo pensamento.

13. Quando dizemos que Deus é eterno, infinito, imutável, imaterial, único, todo poderoso, soberanamente justo e bom, não temos uma idéia completa de seus atributos?

– Do vosso ponto de vista, sim, porque acreditais abranger tudo; mas ficai sabendo que há coisas acima da inteligência do homem mais inteligente, e para as quais a vossa linguagem, limitada às vossas idéias e às vossas sensações, não dispõe de expressões. A razão vos diz que Deus deve ter essas perfeições em grau supremo, pois se tivesse uma de menos, ou que não fosse em grau infinito, não seria superior a tudo, e por conseguinte não seria Deus. Para estar acima de todas as coisas, Deus não deve estar sujeito a vicissitudes e não pode ter nenhuma das imperfeições que a imaginação é capaz de conceber.

DEUS É ETERNO. Se Ele tivesse tido um começo, teria saído do nada, ou, então, teria sido criado por um ser anterior. É assim que, pouco a pouco, remontamos ao infinito e à eternidade.

É IMUTÁVEL. Se Ele estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o Universo não teriam nenhuma estabilidade.

É IMATERIAL. Quer dizer, sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria, pois de outra forma Ele não seria imutável, estando sujeito às transformações da matéria.

É ÚNICO. Se houvesse muitos Deuses, não haveria unidade de vistas nem de poder na organização do Universo.

É TODO-PODEROSO. Porque é único. Se não tivesse o poder soberano, haveria alguma coisa mais poderosa ou tão poderosa quanto Ele, que assim não teria feito todas as coisas. E aquelas que ele não tivesse feito seriam obra de um outro Deus.

É SOBERANAMENTE JUSTO E BOM. A sabedoria providencial das leis divinas se revela nas menores como nas maiores coisas, e esta sabedoria não nos permite duvidar da sua justiça nem de sua bondade.

IV – PANTEÍSMO

14. Deus é um ser distinto, ou seria, segundo a opinião de alguns, o resultante de todas as forças e de todas as inteligências do Universo, reunidas?

– Se assim fosse, Deus não existiria, porque seria efeito e não causa, ele não pode ser, ao mesmo tempo, uma coisa e outra.

– Deus existe, não o podeis duvidar, e isso é o essencial. Acreditai no que vos digo e não queirais ir além. Não vos percais num labirinto, de onde não poderíeis sair. Isso não vos tornaria melhores, mas talvez um pouco mais orgulhosos, porque acreditaríeis saber, quando na realidade nada saberíeis. Deixai, pois, de lado, todos esses sistemas; tendes que vos desembaraçar de muitas coisas que vos tocam mais diretamente. Isto vos será mais útil do que querer penetrar o que é impenetrável.

15. Que pensar da opinião segundo a qual todos os corpos da Natureza, todos os seres, todos os globos do Universo, seriam partes da Divindade e constituiriam, pelo seu conjunto, a própria Divindade; ou seja, que pensar da doutrina panteísta?

– Não podendo ser Deus, o homem quer pelo menos ser uma parte de Deus.

16. Os que professam esta doutrina pretendem nela encontrar a demonstração de alguns dos atributos de Deus. Sendo os mundos infinitos, Deus é, por isso mesmo, infinito; o vácuo ou o nada não existindo em parte alguma, Deus está em toda parte; Deus estando em toda parte, pois que tudo é parte integrante de Deus, dá a todos os fenômenos da Natureza uma razão de ser inteligente. O que se pode opor a este raciocínio?

– A razão. Refleti maduramente e não vos será difícil reconhecer-lhe o absurdo.

Esta doutrina faz de Deus um ser material que, embora dotado de inteligência suprema, seria em ponto grande aquilo que somos eu ponto pequeno. Ora, a matéria se transformando sem cessar, Deus, nesse caso, não teria nenhuma estabilidade e estaria sujeito a todas as vicissitudes e mesmo a todas as necessidades da humanidade; faltar-lhe-ia um dos atributos essenciais da Di-

vindade: a imutabilidade. As propriedades da matéria não podem ligar-se à idéia de Deus, sem que o rebaixemos em nosso pensamento, e todas as sutilezas do sofisma não conseguirão resolver o problema da sua natureza íntima. Não sabemos tudo o que ele é, mas sabemos aquilo que não pode ser, e este sistema está em contradição com as suas propriedades mais essenciais, pois confunde o criador com a criatura, precisamente como se quiséssemos que uma máquina engenhosa fosse parte integrante do mecânico que a concebeu.

A inteligência de Deus se revela nas suas obras, como a de um pintor no seu quadro; mas as obras de Deus não são o próprio Deus, como o quadro não é o pintor que o concebeu e executou.

*

Livro: A GÊNESE**ALLAN KARDEC****CAPÍTULO II****DEUS**

Existência de Deus. - Da natureza divina - A Providência. - A visão de Deus.

EXISTÊNCIA DE DEUS

1. - Sendo Deus a causa primária de todas as coisas, a origem de tudo o que existe, a base sobre que repousa o edifício da criação, é também o ponto que importa considerarmos antes de tudo.

2. - Constitui princípio elementar que pelos seus efeitos é que se julga de uma causa, mesmo quando ela se conserve oculta.

Se, fendendo os ares, um pássaro é atingido por mortífero grão de chumbo, deduz-se que hábil atirador o alvejou, ainda que este último não seja visto. Nem sempre, pois, se faz necessário vejamos uma coisa, para sabermos que ela existe. Em tudo, observando os efeitos é que se chega ao conhecimento das causas.

3. - Outro princípio igualmente elementar e que, de tão verdadeiro, passou a axioma é o de que todo efeito inteligente tem que decorrer de uma causa inteligente.

Se perguntassem qual o construtor de certo mecanismo engenhoso, que pensaríamos de quem respondesse que ele se fez a si mesmo? Quando se contempla uma obra-prima da arte ou da indústria, diz-se que há de tê-la produzido um homem de gênio, porque só uma alta inteligência poderia concebê-la. Reconhece-se, no entanto, que ela é obra de um homem, por se verificar que não está acima da capacidade humana; mas, a ninguém acudirá a idéia de dizer que saiu do cérebro de um idiota ou de um ignorante, nem, ainda menos, que é trabalho de um animal, ou produto do acaso.

4. - Em toda parte se reconhece a presença do homem pelas suas obras. A existência dos homens antediluvianos não se provaria unicamente por meio dos fósseis humanos: provou-a também, e com muita certeza, a presença, nos terrenos daquela época, de objetos trabalhados pelos homens. Um fragmento de vaso, uma pedra talhada, uma arma, um tijolo bastarão para lhe atestar a presença. Pela grosseria ou perfeição do trabalho, reconhecer-se-á o grau de inteligência ou de adiantamento dos que o executaram. Se, pois, achando-vos numa região habitada exclusivamente por selvagens, descobrires uma estátua digna de Fídias, não hesitareis em dizer que, sendo incapazes de tê-la feito os selvagens, ela é obra de uma inteligência superior à destes.

5. - Pois bem! lançando o olhar em torno de si, sobre as obras da Natureza, notando a providência, a sabedoria, a harmonia que presidem a essas obras, reconhece o observador não haver nenhuma que não ultrapasse os limites da mais portentosa inteligência humana. Ora, desde que o homem não as pode pro-

duzir, é que elas são produto de uma inteligência superior à Humanidade, a menos se sustente que há efeitos sem causa.

6. - A isto opõem alguns o seguinte raciocínio:

As obras ditas da Natureza são produzidas por forças materiais que atuam mecanicamente, em virtude das leis de atração e repulsão; as moléculas dos corpos inertes se agregam e desagregam sob o império dessas leis. As plantas nascem, brotam, crescem e se multiplicam sempre da mesma maneira, cada uma na sua espécie, por efeito daquelas mesmas leis; cada indivíduo se assemelha ao de quem ele proveio; o crescimento, a floração, a frutificação, a coloração se acham subordinados a causas materiais, tais como o calor, a eletricidade, a luz, a umidade, etc. O mesmo se dá com os animais. Os astros se formam pela atração molecular e se movem perpetuamente em suas órbitas por efeito da gravitação. Essa regularidade mecânica no emprego das forças naturais não acusa a ação de qualquer inteligência livre. O homem movimentava o braço quando quer e como quer; aquele, porém, que o movimentasse no mesmo sentido, desde o nascimento até a morte, seria um autômato. Ora, as forças orgânicas da Natureza são puramente automáticas.

Tudo isso é verdade; mas, essas forças são efeitos que não têm de ter uma causa e ninguém pretende que elas constituam a Divindade. Elas são materiais e mecânicas; não são de si mesmas inteligentes, também isto é verdade; mas, são postas em ação, distribuídas, apropriadas às necessidades de cada coisa por uma inteligência que não é a dos homens. A aplicação útil dessas forças é um efeito inteligente, que denota uma causa inteligente. Um pêndulo se move com automática regularidade e é nessa regularidade que lhe está o mérito. É toda material a força que o faz mover-se e nada tem de inteligente. Mas, que seria esse pêndulo, se uma inteligência não houvesse combinado, calculado, distribuído o emprego daquela força, para fazê-lo andar com precisão? Do fato de não estar a inteligência no mecanismo do pêndulo e do de que ninguém a vê, seria racional deduzir-se que ela não existe? Apreciamo-la pelos seus efeitos.

A existência do relógio atesta a existência do relojoeiro; a engenhosidade do mecanismo lhe atesta a inteligência e o saber. Quando um relógio vos dá, no momento preciso, a indicação de que necessitais, já vos terá vindo à mente dizer: aí está um relógio bem inteligente?

Outro tanto ocorre com o mecanismo do Universo: Deus não se mostra, mas se revela pelas suas obras.

7. - A existência de Deus é, pois, uma realidade comprovada não só pela revelação, como pela evidência material dos fatos. Os povos selvagens nenhuma revelação tiveram; entretanto, crêem instintivamente na existência de um poder sobre-humano. Eles vêem coisas que estão acima das possibilidades do homem e deduzem que essas coisas provêm de um ente superior à Humanidade. Não demonstram raciocinar com mais lógica do que os que pretendem que tais coisas se fizeram a si mesmas?

DA NATUREZA DIVINA

8. - Não é dado ao homem sondar a natureza íntima de Deus. **Para compreendê-Lo, ainda nos falta o sentido próprio, que só se adquire por meio da completa depuração do Espírito.** Mas, se não pode penetrar na essência de Deus, o homem, desde que aceite como premissa a sua existência, pode, pelo raciocínio, chegar a conhecer-lhe os atributos necessários, porquanto, vendo o que ele absolutamente não pode ser, sem deixar de ser Deus, deduz daí o que ele deve ser.

Sem o conhecimento dos atributos de Deus, impossível seria compreender-se a obra da criação. Esse o ponto de partida de todas as crenças religiosas e é por não se terem reportado a isso, como ao farol capaz de as orientar, que a maioria das religiões errou em seus dogmas. As que não atribuíram a Deus a onipotência imaginaram muitos deuses; as que não lhe atribuíram soberana bondade fizeram dele um Deus cioso, colérico, parcial e vingativo.

9. - **Deus é a suprema e soberana inteligência.** É limitada a inteligência do homem, pois que não pode fazer, nem compreender tudo o que existe. A Deus abrangendo o infinito, tem que ser infinita. Se a supuséssemos limitada num ponto qualquer, poderíamos conceber outro ser mais inteligente, capaz de compreender e fazer o que o primeiro não faria e assim por diante, até ao infinito.

10. - **Deus é eterno,** isto é, não teve começo e não terá fim. Se tivesse tido princípio, houvera saído do nada. Ora, não sendo o nada coisa alguma, coisa nenhuma pode produzir. Ou, então, teria sido criado por outro ser anterior e, nesse caso, este ser é que seria Deus. Se lhe supuséssemos um começo ou fim, poderíamos conceber uma entidade existente antes dele e capaz de lhe sobreviver, e assim por diante, ao infinito.

11. - **Deus é imutável.** Se estivesse sujeito a mudanças, nenhuma estabilidade teriam as leis que regem o Universo.

12. - **Deus é imaterial,** isto é, a sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria. De outro modo, não seria imutável, pois estaria sujeito às transformações da matéria.

Deus carece de forma apreciável pelos nossos sentidos, sem o que seria matéria. Dizemos: a mão de Deus, o olho de Deus, a boca de Deus, porque o homem, nada mais conhecendo além de si mesmo, toma a si próprio por termo de comparação para tudo o que não compreende. São ridículas essas imagens em que Deus é representado pela figura de um ancião de longas barbas e envolto num manto. Têm o inconveniente de rebaixar o Ente supremo até às mesquinhas proporções da Humanidade. Daí a lhe emprestarem as paixões humanas e a fazerem-no um Deus colérico e cioso não vai mais que um passo.

13. - **Deus é onipotente.** Se não possuísse o poder supremo, sempre se poderia conceber uma entidade mais poderosa e assim por diante, até chegar-se ao ser cuja potencialidade nenhum outro ultrapassasse. Esse então é que seria Deus.

14. - **Deus é soberanamente justo e bom.** A providencial sabedoria das leis divinas se revela nas mais pequeninas coisas, como nas maiores, não permitindo essa sabedoria que se duvide da sua justiça, nem da sua bondade.

O fato de ser infinita uma qualidade, exclui a possibilidade de uma qualidade contrária, porque esta a apoucaria ou anularia. Um ser infinitamente bom não poderia conter a mais insignificante parcela de malignidade, nem o ser infinitamente mau conter a mais insignificante parcela de bondade, do mesmo modo que um objeto não pode ser de um negro absoluto, com a mais ligeira nuance de branco, nem de um branco absoluto com a mais pequenina mancha preta.

Deus, pois, não poderia ser simultaneamente bom e mau, porque então, não possuindo qualquer dessas duas qualidades no grau supremo, não seria Deus; todas as coisas estariam sujeitas ao seu capricho e para nenhuma haveria estabilidade. Não poderia ele, por conseguinte, deixar de ser ou infinitamente bom ou infinitamente mau. Ora, como suas obras dão testemunho da sua sabedoria, da sua bondade e da sua solicitude, concluir-se-á que, não podendo ser ao mesmo tempo bom e mau sem deixar de ser Deus, ele necessariamente tem de ser infinitamente bom.

A soberana bondade implica a soberana justiça, porquanto, se ele procedesse injustamente ou com parcialidade numa só circunstância que fosse, ou com relação a uma só de suas criaturas, já não seria soberanamente justo e, em conseqüência, já não seria soberanamente bom.

15. - **Deus é infinitamente perfeito.** É impossível conceber-se Deus sem o infinito das perfeições, sem o que não seria Deus, pois sempre se poderia conceber um ser que possuísse o que lhe faltasse. Para que nenhum ser possa ultrapassá-lo, faz-se mister que ele seja infinito em tudo.

Sendo infinitos, os atributos de Deus não são suscetíveis nem de aumento, nem de diminuição, visto que do contrário não seriam infinitos e Deus não seria perfeito. Se lhe tirassem a qualquer dos atributos a mais mínima parcela, já não haveria Deus, pois que poderia existir um ser mais perfeito.

16. - **Deus é único.** A unicidade de Deus é conseqüência do fato de serem infinitas as suas perfeições. Não poderia existir outro Deus, salvo sob a condição de ser igualmente infinito em todas as coisas, visto que, se houvesse entre eles a mais ligeira diferença, um seria inferior ao outro, subordinado ao poder desse outro e, então, não seria Deus. Se houvesse entre ambos igualdade absoluta, isso equivaleria a existir, de toda eternidade, um mesmo pensamento, uma mesma vontade, um mesmo poder. Confundidos assim, quanto à identidade, não haveria, em realidade, mais que um único Deus. Se cada um tivesse atribuições especiais, um não faria o que o outro fizesse; mas, então, não existiria igualdade perfeita entre eles, pois que nenhum possuiria a autoridade soberana.

17. - A ignorância do princípio de que são infinitas as perfeições de Deus foi que gerou o politeísmo, culto adotado por todos os povos primitivos, que davam o atributo de divindade a todo poder que lhes parecia acima dos poderes inerentes à Humanidade. Mais tarde, a razão os levou a reunir essas diversas potências numa só. Depois, à proporção que os homens foram compreendendo a

essência dos atributos divinos, retiraram dos símbolos, que haviam criado, a crença que implicava a negação desses atributos.

18. - Em resumo, Deus não pode ser Deus, senão sob a condição de que nenhum outro o ultrapasse, porquanto o ser que o excedesse no que quer que fosse, ainda que apenas na grossura de um cabelo, é que seria o verdadeiro Deus. Para que tal não se dê, indispensável se torna que ele seja infinito em tudo.

É assim que, comprovada pelas suas obras a existência de Deus, por simples dedução lógica se chega a determinar os atributos que o caracterizam.

19. - Deus é, pois, a inteligência suprema e soberana, é único, eterno, imutável, imaterial, onipotente, soberanamente justo e bom, infinito em todas as perfeições, e não pode ser diverso disso.

Tal o eixo sobre que repousa o edifício universal. Esse o farol cujos raios se estendem por sobre o Universo inteiro, única luz capaz de guiar o homem na pesquisa da verdade. Orientando-se por essa luz, ele nunca se transviará. Se, portanto, o homem há errado tantas vezes, é unicamente por não ter seguido o roteiro que lhe estava indicado.

Tal também o critério infalível de todas as doutrinas filosóficas e religiosas. Para apreciá-las, dispõe o homem de uma medida rigorosamente exata nos atributos de Deus e pode afirmar a si mesmo que toda teoria, todo princípio, todo dogma, toda crença, toda prática que estiver em contradição com um só que seja desses atributos, que tenda não tanto a anulá-lo, mas simplesmente a diminuí-lo, não pode estar com a verdade.

Em **Filosofia**, em **Psicologia**, em **Moral**, em **Religião**, só há de verdadeiro o que não se afaste, nem um til, das qualidades essenciais da Divindade. A religião perfeita será aquela de cujos artigos de fé nenhum esteja em oposição àquelas qualidades; aquela cujos dogmas todos suportem a prova dessa verificação sem nada sofrerem.

*

A PROVIDÊNCIA

20. - A providência é a solicitude de Deus para com as suas criaturas. Ele está em toda parte, tudo vê, a tudo preside, mesmo às coisas mais mínimas. É nisto que consiste a ação providencial.

«Como pode Deus, tão grande, tão poderoso, tão superior a tudo, imiscuir-se em pormenores ínfimos, preocupar-se com os menores atos e os menores pensamentos de cada indivíduo?» Esta a interrogação que a si mesmo dirige o incrédulo, concluindo por dizer que, admitida a existência de Deus, só se pode admitir, quanto à sua ação, que ela se exerça sobre as leis gerais do Universo; que este funcione de toda a eternidade em virtude dessas leis, às quais toda criatura se acha submetida na esfera de suas atividades, sem que haja mister a intervenção incessante da Providência.

21. - No estado de inferioridade em que ainda se encontram, só muito dificilmente podem os homens compreender que Deus seja infinito. Vendo-se li-

mitados e circunscritos, eles o imaginam também circunscrito e limitado. Imaginando-o circunscrito, figuram-no quais eles são, à imagem e semelhança deles. Os quadros em que o vemos com traços humanos não contribuem pouco para entreter esse erro no espírito das massas, que nele adoram mais a forma que o pensamento. Para a maioria, é ele um soberano poderoso, sentado num trono inaccessível e perdido na imensidade dos céus. Tendo restritas suas faculdades e percepções, não compreendem que Deus possa e se digne de intervir diretamente nas pequeninas coisas.

22. - Impotente para compreender a essência mesma da Divindade, o homem não pode fazer dela mais do que uma idéia aproximativa, mediante comparações necessariamente muito imperfeitas, mas que, ao menos, servem para lhe mostrar a possibilidade daquilo que, à primeira vista, lhe parece impossível.

Suponhamos um fluido bastante sutil para penetrar todos os corpos. Sendo ininteligente, esse fluido atua mecanicamente, por meio tão-só das forças materiais. Se, porém, o supusermos dotado de inteligência, de faculdades perceptivas e sensitivas, ele já não atuará às cegas, mas com discernimento, com vontade e liberdade: verá, ouvirá e sentirá.

23. - As propriedades do fluido perispirítico dão-nos disso uma idéia. Ele não é de si mesmo inteligente, pois que é matéria, mas serve de veículo ao pensamento, às sensações e percepções do Espírito.

Esse fluido não é o pensamento do Espírito; é, porém, o agente e o intermediário desse pensamento. Sendo ele que o transmite, fica, de certo modo, impregnado do pensamento transmitido. Na impossibilidade em que nos achamos de o isolar, a nós nos parece que ele, o pensamento, faz coro com o fluido, que com este se confunde, como sucede com o som e o ar, de maneira que podemos, a bem dizer, materializá-lo. Assim como dizemos que o ar se torna sonoro, poderíamos, tomando o efeito pela causa, dizer que o fluido se torna inteligente.

24. - Seja ou não assim no que concerne ao pensamento de Deus, isto é, quer o pensamento de Deus atue diretamente, quer por intermédio de um fluido, para facilitarmos a compreensão à nossa inteligência, figuremo-lo sob a forma concreta de um fluido inteligente que enche o universo infinito e penetra todas as partes da criação: a Natureza inteira mergulhada no fluido divino. Ora, em virtude do princípio de que as partes de um todo são da mesma natureza e têm as mesmas propriedades que ele, cada átomo desse fluido, se assim nos podemos exprimir, possuindo o pensamento, isto é, os atributos essenciais da Divindade e estando o mesmo fluido em toda parte, tudo está submetido à sua ação inteligente, à sua providência, à sua solicitude. Nenhum ser haverá, por mais ínfimo que o suponhamos, que não esteja saturado dele. Achamo-nos então, constantemente, em presença da Divindade; nenhuma das nossas ações lhe podemos subtrair ao olhar; o nosso pensamento está em contacto ininterrupto com o seu pensamento, havendo, pois, razão para dizer-se que Deus vê os mais profundos refofos do nosso coração. Estamos nele, como ele está em nós, segundo a palavra do Cristo.

Para estender a sua solicitude a todas as criaturas, não precisa Deus lançar o olhar do Alto da imensidade. As nossas preces, para que ele as ouça, não precisam transpor o espaço, nem ser ditas com voz retumbante, pois que, estando

de contínuo ao nosso lado, os nossos pensamentos repercutem nele. Os nossos pensamentos são como os sons de um sino, que fazem vibrar todas as moléculas do ar ambiente.

25. - Longe de nós a idéia de materializar a Divindade. A imagem de um fluido inteligente universal evidentemente não passa de uma comparação apropriada a dar de Deus uma idéia mais exata do que os quadros que o apresentam debaixo de uma figura humana. Destina-se ela a fazer compreensível a possibilidade que tem Deus de estar em toda parte e de se ocupar com todas as coisas.

26. - Temos constantemente sob as vistas um exemplo que nos permite fazer idéia do modo por que talvez se exerça a ação de Deus sobre as partes mais intimas de todos os seres e, conseguintemente, do modo por que lhe chegam as mais sutis impressões de nossa alma. Esse exemplo tiramo-lo de certa instrução que a tal respeito deu um Espírito.

27. - «O homem é um pequeno mundo, que tem como diretor o Espírito e como dirigido o corpo. Nesse universo, o corpo representará uma criação cujo Deus seria o Espírito. (Compreendi bem que aqui há uma simples questão de analogia e não de identidade.) Os membros desse corpo, os diferentes órgãos que o compõem, os músculos, os nervos, as articulações são outras tantas individualidades materiais, se assim se pode dizer, localizadas em pontos especiais do referido corpo. Se bem seja considerável o número de suas partes constitutivas, de natureza tão variada e diferente, a ninguém é licito supor que se possam produzir movimentos, ou uma impressão em qualquer lugar, sem que o Espírito tenha consciência do que ocorra. Há sensações diversas em muitos lugares simultaneamente? O Espírito as sente todas, distingue, analisa, assinala a cada uma a causa determinante e o ponto em que se produziu, tudo por meio do fluido perispirítico.

«Análogo fenômeno ocorre entre Deus e a criação. Deus está em toda parte, na Natureza, como o Espírito está em toda parte, no corpo. Todos os elementos da criação se acham em relação constante com ele, como todas as células do corpo humano se acham em contacto imediato com o ser espiritual. Não há, pois, razão para que fenômenos da mesma ordem não se produzam de maneira idêntica, num e noutro caso.

«Um membro se agita: o Espírito o sente; uma criatura pensa: Deus o sabe. Todos os membros estão em movimento, os diferentes órgãos estão a vibrar; o Espírito resente todas as manifestações, as distingue e localiza. As diferentes criações, as diferentes criaturas se agitam, pensam, agem diversamente: Deus sabe o que se passa e assinala a cada um o que lhe diz respeito.

«Daí se pode igualmente deduzir a solidariedade da matéria e da inteligência, a solidariedade entre si de todos os seres de um mundo, a de todos os mundos e, por fim, de todas as criações com o Criador.» (Quinemant, Sociedade de Paris, 1867.)

28. - Compreendemos o efeito: já é muito. Do efeito remontamos à causa e julgamos da sua grandeza pela do efeito. Escapa-nos, porém, a sua essência íntima, como a da causa de uma imensidade de fenômenos. Conhecemos os efeitos da eletricidade, do calor, da luz, da gravitação; calculamo-los e, entretanto,

ignoramos a natureza íntima do princípio que os produz. Será então racional neguemos o princípio divino, por que não o compreendemos?

29. - Nada obsta a que se admita, para o princípio da soberana inteligência, um centro de ação, um foco principal a irradiar incessantemente, inundando o Universo com seus eflúvios, como o Sol com a sua luz. Mas onde esse foco? É o que ninguém pode dizer. Provavelmente, não se acha fixado em determinado ponto, como não o está a sua ação, sendo também provável que percorra constantemente as regiões do espaço sem-fim. Se simples Espíritos têm o dom da ubiqüidade, em Deus há de ser sem limites essa faculdade. Enchendo Deus o Universo, poder-se-ia ainda admitir, a título de hipótese, que esse foco não precisa transportar-se, por se formar em todas as partes onde a soberana vontade julga conveniente que ele se produza, donde o poder dizer-se que está em toda parte e em parte nenhuma.

30. - Diante desses problemas insondáveis, cumpre que a nossa razão se humilhe. Deus existe: disso não poderemos duvidar. É infinitamente justo e bom: essa a sua essência. A tudo se estende a sua solicitude: compreendemo-lo. Só o nosso bem, portanto, pode ele querer, donde se segue que devemos confiar nele: é o essencial. Quanto ao mais, esperemos que nos tenhamos tornado dignos de o compreender.

*

A VISÃO DE DEUS

31. - Se Deus está em toda parte, por que não o vemos? Vê-lo-emos quando deixarmos a Terra? Tais as perguntas que se formulam todos os dias.

À primeira é fácil responder. Por serem limitadas as percepções dos nossos órgãos visuais, elas os tornam inaptos à visão de certas coisas, mesmo materiais. Alguns fluidos nos fogem totalmente à visão e aos instrumentos de análise; entretanto, não duvidamos da existência deles. Vemos os efeitos da peste, mas não vemos o fluido que a transporta (**Nota da Editora:** Kardec escreveu de acordo com os conhecimentos da época, antes de 1894.), vemos os corpos em movimento sob a influência da força de gravitação, mas não vemos essa força.

32. - Os nossos órgãos materiais não podem perceber as coisas de essência espiritual. Unicamente com a visão espiritual é que podemos ver os Espíritos e as coisas do mundo imaterial. Somente a nossa alma, portanto, pode ter a percepção de Deus. Dar-se-á que ela o veja logo após a morte? A esse respeito, só as comunicações de além-túmulo nos podem instruir. Por elas sabemos que a visão de Deus constitui privilégio das mais purificadas almas e que bem poucas, ao deixarem o envoltório terrestre, se encontram no grau de desmaterialização necessária a tal efeito. Uma comparação vulgar o tornará facilmente compreensível.

33. - Uma pessoa que se ache no fundo de um vale, envolvido por densa bruma, não vê o Sol. Entretanto, pela luz difusa, percebe que está fazendo sol. Se entra a subir a montanha, à medida que for ascendendo, o nevoeiro se irá tornando mais claro, a luz cada vez mais viva. Contudo, ainda não verá o Sol. Só depois que se haja elevado acima da camada brumosa e chegado a um ponto onde o ar esteja perfeitamente límpido, ela o contemplará em todo o seu esplendor.

O mesmo se dá com a alma. O envoltório perispirítico, conquanto nos seja invisível e impalpável, é, com relação a ela, verdadeira matéria, ainda grosseira demais para certas percepções. Ele, porém, se espiritualiza, à proporção que a alma se eleva em moralidade. As imperfeições da alma são quais camadas nevoentas que lhe obscurecem a visão. Cada imperfeição de que ela se desfaz é uma mácula a menos; todavia, só depois de se haver depurado completamente é que goza da plenitude das suas faculdades.

34. - Sendo Deus a essência divina por excelência, unicamente os Espíritos que atingiram o mais alto grau de desmaterialização o podem perceber. Pelo fato de não o verem, não se segue que os Espíritos imperfeitos estejam mais distantes dele do que os outros; esses Espíritos, como os demais, como todos os seres da Natureza, se encontram mergulhados no fluido divino, do mesmo modo que nós o estamos na luz. O que há é que as imperfeições daqueles Espíritos são vapores que os impedem de vê-lo. Quando o nevoeiro se dissipa, vê-lo-ão resplandecer. Para isso, não lhes é preciso subir, nem procurá-lo nas profundezas do infinito. Desimpedida a visão espiritual das belidas (manchas na córnea do olho) que a obscureciam, eles o verão de todo lugar onde se achem, mesmo da Terra, porquanto Deus esta em toda parte.

35. - O Espírito só se depura com o tempo, sendo as diversas encarnações o alambique em cujo fundo deixa de cada vez algumas impurezas. Com o abandonar o seu invólucro corpóreo, os Espíritos não se despojam instantaneamente de suas imperfeições, razão por que, depois da morte, não vêem a Deus mais do que o viam quando vivos; mas, à medida que se depuram, têm dele uma intuição mais clara. Não o vêem, mas compreendem-no melhor; a luz é menos difusa. Quando, pois, alguns Espíritos dizem que Deus lhes proíbe responder a uma dada pergunta não é que Deus lhes apareça, ou dirija a palavra, para lhes ordenar ou proibir isto ou aquilo, não; eles, porém, o sentem; recebem os eflúvios do seu pensamento, como nos sucede com relação aos Espíritos que nos envolvem em seus fluidos, embora não os vejamos.

36. - Nenhum homem, conseguintemente, pode ver a Deus com os olhos da carne. Se essa graça fosse concedida a alguns, só o seria no estado de êxtase, quando a alma se acha tão despreendida dos laços da matéria que torna possível o fato durante a encarnação. Tal privilégio, aliás, exclusivamente pertenceria a almas de eleição, encarnadas em missão, que não em expiação. Mas, como os Espíritos da mais elevada categoria refulgem de ofuscante brilho, pode dar-se que Espíritos menos elevados, encarnados ou desencarnados, maravilhados com o esplendor de que aqueles se mostram cercados, suponham estar vendo o próprio Deus. É como quem vê um ministro e o toma pelo seu soberano.

37. - Sob que aparência se apresenta Deus aos que se tornaram dignos de vê-lo? Será sob uma forma qualquer? Sob uma figura humana, ou como um foco de resplendente luz? A linguagem humana é impotente para dizê-lo, porque não existe para nós nenhum ponto de comparação capaz de nos facultar uma idéia de tal coisa. Somos quais cegos de nascença a quem procurassem inutilmente fazer compreendessem o brilho do Sol. A nossa linguagem é limitada pelas nossas necessidades e pelo círculo das nossas idéias; a dos selvagens não poderia descrever as maravilhas da civilização; a dos povos mais civilizados é extremamente

pobre para descrever os esplendores dos céus, a nossa inteligência muito restrita para os compreender e a nossa vista, por muito fraca, ficaria deslumbrada.

*

Livro: OBRAS PÓSTUMAS
ALLAN KARDEC
PROFISSÃO DE FÉ ESPÍRITA RACIONAL
§ I — DEUS

1. Há um Deus, inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.

A prova da existência de Deus temo-la neste axioma: **Não há efeito sem causa.** Vemos constantemente uma imensidade de efeitos, cuja causa não está na Humanidade, pois que a Humanidade é impotente para produzi-los, ou, sequer, para os explicar. A causa está acima da Humanidade.

É a essa causa que se chama **Deus, Jeová, Alá, Brama, Fo-Hi, Grande Espírito,** etc.

Tais efeitos absolutamente não se produzem ao acaso, fortuitamente e em desordem. Desde a organização do mais pequenino inseto e da mais insignificante semente, até a lei que rege os mundos que circulam no Espaço, tudo atesta uma idéia diretora, uma combinação, uma providência, uma solicitude que ultrapassam todas as combinações humanas.

A causa é, pois, soberanamente inteligente.

2. Deus é eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom.

Deus é **eterno.** Se tivesse tido começo, alguma coisa houvera existido antes dele, ou ele teria saído do nada, ou, então, um ser anterior o teria criado.

É assim que, degrau a degrau, remontamos ao infinito na eternidade.

É **imutável.** Se estivesse sujeito à mudança, nenhuma estabilidade teriam as leis que regem o Universo.

É **imaterial.** Sua natureza difere de tudo o a que chamamos matéria, pois, do contrário, ele estaria sujeito às flutuações e transformações da matéria e, então, já não seria imutável.

É **único.** Se houvesse muitos Deuses, haveria muitas vontades e, nesse caso, não haveria unidade de vistas, nem unidade de poder na ordenação do Universo.

É **onipotente,** porque é **único.** Se ele não dispusesse de poder soberano, alguma coisa ou alguém haveria mais poderoso do que ele; não teria feito todas as coisas e as que ele não houvesse feito seriam obra de outro Deus.

É **soberanamente justo e bom.** A sabedoria providencial das leis divinas se revela nas mais mínimas coisas como nas maiores e essa sabedoria não permite se duvide nem da sua justiça, nem da sua bondade.

3. Deus é infinito em todas as suas perfeições.

Se supuséssemos imperfeito um só dos atributos de Deus, se lhe tirássemos a menor parcela de **eternidade,** de **imutabilidade,** de **imaterialidade,** de

unidade, de onipotência, de justiça e de bondade, poderíamos imaginar um ser que possuísse o que lhe faltasse, e esse ser, mais perfeito do que ele, é que seria Deus.

§ II — A ALMA

4. Há no homem um princípio inteligente a que se chama ALMA ou ESPÍRITO, independente da matéria, e que lhe dá o senso moral e a faculdade de pensar.

Se o pensamento fosse propriedade da matéria teríamos a matéria bruta a pensar. Ora, como ninguém nunca viu a matéria inerte dotada de faculdades intelectuais; como, quando o corpo morre, não mais pensa, forçoso é se concluir que a alma independe da matéria e que os órgãos não passam de instrumentos com que o homem manifesta seu pensamento. (Este princípio está hoje confirmado pela Ciência, graças às pesquisas da Parapsicologia. O Prof. Rhine e todos os cientistas da sua escola sustentam que a mente e o pensamento não são físicos, mas extrafísicos. Há no homem um elemento não material, que é a alma. Também na Física já se descobriu a antimatéria. Nota do Revisor).

5. As doutrinas materialistas são incompatíveis com a moral e subversivas da ordem social.

Se, conforme pretendem os materialistas, o pensamento fosse segregado pelo cérebro, como a bÍlis o é pelo fÍgado, seguir-se-ia que, morto o corpo, a inteligência do homem e todas as suas qualidades morais recairiam no nada; que os nossos parentes, os amigos e todos quantos houvessem tido a nossa afeição estariam irremissivelmente perdidos; que o homem de gênio careceria de mérito, pois que somente ao acaso da sua organização seria devedor das faculdades transcendentais que revela; que entre o imbecil e o sábio apenas haveria a diferença de mais ou menos substância cerebral.

As conseqüências dessa doutrina seriam que, nada podendo esperar para depois desta vida, nenhum interesse teria o homem em fazer o bem; que muito natural seria procurasse ele a maior soma possível de gozos, mesmo à custa dos outros; que o sentimento mais racional seria o egoísmo; que aquele que fosse persistentemente desgraçado na Terra, nada de melhor teria a fazer, do que se matar, porquanto, destinado a mergulhar no nada, isso não lhe seria nem pior, nem melhor, ao passo que de tal forma abreviaria seus sofrimentos.

A doutrina materialista é, pois, a sanção do egoísmo, origem de todos os vícios; a negação da caridade — origem de todas as virtudes e base da ordem social — e seria ainda, a justificação do suicídio. (A situação atual do mundo, dominado pelo materialismo teórico e prático, é a mais absoluta confirmação desse princípio. Neste volume o leitor encontrará mensagens espirituais dirigidas a Kardec prevendo essa situação e anunciando grandes *catástrofes morais*. A passagem do religiosismo dogmático para o materialismo dogmático equivale ao salto de um extremo a outro. O Espiritismo aparece como a síntese histórica dessa contradição, oferecendo aos homens a solução cultural do impasse a que chegaram. Nota do Revisor).

6. O Espiritismo prova a existência da alma.

Provam a existência da alma os atos inteligentes do homem, por isso que eles não de ter uma causa inteligente e não uma causa inerte. Que ela independe da matéria está demonstrado de modo patente pelos fenômenos espíritas que a

mostram agindo por si mesma e o está, sobretudo, pelo seu insulamento **durante a vida**, o que lhe permite manifestar-se, pensar e agir sem o corpo.

A química separou os elementos da água pondo a descoberto as propriedades desses elementos e pode, à sua vontade, fazer e desfazer um corpo composto.

Pois bem, o Espiritismo, igualmente, pode isolar os dois elementos constitutivos do homem: **o Espírito e a matéria, a alma e o corpo**, separá-los e reuni-los à vontade, o que não deixa dúvida sobre a independência de uma e outro. (Richtet assinalou, no *Tratado de Metapsíquica*, a vocação experimental de Kardec e a importância da sua contribuição para o desenvolvimento das Ciências Psíquicas. Todos os princípios do Espiritismo foram submetidos por ele a experiências científicas e a rigorosos processos de análise lógica. A operação referida acima decorre de experiências realizadas milhares e milhares de vezes na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, bem como pelos grandes cientistas franceses, ingleses, alemães, italianos, russos e de outros países que se dedicaram à pesquisa nesse campo. Hoje, os parapsicólogos repetem com êxito essas experiências, confirmando a veracidade dos princípios fundamentais do Espiritismo. Ver *Parapsicologia Hoje e Amanhã*, de J. Herculano Pires, especialmente o capítulo intitulado *Espiritismo e Parapsicologia*. Nota do Revisor).

7. A alma do homem sobrevive ao corpo e conserva a sua individualidade após a morte deste.

Se a alma não sobrevivesse ao corpo, o homem só teria por perspectiva o nada, do mesmo modo que se a faculdade de pensar fosse produto da matéria. Se não conservasse a sua individualidade, isto é, se se dissolvesse no reservatório comum chamado o **grande todo**, como as gotas d'água no Oceano, seria igualmente, para o homem, o nada do pensamento e as conseqüências seriam absolutamente as mesmas que se não houvesse alma.

A sobrevivência desta à morte do corpo está provada de maneira irrecusável e até certo ponto palpável, pelas comunicações espíritas. Sua individualidade é demonstrada pelo caráter e pelas qualidades peculiares a cada um. Essas qualidades, que distinguem umas das outras as almas, lhes constituem a personalidade. Se as almas se confundissem num todo comum, uniformes seriam as suas qualidades.

Além dessas provas inteligentes, há também a prova material das manifestações visuais, ou aparições, tão freqüentes e autênticas, que não é lícito pô-las em dúvida. (As pesquisas atuais já resultaram na admissão da sobrevivência por vários psicólogos dos mais eminentes. Whately Carington, de Cambridge, Inglaterra, chegou mesmo a elaborar uma teoria da sobrevivência da mente após a morte. Soal, da Universidade de Londres; Harry Price, de Oxford; Rodolph Tischner, de Berlim e numerosos norte-americanos chegaram a conclusões semelhantes. Rhine e sua esposa, a professora Louise Rhine, chegaram também a essa conclusão, como se pode ver pelo livro *Canais Ocultos da Mente*, desta última. A admissão geral da sobrevivência já se impõe ao mundo das Ciências. A primeira a demonstrar essa verdade através de experimentação foi a Ciência Espírita. Nota do Revisor).

8. A alma do homem é ditosa ou desgraçada depois da morte, conforme haja feito o bem ou o mal durante a vida.

Em se admitindo um Deus soberanamente justo, não se pode admitir que as almas tenham todas a mesma sorte. Se a posição futura do criminoso houvesse de ser a mesma que a do homem virtuoso, excluída estaria toda a utilidade da prática do bem. Ora, supor que Deus não faz diferença entre o que pratica o bem

e o que pratica o mal fora negar-lhe a justiça. Nem sempre recebendo punição o mal, e recompensa o bem, durante a vida terrena, deve-se concluir daí que a justiça será feita depois, sem o que Deus não seria justo.

As penas e os recompensas futuras estão, ao demais, provados pelas comunicações que os homens podem estabelecer com as almas dos que aqui viveram e que vêm descrever o estado em que se encontram, ditoso ou infeliz, a natureza de suas alegrias ou de seus sofrimentos e enumerar-lhes as causas.

9. Deus, alma, sobrevivência e individualidade da alma após a morte do corpo, penas e recompensas futuras constituem os princípios fundamentais de todas as religiões.

O Espiritismo junta às provas morais desses princípios as provas materiais dos fatos e da experimentação e corta cerce (pela raiz) os sofismas do materialismo. Em presença dos fatos, cessa toda razão de ser da incredulidade. É assim que o Espiritismo restitui a fé aos que a tenham perdido e dissipa as dúvidas dos incrédulos.

§ III — CRIAÇÃO

10. Deus é o Criador de todas as coisas.

Esta proposição é corolário da prova da existência de Deus (nº. 1).

11. O princípio das coisas reside nos arcanos de Deus.

Tudo diz que Deus é o autor de todas as coisas, mas como e quando as criou ele? A matéria existe, como ele, de toda a eternidade? Ignoramo-lo. Acerca de tudo o que ele não julgou conveniente revelar-nos, apenas se podem erguer sistemas mais ou menos prováveis. Dos efeitos que observamos, podemos remontar a algumas causas. Há, porém, um limite que não nos é possível transpor. Querer ir além é, simultaneamente, perder tempo e cair em erro.

12. O homem tem por guia, na pesquisa do desconhecido, os atributos de Deus.

Para a investigação dos mistérios que nos é permitido sondar por meio do raciocínio, há um critério certo, um guia infalível: os atributos de Deus.

Desde que se admite que Deus é **eterno, imutável, bom**; que é infinito nas suas perfeições, toda doutrina ou teoria, científica ou religiosa, que tenda a lhe tirar qualquer parcela de um só dos seus atributos, será necessariamente falsa, pois que tende à negação da divindade mesma. (A existência de Deus se prova pelo princípio espírita de que *não há efeito inteligente sem uma causa inteligente*. As Ciências provam que o Universo é uma estrutura de leis e não um caos produzido pelo acaso. Do grão de areia e da folha de relva até os grandes sistemas estelares, tudo denuncia a existência de uma inteligência criadora e diretora do Universo. Kardec mostra, no tópico acima, que as teorias materialistas, as doutrinas satânicas e outras que negam algum dos atributos de Deus *são necessariamente falsas*, pois se opõem à necessidade lógica da existência de Deus e dos seus atributos. Nota do Revisor).

13. Os mundos materiais tiveram começo e terão fim.

Quer a matéria exista de toda a eternidade, como Deus, quer tenha sido criada numa época qualquer, é evidente, segundo o que se passa cotidianamente às nossas vistas, que são temporárias as transformações da matéria e que dessas

transformações resultam diferentes corpos, que incessantemente nascem e se destroem. (A matéria não se constitui apenas das formas materiais que conhecemos. Veja-se o item 22 de *O Livro dos Espíritos*. Matéria e Espírito são os dois elementos fundamentais do Universo. Essa a razão porque Kardec acentua a natureza temporária das transformações da matéria. Nota do Revisor).

Como produtos que são da aglomeração e da transformação da matéria, os diversos mundos hão de ter tido, como todos os corpos materiais, começo e termo fim, na conformidade de leis que desconhecemos.

Pode a Ciência, até certo ponto, formular as leis que lhes presidiram à formação e remontar ao estado primitivo deles. Toda teoria filosófica em contradição com os fatos que a Ciência comprova é necessariamente falsa, a menos que prove estar em erro a Ciência.

14. Criando os mundos materiais, também criou Deus seres inteligentes a que damos o nome de Espíritos.

15. Desconhecemos a origem e o modo de criação dos Espíritos; apenas sabemos que eles são criados simples e ignorantes, isto é, sem ciência e sem conhecimento do bem e do mal, porém perfectíveis e com igual aptidão para tudo adquirirem e tudo conhecerem, com o tempo. A princípio, eles se encontram numa espécie de infância, carentes de vontade própria e sem consciência perfeita de sua existência.

16. À medida que o Espírito se distancia do ponto de partida, desenvolvem-se-lhe as idéias, como na criança, e, com as idéias, o livre-arbítrio, isto é, a liberdade de fazer ou não fazer, de seguir este ou aquele caminho para seu adiantamento, o que é um dos atributos essenciais do Espírito.

17. O objetivo final de todos os Espíritos consiste em alcançar a perfeição de que é suscetível a criatura. O resultado dessa perfeição está no gozo da suprema felicidade que lhe é conseqüente e a que chegam mais ou menos rapidamente, conforme o uso que fazem do livre-arbítrio.

18. Os Espíritos são os agentes da potência divina; constituem a força inteligente da Natureza e concorrem para a execução dos desígnios do Criador, tendo em vista a manutenção da harmonia geral do Universo e das leis imutáveis que regem a criação.

19. Para colaborarem, como agentes da potência divina na obra dos mundos materiais, os Espíritos revestem transitariamente um corpo material. Os Espíritos encarnados constituem a Humanidade. A alma do homem é um Espírito encarnado. (A palavra *alma*, no Espiritismo, quer dizer *espírito encarnado*. O homem tem uma alma, que é o seu espírito animando o corpo. Mas a alma liberta do corpo é espírito. Ver a explicação do problema na introdução de *O Livro dos Espíritos*. Nota do Revisor).

20. A vida espiritual é a vida normal do Espírito: é eterna; a vida corporal é transitória e passageira: não é mais do que um instante na eternidade.

21. A encarnação dos Espíritos está nas leis da Natureza; é necessária ao adiantamento deles e à execução das obras de Deus.

Pelo trabalho, que a existência corpórea lhes impõe, eles aperfeiçoam a inteligência e adquirem, cumprindo a lei de Deus, os méritos que os conduzirão à

felicidade eterna. Daí resulta que, concorrendo para a obra geral da criação, os Espíritos trabalham pelo seu próprio progresso.

22. O aperfeiçoamento do Espírito é fruto do seu próprio labor; ele avança na razão da sua maior ou menor atividade ou da sua boa vontade em adquirir as qualidades que lhe falecem.

23. Não podendo o Espírito, numa só existência, adquirir todas as qualidades morais e intelectuais que hão de conduzi-lo à meta, ele chega a essa aquisição por meio de uma série de existências, em cada uma das quais dá alguns passos para a frente na senda do progresso e se escoima de algumas imperfeições.

24. Para cada nova existência, o Espírito traz o que ganhou em inteligência e em moralidade nas suas existências pretéritas, assim como os germens das imperfeições de que ainda se não expungiu.

25. Quando um Espírito empregou mal uma existência, isto é, quando nenhum progresso realizou na senda do bem, essa existência lhe resulta sem proveito, ele tem que a recomeçar em condições mais ou menos penosas, por efeito da sua negligência ou má vontade.

26. Devendo o Espírito, em cada existência corpórea, adquirir alguma coisa no sentido do bem e despojar-se de alguma coisa no sentido do mal, segue-se que, após certo número de encarnações, ele se acha depurado e alcança o estado de puro Espírito.

27. É indeterminado o número das existências corpóreas; depende da vontade do Espírito reduzir esse número, trabalhando ativamente pelo seu progresso moral.

28. No intervalo das existências corpóreas, o Espírito é errante e vive a vida espiritual. A erraticidade carece de duração determinada. (Os Espíritos errantes são os que ainda não se fixaram no plano espiritual, estando sujeitos à reencarnação. A expressão *errantes* não quer dizer que eles estejam perdidos no espaço, mas tão somente que continuam a *errar* entre a Terra e o Espaço, entre a vida material e a vida espiritual, como a *alma viajara* da Filosofia de Plotino. Nota do Revisor).

29. Quando, num mundo, os Espíritos têm realizado a soma de progresso que o estado desse mundo lhe faculta efetuar, deixam-no e passam a encarnar noutra mais adiantado, onde entesouram novos conhecimentos e assim por diante, até que, de nenhuma utilidade mais lhe sendo a encarnação em corpos materiais, entram a viver exclusivamente a vida espiritual, em que também progredem noutra sentido e por outros meios.

Galgando o ponto culminante do progresso, gozam da felicidade suprema. Admitidos nos Conselhos do Onipotente, identificam-se com o pensamento deste e se tornam seus mensageiros, seus ministros diretos para o governo dos mundos, tendo sob suas ordens os outros Espíritos ainda em diferentes graus de adiantamento. (Não há possibilidade, como se vê, de se determinar o período de estágio do espírito como desencarnado, nem de se determinar o número de suas encarnações. Quanto à expressão *mensageiros* encontramos a sua confirmação no apóstolo Paulo, que considera os anjos como mensageiros de Deus e os portadores naturais da revelação. Nota do Revisor).

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

CAPÍTULO III

CRIAÇÃO

I – FORMAÇÃO DOS MUNDOS

O Universo compreende a infinidade dos mundos que vemos e não vemos, todos os seres animados e inanimados, todos os astros que se movem no espaço e os fluidos que o preenchem.

37. O Universo foi criado, ou existe de toda a eternidade, como Deus?

– Ele não pode ter sido feito por si mesmo; e se existisse de toda a eternidade, como Deus, não poderia ser obra de Deus.

A razão nos diz que o Universo não poderia fazer-se por si mesmo, e que, não podendo ser obra do acaso, deve ser obra de Deus.

38. Como criou Deus o Universo?

– Para me servir de uma expressão corrente: por sua vontade. Nada exprime melhor essa vontade todo-poderosa do que estas belas palavras do Gênese: “Deus disse: Faça-se a luz, e a luz foi feita”.

39. Podemos conhecer o modo de formação dos mundos?

– Tudo o que se pode dizer, e que podeis compreender, é que os mundos se formam pela condensação da matéria espalhada no espaço.

40. Os cometas seriam, como agora se pensa, um começo de condensação da matéria, mundos em vias de formação?

– Isso está certo; absurdo, porém, é acreditar na sua influência. Quero dizer, a influência que vulgarmente lhe atribuem; porque todos os corpos celestes têm a sua parte de influência em certos fenômenos físicos.

41. Um mundo completamente formado pode desaparecer e a matéria que o compõe espalhar-se de novo no espaço?

– Sim, Deus renova os mundos, como renova os seres vivos.

42. Podemos conhecer a duração da formação dos mundos; da Terra, por exemplo?

– Nada te posso dizer, porque somente o Criador o sabe; e bem louco seria quem pretendesse sabê-lo, ou conhecer o número de séculos dessa formação.

II – FORMAÇÃO DOS SERES VIVOS

43. Quando a Terra começou a ser povoada?

– No começo, tudo era caos; os elementos estavam fundidos. Pouco a pouco, cada coisa tomou o seu lugar; então, apareceram os seres vivos, apropriados ao estado do globo.

44. De onde vieram os seres vivos para a Terra?

– A Terra continha os germes, que esperavam o momento favorável para desenvolver-se. Os princípios orgânicos reuniram-se desde o instante em que

cessou a força de dispersão e formaram os germes de todos os seres vivos. Os germes permaneceram em estado latente e inerte, como a crisálida e as sementes das plantas, até o momento propício à eclosão de cada espécie; então, os seres de cada espécie se reuniram e se multiplicaram.

45. Onde estavam os elementos orgânicos, antes da formação da Terra?

– Estavam, por assim dizer, em estado fluídico no espaço, entre os Espíritos, ou em outros planetas, esperando a criação da Terra, para começarem uma nova existência sobre um novo globo.

A Química nos mostra as moléculas dos corpos inorgânicos unindo-se para formar cristais de uma pluralidade constante, segundo cada espécie, desde que estejam nas condições necessárias. A menor perturbação destas condições é suficiente para impedir a reunião dos elementos, ou pelo menos a disposição regular que constitui o cristal. Por que não ocorreria o mesmo com os elementos orgânicos? Conservamos durante anos germes de plantas e de animais, que não se desenvolvem a não ser numa dada temperatura e num meio apropriado; viram-se grãos de trigo germinar depois de muitos séculos, Há, portanto, nesses germes, um princípio latente de vitalidade, que só espera uma circunstância favorável para desenvolver-se. O que se passa diariamente sob os nossos olhos não pode ter existido desde a origem do globo? Esta formação dos seres vivos, saindo do caos pela própria força da Natureza, tira alguma coisa à grandeza de Deus? Longe disso, corresponde melhor à idéia que fazemos do seu poder, exercendo-se sobre os mundos infinitos através de leis eternas. Esta teoria não resolve, é verdade, a questão da origem dos elementos vitais; mas Deus tem os seus mistérios e estabeleceu limites às nossas investigações.

46. Há seres que ainda nascem espontaneamente?

– Sim, mas o germe primitivo já existia em estado latente. Sois, todos os dias, testemunhas desse fenômeno. Os tecidos dos homens e dos animais não contêm os germes de uma multidão de vermes que esperam, para eclodir, a fermentação pútrida necessária à sua existência? É um pequeno mundo que dormitava e desperta.

47. A espécie humana se achava entre os elementos orgânicos do globo terrestre?

– Sim, e veio a seu tempo. Foi isso que deu motivo a dizer-se o homem foi feito do limo da terra.

48. Podemos conhecer a época da aparição do homem e de seres vivos sobre a Terra?

- Não; todos os vossos cálculos são quiméricos.

49. Se o germe da espécie humana estava entre os elementos orgânicos do globo, por que os homens não mais se formam espontaneamente, como em sua origem?

– O princípio das coisas permanece nos segredos de Deus; podemos dizer que os homens, uma vez dispersos sobre a Terra absorveram em si mesmos os

elementos necessários à sua formação, para transmiti-los segundo as leis da reprodução. O mesmo aconteceu com as demais espécies de seres vivos.

III – POVOAMENTO DA TERRA. ADÃO

50. A espécie humana começou por um só homem?

– Não; aquele que chamais Adão não foi o primeiro nem o único a povoar a Terra.

51. Podemos saber em que época viveu Adão?

– Mais ou menos naquela que lhe assinalais: cerca de quatro mil anos antes de Cristo.

O homem cuja tradição se conservou sob o nome de Adão foi um dos que sobreviveram, em alguma região, a um dos grandes cataclismos que em diversas épocas modificaram a superfície do globo, e tornou-se o tronco de uma das raças que hoje o povoam. As leis da Natureza contradizem a opinião de que os progressos da Humanidade, constatados muito tempo antes de Cristo, se tivessem realizado em alguns séculos, como o teria de ser, se o homem não tivesse aparecido depois da época assinalada para a existência de Adão. Alguns, e com muita razão, consideram Adão como um mito ou uma alegoria, personificando as primeiras idades do mundo.

IV – DIVERSIDADE DAS RAÇAS HUMANAS

52. De onde vêm as diferenças físicas e morais que distinguem as variedades de raças humanas na Terra?

– Do clima, da vida e dos hábitos. Dá-se o mesmo que se daria com duas crianças da mesma mãe, que, educadas uma longe da outra e de maneira diferente, não se assemelhassem em nada quanto a moral.

53. O homem apareceu em muitos pontos do globo?

– Sim, e em diversas épocas, e é essa uma das causas da diversidade das raças; depois, o homem se dispersou pelos diferentes climas, e aliando-se os de uma raça aos de outras, formaram-se novos tipos.

53-a. Essas diferenças representam espécies distintas?

– Certamente não, pois todos pertencem à mesma família. As variedades do mesmo fruto acaso não pertencem à mesma espécie?

54. Se a espécie humana não procede de um só tronco, não devem os homens deixar de considerar-se irmãos?

– Todos os homens são irmãos em Deus, porque são animados pelo espírito e tendem para o mesmo alvo. Quereis sempre tomar as palavras ao pé da letra.

V – PLURALIDADE DOS MUNDOS

55. Todos os globos que circulam no espaço são habitados?

– Sim, e o homem terreno está bem longe de ser, como acredita, o primeiro em inteligência, bondade e perfeição. Há, entretanto, homens que se julgam espíritos fortes e imaginam que só este pequeno globo tem o privilégio de ser

habitado por seres racionais. Orgulho e vaidade! Crêem que Deus criou o Universo somente para eles.

Deus povoou os mundos de seres vivos, e todos concorrem para o objetivo final da Providência. Acreditar que os seres vivos estejam limitados apenas ao ponto que habitamos no Universo, seria pôr em dúvida a sabedoria de Deus, que nada fez de inútil e deve ter destinado esses mundos a um fim mais sério do que o de alegrar os nossos olhos. Nada, aliás, nem na posição, no volume ou na constituição física da Terra, pode razoavelmente levar-nos à suposição de que ela tenha o privilégio de ser habitada, com exclusão de tantos milhares de mundos semelhantes.

56. A constituição física dos diferentes globos é a mesma?

– Não; eles absolutamente não se assemelham.

57. A constituição física dos mundos não sendo a mesma para todos, os seres que os habitam terão organização diferente?

– Sem dúvida, como entre vós os peixes são feitos para viver na água e os pássaros no ar.

58. Os mundos mais distanciados do Sol são privados de luz e calor, de vez que o Sol lhes aparece apenas como uma estrela?

– Acreditais que não há outras fontes de luz e de calor, além do Sol? Não tendes em conta a eletricidade, que em certos mundos desempenha um papel desconhecido para vós e bem mais importante, que o que lhe cabe na Terra? Aliás, não dissemos que todos os seres vivam da mesma maneira que vós, com órgãos semelhantes aos vossos.

As condições de existência dos seres nos diferentes mundos devem ser apropriadas ao meio em que têm de viver. Se nunca tivéssemos visto peixes, não compreenderíamos como alguns seres pudessem viver na água. O mesmo acontece com outros mundos, que sem dúvida contêm elementos para nós desconhecidos. Não vemos na Terra as longas noites polares iluminadas pela eletricidade das auroras boreais? Que impossibilidade haveria para a eletricidade ser mais abundante que na Terra, desempenhando um papel geral cujos efeitos: não podemos compreender? Esses mundos podem conter em si mesmos as fontes de luz e calor necessários aos seus habitantes.

VI – CONSIDERAÇÕES E CONCORDÂNCIAS BÍBLICAS REFERENTES À CRIAÇÃO

59. Os povos fizeram idéias bastante divergentes sobre a Criação, segundo o grau de seus conhecimentos. A razão apoiada na Ciência reconheceu a inverossimilhança de algumas teorias. A que os Espíritos nos oferecem confirma a opinião há muito admitida pelos homens mais esclarecidos.

A objeção que se pode fazer a essa teoria é a de estar em contradição com os textos dos livros sagrados. Mas um exame sério nos leva a reconhecer que essa contradição é mais aparente que real, resultante da interpretação dada a passagens que, em geral, só possuíam sentido alegórico.

A questão do primeiro homem, na pessoa de Adão, como único tronco da Humanidade, não é a única sobre a qual as crenças religiosas têm de modificar-se. O movimento da Terra parecia, em determinada época, tão contrário aos textos sagrados, que não há formas de perseguição a que essa teoria não tenha dado pretexto. Não obstante, a Terra gira, malgrado os anátemas, e ninguém hoje em dia poderia contestá-lo, sem ofender a sua própria razão.

A Bíblia diz igualmente que o mundo foi criado em seis dias, e fixa a época da Criação em cerca de quatro mil anos antes da Era Cristã. Antes disso, a Terra não existia; ela foi tirada do nada. O texto é formal. E eis que a Ciência positiva, a Ciência inexorável, vem provar o contrário. A formação do globo está gravada em caracteres indeléveis no mundo fóssil, e está provado que os seis dias da Criação representam outros tantos períodos, cada um deles, talvez, de muitas centenas de milhares de anos. E não se trata de um sistema, uma doutrina, uma opinião isolada, mas de um fato tão constante como o do movimento da Terra, e que a Teologia não pode deixar de admitir, prova evidente do erro em que se pode cair, quando se tomam ao pé da letra as expressões de uma linguagem freqüentemente figurada. (As recentes declarações do Papa Pio XII, admitindo os cálculos da Ciência para a formação da Terra, confirmam o acerto de Kardec nesta nota. N. do T.). Devemos concluir, então, que a Bíblia é um erro? Não; mas que os homens se enganaram na sua interpretação. (Advertência aos que condenam a Bíblia sem levar em conta os fatores históricos e a linguagem figurada do texto. N. do T.)

A Ciência, escavando os arquivos da Terra, descobriu a ordem em que os diferentes seres vivos apareceram na sua superfície, e essa ordem concorda com a indicada no Gênesis, com a diferença de que essa obra, em vez de ter saído miraculosamente das mãos de Deus, em apenas algumas horas, realizou-se, sempre pela sua vontade, mas segundo a lei das forças naturais, em alguns milhões de anos. Deus seria, por isso, menor e menos poderoso? Sua obra se tornaria menos sublime, por não ter o prestígio da instantaneidade? Evidentemente, não. É preciso fazer da Divindade, uma idéia bem mesquinha, para não reconhecer a sua onipotência nas leis eternas que ela estabeleceu para reger os mundos. A Ciência, longe de diminuir a obra divina, no-la mostra sob um aspecto mais grandioso e mais conforme com as noções que temos do poder e da majestade de Deus, pelo fato mesmo de ter ela se realizado sem derrogar as leis da Natureza.

A Ciência, de acordo neste ponto com Moisés, coloca o homem por último na ordem da criação dos seres vivos. Moisés, porém, coloca o dilúvio universal no ano 1654 da formação do mundo, enquanto Geologia nos mostra o grande cataclismo como anterior à aparição do homem, tendo em vista que, até agora, não se encontra nas camadas primitivas nenhum traço da sua presença, nem da presença dos animais que, sob o ponto de vista físico, são da sua mesma categoria. Mas nada prova que isso seja impossível; várias descobertas já lançaram dúvidas a respeito, podendo acontecer, portanto, que de um momento para outro se adquira a certeza material da anterioridade da raça humana. E então se reconhecerá que, nesse ponto, como em outros, o texto bíblico é figurado.

A questão está em saber se o cataclismo é o mesmo de Noé. Ora, a duração necessária à formação das camadas fósseis não dá lugar a confusões, e no momento em que se encontrarem os traços da existência do homem, anteriores à grande catástrofe, ficará provado que Adão não foi o primeiro homem, ou que a

sua criação se perde na noite dos tempos. Contra a evidência não há raciocínios possíveis, e será necessário aceitar o fato, como se aceitou o do movimento da Terra e o dos seis períodos da Criação.

A existência do homem antes do dilúvio geológico é, não há dúvida, ainda hipotética, mas eis como nos parece menos. Admitindo-se que o homem tenha aparecido pela primeira vez na Terra há quatro mil anos antes de Cristo, se 1650 anos mais tarde toda a raça humana foi destruída, com exceção apenas de uma família, conclui-se que o povoamento da Terra data de Noé, ou seja, de 2.350 anos antes da nossa era. Ora, quando os hebreus emigraram para o Egito, no décimo oitavo século, encontraram esse país bastante povoado e já bem avançado em civilização. A História prova que, nessa época, a Índia e outros países eram igualmente florescentes, mesmo sem levarmos em conta a cronologia de certos povos, que remonta a uma época mais recuada. Teria sido então necessário que do vigésimo quarto ao décimo oitavo século, quer dizer, num espaço de seiscentos anos, não somente a posteridade de um único homem tivesse podido povoar todas as imensas regiões então conhecidas, supondo-se que as outras não estivessem povoadas, mas também que, nesse curto intervalo, a espécie humana tivesse podido elevar-se da ignorância absoluta do estado primitivo ao mais alto grau de desenvolvimento intelectual, o que é contrário a todas as leis antropológicas.

A diversidade das raças humanas vem ainda em apoio desta opinião. O clima e os hábitos produzem, sem dúvida, modificações das características físicas, mas sabe-se até onde pode chegar a influência dessas causas, e o exame fisiológico prova a existência, entre algumas raças, de diferenças constitucionais mais profundas que as produzidas pelo clima. O cruzamento de raças produz os tipos intermediários; tende a superar os caracteres extremos, mas não cria estes, produzindo apenas as variedades. Ora, para que tivesse havido cruzamento de raças, era necessário que houvesse raças distintas, e como explicarmos a sua existência, dando-lhes um tronco comum, e sobretudo tão próximo? Como admitir-se que, em alguns séculos, certos descendentes de Noé se tivessem transformado, a ponto de produzirem a raça etíope, por exemplo? Uma tal metamorfose não é mais admissível que a hipótese de um tronco comum para o lobo e a ovelha, o elefante e o pulgão, a ave e o peixe. Ainda uma vez, nada poderia prevalecer contra a evidência dos fatos.

Tudo se explica, pelo contrário, admitindo-se a existência do homem antes da época que lhe é vulgarmente assinalada; a diversidade das origens; Adão, que viveu há seis mil anos, como tendo povoado uma região ainda inabitada; o dilúvio de Noé como uma catástrofe parcial, que se tomou pelo cataclismo geológico; (As escavações arqueológicas realizadas por "sir" Charles Leonard Woolley, em 1929, ao norte de Basora, próximo ao Golfo Pérsico, para a descoberta de Ur, revelaram os restos de uma catástrofe diluviana ocorrida exatamente quatro mil anos antes de Cristo. Ao encontrar a camada de lodo que cobria as ruínas da Ur primitiva, Woolley transmitiu a notícia ao mundo nos seguintes termos: "Encontramos os sinais do dilúvio universal. Trabalhos posteriores comprovaram o fato, mostrando que houve um dilúvio local no delta do Tigre e do Eufrates, exatamente na data assinalada pela Bíblia. Este fato vem confirmar a previsão de Kardec. N. do T.), e tendo-se em conta, por fim, a forma alegórica peculiar ao estilo oriental, que se encontra nos livros sagrados de todos os povos. Eis porque é prudente não se acusar muito ligeiramente de falsas as doutrinas que podem, cedo ou tarde, como

tantas outras, oferecer um desmentido aos que as combatem. As idéias religiosas, longe de perder, se engrandecem, ao marchar com a Ciência; esse o único meio de não apresentarem ao ceticismo um lado vulnerável.

*

CAPÍTULO II

LEI DE ADORAÇÃO

I – FINALIDADE DA ADORAÇÃO

649. Em que consiste a adoração?

– É a elevação do pensamento a Deus. Pela adoração o homem aproxima d'Ele a sua alma.

650. A adoração é o resultado de um sentimento inato ou o produto de um ensinamento?

– Sentimento inato, como o da Divindade. A consciência de sua fraqueza leva o homem a se curvar diante d'Aquele que o pode proteger.

651. Houve povos desprovidos de todo sentimento de adoração?

– Não, porque jamais houve povos ateus. Todos compreendem que há, acima deles, um Ser supremo.

652. Pode-se considerar a adoração como tendo sua fonte na lei natural?

– Ela faz parte da lei natural, porque é o resultado de um sentimento inato no homem; por isso a encontramos entre todos os povos, embora sob formas diferentes.

II – ADORAÇÃO EXTERIOR

653. A adoração necessita de manifestações exteriores?

– A verdadeira adoração é a do coração. Em todas as vossas ações, pensai sempre que o Senhor vos observa.

653-a. A adoração exterior é útil?

– Sim, se não for um fingimento. É sempre útil dar um bom exemplo; mas os que o fazem só por afetação e amor próprio, e cuja conduta desmente a sua aparente piedade, dão um exemplo antes mau do que bom, e fazem maior mal do que supõem.

654. Deus tem preferência pelos que o adoram desta ou daquela maneira?

– Deus prefere os que o adoram do fundo do coração, com sinceridade, fazendo o bem e evitando o mal, aos que pensam honrá-Lo através de cerimônias que não os tornam melhores para os seus semelhantes.

Todos os homens são irmãos e filhos do mesmo Deus, que chama para Ele todos os que seguem as suas leis, qualquer que seja a forma pela qual se exprimam.

Aquele que só tem a aparência da piedade é um hipócrita; aquele para quem a adoração é apenas um fingimento e está em contradição com a própria conduta, dá um mau exemplo.

Aquele que faz profissão da adoração ao Cristo mas que é orgulhoso, invejoso e ciumento, que é duro e implacável para com os outros ou ambicioso de bens mundanos, eu vos declaro que só tem a religião nos lábios e não no cora-

ção. Deus, que tudo vê, dirá: aquele que conhece a verdade é cem vezes mais culpável do mal que faz do que o selvagem ignorante e será tratado de maneira conseqüente no dia do juízo. Se um cego vos derruba ao passar, vós o desculpais, mas se é um homem que enxerga bem, vós o censurais e com razão.

Não pergunteis, pois, se há uma forma de adoração mais conveniente, porque isso seria perguntar se é mais agradável a Deus ser adorado numa língua do que em outra. Digo-vos ainda uma vez: os cânticos não chegam a Ele senão pela porta do coração.

655. É reprovável praticar uma religião na qual não se acredita de coração, quando se faz isso por respeito humano e para não escandalizar os que pensam de outra maneira?

– A intenção, nisso como em tantas outras coisas, é a regra. Aquele que não tem em vista senão respeitar as crenças alheias, não faz mal: faz melhor do que aquele que as ridicularizasse, porque esse faltaria com a caridade. Mas quem as praticar por interesse ou por ambição é desprezível aos olhos de Deus e dos homens. Deus não pode agradar-se daqueles que só demonstram humildade perante Ele para provocar a aprovação dos homens.

656. A adoração em comum é preferível à adoração individual?

– Os homens reunidos por uma comunhão de pensamentos e sentimentos têm mais força para atrair os bons Espíritos. Acontece o mesmo quando se reúnem para adorar a Deus. Mas não penseis, por isso, que a adoração em particular seja menos boa; pois cada um pode adorar a Deus, pensando n'Ele.

III – VIDA CONTEMPLATIVA

657. Os homens que se entregam à vida contemplativa, não fazendo nenhum mal e só pensando em Deus, têm algum mérito aos seus olhos?

– Não, pois se não fazem o mal, também não fazem o bem e são inúteis. Aliás, não fazer o bem já é um mal. Deus quer que se pense n'Ele, mas não que se pense apenas n'Ele, pois deu ao homem deveres a serem cumpridos na Terra. Aquele que se consome na meditação e na contemplação nada faz de meritório aos olhos de Deus, porque sua vida é toda pessoal e inútil para a Humanidade. Deus lhe pedirá contas do bem que não tenha feito. (Ver item 640).

IV – DA PRECE

658. A prece é agradável a Deus?

– A prece é sempre agradável a Deus, quando ditada pelo coração, porque a intenção é tudo para Ele. A prece do coração é preferível a que podes ler, por mais bela que seja, se a leres mais com os lábios do que com o pensamento. A prece é agradável a Deus quando é proferida com fé, com fervor e sinceridade. Não creias, pois, que Deus seja tocado pelo homem vão, orgulhoso e egoísta, a menos que a sua prece represente um ato de sincero arrependimento e de verdadeira humildade.

659. Qual o caráter geral da prece?

– A prece é um ato de adoração. Fazer preces a Deus é pensar n’Ele, aproximar-se d’Ele, pôr-se em comunicação com Ele. Pela prece podemos fazer três coisas: louvar, pedir e agradecer.

660. A prece torna o homem melhor?

– Sim, porque aquele que faz preces com fervor e confiança se torna mais forte contra as tentações do mal, e Deus lhe envia bons Espíritos para o assistir. É um socorro jamais recusado, quando o pedimos com sinceridade.

660-a. Como se explica que certas pessoas que oram muito sejam, apesar disso, de muito mau caráter, ciumentas, invejosas, implicantes, faltas de benevolência e de indulgência: que sejam até mesmo viciosas?

– O essencial não é orar muito, mas orar bem. Essas pessoas julgam que todo o mérito está na extensão da prece e fecham os olhos para os seus próprios defeitos. A prece é para elas uma ocupação, um emprego do tempo, mas não um estudo de si mesmas. Não é o remédio que é ineficaz, neste caso, mas a maneira de aplicá-lo.

661. Pode-se pedir eficazmente a Deus o perdão das faltas?

– Deus sabe discernir o bem e o mal: a prece não oculta as faltas. Aquele que pede a Deus o perdão de suas faltas não o obtém se não mudar de conduta. As boas ações são a melhor prece, porque os atos valem mais do que as palavras.

662. Pode-se orar utilmente pelos outros?

– O Espírito daquele que ora está agindo pela vontade de fazer o bem. Pela prece, atrai a ele os bons Espíritos que se associam ao bem que deseja fazer.

Possuímos em nós mesmos, pelo pensamento e a vontade, um poder de ação que se estende muito além dos limites de nossa esfera corpórea. A prece por outros é um ato dessa vontade. Se for ardente e sincera, pode chamar os bons Espíritos em auxílio daquele por quem pedimos, a fim de lhe sugerirem bons pensamentos e lhe darem a força necessária para o corpo e a alma. Mas ainda nesse caso a prece do coração é tudo e a dos lábios não é nada.

663. As preces que fazemos por nós mesmos podem modificar a natureza das nossas provas e desviar-lhes o curso?

– Vossas provas estão nas mãos de Deus e há as que devem ser suportadas até o fim, mas Deus leva sempre em conta a resignação. A prece atrai a vós os bons Espíritos, que vos dão a força de as suportar com coragem. Então elas vos parecem menos duras. Já o dissemos: a prece nunca é inútil, quando bem feita, porque dá força, o que já é um grande resultado. Ajuda-te a ti mesmo e o céu te ajudará; tu sabes disso. Aliás, Deus, não pode mudar a ordem da Natureza ao sabor de cada um, porque aquilo que é um grande mal, do vosso ponto de vista mesquinho, para a vossa vida efêmera, muitas vezes é um grande bem na ordem geral do Universo (Espinosa dizia que “Deus age segundo unicamente as leis de sua natureza, sem ser constrangido por ninguém” (Proposição XVII da “ética”), e afirmava a impossibilidade do milagre, por ser uma violação das leis de Deus. Também no tocante aos males individuais, alegava que eles não existiam na ordem geral do Universo. N. do T.). Além disso, de quantos males o homem é o próprio autor, por sua imprevidência ou por suas

faltas! Ele é punido pelo que pecou. Não obstante, os vossos justos pedidos são em geral mais escutados do que julgais. Pensais que Deus não vos ouviu, porque não fez um milagre em vosso favor, quando entretanto vos assiste por meios tão naturais que vos parecem o efeito do acaso ou da força das coisas. Frequentemente, ou o mais frequentemente, ele vos suscita o pensamento necessário para sairdes por vós mesmos do embaraço.

664. É inútil orar pelos mortos e pelos Espíritos sofredores, e nesse caso como podem as nossas preces lhes proporcionar consolo e abreviar os sofrimentos? Têm elas o poder de fazer dobrar-se a justiça de Deus?

– A prece não pode ter o efeito de mudar os desígnios de Deus, mas a alma pela qual se ora experimenta alívio, porque é um testemunho de interesse que se lhe dá e porque o infeliz é sempre consolado, quando encontra almas caridosas que compartilham as suas dores. De outro lado, pela prece provoca-se o arrependimento, desperta-se a desejo de fazer o necessário para se tornar feliz. É nesse sentido que se pode abreviar a sua pena, se do seu lado ele contribui com a sua boa vontade. Esse desejo de melhora, excitado pela prece, atrai para o Espírito sofredor os Espíritos melhores que vêm esclarecê-lo, consolá-lo e dar-lhe esperanças. Jesus orava pelas ovelhas transviadas. Com isso vos mostrava que sereis culpados se nada fizerdes pelos que mais necessitam.

665. Que pensar da opinião que rejeita a prece pelos mortos, por não estar prescrita nos Evangelhos?

– O Cristo disse aos homens: amai-vos uns aos outros. Essa recomendação implica também a de empregar todos os meios possíveis de testemunhar afeição aos outros, sem entrar, entretanto, em nenhum detalhe sobre a maneira de atingir o objetivo. Se é verdade que nada pode desviar o Criador de aplicar a justiça, que é inerente a Ele mesmo, a todas as ações do Espírito, não é menos verdade que a prece que lhe dirigis, em favor daquele que vos inspira afeição, é para este um testemunho de recordação que não pode deixar de contribuir para aliviar os seus sofrimentos e o consolar. Desde que ele revele o mais leve arrependimento, e **somente então**, seria socorrido: mas isso não o deixará jamais esquecer que uma alma simpática se ocupou dele e lhe dará a doce crença de que essa intercessão lhe foi útil. Disso resulta necessariamente, de sua parte, um sentimento de afeição por aquele que lhe deu essa prova de interesse e de piedade. Dessa maneira, o amor recomendado aos homens pelo Cristo desenvolveu-se e aumentou entre eles, e ambos obedeceram à lei de amor e de união de todos os seres, lei divina que deve conduzir à unidade, objetivo e fim do Espírito (Resposta dada pelo Espírito do Sr. Monod, pastor protestante de Paris, falecido em abril de 1856. A resposta precedente, número 664, é do Espírito de São Luís.).

666. Podemos orar aos Espíritos?

– Podemos orar aos bons Espíritos, como sendo os mensageiros de Deus e os executores de seus desígnios, mas o seu poder está na razão da sua superioridade e decorre sempre do Senhor de todas as coisas, sem cuja permissão nada se faz; eis porque as preces que lhes dirigimos só são eficazes se forem agradáveis a Deus.

V – POLITEÍSMO

667. Por que o Politeísmo é uma das crenças mais antigas e mais espalhadas, se é falsa?

– A idéia de um Deus único só podia aparecer como o resultado do desenvolvimento mental do homem. Incapaz, na sua ignorância, de conceber um ser natural, sem forma determinada, agindo sobre a matéria, ele lhe havia dado os atributos da natureza corpórea, ou seja, uma forma e uma figura, e desde então tudo o que lhe parecia ultrapassar as proporções da inteligência comum tornava-se para ele uma divindade. Tudo quanto não compreendia devia ser obra de um poder sobrenatural, e disso a acreditar em tantas potências distintas quantos efeitos pudesse ver, não ia mais do que um passo, Mas em todos os tempos houve homens esclarecidos, que compreenderam a impossibilidade dessa multidão de poderes para governar o mundo sem uma direção superior, e que se elevaram ao pensamento de um Deus único.

668. Os fenômenos espíritas, sendo produzidos desde todos os tempos e conhecidos desde as primeiras eras do mundo, não podem ter contribuído para a crença na pluralidade dos deuses?

– Sem dúvida, porque aos homens, que chamavam deus a tudo o que era sobre-humano, os Espíritos pareciam deuses. E também por isso, quando um homem se distinguia entre os demais pelas suas ações, pelo seu gênio ou por um poder oculto que o vulgo não podia compreender, faziam dele um deus e lhe rendiam culto após a morte. (Ver item 603).

A palavra Deus tinha entre os antigos uma aceção muito extensa; não era, como em nossos dias, uma designação do Senhor da Natureza, mas uma qualificação genérica de todos os seres não pertencentes às condições humanas. Ora, tendo as manifestações espíritas lhes revelado a existência de seres incorpóreos que agem como forças da Natureza, eles os chamaram deuses, como nós os chamamos Espíritos. Uma simples questão de palavras. Com a diferença de que, em sua ignorância, entretida deliberadamente pelos que tinham interesse em mantê-la, elevaram templos e altares lucrativos a esses seres, enquanto para nós eles não passam de criaturas nossas semelhantes, mais ou menos perfeitas, despojadas de seu envoltório terreno. Se estudarmos com atenção os diversos atributos das divindades pagãs, reconheceremos sem dificuldade todos os que caracterizam os nossos Espíritos, em todos os graus da escala espírita: seu estado físico nos mundos superiores, todas as propriedades do perispírito e o papel que exercem no tocante às coisas terrenas.

O Cristianismo, vindo aclarar o mundo com a sua luz divina, não podia destruir uma coisa que está na própria Natureza, mas fez que a adoração se voltasse para Aquele a que realmente pertence. Quanto aos Espíritos, sua lembrança se perpetuou sob diversos nomes, segundo os povos, e suas manifestações, que jamais cessaram, foram diversamente interpretadas e freqüentemente exploradas sob o domínio do mistério. Enquanto a religião as considerava como fenômenos miraculosos, os incrédulos as tornaram por charlatanice. Hoje, graças a estudos mais sérios, feitos a plena luz, o Espiritismo, liberto das idéias supersticiosas que o obscureceram através dos séculos, nos revela um dos maiores e mais sublimes princípios da Natureza.

VI – SACRIFÍCIOS

669. A prática dos sacrifícios humanos remonta à mais alta Antigüidade. Como foi o homem levado a crer que semelhantes coisas pudessem agradar a Deus?

– Primeiro, porque não compreendia Deus como sendo a fonte da bondade. Entre os povos primitivos, a matéria sobrepõe-se ao espírito; eles se entregam aos instintos animais e por isso são geralmente cruéis, pois o senso moral ainda não se encontra desenvolvido. Depois, os homens primitivos deviam crer naturalmente que uma criatura animada teria muito mais valor aos olhos de Deus do que um corpo material. Foi isso que os levou a imolar primeiramente animais e mais tarde criaturas humanas, pois, segundo sua falsa crença, pensavam que o valor do sacrifício estava em relação com a importância da vítima. Na vida material, como geralmente a levais, se ofereceis um presente a alguém, escolheis sempre o de um valor tanto maior, quanto mais amizade e consideração quereis testemunhar à pessoa. O mesmo deviam fazer os homens ignorantes, com relação a Deus.

669-a. Assim, os sacrifícios de animais teriam precedido os humanos?

– Não há dúvida quanto a isso.

669-b. Segundo esta explicação, os sacrifícios humanos não se originaram de um sentimento de crueldade?

– Não, mas de uma falsa concepção do que seria agradável a Deus. Vede Abraão. Com o tempo, os homens passaram a cometer abusos, imolando os inimigos, até mesmo os inimigos pessoais. De resto, Deus jamais exigiu sacrifícios, nem de animais, nem de homens. Ele não pode ser honrado com a destruição inútil de sua própria criatura.

670. Poderiam os sacrifícios humanos, realizados com intenção piedosa, ter algumas vezes agradado a Deus?

– Não, jamais; mas Deus julga a intenção. Os homens, sendo ignorantes, podiam crer que praticavam ato louvável ao imolar um de seus semelhantes. Nesse caso, Deus atentaria para o pensamento e não para o fato. Os homens, ao progredirem, deviam reconhecer o erro e reprovar esses sacrifícios, que não mais seriam admissíveis para espíritos esclarecidos; e digo esclarecidos, porque os Espíritos estavam então envolvidos pelo véu material. Mas, pelo livre arbítrio, poderiam ter uma percepção de sua origem e sua finalidade. Muitos já compreendiam por intuição o mal que faziam, e só o praticavam para satisfazer suas paixões.

671. Que devemos pensar das chamadas guerras santas? O sentimento que leva os povos fanáticos a exterminar o mais possível os que não partilham de suas crenças, com o fim de agradar a Deus, não teria a mesma origem dos que antigamente provocaram os sacrifícios humanos?

– Esses povos são impulsionados pelos maus Espíritos. Fazendo a guerra aos seus semelhantes, vão contra Deus, que manda o homem amar o próximo como a si mesmo. Todas as religiões, ou antes, todos os povos adoram um mesmo Deus, quer sob este ou aquele nome. Como promover uma guerra de exter-

mínio, porque a religião de um é diferente ou não atingiu ainda o progresso religioso dos povos esclarecidos? Os povos são escusáveis por não crerem na palavra daquele que estava animado pelo Espírito de Deus e fora enviado por Ele, sobretudo quando não o viram e não testemunharam os seus atos: e como quereis que eles creiam nessa palavra de paz, quando os procurais de espada em punho? Eles devem esclarecer-se, e devemos procurar fazê-los conhecer a sua doutrina pela persuasão e a doçura, e não pela força e o sangue. A maioria de vós não acredita nas nossas comunicações com certos mortais; por que quereis então que os estranhos acreditem nas vossas palavras, quando os vossos atos desmentem a doutrina que pregais?

672. A oferenda dos frutos da terra teria mais mérito aos olhos de Deus que o sacrifício dos animais?

– Já vos respondi ao dizer que Deus julgaria a intenção, e que o fato em si teria pouca importância para Ele. Seria evidentemente mais agradável a Deus a oferenda de frutos da terra que a do sangue das vítimas. Como vos dissemos e repetimos sempre, a prece dita do fundo do coração é cem vezes mais agradável a Deus que todas as oferendas que lhe pudésseis fazer. Repito que a intenção é tudo, e o fato, nada.

673. Não haveria um meio de tornar essas oferendas mais agradáveis a Deus, consagrando-as ao amparo dos que não têm sequer o necessário? E, nesse caso, o sacrifício dos animais, realizado com uma finalidade útil, não seria mais meritório que o sacrifício abusivo que não servia para nada ou não aproveitaria senão aos que de nada precisavam? Não haveria algo de realmente piedoso em se consagrar aos pobres as primícias dos bens da terra que Deus nos concede?

– Deus abençoa sempre os que praticam o bem; amparar os pobres e os aflitos é o melhor meio de homenageá-lo. Já vos disse, por isso mesmo, que Deus desaprova as cerimônias que fazeis para as vossas preces, pois há muito dinheiro que poderia ser empregado mais utilmente. O homem que se prende à exterioridade e não ao coração é um espírito de vista estreita; julgai se Deus deve importar-se mais com a forma do que com o fundo.

*

CAPÍTULO II

PENAS E GOZOS FUTUROS

I – O NADA. A VIDA FUTURA

958. Por que o homem repele instintivamente o nada?

– Porque o nada não existe.

959. De onde vem para o homem o sentimento instintivo da vida futura?

– Já o dissemos: antes da encarnação o Espírito conhece todas essas coisas, e a alma guarda uma vaga lembrança do que sabe e do que viu no estado espiritual. (Ver item 393).

Em todos os tempos o homem se preocupou com o futuro de além túmulo, o que é muito natural. Qualquer que seja a importância dada à vida presente, ele não pode deixar de considerar quanto é curta e sobretudo precária, pois pode ser interrompida a cada instante e jamais ele se acha seguro do dia de amanhã. Em que se tornará depois do instante fatal? A pergunta é grave, pois não se trata de alguns anos, mas da eternidade. Aquele que deve passar longos anos num país estrangeiro se preocupa com a situação em que se encontrará no mesmo. Como não nos preocuparmos com a que teremos ao deixar este mundo, desde que o será para sempre?

A idéia do nada tem algo que repugna à razão. O homem mais despreocupado nesta vida, chegando o momento supremo pergunta a si mesmo o que será feito dele e involuntariamente fica na expectativa. Crer em Deus sem admitir a vida futura seria um contra-senso. O sentimento de uma existência melhor está no foro íntimo de todos os homens e Deus não os pôs ali à toa.

A vida futura implica a conservação da nossa individualidade após a morte. Que nos importaria sobreviver ao corpo, se a nossa essência moral tivesse de perder-se no oceano do infinito? As conseqüências disso para nós seriam as mesmas do nada.

II – INTUIÇÃO DAS PENAS E DOS GOZOS FUTUROS

960. De onde procede a crença, que se encontra em todos os povos, nas penas e recompensas futuras?

– É sempre a mesma coisa: pressentimento da realidade, dado ao homem pelo seu Espírito. Porque, ficai sabendo, não é à toa que uma voz interior vos fala e vosso mal é não escutá-la sempre. Se pensásseis bem nisso, com a devida freqüência, vos tornaríeis melhores.

961. No momento da morte, qual o sentimento que domina a maioria dos homens: a dúvida, o medo ou a esperança?

– A dúvida para os cétricos endurecidos; o medo, para os culpados; a esperança para os homens de bem.

962. Por que há cétricos, desde que a alma traz para o homem o sentimento das coisas espirituais?

– São em menor número do que supondes. Muitos se fazem de espírito forte durante esta vida por orgulho, mas no momento da morte não se conservam tão fanfarrões.

A conseqüência da vida futura decorre da responsabilidade dos nossos atos. A razão e a justiça nos dizem que, na distribuição da felicidade a que todos os homens aspiram, os bons e os maus não poderiam ser confundidos. Deus não pode querer que uns gozem dos bens sem trabalho e outros só o alcancem com esforço e perseverança.

A idéia que Deus nos dá de sua justiça e de sua bondade, pela sabedoria de suas leis, não nos permite crer que o justo e o mau estejam aos seus olhos no mesmo plano, nem duvidar de que não recebam algum dia, um a recompensa e outro o castigo pelo bem e pelo mal que tiverem feito. É por isso que o sentimento inato da justiça nos dá a intuição das penas e das recompensas futuras.

III – INTERVENÇÃO DE DEUS NAS PENAS E RECOMPENSAS

963. Deus se ocupa pessoalmente de cada homem? Não é ele demasiadamente grande e nós muito pequenos, para que cada indivíduo em particular tenha aos seus olhos alguma importância?

– Deus se ocupa de todos os seres que criou, por menores que sejam; nada é demasiado pequeno para a sua bondade.

964. Deus tem a necessidade de se ocupar de cada um dos nossos atos, para nos recompensar ou punir? A maioria desses atos não são para Ele insignificantes?

– Deus tem as suas leis, que regulam todas as vossas ações. Se as violardes, a culpa é vossa. Sem dúvida, quando um homem comete um excesso, Deus não expende um julgamento contra ele, dizendo-lhe, por exemplo: tu és um glutton e eu te vou punir. Mas ele traçou um limite: as doenças e por vezes a morte são conseqüências dos excessos. Eis a punição: ela resulta da infração da lei. Assim se passa em tudo.

Todas as nossas ações são submetidas às leis de Deus; não há nenhuma delas, por mais insignificante que nos pareça, que não possa ser uma violação dessas leis. Se sofremos as conseqüências dessa violação, não nos devemos queixar senão de nós mesmos, que nos fazemos assim os artífices de nossa felicidade ou de nossa infelicidade futura.

Essa verdade se torna sensível pelo seguinte apólogo:

“Um pai dá ao filho a educação e a instrução, ou seja, os meios para saber conduzir-se. Cede-lhe um campo para cultivar e lhe diz: Eis a regra a seguir e todos os instrumentos necessários para tornar fértil o campo e assegurar a tua existência. Dei-te a instrução para compreenderes essa regra. Se a seguires, o campo produzirá bastante e te proporcionará o repouso na velhice; se não a seguires, nada produzirá e morrerás de fome. Dito isso, deixa-o agir à vontade”.

Não é verdade que o campo produzirá na razão dos cuidados que se dispensar à cultura e que toda negligência redundará em prejuízo da colheita? O filho será, portanto, na velhice, feliz ou infeliz, segundo tenha seguido ou negligenciado a regra traçada pelo pai. Deus é ainda mais providente, porque nos adverte a cada instante, se fazemos o bem ou o mal. Envia-nos Espíritos que nos inspiram, mas não os escutamos. Há ainda outra diferença e é que Deus dá ao homem um recurso, por meio das novas existências, para reparar os seus erros do passado, ao passo que o filho de que falamos não o terá, se empregar mal o seu tempo.

IV – NATUREZA DAS PENAS E DOS GOZOS FUTUROS

965. As penas e os gozos da alma após a morte têm alguma coisa de material?

– Não podem ser materiais, desde que a alma não é de matéria. O próprio bom senso o diz. Essas penas e esses gozos nada têm de carnal e por isso mesmo são mil vezes mais vivos do que os da Terra. O Espírito, uma vez desprendido, é mais impressionável: a matéria não mais lhe enfraquece as sensações. (Ver itens 237 a 257).

966. Por que o homem faz idéias tão grosseiras e absurdas das penas e dos gozos da vida futura?

– Inteligência ainda não suficientemente desenvolvida. A criança compreende da mesma maneira que o adulto? Aliás, isso depende também do que se tenha ensinado: é nesse ponto que há necessidade de uma reforma. Vossa linguagem é muito imperfeita para exprimir o que existe além do vosso alcance. Por isso foi necessário fazer comparações, sendo essas imagens e figuras tomadas como a própria realidade. Mas à medida que o homem se esclarece, seu pensamento compreende as coisas que a sua linguagem não pode traduzir.

967. Em que consiste a felicidade dos bons Espíritos?

– Em conhecer todas as coisas; não ter ódio, nem ciúme, nem inveja, nem ambição, nem qualquer das paixões que fazem a infelicidade dos homens. O amor que os une é para eles a fonte de uma suprema felicidade. Não experimentam nem as necessidades, nem os sofrimentos, nem as angústias da vida material. São felizes com o bem que fazem. De resto, a felicidade dos Espíritos é sempre proporcional à sua elevação. Somente os Espíritos puros gozam, na verdade, da felicidade suprema, mas nem por isso os demais são infelizes. Entre os maus e os perfeitos há uma infinidade de graus, nos quais os gozos são relativos ao estado moral. Os que são bastante adiantados compreendem a felicidade dos que avançaram mais que eles e a ela aspiram, mas isso é para eles motivo de emulação e não de inveja. Sabem que deles depende alcançá-la e trabalham com esse fito, mas com a calma da consciência pura. Sentem-se felizes de não ter de sofrer o que sofrem os maus.

968. Contais a ausência das necessidades materiais entre as condições de felicidade para os Espíritos. Mas a satisfação dessas mesmas necessidades não é para o homem uma fonte de gozos?

– Sim, de gozos animais. E quando não podes satisfazer essas necessidades, isso é uma tortura.

969. O que se deve entender quando se diz que os Espíritos puros estão reunidos no seio de Deus e ocupados em lhe cantar louvores?

– E uma alegoria para dar idéia da compreensão que eles têm das perfeições de Deus, pois o vêem e compreendem; mas, como tantas outras, não se deve tomá-la ao pé da letra. Tudo na Natureza, desde o grão de areia, canta, ou seja, proclama o poder, a sabedoria e a bondade de Deus. Mas não pensem que os Espíritos bem-aventurados estejam em contemplação na eternidade. Isso seria uma felicidade estúpida e monótona, e mais ainda, a felicidade do egoísta, pois a sua existência seria uma inutilidade sem fim. Eles não sofrem mais as tribulações da existência corpórea: isso já é um gozo; depois, como já dissemos, conhecem e sabem todas as coisas e empregam proveitosamente a inteligência adquirida, para auxiliar o progresso dos outros Espíritos: essa é a sua ocupação e ao mesmo tempo um gozo.

970. Em que consistem os sofrimentos dos Espíritos inferiores?

– São tão variados quanto as causas que os produzem, e proporcionais ao grau de inferioridade, como os gozos são proporcionais ao grau de superioridade. Podemos resumi-los assim: cobiçar tudo o que lhes falta para serem felizes, mas não poderem obtê-lo; ver a felicidade e não poder atingi-la; mágoa, ciúme, raiva, remorsos e uma ansiedade moral indefinível. Desejam todos os gozos e não podem satisfazê-los. É isso o que os tortura.

971. A influência que os Espíritos exercem uns sobre os outros é sempre boa?

– Sempre boa de parte dos bons Espíritos, é claro. Mas os Espíritos perversos procuram desviar do caminho do bem e do arrependimento os que consideram suscetíveis de ser arrastados, e que muitas vezes levaram para o mal durante a vida terrena.

971-a. Então a morte não nos livra da tentação?

– Não; mas a ação dos maus Espíritos é muito menor sobre outros Espíritos do que sobre os homens, pois aqueles não estão sujeitos às paixões materiais. (Ver item 996).

972. Como procedem os maus Espíritos para tentar os outros Espíritos, se não dispõem do auxílio das paixões?

– Se as paixões não existem materialmente, existem, entretanto, no pensamento dos Espíritos atrasados. Os maus entretêm esses pensamentos, arrastando suas vítimas aos lugares onde deparam com essas paixões e com tudo o que as possa excitar.

972-a. Mas para que servem essas paixões, se lhes falta o objeto real?

– Assim é precisamente para o seu suplício: o avarento vê o ouro que não pode possuir; o devasso, as orgias de que não pode participar; o orgulhoso, as honras que inveja e de que não pode gozar.

973. Quais são os maiores sofrimentos que os maus Espíritos podem suportar?

– Não há descrição possível das torturas morais que constituem a punição de certos crimes. Os próprios Espíritos que as sofrem teriam dificuldades em vos dar uma idéia. Mas seguramente a mais horrível é o pensamento de serem condenados para sempre.

O homem tem das penas e dos gozos da alma após a morte uma idéia mais ou menos elevada, segundo o estado de sua inteligência. Quanto mais ele se desenvolve, mais essa idéia se depura e se desprende da matéria; compreende as coisas de maneira mais racional e deixa de tomar ao pé da letra as imagens de uma linguagem figurada. A razão mais esclarecida nos ensina que a alma é um ser inteiramente espiritual e por isso mesmo não pode ser afetada pelas impressões que não agem fora da matéria. Mas disso não se segue que esteja livre de sofrimentos, nem que não seja punida pelas suas faltas. (Ver item 237).

As comunicações espíritas têm por fim mostrar-nos o estado futuro da alma, não mais como uma teoria mas como uma realidade. Colocam sob os nossos olhos as vicissitudes da vida de além-túmulo, mas ao mesmo tempo nos as apresentam como conseqüências perfeitamente lógicas da vida terrena. E embora destituídas do aparato fantástico criado pela imaginação dos homens, nem por isso são menos penosas para os que fizeram mau uso de suas faculdades. A diversidade dessas conseqüências é infinita, mas pode-se dizer de maneira geral: cada um é punido naquilo em que pecou. Assim é que uns o são pela incessante visão do mal que fizeram; outros pelos remorsos, pelo medo, pela vergonha, a dúvida, o isolamento, as trevas, a separação dos seres que lhes são caros, etc.

974. De onde procede a doutrina do fogo eterno?

– Imagem, como tantas outras, tomada como realidade.

974-a. Mas esse temor não pode ter um bom resultado?

– Vede se ela refreia aqueles que a ensinam. Se ensinais coisas que a razão rejeitará mais tarde, produzireis uma impressão que não será durável nem salutar.

O homem, incapaz de traduzir na sua linguagem a natureza desses sofrimentos, não encontrou para ela comparação mais enérgica que a do fogo, pois este é para ele o tipo do suplício mais cruel e o símbolo da ação mais enérgica. É por isso que a crença no fogo eterno remonta à mais alta antiguidade e os povos modernos a herdaram dos antigos. É ainda por isso que, na sua linguagem figurada, ele diz: o fogo das paixões, queimar de amor, de ciúmes, etc.

975. Os Espíritos inferiores compreendem a felicidade do justo?

– Sim, e é isso o que os tortura, pois compreendem que estão privados dela por sua própria culpa. É por isso que o Espírito liberto da matéria aspira a uma nova existência corpórea, pois poderá abreviar, **se for bem empregada**, a duração desse suplício. É então que ele escolhe as provas que poderão expiar suas culpas. Porque, ficai sabendo, o Espírito sofre por todo o mal que fez ou do

qual foi causador involuntário, por todo o bem que, tendo podido fazer, não o fez, e **por todo o mal que resultar do bem que deixou de fazer**. O Espírito errante não está mais envolvido pelo véu da matéria: **é como se tivesse saído** de um nevoeiro e vê o que o distancia da felicidade; então sofre ainda mais, porque compreende quanto é culpado. Para ele não existe **mais a ilusão**: vê a realidade das coisas.

O Espírito na erraticidade abrange na sua visão: de um lado, todas as suas existências passadas, e do outro, o futuro prometido, compreendendo o que lhe falta para atingi-lo. Como um viajante que chegou ao cume de uma montanha vê a rota percorrida e o que falta para chegar ao destino.

976. Ver os Espíritos que sofrem não é para os bons uma causa de aflição, e nesse caso, em que se transforma a sua felicidade assim perturbada?

– Isso não é uma aflição, pois eles sabem que o mal terá um fim e ajudam os outros no seu aperfeiçoamento, estendendo-lhes a mão: essa é a sua ocupação e um gozo quando obtém êxito.

976-a. Concebe-se isso de parte dos Espíritos estranhos ou indiferentes, mas a visão das dores e dos sofrimentos dos que lhes foram caros na Terra não lhes perturba a felicidade?

– Se eles não vissem esses sofrimentos, seriam estranhos após a morte. Ora, a religião vos diz que as almas vos vêem mas consideram as vossas aflições de outro ponto de vista, pois sabem que os vossos sofrimentos são úteis para o vosso adiantamento, desde que os suporteis com resignação. Eles se afligem mais com a falta de coragem que vos atrasa do que com os sofrimentos que sabem ser passageiros.

977. Os Espíritos não podendo ocultar-se reciprocamente os pensamentos e todos os atos da vida sendo conhecidos, segue-se que o culpado está sempre na presença da vítima?

– Isso não pode ser de outra maneira, diz o bom senso.

977-a. Essa revelação de todos os atos repreensíveis e a presença constante das vítimas serão um castigo para o culpado?

– Maior do que se pensa, mas somente até que ele tenha expiado suas culpas, seja como Espírito, seja como homem em novas existências corpóreas.

Quando estivermos no mundo dos Espíritos, todo o nosso passado estando descoberto, o bem e o mal que tivermos feito serão igualmente conhecidos. Em vão aquele que fez o mal tentará escapar à visão de suas vítimas: sua presença inevitável será para ele um castigo e um remorso incessante, até que tenha expiado os seus erros. O homem de bem, pelo contrário, só encontrará por toda parte olhares amigos e benevolentes.

Para o mau, não há maior tormento na Terra do que a presença de suas vítimas. É por isso que ele sempre as evita. Que será dele quando, dissipada a ilusão das paixões compreender o mal que praticou, vendo os seus atos mais secretos revelados, sua hipocrisia desmascarada, e sem poder afastá-los da sua

vista? Enquanto a alma do homem perverso é presa da vergonha, do pesar e do remorso, a do justo goza de perfeita serenidade.

978. A recordação das faltas que a alma tenha cometido quando ainda imperfeita não perturba a sua felicidade, mesmo depois que ela se depurou?

– Não, porque ela resgatou as suas faltas e saiu vitoriosa das provas a que se submeteu **com esse fim**.

979. As provas que ainda terá de sofrer para terminar a sua purificação não são uma preocupação penosa, que perturba a sua felicidade?

– Para a alma que ainda permanece maculada, sim. É por isso que ela não pode gozar de uma felicidade perfeita, senão quando estiver inteiramente pura. Mas para aquela que já se elevou, o pensamento das provas por que ainda tem de passar nada tem de penoso.

A alma que chegou a um certo grau de pureza goza a felicidade; um sentimento de doce satisfação a envolve: sente-se feliz com tudo o que vê e que a rodeia; o véu se eleva, para ela, descobrindo os mistérios e as maravilhas da Criação e as perfeições divinas se mostram em todo o seu esplendor.

980. O laço de simpatia que une os Espíritos da mesma ordem é para eles um motivo de felicidade?

– A união dos Espíritos que simpatizam pelo bem é para eles um dos maiores gozos, porque não temem ver essa união perturbada pelo egoísmo. Eles formam, no mundo inteiramente espiritual, as famílias do mesmo sentimento. É nisso que consiste a felicidade espiritual, como em teu mundo os homens se agrupam em categorias e gozam de um certo prazer quando se reúnem. A afeição pura e sincera que provam e de que são objeto é um motivo de felicidade, pois lá não há falsos amigos nem hipócritas.

O homem goza as primícias dessa felicidade, sobre a Terra, quando encontra almas com as quais pode confundir-se numa união pura e santa. Numa vida mais depurada esse prazer será inefável e sem limites, porque ele só encontrará almas simpáticas, que o egoísmo não tornou indiferentes. Pois tudo é amor na Natureza; o egoísmo é que o aniquila.

981. Há diferença, para o estado futuro do Espírito, entre aquele que temia a morte e aquele que a via com indiferença e até mesmo com alegria?

– A diferença pode ser grande; entretanto, ela em geral se apaga ante as causas que produzem esse medo ou esse desejo. Quem a teme ou quem a deseja pode ser impulsionado por sentimentos muito diversos, e são esses sentimentos que vão influir no estado futuro do Espírito. É evidente, por exemplo que aquele que deseja a morte unicamente por ver na mesma o fim das tribulações, de certa maneira se queixa das provas que deve sofrer.

982. É necessário fazer profissão de fé no Espiritismo e crer nas manifestações, para assegurar nossa sorte na vida futura?

– Se assim fosse, todos os que não crêem ou que não puderam esclarecer-se seriam deserdados, o que é absurdo. É o bem que assegura a sorte no futuro;

ora, o bem é sempre o bem, qualquer que seja a via que a ele conduz. (Ver itens 165-799).

A crença no Espiritismo ajuda o homem a melhorar-se ao fixar-lhe as idéias sobre determinados pontos do futuro; ela apressa o adiantamento dos indivíduos e das massas porque permite considerarmos o que seremos um dia: é, pois, um ponto de apoio, uma luz que nos guia. O Espiritismo ensina a suportar as provas com paciência e resignação, desvia o homem da prática dos atos que podem retardar-lhe a felicidade futura, e é assim que contribui para a sua felicidade. Mas nunca se disse que sem ele não se possa atingi-la.

V – PENAS TEMPORAIS

983. O Espírito que expia as suas culpas numa nova existência passa apenas por sofrimentos materiais. Assim não será exato dizer que após a morte a alma só tem sofrimentos morais?

– É bem verdade que, reencarnada, a alma encontra nas tribulações da vida o seu sofrimento; mas apenas o corpo sofre materialmente. Dizeis em geral que o morto já não sofre mais, mas isso nem sempre é verdade. Como Espírito, não sofre mais as dores físicas, mas segundo as faltas que tenha cometido pode ter dores morais mais cruciantes, e numa nova existência pode ser ainda mais infeliz. O mau rico passará a esmolar, e estará submetido a todas as privações da miséria; o orgulhoso, a todas as humilhações; aquele que abusa de sua autoridade e trata os seus subordinados com desprezo e dureza será forçado a obedecer a um senhor mais duro do que ele tenha sido. Todas as penas e tribulações da vida são expiações de faltas de outra existência, quando não se trata de conseqüências das faltas da existência atual. Ao sairdes daqui compreenderéis bem. (Ver itens 273, 393 e 399). O homem que se crê feliz na Terra porque pode satisfazer suas paixões é o que faz menos esforços para se melhorar. Em geral ele começa a expiar essa felicidade efêmera na própria vida que leva, mas certamente a expiará numa outra existência tão material como essa.

984. As vicissitudes da vida são sempre a punição das faltas atuais?

– Não. Já o dissemos: são provas impostas por Deus, ou escolhidas por vós mesmos quando no estado de Espírito e antes da vossa reencarnação, para expiar as faltas cometidas numa outra existência. Porque jamais a infração das leis de Deus, e sobretudo da lei da justiça fica impune; se a punição não é feita nesta vida, será necessariamente em outra. É por isso que aquele que é justo aos vossos olhos vê-se freqüentemente atingido pelo seu passado. (Ver item 393).

985. A reencarnação da alma num mundo menos grosseiro é uma recompensa?

– É a conseqüência de sua purificação. Porque à medida que os Espíritos se purificam vão se encarnando em mundos mais e mais perfeitos, até que se tenham despojado de toda matéria e lavado de todas as manchas, para gozarem eternamente da felicidade dos Espíritos puros, no seio de Deus.

Nos mundos em que a existência é menos material do que neste, as necessidades são menos grosseiras e todos os sofrimentos físicos são menos vivos. Os homens não mais conhecem as más paixões que, nos mundos inferiores, os fa-

zem inimigos uns dos outros. Não tendo nenhum motivo de ódio ou de ciúme, vivem em paz porque praticam a lei de justiça, amor e caridade. Não conhecem os aborrecimentos e os cuidados que nascem da inveja, do orgulho e do egoísmo e que constituem o tormento de nossa existência terrena. (Ver itens 172-182).

986. O Espírito que progrediu na sua existência terrena pode às vezes reencarnar no mesmo mundo?

– Sim, se não pôde cumprir a sua missão e ele mesmo pedir para completá-la numa nova existência. Mas isso não será mais para ele uma expiação. (Ver item 173).

987. O que acontece com o homem que sem praticar o mal nada fez para se libertar da influência da matéria?

– Desde que não deu nenhum passo na direção da perfeição, deve recommençar uma existência semelhante à que deixou. Fica estacionário e é assim que pode prolongar os sofrimentos de sua expiação.

988. Há pessoas para as quais a vida flui numa serenidade perfeita; que, não tendo necessidade de fazer qualquer coisa para si mesmas, estão livres de cuidados. Essa existência feliz é uma prova de que nada têm a expiar de uma existência anterior?

– Conheces muitas assim? Se o acreditas, enganas-te. Em geral essa serenidade não é mais do que aparente. Podem ter escolhido essa existência, mas, quando a deixam, percebem que ela não os ajudou a progredir: então, como os preguiçosos, lamentam o tempo perdido. Sabei que o Espírito não pode adquirir conhecimentos e se elevar senão através da atividade; se ele adormece na despreocupação, não se adianta. É semelhante àquele que, de acordo com os vossos costumes, tem necessidade de trabalhar e vai passear ou dormir para nada fazer. **Sabei também que cada qual terá de prestar contas da inatividade voluntária durante a sua existência; essa inutilidade é sempre fatal à felicidade futura.** A soma da felicidade futura está na razão da soma do bem que se tiver feito; a da desgraça, na razão do mal e dos infelizes que se tenham feito.

989. Há pessoas que, sem serem positivamente más, tornam infelizes, em virtude de seu caráter, todos os que as rodeiam. Qual para elas a consequência disso?

– Essas pessoas seguramente não são boas e expiarão pela visão daqueles que se tornaram infelizes, cuja presença constituirá para elas uma exprobação. Depois, numa outra existência, sofrerão aquilo que fizeram sofrer.

VI – EXPIAÇÃO E ARREPENDIMENTO

990. O arrependimento se verifica no estado corpóreo ou no estado espiritual?

– No estado espiritual. Mas pode também verificar-se no estado corpóreo, quando bem compreendeis a distinção entre o bem e o mal.

991. Qual é a consequência do arrependimento no estado espiritual?

– O desejo de uma nova encarnação para se purificar. O Espírito compreende as imperfeições que o impedem de ser feliz e aspira a uma nova existência, onde possa expiar as suas faltas. (Ver 332-975).

992. Qual é a conseqüência do arrependimento no estado corpóreo?

– Adiantar-se **ainda na vida presente** se houver tempo para a reparação das faltas. Quando a consciência reprova e mostra uma imperfeição, sempre se pode melhorar.

993. Não há homens que só possuem o instinto do mal, sendo inacessíveis ao arrependimento?

– Já te disse que se deve progredir sem cessar. Aquele que nesta vida só possui o instinto do mal, numa outra terá o do bem, e é para isso que ele renasce muitas vezes, pois é necessário que todos avancem e atinjam o alvo, uns com mais rapidez e outros de maneira mais demorada, segundo os seus desejos. Aquele que só tem o instinto do bem já está purificado porque pode ter tido o do mal numa existência anterior. (Ver item 894).

994. O homem perverso, que durante a vida não reconheceu suas faltas, sempre as reconhecerá depois da morte?

– Sim, sempre as reconhece e então sofre mais **porque sente todo o mal que praticou** ou do qual foi a causa voluntária. Entretanto, o arrependimento nem sempre é imediato. Há Espíritos que se obstinam no mau caminho apesar dos sofrimentos, mas cedo ou tarde reconhecerão haver tomado uma senda falsa e o arrependimento se manifestará. É para os esclarecer que os bons Espíritos trabalham e que vós mesmos podeis trabalhar.

995. Há Espíritos que, sem serem maus, sejam indiferentes à própria sorte?

– Há Espíritos que não se ocupam de nada útil: estão na expectativa. Mas sofrem de acordo com a situação e como em tudo deve haver progresso, este se manifesta pela dor.

995-a. Não têm eles o desejo de abreviar seus sofrimentos?

– Sem dúvida o têm, mas não dispõem de bastante energia para querer o que os poderia aliviar. Quantas pessoas entre vós preferem morrer na miséria a trabalhar?

996. Desde que os Espíritos vêem o mal que resulta de suas imperfeições, como se explica que alguns agravem a sua posição e prolonguem o seu estado de inferioridade praticando o mal como Espíritos e desviando os homens do bom caminho?

– São os de arrependimento tardio que agem assim. O Espírito que se arrepende pode se deixar novamente arrastar ao caminho do mal por outros Espíritos ainda mais atrasados. (Ver item 791).

997. Vêm-se Espíritos de notória inferioridade que são acessíveis aos bons sentimentos e às preces feitas em seu favor. Como se explica que outros Espíritos, que nos pareceriam mais esclarecidos, revelem um endurecimento e um cinismo a toda prova?

– A prece só tem efeito em favor do Espírito que se arrepende. Aquele que, impulsionado pelo orgulho, se revolta contra Deus e persiste nos seus erros, exagerando-os ainda, como o fazem infelizes Espíritos, nada pode receber da prece e nada receberá até o dia em que uma luz de arrependimento o esclareça. (Ver item 664).

Não se deve esquecer que após a morte do corpo o Espírito não é subitamente transformado. Se sua vida foi repreensível é que ele era imperfeito. Ora, a morte não o torna imediatamente perfeito. Ele pode persistir nos seus erros, nas suas falsas opiniões, em seus preconceitos até que seja esclarecido pelo estudo, pela reflexão e pelo sofrimento.

998. A expiação se realiza no estado corpóreo ou no estado de Espírito?

– Ela se cumpre na existência corpórea, através das provas a que o Espírito é submetido, e na vida espiritual pelos sofrimentos morais decorrentes do seu estado de inferioridade.

999. O arrependimento sincero durante a vida é suficiente para extinguir as faltas e fazer que se mereça a graça de Deus?

– O arrependimento auxilia a melhora do Espírito, mas o passado deve ser expiado.

999-a. Se de acordo com isso um criminoso dissesse que, tendo de expiar o seu passado, não precisa se arrepender, quais seriam para ele as conseqüências?

– Se teimar no pensamento do mal sua expiação será mais longa e mais penosa.

1.000. Podemos nós, já nesta vida, resgatar as nossas faltas?

– Sim, reparando-as. Mas não julgueis resgatá-las por algumas privações pueris ou por meio de doações de após morte, quando de nada mais necessitais. Deus não considera um arrependimento estéril, sempre fácil e que só custa o trabalho de bater no peito. A perda de um dedo, quando se presta um serviço, apaga maior número de faltas do que o cilício suportado durante anos, sem outro objetivo que o bem de si mesmo. (Ver item 726). O mal não é reparado senão pelo bem, e a reparação não tem mérito algum, se não atingir o homem **no seu orgulho ou nos seus interesses materiais**. De que serve restituir após a morte, como justificação, os bens mal adquiridos, que foram desfrutados em vida e já não lhes servem para nada? De que lhe serve a privação de alguns gozos fúteis e de algumas superfluidades, se o mal que fez a outrem continua o mesmo? De que lhe serve, enfim, humilhar-se diante de Deus, se conserva o seu orgulho diante dos homens? (Ver itens 720-721).

1.001. Não há nenhum mérito em se assegurar, após a morte, um emprego útil para os bens que deixamos?

– Nenhum mérito não é bem o termo; isso vale sempre mais do que nada; mas o mal é que aquele que dá ao morrer, geralmente é mais egoísta do que generoso: quer ter as honras do bem sem lhe haver provado as penas. Aquele que se priva em vida tem duplo proveito: o mérito do sacrifício e o prazer de ver fe-

lizes os que beneficiou. Mas há sempre o egoísmo a dizer ao homem: o que dás, tiras dos teus próprios gozos. E como o egoísmo fala mais alto que o desinteresse e a caridade, ele guarda em vez de dar, sob o pretexto das suas necessidades e das exigências da sua posição. Ah! lastimai aquele que desconhece o prazer de dar, porque foi realmente deserdado de um dos mais puros e suaves gozos do homem. Deus, submetendo-o à prova da fortuna, tão escorregadia e perigosa para o seu futuro, quis dar-lhe em compensação a ventura da generosidade, de que ele pode gozar neste mundo. (Ver item 814).

1.002. O que deve fazer aquele que em artigo de morte reconhece as suas faltas mas não tem tempo para repará-las? É suficiente arrepender-se, nesse caso?

– O arrependimento apressa a sua reabilitação, mas não o absolve. Não tem ele o futuro pela frente, que jamais se lhe fecha?

VII – DURAÇÃO DAS PENAS FUTURAS

1.003. A duração dos sofrimentos do culpado na vida futura é arbitrária ou subordinada a alguma lei?

– Deus nunca age de maneira caprichosa e tudo no Universo é regido por leis que revelam a sua sabedoria e a sua bondade.

1.004. O que determina a duração dos sofrimentos do culpado?

– O tempo necessário ao seu melhoramento. O estado de sofrimento e de felicidade sendo proporcionais ao grau de pureza do Espírito, a duração e a natureza dos seus sofrimento dependem do tempo que ele precisa para se melhorar. A medida que ele progride e que os seus sentimentos se depuram, seus sofrimentos diminuem e se modificam. – **São Luís.**

1.005. Para o Espírito sofredor o tempo parece tão longo ou mais curto do que quando estava encarnado?

– Parece mais longo: o sono não existe para ele. Só para os Espíritos que atingiram um certo grau de purificação o tempo se apaga, por assim dizer, em face do infinito. (Ver item 240).

1.006. A duração dos sofrimentos do Espírito pode ser eterna?

– Sem dúvida, se ele fosse eternamente mau, ou seja, se jamais tivesse de se arrepender nem de se melhorar. Então sofreria eternamente. Mas Deus não criou seres eternamente voltados ao mal. Criou-os apenas simples e ignorantes, e todos devem progredir num tempo mais ou menos longo, de acordo com a própria vontade. Esta pode ser mais ou menos retardada, assim como há crianças mais ou menos precoce, mas cedo ou tarde ela se manifesta por uma irresistível necessidade que o Espírito sente de sair da sua inferioridade e ser feliz. A lei que rege a duração das penas é portanto eminentemente sábia e benevolente, pois subordina essa duração aos esforços do Espírito, jamais lhe tirando o livre arbítrio: se dele fez mau uso, sofrerá as conseqüências disso. – **São Luís.**

1.007. Há Espíritos que jamais se arrependem?

– Há Espíritos cujo arrependimento é tardio, mas pretender que jamais se melhora seria negar a lei do progresso e dizer que a criança não pode tornar-se adulto. – **São Luís**.

1.008. A duração das penas depende sempre da vontade do Espírito, não existindo as que lhe são impostas por um tempo determinado?

– Sim, há penas que lhe podem ser impostas por determinado tempo, mas Deus, que não deseja senão o bem de suas criaturas, aceita sempre o arrependimento, e o desejo de se melhorar nunca é estéril. – **São Luís**.

1.009. Segundo isso, as penas impostas jamais seriam eternas?

– Consultai o vosso bom senso, a vossa razão e perguntai se uma condenação perpétua, em consequência de alguns momentos de erro, não seria a negação da bondade de Deus. Que é, com efeito, a duração da vida, mesmo que fosse de cem anos, em relação à eternidade? Eternidade! Compreendeis bem essa palavra? Sofrimento, torturas sem fim e sem esperança, apenas por algumas faltas! Não repugna ao vosso próprio critério semelhante pensamento? Que os antigos tivessem visto contradição em se lhe atribuir a bondade infinita e a vingança compreende-se; na sua ignorância emprestaram à divindade as paixões dos homens. Mas não é esse o Deus dos cristãos, que coloca o amor, a caridade, a misericórdia, o esquecimento das ofensas no plano das primeiras virtudes: poderia ele mesmo não ter as qualidades que exige como um dever? Não há contradição em se lhe atribuir a bondade infinita e a vingança infinita? Dizeis que antes de tudo ele é justo e que o homem não compreende a sua justiça. Mas a justiça não exclui a bondade e Deus não seria bom se destinasse às penas horríveis e perpétuas a maioria de suas criaturas. Poderia fazer da justiça uma obrigação para os seus filhos, se não lhes desse os meios de compreender? Aliás, não é sublime a justiça unida à bondade, que faz a duração das penas depender dos esforços do culpado para se melhorar? Nisto se encontra a verdade do preceito: “A cada um segundo as suas obras”. – **Santo Agostinho**.

- Empenhai-vos por todos os meios ao vosso alcance no combate para aniquilar a idéia da eternidade das penas, pensamento blasfemo da justiça e da bondade de Deus, a mais fecunda fonte da incredulidade, do materialismo e da indiferença que invadiram as massas, desde que a sua inteligência começou a se desenvolver. O Espírito prestes a se esclarecer ou ainda em vias de o fazer, bem logo compreendeu a monstruosa injustiça. Sua razão a repele e então raramente deixa de confundir numa mesma condenação a pena que o revolta e o Deus a que é atribuída. Disso decorrem os males sem conta que recaíram sobre vós, e para os quais vimos trazer o remédio. A tarefa que vos assinalamos será tanto mais fácil quanto as autoridades em que se apóiam os defensores dessa crença evitaram de se pronunciar de modo formal. Nem os Concílios, nem os Pais da Igreja decidiram de maneira absoluta essa grave questão. Se, de acordo com os próprios evangelistas, tomando-se ao pé da letra as suas palavras alegóricas o Cristo ameaçou os culpados com um fogo que não se extingue, com um fogo eterno, entretanto nada existe nessas palavras que prove tê-los condenado **eternamente**. Pobres ovelhas desgarradas, sabeis ver que o Bom Pastor se aproxima de vós e que longe de querer banir-vos para sempre da sua presença vem ao vosso encontro, para vos reconduzir ao redil. Filhos pródigos, deixai o vosso exílio

voluntário. Voltai para a morada paterna: o pai vos abre os braços e está sempre pronto para festejar o vosso retorno à família. – **Lamennais**.

- Guerras de palavras! Guerras de palavras! Não tendes feito verter bastante sangue? Será ainda necessário reacender as fogueiras? Discutem-se as expressões: eternidade das penas, eternidade dos castigos. Não sabeis então que aquilo que hoje entendeis por eternidade os antigos não o entendiam da mesma maneira? Que o teólogo consulte as fontes e como todos vós descobrirá que o texto hebraico não dava à palavra o mesmo sentido que os gregos, os latinos e os modernos traduziram por **penas sem fim, irremissíveis**. (Teólogos católicos e protestantes confirmam hoje essa previsão. Leia-se Giovanni Papini; **O Diabo**, ou Haraldur Niels-son, **O Espiritismo e a Igreja**. Veja-se nota anterior sobre Teilhard de Chardin. N. do T.). A eternidade dos castigos corresponde à eternidade do mal. Sim, enquanto existir o mal entre os homens subsistirão os castigos; é em sentido relativo que se devem interpretar os textos sagrados. A eternidade das penas é portanto relativa e não absoluta. Dia virá em que todos os homens se revestirão, pelo arrependimento, da roupagem da inocência, e nesse dia não haverá mais gemidos nem ranger de dentes. Vossa razão humana é limitada, isto é verdade, mas, tal qual é, representa um presente de Deus e com a ajuda da razão não haverá um só homem de boa-fé que compreenda de outra maneira a eternidade dos castigos. A eternidade dos castigos! Como! Teríamos então de admitir que o mal fosse eterno. Mas só Deus é eterno e não poderia ter criado o mal eterno, pois se assim não fosse teríamos de destituí-lo do mais belo dos seus atributos: o soberano poder, porque deixa de ser soberanamente poderoso o que pode criar um elemento destruidor de suas próprias obras. Humanidade, Humanidade! Não mergulhes mais o teu sombrio olhar nas profundezas da Terra, buscando os castigos. Chora, espera, expia e refugia-se no pensamento de um Deus infinitamente bom, absolutamente poderoso e essencialmente justo. – **Platão**.

- Gravitar para a unidade divina, esse é o objetivo da Humanidade. Para atingi-la, três coisas lhe são necessárias: a justiça, o amor e a ciência; três coisas lhe são opostas e contrárias: a ignorância, o ódio e a injustiça. (Este trecho da comunicação de Paulo lembra as tríades druídicas sobre as quais há interessante estudo de Kardec na Revue Spirite, publicado em separata no folheto Espiritismo: antiguidade, evolução e propagação, do Clube dos jornalistas Espíritas de S. Paulo. Veja-se ainda o livro de Leon Denis: *Le Genie Celtique et le Monde Invisible*, edição Jean Meyer. Paris, 1927. N. do T.). Pois bem: em verdade vos digo que mentis a esses princípios fundamentais ao comprometer a idéia de Deus com o exagero de sua severidade, e duplamente a comprometeis, deixando penetrar no Espírito da criatura o pensamento de que ela possui mais clemência, mansuetude, amor e verdadeira justiça do que costumais atribuir ao Ser Infinito. Destruí mesmo a idéia de Inferno, tornando-a ridícula e inadmissível às vossas crenças, como o é para os vossos corações o horrendo espetáculo das execuções, das fogueiras e das torturas da Idade Média. Mas como? É quando a era das represálias cegas já foi superada pelas legislações humanas, que esperais mantê-la numa forma ideal? Oh! Crede-me, crede-me irmãos em Deus e em Jesus Cristo, crede-me ou resignai-vos a deixar perecer nas vossas mãos todos os vossos dogmas, para não permitir a sua alteração, ou então vivificai-os, abrindo-os aos benéficos eflúvios que os bons Espíritos derramam neste momento sobre eles. A idéia do Inferno com suas fornalhas ardentes, com suas caldeiras ferventes pode ser tolerada ou admissível num século mitológico; mas

no século dezenove não passa de vão fantasma que serve apenas para amedrontar as criancinhas e no qual estas mesmas já não acreditam, quando se tornam um pouco maiores. Persistindo nessa mitologia apavorante, engendrais a incredulidade, origem de toda a desorganização social: eis por que tremo ao ver toda uma ordem social abalada e a ruir sobre as próprias bases, por falta de sanção penal. Homens de fé ardente e viva, vanguardeiros do dia da luz, ao trabalho, pois! Não para manter velhas fábulas atualmente desacreditadas, mas para reavivar e re-vitalizar a verdadeira sanção penal sob formas que correspondam aos vossos costumes, aos vossos sentimentos e às luzes da vossa época.

Quem é, com efeito, o culpado? É aquele que por um extravio, por um falso impulso da alma se afasta do objetivo da Criação, que consiste no culto harmonioso do belo e do bem idealizados pelo arquétipo humano, pelo homem-deus, por Jesus Cristo.

Qual é o castigo? E a conseqüência natural decorrente desse falso impulso; uma quantidade de dores necessárias para fazê-la aborrecer da sua deformação, pela prova do sofrimento. O castigo é o aguilhão que excita a alma pela amargura a voltar-se para si mesma, a retornar ao caminho da salvação. O objetivo do castigo não é outro senão a reabilitação. Querer que o castigo seja eterno, por uma falta que não é eterna, é negar-lhe toda a razão de ser.

Oh! Em verdade vos digo, cessai, cessai de pôr em paralelo, na eternidade, o Bem, essência do Criador, com o Mal, essência da criatura: isso seria criar uma penalidade injustificável. Afirmar, ao contrário, o abrandamento gradual dos castigos e das penas pelas transmigrações e consagrareis, pela razão ligada ao sentimento, a unidade divina. – **Paulo, o apóstolo.**

Deseja-se incitar o homem ao bem e desviá-lo do mal pelo engodo das recompensas e o temor dos castigos, mas se esses castigos são apresentados de maneira que a razão repele não terão sobre ele nenhuma influência. Longe disso, ele rejeitará tudo: a forma e o fundo. Que se lhe apresente, pelo contrário, o futuro de uma forma lógica e ele não o recusará. O Espiritismo lhe dá essa explicação.

A doutrina da eternidade das penas, no seu sentido absoluto, faz do Ser Supremo um Deus implacável. Seria lógico dizer-se que um soberano é muito bom, muito benevolente, muito indulgente, que não deseja senão a felicidade dos que o rodeiam, mas que ao mesmo tempo é invejoso, vingativo, de um rigor inflexível e que pune com o suplício máximo três quartas partes de seus súditos por uma ofensa ou uma infração às suas leis, ainda mesmo aqueles que faliram por não as conhecer? Não seria isso uma contradição? Pois bem: Deus pode ser menos do que o seria um homem?

Outra contradição se apresenta neste caso. Desde que Deus tudo sabe, sabia então, ao criar uma alma, que ela teria de falir. Ela estava desde a formação destinada à infelicidade eterna: isto é possível, é racional? Com a doutrina das penas relativas tudo se justifica. Deus sabia, sem dúvida, que ela teria de falir, mas lhe dá os meios de se esclarecer por sua própria experiência e pelas suas próprias faltas. É necessário que ela expie os seus erros para melhor se firmar no bem, mas a porta da esperança jamais lhe será fechada e Deus fez depender o momento da sua libertação dos esforços que ela fizer para o atingir.

Eis o que todos podem compreender, o que a lógica mais meticulosa pode admitir. Se as penas futuras tivessem sido apresentadas dessa maneira, haveria muito menos cétricos.

A palavra eterna é quase sempre empregada na linguagem comum em sentido figurado, para designar uma coisa de longa duração e da qual não se prevê o termo, embora se saiba muito bem que esse termo existe. Dizemos, por exemplo, os gelos eternos das altas montanhas, dos pólos, embora saibamos, de um lado, que o mundo físico pode ter um fim, e de outra parte, que o estado dessas regiões pode modificar-se pelo deslocamento normal do eixo da Terra ou por um cataclismo. A palavra eterno, neste caso, não quer dizer duração infinita. Quando sofremos uma longa doença dizemos que o nosso mal é eterno. Que há, pois, para admirar, se os Espíritos que sofrem desde muitos anos, desde séculos, e até mesmo de milhares de anos, também digam assim? Não nos esqueçamos, sobretudo, de que a sua inferioridade não lhes permite ver o termo da rota e eles crêem sofrer para sempre, o que é uma punição.

De resto, a doutrina do fogo material, das fomalhas e das torturas emprestadas ao Tártaro do paganismo está hoje completamente abandonada pela alta Teologia. Apenas nas escolas esses apavorantes quadros alegóricos são ainda apresentados coma verdades positivas, por alguns homens mais zelosos do que esclarecidos. E isso muito erroneamente, pois as imaginações jovens, uma vez passado o terror, poderão aumentar o número dos incrédulos. A Teologia reconhece hoje que a palavra fogo é empregada em sentido figurado, devendo ser entendida como fogo moral. (Ver item 974). Os que, como nós, acompanharam as peripécias da vida e dos sofrimentos do além-túmulo através das comunicações espíritas, puderam convencer-se de que, por não terem nada de material, elas não são menos pungentes. (Ver, na Revista Espírita, as Palestras Familiares de Além Túmulo.N. do T.). A respeito mesmo da sua duração, alguns teólogos começam a admiti-las no sentido restritivo que indicamos acima e pensam que, de fato, a palavra eterno pode referir-se às penas em si mesmas, como conseqüências de uma lei imutável e não na sua aplicação a cada indivíduo. No dia em que a religião admitir essa interpretação, bem como outras que são igualmente a conseqüência do progresso das luzes, reconduzirá ao seu seio muitas ovelhas desgarradas. (As modificações teológicas em curso na atualidade confirmam estas previsões. Vejam-se os resultados do Concílio Vaticano II e a revolução provocada na Igreja pela obra de Teilhard de Chardin. N. do T.).

VIII- RESSUREIÇÃO DA CARNE

1.010. O dogma da ressurreição da carne é a consagração da reencarnação ensinada pelos Espíritos?

– Como quereis que seja de outro modo? Dá-se com essa expressão o que se dá com tantas outras, que só parecem desarrazoadas aos olhos de certas pessoas que a tomam ao pé da letra e por isso são levadas à incredulidade. Dai-lhe, porém, uma interpretação lógica e essas a que chamais livres-pensadores a admitirão sem dificuldades, precisamente porque raciocinam. Não vos enganais, esses livres-pensadores nada mais procuram do que crer; eles têm, como os outros, mais talvez do que os outros, ansiedade pelo futuro, mas não podem admitir o que é absurdo para a Ciência. A doutrina da pluralidade das existências se

conforma à justiça de Deus, somente ela pode explicar o que sem ela é inexplicável. Como quereríeis que esse princípio não estivesse na religião?

1.010-a. Então a Igreja, pelo dogma da ressurreição da carne, ensina a doutrina da reencarnação?

– Isso é evidente. Essa doutrina é a conseqüência de muitas coisas que passaram despercebidas e que não se tardará a compreender nesse sentido; dentro em pouco se reconhecerá que o Espiritismo ressalta a cada passo do próprio texto das Escrituras Sagradas. Os Espíritos não vêm, portanto, subverter a religião, como pretendem alguns, mas vêm, pelo contrário, confirmá-la, sancioná-la através de provas irrecusáveis. E como é chegado o tempo de substituir a linguagem figurada, falam sem alegorias, dando às coisas um sentido claro e preciso que não possa ser objeto de nenhuma falsa interpretação. Eis porque dentro de algum tempo tereis mais pessoas sinceramente religiosas e crentes do que as tendes hoje. – **São Luís** (Estas respostas de São Luiz confirmam a natureza religiosa do Espiritismo, ressaltada por Kardec no item VIII da Conclusão, em que a Doutrina é apresentada como desenvolvimento histórico do Cristianismo. Estranham alguns que o Espírito use o título de santo, mas é evidente que o usa como meio de identificação. Aliás, como ensina Kardec, os títulos terrenos nada representam para os Espíritos superiores, podendo ser usados por eles quando se fizer necessário, como neste caso. N. do T.)

A Ciência demonstra a impossibilidade da ressurreição segundo a idéia vulgar. Se os despojos do corpo humano permanecessem homogêneos, embora dispersados e reduzidos a pó, ainda se conceberia a sua reunião em determinado tempo; mas as coisas não se passam assim. O corpo é formado por elementos diversos; oxigênio, hidrogênio, azoto, carbono, etc. Pela decomposição, esses elementos se dispersam, mas vão servir à formação de novos corpos, e isso de tal maneira que a mesma molécula, por exemplo, de carbono, entrará na composição de muitos milhares de corpos diferentes (não falamos senão dos corpos humanos, sem contar os dos animais). Dessa maneira um indivíduo pode ter em seu corpo moléculas que pertenceram aos homens dos primeiros tempos. E essas mesmas moléculas orgânicas que absorveis nos vossos alimentos provêm talvez do corpo de um indivíduo que conhecestes, e assim por diante. Sendo a matéria de quantidade definida e suas transformações em número indefinido, como poderia cada um desses corpos reconstituir-se com os seus mesmos elementos? Há nisso uma impossibilidade material. Não se pode portanto racionalmente admitir a ressurreição da carne, senão como uma figura simbolizando o fenômeno da reencarnação. E então nada há que choque a razão, nada que esteja em contradição com os dados da Ciência.

É verdade que segundo o dogma essa ressurreição não deve ocorrer senão no fim dos tempos, enquanto segundo a doutrina espírita ocorre todos os dias. Mas não há também nesse quadro do julgamento final uma grande e bela figura que oculta, sob o véu da alegoria, uma dessas verdades imutáveis que os céticos não rejeitarão quando forem reconduzidas à verdadeira significação? Que se medite bem a teoria espírita sobre o futuro das almas e sobre a sua sorte, em conseqüência das diferentes provas que devem sofrer, e se verá que, com exceção da simultaneidade, o julgamento em que são condenadas ou absolvidas não é uma ficção, como pensam os incrédulos. Consideremos ainda que ela é o corolário natural da pluralidade dos mundos, hoje perfeitamente admitida, en-

quanto, segundo a doutrina do julgamento final, a Terra é considerada como o único mundo habitado. (A pluralidade dos mundos habitados era admitida como possibilidade, no tempo de Kardec, como o é hoje, embora a Ciência não a admita como verdade comprovada. Flammarion publicou uma grande obra a respeito, traduzida para o português: A Pluralidade dos Mundos Habitados, e no prefácio de O Desconhecido e os Problemas Psíquicos declara, com a sua autoridade de astrônomo: “A imortalidade através das esferas siderais parece-me o complemento lógico da Astronomia.” – Os astrônomos atuais procuram obter provas a respeito. N. do T.)

A localização absoluta dos lugares de penas e de recompensas só existe na imaginação dos homens. Provém da sua tendência de materializar e circunscrever as coisas cuja natureza infinita não podem compreender.

IX – PARAÍSO, INFERNO, PURGATÓRIO.

PARAÍSO PERDIDO.

1.011. Um lugar circunscrito no Universo está destinado às penas e aos gozos dos Espíritos, segundo os seus méritos?

– Já respondemos a essa pergunta. As penas e os gozos são inerentes ao grau de perfeição do Espírito. Cada um traz em si mesmo o princípio de sua própria felicidade ou infelicidade. E como eles estão por toda parte, nenhum lugar circunscrito ou fechado se destina a uns ou a outros. Quanto aos Espíritos encarnados, são mais ou menos felizes ou infelizes segundo a grau de evolução do mundo que habitam.

1011-a. De acordo com isso o Inferno e o Paraíso não existiriam como os homens os representam?

– Não são mais do que figuras: os Espíritos felizes ou infelizes estão por toda a parte. Entretanto, como já o dissemos também, os Espíritos da mesma ordem se reúnem por simpatia. Mas podem reunir-se onde quiserem, quando perfeitos.

1.012. O que se deve entender por **Purgatório**?

– Dores físicas e morais: é o tempo da expiação. É quase sempre na Terra que fazeis o vosso purgatório e que Deus vos faz expiar as vossas faltas.

Aquilo que o homem chama Purgatório é também uma figura pela qual se deve entender, não algum lugar determinado, mas o estado dos Espíritos imperfeitos que estão em expiação até a purificação completa que deve elevá-los ao plano dos Espíritos felizes. Operando-se a purificação nas encarnações, o purgatório consiste nas provas da vida corpórea.

1.013. Como se explica que Espíritos que revelam superioridade por sua linguagem tenham respondido, a pessoas bastante sérias, a respeito do Inferno e do Purgatório, de acordo com as idéias vulgarmente admitidas?

– Eles falam uma linguagem que possa ser compreendida pelas pessoas que os interrogam. Quando essas pessoas estão muito imbuídas de certas idéias eles não querem chocá-las muito rudemente, para não ferir as suas convicções. Se um Espírito fosse dizer, sem precauções oratórias, a um muçulmano, que Maomé não era um profeta, seria muito mal recebido.

1.013-a. Concebe-se isso de parte dos Espíritos que desejam instruir-nos. Mas como se explica que Espíritos interrogados sobre a sua situação tenham respondido que sofriam as torturas do Inferno ou do Purgatório?

– Quando eles são inferiores e não estão completamente desmaterializados conservam uma parte de suas idéias terrenas e traduzem as suas impressões pelos termos que lhes são familiares. Encontram-se num meio que não lhes permite sondar o futuro senão de maneira deficiente. Essa é a causa por que em geral os Espíritos errantes, ou recentemente libertados, falam como teriam feito se estivessem na vida carnal. **Inferno** pode traduzir-se por uma vida de provas extremamente penosas, com a incerteza de melhora; **Purgatório** por uma vida também de provas, mas com a consciência de um futuro melhor. Quando sofres uma grande dor não dizes que **sofres** como um danado? Não são mais que palavras, sempre em sentido figurado.

1.014. O que se deve entender por alma penada?

– Uma alma errante e sofredora, incerta do seu futuro, à qual podeis proporcionar um alívio que freqüentemente ela solicita ao vir comunicar-se convosco. (Ver item 664).

1.015. Em que sentido se deve entender a palavra Céu?

– Crês que seja um lugar como os Campos Elíseos dos antigos, onde todos os bons Espíritos estão aglomerados e confundidos, sem outra preocupação que a de gozar na eternidade uma felicidade passiva? Não. É o espaço universal; são os planetas, as estrelas e todos os mundos superiores em que os Espíritos gozam de todas as suas faculdades, sem as tribulações da vida material nem as angústias inerentes à inferioridade.

1.016. Disseram alguns Espíritos habitar o quarto, o quinto céu, etc.; o que entendiam por isso?

– Vós lhes perguntais que céu habitam, porque tendes a idéia de muitos céus sobrepostos como os andares de uma casa: então eles respondem de acordo com a vossa linguagem. Mas para eles as palavras "quarto, quinto céu" exprimem diferentes graus de purificação e por conseguinte de felicidade. É exatamente como quando se pergunta a um Espírito se ele está no Inferno. Se for infeliz dirá que sim porque para ele **Inferno** é sinônimo de sofrimento; mas ele sabe muito bem que não se trata de uma fornalha. Um pagão vos responderia que estava no **Tártaro**.

Acontece o mesmo com outras expressões análogas, tais como as de cidade das flores, cidade dos eleitos, segunda ou terceira esfera, etc., que não são mais do que alegorias empregadas por certos Espíritos, seja como figuras, seja por ignorância da realidade das coisas e mesmo das mais simples noções científicas.

Segundo a idéia restrita que outrora se fazia dos lugares de penas e de recompensas, e sobretudo de acordo com a opinião de que a Terra era o centro do Universo, que o Céu formava uma abóbada na qual havia uma região de estrelas, colocava-se o Céu no alto e o Inferno embaixo. Daí as expressões: subir ao Céu, estar no mais alto dos céus, ser precipitado no inferno. Hoje, que a Ci-

ência demonstrou que a Terra não é mais que um dos menores mundos entre tantos milhões de outros, e sem importância especial; que traçou a história da sua formação e descreveu a sua constituição, provando que o espaço é infinito, de maneira que não há nem alto nem baixo no Universo, faz-se necessário renunciar a colocar o Céu acima das nuvens e o Inferno nos lugares baixos. Quanto ao Purgatório, nenhum lugar lhe havia sido marcado. Estava reservado ao Espiritismo dar sobre todas essas coisas a mais racional explicação, a mais grandiosa e ao mesmo tempo a mais consoladora para a Humanidade. Assim, podemos dizer que trazemos em nós mesmos o nosso inferno e o nosso paraíso e que encontramos o nosso purgatório em nossa encarnação, em nossas vidas corpóreas ou físicas.

1.017. Em que sentido se devem entender as palavras do Cristo: “Meu reino não é deste mundo?”

– O Cristo respondeu em sentido figurado. Queria dizer que não reina senão sobre os corações puros e desinteressados. Ele está em todos os lugares em que domine o amor do bem, mas os homens ávidos das coisas deste mundo e ligados aos bens da Terra não estão com ele.

1.018. O reino do bem poderá um dia realizar-se na Terra?

– O bem reinará na Terra quando entre os Espíritos que a vêm habitar os bons superarem os maus. Então eles farão reinar o amor e a justiça, que são a fonte do bem e da felicidade. É pelo progresso moral e pela prática das leis de Deus que o homem atrairá para a Terra os bons Espíritos e afastará os maus. Mas os maus só a deixarão quando o homem tenha banido daqui o orgulho e o egoísmo.

A transformação da Humanidade foi predita e chegais a esse momento em que todos os homens progressistas estão se apressando. Ela se realizará pela encarnação de Espíritos melhores que constituirão sobre a Terra uma nova geração. Então os Espíritos dos maus, que a morte ceifa diariamente, e todos os que tentem deter a marcha das coisas serão excluídos, porque estariam deslocados entre os homens de bem, cuja felicidade perturbariam. Irão para mundos novos, menos adiantados, cumprir missões penosas, nas quais poderão trabalhar pelo seu próprio adiantamento ao mesmo tempo que trabalharão para o adiantamento de seus irmãos ainda mais atrasados. Não vedes nessa exclusão da Terra transformada a sublime figura do Paraíso Perdido? E no homem que veio à Terra em condições semelhantes, trazendo em si os genes de suas paixões e os traços de sua inferioridade primitiva, a figura não menos sublime do pecado original? Considerado dessa maneira o pecado original se refere à natureza ainda imperfeita do homem que só é responsável por si mesmo e por suas próprias faltas, e não pelas dos seus pais.

Vós todos, homens de fé e de boa vontade, trabalhai portanto com zelo e com coragem na grande obra da regeneração, porque colhereis centuplicado o grão que tiverdes semeado, infelizes dos que fecham os olhos à luz, pois prepararam para si mesmos longos séculos de trevas e de decepções. Infelizes dos que colocam todas as suas alegrias nos bens deste mundo, porque sofrerão mais privações que os gozos que tenham tido. Infelizes sobretudo dos egoístas, porque não encontrarão ninguém para os ajudar a carregar o fardo das suas misérias.

SÃO LUÍS.

*

CÓDIGO DE DIREITO NATURAL ESPÍRITA

José Fleurí Queiroz

CAPÍTULO VIII

LEI DE ADORAÇÃO

I – FINALIDADE DA ADORAÇÃO (O Livro dos Espíritos, itens 649 a 652)

Artigo 123 – A adoração é a elevação do pensamento a Deus. Pela adoração o homem aproxima de Deus a sua alma. É um sentimento inato, como o da Divindade. A consciência de sua fraqueza leva o homem a se curvar diante d’Aquele que o pode proteger. Jamais houve povos ateus. Todos compreendem que há, acima deles, um Ser Supremo.

123.1 – Como Adorar a Deus? – Explanação de Rodolfo Calligaris no livro já referido, págs. 46-49:

Em todas as épocas, todos os povos praticaram, a seu modo, atos de adoração a um Ente Supremo, o que demonstra ser a idéia de Deus inata e universal. Com efeito, jamais houve quem não reconhecesse intimamente sua fraqueza, e a conseqüente necessidade de recorrer a Alguém, todo-poderoso, buscando-Lhe o arrimo, o conforto e a proteção, nos transes mais difíceis desta tão atribulada existência terrena. Tempos houve em que cada família, cada tribo, cada cidade e cada raça tinha os seus deuses particulares, em cujo louvor o fogo divino ardia constantemente na lareira ou nos altares dos templos que lhes eram dedicados. Retribuindo essas homenagens (assim se acreditava), os deuses tudo faziam pelos seus adoradores, chegando até a se postar à frente dos exércitos das comunas ou das nações a que pertenciam, ajudando-as em guerras defensivas ou de conquista. Em sua imensa ignorância, os homens sempre imaginaram que, tal qual os chefes tribais ou os reis imperadores que os dominavam aqui na Terra, também os deuses fossem sensíveis à manifestações do culto exterior, e daí a pomposidade das cerimônias e dos ritos com que os sagravam. Imaginavam-nos, por outro lado, ciosos de sua autenticidade ou de sua hegemonia e, vez por outra, adeptos de uma divindade entravam em conflito com os de outra, submetendo-a a provas, sendo então considerada vencedora aquela que conseguisse operar feito mais surpreendente. Sirva-nos de exemplo o episódio constante do III Livro dos Reis, cap. 18, v. 22 a 40. Ali se descreve o desafio proposto por Elias aos adoradores de Baal, para saber-se qual o deus verdadeiro. Colocadas as carnes de um boi sobre o altar dos holocaustos, disse Elias a seus antagonistas: “Invocai vós, primeiro, os nomes dos vossos deuses, e eu invocarei, depois, o nome do meu Senhor; e o deus que ouvir, mandando fogo, esse seja o Deus.” Diz o relato bíblico que por mais que os baalitas invocassem o seu deus, em altos brados e retalhando-se com canivetes e lancetas, segundo o seu costume, nada conseguiram. Chegada a vez do deus de Israel, este fez cair do céu um fogo terrível, que devorou não apenas a vítima e a lenha, mas até as próprias pedras do altar. Diante disso, auxiliado pelo povo, Elias agarrou os seguidores de Baal e, arrastando-os para a beira de um rio, ali os decapitou.

O Cristianismo e a Doutrina Espírita – O monoteísmo, depois de muito tempo, impôs-se, afinal, ao politeísmo, e seria de crer-se que, com esse progresso, compreendendo que o Deus adorado por todas as religiões é um só, os homens passassem, pelo menos, a respeitar-se mutuamente, visto as diferenças, agora, serem apenas quanto à forma de cultuar esse mesmo Deus. Não foi tal, porém, o que sucedeu. E os próprios “cristãos”, séculos pós séculos, contrastando frontalmente com os piedosos ensinamentos do Cristo, empolgados pelo fanatismo da pior espécie, não hesitaram em trucidar, a ferro e fogo, milhares e milhares de “hereges” e “infieis”, “para maior honra e glória de Deus!” – como se Aquele que é o Senhor da Vida pudesse sentir-se honrado e glorificado com tão nefandos assassinios... Atualmente, bastante enfraquecido, o sectarismo religioso começa a derruir, o que constitui prenúncio seguro de melhores dias, daqui para o futuro. Acreditamos, mesmo, que, graças à rápida aceitação que a Doutrina Espírita vem alcançando por toda a parte, muito breve haveremos de compreender que todos, sem exceção, somos de origem divina e integrantes de uma só e grande família. ‘E posto que Deus é Amor, não

há como adorá-Lo senão “amando-nos uns aos outros”, pois, como sabiamente nos ensina João, o apóstolo (I ep., 4:20), “se o homem não ama a seu irmão, que lhe está próximo, como pode amar a Deus, a quem não vê?”.

Lei Natural

Artigo 124 – A adoração faz parte da lei natural, porque é o resultado de um sentimento inato no homem; por isso a encontramos entre todos os povos, embora sob formas diferentes.

124.1 – Oração – Explicação do Espírito Emmanuel no livro “Pensamento e Vida”, Edit. FEB, RJ., 7^a. edição, 1983, psicografado por Francisco Cândido Xavier, págs. 119-122:

A oração é divino movimento do espelho de nossa alma no rumo da Esfera Superior, para refletir-lhe a grandeza. Reportamo-nos aqui ao apelo vivo do espírito às Potências Celestes, quer vestido na fórmula verbal, quer absolutamente sem ela, na silenciosa mensagem da vibração. Imaginemos a face de um espelho voltada para o Sol, desviando-lhe o fulgor na direção do abismo. Esta, na essência, é a função da prece, buscando o Amor Divino para concentrar-lhe a claridade sobre os vales da ignorância e do sofrimento, da miséria e do ódio, que ainda se estendem no mundo. Graduada, desde o mais simples desejo, a exteriorizar-se dos mais ínfimos seres, até à exaltação divina dos anjos, nada se faz na Terra sem o impulso da aspiração que orienta o passo de todas as criaturas...

No corpo ciclópico do Planeta, a oração é o movimento que o mantém na tela cósmica; no oceano, é o fenômeno da maré, pelo qual as águas aspiram ao grande equilíbrio. Na planta, é a chamada fototaxia ou anseio com que o vegetal se levanta para a luz, incorporando-lhe os princípios; no animal, é o instinto de curiosidade e indagação que lhe alicerçam as primeiras conquistas da inteligência, tanto quanto, no homem comum, é a concentração natural, antes de qualquer edificação no caminho humano. O professor planejando o ensinamento e o médico a ensimesmar-se no estudo para sanar determinada moléstia, o administrador programando a execução desse ou daquele serviço, e o engenheiro engolfado na confecção de uma planta para certa obra, estão usando os processos da oração, refletindo na própria mente os propósitos da educação e da ciência de curar, da legislação e do progresso, que fluem do plano invisível, à feição de imagens abstratas, antes de se revelarem substancialmente ao mundo. Orar é identificar-se com a maior fonte de poder de todo o Universo, absorvendo-lhe as reservas e retratando as leis da renovação permanente que governam os fundamentos da vida. A prece impulsiona as recônditas energias do coração, libertando-as com as imagens de nosso desejo, por intermédio da força viva e plasticizante do pensamento, imagens essas que, ascendendo às Esferas Superiores, tocam as inteligências visíveis ou invisíveis que nos rodeiam, pelas quais comumente recebemos as respostas do Plano Divino, porquanto o Pai Todo-Poderoso se manifesta igualmente pelos filhos que se fazem bons.

A vontade que ora, tange o coração que sente, produzindo reflexos iluminativos através dos quais o espírito recolhe em silêncio, sob a forma de inspiração e socorro íntimo, o influxo dos Mensageiros Divinos que lhe presidem o território evolutivo, a lhe renovarem a emoção e a idéia, com que se lhe aperfeiçoa a existência. Dispomos na oração do mais alto sistema de intercâmbio entre a Terra e o Céu. Pelo divino circuito da prece, a criatura pede o amparo do Criador e o Criador responde à criatura pelo princípio inelutável da reflexão espiritual, estendendo-lhe os Braços Eternos, a fim de que ela se erga dos vales da vida fragmentária para os cimos da Vida Vitoriosa.

124.2 – “Os Tempos do Consolador” – Explicação do Espírito Emmanuel no livro “Emmanuel”, já citado, págs. 142-144:

A permissão de Deus para que nos manifestássemos ostensivamente, entre os agrupamentos dos nossos irmãos encarnados, chegou, justamente, a seu tempo, quando o espírito humano despido das vestes da puberdade, com o juízo amadurecido para assimilar algo da Verdade, tateava entre vacilações e incertezas, estabelecidas pela investigação da Ciência, sem conseguir adaptar-se ao demasiado simbolismo das idéias religiosas, latentes na alma humana, desde

os tempos primevos dos trogloditas. Justamente na época requerida, consoante as profecias do Divino Mestre, derramou-se da sua luz sobre toda a carne, e os emissários do Alto, segundo as suas possibilidades e os méritos individuais, têm auxiliado a ascensão dos conhecimentos humanos para os planos elevados da espiritualidade.

A Concepção da Divindade – Desde as eras primárias da Civilização, a idéia de um poder superior, interferindo nas questões mundanas, vem guiando o homem através dos seus caminhos e a Religião sempre constituiu o maior fator da moral social, se bem que apresentasse a Divindade à semelhança do homem, em seus ensinamentos exotéricos. O Cristianismo, inaugurando um novo ciclo de progresso espiritual, renovou as concepções de Deus no seio das idéias religiosas; todavia, após a sua propagação, várias foram as interpretações escriturísticas, dando azo a que as facções sectaristas tentassem, isoladamente, ser as suas únicas representantes; a Igreja Católica e as numerosas seitas protestantes, nascidas do ambiente por ela formado, têm levado longe a luta religiosa, esquecidas de que a Providência Divina é Amor. Estabeleceram com a sua acanhada hermenêutica os dogmas de fé, nutrindo-se das fortunas iníquas a que se referem os Evangelhos, prejudicando os necessitados e os infelizes.

A Fé Ante A Ciência – Mas, como o progresso não conhece obstáculos, os artigos de fé equivaleram a ‘estagnações isoladas’. Se conseguiram satisfazer à Humanidade em um período mais ou menos remoto da sua evolução, caducaram desde que o laboratório obscureceu a sacristia. A Ciência desvendou ao espírito humano as perspectivas inconcebíveis do Infinito; o telescópio descortinou a grandeza do Universo e os novos conhecimentos cosmogônicos demandaram outra concepção do Criador. Desvendando, paulatinamente, as sublimes grandiosidades da natureza invisível, a Ciência embriagou-se com a beleza de tão lindos mistérios e estabeleceu o caminho positivo para encontrar Deus, como descobriu o mundo microbiano, ao preço de acuradas perquirições. É que a Divindade das religiões vigentes era defeituosa e deformada pelos atributos exclusivamente humanos; as Igrejas estavam acorrentadas ao dogmatismo e escravizadas aos interesses do mundo. A confusão estabeleceu-se. Foi quando o Espiritismo fez sentir mais claramente a grandeza do seu ensinamento, dirigindo-se não só ao coração, mas igualmente ao raciocínio. O céu descerrou um fragmento do seu mistério e a voz dos Espaços se fez ouvir.

Os Esclarecimentos do Espiritismo – Foi assim que a religião da verdade surgiu na Terra, no momento oportuno. As igrejas estagnadas encontravam-se no obsoleto, incapazes de sancionar as idéias novas, vivendo quase que exclusivamente das suas características de materialidade e do seu simbolismo, terminado o tempo de sua necessária influência no mundo. As conquistas científicas não se observa somente na face da Terra opaca e cheia de dores. Há céus inumeráveis e inumeráveis mundos onde a vida palpita numa eterna mocidade; todos eles se encadeiam, se abraçam dentro do magnetismo universal, vivificados pela luz, imagem real da Alma Divina, presente em toda parte. A carne é uma vestimenta temporária, organizada segundo a vibração espiritual, e essa mesma vibração esclarece todos os enigmas da matéria.

Nós Vivemos Eternamente – A Doutrina dos Espíritos, pois, veio desvendar ao homem o panorama da sua evolução e esclarecê-lo no problema das suas responsabilidades, porque a vida não é privilégio da Terra obscura, mas a manifestação do Criador em todos os recantos do Universo. Nós viveremos eternamente, através do Infinito, e o conhecimento da imortalidade expõe os nossos deveres de solidariedade para com todos os seres, em nosso caminho; por esta razão, a Doutrina Espiritista é uma síntese gloriosa de fraternidade e de amor. O seu grande objeto é esclarecer a inteligência humana. Oxalá possam os homens compreender a excelsitude do ensinamento dos Espíritos e aproveitar o fruto bendito das suas experiências; com o entendimento esclarecido, interpretarão com fidelidade o “Amai-vos uns aos outros”, em sua profunda significação. Os instrutores dos planos espirituais, em que nos achamos, regozijam-se com todos os triunfos da vossa ciência, porque toda conquista importa em grande e abençoado esforço e, pelo trabalho perseverante, o homem conhecerá todas as leis que lhe presidem ao destino.

124.3 – “Aliança da Ciência com a Religião” – Explicação de Allan Kardec em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap.I, item 8:

A Ciência e a Religião são as duas alavancas da inteligência humana. Uma revela as leis do mundo material, e a outra as leis do mundo moral. Mas ‘aquelas e estas leis, tendo o mesmo princípio, que é Deus’, não podem contradizer-se. Se umas forem a negação das outras, umas es-

tarão necessariamente erradas e as outras certas, porque Deus não pode querer destruir a sua própria obra. A incompatibilidade, que se acredita existir entre essas duas ordens de idéias, provém de uma falha de observação e do excesso de exclusivismo de uma e de outra parte. Disso resulta um conflito, que originou a incredulidade e a intolerância.

São chegados os tempos em que os ensinamentos do Cristo devem receber o seu complemento; em que o véu lançado intencionalmente sobre algumas partes dos ensinamentos deve ser levantado; em que a Ciência, deixando de ser exclusivamente materialista, deve levar em conta o elemento espiritual; e em que a Religião, deixando de desconhecer as leis orgânicas e imutáveis da matéria, essas duas forças, apoiando-se mutuamente e marchando juntas, sirvam uma de apoio para a outra. Então a Religião, não mais desmentida pela Ciência, adquirirá uma potência indestrutível, porque estará de acordo com a razão e não se lhe poderá opor a lógica irresistível dos fatos.

A Ciência e a Religião não puderam entender-se até agora, porque, encarando cada uma as coisas do seu ponto de vista exclusivo, repeliem-se mutuamente. Era necessária alguma coisa para preencher o espaço que as separava, um traço de união que as ligasse. Esse traço está no conhecimento das leis que regem o mundo espiritual e suas relações com o mundo corporal, leis tão imutáveis como as que regulam o movimento dos astros e a existência dos seres. Uma vez comprovadas, pela experiência, essas relações, uma nova luz se fez: a fé se dirigiu à razão, esta nada encontrou de ilógico na fé, e o materialismo foi vencido.

Mas nisto, como em tudo, há os que ficam retardados, até que sejam arrastados pelo movimento geral, que os esmagará, se quiserem resistir em vez de se entregarem. É toda uma revolução moral que se realiza neste momento, sob a ação dos Espíritos. Depois de elaborada, durante mais de dezoito séculos, ela chega ao momento de eclosão, e marcará uma nova era da Humanidade. São fáceis de prever as suas conseqüências: ela deve produzir inevitáveis modificações nas relações sociais, contra o que ninguém poderá opor-se, porque elas estão nos desígnios de Deus e são o resultado da lei do progresso, que é uma lei de Deus.

II – ADORAÇÃO EXTERIOR (itens 653 a 656)

Adoração exterior e conduta

Artigo 125 – A verdadeira adoração é a do coração. Em todas as vossas ações, pensai sempre que o Senhor vos observa. A adoração exterior é útil, se não for um fingimento. É sempre útil dar um bom exemplo; mas os que a fazem só por afetação e amor próprio, e cuja conduta desmente a sua aparente piedade, dão um exemplo antes mau do que bom, e fazem maior mal do que supõem.

Maneiras de adorar a Deus

Artigo 126 – Deus prefere os que o adoram do fundo do coração, com sinceridade, fazendo o bem e evitando o mal, aos que pensam honrá-lo por meio de cerimônias que não os tornam melhores para os seus semelhantes. Todos os homens são irmãos e filhos do mesmo Deus, que chama para Ele todos os que seguem as suas leis, qualquer que seja a forma pela qual se exprimam. Aquele que só tem a aparência da piedade é um hipócrita; aquele para quem a adoração é apenas um fingimento e está em contradição com a própria conduta, dá um mau exemplo.

Religião nos lábios e não no coração

Parágrafo único – Aquele que faz profissão da adoração ao Cristo e que é orgulhoso, invejoso e ciumento, que é duro e implacável com os outros ou ambiciosos dos bens mundanos, só têm a religião nos lábios e não no coração. Deus, que tudo vê, dirá: aquele que conhece a verdade é cem vezes mais culpável do mal que faz do que o selvagem ignorante e será tratado de maneira con-

seqüente no dia do juízo. Os cânticos não chegam a Deus senão pela porta do coração.

126.1 – “Eficácia da Prece” - Explicação de Allan Kardec no livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Ed. FEESP, Tradução de José Herculano Pires, Cap. XXVII, itens 5 a 8:

“Por isso vos digo: todas as coisas que vós pedirdes, orando, crede que as haveis de ter, e que assim vos sucederão. Marcos, XI: 24”.

Há pessoas que contestam a eficácia da prece, entendendo que, por conhecer Deus as nossas necessidades, é desnecessário expô-las a Ele. Acrescentam ainda que, tudo se encadeando no Universo através de leis eternas, nossos votos não podem modificar os desígnios de Deus. Há leis naturais e imutáveis, sem dúvida, que Deus não pode anular segundo os caprichos de cada um. Mas daí a acreditar que todas as circunstâncias da vida estejam submetidas à fatalidade, a distância é grande. Se assim fosse, o homem seria apenas um instrumento passivo, sem livre-arbítrio e sem iniciativa. Nessa hipótese, só lhe caberia curvar a frente ante os golpes do destino; sem procurar evitá-los; não deveria esquivar-se dos perigos. Deus não lhe deu o entendimento e a inteligência para que não os utilizasse, a vontade para não querer, a atividade para cair na inação. O homem sendo livre de agir, num ou noutro sentido, seus atos têm, para ele mesmo e para os outros, conseqüências subordinadas às suas decisões. Em virtude da sua iniciativa, há, portanto, acontecimentos que escapam, forçosamente, à fatalidade, e que nem por isso destroem a harmonia das leis universais, da mesma maneira que o avanço ou o atraso dos ponteiros de um relógio não destrói a lei do movimento, que regula o mecanismo do aparelho. Deus pode, pois, atender a certos pedidos sem derogar a imutabilidade das leis que regem o conjunto, dependendo sempre o atendimento da Sua vontade.

Seria ilógico concluir-se, desta máxima: “Aquilo que pedirdes pela prece vos será dado”, que basta pedir para obter, e injusto acusar a Providência se ela não atender a todos os pedidos que lhe fazem, porque ela sabe melhor do que nós o que nos convém. Assim procede o pai prudente, que recusa ao filho o que lhe seria prejudicial. O homem, geralmente, só vê o presente; mas, se o sofrimento é útil para a sua felicidade futura, Deus o deixará sofrer, como o cirurgião deixa o doente sofrer a operação que deve curá-lo. O que Deus lhe concederá, se pedir com confiança, é a coragem, a paciência e a resignação. E o que ainda lhe concederá são os meios de se livrar das dificuldades, com a ajuda das idéias que lhe serão sugeridas pelos Bons Espíritos, de maneira que lhe restará o mérito da ação. Deus assiste os que se ajudam a si mesmos, segundo a máxima: “Ajuda-te e o céu te ajudará”, e não os que tudo esperam do socorro alheio, sem usarem as próprias faculdades. Mas, na maioria das vezes, preferimos ser socorridos por um milagre, sem nada fazermos.

Tomemos um exemplo. Um homem está perdido num deserto; sofre horrivelmente de sede; sente-se desfalecer e deixa-se cair ao chão. Ora, pedindo a ajuda de Deus, espera; mas nenhum anjo vem lhe dar de beber. No entanto, um Bom Espírito lhe ‘sugere’ o pensamento de levantar-se e seguir determinada direção. Então, por um impulso instintivo, reúne suas forças, levanta-se e avança ao acaso. Chegando a uma elevação do terreno, descobre ao longe um regato, e, com isso, a coragem. Se tiver fê, exclamará: “Graças, meu Deus, pelo pensamento que me inspiraste e pela força que me deste.” Se não tiver fê, dirá: “Que boa idéia ‘tive eu’! Que ‘sorte eu tive’, de tomar o caminho da direita e não o da esquerda; o acaso, algumas vezes, nos ajuda de fato! Quanto me felicito pela ‘minha coragem’ e por não me haver deixado abater!”

Mas, perguntarão, por que o bom Espírito não lhe disse claramente: “Siga este caminho, e no fim encontrarás o que necessitas!” Por que não se mostrou a ele, para guiá-lo e sustentá-lo no seu abatimento? Dessa maneira o teria convencido da intervenção da Providência. Primeiramente, para lhe ensinar que é necessário ajudar-se a si mesmo e usar as próprias forças. Depois, porque, pela incerteza, Deus põe à prova a confiança e a submissão à sua vontade. Esse homem estava na situação da criança que, ao cair, vendo alguém, põe-se a gritar e espera que a levanten; mas, se não vê ninguém, esforça-se e levanta-se sozinha. Se o anjo que acompanhou a Tobias lhe houvesse dito: “Fui enviado por Deus para te guiar na viagem e te preservar de todo perigo”, Tobias não teria nenhum mérito. Foi por isso que o anjo só se deu a conhecer na volta.

III – VIDA CONTEMPLATIVA (Item 657)

Vida contemplativa e prática do bem

Artigo 127 – Os homens que se entregam à vida contemplativa, não fazendo nenhum mal e só pensando em Deus, não têm nenhum mérito aos seus olhos, pois se não fazem o mal, também não fazem o bem e são inúteis. Aliás, não fazer o bem já é um mal. Deus quer que se pense nele, mas não que se pense apenas nele, pois deu ao homem deveres a serem cumpridos na Terra. Aquele que se consome na meditação e na contemplação nada faz de meritório aos olhos de Deus, porque sua vida é toda pessoal e inútil para a Humanidade. Deus lhe pedirá contas do bem que não tenha feito: não é suficiente não se fazer o mal para ser agradável a Deus, é preciso fazer o bem no limite das próprias forças, pois cada um responderá por todo o mal que tiver ocorrido por causa do bem que deixou de fazer.

IV – DA PRECE (Itens 658 a 666)

A prece é agradável a Deus

Artigo 128 – A prece é sempre agradável a Deus, quando ditada pelo coração, porque a intenção é tudo para Ele. A prece do coração é preferível à que podes ler, por mais bela que seja, se a leres mais com os lábios do que com o pensamento. A prece é agradável a Deus quando é proferida com fé, com fervor e sinceridade. Não creias, pois, que Deus seja tocado pelo homem vão, orgulhoso e egoísta, a menos que a sua prece represente um ato de sincero arrependimento e de verdadeira humildade.

Caráter geral da prece

Artigo 129 – A prece é um ato de adoração. Fazer preces a Deus é pensar nele, aproximar-se dele, pôr-se em comunicação com Ele. Pela prece podemos fazer três coisas: louvar, pedir e agradecer.

A prece torna o homem melhor

Artigo 130 – A prece torna o homem melhor porque aquele que faz preces com fervor e confiança se torna mais forte contra as tentações do mal, e Deus lhe envia bons Espíritos para o assistir. É um socorro jamais recusado, quando o pedimos com sinceridade.

A prece que não torna o homem melhor

Parágrafo único – Certas pessoas que oram muito, apesar disso, continuam de muito mau caráter, ciumentas, invejosas, implicantes, carentes de benevolência e de indulgência e, até mesmo, viciosas, porque o essencial não é orar muito, mas orar bem. Essas pessoas julgam que todo o mérito está na extensão da prece e fecham os olhos para os seus próprios defeitos. A prece é para elas uma ocupação, um emprego do tempo, mas não um *estudo de si mesmas*. Não é o remédio que é ineficaz, neste caso, mas a maneira de aplicá-lo.

A prece, o perdão das faltas e as boas ações

Artigo 131 – Pode-se pedir eficazmente a Deus o perdão das faltas. Ele sabe discernir o bem e o mal: a prece não oculta as faltas. Aquele que pede a

Deus o perdão das faltas não o obtém se não mudar de conduta. As boas ações são a melhor prece, porque os atos valem mais do que as palavras.

Pode-se orar utilmente pelos outros

Artigo 132 – O Espírito daquele que ora está agindo pela vontade de fazer o bem. Pela prece, atrai a ele os bons Espíritos que se associam ao bem que deseja fazer.

132. 1 – “O poder do pensamento e da vontade” – Comentário de Kardec no item 662 de O Livro dos Espíritos.

Possuímos em nós mesmos, pelo pensamento e pela vontade, um poder de ação que se estende muito além dos limites de nossa esfera corpórea. A prece por outros é um ato dessa vontade. Se for ardente e sincera, pode chamar os bons Espíritos em auxílio daquele por quem pedimos, a fim de lhe sugerirem bons pensamentos e lhe darem a força necessária para o corpo e a alma. Mas, ainda nesse caso, a prece do coração é tudo e a dos lábios não é nada.

132.2 – Espiritismo – “Fé” – Respostas do Espírito Emmanuel constantes do já mencionado livro “O Consolador”, págs. 199-203:

Devemos reconhecer no Espiritismo o Cristianismo redivivo? – O Espiritismo evangélico é o Consolador prometido por Jesus, que, pela voz dos seres redimidos, espalham as luzes divinas por toda a Terra, restabelecendo a verdade e levantando o véu que cobre os ensinamentos na sua feição de Cristianismo redivivo, a fim de que os homens despertem para a era grandiosa da compreensão espiritual com o Cristo.

O Espiritismo veio ao mundo para substituir as outras crenças? – O Consolador, como Jesus, terá de afirmar igualmente: - “Eu não vim destruir a Lei.” O Espiritismo não pode guardar a pretensão de exterminar as outras crenças, parcelas da verdade que a sua doutrina representa, mas, sim, trabalhar por transformá-las, elevando-lhes as concepções antigas para o claro da verdade imortalista. A missão do Consolador tem que se verificar junto das almas e não ao lado das glórias efêmeras dos triunfos materiais. Esclarecendo o erro religioso, onde quer que se encontre, e revelando a verdadeira luz, pelos atos e pelos ensinamentos, o espiritista sincero, enriquecendo os valores da fé, representa o operário da regeneração do Templo do Senhor, onde os homens se agrupam em vários departamentos, ante altares diversos, mas onde existe um só Mestre, que é Jesus-Cristo.

Poder-se-á definir o que é ter fé? – Ter fé é guardar no coração a luminosa certeza em Deus, certeza que ultrapassou o âmbito da crença religiosa, fazendo o coração repousar numa energia constante de realização divina da personalidade. Conseguir a fé é alcançar a possibilidade de não mais dizer: “eu creio”, mas afirmar: “eu sei”, com todos os valores da razão tocados pela luz do sentimento. Essa fé não pode estagnar em nenhuma circunstância da vida e sabe trabalhar sempre, intensificando a amplitude de sua iluminação, pela dor ou pela responsabilidade, pelo esforço e pelo dever cumprido. Traduzindo a certeza na existência de Deus, ela exprime a confiança que sabe enfrentar todas as lutas e problemas, com a luz divina no coração, e significa a humildade redentora que edifica no íntimo do espírito a disposição sincera do discípulo, relativamente ao “faça-se no escravo a vontade do Senhor”.

Será fé acreditar sem raciocínio? – Acreditar é uma expressão de crença, dentro da qual os legítimos valores da fé se encontram embrionários. O ato de crer em alguma coisa demanda a necessidade do sentimento e do raciocínio, para que a alma edifique a fé em si mesma. Admitir as afirmativas mais estranhas, sem um exame minucioso, é caminhar para o desfiladeiro do absurdo, onde os fantasmas dogmáticos conduzem as criaturas a todos os despautérios. Mas também interferir nos problemas essenciais da vida, sem que a razão esteja iluminada pelo sentimento, é buscar o mesmo declive onde os fantasmas impiedosos da negação conduzem as almas a muitos crimes.

A dúvida raciocinada, no coração sincero, é uma base para a fé? – Toda dúvida que se manifesta na alma cheia de boa-vontade, que não se precipita em definições apriorísticas den-

tro de sua sinceridade, ou que não busca a malícia para contribuir em suas cogitações, é um elemento benéfico para a alma, na marcha da inteligência e do coração rumo à luz sublimada da fé.

É justa a preocupação dominante em muitos estudiosos do Espiritismo, pelas revelações do plano superior, a título de enriquecimento da fé? – Toda curiosidade sadia é natural. O homem, no entanto, deve compreender que a solução desses problemas lhe chegará naturalmente, depois de resolvida a sua situação de devedor ante os seus semelhantes, fazendo-se, então, credor das revelações divinas.

Para os Espíritos desencarnados, que já adquiriram muitos valores em matéria de fé, qual o melhor bem da vida humana? – A vida humana, nas suas características de trabalho pela redenção espiritual, apresenta muitos bens preciosos aos nossos olhos, na seqüência das lutas, esforços e sacrifícios de cada espírito. Para nós outros, porém, o tesouro maior da existência terrestre reside na consciência reta e pura, iluminada pela fé e edificada no cumprimento de todos os deveres mais elevados.

Nas cogitações da fé, o Espírito encarnado deve restringir suas divagações ao limite necessário às suas experiências na Terra? – Pelo menos, é justo que somente cogite das expressões transcendentais ao seu meio, depois de realizar todo o esforço de iluminação que o mundo lhe pode proporcionar nos seus processos de depuração e aperfeiçoamento.

Qual deve ser a ação do espiritista em face dos dogmas religiosos? – Os novos discípulos do Evangelho devem compreender que os dogmas passaram. E as religiões literalistas, que os construíram, sempre o fizeram simplesmente em obediência a disposições políticas, no governo das massas. Dentro das novas expressões evolutivas, porém, os espiritistas devem evitar as expressões dogmáticas, compreendendo que a Doutrina é progressiva, esquivando-se a qualquer pretensão de infalibilidade, em face da grandeza inultrapassável do Evangelho.

Na propaganda da fé, é justo que os espíritas ou os médiuns estejam preocupados em converter aos princípios da Doutrina os homens de posição destacada no mundo, como os juízes, os professores, os literatos, os políticos, etc.? – Os espiritistas cristãos devem pensar muito na iluminação de si mesmos, antes de qualquer prurido, no intuito de converter os outros. E, ao tratar-se dos homens destacados no convencionalismo terrestre, esse cuidado deve ser ainda maior, porquanto há no mundo um conceito soberano de “força” para todas as criaturas que se encontram nos embates espirituais para a obtenção dos títulos de progresso. Essa “força” viverá entre os homens até que as almas humanas se compenetrem da necessidade do reino de Jesus em seu coração, trabalhando por sua realização plena. Os homens do poder temporal, com exceções, muitas vezes aceitam somente os postulados que a “força” lhes proporciona, faz-se mister deixá-los em liberdade nas suas experiências. Dia virá em que brilharão na Terra os eternos direitos da verdade e do bem, anulando essa “força” transitória. Ainda aqui, tendes o exemplo do Divino Mestre que, trazendo ao orbe a maior mensagem de amor e vida para todos os tempos, não teve a preocupação de converter ao Evangelho os Pilatos e os Antipas do seu tempo. Além do mais, o Espiritismo, na sua feição de Cristianismo redivivo, não deve nutrir a pretensão de disputar um lugar no banquete dos Estados do mundo, quando sabe muito bem que a sua missão divina há de cumprir-se junto das almas, nos legítimos fundamentos do Reino de Jesus.

132.3 – “A Luz da Razão e o Poder da Fé” – Explicação de José Herculanopires em seu livro “O Homem Novo”, Edições Correio Fraternal, SP, 4ª edição, 1995, págs. 20/21:

O conceito religioso da Fé como graça especial, concedida por Deus aos crentes de uma determinada religião, pertence ao passado. Esse conceito equivale a uma interpretação profundamente injusta da Justiça Divina. A Fé é um dom, sem dúvida, mas a doação de Deus é sempre universal, nunca se processa na medida estreita dos homens. Deus é o Criador e nós somos as suas criaturas. Isso quer dizer que Deus é Pai e nós somos os Seus filhos. Como poderia o Pai Supremo, que é fonte de todo o amor, de toda a misericórdia, conceder apenas a alguns dos Seus filhos o dom fundamental da Fé, sem o qual o homem não poderia se elevar a Ele? O novo conceito da Fé, estabelecido pelo Espiritismo, coloca o problema em termos claros e precisos. A Fé, como dom natural, está presente no coração de todas as criaturas humanas. À semelhança do amor, que todos trazemos em gérmen dentro de nós, a Fé precisa germinar em nosso coração e ser cultivada por nós à luz da Razão. Assim, a Fé nos é dada como semente, mas temos de culti-

vá-la e desenvolvê-la. Nesse sentido, a Fé se torna uma conquista que temos de fazer na vida. Todas as nossas faculdades não devem também ser cultivadas? A Fé é uma faculdade da alma, do espírito, e cabe-nos desenvolvê-la em nós mesmos.

Fé e Razão se ligam como o Sol e a Terra. – A Razão é o sol espiritual que alumia o nosso entendimento, afugentando as trevas e o frio da ignorância e da superstição, para nos dar a luz da compreensão e o calor da vida. Um homem sem fé está morto em si mesmo, é o seu próprio sepulcro. Mas basta-lhe acender a luz da razão para libertar-se da morte e do túmulo, para ressuscitar como Lázaro ante a voz do Messias. O materialista, o ateu, o homem sem fé, na verdade confia em si mesmo, tem fé nas próprias forças. É como o peixe das profundezas, que sabe dominar a água mas ainda não conhece a luz do sol. A fé humana que o sustenta nas lutas diárias da vida vai se abrir na fé divina que lhe mostrará o esplendor das estrelas. A luz da Razão, à semelhança da luz solar, fará germinar e crescer o poder da fé em seu coração. Ninguém se perde, ninguém está condenado para sempre. A Justiça de Deus se cumpre no íntimo de nós mesmos, porque Deus está em nós, presente em nós na misericórdia das suas leis.

132.4 – “A Fé Religiosa. Condição da Fé Inabalável” – Explicação de Allan Kardec em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Cap. XIX, itens 6 e 7:

No seu aspecto religioso, a fé é a crença nos dogmas particulares que constituem as diferentes religiões, e todas elas têm os seus artigos de fé. Nesse sentido, a fé pode ser ‘raciocinada’ ou ‘cega’. A fé cega nada examina, aceitando sem controle o falso e o verdadeiro, e a cada passo se choca com a evidência da razão. Levada ao excesso, produz o ‘fanatismo’. Quando a fé se firma no erro, cedo ou tarde desmorona. Aquela que tem a verdade por base é a única que tem o futuro assegurado, porque nada deve temer do progresso do conhecimento, já que ‘o verdadeiro na obscuridade também o é à plena luz’. Cada religião pretende estar na posse exclusiva da verdade, mas ‘preconizar a fé cega sobre uma questão de crença é confessar a impotência para demonstrar que se está com a razão’.

Vulgarmente se diz que a ‘fé não se prescreve’, o que leva muitas pessoas a alegarem que não são culpadas de não terem fé. Não há dúvida que a fé não pode ser prescrita, ou o que é ainda mais justo: ‘não pode ser imposta’. Não, a fé não se prescreve, mas se adquire, e não há ninguém que esteja impedido de possuí-la, mesmo entre os mais refratários. Falamos das verdades espirituais fundamentais, e não desta ou daquela crença particular. Não é a fé que deve procurar essas pessoas, mas elas é que devem procurá-la, e se o fizerem com sinceridade a encontrarão. Podeis estar certos de que aqueles que dizem: “Não queríamos nada melhor do que crer, mas não o podemos fazer”, apenas o dizem com os lábios, e não com o coração, pois ao mesmo tempo que o dizem, fecham os ouvidos. As provas, entretanto, abundam ao seu redor. Por que, pois, se recusam a ver? Nuns, é a indiferença, noutros, o medo de serem forçados a mudar de hábitos; e, na maior parte, o orgulho que se recusa a reconhecer um poder superior, porque teria de inclinar-se diante dele.

Só é inabalável a fé que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade – Para algumas pessoas, a fé parece de alguma forma inata: basta uma faísca para desenvolvê-la. Essa facilidade para assimilar as verdades espirituais é sinal evidente de progresso anterior. Para outras, ao contrário, é com dificuldade que elas são assimiladas, sinal também evidente de uma natureza em atraso. As primeiras já creram e compreenderam, e trazem ‘ao renascer’, a intuição do que sabiam. Sua educação já foi realizada. As segundas ainda têm tudo para aprender: sua educação está por fazer. Mas ela se fará, e se não puder terminar nesta existência, terminará numa outra. A resistência do incrédulo, convenhamos, quase sempre se deve menos a ele do que à maneira pela qual lhe apresentam as coisas. A fé necessita de uma base, e essa base é a perfeita compreensão daquilo em que se deve crer. Para crer, não basta ‘ver’, é necessário sobretudo ‘compreender’. A fé cega não é mais deste século (XIX, XX, XXI.....). É precisamente o dogma da fé cega que hoje em dia produz o maior número de incrédulos. Porque ela quer impor-se, exigindo a abdicação de uma das mais preciosas prerrogativas do homem: a que se constitui do raciocínio e do livre-arbítrio. É contra essa fé, sobretudo, que se levanta o incrédulo, o que mostra a verdade de que a fé não se impõe. Não admitindo provas, ela deixa no espírito um vazio, de que nasce a dúvida. A fé raciocinada, que se apóia nos fatos e na lógica, não deixa nenhuma obscuridade: crê-se, porque se tem a certeza, e só se está certo quando se compreendeu. Eis porque ela não se dobra: porque ‘só é inabalável a fé que pode enfrentar a razão’.

face a face, em todas as épocas da Humanidade'. É a esse resultado que o Espiritismo conduz, triunfando assim da incredulidade, todas as vezes em que não encontra a oposição sistemática e interessada.

Nossas provas e a prece por nós mesmos

Artigo 133 – Vossas provas estão nas mãos de Deus e há as que devem ser suportadas até o fim, mas Deus leva sempre em conta a resignação. A prece atrai os bons Espíritos, que vos dão a força de as suportar com coragem. Então elas vos parecem menos duras. Deus não pode mudar a ordem da Natureza ao sabor de cada um, porque aquilo que é um grande mal, do vosso ponto de vista mesquinho, para a vossa vida efêmera, muitas vezes é um grande bem na ordem geral do Universo. Além disso, de quantos males o homem é o próprio autor, por sua imprevidência ou por suas faltas! Ele é punido pelo que pecou. Não obstante, os vossos justos pedidos são em geral mais escutados do que julgais. Pensais que Deus não vos ouviu, porque não fez um milagre em vosso favor, quando entretanto vos assiste por meios tão naturais que vos parecem o efeito do acaso ou da força das coisas. Frequentemente, ou o mais frequentemente, ele vos suscita o pensamento necessário para sairdes por vós mesmos do embaraço.

V – POLITEÍSMO; O DEUS ÚNICO E OS ESPÍRITOS (Itens 667 e 668)

Artigo 134 – Os fenômenos espíritas sendo produzidos desde todos os tempos e conhecidos desde as primeiras eras do mundo, contribuíram para a crença da pluralidade dos deuses, porque para os homens, que chamavam deus a tudo o que era sobre-humano, os Espíritos pareciam deuses. E também por isso, quando um homem se distinguia entre os demais pelas suas ações, pelo seu gênio ou por um poder oculto que o vulgo não podia compreender, faziam dele um deus e lhe rendiam culto após a morte. A palavra *Deus* tinha entre os antigos uma acepção muito extensa; não era, como em nossos dias, uma designação do Senhor da Natureza, mas uma qualificação genérica de todos os seres não pertencentes às condições humanas. Ora, tendo as manifestações espíritas lhes revelado a existência de seres incorpóreos que agem como forças da Natureza, eles os chamaram *deuses*, como nós os chamamos Espíritos. Uma simples questão de palavras. Com a diferença de que, em sua ignorância, entretida deliberadamente pelos que tinham interesse em mantê-la, elevaram templos e altares lucrativos a esses seres, enquanto para nós eles não passam de criaturas nossas semelhantes, mais ou menos perfeitas, despojadas de seu envoltório terreno. Se estudarmos com atenção os diversos atributos das divindades pagãs, reconheceremos sem dificuldade todos os que caracterizam os nossos Espíritos, em todos os graus da escala espírita, seu estado físico nos mundos superiores, todas as propriedades do perispírito e o papel que exercem no tocante às coisas terrenas.

O Cristianismo; o Deus Único e as Manifestações dos Espíritos

Parágrafo único – O Cristianismo, vindo aclarar o mundo com a sua luz divina, não podia destruir uma coisa que está na própria Natureza, mas fez que a adoração se voltasse para Aquele a quem realmente pertence. Quanto aos Espíritos, sua lembrança se perpetuou sob diversos nomes, segundo os povos, e suas manifestações, que jamais cessaram, foram diversamente interpretadas e frequentemente exploradas sob o domínio do mistério. Enquanto a religião as considerava como fenômenos miraculosos, os incrédulos as tomaram por charlata-

nice. Hoje, graças a estudos mais sérios, feitos à plena luz, o Espiritismo, liberto das idéias supersticiosas que o obscureceram através dos séculos, revela-nos um dos maiores e mas sublimes princípios da Natureza.

VI – ADORAÇÃO E SACRIFÍCIOS (Itens 669 a 673)

Artigo 135 – A prática dos sacrifícios humanos remonta à mais alta Antigüidade. O homem foi levado a crer que semelhantes coisas pudessem agradar a Deus por duas razões: primeiro, porque não compreendia Deus como sendo a fonte da bondade. Entre os povos primitivos, a matéria sobrepõe-se ao espírito; eles se entregam aos instintos animais e por isso são geralmente cruéis, pois o senso moral ainda não se encontra desenvolvido. Depois, os homens primitivos deviam crer naturalmente que uma criatura animada teria muito mais valor aos olhos de Deus do que um corpo material. Foi isso que os levou a imolar primeiramente animais e mais tarde criaturas humanas, pois, segundo sua falsa crença, pensavam que o valor do sacrifício estava em relação com a importância da vítima.

Os sacrifícios jamais agradaram a Deus

Artigo 136 – Os sacrifícios humanos se originaram de uma falsa concepção do que seria agradável a Deus. Vede Abraão. Com o tempo, os homens passaram a cometer abusos, imolando os inimigos, até mesmo os inimigos pessoais. De resto, Deus jamais exigiu sacrifícios, nem de animais nem de homens. Ele não pode ser honrado com a destruição inútil de sua própria criatura.

Os sacrifícios humanos com intenção piedosa

Artigo 137 – Mesmo os sacrifícios humanos, realizados com intenção piedosa, jamais poderiam ter agradado a Deus; mas Ele julga a intenção. Os homens, sendo ignorantes, podiam crer que praticavam ato louvável ao imolar um de seus semelhantes. Nesse caso, Deus atentaria para o pensamento e não para o fato. Os homens, ao progredirem, deviam reconhecer o erro e reprovar esses sacrifícios, que não mais seriam admissíveis para Espíritos esclarecidos, e digo esclarecidos, porque os Espíritos estavam então envolvidos pelo véu material. Mas, pelo livre-arbítrio, poderiam ter uma percepção de sua origem e sua finalidade. Muitos já compreendiam por intuição o mal que faziam, e só o praticavam para satisfazer suas paixões.

As Guerras Santas – Povos Fanáticos

Artigo 138 – Os povos fanáticos que procuram exterminar o mais possível os que não partilham de suas crenças, com o fim de agradar a Deus, são impulsionados pelos maus Espíritos. Fazendo a guerra aos seus semelhantes, vão contra Deus, que manda o homem amar o próximo como a si mesmo. Todas as religiões, ou antes, todos os povos adoram um mesmo Deus, seja sob este, seja sob aquele nome. Como promover uma guerra de extermínio, porque a religião de um é diferente ou não atingiu ainda o progresso religioso dos povos esclarecidos?

Jesus e sua doutrina de paz

Parágrafo único - Os povos são escusáveis por não crerem na palavra daquele que estava animado pelo Espírito de Deus e fora enviado por Ele, sobre-

tudo quando não o viram e não testemunharam os seus atos; e como quereis que eles creiam nessa palavra de paz, quando os procurais de espada em punho? Eles devem esclarecer-se, e devemos procurar fazê-los conhecer a sua doutrina pela persuasão e a doçura, e não pela força e o sangue. A maioria de vós não acredita nas nossas comunicações com certos mortais; por que quereis então que os estranhos acreditem nas vossas palavras, quando os vossos atos desmentem a doutrina que pregais?

138.1 – “O Evangelho e o Futuro” - Explicação do Espírito Emmanuel no livro “A Caminho da Luz”, Ed. FEB, RJ, 20^a. edição, 1994, psicografia de Francisco C. Xavier, págs. 211-216:

A pureza do Cristianismo não conseguiu manter-se intacta. - Um modesto esboço da História faz entrever os laços eternos que ligam todas as gerações nos surtos evolutivos do planeta. Muita vez, o palco das civilizações foi modificado, sofrendo profundas renovações nos seus cenários, mas os atores são os mesmos, caminhando, nas lutas purificadoras, para a perfeição d'Aquele que é a Luz do princípio. Nos primórdios da Humanidade, o homem terrestre foi naturalmente conduzido às atividades exteriores, desbravando o caminho da natureza para a solução do problema vital, mas houve um tempo em que a sua maioridade espiritual foi proclamada pela sabedoria da Grécia e pelas organizações romanas. Nessa época, a vinda do Cristo ao planeta assinalaria o maior acontecimento para o mundo, de vez que o Evangelho seria a eterna mensagem do Céu, ligando a Terra ao reino luminoso de Jesus, na hipótese da assimilação do homem espiritual, com respeito aos ensinamentos divinos. Mas a pureza do Cristianismo não conseguiu manter-se intacta, tão logo regressaram ao plano invisível os auxiliares do Senhor, reencarnados no globo terrestre para a glorificação dos tempos apostólicos. O assédio das trevas avassalou o coração das criaturas. Decorridos três séculos da lição santificante de Jesus, surgiram a falsidade e a má-fé adaptando-se às conveniências dos poderes políticos do mundo, desvirtuando-se-lhe todos os princípios, por favorecer doutrinas de violência oficializada. Debalde enviou o Divino Mestre seus emissários e discípulos mais queridos ao ambiente das lutas planetárias. Quando não foram trucidados pelas multidões delinquentes ou pelos verdugos das consciências, foram obrigados a capitular diante da ignorância, esperando o juízo longínquo da posteridade.

O homem espiritual estacionou em seus surtos de progresso – Desde essa época, em que a mensagem evangélica dilatava a esfera da liberdade humana, em virtude da sua maturidade para o entendimento das grandes e consoladoras verdades da existência, estacionou o homem espiritual em seus surtos de progresso, impossibilitado de acompanhar o homem físico na sua marcha pelas estradas do conhecimento. É por esse motivo que, ao lado dos aviões poderosos e da radiotelefonía, que ligam todos os continentes e países da atualidade, indicando os imperativos das leis da solidariedade humana, vemos o conceito de civilização insultado por todas as doutrinas de isolamento.

O Espiritismo e o reajustamento de todos os valores humanos – Mas é chegado o tempo de um reajustamento de todos os valores humanos. Se as dolorosas expiações coletivas preludiam a época dos últimos “ais” do Apocalipse, a espiritualidade tem de penetrar as realizações do homem físico, conduzindo-as para o bem de toda a Humanidade. O Espiritismo, na sua missão de Consolador, é o amparo do mundo neste século de declives da sua História; só ele pode, na sua feição de Cristianismo redivivo, salvar as religiões que se apagam entre os choques da força e da ambição, do egoísmo e do domínio, apontando ao homem os seus verdadeiros caminhos. No seu manancial de esclarecimentos, poder-se-á beber a linfa cristalina das verdades consoladoras do Céu, preparando-se as almas para a nova era. São chegados os tempos em que as forças do mal serão compelidas a abandonar as suas derradeiras posições de domínio nos ambientes terrestres, e os seus últimos triunfos são bem o penhor de uma reação temerária e infeliz, apressando a realização dos vaticínios sombrios que pesam sobre o seu império perecível. Ditadores, exércitos, hegemonias econômicas, massas versáteis e inconscientes, guerras inglórias, organizações seculares, passarão com a vertigem de um pesadelo. A vitória da força é uma claridade de fogos de artifício. Toda a realidade é a do Espírito e toda a paz é a do entendimento do reino de Deus e de sua justiça. O século que passa efetuará a divisão das ovelhas do imenso re-

banho. O cajado do pastor conduzirá o sofrimento na tarefa penosa da escolha e a dor se incumbirá do trabalho que os homens não aceitaram por amor. (...) Todavia, os operários humildes do Cristo ouçamos a sua voz no âmago de nossa alma: “Bem-aventurados os pobres, porque o reino de Deus lhes pertence! Bem-aventurados os que têm fome de justiça, porque serão saciados! Bem-aventurados os aflitos, porque chegará o dia da consolação! Bem-aventurados os pacíficos, porque irão a Deus!”.

Sim, porque depois da treva surgirá uma nova aurora. Luzes consoladoras envolverão todo o orbe regenerado no batismo do sofrimento. O homem espiritual estará unido ao homem físico para a sua marcha gloriosa no Ilimitado, e o Espiritismo terá retirado dos seus escombros materiais a alma divina das religiões, que os homens perverteram, ligando-as no abraço acolhedor do Cristianismo restaurado. Trabalhem por Jesus, ainda que a nossa oficina esteja localizada no deserto das consciências.

Todos somos dos chamados ao grande labor - e o nosso mais sublime dever é responder aos apelos do Escolhido. Revendo os quadros da História do mundo, sentimos um frio cortante neste crepúsculo doloroso da civilização ocidental. Lembremos a misericórdia do Pai e façamos as nossas preces. A noite não tarda e, no bojo de suas sombras compactas, não nos esqueçamos de Jesus, cuja misericórdia infinita, como sempre, será a claridade imortal da alvorada futura, feita de paz, de fraternidade e de redenção.

A Prática do Bem e as Cerimônias exteriores inúteis

Artigo 139 – Deus abençoa sempre os que praticam o bem; amparar os pobre e os aflitos é o melhor meio de homenageá-lo. Já vos disse, por isso mesmo, que Deus desaprova as cerimônias que fazeis para as vossas preces, pois há muito dinheiro que poderia ser empregado mais utilmente. O homem que se prende à exterioridade e não ao coração é um Espírito de vista estreita; julgai se Deus deve importar-se mais com a forma do que com o fundo.

139.1 – “Sacrifícios” - Explicação de Rodolfo Calligaris no livro já citado, págs. 54-57:

Compulsando-se a história das religiões, verifica-se que o oferecimento de sacrifícios à Divindade remonta a um passado remotíssimo, a perder-se na noite das idades. As oferendas, que a princípio consistiam em frutos da terra, passaram, depois, a constituir-se de animais, cujas carnes eram queimadas nos altares, transformando-se, mais tarde, em sacrifícios humanos. O Velho Testamento faz inúmeras referências ao holocausto de vítimas humanas aos deuses Baal, Moloque e outros, dando-o como prática generalizada entre os povos asiáticos, sendo que o Gênesis, cap. 22, nos conta que até mesmo Abraão, um dos patriarcas do Judaísmo intentara matar seu filho único Isaac, como prova de amor a Jeová; somente não o fazendo porque, no último instante, um anjo interveio, ordenando fosse suspensa a imolação. Segundo relata um escritor do passado, 300 cidadãos e 200 crianças das melhores famílias de Cartago (África) foram, certa vez, oferecidos em sacrifício a Saturno, visando a aplacar-lhe a ira, por acreditarem que a situação penosa em que se encontravam (o sítio da cidade por poderosas hostes conquistadoras) fosse motivado pelo fato de, até então, só haverem oferecido a essa divindade filhos de escravos estrangeiros. Na Europa, os sacrifícios humanos, se bem que em menor número, também foram praticados séculos pós séculos. Dizem-nos os historiadores que na Grécia, para homenagear ou saciar Apolo, Dionísio, Zeus e outros deuses, jovens e crianças eram queimados em piras fúnebres, lançados do alto dos penhascos ou chibatados até à morte. Na Itália, adotava-se o afogamento, atirando-se trinta pessoas, anualmente, às águas do rio Tibre. O deus cultuado na Zelândia, verdadeiro monstro, exigia, em igual período, o sacrifício de nada menos que noventa e nove pessoas. Na Bretanha, conforme o relato de César, fazia-se uma colossal estátua de vime, enchiam-na de vítimas e deitavam-lhe fogo. Já na Gália, colocavam-nas num altar e abriam-lhe o peito à espada. Entre os povos primitivos da América, esse costume bárbaro deve ter vigorado também, por muito tempo. Haja vista que, quando da conquista do México, no século XVI, foram encontradas em um templo cerca de 136.000 caveiras de vítimas sacrificadas aos deuses ali adorados pelos astecas.

Os sacrifícios e a explicação da Doutrina Espírita – Esclarecem-nos, entretanto, os mentores espirituais, através de Kardec, que não era por maldade que os homens da Antiguidade procediam dessa forma, mas sim por mera ignorância. E explicam: em nossos dias, quando nos dispomos a oferecer um presente a alguém, não o escolhemos de tanto maior valor quanto mais estima queiramos testemunhar a esse alguém, ou quanto mais interesse tenhamos em conquistar-lhe as boas graças a fim de solicitar-lhe certos favores? Não eram outros os motivos que levavam nossos antepassados a sacrificar às divindades. Como, porém, não podiam concebê-las com os atributos da perfeição, antes as rebaixavam ao nível deles mesmos, julgavam, erroneamente, que o holocausto a ser-lhes oferecido seria tanto mais valioso quanto mais importante fosse a vítima. Daí porque nos ofícios sacrificatórios os produtos agrícolas foram, com o tempo, preteridos pelos animais, que, por sua vez, foram substituídos por seres humanos: estrangeiros ou inimigos, e, posteriormente, em lugar destes, os pais passaram a sacrificar os próprios filhos! É que – supunham -, com estas oblatas, os deuses haveriam de sentir-se muito mais honrados.

‘As pessoas esclarecidas compreendem, agora, que, conquanto praticados com piedosa intenção, tais sacrifícios nunca foram agradáveis a Deus, como não podem agradar-Lhe, tão-pouco, as macerações e as penitências que certos religiosos continuam a impor-se, sem que aproveitem a ninguém. A Doutrina Espírita, fazendo luz sobre este assunto, ensina-nos que o único sacrifício abençoado por Deus é aquele que se faça por amor e em benefício do próximo, e que “o melhor meio de honrá-Lo consiste em minorar os sofrimentos dos pobres e dos aflitos”.’

*

Livro: Concepção Existencial de Deus

J. Herculano Pires

DEUS EXISTE?

Os teólogos do Cristianismo Ateu, da Teologia Radical da Morte de Deus, são anjos rebelados e decaídos do Paraíso Medieval. Nesta fase de inquietações e contradições que marca os flancos bovinos do Século XX com imenso sinal de interrogação em ferro e em brasa, a tese da Morte de Deus, oriunda da II Guerra Mundial e inspirada no episódio do louco de Nietzsche, anuncia a liquidação final do espólio medieval no pensamento contemporâneo. Os bens desse espólio se constituem dos imóveis patrimoniais de um Cristianismo deformado, com as suas catedrais gigantescas, a estrutura econômico-financeira do Vaticano, os artigos da velha simonia contra a qual Lutero se rebelou e os inesgotáveis lotes de quinquilharias sagradas, vestes e paramentos ornamentais, símbolos e dogmas das numerosas Igrejas Cristãs. Essa a razão por que, matando Deus, os novos teólogos pretendem colocar o Cristo provisoriamente em seu lugar. A imensa literatura religiosa medieval, que superou de muito os absurdos dos sofistas gregos, destina-se ao arquivo milenar da estupidez humana. O Materialismo e o Ateísmo do Renascimento, acolitados pelo Ceticismo, o Positivismo e o Pragmatismo, formam o cortejo do féretro gigantesco e sombrio, manchado de cinza e sangue, da pavorosa arrogância em que se transformou a pregação de humildade, os exemplos de tolerância e simplicidade do Messias crucificado. É o lixo do famoso Milênio, carregado para a Porta do Monturo do Templo de Jerusalém, para ser lançado nas geenas ardentes. Dispensa-se o inventário, porque não sobraram herdeiros. Nenhuma civilização morreu de maneira mais ingloria do que essa, em que Deus figurou como o carrasco impiedoso da Humanidade ingênua e ignorante.

Apesar da rudeza dessa visão trágica, assim pintada em cores fortes na tela de um pintor primitivista (bem ao gosto do século), ela não implica a negação da necessidade histórica da Idade Média. Pelo contrário, o fundo histórico desse panorama, na perspectiva tumultuada das civilizações da mais remota antiguidade, todas fundadas na força, na violência e nos arbítrios das civilizações massivas que vêm da lendária Suméria até a Macedônia e a Pérsia, projetando-se num impacto em Esparta e Roma, e um clarão de beleza e consciência em Atenas (que também não escaparia aos eclipses da escravidão e da execução de Sócrates) justificam histórica e antropológicamente a tragédia humana desses séculos de primarismo e barbárie que sucederam ao estranho advento do Cristianismo. Nada se pode condenar nesse panorama monstruoso, em que as idéias cristãs, renovando tímidos lampejos de esperanças frustradas e revigorando-os na visão de esperanças futuras, penetravam na massa e a ela se misturavam como o fermento da parábola evangélica. As leis naturais da evolução criadora, segundo a expressão de Bergson e de acordo com a tese dialética de Hegel, levavam ao fogo de Prometeu (roubado ao Céu) o caldeirão implacável das fusões dantescas, na percepção intuitiva de Wilhelm Dilthey, os elementos conjugados das civilizações mortas. Os deuses mitológicos eram caldeados nas próprias chamas votivas de seus templos, fundindo-se com Iavé, o Deus Único dos hebreus, para

modelagem futura do Deus Cristão, que nascera da palavra mágica do Messias: *Pai*.

Mas até que os homens pudessem compreender o sentido dessa breve palavra, desse átomo oral, os detritos ferventes do caldeirão medieval teriam de escorrer pelas muralhas do preconceito e da ignorância, queimando o solo do planeta e a frágil carne humana. Não é de admirar que as atrocidades da II Guerra Mundial tenham feito o mesmo. Em meados do Século XX estávamos ainda bem próximos das fogueiras da Inquisição e dos instintos ferozes dos antigos sátrapas das civilizações massivas, monstruosas expansões das tribos bárbaras, em que os ritos do sangue e do ódio ao semelhante purificavam a túnica dos sacerdotes e das vestais, manchadas pelos sacrifícios humanos e pela prostituição sagrada nos altares e nas escadarias dos templos. Os abutres da guerra devoravam Prometeu em cada vítima da loucura hitlerista e chafurdavam na prostituição sagrada dos mitos da violência, essa Górgora terrível e insaciável do Jardim das Hespérides nazista. A histeria e o sadismo, a brutalidade e o homossexualismo campeavam livres nas guarnições de heróis, como um Estige de lamas que escorresse do Fuherer para a Alemanha, asfixiando as mais belas conquistas da sua tradição cultural a invadir e contaminar as nações vencidas. Os campos de concentração e suas câmaras de gás destruíam a confiança no homem, revelavam a falência do Humanismo e a fé em Deus nas cinzas das incinerações brutais. Na Itália dos poetas e cantores tripudiavam os asseclas do Duce, submisso ao Fuherer, e no Japão das cerejeiras e dos Kaikais o fanatismo dos kamikazes desafiava a insensibilidade de Truman, que não tardou a lançar suas bombas atômicas sobre Nagasaki e Hiroshima, no mais monstruoso genocídio da História.

Não nos é possível sequer conceber o Nada, o vazio absoluto, do qual Deus teria saído como o Ser Absoluto. Tirar o Absoluto do Nada é uma contradição que nosso entendimento repele. A existência de Deus, como anterior à Criação é inconcebível. E se algo existia antes, temos um poder criador anterior a Deus. A tese budista do Universo incriado, que sempre existiu, subordina o poder de Deus a essa existência misteriosa e inexplicável. Nos limites da nossa mente esses problemas não cabem, são mistérios que serviram para todos os sofismas, jogos de palavras e conclusões monstruosas do pensamento teológico. Mas quando aplicamos o bom-senso, com a devida modéstia de criaturas finitas e efêmeras, diante do Infinito e da Eternidade, podemos reduzir o ilimitado aos limites da realidade inteligível. Então o raciocínio dedutivo, de ordem científica, que parte do chão da existência evidente, para alcançar pouco a pouco as alturas acessíveis, nos coloca diante de uma realidade que podemos dominar. Deus como *Existente*, que existe na nossa realidade humana, pode ser tocado com os dedos e sentido, captado pelo nosso sensorio comum. Não necessitamos da percepção extra-sensorial para captar sua existência. O grande erro das religiões é apresentar Deus como enigma insolúvel e exigir que o amemos de todo o coração e todo o entendimento. Essa colocação contraditória levou-as a um absurdo ainda maior, o de transformar Deus num tirano sádico que nos criou para submeter-nos à tortura e à perdição. Por mais que se fale em amor, misericórdia e piedade, essas palavras nada valem diante das ameaças da escatologia religiosa.

Mas Deus como *Existente* é o Pai que Jesus nos apresenta em termos racionais, pronto a nos guiar e amparar, a nos dar pão e não cobras quando temos

fome e a nos convidar incessantemente para o seu Reino de Harmonia e Beleza. Se podemos percebê-lo em nós mesmos, na nossa consciência e no nosso coração, se podemos vê-lo em seu poder criador numa folha de relva, numa flor, num grão de areia e numa estrela, se podemos conviver com ele e sentarmos com ele à mesa e partir o pão com os outros, então ele realmente existe em nossa realidade humana e o podemos amar, e de fato o amamos de todo o coração e de todo o entendimento. Deus como *Existente* é o nosso companheiro e o nosso confidente. Não dependemos de intermediários, de atravessadores do mercado da simonia para expor-lhe as nossas dificuldades e pedir a sua ajuda. A existência de Deus se prova então pela intimidade natural (não sobrenatural) que com ele estabelecemos em nossa própria existência.

Diante desse quadro horripilante, e particularmente dentro dele, nada mais se poderia esperar dos crentes e dos teólogos do que a pergunta amarga e geralmente irônica: *Deus existe?* Na Antiguidade os sátrapas eram considerados como investidos de prerrogativas divinas. Tudo quanto faziam vinha de Deus e a credence popular não se atrevia a discutir os direitos humanos ante o perigo sempre iminente da Ira de Deus. Mas após o Renascimento, a Época das Luzes, a credence transformou-se em crença sofisticada pelas racionalizações abusivas. O homem moderno escorava a sua fé no conceito hebraico da Providência, sempre vigilante e pronta a socorrer a fragilidade humana. Esse homem não poderia suportar a catástrofe que se abatia sobre ele de maneira implacável, ante a mudez comprometedora do Céu. Sua razão aprimorada condenava o passado e jamais supusera possível a sua ressurreição brutal, sob as asas metálicas dos aviões de bombardeio e das bombas voadoras. O ateísmo do passado parecia-lhe agora uma simples atitude pedante. O seu ateísmo, o seu materialismo e o seu pragmatismo, pelo contrário, assentavam-se agora nas bases sólidas de um horror que o deixara só e frágil em face dos carrascos poderosos. Os velhos teólogos não podiam explicar a indiferença divina, o desprezo de Deus pelas suas criaturas que, segundo eles, haviam sido criadas por amor. Os novos teólogos só encontraram uma explicação possível: *a Morte de Deus*.

Entretanto, por mais esmagado que esteja, o homem não pode ficar sem uma luz de esperança. Os novos teólogos lhe ofereceram então a figura humana de Cristo. Um Deus histórico, existencial, que sofrera e morrera por ele aqui mesmo, na Terra dos Homens. Não foi uma solução pensada, mas nascida das entranhas da desgraça total, das entranhas do horror. Homens que cresceram e se formaram nas crenças em Deus, alimentados pelas ilusões teológicas do Cristianismo, cobravam agora do Cristo as suas promessas frustradas. Ele, o Cristo, assumiria o lugar vazio de Deus em termos de emergência. Foi dessa situação premente que surgiu a aventura do Cristianismo Ateu. Por isso, quando lemos os livros brilhantes dos novos teólogos, transbordantes de uma inteligência vibrátil, mas impotente, que não consegue nem mesmo esclarecer o que é a Morte de Deus, perdendo-se em rodeios e sofismas que nunca atingem uma definição, compreendemos o desespero total a que chegou a inteligência humana ante os enigmas existenciais deste fim dos tempos. Na proporção em que a rotina da vida se restabelece no mundo arrasado, recompondo-se aos impulsos naturais da vitalidade humana, os tempos negros esmaecem na distância, introjetando-se na memória profunda da espécie como arcanos do inconsciente. As forças da vida

reagem contra a destruição e a morte, a ponto de fazerem brotar redivivas – indiferentes às ameaças maiores que pesam no horizonte – as flores de antigas e esmagadas esperanças. Queremos todos confiar, queremos todos esperar.

Mas isso não acontece apenas pelo influxo das forças vitais. Acontece sobretudo pela certeza íntima, que todos trazemos em nós, de que cometemos um erro imperdoável ao alimentar nas gerações sucessivas um conceito falso de Deus. Muitas vezes essa certeza aparece como simples suspeita, desprovida de provas que lhe dêem validade ôntica. Mesmo assim ela nos sustenta no presente e nos faz esperar. Os reflexos dessa situação ocidental no Oriente não-cristão provocaram o mesmo abalo e a mesma desconfiança que sentimos. Os mestres indianos, os gurus e bonzos que viviam isolados em seu orgulhoso ascetismo, ciosos de seus segredos milenares, fizeram-se caixeiros viajantes perfumados e sorridentes, assessorados por técnicos em relações públicas, para venderem aos ocidentais os mistérios sagrados. Essa atitude, embora não seja geral, revela a suspeita insidiosa no inconsciente guru quanto à validade tradicional de suas técnicas religiosas. O pesadelo da guerra e o desespero posterior contribuíram de maneira decisiva para que o mundo se transformasse na Aldeia Global de Mac Luhan. Parece que pelo menos acreditamos todos, no Ocidente e no Oriente, que o mundo de comunicação de massa nos oferece a opção coletiva de esperar sem preocupações, pois todos sabemos que se apertarem os botões da guerra nuclear morreremos na solidariedade absoluta. A destruição não será mais tão dolorosa e lenta. Seremos aniquilados de um só golpe, na morte tecnológica.

Deus ressurgir, se não no seu amor, ao menos na sua Justiça. Já será um consolo para os que sempre sofreram e morreram, enquanto outros vivem felizes no uso e abuso dos bens terrenos. A idéia de um Pai todo poderoso, e no entanto insensível à miséria e ao sofrimento da maioria dos filhos, sempre perturbou os que pensam e levou muitas criaturas à revolta e à descrença. De duas, uma: *ou aceitavam a injustiça ou não admitiriam a existência de Deus*. Bastaria isso para nos mostrar que o conceito de Deus, formulado pelas religiões e sustentado a ferro e fogo através dos milênios, não pode estar certo. Precisamos examinar esse grave problema enquanto não apertam os botões do Juízo Final.

*

O EXISTENTE

Na Filosofia da Existência, que caracteriza o pensamento de nosso século, o homem é considerado como *o existente*. É nele que se procura descobrir o mistério do Ser, porque é ele o ser mais acessível à investigação ontológica. A partir da sua análise, não apenas em termos psicológicos, mas na visão de conjunto de toda a sua realidade ôntica, é que podemos partir para indução do conceito real do Ser. É uma subversão filosófica, um virar no avesso os processos tradicionais da dedução, para que o pensamento contemporâneo se enquadre no plano do real – o plano dos efeitos e não das causas. O avanço tecnológico mostrou a validade indiscutível do método científico, na pesquisa das leis que determinam a estrutura das coisas, da *rés* que nos dá o real. Ao invés de atrelar-se a Filosofia ao carro da Ciência, como pretendeu Augusto Comte, os filósofos atuais atrelaram o método dedutivo da Ciência ao método dedutivo do pensamento filosófico, provocando o processo dialético da fusão que resultou no método existencial. O ho-

mem, como ponto de encontro do finito com o infinito, de causas e efeitos que nele se conflitam, apresenta-se como a síntese natural de toda a realidade, normal e paranormal. No *aqui e agora* das Filosofias Existenciais temos o encontro do tempo com a eternidade, que Kierkegaard figurou no *instante*, o *fiat* criador da criatura, ou seja, o lapso rapidíssimo do tempo em que o mistério se revela como um impacto, numa espécie de *insight* não apenas mental, mas total, que abrange toda a potencialidade do Ser. Descartes, como precursor, já revelara esse processo no *cogito*, ou seja, no instante em que o seu mergulho na cogitação sobre o real lhe revelou a ligação do homem com Deus.

Pai da Ciência, do Método e do Pensamento moderno, Descartes ficou esquecido no processo do deslanche científico, que absorveu o pensamento criador nas minúcias necessárias da investigação objetiva. Mas a sua aventura subjetiva foi o marco de um novo rumo para o pensamento filosófico. O *cogito ergo sum* (penso, logo existo) foi o *abre-te Sésamo* da Nova Filosofia. Graças a ele, o pensamento moderno libertou-se das amarras tradicionais para agir com desembaraço na investigação de uma realidade que é una, seqüente e não atomizada nos processos de análise. A fragmentação dos conhecimentos científicos estava barada pela possibilidade da globalização do pensamento filosófico.

O dogma religioso da Criação arrancada do nada por uma espécie de passe de mágica perdeu o seu poder hipnótico sob os pensadores ainda subjugados pela subserviência medieval, descortinando no Renascimento a visão platônica do Mundo das Idéias, na qual o efeito aparece como reflexo da causa, ligados ambos pela *necessidade de ser* que é o próprio fundamento do Ser em si mesmo. Todas as figurações absurdas da Teologia caíram no ridículo, como simples invenções.

Resulta daí a concepção existencial de Deus, entendido este não mais como elaboração imaginária dos homens deslumbrados pelo esplendor da Natureza, mas como necessidade lógica e ôntica da compreensão do real. Ao homem-existente junta-se necessariamente e, portanto, de maneira inegável e indispensável, o Deus-Existente, cuja imagem absoluta se reflete na pluralidade humana. A inaceitável imagem de um Deus antropomórfico é imediatamente substituída pela antiimagem de um Deus Absoluto, existente por si mesmo, cuja idéia se reflete na Criação produzindo o homem. A idéia, que para Platão era a própria mônada de que nascem os seres, substitui assim a imagem criada pelos homens. Causa e efeito se distinguem com clareza, não permitindo mais o jogo de sofismas teológicos e filosóficos do passado, em que causa e efeito se confundem e se revezavam nas argumentações falaciosas. Se temos o *existente* no plano relativo ansiando pela sua própria transcendência, buscando o arquétipo do absoluto, a unidade causa-efeito se confirma no plano ôntico, revelando uma nova dimensão do homem e gerando um novo conceito de Deus. O homem já não pode ser explicado fora do contexto natural do Cosmo, como uma criação artificial e ocasional, espécie de capricho do Criador para uma experiência romântica. E também não cabe mais na medida exígua das concepções materialistas, na colher de pau dos fazedores de bonecos de barro, destituídos de conteúdo e sentido. Restabelecemos a dinâmica simbiótica de Pitágoras, na qual, apesar da figura egípcia da metempsicose, a criatura humana aparecia no processo cósmico de maneira natural. O homem isolado era uma pretensão frustrada, suas dimensões

se fechavam no circuito efêmero de berço e túmulo, sem nenhuma perspectiva que pudesse justificar os seus sonhos inúteis. A concepção existencial o projeta no infinito através da transcendência. Por outro lado, a transcendência não se limita a um anseio do homem, pois se revela como lei, como fato verificável, positivo, em todos os elementos da Criação, como na teoria do transformismo de Darwin e na teoria da evolução criadora de Bergson. A ambas Kardec apresenta a contribuição das pesquisas espíritas em termos psicológicos, seguindo-se as contribuições de Zöllner, Richet, Crookes e dos atuais parapsicólogos, inclusive os materialistas da área soviética. O Padre Chardin, no próprio seio da Igreja imutável, lança sua gigantesca teoria da evolução, na linha do pensamento espírita de Léon Denis, com as mesmas bases do critério científico de pesquisa e experimentação de Kardec. O pensamento fixista das instituições imutáveis não passa de um entulho que as correntes poderosas da evolução criadora removem de um golpe.

O conceito existencial de Deus se impõe como consequência lógica do conceito existencial do homem. Deus não se torna, por isso, num *existente*, mas no *Existente Arquétipo*. Se não nos é possível provar essa existência nas retortas da Química, para satisfazer a ambição das mentalidades de fichário, isso ocorre porque os limites estreitos da metodologia científica não conseguiram e jamais conseguirão abranger a totalidade do real. As próprias transformações da metodologia científica, mormente nos últimos decênios, mostram de sobejo a inadequação dos processos empíricos às exigências da realidade global. Mas o homem não dispõe apenas das antigas retortas e dos modernos computadores; dispõe também do instrumento superior do pensamento perquiridor e criador que o leva muito além do seu próprio sensorio e das tentativas de laboratório. Por outro lado, os métodos analíticos da Ciência funcionam eficazmente no plano do *sensível*, da matéria em sua ilusão concreta; e assim mesmo sob controle matemático, o que vale dizer sob o controle abstrato do pensamento. Alienando-se à ilusão da matéria, os cientistas se fecham nas chamadas realizações concretas. Disso resulta o desprezo pelo metafísico, para o que muito contribui a ilusão mística dos chamados homens de Deus, como se todos os homens não fossem de Deus. A mente ilusória, fascinada pelas aparências, apega-se a elas e rejeita as intuições de uma visão superior da realidade. A hipnose do fenômeno produz a alienação do homem ao sensorio, frustrando-lhe a percepção do númeno, da causa primária que é a própria essência do fenômeno. O próprio Kant negou-se a penetrar no mistério da clarividência de Swedenborg, apesar das provas espontâneas e evidentes que teve em mãos, e demarcou rigidamente os limites da Ciência, no campo da dialética sensorial, como se a função da Ciência não fosse precisamente a de conquistar os domínios do mistério. É por isso que o progresso material caracteriza nosso século, com a supremacia esmagadora do progresso material sobre o moral e o espiritual. Não obstante, o avanço das pesquisas científicas rompeu a barreira kantiana no próprio campo da Física, quando esta teve de penetrar no mistério da constituição da matéria, que se desfez nas mãos dos cientistas em átomos e partículas infinitesimais, revelando a realidade surpreendente do Véu de Ísis, da trama sutilíssima de vetores inframicroscópicos tecida sobre um fundo radiante de campos de força desconhecida. Logo mais, a descoberta atordoante da antimatéria, a princípio considerada como estranha à Terra, mas logo mais revelando a sua presença no íntimo das estruturas atômi-

cas, deu o golpe de misericórdia na hipnose do fenômeno. Graças a isso, estamos chegando ao fim do século com uma visão mais real da realidade e descobrimos a verdadeira grandeza do homem naquilo que Rhine chamou de *conteúdo extrafísico do homem*.

Essa revolução conceptual é tão violenta que a maioria dos cientistas sentem-se atônitos e recusam-se a aceitar as novas proposições apresentadas pelos cientistas libertos da hipnose. Em contrapartida, existem os alucinados que se lançam a hipóteses malucas, jogando com os dados ainda inseguros da visão nova da realidade na elaboração de teorias e prognósticos insensatos. De um lado permanecem em catalepsia os que Remy Chauvin considerou como dominados pelo mal científico da *alergia ao futuro*, de outro lado os que se entregam à nova hipnose da pulverização do real. Para estes, todas as suposições se tornam possíveis ou até mesmo verídicas, ante a derrocada dos pressupostos materialistas em que se apoiavam.

A idéia de Deus, abastardada pelos teólogos, mostra-se mais do que nunca inaceitável. Mas a ordem, a precisão absoluta, a inteligência orientadora e reguladora que se manifesta nas estruturas do real, a conotação das hipóstases de Plotino na organicidade cósmica exigem o conceito científico de Deus como fonte genética e estruturadora de toda a realidade. A existência de Deus não é mais uma questão teológica, aleatória, mas uma exigência científica da coerência do pensamento. Confirma-se a proposição cartesiana de que *tirar Deus do Universo é como tirar o Sol do sistema Solar*. Cairíamos no caos. nenhum pensamento sobre a realidade pode justificar-se e sustentar-se na ausência de Deus. Mas não do Deus das religiões, que é uma grotesca interpretação de Deus nos traços caricaturais da figura humana, um resíduo da selva, onde os homens desprovidos dos recursos da Ciência, armados apenas de experiências primárias, imaginaram Deus na forma de um superhomem, sem nenhuma consciência do que faziam, mas já sentindo em si mesmos, na sua simplicidade e na sua ignorância, a necessidade urgente de uma concepção de Deus.

O conceito existencial de Deus é uma superação de todo o passado humano. Kierkegaard, o pai involuntário do Existencialismo, era um teólogo e representou em nosso tempo o papel de Pitágoras na Antigüidade, servindo de transição entre o passado teológico e o presente científico da cultura humana. Podemos aplicar-lhe a imagem que Bertrand Russell aplicou a Pitágoras: *um homem que tinha um pé no passado e outro no futuro*. Do passado mítico das culturas da Antigüidade, Pitágoras avançava para o futuro racional. Por isso, como sucederia mais tarde a Hegel, a posição pitagórica produziu correntes conflitivas no mundo helênico. O mesmo se deu com o pensamento angustiado de Kierkegaard, que arriscava um passo além da Teologia Medieval. Desse passo brotaram as posições antípodas do pensamento de Heidegger e de Sartre, Marcel e Jaspers. Embora o tema central da *existência* predomine em todas essas correntes, as posições diversas em face dos problemas fundamentais caracterizam orientações muitas vezes divergentes. Para Sartre, Deus não existe. Para Karl Jaspers, Deus é o Ser que buscamos na transcendência vertical. Para Heidegger, o que importa na filosofia é o problema do Ser, sendo a existência apenas um meio de se perquirir a natureza e o sentido do Ser. Max Scheler propôs uma nova prova da existência de Deus como Ser Supremo, acrescentando-a às provas clássicas

do pensamento medieval. Scherer entende que o fato de haver um saber a respeito de Deus, saber que só pode ser obtido através de Deus, prova a sua existência. Ocorre, porém, que o saber pode ser falso, o que parece não ter ocorrido ao filósofo. A prova existencial de Deus decorre naturalmente de três fatos incontestáveis:

1) a existência da idéia de Deus no homem, manifestando-se universalmente na lei de adoração, que levou todos os povos, em todos os tempos, à adoração de um Poder Supremo;

2) a inteligência da estrutura total da Natureza, em seus mínimos detalhes, que nos revela a imanência cósmica de um poder inteligente;

3) a lei de causa e efeito, que nos mostra a impossibilidade de efeitos inteligentes sem uma causa inteligente.

Como corolário dessas provas podemos lembrar que essa inteligência imanente manifesta-se em graus progressivos nos reinos da Natureza, para alcançar a culminância no homem. Importante também é o fato de que todo o saber humano nasce da experiência vital do homem, sujeito, desde o seu aparecimento no planeta, aos poderes e aos condicionamentos das leis naturais, que constituem a fonte desse saber. Assim, a inteligência humana tem sua origem na inteligência imanente da Natureza e o saber humano foi adquirido num longo processo de aprendizado do saber da Natureza. Atribuir tudo isso ao acaso é simplesmente uma fuga à realidade, que implica a contradição de se atribuir inteligência ao acaso. Por outro lado, uma concepção materialista do Universo implica necessariamente (em termos de necessidade lógica) a atribuição de inteligência à matéria, que hoje sabemos, cientificamente, não existir em si mesma, sendo o produto da acumulação da energia, que se realiza com lucidez e precisão científicas, visando a fins determinados num gigantesco esquema de ações e reações inimaginavelmente diversificadas. Essa realidade espantosa levou Francis Bacon à conhecida afirmação de que, para dominar a natureza, precisamos, primeiramente obedecê-la. A Ciência, como se vê, a orgulhosa ciência humana, não é mais do que ato de obediência a Deus. No plano ético a revolta materialista é como a queda dos anjos, no mito bíblico, uma atitude de ingratidão e estupidez ante a Inteligência Suprema. O materialismo não passa de uma crise de adolescência da Humanidade.

Mas é necessário considerarmos, no plano cultural, a infinidade de equívocos surgidos ao longo da História, que acabaram por levar a inteligência humana a repudiar a fonte da sua precária sabedoria. O desenvolvimento da razão despertou a vaidade do ser humano – único detentor do pensamento lógico e produtivo na Terra –, voltando-o contra a herança de submissão do passado teológico; a espantosa seqüência de crimes e atrocidades praticadas em nome de Deus, por seus pretensos representantes, negando a sabedoria e o amor de Deus; a comercialização das religiões e a conseqüente profissionalização do sacerdócio, que resultou no poderio político e econômico das igrejas; a deformação total dos princípios fundamentais das religiões ocidentais e orientais, que acabaram trocando o Reino do Céu pelos reinos da Terra, numa espécie de câmbio espúrio, em termos da mais calamitosa simonia. Esses fatores negativos, causando revolta e ateísmo, atenuam em parte os aspectos da estupidez humana gerada pe-

la vaidade. O homem pode desculpar-se diante de Deus, alegando que as condições específicas da vida planetária e os impulsos cegos de seu primitivismo o arrastaram para a ingratidão e a falta de respeito à Inteligência Suprema. É o único álibi a que pode agarrar-se, quando despertar para a compreensão real da sua posição na estrutura cósmica. Mas esse mesmo álibi parece tristemente acusador, quando nos lembramos de que a intuição do Poder Supremo nunca lhe faltou, pois a marca de Deus em seu íntimo jamais foi apagada, antes reforçada constantemente pelos reclamos da sua consciência.

Provada assim a existência de Deus, tanto no plano objetivo quanto no subjetivo, na realidade exterior em que a Sua presença imanente é manifesta e na realidade interior em que Ele permanece em nós, manifestando-se nos vetores conscienciais e no impulso de transcendência que nos leva a buscar a integração de nosso ser na perfectibilidade possível de seu arquétipo divino, não há como negar que existimos porque Ele existe e que a nossa existência se funda na Sua existência. Essa é a concepção existencial de Deus, o conceito do *Existente Absoluto*, cuja forma, como prescrevia o Judaísmo, não pode ser figurada de maneira alguma, porque não se figura o Absoluto. A própria existência humana é considerada, nas Filosofias da Existência, como *subjetividade pura*. Podemos figurar o homem em sua realidade aparente, mas não podemos fazê-lo em sua subjetividade, que é a sua única realidade verdadeira. A criação do homem à imagem e à semelhança de Deus, segundo o mito bíblico, torna-se compreensível, não dando lugar à proposição inversa que nos apresentaria Deus à imagem e semelhança do homem. Colocando esse problema no plano histórico da Ontogênese podemos explicar racionalmente a filogênese divina dos panteons religiosos do passado, em que vemos Deus passar pelas metamorfoses do mito, desde a litolatria, passando pela fitolatria, a zoolatria, a pirolatria e assim por diante, até chegarmos à antropolatria e por fim ao panteísmo de Espinosa, em que a cosmolatria nos aproxima de Deus-Pai do Evangelho de Jesus.

Resta naturalmente a grande incógnita a cuja decifração ainda não podemos aventurar-nos: *a das origens do seu porquê*. Há uma origem de Deus? Podemos saber ou imaginar como, onde e quando, de que maneira Ele surgiu – não no Cosmos, que não podia ainda ter existido, mas no Inefável, como queria Pitágoras? Remontando a concepção matemática dos pitagóricos, podemos imaginar o *número 1* imóvel no Inefável e o seu estremecimento que desencadeou a década, atingindo na equação do *número 10* todo o circuito da Criação? A simples imaginação do Inefável nos coloca ante a vertigem do vazio absoluto, que não podemos conceber. E como explicar o *número 1* em meio desse vazio e a causa possível de seu estremecimento? Podemos naturalmente pensar na hipótese mais modesta de Aristóteles: Deus como o Primeiro Motor Imóvel, no centro da gigantesca Usina do Infinito, onde, apesar de imóvel, põe em movimento os motores estelares e todos os demais motores de uma realidade subitamente acionada. Mas onde a engenharia criadora, quando o próprio Deus não existia? A solução bíblica do *Fiat* é evidentemente a mais prática, mas também a que estabelece a barreira mais pesada ao nosso entendimento, pois Deus é o Verbo que usa o Seu próprio verbo para fazer que o Nada se transforme no Todo. Estas especulações ingênuas servem apenas para mostrar a nossa impotência e deveria servir, mas não serviu, para despertar a nossa humildade.

Mas se quisermos perguntar a nós mesmos pela nossa origem, poderemos responder com segurança? O tema da *facticidade*, nas Filosofias da Existência, mostra a nossa ignorância total a respeito da nossa origem. Nascemos no mundo como naufragos desmemoriados que fossem lançados a uma praia desconhecida, impotentes e nus. Só trazemos conosco a *facticidade*, a forma e a maneira porque fomos feitos. Nada sabemos de nada. Estamos, segundo Kardec, vestidos apenas com a roupagem da inocência, mas não somos inocentes. No fundo misterioso da memória subliminar, nos arcanos do inconsciente, trazemos uma bagagem secreta que só poderemos usar na proporção do nosso desenvolvimento psicofisiológico. Teremos de passar por todas as fases bem graduadas do processo ontogenético, como se ainda não fôssemos um ser, para depois começarmos a revelar as formas ocultas do nosso ser, na realidade já preexistente. Nossas origens são tão misteriosas como as origens possíveis de Deus, cuja *facticidade* se revela no *Fiat*. Assim, tudo quanto se pretende saber a respeito de Deus – o saber de Deus através de Deus, de Max Scherer – nada mais é do que um jogo de palavras, *flatus* e nada mais. E apesar disso podemos querer negar a Existência daquele Poder que existia antes de nós? Não obstante, não são inúteis estas digressões. Elas servem para nos mostrar a falácia de todas as construções utópicas do pensamento humano a respeito de Deus, no tocante a sua origem e natureza. Cabe-nos ater-nos apenas ao conceito existencial de Deus, que podemos sustentar com os dados da nossa própria existência.

*

DEUS NO HOMEM

A consciência humana tem a mesma estrutura fundamental em todas as raças. O problema das raças está hoje praticamente superado, em virtude da miscigenação, das incessantes misturas raciais que se verificaram no tempo e em todos os tempos, produzindo sub-raças e variedades inúmeras de tipos humanos em todas as latitudes do globo. Pesquisas universais, realizadas pelos organismos especiais da ONU e de vários governos e instituições científicas, revelaram a inexistência de uma raça pura no mundo. Mas a tipologia racial ainda se apresenta de maneira definida em certos povos, caracterizando-os quanto à linhagem principal do seu desenvolvimento. Este não é o problema de nosso estudo, mas como se relaciona com ele, aludimos à questão sem maiores informações a respeito. Hoje, o mais certo seria falar-se de nacionalidades, pois em cada nação, mesmo naquelas racialmente mais definidas, existe sempre um mosaico racial que não se revela facilmente quando a mistura se deu em vários ramos da mesma raiz, do mesmo tronco racial e lingüístico. Mas o que nos interessa é a constatação em todos os povos da mesma estrutura fundamental da consciência humana, naturalmente diferenciada com a preponderância ou não de fatores constitutivos, em virtude de exigências mesológicas ou da interferência de fatores históricos e culturais ligados às condições geográficas, climáticas, alimentares, tradicionais e assim por diante. Mesmo na Antigüidade, nas fases de isolamento das civilizações, os fundamentos da consciência humana revelavam-se os mesmos em todos os povos, como se pode verificar pelas suas manifestações culturais. Nesse sentido, não importam as diferenças da concepção de Deus entre os povos, que tanto podiam cultuar a Zeus como a Brama, ao Tao chinês como ao Iavé hebraico ou aos deuses egípcios. Do Templo de Amom-Rá ao Templo de

Diana ia a distância espacial e cultural que os tornavam estranhos. Mas em todos os templos e cultos o que se manifestava, como lei universal, era a idéia de um poder superior que o homem deveria reverenciar. E para reverenciar esse poder os homens deviam sempre mostrar-se dignos dele, cumprindo as leis morais das prescrições religiosas. Cultos e ritos podiam variar ao infinito, mas a essência era a mesma: a intenção de agradar aos deuses através de um comportamento coerente com as exigências da evolução espiritual do homem.

Nas civilizações mais adiantadas os princípios fundamentais da consciência humana se evidenciavam em traços mais fortes. No plano moral as divergências formais davam, aos observadores superficiais, a impressão da existência de sistemas morais contraditórios. Isso acarretou, a partir do Renascimento, o desenvolvimento das pesquisas científicas, um movimento intelectual depreciativo para o conceito de moral. Entendeu-se que cada povo tinha a sua moral própria, de maneira que a suposta existência de uma moral superior e eterna não passaria de sonho vão, acalentado por sonhadores e místicos. Como a moral vem da raiz latina *mores*, que quer dizer *costumes*, chegou-se a conclusão de que a moral era nada mais do que uma práxis, variável em seus fundamentos como os costumes. Citou-se muito o exemplo da Grécia, onde o casamento era monogâmico antes da Guerra do Peloponeso e tornou-se poligâmico depois da guerra, pela necessidade de restaurar a população masculina terrivelmente dizimada. Esquecia-se o essencial, ou seja, que o objetivo da poligamia então instaurada era o restabelecimento da nação em seu estado natural, destruído pela guerra, e do seu poder defensivo. O que se objetivava, portanto, não era a poligamia em si, mas a continuidade da nação e do seu desenvolvimento cultural, ou seja: o bem. O prosseguimento das pesquisas e dos estudos a respeito dessas variações da moral acabou revelando que o princípio moral prevalecia sempre, na busca de um objetivo único, que era o bem das nações, dos povos, do homem em geral. Coube a Henri Bergson, na linha das proposições universalistas de Pestalozzi, restabelecer o conceito de moral como elemento básico da consciência humana. Bergson revelou a conotação natural existente entre Religião e Moral, em sua famosa tese sobre *As Duas Fontes da Moral e da Religião*. Ambas, religião e moral, brotam das exigências da consciência humana, primeiro nos costumes e depois na estruturação convencional das regras de moral, bem como na formulação dos preceitos religiosos, cultos e ritos.

Essa reviravolta anulava os efeitos negativos da interpretação errônea de moral e religião. A verdade era que ambas nasciam da própria natureza espiritual do homem, que requeria disciplina e orientação nas estruturas sociais. Um duro golpe para o pensamento materialista, que insistia na tese da natureza animal do homem. As pesquisas antropológicas e sociológicas, particularmente entre povos primitivos, em regiões selvagens, confirmaram essa nova colocação do problema, embora ainda hoje materialistas e pragmatistas insistam no erro, procurando sempre, segundo a expressão do Apóstolo Paulo, sujeitar o espírito à carne. Vã tentativa sustenta a vaidade humana, que vai sendo progressivamente frustrada pelo avanço das pesquisas científicas sobre a natureza humana. Temos assim três princípios fundamentais da consciência humana bem visíveis em suas manifestações no plano social: a idéia de Deus no homem, o seu anseio de transcendência e o desejo natural do bem. Neste anseio do bem encontramos o senti-

mento de afetividade, de amor pelos semelhantes, que se traduz no princípio de fraternidade universal. Do anseio de transcendência derivam os impulsos de ligações sociais, que determinam a formação das famílias e grupos afins, bem como o sentimento estético, determinante do interesse pelo belo em todas as suas expressões. O sentimento de justiça é corolário do amor e depende, nas suas variações de intensidade e clareza, do grau de nitidez da idéia de Deus.

Esses vetores da consciência humana pertencem à espécie, e estão presentes em todas as criaturas humanas, com as variações determinadas pelos fatores psicofisiológicos e mesológicos ou ambientais, influenciados em maior ou menor grau pela educação e o meio social. A idéia de Deus é o conceito que rege ao desenvolvimento e à manifestação de todos estes vetores na dinâmica social da existência individual e coletiva. Vem daí a importância do conceito de Deus para o comportamento do homem, solitário ou em grupo. O chamado *homem sem Deus*, que não aceita a existência de Deus por falta de um conhecimento mais claro do problema, nem por isso está desprovido desse princípio em sua consciência. O conceito de Deus, mesmo negativo, exerce influência em seu comportamento. Ele pode contrariar essa influência em virtude de preconceitos ou de experiências passadas, como frustrações religiosas ou sociais, mas em geral, mais hoje ou amanhã, cederá aos impactos dos seus impulsos afetivos. A liberdade é a própria consciência, o ambiente espiritual em que todos esses vetores conscienciais se desenvolvem. A supressão da liberdade numa consciência é o eclipse que a lança na escuridão. Essa supressão pode ser produzida por fatores endógenos ou exógenos, por temores e traumas íntimos ou por diversos tipos de pressão vindos do exterior. Os tiranos assumem pesada responsabilidade, seja no âmbito restrito das relações familiares ou no âmbito aberto das atividades políticas e sociais, ao criarem situações supressivas ou limitadoras da liberdade.

O problema da estética, geralmente considerado em segundo plano, negligenciado pelos estudiosos do comportamento humano, é o segundo em importância, depois da idéia de Deus, na estrutura da consciência. O belo não é apenas um vetor da consciência, é um arquétipo espiritual da espécie humana que atrai o homem para a transcendência e particularmente para sua integração consciencial. As fases iniciais da transcendência, que se passam no plano da sociabilidade (a transcendência horizontal de Jaspers) preparam a consciência para sua integração, que é a fusão dos vetores conscienciais numa unidade global. O chamado *homem prático* desenvolveu eficazmente a sua consciência de relação, através da mente, que é o instrumento das relações com o exterior. Esse homem, como ensina René Hubert, tem plena consciência de sua posição social e de seus deveres profissionais, acha-se teórica e praticamente preparado para as suas atividades. Mas sua consciência só atinge o pleno desenvolvimento quando ele aprimora a sua estesia, conquistando os planos superiores de uma visão estética geral. Sabemos a importância que os gregos davam à beleza e ao sentimento estético. Platão chegou a afirmar que através dos belos corpos a alma atingia o Belo. A pobreza espiritual do nosso tempo interpreta essa afirmação em termos sensoriais, quando o seu sentido é puramente espiritual. Os belos corpos despertam admiração e amor, este se converte em devoção e eleva a alma ao encontro do arquétipo ou idéia superior do Belo, no mundo das idéias. Só neste momento o homem se liberta da animalidade e penetra os arcanos da espiritualidade. Sua

consciência se desprende dos liames terrenos para atingir o desenvolvimento pleno. A visão do Belo impregna toda a sua alma, transfigura o mundo aos seus olhos iluminados pelos clarões da Eterna Beleza. Essa visão não tolera o mal nem a injustiça e penetra na essência do próprio Feio para ali descobrir os germens ocultos da Beleza. Deus não é apenas o Bem, pois sem o Belo não existe o Bem na sua perfeição necessária.

Como vemos, Deus está no homem não apenas como idéia, mas como a própria essência da criatura. Foi o que sentiu o apóstolo Paulo quando disse que em Deus vivemos e nele nos movemos. Deus é assim a essência da existência humana. Por isso, Deus não é o Existente Absoluto apenas por existir além das nossas dimensões, mas porque determina o homem como existente e participa da existência humana. O conceito existencial de Deus é o único adequado a esta fase tormentosa da evolução humana, quando todos os mitos do passado se despedaçam aos nossos pés para que a Verdade possa escapar do invólucro dos símbolos e iluminar o mundo novo que está nascendo.

*

Livro: A CAMINHO DA LUZ

EMMANUEL

I

A Gênese planetária

A COMUNIDADE DOS ESPÍRITOS PUROS

Rezam as tradições do mundo espiritual que na direção de todos os fenômenos, do nosso sistema, existe uma Comunidade de Espíritos Puros e Eleitos pelo Senhor Supremo do Universo, em cujas mãos se conservam as rédeas diretoras da vida de todas as coletividades planetárias.

Essa Comunidade de seres angélicos e perfeitos, da qual é Jesus um dos membros divinos, ao que nos foi dado saber, apenas já se reuniu, nas proximidades da Terra, para a solução de problemas decisivos da organização e da direção do nosso planeta, por duas vezes no curso dos milênios conhecidos.

A primeira, verificou-se quando o orbe terrestre se desprendia da nebulosa solar, a fim de que se lançassem, no Tempo e no Espaço, as balizas do nosso sistema cosmogônico e os pródromos da vida na matéria em ignição, do planeta, e a segunda, quando se decidia a vinda do Senhor à face da Terra, trazendo à família humana a lição imortal do seu Evangelho de amor e redenção.

A CIÊNCIA DE TODOS OS TEMPOS

Não é nosso propósito trazer à consideração dos estudiosos uma nova teoria da formação do mundo. A Ciência de todos os séculos está cheia de apóstolos e missionários. Todos eles foram inspirados ao seu tempo, refletindo a clareza das Alturas, que as experiências do Infinito lhes imprimiram na memória espiritual, e exteriorizando os defeitos e concepções da época em que viveram, na feição humana de sua personalidade.

Na sua condição de operários do progresso universal, foram portadores de revelações gradativas, no domínio dos conhecimentos superiores da Humanidade. Inspirados de Deus nos penosos esforços da verdadeira civilização, as suas idéias e trabalhos merecem o respeito de todas as gerações da Terra, ainda que as novas expressões evolutivas do plano cultural das sociedades mundanas tenham sido obrigadas a proscrever as suas teorias e antigas fórmulas.

Lembrando-nos, porém, mais detidamente, de quantos souberam receber a intuição da realidade nas perquirições do Infinito, busquemos recordar o globo terráqueo nos seus primeiros dias.

OS PRIMEIROS TEMPOS DO ORBE TERRESTRE

Que força sobre-humana pôde manter o equilíbrio da nebulosa terrestre, destacada do núcleo central do sistema, conferindo-lhe um conjunto de leis matemáticas, dentro das quais se iam manifestar todos os fenômenos inteligentes e harmônicos de sua vida, por milênios de milênios? Distanto do Sol cerca de 149.600.000 quilômetros e deslocando-se no espaço com a velocidade diária de 2.500.000 quilômetros, em torno do grande astro do dia, imaginemos a sua composição nos primeiros tempos de existência, como planeta.

Laboratório de matérias ignescentes, o conflito das forças telúricas e das energias físico-químicas opera as grandiosas construções do teatro da vida, no imenso cadinho onde a temperatura se eleva, por vezes, a 2.000 graus de calor, como se a matéria colocada num forno, incandescente, estivesse sendo submetida aos mais diversos ensaios, para examinar-se a sua qualidade e possibilidades na edificação da nova escola dos seres. As descargas elétricas, em proporções jamais vistas da Humanidade, despertam estranhas comoções no grande organismo planetário, cuja formação se processa nas oficinas do Infinito.

A CRIAÇÃO DA LUA

Nessa computação de valores cósmicos em que laboram os operários da espiritualidade sob a orientação misericordiosa do Cristo, delibera-se a formação do satélite terrestre.

O programa de trabalhos a realizar-se no mundo requeria o concurso da Lua, nos seus mais íntimos detalhes. Ela seria a âncora do equilíbrio terrestre nos movimentos de translação que o globo efetuará em torno da sede do sistema; o manancial de forças ordenadoras da estabilidade planetária e, sobretudo, o orbe nascente necessitaria da sua luz polarizada, cujo suave magnetismo atuaria decisivamente no drama infinito da criação e da reprodução de todas as espécies, nos variados reinos da Natureza.

A SOLIDIFICAÇÃO DA MATÉRIA

Na grande oficina surge, então, a diferenciação da matéria ponderável, dando origem ao hidrogênio.

As vastidões atmosféricas são amplo repositório de energias elétricas e de vapores que trabalham as substâncias torturadas no orbe terrestre. O frio dos espaços atua, porém, sobre esse laboratório de energias incandescentes e a condensação dos metais verifica-se com a leve formação da crosta solidificada.

É o primeiro descanso das tumultuosas comoções geológicas do globo. Formam-se os primitivos oceanos, onde a água tépida sofre pressão difícil de descrever-se. A atmosfera está carregada de vapores aquosos e as grandes tempestades varrem, em todas as direções, a superfície do planeta, mas sobre a Terra o caos fica dominado como por encanto. As paisagens aclaram-se, fixando a luz solar que se projeta nesse novo teatro de evolução e vida.

As mãos de Jesus haviam descansado, após o longo período de confusão dos elementos físicos da organização planetária.

O DIVINO ESCULTOR

Sim, Ele havia vencido todos os pavores das energias desencadeadas; com as suas legiões de trabalhadores divinos, lançou o escopro (instrumento cortante) da sua misericórdia sobre o bloco de matéria informe, que a Sabedoria do Pai deslocara do Sol para as suas mãos augustas e compassivas. Operou a escultura geológica do orbe terreno, talhando a escola abençoada e grandiosa, na qual o seu coração haveria de expandir-se em amor, claridade e justiça. Com os seus exércitos de trabalhadores devotados, estatuiu os regulamentos dos fenômenos físicos da Terra, organizando-lhes o equilíbrio futuro na base dos corpos simples de matéria, cuja unidade substancial os espectroscópios terrenos puderam identi-

ficar por toda a parte no universo galáxico. Organizou o cenário da vida, criando, sob as vistas de Deus, o indispensável à existência dos seres do porvir. Fez a pressão atmosférica adequada ao homem, antecipando-se ao seu nascimento no mundo, no curso dos milênios; estabeleceu os grandes centros de força da ionosfera e da estratosfera, onde se harmonizam os fenômenos elétricos da existência planetária, e edificou as usinas de ozônio a 40 e 60 quilômetros de altitude, para que filtrassem convenientemente os raios solares, manipulando-lhes a composição precisa à manutenção da vida organizada no orbe. Definiu todas as linhas de progresso da humanidade futura, engendrando a harmonia de todas as forças físicas que presidem ao ciclo das atividades planetárias.

O VERBO NA CRIAÇÃO TERRESTRE

A ciência do mundo não lhe viu as mãos augustas e sábias na intimidade das energias que vitalizam o organismo do Globo. Substituíram-lhe a providência com a palavra "natureza", em todos os seus estudos e análises da existência, mas o seu amor foi o Verbo da criação do princípio, como é e será a coroa gloriosa dos seres terrestres na imortalidade sem fim. E quando serenaram os elementos do mundo nascente, quando a luz do Sol beijava, em silêncio, a beleza melancólica dos continentes e dos mares primitivos, Jesus reuniu nas Alturas os intérpretes divinos do seu pensamento. Viu-se, então, descer sobre a Terra, das amplidões dos espaços ilimitados, uma nuvem de forças cósmicas, que envolveu o imenso laboratório planetário em repouso.

Daí a algum tempo, na crosta solidificada do planeta, como no fundo dos oceanos, podia-se observar a existência de um elemento viscoso que cobria toda a Terra.

Estavam dados os primeiros passos no caminho da vida organizada. Com essa massa gelatinosa, nascia no orbe o protoplasma e, com ele, lançara Jesus à superfície do mundo o germe sagrado dos primeiros homens.

*

II

A vida organizada

AS CONSTRUÇÕES CELULARES

Sob a orientação misericordiosa e sábia do Cristo, laboravam na Terra numerosas assembléias de operários espirituais.

Como a engenharia moderna, que constrói um edifício prevendo os menores requisitos de sua finalidade, os artistas da espiritualidade edificavam o mundo das células iniciando, nos dias primevos, a construção das formas organizadas e inteligentes dos séculos porvindouros.

O ideal da beleza foi a sua preocupação dos primeiros momentos, no que se referia às edificações celulares das origens.

É por isso que, em todos os tempos, a beleza, junto à ordem, constituiu um dos traços indelévels de toda a criação.

As formas de todos os reinos da natureza terrestre foram estudadas e previstas. Os fluidos da vida foram manipulados de modo a se adaptarem às condi-

ções físicas do planeta, encenando-se as construções celulares segundo as possibilidades do ambiente terrestre, tudo obedecendo a um plano preestabelecido pela misericordiosa sabedoria do Cristo, consideradas as leis do princípio e do desenvolvimento geral.

OS PRIMEIROS HABITANTES DA TERRA

Dizíamos que uma camada de matéria gelatinosa envolvia o orbe terreno em seus mais íntimos contornos. Essa matéria, amorfa e viscosa, era o celeiro sagrado das sementes da vida. O protoplasma foi o embrião de todas as organizações do globo terrestre, e, se essa matéria, sem forma definida, cobria a crosta solidificada do planeta, em breve a condensação da massa dava origem ao surgimento do núcleo, iniciando-se as primeiras manifestações dos seres vivos.

Os primeiros habitantes da Terra, no plano material, são as células aluminóides, as amebas e todas as organizações unicelulares, isoladas e livres, que se multiplicam prodigiosamente na temperatura tépida dos oceanos.

Com o escoar incessante do tempo, esses seres primordiais se movem ao longo das águas, onde encontram o oxigênio necessário ao entretenimento da vida, elemento que a terra firme não possuía ainda em proporções de manter a existência animal, antes das grandes vegetações; esses seres rudimentares somente revelam um sentido - o do tato, que deu origem a todos os outros, em função de aperfeiçoamento dos organismos superiores.

A ELABORAÇÃO PACIENTE DAS FORMAS

Decorrido muito tempo, eis que as amebas primitivas se associam para a vida celular em comum, formando-se as colônias de infusórios, de polípeiros, em obediência aos planos da construção definitiva do porvir, emanados do mundo espiritual onde todo o progresso da Terra tem a sua gênese.

Os reinos vegetal e animal parecem confundidos nas profundidades oceânicas. Não existem formas definidas nem expressão individual nessas sociedades de infusórios; mas, desses conjuntos singulares, formam-se ensaios de vida que já apresentam caracteres e rudimentos dos organismos superiores.

Milhares de anos foram precisos aos operários de Jesus, nos serviços da elaboração paciente das formas.

A princípio, coordenam os elementos da nutrição e da conservação da existência. O coração e os brônquios são conquistados e, após eles, formam-se os pródromos celulares do sistema nervoso e dos órgãos da procriação, que se aperfeiçoam, definindo-se nos seres.

AS FORMAS INTERMEDIÁRIAS DA NATUREZA

A atmosfera está ainda saturada de umidade e vapores, e a terra sólida está coberta de lodo e pântanos inimagináveis.

Todavia, as derradeiras convulsões interiores do orbe localizam os calores centrais do planeta, restringindo a zona das influências telúricas necessárias à manutenção da vida animal.

Esses fenômenos geológicos estabelecem os contornos geográficos do globo, delineando os continentes e fixando a posição dos oceanos, surgindo,

desse modo, as grandes extensões de terra firme, aptas a receber as sementes prolíficas da vida.

Os primeiros crustáceos terrestres são um prolongamento dos crustáceos marinhos. Seguindo-lhes as pegadas, aparecem os batráquios, que trocam as águas pelas regiões lodosas e firmes.

Nessa fase evolutiva do planeta, todo o globo se veste de vegetação luxuriante, prodigiosa, de cujas florestas opulentas e desmesuradas as minas carboníferas dos tempos modernos são os petrificados vestígios.

OS ENSAIOS ASSOMBROSOS

Nessa altura, os artistas da criação inauguram novos períodos evolutivos, no plano das formas.

A Natureza torna-se uma grande oficina de ensaios monstruosos. Após os répteis, surgem os animais horrendos das eras primitivas.

Os trabalhadores do Cristo, como os alquimistas que estudam a combinação das substâncias, na retorta de acuradas observações, analisavam, igualmente, a combinação prodigiosa dos complexos celulares, cuja formação eles próprios haviam delineado, executando, com as suas experiências, uma justa aferição de valores, prevendo todas as possibilidades e necessidades do porvir.

Todas as arestas foram eliminadas. Aplainaram-se dificuldades e realizaram-se novas conquistas. A máquina celular foi aperfeiçoada, no limite do possível, em face das leis físicas do globo. Os tipos adequados à Terra foram consumados em todos os reinos da Natureza, eliminando-se os frutos teratológicos e estranhos, do laboratório de suas perseverantes experiências. A prova da intervenção das forças espirituais, nesse vasto campo de operações, é que, enquanto o escorpião, gêmeo dos crustáceos marinhos, conserva até hoje, de modo geral, a forma primitiva, os animais monstruosos das épocas remotas, que lhe foram posteriores, desapareceram para sempre da fauna terrestre, guardando os museus do mundo as interessantes reminiscências de suas formas atormentadas.

OS ANTEPASSADOS DO HOMEM

O reino animal experimenta as mais estranhas transições no período terciário, sob as influências do meio e em face dos imperativos da lei de seleção.

Mas, o nosso raciocínio ansioso procura os legítimos antepassados das criaturas humanas, nessa imensa vastidão do proscênio da evolução anímica.

Onde está Adão com a sua queda do paraíso? Debalde nossos olhos procuram, aflitos, essas figuras legendárias, com o propósito de localizá-las no Espaço e no Tempo. Compreendemos, afinal, que Adão e Eva constituem uma lembrança dos Espíritos degredados na paisagem obscura da Terra, como Caim e Abel são dois símbolos para a personalidade das criaturas.

Examinada, porém, a questão nos seus prismas reais, vamos encontrar os primeiros antepassados do homem sofrendo os processos de aperfeiçoamento da Natureza. No período terciário a que nos reportamos, sob a orientação das esferas espirituais notavam-se algumas raças de antropóides, no Plioceno inferior. Esses antropóides, antepassados do homem terrestre, e os ascendentes dos sí-

mios que ainda existem no mundo, tiveram a sua evolução em pontos convergentes, e daí os parentescos sorológicos entre o organismo do homem moderno e o do chimpanzé da atualidade.

Reportando-nos, todavia, aos eminentes naturalistas dos últimos tempos, que examinaram meticulosamente os transcendentais assuntos do evolucionismo, somos compelidos a esclarecer que não houve propriamente uma "descida da árvore", no início da evolução humana.

As forças espirituais que dirigem os fenômenos terrestres, sob a orientação do Cristo, estabeleceram, na época da grande maleabilidade dos elementos materiais, uma linhagem definitiva para todas as espécies, dentro das quais o princípio espiritual encontraria o processo de seu acrisolamento, em marcha para a racionalidade.

Os peixes, os répteis, os mamíferos, tiveram suas linhagens fixas de desenvolvimento e o homem não escaparia a essa regra geral.

A GRANDE TRANSIÇÃO

Os antropóides das cavernas espalharam-se, então, aos grupos, pela superfície do globo, no curso vagaroso dos séculos, sofrendo as influências do meio e formando os pródromos das raças futuras em seus tipos diversificados; a realidade, porém, é que as entidades espirituais auxiliaram o homem do sílex, imprimindo-lhe novas expressões biológicas. Extraordinárias experiências foram realizadas pelos mensageiros do invisível. As pesquisas recentes da Ciência sobre o tipo de Neanderthal, reconhecendo nele uma espécie de homem bestializado, e outras descobertas interessantes da Paleontologia, quanto ao homem fóssil, são um atestado dos experimentos biológicos a que procederam os prepostos de Jesus, até fixarem no "primata" os característicos aproximados do homem futuro.

Os séculos correram o seu velário de experiências penosas sobre a frente dessas criaturas de braços alongados e de pelos densos, até que um dia as hostes do invisível operaram uma definitiva transição no corpo perispiritual preexistente, dos homens primitivos, nas regiões siderais e em certos intervalos de suas reencarnações.

Surgem os primeiros selvagens de compleição melhorada, tendendo à elegância dos tempos do porvir.

Uma transformação visceral verificara-se na estrutura dos antepassados das raças humanas.

Como poderia operar-se semelhante transição? Perguntará o vosso critério científico.

Muito naturalmente.

Também as crianças têm os defeitos da infância corrigidos pelos pais, que as preparam em face da vida, sem que, na maioridade, elas se lembrem disso.

III

As raças adâmicas

O SISTEMA DE CAPELA

Nos mapas zodiacais, que os astrônomos terrestres compulsam em seus estudos, observa-se desenhada uma grande estrela na Constelação do Cocheiro, que recebeu, na Terra, o nome de Cabra ou Capela. Magnífico sol entre os astros que nos são mais vizinhos, ela, na sua trajetória pelo Infinito, faz-se acompanhar, igualmente, da sua família de mundos, cantando as glórias divinas do Ilimitado. A sua luz gasta cerca de 42 anos para chegar à face da Terra, considerando-se, desse modo, a regular distância existente entre a Capela e o nosso planeta, já que a luz percorre o espaço com a velocidade aproximada de 300.000 quilômetros por segundo.

Quase todos os mundos que lhe são dependentes já se purificaram física e moralmente, examinadas as condições de atraso moral da Terra, onde o homem se reconforta com as vísceras dos seus irmãos inferiores, como nas eras pré-históricas de sua existência, marcham uns contra os outros ao som de hinos guerreiros, desconhecendo os mais comezinhos princípios de fraternidade e pouco realizando em favor da extinção do egoísmo, da vaidade, do seu infeliz orgulho.

UM MUNDO EM TRANSIÇÕES

Há muitos milênios, um dos orbes da Capela, que guarda muitas afinidades com o globo terrestre, atingira a culminância de um dos seus extraordinários ciclos evolutivos.

As lutas finais de um longo aperfeiçoamento estavam delineadas, como ora acontece convosco, relativamente às transições esperadas no século XX, neste crepúsculo de civilização.

Alguns milhões de Espíritos rebeldes lá existiam, no caminho da evolução geral, dificultando a consolidação das penosas conquistas daqueles povos cheios de piedade e virtudes, mas uma ação de saneamento geral os alijaria daquela humanidade, que fizera jus à concórdia perpétua, para a edificação dos seus elevados trabalhos

As grandes comunidades espirituais, diretoras do Cosmos, deliberaram, então, localizar aquelas entidades, que se tornaram pertinazes no crime, aqui na Terra longínqua, onde aprenderiam a realizar, na dor e nos trabalhos penosos do seu ambiente, as grandes conquistas do coração e impulsionando, simultaneamente, o progresso dos seus irmãos inferiores.

ESPÍRITOS EXILADOS NA TERRA

Foi assim que Jesus recebeu, à luz do seu reino de amor e de justiça, aquela turba de seres sofredores e infelizes.

Com a sua palavra sábia e compassiva, exortou essas almas desventuradas à edificação da consciência pelo cumprimento dos deveres de solidariedade e de amor, no esforço regenerador de si mesmas. Mostrou-lhes os campos imensos de luta que se desdobravam na Terra, envolvendo-as no halo bendito da sua miseri-

córdia e da sua caridade sem limites. Abençoou-lhes as lágrimas santificadoras, fazendo-lhes sentir os sagrados triunfos do futuro e prometendo-lhes a sua colaboração cotidiana e a sua vinda no porvir.

Aqueles seres angustiados e aflitos, que deixavam atrás de si todo um mundo de afetos, não obstante os seus corações empedernidos na prática do mal, seriam degredados na face obscura do planeta terrestre; andariam desprezados na noite dos milênios da saudade e da amargura; reencarnariam no seio das raças ignorantes e primitivas, a lembrarem o paraíso perdido nos firmamentos distantes. Por muitos séculos não veriam a suave luz da Capela, mas trabalhariam na Terra acariciados por Jesus e confortados na sua imensa misericórdia.

FIXAÇÃO DOS CARACTERES RACIAIS

Com o auxílio desses Espíritos degredados, naquelas eras remotíssimas, as falanges do Cristo operavam ainda as últimas experiências sobre os fluidos renovadores da vida, aperfeiçoando os caracteres biológicos das raças humanas. A Natureza ainda era, para os trabalhadores da espiritualidade, um campo vasto de experiências infinitas; tanto assim que, se as observações do mendelismo fossem transferidas àqueles milênios distantes, não se encontraria nenhuma equação definitiva nos seus estudos de biologia. A moderna genética não poderia fixar, como hoje, as expressões dos "genes", porquanto, no laboratório das forças invisíveis, as células ainda sofriam longos processos de acrisolamento, imprimindo-se-lhes elementos de astralidade, consolidando-se-lhes as expressões definitivas, com vistas às organizações do porvir.

Se a gênese do planeta se processara com a cooperação dos milênios, a gênese das raças humanas requeria a contribuição do tempo, até que se abandonasse a penosa e longa tarefa da sua fixação.

ORIGEM DAS RAÇAS BRANCAS

Aquelas almas aflitas e atormentadas reencarnaram, proporcionalmente, nas regiões mais importantes, onde se haviam localizado as tribos e famílias primitivas, descendentes dos "primatas", a que nos referimos ainda há pouco. Com a sua reencarnação no mundo terreno, estabeleciam-se fatores definitivos na história etnológica dos seres.

Um grande acontecimento se verificara no planeta

É que, com essas entidades, nasceram no orbe os ascendentes das raças brancas.

Em sua maioria, estabeleceram-se na Ásia, de onde atravessaram o istmo de Suez para a África, na região do Egito, encaminhando-se igualmente para a longínqua Atlântida, de que várias regiões da América guardam assinalados vestígios.

Não obstante as lições recebidas da palavra sábia e mansa do Cristo, os homens brancos olvidaram os seus sagrados compromissos.

Grande percentagem daqueles Espíritos rebeldes, com muitas exceções, só puderam voltar ao país da luz e da verdade depois de muitos séculos de sofrimentos expiatórios; outros, porém, infelizes e retrógrados, permanecem ainda na

Terra, nos dias que correm, contrariando a regra geral, em virtude do seu elevado passivo de débitos clamorosos.

QUATRO GRANDES POVOS

As raças adâmicas guardavam vaga lembrança da sua situação pregressa, tecendo o hino sagrado das reminiscências.

As tradições do paraíso perdido passaram de gerações a gerações, até que ficassem arquivadas nas páginas da Bíblia.

Aqueles seres decaídos e degradados, à maneira de suas vidas passadas no mundo distante da Capela, com o transcurso dos anos reuniram-se em quatro grandes grupos que se fixaram depois nos povos mais antigos, obedecendo às afinidades sentimentais e lingüísticas que os associavam na constelação do Cocheiro. Unidos, novamente, na esteira do Tempo, formaram desse modo o grupo dos árias, a civilização do Egito, o povo de Israel e as castas da Índia.

Dos árias descende a maioria dos povos brancos da família indo-européia; nessa descendência, porém, é necessário incluir os latinos, os celtas e os gregos, além dos germanos e dos eslavos.

As quatro grandes massas de degradados formaram os pródromos de toda a organização das civilizações futuras, introduzindo os mais largos benefícios no seio da raça amarela e da raça negra, que já existiam.

É de grande interesse o estudo de sua movimentação no curso da História. Através dessa análise, é possível examinarem-se os defeitos e virtudes que trouxeram do seu paraíso longínquo, bem como os antagonismos e idiosincrasias peculiares a cada qual.

AS PROMESSAS DO CRISTO

Tendo ouvido a palavra do Divino Mestre antes de se estabelecerem no mundo, as raças adâmicas, nos seus grupos insulados, guardaram a reminiscência das promessas do Cristo, que, por sua vez, as fortaleceu no seio das massas, enviando-lhes periodicamente os seus missionários e mensageiros.

Eis por que as epopéias do Evangelho foram previstas e cantadas alguns milênios antes da vinda do Sublime Emissário.

Os enviados do Infinito falaram, na China milenária, da celeste figura do Salvador, muitos séculos antes do advento de Jesus. Os iniciados do Egito esperavam-no com as suas profecias. Na Pérsia, idealizaram a sua trajetória, ante-vedo-lhe os passos nos caminhos do porvir; na Índia védica, era conhecida quase toda a história evangélica, que o sol dos milênios futuros iluminaria na região escabrosa da Palestina, e o povo de Israel, durante muitos séculos, cantou-lhe as glórias divinas, na exaltação do amor e da resignação, da piedade e do martírio, através da palavra de seus profetas mais eminentes.

Uma secreta intuição iluminava o espírito divinatório das massas populares.

Todos os povos O esperavam em seu seio acolhedor; todos O queriam, localizando em seus caminhos a sua expressão sublime e divinizada. Todavia, apesar de surgir um dia no mundo, como Alegria de todos os tristes e Providência

de todos os infelizes, à sombra do trono de Jessé, o Filho de Deus em todas as circunstâncias seria o Verbo de Luz e de Amor do Princípio, cuja genealogia se confunde na poeira dos sóis que rolam no Infinito. (*)

(*) Entre as considerações acima e as do capítulo precedente, devemos ponderar o interstício de muitos séculos. Aliás, no que se refere à historicidade das raças adâmicas, será justo meditarmos atentamente no problema da fixação dos caracteres raciais. Apresentando o meu pensamento humilde, procurei demonstrar as largas experiências que os operários do Invisível levaram a efeito, sobre os complexos celulares, chegando a dizer da impossibilidade de qualquer cogitação mendelista nessa época da evolução planetária. Aos prepostos de Jesus foi necessária grande soma de tempo, no sentido de fixar o tipo humano.

Assim, pois, referindo-nos ao degredo dos emigrantes da Capela, devemos esclarecer que, nessa ocasião, já o primata hominis se encontrava arregimentado em tribos numerosas. Depois de grandes experiências, foi que as migrações do Pamir se espalharam pelo orbe, obedecendo a sagrados roteiros, delineados nas Alturas.

Quanto ao fato de se verificar a reencarnação de Espíritos tão avançados em conhecimentos, em corpos de raças primigênicas, não deve causar repugnância ao entendimento. Lembremo-nos de que um metal puro, como o ouro, por exemplo, não se modifica pela circunstância de se apresentar em vaso imundo, ou disforme. Toda oportunidade de realização do bem é sagrada. Quanto ao mais, que fazer com o trabalhador desatento que estraçalha no mal todos os instrumentos perfeitos que lhe são confiados? Seu direito, aos aparelhos mais preciosos, sofrerá solução de continuidade. A educação generosa e justa ordenará a localização de seus esforços em maquinaria imperfeita, até que saiba valorizar as preciosidades em mão. A todo tempo, a máquina deve estar de acordo com as disposições do operário, para que o dever cumprido seja caminho aberto a direitos novos.

Entre as raças negra e amarela, bem como entre os grandes agrupamentos primitivos da Lemúria, da Atlântida e de outras regiões que ficaram imprecisas no acervo de conhecimentos dos povos, os exilados da Capela trabalharam proficuamente, adquirindo a provisão de amor para suas consciências ressequidas. Como vemos, não houve retrocesso, mas providência justa de administração, segundo os méritos de cada qual, no terreno do trabalho e do sofrimento para a redenção. - (Nota de Emmanuel.)

*

XXIV

O Espiritismo e as grandes transições

A EXTINÇÃO DO CATIVEIRO

O século XIX caracteriza-se por suas numerosas conquistas. A par dos grandes fenômenos de evolução científica e industrial que o abalaram, observam-se igualmente acontecimentos políticos de suma importância, renovando as concepções sociais de todos os povos da raça branca.

Um desses grandes acontecimentos é a extinção do cativo. Cumprindo as determinações do Divino Mestre, seus mensageiros do plano invisível laboram junto aos gabinetes administrativos, de modo a facilitar a vitória da liberdade.

As decisões do Congresso de Viena, reprovando o tráfico de homens livres, encontrara funda repercussão em todos os países. Em 1834, o parlamento inglês resolve abolir a escravidão em todas as colônias da Grã-Bretanha. Em 1850, o Brasil suprime o tráfico africano. Na revolta de 1848, a França delibera a extinção do cativo em seus territórios. Em 1861, Alexandre II da Rússia declarava livres todos os camponeses que trabalhavam sob o regime da escravidão,

e, de 1861 a 1865, uma guerra nefanda devasta o solo hospitaleiro dos Estados Americanos do Norte, na luta da secessão, que termina com a vitória da liberdade e das idéias progressistas da grande nação da América.

O SOCIALISMO

Grandes idéias florescem na mentalidade de então. Ressurgem, aí, as antigas doutrinas da igualdade absoluta. Aparece o socialismo propondo reformas viscerais e imediatas. Alguns idealistas tocam a Utopia de Thomas More, ou a República perfeita, idealizada por Platão. Fundam-se as alianças de anarquismo, as sociedades de caráter universal. Uma revolução sociológica de conseqüências imprevisíveis ameaça a estabilidade da própria civilização, condenando-a à destruição mais completa.

O fim do século que passou é o cenário vastíssimo dessas lutas inglórias. Todas as ciências sociais são chamadas aos grandes debates levados a efeito entre o capitalismo e o trabalho. Onde se encontram, porém, as forças morais capazes de realizar o grande milagre da elucidação de todos os espíritos? A Igreja Romana, que nutria a civilização ocidental desde o seu berço, era, por força das circunstâncias, a entidade indicada para resolver o grande problema.

Todavia, após as afirmativas do Sílabo e depois do famoso discurso do bispo Strossmayer, em 1870, no Vaticano, quando Pio IX decretava a infalibilidade pontifícia, semelhante equação era muito difícil por parte da Igreja. Entretanto, Leão XIII vem ao campo da luta com a encíclica "Rerum Novarum", tentando conciliar o braço e o capital, apontando a cada qual os seus mais sagrados deveres. Se o efeito desse documento teve considerável importância para as classes mais cultas do Velho e do Novo Mundo, tanto não se deu com as classes mais desfavorecidas, fartas de palavras.

RESTABELECENDO A VERDADE

O Espiritismo vinha, desse modo, na hora psicológica das grandes transformações, alentando o espírito humano para que se não perdesse o fruto sagrado de quantos trabalharam e sofreram no esforço penoso da civilização. Com as provas da sobrevivência, vinha reabilitar o Cristianismo que a Igreja deturpara, semeando, de novo, os eternos ensinamentos do Cristo no coração dos homens. Com as verdades da reencarnação, veio explicar o absurdo das teorias igualitárias absolutas, cooperando na restauração do verdadeiro caminho do progresso humano. Enquadrando o socialismo nos postulados cristãos, não se ilude com as reformas exteriores, para concluir que a única renovação apreciável é a do homem íntimo, célula viva do organismo social de todos os tempos, pugnando pela intensificação dos movimentos educativos da criatura, à luz eterna do Evangelho do Cristo. Ensinando a lei das compensações no caminho da redenção e das provas do indivíduo e da coletividade, estabelece o regime da responsabilidade, em que cada espírito deve enriquecer a catalogação dos seus próprios valores. Não se engana com as utopias da igualdade absoluta, em vista dos conhecimentos da lei do esforço e do trabalho individual, e não se transforma em instrumento de opressão dos magnatas da economia e do poder, por consciente dos imperativos da solidariedade humana. Despreocupado de todas as revoluções, porque somente a evolução é o seu campo de atividade e de experiência, distante de todas as guerras pela compreensão dos laços fraternos que reúnem a comunidade univer-

sal, ensina a fraternidade legítima dos homens e das pátrias, das famílias e dos grupos, alargando as concepções da justiça econômica e corrigindo o espírito exaltado das ideologias extremistas.

Nestes tempos dolorosos em que as mais penosas transições se anunciam ao espírito do homem, só o Espiritismo pode representar o valor moral onde se encontra o apoio necessário à edificação do porvir. Enquanto os utopistas da reforma exterior se entregam à tutela de ditadores impiedosos, como os da Rússia e da Alemanha, em suas sinistras aventuras revolucionárias, prossegue ele, o Espiritismo, a sua obra educativa junto das classes intelectuais e das massas anônimas e sofredoras, preparando o mundo de amanhã com as luzes imorredouras da lição do Cristo.

DEFECÇÃO DA IGREJA CATÓLICA

Desde 1870, ano que assinalou para o homem a decadência da Igreja, em virtude da sua defecção (deserção) espiritual no cumprimento dos grandes deveres que lhe foram confiados pelo Senhor, nos tempos apostólicos, um período de transições profundas marca todas as atividades humanas.

Em vão o mundo esperou as realizações cristãs, iniciadas no império de Constantino. Aliada do Estado e vivendo à mesa dos seus interesses econômicos, a Igreja não cuidou de outra coisa que não fosse o seu reino perecível. Esquecida de Deus, nunca procurou equiparar a evolução do homem físico à do homem espiritual, prendendo-se a interesses rasteiros e mesquinhos da política temporal. É por isso que agora lhe pairam sobre a frente os mais sinistros vaticínios.

LUTAS RENOVADORAS

O século XX surgiu no horizonte do Globo, qual arena ampla de lutas renovadoras. As teorias sociais continuam seu caminho, tocando muitas vezes a curva tenebrosa do extremismo, mas as revelações do além-túmulo descem às almas, como orvalho imaterial, preludiando a paz e a luz de uma nova era.

Numerosas transformações são aguardadas e o Espiritismo esclarece os corações, renovando a personalidade espiritual das criaturas para o futuro que se aproxima.

As guerras russo-japonesa e a europeia de 1914 - 1918 foram pródromos de uma luta maior, que não vem muito longe, e dentro da qual o planeta alijará todos os Espíritos rebeldes e galvanizados no crime, que não souberam aproveitar a dádiva de numerosos milênios, no patrimônio sagrado do tempo.

Então a Terra, como aquele mundo longínquo da Capela, ver-se-á livre das entidades endurecidas no mal, porque o homem da radiotelefonía e do transatlântico precisa de alma e sentimento, a fim de não perverter as sagradas conquistas do progresso. Ficarão no mundo os que puderem compreender a lição do amor e da fraternidade sob a égide de Jesus, cuja misericórdia é o verbo de vida e luz, desde o princípio.

Época de lutas amargas, desde os primeiros anos deste século a guerra se aninhou com caráter permanente em quase todas as regiões do planeta. A Liga das Nações, o Tratado de Versalhes, bem como todos os pactos de segurança da

paz, não têm sido senão fenômenos da própria guerra, que somente terminarão com o apogeu dessas lutas fratricidas, no processo de seleção final das expressões espirituais da vida terrestre.

A AMÉRICA E O FUTURO

Embora compelida a participar das lutas próximas, pelo determinismo das circunstâncias de sua vida política, a América está destinada a receber o cetro da civilização e da cultura, na orientação dos povos porvindouros.

Em torno dos seus celeiros econômicos, reunir-se-ão as experiências europeias, aproveitando o esforço penoso dos que tombaram na obra da civilização do Ocidente para a edificação do homem espiritual, que há de sobrepor-se ao homem físico do planeta, no pleno conhecimento dos grandes problemas do ser e do destino.

Para esse desiderato grandioso, apresta-se o plano espiritual, no afã de elucidar dos nobres deveres continentais. O esforço sincero de cooperação no trabalho e de construção da paz não é aí uma utopia, como na Europa saturada de preconceitos multisseculares.

Nos campos exuberantes do continente americano estão plantadas as sementes de luz da árvore maravilhosa da civilização do futuro.

JESUS

Há no mundo um movimento inédito de armamentos e munições. Teria começado neste momento? Não. A corrida armamentista do século XX começou antes da luta de Porto Artur, em 1904. As indústrias bélicas atingem culminâncias imprevistas. Os campos estão despovoados. Os homens se recolheram às zonas de concentração militar, esperando o inimigo, sem saber que o adversário está em seu próprio espírito. A Europa e o Oriente constituem um campo vasto de agressão e terrorismo, com exceção das Repúblicas Democráticas, que se vêem obrigadas a grandes programas de rearmamento, em face do Moloque do extremismo. Onde os valores morais da Humanidade? As igrejas estão amordaçadas pelas injunções de ordem econômica e política. Somente o Espiritismo, prescindindo de todas as garantias terrenas, executa o esforço tremendo de manter acesa a luz da crença, nesse barco frágil do homem ignorante do seu glorioso destino, barco que ameaça voltar às correntes da força e da violência, longe das plagas iluminadas da Razão, da Cultura e do Direito.

Convenhamos em que o esforço do Espiritismo é quase superior às suas próprias forças, mas o mundo não está à disposição dos ditadores terrestres. Jesus é o seu único diretor no plano das realidades imortais, e agora que o mundo se entrega a todas as expectativas angustiosas, os espaços mais próximos da Terra se movimentam a favor do restabelecimento da verdade e da paz, a caminho de uma nova era.

Espíritos abnegados e esclarecidos falam-nos de uma nova reunião da comunidade das potências angélicas do sistema solar, da qual é Jesus um dos membros divinos. Reunir-se-á, de novo, a sociedade celeste, pela terceira vez, na atmosfera terrestre, desde que o Cristo recebeu a sagrada missão de abraçar e

redimir a nossa Humanidade, decidindo novamente sobre os destinos do nosso mundo.

Que resultará desse conclave dos Anjos do Infinito? Deus o sabe.

Nas grandes transições do século que passa, aguardemos o seu amor e a sua misericórdia.

*

XXV

O Evangelho e o futuro

Um modesto esboço da História faz entrever os laços eternos que ligam todas as gerações nos surtos evolutivos do planeta.

Muita vez, o palco das civilizações foi modificado, sofrendo profundas renovações nos seus cenários, mas os atores são os mesmos, caminhando, nas lutas purificadoras, para a perfeição dAquele que é a Luz do princípio.

Nos primórdios da Humanidade, o homem terrestre foi naturalmente conduzido às atividades exteriores, desbravando o caminho da natureza para a solução do problema vital, mas houve um tempo em que a sua maioria espiritual foi proclamada pela sabedoria da Grécia e pelas organizações romanas.

Nessa época, a vinda do Cristo ao planeta assinalaria o maior acontecimento para o mundo, de vez que o Evangelho seria a eterna mensagem do Céu, ligando a Terra ao reino luminoso de Jesus, na hipótese da assimilação do homem espiritual, com respeito aos ensinamentos divinos. Mas a pureza do Cristianismo não conseguiu manter-se intacta, tão logo regressaram ao plano invisível os auxiliares do Senhor, reencarnados no globo terrestre para a glorificação dos tempos apostólicos.

O assédio das trevas avassalou o coração das criaturas.

Decorridos três séculos da lição santificante de Jesus, surgiram a falsidade e a má-fé adaptando-se às conveniências dos poderes políticos do mundo, desvirtuando-se-lhe todos os princípios, por favorecer doutrinas de violência oficializada.

Debalde enviou o Divino Mestre seus emissários e discípulos mais queridos ao ambiente das lutas planetárias. Quando não foram trucidados pelas multidões delinqüentes ou pelos verdugos das consciências, foram obrigados a capitular diante da ignorância, esperando o juízo longínquo da posteridade.

Desde essa época, em que a mensagem evangélica dilatava a esfera da liberdade humana, em virtude da sua maturidade para o entendimento das grandes e consoladoras verdades da existência, estacionou o homem espiritual em seus surtos de progresso, impossibilitado de acompanhar o homem físico na sua marcha pelas estradas do conhecimento.

É por esse motivo que, ao lado dos aviões poderosos e da radiotelegrafia, que ligam todos os continentes e países da atualidade, indicando os imperativos das leis da solidariedade humana, vemos o conceito de civilização insultado por todas as doutrinas de isolamento, enquanto os povos se preparam para o exter-

mínio e para a destruição. É ainda por isso que, em nome do Evangelho, se perpetraram todos os absurdos nos países ditos cristãos.

A realidade é que a civilização ocidental não chegou a se cristianizar. Na França temos a guilhotina, a força na Inglaterra, o machado na Alemanha e a cadeira elétrica na própria América da fraternidade e da concórdia, isto para nos referirmos tão-somente às nações supercivilizadas do planeta. A Itália não realizou a sua agressão à Abissínia, em nome da civilização cristã do Ocidente? Não foi em nome do Evangelho que os padres italianos abençoaram os canhões e as metralhadoras da conquista? Em nome do Cristo espalharam-se, nestes vinte séculos, todas as discórdias e todas as amarguras do mundo.

Mas é chegado o tempo de um reajustamento de todos os valores humanos. Se as dolorosas expiações coletivas preludiam a época dos últimos "ais" do Apocalipse, a espiritualidade tem de penetrar as realizações do homem físico, conduzindo-as para o bem de toda a Humanidade.

O Espiritismo, na sua missão de Consolador, é o amparo do mundo neste século de declives da sua História; só ele pode, na sua feição de Cristianismo redivivo, salvar as religiões que se apagam entre os choques da força e da ambição, do egoísmo e do domínio, apontando ao homem os seus verdadeiros caminhos. No seu manancial de esclarecimentos, poder-se-á beber a linfa cristalina das verdades consoladoras do Céu, preparando-se as almas para a nova era. São chegados os tempos em que as forças do mal serão compelidas a abandonar as suas derradeiras posições de domínio nos ambientes terrestres, e os seus últimos triunfos são bem o penhor de uma reação temerária e infeliz, apressando a realização dos vaticínios sombrios que pesam sobre o seu império perecível.

Ditadores, exércitos, hegemonias econômicas, massas versáteis e inconscientes, guerras inglórias, organizações seculares, passarão com a vertigem de um pesadelo.

A vitória da força é uma claridade de fogos de artifício.

Toda a realidade é a do Espírito e toda a paz é a do entendimento do reino de Deus e de sua justiça.

O século que passa efetuará a divisão das ovelhas do imenso rebanho. O cajado do pastor conduzirá o sofrimento na tarefa penosa da escolha e a dor se incumbirá do trabalho que os homens não aceitaram por amor.

Uma tempestade de amarguras varrerá toda a Terra. Os filhos da Jerusalém de todos os séculos devem chorar, contemplando essas chuvas de lágrimas e de sangue que rebentarão das nuvens pesadas de suas consciências enegrecidas.

Condenada pelas sentenças irrevogáveis de seus erros sociais e políticos, a superioridade européia desaparecerá para sempre, como o Império Romano, entregando à América o fruto das suas experiências, com vistas à civilização do porvir.

Vive-se agora, na Terra, um crepúsculo, ao qual sucederá profunda noite; e ao século XX compete a missão do desfecho desses acontecimentos espantosos.

Todavia, os operários humildes do Cristo ouçamos a sua voz no âmago de nossa alma:

"Bem-aventurados os pobres, porque o reino de Deus lhes pertence! Bem-aventurados os que têm fome de justiça, porque serão saciados! Bem-aventurados os aflitos, porque chegará o dia da consolação! Bem-aventurados os pacíficos, porque irão a Deus!"

Sim, porque depois da treva surgirá uma nova aurora. Luzes consoladoras envolverão todo o orbe regenerado no batismo do sofrimento. O homem espiritual estará unido ao homem físico para a sua marcha gloriosa no Ilimitado, e o Espiritismo terá retirado dos seus escombros materiais a alma divina das religiões, que os homens perverteram, ligando-as no abraço acolhedor do Cristianismo restaurado.

Trabalhem por Jesus, ainda que a nossa oficina esteja localizada no deserto das consciências.

Todos somos dos chamados ao grande labor e o nosso mais sublime dever é responder aos apelos do Escolhido.

Reverendo os quadros da História do mundo, sentimos um frio cortante neste crepúsculo doloroso da civilização ocidental. Lembremos a misericórdia do Pai e façamos as nossas preces. A noite não tarda e, no bojo de suas sombras compactas, não nos esqueçamos de Jesus, cuja misericórdia infinita, como sempre, será a claridade imortal da alvorada futura, feita de paz, de fraternidade e de redenção.

*

Livro: AGONIA DAS RELIGIÕES

J. HERCULANO PIRES

CAPITULO III - A EXPERIÊNCIA DE DEUS

Sacerdotes e pastores, homens de fé, sinceros e bons procuraram demonstrar-me que as religiões não estão em crise. Sustentaram que a crise é do homem e não das instituições religiosas. As religiões continuam vivas e atuantes no coração dos crentes - disseram - mas os homens mundanos, que se entregam à loucura do século, conturbam a paisagem terrena. É necessário que os homens busquem a Deus, que tenham a experiência de Deus. E essa experiência só é possível quando o homem se desliga do mundo para ligar-se a Deus através da oração e da meditação. Falaram de milhares de pessoas que, no torvelinho da vida contemporânea, procuram todos os dias, a horas certas, o refúgio dos templos ou de um quarto solitário para tentar um encontro pessoal com Deus. Muitas dessas pessoas já conseguiram a audiência secreta com o Todo Poderoso. São criaturas felizes, iluminadas pela graça divina, que sustentam com sua fé inabalável a continuidade das religiões e garantem a sua expansão.

É bom que existam pessoas assim, dedicadas vestais que zelam pelo fogo sagrado. São os últimos abencerrages do formalismo religioso, flores de estufa cultivadas na penumbra das naves sagradas. Cuidam da fé como jardineiros especializados que cultivam uma espécie vegetal extremamente delicada. Acreditam que os seus canteiros floridos darão sementes para semeaduras ilimitadas por toda a superfície da Terra. Não percebem essas almas eleitas que cultivam exclusivamente a si mesmas, ocultam na aparência piedosa seus conflitos profundos e nada mais fazem do que fugir da realidade escaldante da vida. Não escondem a cabeça na areia, pois mergulham de corpo inteiro no sonho egoísta da salvação pessoal.

As práticas místicas do passado provaram mal a sua eficácia. Do Oriente ao Ocidente, multidões de gerações de crentes desfilarão sem cessar, através dos milênios, pelos templos de todas as religiões. convictas de haverem alcançado a salvação pessoal. enquanto hordas ferozes e exércitos em guerras de extermínio brutal cobriam o mundo de ruínas, cadáveres inocentes, sangue e lágrimas. Os que ouviram Deus em audiência particular não se recusaram a pegar em armas para estraçalhar seus irmãos considerados como réprobos e infiéis. Santos Bispos e Padres, pastores calvinistas, crentes populares, fidelíssimos e humildes, não acenderam suas lâmpadas votivas para iluminar as noites trevas. Preferiram acender fogueiras inquisitórias e, quando o sol raiava, submeter piedosamente os hereges à morte redentora do garrote-vil, réplica religiosa à guilhotina profana.

Lembro-me do episódio histórico de Jerônimo de Praga. Depois de haver assistido, pelas grades da prisão, seu mestre João Huss ser queimado vivo em praça pública, foi também glorificado com a graça especial de uma fogueira semelhante. No momento em que as chamas começavam a iluminar a sua figura estranha, caridosamente amarrada ao palanque do suplício (para salvação de sua alma rebelde) viu uma pobre velhinha aproximar-se da fogueira com uma acha de lenha e atirá-la ao fogo. Era a sua contribuição piedosa para a salvação do

ímpio. Jerônimo exclamou apenas: "Santa simplicidade." Pouco depois estava reduzido a cinzas, para glória de Deus, e suas cinzas foram lançadas ritualmente nas águas do Reno.

Todas as formas de culto, todos os ritos, todos os sacramentos, todas as cerimônias religiosas, todos os cilícios foram empregados nos milênios sombrios do fanatismo religioso, para a salvação da Humanidade. E eis que agora chegamos a um tempo de descrença generalizada, de materialismo e ateísmo oficializados, de hipocrisia pragmática erigida em sustentáculo das religiões fracassadas. Deus falava diretamente com seu servo Moisés no deserto, falava-lhe cara a cara, ordenando matanças coletivas, genocídios tenebrosos, destruição total dos povos que impediam o acesso dos hebreus à terra dos cananeus, que seria tomada a fio de espada. Deus continua falando em particular a seus servos em nossos dias, para a sustentação das igrejas, enquanto o Diabo não perde tempo e alicia milhões de almas perdidas para as práticas do terrorismo, para a matança de crianças e criaturas inocentes, para assaltos e estupros em toda a face da Terra.

A experiência de Deus sustenta os crentes privilegiados e sustenta suas igrejas salvacionistas. E enquanto não chega a salvação, católicos e protestantes matam-se gloriosamente nas lutas fratricidas da Irlanda, em plena era das mais brilhantes conquistas da inteligência humana. Que estranha experiência é essa, que não revela os seus frutos, que não prova a sua eficácia? Deus estaria, acaso, demasiado velho para não perceber a inutilidade dos seus métodos de salvação pessoal em audiências privadas? E os seus servidores, os clérigos investidos de autoridade divina para implantar na Terra o Reino do Céu, porque não avisam o velho monarca da inutilidade milenarmente provada de sua técnica de contagotas?

Não seria mais certo tentarmos a revisão dos conceitos religiosos que nos deram a herança de tantos fracassos e tão espantosa expansão do materialismo e do ateísmo no mundo? Todas as grandes religiões afirmam a onipresença de Deus no Universo. Não obstante, todas consideram o mundo (criado por Deus) como profano, região em que as trevas dominam e o Diabo faz a incessante caçada das almas de Deus. É curioso lembrar que nos tempos mitológicos o mundo era considerado sagrado, a vida uma bênção, os prazeres naturais e as leis da procriação eram graças concedidas pelos deuses aos homens. O monoteísmo judaico, desenvolvido pelo Cristianismo, impregnou o mundo com a onipresença de Deus e o mundo tornou-se profano. Se Deus está presente num grão de areia, numa folha de relva, num fio dos nossos cabelos e numa pena das asas de um pássaro, como, apesar dessa impregnação divina, o homem se defronta com a impureza do mundo? Por que estranho motivo necessitamos de ritos especiais para purificar a inocência de uma criança, se Deus está presente no seu olhar puro e límpido, no seu choro, na meiguice do seu rostinho ainda não marcado pelo fogo das paixões terrenas? E porque precisa o cadáver de recomendação, com aspersão de água benta, se a ressurreição dos mortos se faz, como ensina o Apóstolo Paulo na I Epístola aos Coríntios e como Jesus exemplificou na sua própria morte, no corpo espiritual e não no corpo material?

São esses e outros muitos problemas acumulados nos erros milenares dos teólogos que levam o homem contemporâneo à descrença e ao materialismo, ao

ateísmo e ao niilismo. São todos esses erros que colocam as religiões em crise e as levarão à morte sem ressurreição. Considerando-se, porém, esse estranho panorama religioso da Terra numa perspectiva histórica, à luz da razão, compreende-se facilmente que os erros de ontem, até hoje sustentados pelas religiões, foram úteis e necessários nos tempos de ignorância, em que os problemas espirituais não podiam ser colocados em termos racionais. Há justificativas válidas para o passado religioso, mas não justificativas possíveis para o seu presente contraditório e absurdo. A tese, mais do que absurda, do Cristianismo Ateu, com que teólogos rebeldes procuram hoje remendar as vestes esfarrapadas das igrejas, só vem acrescentar maior confusão ao momento de agonia das religiões envelhecidas.

O problema da experiência de Deus poderia ser resolvido com um mínimo de reflexão. Se Deus está em nós, e por isso somos deuses em potência, segundo a própria expressão evangélica, porque necessitamos de uma busca artificial de Deus para termos a experiência da sua realidade? Se fomos criados por Deus e se Deus pôs em nós a sua marca, como afirmou Descartes - a idéia de Deus em nós, que é inata - já não trazemos, ao nascer, a experiência de Deus? E se, no desenvolver da vida humana, o homem nada mais faz do que cumprir um desígnio de Deus, assistido pelos Anjos Guardiães, porque tem ele de buscar a Deus através de uma prática artificial e egoísta, procurando preservar-se sozinho num mundo em que a maioria se perde irremediavelmente? Moisés supunha ter ouvido o próprio Deus no Sinai, mas o Apóstolo Paulo explicou que Deus lhe falara através de mensageiros, que são anjos. As pessoas que buscam hoje a experiência de Deus em audiência privada serão mais dignas do que Moisés, não estarão sujeitas a ouvir a voz de um anjo, que tanto pode ser bom quanto mau, pois as próprias igrejas admitem que os anjos decaídos andam à solta pela Terra procurando roubar para o Inferno as almas de Deus? Quem estará livre, na sua piedosa tarefa de salvar-se a si mesmo, de ser tentado pelo Diabo, que tentou o próprio Jesus nas suas meditações solitárias no Deserto?

As práticas místicas do passado não servem para a era da razão, em que nos encontramos na antevéspera da era do espírito. Orar e meditar é evidentemente um exercício religioso respeitável e necessário em todos os tempos. A oração nos liga aos planos superiores do espírito e a meditação sobre questões elevadas desenvolve a nossa capacidade de compreensão espiritual. Mas o dogma da experiência de Deus através de um pretensioso colóquio direto e pessoal com a Divindade é uma proposição egoísta e vaidosa. Se Deus é o Absoluto e nós somos relativos, a humildade não nos aconselha a ter mais cautela em nossas relações pessoais com a Divindade? São muitos os casos de perturbações mentais, de obsessões perigosas, de lamentáveis desequilíbrios psíquicos decorrentes de exageradas pretensões das criaturas humanas no campo das práticas religiosas. A História das Religiões é marcada por terríveis experiências nesse sentido. Basta lembrarmos os casos de perturbações coletivas em conventos e mosteiros da Idade Média, onde os excessos de misticismo transformaram criaturas piedosas em vítimas de si mesmas, sujeitando-as não raro à própria condenação da igreja a que pertenciam e a que procuravam servir.

Os dogmas de fé, que formam a estrutura conceptual das igrejas, são as pedras de tropeço do seu caminho evolutivo. Partindo do princípio de que a Re-

velação Divina é a própria palavra de Deus dirigida aos homens, as igrejas se anquilosaram em seus dogmas intocáveis, pois a exegese humana não poderia alterar as ordenações ao próprio Deus. Na verdade, a alteração se verificou em vários casos, apesar disso, mas decisões conciliares puseram a última pá de cimento nos erros cometidos. As estruturas eclesásticas tornaram-se rígidas e as igrejas confirmaram, no seu espírito, a ossatura de pedra de suas catedrais. Van-gloriam-se ainda hoje da sua imutabilidade, num mundo em que tudo evolui sem cessar. Os resultados dessa atitude ilusória e pretensiosa só poderiam ser nefastos, como vemos atualmente no lento e doloroso processo de agonia das religiões. Incidiram assim no pecado do apego, contra o qual os Evangelhos advertiram os homens. Apegaram-se de tal maneira à própria vida, que perderam a vida em abundância que Jesus prometeu aos que se desapegassem. As liberalidades atuais chegaram demasiado tarde.

A palavra dogma é grega e seu sentido original é opinião. Adquiriu em filosofia e religião o sentido de princípio doutrinário. Nas Escrituras religiosas aparece algumas vezes com o sentido de édito ou decreto de autoridades judaicas ou romanas. Entre o dogma religioso e o filosófico há uma diferença fundamental. O dogma religioso é de fé, princípio de fé que não pode ser contraditado, pois provém da Revelação de Deus. O dogma filosófico é racional, dogma de razão, ou seja, princípio de uma doutrina racionalmente estruturada. O sentido religioso superou os demais por motivo das conseqüências muitas vezes desastrosas da sua rigidez e imutabilidade. Se falarmos, por exemplo, em *dogmática*, esse termo é geralmente entendido como designando a estrutura dos dogmas fundamentais de uma religião. Por isso, a adjetivação de *dogmática*, que implica também o masculino, como nas expressões: *pessoa dogmática*, *posição dogmática* ou *homem dogmático*, significa intransigência de opiniões. O mesmo acontece com o substantivo *dogmatismo*, que designa um sistema de opiniões intransigentes.

Estas influências religiosas na semântica revelam a intensidade da rigidez a que as igrejas se entregaram, através dos séculos e dos milênios, na defesa da suposta eternidade de seus princípios básicos. Temos, portanto, no dogma de fé, um dos motivos fundamentais da crise das religiões em nossos dias. No Espiritismo, como em todas as doutrinas filosóficas, existem dogmas de razão, como o da existência de Deus, o da reencarnação, o da comunicabilidade dos espíritos após a morte. Muitos adeptos estranham a presença dessa palavra nos textos de uma doutrina que se afirma antidogmática, aberta ao livre exame de todos os seus princípios. São pessoas ainda apegadas ao sentido religioso da palavra. Não há nenhuma razão para essa estranheza, como já vimos, do ponto de vista cultural.

O problema da religião no Espiritismo tem provocado discussões e controvérsias infundáveis, porque essa doutrina não se apresenta como religião no sentido comum do termo. Allan Kardec, discípulo de Pestalozzi, adotava a posição de seu mestre no tocante à classificação das religiões. Pestalozzi admitia a existência de três tipos de religião: a animal ou primitiva, a social e a espiritual. Mas recusava-se a chamar esta última de religião, dando-lhe a designação de moralidade. Isso porque a religião superior ou espiritual, segundo ele, só era professada individualmente pela criatura que superava o *ser social* e desenvolvia

em si o *ser moral*. Kardec recusou-se a falar em Religião Espírita, sustentando que o Espiritismo é doutrina científica e filosófica, de conseqüências morais. Mas deu a essas conseqüências enorme importância ao considerar o Espiritismo como desenvolvimento histórico do Cristianismo, destinado a restabelecer a verdade dos princípios cristãos, deformados pelo processo natural de sincretismo-religioso que originou as igrejas cristãs.

Essa posição espírita manteve a doutrina e o movimento doutrinário em posição marginal no campo religioso. Para os espíritas, entretanto, a posição da doutrina não é marginal, mas superior, pois o Espiritismo representaria o cumprimento da profecia evangélica da Religião em espírito e verdade, que se desenvolveria sob a égide do próprio Cristo. A religião espírita não se organizou em forma de igreja, não admite sacramentos nem admitiu nenhuma forma de autoridade religiosa de tipo sacerdotal. Não há batismo, nem casamento religioso no Espiritismo, nem confissões ou indulgências. Todos esses formalismos são considerados como de origem pagã e judaica. Entende-se o batismo como rito de iniciação, que Jesus substituiu pelo *batismo do espírito*, sendo este considerado como a iniciação no conhecimento doutrinário, feita naturalmente pelo estudo da doutrina, sem nenhum ato ritual. Admite-se também que o *batismo do espírito*, segundo o texto do *Livro de Atos dos Apóstolos* sobre a visita de Pedro à casa do centurião Cornélius, no porto de Jope, pode completar-se, nos médiuns, quando se verifica espontaneamente, com o desenvolvimento da mediunidade.

Essa posição espírita no campo religioso causou numerosas dificuldades aos espíritas no tocante às relações de instituições doutrinárias com os poderes oficiais, particularmente para a declaração de religião em documentos oficiais, para o resguardo dos direitos escolares em face do ensino religioso, para a declaração de religião nos recenseamentos da população, até que medidas oficiais reconheceram esses direitos. Em compensação, o Espiritismo ficou livre das conseqüências da crise religiosa, que não o atingiram. Demonstrarei nos capítulos seguintes a posição da Religião Espírita em face dessa crise, que é evidentemente uma posição de vanguarda. Sua contribuição para a racionalização dos princípios religiosos, para a reintegração da Religião no plano cultural, particularmente no tocante aos problemas científicos da atualidade, é realmente substancial. No campo filosófico a posição espírita é também vanguardeira, pois desde o século passado sua filosofia se apresenta como *livre dos prejuízos do espírito de sistema*, conservando-se aberta a todas as renovações que decorrem de descobertas cientificamente comprovadas. Livre da dogmática religiosa e da sistemática filosófica, apoiada inteiramente na pesquisa científica, a doutrina está de fato a cavaleiro nas crises da atualidade

*

CAPÍTULO IV - EXPERIÊNCIA (DE DEUS) NO TEMPO

O homem realiza a experiência de Deus no tempo, ao longo de sua evolução natural. Não se pode ter uma experiência artificial de Deus em alguns minutos ou algumas horas de meditação. Essa experiência é natural e de natureza vital - faz parte integrante da vida e da existência humana. Podemos lembrar a expressão de Descartes: *A idéia de Deus no homem é a marca do obreiro na sua obra*. Descartes foi o precursor de Kardec, como João Batista o foi do Cristo.

Temos, assim, uma curiosa correlação histórica entre o advento do Cristianismo e o advento do Espiritismo, que se completa em numerosos outros aspectos.

Lembrando a teoria da reminiscência em Platão, em que as almas nascem na Terra marcadas pela recordação do mundo das idéias, compreenderemos mais facilmente a existência da idéia inata de Deus no homem. Essa idéia inata não é apenas marca, mas também o marco inicial e o pivô em torno do qual se processa todo o desenvolvimento espiritual da criatura humana. Podemos acompanhar esse processo desde a adoração dos elementos naturais pelo homem Primitivo (a partir da litolatria, adoração da pedra e de outras formações minerais) até à eclosão do monoteísmo, com a idéia do Deus Único, que Kant considerou o mais elevado conceito formulado pela mente humana. E vemos então que a idéia de Deus representa, histórica e antropológicamente, uma espécie de marca-passo de toda a evolução do homem.

No episódio do *Cogito*, da cogitação de Descartes sobre a realidade ou não da existência, temos o momento em que ele descobre, no mais profundo de si mesmo, uma idéia estranha, que é a da existência de um Ser Absoluto e portanto absolutamente perfeito. Essa idéia não podia ter sido originada pelas suas experiências de ser relativo e imperfeito. Descartes a considerou estranha porque só poderia vir de fora dele, da existência real desse Ser Absoluto. Descobria assim que tivera uma experiência de Deus, inteiramente independente de todas as suas experiências terrenas.

A importância desses fatos históricos e culturais foi negligenciada pela cultura leiga que se desenvolveu na Renascença e deu forma ao mundo moderno. O predomínio crescente das conquistas materiais da Civilização Ocidental asfixiou essas conquistas do espírito. O homem se esqueceu do significado desses fatos, desses episódios culminantes da cultura humana, e as religiões dogmáticas transformaram a idéia de Deus em simples crença desprovida de raízes experimentais. Coube ao Espiritismo restabelecer a *verdade* e colocar a *experiência de Deus* no seu devido lugar, no vasto panorama da evolução da Humanidade. Trata-se da mais importante e profunda experiência do homem, uma experiência vital que deverá levá-lo à compreensão da sua verdadeira natureza e do seu verdadeiro destino. Impossível reduzi-la a uma conquista particular e eventual de algumas criaturas que hoje se entregam a práticas de meditação.

Claro que com isso não pretendo negar nem diminuir o valor da meditação como disciplina mental e como recurso de elevação espiritual. Sustento apenas que a meditação é o produto e não a produtora da *experiência de Deus*, pois essa experiência já marcava o homem muito antes que ele houvesse adquirido o poder do pensamento abstrato e pudesse meditar. A vivência religiosa, pelo simples fato de ser vivência e não reflexão, é inerente ao homem desde o seu aparecimento no planeta. Essa é uma questão que hoje se coloca de maneira evidente.

A concepção espírita vai mais longe e mais fundo, negando ao homem atual o direito de isolar-se do mundo para buscar a Deus, e portanto de buscar a Deus ou aos poderes espirituais através de processos artificiais. O meio natural de evolução, para o homem e para todas as coisas e todos os seres, é a *relação*. Se nos afastamos do relacionamento social e cultural para nos elevarmos, estamos nos colocando em posição errada e tomando um caminho ilusório. A busca

solitária de Deus é um ato egocêntrico e preferencial. O místico vulgar não mergulha em si mesmo para encontrar em Deus a relação com o mundo, como o fez Descartes, mas, pelo contrário, para desligar-se do mundo e ligar-se isoladamente a Deus. Não é guiado pelo amor à Humanidade, mas pelo amor a si mesmo. Prefere elevar-se acima dos outros para encontrar em Deus o refúgio e a fortaleza em que poderá construir e usufruir sozinho a sua felicidade particular. Prefere a fuga ao mundo, em termos de superioridade pessoal e portanto egoísta, anti-religiosa, à ligação com o mundo e com Deus para a realização da unidade global que é o objetivo da religião.

A diferença absoluta entre a posição do Cristo e a Posição do Buda e das chamadas religiões orientais é precisamente essa. Enquanto o Buda abandona o mundo para buscar a Deus na solidão, o Cristo mergulha no mundo para religar os homens a Deus. A ação do Buda é subjetiva e contrária à experiência do mundo, enquanto a ação do Cristo é objetiva, considerando a experiência do mundo como necessária ao desenvolvimento da experiência de Deus no homem. Meio milhão de pessoas entregues à meditação para tentar a ligação pessoal de cada uma delas com Deus não representa um esforço coletivo de unidade - uma ação religiosa mas a simples coincidência de esforços particulares e isoladas, como vemos na busca do ouro nas regiões auríferas. Não se trata, pois, de uma ação coletiva e sim de milhares de ações individuais e egoístas.

Não quero de maneira alguma negar o valor espiritual do Buda, cuja posição correspondia à necessidade de orientação de uma comunidade de almas estranhas à Terra, exiladas em nosso planeta, que tinham por objetivo a volta aos seus mundos de origem. Nesse caso, a negação individual do mundo (do nosso mundo) tornava-se coletiva em virtude do objetivo comum do retorno ao paraíso perdido. A teoria espírita da migração entre os mundos - apoiada na teoria cristã das *muitas moradas da Casa do Pai* - é a chave indispensável à compreensão desse problema.

A evolução de cada mundo atinge o momento em que a sua população se divide em dois campos bem diferenciados, como vemos hoje na Terra. Um deles evoluiu o suficiente para integrar uma humanidade planetária superior, o outro continua em estado inferior. A população desse campo inferior precisa ser transferida para outro mundo que esteja no seu nível evolutivo, a fim de que as criaturas refaçam ali o tempo perdido. Quando essa população atingir ali, no outro planeta o nível de evolução necessário, voltará ao seu mundo de origem. Nessa situação, a vivência isolada nas práticas solitárias da meditação constitui uma recapitulação de aprendizado. Era a essas almas emigradas que o Buda dirigia a sua mensagem superior, como outros haviam feito antes dele.

Em nossa humanidade terrena somente a ação do Cristo - vencendo o mundo, segundo suas próprias palavras - impulsionou-nos ao aceleração evolutivo que vem transformando a Terra não só nas áreas cristãs, mas em toda a sua extensão. O Cristianismo institucional, igrejeiro, absorvendo elementos espirituais das religiões orientais, que se opunham aos princípios de *entrega ao mundo* das religiões mitológicas, mergulhou no ascetismo das ordens monásticas do Oriente e no isolacionismo da concepção sócio-cêntrica de Israel. As seitas cristãs fecharam-se em si mesmas, desde a comunidade apostólica do *Livro*

de Atos dos Apóstolos, estabelecendo uma divisão arbitrária entre os escolhidos de Deus e os abandonados por Ele. A prática do *batismo do espírito*, do tempo de Jesus, que dava à criatura a experiência direta da realidade espiritual, converteu-se nas formas de evocação ritual e privilegiada do Espírito Santo, que dá ao crente a ilusão de uma separatividade conferida pela *graça*. As igrejas cristãs transformaram-se em ilhas de santidade e pureza em meio à impureza do mundo, como a Israel antiga no mundo mitológico. A *experiência de Deus*, pessoal e intransferível, substituiu a experiência de Deus no mundo, a vivência universal do ensino e do exemplo de Jesus. É por isso que os cristãos de hoje se formalizam em grupos sócio-cêntricos fechados.

Ao contrário disso, a revelação espírita considera *a graça* simplesmente como *a força que Deus concede ao homem de boa-vontade para vencer as suas imperfeições*, seja ele desta ou daquela religião ou de nenhuma delas. O batismo exclusivista e sectário é substituído pelo antigo batismo do espírito, acessível a todos, não segundo o critério eclesiástico mas segundo o critério de Deus. Nada exemplifica melhor essa questão do que o episódio de *Atos* em que o Apóstolo Pedro, em Jope, se recusa a atender a centurião Cornélio, mas advertido pelo mundo espiritual o atende e descobre o sentido universal do batismo do espírito. Pedro, ainda imbuído dos princípios isolacionistas do Judaísmo, não podia entender que lhe fosse permitido socorrer uma família de romanos impuros em que a mediunidade eclodia. Foi necessário que o Espírito advertisse - a ele que seguisse e ouvisse o Cristo até o momento da prisão - de que Deus nada fizera de impuro, para que a sua consciência se abrisse à verdadeira compreensão da mensagem cristã.

O egocentrismo humano, essa centralização do homem em si mesmo, que gera e alimenta o orgulho, é uma decorrência natural das fases de formação da consciência, de formação do indivíduo como uma unidade espiritual específica, oposta à pluralidade e confusão do mundo. Mas esse egocentrismo, que deve abrir-se em altruísmo na proporção em que o homem amadurece, é alimentado pelo anseio de privilégios que as igrejas satisfazem com as suas concessões ilusórias aos fiéis. Tudo tem a sua utilidade em seu tempo, mas depois se torna inútil e até mesmo prejudicial. No próprio meio espírita essa tendência a conservar posições do passado ainda subsiste, particularmente no plano institucional, onde os postos de comando reacendem no espírito a chama de velhas e desvairadas ambições. O homem, espírito encarnado -- envolto na neblina da carne, como ensina Emmanuel - está sempre e inevitavelmente propenso a reincidir em seus erros do passado. A volta às condições da vida material o coloca de novo ante a possibilidade de desfrutar as oportunidades que lhe foram úteis ou agradáveis no passado. As ilusões renascem no seu coração humano. As perspectivas espirituais se perdem no nevoeiro. Nas religiões formalistas esse apelo do passado adquire muito mais força.

A luta contra os resíduos do passado exige oração e vigilância, como Jesus ensinou. Não obstante a idealização do Diabo, como personificação mitológica do Mal, todas as grandes religiões reconhecem que a tentação está dentro de nós mesmos. Muito mais que a influência dos espíritos inferiores, o que nos arrasta de volta aos velhos caminhos do erro são as próprias tendências que trazemos em nosso íntimo. A oração consciente, feita com sinceridade e fé, areja o

nosso íntimo, lança a sua luz sobre as escuras paisagens interiores da alma, fazendo-nos discernir o contorno real das coisas. Nada se modifica em nós, mas iluminamo-nos por dentro. E se mantivermos a nossa vigilância na intenção verdadeira de acertar, facilmente veremos o que nos convém e o que não nos convém. Poderemos então repetir com Paulo: *Tudo me é lícito, mas nem tudo me convém*. E, seguindo assim o caminho que a prudência esclarecida nos indica, tudo modificaremos para melhor em nós mesmos, tornando-nos aptos a auxiliar os outros a se melhorarem.

Temos a cada instante, a cada minuto, diariamente em nossa vida a *experiência de Deus*. Porque a própria vida é, em si mesma, essa experiência. Desde o momento em que nascemos até o instante final da nossa existência estamos em relação permanente com Deus, não o Deus particular desta ou daquela igreja, mas o Deus em espírito e matéria que se manifesta numa haste de relva, na beleza gratuita de uma flor, no brilho de uma estrela, num perfume, numa voz, numa nota musical isolada, num aperto de mão e principalmente numa idéia, num sentimento, numa aspiração que brota do anseio de transcendência da nossa alma. O que nos falta é estar mais atentos, mais despertos para a percepção consciente desses múltiplos e infindáveis milagres da vida cotidiana. O homem sem Deus é somente aquele que se nega a aceitar a presença de Deus em si e em seu redor. Para esse homem, a meditação é um ensaio no campo da frustração, um mergulho no mundo opaco do sem-sentido.

*

Livro: CURSO DINÂMICO DE ESPIRITISMO

J. HERCULANO PIRES

XVI - A Morte de Deus e o Século XX

Depois da Filosofia Existencial, nascida da angústia e da solidão do teólogo dinamarquês Kierkegaard, explodiu no mundo convalescente das primeiras explosões atômicas em Hiroshima e Nagasaki, a espantosa novidade da Morte de Deus.

Imitando o louco de Nietzsche, teólogos jovens e de formação universitária, europeus e norte-americanos, fizeram o comunicado fúnebre ao público mundial: “Deus morreu!” Como ninguém foi convidado para o enterro, nem se efetuou nenhum registro funerário da ocorrência nos cartórios civis do mundo, acreditou-se que tudo não passava de uma alucinação. Mas os teólogos insistiram com uma série de livros transbordantes de erudição e cultura, o que perturbou os espíritos crentes de Deus. Para tranquilizar os assustados, os teólogos agoureiros obedeceram ao velho preceito: “Rei morto, Rei posto”, e colocaram Jesus de Nazaré, o Cristo, provisoriamente no Trono do Império Cósmico. “Agora – diziam os teólogos, na euforia de herdeiros ambiciosos ante o Cadáver Sagrado – agora temos de instalar o Cristianismo Ateu à espera de Novo Deus que deve surgir.”

Quem na verdade estava agonizando, e continua em lenta agonia, sustentada por milhões de seus beneficiários do profissionalismo religioso, era a generosa sabidíssima senhora chamada Teologia.

Não se trata de brincadeira nem de galhofa, mas de coisa sumamente séria, pois, como diziam os nossos avós: “Com Deus não se brinca!” Mas os livros dos teólogos cortadores de mortalha não convenceram ninguém, a não ser a eles mesmos. É fácil compreender-se que houve um engano. O que havia morrido não era Deus, que não pode jamais ser enterrado no cemitério em ruínas dos deuses mitológicos. Quem na verdade estava agonizando, e continua em lenta agonia, sustentada por milhões de seus beneficiários do profissionalismo religioso, era a generosa sabidíssima senhora chamada Teologia. Essa pretensiosa dama de certezas absolutas e irrevogáveis estava em estado de coma, mas continua resistindo às tentativas impiedosas da morte. A maioria dos teólogos viu-se em dificuldades e apenas alguns aderiram à estranha idéia. Seria uma hecatombe mundial, ficarem todos eles órfãos e sem qualquer herança, pois só Deus lhes havia prometido a partilha do seu Reino. Jesus-Cristo, herdeiro direto e filho consangüíneo de Deus, não tomou conhecimento do assunto e não assumiu o Trono do Universo. A situação tornou-se caótica e as brigas dos herdeiros acabaram reduzindo a espantosa novidade num bate-boca de neuróticos de guerra. Andam por aí os livros dos teólogos do complô deicista, lidos por eles mesmos e alguns curiosos retardatários, pois só eles entendem o que escreveram, se realmente entendem. São livros tecidos em teses de filigranas brilhantes e sofismas escorregadios, como as de Bizâncio na sua hora final. Dão-nos a impressão do jogo de velórios da civilização utópica de Herman Hesse, onde a face gelada de um lago alpino enregelava um teólogo de vez em quando.

Esta hora não é de morte, mas de ressurreição. Cumprindo a promessa do Cristo, o seu ensino puro ressuscita das criptas de envelhecidas catedrais e anuncia por toda parte a nova Alvorada da Verdade.

Não nos interessam essas lamentações de carpideiras em torno de um hipotético cenotáfio, túmulo vazio construído no após guerra, sobre terreno impuro de ossadas sem sepultura. Esta hora não é de morte, mas de ressurreição. Cumprindo a promessa do Cristo, o seu ensino puro ressuscita das criptas de envelhecidas catedrais e anuncia por toda parte a nova Alvorada da Verdade. William Hamilton, Thomas Altizer, Paul Van Brune, Gabriel Vahamtaan e todo o bando necrófilo da Morte de Deus não conseguiram até agora dizer mais do que isto: que Deus morreu no nosso século e que esse é um episódio histórico. Mas onde estão as provas históricas dessa morte ideológica e alógica? Só o louco de Nietzsche, de quem eles herdaram a loucura, ouviu as pancadas so-ternas do coveiro que abria a cova, e esse louco era uma ficção. Se os teólogos continuam a ensinar suas teologias fanadas, os místicos a destilar seus óleos sagrados, os sacerdotes a cobrar mais caro seus sacramentos, o populacho a arrastar-se de joelhos nas velhas escadarias de igrejas, judeus e cristãos a manter seus cultos por toda parte, nem mesmo o Deus da Bíblia deixou de existir. Se não ocorreu a morte física de Deus e nem ocorreu a morte metafísica, se na mente dos intelectuais e na fé popular Deus continua imperando, é claro que o bando necrófilo está delirando.

Mas esse episódio serve para ilustrar a esquizofrenia catatônica deste século estranho, em que vacilamos entre a paranóia e o sadismo, com furacões de obsessões individuais e coletivas a varrerem a face poluída do planeta.

A todo instante os vendavais arrancam os homens do chão e os atiram no ar em cambalhotas alucinantes. Os espíritas, que conhecem o problema da obsessão e sabem que não são as encenações do exorcismo, mas a lógica persuasiva da doutrinação evangélica o remédio certo e eficaz para este momento, precisam, mais do que nunca, firmar-se nas obras de Kardec para não serem também virados de pernas para o ar. Muitos já se deixaram levar pelas rajadas da invigilância, caindo no ridículo e chegando até mesmo à profanação da doutrina. Outros aceitaram e propagam, na teimosia característica da fascinação, obras e doutrinas absurdas, carregadas de malícia das trevas, ludibriando criaturas ingênuas com a falsa importância de suas posições em organismos doutrinários ou o falso brilho de seus títulos universitários. Outros se aboletam em sua arrogância de pseudo-sábios, pretendendo superar a doutrina com livros encharcados pelo barro escuro das regiões umbralinas. É incrível como todas essas tolices empolgam pessoas desavisadas por toda parte, formando os quistos de mistificação que minam o movimento doutrinário.

Se mesmo fora do campo doutrinário, e entre pessoas de inegável cultura e brilho intelectual, surgem loucuras como essa da Morte de Deus e da criação do Cristianismo Ateu, pode-se avaliar ao que estamos expostos no Espiritismo, onde só a advertência do Cristo: “Vigiai e orai,” poderá livrar-nos de quedas desastrosas.

Mas não basta vigiar montado nas cavalgadas da pretensão e da vaidade, porque o inimigo não ataca de frente, insinua-se sutil em nosso íntimo, excitando os vírus da vaidade e infestando-nos por dentro. Desde então, pensamos com as idéias dele e aceitamos a sua colaboração, senão o seu Comando, com a ingenuidade dos defensores de Tróia que aceitaram o presente grego do cavalo de pau. Pedro capitulou, por medo, na hora do testemunho. Por vaidade, ignorância e interesses secundários muitos espíritas estão capitulando nesta hora decisiva. Nossa vigilância tem de ser interna, sobre nós mesmos, sobre a nossa fauna interior que o inimigo utiliza contra nós. Se os teólogos necrófilos aceitaram a sugestão da morte de Deus e caíram no ridículo, porque os espíritas haveriam de rejeitar a sugestão de deturpar os textos doutrinários para atualizá-los, prestando enorme serviço à doutrina? As sugestões das trevas são assim: falam-nos do dever para lançar-nos na traição. Caímos facilmente porque não vigiamos e não oramos. O orgulho e a ambição substituem em nós as palavras humildes da recomendação do Mestre. E depois reclamamos dos Espíritos Superiores o auxílio que nos faltou na hora crucial, como se já não devêssemos estar há muito preparados para enfrentar essa hora.

Se os teólogos realmente compreendessem Deus e os Espíritas conhecessem de fato a sua doutrina, as entidades sombrias não encontrariam uma nesga de treva para se ocultarem nos seus corações iluminados pelo amor. Não somos traídos, traímos-nos.

A traição não vem da malícia, brota da nossa mente transviada e do nosso coração orgulhoso. Se não compreendermos isso profundamente estaremos sempre expostos aos ventos malignos. A fidelidade ao bem tem um preço que pagamos aos poucos, nas moedinhas tilintantes do dia-a-dia, rejeitando os sopros da vaidade que tentam acender a fogueira do arrependimento. Um elogio discreto que nos agrada, uma palavra de estímulo que nos estufa, um gesto de cortesia que nos comove, um ingênuo cartão de saudações, um abraço de fingida gratidão são essas e muitas outras as moedas que não caem como o óbolo da viúva, mas como as moedas envenenadas dos cambistas. Ao som dessa música sutil cresce em nós a madrágora do orgulho, a flor roxa e perigosa dos filtros mágicos. Acreditamos em nossa grandeza com euforia, para mais tarde cairmos em nossa insignificância com desespero.

Por que motivo Deus, se tivesse de morrer, haveria de escolher o Século XX da Era Cristã? Para morrer cristão, Ele que é o Senhor do Cristo? Por que razão os Espíritas haveriam de escolher o nosso século para revisar e corrigir Kardec, justamente quando as Ciências, a Filosofia, a Religião e toda a Cultura Humana estão comprovando o acerto absoluto de Kardec e seguindo o seu esquema de pesquisa numa realidade sempre vitoriosa?

A resposta a essas duas perguntas é uma só: Porque é nas horas de entusiasmo, de vitória, de renovações em marcha, que estamos desprevenidos e confiantes em nós mesmos, certos de que tudo vai bem e de que – (este é o motivo da queda) – chegou o momento em que os nossos esforços serão reconhecidos e nos porão na frente a coroa de louros que nos negaram. Não é a hora do Cristo nem a da Doutrina, mas a hora nossa, pessoal, que nos fascina.

Vejamos a triste figura desses teólogos, filósofos, historiadores da Cultura, exegetas da Palavra de Deus, que de repente, decepcionados com as atrocidades dos homens (que sempre foram atrozes) proclamam em orações brilhantes e livros falaciosos o absurdo da Morte de Deus, que não conseguem explicar nem justificar, por mais que escrevam. Charles Bent nos dá uma informação valiosa: William Hamilton foi apresentado como uma espécie de Billy Graham da Morte de Deus. Numa de suas prédicas em São Paulo o famoso Billy, que empolga multidões, respondeu à pergunta de um assistente com a maior leviandade: “O Espiritismo é obra do Demônio.” A glória de Hamilton se define neste episódio. Hamilton é o novo Billy. Não se precisa dizer mais nada. E Bent o considera como sendo, talvez, o mais inteligível dos expositores do problema da Morte de Deus. Sobre o cadáver suposto de Deus os camelôs da hecatombe divina disputam a túnica do Cristo. É evidente o fogaréu de vaidade que arde na frágil carne dos homens. Se o Espiritismo, que cumpre a promessa do Consolador na Terra, é obra do Diabo, que será essa obra de demagogia e sofisma que pretende renovar a concepção cristã de Deus na prática de Brutus, assassinando Deus pelas costas?

Os homens enrolam-se em suas próprias palavras, como as abelhas domésticas na barba do seu tratador. Os sofistas gregos provavam todas as contradições, mostrando que a verdade não passava de um jogo de palavras.

Mas entre eles estava Sócrates, protegido pelo seu *daemon*, o seu espírito amigo, que de repente começou a perguntar aos sofistas: *O que é isso?* Todos os sofismas se esboroavam, como castelos de areia, quando Sócrates pedia a definição dos conceitos. Sim, porque ele descobrira que a verdade estava nos conceitos e não nas palavras. Quando Billy e Hamilton perguntarem a si mesmos o que estão dizendo, terão a verdade, mas enquanto continuarem a jogar com palavras ante as multidões de basbaques e fanáticos, não passarão de sofistas modernos que enganam a si mesmos e aos outros. O mal mais ameaçador de nossa civilização é o desenvolvimento excessivo da mente-oral. O abuso desse processo mental aviltou o mundo das palavras. Vem de longe esse mal, desde os judeus palradores que assustavam os romanos com suas infundáveis querelas, o matraquear atordoante dos clérigos medievais, as trapaças doiradas dos bizantinos e a demagogia burguesa que produziu o Terror na França e espalhou-se pelo mundo no papagaiar político e religioso que estourou em manças inomináveis na boca de Hitler, Mussolini e suas quintas-colunas genocidas. Depois das explosões atômicas de Nagasaki e Hiroshima e da escalada norte-americana no Vietnã, não era de admirar o assassinato misterioso de Deus, pois quem odeia a Criação deve odiar também o Criador.

No meio espírita os faladores fazem sucesso, como em toda parte, pois os espíritas são criaturas humanas contagiadas, como toda a espécie, pelo mal verborrágico.

Tem sido difícil convencer o povo ingênuo de que os grandes faladores não passam de mistificadores. Falam em atitudes teatrais, de olhos fechados para convencer os basbaques de que estão sendo inspirados por elevadas enti-

dades espirituais, quando na verdade repetem palavrórios decorados ou simplesmente destrambelham os mecanismos repetitivos de sua mente-oral.

Este é um problema grave num meio interessado por uma doutrina lógica, profundamente conceitual, onde a insensatez palavresca funciona como tóxico mental, encobrindo e aviltando a Verdade. Precisamos de expositores doutrinários conscientes de sua responsabilidade e não apenas interessados em fascinar as massas.

Não temos nem devemos ter tribunos eloqüentes em nossas assembleias, mas estudiosos da doutrina que procurem transmitir os seus princípios racionais aos adeptos pouco acostumados a raciocinar. Não há lugar para sofistas num movimento que busca unicamente a Verdade, que não está nos sofismas e sim na limpidez dos conceitos. Também os espíritas se comprometem no complô da Morte de Deus quando dão apoio e estímulo criminoso aos palradores inveterados.

*

LIVRO: CURSO DINÂMICO DE ESPIRITISMO**J. HERCULANO PIRES****XVII – AÇÃO ESPÍRITA NA TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO**

Três são os elementos fundamentais de que o Espiritismo se serve para transformar o nosso mundo num mundo melhor e mais belo:

- a) **Amor,**
- b) **Trabalho,**
- c) **Solidariedade.**

1 – Amor

O amor abrange a compreensão e a tolerância, pois quem ama compreende o ser amado e sabe tolerá-lo em todas as circunstâncias. Abrange também a Verdade, pois quem ama sabe que o alvo supremo do Amor é a Verdade. Ninguém ama a mentira, pois mesmo os mentirosos apenas a suportam na falta da verdade.

O amor egoísta do homem por si mesmo expande-se no desenvolvimento psicobiológico como, segundo já vimos, em amor altruísta, amor pelos outros, a partir do núcleo familiar até à Sociedade, à Pátria e à Humanidade. Alguns espíritas dizem que os espíritas não têm pátria, pois sabem que todos podemos renascer em várias nações. Isso é uma incongruência, pois então não poderíamos também amar pai e mãe, que variam nas encarnações sucessivas. O Amor não tem limites, mas nós, os homens, somos criaturas limitadas e estamos condicionados, em cada existência, pelas limitações da condição humana. Amamos de maneira especial aqueles que estão ligados a nós nesta vida ou se ligaram a nós em vidas anteriores.

Amamos a todos os seres e a todas as coisas na proporção do nosso alcance mental de compreensão da realidade. E amamos a nossa Terra, o pedaço do mundo em que nascemos e vivemos e a parte populacional a que pertencemos, no recorte da população mundial que corresponde à população da nossa terra. E amamos os que estão além da Terra, nas zonas planetárias espirituais, como amamos, por intuição mental e afetiva, a todos os seres e coisas de todo o Universo.

O ilimitado do Amor se impõe aos limites temporários da nossa condição imediata. E é esse o nosso primeiro degrau para a transcendência espiritual. Na proporção em que a nossa capacidade infinita de amar se concretiza na realidade afetiva (nascida dos sentimentos profundos e verdadeiros do amor) sentimo-nos elevados a planos superiores de afetividade intelecto-moral, respeitando progressivamente todas as expressões da vida e da beleza em todo o Universo. O Amor não é gosto, nem preferência, nem desejo – é afeição, ou seja, afetividade em ação, fluxo permanente de vibrações espirituais do ser que se expandem em todas as direções da realidade. Foi por isso que Francisco de Assis amou com a mesma ternura e o mesmo afeto, chamando-os de irmãos, aos minerais, aos vegetais, aos animais, aos homens e aos astros no Infinito. As ondas do Amor atingem a todas as distâncias, elevações e profundidades,

não podendo ser medidas, como fazemos com as ondas hertzianas do rádio. Depois de ultrapassar os limites possíveis da Criação, o Amor atinge o seu alvo principal, que é Deus, e Nele se transfunde.

O Espiritismo aprofunda o conhecimento da Realidade Universal e não pretende modificar o Mundo em que vivemos através de mudanças superficiais de estruturas. Essa é a posição dos homens diante dos desequilíbrios e injustiças sociais. Mas o homem-espírita vê mais longe e mais fundo, buscando as causas dos efeitos visíveis. Se queremos apagar uma lâmpada elétrica não adianta assoprá-la, é necessário apertar a chave que detém o fluxo de eletricidade. Se queremos mudar a Sociedade, não adianta modificar a sua estrutura feita pelos homens, mas modificar os homens que modificam as estruturas sociais. O homem egoísta produz o mundo egoísta, o homem altruísta produzirá o mundo generoso, bom e belo que todos desejamos. Não podemos fazer um bom plantio com más sementes. Temos de melhorar as sementes.

As relações humanas se baseiam na afetividade humana. Não há afetos entre corações insensíveis. Por isso a dor campeia no mundo, pois só ela pode abalar os corações de pedra. Mas o Espiritismo nos mostra que o coração de pedra é duro por falta de compreensão da realidade, de tradições negativas que o homem desenvolveu em tempos selvagens e brutais. Essas relações se modificam quando oferecemos aos homens uma visão mais humana e mais lógica da Realidade Universal. Essa visão não tem sido apresentada pelos espíritas, que, na sua maioria, se deixam levar apenas pelo aspecto religioso da doutrina, assim mesmo deformado pela influência de formações religiosas anteriores.

Precisamos restabelecer a visão espírita em sua inteireza, afastando os resíduos de um passado de ilusões e mentiras prejudiciais. Se compreenderem a necessidade urgente de se aprofundarem no conhecimento da doutrina, de maneira a formarem uma sólida e esclarecida convicção espírita, poderão realmente contribuir para a modificação do mundo em que vivemos.

Gerações e gerações de espíritas passaram pela Terra, de Kardec até hoje, sem terem obtido sequer um laivo de educação espírita, de formação doutrinária sistemática. Aprenderam apenas alguns hábitos espíritas, ouviram aulas inócuas de catecismo igrejeiro, tornaram-se, às vezes, ardorosos na adolescência e na juventude (porque o Espiritismo é oposição a tudo quanto de envelhecido e caduco existe no mundo), mas ao se defrontarem com a cultura universitária incluíram a doutrina no rol das coisas peremptas por não terem a menor visão da sua grandeza. Pais ignorantes e filhos ignorantes, na sucessão das encarnações inúteis, nada mais fizeram do que transformar a grande doutrina numa seita de papalvos. Duras são e têm de ser as palavras, porque inepatas e criminosas foram as ações condenadas. A preguiça mental de ler e pensar, a pretensão de saber tudo por intuição, de receber dos guias a verdade feita, o brilhareco inútil e vaidoso dos tribunos, as mistificações aceitas de mão beijada como bênçãos divinas e assim por diante, num rol infindável de tolices e burrices fizeram do movimento doutrinário um charco de credices que impediu a volta prevista de Kardec para continuar seu trabalho. Em compensação,

surgiram os reformadores e adulteradores, as mistificações deslumbrantes e vazias e até mesmo as séries ridículas de reencarnações do mestre por contraditores incultos de suas mais valiosas afirmações doutrinárias.

Este amargo panorama afastou do meio espírita muitas criaturas dotadas de excelentes condições para ajudarem o movimento a se organizar num plano superior de cultura. Isso é tanto mais grave quanto o nosso tempo que não justifica o que aconteceu com o Cristianismo deformado totalmente num tempo de ignorância e atraso cultural. Pelo contrário, o Espiritismo surgiu numa fase de acelerado desenvolvimento cultural e espiritual, em que os espíritas contam e contam com os maiores recursos de conhecimento e progresso de que a humanidade terrena já dispôs.

Todos os grandes esforços culturais em favor da doutrina foram negligenciados e continuam a sê-lo pela grande maioria dos espíritas de caramujo, que se encolhem em suas carapaças e em seus redutos fantásticos. Falta o amor pela doutrina, de que falava Urbano de Assis Xavier; falta o amor pelos companheiros que se dedicam à seara com abnegação de si mesmos e de suas próprias condições profissionais e intelectuais; falta o amor pelo povo faminto de esclarecimentos precisos e seguros; falta o amor pela Verdade, que continua sufocada pelas mentiras das trevas.

Os médiuns de grandes possibilidades se vêem cercados de multidões interesseiras, que os levam quase sempre ao fracasso ou ao esgotamento precoce. Só os interessados os procuram: os que pretendem aproveitar suas produções em proveito próprio; os que desejam apenas dizer-se íntimos do médium; os que procuram consolação passageira em sua presença; os que buscam sugar-lhes os benefícios fluídicos e assim por diante. Os próprios médiuns acabam muitas vezes entregando-se ao desânimo e desviando-se para outros campos de atividade onde, pelo menos, poderão gozar de convivências menos penosas.

A exploração inconsciente e consciente dos médiuns pelos próprios adeptos da doutrina é um dos fatores mais negativos para o desenvolvimento do Espiritismo em nosso país e no mundo. A contribuição que eles poderiam dar para a execução das metas doutrinárias perde-se na miudalha das consultas pessoais e nas mensagens cotidianas de sentido religioso-confessional, mais tocadas de emoção embaladora do que de raciocínio e esclarecimento. É isso o que todos pedem, como crianças choramingas acostumadas a dormir ao embalo das cantigas de ninar. (O caso Arigó).

Até mesmo um médium como Arigó, dotado de temperamento agressivo como João Batista e assistido por uma entidade positiva como Fritz, acabou envolvido numa rede de interesses contraditórios que o envolveram através de manobras que o aturdiram, misturadas a calúnias e campanhas difamatórias que o levaram, na sua ignorância de roceiro inculto, a precipitar-se, sem querer, na sua destruição precoce. As grandes teses da Doutrina Espírita não foram suficientes para mobilizar os espíritas em favor do médium, resguardando-o e facilitando, pelo menos, a investigação dos cientistas norte-americanos, de diversas Universidades e da NASA, que tentaram desesperadamente colocar o problema em termos de equação científica. O que devia ter sido uma vitória da Verdade em plano universal reverteu-se em mesquinho episódio de disputas

profissionais acirradas por clérigos e médicos de visão rasteira. E tudo isso por que estranho motivo? Porque os espíritas não foram capazes de sair de suas tocas, empunhando as armas poderosas da doutrina, para enfrentar o conluio miserável das ambições absorventes e vorazes.

Cada espírita, ao aceitar e compreender a grandeza da causa doutrinária e sua finalidade suprema – que é a transformação moral, social, cultural e espiritual do nosso mundo – assume um grave compromisso com a sua própria consciência.

O aparecimento de um médium como Chico Xavier ou Arigó não tem mais o sentido restrito do aparecimento de uma pitonisa ou um oráculo no passado, mas o do aparecimento de um João Batista ou de um Cristo na fase crítica da queda do mundo clássico greco-romano, da trágica agonia da civilização mitológica. Mas após um século da sementeira evangélica, na hora certa e precisa da colheita, vemos de novo o povo eleito enrolado em intrigas na Porta do Monturo, enquanto os romanos crucificam entre ladrões os que se imolaram em reencarnações providenciais.

Essa mentalidade de corujas agoureiras, e troianos que não ouvem Cassandra, decorre do egoísmo (essa lepra do coração humano, segundo a expressão Kardeciana) do comodismo e da preguiça mental.

A falta de estudo sério e sistemático da doutrina, que permite a infiltração de elementos estranhos no corpo doutrinário, causando-lhe deformações rebarbativas e fantasiadas de novidades, avilta a consciência espírita com a marca de Caim nos grupos de traidores.

Esses traidores não traem apenas à doutrina, ao Cristo e a Kardec, mas também à Humanidade e ao Futuro. Onde fica o princípio do Amor em tudo isso? Quem revelou amor à Verdade? Quem provou amar e respeitar a doutrina? Quem mostrou amar ao seu semelhante e por isso querer realmente ajudá-lo, orientá-lo, esclarecê-lo? A esse fim superior sobrepõe-se o interesse falso e mesquinho de fazer bonito aos olhos que necessitam de luz, bancar saberetas para os que nada sabem, impor a criaturas ingênuas a sua maneira mentirosa de ver o ensino puro e claro de Kardec.

O amor não está nos que se acumpliciam, se comprometem reciprocamente na trapaça, enleando-se na solidariedade da profanação consciente ou inconsciente, O amor está nos que repelem a farsa e condenam o gesto egoísta dos escamoteadores da verdade em proveito próprio, levando multidões ingênuas e desprevenidas à deturpação da doutrina esclarecedora.

O amor, nesse caso, pode parecer impiedade, mas é piedade, pode assemejar-se à injúria e agressão, mas é socorro e salvação. As condenações violentas de Jesus a escribas e fariseus não foram ditadas pelo ódio, mas pela indignação justa, necessária, indispensável do Mestre, que sacudia aquelas almas impuras para livrá-las da impureza com que aviltavam o simples. Quem não tiver condições para compreender isso deve ter pelo menos a humildade de André Luiz, o médico lançado às zonas umbralinas, de contentar-se com trabalhos de limpeza e lavagem nos hospitais dos planos superiores para aprender a

grandeza da humildade, a nobreza dos pequeninos, ao invés de rebelar-se contra as leis divinas da busca da Verdade. Nosso movimento espírita, como todo o negro panorama religioso da Terra, está cheio de ignorantes revestidos ou não de graus universitários, que se julgam mestres iluminados e são apenas os cegos do Evangelho que levam outros cegos ao barranco. Impedi-los de cometer esse crime de vaidade afrontosa é o dever dos que sabem realmente amar e servir. “Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas!” advertiu Jesus, não para condená-los ao fogo do Inferno, mas para salvá-los do inferno de si mesmos.

2 – Trabalho

O trabalho é exigência do princípio de transcendência. O homem trabalha por necessidade, como querem os teóricos da Dialética Materialista, mas não apenas para suprir as suas necessidades físicas de subsistência e sobrevivência. Não só, como querem os teóricos da *vontade de potência*, para adquirir poder. E nem só, também, como pretendem Bentham e os teóricos da ambição, para acumular posses que representam poder. (A Filosofia Existencial).

A busca das causas, nesse campo, morreria no plano das causas secundárias. Mas a Filosofia Existencial, em nosso tempo, descobrindo o conceito de *existência* e definindo o homem como o *existente* (aquele ser que existe, sabe que existe e luta para existir cada vez mais e melhor), mostrou e provou que a natureza humana é subjetiva e não objetiva (externa e material) e que a mola do mundo não está nos braços e nas mãos, mas na consciência. Confirmou-se assim, no plano geral da Cultura, o tantas vezes rejeitado e ridicularizado *conceito espírita do trabalho*. Em *O Livro dos Espíritos* temos a afirmação de que *tudo trabalha na Natureza*. Essa tese espírita antecipou a tese de John Dewey sobre a natureza universal da *experiência*. Em todo o Universo há forças em ação, inteligentemente dirigidas segundo planos determinados. Nada se fez ao acaso. Em termos atuais de eletrônica podemos dizer que o universo é uma programação gigantesca de computadores em incessante atividade rigorosamente controlada. De um grão de areia a uma constelação estelar, de um fio de cabelo e de um vírus isolado até às maiores aglomerações humanas dos grandes parques industriais do mundo, tudo trabalha. O próprio repouso é uma forma de diversificação do trabalho para recuperações e reajustes nos organismos materiais e nas estruturas psicomentais do homem. As criaturas humanas que só trabalham para si mesmas ainda não superaram a condição animal. Vivem e trabalham, mas não existem. Porque existir é uma forma superior de viver, que inclui em seu conceito plena consciência das atividades desenvolvidas com finalidades transcendentais.

No próprio desenvolvimento da Civilização o trabalho individual se abre, progressivamente, nos processos de distribuição, para o plano superior do trabalho coletivo. Por isso, é no trabalho e através do trabalho que o homem se realiza como ser, desenvolvendo suas potencialidades.

A extrema especialização da Era Tecnológica nasceu nas selvas, quando nos primeiros clãs o homem se incumbiu da guerra, da caça e da pesca, e a mulher da criação, alimentação e orientação dos filhos. A Revolução industrial na Inglaterra marcou um momento decisivo da evolução humana para a consciên-

cia da solidariedade. É no esforço comum e conjugado das relações de trabalho que se desenvolve o senso de comunidade, provando a necessidade do princípio espírita de **solidariedade** e **tolerância** para o maior rendimento, maior estímulo e maior aperfeiçoamento das técnicas de produção. À concorrência de mercado, que estimula a ganância e a voracidade dos indivíduos e dos grupos, das empresas e dos sistemas de produção, opõe-se a conjugação das consciências, na solidariedade do trabalho comum, com vistas ao bem-estar de todos. Os teóricos que condenam as comunidades de trabalho voltadas para o interesse da maioria reduzem a finalidade superior do trabalho a interesses mesquinhos de enriquecimento individual e de grupos. A própria realidade os contesta com o espetáculo gigantesco do trabalho da Natureza, voltado para a grandeza do todo. Remy Chauvin considera os insetos sociais como expressões de sistemas coletivos de trabalho e de vida em que o egoísmo individualista e grupal (sociocentrismo) não impediu o desenvolvimento normal da solidariedade. A Natureza inteira é um exemplo que o homem rejeita em nome do seu egoísmo, da sua vaidade e das suas ambições desmedidas. Esses três elementos funcionaram na espécie humana como pontos hipnóticos que impediram o livre fluxo das energias livres do trabalho, condensando-as em formas institucionais absorventes. As tentativas de romper essas formas por métodos violentos representam uma reação instintiva que leva fatalmente, como o demonstra o panorama histórico atual, a novas formas de condensação. Esse círculo vicioso só pode ser rompido por uma profunda e geral compreensão do verdadeiro sentido do trabalho, que não leva a lutas e dissensões, mas à conjugação e harmonização de todas as fontes e todos os recursos do trabalho, nos mais diferenciados setores de atividade. A proposição espírita nesse sentido, como foi em seu tempo a proposição cristã original, encarna os mais altos ideais da espécie, voltados para o trabalho comunitário em ação e fins.

Hegel observou, em seus estudos de Estética, que a dialética do trabalho se revela nos reinos da Natureza. O mineral é a matéria-prima das elaborações futuras, apresentando-se como concentração de energias que formam as reservas básicas; o vegetal é a doação em que as forças do mineral se abrem para a floração e os frutos da vida; o animal é a vida em expansão dinâmica, síntese das elaborações dos dois reinos anteriores, endereçando esses resultados ao futuro, à síntese superior do Homem, no qual as contradições se resolvem na harmonia psicofísica e espiritual da criatura humana, dotada de consciência.

Cabe agora a essa consciência elaborar a grandeza da Terra dos Homens (segundo a expressão de Saint-Exupéry). Por sinal que Exupéry, aviador, poeta e profeta, representa o arquétipo atual da evolução humana, na busca do Infinito. Por isso, Simone de Beauvoir considerou a Humanidade, não como a espécie a que nos referimos por alegoria com os planos inferiores, mas como um *devoir*, um processo de mutações constantes na direção do futuro. Hoje somos ainda projeções dos primatas obtusos e violentos, antropófagos (segundo Tagore) devoradores de si mesmos e dos semelhantes, escarnecedores e aviltadores da condição humana. Mas amanhã seremos homens, criaturas humanas que encarnarão as forças naturais sob o domínio da Razão e da Consciência. Tere-

mos então a República dos Espíritos, formada pela solidariedade de consciências de que trata René Hubert em sua *Pedagogie Generale*.

Como vemos através desses dados, a Doutrina Espírita não nos oferece uma visão utópica do amanhã, mas uma precognição do homem em sua condição espiritual, sem as deformações teológicas e religiosas da visão comum, calcada em superstições e idealizações rebarbativas. Tendo penetrado objetivamente no mundo das causas, um século antes que as Ciências Materiais o fizessem, a Ciência Espírita, experimental e indutiva – e que tem agora todos os seus princípios fundamentais endossados por aquelas, em pesquisas de laboratório e tecnológicas não formulou uma estrutura dogmática de pressupostos para figurar o homem de após morte e o homem do futuro.

A imagem que nos deu do homem novo há um século está hoje plenamente confirmada pelos fatos. A controvertida questão da sobrevivência espiritual foi resolvida tecnologicamente de maneira positiva, comprovando a tese espírita. Falta pouco para romper-se, nas mãos já trêmulas dos teólogos, a Túnica de Nessus da dogmática religiosa, que gerou por toda parte angústias e desesperos. Estamos agora em condições de pensar tranqüilamente num futuro melhor para a Humanidade em fases melhores da sua evolução. Podemos agora nos integrar conscientemente na gigantesca oficina de trabalhos da Terra, preparando o caminho das gerações vindouras. As revelações não nos chegam mais de mão beijada, pois, como ensina Kardec, brotam dos esforços conjugados do homem esclarecido com os espíritos conscientes. Os dois mundos em que nos movemos, o espiritual e o material, abriram as suas comportas para que as suas águas se encontrem no esplendor de uma nova aurora. É o Sol que acende essa aurora não é mais uma chama solitária na escuridão total dos espaços vazios, mas apenas uma tocha olímpica entre milhões de tochas que balizam as conquistas futuras do homem na escalada sem-fim. Prometeu não será mais sacrificado por querer roubar o fogo celeste de Zeus, pois esse fogo é o mesmo que resplandece no corpo espiritual da ressurreição, que brilha na alma humana e define a sua natureza divina. Basta-nos continuar em nossos trabalhos para termos a nossa parte assegurada na Herança de Deus, pois como ensinou o Apóstolo Paulo, somos herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo. O conhecimento é a nossa fé, que não se funda em palavras, sacramentos e ídolos mortos, mas na certeza das verificações positivas e nas conquistas do trabalho humano, gerador constante de novas formas de energia para a escalada humana da transcendência.

3 – Solidariedade

A solidariedade espírita se manifesta particularmente no campo da assistência à pobreza, aos doentes e desvalidos. O grande impulso nesse sentido foi dado, desde o início do movimento doutrinário na França, pelo livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, que trabalhou em silêncio na elaboração dessa obra, sem nada dizer a ninguém. Selecionou numerosas mensagens psicografadas, procedentes de diversos países em que o Espiritismo já florescia. Sua intenção era oferecer aos espíritas

um roteiro para a prática religiosa, baseado no que ele chamava de *essência do ensino moral do Cristo*.

Conhecendo profundamente a História do Cristianismo e as dificuldades com que os originais do Evangelho haviam sido escritos, em épocas e locais diferentes, bem como o problema dos evangelhos apócrifos e das interferências mitológicas nos textos canônicos e as interpolações ocorridas nestes, afastou todos esses elementos espúrios para oferecer aos espíritas uma obra pura, despojada de todos os acessórios comprometedores. Seu trabalho solitário e abnegado deu-nos uma obra-prima, que conta com milhões de exemplares incessantemente reeditados no mundo.

Essa obra foi ameaçada com a tentativa de adulteração. Foi o maior atentado que a obra de Kardec já sofreu no mundo, pior que a queima de seus livros em Barcelona pela Inquisição Espanhola. Muito pior, porque foi um atentado provindo dos próprios espíritas, através de uma instituição doutrinária que tem, por obrigação estatutária, defender, preservar e divulgar a Doutrina Espírita codificada por Kardec. A consequência mais grave desse fato lamentável foi a quebra da solidariedade espírita, a desconfiança e a mágoa provocadas entre velhos companheiros.

O ataque das Trevas à vaidade e à ignorância de alguns espíritas invigilantes produziu os efeitos necessários. Sirva o exemplo doloroso para todos os que assumem encargos doutrinários, julgando receber prebendas e consagração. A vaidade excitada leva monges de pedra a se julgarem poderosos na aridez e na solidão dos desertos.

A solidariedade espírita não é apenas interna, entre os adeptos e companheiros. Projeta-se pelo menos em três dimensões:

- a) no plano social geral da comunidade espírita, além dos grupinhos domésticos e das instituições fechadas;
- b) envolve todas as criaturas vivas, protegendo-as, amparando-as, estimulando-as em suas lutas pela transcendência, procurando ajudá-las sem nada pedir em troca, nem mesmo a simpatia doutrinária, pois quem ajuda não tem o direito de impor coisa alguma;
- c) eleva-se aos planos superiores para ligar-se a Kardec e sua obra, a todos os espíritos esclarecidos que lutam pela propagação do Espiritismo no mundo e a Deus e a Jesus na Solidariedade cósmica dos mundos solidários.

Nessas três dimensões a Solidariedade Espírita realiza, como que apoiada em três poderosas alavancas, o esforço supremo de elevação do mundo, estimulando a transcendência humana. As mentes que ainda não atingiram a compreensão desse processo podem fechar-se em grupos e instituições de tipo igrejaieiro, isolando-se em seus ambientes de fumaça, onde os espíritos mistificadores e embusteiros se acoitam facilmente. Mas na proporção em que os adeptos assim isolados, ou pelo menos alguns deles, procurarem realmente compreender a doutrina, a situação se modificará, despertando os indolentes para atividades maiores.

Todo trabalho espírita é exigente e penoso, porque faz parte de uma grande batalha – a da Redenção do Mundo, iniciada pelo jovem carpinteiro Jesus, filho de Maria e José.

Essa batalha não é a de Deus contra o Diabo, o estranho anjo de luz que se revoltou para fundar o Inferno. Essa ingênua concepção das civilizações agrárias e pastoris teve o seu tempo e a sua função, o seu efeito de controle em fases de barbárie, mas não passa de uma alegoria inadequada ao nosso tempo. Tudo no Evangelho, como Kardec demonstrou, desde que afastado do clima mitológico, torna-se claro e demonstra a posição evidentemente racional do Cristo. O jovem carpinteiro não pertencia à Era Mitológica e encerrou essa era com a sua passagem pela Terra e a propagação do seu ensino. O mito vingou-se dele, pois o transformou também em mito. Por muito tempo, até aos nossos dias, a figura humana de Jesus figurou na nova mitologia, na fase romana do Renascimento Mitológico, em que se destacou a figura do Imperador Juliano, o Apóstata, que depois de aceitar o Cristianismo apostatou-se e empenhou-se na salvação dos seus deuses antigos. Os resíduos da mentalidade mitológica das civilizações arcaicas, particularmente a Grega e a Romana, reagiram, como era natural, contra o racionalismo cristão. Dessa maneira, na mente das populações bárbaras do Império Romano decadente, Jesus foi transformado num mito da Era Agrária.

Os padres e bispos do Cristianismo nascente, todos impregnados pela carga mitológica de um longo passado de ignorância e superstições, não foram capazes de compreender o racionalismo das proposições cristãs. Pelo contrário, cheios de temor e de espanto, contribuíram para a deformação do Cristianismo.

Antes e depois da queda do Império, os cristãos fizeram concessões necessárias aos povos bárbaros para absorvê-los no seio da Religião Redentora. Onde quer que os cristãos se impusessem pela força do número e das armas, as igrejas pagãs eram transformadas em templos cristãos, conservando-se cuidadosamente as tradições mitológicas mais arraigadas. O exemplo clássico e mais conhecido dessa tática romana é a Catedral de Notre Dame, em Paris, que ainda guarda nos seus subterrâneos os restos do templo pagão da Deusa Lutécia. A Deusa pagã foi conservada no templo, mas com o nome de Nossa Senhora, para que o povo ingênuo aceitasse assim o culto cristão a Maria sob o prestígio secular da deusa pagã. Blavatsky lembra que a Deusa Céres, divindade da fecundação e em muitas regiões, mais especificamente, deusa dos cereais, forneceu ao Cristianismo nascente uma das mais conhecidas imagens de Nossa Senhora, em que ela é representada com o manto estrelado do Céu, em pé sobre o globo terreno: Céres cobrindo a Terra com seu manto celeste para fecundá-la. Esse mesmo processo de transposição ocorre hoje no Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro e nas formas de sincretismo de outros países da América, onde os ritos e as figuras dos deuses ou santos católicos são absorvidos pelas religiões africanas transplantadas pelo tráfico negreiro de escravos ao novo continente. Jesus virou Oxalá, Nossa Senhora virou Iemanjá, São Jorge virou Ogum (deus da guerra), São Sebastião virou Oxum (deus da caça, e assim por diante).

Basta lermos o *Livro de Atos dos Apóstolos*, no Evangelho, e as epístolas de Paulo (anteriores aos Evangelhos) para termos a confirmação dessa verdade histórica. Na primeira epístola de Paulo aos Coríntios, no tópico referente aos Dons Espirituais, temos uma descrição viva do chamado *culto pneumático* (do Grego: *Pneuma*, sopro, espírito), as sessões mediúnicas realizadas pelos primeiros cristãos e nas quais, segundo as pesquisas históricas modernas, que confirmam os dados da Tradição, manifestavam-se espíritos inferiores cheios de ódio a Cristo. Essas manifestações assustadoras foram consideradas como diabólicas, reforçando a imagem tradicional do Diabo na mente ingênua dos adeptos.

A luta entre o Bem e o Mal é simplesmente o processo dialético da evolução. O Mal é a ignorância, o atraso, a superstição. O Bem é o conhecimento, o progresso, a adequação da mente à realidade. Essa é a grande luta das coisas e dos seres, figurada na revolta absurda de Luzbel, o anjo de luz que se entregou à inveja e converteu-se em adversário de Deus. Esses símbolos de um passado bárbaro e longínquo ainda prevalecem na Terra como resíduos míticos que o tempo desgasta na proporção em que a Cultura se desenvolve. A Ciência incumbiu-se de ajustar a mente humana à realidade terrena, mas os homens se envaideceram e negaram-se a si mesmos nas idéias materialistas, colocando-se abaixo de tudo quanto existe. Duro castigo que o orgulho humano ainda não reconheceu. A Ciência afirma que nada se perde na Natureza, tudo se transforma. O homem aprova isso com entusiasmo e sorri de si mesmo (sem perceber), pois só ele não subsiste, *só ele é pó que reverte ao pó*. Essa é a verdadeira queda do homem, que se rebaixa ao pó num mundo em que tudo se eleva incessantemente na direção dos planos superiores. A tentação simbólica de Jesus no deserto assemelha-se à tentação de Buda na floresta. É a tentação dos homens pelas fascinações dos bens terrenos. Quando o homem se apega à terra (com t minúsculo, porque a terra que pisamos e não o Globo Terreno), ele se nega evoluir e é castigado pelas forças da evolução, que o impelem a sair da sua toca de bicho para atingir a condição existencial da espécie. A lei da existência não é o pó, mas a transcendência. Pode o homem andar de joelhos pelas ruas e as estradas, jejuar, mortificar-se, ciliciar-se quanto quiser, mas com isso não se tornará melhor. Voltará às reencarnações difíceis e dolorosas para aprender, no sofrimento e na decepção, que não se busca Deus rastejando, mas elevando-se no amor e na dedicação aos outros. As práticas religiosas de purificação são egoístas, aumentam a miséria humana e o apego do homem a si mesmo.

As tentações que sofremos não vêm do Diabo, mas de nós mesmos, da nossa ignorância e do nosso apego hipnótico aos bens perecíveis da vida terrena. O Diabo é o Bicho-Papão dos adultos, o espantinho dos supersticiosos.

Giovanni Papini, escritor católico italiano, contemporâneo, em seu livro *Il Diavolo*, escandalizou o Vaticano, pregando a conversão do Diabo. Não conseguia admitir esse mito impiedoso em sua teologia. O Padre Teilhard de Chardin, em seus estudos teológicos, negou a condenação eterna do Diabo. O Espiritismo se limita a mostrar a natureza mitológica do Diabo e a demonstrar, prática e logicamente, a impossibilidade da queda do Anjo Luzbel. A evolução

espiritual é irreversível. O espírito que se elevou ao plano angélico não pode regredir, não pode ter inveja e outros sentimentos humanos. O anjo-mau é uma contradição em si mesmo, pois a Angelitude é a condição divina que o espírito busca e atinge na existência. A luta do homem para transformar o mundo é a luta do homem consigo mesmo, pois é ele quem faz o mundo, e o faz à sua imagem e semelhança. Deus criou a Terra e todos os mundos do espaço, mas deu cada mundo aos homens que os habitam, para que eles aprendam o seu ofício paterno de Criador, tentando criar o mundo humano que lhes compete. É evidente que existe o mundo físico, material, em que nascemos, vivemos e morremos. E é também inegável que, sobre esse mundo físico com os seus materiais, os homens construíram um mundo diferente, feito de artifícios humanos. O mundo material e sua contraparte espiritual (que os cientistas começam a descobrir como antimatéria) constituem o mundo natural. Mas sobre ambas as partes desse mundo natural os homens constroem os seus mundos factícios. Cada Civilização é um mundo imaginário que o homem constrói com o seu trabalho, modelando em argila e pedra os seus sonhos e as suas ilusões. Esses mundos artificiais são o reflexo das ideias humanas na matéria. Nós os criamos, alimentamos, desenvolvemos, dirigimos e matamos. Os mundos bárbaros criados na Terra eram ingênuos; os mundos civilizados apresentam uma gradação que reflete a evolução humana, indo das civilizações agrárias, fantasiosas e alegóricas até às grandes civilizações orientais, massivas e arrogantes e às Civilizações Teocráticas, míticas e supersticiosas; chegando às Civilizações Científicas, politeístas e pretensiosas, que se transformam em Civilizações Tecnológicas, materialistas e conflitivas, que morrerão para dar lugar à Civilização do Espírito, na busca cultural da Transcendência. Segundo Toynbee, mais de vinte grandes civilizações já existiram na Terra.

Agora está surgindo aos nossos olhos e sob os nossos pés uma Nova Civilização - a do Espírito - que podemos chamar de Cósmica ou Espiritual.

É para preparar o advento dessa Civilização do Espírito que o Espiritismo surgiu. Não adianta querermos fazer do Espiritismo uma religião dogmática, carregada de misticismo tolo ou de materialismo alienante. As novas gerações que se encarnam para realizá-la não temem a Deus nem ao Diabo, simplesmente confiam nos planos irreversíveis de Deus, que se executam segundo as leis da consciência humana em relação telepática permanente com as entidades angélicas a serviço de Deus. O Espiritismo é a Plataforma de Deus, aprovada pelos Espíritos Superiores para a transformação e elevação da Terra.

*

RESUMO.

AÇÃO ESPÍRITA NA TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO

1) - Três são os elementos fundamentais de que o Espiritismo se serve para transformar o nosso mundo num mundo melhor e mais belo:

a) Amor, b) Trabalho, c) Solidariedade.

AMOR

O amor abrange a compreensão e a tolerância, pois quem ama compreende o ser amado e sabe tolerá-lo em todas as circunstâncias. Abrange também a Verdade, pois quem ama sabe que o alvo supremo do Amor é a Verdade. Ninguém ama a mentira, pois mesmo os mentirosos apenas a suportam na falta da verdade.

2) - Amamos a todos os seres e a todas as coisas na proporção do nosso alcance mental de compreensão da realidade. E amamos a nossa Terra, o pedaço do mundo em que nascemos e vivemos e a parte populacional a que pertencemos, no recorte da população mundial que corresponde população da nossa terra. E amamos os que estão além da Terra, nas zonas planetárias espirituais, como amamos, por intuição mental e afetiva, a todos os seres e coisas de todo o Universo.

3) - O Espiritismo aprofunda o conhecimento da Realidade Universal e não pretende modificar o Mundo em que vivemos através de mudanças superficiais de estruturas. Essa é a posição dos homens diante dos desequilíbrios e injustiças sociais. Mas o homem-espírita vê mais longe e mais fundo, buscando as causas dos efeitos visíveis. Se queremos apagar uma lâmpada elétrica não adianta assoprá-la, é necessário apertar a chave que detém o fluxo de eletricidade. Se queremos mudar a Sociedade, não adianta modificar a sua estrutura feita pelos homens, mas modificar os homens que modificam as estruturas sociais. O homem egoísta produz o mundo egoísta, o homem altruísta produzirá o mundo generoso, bom e belo que todos desejamos. Não podemos fazer um bom plantio com más sementes. Temos de melhorar as sementes.

4) - Precisamos restabelecer a visão espírita em sua inteireza, afastando os resíduos de um passado de ilusões e mentiras prejudiciais. Se compreenderem a necessidade urgente de se aprofundarem no conhecimento da doutrina, de maneira a formarem uma sólida e esclarecida convicção espírita, poderão realmente contribuir para a modificação do mundo em que vivemos.

5) - Todos os grandes esforços culturais em favor da doutrina foram negligenciados e continuam a sê-lo pela grande maioria dos espíritas de caramujo, que se encolhem em suas carapaças e em seus redutos fantásticos. Falta o *amor pela doutrina*, de que falava Urbano de Assis Xavier; falta o amor pelos companheiros que se dedicam à seara com abnegação de si mesmos e de suas próprias condições profissionais e intelectuais; falta o amor pelo povo faminto de esclarecimentos precisos e seguros; falta o amor pela Verdade, que continua sufocada pelas mentiras das trevas.

6) - A exploração inconsciente e consciente dos médiuns pelos próprios adeptos da doutrina é um dos fatores mais negativos para o desenvolvimento do Espiritismo em nosso país e no mundo. A contribuição que eles poderiam dar para a execução das metas doutrinárias perde-se na miudalha das consultas pessoais e nas mensagens cotidianas de sentido religioso-confessional, mais tocadas de emoção embaladora do que de raciocínio e esclarecimento. É isso o que todos pedem, como crianças chora-

mingas acostumadas a dormir ao embalo das cantigas de ninar. (O caso Arigó).

7) - Cada espírita, ao aceitar e compreender a grandeza da causa doutrinária e sua finalidade suprema – que é a transformação moral, social, cultural e espiritual do nosso mundo – assume um grave compromisso com a sua própria consciência.

8) - A falta de estudo sério e sistemático da doutrina, que permite a infiltração de elementos estranhos no corpo doutrinário, causando-lhe deformações rebarbativas e fantasiadas de novidades, avilta a consciência espírita com a marca de Caim nos grupos de traidores.

9) - O amor não está nos que se acumpliciam, se comprometem reciprocamente na trapaça, enleando-se na solidariedade da profanação consciente ou inconsciente, O amor está nos que repelem a farsa e condenam o gesto egoísta dos escamoteadores da verdade em proveito próprio, levando multidões ingênuas e desprevenidas à deturpação da doutrina esclarecedora.

TRABALHO

10) - O trabalho é exigência do princípio de transcendência. O homem trabalha por necessidade, como querem os teóricos da Dialética Materialista, mas não apenas para suprir as suas necessidades físicas de subsistência e sobrevivência. Não só, como querem os teóricos da *vontade de potência*, para adquirir poder. E nem só, também, como pretendem Bentham e os teóricos da ambição, para acumular posses que representam poder. (A Filosofia Existencial).

11) - No próprio desenvolvimento da Civilização o trabalho individual se abre, progressivamente, nos processos de distribuição, para o plano superior do trabalho coletivo. Por isso, é no trabalho e através do trabalho que o homem se realiza como ser, desenvolvendo suas potencialidades.

12) - Hegel observou, em seus estudos de Estética, que a dialética do trabalho se revela nos reinos da Natureza. O mineral é a matéria-prima das elaborações futuras, apresentando-se como concentração de energias que formam as reservas básicas; o vegetal é a doação em que as forças do mineral se abrem para a floração e os frutos da vida; o animal é a vida em expansão dinâmica, síntese das elaborações dos dois reinos anteriores, endereçando esses resultados ao futuro, à síntese superior do Homem, no qual as contradições se resolvem na harmonia psicofísica e espiritual da criatura humana, dotada de consciência.

13) - Como vemos através desses dados, a Doutrina Espírita não nos oferece uma visão utópica do amanhã, mas uma precognição do homem em sua condição espiritual, sem as deformações teológicas e religiosas da visão comum, calcada em superstições e idealizações rebarbativas. Tendo penetrado objetivamente no mundo das causas, um século antes que as Ciências Materiais o fizessem, a Ciência Espírita, experimental e indutiva – e que tem agora todos os seus princípios fundamentais endossados por

aquelas, em pesquisas de laboratório e tecnológicas não formulou uma estrutura dogmática de pressupostos para figurar o homem de após morte e o homem do futuro.

SOLIDARIEDADE

14) - A solidariedade espírita se manifesta particularmente no campo da assistência à pobreza, aos doentes e desvalidos. O grande impulso nesse sentido foi dado, desde o início do movimento doutrinário na França, pelo livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, que trabalhou em silêncio na elaboração dessa obra, sem nada dizer a ninguém. Selecionou numerosas mensagens psicografadas, procedentes de diversos países em que o Espiritismo já florescia. Sua intenção era oferecer aos espíritas um roteiro para a prática religiosa, baseado no que ele chamava de *essência do ensino moral do Cristo*.

15) - Essa obra foi ameaçada com a tentativa de adulteração. Foi o maior atentado que a obra de Kardec já sofreu no mundo, pior que a queima de seus livros em Barcelona pela Inquisição Espanhola. Muito pior, porque foi um atentado provindo dos próprios espíritas, através de uma instituição doutrinária que tem, por obrigação estatutária, defender, preservar e divulgar a Doutrina Espírita codificada por Kardec. A consequência mais grave desse fato lamentável foi a quebra da solidariedade espírita, a desconfiança e a mágoa provocadas entre velhos companheiros.

16) - Todo trabalho espírita é exigente e penoso, porque faz parte de uma grande batalha – a da Redenção do Mundo, iniciada pelo jovem carpinteiro Jesus, filho de Maria e José.

17) - Os padres e bispos do Cristianismo nascente, todos impregnados pela carga mitológica de um longo passado de ignorância e superstições, não foram capazes de compreender o racionalismo das proposições cristãs. Pelo contrário, cheios de temor e de espanto, contribuíram para a deformação do Cristianismo.

18) - Basta lermos o *Livro de Atos dos Apóstolos*, no Evangelho, e as epístolas de Paulo (anteriores aos Evangelhos) para termos a confirmação dessa verdade histórica. Na primeira epístola de Paulo aos Coríntios, no tópico referente aos Dons Espirituais, temos uma descrição viva do chamado *culto pneumático* (do Grego: *Pneuma*, sopro, espírito), as sessões mediúnicas realizadas pelos primeiros cristãos e nas quais, segundo as pesquisas históricas modernas, que confirmam os dados da Tradição, manifestavam-se espíritos inferiores cheios de ódio a Cristo. Essas manifestações assustadoras foram consideradas como diabólicas, reforçando a imagem tradicional do Diabo na mente ingênua dos adeptos.

19) - As tentações que sofremos não vêm do Diabo, mas de nós mesmos, da nossa ignorância e do nosso apego hipnótico aos bens perecíveis da vida terrena. O Diabo é o Bicho-Papão dos adultos, o espantalho dos supersticiosos.

20) - Agora está surgindo aos nossos olhos e sob os nossos pés uma Nova Civilização - a do Espírito - que podemos chamar de Cósmica ou Espiritual.

*

*

Livro: O ESPÍRITO E O TEMPO

J. HERCULANO PIRES

CAPÍTULO IV - RELIGIÃO EM ESPÍRITO E VERDADE

1. O ESPIRITISMO E AS RELIGIÕES — A posição do Espiritismo, em face das religiões, foi definida desde o princípio, ou seja, desde a publicação de "O Livro dos Espíritos". A terceira parte do livro tem o título de "Leis Morais", e começa pela afirmação: "A lei natural é a lei de Deus", que equivale ao reconhecimento da unidade divina de todas as leis que regem o Universo. Note-se que Kardec e os Espíritos referem-se à lei de Deus no singular, como lei única, e nela incluem as leis morais, no plural. Assim, as leis morais são espécies de um gênero, que é a lei natural. Mas como esta não é a lei da Natureza, e sim a lei de Deus, não estamos diante de uma concepção monista natural, mas de uma concepção monista de ordem ética. As religiões, como fenômenos éticos, formas de educação moral das coletividades humanas, nada mais são do que processos diferenciados, segundo as necessidades circunstanciais e temporais da evolução, pelos quais as leis morais se manifestam no plano social.

Vejamos a explicação de Kardec, no comentário que fez ao item 617 de "O Livro dos Espíritos". "Entre as leis divinas, umas regulam o movimento e as relações da matéria bruta: essas são as leis físicas; seu estudo pertence ao domínio da ciência. As outras concernem especialmente ao homem em si mesmo, e às suas relações com Deus e com os seus semelhantes. Compreendem as regras da vida do corpo, tanto quanto as da vida da alma: essas são as leis morais." Dessa maneira, o Espiritismo nos oferece a visão global do Universo, num vasto sistema de relações, que unem todas as coisas, desde a matéria bruta até à divindade, ou seja, desde o plano material até o espiritual. As religiões, nesse amplo contexto, são como fragmentações temporárias do processo único da evolução humana.

Essa compreensão histórica permite ao Espiritismo encarar as religiões, não como adversárias, mas como formas progressivas do esclarecimento espiritual do homem, que atinge na atualidade um momento crítico, de passagem para um plano superior. Daí a afirmação de Kardec, feita em "O Livro dos Espíritos" e repetida em outras obras, particularmente em "O que é o Espiritismo", de que este, na verdade, é o maior auxiliar das religiões. Auxiliar em que sentido? Primeiro, no sentido de fornecer às religiões, entrincheiradas em seus dogmas de fé, as armas racionais de que necessitam, para enfrentar o racionalismo materialista, e especialmente as armas experimentais, com que sustentar os seus princípios espirituais diante das ciências. Depois, no sentido de que o Espiritismo não é nem pretende ser uma religião social, pelo que não disputa um lugar entre as igrejas e as seitas, mas quer apenas ajudar as religiões a completarem a sua obra de espiritualização do mundo. A finalidade das religiões é arrancar o homem da animalidade e levá-lo à moralidade. O Espiritismo vem contribuir para que essa finalidade seja atingida.

Nisto se repete e se confirma o que o Cristo declarou, a propósito de sua própria missão, ao dizer que não vinha revogar a lei e os profetas, mas dar-lhes cumprimento. Como desenvolvimento natural do Cristianismo, o Espiritismo

prossegue nesse mesmo rumo. Sua finalidade não é combater, contrariar, negar, ou destruir as religiões, mas auxiliá-las. Para auxiliá-las, porém, não pode o Espiritismo endossar os seus erros, o seu apego aos formalismos religiosos, a sua aderência às circunstâncias. Porque tudo isso diminui e enfraquece as religiões, expondo-as ao perigo do fracasso, diante das próprias leis evolutivas, que impulsionam o homem para além das suas convenções circunstanciais. O Espiritismo, assim, não condena as religiões. Considera que todas elas são boas — o que é sempre contestado com violência pelo espírito de sectarismo — mas pretende que, para continuarem boas, não estacionem nos estágios inferiores, já superados pela evolução humana.

Justamente por isso, o Espiritismo se apresenta, aos espíritos formalistas e sectários, como um adversário perigoso, que parece querer infiltrar-se nas estruturas religiosas e miná-las, para destruí-las. Era o que parecia o Cristianismo primitivo, para os judeus, gregos e romanos. Não obstante, os ensinamentos de Jesus não visavam à destruição, mas ao esclarecimento e à libertação do pensamento religioso da época. Podem alegar os religiosos atuais que os espíritas os combatem, às vezes com violência. O mesmo faziam os cristãos primitivos, em relação às religiões antigas. Mas essa atitude agressiva não decorre dos princípios doutrinários, e sim das circunstâncias sociais em que se encontram os inovadores, diante da tradição. Por outro lado, é preciso considerar que a agressividade das religiões para com o Espiritismo é uma constante histórica, determinada pela própria natureza social das religiões organizadas ou positivas. Nada mais compreensível que o revide dos espíritas, quando ainda não suficientemente integrados nos seus próprios princípios.

No capítulo segundo da terceira parte de "O Livro dos Espíritos", item 653, temos a explicação e a justificação da existência das religiões formalistas. Kardec estuda, através de perguntas aos Espíritos, a lei de adoração, que é o fundamento e a razão de ser de todo o processo religioso. Desse diálogo resulta a posição espírita bem definida: "A verdadeira adoração é a do coração." Não obstante, a adoração exterior, através do culto religioso, por mais complicado e material que este se apresente, desde que praticada com sinceridade, corresponde a uma necessidade evolutiva dos espíritos a ela afeiçoados. Negar a esses espíritos a possibilidade de praticarem a adoração exterior, seria tão prejudicial, quanto admitir que os espíritos que já superaram essa fase continuassem apegados a cultos materiais. A cada qual, segundo as suas condições evolutivas.

O princípio da tolerância substituí, portanto, no Espiritismo, o sistema de intolerância que marca estranhamente a tradição religiosa. As religiões, pregando o amor, promoveram a discórdia. Ainda hoje podemos sentir a agressividade do chamado espírito-religioso, na intolerância fanática das condenações religiosas. Por isso, Kardec, esclareceu, em "O Evangelho Segundo o Espiritismo", que o princípio religioso da doutrina não era o de salvação pela fé, e nem mesmo pela verdade, mas pela caridade. A fé é sempre interpretada de maneira particular, como a dogmática de determinada igreja a apresenta. A verdade é sempre condicionada às interpretações sectárias. Mas a caridade, no seu mais amplo sentido, como a fórmula do amor ao próximo ensinada pelo Cristo, supera todas as limitações formais. A salvação espírita não está na adesão a princípios e sistemas, mas na prática do amor.

2. PANTEÍSMO ESPÍRITA — Uma das acusações constantemente formuladas ao Espiritismo pelos religiosos, e particularmente pelos teólogos, é a de panteísmo. Segundo afirmam, de modo geral, o Espiritismo seria uma concepção materialista do mundo, por confundir o Criador com a Criação. Já vimos que essa acusação é infundada. Ao tratar da Filosofia Espírita, verificamos que a cosmologia e a cosmogonia doutrinárias não permitem essa confusão. Anteriormente, verificamos que o próprio Kardec dedicou um capítulo ao problema, em "O Livro dos Espíritos", esclarecendo a posição do Espiritismo. Não obstante, convém analisarmos alguns aspectos da questão, para melhor definirmos o nosso pensamento a respeito.

Segundo a etimologia, e de acordo com o emprego tradicional do termo, panteísmo é uma concepção monista do mundo, que pode ser traduzida na expressão: tudo é Deus. Espinosa foi o sistematizador filosófico dessa concepção. Deus é a realidade única, da qual todas as coisas não são mais do que emanações. Mas existe o chamado panteísmo materialista, não obstante a contradição dos termos. Segundo a concepção de D'Holbach, por exemplo, a realidade primária é o Mundo, e Deus é a suma do Mundo, ou seja, o resultado do conjunto de leis universais. Com razão se diz que não se trata propriamente de panteísmo, apesar do emprego tradicional da classificação. Essas duas formas de panteísmo são rejeitadas pelo Espiritismo.

Kardec argumenta, no comentário ao item 16 de "O Livro dos Espíritos", que não sabemos tudo o que Deus é, "mas sabemos o que ele não pode ser". Forma precisa de definir a posição espírita. Deus não pode ser confundido com o mundo, da mesma maneira por que um artista não pode ser confundido com as suas obras. Assim como as obras exprimem a inteligência e a intenção pessoal do artista, nas várias direções seguidas pela sua inspiração, as obras de Deus o revelam ao nosso entendimento, mas não podemos confundi-las com o seu Autor. O Espiritismo, portanto, não pode ser considerado como nenhuma forma de panteísmo, no sentido absoluto que se dá ao termo.

Apesar disso, podemos dizer que existe uma forma de panteísmo-espírita, se entendermos a palavra em sentido relativo. Essa forma, porém, não é privativa do Espiritismo. Aparece em todas as concepções religiosas, pois todas as religiões consideram universal a presença de Deus, que se manifesta na natureza inteira e "está em todas as coisas". É conhecida a afirmação do apóstolo Paulo, de que vivemos em Deus e nele nos movemos. Essa fórmula encontra correspondência no pensamento grego e no pensamento romano: o racionalismo dos primeiros e o juridismo dos segundos constituem sistemas de leis universais, presididos por uma inteligência suprema. Quanto ao judaísmo, o providencialismo bíblico é uma forma ainda mais efetiva de panteísmo conceptual. Mas fora do âmbito da tradição ocidental vamos encontrar a mesma concepção, tanto nas religiões indianas, quanto na própria religião-filosófica ou civil do confucionismo, bem como entre os egípcios, os mesopotâmicos e os persas.

A presença universal de Deus é uma forma relativa de panteísmo, que nos mostra o Universo em relação estreita com Deus, a Criação ligada ao Criador. Mesmo no panteísmo espinosiano, é necessário compreendermos o panteísmo de maneira mais conceptual do que real, ou seja, num plano antes teórico do que

prático. Porque Espinosa fazia a distinção entre o que chamava "natureza natural", ou material, e "natureza naturans", ou inteligente. Deus, para ele, era esta última, o que pode ser entendido, do ponto de vista espírita, como uma confusão entre o princípio inteligente e Deus. Ou seja, Espinosa confundiu a segunda hipótese do Universo, o Espírito, com a primeira, que é Deus. O Espiritismo não faz essa confusão, admitindo apenas a imanência de Deus no Universo, como consequência de sua própria transcendência.

Não é fácil compreendermos esse processo, sem uma definição dos termos. Mas quando procuramos examiná-los, tudo se torna mais claro. Imanente é aquilo que está compreendido na própria natureza, como elemento intrínseco, pertencente a sua constituição e determinante do seu destino. Dessa maneira, o panteísmo tem sido considerado uma teoria da imanência de Deus. Não obstante, a própria teologia católica considera as aspirações religiosas do homem como decorrência da imanência de Deus na alma. E o Cristianismo evangélico estabelece o princípio da imanência de Deus em nós mesmos. Como poderíamos entender, assim, a imanência daquilo que é transcendente, que está acima e além do mundo e dos homens?

Este problema tem provocado grande celeuma no campo teológico, mas a posição espírita é de tal maneira clara, que a podemos compreender sem maiores dificuldades. Kardec a colocou em termos de causa e efeito: não há efeito inteligente sem uma causa inteligente. Ora, se Deus é a inteligência suprema e causa primária de todas as coisas, a transcendência de Deus é a própria causa da sua imanência. Ou seja: Deus, como criador, está presente na Criação, através de suas leis, que representam ao mesmo tempo a ligação de todas as coisas ao seu poder e a possibilidade de elevação de todas as coisas à sua perfeição. A lei de evolução explica a imanência, como consequência lógica e necessária da transcendência. As disputas teológicas decorrem mais do formalismo em que o problema é colocado, do que das dificuldades lógicas ou filosóficas existente no mesmo.

O panteísmo-espírita não seria mais, portanto, do que a consideração da presença de Deus em todas as coisas, através de suas leis, e particularmente na consciência humana. No item 626 de "O Livro dos Espíritos" vemos a afirmação de que as leis divinas "estão escritas por toda parte". Esse o motivo por que: "todos os homens que meditaram sobre a sabedoria puderam compreendê-las e ensiná-las". Reafirma ainda esse item: "Estando as leis divinas escritas no livro da Natureza, o homem pôde conhecê-las sempre que desejou procurá-las. Eis porque os seus princípios foram proclamados em todos os tempos, pelos homens de bem, e também porque encontramos os seus elementos na doutrina moral de todos os povos saídos da barbárie, mas incompletos, ou alterados pela ignorância e a superstição." O relativismo panteísta está bem claro nesta proposição.

A presença de Deus, e portanto a sua imanência, não se restringe à consciência humana, mas estende-se a toda a natureza. Todas as religiões admitem esse princípio, de uma ou de outra forma, principalmente quando pretendem oferecer as provas da existência de Deus. O Espiritismo o esclarece, de maneira simples e precisa, retirando-o da névoa das discussões teológicas e colocando-o

sob a luz dos princípios lógicos. Ainda neste terreno controvertido, como vemos, o Espiritismo se apresenta com todo o seu poder de esclarecimento.

3. TEOLOGIA ESPÍRITA - Falar de teologia espírita é escandalizar alguns setores doutrinários, que só compreendem o Espiritismo como filosofia de bases científicas e conseqüências morais. Mas num curso de introdução doutrinária não podemos fazer concessões nesse terreno. A palavra teologia tem um sentido etimológico e usual bastante conhecido e claro: é a Ciência de Deus, ou, numa interpretação mais humilde, o estudo de Deus. Não importa que a tradição católica a considere como a Ciência de Deus revelada pelo Cristo e conservada pela Igreja. Lalande a define assim: "Ciência de Deus, de seus atributos e de suas relações com o mundo e o homem." Nessa acepção filosófica é que ela nos interessa, do ponto de vista espírita, e que dela não podemos prescindir, para um conhecimento geral da doutrina.

Já vimos que o "Livro dos Espíritos" começa pela definição de Deus, e portanto como um tratado teológico. Sua primeira pergunta é esta: "O que é Deus?" E a primeira resposta dada pelos Espíritos está formulada como, a pedra angular da teologia espírita: "Deus é a inteligência Suprema, causa primária de todas as coisas." Todo o primeiro capítulo do livro básico do Espiritismo é dedicado ao estudo de Deus. Um capítulo teológico, portanto. Mas não ficamos nisso. A teologia espírita se estende por toda a codificação. E nem poderia ser de outra maneira, uma vez que o Espiritismo, na sua condição de filosofia espiritualista, tem por fundamento a existência de Deus e suas relações com o homem.

Após a afirmação da existência, o "Livro dos Espíritos" trata do problema dos atributos de Deus. A seguir, das relações de Deus com o mundo e com os homens. Esse problema das relações vai ser amplamente desenvolvido por Kardec, não só na continuidade do livro básico, mas também nas demais obras da Codificação. Há alguns livros escritos especialmente para esclarecer o assunto, como "O Evangelho Segundo o Espiritismo", "A Gênese, os Milagres e as Predições" e "O Céu e o Inferno". Livros teológicos, no pleno sentido da definição de Lalande, que nos dão toda a estrutura de uma teologia racional, abrindo perspectivas para desenvolvimentos em várias direções: o estudo da concepção de Deus através dos tempos; das relações dessa concepção com a moral; do desenvolvimento do ateísmo e do sentimento religioso no mundo moderno; das possibilidades espíritas da compreensão de Deus e do desenvolvimento da mística espírita, ou seja, da experiência psicológica da prece e do conseqüente desenvolvimento do sentimento de Deus entre os espíritas; dos atributos de Deus em relação com o processo evolutivo; e assim por diante.

Vemos, pela simples citação dessas possibilidades, que dois problemas fundamentais da teologia clássica foram postos de lado: o da natureza de Deus e o da Criação do Mundo. Realmente, esses problemas são considerados pelo Espiritismo como limítrofes do incognoscível. Nesse ponto, aliás, o Espiritismo coincide com a posição de Espinosa, para quem Deus possuía dois atributos que conhecemos: o espírito e a matéria, e muitos outros que escapam às nossas possibilidades de conhecimento. Mas não é por não tratarmos desses problemas que podemos negar a existência de uma teologia espírita, racional, e livre do espírito de sistema, como afirmava Kardec, a respeito da filosofia espírita.

A teologia espírita é, portanto, a parte da doutrina que trata de Deus, que procura estudá-lo, dentro das limitações da nossa capacidade cognitiva. Começa com um axioma: a existência de Deus. Mas este axioma se evidencia de maneira matemática, por uma seqüência lógica que podemos seguir nesta afirmação: "Deus existe, não o podeis duvidar, e isso é o essencial." (Item 14 do "Livro dos Espíritos".) Analisando esta assertiva, encontramos o seguinte: 1.º) a afirmação pura e simples de Deus, como verdade suprema, que antecede a nossa razão e a ela se impõe; 2.º) a afirmação de um atributo de Deus, que é a sua existência, ou seja a sua imanência; 3.º) a afirmação de que não podemos duvidar dele e de sua existência, não porque estejamos proibidos de fazê-lo, mas porque há uma impossibilidade lógica de duvidar; 4.º) a afirmação de que "isso é o essencial", ou seja, de que, no nosso estado atual de evolução, não precisamos de mais do que essa compreensão, que nos basta.

Poderíamos argumentar que essa posição teológica é absurda, principalmente quando falamos de uma teologia racional. Partimos de um dogma de fé, que se impõe à nossa consciência. Não se trata, porém, de um dogma de fé, e sim de um axioma matemático. As coisas evidentes se impõem pela sua própria evidência. Não podemos negar a existência de Deus, porque, como dizia Descartes, isso equivaleria a negar a existência do sol em nosso sistema planetário. Muito antes dos homens saberem o que era o sol, não podiam negá-lo. E hoje mesmo continuamos cercados de evidências que escapam à nossa inteligência. Apesar do grande avanço das ciências da vida, não sabemos o que é a vida. E todas as ciências partem sempre de axiomas, de evidências que lhes servem de base, e sobre as quais constroem os seus sistemas racionais, como as religiões constroem a sua dogmática. A posição espírita, portanto, nada tem de estranho. Está perfeitamente enquadrada nos limites gerais do conhecimento humano, sujeita aos mesmos princípios que regem o desenvolvimento das ciências, da filosofia e das religiões.

A teologia espírita implica ainda a existência da revelação. Nas relações entre Deus e o homem existe a possibilidade do diálogo. O homem pode receber informações de Deus a respeito de problemas que a sua razão não alcança. É o que vemos no item 20 de "O Livro dos Espíritos", quando Kardec pergunta se é possível a revelação de coisas que escapam à investigação científica. Os Espíritos respondem: "Sim, se Deus o julgar útil, pode revelar aquilo que a ciência não consegue apreender." E Kardec comenta: "É através dessas comunicações que o homem recebe, dentro de certos limites, o conhecimento do seu passado e do seu destino futuro." Mas, por outro lado, existe a revelação humana, aquela que não é uma oferta de Deus ao homem, mas uma conquista deste, através de sua evolução. "A ciência lhe foi dada para o seu adiantamento em todos os sentidos", afirma o item 19, e Kardec reafirma em "A Gênese", capítulo primeiro, essa duplicidade da revelação, considerada do ponto de vista espírita. Assim, pela sua própria natureza, ao mesmo tempo divina e humana, a teologia espírita confirma a sua racionalidade.

4. CRISTIANISMO E ESPIRITISMO — A religião espiritual se define pela superação do social. Johann Heinrich Pestalozzi, mestre de Kardec, considerava a existência de três tipos de religião: a animal ou primitiva, a social ou positiva, e a espiritual ou moral. A esta última preferia chamar simplesmente

moralidade, a fim de não confundi-la com as duas formas anteriores. Kardec recebeu dos Espíritos a confirmação dessa teoria pestalozziana. Todo o "O Livro dos Espíritos" a confirma, ensinando uma religião pura, desprovida de exigências materiais para o culto, de investidas sacerdotais, e conseqüentemente de organização social em forma de igreja. As comunicações particulares que Kardec recebia, como já vimos, e que figuraram posteriormente em "Obras Póstumas", acentuavam a importância espiritual da nova doutrina, como restabelecimento do Cristianismo em espírito e verdade. Em "O Evangelho Segundo o Espiritismo" o problema foi esclarecido em definitivo.

No item 673 de "O Livro dos Espíritos", vemos como o problema da religião espiritual é colocado pelos Espíritos, de maneira incisiva, condenando o apego às exterioridades. É a seguinte a resposta dada a uma pergunta de Kardec: "Deus abençoa sempre os que praticam o bem. Amparar os pobres e os aflitos é o melhor meio de o homenagear. Já vos disse, por isso mesmo, que Deus desaprova as cerimônias que fazeis para as vossas preces, pois há muito dinheiro que poderia ser empregado mais utilmente do que o é. O homem que se prende à exterioridade e não ao coração, é um espírito de vista estreita: julgai se Deus deve se importar mais com a forma do que com o fundo."

No capítulo oitavo das "Conclusões" de "O Livro dos Espíritos" é o próprio Kardec quem declara: "Jesus veio mostrar aos homens a rota do verdadeiro bem. Por que Deus o enviara para lembrar a sua lei esquecida, não enviaria hoje os Espíritos, para novamente a lembrarem, e de maneira mais precisa, agora que os homens a esquecem, para tudo sacrificarem ao orgulho e à cupidez? Quem ousaria pôr limites ao poder de Deus e determinar os seus caminhos? Quem dirá que os tempos preditos não são chegados, como o afirmam os Espíritos, e que não alcançamos aqueles em que as verdades mal compreendidas, ou falsamente interpretadas, devem ser ostensivamente reveladas ao gênero humano, para acelerar o seu adiantamento?"

No item 625 vemos a ligação direta que "O Livro dos Espíritos" estabelece entre Cristianismo e Espiritismo. Os Espíritos apontam Jesus como o modelo que o homem deve seguir na Terra, e Kardec comenta, de maneira incisiva: "Jesus é para o homem o tipo da perfeição moral a que a humanidade pode pretender na terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo, e a doutrina que ele ensinou é a mais pura expressão da sua lei, porque ele estava animado do espírito divino, e foi o ser mais puro que já apareceu sobre a terra."

A seguir, no item 627, a ligação histórica e espiritual se completa pela voz dos Espíritos: "O ensino de Jesus era freqüentemente alegórico, em forma de parábolas, porque ele falava de acordo com a época e os lugares. Faz-se hoje necessário que a verdade seja inteligível para todos. É preciso, pois, explicar e desenvolver essas leis, tão poucos são os que as compreendem, e menos ainda os que as praticam. Nossa missão é a de espertar os olhos e os ouvidos, para confundir os orgulhosos e desmascarar os hipócritas: os que afetam exteriormente a virtude e a religião, para ocultar as suas torpezas. O ensinamento dos Espíritos deve ser claro e sem equívocos, a fim de que ninguém possa pretextar ignorância, e cada um possa julgá-lo e apreciá-lo com sua própria razão. Estamos encarregados de preparar o Reino de Deus anunciado por Jesus, e por isso é necessá-

rio que ninguém possa interpretar a lei de Deus ao sabor das suas paixões, nem faltar o sentido de uma lei que é toda amor e caridade."

O Espiritismo aparece, nesse trecho de "O Livro dos Espíritos", como o continuador natural do Cristianismo, confirmando o que estudamos anteriormente a respeito. Sua missão é a de restabelecer o ensino do Cristo e efetivá-lo nos corações e nas consciências, já amadurecidas pela evolução, preparando assim o Reino de Deus, ou seja, levando o Cristianismo às suas últimas conseqüências. Assim; quando Kardec nos apresenta o Espiritismo como a religião em espírito e verdade, porque sendo o cumprimento da promessa do Consolador, em "O Evangelho Segundo o Espiritismo", nada mais faz do que confirmar o que já havia sido anunciado em "O Livro dos Espíritos".

No capítulo sexto de "O Evangelho Segundo o Espiritismo", comentando o advento do Consolador, Kardec assinala: "Assim, o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador Prometido: conhecimento das coisas, que faz o homem saber de onde vem, para onde vai e porque está na Terra; reevocação dos verdadeiros princípios da lei de Deus; e consolação pela fé e pela esperança." A análise desse pequeno trecho oferece-nos, ao mesmo tempo, a confirmação da ligação histórica entre o Cristianismo e o Espiritismo, e os traços característicos da religião em espírito e verdade.

O Consolador vem para esclarecer os homens, e assim consolá-los através do conhecimento. Religião sem dogmas, sem culto exterior, sem sacerdócio, sem apego material, sem intenção de domínio político e social, pode explicar livremente ao homem que ele é um espírito em evolução, responsável direto pelos seus atos, e portanto pelos seus fracassos ou as suas vitórias. Pode dizer-lhe que, tendo vindo do mundo espiritual, voltará a esse mundo após a vida terrena, tão naturalmente como as borboletas se livram dos casulos, e lá responderá pelos seus erros e os acertos, sem a mediação de sacramentos ou cerimônias materiais de espécie alguma. Sua permanência na Terra pode também ser explicada sem alegoria, pela simples necessidade da evolução espiritual.

A reevocação dos verdadeiros princípios da lei de Deus equivale ao restabelecimento dos ensinamentos do Cristo. A palavra francesa do texto original é "rap-pel", que tem sido traduzida por "lembração". A tradução mais fiel é a que oferece a idéia de restabelecimento, como o faz a palavra reevocação. Essa idéia está de acordo com o texto de Kardec e com a promessa do texto evangélico. Reevocar os verdadeiros princípios é relembrar, não apenas lembrar: "tudo aquilo que vos ensinei", segundo a expressão do Evangelho de João. Relembrados os princípios esquecidos, deturpados pela ignorância e a vaidade humanas, a religião espiritual se restabelecerá em sua plenitude.

A conseqüência desse processo é naturalmente o restabelecimento da fé e da esperança. A fé, não mais dogmática, fruto de uma imposição autoritária, mas racional, e portanto consciente, como decisão livre do homem. E, por fim, a esperança na vida futura, que se apresenta como oportunidade renovada de reen-cetar o progresso espiritual. A "moralidade" de Pestalozzi se afirma, através das palavras do seu discípulo Rivail, no plano superior do ensino espiritual, como a forma mais pura de religião: aquela em que o homem age com plena consciência

dos seus deveres, livre de ameaças e coações, ciente de que é ele mesmo o construtor do seu futuro.

O conceito de religião espiritual, atualmente, já não mais requer a diferenciação que Pestalozzi adotou. No tempo de Kardec ainda era necessário, principalmente numa obra de divulgação, como "O Livro dos Espíritos", evitar a palavra "religião". Hoje, a definição filosófica de religião superou as confusões anteriormente reinantes. O trabalho de Bergson sobre as fontes da moral e da religião colocou o problema em termos claros. A "religião estática" de Bergson é a religião social de Pestalozzi, como a "religião dinâmica" é a religião espiritual, ou moralidade.

A prova das razões por que Kardec evitou a palavra religião, para definir o Espiritismo, nos é dada pela sua própria confissão, no discurso que pronunciou na Sociedade Espírita de Paris, a primeiro de novembro de 1868: "Por que então declaramos que o Espiritismo não é uma religião? Porque só temos uma palavra para exprimir duas idéias diferentes, e porque, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da palavra culto: revela exclusivamente uma idéia de forma, e o Espiritismo não é isso. Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público só veria nele uma nova edição, uma variante, se assim nos quisermos expressar, dos princípios absolutos em matéria de fé, uma classe sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; o público não o separaria das idéias de misticismo e dos abusos contra os quais sua opinião se tem levantado tantas vezes."

Essas palavras de Kardec, ao mesmo tempo afirmam a natureza religiosa do Espiritismo, já implícita na própria Codificação, e negam a possibilidade de sua transformação em seita formalista. A religião-espírita reafirma, assim, pelas declarações do próprio Codificador, o seu sentido e a sua natureza espirituais, já evidentes no contexto doutrinário.

*

LIVRO: “O CONSOLADOR”

(EMMANUEL)

TERCEIRA PARTE

RELIGIÃO

260 – *Em face da Ciência e da Filosofia como interpretar a Religião nas atividades da vida?*

-Religião é o sentimento Divino, cujas exteriorizações são sempre o Amor, nas expressões mais sublimes. Enquanto a Ciência e a Filosofia operam o trabalho da experimentação e do raciocínio, a Religião edifica e ilumina os sentimentos.

As primeiras se irmanam na Sabedoria, a segunda personifica o Amor, as duas asas divinas com que a alma humana penetrará, um dia, nos pórticos sagrados da espiritualidade.

I

VELHO TESTAMENTO

REVELAÇÃO

261 – *“No princípio era o Verbo...” – Como deveremos entender esta afirmativa do texto sagrado?*

-O apóstolo João ainda nos adverte que “o Verbo era Deus e estava com Deus”.

Deus é amor e vida e a mais perfeita expressão do Verbo para o orbe terrestre era e é Jesus, identificado com a sua misericórdia e sabedoria, desde a organização primordial do planeta.

Visível ou oculto, o Verbo é o traço da luz divina em todas as coisas e em todos os seres, nas mais variadas condições do processo de aperfeiçoamento.

262 – *Por que razão a palavra das profecias parece dirigida invariavelmente ao povo de Israel?*

-Em todos os textos das profecias, Israel deve ser considerada como o símbolo de toda a humanidade terrestre, sob a égide sacrossanta do Cristo.

263 – *Deve-se atribuir ao judaísmo missão especial, em comparação com as demais idéias religiosas do tempo antigo?*

-Embora as elevadas concepções religiosas que floresceram na Índia e no Egito e todos os grandes ideais de conhecimento da divindade, que povoaram a antiga Ásia em todos os tempos, deve-se reconhecer no judaísmo a grande missão da revelação do Deus único.

Enquanto os cultos religiosos se perdiam na divisão e na multiplicidade, somente o judaísmo foi bastante forte na energia e na unidade para cultivar o

monoteísmo e estabelecer as bases da lei universalista, sob a luz da inspiração divina.

Por esse motivo, não obstante os compromissos e os débitos penosos que parecem perpetuar os seus sofrimentos, através das gerações e das pátrias humanas no doloroso curso dos séculos, o povo de Israel deve merecer o respeito e o amor de todas as comunidades da Terra, porque somente ele foi bastante grande e unido para guardar a idéia verdadeira de Deus, através dos martírios da escravidão e do deserto.

264 –*Como deve ser considerada, no Espiritismo, a chamada “Santíssima Trindade”, da teologia católica?*

Os textos primitivos da organização cristã não falam da concepção da Igreja Romana, quanto à chamada “Santíssima Trindade”.

Devemos esclarecer, ainda, que o ponto de vista católico provém de sutilezas teológicas sem base séria nos ensinamentos de Jesus.

Por largos anos, antes da Boa Nova, o bramismo guardava a concepção de Deus, dividido em três princípios essenciais, que os seus sacerdotes denominavam Brama, Vishnu e Çiva. (O Padre Alta, em **O Cristianismo do Cristo e o de seus vigários**, nos diz que a fórmula do catecismo – 3-Pessoas em Deus – era verdadeira em latim, onde o vocábulo **persona** significa forma, aspecto, aparência. É falsa, porém, em francês ou em português, com acepção de indivíduo. –**Nota da Editora.**)

Contudo, a Teologia, que se organizava sobre os antigos princípios do politeísmo romano, necessitava apresentar um complexo de enunciados religiosos, de modo a confundir os espíritos mais simples, mesmo porque sabemos que se a Igreja foi, a princípio, depositária das tradições cristãs, não tardou muito que o sacerdócio eliminasse as mais belas expressões do profetismo, inumando o Evangelho sob um acervo de convenções religiosas e roubando às revelações primitivas a sua feição de simplicidade e de amor.

Para esse desiderato, as forças que vinham disputar o domínio do Estado, em face da invasão dos povos considerados bárbaros, se apressaram, no poder, em transformar os ensinamentos de Jesus em instrumento da política administrativa, adulterando os princípios evangélicos nos seus textos primitivos e assimilando velhas doutrinas como as da Índia legendaria, e organizando novidades teológicas, com as quais o Catolicismo se reduziu a uma força respeitável, mas puramente humana, distante do Reino de Jesus, que na afirmação do Mestre, simples e profunda, não tem ainda fundamentos divinos na face da Terra.

265 –*Como interpretar a antiga sentença – “Deus fez o mundo do nada?”.*

-O primeiro instante da matéria está, para os Espíritos da minha esfera, tão obscura quanto o primeiro momento da energia espiritual nos círculos da vida universal.

Compreendemos, contudo, que sendo Deus o Verbo da Criação, o “nada” nunca existiu para o nosso conceito de observação, porquanto o Verbo, para nós outros, é a luz de toda a Eternidade.

266 –*Os dias da Criação, nas antigas referências do Velho Testamento, correspondem a períodos inteiros da evolução geológica?*

-Os dias da atividade do Criador, tal como nos refere o texto sagrado, correspondem aos largos períodos de evolução geológica, dentro dos milênios indispensáveis ao trabalho da gênese planetária, salientando-se que, com esses, a Bíblia encerra outros grandes símbolos inerentes aos tempos imemoriais, das origens do planeta.

267 –*Qual a posição do Velho Testamento no quadro de valores da educação religiosa do homem?*

-No quadro de valores da educação religiosa, na civilização cristã, o Velho Testamento, apesar de suas expressões altamente simbólicas, poucas vezes acessíveis ao raciocínio comum, deve ser considerado como a pedra angular, ou como a fonte máter da revelação divina.

LEI

268 –*Os dez mandamentos recebidos por Moisés no Sinai, base de toda justiça até hoje, no mundo, foram alterados pelas seitas religiosas?*

-As seitas religiosas, de todos os tempos, pela influência de seus sacerdotes, procuram modificar os textos sagrados; todavia, apesar das alterações transitórias, os dez mandamentos, transmitidos à Terra por intermédio de Moisés, voltam sempre a ressurgir na sua pureza primitiva, como base de todo o direito no mundo, sustentáculo de todos os códigos da justiça terrestre.

269 –*Como entender a palavra do Velho Testamento quando nos diz que Deus falou a Moisés no Sinai?*

-Estais atualmente em condições de compreender que Moisés trazia consigo as mais elevadas faculdades mediúnicas, apesar de suas características de legislador humano.

É inconcebível que o grande missionário dos judeus e da Humanidade pudesse ouvir o Espírito de Deus. Estais, porém habilitados a compreender, agora, que a Lei ou a base da Lei, nos dez mandamentos, foi-lhe ditada pelos emissários de Jesus, porquanto todos os movimentos de evolução material e espiritual do orbe se processaram, como até hoje se processam, sob o seu augusto e misericordioso patrocínio.

270 –*Apesar de suas expressões tão humanas, Moisés veio ao mundo como missionário divino?*

-Examinando-se os seus atos enérgicos de homem, há a considerar as características da época em que se verificou a grande tarefa do missionário hebreu, legítimo emissário do plano superior, para entregar ao mundo terrestre a grande e sublime mensagem da primeira revelação.

Com expressões diversas, o grande enviado não poderia dar conta exata de suas preciosas obrigações, em face da Humanidade ignorante e materialista.

271 –*Moises transmitiu ao mundo a lei definitiva?*

-O profeta de Israel deu à Terra as bases da Lei divina e imutável, mas não toda a Lei, integral e definitiva.

Aliás, somos obrigados a reconhecer que os homens receberão sempre as revelações divinas de conformidade com a sua posição evolutiva.

Até agora, a Humanidade da era cristã recebeu a grande Revelação em três aspectos essenciais: Moisés trouxe a missão da Justiça; o Evangelho, a revelação insuperável do Amor, e o Espiritismo em sua feição de Cristianismo redi-vivo, traz, por sua vez, a sublime tarefa da Verdade. No centro das três revelações encontra-se Jesus-Cristo, como o fundamento de toda a luz e de toda a sabedoria. É que, com Amor, a Lei manifestou-se na Terra no seu esplendor máximo; a Justiça e a Verdade nada mais são que os instrumentos divinos de sua exteriorização, com aquele Cordeiro de Deus, alma da redenção de toda a Humanidade. A justiça, portanto, lhe aplainou os caminhos, e a Verdade, consequentemente, esclarece os seus divinos ensinamentos. Eis por que, com o Espiritismo simbolizando a Terceira Revelação da Lei, o homem terreno se prepara, aguardando as sublimadas realizações do seu futuro espiritual, nos milênios porvindouros.

272 –*Qual a significação da lei de talião “olho por olho, dente por dente”, em face da necessidade da redenção de todos os espíritos pelas reencarnações sucessivas?*

-A lei de talião prevalece para todos os espíritos que não edificaram ainda o santuário do amor nos corações, e que representam a quase totalidade dos seres humanos.

Presos, ainda, aos milênios do pretérito, não cogitaram de aceitar e aplicar o Evangelho a si próprios, permanecendo encarcerados em círculos viciosos de dolorosas reencarnações expiatórias e purificadoras.

Moisés proclamou a Lei antiga; muitos séculos antes do Senhor. Como já dito, o profeta hebraico apresentava a Revelação com a face divina da Justiça; mas, com Jesus, o homem do mundo recebeu o código perfeito do Amor. Se Moisés ensinava o “olho por olho, dente por dente”, Jesus-Cristo esclarecia que o “amor cobre a multidão dos pecados”.

Dáí a verdade de que as criaturas humanas se redimirão pelo amor e se levarão a Deus por ele, anulando com o bem; todas as forças que lhes possam encarcerar o coração nos sofrimentos do mundo.

273 –*Qual é verdadeiramente o segundo mandamento? – “Não farás imagens esculpidas das coisas que estão nos céus”, etc., segundo alguns textos, ou “Não tomar o seu santo nome em vão”, conforme o ensinamento da igreja católica de Roma?*

-A segunda fórmula foi uma tentativa de subversão dos textos primitivos, levada a efeito pela Igreja Romana, a fim de que o seu sacerdócio encontrasse campo livre para desenvolvimento das heranças do paganismo, no que se refere às pomposas demonstrações do culto externo.

274 –*Qual a intenção de Moisés no Deuteronômio, recomendando “que ninguém interrogasse os mortos para saber a verdade?”.*

-Antes de tudo, faz-se preciso considerar que a afirmativa tem sido objeto injusto de largas discussões por parte dos adversários da nova revelação que o Espiritismo trouxe aos homens, na sua feição de Consolador.

As expressões sectárias, todavia, devem considerar que a época de Moisés não comportava as indagações do Invisível, porquanto o comércio com os desencarnados se faria com um material humano excessivamente grosseiro e inferior.

PROFETAS

275 – *Os cinco livros maiores da Bíblia encerram símbolos especiais para a educação religiosa do homem?*

-Todos os documentos religiosos da Bíblia se identificam entre si, no todo, desde a primeira revelação com Moisés, de modo a despertar no homem as verdadeiras noções do seu dever para com os semelhantes e para com Deus.

276 – *A previsão e a predição, nos livros sagrados, dão a entender que os profetas eram diretamente inspirados pelo Cristo?*

-Nos textos sagrados das fontes divinas do Cristianismo, as previsões e predições se efetuaram sob a ação direta do Senhor, pois só Ele poderia conhecer bastante os corações, as fraquezas e as necessidades dos seus rebeldes tutelados, para sondar com precisão as estradas do futuro, sob a misericórdia e a sabedoria de Deus.

277 – *Os Espíritos elevados, como os profetas antigos, devem ser considerados como anjos ou como Espíritos eleitos?*

-Como missionário do Senhor, junto à esfera de atividade propriamente material, os profetas antigos eram também dos “chamados” à luminosa sementeira.

Para a nossa compreensão, a palavra “anjo”, neste passo, deve designar somente as entidades que já se elevaram ao plano superior; plenamente redimidas, onde são “escolhidos” na tarefa sagrada d’Aquele cujas palavras não passarão. O Eleito, porém, é aquele que se elevou para Deus em linha reta, sem as quedas que nos são comuns, sendo justo afirmar que o orbe terrestre só viu um eleito, que é Jesus- Cristo.

A compreensão do homem, todavia, em se tratando de angelitude, generalizou a definição, estendendo-a a todas as almas virtuosas e boas, nos bastidores da sua literatura, o que se justifica, entendendo-se que a palavra “anjo” significa “mensageiro”.

278 – *Devemos considerar como profetas somente aqueles a que se referem as páginas do Velho Testamento?*

-Além dos ensinamentos legados por Elias ou um Jeremias, temos de convir que numerosos missionários do plano superior precederam a vinda do Cristo, distribuindo no mundo o pão espiritual de suas verdades eternas.

Um Çakyamuni, um Confúcio, um Sócrates, foram igualmente profetas do Senhor, na gloriosa preparação dos seus caminhos. Se desenvolveram ação distante do ambiente e dos costumes israelitas, pautaram a missão no mesmo plano

universalista, em que as tribos de Israel foram chamadas a trabalhar, mais particularmente, pelo progresso religioso do mundo.

279 –*Os profetas hebraicos representavam o papel de sacerdotes dos crentes da Lei?*

-Em todos os tempos houve a mais funda diferença entre sacerdócio e o profetismo. Os antigos profetas de Israel nunca se caracterizaram por qualquer expressão de servilismo às convenções sociais e aos interesses econômicos, tão ao gosto do sacerdócio organizado, em todas as eras e em todos os lugares.

Extremamente dedicados ao esforço próprio, não viviam do altar de sua fé, mas do trabalho edificante, fosse na indumentária dos escravos oprimidos, ou no insulamento do deserto que as suas aspirações religiosas sabiam povoar de um santo dinamismo construtivo.

280 –*Os profetas do Cristo têm voltado à esfera material para trazer aos homens novas expressões de luz para o futuro da Humanidade?*

-Em tempo algum as coletividades humanas deixaram de receber a sublime cooperação dos enviados do Senhor, na solução dos grandes problemas do porvir.

Nem sempre a palavra da profecia poderá ser trazida pelas mesmas individualidades espirituais dos tempos idos; contudo, os profetas de Jesus, isto é, as poderosas organizações espirituais dos planos superiores, têm estado convosco, incessantemente, impulsando-vos à evolução em todos os sentidos, multiplicando as vossas possibilidades de êxito nas experiências difíceis e dolorosas. É verdade que os novos enviados não precisarão dizer o que já se encontra escrito, em matéria de revelações religiosas; todavia, agem nos setores da Ciência e da Filosofia, da Literatura e da Arte, levantando-vos o pensamento abatido para as maravilhosas construções espirituais do porvir. Igualmente, é certo que os missionários novos não encontram o deserto de figueiras bravas, onde os seus predecessores se nutriam apenas de gafanhotos e de mel selvagem, mas ainda são obrigados a viver no deserto das cidades tumultuosas, entre corações indiferentes e incompreensíveis, cercados pela ingratidão e pela zombaria dos contemporâneos, que, muitas vezes, lhes impõem o pelourinho e o sacrifício.

O amor de Jesus, todavia, é a seiva divina que lhes alimenta a fibra de trabalho e realização, e, sob as suas bênçãos generosas, as grandes almas solitárias atravessam o mundo, distribuindo a luz do Senhor pelas estradas sombrias.

281 –*A leitura do Velho Testamento e do Evangelho, nos círculos familiares, como é de hábito entre muitos povos europeus, favorece a renovação dos fluídos salutarres de paz na intimidade do coração e do ambiente doméstico?*

-Essa leitura é sempre útil, e quando não produz a paz imediata, em vista da heterogeneidade de condições espirituais daqueles que a ouvem em conjunto, constitui sempre proveitosa sementeira evangélica, extensiva às entidades do plano invisível, que a assistem, sendo lícito esperar mais tarde o seu florescimento e frutificação.

II

EVANGELHO

JESUS

282 – *Se devemos considerar o Velho Testamento como a pedra angular da Revelação Divina, qual a posição do Evangelho de Jesus na educação religiosa dos homens?*

-O Velho Testamento é o alicerce da Revelação Divina. O Evangelho é o edifício da redenção das almas. Como tal, devia ser procurada a lição de Jesus, não mais para qualquer exposição teórica, mas visando cada discípulo o aperfeiçoamento de si mesmo, desdobrando as edificações do Divino Mestre no terreno definitivo do Espírito.

283 – *Com referência a Jesus, como interpretar o sentido das palavras de João: - “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e verdade?”.*

-Antes de tudo, precisamos compreender que Jesus não foi um filósofo e nem poderá ser classificado entre os valores propriamente humanos, tendo-se em conta os valores divinos de sua hierarquia espiritual, na direção das coletividades terrícolas.

Enviado de Deus, Ele foi a representação do Pai junto do rebanho de filhos transviados do seu amor e da sua sabedoria, cuja tutela lhe foi confiada nas ordenações sagradas da vida no Infinito.

Diretor angélico do orbe, seu coração não desdenhou a permanência direta entre os tutelados míseros e ignorantes, dando ensejo às palavras do apóstolo, acima referidas.

284 – *O apóstolo João recebeu missão diferente, na organização do Evangelho, considerando-se a diversidade de suas exposições em confronto com as narrações de seus companheiros?*

-Ainda aí, temos de considerar a especialização das tarefas, no capítulo das obrigações conferidas a cada um. As peças nas narrações evangélicas identificam-se naturalmente, entre si, como partes indispensáveis de um todo, mas somos compelidos a observar que, se Mateus, Marcos e Lucas receberam a tarefa de apresentar, nos textos sagrados, o Pastor de Israel na sua feição sublime, a João coube a tarefa de revelar o Cristo Divino, na sua sagrada missão universalista.

285 – *“Jesus-Cristo é sem pai, sem mãe, sem genealogia” – Como interpretar essa afirmativa, em face da palavra de Mateus?*

-Faz-se necessário entendermos a missão universalista do Evangelho de Jesus, através da palavra de João, para compreender tal afirmativa no tocante à genealogia do Mestre Divino, cujas sagradas raízes repousam no infinito do amor e de sabedoria em Deus.

286 – *O sacrifício de Jesus deve ser apreciado tão-somente pela dolorosa expressão do Calvário?*

-O Calvário representou o coroamento da obra do Senhor, mas o sacrifício na sua exemplificação se verificou em todos os dias da sua passagem pelo planeta. E o cristão deve buscar, antes de tudo, o modelo nos exemplos do Mestre, porque o Cristo ensinou com amor e humildade o segredo da felicidade espiritual, sendo imprescindível que todos os discípulos edifiquem no íntimo essas virtudes, com as quais saberão remontar ao calvário de suas dores, no momento oportuno.

287 – *Numerosos discípulos do Evangelho consideram que o sacrifício do Gólgota não teria sido completo sem o máximo de dor material para o Mestre Divino. Como conceituar essa suposição em face da intensidade do sofrimento moral que a cruz lhe terá oferecido?*

-A dor material é um fenômeno como os dos fogos de artifícios, em face dos legítimos valores espirituais.

Homens do mundo, que morreram por uma idéia, muitas vezes não chegaram a experimentar a dor física, sentindo apenas a amargura da incompreensão do seu ideal.

Imaginaí, pois, o Cristo, que se sacrificou pela Humanidade inteira, e chegareis a contemplá-Lo na imensidão da sua dor espiritual, augusta e indefinível para a nossa apreciação restrita e singela.

De modo algum poderíamos fazer um estudo psicológico de Jesus, estabelecendo dados comparativos entre o Senhor e o homem.

Em sua exemplificação divina, faz-se mister considerar, antes de tudo, o seu amor, a sua humildade, a sua renúncia por toda a Humanidade.

Examinados esses fatores, a dor material teria significação especial para que a obra cristã ficasse consagrada? A dor espiritual, grande demais para ser compreendida, não constitui o ponto essencial da sua perfeita renúncia pelos homens?

Nesse particular, contudo, as criaturas humanas prosseguirão discutindo, como as crianças que somente admitem as realidades da vida de um adulto, quando se lhe fornece o conhecimento tomando para imagens o cabedal imediato dos seus brinquedos.

288 – *“Meu Pai e eu somos Um” – Poderemos receber mais alguns esclarecimento sobre essa afirmativa do Cristo?*

-A afirmativa evidenciava a sua perfeita identidade com Deus, na direção de todos os processos atinentes à marcha evolutiva do planeta terrestre.

289 – *São muitos os Espíritos em evolução na Terra, ou nas esferas mais próximas, que já viram o Cristo, experimentando a glória da sua presença divina?*

-Toda a comunidade dos Espíritos encarnados na Terra, ou localizados em suas esferas de labor espiritual mais ligadas ao planeta, sentem a sagrada influência do Cristo, através da assistência de seus prepostos; todavia, pouquíssimos alcançarão a pureza indispensável para a contemplação do Mestre no seu plano divino.

290 – *Poder-se-á reconhecer nas parábolas de Jesus a expressão fenomênica das palavras, guardando a eterna vibração de seu sentimento nos ensinamentos?*

-Sim. As parábolas do Evangelho são como as sementes divinas que desabrocharam, mais tarde, em árvores de misericórdia e de sabedoria para a Humanidade.

291 – *Como interpretar o Anticristo?*

-Podemos simbolizar como Anticristo o conjunto das forças que operam contra o Evangelho, na Terra e nas esferas vizinhas do homem, mas, não devemos figurar nesse Anticristo um poder absoluto e definitivo que pudesse neutralizar a ação de Jesus, porquanto, com tal suposição, negaríamos a providência e a bondade infinita de Deus.

RELIGIÕES

292 – *Em que sentido deveremos tomar o conceito de religiões?*

-Religião, para todos os homens, deveria compreender-se como sentimento divino que clarifica o caminho das almas e que cada espírito apreenderá na pauta do seu nível evolutivo.

Neste sentido, a Religião é sempre a face augusta e soberana da Verdade; porém, na inquietação que lhes caracteriza a existência na Terra, os homens se dividiram em numerosas religiões, como se a fé também pudesse ter fronteira, à semelhança das pátrias materiais; tantas vezes mergulhadas no egoísmo e na ambição de seus filhos.

Dessa falsa interpretação tem nascido no mundo as lutas antifraternais e as dissensões religiosas de todos os tempos.

293 – *As religiões que surgiram no mundo, antes do Cristo, tinham também por missão principal a preparação da mentalidade humana para a sua vinda?*

-Todas as idéias religiosas, que as criaturas humanas traziam consigo do pretérito milenário, destinavam-se a preparar o homem para receber e aceitar o Cordeiro de Deus, com a sua mensagem de amor perene e reforma espiritual definitiva.

O Cristianismo é a síntese, em simplicidade e luz, de todos os sistemas religiosos mais antigos, expressões fragmentárias das verdades sublimes trazidas ao mundo na palavra imorredoura de Jesus.

Os homens, contudo, não obstante todos os elementos de preparação, continuaram divididos e, dentro das suas características de rebeldia, procrastinaram a sua edificação nas lições renovadoras do Evangelho.

294 – *Reconhecendo-se que várias seitas nasceram igualmente do Cristianismo, devemos considerá-las cristãs, ou simples expressões religiosas insuladas da verdade de Jesus?*

-Todas as expressões religiosas nascidas do Cristianismo se identificam pela seiva de amor do tronco que as congrega, apesar dos erros humanos de seus expositores.

Os sacerdotes das mais diversas castas inventaram os manuais teológicos, os princípios dogmáticos e as fórmulas políticas; todavia, nenhum esforço humano conseguiu deslustrar a claridade divina do “amai-vos uns aos outros”, base imortal de todos os ensinamentos de Jesus, cuja luminosa essência identifica as castas entre si, em todas as posições e tarefas especializadas que lhes foram conferidas.

295 – *Se as seitas religiosas nascidas do Cristianismo têm uma tarefa especializada, qual será a das correntes protestantes, oriundas da Reforma?*

-A Reforma e os movimentos que se lhe seguiram vieram ao mundo com a missão especial de exumar a “letra” dos Evangelhos, enterrada até então nos arquivos da intolerância clerical, nos seminários e nos conventos, a fim de que, depois da sua tarefa, pudesse o Consolador prometido, pela voz do Espiritismo cristão, ensinar aos homens o “espírito divino” de todas as lições de Jesus.

296 – *O Espírito, antes de reencarnar, escolhe também as crenças ou cultos a que se deverá submeter nas experiências da vida?*

-Todos os Espíritos, reencarnados no planeta, trazem consigo a idéia de Deus, identificando-se de modo geral nesse sagrado princípio. Os cultos terrestres, porém, são exteriorizações desse princípio divino, dentro do mundo convencional, depreendendo-se daí que a Verdade é uma só, e que as seitas terrestres são materiais de experiências e de evolução, dependendo a preferência de cada um do estado evolutivo em que se encontre no aprendizado da existência humana, e salientando-se que a escolha está sempre de pleno acordo com o seu estado íntimo, seja na viciosa tendência de repousar nas ilusões do culto externo, seja, pelo esforço sincero de evoluir, na pesquisa incessante da edificação divina.

297 – *Considerando que a convenção social confere aos sacerdotes das seitas cristãs certas prerrogativas na realização de determinados acontecimentos da vida, como interpretar as palavras de Mateus: - “Tudo o que ligardes na Terra, será ligado no Céu”, se os sacerdotes, tantas vezes, não se mostram dignos de falar no mundo em nome de Deus?*

-Faz-se indispensável observar que as palavras do Cristo foram dirigidas aos apóstolos e que a missão de seus companheiros não era restrita ao ambiente das tribos de Israel, tendo a sua divina continuação além das próprias atividades terrestres. Até hoje, os discípulos diretos do Senhor têm a sua tarefa sagrada, em cooperação com o Mestre Divino, junto da Humanidade – a Israel mística dos seus ensinamentos.

Os méritos dos apóstolos de modo algum poderiam ser automaticamente transferidos aos sacerdotes degenerados pelos interesses políticos e financeiros de determinados grupos terrestres, depreendendo-se daí que a Igreja Romana, a que mais tem abusado desses conceitos, uma vez mais desviou o sentido da lição do Cristo.

Importa, porém, lembrarmos neste particular a promessa de Jesus, de que estaria sempre entre aqueles que se reunissem sinceramente em seu nome.

Nessas circunstâncias, os discípulos leais devem manter-se em plano superior ao do convencionalismo terrestre, agindo com a própria consciência e

com a melhor compreensão de responsabilidade, em todos os climas do mundo, porquanto, desse modo, desde que desenvolvam atuação no bem, pelo bem e para o bem, em nome do Senhor, terão seu atos evangélicos tocados pela luz sacrossanta das sanções divinas.

298 – *Considerando que as religiões invocam o Evangelho de Mateus para justificar a necessidade do batismo em suas características cerimoniais, como deverá proceder o espiritista em face desse assunto?*

-Os espiritistas sinceros, na sagrada missão de paternidade, devem compreender que o batismo, aludido no Evangelho, é o da invocação das bênçãos divinas para quantos a eles se reúnem no instituto santificado da família.

Longe de quaisquer cerimônias de natureza religiosa, que possam significar uma continuação dos fetichismos da Igreja Romana, que se aproveitou do símbolo evangélico para a chamada venda dos sacramentos, o espiritista deve entender o batismo como o apelo do seu coração ao Pai de Misericórdia, para que os seus esforços sejam santificados no trabalho de conduzir as almas a elas confiadas no instituto familiar, compreendendo, além do mais, que esse ato de amor e de compromisso divino deve ser continuado por toda a vida, na renúncia e no sacrifício, em favor da perfeita cristianização dos filhos, no apostolado do trabalho e da dedicação.

299 – *Qual o procedimento a ser adotado pelos espiritistas na consagração do casamento, sem ferir as convenções sociais, reflexas dos cultos religiosos?*

-Os cultos religiosos, em sua feição dogmática, são igualmente transitórios, como todas as fórmulas do convencionalismo humano.

Que o espiritista sincero e cristão, assumindo os seus compromissos conjugais perante as leis dos homens, busque honrar a sua promessa e a sua decisão, santificando o casamento com o rigoroso desempenho de todos os seus deveres evangélicos, ante os preceitos terrestres e ante a imutável lei divina que vibra em sua consciência cristianizada.

300 – *Como interpretar a missa no culto externo da Igreja Católica?*

-Perante o coração sincero e fraternal dos crentes, a missa idealizada pela igreja de Roma deve ser um ato exterior, respeitável para nós outros, como qualquer cerimônia convencionalista do mundo, que exija a mútua consideração social no mecanismo de relações superficiais da Terra.

A Igreja de Roma pretende comemorar, com ela, o sacrifício do Mestre pela Humanidade; todavia, a cerimônia se efetua de conformidade com a posição social e financeira do crente.

Ocorrem, dessa maneira, as missas mais variadas, tais como a: “do galo”, a “nova”, a “particular”, a “pontifical”, a “das almas”, a “seca”, a “cantada”, a “chá”, a “campal”, etc., adstritas a um prontuário tão convencionalista e tão superficial, que é de admirar a adaptação ao seu mistifório, por parte do sacerdote inteligente e afeito à sinceridade.

301 – *As aparições e os chamados milagres relacionados na história da origem das igrejas são fatos de natureza mediúnica?*

-Todos esse acontecimentos, classificados no domínio do sobrenatural, foram fenômenos psíquicos sobre os quais se edificaram as igrejas conhecidas, fatos esses que o Espiritismo veio a catalogar e esclarecer, na sua divina missão de Consolador.

ENSINAMENTOS

302 – *Como compreender a afirmativa de Jesus aos Judeus: - “Sois deuses”?*

-Em todo homem repousa a partícula da divindade do Criador, com a qual pode a criatura terrestre participar dos poderes sagrados da Criação.

O Espírito encarnado ainda não ponderou devidamente o conjunto de possibilidades divinas guardadas em suas mãos, dons sagrados tantas vezes convertidos em elementos de ruína e destruição.

Entretanto, os poucos que sabem crescer na sua divindade, pela exemplificação e pelo ensinamento, são cognominados na Terra santos e heróis, por afirmarem a sua condição espiritual, sendo justo que todas as criaturas procurem alcançar esses valores, desenvolvendo para o bem e para a luz, a sua natureza divina.

303 – *Qual o sentido do ensinamento evangélico: - “Todos os pecados ser-vos-ão perdoados, menos os que cometerdes contra o Espírito Santo”?*

-A aquisição do conhecimento espiritual, com a perfeita noção de nossos deveres, desperta em nosso íntimo a centelha do espírito divino, que se encontra no âmago de todas as criaturas.

Nesse instante, descerra-se à nossa visão profunda o santuário da luz de Deus, dentro de nós mesmos, consolidando e orientando as nossas mais legítimas noções de responsabilidade na vida.

Enquanto o homem se desvia ou fraqueja, distante dessa iluminação, seu erro justifica-se, de alguma sorte, pela ignorância ou pela cegueira. Todavia, a falta cometida com a plena consciência do dever, depois da bênção do conhecimento interior, guardada no coração e no raciocínio, essa significa o “pecado contra o Espírito Santo”, porque a alma humana estará, então, contra si mesma, repudiando as suas divinas possibilidades.

É lógico, portanto, que esses erros são os mais graves da vida, porque consistem no desprezo dos homens pela expressão de Deus, que habita neles.

304 – *Qual o espírito destas letras: - “Não cuideis que vim trazer paz à Terra; não vim trazer a paz, mas a espada”?*

-Todos os símbolos do Evangelho, dado o meio em que desabrocharam, são, quase sempre, fortes e incisivos.

Jesus não vinha trazer ao mundo a palavra de contemporização com as fraquezas do homem, mas a centelha de luz para que a criatura humana se iluminasse para os planos divinos.

E a lição sublime do Cristo, ainda e sempre, pode ser conhecida como a “espada’ renovadora, com a qual deve o homem lutar consigo mesmo, extirpando os velhos inimigos do seu coração, sempre capitaneados pela ignorância e pela vaidade, pelo egoísmo e pelo orgulho”.

305 – *A afirmativa do Mestre: - “Porque eu vim pôr em dissensão o filho contra seu pai, a filha contra sua mãe e a nora contra sua sogra” – como deve ser compreendida em espírito e verdade?*

-Ainda aqui, temos de considerar a feição antiga do hebraico, com a sua maneira vigorosa de expressão.

Seria absurdo admitir que o Senhor viesse estabelecer a perturbação no sagrado instituto da família humana, nas suas elevadas expressões afetivas, mas, sim, que os seus ensinamentos consoladores seriam o fermento divino das opiniões, estabelecendo os movimentos naturais das idéias renovadoras, fazendo luz no íntimo de cada um, pelo esforço próprio, para felicidade de todos os corações.

306 – *“E tudo o que pedirdes na oração, crendo, o recebereis” – Esse preceito do Mestre tem aplicação, igualmente, no que se refere aos bens materiais?*

-O “seja feita a vossa vontade”, da oração comum, constitui nosso pedido geral a Deus, cuja Providência, através dos seus mensageiros, nos proverá o espírito ou a condição de vida do mais útil, conveniente e necessário ao nosso progresso espiritual, para a sabedoria e para o amor.

O que o homem não deve esquecer, em todos os sentidos e circunstâncias da vida, é a prece do trabalho e da dedicação, no santuário da existência de lutas purificadoras, porque Jesus abençoará as suas realizações de esforço sincero.

307 – *Por que disse Jesus que “o escândalo é necessário, mas ai daquele por quem o escândalo vier”?*

-Num plano de vida, onde quase todos se encontram pelo escândalo que praticaram no pretérito, é justo que o mesmo “escândalo” seja necessário, como elemento de expiação, de prova ou de aprendizado, porque aos homens falta ainda aquele “amor que cobre a multidão dos pecados”.

As palavras do ensinamento do Mestre ajustam-se, portanto, de maneira perfeita, à situação dos encarnados no mundo, sendo lastimáveis os que não vigiam, por se tornarem, desse modo, instrumentos de tentação nas suas quedas constantes, através dos longos caminhos.

308 – *As palavras de João: - “A luz brilha nas trevas e as trevas não a compreenderam”, tiveram aplicação somente quando da exemplificação do Cristo, há dois mil anos, ou essa aplicação é extensiva à nossa era?*

-As palavras do apóstolo referiam-se à sua época; todavia, o simbolismo evangélico do seu enunciado estende-se aos tempos modernos, nos quais a lição do Senhor permanece incompreendida para a maioria dos corações, que persistem em não ver a luz, fugindo à verdade.

309 –*Em que sentido devemos interpretar as sentenças de João Batista: - “A quem pertence a esposa é o esposo; mas o amigo do esposo, que com ele está e ouve, muito se regozija por ouvir a voz do esposo. Pois este gozo eu agora experimento; é preciso que ele cresça e que eu diminua”?*

-O esposo da Humanidade terrestre é Jesus-Cristo, o mesmo Cordeiro de Deus que arranca as almas humanas dos caminhos escusos da impenitência.

O amigo do esposo é o seu precursor, cuja expressão humana deveria desaparecer, a fim de que Jesus resplandecesse para o mundo inteiro, no seu Evangelho de Verdade e Vida.

310 –*A transfiguração do Senhor é também um símbolo para a Humanidade?*

-Todas as expressões do Evangelho possuem uma significação divina e, no Tabor, contemplamos a grande lição de que o homem deve viver a sua existência, no mundo, sabendo que pertence ao Céu, por sua sagrada origem, sendo indispensável, desse modo, que se desmaterialize, a todos os instantes, para que se desenvolva em amor e sabedoria, na sagrada exteriorização da virtude celeste, cujos germes lhe dormitam no coração.

311-*Qual o sentido da afirmativa do texto sagrado, acerca de Jesus: - “Não tendo Deus querido sacrifício, nem oblata, lhe formou um corpo”?*

-Para Deus, o mundo não mais deveria persistir no velho costume de sacrificar nos altares materiais, em seu nome, razão por que enviou aos homens a palavra do Cristo, a fim de que a Humanidade aprendesse a sacrificar no altar do coração, na ascensão divina dos sentimentos para o seu amor.

312 –*Como interpretar a afirmativa de João: - “Três são os que fornecem testemunho no céu: o Pai, o Verbo e o Espírito Santo”?*

-João referia-se ao Criador, a Jesus, que constituía para a Terra a sua mais perfeita personificação, e à legião dos Espíritos redimidos e santificados que cooperam com o Divino Mestre, desde os primeiros dias da organização terrestre, sob a misericórdia de Deus.

313 –*Como entender a bem-aventurança conferida por Jesus aos “pobres de espírito”?*

-O ensinamento do Divino Mestre, referia-se às almas simples e singelas, despidas do “espírito de ambição e de egoísmo” que costumam triunfar nas lutas do mundo.

Não costumais até hoje denominar os vitoriosos do século, nas questões puramente materiais, de “homens de espírito”? É por essa razão que, em se dirigindo à massa popular, aludia o Senhor aos corações despreziosos e humildes; aptos a lhes seguirem o ensinamento; sem determinadas preocupações ras-teiras da existência material.

314 –*Qual a maior lição que a Humanidade recebeu do Mestre, ao lavar ele os pés dos seus discípulos?*

-Entregando-se a esse ato, queria o Divino Mestre testemunhar às criaturas humanas a suprema lição da humildade, demonstrando, ainda uma vez, que,

na coletividade cristã, o maior para Deus seria sempre aquele que se fizesse o menor de todos.

315 –*Por que razão Jesus, ao lavar os pés dos discípulos, cingiu-se com uma toalha?*

-O Cristo, que não desdenhou a energia fraternal na eliminação dos erros da criatura humana, afirmando-se como o Filho de Deus nos divinos fundamentos da Verdade, quis proceder desse modo para revelar-se o escravo pelo amor à Humanidade, à qual vinha trazer a luz da vida, na abnegação e no sacrifício supremos.

316 –*Aceitando Jesus o auxílio de Simão, o cireneu, desejava deixar um novo ensinamento às criaturas?*

-Essa passagem evangélica encerra o ensinamento do Cristo, concernente à necessidade de cooperação fraternal entre os homens, em todos os trâmites da vida.

317 –*A ressurreição de Lázaro, operada pelo Mestre, tem um sentido oculto, como lição à Humanidade?*

-O episódio de Lázaro era um selo divino identificando a passagem do Senhor, mas também foi o símbolo sagrado da ação do Cristo sobre o homem, testemunhando que o seu amor arrancava a Humanidade do seu sepulcro de misérias, Humanidade a favor da qual tem o Senhor dado o sacrifício de suas lágrimas, ressuscitando-a para o sol da vida eterna, nas sagradas lições do seu Evangelho de amor e de redenção.

318 –*Poderemos receber um ensinamento sobre a eucaristia, dado o costume tradicional da Igreja Romana, que recorda a ceia dos discípulos com o vinho e a hóstia?*

-A verdadeira eucaristia evangélica não é a do pão e do vinho materiais, como pretende a igreja de Roma, mas, a identificação legítima e total do discípulo com Jesus, de cujo ensino de amor e sabedoria deve haurir a essência profunda, para iluminação dos seus sentimentos e do seu raciocínio, através de todos os caminhos da vida.

319 –*Quem terá recebido maior soma de misericórdia na justiça divina: - Judas, o discípulo infiel, mas iludido e arrependido, ou o sacerdote maldoso e indiferente, que o induziu à defecção?*

-Quem há recebido mais misericórdia, por mais necessitado e indigente, é o mau sacerdote de todos os tempos, que, longe de confundir a lição do Cristo uma só vez, vem praticando a defecção espiritual para com o Divino Mestre, desde muitos séculos.

320 –*Que ensinamentos nos oferece a negação de Pedro?*

-A negação de Pedro serve para significar a fragilidade das almas humanas, perdidas na invigilância e na despreocupação da realidade espiritual, deixando-se conduzir, indiferentemente, aos torvelinhos mais tenebrosos do sofrimento, sem cogitarem de um esforço legítimo e sincero, na definitiva edificação de si mesmas.

321 – *Qual a edição dos Evangelhos que melhor traduz a fonte original?*

-A grafia original dos Evangelhos já representa em si mesma, a própria tradução do ensino de Jesus, considerando-se que essa tarefa foi delegada aos seus apóstolos.

Sendo razoável estimarmos, em todas as circunstâncias, os esforços sinceros, seja qual for o meio onde se desdobram, apenas consideramos que, em todas as traduções dos ensinamentos do Mestre Divino, se torna imprescindível separar da letra o espírito.

Podereis objetar que a letra deveria ser simples e clara.

Convenhamos que sim, mas importa observar que os Evangelhos são o roteiro das almas, e é com a visão espiritual que devem ser lidos; pois, constituindo a cátedra de Jesus, o discípulo que deles se aproximar com a intenção sincera de aprender encontra, sob todos os símbolos da letra, a palavra persuasiva e doce, simples e enérgica, da inspiração do seu Mestre imortal.

III

AMOR

UNIÃO

322 – *Há uma gradação do amor, no seio das manifestações da natureza visível e invisível?*

-Sem dúvida, essa gradação existiu em todos os tempos, como gradativa é a posição de todos os seres na escala infinita do progresso.

O amor é a lei própria da vida e, sob o seu domínio sagrado, todas as criaturas e todas as coisas se reúnem ao Criador, dentro do plano grandioso da unidade universal.

Desde as manifestações mais humildes dos reinos inferiores da Natureza, observamos a exteriorização do amor em sua feição divina. Na poeira cósmica, síntese da vida, temos as atrações magnéticas profundas; nos corpos simples, vemos as chamadas “precipitações” da química; nos reinos mineral e vegetal verificamos o problema das combinações indispensáveis. Nas expressões da vida animal observamos o amor em tudo, em gradações infinitas, da violência à ternura, nas manifestações do irracional.

No caminho dos homens é ainda o amor que preside a todas as atividades da existência em família e em sociedade.

Reconhecida a sua luz divina em todos os ambientes, observaremos a união dos seres como um ponto sagrado, de referência dessa lei única que dirige o Universo.

Das expressões de sexualidade, o amor caminha para o supersexualismo, marchando sempre para as sublimadas emoções da espiritualidade pura, pela renúncia e pelo trabalho santificantes, até alcançar o amor divino, atributo dos seres angelicais, que se edificaram para a união com Deus, na execução de seus sagrados desígnios do Universo.

323 – *Será uma verdade a teoria das almas gêmeas?*

-No sagrado mistério da vida, cada coração possui no Infinito a alma gêmea da sua, companheira divina para a viagem à gloriosa imortalidade.

Criadas umas para as outras, as almas gêmeas se buscam, sempre que separadas. A união perene é-lhes a aspiração suprema e indefinível. Milhares de seres, se transviados no crime ou na inconsciência, experimentaram a separação das almas que os sustentam, como a provação mais ríspida e dolorosa, e, no drama das existências mais obscuras, vemos sempre a atração eterna das almas que se amam mais intimamente, envolvendo umas para as outras num turbilhão de ansiedades angustiosas; atração que é superior a todas as expressões convencionais da vida terrestre. Quando se encontram no acervo real para os seus corações – a da ventura de sua união pela qual não trocariam todos os impérios do mundo, e a única amargura que lhes empana a alegria é a perspectiva de uma nova separação pela morte, perspectiva essa que a luz da Nova Revelação veio dissipar, descerrando para todos os espíritos, amantes do bem e da verdade, os horizontes eternos da vida.

324 –*Existe nos textos sagrados algum elemento de comprovação para a teoria das almas gêmeas?*

-Somos dos primeiros a reconhecer que em todos os textos necessitamos separar o espírito da letra; contudo, é justo lembrar que nas primeiras páginas do Antigo Testamento, base da Revelação Divina, está registrada: “e Deus considerou que o homem não devia ficar só”..

325 –*A atração das almas gêmeas é traço característico de todos os planos de luta na Terra?*

-O Universo é o plano infinito que o pensamento divino povoou de ilimitadas e intraduzíveis belezas.

Para todos nós, o primeiro instante da criação do ser está mergulhado num suave mistério, assim como também a atração profunda e inexplicável que arrasta uma alma para outra, no instituto dos trabalhos, das experiências e das provas, no caminho infinito do Tempo.

A ligação das almas gêmeas repousa, para o nosso conhecimento relativo, nos desígnios divinos, insondáveis na sua sagrada origem, constituindo a fonte vital do interesse das criaturas para as edificações da vida.

Separadas ou unidas nas experiências do mundo, as almas irmãs caminham, ansiosas, pela união e pela harmonia supremas, até que se integrem, no plano espiritual, onde se reúnem para sempre na mais sublime expressão de amor divino, finalidades profundas de todas as cogitações do ser, no dédalo do destino.

326 –*A união das almas gêmeas pode constituir restrição ao amor universal?*

-O amor das almas gêmeas não pode efetuar semelhante restrição, porquanto, atingida a culminância evolutiva, todas as expressões afetivas se irmanam na conquista do amor divino. O amor das almas gêmeas, em suma, é aquele que o Espírito, um dia, sentirá pela Humanidade inteira.

327 – *Se todos os seres possuem a sua alma gêmea, qual a alma gêmea de Jesus-Cristo?*

-Não julgemos acertado trazer a figura do Cristo para condicioná-la aos meios humanos, num paralelismo injustificável, porquanto em Jesus temos de observar a finalidade sagrada dos gloriosos destinos do espírito.

N'Ele cessou os processos, sendo indispensável reconhecer na sua luz as realizações que nos compete atingir.

Representando para nós outros a síntese do amor divino, somos compelidos a considerar que de sua culminância espiritual enlaçou no seu coração magnânimo, com a mesma dedicação, a Humanidade inteira, depois de realizar o amor supremo.

328 – *Perante a teoria das almas gêmeas, como esclarecer a situação dos viúvos que procuram, novas uniões matrimoniais, alegando a felicidade encontrada no lar primitivo?*

-Não devemos esquecer que a Terra ainda é uma escola de lutas regeneradoras ou expiatórias, onde o homem pode consorciar-se várias vezes, sem que a sua união matrimonial se efetue com a alma gêmea da sua, muitas vezes distante da esfera material.

A criatura transviada, até que se espiritualize para a compreensão desses laços sublimes, está submetida, no mapa de suas provações, a tais experiências, por vezes pesadas e dolorosas.

A situação de inquietude e subversão de valores na alma humana justifica essa provação terrestre, caracterizada pela distância dos Espíritos amados, que se encontram num plano de compreensão superior, os quais, longe de desdenharem as boas experiências dos companheiros de seus afetos, buscam facultar-lhes com a máxima dedicação, de modo a facilitar o seu avanço direto às mais elevadas conquistas espirituais.

NOTA À PRIMEIRA EDIÇÃO

(Consta da 19ª. edição da FEB, 1998 – Teoria das *almas gêmeas* ou *metades eternas*))

Em *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, a teoria das *almas gêmeas*, ou *metades eternas*, se encontra assim exposta:

P. – 298. *As almas que se devem unir, são, desde a sua origem predestinadas a essa união? Tem cada um de nós, em algum ponto do Universo, a sua metade a que um dia haja fatalmente de unir-se?*

R. – Não; não existe união particular e fatal entre duas almas. A união existe entre todos os Espíritos, mas em graus diferentes, segundo a posição que ocupam, isto é, segundo a perfeição que adquiriram. Quanto mais perfeitos, mais unidos. Da discórdia nascem todos os males da Humanidade e da concórdia resulta a felicidade completa.

Depois, resumindo o ensino que se desenvolve dos §§ 291 a 302, o Codificador o ilustra com o seguinte comentário pessoal:

“A teoria das metades eternas é uma figura da união de dois Espíritos simpáticos; é uma expressão usada mesmo na linguagem vulgar, por isso não devemos tomá-la ao pé da letra. Seguramente, os Espíritos que a têm utilizado não pertencem a uma ordem elevada, a esfera de suas idéias é necessariamente limitada e eles exprimiram o pensamento pelos termos de que se tinham servido durante a vida corporal. Deve-se, pois, rejeitar a idéia de dois Espíritos criados para a eternidade, depois de terem estado separados por tempo mais ou menos longo.”

Esta circunstancia e a presunção, sempre cabível, de qualquer falha na captação mediúnica, tão sutil e delicada, nos levaram a formular ao médium, para que as submetesse ao seu preclaro Mentor e Autor deste livro, as seguintes objeções:

“Esta teoria, ou hipótese, afigura-se-nos aqui algo obscura. Não satisfaz, e, da forma por que é apresentada, parece-nos ilógica e contraditória. De fato, essa criação original, dúplice, induz a concluir que as almas surgem incompletas. É ilação incompatível com a onisciência de Deus. Aliás, é idéia recusada por Allan Kardec, em *O Livro dos Espíritos*. A afinidade espiritual deve ser extensiva a todas as criaturas e, se esse sistema de gênese binária pudesse justificar-se, a comunhão universal jamais seria una e integral. Como contingência accidental, na trajetória dos seres decaídos, poder-se-ia talvez admitir, mas, ainda assim, em caráter transitório, condicional, nunca absoluto. De outra forma, parece-nos, seria um dualismo excepcional, barreira oposta à lei do amor, que deve abranger todas as criaturas de Deus em perfeita identidade de origem e de fins. De resto, o nosso grande Amigo e lúcido Instrutor é presto ao afirmar que Jesus escapa ou transcende à sua concepção. Ora, assente como postulado incontroverso, que há muitos Cristos, achamos nós que a teoria, ou sistema das *almas gêmeas*, deixa de ter cunho universal e desnecessário será equacioná-la.

Para nós, o problema se ajusta muito melhor ao instituto da família, como ensaio de comunhão dual, mas sempre condicional ou accidental e transitória, colimando a unificação coletiva com o Cristo, para Deus.”

A estas considerações, dignou-se de responder o insigne e bondoso Emmanuel, com a seguinte mensagem (Logo no início Emmanuel trata da pergunta n. 378, cuja resposta original havia sido questionada pela FEB, dando-lhe o Autor espiritual nova redação. Só após é ventilada a questão das “almas gêmeas”. **Nota da Editora à 12ª. edição.**):

“Meu amigo, Deus te abençoe o coração nas lutas materiais. Agradecendo o teu carinho fraterno, na colaboração amiga e sincera de sempre, peço a modificação do texto da questão n. 378, do novo trabalho, que deverá ser apresentado nos seguintes termos:

- “Grande número de almas desencarnadas nas ilusões da vida física, guardadas quase que integralmente no íntimo, conservam-se por algum tempo, incapazes de apreender as vibrações do plano espiritual superior, sendo conduzidas pelos seus guias e amigos redimidos às reuniões fraternas do Espiritismo evangélico, onde, sob as vistas amoráveis desses mesmos mentores do plano invisível, se processam os dispositivos da lei de cooperação e benefícios mútuos, que rege os fenômenos da vida nos dois planos.”

“Devo o pequeno equívoco observado, concedendo à matéria certos ascendentes que só pertencem ao espírito, a perturbações do método de “filtração mediúnica”, onde o nosso pensamento foi prejudicado.

“Solicitando essa modificação, pediria a conservação, no texto, da humilde exposição relativa à tese das “almas gêmeas”, ainda que, em consciência, sejam os amigos da Casa de Ismael compelidos à apresentação de uma ressalva, em obediência à lealdade de respeitável ponto de vista. A tese, todavia, é mais complexa do que parece ao primeiro exame, e sugere mais vasta meditação às tendências do século, no capítulo do “divorcismo” e do “pansexualismo”, que a ciência menos construtiva vem lançando nos espíritos, mesmo porque, com a expressão “almas gêmeas”, não desejamos dizer “metades eternas”, e ninguém, a rigor, pode estribar-se no enunciado para desistir de veneráveis compromissos assumidos na escola redentora do mundo, sob pena de aumentar os próprios débitos, com difíceis obrigações à frente da Lei. No caso do Cristo, devemos invocar toda a veneração para o trato de sua personalidade divina, motivo pelo qual apenas tratei do assunto com referencia aos homens, para considerar que as uniões, em toda vida, são orientadas por ascendentes de amor mais profundos que aqueles entrosados nas humanas concepções, que se modificam na esteira evolutiva. Se possível, eis o que me permito solicitar, renovando ao querido irmão o meu agradecimento sincero e a minha afeição de todos os dias.”

EMMANUEL

Aí têm os leitores a ressalva que visa conciliar a fidelidade do nosso programa integral com a veneração e reconhecimento, mais que merecidos, ao emérito e sábio cultor da *Seara Cristã*, para que cada qual possa interpretar e decidir de foro íntimo, com aquela prerrogativa de liberdade que é apanágio maior da nossa Doutrina.

A EDITORA (FEB)

329 – Os Espíritos evolutivos, pelo fato de deixarem algum amado na Terra, ficam ligados ao planeta pelos laços da saudade?

-Os espíritos superiores não ficam propriamente ligados ao orbe terreno, mas não perdem o interesse afetivo pelos seres amados que deixaram no mundo, pelos quais trabalham com ardor, impulsionando-os na estrada das lutas redentoras, em busca das culminâncias da perfeição.

A saudade, nessas almas santificadas e puras, é muito mais sublime e mais forte, por nascer de uma sensibilidade superior, salientando-se que, convertida num interesse divino, opera as grandes abnegações do Céu, que seguem os passos vacilantes do Espírito encarnado, através de sua peregrinação expiatória ou redentora na face da Terra.

330 – Somente pela prece a alma encarnada pode auxiliar um Espírito bem-amado que a antecedeu na jornada do túmulo?

-A oração coopera eficazmente em favor do que partiu, muitas vezes com o espírito emaranhado na rede das ilusões da existência material. Todavia, o coração amigo que ficou aí no mundo, pela vibração silenciosa e pelo desejo per-

severante de ser útil ao companheiro que o precedeu na sepultura, para os movimentos da vida, nos momentos de repouso do corpo, em que a alma evoluída pode gozar de relativa liberdade, pode encontrar o Espírito sofredor ou errante do amigo desencarnado, despertar-lhe a vontade no cumprimento do dever, bem como orientá-lo sobre a sua realidade nova, sem que a sua memória corporal registre o acontecimento na vigília comum.

Daí nasce à afirmativa de que somente o amor pode atravessar o abismo da morte.

331 – Como devemos interpretar a sentença – “Há eunucos que se castraram a si mesmos, por causa do reino dos céus”?

-Almas existem que, para obterem as sagradas realizações de Deus em si próprias, entrega-se a labores de renúncia, em existência de santificada abnegação.

Nesse mister, é comum abdicarem transitoriamente às ligações humanas, de modo a acrisolarem os seus afetos e sentimentos em vidas de ascetismo e de longas disciplinas materiais.

Quase sempre, os que na Terra se fazem eunucos para os reinos do céu, agem de acordo com os dispositivos sagrados de missões redentoras, nas quais, pelo sacrifício e pela dedicação, se redimem entes amados ou a alma gêmea da sua, exilados nos caminhos expiatórios. Numerosos Espíritos recebem de Jesus permissão para esse gênero de esforços santificantes, porquanto, nessa tarefa, os que se fazem eunucos, pelos reinos do céu, precipitam os processos de redenção do ser ou dos seres amados, submersos nas provas e, simultaneamente, pela sua condição de evolvidos, podem ser mais facilmente transformados, na Terra, em instrumentos da verdade e do bem, redundando o seu trabalho em benefícios inestimáveis para os entes queridos, para a coletividade e para si próprios.

PERDÃO

332 – Perdoar e não perdoar significa absolver e condenar?

-Nas mais expressivas lições de Jesus, não existem, propriamente as condenações implícitas ao sofrimento eterno, como quiseram os inventores de um inferno mitológico.

Os ensinamentos evangélicos referem-se ao perdão ou à sua ausência.

Que se faz ao mal devedor a quem já se tolerou muitas vezes? Não havendo mais solução para as dívidas que se multiplicam, esse homem é obrigado a pagar.

É o que se verifica com as almas humanas, cujos débitos, no tribunal da justiça divina, são resgatados nas reencarnações, de cujo círculo vicioso poderão afastar-se, cedo ou tarde, pelo esforço no trabalho e boa-vontade no pagamento.

333 – Na lei divina, há perdão sem arrependimento?

-A lei divina é uma só, isto é, a do amor que abrange todas as coisas e todas as criaturas do Universo ilimitado.

A concessão paternal de Deus, no que se refere à reencarnação para a sagrada oportunidade de uma nova experiência, já significa, em si, o perdão ou a magnanimidade da Lei. Todavia, essa oportunidade só é concedida quando o Espírito deseja regenerar-se e renovar seus valores íntimos pelo esforço nos trabalhos santificantes.

Eis por que a boa-vontade de cada um é sempre o arrependimento que a Providência Divina aproveita em favor do aperfeiçoamento individual e coletivo, na marcha dos seres para as culminâncias da evolução espiritual.

334 – Antes de perdoarmos a alguém, é conveniente o esclarecimento do erro?

-Quem perdoa sinceramente, fá-lo sem condições e olvida a falta no mais íntimo do coração; todavia, a boa palavra é sempre útil e a ponderação fraterna é sempre um elemento de luz, clarificando o caminho das almas.

335 – Quando alguém perdoa, deverá mostrar a superioridade de seus sentimentos para que o culpado seja levado a arrepender-se da falta cometida?

-O perdão sincero é filho espontâneo do amor e, como tal, não exige reconhecimento de qualquer natureza.

336 – O culpado arrependido pode receber da justiça divina o direito de não passar por determinadas provas?

-A oportunidade de resgatar a culpa já constitui em si mesma, um ato de misericórdia divina, e, daí, o considerarmos o trabalho e o esforço próprio como a luz maravilhosa da vida.

Estendendo, todavia, a questão à generalidade das provas, devemos concluir ainda, com o ensinamento de Jesus, que “o amor cobre a multidão dos pecados”, traçando a linha reta da vida para as criaturas e representando a única força que anula as exigências da lei de talião, dentro do Universo infinito.

337 – “Concilia-te depressa com o teu adversário” – Essa é a palavra do Evangelho, mas se o adversário não estiver de acordo com o bom desejo de fraternidade, como efetuar semelhante conciliação?

-Cumpra cada qual o seu dever evangélico, buscando o adversário para a reconciliação precisa, olvidando a ofensa recebida. Perseverando a atitude rancorosa daquele, seja a questão esquecida pela fraternidade sincera, porque o propósito de represália, em si mesmo, já constitui numa chaga viva para quantos o conservam no coração.

338 – Por que teria Jesus aconselhado perdoar “setenta vezes sete”?

-A Terra é um plano de experiências e resgates por vezes bastante penosos, e aquele que se sinta ofendido por alguém, não deve esquecer que ele próprio pode também errar setenta vezes sete.

339 – Em se falando de perdão, poderemos ser esclarecidos quanto à natureza do ódio?

-O ódio pode traduzir-se nas chamadas aversões instintivas, dentro das quais há muito de animalidade, que cada homem alijará de si, com os valores da

auto-educação, a fim de que o seu entendimento seja elevado a uma condição superior.

Todavia, na maior parte das vezes, o ódio é o gérmen do amor que foi sufocado e desvirtuado por um coração sem Evangelho. As grandes expressões afetivas convertidas nas paixões desorientadas, sem compreensão legítima do amor sublime, incendeiavam-se no íntimo, por vezes, no instante das tempestades morais da vida, deixando atrás de si as expressões amargas do ódio, como carvões que enegrecem a alma.

Só a evangelização do homem espiritual poderá conduzir as criaturas a um plano superior de compreensão, de modo a que jamais as energias afetivas se convertam em forças destruidoras do coração.

340 – Perdão e esquecimento devem significar a mesma coisa?

-Para a convenção do mundo, o perdão significa renunciar à vingança, sem que o ofendido precise olvidar plenamente a falta do seu irmão; entretanto, para o espírito evangelizado, perdão e esquecimento devem caminhar juntos, embora prevaleça para todos os instantes da existência a necessidade de oração e vigilância.

Aliás, a própria lei da reencarnação nos ensina que só o esquecimento do passado pode preparar a alvorada da redenção.

341 – Os Espíritos de nossa convivência, na Terra, e que partem para o Além, sem experimentar a luz do perdão, podem sofrer com as nossas opiniões acusatórias, relativamente aos atos de sua vida?

-A entidade desencarnada, muito sofre com o juízo ingrato ou precipitado que, a seu respeito, se formula no mundo.

Imaginais-vos recebendo o julgamento de um irmão de humanidade e avaliá-lo como desejaríeis a lembrança daquilo que possuís de bom, a fim de que o mal não prevaleça em vossa estrada, sufocando-vos as melhores esperanças de regeneração.

Em lembrando aquele que vos precedeu no túmulo, tende compaixão dos que erraram e sedes fraternos.

Rememorar o bem é dar vida à felicidade. Esquecer o erro é exterminar o mal. Além de tudo, não devemos esquecer de que seremos julgados pela mesma medida com que julgarmos.

FRATERNIDADE

342 – A resposta de Jesus aos seus discípulos – “Quem é minha mãe e quem são os meus irmãos”, é um incitamento à edificação da fraternidade universal?

-O Senhor referia-se à precariedade dos laços de sangue, estabelecendo a fórmula do amor, a qual não deve estar circunscrita ao ambiente particular, mas ligada ao ambiente universal, em cujas estradas deveremos observar e ajudar, fraternalmente, a todos os necessitados, desde os aparentemente mais felizes, aos mais desvalidos da sorte.

343 –*Nas leis da fraternidade, como reconhecer na Terra, o Espírito em missão?*

-Precisamos considerar que o Espírito em missão experimenta, igualmente; as suas provas no trabalho a realizar, com a diferença de permanecer menos acessível ao efeito dos sofrimentos humanos, pela condição de superioridade espiritual.

Podereis, todavia, identificar a missão da alma pelos atos e palavras, na exemplificação e no ensino da tarefa que foi chamada a cumprir, porque um emissário de amor deixa em todos os seus passos o luminoso selo do bem.

344 –*O “amar ao próximo” deve ser levado até mesmo à sujeição, às ousadias e brutalidades das criaturas menos educadas na lição evangélica, sendo que o ofendido deve tolerá-lo humildemente, sem o direito de esclarecê-las, relativamente aos seus erros?*

-O amor ao próximo inclui o esclarecimento fraterno, a todo tempo em que se faça útil e necessário. A sujeição passiva ao atrevimento ou à grosseria pode dilatar os processos da força e da agressividade; mas, ao receber as suas manifestações, saiba o crente pulverizá-las com o máximo de serenidade e bom senso, a fim de que sejam exterminadas em sua fonte de origem, sem possibilidades de renovação.

Esclarecer é também amar.

Toda a questão reside em bem sabermos explicar, sem expressões de personalismo prejudicial, ainda que com a maior contribuição de energia, para que o erro ou o desvio do bem não prevaleça.

Quanto aos processos de esclarecimentos, devem eles dispensar, em qualquer tempo e situação, o concurso da força física, sendo justo que demonstrem as nuances de energia, requeridas pelas circunstâncias, variando, desse modo, de conformidade com os acontecimentos e com fundamento invariável no bem geral.

345 –*O preceito evangélico – “se alguém te bater numa face, apresente a outra” – deve ser observado pelo cristão, mesmo quando seja vítima de agressão corporal não provocada?*

-O homem terrestre, com as suas taras seculares, tem inventado numerosos recursos humanos para justificar a chamada “legítima defesa”, mas a realidade é que toda a defesa da criatura está em Deus.

Somos de parecer que, agindo o homem com a chave da fraternidade cristã, pode-se extinguir o fermento da agressão, com a luz do bem e da serenidade moral.

Acreditando, contudo, no fracasso de todas as tentativas pacíficas, o cristão sincero, na sua feição individual, nunca deverá cair ao nível do agressor, sabendo estabelecer, em todas as circunstâncias, a diferença entre os seus valores morais e os instintos animalizados da violência física.

346 –*Nas lutas da vida, como levar a fraternidade evangélica àqueles que mais estimamos, se, por vezes, nosso esforço pode ser mal interpretado, conduzindo-nos a situações mais penosas?*

-De conformidade com os desígnios evangélicos, compete-nos esclarecer os nossos semelhantes com amor fraternal, em todas as circunstâncias desagradáveis da existência, como desejaríamos ser assistidos, irmãmente, em situação idêntica dos que se encontram sem tranqüilidade; mas, se o atrito dos instintos animalizados prevalece naqueles a quem mais desejamos serenidade e paz, convém deixar-lhes as energias, depois de nossos esforços supremos em trabalho de purificação, na violência que escolheram, até que possam experimentar a serenidade mental imprescindível para se beneficiarem com as manifestações afetuosas do amor e da verdade.

347 –*A Terra é escola de fraternidade, ou penitenciária de regeneração?*

-A Terra deve ser considerada escola de fraternidade para o aperfeiçoamento e regeneração dos Espíritos encarnados.

As almas que aí se encontram em tarefas purificadoras, muitas vezes colimam o resgate de dívidas assaz penosas. Daí o motivo de a maioria encontrar sabor amargo nos trabalhos do mundo, que se lhes afigura rude penitenciária, cheia de gemidos e de aflições.

A verdade incontestável é que os aspectos divinos da Natureza serão sempre magníficos e luminosos; porém, cada espírito os verá pelo prisma do seu coração. Mas, na dor como na alegria, no trabalho feliz como na experiência escabrosa, todas as criaturas deverão considerar a reencarnação um processo de sublime aprendizado fraternal, concedido por Deus aos seus filhos, no caminho do progresso e da redenção.

348 –*Onde a causa da indiferença dos homens pela fraternidade sincera, observando-se que há geralmente em todos grandes entusiasmos pela hegemonia material de seus grupos, suas cidades, clubes e agremiações onde se verifica a evidência pessoal?*

-É que as criaturas, de um modo geral, ainda têm muito da tribo, encontrando-se encarcerados nos instintos propriamente humanos, na luta das posições e das aquisições, dentro de um egoísmo quase feroz, como se guardassem consigo, indefinidamente, as heranças da vida animal. Todavia; é preciso recordar que, após a eclosão desses entusiasmos, há sempre o gosto amargo da inutilidade no íntimo dos espíritos desiludidos da precária hegemonia do mundo, instante esse em que a alma experimenta a dilatação de suas tendências profundas para o “mais alto”. Nessa hora, a fraternidade conquista uma nova expressão no íntimo da criatura, a fim de que o Espírito possa alçar o grande vôo para os mais gloriosos destinos.

349 –*Fraternidade e igualdade podem, na Terra, merecer um só conceito?*

-Já observamos que o conceito igualitário absoluto é impossível no mundo, dada a heterogeneidade das tendências, sentimentos e posições evolutivas no círculo da individualidade. A fraternidade, porém, é a lei da assistência mútua e

da solidariedade comum, sem a qual todo progresso, no planeta, seria praticamente impossível.

350 – Pode a fraternidade manifestar-se sem a abnegação?

-Fraternidade pode traduzir-se por cooperação sincera e legítima, em todos os trabalhos da vida, e, em toda cooperação verdadeira, o personalismo não pode subsistir, salientando-se que quem coopera cede sempre alguma coisa de si mesmo, dando o testemunho de abnegação, sem a qual a fraternidade não se manifestaria no mundo, de modo algum.

351 – Como entender o “amor a nós mesmos”, segundo a fórmula do Evangelho?

-O amor a nós mesmos deve ser interpretado como a necessidade de oração e de vigilância, que todos os homens são obrigados a observar.

Amar a nós mesmos não será a vulgarização de uma nova teoria de auto-adoração. Para nós outros, a egolatria já teve o seu fim, porque o nosso problema é de iluminação íntima, na marcha para Deus. Esse amor, portanto, deve traduzir-se em esforço próprio, em auto-educação, em observação do dever, em obediência às leis de realização e de trabalho, em perseverança na fé, em desejo sincero de aprender com o único Mestre, que é Jesus-Cristo.

Quem se ilumina, cumpre a missão da luz sobre a Terra. E a luz não necessita de outros processos para revelar a verdade, senão o de irradiar espontaneamente o tesouro de si mesma.

Necessitamos encarar essa nova fórmula de amor a nós mesmos, conscientes de que todo bem conseguido por nós, em proveito do próximo, não é senão o bem de nossa própria alma, em virtude da realidade de uma só lei, que é a do amor, e um só dispensador dos bens, que é Deus.

*

IV

ESPIRITISMO

FÉ

352 – Devemos reconhecer no Espiritismo o Cristianismo Redivivo?

-O Espiritismo evangélico é o Consolador prometido por Jesus, que, pela voz dos seres redimidos, espalham as luzes divinas por toda a Terra, restabelecendo a verdade e levantando o véu que cobre os ensinamentos na sua feição de Cristianismo redivivo, a fim de que os homens despertem para a era grandiosa da compreensão espiritual com o Cristo.

353 – O espiritismo veio ao mundo para substituir as outras crenças?

-O Consolador, como Jesus, terá de afirmar igualmente: - “Eu não vim destruir a Lei”.

O Espiritismo não pode guardar a pretensão de exterminar as outras crenças, parcelas da verdade que a sua doutrina representa, mas, sim, trabalhar para

transformá-las, elevando-lhes as concepções antigas para o clarão da verdade imortalista.

A missão do Consolador tem que se verificar junto das almas e não ao lado das gloriolas efêmeras dos triunfos materiais. Esclarecendo o erro religioso, onde quer que se encontre, e revelando a verdadeira luz, pelos atos e pelos ensinamentos, o espiritista sincero, enriquecendo os valores da fé, representa o operário da regeneração do Templo do Senhor, onde os homens se agrupam em vários departamentos, ante altares diversos, mas onde existe um só Mestre, que é Jesus-Cristo.

354 – Poder-se-á definir o que é ter fé?

-Ter fé é guardar no coração a luminosa certeza em Deus, certeza que ultrapassou o âmbito da crença religiosa, fazendo o coração repousar numa energia constante de realização divina da personalidade.

Conseguir a fé é alcançar a possibilidade de não mais dizer “eu creio”, mas afirmar “eu sei”, com todos os valores da razão tocados pela luz do sentimento. Essa fé não pode estagnar em nenhuma circunstância da vida e sabe trabalhar sempre, intensificando a amplitude de sua iluminação, pela dor ou pela responsabilidade, pelo esforço e pelo dever cumprido.

Traduzindo a certeza na assistência de Deus, ela exprime a confiança que sabe enfrentar todas as lutas e problemas, com a luz divina no coração, e significa a humildade redentora que edifica no íntimo do espírito a disposição sincera do discípulo, relativamente ao “faça-se no escravo a vontade do Senhor”.

355 – Será fé acreditar sem raciocínio?

-Acreditar é uma expressão de crença, dentro da qual os legítimos valores da fé se encontram embrionários.

O ato de crer em alguma coisa demanda a necessidade do sentimento e do raciocínio, para que a alma edifique a fé em si mesma. Admitir as afirmativas mais estranhas, sem um exame minucioso, é caminhar para o desfiladeiro do absurdo, onde os fantasmas dogmáticos conduzem as criaturas a todos os despau-térios. Mas também interferir nos problemas essenciais da vida, sem que a razão esteja iluminada pelo sentimento, é buscar o mesmo declive onde os fantasmas impiedosos da negação conduzem as almas a muitos crimes.

356 – A dúvida raciocinada, no coração sincero, é uma base para a fé?

-Toda dúvida que se manifesta na alma cheia de boa-vontade, que não se precipita em definições apriorísticas dentro de sua sinceridade, ou que não busca a malícia para contribuir em suas cogitações, é um elemento benéfico para a alma, na marcha da inteligência e do coração rumo à luz sublimada da fé.

357 – É justa a preocupação dominante em muitos estudiosos do Espiritismo, pelas revelações do plano superior, a título de enriquecimento da fé?

-Toda curiosidade sadia é natural. O homem, no entanto, deve compreender que a solução desses problemas lhe chegará naturalmente, depois de resolvida a sua situação de devedor ante os seus semelhantes, fazendo-se, então, credor das revelações divinas.

358 –*Para os Espíritos desencarnados, que já adquiriram muitos valores em matéria de fé, qual o melhor bem da vida humana?*

-A vida humana, nas suas características de trabalho pela redenção espiritual, apresenta muitos bens preciosos aos nossos olhos, na seqüência das lutas, esforços e sacrifícios de cada espírito. Para nós outros, porém, o tesouro maior da existência terrestre reside na consciência reta e pura, iluminada pela fé e edificada no cumprimento de todos os deveres mais elevados.

359 –*Nas cogitações da fé, o Espírito encarnado deve restringir suas divagações ao limite necessário às suas experiências na Terra?*

-Pelo menos, é justo que somente cogite das expressões transcendentais ao seu meio, depois de realizar todo o esforço de iluminação que o mundo lhe pode proporcionar nos seus processos de depuração e aperfeiçoamento.

360 –*Qual deve ser a ação do espiritista em face dos dogmas religiosos?*

-Os novos discípulos do Evangelho devem compreender que os dogmas passaram. E as religiões literalistas, que os construíram, sempre o fizeram simplesmente em obediência a disposições políticas, no governo das massas.

Dentro das novas expressões evolutivas, porém, os espiritistas devem evitar as expressões dogmáticas, compreendendo que a Doutrina é progressiva, esquivando-se a qualquer pretensão de infalibilidade, em face da grandeza inultrapassável do Evangelho.

361 –*Na propaganda da fé, é justo que os espíritas ou os médiuns estejam preocupados em converter aos princípios da Doutrina os homens de posição destacada no mundo, como os juizes, os médicos, os professores, os literatos, os políticos, etc.?*

-Os espiritistas cristãos devem pensar muito na iluminação de si mesmos, antes de qualquer prurido, no intuito de converter os outros.

E, ao tratar-se dos homens destacados no convencionalismo terrestre, esse cuidado deve ser ainda maior, porquanto há no mundo um conceito soberano de “força” para todas as criaturas que se encontram nos embates espirituais para a obtenção dos títulos de progresso. Essa “força” viverá entre os homens até que as almas humanas se compenetrem da necessidade do reino de Jesus em seu coração, trabalhando por sua realização plena. Os homens do poder temporal, com exceções, muitas vezes aceitam somente os postulados que a “força” sanciona ou os princípios com que a mesma concorda. Enceguecidos temporariamente pelos véus da vaidade e da fantasia, que a “força” lhes proporciona, faz-se mister deixá-los em liberdade nas suas experiências. Dia virá em que brilharão na Terra os eternos direitos da verdade e do bem, anulando essa “força” transitória. Ainda aqui, tendes o exemplo do Divino Mestre para todos os tempos, não teve a preocupação de converter ao Evangelho os Pilatos e os Ântipas do seu tempo.

Além do mais, o Espiritismo, na sua feição de Cristianismo redivivo, não deve nutrir a pretensão de disputar um lugar no banquete dos Estados do mundo, quando sabe muito bem que a sua missão divina há de cumprir-se junto das almas, nos legítimos fundamentos do Reino de Jesus.

PROSÉLITOS

362 – Poderemos receber um novo ensino sobre os deveres que competem aos espiritistas?

-Não devemos especificar os deveres do espiritista cristão, porque palavra alguma poderá superar a exemplificação do Cristo, que todo discípulo deve tomar como roteiro da sua vida.

Que o espiritista, nas suas atividades comuns, dispense o máximo de indulgência para com os seus semelhantes, sem nenhuma para consigo mesmo, porque antes de cogitar da iluminação dos outros, deverá buscar a iluminação de si mesmo, no cumprimento de suas obrigações.

363 – Como se justifica a existência de certas lutas antifraternas dentro dos grupos espiritistas?

-Os agrupamentos espiritistas necessitam entender que o seu aparelhamento não pode ser análogo ao das associações propriamente humanas.

Um grêmio espírita-cristão deve ter, mais que tudo, a característica familiar, onde o amor e a simplicidade figurem na manifestação de todos os sentimentos.

Em uma entidade doutrinária, quando surgem as dissensões e lutas internas, revelando partidarismos e hostilidades, é sinal de ausência do Evangelho nos corações, demonstrando-se pelo excesso de material humano e pressagiando o naufrágio das intenções mais generosas.

Nesses núcleos de estudo, nenhuma realização se fará sem fraternidade e humildade legítimas, sendo imprescindível que todos os companheiros entre si, vigiem na boa-vontade e na sinceridade, a fim de não transformarem a excelência do seu patrimônio espiritual numa reprodução dos conventículos católicos, inutilizados pela intriga e pelo fingimento.

364 – O espiritista para evoluir na Doutrina necessita estudar e meditar por si mesmo, ou será suficiente freqüentar as organizações doutrinárias, esperando a palavra dos guias?

-É indispensável a cada um o esforço próprio no estudo, meditação, cultivo e aplicação da Doutrina, em toda a intimidade de sua vida.

A freqüência às sessões ou o fato de presenciar esse ou aquele fenômeno, aceitando-lhe a veracidade, não traduz aquisição de conhecimentos.

Um guia espiritual pode ser um bom amigo, mas nunca poderá desempenhar os vossos deveres próprios, nem vos arrancar das provas e das experiências imprescindíveis à vossa iluminação.

Daí surge a necessidade de vos preparardes individualmente, na Doutrina, para viverdes tais experiências com dignidade espiritual, no instante oportuno.

365 – Como deveremos receber os ataques da crítica?

-Os espiritistas devem receber a crítica dos campos de opinião contrária, com o máximo de serenidade moral, reconhecendo-lhe a utilidade essencial.

Essas críticas se apresentam, quase sempre, com finalidade preciosa, qual a de selecionar, naturalmente as contribuições da propaganda doutrinária, afastando os elementos perturbadores e confusos, e valorizando a cooperação legítima e sincera, porque todo ataque à verdade pura serve apenas para destacar e exaltar essa mesma verdade.

366 – Como deverá agir o espírita sincero, quando se encontre perante certas extravagâncias doutrinárias?

-À luz da fraternidade pura, jamais neguemos o concurso da boa palavra e da contribuição direta, sempre que oportuno, em benefício do esclarecimento de todos, guardando, todavia, o cuidado de nunca transigir com os verdadeiros princípios evangélicos, sem, contudo, ferir os sentimentos das pessoas. E se as pessoas perseverarem na incompreensão, cuide cada trabalhador da sua tarefa, porque Jesus afirmou que o trigo crescerá ao lado do joio, em sua seara santa, mas Ele, o Cultivador da Verdade Divina, saberia escolher o bom grão na época da ceifa.

367 – É justo que, a propósito de tudo, busque o spiritista tanger os assuntos do Espiritismo nas suas conversações comuns?

-O crente sincero precisa compenetrar-se da oportunidade, no tempo e no ambiente, com relação aos assuntos doutrinários, porquanto, qualquer inconsideração nesse particular, pode conduzir a fanatismo detestável, sem nenhum caráter construtivo.

368 – Nos agrupamentos spiritistas devemos provocar, de algum modo, essa ou aquela manifestação do Além?

- Nas reuniões doutrinárias, acima de todas as expressões fenomênicas, devem prevalecer a sinceridade e a aplicação individuais, no estudo das leis morais que regem o intercâmbio entre o planeta e as esferas do invisível.

De modo algum se deverá provocar as manifestações mediúnicas, cuja legitimidade reside nas suas características de espontaneidade, mesmo porque o programa espiritual das sessões está com os mentores que as orientam do plano invisível, exigindo-se de cada estudioso a mais elevada porcentagem de esforço próprio na aquisição do conhecimento, porquanto o plano espiritual distribuirá sempre, de acordo com as necessidades e os méritos de cada um. Forçar o fenômeno mediúnico é tisonar uma fonte de água pura com a vasa das paixões egoísticas da Terra, ou com as suas injustificáveis inquietações.

369 – É aconselhável a evocação direta de determinados Espíritos?

-Não somos dos que aconselham a evocação direta e pessoal, em caso algum.

Se essa evocação é passível de êxito, sua exequibilidade somente pode ser examinada no plano espiritual. Daí a necessidade de sermos espontâneos, porquanto, no complexo dos fenômenos espíritos, a solução de muitas incógnitas espera o avanço moral dos aprendizes sinceros da Doutrina. O estudioso bem-intencionado, portanto, deve pedir sem exigir, orar sem reclamar, observar sem pressa, considerando que a esfera espiritual lhe conhece os méritos e retribuirá

os seus esforços de acordo com a necessidade de sua posição evolutiva e segundo o merecimento do seu coração.

Podereis objetar que Allan Kardec se interessou pela evocação direta, procedendo a realizações dessa natureza, mas precisamos ponderar, no seu esforço, a tarefa excepcional do Codificador, aliada a necessidade de méritos ainda distantes da esfera de atividade dos aprendizes comuns.

370 –Seria lícito investigarmos, com os Espíritos amigos, as nossas vidas passadas? Essas revelações, quando ocorrem, traduzem responsabilidade para os que as recebem?

-Se estais submersos em esquecimento temporário, esse olvido é indispensável à valorização de vossas iniciativas. Não deveis provocar esse gênero de revelações, porquanto os amigos espirituais conhecem melhores as vossas necessidades e poderão provê-las em tempo oportuno, sem quebrar o preceito da espontaneidade exigida para esse fim.

O conhecimento do pretérito, através das revelações ou das lembranças, chega sempre que a criatura se faz credora de um benefício como esse, o qual se faz acompanhar, por sua vez, de responsabilidades muito grandes no plano do conhecimento; tanto assim que, para muitos, essas reminiscências costumam constituir um privilégio doloroso, no ambiente das inquietações e ilusões da Terra.

371 –Devem ser intensificadas no Espiritismo as sessões de fenômenos mediúnicos?

-São muito poucos ainda, os núcleos espiritistas que se podem entregar à prática mediúnica com plena consciência do serviço que têm em mãos; motivo por que é aconselhável a intensificação das reuniões de leitura, meditação e comentário geral para as ilações morais imprescindíveis no aparelhamento doutrinário, a fim de que numerosos centros bem-intencionados não venham a cair no desânimo ou na incompreensão, por causa de um prematuro comércio com as energias do plano invisível.

PRÁTICA

372 –Como deveremos entender a sessão espírita?

-A sessão espírita deveria ser, em toda parte, uma cópia fiel do cenáculo fraterno, simples e humilde do Tiberíades, onde o Evangelho do Senhor fosse refletido em espírito e verdade, sem qualquer convenção do mundo, de modo que, entrelaçados todos os pensamentos na mesma finalidade amorosa e sincera, pudesse a assembléia constituir aquela reunião de dois ou mais corações em nome do Cristo, onde o esforço dos discípulos será sempre santificado pela presença do seu amor.

373 –Como deve ser conduzida uma sessão espírita, de sua abertura ao encerramento?

-Nesse sentido, há que considerar a excelência da codificação kardequiana; contudo, será sempre útil a lembrança de que as reuniões doutrinárias devem observar o máximo de simplicidade, como as assembléias humildes e sinceras

do Cristianismo primitivo, abstendo-se de qualquer expressão que apele mais para os sentidos materiais que para a alma profunda, a grande esquecida de todos os tempos da Humanidade.

374 – Nas sessões, os dirigentes e os médiuns têm uma tarefa definida e diferente entre si?

-Nas reuniões doutrinárias, os papéis do orientador e do instrumento mediúnicos devem estar sempre identificados na mesma expressão de fraternidade e de amor, acima de tudo; mas, existem características a assinalar, para que os serviços espirituais produzam os mais elevados efeitos, salientando-se que os dirigentes das sessões devem ser o raciocínio e a lógica, enquanto o médium deve representar a fonte de água pura do sentimento. É por isso que, nas reuniões onde os orientadores não cogitam da lógica e onde os médiuns não possuem fé e desprendimento, a boa tarefa é impossível, porque a confusão natural estabelecerá a esterilidade no campo dos corações.

375 – Os agrupamentos espiritistas podem ser organizados sem a contribuição dos médiuns?

-Nas reuniões doutrinárias, os médiuns são úteis, mas não indispensáveis, porque somos obrigados a ponderar que todos os homens são médiuns, ainda mesmo sem tarefas definidas nesse particular, podendo cada qual sentir e interpretar, no plano intuitivo, a palavra amorosa e sábia de seus guias espirituais, no imo da consciência.

376 – Será aconselhável a determinação de dias da semana para a realização normal das sessões espíritas?

-Qualquer dia e hora podem ser consagrados ao bom trabalho da fraternidade e do bem, sempre que necessário; mas, nas reuniões dedicadas ao esforço doutrinário, faz-se imprescindível a metodização de todos os trabalhos em dias e horas prefixados.

377 – Há estudiosos da Doutrina que se afastam das reuniões, quando as mesmas não apresentam fenômenos. Como se deve proceder para com eles?

-Os que assim procedem testemunham, por si mesmo, plena inabilitação para o verdadeiro trabalho do Espiritismo sincero. Se preferirem as emoções transitórias dos nervos ao serviço da auto-iluminação, é melhor que se afastem temporariamente dos estudos sérios da Doutrina, antes de assumirem qualquer compromisso. A compreensão do Espiritismo ainda não está bastante desenvolvida em seu mundo interior, e é justo que prossigam em experiências para alcançá-la.

O êxito dos esforços do plano espiritual, em favor do Cristianismo redivivo, não depende da quantidade de homens que o busquem, mas da qualidade dos trabalhos que militam em suas fileiras.

378 – Por que motivo a doutrinação e a evangelização nas reuniões espiritistas beneficiam igualmente os desencarnados, se a estes seria mais justo o aproveitamento das lições recebidas no plano espiritual?

-Grande número de almas desencarnadas nas ilusões da vida física, guardadas quase que integralmente no íntimo, conservam-se, por algum tempo, incapazes de apreender as vibrações do plano espiritual superior, sendo conduzidas por seus guias e amigos redimidos às reuniões fraternas do Espiritismo evangélico, onde, sob as vistas amoráveis desses mesmos mentores do plano invisível, se processam os dispositivos da lei de cooperação e benefícios mútuos, que rege os fenômenos da vida nos dois planos.

379 – Como deverá agir o estudioso para identificar as entidades que se comunicam?

-Os Espíritos que se revelam, através das organizações mediúnicas, devem ser identificados por suas idéias e pela essência espiritual de suas palavras.

Determinados médiuns, com tarefas especializadas podem ser auxiliares preciosos à identificação pessoal, seja no fenômeno literário, nas equações da ciência, ou satisfazendo a certos requisitos da investigação; todavia, essa não é a regra geral, salientando-se que as entidades espirituais, muitas vezes, não encontram senão um material deficiente que as obriga tão-só ao indispensável, no que se refere à comunicação.

Devemos entender, contudo, que a linguagem do Espírito é universal, pelos fios invisíveis do pensamento, o que, aliás, não invalida a necessidade de um estudo atento acerca de todas as idéias lançadas nas mensagens, guardando-se muito cuidado no capítulo dos nomes ilustres que porventura as subscrevem.

Nas manifestações de toda natureza, porém, o crente ou o estudioso do problema da identificação, não pode dispensar aquele sentido espiritual de observação que lhe falará sempre no imo da consciência.

380 – É justo que o espiritista, depois de sofrer pela morte a separação de um ente amado, provoque a comunicação dele nas sessões medianímicas?

-O espiritista sincero deve buscar o conforto moral, em tais casos, na própria fé que lhe deve edificar intimamente o coração.

Não é justo provocar ou forçar a comunicação com esse ou aquele desencarnado. Além de não conhecerdes as possibilidades de sua nova condição na esfera espiritual, deveis atender ao problema dos vossos méritos.

O homem pode desejar isso ou aquilo, mas há uma Providência que dispõe no assunto, examinando o mérito de quem pede e a utilidade da concessão.

Qualquer comunicado com o Invisível deve ser espontâneo, e o espiritista cristão deve encontrar na sua fé o mais alto recurso de cessação do egoísmo humano, ponderando quanto à necessidade de repouso daqueles a quem amou, e esperando a sua palavra direta, quando e como julguem os mentores espirituais conveniente e oportuno.

381 – Muita gente procura o Espiritismo, queixando-se de perseguições do Invisível. Os que reclamam contra essas perturbações estão, de algum modo, abandonados de seus guias espirituais?

-A proteção da Providência Divina estende-se a todas as criaturas.

A perseguição de entidades sofredoras e perturbadas justifica-se no quadro das provações redentoras, mas, os que reclamam contra o assédio das forças inferiores dos planos adstritos ao orbe terrestre, devem consultar o próprio coração antes de formularem as suas queixas, de modo a observar se o Espírito perturbador não está neles mesmos.

Há obsessores terríveis do homem, denominados “orgulho”, “ vaidade”, “preguiça”, “avareza”, “ignorância” ou “má-vontade”, e convém examinar se não se é vítima dessas energias perversoras que, muitas vezes, habitam o coração da criatura, encegucendo-a para a compreensão da luz de Deus. Contra esses elementos destruidores faz-se preciso um novo gênero de preces, que se constitui de trabalho, fé, esforço e boa -vontade.

*

V

MEDIUNIDADE

DESENVOLVIMENTO

382- Qual a verdadeira definição da mediunidade?

-A mediunidade é aquela luz que seria derramada sobre toda carne e prometida pelo Divino Mestre aos tempos do Consolador, atualmente em curso na Terra.

A missão mediúnica se tem os seus percalços e as suas lutas dolorosas, é uma das mais belas oportunidades de progresso e de redenção concedidas por Deus aos seus filhos misérrimos.

Sendo luz que brilha na carne, a mediunidade é atributo do Espírito, patrimônio da alma imortal, elemento renovador da posição moral da criatura terrena, enriquecendo todos os seus valores no capítulo da virtude e da inteligência, sempre que se encontre ligada aos princípios evangélicos na sua trajetória pela face do mundo.

383 –É justo considerarmos todos os homens como médiuns?

-Todos os homens têm o seu grau de mediunidade, nas mais variadas posições evolutivas, e esse atributo do espírito representa, ainda, a alvorada de novas percepções para o homem do futuro, quando, pelo avanço da mentalidade do mundo, as criaturas humanas verão alargar-se a janela acanhada dos seus cinco sentidos.

Na atualidade, porém, temos de reconhecer que no campo imenso das potencialidades psíquicas do homem existem os médiuns com tarefa definida, precursores das novas aquisições humanas. É certo que essas tarefas reclamam sacrifícios e se constituem, muitas vezes, de provações ásperas; todavia, se o operário busca a substância evangélica para a execução de seus deveres, é ele o trabalhador que faz jus ao acréscimo de misericórdia prometido pelo Mestre a todos os discípulos de boa-vontade.

384 –Dever-se-á provocar o desenvolvimento da mediunidade?

-Ninguém deverá forçar o desenvolvimento dessa ou daquela faculdade, porque, nesse terreno, toda a espontaneidade é necessária; observando-se, contudo, a floração mediúnica espontânea, nas expressões mais simples, deve-se aceitar o evento com as melhores disposições de trabalho e boa-vontade, seja essa possibilidade psíquica a mais humilde de todas.

A mediunidade não deve ser fruto de precipitação nesse ou naquele setor da atividade doutrinária, porquanto, em tal assunto, toda a espontaneidade é indispensável, considerando-se que as tarefas mediúnicas são dirigidas pelos mentores do plano espiritual.

385 –A mulher ou o homem, em particular, possuem disposições especiais para o desenvolvimento mediúnico?

-No capítulo do mediunismo não existem propriamente privilégios para os que se encontram em determinada situação; porém, vence nos seus labores quem detiver a maior porcentagem de sentimento. E a mulher, pela evolução de sua sensibilidade em todos os climas e situações, através dos tempos, está, na atualidade, em esfera superior à do homem, para interpretar, com mais precisão e sentido de beleza, as mensagens dos planos Invisíveis.

386 –Qual a mediunidade mais preciosa para o bom serviço à Doutrina?

-Não existe mediunidade mais preciosa uma que a outra.

Qualquer uma é campo aberto às mais belas realizações espirituais, sendo justo que o médium, com a tarefa definida se encha de espírito missionário, com dedicação sincera e fraternidade pura, para que o seu mandato não seja traído na improdutividade.

387 –Qual a maior necessidade do médium?

-A primeira necessidade do médium é evangelizar-se a si mesmo antes de se entregar às grandes tarefas doutrinárias, pois, de outro modo poderá esbarrar sempre com o fantasma do personalismo, em detrimento de sua missão.

388 –Nos trabalhos mediúnicos temos de considerar, igualmente, os imperativos da especialização?

-O homem do mundo, no círculo de obrigações que lhe competem na vida, deverá sair da generalidade para produzir o útil e o agradável, nas esferas de suas possibilidades individuais.

Em mediunidade, devemos submeter-nos aos mesmos princípios. O homem enciclopédico, em faculdade, ainda não apareceu, senão em gérmen, nas organizações geniais que raramente surgem na Terra, e temos de considerar que a mediunidade somente agora começa a aparecer no conjunto de atributos do homem transcendente.

A especialização na tarefa mediúnica é mais que necessária e somente de sua compreensão poderá nascer a harmonia na grande obra de vulgarização da verdade a realizar.

389 –A mediunidade pode ser retirada em determinadas circunstâncias da vida?

-Os atributos medianímicos são como os talentos do Evangelho. Se o patrimônio divino é desviado de seus fins, o mal servo torna-se indigno da confiança do Senhor da seara da verdade e do amor. Multiplicados no bem, os talentos mediúnicos crescerão para Jesus, sob as bênçãos divinas; todavia, se sofrem os insultos do egoísmo, do orgulho, da vaidade ou da exploração inferior, podem deixar o intermediário do invisível entre as sombras pesadas do estacionamento, nas mais dolorosas perspectivas de expiação, em vista do acréscimo de seus débitos irrefletidos.

390 –É justo que um médium confie em si mesmo para a provocação de fenômenos, organizando trabalhos especiais com o fim de converter os descrentes?

-Onde o médium em tão elevada condição de pureza e merecimento, para contar com as suas próprias forças na produção desse ou daquele fenômeno? Ninguém vale, na Terra, senão pela expressão da misericórdia divina que o acompanha, e a sabedoria do plano superior conhece minuciosamente as necessidades e méritos de cada um. A tentativa de tais trabalhos é um erro grave. Um fenômeno não edifica a fé sincera, somente conseguida pelo esforço e boa-vontade pessoal na meditação e no trabalho interior. Os descrentes chegarão à Verdade, algum dia, e a Verdade é Jesus. Anteciparmo-nos à ação do Mestre não seria testemunho de confusão? Organizar sessões medianímicas com objetivo de arrebanhar prosélitos é agir com demasiada leviandade. O que é santo e divino ficaria exposto aos julgamentos precipitados dos mais ignorantes e ao assalto destruidor dos mais perversos, como se a Verdade de Jesus fosse objeto de espetáculos, nos picadeiros de um circo.

391 – Os irracionais possuem mediunidade?

-Os irracionais não possuem faculdades mediúnicas propriamente ditas. Contudo, têm percepções psíquicas embrionárias, condizentes ao seu estado evolutivo, através das quais podem indiciar as entidades deliberadamente perturbadoras, com fins inferiores, para estabelecer a perplexidade naqueles que os acompanham em determinadas circunstâncias.

PREPARAÇÃO

392 –Pode contar um médium, de maneira absoluta, com os seus guias espirituais, dispensando os estudos?

- Os mentores de um médium, por mais dedicados e evoluídos, não lhe poderão tolher a vontade e nem lhe afastar o coração das lutas indispensáveis da vida, em cujos benefícios todos os homens resgatam o passado delituoso e obscuros, conquistando méritos novos.

O médium tem obrigação de estudar muito, observar intensamente e trabalhar em todos os instantes pela sua própria iluminação. Somente desse modo poderá habilitar-se para o desempenho da tarefa que lhe foi confiada, cooperando eficazmente com os Espíritos sinceros e devotados ao bem e á verdade.

Se um médium espera muito dos seus guias, é lícito que os seus mentores espirituais muito esperem do seu esforço. E como todo progresso humano, para ser continuado, não pode prescindir de suas bases já edificadas no espaço e no

tempo, o médium deve entregar-se ao estudo, sempre que possível, criando o hábito de conviver com o espírito luminoso e benéfico dos instrutores da Humanidade, sob a égide de Jesus, sempre vivos no mundo, através dos seus livros e da sua exemplificação.

O costume de tudo aguardar de um guia pode transformar-se em vício detestável, infirmando as possibilidades mais preciosas da alma. Chegando-se a esse desvirtuamento, atinge-se o declive das mistificações e das extravagâncias doutrinárias, tornando-se o médium preguiçoso e leviano, responsável pelo desvio de sua tarefa sagrada.

393 – Como entender a obsessão: É prova inevitável, ou acidente que se possa afastar facilmente, anulando-se os efeitos?

-A obsessão é sempre uma prova, nunca um acontecimento eventual. No seu exame, contudo, precisamos considerar os méritos da vítima e a dispensa da misericórdia divina a todos os que sofrem.

Para atenuar ou afastar os seus efeitos, é imprescindível o sentimento do amor universal no coração daquele que fala em nome de Jesus. Não bastarão as fórmulas doutrinárias. É indispensável a dedicação, pela fraternidade mais pura. Os que se entregam à tarefa da cura das obsessões precisam ponderar, antes de tudo, a necessidade de iluminação interior do médium perturbado, porquanto na sua educação espiritual reside a própria cura. Se a execução desse esforço não se efetua, tende cuidado, porque, então, os efeitos serão extensivos a todos os centros de força orgânica e psíquica. O obsidiado que entrega o corpo, sem resistência moral, às entidades ignorantes e perturbadas, é como o artista que entregasse seu violino precioso a um malfeitor, o qual, um dia, poderá renunciar à posse do instrumento que lhe não pertence, deixando-o esfacelado, sem que o legítimo, mas imprevidente dono, possa utilizá-lo nas finalidades sagradas da vida.

394 – Será sempre útil, para a cura de um obsidiado, a doutrinação do Espírito perturbado, por parte de um espírita convicto?

-A cooperação do companheiro vale muito e faz sempre grande bem, principalmente ao desencarnado; mas a cura completa do médium não depende tão-só desse recurso, porque, se é fácil, às vezes, o esclarecimento da entidade infeliz e sofredora, a doutrinação do encarnado é a mais difícil de todas, visto requisitar os valores do seu sentimento e da sua boa-vontade, sem o que a cura psíquica se torna inexecutável.

395 – Pode a obsessão transformar-se em loucura?

-Qualquer obsessão pode transformar-se em loucura, não só quando a lei das provações assim o exige, como também na hipótese de o obsidiado entregar-se voluntariamente ao assédio das forças nocivas que o cercam, preferindo esse gênero de experiências.

396 – Tratando-se da necessidade de preparação para a tarefa mediúnica, é justo acreditarmos na movimentação de fluídos maléficos em prejuízo do próximo?

-É o caso de vos perguntarmos se não haveis movimentado as energias maléficas, no decurso da vida, contra a vossa própria felicidade.

Num orbe como a Terra, onde a porcentagem de forças inferiores supera quase que esmagadoramente os valores legítimos do bem, a movimentação de fluídos maléficos é mais que natural; no entanto, urge ensinar aos que operam, nesse campo de maldade, que os seus esforços efetuam a sementeira infeliz, cujos espinhos, mais tarde, se voltarão contra eles próprios, em amargurados choques de retorno, fazendo-se mister, igualmente, educar as vítimas de hoje na verdadeira fé em Jesus, de modo a compreenderem o problema dos méritos na tarefa do mundo.

A aflição do presente pode ser um bem a expressar-se em conquistas preciosas no futuro, e, se Deus permite a influência dessas energias inferiores, em determinadas fases da existência terrestre, é que a medida tem sua finalidade profunda, ao serviço divino da regeneração individual.

397 – Por que razão alguns médiuns parecem sofrer com os fenômenos da incorporação, enquanto outros manifestam o mesmo fenômeno, naturalmente?

- Nas expressões de mediunismo existem características inerentes a cada intermediário entre os homens e os desencarnados; entretanto, a falta de naturalidade do aparelho mediúnico, no instante de exercer suas faculdades, é quase sempre resultante da falta de educação psíquica.

398 – É natural que, em plenas reuniões de estudo, os médiuns se deixem influenciar por entidades perturbadoras que costumam quebrar o ritmo de proveitosos e sinceros trabalhos de educação?

- Tal interferência não é natural e deve ser muito estranhável para todos os estudiosos de boa-vontade.

Se o médium que se entregou à atuação nociva é insciente dos seus deveres à luz dos ensinamentos doutrinários, trata-se de um obsidiado que requer o máximo de contribuição fraterna; mas, se o acontecimento se verifica através de companheiro portador do conhecimento exato de suas obrigações, no círculo de atividades da Doutrina, é justo responsabilizá-lo pela perturbação, porque o fato, então, será oriundo da sua invigilância e imprevidência, em relação aos deveres sagrados que competem a cada um de nós, no esforço do bem e da verdade.

399 – Quando a opinião irônica ou insultuosa ataca uma expressão da verdade, no campo mediúnico, é justo buscarmos o apoio dos Espíritos amigos para revidar?

- Vossa inquietação no mundo costuma conduzir-vos a muitos despautérios.

Semelhante solicitação aos desencarnados seria um deles. Os valores de um campo mediúnico triunfam por si mesmos, pela essência de amor e de verdade, de consolação e de luz que contenham, e seria injustificável convocar os Espíritos para discutir com os homens, quando já se demasiam as polêmicas dos estudiosos humanos entre si.

Além do mais, os que não aceitam a palavra sincera e fraternal dos mensageiros do plano superior, terão igualmente, de buscar o túmulo algum dia, e é inútil perder tempo com palavras, quando temos tanto o que fazer no ambiente de nossas próprias edificações.

400 – Poderá admitir-se que um médium se socorra de outro médium para obter o amparo dos seus amigos espirituais?

-É justo que um amigo se valha da estima fraternal de um companheiro de crença, para assuntos de confiança íntima e recíproca, mas, na função mediúnica, o portador dessa ou daquela faculdade deve buscar em seu próprio valor o elemento de ligação com os seus mentores do plano invisível, sendo contraproducente procurar amparo nesse particular, fora das suas próprias possibilidades, porque, de outro modo, seria repousar numa fé alheia, quando a fé precisa partir do íntimo de cada um, no mecanismo da vida.

Além do mais, cada médium possui a sua esfera de ação no âmbito que lhe foi assinalado. Abandonar a própria confiança para valer-se de outrem, seria sobrecarregar os ombros de um companheiro de luta, esquecendo a cruz redentora que cada Espírito encarnado deverá carregar em busca da claridade divina.

401 – A mistificação sofrida por um médium significa ausência de amparo dos mentores do plano espiritual?

-A mistificação experimentada por um médium traz, sempre, uma finalidade útil, que é a de afastá-lo do amor-próprio, da preguiça no estudo de suas necessidades próprias, da vaidade pessoal ou dos excessos de confiança em si mesmo.

Os fatos de mistificação não ocorrem à revelia dos seus mentores mais elevados, que, somente assim, o conduzem à vigilância precisa e às realizações da humildade e da prudência no seu mundo subjetivo.

APOSTOLADO

402 – Seria justo aceitar remuneração financeira no exercício da mediunidade?

-Quando um médium se resolve a transformar suas faculdades em fonte de renda material, será melhor esquecer suas possibilidades psíquicas e não se aventurar pelo terreno delicado dos estudos espirituais.

A remuneração financeira, no trato das questões profundas da alma, estabelece um comércio criminoso, do qual o médium deverá esperar no futuro os resgates mais dolorosos.

A mediunidade não é ofício do mundo, e os Espíritos esclarecidos, na verdade e no bem, conhecem, mais que os seus irmãos de carne, as necessidades dos seus intermediários.

403 – É razoável que os médiuns cogitem da solução de assuntos materiais junto dos seus mentores do plano invisível?

-Não se deve esquecer que o campo de atividades materiais é a escola sagrada dos Espíritos incorporados no orbe terrestre. Se não é possível aos amigos espirituais quebrarem a lei da liberdade própria de seus irmãos, não é lícito que o médium cogite da solução de problemas materiais junto dos Espíritos amigos. O mundo é o caminho no qual a alma deve provar a experiência, testemunhar a fé, desenvolver as tendências superiores, conhecer o bem, aprender o melhor, enriquecer os dotes individuais.

O médium que se arrisca a desviar suas faculdades psíquicas, para o terreno da materialidade do mundo, está em marcha para as manifestações grosseiras dos planos inferiores, onde poderá contrair os débitos mais penosos.

404 – Deve o médium sacrificar o cumprimento de suas obrigações no trabalho cotidiano e no ambiente sagrado da família, em favor da propaganda doutrinária?

-O médium somente deve dar aos serviços da Doutrina a cota de tempo de que possa dispor, entre os labores sagrados do pão de cada dia e o cumprimento dos seus elevados deveres familiares.

A execução dessas obrigações é sagrada e urge não cair no declive das situações parasitárias, ou do fanatismo religioso.

No trabalho da verdade, Jesus caminha antes de qualquer esforço humano e ninguém deve guardar a pretensão de converter alguém, quando nas tarefas do mundo há sempre oportunidade para o preciso conhecimento de si mesmo.

Que médium algum se engane em tais perspectivas. Antes sofrer a incompreensão dos companheiros, que transigir com os princípios, caindo na irresponsabilidade ou nas penosas dívidas de consciência.

405 – Poder-se-á admitir que os espiritistas se valham de um apostolado mediúnico, para solução de todas as dificuldades da vida?

-O médium não deve ser sobrecarregado com exigências de seus companheiros, relativamente às dificuldades da sorte. É justo que seus irmãos se socorram das suas faculdades, em circunstâncias excepcionais da existência, como nos casos de enfermidades e outros que se lhe assemelhem. Todavia, cercar um médium de solicitações de toda natureza é desvirtuar a tarefa de um amigo, eliminando as suas possibilidades mais preciosas e, além do mais, não se deverá repetir no Espiritismo sincero a atitude mental dos católicos-romanos, que se abandonam junto à “imagem” de um “santo”, olvidando todos os valores do esforço próprio.

Os núcleos espiritistas precisam considerar que em seus trabalhos há quem os acompanhe do plano superior e que receberão sempre o concurso espiritual de seus irmãos libertos da carne, dependendo a satisfação desse ou daquele problema particular dos méritos de cada um. Proceder em contrário é eliminar o aparelho mediúnico, fornecendo doloroso testemunho de incompreensão.

406 – Quando um investigador busque valer-se dos serviços de um médium, é justo que submeta o aparelho medianímico a toda sorte de experiência, a fim de certificar-se dos seus pontos de vista?

-Depende do caráter dessas mesmas experiências e, quaisquer que elas sejam, o médium necessita de muito cuidado, porquanto, no caminho das aquisições espirituais, cada investigador encontra o material que procura. E quem se aproxima de uma fonte espiritual, tisonando-a com a má-fé e a insinceridade, não pode, por certo, saciar a sede com uma água pura.

407 – Para que alguém se certifique da verdade do Espiritismo, bastará recorrer a um bom médium?

-Os estudiosos do Espiritismo, ainda sem convicção valorosa e séria no terreno da fé, precisam reconhecer que em trabalhos dessa ordem não basta o recurso de um bom médium. O medianeiro não fará milagres dentro da natureza. Faz-se mister que o investigador, a par de uma curiosidade sadia, possua valores morais imprescindíveis, como a sinceridade e o amor do bem, servindo a uma existência reta e fértil de ações puras.

408 – Seria proveitosa a criação de associações de auxílio material aos médiuns?

-No Espiritismo é sempre de bom aviso evitar-se a consecução de iniciativas tendentes a estabelecer uma nova classe sacerdotal no mundo.

Os médiuns, nesse ou naquele setor da sociedade humana, devem o mesmo tributo ao trabalho, à luta e ao sofrimento, indispensáveis à conquista do agasalho e do pão material. Ao demais, temos de considerar, acima de toda proteção precária do mundo, o amparo de Jesus aos seus trabalhadores de boa-vontade. Toda expressão de sacrifício sincero está eivada de luz divina, todo trabalho sincero é elevação e toda dor é luz, quando suportada com serenidade e confiança no Mestre dos mestres.

409 – Como deverá proceder o médium sincero para a valorização do seu apostolado?

-O médium sincero necessita compreender que, antes de cogitar da doutrinação dos Espíritos, ou de seus companheiros de luta na Terra, faz-se mister a iluminação de si próprio pelo conhecimento, pelo cumprimento dos deveres mais elevados e pelo esforço de si mesmo na assimilação perfeita dos princípios doutrinários.

No desdobramento dessa tarefa, jamais deve descuidar-se da vigilância, buscando aproveitar as possibilidades que Jesus lhe concedeu na edificação do trabalho estável e útil. Não deve cultivar o sofrimento pelas queixas descabidas e demasiadas e nem recorrer, a todo instante, à assistência dos seus guias, como se perseverasse em manter uma atitude de criança inexperiente.

O estudo da Doutrina e, sobretudo, o cultivo da auto-evangelização devem ser ininterruptos. O médium sincero sabe vigiar, fugindo da exploração material ou sentimental, compreendendo, em todas as ocasiões, que o mais necessitado de misericórdia é ele próprio, a fim de dar pleno testemunho do seu apostolado.

410 – Onde o maior escolho do apostolado mediúnico?

-O primeiro inimigo do médium reside dentro dele mesmo. Frequentemente é o personalismo, é a ambição, a ignorância ou a rebeldia no voluntário desconhecimento dos seus deveres à luz do Evangelho, fatores de inferioridade moral que, não raro, o conduzem à invigilância, à leviandade e à confusão dos campos improdutivos.

Contra esse inimigo é preciso movimentar as energias íntimas pelo estudo, pelo cultivo da humildade, pela boa-vontade, com o melhor esforço de auto-educação, à claridade do Evangelho.

O segundo inimigo mais poderoso do apostolado mediúnico não reside no campo das atividades contrárias à expansão da Doutrina, mas no próprio seio das organizações espiritistas, constituindo-se daquele que se convenceu quanto aos fenômenos, sem se converter ao Evangelho pelo coração, trazendo para as fileiras do Consolador os seus caprichos pessoais, as suas paixões inferiores, tendências nocivas, opiniões cristalizadas no endurecimento do coração, sem reconhecer a realidade de suas deficiências e a exigüidade dos seus cabedais íntimos. Habitados ao estacionamento, esses irmãos infelizes desdenham o esforço próprio – única estrada de edificação definitiva e sincera – para recorrerem aos espíritos amigos nas menores dificuldades da vida, como se o apostolado mediúnico fosse uma cadeira de cartomante. Incapazes do trabalho interior pela edificação própria na fé e na confiança em Deus, dizem-se necessitados de conforto. Se desatendidos em seus caprichos inferiores e nas suas questões pessoais, estão sempre prontos para acusar e escarnecer. Falam da caridade, humilhando todos os princípios fraternos; não conhecem outro interesse além do que lhes lastreia o seu próprio egoísmo. São irônicos, acusadores e procedem quase sempre como crianças levianas e inquietas. Esses são também aqueles elementos da confusão, que não penetram o templo de Jesus e nem permitem a entrada de seus irmãos.

Esse gênero de inimigos do apostolado mediúnico é muito comum e insistente nos seus processos de insinuação, sendo indispensável que o missionário do bem e da luz se resguarde na prece e na vigilância. E como a verdade deve sempre surgir no instante oportuno, para que o campo do apostolado não se esterilize, faz-se imprescindível fugir deles.

411 – Onde a luz definitiva para a vitória do apostolado mediúnico?

-Essa claridade divina está no Evangelho de Jesus, com o qual o missionário deve estar plenamente identificado para a realização sagrada da sua tarefa. O médium sem Evangelho pode fornecer as mais elevadas informações ao quadro das filosofias e ciências fragmentárias da Terra; pode ser um profissional de nomeada, um agente de experiências do invisível, mas não poderá ser um apóstolo pelo coração. Só a aplicação com o Divino Mestre prepara no íntimo do trabalhador a fibra da iluminação para o amor, e da resistência contra as energias destruidoras, porque o médium evangelizado sabe cultivar a humildade no amor ao trabalho de cada dia, na tolerância esclarecida, no esforço educativo de si mesmo, na significação da vida, sabendo, igualmente, levantar-se para a defesa da sua tarefa de amor, defendendo a verdade sem transigir com os princípios no momento oportuno.

O apostolado mediúnico, portanto, não se constitui tão-somente da movimentação das energias psíquicas em suas expressões fenomênicas e mecânicas, porque exige o trabalho e o sacrifício do coração, onde a luz da comprovação e da referência é a que nasce do entendimento e da aplicação com Jesus-Cristo.

Livro: EMMANUEL

XX

A DECADÊNCIA INTELECTUAL DOS TEMPOS MODERNOS

Pesam sobre os corações atribulados da Terra amargas apreensões, com respeito ao fatalismo da guerra. E, infelizmente, ninguém poderá calcular a extensão dos movimentos que se preparam, objetivando a luta do porvir. A Europa moderna não representa a vanguarda da cultura dos povos, e é fácil estabelecer-se um estudo analítico de sua situação de pura decadência intelectual, depois da catástrofe de 1914-1918.

PROFUNDA POBREZA INTELECTUAL

As ditaduras européias revivem, na atualidade, a época napoleônica da pátria francesa, quando, segundo Chateaubriand, tudo respirava o senhor, homenageava o senhor, vivia para o senhor. No Velho Mundo, em quase todos os países que o constituem, vive-se o governo e mais nada. O livro, a escola, o jornal, a oficina, são núcleos de recepção do pensamento dos maiores ditadores que o mundo há conhecido. A imprensa, manietada pelas medidas draconianas, não pode criar o cooperativismo intelectual das classes e das administrações, obrigada a viver a fase de absoluta união com os programas de governo; os grandes pensadores que sobreviveram à Grande Guerra não podem produzir expressões de pensamento livre, que abranjam a solução dos enigmas destes tempos novos, trabalhados por leis vexatórias e humilhantes, e vemos, pelo mundo inteiro, a invasão das forças perversoras da consciência humana. Jornais integrados nas doutrinas mais absurdas, falsa educação pelo rádio que vem complicar, sobremaneira, a situação, e os livros da guerra, a literatura bélica, inflada de demagogia e de estandartes, de símbolos e de bandeiras, incentivando a separatividade. Qualquer estudioso desses assuntos poderá verificar a realidade de nossas afirmativas.

Os homens, nessa fase de preparação armamentista, vivem uma época de profunda pobreza intelectual.

O porvir há de falar aos pósteros, dessas calamidades dolorosas. O mundo chegou a uma fase evolutiva em que é preciso encarar-se de frente a questão da fraternidade humana para resolvê-la com justiça.

DITADURAS E PROBLEMAS ECONÔMICOS

Os governos fortes, fatores da decadência espiritual dos povos, que guardavam consigo a vanguarda evolutiva do mundo, não podem trazer solução satisfatória aos problemas profundos que vos interessam.

Afigura-se-nos que a função das ditaduras é preparar as reações incendiárias das coletividades. A atualidade do mundo necessita criar um novo mecanismo de justiça econômica entre os povos. Que se aventem medidas conciliatórias para essa situação de pauperismo e alto imperialismo das nações. Os que estudam a política internacional podem resolver grande parte dos fenômenos revolucionários que convulsionam o mundo, analisando a chamada questão das matérias-primas. Matérias-primas quer dizer colônias e colônias significam possibilidades de vida e de expansão. É verdade que na Espanha atual, antes de tudo,

reside o imperativo da dor, redimindo grandes culpados de outrora, constituindo essa dolorosa situação um dos quadros mais pungentes das provações coletivas; mas não somente as ideologias extremistas ali se combatem, pressagiando um novo organismo político para o planeta. Um dos dois diretores de um manicômio espanhol asseverava, há pouco tempo, que mais de quatrocentas pessoas, em um ano, tinham procurado refugio naquele pousado de alienados, como loucas, em virtude das necessidades da fome. A Espanha é pobre de terras. De cem hectares de terrenos, talvez somente uns trinta poderão oferecer campo propício à agricultura. E não só a velha península se debate nessas necessidades tão duras. A China não está suportando o aumento contínuo da sua população? O Japão se vem fortificando para poder nutrir o seu povo. A Polônia estuda um projeto de colocar na África ou na América mais de cinco milhões de criaturas, que a sua possibilidade econômica não comporta.

NECESSIDADE DA COOPERAÇÃO FRATERNA

Nessas aluviões de protestos, ouvem-se os tinidos das armas, e melhor fora que o homem voltasse as vistas para o campo fraterno, antes da destruição que se fará consumir. Seria melhor estudar-se a questão carinhosamente, analisando-se os códigos das leis imigratórias e que as nações não se deixassem dominar pelo prurido de mau nacionalismo, tentando estabelecer um plano de concessões racionais e resolvendo-se a questão da troca de produtos entre os países, solucionando-se o enigma da repartição que a economia política não pôde conseguir até hoje, apesar da sua perfeição técnica, no círculo da direção das possibilidades produtoras.

O que verificamos é que, sem a pratica da fraternidade verdadeira, todos esses movimentos pró-paz são encenações diplomáticas sem fundo pratico, não obstante intenções respeitáveis.

Mas, consideremos também que o mundo não marcha à revelia das leis misericordiosas do Alto, e estas, no momento oportuno, saberão opor um dique à chacina e ao arrasamento; confiemos nelas, porque os códigos humanos serão sempre documentos transitórios, como o papel em que são registrados, enquanto não se associarem, parágrafo por parágrafo, ao Evangelho de Jesus.

*

XXI - CIVILIZAÇÃO EM CRISE

Alguns modernos escritores europeus, estudando o caos da sociedade moderna, após a Grande Guerra, tentaram estabelecer as causas profundas da crise da Civilização Ocidental.

O movimento armado de 1914 - 1918 veio destruir grande número de princípios filosóficos que regiam a vida das coletividades. Nas suas ruínas fumegantes caíram muitas ilusões sociais e políticas, e os povos, na sua existência de profundas inquietações, iniciaram em todo o período “post bellum” uma série de longas experiências.

FASE DE EXPERIMENTAÇÕES

A Civilização Ocidental está em crise; os observadores e os sociólogos trazem, para o amontoado de várias considerações, o resultado dos seus estudos.

Alguns proclamam que toda civilização tem a fragilidade de uma vida; outros aventam hipóteses mais ou menos aceitáveis, e alguns apelam para a cristianização dos espíritos. Estes últimos estão acertados em seus pareceres; todavia, não no sentido de um retorno à Idade Média, à preponderância da fradaria, à disseminação dos princípios católico-romanos; mas no de se organizar, de fato, no mundo, um espírito cristão sobre a base do Evangelho. As novas experiências da Europa, em matéria de política administrativa, não poderão conduzi-la senão aos movimentos armados, inevitáveis. Dentro das vibrações antagônicas do fascismo e do bolchevismo, fórmulas transitórias de atividades políticas do Velho Mundo, todos os que falam em decadência do liberalismo estão errados. Os governos fortes da atualidade, tenham eles os rótulos de nacionalismo ou internacionalismo, hão de voltar-se, do círculo de suas experiências, para as conquistas liberais do espírito humano, caminhando com essas conquistas na sua estrada evolutiva, progredindo e avançando para o socialismo cristão do porvir.

NA DEPENDÊNCIA DA GUERRA

Terminada a última guerra, todos os povos ponderaram a necessidade de paz, dentro de uma política regeneradora. Esgotadas e empobrecidas, as nações européias idealizaram tratados, conferências e institutos que equilibrassem o continente, prevenindo-se contra a possibilidade de futuros arrasamentos. Alterou-se a carta geográfica do mundo europeu repartindo-se colônias, criou-se uma literatura antibélica e iniciaram-se novas experiências políticas com a formação das repúblicas soviéticas. Mas a verdade é que cada país multiplicou os seus organismos de guerra; cada qual pensou na paz, trabalhando na sombra para as lutas do porvir. E quando, depois de anos a fio de conversações diplomáticas e de citações de determinados artigos dos supostos estatutos da tranqüilidade coletiva, caíram os sonhos de um desarmamento geral e diminuíram em eficácia os processos da Sociedade de Genebra, o mundo viu, aterrado, aumentar os efetivos das forças armadas de todas as nações.

Vê-se, mais que nunca, que toda a vida do Ocidente depende da guerra. Milhares de operários têm suas atividades postas ao serviço da manufatura das armas homicidas. Milhares de homens estão empregados no trabalho de militarização. Milhares de criaturas se movimentam e ganham o pão cotidiano nas indústrias guerreiras.

SENTENÇA DE DESTRUIÇÃO

A civilização está em crise porque conheceu a sua sentença de destruição. A guerra, no seu mecanismo industrial, econômico e político, é imprescindível e inevitável.

Comunismo e fascismo, nas suas oposições ideológicas, só poderão apressá-la.

Ainda há pouco tempo, um jovem europeu exclamava para um colega americano: “Ai de nós! se nos prepararmos pelo estudo para a luta de nossas próprias edificações! Bem sabemos que o Estado exigirá, amanhã, as nossas vidas. Temos de rir e beber para esquecer essas fatalidades irremediáveis.”

Essa observação caracteriza, de fato, as calamidades morais da sociedade moderna.

A ausência de um apoio espiritual estabelece a vacilação moral das criaturas. O sentimento dos homens requer uma base religiosa, e a transformação de quase todos os valores religiosos do Velho Mundo, em forças de política transitória, deu causa às fundas inquietações contemporâneas. As criaturas vivem a sua tragédia de pessimismo e descrença, à sombra dos governos de experiências tão penosas às coletividades e encaminham-se, com indiferença, para a subversão e para a desordem.

O FUTURO PERTENCERÁ AO EVANGELHO

A Civilização está em crise, repetimos com os observadores do mundo. Pode-se apontar como uma das causas desse estado caótico a defecção espiritual da Igreja Católica, negando-se a cumprir as determinações divinas para disputar um lugar de dominação, no banquete dos poderes temporários do mundo. Se houvesse mantido a sua posição espiritual, fortificando as almas no seu longo caminho evolutivo, como mediadora entre o Céu e a Terra, as transições sociais, inevitáveis, não seriam tão penosas para as gerações do século XX. A estabilidade da Civilização Ocidental, sua evolução para o socialismo de Jesus, dependiam da fidelidade da Igreja Católica aos princípios cristãos. Mas, a Igreja negou-se ao cumprimento de sua grandiosa missão espiritual e o resultado temo-lo na desesperação das almas humanas, em face dos problemas transcendentais da vida.

A luta está travada.

A Civilização em crise, organizada para a guerra e vivendo para a guerra, há de cair inevitavelmente; mas o futuro nascerá dos seus escombros, para vêver o novo ciclo da Humanidade, sem os extremismos anti-rationais, na época gloriosa da justiça econômica.

Não duvidemos, dentro da nossa certeza incontestável. O porvir humano pertence à vitória do Evangelho.

*

BIBLIOGRAFIA

*

FIM DO QUARTO ANO

E

DO CURSO

PARABÉNS A QUEM CHEGOU ATÉ AQUI!

AGARRE-SE, AGORA, PARA SEMPRE, NO

EVANGELHO!

(Buri, 18 de junho de 2.009)